HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ

W. Walker

Vol. I e II

ASTE

HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ

williston walker

Edição Especial
Volumes I e II

2- edição

1980

Co-Edição

JUERP

ASTE

Todos os direitos reservados. Copyright © 1967 da ASTE para a língua portuguesa. Edição da JUERP mediante convênio com a ASTE,

Título do original em inglês: A History of the Christian Church. Charles Scribner's Sons/T,, & T Clark, Edimburgo, 1959.

edição: ASTE, 1967

270.02
Wal-his **Walker, Williston**
Historia da Igreja Cristã Texto revisto por Cyril C Richaidson, Wllhelm Pauck e Robert T. Handy, Tradução de L>. Glênio *Vergara* dos Santos e N. Duval da Silva edição. Rio de Janeiro e São Paulo, JUERP/ASTE, 1980
2 vols

Título original em inglês: A History of the Christían Church

1. História Eclesiástica — 2. Cristianismo — História, I Titulo

CDD — 270.02

Capa de W, Nazaré th

3.000/1980

Número de código para pedidos: 26.004
Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira
Caixa Postal 320 — CEP: 20000
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcanti — CEP: 21370
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Impresso em gráficas próprias

ÍNDIO E

VOLUME 1

PREFACIO À EDIÇÃO BRASILEIRA 11
PREFÁCIO DOS REVISORES 13

Período Primeiro

DO INÍCIO À CRISE GNÓSTICA 15

1 Situação geral, 16'
2 Antecedentes judaicos, 29
3 Jesus e os discípulos, 37
4 As comunidades cristãs na Palestina, 42
5 Paulo c o cristianismo gentüie.o, 46
6 O fim da era apostólica, 54
7 A interpretação de Jesus, 57
8 O cristianismo gentüico do século II, 64
9 A organização da Igreja cristã, 67
10 Relações entre o cristianismo e o Império Romano, 72
11 Os apologistas, 74

Período Segundo

DA CRISE GNÓSTICA A CONSTANTINO 79

1 O gnostieismo, 80
2 Marcíào, 84
3 O inontanismo," 86
4 A Igreja Católica, 88
5 A importância crescente de Roma, 93
6 Irineu, 96
7 Tertuliano e Cipriano, 08
8 Vitória da cristo!ogia do Logos no Ocidente, 103
9 A escola de Alexandria, 109
10 Igreja e Estado entre 180 e 260, 117
11 Desenvolvimento constitucional da Igreja, 121
12 O culto público e o calendário eclesiástico, 126
13 O batismo, 328

14 A Ceia do Senhor, 133
15 Perdão de pecados, 136
16 A composição da Igreja e o duplo padrão de moralidade 140
17 Repouso e crescimento (260-303), 143
18 Forças religiosas rivais, 146
19 A luta final, 148

Período Terceiro

A IGREJA DO ESTADO IMPERIAL 153

1 A nova situação, 154
2 Da controvérsia ariana até à morte de Constantino, 157
3 A controvérsia sob o reinado dos filhos de Constantino, 163
4 Continuação da luta nicena, 168
5 Missões arianas e invasões germânicas, 174
6 O crescimento do papado, 180
7 O monaçprismo, 182
8 Ambrósio e Crisóstomo, 187
9 As controvérsias cristológicas, 191
10 Divisão no Oriente, 203
11 Catástrofes e controvérsias no Oriente, 210
12 Desenvolvimento constitucional da Igreja, 216
13 O culto público e as estações sacras, 220
14 O cristianismo popular, 224
15 Algumas características ocidentais, 227
16 Jerônimo, 229
17 Agostinho, 231
18 A controvérsia pelagiana, 242
19 O semipelagianismo, 246
20 Gregório Magno, 249

Período Quarto

A IDADE MÉDIA ATÉ O FIM DA QUESTÃO DAS INVESTIDURAS 255

1 As missões nas Ilhas Britânicas, 256
2 Missões continentais e crescimento do papado, 262
3 Os francos e o papado, 265
4 Carlos Magno, 268
5 Instituições eclesiásticas, 272
6 Decadência do império e prosperidade do papado, 274

7 Declínio e renovação do papado, 280
8 Movimento de reforma, 285
9 O partido reformador apossa-se do papado, 289
10 O papado rompe com o império, 292
11 Híldebrando e Henrique IV, 297
12 Fim da luta: acordo, 301
A Igreja grega após a controvérsia iconoclasta, 301
14 A expansão da Igreja, 306

Período Quinto

FIM DA IDADE MÉDIA 309

1 Cruzadas, 310
2 Novos movimentos religiosos, 318
3 Seitas antieelesiástieas. Cátaros e valdenses A inquisição. 322
4 Dominicanos e íraneiseanos, 328
5 Início da escolástiea, 335
6 As universidades, 34]
7 Alto escolasticismo e sua teologia, 313
8 Místicos, 354
9 Missões e derrotas, 36<8
10 Papado: apogeu e declínio, 300
11 O papado em Avinhão, crítica Cisma, 368
12 Wyclif e Huss, 374
13 Concilio» reformadores, 383
14 A Renascença italiana e seus papas, 390
15 Novas forças nacionais, .397
16 A Renascença e outras influências ao norte dos Alpes, 403*

PREFÁCIO Ã EDIÇÃO BRASILEIRA

A presente edição do livro de W Walker, publicada pela Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTK), é baseada na edição inglesa revista e atualizada pelos eminentes professores Cyril C.. Richardson, Wilhelm Pauck e Robert T. Hamly, do Union Theological Seminary (Nova York). O simples fato de que esses professores se tenham dado ao trabalho de preparar uma edição inglesa atualizada da obra de Walker indica a importância que ela continua a ter no panorama internacional. Realmente mui poucos compêndios de História da Igreja conseguem reunir a envergadura, a clareza didática — e agora, a atualidade — - que a obra de Walker oferece. Colocando-a ao alcance do leitor brasileiro, a ASTE acredita estar contribuindo para estimulai- entre nós o interesse no estudo do passado da Igreja. Não nos ajudará isso, a nós, que temos o dever de fazer a história presente da Igreja, a conhecer melhor nossa missão e a desempenhar com mais fidelidade nossa tarefa?

Não temos dúvida de que os que conhecem e apreciam a antiga edição dessa obra de Walker (Imprensa Metodista, São Paulo, 1926) hão de apreciar ainda mais a presente edição.

A. S

PREFÁCIO DOS RRVISORES

A *Rcstória da Igreja Cristã7* de Walker, tem sido usada como livro-texto durante os iiltimos cinqüenta anos Obra de um cientista maduro, cujo saber deita raízes na terra fértil da pesquisa histórica alemã do fim do século XIX e começo do XX, este livro consegue combinar clareza, concisão e equilíbrio Daí sua popularidade sem precedentes Além disso, apesar dos avanços feitos pela ciência histórica, a maior parte do texto de Walker não perdeu a atualidade, o que, aliás, é de admirar Era inevitável, porém, que alguns trechos necessitassem de alguma modernização Os últimos capítulos, portanto, foram quase totalmente reeseritos O intuito dos revisorcs foi pres<írvar a estrutura central da obra original, revisando tão-somente as partes que encerravam alguns erros de fato, ou cuja interpretação merecia sérios reparos. Acrescentaram-se alguns parágrafos aqui e ali, seja para dar ao livro maior equilíbrio, seja para atender a descobertas recentes. A secção que trata do período moderno sofreu um trabalho mais radical de revisão, com vistas a torná-la mais atualizada,

A revisão foi dividida da seguinte maneira: o Prof Richardsou encarregou-se dos capítulos que- vão até o começo da Idade Média (pp 15-307); o Proí. Pauck, daí até à Reforma (pp 310-137 do vol.. II), c o Proí.. Handy, do purilanismo até os dias atuais. Somos muito gratos ao Dr Edward R liaidy, do Seminário Teológico de Berkeley, New Haven, de cuja erudição nos valemos ao revisar o trecho referente à Igreja Ortodoxa O rega

Ao empreender a atualização desta importante obra, esperamos haver contribuído para torná-la mais útil e7 assim, prolongar-lhe a vida..

Oyril C Kieliardsoir
Wilhelm Pauck
Robert T. Handy

Union Theological Seminary
Setembro de 1958

PERÍODO PRIMEIRO

início à Crise Gnóstica

SITUAÇÃO GERAL

Na época do nascimento de Cristo, as terras que circundam o .Mediterrâneo estavam na posse de Roma Esses vastos territórios, que abrangiam toda a civilização então conhecida pelo *homem* comum, eram dominados por um tipo único de cultura. Em nenhum outro período da história anterior ou posterior se encontra exemplo de predomínio cultura] que se possa comparar ao exercido por Roma nessa época O cidadão comum do império Romano não tinha conhecimento algum das civilizações da índia ou da China Além de suas fronteiras — pensava ele -- só existiam tribos selvagens ou semiciv iizadas As fronteiras do Império Romano, portanto, coincidiam com as do mundo civilizado A lealdade ao único imperador e o sistema militar a ele sujeito eram os fatores que preservavam a unidade. Embora pequeno, se comparado ao de ura estado militar moderno, o exército de Roma era bastante para preservar a paz romana. Sob a égide dessa paz, o comércio prosperava, as comunicações eram facilitadas pelas excelentes estradas e pelo mar, e entre os homens de cultura, ao menos nas cidades maiores, o intercâmbio de idéias era propiciado pela existência cie uma língua comum, a saber, o grego Apesar- dos maus governantes e dos funcionários corruptos, o impáio assegurava a administração de uma justiça severa, sem precedentes no mundo de então Os cidadãos orgulhavam-se do império e de suas conquistas,

No entanto, a despeito da unidade, propiciada pela autoridade imperial e pelo controle militar, Roma evitava a supressão das instituições existentes nas diferentes localidades., No geral, os habitantes das províncias governavam-se a si mesmos no que concerne ás questões internas. Respeitavam se as práticas religiosas locais Preservavam se os costumes e as línguas antigas dos povos das províncias Ta! como nos estados nativos existentes dentro do âmbito dos impérios modernos, concedia-se aos governantes locais um domí-

nio limitado em eertas porções do império., K o caso da Palestina na época do nascimento de Cristo. Muito do sucesso de Boma, na dominação de populações tão diversas c a ela sujeitas, se deve à consideração com que tratava os direitos e preconceitos locais. A diversidade existente dentro dos limites do império era, assim, tão notável quanto a sua unidade.. Mais do que em qualquer outro, no âmbito das idéias religiosas essa variedade saltava aos olhos,

O cristianismo não veio a ocupar um vácuo.. Na época do seu surgimento, pululavam na mente dos homens concepções várias do universo, da religião, do pecado e da recompensa e punição.

O cristianismo tinha de defrontar-se com elas e procurar ajus' tar-se. Não se tratava, portanto, de semear em solo virgem. As concepções já existentes forneciam muito do material a ser usado na conformação da. sua estrutura. Muitas dessas idéias feneceram e desapareceram do mundo moderno. O tato de ter havido essa mescla deve levar o estudioso a distinguir os elementos permanentes dos transitórios no pensamento cristão, apesar- da extrema dificuldade implícita nesse processo, e da diversidade das soluções propostas pelos vários eruditos.

Certos fatores presentes ao ambiente intelectual em que se inseriu o cristianismo provêm das religiões arrtigas universais e remontam a datas antiqüíssimas. Com exceção de uns poucos representantes do pensamento filosófico mais requintado, todos criam na existência de um poder — ou de poderes — invisível, sobre-humano e eterno, que controlava o destino e devia ser adorado, ou aplacado, por meio de orações, atos rituais, ou sacrifícios.

A Terra era considerada o centro do universo. Ao redor dela o Sol, os plaíiêtas e as estréias seguiam o seu curso. Acima dela, o céu; abaixo, a morada dos espíritos já mortos ou dos maus. Na mente popular não havia a noção do que hoje se denomina lei natu raL Tudo o que acontecia na natureza era obra dos poderes invisíveis do bem e do mal, que governavam o mundo arbitrariamente Os milagres, por conseguinte, eram considerados, não simplesmente possíveis, mas coisa esperada, quando as forças superiores desejassem gravar, na sensibilidade do homem, a impressão de algo importante ou fora do comum O mundo era considerado habitação dc inúmeros espíritos bons e maus, que influíam em todas as facetas da vida humana e, de tal forma se apossavam dos homens, que passa-

vain a controlar suas ações, para o bem ou paia o mal. Grande parte da humanidade caracterizava-se por um profundo sentido de indignidade, ou de insatisfação com as condições da existência. As formas variadas de manifestação de sentimento religioso eram indícios da necessidade de estabelecer melhores relações com o espiritual e o invisível, e da ânsia generalizada por *um* socorro maior que o que os homens podiam prestar uns aos outros.

Além desses conceitos gerais comuns à religião popular, o mundo a que se dirigiu o cristianismo devia muito à influência específica do pensamento grego., As idéias ketônicas dominavam a inteligência do Império Romano, mas sua influência estendia-se tãosomente às camadas mais cultas da população. A reflexão filosófica dos gregos ocupou-se inicialmente com a explicação do universo físico. Porém7 com Heráclito de Éfeso (cerca de 490 a.O..), embora tudo seja ainda considerado, em certo sentido, físico, o universo, que está num contínuo fluir, passa a ser considerado como formado por um elemento ígneo, a razão que penetra em todas as coisas, da qual a alma do homem é parte. Aí está, provavelmente, ainda que em germe, o conceito de *Logos,* de grande importância no pensamento grego subseqüente e na teologia cristã No entanto, não sc fazia distinção entre esse elemento que dá *forma* às coisas, e o calor ou fogo naturais. Anaxágoras de Atenas (cerca de 500-428 a.C.) ensinava que uma mente *{nous)* modeladora age na disposição da matéria e é independente dela. Os pitagóricos, na Itália meridional, afirmavam que o espírito é material e que as almas são espíritos decaídos e aprisionados em corpos materiais. Parecem ter sido levados a essa crença na existência imaterial mediante a consideração das propriedades dos números, verdades permanentes pertencentes a um âmbito situado além do da matéria, e impossíveis de serem discernidos materialmente.

Para Sócrates (470?-399 a. C,), o objeto primeiro do pen samento é a explicação do próprio homem, e não a do universo O tópico de investigação mais importante é a conduta do homem, isto é, a moral. A ação reta baseia-se no conhecimento, e o seu resultado são as quatro virtudes, isto é, prudência, coragem, autocontrole e justiça, as quais, sob a forma de "virtudes naturais", viriam a ocupar lugar proeminente na teologia cristã medieval A identificação da virtude com o conhecimento, vale dizer, a doutrina de que o conhecer leva necessariamente ao agir, transformo use num lega-

do desastroso para todo o pensamento grego e veio a influenciar muito a reflexão cristã, particularmente o gnosticismo do século II.

Foi em Platão (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates, que o espírito grego chegou ao ápice de suas conquistas.. Dele se pode dizer, cora justeza, que foi um homem de piedade mística e de percepção espiritual muito profunda. Para Platão, as formas passageiras do mundo visível não fornecem conhecimento real. O conhecimento do que é de fato permanente e real provém do conhecimento das "idéias", que são os arquétipos ou padrões universais e imutáveis existentes no mundo espiritual invisível. Este é o mundo "inteligível", já que é conhecido pela razão e não pelos sentidos. As "idéias" dão aos fenômenos passageiros, presentes aos nossos sentidos, tudo o que de real eles possuem.. A alma conheceu essas "idéias" numa existência anterior à presente. O que os fenômenos do mundo visível fazem é chamar à lembrança ou rememorar as "idéias" anteriormente conhecidas.. A. alma, cuja existência é anterior à do corpo, é forçosamente independente deste e não é afetada pelo fato da sua decadência. Esse conceito de imortalidade como atributo da alma, de que o corpo não participa, sempre influiu no pensamento grego e contrasta claramente com a doutrina hebraica da ressurreição. As "idéias" não tem todas o mesmo valor, as mais elevadas são as do verdadeiro, do belo e, especialmente, a do bem. Platão talvez não lenha chegado à percepção clara de um Deus pessoal, tal como corporificada na "idéia" do bem, mas não há negar que se aproximou dela. O bem, e não o acaso, governa o mundo, é a fonte dos bens menores e deseja ser imitado nas ações dos homens. O reino das "idéias" é a verdadeira morada da alma, e é ern comunhão com elas que esta atinge a sua perfeita satisfação A salvação consiste na reconquista da visão da bondade e da beleza eternas.

Aristóteles (384-322 a. O) era um espírito muito menos místico do que Platão. Para ele o mundo visível era uma realidade insofismável. Rejeitou a distinção radical entre "idéia" e fenômeno, feita por Platão. Aquela não pode existir sem este. Exceto no caso de Deus, que é totalmente imaterial, cada existência é uma substância, resultado da impressão da "idéia", enquanto força formativa, sobre a matéria, que é o conteúdo Em si mesma a matéria não passa de substância potencial. Sempre existiu, embora nunca sem forma. O mundo, portanto, é eterno, já que não existe um reino de "idéias" anterior à manifestação destas em fenômenos. O mundo é

o objeto primeiro do conhecimento» Aristóteles é, de lato, um cientista. As mudanças do mundo exigem o impulso de um "primeiro motor", que, por sua vez, é imóvel. Aí está a base do célebre argumento aristotélico da existência de Deus, Mas o "primeiro motor" age com propósito inteligente. Deus é, por conseguinte, não só o começo mas o fim do processo de desenvolvimento do mundo. O homem pertence ao mundo das substâncias. Ele é composto, porém, não só de corpo e "alma" sensível, característicos do animal, mas também duma fagulha divina, um *Logo*.s, que o homem tem em comum com Deus e que é eterjio, embora essencialmente impessoal, ao contrário da concepção platônica de espírito. No que tange à moraJ, Aristóteles afirmava que o alvo é a felicidade ou o bem-estar, atingido mediante a preservação cuidadosa da via média ideal.

Não foi grande o avanço da filosofia grega, do ponto de vista científico, depois de Platão e Aristóteles, No entanto, a influência direta destes dois pensadores era pequena ao tempo de Cristo, Duzentos e cinqüenta anos após o seu nascimento, surgiria uma forma modificada de piatonismo — o neoplatonismo — de grande importância, que afetou profundamente a teologia cristã, notadamente a de Agostinho, Aristóteles viria a influenciar poderosamente a teologia escolástica do fim da idade Média, Esses antigos filósofos gregos tinham considerado o homem especialmente à luz do seu valor para o estado. As conquistas de Alexandre, que morreu em 323 a, C., trouxeram grande mudança na perspectiva do homem daquele tempo. A cultura helêniea estendeu-se ao mundo oriental, mas os pequenos estados gregos deixaram de ter expressão como entidades políticas independentes. Tornou-se difícil manter, em relação às novas e vastas unidades políticas, a mesma devoção que, por exemplo, *a* Atenas independente tinha evocado nos seus cidadãos, A ênfase deslocava-se para o indivíduo como entidade independente , E era era termos de vida individual que a filosofia tinha agora de ser interpretada . De que maneira poderia o indivíduo tirar o máximo proveito da sua vida? A essa pergunta crucial para a época ofereciam-se duas respostas, Uma delas era totalmente contrária à índole do cristianismo e, portanto, impossível de ser usada por este. A outra linha certas afinidades com ele, e, por conseguinte, estava destinada a exercer grande influência sobre a teologia cristã. Referimo-nos ao «picurismo e ao estoicismo.

Epicuro (842-270 a. C), que passou a maior parte de sua

vida cm Atenas, ensinava que a satisfação mental é o alvo mais alto do homem, e que esse estado é mais perfeito quando é passivo.. Consiste ele na ausência de tudo quanto perturba e importuna„ Vê-se desde já por que Epicuro não merece as censuras freqüentemente assacadas ao seu sistema„ Na realidade, sua vida demonstra que ele foi um asceta. Os piores inimigos da felicidade mental, dizia ele, são os temores injustificados, dos (piais o principal é o horror à ira dos deuses e à morte. Ambos são temores infundados. Os deuses existem, mas não criam nem governam o mundo. Como Demócrito (470?-380? a.C,), Epicuro afirmava que o mundo tinha sido formado pelo acaso, e pela combinação sempre nova de átomos eternamente existentes. Tudo é material, inclusive a alma do homem e os próprios deuses, A morte é o fim de tudo. Isso não significa que seja um mal, pois não subsiste nela consciência de coisa alguma.. Enquanto religião, portanto, o epieurismo consistia numa forma de irrdiferentismo. Essa escola espalhou-se rapidamente. Na sua brilhante *Be Berum ~Natura,* o poeta romano íjucrério (98?-55 a. 0 } exprimiu, o aspecto mais nobre do epieurismo, mas a influência do sistema como um todo foi de caráter destrutivo, e levava a um conceito sensual de felicidade.

Contemporâneo de Epicuro, Euêmero (cerca de 300 a.C„) ensinava que os deuses das velhas religiões não passavam de homens deifieados, cuja aura de divindade provinha, de mitos e tradições a seu respeito. O poeta Ênio (239V-170'/ a.O.) repetia e pregava as mesmas idéias em Roma. Paralelamente ao epieurismo, surgiram idéias totalmente cépticas, representadas pelo ensino de Pirro de Eléia (360?-270? a. C.) e seus seguidores. Afirmavam cies que a natureza real das coisas nunca pode ser compreendida. Mais que isso, a escolha de uma linha de ação é sempre dúbia Na prática, Pirro, como Epicuro, pregava o afastar-se de tudo o que importuna e perturba, como ideal de vida. O cristianismo pouco teria em comum com tais teorias, embora os apologistas viessem a fazer uso das idéias de Euêmero, nos seus ataques à mitologia paga, e os Pais lançassem mão de argumentos herdados do cepticismo, com o fito de fazer valer sua afirmação de que a razão humana é severamente limitada„

Outra grande resposta era a do estoicismo, o exemplo mais nobre do pensamento ético pagão antigo. Entre o cristianismo e o estoicismo havia, em algumas facetas, grandes pontos de aproxi-

maçao; em outras, grande distância, Seus líderes eram: Zenão (?-264? a , O j , CJeantes (301 f-232? a.,0.) e Crisipo (280?-207! a 0,), Embora originário de Atenas, desenvolveu-se com mais intensidade fora da Grécia, especialmente em Roma, onde Sêneca (3? a.C, -65 d G), Epicteto (60 d.G.-7) e o Imperador Marco Aurélio (121-180 d . O.) tiveram grande influência ,,

O estoieismo era muito atuante em Tarso durante os primeiros anos da vida do apóstolo Paulo, sendo, antes de mais nada, um grande sistema ético, embora alguns o considerassem, religião Sua idéia do universo era curiosamente materialista, Tudo o que é real é físico, embora haja grande diferença na espessura dos corpos, sendo os mais grosseiros penetrados pelos mais finos,, Fino e grosseiro correspondem, em linhas gerais, às distinções comuns entre espírito e matéria. O estoicismo estava próximo da idéia de íleráelito, se bem que a tivesse modificado bastante, A fonte de tudo, a influência modeladora e harmonizadora do universo, é o calor vital, a partir do qual tudo se desenvolveu mediante graus de tensão Ele penetra todas as coisas e para ele tudo retorna. Muito mais que o fogo de Heráclito, a que se assemelha, ele é a alma universal inteligente, autoconsciente, a razão disseminada por todas as coisas, o Gogos, do qual a razão humana é parte.. É Deus, vida e sabedoria de tudo „ líle está verdadeiramente dentro de nós. E nós, então, podemos "seguir o Deus que está dentro de nós". Por isso, é- possível dizer, como Cleantes dizia de Zeus: "Também nós somos geração tua'[7], Os deuses populares são meros nomes aplicados às forças <pie emanam de Deus.

Se em todo o mundo há uma sabedoria segue-se que há uma lei natural, uma regra de conduta para todos os homens. Todos são moralmente livres. Todos os homens são irmãos, já que provêm todos do mesmo Deus. As diferenças em situação de vida são meros acidentes, O supremo dever é seguir os ditames da razão na situação em que cada um se encontra, e isso é igualmente digno de louvor, quer seja o indivíduo imperador quer seja escravo.. A obediência à razão, o Logos, 6 o objeto irrrico dos esforços humanos.. A felicidade não é o alvo a ser perseguido, embora o cumprimento do dever tenha como subproduto a felicidade Os principais inimigos da obediência perfeita são as emoções e a sensualidade, que pervertem a capacidade de julgamento. Delas deve o homem afastar-se.

Deus inspira todas as boas ações, embora a noção de Deus seja essencialmente panteísta

A teologia cristã viria a sofrer profundamente a influência da estrênua atitude ascética do estoicismo, da sua doutrina da sabedoria divina que tudo impregna e governa, o Logos, da insistência em que todos os que agem retamente são igualmente merecedores, seja qual for sua posição, e da afirmação da irmandade essencial de todos os homens . Nos seus representantes mais notáveis, o credo estóico e seus resultados atingiram estatura nobre. No geral, porém, era uma doutrina dura, estreita e pouco simpática, reservada a uma pequena elite. O jjróprio estoicismo reconhecia que poucos poderiam atingir o padrão de excelência por ele pregado. Daí o tom de orgulho presente em muitos dos seus representantes, muito mais flagrante quando se compara com o espírito de humildade presente no cristianismo. No entanto, o estoicismo mesmo asssírn teve efeitos notáveis. Deu a Korna excelentes imperadores e funcionários do estado.. Nunca chegou a tornar-se um credo realmente popular, mas era seguido por pessoas de influência e posição elevada no inundo romano, e modificou para melhor a lei romana, introduzindo na jurisprudência o conceito de lei natural, expressa na razão c superior a quaisquer estatutos humanos arbitrários. Seu ensino de que todos os homens são, por natureza, iguais amenizou gradualmente as facetas mais perversas da escravatura, propiciando a muitos conquistarem a cidadania romana.

Durante o período em que surgiu o cristianismo, os antigos sistemas filosóficos sofreram mudanças notáveis. A tendência ao sineretismo era largamente difundida e as várias escolas influenciavam-se mutuamente. Por exemplo, a ética rigorosa originai dos estóicos foi modificada pela idéia do termo médio aristotélico.. O célebre filósofo estóico Possidônio (135-51 a.C.) mostra influência, platônica. Foi, aliás, um dos espíritos mais universais da Antigüidade. A preocupação racional e mística somou a de historiador e geógrafo. É evidente em Plutarco (vide abaixo) o caráter eclético do platonismo médio. Nele misturam-se temas estóicos, aristotélieos o pitagórieos.. O caráter sinerético do pensamento helênico torna-se evidente em muitos dos Pais da Igreja.

Apesar da disseminação do epieurismo e do estoicismo, pode-se dizer que, ao tempo de Cristo, a tendência principal do pensa mento mais refinado em Roma e nas províncias encaminhava-se em

direção ao monoteísmo panteísta, ao conceito de Deus como bom • — contrastando com o caráter amoral das antigas divindades gregas c romanas —- à crença numa providência divina soberana, à idéia de que a verdadeira religião não consiste em cerimônias mas em imitação das qualidades morais' de Deus e a uma atitude mais humana. para com as criaturasFaltavam à filosofia de então dois elementos que o cristianismo viria realçar, a saber, a certeza que só pode advir da crença numa revelação divina, e a idéia de lealdade a uma pessoa.

O povo em geral, no entanto, desfrutava de poucos dos benefícios advindos do pensamento filosófico. Campeava no seu meio a superstição mais crua. Se é verdade que o predomínio das velhas religiões da Grécia e de Koma diminuíra, não menos verdade é que o povo comum permanecia na crença em deuses muitos e senhores vários.. Cada cidade, cada profissão, a agricultura, a primavera, o lar, os eventos principais da existência, o casamento, o nascimento — tudo tinha o seu patrono na pessoa de um deus ou deusa. Essas noções viriam mais tarde a aparecer na história cristã sob a forma de veneração de santos Adivinhos e mágicos, especialmente os de raça judaica, faziam comércio próspero entre os ignorantes.. Acima de tudo, o povo em geral estava convicto de que a preservação do culto religioso histórico dos deuses antigos era necessário à segu rança e perpetuação do estado. Se esse culto não fosse praticado, os deuses exerceriam vingança por meio de calamidades. Por essa opção que deu causa a muitas das perseguições movidas contra o cristianismo.. Essas idéias populares não encontravam oposição da parte dos mais cultos, os quais, em geral, admitiam que as velhas religiões tinham valor policial, e consideravam as cerimônias do estado como uma necessidade do homem comum. Sêneca expressou sem rodeios **B** opinião dos filósofos, ao declarar que "o homem sábio observa todos os eostumes da religião tais como ordenados pela lei, e não pomo agradáveis aos deuses".

Era às massas que apelavam os pregadores cínicos desse período. A corrupção moral do império favoreceu o reavivamerrto desse antigo credo de independência e auto-sufieiêneia. Seu cam peão ftoa Diógenes de Sinope (400?-325? a C„). Embora muitos desses pregadores itincrantes fossem grosseiros e mesmo obscenos, havia os que eram dignos de honra, como 13io Crisóstomo (40 d C 112?), que discursava contra o vício e a sensualidade, propunha a

vida do campo como muito superior à do citadmo abastado, e proclamava uma mensagem de harmonia mundial e verdadeira piedade. fundamentada na idéia universal e inata de Deus. É possível perceber alguma influência da vida ascética e itinerante do cínico sobre o desenvolvimento do monaquismo cristão.

Por razões patrióticas, os imperadores mais atilados procuraram fortalecer as religiões populares antigas e transformá-las cm adoração do estado e do seu chefe. Na verdade, foi nos dias da república que começou a deificação patriótica do estado romano. Já em 195 a.O. encontra-se em Esmirna o culto da "I)e;i Roma". Essa reverência era favorecida pela popularidade do império nas províncias, já que ele assegurara um governo melhor do <pie o da república. Era 29 a. C. Pérgamo já dispunha de um templo dedicado a Roma e a Augusto.. Espalhou-se rapidamente esse culto dedicado ao governante como eorporificação do estado ou, melhor dizendo, ao seu £ígênio" ou espírito que nele habitava. Oriouse logo um sistema saeerdotal patrocinado pelo estado, dividido e organizado em províncias, encarregado da celebração não só do culto eomo também dos jogos anuais, em larga escala. Poi essa provavelmente a organização de caráter religioso mais desenvolvida ao tempo do primeiro império, Ainda está por ser verificado corri exatidão o grau de influência que exerceu sobre as instituições cristãs. Do ponto de vista do homem moderno, havia nesse sistema muito mais patriotismo do que religião. Mas a sensibilidade cristã primitiva considerava a adoração do imperador absolutamente irreeonciliável com a fidelidade a Cristo. A descrição da igreja de Pérgamo (Ap 213) é exemplo típico dessa opinião Para os romanos, a recusa dos cristãoá em render culto ao imperador parecia pura e simples traição, razão por que se iniciou a grande era dos mártires

A necessidade que o homem tem de religião é muito mais profunda do que a de filosofias ou cerimônias. Só o homem excepcional se satisfaz com uma doutrina filosófica. As cerimônias atraem maior número, mas não bastam aos que exercem com mais zelo a capacidade de raciocínio, nem aos dotados de um sentimento agudo de indignidade pessoal, Surgiram tentativas de reavivar o paganismo popular mais antigo, já moribundo . Muitos dos primeiros imperadores mostraram-se grandes construtores e protetores de templos. O exemplo mais tijuco e notável de tentativa de reavivamento e purificação da religião popular é o de Plutarco (46? d.C-

.120'O, de Queronéia, na Grécia.. Criticando a mitologia antiga, Plutarco rejeitava tudo o que subentendesse a prática de atos cruéis ou moralmente indignos por parte dos deuses. Há um só Deus, afirmava ele. Os deuses populares são personificações de atributos seus, ou espíritos subordinados. Cria também em oráculos, providências especiais e retribuição futura, e pregava uma vigorosa moralidade. Seus esforços no sentido de reavivar o que de melhor havia no antigo paganismo estavam, porém, destinados ao fracasso e conquistaram poucos seguidores.

A grande maioria, dos que sentiam necessidades de ordem religiosa simplesmente adotavam as religiões orientais, notadamente aquelas em que predominava a preocupação com a redenção, em que o misticismo e o sacramerrtalismo eram traço marcante. Isso t ra gr andemente favorecido pelo vasto afluxo de escravos orientais para a área ocidental do mundo romano no fim da república. A disseminação dessas crenças independentes do cristianismo — e, até certo ponto, rivais deste — durante os três primeiros séculos de nossa era, contribuiu para o aprofundamento do sentimento religioso em todo o império e, nesse sentido, facilitou o triunfo do eris-l lanismo

Uma dessas religiões orientais foi o judaísmo, a que teremos oportunidade de fazer referência mais pormenorizadamente em outro local. Apesar do pouco elemento de mistério que apresentava, o judaísmo conquistou popularidade considerável. A mente popular voltava sua preferência para outros cultos do Oriente com ênfase maior no misterioso ou, antes, mais peso no elemento sacramentai e redentor. A importância desses cultos no desenvolvimento religioso do mundo romano *tem* sido muito realçada ultimamente, Os mais populares dentre eles eram os da Grande Mãe (Cibele) e Átis, originários da Ásia Menor; de ísis e Serápis, do Egito, e de Mitras, da Pérsia. Ao mesmo tempo, observava-se grande sincretismo entre essas religiões, cada uma apossando-se de elementos de outra e das religiões mais antigas nas suas zonas de origem, O culto da Grande Mãe aportou a Roma em 204 a.C. Era em essência uma religião rudimentar de adoração da natureza, acompanhada de ritos licencrosos. Foi o primeiro a fixar-se no Ocidente em larga escala O de ísis e Serápis, com sua ênfase na regeneração e na vida futura, estabeleceu-se em Roma inais ou menos *cm* 80 a.C., mas defrontou-se com oposição governamental por muito tempo. O de Mitras,

o mais elevado de todos, apesar de sua *longa* história no Oriente, não chegou a tornar-se importante em Roma senão após o ano 100 d.C.. aproximadamente» Seu período áureo de crescimento foi na última parte do século 11 e no século III. Era, preferido especialmente pelos soldados , Nos últimos anos —- ao menos do seu progresso no Império Romano — Mitras foi identificado como o Boi, o *Sol Invictus* dos imperadores imediatamente anteriores a Constantiio,. Como outras religiões de origem persa, tinha uma visão dualisla do universo ,

Todas essas religiões pregavam um deus-redentor e originavam-se do culto à natureza. Sua mitologia variava, mas em gerai falava de uni deus que morria e ressuscitava, e celebrava o ciclo natural do nascimento c da morte, aplicando-o ao renascimento da alma, de modo a vencer a morte. Outra constante nessas religiões era a afirmação de que os iniciados participavam, de modo simbólico (sacramentai), das experiências do deus, morriam com ele, com ele ressurgiam, tornavam-se participantes da natureza divina, geralmente por meio de uma refeição de que o próprio deus simbolicamente partilhava, tornando-se também partícipes da sua imortalída de.. Todas essas religiões tinham ritos secretos reservados aos iniciados e atos de purificação mística (sacramentai) dos pecados. Nas religiões de ísis e Serápis essa purificação se dava por meio do banhar-se em águas sagradas. Nas* da Grande Mãe e de Mitras, por meio do sangue de um touro — o *laurobolmm* — no qual os iniciados "renasciam para sempre", segundo rezam algumas inscrições, Todas elas prometiam vida futura feliz para. os fiéis Em sua atitude para com o mundo, eram todas mais ou menos ascéticas,. Algumas, como, por exemplo, o mitraísmo, pregava a irmandade e igualdade essencial de todos os discípulos.. Não parece haver duvida de que o desenvolvimento da primitiva doutrina crista dos sacramentos foi afetado, se não diretamente por essas religiões, ao menos pelo ambiente religioso que elas ajudaram a criar e com o qual muito berri se coadunavam.

Resumindo a situação do mundo pagão -na época do nascimento de Cristo, pode-se dizer que eram evidentes certas necessidades religiosas, mesmo em meio a grande confusão e expressas em formas as mais variadas. Para fazer face às exigências da época, uma religião teria de pregar um Deus rinico e justo, embora deixasse lugar para inúmeros espíritos, bons e maus.. Terá a. de possuir

uma revelação definida da vontade de *Deus,* isto é, de uma escritura dotada de autoridade, como era o caso no judaísmo» Teria de inculear nos seus seguidores a virtude da negação do mundo, baseada em ações morais agradáveis à vontade e à natureza do seu l)eus, Teria de apontar uma vida futura prenhe de recompensas e castigos. Deveria dispor de ritos simbólicos de iniciação e prometer efetivo perdão de pecados,, Teria de possuir um deus-redentor com o qual os homens pudessem unir-se mediante atos sacramentais . Deveria pregar a irmandade de todos os homens, ou, ao menos, de todos os seus seguidores. Por mais simples que fosse o seu começo, o cristianismo tinha de possuir tais características, ou delas apropriar se, a fim de conquistar o Império Romano, ou tornar-se uma religião universal. Em sentido muito mais amplo do que se pensava, o cristianismo surgiu "na plenitude dos tempos", Para os que crêem na providência poderosa de Deus, é evidente a importância fundamental nessa grande preparação, por mais que se reconheça o fato de que algumas das características do cristianismo primitivo levavam o timbre e as limitações da época e têm de ser joeiradas, para <)ue nele se percebam os elementos eternos.

ANTECEDENTES JUDAICOS

O desenvolvimento do judaísmo nos seis séculos anteriores ao nascimento de Cristo foi determinado pelos eventos coueretos da história. Desde a conquista de Jerusalém por Nabucodonosor, em 586 a.Cv, a Judéia estava sob controle político estrangeiro. Coube ra-lhe a mesma sorte do antigo Império Assírio e de seus sucessores, o Império Persa e u de Alexandre. Após a dissolução deste último, caiu sob o domínio dos Ptolomeus do Egito e então da dinastia selêucida de Antioquia. Apesar dessa dependência política, as instituições religiosas estavam praticamente intactas depois da restauração efetuada quando da conquista de Babilônia pelos persas. As famílias sacerdotais, hereditárias, constituíam a verdadeira aristocracia da terra. Caracterizavam-se, nos seus escalões mais altos, por interesses políticos e indiferença religiosa. O cargo de sumo-sacerdote passou a ser cobiçado, por causa de sua influência econômica e política. Com segurança, a partir do período grego, a esse cargo estava vinculado um colégio de conselheiros e intérpretes das leis, o Sinédrio, que veio a ser constituído de 71 membros. Assim administrado, o templo e o seu sacerdócio vieram a representar o aspecto mais formal da vida religiosa dos hebreus. De outra parte, a convicção de que a nação era um povo santo, que vivia sob o domínio da lei santa de lave, bem como a idéia de separatismo religioso e a relativa cessação da profecia, levaram-na ao estudo da lei, interpre tada por um conjunto sempre crescente de tradições. Tal como acontece nos países muçulmanos de hoje, a lei judaica era não só preceito religioso, mas também estatuto civil. Seus intérpretes, os escribas, tornavam-se cada vez mais claramente os líderes religiosos efetivos do povo. O judaísmo tornouse, por fim, religião de uma escritura sagrada com sua coleção de precedentes interprelativos. Onde quer que o judaísmo estivesse presente, passou a existir a sinagoga, como instrumento para favorecer a compreensão mais

plena e a administração da lei, e eomo lugar de oração e culto, A origem da sinagoga é incerta. Remonta, provavelmente, ao exílio. Sua forma típica era a de uma congregação local que incluía todos os *judeus* de *uma* certa região, sob a presidência de um grupo de "anciãos" que tinham, muitas vezes, ura "príncipe" por chefe. **Esse** grupo tinha poder para excomungar e punir os culpados. Os ofícios eram simples e podiam ser dirigidos por qualquer hebreu, embora os preparativos estivessem a cargo do "príncipe da sinagoga". Constava de oração, leitura da lei e dos profetas, tradução do trecho lido e, às vezes, exposição ou sermão, e bênção. Quanto mais próximos nos colocamos da época do nascimento de Cristo, tanto mais evidente se torna o fato de que o templo, embora ainda em alta estima, se torna cada vez menos importante na vida religiosa do povo, em virtude do caráter[1] pouco representativo do sacerdócio, e também da importância crescente da sinagoga. Sua destruição total, no ano 70 d.C,„ não chegou sequer a perturbar nenhum dos elementos essenciais do judaísmo.

Sob o domínio dos reis selêucidas, a Judéia foi invadida por influências helenizantes, que dividiram os que reivindicavam o cargo de sumo-sacerdote. O apoio decidido ao helenismo, dado por Antíoco IV, Epifânio (175 a. C. -164) e a campanha por ele movida contra o culto e os costumes judaicos suscitaram a grande rebelião dos Macabeus, em 167 a.0., sendo também a eausa remota de um período de independência judaica, que durou até a conquista pelos romanos, em 03 a.C. As lutas em torno da tendência hetenizante pro duziram uma profunda cisão na vida dos judeus. Os governantes macabeus apossaram-se do cargo de surno-saeerdote. Contudo, embora tivessem galgado posições de liderança graças ao fato de se oporem à tendência helenizante e graças ao seu zelo religioso, os Macabeus pouco a pouco descambaram para o helenismo, e deixaram-se dominar por ambições puramente políticas. Com João Hireano, o Macabeu que governou de 135 a 105 a. O., tornaram-se claras **as** distinções entre os partidos religiosos do judaísmo posterior. O par tido aristocrático-político, ao qual se aliaram Hireano e as princi pais famílias saeerdotais, tornou-se conhecido como o partido **dos** sadueeus (palavra sobre cujo sentido e origem pouco se sabe). Era. em essência, *um* partido mundano e desprovido de convicções religiosas marcantes. Muitas das idéias apregoadas pelos saduceus eram representativas do judaísmo mais antigo. Por exemplo: guardavam

a lei sem a interpretação tradicional e negavam a ressurreição e a imortalidade da pessoa. Rejeitavam, de outro lado, a velha idéia de espíritos bons e maus. Embora de grande influência política, não gozavam de popularidade entre o povo comum, o qual se opunha a toda e qualquer[1] influência estrangeira, e se colocavam ao lado da lei tal como interpretada pela tradição. Os representantes mais radicais desta atitude democrático-legalista eram os fariseus (palavra que significa "separados")., Embora o nome por que ciam chamados tenha aparecido pouco antes do tempo de João Hircano, os fariseus apresentavam uma atitude que remontava a épocas muito anteriores. Ú no reino deste Macabeu que se inicia a luta histórica entre fariseus e saduceus.

No geral, os fariseus não constituíam um partido político, embora dentre eles tenham surgido os zelotes (ou "homens de ação"). Nunca chegaram a ser numerosos, não obstante contassem com a admiração da maioria do povo. O judeu comum não dispunha da instrução nas minúcias da lei, nem do tempo disponível necessários para tornar-se um fariseu. A atitude dos membros desse partido para com a massa do judaísmo era de desprezo.[1] Os fariseus representavam, contudo, idéias nutridas por muita gente, resultado, em muitos sentidos, do desenvolvimento religioso judaico desde os tempos do exílio , Sua ênfase principal era na observância exata da íei tal como interpretada pelas tradições. Mantinham-se aferrados à crença na existência de espíritos bons e maus, com uma doutrina dos anjos e de Satanás grandemente influenciada, ao que parece, por idéias persas. Representavam a crença na ressurreição do corpo e em recompensas e castigos futuros, crença essa que se havia desenvolvido grandemente nos dois séculos imediatamente anteriores ao nascimento de Cristo. Tal como o povo em geral, mantinham-se fiéis à esperança messiânica, Os fariseus eram, em muitos aspec tos, merecedores de grande respeito. Alguns dos discípulos de Cristo provieram de círculos imbuídos dessas idéias. O mais culto dos apóstolos tinha sido fariseu, e assim se declarava, mesmo muito tempo depois de se ter tornado cristão.,[2] O fervor demonstrado pelos fariseus era admirável. O farisaísmo, porém, tinha dois grandes de feitos. Primeiro, equacionava a religião com a mera obser vância, de lima lei externa, mediante a qual se conquistava uma recompensa.

1 João 7.49.
2 Atos 23.6.

Isso podia levar facilmente ao esquecimento da retidão interior do espírito e da relação pessoal íntima com Deus. Segundo, alijava das promessas divinas aqueles para quem era impossível a observância do padrão farisaico, por causa de seus pecados, falhas e imperfeição na obediência à lei. Deserdava, portanto, as "ovelhas perdidas" da casa de Israel, e, com isso, tornou-se merecedor da justa condenação da parte de Cristo.

A esperança messiânica, nutrida tanto peJos fariseus como pelo povo em geral, era fruto da forte consciência nacional e da fé em Deus. Nos tempos de opressão nacional ela se tornava ainda mais vigorosa. Tornara-se débil ao tempo do governo dos primeiros Maeabeus, quando uma dinastia temente a Deus trouxera independência ao povo. A tradição familiar, porém, foi abandonada pelos últimos Maeabeus» Os romanos conquistaram o país em 63 a,C, Do ponto de vista estritamente judaico, a situação cm nada melhorou quando um aventureiro, pelo sangue meio judeu, Herodes, filho do idurneu Antipáter, governou como rei vassalo do poder romano, entre 37 a.C. e 4 a.C , O povo considerava-o instrumento dócil nas mãos dos romanos e, no fundo, um helenizante, apesar dos inegáveis serviços que prestou à prosperidade material do país e da suntuosa reconstrução do templo por ele empreendida. Os herodianos eram odiados tanto por fariseus quanto por saduecus. Morto Herodes, seu reino foi dividido entre três dos seus filhos. Arquelau tornou-se "etnarca" da Judéia, Samaria e Iduméia (4 a.C.-6 d.C.) ; Herodes Antipas, "tetrarea" da Galiléia e Peréia (4 a.C»-39 d.C.), e Filipe, "tetrarea" da região situada a leste e nordeste do mar da Galiléia, predominantemente pagã. Arquelau suscitou profundas inimizades, foi deposto pelo Imperador Augusto e sucedido por um procurador romano. O ocupante deste cargo entre 26 e 36 d.C. era Pôncio Pilatos.

Diante de condições políticas tão desalentadoramente adversas, parecia que só por intervenção divina a esperança messiânica poderia concretizar-se. No tempo de Cristo, tal esperança implicava a destruição da autoridade romana pela intervenção divina mediante um messias, e o estabelecimento de um reino de Deus, no qual floresceria um judaísmo libertado e poderoso, sob o governo de um rei messiânico justo de descendência davídiea, reino esse para o qual acorreriam todos os judeus dispersos pelo Império Komano. Seria o início de uma idade áurea, Para o judeu comum, era pro-

vável que isso significasse simplesmente a expulsão dos romanos, por intervenção divina, e a restauração do reino de Israel. Era crença comum, baseada em Malaquias 3.1, que a vinda do Messias seria anunciada por um precursor.

Essas esperanças eram fomentadas pela literatura apocalíptica, com seu pessimismo em relação ao presente e sua visão colorida da idade vindoura. Os escritos eram em geral atribuídos a antepassados notáveis. K o caso, por exemplo, da profecia de *Daniel,* incluída no cânone do Antigo Testamento, do livro de *Enoque,* da *Assunção de Moisés,* c tantos outros. Exemplo cristão desse tipo de literatura, embora prenhe de conceitos judaicos, é o livro do *Apocalipse.,* incluído no Novo Testamento. Tais obras incutiam unia atitude religiosa de abertura para o futuro e esperança, atitude essa que deve ter servido para compensar o legalismo *rígido* da interpretação farisaica da lei.

Presentes na Palestina desse tempo, encontravarn-se ainda outras correntes de vida religiosa cuja penetração é impossível avaliar, mas cuja realidade é evidente. Distante dos crentes do judaísmo oficial, especialmente nas regiões agrícolas, havia uma piedade mística muito cone,reta. Era a piedade dos últimos Salmos e dos "pobres de espírito" do Novo Testamento. É bem provável que o "Magnificat" e o "Benedictus"[3] tenham sido expressões desse tipo de religiosidade, também consubstanciada nas* assim chamadas *Odes de Salomão.* Dessa piedade mais simples, em maior ou menor sentido místico, provinham apelos proféticos ao arrependimento, dentre os quais os de João Batista são os* mais conhecidos.

A descoberta dos manuscritos do Mar Morto veio chamar a atenção para essa piedade e para a existência de uma facção do judaísmo distinta da dos saduceus e fariseus. A biblioteca e as ruínas do mosteiro da comunidade de Qunran, na margem noroeste do Mar Morto, revelaram a localização de uma irmandade vinculada de certa forma aos essênios, a respeito de quem Fílon, Josefo e Plínio, o Velho, escreveram no primeiro século da nossa era, É bem provável que muitas outras comunidades semelhantes a essa tenham existido. Levavam uma vida semimonástica, protestando contra o judaísmo oficial de Jerusalém. Às vezes, como no caso dos essênios, renunciavam ao casamento; outras, como Qunran, permitiam-no.

3 Lucas 1,46-55; 68-79.

Esses "puritanos" ou "contratantes", como poderiam ser chamados, consideravam-se verdadeira congregação de Israel, o remanescente fiel Tinham a lei em alta conta e interpretavam-na a seu próprio modo. Diziam-se especialmente "iluminados", razão por que se declaravam guardiães do sentido exato da lei, em meio às perversões da época.. Veneravam um certo "Mestre de Justiça" (cuja identificação histórica permanece ainda obscura) como o verdadeiro intérprete da lei. Submetiam-se a purificações periódicas, observavam um rito anual de adesão e renovação da Aliança, e partilhavam de uma refeição sagrada de pão e vinho. Quando as regras da comunidade (preservadas no *Manual de Disciplina)* eram violadas, exerciam severo disciplinamento. A piedade nobre, embora um tanto legalista da comunidade, é evidente rios.se documento, e o aspecto mais místico está patente nos *Salinos dè Ação de Graças,* documentos encontrados nas escavações.

A organização da comunidade compreendia vários postos: um "superintendente", "sacerdotes de Sadoque", "os doze perfeitos" ou "anciãos", "juizes" e outros. Resta acrescentar que aguardavam fervorosamente a redenção de Israel. Criam que um novo Profeta, um novo Mestre, Sumo-Sacerdote e Rei (personagens messiânicos) se levantaria para reunir as hostes dispersas de Israel, derrotar seus inimigos e instaurar a era do Reino.

Tem sido muito debatida a hipótese da influência desses grupos sobre João Batista e sobre o cristianismo primitivo. Parece claro, contudo, que havia muitos pontos em comum e que, embora o Novo Testamento omita qualquer referencia a essa corrente sectária do judaísmo do primeiro século, o cristianismo muito deveu a ela. Não é impossível que João Batista e alguns dos primeiros discípulos de Jesus tenham pertencido uma vez a tais comunidades.

Devemos fazer referência a uma outra corrente de pensamento no judaísmo dessa época, especialmente em razão da influência que exerceu sobre o desenvolvimento da teologia cristã.. Referímonos à corrente que dava ênfase à "sabedoria". Atribuía-se-lhe existência praticamente personificada, como subsistente ao lado de Deus, unida a Ele, por Ele "possuída" antes da fundação do mundo e agente seu na criação[4] É possível divisar nessas idéias a influência, da noção estóica do Logos divino que tudo penetra. Há nelas uma

4 Provérbios 3.19; 8; Salmos 33 6

conotação mais ética do que a que se nota no ensino grego correspondente. Vê-se, porém, que seria fácil uma assimilação entre as duas idéias.

É natural que, ao falar-se no judaísmo, se dê atenção em primeiro lugar à Palestina, seu lugar de origem e berço do cristianismo.. No entanto, grande foi a importância da dispersão dos judeus fora da Palestina, não só para a vida religiosa do 'Império Romano como um todo, mas também para o efeito reflexo que o conseqüente contacto com o pensamento lielênico teve sobre o próprio judaísmo, Essa dispersão começara com as conquistas dos monarcas assírios e babilônicos, e fora fomentada por muitos governantes, notadamente os Ptolomeus do Egito e os grandes romanos dos últimos dias da república e do começo do império. Quaisquer dados estatísticos não passarão de conjeturas, rrias é provável que, à época do nascimento de Cristo, o numero de judeus fora da Palestina fosse cinco ou seis vezes superior ao dos radicados dentro de suas fronteiras. Constituíam parte ponderável da população de Alexandria. Haviam criado profundas raízes na Síria e na Ásia Menor. Embora em número relativamente pequeno, estavam presentes também em Roma. Eram poucas as cidades do império em que não fizessem notar sua presença, Olhados com suspeita pelas populações pagas, dada a tendência a unir-se enr grupos fechados, os judeus prosperavam no comércio, eram apreciados pelos governantes cm virtude de suas boas qualidades, viam em geral respeitados seus escrúpulos religiosos e, por sua vez, davam mostras de um espírito missionário que fazia notada sua influência religiosa. Tal como praticado em terras pagas, o judaísmo da dispersão era urn credo muito mais simples do que o farísaísmo palestinense. Pregava o Deus único, que tinha revelado sua vontade nas escrituras sagradas- urna moralidade vigorosa, uma vida futura com recompensas e castigos e uns poucos mandamentos, relativamente simples, referentes ao "Sabbath", à circuncisão e ao uso de carnes.. Por onde ia carregava consigo a sinagoga com seu culto simples e despido de ritualismo. Exercia grande atração para muitos pagãos. Além dos prosélitos, as sinagogas reuniam ao seu redor um número muito maior de conversos parcialmente judaízados, os chamados "devotos". Eoi dentre os deste ultimo grupo que a propaganda missionária cristã incipiente recrutou os seus primeiros ouvintes ..

O judaísmo da dispersão, por sua vez, sofreu forte influência do helenisrno, especialmente da filosofia grega» Essa influência em nenhum outro lugar foi mais profunda do que no Egito. Foi na cidade egípcia de Alexandria que o Antigo Testamento foi traduzido para o grego —- na versão comumente chamada de "Septuaginta" — já na época do reinado de Ptolomeu Filadelfo (285 a»C-246). As escrituras judaicas, até então encerradas numa língua obscura, tornaram-se, assim, acessíveis a muitos.. Também em Alexandria, as concepções religiosas do Antigo Testamento associaram-se aos conceitos filosóficos gregos, especialmente os platônicos e estóicos, para formar um sincretismo admirável» O mais importante desses intérpretes alexandrinos foi Filou (20? a.C..-42? d.C.). Para ele, o Antigo Testamento era o mais sábio dos livros, verdadeira revelação divina, e Moisés, o maior dos mestres. Mediante a interpretação alegórica, porém, Filou vê harmonia entre o Antigo Testamento o os melhores elementos do platonismo a estoieismo.. Essa convicção teria tremenda importância para o desenvolvimento da teologia cristã, O método alegórico de interpretação da Bíblia viria a influir grandemente no faturo estudo cristão das Escrituras Segundo Filou, o Deus único fez o mundo como expressão de sua bondade para com sua criação. Mas os elos de ligação entre Deus e o mundo são uma série de poderes divinos, considerados ora como atributos de Deus, ora como seres pessoais. Destes, o mais elevado é o Logos, que emana do próprio ser de Deus e é o agente, não só através do qual Deus criou o mundo mas, também, do qual emanam todos os outros poderes, Mediante, o Logos, Deus criou o homem ideal, de quem o homem concreto é unia pálida cópia, produto que é, não só do Logos, mas também dos poderes espirituais inferiores. Apesar do seu estado decaído, o homem pode elevar-se à comunhão com Deus através do Logos, agente da revelação divina» O conceito que Filou tem do Logos, porém, é muito mais filosófico do que o de "sabedoria" tal corno encontrado no livro de *Provérbios*, ao qual, aliás, fizemos menção. E a origem da doutrina neotestamentária do Logos se encontra na concepção hebraica de "sabedoria", e não no pensamento de Filou, Não obstante, Filem é uma ótima ilustração da maneira em que se poderiam unir idéias helênicas e hebraicas, tal como veio depois a acontecer na evolução da teologia cristã. Em parte alguma do mundo romano o processo representado pelo trabalho de Fílon se desenvolveu com tanta plenitude quanto em Alexandria,.

JESUS E OS DISCÍPULOS

O caminho para Jesus foi preparado por João Batista, considerado pelos primeiros cristãos o "precursor" do Messias, De vida ascética, pregou, na região do Jordão, que o dia do julgamento de Israel estava próximo, que o Messias estava prestes a chegar. Desprezando todo formalisino religioso e qualquer dependência em relação à descendência de Abraão, proclamava a mensagem dos antigos profetas: "arrependei-vos, fazei justiça". As instruções que dava aos vários tipos de ouvintes eram simples e radicalmente não-legalistas. [1] Batizava seus discípulos, como sinal da purificação dos seus pecados (O ato do batismo talvez simbolizasse submissão ao rio de fogo que se aproximava, pelo qual Deus haveria de purificar e redimir o mundo). Ensinava-lhes um tipo especial de oração. João Batista foi descrito por Jesus como o último dos profetas e um dos maiores entre eles. Embora muitos dos seus seguidores se tivessem tornado discípulos de Jesus, alguns deles continuaram independentes, sendo encontrados por Paulo, muito mais tarde, no seu ministério cm .Éfeso.[2]

Falta-nos material para compor urna biografia de Jesus comparável à que se poderia escrever de alguém que tenha vivido nos tempos modernos. Os fatos registrados nos Evangelhos são, antes de mais nada, testemunho do divino evento de Jesus, o Cristo, e seus pormenores foram sem dúvida coloridos pelas experiências e situações vividas pela Igreja primitiva. *Bá* profunda divisão entre os estudiosos 110 que concerne à exatidão de muitos incidentes narrados nos Evangelhos., Nos seus traços essenciais, porém, o caráter e o ensino de Jesus tornam-se visíveis nas páginas dos Evangelhos, Ele cresceu em Nazaré da Galiléia, na atmosfera simples de uma casa de carpinteiro. Embora olhada com desprezo pelos judeus mais puros que habitavam a Judéia, por causa da considerável mistura de

1 Lucas 3.2-14; Mateus 3 1-12
2 Atos 19 1-4

.Taças que nela havia, a Galiléia era fiei à religião e às tradições hebraicas, A população, vigorosa e altiva, estava imbuída de intensa esperança messiânica. Ali Jesus chegou à idade adulta, sem que te nharnos um registro das experiências por ele vividas na infância e moeidade, A julgar, porém, pelo seu ministério posterior, devem ter sido anos de profunda penetração espiritual e de "graça diante de Deus e dos homens".

A pregação de João Batista o afastou da vida calma que levava. Por ele foi batizado *no* Jordão,. Junto com o batismo veio lhe a convicção de que era designado por Deus para desempenhar papel específico no reino iminente a ser- instaurado pelo Filho do *Homem,* personagem celestial que viria nas nuvens do céu. Saber se Jesus se considerava efetivamente o Messias — eis um problema muito debatido . Seja corno for, a história da tentação dá a entender a rejeição da idéia de Messias colocada nos termos das expectativas judaicas popular es e a r ecusa a ser vir se de métodos políticos e egocêntricos O reino significa o governo por parte de Deus, iniciado por .Ele mesmo, e não inaugurado pela subversão do governo romano.. É o reino dos puros de coração que reconhecem sua pecaminosidade, arrependem-se e aceitam a exigência radical do amor e as reivindicações do seu Pai celestial .

Depois do seu batismo, Jesus imediatamente começou a pregar o reino e a curar os atribulados na Galiléia, grarrjeaudo desde logo grande número de seguidores dentre o povo,. Reuniu ao redor de si uni grupo pequeno de companheiros mais íntimos, os apóstolos, e ura outro, maior, de discípulos menos chegados. Não é possível dizer, ao certo, por quanto tempo se estendeu o seu ministério. É possível que sua duração tenha sido de um a três anos. A oposição a ele começou a fazer-se sentir tão logo se tornou evidente a natureza espiritual da sua mensagem e clara a sua hostilidade ao farisaísmo da época Muitos dos seus primeiros seguidores se afastaram. Dirigiu-se então para o norte, na direção de Tiro e Sidom, e depois para a região da Cesaréia de Filipe, onde os Evangelhos registram o reconhecimento da sua missão messiânica pelos discípulos. Jesus julgava, porém, que devia pregar em Jerusalém, qualquer que fosse c risco que isso acarretasse.. Munido de coragem heróica, para lá se dirigiu, defrontando-se com hostilidade crescente., E lá foi preso e crucificado, provavelmente no ano 29 e comprovadamenfe sob o governo de Pôncio Pilatos (26 d C,-36). Seus discípulos se dispersa-

ram, para logo depois reunir-se outra vez, com redobrada coragem, na alegre convicção de que ele ainda vivia, tendo ressurgido dentre os mortos. Tal foi, cm linhas muito gerais, a história da vida daquele que mais profundamente influenciou a história do mundo.

No ensino de Jesus, o reino de Deus subentende o reconhecimento da soberania e paternidade de Deus.. Nós somos filhos seus, razão por que devemos amá-lo e ao nosso próximo.[3] Próximo é todo aquele a quem podemos ajudar[4] Não é o que fazemos agora, Ê preciso, portanto, que nos arrependamos, contrastados pelo nosso pecado, e nos volvamos' para Deus. Essa, atitude de contrição e confiança (arrependimento e fé) é acompanhada do perdão de Deus [5] O padrão ético do reino é o mais elevado que se possa conceber.. "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".[4'] Implica em atitude absolutamente enérgica em relação ao eu,[7] e ilimitada disposição do perdoar em relação aos outros [8] O perdoai' aos outros é condição necessária para que Deus nos perdoe [9] Há dois caminhos que podemos seguir na vida: um largo e fácil, o outro estreito e árduo, levando ou a um futuro abençoado, ou à destruição [10] A atitude de Jesus, tal como a de sua época, era fortemente eseatológica, Sentia ele que, embora começasse agora,[11] o reino se manifestaria com poder muito maior no futuro próximo O fim da presente época não parecia muito distante.[12]

Não há dúvida de que muitos desses pronunciamentos e idéias encontram paralelo no pensamento religioso da época. Seu efeito global, *porém,* foi revolucionário. "Ele os ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas".[13] Jesus podia dizer que o menor dos seus discípulos era maior do que João Batista[14] e que o céu e a terra passariam, mas não as suas palavras.[15] Chamava a si os cansados e oferecia-lhes alivio [1G] Aos que o confessassem, diante dos homens prometia que haveria de confessá-los diante de seu Pai. [17] Declarava que ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quisesse revelar [18] Proclamava-se senhor do sábado[19] •— e o sábado era o que, no pensamento popular, havia de mais sagrado na ler dada por Deus ao povo judaico. Afirmava que tinha autoridade para pro-

Marcos 12 28-34,.
4 Lucas 10 25 37.
5 Lucas 15.11-32.
6 Mateus 5 48..
7 Marcos 9.43-50.
3 Mateus 18 21, 22.
9 Marcos 11 25, *26*
10 Mateus 7.13, 14
11 Marcos 4.1-32; Lucas 1721.
12 Mateus 10.23; 19.28; 24.34; Marcos 13 30
13 Marcos 122
14 Mateus 11 11
15 Marcos 13.31
16 Mateus 11.28.
17 Mateus 10.32.
18 Mateus 11.27; Lucas 10 22.
19 Marcos 2 .23-28

nunciar o perdão de pecados.[20] l)e outro lado, não era menor a clareza com que sentia sua própria humanidade e limitações, Ele orava e ensinava os discípulos a orar. Declarava não saber o dia e a hora do fim do presente século, coisa que só o Pai coíihecia[21] Não lhe competia resolver quem, quando de sua exaltação, havia de sentar-se à sua direita ou à sua esquerda[22] Orava para que se cumprisse, não a sua, mas a vontade do Pai[23] E, na agonia da cruz, clamou: "Deus meu, por que me desainparaste?"[24] Está nesses pronunciamentos o mistério da sua pessoa. Sua humanidade é tão evidente quanto a sua divindade. A explicação de *como* isto é possível excede os limi tes de nossa experiência e, por conseguinte, nossa capacidade de compreensão. A Igreja, porém, tem-se preocupado sempre com o proble" ma e, não raro, dado ênfase praticamente a uma das facetas, em detrimento da outra.

Em lugar da religião de exteriorídades, de obras meritórias e de cerimoniais, Jesus apregoou a idéia de que a piedade consiste no amor a Deus e ao próximo — a um Deus que é Pai e a um próximo que é irmão — manifesto principalmente numa atitude do coiação c da vida interior, tendo como fruto os atos externos.. A foiça propulsora dessa vida é a lealdade **ao** próprio Jesus como revelação do Pai, o tipo da humanidade redimida.

O que deu imensa significação ao que Jesus ensinava c era, foi a convicção dos seus discípulos de que a sua morte não era o fim, isto é, foi a fé na ressurreição. O *como* dessa convicção constitui um dos problemas históricos mais enigmáticos. O fato de tal convicção é, não obstante, irrefutável. Ao que parece, o primeiro de quem ela se apossou foi Pedro,[a5] o qual, ao menos nesse sentido, foi o apóstolo que se constituiu em "pedra fundamentar[7] da Igreja. Ela era comum a todos os primeiros discípulos. Foi o ponto decisivo na conversão de Paulo. Transmitiu coragem aos discípulos dispersos, reuniu-os de novo e íêz deles testemunhas. De agora em diante, eles tinham um Senhor ressurreto, exaltado em glória, e, no entanto, sempre interessado neles. Com um realismo espiritual muito mais profundo do que o judaísmo jamais imaginara, o Messias da esperança judaica tinha de fato vivido, morrido e ressurgido novamente, para sua salvação.

Tais convicções tornaram-se ainda mais sólidas quando das

20 Marcos 2.M1.
21 Marcos *13 32*
22 Marcos 10 40..
23 Marcos 14.36.
24 Marcos 15.34.
25 I Coríntios 15.5.

experiências do dia de Pentecoste. Talvez seja impossível recuperar a natureza exata da manifestação pentecostah certo que o conceito de que essa experiência significa uma proclamação do Evangelho em muitas línguas estrangeiras, não é consistente com o que se sabe do "falar em línguas" em outros lugares,[20] nem tampouco com a crítica de que os discípulos estavam embriagados,[27] relatada pelo autor do livro de *Atos,* crítica essa que Pedro se sentiu obrigado a refutar. O importante é que nessas manifestações espirituais se manifestava a prova visível e audível do dom e do podei- de Cristo..[28] Para esses primeiros cristãos, tratava se do triunfante estabelecimento de uma relação com o Senhor vivo. A confiança nessa relação condicionou muito do pensamento da Igreja Apostólica. Se o discípulo —• cria-se —- reconhecesse visivelmente sua lealdade, mediante a fé, o arrependimento e o batismo, o Cristo exaltado, por sua vez, reconhecia o discípulo não menos manifestamente, concedendo-Ihe o dom do Espírito. O Pentecoste foi, de fato, um dia do Senhor. Embora não possa ser designado como o dia do nascimento da Igreja — pois que esta começara com o relacionamento dos discípulos com Jesus — significou um marco na proclamação do Evangelho, na convicção que os discípulos tinham da presença de Cristo e no aumento do número de adesões à nova fé„

26 I Corín*tios* 14/2-19
27 Atos 2..13.
28 Atos 2 33,

AS COMUNIDADES CRISTÃS NA PALESTINA

A comunidade cristã de Jerusalém parece ter crescido rapidamente.. Logo passou a incluir judeus que tinham vivido na dispersão, tanto quanto naturais da Galüéia e da Judéía, e mesmo alguns dos sacerdotes hebreus, () nome de "Igreja" foi adotado pela eonlunidade cristã muito cedo. O vocábulo significava, provável mente, na sua origem, pouco mais do que "reunião", usado para marear a diferença entre a congregação daqueles que aceitavam Jesus como Messias e os seus coetârreos judeus que não o aceitavam. O termo carregava, porém, conotações advindas do seu uso no Antigo Testamento. Na Septuaginta, tinha sido empregado para significar o povo inteiro de Israel considerado como congregação divinamente convocada. Mra, assim, titulo apropriado para. o verdadeiro Israel, o povo efetivo de Deus - e corno tal os primitivos cristãos de Jerusalém mantinha-se fiel no freqüentar o templo e na obediência à lei judaica. Além disso, porém, tinha seus próprios ofícios especiais, com oração, exortação mutua e "o partir do pão", diariamente, em casas particulares.[1] O "partir do pão" servia a *um* duplo objetivo: era vínculo de comunhão e meio de sustento para os necessitados. A espera da pronta volta do Senhor fazia do grupo de cristãos de Jerusalém uma congregação em expectativa. Em seu seio, o sustento dos menos favorecidos era feito mediante as ofertas dos mais privilegiados, de sorte que "tinham tudo em comum".[2] Mas o "partir do pão" era muito mais do que isso: era uma continuação e um memorial da Última Ceia do Senhor com seus discípulos, antes de sua crucificaç.ão, Teve, por conseguinte, desde o princípio, significação sacramentai.

A organização era muito simples. A liderança da congregação de Jerusalém era ocupada, a princípio, por Pedro c, em menor

1 Atos 2.46
2 Atos 2 44.

grau, João. Cora estes, o grupo apostólico inteiro desfrutava de posição de destaque, embora se possa duvidar de que constituísse uma junta governante plenamente organizada, tal como afirmava a tradição no tempo em que o livro de foi escrito.. Problemas suscitados pela distribuição de ajuda aos necessitados resultaram na nomeação de uma comissão de sete.[3] Embora essa comissão seja considerada a origem do diaconato, é mais provável tenlia sido o começo de um sistema de presbíteros para atender ás necessidades locais das igrejas. Seja como for, ouvem-se desde logo referências aos "presbíteros" (ou "anciãos") nas igrejas fundadas por Paulo.:[1]

Pode-se quase afirmai' que tal sistema de organização deve algo não só ao *Zeke/tam* do judaísmo - conselho que governava cada comunidade local, interpretando a lei e administrando as obras de caridade — mas também, aos "anciãos" das comunidades do tipo da de Qumran,

O tipo de esperança messiânica de que estava impregnada a congregação de Jerusalém, pareceria, à primeira vista, muito mais cru e 'muito menos espiritual do que Jesus tinha ensinado[5] Era devotadamente leal ao Cristo que haveria de voltai' prontamente, o qual, porém, "é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas".[0] A salvação, dizia-se então, é algo que se obtém mediante o arrependimento, que inclui contrição não só pelos pecados pessoais m»s também pelo pecado nacional de rejeição de Jesus corno Messias. A esse arrependimento e reconhecimento de lealdade seguia-se o batismo em o nome de Cristo, como sinal de purificação e penhor de uma nova relação, sendo selado com a aprovação divina mediante a concessão de dons espirituais[7] O fato de os cristãos pregarem Jesus como verdadeiro Messias e o medo da conseqüente desconsideração do ritual histórico levaram os judeus helenistas farisaícos ao ataque, de que resultou a morte do primeiro mártir cristão, Estêvão, apedrejado pela multidão. Conseqüência imediata foi urna dispersão parcial da congregação de Jerusalém. Foi assim que a semente do cristianismo começou a ser semeada pela Judéia, Samaria e mesmo em regiões mais remotas, como Cesaréia, Damasco, Antioquia e a lllra de Chipre Dentre os pri-

3 Atos 6.1-6.
4 Atos 14.23
5 Aios 16.
6 Atos 3.21.
7 Atos 2 37, 38,

meíros apóstolos, o único que se sabe, ao certo, ter desenvolvido considerável atividade missionária é Pedro, embora a tradição atribua a todos eles participação em tal trabalho» Ê possível que João tenha colaborado nessa atividade, embora muito pouco se discuta hoje com respeito à história desse apóstolo.

A paz relativa desfrutada pela igreja de Jerusalém, logo após o martírio de Estêvão, foi perturbada por uma perseguição muito mais severa instigada, em 44 d. C., por Herodes Agripa I, o qual, desde 41 até sua morte, em 44, foi rei-vassalo do antigo território de Herodes, o Grande. Pedro foi preso, mas escapou da morte. O apóstolo Tiago foi decapitado. O pouco de verdade que se possa provar esteja implícita, na tradição de que os apóstolos deixaram Jerusab-m doze anos após a crucifixão, vincula-se à dispersão *que* se seguiu a essa perseguição.. Seja corno for, parece que, desde então, Pedro só esteve em Jerusalém ern poucas ocasiões,. A liderança da Igreja naquele lugar passou a Tiago, o "irmão do Senhor ", (pie já antes ocupara lugar proeminente [8] Esse cargo, por ele ocupado até seu martírio, aproximadamente em 63, tem sido não raro chamado de "episcopado". Não há dúvida de que correspondia, em muitos sen tidos, ao episcopado monárquico das igrejas gentíiicas. Não obstante, não há provas de que o título de "bispo" tenha sido aplicado a Tiago durante sua vida. Se se levar em conta as sucessões de líderes religiosos entre os povos semitas, especialmente a importância atribuída ao parentesco com o fundador, ver-se-á que o caso em tela assemelha-se mais a um califado rudimentar. Tal interpretação se torna ainda mais provável, diante do fato de que o sucessor de Tiago no lugar de líder da igreja de Jerusalém foi Simeão, tido na conta de parente de Jesus, embora escolhido após a conquista da cidade por Tito, em 70.

Sob a liderança de Tiago, a Igreja em Jerusalém compreendia dois partidos, ambos acordes em que a antiga lei de Israel ainda se aplicava aos cristãos de raça judaica, **mas** diferindo no que concernia à aplicabilidade da lei aos cristãos conversos do paganismo. Uma das alas afirmava que a lei se aplicava a todos. A outra, de que Tiago era representante, dispunha-se a conceder aos cristãos gentios liberdade em relação à lei, embora não olhasse com bons olhos a mistura de judeus e gentios à mesa comum, tal como Pedro, ao

8 Gaiatas 1.19; 2 9; Atos 21 18.

menos durante certo tempo, estava inclinado a admitir.[9] A catástrofe que pos fim à rebelião judaica, no ano 70, foi fatal, 110 entanto, para todas as comunidades cristãs da Palestina, embora a de Jerusalém, fugindo para Pela, tivesse evitado os perigos. O cristianismo palestinense ficou reduzido a um frágil remanescente depois do aniquilamento, ainda maior, infligido por Adriano às esperanças judaicas, na guerra de 132 a 135. Mesmo antes da primeira captura da cidade, era em outras localidades do império que se encontravam os focos de influência cristã mais pronunciada.. Mais do que por sua influência, através de liderança direta e permanente, sobre o desenvolvimento do cristianismo como um todo, a igreja de Jerusalém e as comunidades palestinenses a ela associadas foram importantes, por terem sido os mananciais de onde começou a fluir- o cristianismo e as preservadoras de tantas tradições a respeito da vida e das palavras de Jesus, que de outra forma se perderiam.

9 Gaiatas 2.12-16.

PAULO E O CRISTIANISMO GENTÍLICO

A perseguição que deu causa ao martírio de Estêvão, como dissemos, teve também como conseqüência o fato de o cristianismo ter sido levado para além das fronteiras da Palestina, Missionários cujos nomes ficaram esquecidos pregavam Cristo aos seus irmãos de raça judaica, Em Antioquia um fato novo nessa pregação viria a acontecer» Capital da Síria, Antioquia era cidade de grande importância, notavelmente cosmopolita, verdadeira encruzilhada em que se encontravam gregos, sírios e judeus Ali a nova fé foi pregada aos gregos» K o resultado de tal pregação consistiu no fato de o Evangelho começar a espalhar-se entre homens de cepa gerit5.li.ca „ Começaram a ser apelidados de "cristãos" pelo populacho. Só por volta do século II é que os próprios seguidores de Jesus começaram a aplicar essa designação a si mesmos, embora ela já antes se tivesse tornado popular entre os pagãos» Antioquia não ficou sendo o ponto final do esforço de expansão dos cristãos» No ano 51 ou 52, na própria cidade de Roma, a atenção do governo, dirigido por Cláudio, foi suscitada por alguns tumultos havidos entre os judeus- da cidade, como conseqüência da pregação feita por missionários cristãos desconhecidos. Neste primeiro período, porém, Antioquia foi o centro da expansão . A conversão de homens de antecedentes pagãos viria levantar* inevitavelmente o problema da relação entre esses discípulos e a lei judaica. Se se impusesse aos gentios a observância da lei. o cristianismo não passaria de seita judaica.. 1 sentassem-se os gentios dela, o cristianismo poderia tornar-se religião universal, mas a expensas, em muito, da simpatia judaica. Mais do que a qualquer outro, cabe ao apóstolo Paulo o mérito de ter feito com que esse dilema fosse resolvido em favor da doutrina mais "liberal",

Paulo, cujo nome hebraico -- Saulo — lembra o herói da tribo de Benjamim, de que era membro, nasceu na cidade de Tarso, na Oilrcia, de descendência farisaica. Seu pai, porém, tinha cidada-

nia romana. Tarso era eidade eminente do ponto de vista cultura] e, ao tempo do nascimento do apóstolo, era um centro de ensino estóico. Educado num severo lar judaico, não liá razão para crer que Paulo tivesse alguma vez recebido educação helênica formal. Nunca chegou a ser' um helenizante, do tipo de Fílon de Alexandria.. Numa cidade como Tarso, no entanto, um jovem inteligente jamais poderia deixar de absorver muitas idéias helênicas e familiarizar-se, ao menos até certo ponto, com a atmosfera política c religiosa do mundo que se espraiava além dos limites do seu lar de judeu ortodoxo Foi, contudo, em contado com a tradição rabínica que ele se educou e, em idade agora desconhecida, como futuro eseriba, foi estudar sob a orientação do famoso Gamaliel, o velho, em Jerusalém, íi-nos impossível averiguar até que ponto São Paulo chegou, a conhecer o ministério de Jesus por meios outros que não os de relatos de segunda mão,. Era extremado na sua devoção ao conceito farisaico de uma nação santificada mediante a observância minuciosa da lei judaica. Julgada por tal padrão, sua conduta era "sem dolo". Homem de profunda percepção espiritual, porém, mesmo enquanto fariseu veio a sentir profunda insatisfação interior com as conquistas do seu próprio caráter. A lei não era bastante para dai' um sentido de retidão interior efetiva, Era esse o seu estado de espírito ao entrar em contacto com o cristianismo, Se Jesus não era verdadeiro Messias, era justo que tivesse sofrido, era justo que seus discípulos fossem perseguidos Pudesse ele convencer-se de que Jesus era o escolhido de Deus, este passaria a ser paia Paulo objeto de lealdade absoluta. Por intervenção divina, estaria então ab-rogada a lei — e fora por opor-se à interpretação farisaica dessa lei (a única interpretação que Paulo aceitava), que Jesus morrera..

As datas referentes à vida de Paulo não passam de conjeturas. É possível que a grande transformação de sua vida tenha ocorrido por volta do ano 35. Viajando para Damasco, em missão de perseguição, Paulo teve uma visão em que contemplou a Jesus exaltado, o qual o convocava para o seu serviço Não iremos além de suposições se tentarmos decifrar qual tenha sido a natureza dessa experiência. Mas, para Paulo, não havia duvidas quanto à sua realidade e ao seu poder transformador. Não só se convenceu, desde então, de que Jesus era tudo o que dele dizia o cristianismo, mas, também, passou a sentir tal devoção pessoal por seu Mestre, que implicava em nada menos do que uma união espiritual. Dizia ele: "Já não sou eu

quem vive, mas Cristo vive em mim'[7].[1] Fora-se o antigo legal isrno, e com ele o conceito do valor da lei, Para Paulo, de ora em diante, **Í**- nova vida consistia em serviço consagrado ao Senhor exaltado, que era também o Cristo presente no seu íntimo. Sentia-se preso de grande intimidade com o Cristo ressurreto. Deus, o homem, o pecado e o mundo eram agora banhados em nova luz. Seu maior desejo era fazer a vontade de Cristo. Era seu tudo o que Cristo- tinha conquistado. "Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas' ,[2]

Numa natureza ardente como a de Paulo, tal transformação manifestava-se imediatamente em termos de ação. Pouco se sabe do que sucedeu nos anos seguintes de sua vida Foi primeiro para a Arábia — na nomenclatura da época, uma região não necessariamente muito ao sul de Damasco. Pregou naquela cidade.. Três anos após sua conversão, visitou rapidamente Jerusalém, esteve com Pedro e com Tiago, o "irmão do Senhor". Durante anos trabalhou na Síria e na Cilrcia, enfrentando perigos, sofrimentos e fraqueza física Não sabemos muito a respeito das circunstâncias em (pie se desenvolveu seu ministério.. Não poderia ter; deixado de pregar aos gerrtios. E, com a crescente importância da congregação mista de Antioquia, era natural que fosse procurado por Barrrabé, corno alguém cuja opinião poderia ser útil para a resolução do problema pendente, Barnabé, que tinha sido enviado de Jerusalém, trouxe-o de Tarso para Antioquia, provavelmente no ano 46 ou 47„ Antioquia havia-se tornado ponto focai importante da atividade cristã. Em obediência à ordem divina — segundo cria a congregação antioquiana — Paulo e Barnabé daí partiram em viagem missionária que os levou a Chipre, Perga, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe. Foi essa a assim chamada primeira viagem missionária, descrita nos capítulos 13 e 14 do livro de *Atos*. Ao que parece, esse foi o esforço evangelístieo mais frutífero na história da Igreja.. Como resultado, estabeleceu-se um grupo de congregações no Sul da Ásia Menor, às quais Paulo rnais tarde se dirigiria pelo nome de igrejas da Galácia, Muitos estudiosos, porém, colocam as igrejas da Galácia em regiões mais ao norte e ao centro da Ásia Menor, que, segundo os documentos, não foram visitadas por Paulo.

O crescimento da Igreja ern Antioquia e o estabelecimento de congregações mistas em Chipre e na Galácia fez com que assumisse

1 Gálatas 2 20
2 2 Coríntios 5 17
3 Alguns incidentes são enumerados ein 2 Co 11 c 12

maiores dimensões o problema da relação entre os gentios e a lei A congregação de Antioquia era agitada por visitantes provindos de Jerusalém, que afirmavam; "Se não vos eireuneidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos".[4] Paulo resolveu servir-se de um caso concreto para chegar a uma conclusão. Levando .consigo a Tito, um converso gentio não circuncidado, como exemplo •concreto de cristianismo não-legalista, foi com Barnabé a Jerusalém entrevistou-se pessoalmente com os líderes da igreja O resultado dessa entrevista, de que participaram Tiago, Pedro e João, foi o reconhecimento cordial da genuinidade do trabalho de Paulo entre os gentios, e um acordo rio sentido de dividir o âmbito dos trabalhos: os líderes de Jerusalém continuariam a missão entre os judeus, mantendo evidentemente a lei, enquanto Paulo e Barnabé levariam a mensagem aos gentios, dispensando a insistência na Jei[5] Era uma .decisão honrosa para ambas as partes, mas inexeqüível.. Quais seriam as relações entre judeus e gentios numa igreja mista? Poderiam judeus e gentios comer juntos? Esta segunda pergunta logo se levantou por ocasião de uma visita de Pedro a Antioquia,[0] e levou a uma discussão pública na congregação de Jerusalém, provavelmente 110 ano 49 — o assim chamado Concilio de Jerusalém - - e ã formação de certas regras referentes a refeições ern conjunto[7] Para Paulo, parecia inadmissível tudo o que não eqüivalesse à mais plena igualdade entre judeu e gentio Para Pedro e Barnabé, pareciam -de primordial importância os termos das refeições em comum.. Paulo opôs-se a ambos, e teve de enfrentar sozinho a batalha, já que, segundo parece, a igreja de Antioquia pôs-se ao lado de Jerusalém no problema das relações à mesa

Seguiram-se então os poucos anos de maior atividade missionária •de Paulo, o período em que escreveu todas as suas cartas. Levando consigo a Silas, proveniente de Jerusalém, irias cidadão romã no, Paulo •separou-se de Barnabé por causa da discordância com respeito ao problema da comida e à conduta do primo de Barnabé, Marcos[3] Durante uma viagem pela Galácia, juntou-se a ele Timóteo. Impedidos de trabalhar na região ocidental da Ásia Menor, Paulo e seus •companheiros entraram na Macedônia, fundando igrejas em Filipos c Tessalôniea. Foram recebidos corn frieza em Atenas e passaram

4 Atos 15.1.
5 Gaiatas 2 1 1 0.
r» Gaiatas 2 11-16
7 Atos 15 6 2 9.
•8 Atos 15 36-40..

dezoito meses em Corinto, onde obtiveram grande sucesso (provavelmente entre 51 e 53), Nesse ínterim, os judaizantes tinham solapado sua autoridade apostólica na Galácia. De Corinto, Paulo escreve então a essas igrejas sua grande epístola, defendendo não só o seu próprio ministério, mas também a liberdade do cristianismo em relação às obrigações da lei judaica. Era a carta magna de um cris tianísmo universal . Escreveu também aos tessaloniceuses, respondendo aos problemas que estavam enfrentando, com respeito às perseguições e à segunda vinda de Cristo.

Levando Áqüila e Priscila — que em Corinto se tinham tornado seus companheiros de trabalho - para Efeso, Paulo deixou-os ali e fez uma rápida visita a Jerusalém e Antioquia. De volta a ÉCeso, onde o cristianismo já tinha sido estabelecido, iniciou um ministério que durou trcs anos (53?-56?). Apesar do sucesso que obteve, Paulo teve de enfrentar grande oposição e tais perigos, que chegou a "desesperar da própria vida",[0] sendo obrigado a fugir.. Durante essa estada em Éfeso, as atribulações do apóstolo foram por problemas de comportamento moral, lutas partidárias e conseqüente rejeição de sua autoridade em (Corinto. Tais percalços levaram-no não só a escrever suas importantes epístolas aos *Coríntios* mas a demorar-se por três meses na própria cidade de Corinto, após sua saída de Éfeso Sua autoridade ali foi restaurada. Durante sua estada em Corinto escreveu a mais importante de suas cartas: a endereçada aos *Komanos*

Durante todo esse tempo, Paulo jamais abandonara a esperança de que viesse a ser «sanada a cisão surgida entre ele próprio e seus cristãos gentílicos de um lado, e, de outro, os membros da igreja de Jerusalém. Como oferta de gratidão pelo que os gentios deviam à comunidade que lhes servira de progenitora, Paulo recolhera uma contribuição dos seus conversos gentílicos, e, apesar dos perigos que isso acarretava, deliberou levá-la pessoalmente a Jerusalém. Nada se sabe a respeito da recepção que teve essa coleta e das negociações empreendidas por Paulo, Mas o apóstolo veio a ser preso em Jerusalém e enviado a Cesaréia, como prisioneiro do governo romano, acusado, sem dúvida, de incitar à desordem. Dois anos de prisão (57?-59?) não levaram a decisão alguma, já que Paulo resolvera exercer o seu direito de recurso ao tribunal imperial em Roma.. Seguiu-se a viagem cheia de incidentes à capital do império, ainda como prisioneiro. Em Roma, passou a viver sob custódia durante dois anos (60¥-62?), parte dos quais ao menos em sua própria habi-

9 2 Coríntios 1.8

tação alugada. Às suas igrejas amadas, escreveu então as cartas aos *Coloíisenws* e *Filipenses* e, ainda, epístolas mais breves, a *Filemom e Timóteo* (segunda carta) A opinião dos estudiosos ainda não é unânime cora respeito a saber se chegou a ser solto da prisão e a fazer outras viagens. Às poucas provas de que dispomos parecem negar tal hipótese.. Não há razão para duvidar da tradição de que foi decapitado na Via óstia, fora de Roma, embora a data seja incerta. A tradição vincula seu martírio à grande perseguição movida por Nero, em 64 O lugar não coincide exatamente com o do brutal ataque romano. É provável que tenha acontecido um pouco antes, vindo mais tarde a ser associado à mencionada perseguição.

Já nos referimos à batalha heróica de Paulo em favor de *um* cristianismo universal e não-legalista. Sua eristologia será examinada mais adiante [10] Poder-se-ia dizer ter sido ele o fundador ou reformulador da teologia CRISTÃV E certo que ele mesmo repudiaria tais hipóteses. No entanto, era natural que a mensagem simples do cristianismo primitivo assumisse forma um tanto diversa ao ser apresentada por um homem intelectualmente bem treinado Paul:» introduziu na teologia cristã muitos elementos provenientes de sua cultura rabíníca e experiência helêniea. No entanto, sua percepção profundamente cristã levou-o a perceber o sentido da. mente do Cristo em grau muito maior do que qualquer outro dos primitivos discípulos. Paulo, enquanto teólogo, muitas vezes nos apresenta uma imagem de Cristo um tanto diferente da que se vê nos Evangelhos. Paulo, enquanto homem, cristão, porém, está plenamente de acor do com esta..

Para Paulo, o conceito de libertação da lei judaica difere radicalmente de todo e qualquer antinomismo que possa levar ao menosprezo da moralidade. Se é verdade que a antiga lei tinha passado, não menos verdade é que o cristão está sob "a lei do Espírito da vida" Aqueles em quem o Espírito habita cogitam "das coisas do Espírito" e mortificarn "os Peitos do corpo" [11] É evidente que Paulo dirigia muito da catequese dos conversos no sentido da instrução moral. Apresentava urna teoria do processo de salvação que era muito característica, Os homens são, por natureza, filhos do primeiro Adão e herdeiros do seu legado de pecado,[12] Por adoção (idéia tipicamente romana), tornamo-nos filhos de Deus e participamos das bênçãos do segundo Adão, Cristo. [i:t] Essas bênçãos estão intimamente

10 V. pp 58-59.
11 Romanos 8 2, 5, 13
12 Romanos 5 12 19.
13 Romanos 8 1517; 1 Coríntios 15.45.

vinculadas à morte e ressurreição de Cristo. Para Paulo, esses dois eventos apresentam-se como transações dc significação transcendental Sua posição está bem expressa ern Cálatas 6.14: "Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo". Dupla é a razão para tal glorificação: mediante a cruz, o pecado é perdoado e a redenção efetivada;[14] nela está a fonte e o motivo da nova vida em fé e amor[15] Essa ênfase na morte de Cristo certamente representava algo de novo.. Para Paulo, a ressurreição não era menos importante. Era a prova de que Jesus é o Filho de Deus.[1(1] a promessa da nossa própria ressurreição[17] e a garantia da renovação da vida espiritual do homem[18] Daí Paulo pregar a "Jesus Cristo, e este crucificado",[19] ou a "Jesus e a ressurreição" [20]

O poder pelo qual os homens se tornam filhos do segundo Adão o dádiva voluntária de Deus através de Cristo K uma graça absolutamente imerecida [21] É algo que Deus dá ou deixa de dar a rpiem lhe apraz [22] A condição que o homem tem de cumprir, para receber a graça, é a fé[23] "Se com a, tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração crer es que Deus o ressuscitou dentre os 'mortos, serás salvo".[24] Essa doutrina é da máxima importância, pois transforma a essência da vida cristã, rrão numa mera crença acerca do Cristo, nem numa justificação de caráter jurídico apenas — ta). como os protestantes muitas vezes interpretam a Paulo — mas, isso sim, numa relação pessoal c vital, Como demonstrou P>ousset,[2;)] a designação de Jesus como "Senhor" originara-se nas igrejas gentíiicas da Síria, talvez cm Antioquia, e era expressão natural entre gente que, de longa data, se acostumara a aplicá-la aos objetos de sua máxima veneração. Era, portanto, ura vocábulo que bem exprimia a devoção desses cristãos pelo seu novo Mestre. Para Paulo, era o epítome da sua fé. Cristo é o "Senhor"; Paulo, o "servo",. Não menos necessária era a confiança na ressurreição, como prova concludente de que Cristo era Filho de Deus..[26]

A vida cristã é uma vida cheia do Espírito. Todas as graças, todos os dons e diretivas provêm dele. O homem que tem o Espírito <i nova criatura. Vivendo no Espírito, não mais vive a vida da "carne". Mas esse Espírito que transforma o homem e nele habita

14 Romanos 3.24-26
15 Gaiatas *2*,20.
16 Romanos 1.4.
17 1 Coríntios 15.12-19.
18 Romanos 6 411.
19 1 Coríntios 2 2
20 Atos 17 18.
21 Romanos 3. 24 .
22 Romanos 9 .10-24
23 Romanos 3 25-28.
24 Romanos 10 9
25 *Kyrios í ki istos;* Gòttingen, 1913
26 Romanos 14

provém do próprio Cristo, A relação entre Cristo e cada discípulo individualmente é de tal caráter, que a união com ele é condição necessária da vida cristã verdadeira Da mesma forma, não menos vital é a vinculação entre Cristo e a comunidade inteira dos fiéis, isto é, a Igreja, Paulo usa o vocábulo "igreja" em dois sentidos: para designar a congregação local! — Filipos, Corinto, Roma, "a igreja que está na sua casa" — e para indicar- o corpo inteiro dos fiéis, o verdadeiro Israel. Neste último sentido, a Igreja é o corpo de Cristo, do qual cada congregação local é parte.[27] É de Cristo que provêm todos os dirigentes e colaboradores do trabalho, todos os dons espirituais.[28] ;É ele a fonte da vida da Igreja, e esses dons são a prova do seu senhorio glorioso[29]

Paulo, como também os primeiros discípulos em geral, julgava, próxima a vinda de Cristo e o fim da presente ordem no mundo, embora suas idéias tenham sofrido alguma modificação, Nas suas primeiras cartas, é evidente que ele cria que tal acontecimento se daria durante a sua própria vida[30] Já no fim da vida, porém, percebeu que provavelmente morreria antes da vinda do Senhor,-[51] No que se refere à ressurreição, Paulo estava imbuído da máxima confiança Idéias hebraicas e gregas, porém, entravam em choque, O conceito hebraico de ressurreição era de uma nova vida da carne. O grego equacionava-se com a idéia da imortalidade da alma, A posição de Paulo não se mostra sempre clara, O texto de Romanos 8,11 lembra o pensamento hebraico, mas o grande trecho de I Corírrtios 15,35-54, o grego. Todos serão julgados[32] e mesmo entre os salvos haverá grandes diferenças[33] O fim de todas as coisas será u sujeição de tudo, mesmo de Cristo, a Deus Pai.[34]

27 Kfésios \ *.22, 23;* Colossensea 1 18.
28 Efésios 4.11; 1 Coríntios *12* 411
29 Efésios *4.7-10*
30 1 Tessaloniccnses 4 1318.
31 Filipcnscs 1 23, 24; 2 Timóteo 4 6 8..
32 2 Coríntios 5 10
33 1 Coríntios 3.1015.
34 1 Coríntios 15 20-28

O FIM DA *ERA* APOSTÓLICA

São-nos desconhecidos os fatos referentes à vida da -maioria dos apóstolos.. Pedro não poderia ter estado era Korrra ao tempo em que Paulo de lá escrevia suas epístolas, No entanto, as fortes indicações de -que dispomos nesse sentido Ievam-rros a concluir:, com grande probabilidade, que Pedro esteve em Roma, ao menos por algum tempo, c que sua estada terminou em martírio, crucificado durante a perseguição movida por Nero.[1] Por causa dessa estada e; especialmente, do seu martírio, o nome desse apóstolo viria a ser permanentemente associado à igreja romana De outra parte, o fato de João ter residido em Éfeso é muito menos certo.

A perseguição iniciada por Nero foi feroz e restringiu se aos limites da capital do império. Depois do grande incêndio de Eoma, em julho de 64, levantaram-se, provavelmente por instigação de Nero, acusações que envolviam injustamente os cristãos, Nero queria com isso desviar os rumores que o apontavam como culpado.. Inúmeros foram mortos cm meio a horríveis torturas nos jardins do Vaticano, onde o imperador transformou o martírio dos cristãos em espetáculo público,[2] Desde então, Nero passou a ser considerado o protótipo do anticristo pela tradição cristã. A igreja romana, porém, não só sobreviveu a essa provação, mas fortaleceu-se. A destruição de Jerusalém, ao término da rebelião judaica, em 70, foi um evento de importância mais permanente, pois quase pôs fim à já decrescente influência das congregações da Palestina sobre os aspectos mais vastos da vida da Igreja. Tal colapso, aliado ao rápido crescimento do número de conversos de origem pagã, logo fez com que a luta de Paulo em favor da liberdade, em relação à lei judaica, perdesse sua importância. Antioquia, Roma e, antes do fim do século, Éfeso tor-

1 1 Pedro 5 13; I Clemente, 5.6; João 21 18, 19; Inácio, *Romanos,* 4.3; Jrineu, *Contra as Heresias,* 3 11; Caio de Roma, em Eusébio, *História Eclesiástica* 2.25.5-7

2 Tácito, */hiais*. 15 44; Ayer, Joseph Cullen, *A Source Bool: for Ancient Church liistory,* p 6

n**aram**-se então os centros principais da expansão cristã. Os conversos provinham principalmente das classes sociais inferiores,[3] embora entre eles se encontrassem alguns das camadas mais altas, especialmente **mulheres.** Como exemplos temos Lídia de Filipos[4] e, em escalão **social** muito superior, provavelmente o cônsul Flávio Clemente e sua mulher, Flávia Dornitila, os quais, sob o governo de Domiciano, em 95? sofreram, o primeiro, morte, e a segunda, degredo, em Rum;) A Igreja em Roma deve a Dornitila unia de suas mais antigas catacumbas. Pouco se sabe dessa perseguição movida por Domiciano (81-96), exceto que deve ter sido de grande severidade tanto em Roma. como na Ásia Menor.[r)]

Apesar de um ou outro indício preservado, os quarenta anos entre 70 e 110 são até hoje um dos períodos mais obscuros da história da Igreja. Só temos a lamentar tal fato, pois essa foi uma época de rápidas mudanças na própria igreja. Quando, mais tarde, os característicos da Igreja voltam a ser claramente identificados, nota-se que pouquíssimos dos traços distintivos deixados por Paulo estão presentes. Muitos outros missionários além de Paulo, hoje desconhecidos, devem ter trabalhado. Além disso, a penetração de idéias provindas de fontes outras que não as cristãs, sem dúvida trazidas por conversos de antecedentes pagãos, modificaram as crenças e as práticas cristãs, especialmente no que tange aos sacramentos, aos jejuns e ao surgimento das fórmulas litúrgieas, Desaparecia a antiga convicção da direção imediata do Espírito, sem, contudo, extinguir-se por completo. Durante esse período, a constituição da Igreja sofreu profunda evolução, a que faremos referência mais adiante.

Exemplo desse tipo de cristianismo não paulino, embora isento de idéias de origem pagã, temo-lo na ejústola de Tiago, escrita no fim do século I ou começo do século II. Singularmente pobre em conteúdo teológico, restringe-se quase que totalmente a instruções de *caráter* ético. Na concepção do seu autor, o cristianismo é *um* conjunto de princípios certos devidamente praticados A fé não é, como no caso de Paulo, uma revelação nova, vital, pessoal, ftquaciona-se com a convicção intelectual, que deve ser suplementada por ações apropriadas. É uma lei moral nova e simples.[0]

ú desse período que provém a composição dos Evangelhos. Não há tema mais difícil na história da Igreja. Pareceria, contudo, que,

3 1 Coríntios 1.26-28.
4 Atos 16 14.
5 7 *Clemente,* 1; Apocalipse 2 10, 13; 7,13, 14
6 Tiago 1.25; 2 14-26

em época ainda anterior, impossível de fixar hoje em dia, circulava pela Igreja uma coleção de sentenças de Cristo. Provavelmente por volta de 75 a 80, e, segundo uma tradição antiga e fidedigna, ria cidade de Roma, o Evangelho segundo *Marcos* foi escrito. A maneira corno a narrativa foi arranjada não obedeceu a critério puramente histórico. A seleção do material foi condicionada indubitavelmente pela importância atribuída às doutrinas e aos usos eclesiásticos que esse material ilustrava. Valendo-se, em grande parte, da coleção de seutenças e de Marcos, vieram a ser escritos os Evangelhos segundo *Mateus* e segundo *Lucas,* provavelmente entre os anos 80 e 95, o primeiro, é provável, na Síria, e o segundo, em Roma ou Antioquía, segundo se pode com alguma razão acreditar. O Evangelho segundo *João* é claramente obra de um só indivíduo, e não seria inexato dizer que foi escrito em Éfeso, entre 95 e 110, Circulavam, além desses, outros evangelhos, dos (piais alguns fragmentos chegaram até nós Nenhum deles, porém, se compara em valor aos que a Igreja veio a considerar canônicos.. Ao que parece, no fim do século I, poucas eram as reminiscências de Jesus que não tinham sido incluídas nos ouatro Evangelhos. Isso pode ser atribuído à grande guerra judaica e ao declínio das congregações palestinenses. Aos Evangelhos a Igreja deve a herança preciosa do conhecimento da vida do seu Mestre e a possibilidade permanente de corrigir qualquer interpre tação unilateral que, por exemplo, como a grande mensagem de Paulo, de pouca atenção ao ministério terreiro de Jesus.

A INTERPRETAÇÃO DE JESUS

Que se eleve pensar do Cristo? Eis ai ama pergunta de importância fundamental que surgiu concomitante à proclamarão cristã, que reclama consideração por parte da Igreja de todas as épocas, A cristologia mais primitiva, como já notamos, era de caráter messiânico. Jesus era o Messias da esperança judaica, embora mim sentido espiritualmente muitíssimo mais elevado do que se cria então. Ele se fora, mas só por um pouco de tempo.[1] Estava agora exaltado e, no entanto, que se poderia pensar a respeito de sua vida terrena, tão despida daquilo que os homens eomurnente chamam de "glória[77]? Essa vida de humilhação, que findara com *uma* morte de escravo; nada mais era do que o cumprimento da profecia Deus tinha anunciado previamente as coisas que "o seu Cristo havia de padecer '[7] - 0 pensamento primitivo dos cristãos judaicos voltava-se para o servo sofredor de Isaías, que fora "traspassado pelas nossas transgressões[77] '[1] Cristo é o "servo[77] ou "filho" *(pais theou),* segundo os primeiros discursos de Pedro [4] A glorificação dera-se na ressurreição, Agora ele está "exaltado à destra de Deus",[5] Esse primitivo conceito do servo sofredor exaltado persistiu na Igreja, É o que se acha presente na epístola conhecida pelo nome de *1 Pedro* (3.18-22), apesar dos vários acréscimos de origem paulina. É também o que demonstra Clemente, que de Roma escreveu aos coríntios, em 93-97.° Nele não está implícita, necessariamente, a noção de preexistência, nem esela rece qual seja a relação entre Cristo e Deus. Na realidade, ainda não se defrontara com tal problema

Uma distinção tornou-se desde logo evidente, Os discípulos tinham conhecido o Cristo na sua vida sobre a terra. Agora e<>

1 Atos 3 21
2 Atos 3.18
o isaías 53.5
4 Atos 3 13 26; 4.27, 30.
5 Atos 2.32, 33; *4* 10. 12

(> / Clemente, 16

nheeiam-no mediante os seus dons, na sua exaltação.. Tinham-no conhecido segundo a carne; agora conheciam-no segundo o espírito,[7] isto é, como Jesus da história e como Cristo da fé Ao menos à primeira vista, esses dois aspectos não se coadunavam facilmente. O Jesus da história vivera num país específico, sob as condições humanas de espaço e tempo» O Cristo da fé é o Senhor de todos os seus servos, manifesta-se como Espírito em lugares os mais diversos ao mesmo tempo, sendo onipresente e onisciente. Paulo considerava que uma das características específicas do cristianismo estava no fato de os homens poderem invocá-lo em todo lugar,[8] e ele mesmo orava a Cristo..[9] Ao afirmar solenemente que seu apostolado não era de origem humana, Paulo coloca Deus e Cristo juntos como fonte do seu ministério[10] JÉ evidente que esses atributos e poderes do Cristo da fé são de caráter divino, e era inevitável que suscitassem (• problema, até então não levantado, da relação entre Cristo e o Pai, especialmente, se levarmos em consideração o fato de que, mais do que os outros discípulos, Paulo era homem dotado de grande capacidade intelectual e cultural

Pardo tinha um bom conhecimento da teologia hebraica, com o seu conceito de "sabedoria" divina presente em Deus, antes da fundação do inundo.[11] listava também familiarizado com o estoicismo, com sua doutrina da inteligência divina universal, onipresente, operante, isto é, o Logos, que em muito se assemelhava à sabedoria hebraica. Era-lhe também familiar a idéia do servo sofredor de Isaías Para Paulo, por conseguinte, a identificação do Cristo exaltado com a sabedoria divina, o Logos, era não somente fácil, mas também natural.. E a sabedoria, o Logos, era forçosamente preexistente e devia ter estado sempre com Deus. file é o "Espírito de Deus",[12] a "sabedoria de Deus".[13] "Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade",[14] Mais que isso, e semelhantemente à idéia estóica do Logos, ele é o agente divino na criação "Tudo foi criado por meio dele e para ele".[15] Embora nunca tenha chamado explicitamente Cristo de Deus,[16] Paulo ensinava a unidade de caráter existente entre Cristo e Deus. Cristo "não conheceu, pecado"[17] Ê

7 Romanos 13, 4
8 1 Coríntios 1.2.
9 2 Coríntios 12 8, 9.
10 Gálatas 11
11 Provérbios 8.22, 23
12 1 Coríntios 2.10, 11
13 1 Coríntios 1 24
14 Colossenscs 2 9
15 Colossenscs 1 16
16 A tradução de Romanos 9 5 que dá a entender o contrário não deve ser considerada paulina.
17 2 Coríntios 5 21

a plena manifestação do amor de Deus, que ó maior do que qualquer amor humano, e a fonte de que se origina a vida cristã em nós.[18] É óbvio, portanto, que, embora seguidamente o chame de homem, Paulo atribui ao Cristo posição absolutamente única, equacionando-o com Deus.

Se, para Paulo, o Cristo da fé é preexistente e pós-existente na glória, corno explicar o Jesus da história[1'] Ele foi o servo sofredor.[19] À sua humilde obediência seguiu se a grande recompensa, tal como também o afirma a concepção anterior exposta por- Pedro "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que . .- toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor". Paulo considera a vida terrena de Jesus inteira como uma vida de humilhação. Era de fato significativo.. " Deus estava cru Cristo, r econciliando consigo o mundo" [2,1] No entanto, foi só "pela ressurreição" que ele "foi poderosamente demonstrado Filho de Deus"-[1] Na cristologia de Paulo, portanto, combinam-se de maneira notável conceitos hebraicos e gentílicos, manifestando-se nela o servo sofredor e exaltado, a sabedoria divina preexistente, o agente divino na criação e o poder redentor que, por amor dos homens, desceu do céu, morreu e ressuscitou

Meia geração após a morte de Paulo, porém, aparece urna rnier pretação diversa, representando provavelmente uma linha independente de raciocínio. É a representada pelo Evangelho segundo São Marcos.. O escritor desconhece a idéia paulina da preexistência de Cristo.. Para ele, a partir do batismo, o Cristo se torna, por adoção, o Filho de Deus.[22] O esforço do evangelista se concentra em mostrar que, daí por diante, ele era o Filho de Deus, em tudo o que se passou na sua peregrinação terrena. Houve, é verdade, humilhação, mas houve também glória 1la sua vida terrena -- e disso Paulo não dá quaisquer indicações. Não lhe fora necessário esperar pela demonstração fornecida pela ressurreição. A voz do céu o pronunciara Filho no batismo. O homem com espírito imundo o saudara como "o Santo de Deus" (1.24), quando do seu primeiro sermão Os espíritos dos possessos clamavam : "Tu és o Filho de Deus" (3 11) Ele fora transfigurado diante de Pedro, Tiago e João, enquanto a voz do céu proclamava: "Este é o meu filho amado" (9.2-8).. A única explicação que o evangelista encontra jjara a circunstância

18 Romanos 8.39; 5.7, 8; Gaiatas 2.20.
19 Filipenses 2.6 11
20 2 Coríntios 5..19
21 Romanos 1 4.
22 Marcos 1 9-11

de não ter havido um reconhecimento universal desse fato durante a vida terrena de Cristo, é a declaração de que o próprio Jesus ordenara aos espíritos e aos discípulos que não o divulgassem (p.. ex., 1.34, 3.12, 5 .43, 9.9). A diferença entre esta e a interpretação de Paulo é evidente.

A idéia de Marcos era claramente insatisfatória para a sua própria época. Não incluía uma teoria efetiva da Encarnaç.ão A idéia de Jesus como Filho de Deus não tem raízes suficientemente profundas. Se é verdade que o fato de Jesus ser Filho de Deus se manifestou em certas circunstâncias, como se explica não ter ele sido manifesto em todo o correr da sua existência terrena? Tais problemas chamaram a atenção dos escritores dos dois outros evangelhos, *Mateus* c- *Lucas*.. Como Marcos, não evidenciam nenhum indício de influência da idéia paulina da preexistência Esses escritores não respiravam o mesmo ambiente *teológico* e filosófico de Paulo No *entanto, nos* seus relatos, a manifestação da filiação divina de Cristo remonta *ao* início da existência terrena. Segundo eles, Jesus teve um nasv cimento de caráter sobrenatural. Tal como Marcos, consideram que *ü* vida terrena não foi uma vida simplesmente de humilhação..

Mas para mentes imbuídas do pensamento de Paulo, mesmo essas interpretações não eram suficientes. Um quarto evangelho veio a aparecer, por volta de 95-110, provavelmente em Éfeso, e logo foi preferido, não só por causa da interpretação profundamente espiritual do sentido do Cristo, mas também porque combinava harmoniosamente os diversos elementos das eristologras até então existentes. No Evan gelho que leva o nome de João, a preexistência e a atividade criadora de Cristo merecem o mesmo lugar de destaque que tinham no pensamento de Paulo. Cristo é o Logos, o Verbo que "estava com Deus, **G** o Verbo era Deus". "Todas as coisas foram feitas por intermédio dêle" (1.1, 3). Ao contrário de *Mateus* e *Lucas*, nada se diz do nascimento virginal. Ressalta, no entanto, o ensino da Encarnação, real, embora inexplicável: "O Verbo se fez carne, c habitou entre nós" (1.14). Dá-se ênfase muito maior à tendência dos evangelhos mais antigos, no sentido de ver na vida terrena de Cristo não só humilhação mas glória. Nessa vida ele primordialmente "manifestou a sua glória" (2.11; cp. 1..14). A mulher de Samaria ele declara taxativamente que é o Messias (4 .26). Acusam-no de fazer-se "igual Deus" (5.18). Lembra-se da glória que tinha na sua preexistência (17.5).. Segue o curso de sua existência triunfai)temente cônseio de sua elevada missão divina. Da narrativa do episódio do jardim do

•Cefcsêraani, está ausente a oração patética para que dele passasse o •cálice.[23] Na história da crucifixão não existe o grito angustiado: "Deus meu, por que me desamparaste?"[24] Ao contrário, como que tendo acabado uma obra predeterminada, ele morre com as palavras: "Está consumado!"[25] Não há dúvida de que esse tipo de cristoiogia •era altamente satisfatório para o século II Propunha uma expli •cação, natural para a época, do senhorio que os cristãos em todos os lugares atribuíam ao Cristo, Preservava os elementos mais valiosos das eristologias mais antigas. Apesar das opiniões em contrário que viriam a surgir, contribuiu em muito para a formação da visão dou trinária que haveria de transformar-se em ortodoxia.

Apesar da cristoiogia joanirra, subsistiam resquícios de uma interpretação'mais simples, menos filosófica, Era o caso dos remanescentes obscuros de uma facção cristã de judaizantes extremados, conhecidos, 110 século II, como os ebionitas Para estes, Jesus era o filho de José e Maria, que tinha cumprido a lei judaica de maneira tão completa, que Deus o escolhera para ser o Messias, Tinha refinado e comple mentado a lei, e voltaria outra vez para fundar um reino messiânico para os judeus.. Sob a mesma descrição, embora de maneira muito diversa, poder-se-ia classificar Hermes de Roma (115-140), que procurou fundir a doutrina paulina do "Espírito preexistente e santo, que criou a criação inteira",[26] com a do servo sofredor e exaltado.. O "servo", retratado como escravo na vinha de Deus, é "a carne, na qual habitou o Espírito Santo . .. procedendo retamente em piedade e pureza, e de modo nenhum manchou o Espírito".[27] Como recompensa, Deus escolheu a "carne", isto é, Jesus, e elevou-a ao "consórcio com o Espírito Santo". Mas essa recompensa não lhe é peculiar. Ele nada mais é do que um precursor, "porque *receberá* recompensa toda carne que se encontrar sem mancha nem mácula e na qual habitou o Espírito Santo".[28] Em certo sentido, essa idéia <' claramente adocíonista. Não era fácil a inteligências pouco treinadas íílosoficamente combinar, de modo a formar um todo harmonioso, a figura do Jesus da história com a do Cristo da fé. Mesmo nas interpretações filosóficas, esse contraste teve muito que ver com o surgimento e a expansão do gnosticísmo, durante o século II,

Já anotamos a importância do Evangelho segundo João para o

23 18.1-11; cf. Marcos 14 32-42.
24 Marcos 15.34
25 João 19 30
26 *Aos Esmimeus,* 5,6
27 *Ibid*
28 Ibid

desenvolvimento da cristologia. No que tange à interpretação da idéia *de* salvação, essa importância não foi *menor* Nesse sentido, devem-se-llre associar as epístolas joaninas Essa literatura surgiu numa região — Éfeso •—• onde Paulo por muito tempo trabalhara. Os pontos de vista que apresenta são de índole paulina, embora desenvolvidos no sentido de um misticismo muito mais intenso, cuja ponto focai é a idéia da vida e da união com Cristo Estas noções são, também elas, paulinas, mas o tratamento que o autor lhes dá é muito diverso do de Paulo. O vocábulo central dos escritos joaninos é "vida". Quem conhece o Cristo da fé tem vida, UA vida Íterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem errviaste" [29] Para o escritor, o mundo pode ser dividido em duas classes muito simples de pessoas: "Aquele que tem o Filho tem a vida- aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida".[30] Vida não significa, para esse escritor, simples existência, É, antes, imortalidade abençoada e purificada. "Agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele".[31] Essa vida baseia-se na união com Cristo, e esta união é uma participação sacramentai real. Não se pode deixar de perceber[1] nisso a influência de idéias semelhantes às das religiões de mistério, Paulo atribuíra grande valor à Ceia do Senhor, que era para ele "comunhão" do corpo e sangue de Cristo, "memorial" do Cristo, mediante (, qual "anunciais a morte do Senhor, até que ele venha",[32] A literatura joanina vai mais além: "Se não eomerdcs a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos". [33] A Ceia do Senhor torna-se, aqui, um sacramento místico necessário à união com Cristo, que produz uma imortalidade bem-aventurada,

A literatura joanina coloca-se num plano espiritual altamente elevado. Convém reparar como esses problemas eram encarados por urn escritor contemporâneo pertencente à mesma escola, um cristão igualmente sincero, mas de elevação espiritual muito menor: Inácio de Antioquia, Condenado, por ser cristão, na sua própria cidade, nos últimos anos do reinado de Trajano (110-117), Inácio foi mandado como prisioneiro para Roma, para ser[1] lançado às feras.. Pouco

29 João 17.3; v também 3.16, 36; 6 47; 10 27, 28, etc
30 1 João 5.12; cf. João 3 36
31 1 João 3 2
32 1 Coríntios 10.16; 11 24, 26.
33 João 6 53.

se conlieee de sua história Escreveu, porem, várias cartas breves, seis detas às igrejas de Éfeso, Magnésía, Trates, Iíoma, Filadélfia e Esmirna, além de uma mensagem pessoal a PoÜcarpo, bispo de Esmirua. São documentos impregnados de gratidão pelas gentilezas a ele feitas durante sua viagem, de conselhos a respeito de perigos espirituais e de exortações à unidade De sua importância para a história das instituições cristãs falaremos mais adiante.. Inácio professava o mesmo tipo elevado de cristologia que se encontra nos documentos joarrinos O sacrifício de Cristo é "o sangue de Deus" :-u Saúda os cristãos romanos em "Jesus Cristo, nosso Deus" No entanto, não chega a identificar exatamente Cristo com o Pai Cristo - escreve ele — "em realidade é da estirpe de Davi segundo a carne, Pilho de Deus por vontade e poder de Deus",.[35] Tal como a literatura joarrina, Inácio asseverava que a, união com Cristo é necessária à vida : "Fora do qual não podemos ter a vida verdadeira".[3*'] E a vida, continua, nos é transmitida mediante a Ceia do Senhor, a qual é descrita nos seguintes termos: "Partindo o mesmo pau, o qual é medicamento de imortalidade, antídoto para não morrer, mas, antes, paia viver cm Jesus Cristo para sempre".[37] A idéia mais original de Inácio é a de que a Encarnação foi a manifestação de Deus paia revelar uma nova humanidade. Antes de Cristo, o mundo estava sob o poder do diabo e da morte. Cristo trouxe vida e imortalidade.^

Tanto nos escritos joarrinos quanto nos de Inácio, salvação é vida, uo sentido de transformação da mortalidade pecaminosa em imortalidade bem-aventurada. As raízes dessa idéia estão no ensino de Paulo. Através das escolas da Síria e da Ásia .Menor, foi esse o conceito de salvação que veio a predominar ira Igreja de língua grega. E era uma concepção que juro ha ênfase necessariamente na pessoa de Cristo e na Encarnação. O conceito latino, como veremos, resto mia-se na afirmativa de que a salvação consiste no estabelecimento de relações justas com Deus e no perdão de pecados - idéia essa cujos antecedentes se encontram também no pensamento paulino, Est a segunda tendência necessariamente dava ênfase maior à graça divina, à morte do Cristo e à reconciliação. Não se trata, bem se vê, d-' concepções antinômicas., No entanto, a tais diferenças de ênfase deve-se, em última análise, o contraste no desenvolvimento teológico posterior entre o Oriente e o Ocidente,

34 *Aos Efésios,* 1
35 *Aos Esmirneus,* 1
36 *Avs 1 rabanos,* 9.
37 *Aos Efésios,* 20.
38 *Aos Ejésios,* 19, 20

O CRISTIANISMO GENTÍLICO DO SÉCULO II

For volta do ano 100₇ o cristianismo estava fortemente representado na Ásia Menor, na Síria, na Macedônia, na Grécia, em Roma e, provavelmente, também 110 Egito (embora não dísporilramos de dados seguros com respeito à sua introdução neste último país) Espalhara-se muito pouco pela porção ocidental do império - - se o que até lá chegara. Mais do que qualquer outra região, a Ásia Menor era o lugar onde o cristianismo mais extensamente havia penetrado. Entre .111 e 113 aproximadamente, Plínio, governador da Bitínia, escrevia a Trajano que a religião de Cristo estava afetando o velho culto do templo.[1] Dotado de forte espírito missionário, espalhava-se constantemente, O cristianismo comum, porém, estava longe de representar - - ou mesmo compreender — a elevada teologia de Paulo ou da literatura joanina. Seu pensamento restringia-se a uma esfera muito mais limitada. Profundamente leal a Cristo, entendia-o primordialmente como o revelador divino do conhecimento do verdadeiro Deus e arauto de uma "nova lei" de moralidade simples, elevada e severa. Essa a atitude dos chamados "Pais Apostólicos", com exceção de Inácio, cujo pensamento já discutimos.

Ksses escritores cristãos receberam o cognome de "Pais Aposto licos" por ter-se acreditado durante muito tempo —• erroneamente, porém •— na sua qualidade de discípulos diretos dos apóstolos Entre eles contam-se: Clemente de Roma (93-97 aproximadamente), Inácio de Antioquia (110-117 aproximadamente), Poliearpo de Esmirna (110-117 aproximadamente), Hermes de Roma (100-140 aproxima damente), o autor que escreveu com o nome de Barnabé, possivelmente em Alexandria (131 aproximadamente), e o sermão anônimo chamado *Segunda Clemente* (160-170 aproximadamente) . A essa literatura deve ser acrescido o *Ensino dos Doze Apóstolos* (130-160 aproximadamente, retratando, porém, condições muito primitivas). A

1 Cartas, 10:96- V, A ver, *op ót,* p 20-

Epístola a Diogneto, anônima, não raro incluída entre os escritos dos Pais Apostólicos, é provavelmente posterior a esse período..

Os cristãos consideravam-se povo separado, nova raça, verdadeiro Israel, cuja cidadania não era mais a do Império Romano, embora continuassem a orar por sua prosperidade e pela do seu imperador, mas sim a da Jerusalém celestial,[2] Eles constituem a Igreja, "fundada antes que o sol e a lua", "por causa da qual foi fundado o mundo".[3] O conceito de Igreja não se equacionava primordialmente com a noção de um conjunto de cristãos na terra, mas com o de cidadania celestial que se estendia à terra, que compreende no seu âmbito as diversas comunidades cristas[4] A essa Igreja o discípulo é admitido mediante o batismo Ela está "edificada sobre as águas" [5] O batismo subentende crença prévia na verdade da mensagem cristã, disposição de viver a vida cristã, e arrependimento [6] Os ofícios eram celebrados no domingo e, provavelmente, também em outros dias' Eram de dois tipos, desde os tempos dos apóstolos: reuniões para leitura das Escrituras, pregação, hinos e orações;[8] e uma refeição comunitária à noite, associada â Ceia do Senhor Ao tempo em que Justino Mártir escreveu sua *Apologia,* em Roma (153), a refeição comunitária tinha desaparecido e a Ceia tinha sido unida à reunião de pregação, na forma de sacramento final [9] A Ceia era a ocasião em que se faziam ofertas para os necessitados [10] As primeiras fórmulas litúrgieas datam de antes do fim do século I [11]

A vida cristã era ascética e legalista. As quartas e sextas-feiras eram dias de jejum, chamados "estações", como se se tratasse de soldados de Cristo em guarda.[12] A Oração Dominical era repetida três vezes ao dia[13] "Mais vale o jejum que a oração, e a esmola, mais que ambos".[14] Desaconselhava-se novo casamento após a viuvez.[15] O mero arrependimento era insuficiente para a obtenção do perdão. Devia haver também satisfação pelo pecado.[16] O cristão pode fazer ainda mais do que o que Deus exige • as chamadas obras

2 / *Clemente,* 61; Hermes, *Similitudes,* 1
3 Hermes, *Visões,* 2 4; *II Clemente* 14
4 *Ensino das Dose Apóstolos. 9*
5 Hermes, *Visões,* 3:3
6 Justino, *Apologia,* 61. V Ayer, *op cit,* p 33.
7 jwstino, *op. cit,* 67 V. Ayer, *op cit ,* p 35.
8 Jnstino, *ibid V* também Plínio, *Cartas,* 10:96; Ayer, *op cit ,* pp 21 e 35.
9 65, 67. V. Ayer, *op cit,* p 33-35
10 Justino, *op cit,* 67
11 *I Clemente,* 5961 V. também *Ensino, 9,* 10; Ayer, *op cit,* p 38s
12 *Ensino,* 8; Hermes, *Similitudes,* 5:1 V. Ayer, *op. cit.,* p 38
13 *Rnsino,* 8 V Ayer, *op cit ,* p 38
14 *II Clemente,* 16
15 Hermes, *Mandatos,* 4:4.
16 Hermes, *Similitudes,* 7.

de supererrogação — e por isso receberá correspondente recompensa [17] Havia grande generosidade para com os pobres, as viúvas e os órfãos. Alguns cristãos iam ao extremo de vender-se a si mesmos a fim de conseguir meios de suprir aos necessitados.[18] Cria-se que os ricos eram recompensados e ajudados pelas orações dos pobres.[19] As congregações abastadas pagavam o resgate de prisioneiros e enviavam auxílio a locais distantes. Nesse sentido, nenhuma se destacou mais do que a de Roma De outra parte, embora os escravos fossem considerados irmãos cristãos, sua manumissão não era encorajada, para que não acontecesse que, desprovidos de meios de subsistência, descambassem para maus caminhos.[20] Há indícios de que os mais ricos, e os que ocupavam posições de relevo na sociedade, tinham dificuldade em observar na prática o ideal da irmandade[21]

Aos cristãos de antecedentes pagãos, era-Ilies dificultoso negar a existência dos antigos deuses Para ele^, tais deuses, embora **con**siderados demônios, hostis ao cristianismo, representavam uma realidade muito vivida[22] Os cristãos do século II explicavam a semelhança entre os seus ritos e os das religiões de mistério - dos quais tinham conhecimento — - dizendo que estes eram paródias feitas pelos demônios [23] Por isso, o medo da influência dos demônios era característico e levava ao uso freqüente dos exoreismos em nome de Cristo..[24] Para todos os homens — afirmavam -— haverá uma ressurreição da carne c um julgamento final.[25]

17 Hermes, *Similitudes,* 5:2, 3. V, Ayer, *op cit..,* p 48.
18 *I demente,* 55.
19 Hermes, *Similitudes, 2*
20 Inácio, *Carta a Policarpo,* 4..
21 Hermes, *Similitudes,* 9:20.
22 Justino, *Apologia,* 5.
23 Justino, *Apologia,* 5..
24 Justino, *Diálogo com o Judeu Irifo* 85.
25 *II Clemente, 9,* 16-

A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA CRISTÃ

Um dos problemas mais controvertidos e difíceis da, história eclesiástica é o que diz respeito à origem e à evolução da organização da Igreja Isso se deve ao número reduzido de provas de que dispomos É provável que o desenvolvimento da organização tenha sido diferente nas diversas localidades.. As congregações cristãs não tinham todas as instituições de forma idêntica Por volta da metade db século II, porém, notava se uma similaridade substancial.. Já fizemos referências à constituição das congregações cristãs judaicas[1] Neste capítulo trataremos das estabelecidas em solo gentílico.

As igrejas gentílicas mais primitivas não dispunham de oficiais 110 sentido estrito. Não há qualquer referência a esse respeito nas cartas de Paulo aos Gálatas, Coríntios e Romanos. Se tais cargos existissem 11a igreja de Corinto, não se justificaria o fato de Paulo não mencionar seus ocupantes nas cartas a ela endereçadas. O que mais se aproximaria a essa menção é a exortação a que os coríntios se sujeitassem a homens como Estéfanas e, mesmo assim, nada dá a entender que ele ocupava algum cargo.[2] A alusão feita em I Tessalonicenses 5.12 aos que "vos presidem 110 Senhor7' é, na melhor das hipóteses, muito obscura. As primeiras cartas de Paulo mostram que todos os ministérios na Igreja, fossem quais fossem, eram considerados dom direto do Espírito, que inspira a cada um para o serviço à congregação.[3] É justo concluir que tais portadores dos dons do Espírito poderiam ter sido diferentes pessoas em épocas diversas, e que muitos na Igreja poderiam igualmente tornar-se veículos da inspiração carismática. Paulo, porém, especifica três tipos de líderes como dons especiais do Espírito: apóstolos, profetas e mestres.[4] Ele considerava o seu próprio apostolado como carismático.[5] Se a função

1 V. p 44.
2 1 Co 16 15, 16.
3 1 Co 12,4-11, 28-30; 14.26-33.
4 1 Co 12 28.
5 G1 1 1, 11-16; 1 Co 14 18.

do apóstolo era principalmente fundar igrejas, a do profeta e a do mestre eram proclamar e interpretar a mensagem divinamente insjnrada, E impossível precisar a diferença exata entre profeta e mestre. Todos, porém, eram liomens dotados de carismas. O pior dos pecados era recusar-se a ouvir o que o Espirito dizia por intermédio deles. [6] No entanto, não há dúvida de que Paulo exerceu uma efetiva supervisão missionária sobre as igrejas por ele fundadas, e fazia uso de assistentes mais jovens no desempenho de tal tarefa.[7] Difícil se torna distinguir esse tipo de supervisão da que poderia, exercer qualquer outro fundador.

Era inevitável, contudo, que surgissem abusos da confiança nos dons carismáticos presentes nas primitivas congregações. O *Ensino dos Doze Apóstolos* demonstra que logo apareceram homens ambiciosos e fraudulentos, pretensamente dirigidos por Deus, que causavam danos às igrejas [8] Tornava-se necessário encontrar meios para estabelecer a diferença entre verdadeiros e falsos No *Ensino* e em Hermes,[9] o critério era o caráter.. Em I João 4.1-4, a ortodoxia no ensino. Os profetas continuaram a existir por muito tempo. Encontram-se em Roma, mesmo no tempo de Hermes (100-140), para não falar naqueles que a Igreja declarou heréticos, tais como Montano e seus seguidores, de data ainda posterior[1].. Era natural, portanto, que se introduzissem modificações nesse tipo tão incerto de direção. Quando de sua mensagem de despedida, Paulo chamou a Mileto os "anciãos" (*presòyteroi*) da igreja de Éfeso, exortando-os a que atendessem "por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos" *(episkopoi),* isto é, supervisores.[10] Tais homens eram, em certo sentido, carismáticos. Tinham sido feitos bispos por obra do Espírito Santo, Mas eram recipientes de um carisma que fazia deles um grupo definido, com deveres específicos na congregação Numa de suas últimas cartas, Paulo fala nos "bispos e diá conos" da igreja de Eilipos (1.1).. É evidente que estamos, neste caso, em presença de um estágio mais avançado do que o que transparece nas cartas aos coríntios, mesmo que se afirme que a frase da carta aos filipensey se refere exclusivamente ao desempenho de certas funções ("os que supervisionam e os que servem"). Os dons podem ser carismáticos, mas os recipientes começam a ser ocupantes

6 *Didaquê,* 11 V Ayer, *op. cit* , p 40.
7 F. ex.., Timóteo em 1 Co 4 17; 16 10
8 II V. Ayer, <?>, *cil.,* p 40.
9 *Mandatos,* 11.
10 At 20 17-29.

de um cargo oficial permanente. Não sabemos ao certo a razão por que tais cargos vieram a existir, mas não seria inexato afirmar que se prenda à necessidade da boa ordem e da adoração, e ao exemplo da sinagoga. Em certos lugares, é certo que a causa está na ausência de profetas e mestres que dirigissem a vida de adoração e liderassem a congr egação. No *IHdaquâ* lê-se a seguinte ordem : " Escolhei para vós, portanto, bispos e diáconos dignos do Senhor, homens mansos, indiferentes ao dinheiro, verazes e provados. Porque também eles administram o oficio dos profetas e doutores" (15) Em Filipos, em Éfeso e no *Didaquê,* a menção aos "bispos" é feita sempre no plural. Era também o que acontecia em Roma e Corinto, ao tempo em que Clemente de Roma escreveu (93-97).[11] Clemente também faz referência aos "presbíteros instituídos" contra os quais a igreja de Corinto se havia rebelado (54) e àqueles que, embora serrdo presbíteros, "ofereciam as oblações do episcopado" (44). Policarpo de Esmirna, escrevendo aos filipenses em 110-117, menciona somente os presbíteros e diáconos e seus respectivos deveres.. Hermes (100-140) parece dar a entender que no seu tempo ainda persistia em Roma o cargo na forma de colcgiado, São os "anciãos (presbíteros) que presidem à Igreja" [12] Menciona tão-somente os deveres de "diáconos" e "bispos".[13]

Segundo a interpretação dos antigos, de Jerônimo, por exemplo, os presbíteros e os bispos colegiados eram as mesmas pessoas, Os termos é que teriam sido usados indiferentemente ora para uns, ora para outros. Com isso "têm concordado ultimamente os estudiosos. Essa parece ser a conclusão mais provável A solução proposta por Edvtdn Hatch e desenvolvida por Harnack afirma, porém, que os presbíteros eram os membros mais velhos da congregação, dentre os quais eram escolhidos os bispos colegiados. Todo bispo seria presbrtero, mas nem todo presbítero seria bispo. A hipótese levanta dificuldades, especialmente, se lembrarmos que a palavra grega "presbítero" tal como a portuguesa "ancião" — é usada, na literatura cristã antiga, tanto como sinônimo de idoso quanto como termo técnico. É sempre difícil distinguir um sentido do outro num texto específico. O fato evidente, porém, é que, até depois do ano 100, as congregações de Roma, Grécia e Macedônia tiniram à sua frente um grupo de bispos (ou presbíteros-bispos) colegiados, com um certo numero de diáconos como assistentes. Os ocupantes de tais cargos

11 *I Clemente, 42,* 44
12 *Visões,* 2:4..
13 *Similitude s,* 9:26, 27

eram escolhidos pela igreja/[4] ou, ao menos, "com o beneplácito de toda a Igreja",.[15]

Datando da mesma época em que foram escritos os últimos documentos recém-rnencionados, existem outros que apontam para a existência de um tríplice ministério, composto de um bispo único e monárquico, de presbíteros e de diáconos, em cada congregação da legião. É isso o que deixam entrever *! Timóteo* e *Tilo,* embora o tratamento do tema seja um tanto obscuro Seja qual for o número de elementos paulinos presentes nessas discutidíssimas cartas, os trechos que tratam do governo da Igreja indicam um estágio consideravelmente mais adiantado do que se encontra no resto da literatura paul iria. Tais trechos dificilmente poderiam datar da época de Paulo, li] interessante notar que as regiões a que se *destinaram* tais cartas eram a Ásia Menor e a adjacente Ilha de Creta. A Ásia Menor é um dos territórios em que, pela primeira vez, aparecem evidencias, provenientes de outras fontes, da existência de um eprscopado monárquico,

O que é r elativamente obscuro nessas epístolas- é claro e cristalino nas cartas de Inácio (110-117) Como bispo monárquico de Antioquia,[16] Inácio exalta de todas as maneiras a figura do bispo monárquico local nas igrejas de Kfeso, Magnésia, Trales, Filadélfia e Esrrrir na. Menciona o nome do bispo de quatro delas. Só não fala em bispo ao escrever aos romanos, provavelmente pela simples razão de não haver ainda bispvo monárquico em Roma. Para Inácio, o grande valor- do bispo monárquico está em ser ele um centro de unidade e o melhor opositor da heresia. "Fugi das divisões, que são princípio de todos os males Segui todos ao bispo, como Jesus Cristo seguiu ao Pai; e ao presbitério. como aos apóstolos. Respeitai os diáconos".[17] O cpiscopado monárquico ainda não é diocesano. É a chefia da igreja local ou, no máximo, das congregações de uma mesma cidade. Mas Inácio não se refere a ele como se fosse uma instituição nova. Aceita-o como estabelecido, embora nem sempre, é evidente, contasse com a obediência almejada pelo missivista[18] Parece claro, porém, que o eprseopado monárquico veio a existir na época que medeia

14 *Didaquê,* 15 V Ayer, *op cit.,* p 41
15 *I Clemente,* 44.. V. Ayer, *op. cit ,* p 37
16 Aos Romanos, 2.
17 Aos Esmirneus, 8.
18 V *Aos Filadelfos,* 7, em que Inácio declara que é por inspiração carismática e não por ter conhecimento de divisões — que declara: "Nada façais sem o bispo".

entre o chamado de Paulo aos presbíteros-bispos para que viessem a Mileto,[19] e a data em que Inácio escreveu suas cartas

Como surgiu o episcopado monárquico é problema ainda i>or re**solver.** Entr e as razões sugeridas pelos estudiosos modernos contam-se a direção do culto e a supervisão financeira da congregação no trabalho de assistência aos pobres e outras obrigações da caridade, Ambas são viáveis, mas a primeira nos parece mais provável,. Devemos ainda aduzir a importância que o *Didaquê* atribui ao profeta que se radicava numa congregação, o qual era sustentado pelo dízimo oferecido pelos fiéis [20] Seja como for, a direção exercida por uma comissão de iguais era impraticável por muito tempo, e indubitavelmente as pequenas congregações não dispunham de meios para sustentar mais que um dirigente de tempo integral. Com o tempo, **c** muito naturalmente, este se tornava o líder- inconteste da igreja.

Kesta urna última observação de grande importância Clemente de Koma (93-97), escrevendo numa época em que ainda não havia bispo monárquico nessa cidade, atribui a existência de oficiais da Igreja à sucessão apostólica [21] Ao que parece, baseia-se numa compreensão errônea da declaração de Paulo em I Coríntios .16.15, 16 Embora essa circunstância solape a exatidão histórica de sua idéia, não chega a afetar a firmeza de sua convicção. De outro lado, embora insista, em termos muito fortes, no valor do episcopado monárquico como elo de unidade, Inácio nada diz a respeito de uma sucessão ay)0stólica. A dignidade e o poder do episcopado foram imensamente realçados quando, antes da metade do século II, ocorreu a união entre os dois princípios: o bispo monárquico em sucessão apostólica.. Por volta de 160, o episcopado monárquico tinha-se tornado quase universal. Nas lutas gnóstica e montanista a instituição iria adquirir ainda mais força. É de duvidar-se se algo menos rígido poderia Ler tido o corrdão de conduzir a Igreja sã e salva durante as crises do século II..

19 At 20 17-25
20 *Didaquê, 13.*
21 / *Clemente, 42,* 44, V Ayer, *op cit.,* p 36, 37

10

RELAÇÕES ENTRE O CRISTIANISMO E O IMPÉRIO ROMANO

No começo, o cristianismo era considerado pelos romanos um ramo do judaísmo, o qual contava com proteção legal.[1] A hostilidade dos próprios judeus, no entanto, veio a chamar a atenção para as distinções entre eles existentes. Ao tempo da perseguição de Nero em Roma (64), elas já eram flagrantes. Nessa ocasião, o crime imputado às vítimas romanas não era o de serem cristãos, mas sim incendiários, A impopularidade que tinham entre a multidão tornavam-nos objeto de suspeição. Na época em (pie foi escrita I Pedro (aproximadamente 90), o mero fato de declarar-se cristão tornara-se motivo para punição (4.16). Não é possível precisar quando "o nome" passou a tornar-se imputação suficiente para processo criminal, A resposta enviada por Trajano a Plínio, governador da Bitírria (111-113), pressupõe que ser cristão já era considerado crime. Partindo de tal premissa, o imperador ordena seja observado o que, do seu i>ont,o de vista, se considerava procedimento tolerante. Os cristãos não deveriam ser caçados e os que se dispusessem a abjurar da fé, oferecendo sacrifícios, deviam ser absolvidos Só nos casos de persistência é que deviam ser punidos,[2] Do ponto de vista da fiel profissão de fé cristã, essa era uma prova que só podia ser enfrentada com o martírio. Os sucessores imediatos de Trajano — Adriano (117-138) e Antonino Pio (138-161) — mantiveram a mesma política geral, embora não favorecessem os motins feitos com o intuito de acusar os cristãos. Marco Aurélio (161-180) deu força redôbrada à lei contra religiões estranhas (176) e iniciou irrr período de intensas perseguições, que se estenderam ao começo do reinado de Cômodo (180-192), Este, porém, tratou o cristianismo em geral com a tolerância que provém da indiferença. Considerada sempre ilegal, e com severas penalidades a ameaçar-lhe a existência, a profissão de

1 At 18,14-16.
2 Plínio, *Cartas,* 10:97. V. Ayer, *op. cit.,* p 22

fé cristã acarretava perigo constante aos seus seguidores, No entanto, o número concreto de mártires durante esse período parece ter sido relativamente pequeno, comparado com o dos séculos III e IV. Nenhuma perseguição de caráter geral foi movida antes de 250.

As acusações levantadas contra os cristãos eram as de ateísmo e anarquia.[3] O fato de rejeitarem os antigos deuses parecia ateísmo; o de recusarem-se a participar no culto do imperador assemelhava-se a traição.[4] A credulidade popular, facilitada pelo fato de os cristãos se manterem afastados da sociedade civil comum, atribuía-llies crimes tão revoltantes quanto absurdos. A acusação freqüente de canibalismo contra eles levantada deve-se a uma falta de compreensão da doutrina cristã da presença de Cristo na santa ceia, e a de licen-eiosidade, ao fato de esse ofício ser celebrado secretamente, à noite.^ Muitas das perseguições movidas pelo governo contra o cristianismo eram incitadas por levantes populares contra os cristãos Foi o que aconteceu em Esmirna, quando Policarpo sofreu o martírio, em 150. A feroz perseguição em Lião e Vierrrie, em 177, foi ocasionada por nm boicote baseado em acusações de imoralidade[G] Não é de estranhar, portanto, que a maioria dos processos criminais contra os cristãos, nesse período, pareçam ter sido movidos pelo poder geral de polícia que os magistrados tinham, a fim de reprimir desordens, mais do que segundo procedimento judicial formal diante de uma acusação específica do crime de ser cristão.. Encontram-se, porém, ambos os casos. A melhor resposta que os cristãos davam a todas essas acusações consubstanciava-se na constância heróica de sua lealdade a Cristo, e no alto grau de comportamento moral, comparado com o que prevalecia na sociedade em que viviam.

3 Justino, *Apologia,* 5, 6; 11, 12.
4 *Mattírio de, Policarpo*7 3, 8-10.
5 Justino, *Diálogo com Trifo,* 10.
6 Eusébio, *História Eclesiástica,* 5:1

OS APOLOGISTAS

As acusações contra os cristãos e a atitude hostil do governo romano deram ocasião a que surgisse uma série de defensores literários do cristianismo, conhecidos pelo nome de apologistas. Seu aparecimento demonstra que a Igreja estava conquistando alguns dentre os elementos mais intelectuais da sociedade.. O apelo desses escritores dirige-se claramente à inteligência. O primeiro deles foi Quadratus, provavelmente de Atenas, o qual, por volta de 125, apresentou ao Imperador Adriano uma defesa do cristianismo, de que lemos hoje apenas alguns fragmentos. Mais ou menos em 140, Aristides, filósofo cristão ateniense, escreveu um documento semelhante, endereçado a Antonino Pio. A mais famosa dessas defesas foi escrita por Justino, provavelmente em Roma, aproximadamente em 153. Ao mesmo grupo pertenciam seu discípulo Taciano, que combinou os quatro evangelhos no seu famoso *Dialessaron*. Melito, bispo de Bardes, que escreveu entre 16.9 e 180, e Atenágoras, sobre quem pouco se conhece, mas cuja deíesa, escrita por volta de 177, temos ainda hoje. A esses documentos acrescente-se a *Carta a T)iogneto*, incluída não raro entre os escritos dos Pais Apostólicos.

Não há indícios de que os apologistas tenham influenciado grandemente a opinião paga da época, nem de que seus apelos tenham sido considerados com seriedade pelos governantes, a quem desejavam persuadir. No entanto, sua. obra era tida, com justiça, em alta conta nos círculos cristãos e, indubitavelmente, reforçou a convicção que os cristãos tinham com respeito à nobreza da causa que defendiam, tão tenazmente. Vários dos apologistas saíram dentre os filósofos, e sua interpretação filosófica em muito favoreceu o desenvolvimento da teologia.

O mais importante, c o que pode ser apontado corno típico do movimento, foi Justino, chamado "o Mártir", devido ao testemunho

heróico que o levou á morte em Roma, sob o prefeito Rusticus, aproximadamente em 165, Nascido em Siquém, na antiga Samaria, de família pagã, viveu, ao menos por algum tempo, em Éfeso.. Ê provável que as imediações dessa cidade tenham sido o palco de sua conversão, vrvidamente narrada em sua obra [1] Estudioso diligente da filosofia, aceitou sucessivamente o estoicismo, o aristotelismo, o pitagorismo e o platonismo. Durante sua fase platônica, teve a atenção atraída pelos profetas hebreus, "homens mais antigos que todos os que são considerados filósofos". fi neles que se encontra a explicação mais antiga e verdadeira "do começo e do fim das coisas, e dos assuntos que os filósofos deviam conhecer", porque eles eram "cheios do Espírito Santo". "Eles glorifiearam o Criador, o Deus e Pai de todas as coisas, e proclamaram a seu Pilho, o Cristo" Convencido então da verdade da mensagem profética antiga, diz Justino: "Acendeu-se imediatamente em minha alma uma flama e um amor pelos profetas e pelos que são amigos de Cristo - . Descobri que só essa filosofia é segura e proveitosa". Está patente nessas frases o caráter da experiência religiosa de Justino. Não se tratava de uma união mística e profunda, com o Senhor ressurreto, como no caso de Paulo, neru do sentimento de perdão de pecados, Tratava-se, sim, da convicção de que o cristianismo era a mais antiga, a mais verdadeira, a mais divina das filosofias.. Justino continuou a considerar-se filósofo.. Transferiu residência para Roma c lá escreveu, por volta de 153, sua *Apologia*, dirigida ao Imperador Antonirro Pio e a seus filhos adotivos, defendendo o cristianismo contra a perseguição governamental e as críticas pagãs. Pouco depois, talvez em visita a Éfeso, redigiu seu *Diálogo com Trifo,* uma apologia do cristianismo contra as objeçÕes judaicas.. Foi martirizado durante seu segundo período de residência em Korna,

A *Apologia* de Justino (mnítas vezes dividida enr duas, embora a segunda não passe de um apêndice) é uma defesa viril, digna e efetiva. Se é que devam ser condenados, os cristãos têm de ser punidos por crimes que sejam efetivamente provados, c não simplesmente por causa do nome que levam, sem que seja investigado seu verdadeiro caráter. São ateus só na medida em que consideram os deuses populares como demônios indignos de adoração, e não no que se refere ao Deus verdadeiro. São anarquistas só para os que não compreendem a natureza do reino que buscam.. Justino apresenta

1 Diálogo com Trifo, 2-8.,

então argumentos em favor do cristianismo, especialmente tomando como ponto de partida o cumprimento da profecia vétero-testarneníária, e explica, em breves parágrafos, os sacramentos e o culto cristãos..

A convicção central de Justino é a de que o cristianismo é a mais verdadeira das filosofias, pois é ensinada pelos profetas do Antigo Testamento e pelo Logos divino, "nosso Mestre ... o qual ó não só Filho, mas também Apóstolo de Deus Pai".[2] Â maneira estóica, conceitua o Logos como aquele que age sempre e em toda parte, ensinando os gregos •— dentre os quais cita Sócrates e Heraclito, e os "bárbaros" — tais como Abraão, de modo que tanto esses como todos os que, em qualquer época, obedeceram à mesma direção, eram efetivamente cristãos.'[1] O grande progresso do seu sistema, em relação ao estóico, está na convicção de que esse Logos divino que tudo ilumina encarnou definitivamente em Cristo, do modo que em Cristo está a revelação plena daquilo que se percebe, com menos clareza, em outras partes. Em Justino, o conteúdo da mensagem cristã é conceituado em termos muito semelhantes aos dos melhores filósofos pagãos contemporâneos: conhecimento de Deus, moralidade, esperança da imortalidade, recompensas e punições futuras.. Típico do cristianismo não-paulino, encara o Evangelho como .•..uma nova lei, ensinando uma vida moral um tanto ascética. A ênfase maior de Justino repousa no Logos divino, subordinado a Deus Pai, mas Filho de Deus, seu agente, e unido a ele num sentido verdadeiro, embora um tanto indefinido Tal ênfase, na realidade, se dá a expensas do Jesus histórico, pois, embora se identifiquem, a vida terrena de Jesus só é realçada na medida em que representa o grande exemplo histórico da encarnação do Logos e, portanto, a ocasião em que se revelou mais plenamente a divina filosofia. Ê verdade que menciona o fato de Cristo "purificar os que nele crêem, mediante o seu sangue".[4] Trata-se, porém, de pensamentos secundários. Por isso, a teologia de Justino — embora tenha ele sido um fiel mártir — pouco apresenta do conteúdo profundamente religioso tão evidente em Paulo, na literatura joanina e, mesmo, em Inácio. No entanto, representa a união consciente do pensamento cristão com a filosofia gentílica. por conseguinte, o marco inicial de uma teologia "científica". Além disso, forçoso é reconhecer que o objetivo de Justino

2 *Apologia,* 12.
3 *Idem,* 46. V. Ayer, *op.. cit,,* p 72
4 *Idem,* 32.

e dos outros apologistas era escrever uma súmula do cristianismo, reivindicando para ele tratamento tão tolerante quanto o que se dava u outras filosofias religiosas. Disso decorre a circunstância de se **esforçarem** por mostrar as semelhanças entre o cristianismo e o que de melhor houvesse no pensamento pagão. Não se deve com isso supor que sua obra apologética representa, necessariamente, o conteúdo total da fé por eles professada.

i *M*
! ́ı !

! ŕ

m

PERÍODO SEGUNDO

Da Crise Gnóstica a Constantino

O GNOSTI CISMO

Os escritores mais tardios do Novo Testamento e, pelo menos, um dos Pais Apostólicos, combatem com grande decisão concepções a respeito do Cristo que evidentemente se haviam espalhado, especialmente na Ásia Menor, nos primeiros anos do século II. Tais concepções negavam a humanidade e a morte efetivas de Jesus, afirmando que ele não viera "na carne", mas sim, no aspecto de um fantasma, aparência docética.[1] Essas opiniões têm sido consideradas os pródromos do gnosti cismo. fy verdade que o conceito docético do Cristo era um dos característicos de grande parte do ensino gnóstico, Mais provável, porém, é que essas opiniões primitivas provinham mais da tentativa de explicar a aparente contradição entre o Jesus da história e o Cristo da fé, do que de especulações puramente gnósticas. Tão grande era o contraste entre a vida terrena de humilhação e a preexistência e pós-existência em glória, que a solução mais simples para o problema cristológico poderia ter sido a negação total da realidade da vida terrena do Cristo. Cristo -— argumentavam — na realidade apareceu, e ensinou os seus discípulos. Mas, durante esse tempo, era um ser celestial, c não de carne e sangue.

O gnostieismo propriamente dito era algo de alcance muito maior,. Chegou ao ápice de sua influência entre 135 e 160, aproximadamente, embora continuasse a existir muito depois dessa data. Chegou a representar séria ameaça à subsistência da fé cristã histórica e, por isso, suscitou a crise mais grave por que passou a Igreja cristã desde os dias da luta paulina por liberdade em relação à lei. Sua expansão e conseqüente perigo foram possibilitados pelo estado da Igreja nos seus primórdios, relativamente desorganizada e doutrinariamente indefinida. A Igreja conseguiu vencer o perigo c, ao fazê-lo, organizou-se de maneira mais firme e aprimorou ura credo mais claramente defi-

1 1 Jo 1 13; 2 22; 4 2, 3; Inácio, *Aos Tralianos,* 9-11; *Aos Esmitneus,* 1-26.

nido -- contrastando corn a situação mais espontânea e carismática do cristianismo primitivo,

O gnosticismo[2] afirmava basear-se no "conhecimento" (*gnásis),* mas não no sentido em que usualmente entendemos essa palavra, O seu tipo de conhecimento era sempre uma sabedoria mística, sobrenatural, mediante a qual os iniciados eram levados a um verdadeiro entendimento do universo e salvos deste mundo mau da matéria. Na sua base estava uma doutrina da salvação. Nesse scutido, assemeIbava-se âs religiões de mistério Sua característica mais proeminente, porém, era o sincretismo Apropriava-se de muitos elementos provim]os de fontes as mais variadas e assumia formas diversas Impossível se torna, por isso, falar de um único tipo de gnosticismo, No geral, era místico, mágico ou filosófico, segundo os elementos predominantes no seu sincretismo. De origens pré-cristas, já exist ia antes de o cristianismo se manifestar, Havia os tipos judaico e pagão. Está presente na literatura hermética do Egito Continha elementos provenientes da astrologia das antigas concepções religiosas babilônicas Apregoava uma visão dualista do universo, de origem persa, e uma doutrina de emanações de Deus no "plerorna", ou esfera do espírito, provavelmente de raiz egípcia. O conceito provavelmente mais fundamentai — o caráter totalmente mau do mundo dos fenômenos — vinha da combinação da teoria platônica do contraste entre o mundo espiritual e real das "idéias", e o mundo visível dos fenômenos, interpretada nos termos do dualismo persa. O primeiro seria bom, e a ele o homem' devia esforçar-se por retornar. O segundo, totalmente mau, verdadeira prisão para o homem. O mundo da rua téria é mau. Seu criador e governador', por conseguinte, não é o Deus sublime e bom, mas sim um ser inferior e imperfeito: o demiurgo,, Para salvar-se, o homem tem de ser libertado da prisão do mundo visível e seus X'oderes, os poderes planetários O instrumento de libertação é o "conhecimento" *(fjnâsis),* uma iluminação espiritual mística dos iniciados, que os põe em comunhão corri o mundo real das realidades espirituais.

Já de si fortemente sinerético, o gnosticismo encontrou no cristianismo muitos elementos de que podia lançar mão, A figura de Cristo, em especial, servia de centro definido e concreto para sua teoria de um conhecimento superior e salvador, Era ele o revelador do Deus supremo e perfeito, até então desconhecido dos homens.,

2 Ayer, *op cit* , p 76 102, inclui seleções muito úteis referentes ao gnosticismo A publicação das descobertas de Chenoboskion virá trazer muitas informações novas a respeito desse movimento

Mediante essa iluminação, todos os homens "espirituais", capazes de recebê-la, seriam levados outra vez para o âmbito do Deus bom.. Considerando que o mundo material é mau, o Cristo não poderia ter tido uma encarnação real, e os gnósticos explicavam seu aparecimento como sendo de natureza docética ou de fantasma, ou como uma habitação temporária do homem Jesus, ou como um nascimento aparente de uma virgem, sem participação na natureza material.. O Deus do Antigo Testamento, criador do mundo visível, não pode ser o Deus supremo revelado por Cristo, mas sim um demiurgo inferior. Os gnósticos explicavam o fato de nem todos os cristãos possuírem o "conhecimento" salvador, dizendo que este era um ensino secreto transmitido pelos apóstolos aos seus discípulos mais íntimos, uma exposição de "sabedoria entre os perfeitos" É verdade que, embora Paulo estivesse muito longe de ser um gnóstico, muita coisa há no seu ensino de que se serviam os gnósticos. O contraste violento entre carne e espírito,[4] o conceito de Cristo como vitorioso sobre "principados e potestades"[5] que são os "dominadores deste mundo tenebroso", e a idéia do Cristo como Homem do Céu,[0] todas essas são Idéias paulinas de que os gnósticos podiam servir-se. Para eles, Paulo fora sempre o apóstolo principal.

O gnosticismo dividia-se em muitas seitas e apresentava-se em grande variedade de formas. Km todas elas o Deus supremo e bom ó o chefe do mundo espiritual de luz, chamado em geral de "pleroma", Fragmentos desse mundo foram aprisionados neste mundo visível de trevas e mal. Nos últimos estágios do gnosticismo, esse elemento decaído do pleroma é representado como o mais inferior de uma série de "eons" ou seres espirituais, emanações do Deus superior. Foi para resgatar essa porção decaída, os resquícios de luz presentes no mundo visível e mau, que Cristo veio trazer o verdadeiro "conhecimento". Pelo seu ensino, os que estão capacitados para recebê-lo são restaurados ao pleroma. São poucos os que se encontram em tal situação. Em geral, as seitas gnósticas dividiam os homens em grupos: os "espirituais", capazes de salvação, de um lado, e os "materiais", que não podiam receber a mensagem. Posteriormente, o gnosticismo, notadamente a escola de Valentino, falava numa tríplice divisão: os "espirituais", os únicos capazes de atingir

3 1 Co 2.6.
4 Rm 8.22-25; 1 Co 15 50..
5 Cl 2.15; Ef 6 12
6 1 Co 15.47

o "conhecimento"; os "psíquicos", capazes' de fé e de um certo grau de salvação, e os "materiais", totalmente sem esperança.

A tradição cristã atribuía a Simão, o Mágico,[7] a fundação do gnosticismo cristão: de concreto, pouco se conhece a respeito de suas relações com este. Podemos citar como líderes mais provadamente definidos a Satornilo de Antioquia, que viveu antes de 150; Basrlides, que ensinou em Alexandria por volta de 130, e, com destaque especial, Valentino, que trabalhou em Roma entre 1.35 e 105, aproximadamerrte, e deve ser considerado um dos pensadores mais brilhantes da época,

O grrostieismo representava um enorme perigo para a Igreja Solapava os fundamentos históricos do cristianismo. O seu deus não é o Deus do Antigo Testamento, o qual era por' eles considerado obra de um ser inferior e até mesmo perverso O seu Cristo não tivera encarnação, morte ou ressurreição reais. Sua salvação restringia-se aos poucos capazes de iluminação espiritual. O perigo era ainda aumentado pela circunstância de o gnosticismo ser representado por alguns dos cérebros mais brilhantes da Igreja do século II Vivia-se uma era de sincretismos, e, em certo sentido, o gnosticismo não passava de fruto último e amadurecido do amálgama entre a perquirição filosófica helênica e oriental com primitivas crenças cristãs, amálgama esse que, nessa época, ainda estava em processo de maior ou menor desenvolvimento em todo o pensamento cristão.

7 At 8 .9-24; liineti, *Contra as Heresias,* 1:23. V Ayer, *op cit,* p 79,

2

MARCIÃO

Como o primeiro dos reformadores da Igreja,[1] Marcião merece atenção especial. Abastado armador nascido em Sinope, na Ásia Menor, transferiu-se para Roma por volta de 139, filiou-se à congregação romana, destinando às suas obras de benemerência uma quantia equivalente a 20 mil cruzeiros novos, aproximadamente. Angustiado pelo problema do mal e do sofrimento, veio a adotar a idéia de um dualismo radical que contrastava o deus deste mundo com o Deus de misericórdia revelado em Jesus. Sob a influência de Cerdo, gnóstieo de Roma, parece ter modificado sua posição, passando a considerar o deus-eriador do Antigo Testamento não mais totalmente mau, mas fraco. Marcião atacava toda forma de legalismo e judaísmo, afirmando que Paulo era o único apóstolo que tinha realmente entendido o Evangelho, Todos os outros tinham caído nos erros do judaísmo. O Deus do Antigo Testamento é um Deus justo, no sentido do "olho por olho, dente por dente". Esse Deus criou o mundo e deu a lei judaica. Cristo, manifestação do cética, revelou o Deus born e misericordioso até então desconhecido. O Deus do Antigo Testamento se opusera a ele, mas em Cristo destruíra-se a autoridade da lei judaica e o " Deus justo" tornou-se injusto por causa de sua hostilidade injustificada àquele que revelara o "Deus bom". Por conseguinte, o Antigo Testamento e seu Deus têm de ser rejeitados pelos cristãos Cristo proclamou um evangelho de amor e misericórdia, e o único conhecimento verdadeiro de Deus é o que provém de Cristo. O concerto de vida cristã esposado por Marcião segura as ilações extraídas de seu pensamento gnóstieo. Sendo mau o mundo material, é necessário adotar a vida ascética. Comer carnes e a prática de atos sexuais são coisas que só agradam ao desígnio do deus-eriador.

Os esforços de Marcião no sentido de fazer com que a Igreja romana voltasse ao que ele considerava o Evangelho de Cristo e de

1 Ver seleções em Ayer, *op. cit* , pp 102105

Paulo resultaram na sua própria excomunhão, por volta de 144. Com seus seguidores, fundou então uma igreja separada. Compilaram um cânon de livros sagrados, composto de dez epístolas de Paulo (omitindo as pastorais) c do Evangelho segundo Turcas. Eliminou desses livros todas as passagens que subentendessem que Cristo considerava o Deus do Antigo Testamento seu Pai, ou de alguma maneira relacionado com ele. Tanto quanto se sabe, foi esta a primeira tentativa de formar uma coleção autorizada de escritos do Novo Testamento.,

Dentre todos os movimentos vinculados ao gnosticismo, o de Marcião foi provavelmente o mais perigoso. Separava o cristianismo de suas raízes históricas de modo tão radical, quanto o fizeram as teorias gnósticas inais abstratas. Negava a encarnaçao real e condenava o Antigo Testamento e seu Deus Tudo isso parecia tanto mais plausível quanto era feito era nome de um protesto contra o crescente legalismo. Havia muitas justificativas para protesto de tal sorte. As igrejas de Marcião espalharam-se muito, notadamente no Oriente, c existiram até o século V. Nada sabemos do que sucedeu com a pessoa do próprio Marcião..

O MONTANISMO

Ao contrário do gnosticismo, o montanisrno foi nm movimento de origem claramente cristã Na maioria das igrejas do século II, a primitiva esperança na próxima volta do Cristo desaparecia A consciência da inspiração constante do Espirito, característica da Igreja apostólica, praticamente extinguira-se. Com o declínio do sentido da ação constante e imediata do Espírito, ia crescendo a ênfase na sua importância como agente da revelação. Fora o Espírito quem inspirara a profecia do Antigo Testamento[1] Fora ele quem guiara os escritores do Novo Testamento[2] Para o pensamento cristão do começo do século II, havia uma diferenciação entre o Espírito Santo e Cristo, mas eram ambos considerados Deus. Isso é evidente na fórmula batismal trinitária,[3] que, a essa época, já estava substituindo as outras fórmulas mais antigas, em nome de Cristo.[4] Ao fim do século I e começo do século II, as fórmulas trinitárias já eram de uso freqüente,[5] O Evangelho segundo João afirmava que Cristo prometera que o Espírito Santo viria aos discípulos: "Quando \fier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito de verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim" (15.26). O século II estava convicto, portanto, não só de que o Espírito Santo estava vinculado de forma peculiar a Deus Pai e a Cristo, mas de que Cristo prometera que, no futuro, o Espírito viria em medida mais abundante.

O montanisrno representava exatamente a no'ção da dispensação especial do Espírito Santo, combinada com uma nova manifestação do entusiasmo profético primitivo e com a convicção de que o fim dos tempos estava próximo. Em grande parte, representava também

1 Por exemplo, *I Clemente,* 8, 13, 16; "o Fspírito profético", Justino, *Apologia, 13*
2 *1 Clemente*, 47..
3 Mt 28.19.
4 At 2.38.
5 Por exemplo, / *Clemente,* 46, 58; Inácio, *Aos Efésios 9*

uma reação contra as tendências seculares que já se faziam sentir na Igreja. Montano, que deu nome ao movimento, provinha de Ardabau, região próxima à Frígia, na Ásia Menor, de há muito notável pela religião de tipo extático nela existente.[6] Tradição registrada por Jcrônirrro afirmava que, antes de converter-se, Montano havia sido sacerdote de Cibele. Por volta de 156, proclamou-se instrumento passivo, mediante o qual falava o Espírito Santo Nessa, nova revelação Montano declarou cumprida a promessa de Custo e inaugurada a disx>ensação do Espírito Santo. A ele juntaram-se logo duas proíetisas, Priscila e Maximila Procla,mando-se porta-vozes do Espírito, afirmavam então que estava próximo o fim do mundo, e prestes a ser estabelecida, na Frígia, a nova Jerusalém, para. onde se dirigiam os fiéis Como preparo para a próxima consumação, deviam ser praticados o ascetismo rnais severo, o ceiibato, jejuns e abstinência de carne. Essa atitude vigorosa encontrou resposta, como protesto contra o crescente mundanismo que invadia a Igreja em geral. Nisso residia a maior atração que o montanismo exercia sobre muitos..

Rapidamente o movimento atingiu proporções eonsideráversConvocados pelos bispos da Ásia, Menor', que viam ameaçada sua autoridade, houve um ou mais sírrodos, pouco depois de 1G0, os primeiros da história da Igreja. Por eles o rrrontarrisrrro foi condenado Não foi fácil deter o progresso do movimento, mesmo a despeito da morte do último dos seus profetas originais, a saber, Maximila, em 179. Ainda depois de 170 o movimento fazia notar sua presença em Roma, e durante muitos anos a Igreja nessa cidade foi perturbada x.ür ele, com maior ou menor intensidade. Em Cartago, conseguiu converter Tertuliano, por volta de 200, Atraído que fora por suas exigências ascéticas, Tertuliano tornou-se o montanista mais eminente. Embora gradualmente barrido da Igreja, o montanismo continuou a existir no Oriente, muito tempo depois de o cristianismo ter sido aceito pelo governo imperial. Em Cartago, os seguidores de Tertuliano subsistiram até o tempo de Agostinho. As exigências ascéticas do montanismo representavam uma tendência muito generalizada. Mais tarde, um ascetismo tão rígido quanto o ensinado por Montano viria encontrar acolhida na Igreja, através do monaquismo.

6 V. seleções em Ayer, *op cit.* pp 106 109.

A IGREJA CATÓLICA

Embora extremamente perigosos, nem o gnosticismo, nem o rnontanismo, jamais conseguiram conquistar a adesão da maioria dos cristãos A maior parte da Igreja manteve-se fiel ao cristianismo histórico.. Na última parte do século II, dava-se já o nome de Igreja "Católica". A palavra "católica" em relação à Igreja foi usada pela primeira vez por Inácio,[1] que a empregou no sentido platônico de "universal", em contraste com particular A seguir, encontra-se na carta à Igreja de Esmirna, na descrição do martírio de Policarpo (156). Pouco a pouco ,se tornou comum o uso do vocábulo como adjetivo de natureza técnica e descritiva, quase sinônimo de "ortodoxo". Assim a Igreja fortemente consolidada, que saíra ilesa das crises gnóstica e montanista, passou a ser usualmente descrita como "Católica". As características distintivas dessa Igreja Católica desenvolveram-se no período que medeia entre ,160 e 190 As congregações, até então independentes, agora se ligavam numa união efetiva. O poder dos bispos foi grandemente fortalecido. Reconheceu-se uma coleção de escritos autorizados do Novo Testamento Formulou-se um credo. O cristianismo, antes organizado de maneira um tanto indefinida, tornou-se então um corpo firmemente coeso, com dirigentes oficialmente reconhecidos e capazes, não só de definir a sua fé, mas também de excluir da sua comunhão todos os que se recusassem a aceitar os credos ou os dirigentes. Eis como um recente estudioso alemão resume a mudança ocorrida: "Por volta do ano 50, pertencia à Igreja quem tivesse recebido o batismo e o Espírito Santo e atribuísse, a Jesus o nome de Senhor. Já por volta de 180, membro da Igreja era aquele que aceitasse a regra de fé (credo), 0 eânon do Novo Testamento e a autoridade dos bispos",[2]

Até certo ponto, o início dessa grande mudança já é observável antes das crises grróstica e montanista. Mas foram essas lutas que

1 *Aos Esmirneus,* 8. V Ayer, *oj>. cit.,* p 42
2 Heussi, *Kompendium der Kirchengcschichte,* p 44

i, levaram a efeito. A resposta típica da Igreja Católica aos gnósticos encontra-se na argumentação de Irineu de Lião.[3] Escrevendo contra o gnosticismo, mais ou menos em 185, Irineu afirmava que os apóstolos não haviam pregado até terem adquirido "conhecimento perfeito" do Evangelho Essa pregação eles a registraram nos Evangelhos, *Mateus* e *João* foram escritos pelos próprios apóstolos.. *Marcos* reproduzia a mensagem de Pedro; *Lucas*7 a de Paulo Em nenhum deles se encontra nada de gnóstieo Mas os gnósticos podem responder que, além desse ensino apostólico público nos Evangelhos, houve urna instrução de viva voz, uma exposição de "sabedoria entre os perfeitos",[1] da qual o gnosticismo era o herdeiro Irineu negava essa afirmação.. E argumentava que, tivesse havido tal doutrinação privada, os apóstolos a teriam confiado àqueles que, dentre todos os outros, eles haviam escolhido como sucessores seus no governo das igrejas Nessas igrejas fundadas pelos apóstolos, o ensino apostólico tinha sido preservado em toda sua inteireza, e sua transmissão tinha sido custodiada pela sucessão ordenada dos seus bispos.. "Ide, portanto, a Roma — diria Irineu — ou a Esmirna, ou a Éfeso, e procurai saber o que lá é ensinado, e vereis que nada há que se assemelhe ao gnosticismo".. Todas as igrejas devem concordar com a de Roma, pois nesta a tradição apostólica foi fielmente preservada, tal como em outras igrejas apostólicas.

Difícil seria encontrar argumento mais eficiente do que esse, na situação específica com que se defrontava Irineu Tratava-se, porém, de uma resposta que, Cm muito, acrescia a. importância das igrejas efetivamente fundadas pelos apóstolos, ou como tal consideradas, e de seus dirigentes, os bispos. Irineu foi mais além.. A própria Igreja é a depositária do ensino cristão, "já que os apóstolos, como o rico faz cora um banco, depositaram em suas mãos copiosamente todas as coisas que dizem respeito à verdade" [3] Esse depósito foi especialmente confiado aos "que, junto com a sucessão do episcopado receberam o dom efetivo da verdade",[6] isto é, aos dirigentes das igrejas. Concordar com o bispo é, por conseguinte, uma necessidade Esse tipo de argumentação encontrava-se não só em Irineu, mas tam - bém nos líderes da doutrina católica em geral.

Ao mesmo tempo cm que se realçavam o poder do episcopado e a importância das igrejas fundadas pelos apóstolos, da crise gnóstiea

3 *Contra as Heresias,* 3:1-4 V Ayer, o*> cit* , pp 112-114
4 1 Co 2 6
5 *Contra as Heresias,* 3 4 1
6 *Idem,* 4 26 2

adveio o desenvolvimento do credo, especialmente no Ocidente Desde o começo os escritores cristãos vinham produzindo declarações sucintas de fé.[7] Além disso, muitos dos atos litúrgicos da Igreja, tais como a oração eucarística, o exorcismo e o batismo, as exigiam. Daí surgir grande número de sumários da fé. Foi, porém, especialmente em conexão com o batismo que o credo adquiriu caráter oficial As antigas confissões batismais eram muito simples; por exemplo, "Jesus é Senhor".[8] Ao tempo de Hipólito (mais ou menos 170-235), em Roma, o credo passara a incluir três perguntas feitas ao candidato Respondendo afirmativamente a elas, o catecúmeuo era mergulhado na água. Era a seguinte a sua forma:

" Crês em Deus Pai onipotente V

"Creio".

"Crês em Jesus Cristo, o Filho de Deus, nascido do Espírito Santo e da Virgem Maria, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, morreu e ressurgiu ao terceiro dia dentre os mortos, e subiu ao céu, e está sentado à mão direita do Pai, e virá julgar os vivos e os mortos?"

"Creio"

"Crês no Esjúrito Santo, na Santa Igreja, e na ressurreição da carne'•"

"Creio".[9]

De tempos a tempos, acrescentavam-se frases adicionais a essas perguntas, como defesa contra as heresias da época. Aos poucos, esses credos em forma interrogativa foram cedendo lugar aos de forma declaratória, q'ue começavam com a frase familiar: "Creio". Esta originara-se na instrução anterior ao batismo, quando o credo era aprendido de cor. A partir do século V, com o declínio do batismo de adultos, as cerimônias catequétieas vieram a fundir-se com o próprio ofício do batismo, e os credos declaratórios acabaram por tomar o lugar dos interrogativos. Além disso, o uso dos credos como provas de ortodoxia, feito pelos coneílios como o de Nreéia, em 325, emprestaram importância maior ao tipo deelaratório. O Credo Apostólico, que nos é tão familiar, remonta à antiga forma interrogativa romana. Em linhas gerais, a forma que tem agora data de 400 aproximadamente, embora as frases finais só venham a aparecer em documentos que datam do século VIII.

7 Por exemplo, 1 Co 15 3ss; Km 1.3s; 2 Tm 2 8; l Pe 3 18ss, e muitos exemplos nas eartas de Inácio..

8 1 Co 12 3.

9 *Tradição Apostólica,* 21 12ss

Foi também na segunda metade do século II que se desenvolveu o eânou de livros do Novo Testamento Desde o começo, o Antigo Testamento havia sido reconhecido como Escritura pela Igreja. Os Evangelhos e as cartas de Paulo eram, sem dúvida alguma, tidos em alta conta, mas a principio não se lhes atribula autoridade escriturística. Embora cite constantemente o Antigo Testamento como pronunciamentos de Deus, Clemente de Roma (93-97) usava as palavras do Novo Testamento de modo muito livre, em parte alguma dando a entender que as considerava divinas O assim chamado Barnabé, por volta de 131, foi o primeiro a designar uma passagem dos Evangelhos como Escritura.[10] Policarpo, entre 110-117, aproximadamente, foi o primeiro a fazer o mesmo corri uma citação extraída de Paulo.[11] Ê bem possível, porém, que esses autores imaginavam estar citando trechos do Antigo Testamento É no sermão do século II chamado *II Clemente*,[12] que se encontra o primeiro exemplo claro da designação de "Escritura", em pé de igualdade com a Septuaginta, aplicada a escritos apostólicos. Ao tempo de Justino (15*3), os Evangelhos eram lidos nos ofícios da Igreja romana, junto com as profecias do Antigo Testamento.[13] O processo pelo qual os escritos do Novo Testamento vieram a adquirir autoridade escriturístiea parece ter sido o de caráter analógico.. O Antigo Testamento era por todos considerado divinamente autorizado Os cristãos não poderiam pensar de modo diferente com relação aos seus próprios livros fundamentais. Subsistia, porém, o problema de saber quais seriam os escritos canônicos„ Obras como as de Hermes e Barnabé eram lidas nas igrejas. Era necessário elaborar uma lista oficial Marcião fizera isso para o seu grupo de seguidores. Lista semelhante foi aos poucos sendo formulada, provavelmente em Roma, pela facção católica. Ao que parece, os primeiros a serem totalmente reconhecidos foram os Evangelhos, seguidos das cartas de Paulo. Segundo o fragmento Muratoriano, por volta do ano 200, o cristianismo ocidental dispunha de um cariou do Novo Testamento, (pie compreendia: *Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, 1 e II Coríntios, Efestos, Filipenses, Golossenses, Gaiatas, l* e *TT Tessalonicanses, Homanos, Filemom, Tito, I* e *LI Timóteo, Judas*, **7** e *II João, Apocalipse.* **e** o assim chamado *Apocalipse de 1'edio* [11] No Oriente, o desenvol-

10 *Carta de Barnabé, 4.*
11 A os Filipen se s, 12.
12 *II Clemente, 2:4.*
13 *Apologia,* 66, 67
14 **V.** Ayer, *op. cit...* pp 117120

vimento do cânon não l'oi tão rápido. Alguns livros, como *Hebreus* e *Apocalipse,* foram centro de discussão. O cânon só chegou a ter a forma que hoje apresenta por volta do ano 400, no Ocidente, e, no Oriente, ainda mais tarde,

Cerca do ano 200, a Igreja na região ocidental do império dispunha, portanto, de uma coleção autorizada de livros do Novo Testamento, em linhas gerais igual à nossa, à qual podia recorrer O Oriente não ficou muito atrás. A formação do cânon foi, na essência, um processo de seleção de certos *documentos* que Compunham um grande conjunto de literatura cristã, seleção essa feita não por um concilio originalmente, mas sim pela força da opinião cristã O critério que a isso presidiu era o de que os livros reconhecidos fossem considerados escritos por um apóstolo, ou por um discípulo imediato de um apóstolo, representando, assim, ensino apostólico.

Dessa maneira, da luta contra o gnosticismo e o montanismo, surgiu a Igreja Católica, com sua forte organização episcopal, seus credos e seu cânon oficial. Era diferente em muito da Igreja apostólica, mas conseguira preservar o cristianismo histórico e fazer com que lhe fosse possível atravessar a tremenda crise. Difícil é supor que uma organização menos rígida do que a que se desenvolveu no século II pudesse ter obtido tal sucesso.

A IMPORTÂNCIA CRESCENTE DE ROMA

Desde o tempo de Paulo a Igreja romana ocupava posição de proeminência.. A ela o apóstolo escrevera sua carta mais importante. Em Roma morreram Paulo e Pedro. A Igreja sofrerá a mais severa das primeiras perseguições •— a de Nero — e sobreviveu vigorosa.. Situada na capital do império, logo adquirira consciência de força e autoridade, indubitavelmente de se ter tornado, ao que parece, por volta do ano 100, a maior congregação do cristianismo,, Mesmo antes do fim do século 1, Clemente, escrevendo anonimamente cm nome de toda a congregação romana (93-97), falava em nome de quem esperava ser obedecido.,[1] Se bem (pie fraternal, o tom da carta era o de quem se considerava irmão maior.. A influência foi aumentada ainda mais em virtude da bem conhecida generosidade da congregação romana.[2] Inácio referiu-se a ela como "aquela que preside cm amor".[3] A destruição de Jerusalém, na segunda guerra judaica (135), deu fim a toda possibilidade de liderança a que o cristianismo ali sediado pudesse almejar. A resistência oferecida ao gnosticismo e ao montanismo pela Igreja romana fortaleceu-a, e ela colheu frutos abundantes dessa luta,. Foi em Roma que se formulou o credo e se formou o cariou. Acima dc tudo, foi favorecida pelo fato de os opositores do gnosticismo recorrerem à tradição das igrejas apostólicas, pois Roma era a única igreja da região ocidental do império com a qual os apóstolos tinham tido alguma coisa que ver. Escrevendo mais ou menos em 185, Irineu de Rião representava o sentimento predominante no Ocidente, quando não só atribuiu a Pedro e Paulo a fundação da Igreja romana, mas também declara que "é necessário que todas as igrejas estejam acordes corri esta Igreja".[4] O que Irineu tinha em mente era a liderança na preser-

1 / *Clemente,* 59, 63.
2 Eusébio, *História Eclesiástica,* 4 23.10. V Ayer, *op. cit* , p 24
$ *Aos Romanos,* introdução
4 *Contra as Heresias, ò 6.2* V Ayer, *op cit.,* p 113

vação da fé apostólica, c não a supremacia em matéria de jurisdição Mas, com a generalização desse sentimento, estava aberta a porta para uma afirmação mais ampla da autoridade romana O desenvolvimento do cpiseopado monárquico era Roma não foi rápido, embora já estivesse implícito na posição peculiar ocupada por Clemente, como uma espécie de ministro de relações exteriores daquela Igreja[5] Não obstante, a proeminência do bispo romano cresceu rapidamente quando da luta gnóstica, e com esse crescimento veio a primeira afirmação extensiva da autoridade do bispo de Roma nos negócios da Igreja em geral.

"Pari passu" com o aumento da influência de Rorna, dava-se o declínio da Ásia Menor. No começo do século II, esta, e a região adjacente, a Síria, eram as áreas do império mais intensamente cristianizadas. O mesmo podei-se-ia dizer no fim desse século. JÉÍeso e Ant.ioquia tinham sido - e ainda eram — grandes centros cristãos. A Ásia Menor tinha resistido ao gnosticismo, mas fora dividida pelo montanisrno e por outras controvérsias, embora os montanistas tivessem sido rechaçados. No entanto, há motivos para que se afirme que tais lutas haviam deixado marcas profundas na unidade das forças do seu cristianismo.. A disputa entre a Ásia Menor e Roma foi ocasioirada pela discussão a respeito da data da Páscoa Embora se possa supor que a Páscoa tenha sido observada desde o começo da história da Igreja, o primeiro registro documentado de sua celebração vincula-se à visita de Policarpo, bispo de Esmirna, a Aníceto, bispo de Roma', em 154 ou 155, Nessa época, o costume da Ásia Menor — provavelmente mais antigo — era observar a Páscoa com uma vigília, terminando com a celebração da Ceia do Senhor, durante a noite do dia 14 do mês de Nisã, tal como a Páscoa judaica, independente do dia da semana em que ocorresse, O costume de Roma e de algumas regiões do Oriente era comemorar a festa da Páscoa sempre num domingo. O problema, portanto, resumia-se em determinar qual deveria ser a norma: o dia da semana, ou o do mês. Policarpo e Aniceto não conseguiram chegar a um acordo, mas separaram-se como bons amigos, mantendo-se cada um fiel ao seu próprio costume.[0] O problema tornou-se mais complexo por causa de uma discussão surgida, por volta de 167, em Laodicéia, na própria Ásia Menor, com respeito à natur eza da celebração no dia 14 de Nisã. Alguns afirmavam que Cristo havia morrido nesse dia, como parece

5 V Hermes, *Visões,* 2.4 3.
6 Eusébiü, *História Eclesiástica,* 5 24.16, 17, V . Ayer, *op at ,* p 164

dizer o quarto Evangelho; outros asseveravam que a morte ocorrera uo dia 15, como dizem os outros Evangelhos. Os componentes deste último grnpo, por conseguinte, consideravam a comemoração do dia 14 de Nisã como uma continuação cristã da Páscoa judaica

No ano 190, mais ou menos, o problema tornara-se tão agudo que em Roma, na Palestina e outros lugares reuniram-se sínodos, os quais decidiram em favor do costume romano. Lideradas per Polícrates bispo de "tffeso, as igrejas da Ásia Menor negaram-se a concordar. Diante disso, Vítor, bispo de Roma (189-198), excomungou as congregações rebeldes Esse ato prepotente levantou muitos protestos, notadamente de Irirreu de Inão, mas foi uma afirmação marcante da autoridade de Roma.[7]

Essas acir radas controvérsias causaram muito dano à, Ásia Menor Desde então extinguia-se qualquer possibilidade de que Úfeso viesse a rivalizar com Roma. O colapso da liderança cristã judaica, a aparente ausência de homens eminentes em Antioquia durante o séctilo TI o o declínio da influência da Ásia Menor fizeram de Roma, por volta do ano 200, o centro mais eminente e influente do cristianismo, posição essa de que os bispos da Igreja em Roma tiveram a disposição e a capacidade de fazer pleno uso Nem o aumento da importância de Alexandria e Cartago na vida e no pensamento cristãos, durante o século III, foram capazes de subtrair a Roma o seu papel de líder, já que essa imx>ortância era muito mais recente do que a de que desfrutava a congregação sediada na capital do império.

7 Husébio, *História F. de Há.stjca:* 5 23 24 V Ayer, *op cit* pp 161-165

IRINIÍLJ

O primeiro líder teológico (pie alcançou distinção na incipiente Igreja Católica foi Irineu. Já mencionamos sua argumentação cm defesa do cristianismo tradicional, contra o ataque gnóstieo [1] Nascido na Ásia Menor, foi educado em Esmirna, onde conheceu e ouviu Poliearpo Os estudiosos têm fixado a data do seu nascimento entre 115 e 142 aproximadamente, variando segundo a influência que se supõe tenha ele tido sobre a tradição referente à autoria do quarto Evangelho Seria provavelmente mais exata urna data que se aproximasse do "terminus ad quem[77] acima citado Da Ásia Menor transferiu-se para Lião, no ter ritório da França atual, onde se tornou presbítero. A grande perseguição havida nessa cidade, em 177, ocorreu, afortunadamente, quando ele se encontrava em Roma, em cumprimento a uma honrosa missão. Quando de seu retorno, foi escolhido bispo de Lião, sucedendo ao mártir Potinu. Ocupou esse cargo até sua morte, mais ou menos em 200. Por volta de 185, escreveu sua obra principal — *Contra as Heresias*..... com a intenção principal de refutar as várias escolas gnósticas, revelando, porém, incidentalmente, seu próprio pensamento teológico

Educado na tradição da. Ásia Menor, mas vivendo grande parte de sua vida na Cália, Irineu tornou-se um elo de ligação não só entre porções distantes do império, mas também entre a antiga teologia da literatura joanina e inaciana, e a nova maneira de apresentar a fé que estava sendo introduzida pelos apologistas e pelo movimento "católico" dos seus próprios dias. Homem de espírito profundamente religioso, seu interesse principal era a salvação Na sua explanação, desenvolveu os conceitos paulino e iiiaeiano de Cristo como o novo homem, o renovador da. humanidade, o segundo Adão. Partindo da premissa ◁e que a criação é boa, Irineu afirma que Deus criou o primeiro Adão com a capacidade de conquistar a imor-

i V. p. 89-

1alidade.. A concessão desse dom dependia de sua obediência Tanto a bondade como a imortalidade, porém, foram postas a perder pelo pecado de Adão Aquilo que o homem perdeu em Adão é restaurado em Cristo, o Logos encarnado, que agora vem completar a obra jatei**rompida.** Em si mesmo, o Cristo "recapitula" os estágios da oiieda de Adão, invertendo o processo, e, por assim dizer, subindo, degrau por degrau, a escada pela qual descera Adão. "Demonstrei que o Filho de Deus não começou a existir então (isto é, 110 nascimento de Jesus), estando desde o princípio com o Pai; mas que, ao encarnar e fazer-se homem, começou de novo a longa sucessão de seres humanos, e, em forma concisa e compreensiva, nos proporcionou a salvação, de modo tal que aquilo que tínhamos perdido em Adão — a saber, o existir: segundo a imagem e semelhança de Deus pudéssemos recuperar em Cristo Jesus" [2] Irineu resume numa frase imponente a obra de Cristo assim descrita: nós seguimos ao "único Mestre verdadeiro e firme, o Verbo de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, mediante o seu amor transcendente, se tornou o que nós somos, a fim de que nos pudesse transformar naquilo que ele mesmo é" [3] Cristo é também a plena revelação de Deus [4] Seguindo o ensino da Ásia Menor e de Justino, Irineu conceitua nossa união com Cristo em termos corn certo sentido físico, por meio da Ceia do Senhor.[5] À sua teoria com respeito ao Cristo como novo cabeça da humanidade, Irineu aditava a sugestão de que a mãe de Cristo era a segunda Eva "O nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria. Pois o que a Virgem Eva havia atado por sua desobediência, a Virgem Maria o libertou por sua fé"'' Nessa curiosa referência está um dos primeiros indícios da exaltação da Virgem, que viria a ocupar lugar de tanto destaque na história cristã. Em certo sentido, mesmo para. o seu tempo, Irineu era homem antiquado.. A crença na pronta volta de Cristo tinha estado a desaparecer, c a controvérsia com o montanísrno a fizera extinguir-se quase que por completo. Em Irineu, porém, ela continuava a brilhar com toda a intensidade. Ele aguardava ansioso o dia em que a terra havia de ser maravilhosamente renovada..[7] Para Irineu, o *Novo* Testamento é Escritura Sagrada em sentido tão completo quanto o era o Antigo,

2 *Contra as Heresias,* 3.18.1- V Ayer, *op- cit,* pp 137, 138
3 *Idem,* 5, prefácio
4 *Idem,* 4 20 7
5 *Idem,* 4.18 5. V. Ayer, *op cit.,* p 138
6 *Idem,* 3 22 4
7 *Idem,* S 33 3 V Ayer, *op, cit.,* p 26.

Tertuliano foi uma das personalidades mais originais e notáveis da Igreja primitiva. Nascido de família pagã abastada (mais- ou menos em 150-155), em Cartago, estudou Direito e exerceu a pro fissão em Roma. Possuía grande erudição em filosofia e história. Dominava a língua grega. Entre 190 e 195, converteu-se ao cristianismo, provavelmente em Roma, e passou a dedicar-se, com igual devoção, ao estudo da literatura cristã, tanto ortodoxa quanto herética. Logo depois, voltou a Cartago, onde foi ordenado presbítero e aí viveu até sua morte (cerca de 222-225). A princípio vinculado a Igreja de Roma, uma onda de perseguições movidas pelo Imperador Sétimo Severo (193-211) no Norte da África, ern 202, reacendeu o puritanismo natural ern Tertulíarro e levou-o a simpatizar com o montarrismo., O que mais chamava a sua atenção nesse movimento eram os seus aspectos ascéticos e arrtimundanos. Por volta de 200, rompeu com a Igreja Católica e passou a criticá-la acerbamente, enr reiterado protesto- Antes de morrer, ao que parece, fundou uma pequena seita própria.

Em 197, Tertuliano encetou uma carreira literária de defesa e explicação do cristianismo, carreira essa que se estendeu até 220.. Eoi o primeiro escritor eclesiástico importante em língua latina. Mesmo os dirigentes da Igreja romana escreviam ern grego, até depois dessa época. Seu estilo era vivido, satírico, fácil de ler. Seu método assemelhava-se, não raro, ao de um advogado no tribunal. Era freqüentemente injusto para com seus oponentes e incoerente consigo mesmo. O intenso fervor espiritual que demonstrava tornava sempre admirável o -que escrevia. Bem merece o título de pai da teologia latina.

Tertuliano estava longe de ser um teólogo especulativo Seu pensamento baseava-se no dos apologistas, no de Irineu e, até certo ponto, no de outros guardiães da tradição da Ásia Menor, tanto quanto em idéias estóicas e conceitos jurídicos. Tinha o sentido de

ordem e autoridade típico dos romanos. Todos os assuntos de que tratava eram formulados com a clareza de definição peculiar à mente jurídica. Disso decorre o fato de ter ele, mais do que qualquer outro escritor anterior, emprestado precisão a muitos conceitos teológicos até então vagamente compreendidos.

Para Tertuliario, o cristianismo era uma grande loucura divina, mais sábio do que a mais excelente sabedoria filosófica humana, e impossível de ser equacionado com qualquer sistema filosófico existente [1] Na realidade, considerava o cristianismo a partir (le uma perspectiva estóica. Consiste primordialmente 110 conhecimento de Deus. Baseia-se na razão — "a alma naturalmente cristã"[2] - e na autoridade. Essa autoridade está sediada na Igreja, e só na Igreja ortodoxa, a única que possui a verdade, expressa no credo, e o direito de usar as Escrituras [3] Tal como afirmava Irineu, igrejas **válidas** são as que, em matéria de fé, estão acordes com as igrejas fundadas pelos apóstolos, nas quais a tradição apostólica tem sido mantida pela sucessão dos bispos [4] Essas são idéias professadas por Tertuliario ainda na sua fase católica À semelhança de Justino e do cristianismo gentilico em geral, no segundo século, o cristianismo era, para Tertuliario, uma nova lei. "Jesus Cristo . . . pregou a nova lei e a nova promessa do reino do céu".[5] O fiel é admitido à igreja pelo batismo, mediante o qual se apagam os pecados anteriores. É o "nosso sacramento da água, rro qual, pela purificação dos pecados da nossa anterior cegueira, somos libertados c admitidos à vida eterna".[0] Os que o recebem passam a ser "competidores para a salvação, tentando ganhar o favor de Deus".[7]

Desde Paulo, nenhum outro escritor cristão houve que demonstrasse tão profundo sentido de pecado como Tcrtuliano. Seu ensino em muito contribuiu para o desenvolvimento das concepções latinas de pecado e de graça. Tertuliario tinha uma doutrina do pecado original, embora não elaborada em toda a plenitude e, às vezes, contraditória em algumas de sqras expressões. "Além do mal que sobrcvém à alma, proveniente da intervenção do espírito mau, existe um mal antecedente e, em certo sentido, natural, proveniente de sua

1 *Prescrição dos Heréticos,* 7..
2 *Apologia,* 17.
3 *Prescrição dos Heréticos,* 1319
4 *Idem,* 32
5 *Prescrição dos Heréticos,* 13.
6 *Do Batismo, 1.*
7 *Do Arrependimento,* **6..**

origem corrupta".[8] Mas "o poder da graça de Deus é, na verdade, mais poderoso do que a natureza."[9] Não chega a explicar na sua obra a natureza da graça. Incluía, porém, conclui-se, não só "o perdão de pecados",[10] mas também, "a graça da inspiração divina", mediante a qual é derramado o poder de agir- retamente, o qual fortalece a vontade fraca, mas livre do homem..[11] Loofs demonstrou a origem estóica dessa última concepção, de grande importância para a teologia do cristianismo ocidental[12] Mas, embora a salvação se fundamente na graça, o homem tem muito a fazer. Embora Deus perdoe, no batismo, os pecados passados, é necessário oferecer satisfação pelos cometidos posteriormente, isso mediante sacrifícios voluntários, especialmente de caráter ascético. Quanto mais o homem se pune a si mesmo, tanto menor punição Deus lhe há de infligir..[13]

A tarefa mais importante feita por Tertuliano foi a definição da eristologia do Logos, embora preferisse usar o termo Filho, em vez de Logos. No que tange ao conteúdo, pouco acrescentou ao que já haviam feito os teólogos da Ásia Menor e, especialmente, os apologistas. Sua mente jurídica, porém, emprestou à sua explanação uma clareza sem pr ecedentes. O trabalho principal a respeito desse tema foi escrito na sua fase rnontanista: *Contra Práxeas*.. Define v Divindade em termos que antecipam a conclusão a que chegaria o Concilio Nieeno mais de um século depois "Todos são de um, por unidade de substância, embora ainda esteja oculto o mistério da dispensação que distribui a unidade numa Trindade, colocando em sua ordem os três, Pai, Pilho e Espírito Santo; três, contudo, não em substância., mas em fowna, não em poder, mas em aparência, pois eles são de uma só substância e de uma só essência e de um poder só, já que é de um só Deus que esses graus e formas e aspectos são reconhecidos com o nome de Pai, Filho e Espírito Santo".[14] Tertuliano descreve essas distinções da Divindade como "pessoas",[15] termo (pie tem não a conotação, que nos é familiar, de personalidades, mas de modos objetivos de ser.. No pensamento de Tertuliano essa unidade de substância é material, pois a influência estóica a que estava sujeito era bastante para fazê-lo afirmar que "Deus é corpo

8 *Da Alma,* 41.
9 *Idem,* 21.
10 *Do Batismo,* 10
11 *Da Paciência,* 1.
12 *Leitfaden zum Sludhim der Dogmcngeschichte,* p 161
13 Do Arrependimento, 2, 9
14 *Contra Práxeas,* 2
15 *Idem,* 12.

pois o espírito tem uma substancia eorpórea de sua própria espécie".[10] Com precisão semelhante, Tertuliano distingui a entre os elementos humano e divino em Cristo. " Vemos seu duplo estado, não misturado, mas conjugado em uma única pessoa, Jesus, Deus e homem".[17] Derivados do Pai por emanação, o Filho e o Espirito são subordinados a ele.[18] A doutrina da subordinação, já presente nos apologistas, viria a ser característica da cristoiogia do Eogos até o tempo de Agostinho. Mais do que frutos de perquirição filosófica, essas definições eram resultado de uma interpretação judiciária, legal. Tertuliano foi também o primeiro a dar conotação técnica a expressões tais como: *trwitas, substantia,* s*acramentum, satisfacere* e *m<i-iituwi* Deixou, sem duvida, marca indelével na teologia latina

Em muitos sentidos Cipriano foi o herdeiro intelectual de Tertuliano, a quem chamava de mestre. Nasceu provavelmente em Cartago, cerca de 200, e lá passou toda a sua vida. Abastado e culto, distinguiu-se corno professor de retórica Por volta de 246, converteu-se â fé cristã, sendo escolhido bispo de Cartago dois ou três anos após. Nesse posto demonstrou possuir grande capacidade administrativa, muito bom senso prático e bondade, sem ser, no entanto, dotado do gênio que caracterizara Tertuliano Durante a perseguição de 250, conseguiu safar-se apelando para a, fuga, mas enfrentou heroicamente a de 258 e sofreu o martírio, sendo decapitado. Poucos líderes da Igreja primitiva receberam maior consagração das gerações subseqüentes..

No ensino de Cipriano, as tendências presentes no desenvolvimento da Igreja Católica desabrocharam em toda a plenitude A Igreja é a única comunidade de cristãos visível e ortodoxa. "Há urn só Deus e Cristo é um sÓ, e há uma só Igreja e uma só cátedra (episcopado) fundada sobre a rocha pela palavra do Senhor",[1^] "Seja quem for, ou o que for, quem não está na Igreja de Cristo não é cristão".[20] "Não pode ter a Deus por Pai quem não tem a Igreja como mãe".[21] "Fora da Igreja não há salvação".[22] A Igreja fundamenta-se na unidade dos bispos, "de onde deveis saber que o bispo está na Igreja e a Igreja no bispo, e quem não estiver com o bispo não está na Igreja".[23] "O episcopado é urn todo único, e

16 *Idem, 7.*
17 *Idem 27.*
18 *Idem, 7,* 9
19 *Cartas,* 39-43:5
20 *idem,* 51 55:24 .
21 *Da Unidade da Igreja,* 6
22 *Cartas,* 72-73:21
23 *Idem,* 68-66:8

a porção que cada bispo tem é dada ao todo para a sua inteireza'7.[21] Esta última frase refere-se a uma controvérsia ainda hoje existente, sobre se Cipriano considerava todos os bispos participantes, em igual medida, de uma autoridade episcopal comum, que era possuída individualmente e por todos, ou se afirmava a superioridade do bispo de Roma. Ê certo que citava Mateus 16.18, 19.[25] Considerava Pedro o bispo típico,, Referia-se a Roma como "a Igreja principal, de onde se origina a unidade do sacerdócio".[20] Para ele, Roma era claramente a igreja mais eminente em dignidade, mas isso não significava que estivesse disposto a admitir a autoridade do bispo de Roma sobre os outros, em matéria de jurisdição, ou a considerá-lo mais do que primeiro entre iguais (*primus inter pares).*

Voltaremos a fazer referência à importância de Cipriano, no desenvolvimento da doutrina de que a Ceia do Senhor é um sacrifício oferecido a Deus pelo sacerdote. Sua concepção da vida cristã, como a de Tertuliano, era ascética, O martírio é comparado à semente que dá fruto a cento por um; o celibato voluntário, à que X>roduz sessenta por um..[27]

24 *Episcopatnis uhhs € st cuuis a smguhs in solidum pars lenetut,' Da XJnidadc da Igreja,* 5. V. Aycr, *op cit* , p 242 (Frase de tradução difícil, por causa do uso ambíguo do termo jurídico *"in solidum* . A tradução aqui adotada *c* a sugerida por S L. Greenslade (ed), *Early Latin Theology (Library of Christian Cíassics) ;* Filadélfia: Westmmster Press, 1956.. N. do T)

25 Por exemplo, *Da Unidade da igreja,* 4..

26 *Cartas,* 54-59:14.

27 *Idem,* 76:6

VITÓRIA DA CRISTOLOGIA DO LOGOS NO OCIDENTE

A eristologia do Logos não era totalmente aceita com simpatia pelo comum dos fiéis, embora a Igreja por meio dela estivesse sendo bem sucedida no combate ao gnosticismo, e a essa escola de pensamento cristológico tivessem pertencido homens de grande influência na formação da teologia cristã, tais como o autor do quarto Evangelho, Justino, Irineu e Tertuliario. Hermes expusera, uma eristologia adocionista em Roma, já em 140.. O Credo dos Apóstolos não faz referência alguma à doutrina do Logos, Referindo-se aos seus próprios dias (213-218), diz Tertuliario: "Os simples — não os chamaria de ignorantes ou incultos — os quais sempre constituem a maioria dos fiéis, mostram-se perplexos diante da dispensação dos Três em Um, alegando que a sua própria regra de le os afasta da pluralidade de deuses existente no mundo e os leva ao único Deus verdadeiro".[1] Era-lhes difícil perceber a distinção entre a idéia triuitária e as afirmações triteístas, A última década do século 11 **e** a **X**)rimeira do século III, portanto, constituíram período importante na discussão eristológica, notadamente em Roma, onde o assunto era pendente.

Até certo ponto, a nova discussão eristológica parece ter[1] sido resultado indireto do montanisrno. O movimento dera grande realce ao quarto Evangelho, proclamando-se o início da dispensação do Espírito, prometida naquele livro. Alguns adversários do montanisrno na Ásia Merror, ao reagirem contra sua doutrina, chegaram ao ponto de rejeitar o quarto Evangelho e sua doutrina do Logos.. Poucos pormenores se conhecem a respeito desses "Alógoi", como, escrevendo muito mais tarde, os chama Epifânio (1-103), mas alguns dos adversários da eristologia do Logos, que agora começavam a ganhar evidência, foram, ao que parece, influenciados por eles. A esses adversários dá-se em geral a designação de "monarquianos",

1 Contra Práxeas, 3

termo inventado por Tertuliano,[2] pois afirmavam a unidade de Deus Dividiam-se em dois grupos muito distintos: os que afirmavam que Jesus era Pilho de Deus por adoção, chamados de "monarquiarros dinâmicos", e os que diziam que Cristo não passava de uma forma temporária de manifestação do Deus único, conhecidos como "monarquianos modalistas"'. Assim, tornando em consideração os propugnadores da. idéia do Logos, três eram. as escolas de pensamento cris tológico em luta, em Roma, no começo do século III.

O primeiro mona rquiano dinâmico de importância foi Teódoto, chamado "o curtidor[77], de Bizâneio.. ílornem de cultura, havia sido, afirma-se, discípulo dos alógoi, embora, ao contrário destes, aceitasse o quar to Evangelho, até certo ponto.. Por volta de 190, transferiu-se para Roma, passando a ensinar; que Jesus era um homem, nascido da Virgem, de vida santa, sobre quem descera o Cristo divino (ou Espírito Santo), na ocasião do seu batismo Alguns dos seguidores de Teódoto negavam a Jesus qualquer direito a chamar-se divino, mas outros afirmavam que ele se havia tornado divino, em certo sentido, ria sua ressurreição[3] A propósito disso, vem-nos â mente a cristologia de Hermes (v. p 61).. Teódoto foi excomungado por Vítor, bispo de Roma (189-198) Sua obra foi continuada por Teódoto, "o cambista", e Asclepiodoro, originários, como seu mestre, do Oriente, Foram infrutíferos, porém, seus esforços no sentido de fundar uma seita separada da Igreja Católica. A última tentativa de formulação de uma teologia semelhante a essa, em Roma, foi a de um certo Artêmpn (230 ou 240-270), mas o moriarquianismo dinâmico no Ocidente já agonizava. O movimento, contudo, representava indubitavelmente um dos mais antigos tipos de pensamento cristológico existentes na Igreja Cristã.

O partido dos monarquianos dinâmicos foi mais forte e duradouro no Oriente. Seu mais famoso representante foi Paulo de Samósata, bispo de Antioquia, entre aproximadamente 260 e 272, muito capaz e y>o[itÍcamente hábil. Conceituava o Logos, que descrevia também como Filho de Deus, em termos de atributo impessoal do Pai. Esse Logos inspirara Moisés e os profetas. Jesus era um homem, considerado único por causa do seu nascimento virginal, cheio do poder de Deus, isto é, o Logos de Deus. Mediante essa inspiração interior, Jesus era unido a Deus, por amor, em vontade, mas não em substância- Essa união é de natureza moral, mas indes-

2 *Contra Práxeas*, 3, 10.
3 Hipólifo, *Rejutação de Iodas as Heresias, 7*:23, 10:19 V Ayer *op. cit* , p 172,

frutíve! Era virtude dela, Cristo ressurgiu dentre os mortos e recebeu uma espécie de divindade delegada. Entre 261 e 269, três sínodos sucessivos examinaram as idéias de Paulo de Samósala, que acabou por ser excomungado pelo último deles. Manteve-se, porem, no seu cargo até vir a ser deposto pelo Imperador Aureliano.

Muito mais numerosos que os dinâmicos eram os monarquianos modalistas, que a muitos atraíam, pelas razões aduzidas por Tertuliano (v acima), a saber, a de que, diante do politeísmo pagão, a unidade de Deus devia ser considerada artigo primacial da fé cristã, e qualquer concepção do tipo da do Logos e a do monarquianismo dinâmico, parecia-lhes negar essa unidade Para descrever os monarquianos modalistas, Cipriano cunhou o termo "patripassianos" [4] Tal como no caso do monarquianismo dinâmico, o líder deste partido era um oriental, Noeto, provavelmente originário de Esmima 15 bem possível que ambas essas teorias tenham resultado das mesmas controvérsias travadas na Ásia Menor Pouco se conhece a respeito de Noeto, exceto que, na sua região de nascimento e entre 180 e 200, ensinou que "Cristo era o próprio Pai, e o próprio Pai nasceu, sofreu e rnoi í eu"/' Essas idéias foram tr asladadas para Roma, por volta de 190, por um certo Práxeas, seguidor de Noeto e adversário dos montanistas.. Com refer ência a este Práxeas, Tertulia.no, já então rnontanista e defensor da eristologia do Logos, disse: "Práxeas fez duas obras do demônio em Romaexpulsou a profecia e introduziu a heresia.. Baniu o Espírito Santo e crucificou o Pai"/' Pouco mais tarde, dois outros discípulos de Noeto, Epígono e Cleômenes, foram para Roma e conseguiram era grande parte atrair a simpatia do bispo Zcferirro (198-217) para a posição dos monarquianos modalistas.

O líder mais notável da escola modalista, cujo nome ficou permanentemente vinculado a esse tipo de pensamento cr.istológico, foi Sabélio. Dos corneços de sua vida pouco se conhece Já por volta de 215 estava ensinando era Roma. Em essência, seu pensamento teológico era igual ao de Noeto. A única diferença estava no fato de ser muito mais bem estruturado, notadamente por .dar a devida atenção ao Espírito Santo, tanto quanto ao Filho. Pai, Filho e Espírito Santo são um só e o mesmo. São os três nomes do Deus único que se manifesta de formas diferentes, segundo as circunstâncias Enquanto Pai, é o legislador do Antigo Testamento; enquanto Filho, é encarnado; e enquanto Espírito Santo, é o inspi-

4 *Cartas, 72-73:4*
S» Tiipólito, *Homília sobre a Heresia <ie Noeto,* 1 V .Ayer, *op. cit ,* p 177-
6 Contra Práxeas, 1 V Ayer, *op cit.,* p 179

rador dos apóstolos. Mas é o mesmo e único Deus que assim aparece nessas relações sucessivas e transitórias, exatamente como se pode, a um mesmo indivíduo, atribuir títulos diferentes segundo os diversos papéis que represente. Embora tenha sido logo excomungado em Roma, Sabélio granjeou numerosos seguidores no Oriente, especialmente no Egito e na Líbia. Não deixou de influenciar consideravelmente o desenvolvimento do que viria a ser a cristoiogia ortodoxa. A identificação absoluta entre Pai, Filho e Espírito Santo, por ele proposta, foi rejeitada, mas subentendia uma noção de igualdade que veio, por fim — como, por exemplo, 110 caso de Agostinho — a suplantar a idéia de subordinação do Filho e do Espírito que caracterizava a cristoiogia do Eogos advogada por Tertuliano e Atanásio.

O grande defensor da cristoiogia do Logos nessa época, em Roma, foi Hipólito (170?-235 aproximadamente), o rnais erudito dos escritores cristãos então existentes na cidade, e o último teólogo de porte a servir-se do grego, e não do latim, para escrever sua obra, Como comentarista, cronista, calculista da data da Páscoa, ax>oiogista e adversário da heresia, era tido em tão alta conta que, após a sua morte, seus seguidores erigiram em sua homenagem a primeira estátua crista de que se tem notícia Combateu vigorosamente os monarquianos de ambas as escolas. Em Roma, a luta tornou-se violenta. O bispo Zeferino (198-217) não sabia bem que atitude tomar, embora se inclinasse para o lado dos monarquianos. Após a sua morte, o cargo passou a ser ocupado por Calixto (217-222), o bispo mais enérgico e categórico de todos os que até então ocuparam o episcopado romano. Nascido escravo, chegara a ser bem sucedido como banqueiro, e por algum tempo sofrerá nas minas da Sardenha por causa de sua fé cristã Veio a exercer grande influência sobre Zeíerino e, ao assumir o episcopado, promulgou certos regulamentos a respeito da readmissão à Igreja dos que se penitenciassem de pecados de lieeneiosidade, regulamentos esses que contêm pretensões eclesiásticas superiores às de quaisquer outros bispos de Roma até então (v. p 138), Calixto percebeu que as discussões estavam prejudicando a Igreja romana. Por isso, excomungou Sabélio (cerca de 217) e acusou Hipólito de ser adorador de dois deuses.[7] Por causa disso e de problemas referentes à disciplina, Hipólito rompeu então com Calixto e se tornou chefe de uma congregação rival em Roma —• urn dos primeiros

7 Hipólito, *Refutaçâo de i odas as Heresias,* 9:11

•"antipapas" — j:>osto que ocupou até seu desterro, na perseguição <je 235.

Calíxto procurou uma fórmula conciliatória, em meio a essa confusão cristológica „ Pai, Pilho e Logos, afirmava ele, são nomes do "espirito único e indivisível", No entanto, Filho é designação própria daquele que era visível, Jesus, ao passo que o Pai é o espírito (pie nele liabitava, Essa presença do Pai em Jesus é o Logos,. Calíxto asseverava claramente que o Pai não padecera na cruz, mas sofrerá com os sofrimentos do Filho, Jesus. No entanto, o Pai, "depois de tomar sobre si a nossa carne, elevou-a à natureza de divindade, mediante a união dela consigo, e a fez una, de forma tal que Pai e Filho devem ser considerados um só Deus".[8] Ú óbvio que essa formulação está longe de ser lógica, ou ciara. Não se pode culpar a Hipólito ou Sabélio de não querer aceitá-la. Contudo, era uma fórmula coneiliatória qne reconhecia um Logos preexistente em Cristo, apesar de identificar o Logos com o Pai. insistia na identidade existente entre Deus e aquilo que habitava em Jesus. Postulava ainda um Jesus humano, elevado à categoria de divindade pelo Pai e unificado com ele, demonstrando assim uma distinção real entre Pai e Filho, embora negasse em palavras a existência de tal diferença Essa fórmula conciliatória obteve a adesão da maioria dos de Koma e preparou o caminho para a vitória definitiva da cristologia do Logos naquela cidade.. Essa vitória foi determinada pela exposição clara dessa cristologia escrita, rio momento decisivo da discussão (213-218), por Tertuliano de Catargo, no *Contra Fráxeas* (v p 100). Nesta obra, Tertuliano oferece definições claras de uma Trindade •em três pessoas e da distinção entre os elementos divino e humano em Cristo.

O grau de penetração desse tipo de cristologia no cristianismo ocidental é demonstrado pelo tratado sobre a Trindade, de autoria •do presbítero romano Novaciano (entre 240 e 250). Esse eminente teólogo foi o primeiro da congregação romana a escrever em latim, ao invés de grego. Faremos referência mais adiante à sua polêmica <íom o partido dominante na Igreja (v. p 138) . Novaciano limitou-se quase que exclusivamente a reproduzir e expandir as idéias de Tertuliano, O que é importante é o fato de ele considerar essa exposição como a única interpretação legítima e normal da "regra da verdade", c Credo dos Apóstolos. Nenhum pronunciamento havia nesse símbolo com respeito à cristologia do Logos. Para Novaciano, é nessa cris-

8 *Uem,* 9:12

tologia que reside o único sentido possível do símbolo Entre o Pai e o Filho existe uma "comunhão de substância"[0] O equivalente latino do famoso termo posteriormente consagrado era Nicéia, "homoousion" (*homoousion*) ,já era conhecido em Roma, portanto, antes de 250.. Novaciano chegava até a sugerir a idéia de urna Trindade social. Comentando o texto de João 10.30 ("Eu e o Pai somos um"), afirma que Cristo "disse "uma só coisa" (*unum*)„ Entendem os hereges que ele não disse "uma só pessoa", pois a palavra "um", no neutro, subentende o acordo social, e rui o a unidade pessoal".[10] O que há de mais precioso em Novaciano é o fato de ressaltar aquilo que constituía o centro da convicção da Igreja em toda essa complicada discussão cristológica, a saber, que o Cristo era plenamente Deus e, ao mesmo tempo, plenamente homem,[11] Finalmente, por volta de 262, o bispo romano Dionísio (259-268), escrevendo contra os sabelianos, explicitou a cristologia do Logos em termos que se aproximavam mais da futura decisão de Nicéia (325), do que os empregados por qualquer outro teólogo do século III.[12] Assim, sessenta anos antes do grande concilio, o Ocidente tinha chegado a conclusões facilmente equacionáveis com as de Nicéia. Não era, porém, o caso do Oriente, que não conseguira alcançar tal grau de uniformidade.

9 *Da Trindade,* 31.
10 *Idem, 27*
11 *Idem,* 11, 24
12 Em Atanásio, *De Decrelis,* 26

A ESCOLA DE ALEXANDRIA

Durante mais de seis séculos, Alexandria foi. a segunda cidade do mundo antigo, só excedida em importância por Roma e, mais tarde, Constantinopla. Fundada por Alexandre Magno cm 332 a. 0 , era antes de mais nada uma comunidade comercial, e, como tal, atraía inúmeros gregos e judeus. Não menos notável era sua vida intelectual. Sua biblioteca era a rrrais famosa do império. Alexandria era urn verdadeiro ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente Ali a filosofia grega se combinava •— ou rivalizava — com o judaísmo e muitos outros cultos orientais, ao mesmo tempo em que persistia a influência do pensamento do antigo Egito. Era a, (idade mais cosmopolita do mundo antigo, Ali foi traduzido o Antigo Testamento para o grego c Fílon reinterpretou o judaísmo nos termos da filosofia hclênica. Ali viria a surgir o rreoplatonismo, rro século **III** da nossa era. Nada se sabe a respeito da introdução do cristianismo em Alexandria ou no Egito em geral, mas deve ter-se dado muito cedo, pois, quando se rompe o véu do silêncio, vê-se que o cristianismo tinha ali raízes profundas. O gnóstico Basílides ensinou em Alexandria durante o reinado de Adriano (117-138) . Vários sistemas filosóficos tinham nessa cidade suas "escolas", onde todos os interessados podiam obter instrução. Era natural que os mestres cristãos imitassem esse bom exemplo, embora a iniciativa nesse sentido pareça ter sido tomada independentemente das autoridades da Igreja alexandrina.

Por volta de 185, existia em Alexandria uma famosa escola catequétiea, sob a liderança de um filósofo estóico convertido, Panteno. Não dispomos de dados para verificar se essa escola surgiu com esse pensador, nem qual era a sua própria posição teológica. Com Clemente de Alexandria (?-215 aproximadamente), discípulo e sucessor de Panteno, a escola de Alexandria começa a adquirir proemiirêrreia. O curso do desenvolvimento religioso de Alexandria foi evidentemente diverso do da Ásia Menor e do Ocidente. Nestas duas últimas regiões,

a luta contra o gnosticisrno tinha gerado tal desconfiança para com a filosofia, que Tertuliano podia afirmar não haver nenhuma relação possível entre ela e o cristianismo. Essa luta tinha também dado grande força ao recurso da tradição apostólica, e solidificado a organização.. Em Alexandria, porém, essas características da Igreja Católica não se haviam desenvolvido tão plenamente, e a filosofia não era considerada incompatível com o cristianismo, mas sim serva deste. Muito mais do que nos outros círculos or todoxos, nesta cidade efetivara-se a união entre o cristianismo e o que de melhor havia na filosofia antiga, especialmente no platonismo e estoicismo. O resultado foi o surgimento de um gnosticisrno cristão. Clemente de Alexandria foi o representante típico desse movimento. Era, ao mesmo tempo, presbítero na igreja alexandrina, servindo de elo de ligação entre a Igreja e a escola,

Dentre as que chegaram, até nós, as obras mais importantes de Clemente são três: *Exortação aos Gregos*, tratado apologético que contém muita informação incidental sobre as religiões de mistério; *Pedagogo,* o primeiro tratado a respeito da conduta cristã, fonte vaüosíssima de informações sobre os costumes da época, e *Stromata* ou *Mtseelâneas,* coleção de pensamentos profundos sobre religião e filosofia, arranjados sem muita preocupação sistemática.. Todas elas demonstram ser fruto de um pensador altamente articulado e de vasta erudição.. Clemente interpretava o cristianismo como Eílon havia feito com o judaísmo, mediante a filosofia, como uma dogmática científica. Para ele, cw.no para Justino, a quem excedeu ern clareza e penetração intelectual, o largos divino foi sempre a fonte de toda a inteligência e moralidade existente na raça humana, o mestre universal da humanidade. "Nosso pedagogo é o Deus santo, Jesus, o Verbo que é o guia de toda a humanidade".[1] ;É ele a fonte de toda filosofia verdadeira. "Deus é a causa de todas as coisas boas, mas principalmente, de algumas, tais como do Antigo e do Novo Testamentos, e, por via de conseqüência, de outras, como a filosofia. Talvez a filosofia tenha sido concedida aos gregos direta e primariamente até que o Senhor chamasse os gregos. Pois ela foi pedagogo para levar a mente helênica, como a lei o fora para os hebreus, a Cristo".[2]

A instrução da humanidade pelo Logos fora, portanto, uma educação progressiva. Assim também acontece na Igreja. "A fé"

1 *Pedagogo,* 1:7.
2 *Slromata,* 1:5- **V.** Ayer, *op cit,* p 190.

isto é, o cristianismo simples e tradicional, é bastante x>ara a salvação, mas o homem que à fé adiciona "o conhecimento", entra na posse de algo mais valioso[3] É esse o verdadeiro gnóstieo: o cristão "A auern tem ser-lhe-á dado: à fé, o conhecimento; ao conhecimento, o amor, *e* ao amor, a herança".[4] O bem supremo a que conduz o conhecimento — bem esse maior até que a salvação, que nele está implícita — é o conhecimento de Deus "Poderíamos, então, supor que alguém propusesse ao gnóstieo escolher entre o conhecimento de Deus e a salvação eterna. E se estes dois, que são totalmente idênticos, fossem separãveis, sem a menor hesitação ele escolheria o conhecimento de Deus"[5] O bem supremo acarreta a ausência quase estóica de sentimentos, seja de prazer, seja de dor Era nessa condição de bem-averiturança que Clemente cria ter estado o Cr isto, e a qual os apóstolos haviam atingido mediante o seu ensino.[6] Fácil é, portanto, compreender o fato de Clemente, tal como Justino, não manifestar interesse efetivo na vida terrena de Jesus. O Logos encarnou, é verdade, mas a idéia que Clemente fazia da vida de Cristo era quase docética, muito mais do (pie a dos mestres considerados ortodoxos na Igreja dos seus próprios dias,

Clemente não elaborou um sistema teológico completo. Kssa seria tarefa desempenhada jjelo seu discípulo, ainda mais célebre que ele, e sucessor na direção da escola catequética de Alexandria: Orígenes, Nascido de família cristã, provavelmente em Alexandria, entre 182 e 185, Orígenes aí cresceu, adquirindo familiaridade com as Escrituras. Isso explica o fato de se haver tornado o mais completo conhecedor da Bíblia entre todos os escritores da Igreja primitiva. Deve ter iniciado muito cedo seu estudo da filosofia Jovem de intensos sentimentos e grande curiosidade intelectual, foi notável tanto por sua precocidade, quanto pela posterior maturidade de sua erudição. Durante a perseguição de Sátirno Severo, em 202, perdeu o pai e teria seguido voluntariamente o mesmo destino, não o tivesse sua mãe demovido, mediante um estratagema. A mesma perseguição desterrou Clemente, seu mestre, e, em 203, não obstante sua pouca idade, reuniu em torno de si um grupo de interessados, com os quais restaurou a escola catequética. Nesse cargo se manteve com grande sucesso e com o apoio do Bispo Demétrio, até 215, quando o Imperador Caraeala expulsou de Alexandria todos os professores de filosofia. Antes

3 *Idem,* 1:6.
4 Idem, 7:10.
5 *Idem,* 4:22,
6 *Idem,* 6:9 .

disso, havia interrompido suas aulas por motivo de visitas a Roma (aproximadamente 211-212), onde conheceu Hipólíto, e à Arábia (aproximadamente 213-214).. Sua vida era de extremo ascetismo.. Para evitar que suas relações com os numerosos discípulos se tornassem objeto de boatos, emasculou-se, tomando Mateus 19 ,12 como conselho de perfeição. Km 215, Orígenes foi a Cesaréia, na Palestina, onde fez amizades de valor permanente. Autorizado a retornar a Alexandria, em 216 provavelmente, recomeçou suas aulas e inaugurou um período de produtividade literária cujos resultados podem ser considerados quase maravilhosos..

Seu trabalho em Alexandria voltou a ser interrompido por uma \iagem à Grécia e à Palestina, em 230 ou 231. Era ainda leigo, mas íoi ordenado presbítero em Cesaréia, por bispos palestinenses amigos, provavelmente para que pudesse pregar livremente. Naturalmente o Bispo Demétrio considerou a or denação de um leigo de Alexandria uma interferência rra sua jurisdição, e seu ressentimento foi possivelmente aumentado pelo ciúme que nutria em relação ao famoso mestre. Seja como for, Demétrio convocou sínodos que expulsaram *Orígenes* de Alexandria e, na medida de suas possibilidades, depuseram-no do ministério. Seus amigos de Cesaréia acenaram-lhe com t possibilidade de ali radicar-se. Reencetou seus infatigáveis estudos e seu ensino, pregando freqüentemente. Fez outra viagem. Estava cercado de amigos que o tinham em alta conta. Esse período de tranqüilidade cessou com o advento da grande perseguição de Décio (v. p 119), em 350. Pr eso e torturado, veio a morr er ou em Cesaréia, ou em Tiro, provavelmente em 251 (254?) em conseqüência das crueldades por que passou. Não houve na história da Igreja antiga homem de espírito mais puro, ou mais nobres propósitos.

Orígenes foi homem de erudição variegada.. O campo de estudos a que deu mais atenção foi o da crítica textual e exegese bíblicas. Suas obras principais nesse sentido foram a monumental *Hexapki,* com o texto hebraico do Antigo Testamento e quatro traduções gregas paralelas, e uma longa série de comentários e notas ma.is breves a respeito de quase todas as Escritur as, Foi a obra. mais importante até então feita por um estudioso cristão. No âmbito da teologia, o seu *De Principiis,* escrito antes de 231, não só foi a primeira grande apresentação sistemática do cristianismo, mas também forneceu as idéias e os métodos que desde então passaram a dominar o desenvolvimento dogmático grego. Seu *Contra Celso*, escrito, entre

246 e 248, em resposta à crítica mais hábil produzida pelo paganismo contra o cristianismo, a do platonista Celso (cerca de 177), foi a defesa mais profunda e convincente da fé cristã que o mundo antigo produziu, à altura, aliás, da importância da controvérsia. Além de produzir essas obras monumentais, Orígenes encontrou tempo para discutir temas cristãos de caráter prático, tais como a oração e o martírio, e para preparar inúmeros sermões.. Foi, sem dúvida alguma, unia vida de atividade incansável..

Era Orígenes conrpletou-se o processo que de há muito vinha interpretando as verdades cristas nos termos do pensamento lrelênico Emprestou ao sistema cristão padrão científico da melhor categoria, consoante a ciência da época, que se resumia quase que exclusivamente na filosofia e na ética Seu ponto de vista filosófico era essencialmente platônico e estóieo, cour urna clara tendência para posições semelhantes às esposadas pelo neoplatonismo, que então surgia. Consta que Orígenes ouvira as conferências pronunciadas pelo fundador[1] do movimento, Amrnonius Saceas [7] Procurou harmonizar esses princípios filosóficos com as Escrituras, tal como fizera seu grande conterrâneo hebreu, Filou, mediante a interpretação alegórica da Bíblia. Toda Escritura, afirmava, tem uni tríplice sentido.. "O homem simples pode ser edificado pela "carne", por assim dizer, das Escrituras, pois assim denominamos o seu sentido óbvio. O (pie s8 elevou um pouco pode ser edificado pela "alma", por assim dizei' O homem perfeito . . pode ser edificado pela lei espiritual, que contém urrra sombra das coisas* vindouras. Pois, assim corno o homem é composto de corpo, alma e espírito, assim também o é a Escritura".[5] Esse sistema alegórico tornava possível para Orígenes ler nas Escrituras praticamente tudo o que desejasse

Como fundamento necessário do seu sistema teológico, Orígenes postulava aquilo "que de modo algum difere da tradição eclesiástica e apostólica".[9] Esses elementos fundamentais do cristianismo tradicional abrangem a crença, 1°, "cm um só Deus .... Pai de nosso Senhor Jesus (/risto, (o qual) deu a lei e os profetas e os Evangelhos, sendo também o Deus dos apóstolos e do Antigo e do Novo Testamentos"; 2°, "que Jesus Cristo mesmo ... nasceu do Pai antes de todas as criaturas .. . tornou-se homem e encarnou, apesar de ser Deus, e, enquanto homem, continuou a ser o Deus que era .. . nasceu duma Virgem ... nasceu verdadeiramente e verdadeiramente

7 Eusébio, *História Eclesiástica,* 6 19.6
8 *De Principiis,* 4 11 11 V. Ayer, *op. cit.,* p 200, 201
9 *Idem* prefácio.

sofreu e .. verdadeiramente morreu „.. verdadeiramente ressurgiu dentre os mortos'[7]; «I[o], "que o Espirito Santo estava associado em honra e dignidade ao Pai e ao Pilho"; 4", na ressurreição, nas recompensas e nos castigos futuros; 5.°, rio livre arbítrio; 6°, na existência e oposição do diabo e seus anjos; 7 que o mundo foi criado no tempo e será "destruído por causa de sua maldade"; 8.°, "que as Escrituras foram escritas pelo Espírito de Deus"; 9.°, "que há certos anjos de Deus e boas influências que são servos seus na efetivação da salvação dos homens".[10] Essas são afirmações de fé essenciais para todos os cristãos, cultos ou incultos, tal como a .Igreja ensina. Sobre essa base, Orígenes lança a estrutura imponente de sua teologia sistemática, a explicação do cristianismo destinada àquele que, à sua fé, quisesse acrescentar conhecimento

A concepção do universo em Orígenes era fortemente platônica. O mundo real é a realidade espiritual subjacente ao mundo dos fenômenos, temporário e visível. Naquele mundo grandes coisas acontecem. Nele, como afirmava Platão, existiram nossos espíritos, o pecado entrou pela plimeira vez e o homem caiu Para lá retornarão os remidos, Deus, Espírito incriado e perfeito, é a fonte de tudo Dele é gerado o Pilho eternamente., "Sua geração é tão eterna t; permanente quanto o brilho produzido pelo sol".[11] No entanto, Cristo é "um segundo Deus",[12] urna "criatura".. A posição de Cristo, como lembra Loofs, era considerada por Orígenes a mesma da do *iious* (mente, pensamento) no sistema neoplatônico Ele é o "mediador" entre Deus c o mundo das criaturas, o ser mediante o qual elas foram feitas. A mais elevada dessas criaturas é o Espírito Santo, o qual, seguindo a tradição da Igreja, Orígenes relaciona com a Divindade, sem, no entanto, que ele se torne realmente necessário no sistema.

Todos os seres espirituais, inclusive o espírito do homem, foram criados por Deus, mediante o Pilho, no mundo espiritual verdadeiro. "Ele não teve outra razão x)ara criá-los que não ele mesmo, isto é, sua própria bondade".[13] Todos eram bons, embora sua bondade, ao contrário da de Deus, seja "uma qualidade acidental e perecível"![4] Todos têm livre arbítrio. Dar caírem alguns por causa do pecado no mundo espiritual invisível. Deus criou este universo visível como

10 *Idem, ibidem*
11 *De Principiis,* 1 2.4..
12 *Contra Celso,* 5:39.
13 *De Principiis,* 2.9.6.
14 *Idem,* 1.6.2.

lugar de punição e reforma, nele colocando os espíritos decaídos proporcionalmente à gravidade do seu pecado.. Os menos pecadores são anjos, e têm as estrelas por corpo. Os de maior pecaminosidade estão na superfície da terra, com almas animais também, e corpos mortais. São estes que constituem a humanidade. Os piores são os demônios, chefiados pelo próprio diabo.,

A salvação foi efetivada pelo Logos-Filho, tornando-se homem pela união com uma alma humana que não pecara durante sua existência anterior, e com um corpo puro. Durante sua estada ri este mundo. Cristo era Deus e homem. Mas na ressurreição e ascensão, humanidade de Cristo recebeu a glória de sua divindade, passando a ser, não mais humana, mas divina,[15] Cristo efetua essa transformação em todos os seus discípulos. "Dele iniciou-se a união da natureza divina com a humana, a fim de que a humana, pela comunhão com a divina, pudesse elevar-se até a divina, não só em Jesus, mas em todos os que não se limitam a crer, mas entram nessa vida que Jesus ensinou".[16] Mais do que qualquer outro teólogo desde os tempos de Paulo, Orígenes deu grande ênfase ao caráter sacrificial da morte de Cristo, interpretando-a, porém, de muitas maneiras, algumas das quais extremamente inconsistentes com as outras Cristo sofreu "pelo bem da raça humana", como representante e exemplo [17] Em certo sentido, foi uma oferta propiciatória a Deus, um resgate pago aos poderes do mal..[18] Venceu os demônios,[19] frustrou a esperança que estes tinham de aprisioná-lo nas eadeüis da morte- e destruiu o seu reino.[20] Os que são seus discípulos são admitidos ao Paraíso, ao morrerem, e os maus são lançados no inferno. No fim de tudo, porém, não só todos os homens, mas até mesmo o diabo, e todos os espíritos que o acompanham, serão salvos[21] Essa será a restauração de todas as coisas, quando Deus será *tudo* em todos.

A estrutura teológica de Orígenes é o maior feito intelectual da Igreja antenícena. Exerceu profunda influência sobre todo o pensamento oriental posterior Vê-se, porém, como era possível encontrar nessa teologia argumentos que pudessem ser usados por qualquer uma das facções em choque nas lutas cristológicas posteriores. Compreende-se também por que, à luz da ortodoxia rígida das épocas

15 *Contra Celso* 3.41.,
16 *Idem.* 3. 28.
17 *Idem, 7:17.* V. Ayer, *op.. cit.,* p 197
18 *Comentário sobre Mateus,* 12 28, 16.8. V. Ayer, *op. cit.,* p 197
19 *Comentário sobre João, 6* 37.
20 *Comentário sobre Mateus,* 13.9..
21 *De Principiis,* 1.6.14 V. Ayer, *op. cit* , p 198.

seguintes, Orígenes veio a ser eonsiderado herético e teve suas idéias condenadas por nm sínodo reunido em Alexandria em 399 ou 400, pelo Imperador dustiniano em 543, e pelo quinto concilio geral em 553., Sua obra destinava-se evidentemente aos eruditos e não ao cristão comum. Porque sua ciência não era a nossa, ela nos parece estranha. Conseguiu, porém, dar ao cristianismo plena categoria científica na sua época. Eru particular, os ensinos de Clemente e Orígenes favo-receitam grandemente o domínio da eristologia do Logos no Oriente, apesar de o sabcliauismo ali se haver difundido, e a eristologia ado-cionista ser representada de modo brilhante pelo bispo de Antioquia, Paulo de Samósata, até o ano 272..

Não deixou de haver quem criticasse seriamente o pensamento de Orígenes no século em que viveu. Do ponto de vista teológico, o mais importante desses críticos foi Metódio, bispo de Olimpo, na Líeia, que morreu por volta de 311, Baseando-se na tradição da Ásia Menor, Metódio rejeitou as idéias da preexistência da alma e do enearcerarnento neste mim do, propostas por Orígenes, e afirmou a ressurreição do corpo Sua capacidade Intelectual, porém, não era comparável com a deste último.

IGREJA E ESTADO ENTRE 180 E 260

Em geral, data-se o início do declínio visível do Império Romano da morte de Marco Aurélio (180), embora suas causas venham de mais longe. A população diminuía, O comércio e a indústria eram entravados por pesada taxação A direção da coisa pública, pouco a pouco fugira das mãos das classes mais cultas.. O exército era em grande parte recrutado dentre os habitantes das províncias mais longínquas do império, e até de tribos de fora de suas fronteiras. Desde a morte de Cômodo (192), era ele quem escolhia os imperadores, os quais, via de regra, estavam longe de ser representantes do tipo superior de cultura greco-romana, como o haviam sido os Antoninos. A máquina administrativa do império tornara-se cada vez menos eficiente e a defesa das fr onteiras, inadequada. Do ponto de vista militar, as condições passaram de mal a pior[1] até o tempo de Aureliano (270-275), e não chegaram a melhorar- de modo definitivo até a época de Diocleciano (284-305) , Em outros aspectos, o declínio continuava ininterrupto. No entanto, este foi um período de crescente sentido de unidade popular no império. Diluíam-se as barreiras de separação entre as raças. Em 212, Caracala estendeu a cidadania romana, por motivos não de todo desinteressados, a todos os habitantes livres do império. Acima de tudo, do ponto de vista religioso, o fim do século II e o século III inteiro foram uma era de sineretismo, um período de aprofundamento do sentimento religioso, durante o qual as religiões de mistério do Oriente, tal como o cristianismo também, aumentaram rapidamente o número de seus aderentes..

O crescimento da Igreja nessa época foi extensivo, tanto quanto intensivo. Até o fim do século II, fora pouco além dos de língua grega. No começo do século seguinte, já avançava rapidamente em terras de língua latina, na África do Norte e, embora mais lentamente, na Espanha e na Gália, encaminhando-se em direção à Bretanha, se é que já não a atingira. No Egito, o cristianismo começava

a penetrar em meio à população nativa, e em 190 já fazia notar sua presença em Edessa, de língua siríaca. Entre as classes mais altas da sociedade, a Igreja agora conquistava maior penetração do que antes. Começava a ser compreendida. Embora Tertuliario indique que as velhas acusações populares de canibalismo e imoralidade ainda eram assacadas à Igreja em 197,[1] à medida que se escoava o século III elas parecem ter diminuído sensivelmente, sem dúvida graças à compreensão cada vez maior a respeito do verdadeiro sentido do cristianismo

As relações entre o Estado e a Igreja, no período que vai de 180 a 260, variaram muito, dependendo da vontade dos diversos imperadores, De modo geral, porém, foram tais que não chegaram a obstar, antes fomentaram, o crescimento da Igreja até a última década desse período. Do ponto de vista legal, o cristianismo estava condenado. Não tinha direito de existir.[2] Do ponto de yísta prático, foi consideravelmente tolerado durante a maior parte desse tempo. A perseguição iniciada com Marco Aurélio continuou até o reinado de Cômodo. Kste, porém, logo deixou de preocupar-se com a Igreja, como, aliás, fazia com tudo o que não dissesse respeito aos seus próprios prazeres. Esse período de tranqüilidade continuou até o reinado de Sétimo Severo (193-2.11), sendo somente interrompido, em 202, por uma perseguição razoavelmente severa, especialmente em Cartago e no Egito. Com Caracala (211-217), a perseguição voltou a varrer a África do Norte. Ileliogabalo (218-222), devoto fervoroso do culto do sol, inclinava-se a um tipo de sincretismo que não era abertamente hostil ao cristianismo. Alexandre Severo (222-235) era manifestamente favorável a ele. Sincretísta, disposto a unir várias religiões, colocou um busto de Cristo em sua capela particular, ao lado de imagens de líderes de outras crenças. Sua mãe, Jútia Maneia, cuja influencia constante ele sofria, assistia às conferências pronunciadas por Orígenes. Chegou até a decidir em favor dos cristãos uma disputa sobre se um imóvel situado em Roma podia ser usado pelos cristãos que o reivindicavam, obviamente para fazer dele um lugar de culto, ou por seus oponentes, como restaurante. Maxímino (235-238) mudou a política em relação aos cristãos, contra quem promulgou um edito que, embora não aplicado em larga escala, levou tanto o bispo catóüco Poneiarro, como seu rival cismático, Ilipólito, à cruel escravidão nas minas, onde logo depois vieram a morrer.

1 *Apologia*t 7
2 Tertuliano, *Apologia,* 4..

Na região oriental da Ásia Menor e na Palestina, essa perseguição foi mais severa. Sob o governo de Gordiano (238-244), e até quase o fim do de Filipe, o Árabe (244-249), a igreja viveu em paz. Não se pode culpar Filipe de ter suscitado nova onda de perseguições. Corria, aliás, o boato de que esse imperador se tinha convertido secretamente ao cristianismo. Orígenes, escrevendo entre 216 e 248,[3] atesta que o número de mártires durante essa perseguição não foi grande, e os ataques à Igreja eram mais de natureza local, embora às vezes de considerável extensão. Embora os cristãos estivessem privados de qualquer proteção legal, o comum dos fiéis certamente imaginava que as condições de vida da Igreja se aproximavam praticamente de segurança.

Esse crescente sentimento de segurança foi rudemente desfeito. O ano de 248 era o da comemoração do milésimo aniversário da fundação de Roma. Foi uma época de reavivamento das antigas tradições e da memória do esplendor passado. Nunca estivera o império tão ameaçado por ataques bárbaros ou dividido por lutas intestinas. E o povo comum atribuía essas dificuldades à cessação das perseguições. 4 Feroz ataque popular levantou-se em Alexandria antes da morte de Filipe, o Árabe. Para os mais observadores dentre os pagãos, o crescimento de uma Igreja rigidamente organizada assemelhava-se ao de um estado dentro do Estado, tanto mais perigoso quanto os cristãos em geral ainda se recusavam a prestar serviço militar e a desempenhar funções públicas.[5] Muito mais comum era o argumento plausível, embora falacioso, de que, assim como Roma havia crescido quando os antigos deuses eram adorados por todos, assim também a rejeição desses deuses, por uma parte da população, custara a Roma o auxílio que eles prestavam e causara as calamidades que todos observavam ao seu redor. Parece ter sido essa a idéia do novo imperador, Décio (249-251), e de um nobre romano conservador, Valeriano, a quem o imperador estava intimamente ligado. O resultado foi o edito de 250, que deu início à primeira perseguição universal e sistemática ao cristianismo.,

A perseguição de Décio foi, sem dúvida alguma, a pior provação que a Igreja, como um todo, teve de enfrentar., Foi a mais severa, especialmente porque, subjacente a ela, estavam princípios e a disposição do governo romano. Seu objetivo primário não era ceifar vidas, embora tivesse havido martírios numerosos e cruéis.. Propu-

3 *Contra Celso,* 3 :8.
4 Orígenes, *Contra Celso,* 3:15. V. Ayer, *op. cit..,* p 206.
5 Orígenes, *Contra Celso,* 8:73, 75..

tíhá-se antes a forçar os eristãos a oferecer sacrifícios aos antigos deuses, mediante tortura, encarceramento ou medo.. Os bispos Fabiano, de Roma, e Bábilas, de Antioquia, foram martirizados. Orígenes e inúmeros outros foram torturados. Grande foi o número dos "confessores" — como também o dos relapsos, isto é, aqueles que, por causa do medo ou das torturas, ofereciam sacrifícios, queimavam incenso ou obtin.ti.am. certificados de funcionários amigos ou venais, que atestavam haverem eles oferecido culto na forma prescrita pelo Est ado ç Cessada a perseguição, muitos desses, amargamente arrependidos, procuraram readmíasão à Igreja. Saber como tratá-los foi problema' que causou um cisma longo e persistente em Roma, e muitas dificuldades em outras regiões (v„ p 138). Feroz como foi, a perseguição de Décio e Valeriano logo findou, Mas voltou a ser renovada, de forma um pouco mais suave, pelo sucessor de Décio, Galo (251-253). Em 253, o antigo coadjutor de Décio na perseguição, Yaleriano, obteve a posse do império (253-260). A princípio deixou os eristãos em *paz,* Mas em 257 e 258 voltou ao ataque[7] com redobrada ferocidade. Proibiram-se as assembléias cristãs, confiscaram-se as igrejas e os cemitérios, condenaram-se à morte bispos, presbíteros •e diáconos, e cristãos de posição de destaque foram desterrados e tiveram seus bens confiscados Foi nessa perseguição que Cipriano morreu em Cartago, o Bispo Sexto 11 e o Diácono Lourenço em Roma, e o Bispo Erutuoso em Tarragona, na Espanha. Foi um período de terrível provação, que se estendeu, com pequenos intervalos, de 250 a 259.

Em 260 Yaleriano foi aprisionado pelos persas. Seu filho, imperador associado e sucessor, Galiano (260-268), governante fraco e incompetente, logo desistiu da luta contra o cristianismo. As propriedades da igreja foram restituídas. Mostrou-se para com os cristãos certa dose de favor, que tem sido interpretado, às vezes, erroneamente, como tolerância legal. Não se pode considerar como tal o ato de Galiano. As antigas leis contra os cristãos não chegaram a ser revogadas. No entanto, iniciou-se um período praticamente de paz, que duraria até o início da perseguição de Diocleciano, em 303, apesar de provavelmente ameaçado por Aureliano, logo antes de sua morte, em 275. A Igreja saíra da luta mais forte ainda do que antes..

6 Alguns exemplos cm Ayer, *op cit., p 2*10

DESENVOLVIMENTO CONSTITUCIONAL DA IGREJA

Já fizemos referência (v. p 88ss), ao efeito da luta com o gnosticismo e o montanismo sobre o desenvolvimento do episcopado como centro de unidade, testemunha da tradição apostólica e portadores da sucessão apostólica. As tendências então desenvolvidas continuaram a ser sentidas com intensidade crescente O resultado foi que, entre 200 e 260, a Igreja, enquanto organização, adquiriu a maior parte dos característicos constitucionais que se tornariam peculiares a ela durante todo o período do predomínio da cultura grceo-roinana,. Esse desenvolvimento manifestou-se sobretudo no aumento do poder dos bispos. As circunstâncias da época, as disputas com os gnósticos e montarristas, a liderança do número crescente de conversos incultos recentemente vindos do paganismo, a necessidade de uniformização do culto e da disciplina, todos esses eram fatores tendentes a centralizar no bispo os direitos e a autoridade que, nos períodos anteriores, haviam sido repartidos entre muitos. Os "dons do Espírito", que eram muito reais no pensamento dos cristãos das eras apostólica e sub-apostólica, e que podiam ser possuídos por qualquer pessoa, constituíam agora uma tradição, mais do que uma realidade vital. .Essas idéias eram agor a consideradas corrr suspeita, por causa da discussão com o montanismo, entre outras causas. Subsistia, porém, a tradição, mas esta se transformava rapidamente numa teoria de dotes oficiais. Os "dons" eram agora posse oficial do clero, especialmente dos bispos Estes eram. os guardiães divinamente designados do depósito da fé e, portanto, os órgãos que podiam decidir o que era heresia. Eram os dirigentes do culto — assunto cuja importância aumentava constantemente, à medida que crescia a convicção, já generalizada no começo do século III, de que o ministério é um sacerdócio. Eram os órgãos oficiais de disciplina numa congregação, embora não estivesse ainda firmemente fixada sua autoridade a esse respeito, capazes de dizer quando o pecador precisava ser excomungado, e quando demonstrava grau de arrependimento

para poder ser restaurado. Na expressão de Cipriano de Cartago, por volta de 250 (v. pp 101-102), o fundamento da Igreja é a unidade dos bispos,,

A partir do começo do século II, os cristãos de uma determinada cidade passaram a ser sempre considerados membros de uma única comunidade, quer esta se constituísse de uma única congregação, quer de muitas. Estavam, desse modo, sujeitos à liderança de um único bispo. A civilização antiga era fortemente urbana na sua constituição política A cidade era o centro natural da vida das zonas rurais adjacentes, O cristianismo estabelecera-se nas cidades. Graças aos esforços originários dos núcleos cristãos urbanos, formaram-ss congregações nas vilas e povoados vizinhos. Os membros destas, a princípio, iam à cidade para participar dos atos de culto,[1] A medida em que cresciam em número, porém, passaram a reunir-se como grupos autônomos.. Estabelecidas por cristãos provenientes dos centros urbanos, as congregações rurais estavam sob a supervisão do bispo da cidade, cujo campo imediato de superintendência, por conseguinte, cresceu, transformando se, por volta do século III, em uma diocese Em algumas áreas rurais do Oriente, notadamente na Síria e Ásia Menor, nas quais era relativamente fraca a influência das cidades, desenvolveram-se, antes do fim do século III, grupos de congregações rurais, presididos por um bispo rural ou *chore^nskopos,* Tal sistema, porém, não chegou a disseminar-se, nem eram esses bispos considerados iguais, em dignidade, aos seus irmãos no episcopado urbano. Esse sistema não atingiu o Ocidente durante essa época, Quando, durante a Idade Média, isso veio a acontecer, os resultados foram pouco satisfatórios,

Para Cipriano, o episcopado era um todo indivisível, e cada bispo um representante de todos os seus podcres, em pé de igualdade com todos os outros bispos. No entanto, mesmo durante os seus próprios dias, essa teoria já começava a ser impraticável Os bispos das grandes cidades do império, dotadas de maior influência política, começavam a adquirir certa supremacia em dignidade sobre os outros. Mais do que quaisquer outros, os bispos de Roma procuravam transformar essa circunstância numa superioridade de caráter jurisdicional. Em virtude de sentimentos religiosos, Roma, Alexandria, Antioquia, Cartago e Éfeso desfrutavam de eminência especial — e, entre elas, Roma em particular. Além dos bispos dessas grandes sés metropolitanas, os das capitais das províncias começavam a ser

1 Justino, *Apologia,* 67. Cf, Ayer, o/>, *cit.,* p 35.

considerados de certa forma superiores aos das cidades menos importantes situadas ao seu redor, Foi só no século IV, porém, que se desenvolveu plenamente o sentido da dignidade metropolitana, tendo <, Oriente precedido ao Ocidente nesse terreno.

No começo do século III, os clérigos distinguiam-se claramente dos leigos. O uso das palavras *laikos* e *Meros* em sentido técnico, bem como a distinção nelas implícita, só gradualmente se desenvolveu. O primeiro autor cristão a fazer uso da palavra *laikos* foi Clemente de Roma[2] O segundo termo ocorre em I Pedro 5.3, em sentido absolutamente não-técnico. Mas a palavra klêros e seu equivalente latino *ordo* eram as expressões usuais aplicadas às várias "ordens"' de magistrados e digrtitários do Império Romano. É provavelmente desse uso popular que esses vocábulos provieram, integrando-se no vocabulário cristão corrente., A carta às igrejas de Lião e Vienne, de que consta uma descrição da perseguição de 177, menciona a "ordem" dos mártires *(Mêron),*[3] Tertuliano fala em "ordem clerical" e "ordens eclesiásticas".[4] Ao tempo desse escritor já se tornara praticamente fixa a distinção, embora o próprio Tertuliano lembrasse —• no contexto de sua argumentação em favor' do montanismo — a primitiva doutrina do sacerdócio de todos os fiéis,[0] perguntando: "Não são sacerdotes também os leigos?"*'

A admissão à ordem clerical era feita mediante a ordenação, rito que indubitavelmente remonta aos primeiros dias da Igreja, ao menos como sinal da concessão de dons carismáticos ou separação para um dever especial:[7] Nos meados do século III, o processo ordinário de escolha de bispos era a escolha feita pelos outros clérigos da cidade, especialmente os presbíteros; a aprovação por parte dos bispos vizinhos e a ratificação, ou eleição, pela congregação.[8] Seguia-se a ordenação mediante a imposição das mãos de pelo menos um outro bispo. Já no fim do século III fixara-se em três o número normal de bispos ordenantes. O controle da escolha dos presbíteros, diáconos e clérigos das ordens inferiores estava nas mãos do bispo da localidade, pelo qual eram eles ordenados.[9] Os presbíteros serviam de conselheiros do bispo. Com o consentimento deste, administravam

2 9.3-97; cm *I Clemente*, 40.
3 Kusébio, *História Eclesiástica*, 5 1.10.
4 *Monogamia*, 12.,
5 *Castidade,* **7.**
6 Cf. 1 Pe 2 5; Ap 16,
7 At 6.6; 13.3; também 1 Tm 4.14; 5 20; 2 T_m 1.6.
8 Cipriano, *Cartas,* '51-55.8, 66-68.2. 67.4,5.
9 *Ibid.,* 23 29, 33 39 5, 34-40.

os sacramentos[10] e pregavam Corri o crescimento numérico das congregações cltadinas, um presbítero veio a ser encarregado de cada uma delas. Cresceu, portanto, sua importância, em comparação com o papel relativamente secundário que exercia imediatamente após o surgimento do episcopado monárquico.. O número de presbíteros não tinha limite prefixado Os diáconos eram subordinados diretamente ao bispo, servindo-ihe de assistentes no cuidado dos pobres e em outras questões de ordem financeira, bem como no culto e na disciplina. Não raro a relação do diácono com o bispo era praticamente mais direta do que a do presbítero. Km conformidade com Atos 0.5, o número de diáconos em Roma era sete. Quando o Bispo Fabiano (236-250) adotou a divisão civil da cidade, como critério para estabelecer os seus catorze distritos de caridade, nomeou sete subdiáconos, além dos sete diáconos já existentes, a fim de que o número tradicional não viesse a ser ultrapassado. Kxistiam subdiáconos também em Cartago ao tempo de Cipriano e, pouco tempo depois, essa situação era geral. Fm muitas partes da Igreja não havia regra fixa a respeito do número de diáconos.

Bispos, presbíteros e diáconos constituíam as ordens maiores. Inferiores a estas havia, na primeira metade do século III, as ordens menores. Diante da ausência generalizada de informações estatísticas a respeito da Igreja primitiva, uma carta escrita pelo Bispo Corrrélio, de Iiorna, por volta de 251, é de valor inestimável, pois nos supre de dados referentes a essa importante igreja.. Sob a direção de um único bispo, havia enr Roma 46 presbíteros e 7 diáconos,, Subordinados a essas três ordens e constituindo o que logo viria a ser conhecido como ordens menores, havia 7 subdiáconos, 42 acólitos e 52 exorcistas, leitores e ostiários.[11] Mais de 1.500 dependentes eram sustentados pela Igreja, que contaria com possivelmente 30 mil membros, Alguns desses cargos eram de origem antiqüíssima. Os leitores e exorcistas foram originalmente considerados carismáticos. No Oriente, os exorcistas continuaram a ser assim considerados e não eram propriamente oficiais. Ao tempo de Cipriano, o ofício de leitor era encarado como estágio preparatório ao de presbítero.[12] A tarefa do exorcista era expulsar os maus espíritos, em cuja ação se cria firmemente então. Pouco se sabe a respeito das atribuições dos acólitos, exceto que assistiam ao serviço e no trabalho de amparo aos necessitados.. Fram desconhecidos no Oriente. Os ostiários eram

10 lerlnliano, *Batismo*, 17 Cf. Ayer, *op. cit* , p 167
11 Eusébio, *História Eclesiástica,* 6.43.11.
12 *Cartas.* 33 5 .

especialmente importantes, dada a adoção do costume de só admitir batizados às partes mais importantes da liturgia. No Oriente ao contrário do Ocidente, liavia diaconisas, que eram, em certo sentido, consideradas membros do clero Sua origem era provavelmente carismática e antiqüíssima.[13] Ao seu cargo estava o cuidado das mulheres, especialmente as doentes. Além dessas diaconisas, encontrava-se nas igrejas, tanto do Oriente quanto do Ocidente, uma classe de mulheres conhecidas como " viúvas", cuja origem era igualmente antiga.[14] Seus deveres compreendiam a oração e o cuidado dos doentes, especialmente os de seu próprio sexo Eram tidas eru alta conta, embora não consideradas propriamente integrantes do "clero". Todos esses oficiais eram sustentados, total ou parcialmente, pelas ofertas da congregação, que eram de grande monta, consistindo em gêneros e dinheiro[15] Ao tempo de Cipriano essas' ofertas eram consideradas "dízimos" e estavam à disposição do bispo! Por volta da metade do século ffl, esperava-se que o alto clero dedicasse seu tempo .integralmente ao ministério![7] No entanto, mesmo alguns bispos, não raro, tinham parte em negócios seculares, nem sempre, aliás, de boa reputação. Permitia-se que o baixo clero se ocupasse com trabalhos seculares. É evidente, no entanto, que, embora ocasionalmente lembrada, a doutrina do sacerdócio de todos os fiéis tinha valor puramente teórico.. Na vida cristã prática, pela metade do século 111, o clero formava urna categoria espiritual distinta, de quem os leigos dependiam do ponto de vista religioso e que, por sua vez, era sustentada pelas ofertas dos leigos..

13 Em 16.1.
14 1 Tm 5.9, 10.
15 *Didaquê,* 13; Justino, *Apologia, 67;* Tertuliano, *Apologia,* 39 Cf. Ayer, •*op. cit* , pp 35, 41
16 *Cartas,* 651.1,
17 Cipriano, *De laps*6

123

O CULTO PÚBLICO E O CALENDÁRIO ECLESIÁSTICO

Já ao tempo de Justino (153) desaparecera a primitiva divisão do culto em duas assembléias distintas, uma para oração e instrução e outra para a celebração da Ceia do Senhor, em conexão com uma refeição comunitária. A ceia do Senhor era agora o ápice do ato de culto e edificação..[1] Completara-se o processo de separação entre ela e a refeição em comum. Nos séculos posteriores, o desenvolvimento foi determinado pela pr eponderância de idéias extraídas das religiões de mistério, Não dispomos de provas que nos autorizem a afirmar que a imitação foi intencional.. A atmosfera que os cristãos da segunda metade do século II e do século III respiravam, estava carregada das influências advindas de tais religiões. Era natural encarassem eles a sua vida de adoração segundo os mesmos pressupostos. Provavelmente as tendências, nesse sentido já existentes, foram fortemente estimuladas pelo grande crescimento da Igreja por ineio da conversão de muitos pagãos durante a primeira metade do século III»

Cada vez mais a Igreja passava a ser encarada como possuidora de mistérios vivifieadores, sob a superintendência e dispensação do clero. Os catecúmenos eram preparados para a iniciação por meio de instrução. Tal preparação, existente, em maior ou menor grau desde o tempo dos apóstolos, era agora sistematizada. Orígenes ensinou numa escola já célebre, em Alexandria, em 203, Cipriano informa que em Cartago, por volta de 250, a instrução estava sob a responsabilidade de um oficial designado pelo bispo.[2] Á instrução seguia-se o grande rito de iniciação, o batismo (v. p I28ss), queconcedia admissão ao sacrifício propicratório do mistério vivifieador da Ceia do Senhor (v p J33ss) . Como no tempo de Justino, os outros elementos do ato de adoração eram: leitura da Escritura, pregação, orações e hinos. A estes, quaisquer visitantes bem inten-

1 Justino, *Apologia,* 67, Cf. Ayer, *op, cit.,* p 35.
2 *Cartas,* 23-29.

ciorrados poderiam ter acesso. Por analogia com as religiões de mistério, só os iniciados, ou os que estivessem prestes a sê-lo, podiam presenciar o batismo, ou a Ceia do Senhor., Como resultado disso, cresceu grandemente a ênfase atribuída ao valor desses ritos como os mais sagrados elementos do culto.. É impossível dizer, ao certo, se já no século 111 havia surgido o costume de considerar esses sacramentos como uma disciplina secreta, na qual pela primeira vez se comunicava aos batizados as palavras exatas do credo e da oração dominical, e da qual não se devia fazer menção aos profanos Esses costumes estavam muito disseminados nos séculos IV e V. Já no século III notava-se a ação das forças que conduziriam a tais práticas.

O domingo era o dia principal de culto. No entanto, já começavam a ser celebrados ofícios também durante os dias de semana. Tal como nas épocas anteriores (v„ p 65), as quartas e sextas-feiras eram dias de jejum O grande evento do ano era a quadra da Páscoa. O período imediatamente anterior a ela era dedicado aojejum, em comemoração dos sofrimentos de Cristo Variavam os costumes nas diferentes regiões do império, fim Roma, observava-se um jejum e vigília de 40 horas, em memória do tempo que Cristo permaneceu no túmulo.. Ao tempo do concilio de Nieéia (325), esse período estendeu-se, até chegar à Quaresma de 40 dias O jejum era totalmente suspenso ao raiar a madrugada da Páscoa, irriciando-se errtão a quadra de exultação do Perrtecostes. Durante este períodoabolia-se o jejum e o ajoelhar-se para a oração durante os ofícios públicos.[3] A véspera da Páscoa era a ocasião preferida para a celebração do batismo, a fim de que os novos iniciados pudessem participar da alegria da Páscoa. Além dessas quadras fixas, comernoravam-se os mártires eorn celebração da Ceia do Senhor, feita anualmente, no dia de sua morte..[4] Orações em favor dos mortos em geral, e memoriais na forma de ofertas feitas nos aniversários de seu passamento, eram comuns já no começo do século III.[5] Desde meados do século II as relíquias dos mártires eram objeto de grande veneração.[0] Ainda não se desenvolver-a plenamente o culto dos santos, mas a Igreja honrava com especial devoção a memória daqueles atletas da ruça cristã que não tinham hesitado em entregar suas próprias vidas..

3 Tertuliario, *Corona,* 3.
4 *Carta da Igreja de Esmima sobre o Martírio de Policarpo.* 18; Cipriamv *Cartas,* 33-39 3; 3612 2
5 Tertuliario, *Carona,* 3; *Monogamia,* 10
6 *Caria da Igreja de Esmima,* citada, 18.

O BATISMO

A Instituição do batismo é mais antiga do que o cristianismo. Foi dele que João, o "Precursor", liouve seu nome João batizou n Jesus, Tanto seus discípulos como os de Jesus batizavam, embora próprio Cristo não o fizesse.[1] A origem do rito é incerta Tratava-se provavelmente de urna espiritualização das antigas purificações levíticas. Preceitos judaicos que remontam provavelmente à época do próprio Cristo, exigiam (pie os prosélitos admitidos à fé hebraica fossem não só circuricidados, mas também, batizados.2 Ademais, certas comunidades, tais como a dos essênios o a de Qunran, observavam ritos 1ustrais vários. Parece provável que João tenha derivado o seu rito das práticas contemporâneas, influenciado, talvez, pelo uso dessas comunidades e entendendo que, diante do julgamento iminente, tanto o prosélíto como o judeu devessem ser. purificados. João, no entanto, atribuiu ao batismo sentido especial, simbolizando a submissão ao rio de fogo por meio do qual Deus haveria de purgar c redimir o mundo, - Tratava-se, além disso, de um sinal muito apropriado da purificação espiritual que se seguia ao arrependime/nto por ele pregado. Havia, nas religiões de mistério, ritos similares (v. p 27). No entanto, tão genuinamente judaico era o cristianismo primitivo, dentro de cujo contexto surgiu o batismo, que é impossível conceber-se que a origem deste tenha sido condicionada pela existência de tais ritos, muito embora eles tenham posteriormente influenciado o desenvolvimento do batismo em solo gentílieo. Pedro refere-se ao batismo como o rito de admissão à Igreja e à recepção do Espírito Santo.[3] Continuou a ser o sacramento da admissão até as divisões da Igreja surgidas nos dias posteriores à Reforma, e ainda o é para a vasta maioria dos cristãos até os dias de hoje.

Para Paulo, o batismo não era mero símbolo de purificação do

1 João 3.22; 4.1, 2.
2 V.. Scliürer, *Geschichte des Jüdischen Volkes,* 2:569-573
3 Atos 2 38; v. também 2.41; 1 Co 12.13.

pecado,[4] porém, mais do que isso, acarretava uma nova relação com Cristo[5] e a participação na sua morte e ressurreição.[6] Embora, ao que parece, Paulo não considerasse o batismo absolutamente necessário à salvação,[7] seu conceito aproximava-se da noção de iniciação esposada pelas religiões de mistério. Seus conversos em Corinto, pelo menos, tiniram uma concepção quase mágica do rito, deixando-se batizar em lugar de seus amigos já falecidos, a fim de que os benefícios do rito alcançassem a estes.[8] Em breve o batismo passou a ser considerado indispensável.., O autor do quarto Evangelho atribui a (Cristo as seguintes palavras: "Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrai: no reino de Deus".[9] No apêndice ao Evangelho segundo São Marcos, o Cristo ressurreto declara: "Quem crer e for batizado será salvo".[10] Essa convicção tornou-se cada vez mais profunda. Para Hermes (100 140), o batismo é o próprio fundamento da Igreja, a qual está edificada "sobre as águas".[11] Mesmo para Justino (153), com todo o seu pendor filosófico, o batismo efetua "a regeneração" e "a iluminação"..[12] Na opinião de Tertuliano, ele transmite a própria vida eterna.!-[5]

Já ao tempo de Hermes[14,] e de Justino[15] era generalizada a opinião de que o batismo purificava, todos os pecados anteriores. Tornara-se ele, então, a exemplo das religiões de mistério, o grande rito de purificação, iniciação e renascimento para a vida eterna. Eis por que só podia ser recebido uma vez, O único substituto cabível era o martírio, "que substitui o banhar-se rras águas da pia batismal, quando este não se deu, e o restaura quando perdido"![0] Entre os primeiros' discípulos o batismo era, em geral, feito "em o nome de Jesus Cristo"[17] Não há menção ao batismo em o nome da Trindade no Novo Testamento, exceto no mandato atribuído a Cristo em Mateus 28.19. Esse texto é, no entanto, muito antigo. Nele fundamentam-se o Credo dos Apóstolos e o costume registrado no *Didaquê*[18] e em Justino[19] Os líderes cristãos do século III continuaram a reconhecer a forma mais antiga e o batismo em nome de Cristo era considerado válido, embora irregular, ao menos em

4 1 Co 6 11. < 6 Rm 6.4; Cl 2.12 8 1 Co 15 19 10 Mc 16.16
5 G1 3.26, 27. 7 1 Co 1.14 17.. 9 Jo 3 5 11 *Visões,* 3:33
12 *Apologia,* 61. V. Ayer, *op. cit..,* p 33
13 *Sobre o Batismo,* 16
14 *Mandatos,* 4:33.
15 *Apologia,* 61.
16 Tertuliano, *Sobre o Batismo,* 16.
17 Atos 2.38; v também 8 16; 10 48; 19 5; Romanos 6 3; Gaiatas 3 27.
18 *Didaquê, 7.* V. Ayer, *op. cit.,* p 38.
19 *Apologia,* 61. V. Ayer, *op. cit.,* p 33.

Roma, a partir da época do Bispo Estevão (254-257), com toda a certeza [20]

E fortemente provável que, até depois da metade do século II, só fossem batizadas pessoas que tivessem chegado à idade da discrição. A primeira menção — aliás, obscura •— ao batismo de crianças data de 185, de autoria de Irineu [21] Tertuliano faz referência clara a essa prática. Recusa-se, porém, a sancioná-la, já que o batismo é um passo de tal seriedade, que convém adiá-lo até ;Y época em que estivesse formada a personalidade. Chegava mesmo ã duvidar' da conveniência de administrar o batismo aos que airrda não se tivessem casado.[22] Homens menos zelosos que Tertuliano iam ao extremo de afirmar que não era prudente lançar mão de tão grande instrumento de perdão, antes de que se tivesse praticamente completado a lista de pecados individuais.. Exemplo notável - e rada excepcional —• foi o Imperador Constantíiio, que adiou o seu próprio batismo até à hora da morte. Segundo Orígenes, o batismo de crianças era um costume apostólico [23] Cipriano era favorável a que fosse administr ado tão cedo quanto possível[24] Não dispomos de indicações a respeito da razão pela qual surgiu o costume do batismo infantil, Na mesma c.arta citada acima, Cipriano argumenta em seu favor tomando como ponto de partida a doutrina do pecado original. A opinião mais generalizada entre os antigos, no entanto, parece ter sido a da inocência da criança [25] Explicações mais prováveis são a idéia de (pie fora da Igreja não liá salvação, e as palavras atribuídas a Cristo em João 3.5. Os pais cristãos não queriam que seus filhos deixassem de entrar no reino de Deus. Foi só no século VI, entretanto, que o batismo de crianças se tornou uni versai. Até então prevalecera a idéia, já manifesta por Tertuliano, de que um sacramento dotado de tais poderes purificadores não devia ser usado levianamente.

No que diz respeito ao modo de batizar, é provável que a forma original fosse por imersão total ou parcial. É o que está implícito em Romanos 6.4 e Colossenses 2.12. As pinturas das catacumbas parecem indicar que a imersão não era sempre total. A referência mais completa na literatura antiga é a que se encontra mv *Didaquê:* "Batiza em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, em água

20 Cipriano, *Cartas,* 73-74:5
21 *Contra as Heresia sL 2. 22 4*
22 Sobre o Batismo, 18.
23 *Comentário sobre Romanos,* 5
24 *Cartas,* 58-64:5.
25 Tertuliano, *Sobre o Batismo,* 18.

viva. (corrente).. Se, porém, não dispões de água viva, batiza então em outra água, e se não for possível em água fria, faze-o então em quente» Mas se não é possível obter nem urna, nem outra, derrama áe-ua sobre a cabeça três vezes, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo"[26] A aspersão era, por conseguinte, uma das formas reconhecidamente válidas de batismo Cipriano manifestou-se abertamente favorável a ela.[27] A imersão continuou a ser o método predominante até o fim da Idade Média no Ocidente, como ainda, o é no Oriente O *Didaquê* e Justino nos informam que o jejum e uma profissão de te, bem como a disposição de viver a vida cristã, eram requisitos necessários Ao tempo de Tertuliario já se havia, desenvolvido um ritual elaborado A cerimônia começava com a renúncia formal do diabo e de suas obras, feita pelo candidato. Seguia-se a tríplice imersão. Ao sair da pia batismal, o recém-batízado tomava uma mistura de leite e mel, símbolo de sua condição de recém nascido em Cristo Vinham então a unção com óleo e a imposição das mãos do ministro, sinal da recepção do Espírito Santo.[28] Eram assim combinados o batismo e o que veio a. ser eha macio mais tarde de confirmação Tertuliario fornece a mais antiga referência à existência, agora conhecida, de fiadores cristãos, isto é, os padrinhos..[29] Os mesmos costumes do jejum e dos fiadores caracterizavam o culto de ísis

Na época apostólica, o batismo era, sem dúvida alguma, administrado não só pelos apóstolos e outros líderes, 'mas também, e em não raros casos, pelos que eram eminentes na Igreja, em razão de seus dons carismáticos Por volta de 110-117, tendo em vista a unidade, Inácio ensinava que "não é lícito nem batizar nem celebrar a refeição comunitária separados do bispo".[30] Na época de Tertuliario, "o direito de administrá-lo-tem-no o sumo-sacerdote, que é o bispo; em segundo lugar, os presbíteros e diáconos ... Além desses, mesmo os leigos podem fazê-lo, pois quem teve o direito de recebei, também tem o direito de dar"[31] Nas igrejas grega e romana, o batismo continua a ser ainda hoje o único saciamento que pode sei

26 Ayer, *op. cit.* p 38
27 *Cartas,* 75 69:12
28 Tertuliauo, *Sobre o Batismo,* 6-8; *Sobre a Coroa,* 3 Com referência ao rito romano muito semelhante, consulte-se Hipolito, *Tradição Apostólica.* 21-23
29 *Sobre o Batismo,* 18
30 *Aos Lismimeus* 8 *V* Ayer, *op, cit,* p 42
31 *Sobre o Batismo,* 17 V Ayer, *op cit ,* p 167.

administrado, em easo de necessidade, por qualquer cristão e, ate mesmo, por qualquer pessoa bem intencionada,

Nos meados do século III surgiu violenta discussão com respeito à validade do batismo feito por heréticos. Tertuliano o considerara nulo[32] — e não há dúvida de que essa opinião era a que preponderava em sua época . Depois do cisma novaciano (v p 138), o Bispo Estêvão, de Roma (254-257), emitiu a opinião de que o batismo, mesmo administrado por heréticos, era válido desde que feito segundo forma adequada. Ao que parece, era motivado em parte pela crescente intuição de qrrc os sacramentos têm valor ern si mesmos, independentemente do caráter do ministro, e ern parte pelo desejo de facilitar- o retorno dos seguidores de Novaciano à Igreja, Contra essa interpretação insurgiram-se energicamente Cipriano de Cartago e Firmiliano de Cesaréia, na Capadócia.[33] O incidente deu ocasião a algumas afirmações importantes da autoridade do bispo de Roma. .A morte de Estêvão e de Cipriano introduziu uma pausa na discussão. A posição romana, porém, passou gradualmente a ser aceita no Ocidente. O Oriente nunca conseguiu chegar a tal unanimidade.

32 *Sobre o Batismo,* 15 .
33 Cipriano, *Cartas,* 69-76

14

A CEIA 1)0 SENHOR

Já nos referimos acima (v pp 42, 62) ao início do desenvolvimento da doutrina da Ceia do Senhor. Vimos que o "partir do pão", em conexão com uma refeição comunitária, tornou-se prática cristã desde o início da vida da Igreja.. E certo que desde o tempo de Paulo era à ordem expressa do próprio Cristo que se devia essa prática, celebrada como um memorial todo peculiar dele e de sua morte. Além do Novo Testamento, três escritores fazem referência à Ceia do Senhor em épocas anteriores à de Irirreu. Dentre esses, o autor do *Didaquê*[1] nos descreve a situação do cristianismo mais primitivo. A impressão que nos deixa é a de uma liturgia simples de ação de graças. "Tu nos deste comida e bebida espiritual, e a vida eterna, por Jesus, teu Filho". Mediante Cristo nos vêm "vida e conhecimento",

No entanto, um tijro de explicação de caráter mais místico surgiu desde logo. João 6.47-58 fala ira necessidade de comer a carne e beber o sangue de Cristo para poder ter "vida". Para Inácio, a ceia é "remédio de imortalidade e antídoto paia não morrer, mas sim viver eternamente"[7].[2] Justino afirmou: "Pois não recebemos isto como se fosse pão comum ou bebida comum Antes, assim corno Jesus Cristo, nosso Salvador, tendo sido feito carne pelo Verbo de Deus, tinha tanto carne como sangue para nossa salvação, assim também foi-nos ensinado que o alimento abençoado pela oração da sua palavra..... alimento esse mediante o qual nossa carne e sangue são nutridos por transformação — é a carne e o sangue daquele Jesus que se fez carne".[3] Ao tempo de Justino (153), a Ceia do Senhor já sé havia separado da refeição comunitária,. Celebrava-se às primeiras horas da manhã do domingo e era composta das seguintes partes: leituras de trechos das Escrituras, intercaladas com

1 9-11. V. Ayer, *op. cit,,* p 38.
2 *Aos Kjésios,* 20.
3 *Apologia,* 66 V. Ayer, *op. cit.,* p 34

salmodia; orações comunitárias seguidas do "amém" congregacioual; beijo da paz; consagração do pão e vinho (a mais antiga dessas orações de consagração foi preservada nos escritos de Hipólito[1]) e comunhão,. As orações eram ditas extemporâneamente pelo bispo, embora os temas seguissem um esquema geral prefixado É provável que as intercessões fossem feitas na forma de um prefácio seguido de silêncio e coleta final

Irineu retomou e desenvolveu a idéia do quarto Evangelho e de Inácio de que a ceia transmite "vida" "Pois, assim como o pão, produzido pela terra, ao receber a- invocação de .Deus, não é mais pão comum mas eucaristia, consistindo de duas realidades, a saber, a terrena e a celestial, assim também nossos corpos, ao receberem a eucaristia, não são mais corruptíveis, possuindo a esperança da ressurreição que nos leva à eternidade" [5] Difícil se torna decidir até que ponto essas concepções emanavam da influência das religiões de mistério, com sua idéia, de que o participar de uma refeição com o deus significa tornar-se participante da natureza divina. O que parece indubitável é estarem ambas essas idéias vinculadas à mesma linha de pensamento , Pode se afirmar que, pelos meados do século II, generalizara-se a noção da presença real de Cristo na ceia

No pensamento cristão primitivo não só os fiéis eram considerados "um sacrifício vivo, santo, aceitável a Deus",[ü] mas todos os atos da adoração eram sacrificiais. Os líderes da Igreja ofereciam "as oblações do episcopado".[7] As oblações eucarísticas de pão e vinho oferecidas a Deus eram consideradas o "sacrifício puro" predito por Malaquias[8], e a forma cristã das oblações de trigo e das primícias, a que se refere o Antigo Testamento.[9] Diversos fatores contribuíram para o desenvolvimento de uma compreensão realista da Ceia do Senhor como sacrifício . Durante a sua celebração ofereciam-se donativos em espécie, tanto quanto em dinheiro, para o clero e os necessitados.[10] Além disso, a luta contra o doeetismo trouxe, como conseqüência, uma ênfase crescente na realidade da paixão de Cristo retratada na ceia, Ao mesmo tempo, essa maneira de pensar era naturalmente incrementada por causa da primitiva noção de

4 *Tradição Apostólica, 4.*
5 *Contra as Heresias,* 4.18-5. V Ayer, *op cit.,* pp 138, 139.
6 Romanos 12.. 1.
7 *I Clemente,* 44 V.. Ayer, *op cit* , p 37
8 Malaquias 1.11. V *Didaquê,* 14.
9 Justino, *Diálogo com Trifo,* 41; Irineu, *Contra as Heresias, 4* 17 5
10 Justino, *Apologia,* 67. V. Ayer, *op cit.* p 35 Hipólito, *Tradição Apostólica,* 28.

nina relação vital e mística entre as espécies sacramentais e sua realidade interior O fato sempre presente do martírio cristão não poderia deixar de intensificar o sentido sacrifieial da eucaristia. É de lembrar também que o cristianismo brotou num mundo em (pie as concepções saerificiais eram comuns nas religiões de todo tipo O sacrifício exige a presença de um sacerdote.. Com Teituliano o termo *sacerdos* pela primeira vez passa a sei' comumente usado,[11]

Ao tempo de Cipriano, a doutrina da Ceia do Senhor como .sacrifício oferecido a Deus pelo sacerdote alcançara o estágio de pleno desenvolvimento Diz ele: "Pois se o próprio Jesus Cristo, nosso Senhor e Deus, é o sumo sacerdote de Deus Pai e se ofereceu a Si mesmo como sacrifício ao Pai, ordenando que isto se fizesse *em* comemoração Sua, certamente o sacerdote que imita o que Cristo fez desempenha, em verdade, o ofício de Cristo, oferecendo, então, um sacrifício verdadeiro e pleno na Igreja, quando o oferece de acordo com o que ele percebe que Cristo mesmo ofereceu[1]'..[12] A funcã.i do sacerdote é ::servir ao altar e celebrar os sacrifícios divinos".[13] Já ao tempo de Teituliano a Ceia do Senhor era celebrada, em comemoração dos mortos [11] Cipriano refere se a tais "sacrifícios" pelos mártires [15] A idéia da Ceia do Senhor como fonte de vida levou também ao costume da comunhão de crianças, do que dá testemunho o mesmo Cipriano.[16] O conceito "católico" da Ceia do Senhor resumia-se, portanto, nos seguintes pontos: a) um sacramento em que Cristo está presente de maneira real (a maneira, ou o *como* dessa presença nunca chegou a ser muito discutido antes da Idade Média), e 110 qual o fiel participa de Cristo, sendo assim unido a Ele e edificado para a vida imortal; b) um sacrifício oferecido a Deus pelo sacerdote e que inclina Deus a ser gracioso para com os vivos e os mortos. Muitos pormenores eram ainda obscuros, mas os pontos centrais da idéia "católica" da eucaristia já estavam estabelecidos por volta do ano 253.

11 *Sobre o Batismo,* 17. V. Ayer, *op cit* , p 167..
12 *Cartas,* 62-63:14
13 *Cartas,* 67:1
14 *Sobre a Castidade,* 11.
15 *Cartas,* 33 39:3.
16 *Sobre os Apóstatas,* 25.

14

PEKDÃO DE PECADOS

No cristianismo primitivo predominava a idéia de que "se confessarmos os nossos' pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados".[1] Ilavia, porém, pecados tão graves que não podiam ser perdoados: eram "pecados para morte".[2] Não nos é possível precisar exatamente em que consistia esse pecado imperdoável. Os Evangelhos mostram, no entanto, que, em primeiro lugar, significava atribuir a Satanás, e não ao Espírito de Deus, as obras portentosas de Jesus,[3] e, em segundo lugar, a recusa de confessar a Jesus em meio às perseguições e a seguir as indicações do Espírito, no momento de enfrentar os tribunais[4] O *Didaquê* ampliou esse sentido, dizendo: "A todo profeta que fale no Espírito, não o tenteis nem o ponhais à prova. Porque todo pecado será perdoado, mas este pecado não será perdoado",[5] Posteriormente surgiu a idéia generalizada de que os pecados imperdoáveis eram a idolatria, ou negação da fé, o assassínio e a lieenciosidade. Destes, o primeiro era particularmente irreparável. Em todo o Novo Testamento não encontramos denúncia mais severa do que a pronunciada pelo autor da carta aos Hebreus em relação aos. que "de novo estão crucificando para si mesmos o Eilho de Deus" (6.4-8, 30.26-31). Para Tertuliano, eram sete os "pecados mortais": "idolatria, blasfêmia, assassínio, adultério, fornicação, falso testemunho c fraude".[6]

Embora, ao tempo de Hermes (100-140), o batismo fosse considerado meio de purificação de todos os pecados anteriores, os que fossem cometidos depois dele, dentre os acima classificados, eram "mortais". Notava-se, porém, a tendência no sentido de amenizar essa rigidez. A mensagem presente na revelação especial de Hermes

1 1 João 1.9.
2 *Idem,* 5,16.
3 Marcos 3. 28-29.
4 Lucas 12.10..
5 11 . V. Ayer, *op. ciL,* p 40,
6 *Contra Marcião,* 4:9.

era a de que, por exceção, em vista do fim iminente do mando, havia sido concedida mais uma oportunidade de arrependimento após o batismo [7] Essa concessão era extensiva ao adultério e a algumas formas de apostasia.[8] De forma semelhante, irineu narra a reconversão de uma mulher adúltera, "que passou sua vida toda no exercício da confissão pública".[9] Tertuliano dá muita ênfase à idéia de uma única oportunidade de arrependimento após o batismo,[10] mas parece aplicá-la, não aos pecados mortais de apostasia, adultério e assassínio, mas aos menos sérios, tais como as negações a minguas, a blasfêmia e a freqüência aos espetáculos de gladiadores De qualquer forma, no seu tratado *Sobre a PudicíeÃa* (19) afirma claramente que os três pecados cardeais não estão, como nunca estiveram, sujeitos ao recurso do segundo arrependimento. Há, 110 entanto, entre outros autores, exemplos suficientes a indicar que vários tipos de pecados sérios eram perdoados na Igreja. Não existia unanimidade de opinião, particularmente no que dizia respeito ao adultério.

O segundo arrependimento implicava urna confissão pública humilhante, a "exomologesis", "alimentar-se com orações durante o jejum, gemer, chorar e clamar ao Senhor teu Deus, inclinar-se aos pés dos presbíteros e ajoelhar-se diante dos amados de Deus" [11] A prática não era talvez tão rigorosa como dá a entender Tertuliano.

Inevitavelmente, levantou-se o problema de saber quando o pecador tinha feito o suficiente para ser restaurado. Muito cedo surgiu a idéia de que o poder de absolvição havia sido conferido por Deus à congregação [12] Cria-se também que essa autoridade havia sido confiada diretamente a Pedro e, por conseguinte, aos oficiais da Igreja, quando estes vieram a surgir..[13] Curioso é verificar', no entanto, a duplicidade de costumes a esse respeito. Os que estavam por ser mártires e confessores, isto é, os que sofriam torturas ou prisão por causa de sua fé, eram também considerados autorizados a pronunciar a absolvição, porque estavam cheios do Espirito.[14] Essa dúplice autoridade foi causa de muitos abusos. Muitos dos confessores não eram "bastante rígidos. Cipriano foi um dos que mais particularmente tiveram de se haver com esse problema![5] Os bisposr tentaram, evidentemente, reprimir esse direito concedido aos confessores. Até o fim da era das perseguições, porém, ele era tido

7 *Mandatos,* 4:3, V. Ayer, *op, cit.,* pp 43, 44.
8 *Similitudes, 6:5, 9:6.*
9 *Contra as Heresias,* 113 5
10 *Sobre a Penitência,* 7..
11 *Idem,* 9.
12 Mateus 8.15-18.
13 *idem,* 16.18, 19.
14 Tertuliano, *Sobre a Pudicícia,* 22.
15 *Cartas,* 17-26, 20-21, 21 22, 22 27.

como certo pela opinião popular. A idéia da absolvição acabou por suscitar o problema de uma escala de penitências, do padrão que permitisse decidir quando se tinha feito o bastante para justificar o perdão. Isso só se deu após o ano 300, fora, portanto, dos limites do período de qrie ora nos ocupamos.,

Os casos de restauração, que eram especialmente de licerrciosos,™ eram considerados excepcionais, embora não fossem raros Pode-se imaginar o choque causado — ao menos num asceta montanista rígido como Tertuliauo — pelo agressivo bispo romano Calixto (21.7-222) (v.. p 106), que também havia sido um confessor, quando, por sua própria iniciativa, declarou que absolveria os pecados da carne, desde (pie tivesse havido o adequado arrependimento.[17] Essa declaração é um dos marcos da história do desenvolvimento da autoridade papal e significava uma infração *oficial* da lista popular de "pecados para morte'[7], independentemente de quais tivessem sido as infrações feitas pelo costume..

Segundo o critério comum, a pior das ofensas era a negação da fé - e para essa nem mesmo Calixto prometia perdão. O problema foi levantado, e já com grandes dimensões, por ocasião da perseguição de Décio. Milhares de cristãos tinham apostatado da fé e procuraram mais tarde ser r eintegrados, depois de passado o temporal A atitude que, por fim, veio a tornar-se normativa foi, em grande medida, resultado do trabalho de Cipriano, bispo de Cartago, cuja, posição moderada evitava tanto a. falta de rigor dos confessores, quanto a rigidez demasiada dos tradicionalistas, vindo por isso a irripor-se diante da consciência da Igreja. Após o martírio do Bispo Eabiano, em 250, a igreja de Roma dividira-se com respeito ao problema dos apóstatas. Como resultado de uma querela causada por antipatias pessoais e não envolvendo, a princípio, esse problema, um homem relativamente obscuro, Comélio, foi escolhido para ser bispo, preterindo a Novaciano, o teólogo mais notável da Igreja romana naquela época (v. p 107), apoiado por urrra minoria. A maioria desde logo pronunciou-se em favor de uma atitude mais behévola em relação aos apóstatas, ao passo que Novaciano cada vez mais se aproximava da posição rigorista. Novaciano deu início a um cisma que perdurou até o século VII, fundando igrejas dissidentes em vários pontos do império. Restaurou a prática antiga e negou-se a readmitir à Igreja os culpados de "pecados para morte"- Esposara,

16 Tertuliauo, *Sobre a Pudictcia,* 22,.
17 *Idem,* 1

porém, uma causa perdida Sírrodos reunidos em Roma e Cartago, representando a maioria, em 251 e 252, permitiram a restauração dos apóstatas, sob condições muito rígidas de penitencia. A decisão alcançada em Roma, em 251, veio a tornar-se normativa embora o problema viesse a ser novamente suscitado durante a perseguição de Piocleciano, iniciada em 303,[18] e subsistissem, durante muito tempo, práticas várias em diferentes partes da. Igreja. Segundo essa decisão, todos os pecados eram passíveis de perdão. A antiga distinção entre tipos diferentes de pecados persistiu, mas exclusivamente em nome.. Daí em diante, a única diferença que havia era entro pecados grandes e pequenos

18 O cisma de Melito, os donatistas.

14

A COMPOSIÇÃO DA IGREJA E 0 DUPLO PADRÃO DE MORALIDADE

Não liá dúvida de quo nos tempos apostólicos concebia se a Igreja como constituída exclusivamente de cristãos "por experiência"..[1] Havia, por certo, homens iníquos que necessitavam de disciplina 110 contexto da comunidade cristã,[2] mas a Igreja podia ser descrita, de modo ideal, como "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante",[3] É natural que assim fosse.. O cristianismo surgira como uma nova fé. Os que o abraçavam faziam-no como resultado de uma convicção pessoal, e isso lhes custava não poucos sacrifícios. Durante muito temy>o perdurou a noção de que a Igreja é uma comunidade de homens e mulheres salvos.. Mesmo assim, era óbvia a presença de muitos indignos. Era precisamente disso que se queixava Hermes. O sermão mais antigo de que temos notícia na Igreja Cristã — fora do Novo Testamento — tem, para nós hoje, uma conotação muito moderna: "Porque os gentios, ao ouvirem de nossa boca os oráculos de 'Deus, ficam maravilhados de sua beleza e grandeza. Mas logo, ao descobrirem que nossas obras não correspondem às palavras que falamos, mudam sua admiração em blasfêmia, afirmando que são pura ficção e engano".[4] Apesar do reconhecimento desses fatos, mantinha-se a teoria. O crescimento do cristianismo em idade, porém, acarretou uma mudança de opinião. Por volta do início do século III, havia muitos cujos pais e, possivelmente, ancestrais remotos, tinham sido cristãos "por experiência" mas que, embora freqüentassem os atos de adoração pública da Igreja, só eram cristãos no nome. O que eram eles ? Não adoravam com os pagãos. O povo os considerava cristãos. Alguns tinham sido batizados ainda crianças. Havia na Igreja lugar para eles? O número deles era tão grande que a Igreja se via obrigada a acolhê-los. A

1 Romanos 1.7; 1 Co 12; 2 Co 1.1; Cl 12.
2 P. ex., 1 Co 5.1-13.
3 Ef 5.27,
4 *11 Clemente,* 13.

concepção que tinha de si mesma passava por uma transformação: de comunhão de santos que era, começava a considerar se instrumento de salvação. Essa transformação era evidente no ensino do Bispo Calixto, de Roma (217-222). Citando a parábola do joio e do trigo,[5] Calixto comparava a Igreja à arca de Noé, na qual havia "coisas puras e impuras".[0] Essas duas concepções acima indicadas dividem a opinião dos cristãos até os dias de hoje.

A rejeição dos montanistas e o declínio da expectativa do fim iminente do mundo, indubitavelmente contribuíram para a disseminação do murrdanismo na Igreja —• tendência essa que recebeu novo incremento graças ao crescimento rápido da Igreja, entre 202 o 250, fruto da adesão de pagãos conversos. A medida em que a prática cristã comum se tornava menos rígida, rro entanto, crescia a ascetismo, corno ideal dos mais sérios. Não se deve esperar muito dos cristãos comuns -— dizia-se. Na primeira metade do século II, *íi Diãaguõ* exortava: "Se puderes suportar o jugo inteiro do Senhor, serás perfeito. Se, porém, não tiveres capacidade, faze aquilo que puderes" (6). Hermes (100-140) ensinara que era possível fazer mais do que Deus ordenara, recebendo assim recompensa proporcional..[7] Essa tendência tornou-se cada vez mais acentuada. Fator de grande influência no seu desabrochamento foi a distinção entre os "conselhos" e as exigências do Evangelho, claramente estabelecida por Tertuliano[8] e Orígenes.[9] Alegava-se que, embora as exigências do cristianismo atingissem todos os cristãos, os "conselhos" dizem respeito àqueles que desejam viver a vida mais santa. Tais conselhos de perfeição do Evangelho — aduzia-se -— referem-se a duas facetas da conduta. Cristo dissera ao jovem rico: "Sc queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu" [10] Declarara também que há alguns que são "eurrucos por causa do reino dos céus", e que "na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos" [11] Paulo dissera "aos solteiros e viúvos „.. que lhes seria, borrr se permanecessem no estado errr que também eu vivo".[12] A pobreza e o eetibato voluntários eram considerados, portanto, conselhos impossíveis de serem cum-

5 Mi 13.24-30.
6 Hipólito, *Refuiaçao de Iodas as Heresias,* 9:12.
7 *Similitudes, 5:2,* 3.
8 *A Esposa,* 2:1
9 *Comentário sobre Romanos,* 3:3.
10 Mt 19.21.
11 Mt 19.12; 22.30.
12 1 Co 7 8.

pridos por todos os eristãos, mas conferem mérito especial aos que os praticam.. Todo o ascetismo cristão primitivo girava em torno desses dois conceitos, que se tornaram, ao depois, os fundamentos do monaquismo, quando este veio a surgir, por volta do fim do século III. Partindo da premissa de que o clero devia dar exemplo particularmente bom, desde a época sub apostólica não se viam com bons olhos as segundas núpcias[13] Mais do que isso, já no começo do século III o casamento após a admissão ao ministério clerical não era considerado perrnísslveí [11] A. vida de celibato, pobreza e abandono contemplativo das atividades do inundo eram admirados como corporificação do ideal cristão, e tornaram-se amplamente difundidos, embora, por enquanto, sem separação do convívio da sociedade Abrira-se, assim, o caminho que levaria ao monaquismo.. Poder-se ia aduzir que o aspecto mais lamentável desse duplo ideal estava na tendência de desacoroçoar os esforços do cristão comum

1*3 1 Tm 3.2 V também [lermes, *Mandatos*<1:4, contra as segundas núpcias de cristãos em geral .

14 Hipólito, *Refutarão de 'Iodas as Heresias,* 9:12

14

REPOUSO E CRESCIMENTO (260-303)

Ao fim do período de perseguições afetado peto edito de Galieno, em 260, seguiram-se mais de quarenta anos de paz prati camVurle completa Do ponto de vista legal, a Igreja não conta\a com mais proteção do que antes Há indícios de que o eficiente Imperador Aureliano (270-275) tentou reativar as iierseguições tendo srdo impedido pela morte Ao que parece, não cliegou a promulgar um novo edito hostil ao cristianismo A característica principal deste período da história da Igreja foi o seu rápido crescimento.. Por . volta do ano 300, o cristianismo fazia-se repiesentar ern todos os quadrantes do império.. Disti ibuía-se de modo desigual, mas sua influência fazia se sentir nas províncias centrais de importância política, na Ásia Menor, na Macedônia, na Síria, no Egito, no Noite da África, na Itália central, na Gáfia meridional e na Espanha Não menos significativo foi o seu progresso nas classes mais altas da sociedade. Durante o presente período a Igreja conquistou vários oficiais do governo e funcionários imperiais.. O fato *mais* importante foi a penetração do cristianismo, em larga escala, no seio do exército romano. Lembremos que poucos anos antes, por volta de 216-248, diante das críticas de Ceíso, que afirmava que os cristãos não cumpriam com seu dever para com o Estado, recusando-se a servir no exército, o máximo que Orígenes podia dizer era que os cristãos faziam coisa, muito melhor ao orarem pelo sucesso do imperador.[1] Orígenes refere-se também, defendendo-a, à relutância dos cristãos em assumirem encargos de funções governamentais " Mesmo nessa época, e desde há muito, já havia cristãos no exército romano., mas não há duvida de que Orígenes expressava a opinião mais gene ralizada entre os cristãos dos meados do século III Já ao fim desse

1 *Contra Celso.* 8:73
2 *Contra Celso* 8:75
3 P cx , Tertuliano, *Sobre a Coroa.* I

século modificaram-se a opinião e a prática cristãs com referência a esse assunto»

O período de rápido crescimento, de que nos estamos ocupando, trouxe consigo também uma crescente passividade da Igreja face às influências mundanas. Uma única ilustração será bastante para rnostrar-nos a dimensão desse fato: o concilio de Elvira, a atual Granada, na Espanha (313, aproximadamente), decidiu que os cristãos que, rio exercício da magistratura, usassem as vestes do sacerdócio pagão, poderiam ser restaurados após dois anos de penitência, desde que não tivessem efetivamente sacrificado, ou pago por sacrifícios.;[4]

Comparada com a primeira, esta segunda metade do século III foi um período de pequena]u'odutívidade literária ou originalidade teológica na Igreja.. Não surgiram nomes de grande importância.. O mais eminente foi o de Dionísío, qrte exerceu o episcopado de Alexandria (247-204), discípulo de Orígenes e, como seu mestre., diretor, por algum tempo, da famosa escola eatequétlca. Por intermédio de sua obra ampliou-se a influência de Orígenes, cujo pensamento dominou o Oriente cristão da época,. Dionísío combateu o difundidíssimo sabelianismo oriental. Instituiu o costume de enviar cartas ao seu clero, notificando-os da data da Páscoa — costume esse logo adotado e desenvolvido nas grandes sés episcopais, transformando-se em Instrumento de admoestação, definição doutrinária e polêmica.. Alénr do sabelianismo, combatido por Díonísio, notava-se a presença vigorosa do monarquianismo dinâmico, representado cm Antioquia por Paulo de Sarnósata até o ano 272 (v. p 104). Este bispo, dotado de grande capacidade administrativa, ocupou posição de grande relevo durante o reinado de Zenóbia, rainha de Palmira, sob cuja hegemonia esteve Antioquia por algum tempo, antes da derrota que lhe infligiu, o Imperador Aureliarro. Os opositores de Paulo, frustrados no seu intento de privá-lo da posse dos edifícios da Igreja, recorreram a Aureliano, que decidiu que por direito pertenciam "àqueles a quem os bispos da Itália e da cidade de Roma os adjudicarem".[5] Não há dúvida de que, ao tomar tal decisão, Aurelian,o era movido por considerações de ordem política, irras o que o importante é o fato do recurso cristão à autoridade imperial, e a deferência do imperador para com o julgamento de Roma

4 Cânon 55.
5 Eusébio, *História Eclesiástica,* 7 30 19

Outro fato ligado ao nome de Antioquia foi a fundação de uma escola de teologia por Luciano, presbítero a respeito de cuja biografia pouca coisa se sabe. Mantendo-se afastado do partido antioquiano, que se opusera a Paulo de Samósa/ta, acabando por derrotá-lo, Luciano ensinou nessa cidade entre 275 e 303, aproximadamente, e veio a ser martirizado em 312. Entre seus discípulos contavam-se Ário e Eusébio de Nieomédia, os quais muito provavelmente reproduziram, em traços gerais, as idéias de seu mestre. Como Orígenes, Luciano ocupou-se da pesquisa textual e exegética da Escritura, desagradam do-lhc, porém, os métodos alegóricos do grande estudioso de Alexau dria, Seu ensino era caracterizado por um método mais simples, mais gramático e histórico de tratamento, tanto do texto como da doutrina,

14

FORÇAS RELIGIOSAS RIVAIS

A segunda metade do século III foi o período de maior influência do mitraísmo no império, ('orno *Sol Invictas,* Mitra era cultuado 1)01* toda parte, Esse culto era muito popular no exército e contava com o favor dos imperadores surgidos dentre as suas fileiras. Duas outras forças religiosas de importância surgiram então. A primeira era o neoplatonismo, Fundado em Alexandria por Amônio Saccas (?-e.245), seu desenvolvimento efetivo deveu-se á Plotino (205-270), (pie se estabeleceu em Roma por volta de 244 O sucessor deste na liderança do movimento foi Porfírio (233-304). O neoplatonismo era uma interpretação panteista e mística do pensamento platônico. Deus é a existência simples e absoluta, absolutamente perfeita, da qual procedem as existências inferiores. **Ele** é o Uno, que paira acima do dualismo implícito no pensamento, e dele emana o *Nous,* tal como o Logos na teologia de Orígenes. Do Nous a alma do mundo deriva o seu ser, e desta procedem as almas individuais, O reino da matéria vem da: alma do mundo. Mas cada estágio, no que diz respeito à quantidade de ser que possui, é inferior à imediatamente precedente; tem menos realidade, descendo gradualmente de Deus, que é absolutamente perfeito, até à matéria, a qual, comparada a **.Ele,** é negativa, A moralidade do neoplatonismo, como a da filosofia grega das últimas épocas cm geral, era de caráter ascético. A salvação consistia na elevação da alma até Deus, em contemplação mística, cujo termo era a união com o divino. A influência do neoplatonismo sobre a teologia cristã viria a ser muito pronunciada, especialmente em Agostinho. Os fundadores do movimento, porém, não eram grandes organizadores, razão por que ficou ele reduzido ao caráter de uma escola de pensamento reservada a uns poucos, ao invés de tornar-se uma associação que incluísse grande número de adeptos»

Coisa muito diversa sucedeu com o segundo movimento, importante na época: o maniqueísmo. Seu fundador, Mâni, nasceu na Pérsia em 216, começou sua pregação na Babilônia em 242 e foi

niartirizado em *277*. Fortemente baseado no antigo dualismo persa, o maniqueísmo era grandemente sincrétieo.. Na realidade, o objetivo de Mani era fundar uma religião e comunidade mundiais que superassem as limitações espaciais das tradições religiosas anteriores.. Apropriou-se de elementos provindos do zoroastrianismo, do budismo, do judaísmo e do cristianismo, qualificando cada uma destas religiões de estágios preparatórios da mensagem universal agora proclamada pelo maniqueísmo.. Segando este, a luz e as trevas, o bem e o mal estão eternamente em guerra.. O conceito maniqueísta das relações entre espírito e matéria, e da salvação, assemelhava-se muito ao guóstico. lim essência, o homem é o cárcere material do reino do mal, em que se encontra prisioneira uma porção do reino da luz. O "Pai de Bondade[77] enviou vários mensageiros, entre os quais Jesus e o próprio Mani, para libertar o homem dessa servidão. A salvação baseia-se no reto conhecimento da verdadeira natureza do homem e no desejo de retornar aó reino da luz, complementado com a rejeição ascética radical de tudo o que pertence ao âmbito das trevas, notada ii)ente os apetites e desejos físicos. O culto maniqueu era muito simples e o ascetismo rígidíssimo, Havia dois tipos de adeptos: os perfeitos, sempre em número restrito, que praticavam a austeridade em toda a sua extensão; e os ouvintes, que aceitavam os ensinos mas cuja prática era muito menos estrita. Essa distinção lembra a que se estabelecera na Igreja entre monges e cristãos comuns. A organização do movimento era bastante centralizada e rígida. O maniqueísmo se apresentava, portanto, como um verdadeiro rival do cristianismo. Cresceu rapidamente dentro dos limites do império e absorveu não só muitos dos seguidores do mitraísmo, mas também o remanescente das seitas grióstico-cristãs, e de outras facções heréticas anteriores. O período áureo de crescimento do maniqueísmo foram os séculos IV c V„ Sua influência fez-se sentir até o fim da Idade Média, por intermédio de seitas herdeiras do seu ensino, como, por exemplo, a dos cátaros.

14

A LUTA FINAL

No ano de 284 Dioeleeiano tornou-se imperador romano. I)e origem humilde, provavelmente nascido de país escravos, teve carreira brilhante rio exército e foi elevado à dignidade imperial pelos seus companheiros de armas . Apesar de soldado-inrperador, era dotado de grande capacidade como administrador civil, e determinou reorganizar o império de modo a dotá-lo de defesa militar mais adequada, impedir conspirações do exército com o fito de substituir imperadores, e tornar mais eficiente a administração interna. Corri tais objetivos em mente, em 285 nomeou um antigo companheiro de armas, Maximiano, para o cargo de regente da parte ocidental do império, com o título de Augusto, também ostentado pelo próprio Dioeleeiano. A fim de aumentar a eficiência da organização militar, em 298 designou dois "Césares": Constâneio Cloro, para a fronteira do Reno, e Galério, para a do Danúbio. Ambos deveriam mais tarde ascenderão cargo superior de "Augustus". A mão firme de Dioeleeiano mantinha o sistema" todo em harmoniosa eficiência.

As reformas introduzidas por Dioeleeiano nos negócios internos não foram menos radicais.. Desfizeram-se os últimos resquícios do antigo império republicano e da influência senatorial. O imperador tornou-se um autocrata, no sentido bizantino posterior . Estabeleceu-se uma nova divisão das províncias. Roma deixou de ser praticamente a capital, passando Dioeleeiano a residir costumeiramente em Nicomédia, na Ásia Menor, mais convenientemente situada., Dioeleeiano, no que diz respeito ao caráter, era um partidário rude, mas firme, do paganismo do tipo mais grosseiro encontrado nos meios militares.

Para homem dotado de tal capacidade de organização, a Igreja, com sua sólida estruturação e hierarquia, constituía sério problema político. É bem possível que, a seus olhos, ela parecesse um estado dentro do Estado, fugirido-llie ao controle, O fato de nunca ter .havido uma insurreição cristã contra o império, e de o cristianismo

se manter alheio ao envolvimento político, não ocultava o crescimento rájndo da Igreja, tanto em número como em influência. Para ura **governante** vigoroso, dois caminhos pareciam oferecer-**se**: ou levar a Igreja a submeter-se, quebrando o seu poderio, ou aliar-se a ela, **assenhoreando**-se assim do controle político da crescente organização. O segundo método foi o de que lançou mão Constantino . Diocleciano, **porém,** tentou valer se do primeiro, Nem era de esperar-se outra **coisa** de um homem imbuído de tais convicções religiosas. O César **oriental,** Galério, era ainda mais hostil ao cristianismo do que Diocleciano, e exercia grande influência sobre este. Não está fora de hipótese supor-se que dele **pai** 1 iu **a** sugestão de urna nova perseguição. **Além** disso, **o** crescimento do cristianismo polarizava as forças dispersas do paganismo por ele ameaçado. Diocleciano e Galério, por sua vez, estavam dispostos **a** dar ênfase ao culto do imperador e ao **serviço** dos deuses antigos.

Diocleciano, contudo,'agiu lentamente. A um esforço cauteloso no sentido de expurgar o exército e a eriadagern do palácio imperial seguiram-se, a partir de fevereiro de 303, três grandes editos de perseguição, em rápida sucessão. Ordenou-se a destruição das igrejas, o confisco dos livros sagrados e o aprisionamento do clero, que era forçado a oferecer sacrifícios mediante torturas. Km 304, um quarto edito obrigava todos os cristãos a oferecerem sacrifícios aos deuses. Por uma época de feroz perseguição . Tal como nos dias de Décio, cresceu o número de mártires, como também de "apóstatas[7]'. O sentimento popular, no entanto, era muito menos hostil do que nas perseguições anteriores. Os cristãos já se haviam tornado mais conhecidos. A severidade da jrerseguição variava conforme a atitude do magistrado encarregado da aplicação das penas. A crueldade verificada na Itália, na África do Norte e no Oriente não era igualada na Gália e Bretanha, onde o "césar" Constâncio Cloro, mais simpático ao cristianismo, prestava obediência aparente â política imperial, destruindo os edifícios eclesiásticos, sem, no entanto, perseguir os cristãos. Com isso, granjeou, junto aos que poupara, uma popularidade que viria a reverter em benefício de seu filho.

O afastamento voluntário de Diocleciano, e a abdicação forçada de seu colega Maximiano, em 305, privaram a complexa organização governamental da mão forte do único homem capaz de dominá-la. Constâncio Cloro e Galério tornaram-se, assim, "Augustos", rrias, quando da nomeação dos "césares", os direitos dos filhos de Constâncio Cloro e Maximiano .foram preteridos em favor de dois apadrinha-

dos de Galério, a saber, Severo e Maximino Daia. A essa altura, praticamente cessara a perseguição no Ocidente, embora continuasse, com crescente severidade, 110 Oriente. Oonstâncio Cloro morreu em 306, e a guarnição de Iorque aclamou seu filho, Constantino, como imperador. Valendo-se desse apoio militar, Constantino obrigou Galério a reconhecer o seu titulo de "césar", assenhoreando-se da Gália, Espanha e Bretanha» Pouco tempo depois, Maxêncio, filho de Maximiãno, derrotou Severo e dominou a Itália e a África do Norte. O próximo duelo que Constantino teria de enfrentar, 11a sua luta pela conquista do império, viria a ser com Maxêncio Do seu resultado dependia o domínio do Ocidente inteiro. Licínio, protegido de Galério, herdou a hegemonia sobre uma parte das antigas possessões de Severo,

Antes que se travasse a batalha decisiva, pelo Ocidente, porém, Galério, juntamente com Constantino e Licínio, publicou em abril de 311 um edito de tolerância para com os cristãos, "sob a condição de que nada pratiquem que seja contrário à disciplina" [1] Tratava-se, no máximo, de uma concessão relutante, embora não se possa dizer ao certo qual a razão que levou Galério, o perseguidor, de quem principalmente proveio o edito, a tomar tal atitude.. Talvez se tivesse ele convencido da futilidade da perseguição, ou passado a crer 11a possibilidade de que o Deus dos cristãos viesse a ajudá-lo 11a longa e grave enfermidade que o acometera e acabaria por tirar-lhe a vida, poucos dias depois. Esta última hipótese é a mais viável, eis que o próprio edito exorta .os cristãos a orarem pelos seus promulgadores.

A morte de Galério, em maio de 311, deixou quatro concorrentes ao trono imperial. Constantino e Licínio aproximaram-se um do outro, movidos por interesses mútuos, o mesmo acontecendo com Maximino Daia e Maxêncio. Daia imediatamente renovou a perseguição na Ásia c no Egito, Maxêncio, embora não favorecesse a perseguição, era partidário confesso do paganismo. A simpatia dos cristãos voltou-se naturalmente para Constantino e Licínio. Constantino soube tirar o máximo proveito de tal circunstância. É-nos impossível dizer até que ponto iam "suas convicções pessoais de cristão» Herdara uma certa simpatia pelos cristãos. Concordara com a promulgação do edito de 311. Suas forças pareciam insuficientes para enfrentar a grande batalha com Maxêncio. Não há dúvida de que desejava a ajuda do Deus dos cristãos nesse conflito desigual, embora muito provavelmente, a essa altura, não O considerasse o único Deus. Após

1 Eusébio, *História Eclesiástica,* 8 17 ,9. V. Ayer, *op cit.,* p .262

uma marcha brilhante e vários combates bem sucedidos no Norte da Itália, viu-se face a face com Maxencio, em Saxa Rubra, pouco ao Norte de Roma. Entre seus inimigos e a cidade, a ponte MúJvia, sobre o Rio Tibre. Nesse lugar, durante um sonho, na noite anterior à batalha, pareceu-lhe ver as iniciais do nome de Cristo, com a inscrição : " Por este siua^ v e n c e r á s T o m a n d o isso por oráculo, mandou que, mesmo às pressas, o monograrna de Cristo fosse pintado sobre seu elmo e os escudos dos seus soldados., Em certo sentido, portanto, foi na qualidade de cristão que enfrentou a bata lha. Em 28 de outubro de 312 travou-se uma das batalhas mais decisivas da história.. Maxêncio perdeu a luta e a vida. O Ocidente passou ao domínio de Constantino, O Deus cristão — assim cria o imperador — lhe havia dado a vitória,. Confirmavam-se nele todas as tendências cristãs. Desde então tornou-se, para todos os efeitos, cristão, embora ainda aparecessem emblemas pagãos nas moedas e o imperador retivesse o título de "Pontifex Maximus".

Provavelmente no começo do ano 313, Constantino e Eicmio encontraram-se em Milão e concordaram em conceder plena liberdade ao cristianismo. A esse episódio tem-se aplicado a designação de "Edito de Milão",[3] embora não haja provas de que se tenha efetivamente publicado um edito . O único documento de que dispomos é o rescrito de Licínio, dirigido a funcionários governamentais na Nicomédia, definindo os novos regulamentos a respeito do cristianismo. Ao que parece, rescritos locais transformaram cm fato as decisões revolucionárias tornadas pelos dois imperadores no seu encontro em Milão. A nova política não se cifrava, como fora o caso do edito de 311, na mera tolerância, nem tampouco fazia do cristianismo a religião do império„ Proclamava absoluta liberdade de consciência, colocava o cristianismo em pé de plena igualdade com qualquer outra religião do mundo romano, e ordenava que fossem restituidas todas as propriedades eclesiásticas confiscadas na recente perseguição.

Poucos meses após a promulgação do edito, em abril de 313, Licínio derrotou definitivamente o perseguidor Maximino Daia, em batalha travada perto de Adrianópolis, que aos olhos dos cristãos se assemelhou a uma segunda ponte Múlvia. Dois imperadores, porém, eram demais. Licínio, vencido por Constantino em 314, manteve a posse de menos de um quarto do império. Em desavença com Constantino, Licínio deixou-se tomar por um crescente ressentimento pelo

2 I.actánoio, *Morte dos Perseguidores,* 44.
3 Kusébio, *Históna Eclesiástica*, 10:5 V. Ayer, *op . cit* , p 263

favor dispensado por aquele ao cristianismo. Sua hostilidade transformou-se por fim cm pura e simples perseguição. Foi, por conseguinte, com profunda satisfação que os cristãos acolheram sua derrota final em 323. Constantino tornara-se, por fim, o governante único do mundo romano. Livrava-se a Igreja da perseguição Sua firmeza, fé e organização a haviam preservado em meio aos perigos. Livre dos seus inimigos, por ém, caíra em grande parte sob o controle do trono imperial romano. Começava assim uma união com o Estado que lhe haveria de ser fatal,



PERÍODO TERCEIRO

A Igreja do Estado Imperial

A NOVA S1TUAÇAO

Para a mentalidade essencialmente política de Constantino, o cristianismo significava a culminância do processo de unificação que há muito se estava verificando no império. Havia uma só lei, um só imperador e uma única cidadania para todos os homens livres. Era necessário houvesse também uma só religião. Constantino, porém, agiu com cautela. Não obstante estivessem distribuídos, de maneira desigual, pelo império, sendo mais numerosos no Oriente do que no Ocidente, os cristãos não passavam de uma fração da população quando os acordos de Milão lhes concederam paridade de direitos . A Igreja crescera com grande rapidez durante o período de paz, na segunda metade do século III Sob a proteção imperial, esse crescimento seria vertiginoso. E tal proteção Oonstantino prontamente deu à Igreja. Uma lei promulgada em 319 isentava o clero dos encargos públicos que tanto pesavam sobre os ombros das classes mais privilegiadas da população-[1] Em 321 concedeu se â Igreja o direito de receber legados, reconhecendo-se, por conseguinte, os seus privilégios de pessoa jurídica [2] Nesse mesmo ano proibiu-se o trabalho nas cidades, aos domingos.[3] Em 319 proibira-se o oferecimento de sacrifícios pagãos em casas particulares.[4] Eaziam-se donativos ao clero e erigiram-se grandes igrejas em Roma, Jerusalém, Belém e outros lugares, sob o patrocínio imperial. De particular importância foi a transferência formal da capital para Bizâucio, que havia sido reconstruída. Oonstantino chamava-a Nova Roma, mas o mundo atribuiu a ela o nome imperial: Coristantinopla. Embora os motivos tenham sido, sem dúvida, de caráter político e estratégico, as conseqüências religiosas da mudança foram vastas. A fundação oficial, em 330, firmou a sede do império numa cidade de escassas tradições

1 *Codex Ihcodosianus,* 16 2 2 V. Ayer, *op. cit* , p 283
2 *Idem,* 16.2 4. V. Ayer, *op cit* , p 283.
3 *Codex Justinianus,* 3..12.3 V. Ayer, *op cit* , p 284.
4 *Codex Theodosianus,* 9.16 2 V, Ayer, *op cit.,* p 286.

ou influências pagas, situada na porção mais fortemente cristianizada do mundo de então. Mais do que isso, a transferência da capital fez do bispo de Roma o personagem mais importante na antiga sede do império, ao redor da qual ainda gravitava a vida do Ocidente de língua latina. Essa importância do bispo de Roma tinha ainda mais possibilidade de crescer no futuro, pelo fato de não ter sido pretendida por Constantino e revestir-se de caráter espiritual, e não político Os grandes favores demonstrados por Constantino para com a igreja reservavam-se exclusivamente àquela porção que a si mesma se denominava "católica", forte, bem organizada e hierarquicamente estruturada. As várias seitas "heréticas" — e havia muitas delas — não podiam esperar receber mercê dc suas mãos.

A fim de o cristianismo poder tornar-se o fator de unificação do império, era necessário que a Igreja fosse una. Constantino verificou que essa unidade estava seriamente ameaçada . A perseguição movida sob o governo de Dioeleeiano ocasionara um cisma na África do Norte, um tanto complexo e. motivado por questões pessoais, mas em muito semelhante ao de Novaciano em Roma, meio século antes (v. j) **1**.38) „ A Igreja naquela região estava dividida. O partido rigorista acusava o novo bispo de Cartago, Ceciliano. de haver recebido sagração, em 311, de um homem em estado de pecado mortal, o •qual entregara às autoridades cópias das Escrituras, durante a recente perseguição. A sagração era, por conseguinte, considerada nula, e o partido escolheu um antibispo, Majorino . Seu sucessor, em 316, foi o brilhante Donato, o Grande, de cujo nome proveio a designação de donatistas atribuída ao partido. No ano de 313, Constantino fizera subvenções, em dinheiro, ao clero "católico" da África do Norte.[5] Os donatistas, ao ser-lhes negada participação nessas subvenções, apelaram ao imperador. Um sínodo reunido em Roma nesse mesmo ano decidiu contra eles, o que só serviu para exaltai- airrda mais os ânimos o Diante disso, Constantino firmou o que viria a ser desde então a política imperial com respeito aos problemas eclesiásticos. Convocou um sínodo correspondente à sua porção do império para reunir-se, a expensas do erário público, em Aries, no Sul da (rália . À própria Igreja caberia decidir a controvérsia, mas sob o controle imperial. Nesse lugar reuniu-se então um grande concilio, em 314. Condenaram-se as pretensões donatistas. As ordenações eram declaradas válidas mesmo quando feitas por clérigo pessoalmente indigno. Reconhecia-se igualmente o batismo herético e

-S Rusébio, *História Eclesiástica,* 10:6 V Ayer, *op cit* , p 281

aprovava-se a data romana de comemoração da Páscoa,[6] Os donatistas recorreram novamente ao imperador, o qual uma. vez mais negou-lhes razão, em 816. Diante de sua recusa ern curvar-se diante de tais decisões, Constantino ordenou que suas igrejas fossem fechadas e banidos os seus bispos,. Viu-se então o triste espetáculo de cristãos a perseguir outros cristãos. A África do Norte estava em ebulição. Constantino, no entanto, insatisfeito com os resultados, abandonou, em. 321, o izso da força contra os cismátícos. Com isso, a seita cresceu 'rapidamente, proclamando-se a si mesma como a única igreja que possuía clero livre de "pecados mortais[77] e que administrava os únicos sacramentos válidos. Só depois da conquista muçulmana vieram os donatistas a desaparecer.

6 V Ayer, p 291

DA CONTROVERTA ARIANA ATE A MORTE DE CONSTANTINO

A grande controvérsia ariana representava para a unidade da Igreja perigo muito maior do que o cisma do na tis Ia. Já lembramos que, ao passo que o Ocidente, graças à obra de Ter tuliano e Novacia- uo, tinha chegado praticamente à unanimidade no que diz respeito à unidade de substância entre **Cristo** e o Pai (v pp 100-108), o Oriente ainda estava dividido. Das obras do teólogo oriental dominante, Orígenes, extraíam-se citações conflitantes. Se é verdade que proclamara a geração eterna do Filho, não menos verdade é que também considerara o Eilho como um segundo Deus e criatura (v. p 114). Ao redor de Antioquia persistiam as tendências adocianistas, ao passo que o sabeüanismo grassava no Egito. Além disso, o Oriente preocupava-se muitíssimo mais intensamente com a perquirição teológica do que o Ocidente, o (pie o tornava também mais dado à polêmica. Não se pode negar, outrossim, que a porção de língua grega do império, no século **IV,** dispunha de talentos intelectuais muito mais avantajados do que a de língua latina

A causa real da luta estava nessas diferentes interpretações, mas a controvérsia propriamente dita começou em Alexandria, por volta de 320, com urna disputa entre Ario e seu bispo, Alexandre (312?-328). Discípulo de Lueiano de Antioquia (v p 145), Ario era um presbítero encarregado da igreja conhecida como Baucalis. Era já de certa idade e tido em alta conta como pregador de grande erudição, capacidade e devoção. As influências moriarquianas[v] recebidas em Antioquia levaram-no a realçar a unidade c existência auto suficiente de Deus. Na medida em que seguia os ensinos de Orígenes, representava a doutrina do grande alexandrino que conceituava o Cristo como um ser criado. Como tal, Cristo não era da mesma substância de Deus, tendo sido feito do "nada", como as demais criaturas. Não era, por conseguinte, eterno, embora o primeiro entre as criaturas c agente na criação do mundo. "O Eilho tem princípio.

mas Deus é sem princípio".[1] Para Ário, Cristo era, na verdade, Deus em certo sentido, mas um Deus inferior, de modo algum uno com **o** Pai em esscncia ou eternidade. Na eucarnação, esse Logos entrou em um eorpo liumano, tomando o lugar do espírito racional humano. No pensamento de Ário, por conseguinte, Cristo não era nem perfeitamente Deus nem perfeitamente homem, mas um *terüum quid* intermédio. E isso o que torna totalmente insatisfatória a sua concepção.

O Bispo Alexandre sofrerá a influência da outra faceta do ensino de Orígenes. Para ele, o Pilho era eterno, da mesma substância do Pai e absolutamente incriado,[2] Talvez faltasse ã sua concepção um pouco de clareza, mas evidencia-se a desse melhança entre eía e a de Ário. Estabeleceu-se então a controvérsia entre ambos, aparentemente por iniciativa de Ário, e com intensidade cada vez mais crescente. Por volta de **320** ou **321,** Alexandre convocon **uni** sino **d** o em Alexandria, que lançou condenação sobre Ário e alguns de seus simpatizantes. Ário buscou então o auxílio de um antigo colega na escola de Lueiano, o poderoso Bispo Eusébio de Nicomédia, refugiando-sc ao seu lado. Alexandre escreveu várias cartas aos seus colegas no episcopado, ao passo que Ário, auxiliado por Eusébio, defendia sua posição. O mundo eclesiástico oriental entrava em ebulição,.

Essa era a situação ao tempo da vitória de Constantino sobre Licínio, que o fez senhor tanto do Oriente como do Ocidente. A controvérsia ameaçava a unidade da Igreja, essencial para Constantino. O imperador enviou então a Alexandria o seu principal conselheiro para assuntos eclesiásticos, o Bispo Hósio, de Córdova, na Espanha, fazendo-o portador' de uma carta imperial em *que* aconselhava a que se preservasse a paz e descrevia o problema como "uma questão sem proveito".[3] Vão foi esse esforço bem intencionado, mas mal dirigido. Constantino resolve então lançar mão do mesmo recurso de que já se servira em Aries, diante da discussão donatista. Convocou um concilio da Igreja inteira. O de Aries congregara representantes da p)or^ão do império por ele governada então. Constantino era agora senhor de todo o império. Todos os bispos do império foram, portanto, convocados. O princípio era o mesmo, mas

1 Ario a Eusébio, Teodoreto, *História Eclesiástica,* 1:4. V Ayer, *op cit p 302.*
2 Caria de Alexandre, em Sócrates, *História Eclesiástica,* 1:6.
3 Carta cm Eusébio, *Vida de Constantino,* 2:64-72

a extensão da jurisdição de Constantino fez da reunião de Nieéia o primeiro concilio geral da igreja.

Reunido em Nieéia em maio de 325, esse concilio permanece na tradição cristã como o mais importante da história da Igreja. A ele acorreram os bispos, a expensas do governo, acompanhados por clérigos das ordens inferiores, os quais não dispunham, porém, do direito de voto nas decisões. Os representantes orientais predominavam numericamente. Dentre aproximadamente trezentos bispos presentes, só seis provinham do Ocidente. Havia três partidos: um menor, radicalmente ariano, liderado por Eusébio de Nieomédia; outro, também pequeno, entusiasticamente apoiava Alexandre, e a grande maioria, cujo líder era o historiador eclesiástico Eusébio de Cesaréia, homens pouco versados nos i>roblemas sob discussão. Na verdade a maioria, como um todo, pode ser descr ita por um escritor pouco benevolente como "simplórios".[4] Os que tinham opinião formada fundamentavam-se em geral nos ensinos de Orígenes. Destacava-se na assembléia a presença do próprio imperador, o qual, apesar de não ser batizado --•- razão por que não podia, do ponto de vista técnico, ser considerado membro da Igreja •— era alguém cuja importância não podia deixar de ser acolhida entusiasticamente.

O concilio, quase no começo, rejeitou um credo proposto pelos arianos. Eusébio de Cesaréia 'apresentou então o credo usado em sua própria igjreja. Era uma confissão em termos moderados, originária de antes da controvérsia, e, por conseguinte, indefinida quanto aos .problemas específicos que agitavam a reunião. Introduziu-se nesse credo de Cesaréia, a! seguir, uma emenda importantíssima, aditando-se-lhe as expressões: "gerado, não feito, consubstanciai *(homoousion)* com o Pai".. Rejeitaram-se especificamente, também, fórmulas arianas, tais como "houve tempo em que Ele não era" e "feito do que não era". Usaram-se como expressões equivalentes as palavras "essência", "substância" *(ousía)* e "lripóstasis", que mais tarde adquiriram conotações tecnicamente diversas. Loofs[5] tentou demonstrar que essas modificações foram introduzidas por influência dos ocidentais, notadamente, sem dúvida, a de Hósio dc Gordova, apoiado pelo imperador. A palavra-chave *liomoonsion,* em particular, por muito tempo tinha sido considerada ortodoxa na sua versão latina e usada na filosofia durante o século II, apesar de rejeitada por um sínodo reunido em Antioquia, no curso da polêmica contra Paulo de

4 Sócrates, *História Eclesiástica,* 1:8*:*
5 *Rcalencyklopàdie fiir prot Theol u Kirche,* 2:14, 15

Samósata (v. p 104). Na realidade, foi pouco usada pelo próprio Atanásio nos seus primeiros pronunciamentos em favor da fé nicena. É fácil compreender a atitude tomada por Constantino. Sendo ele essencialmente um político, pensou que uma fórmula que não encontrasse oposição na parte ocidental do império e contasse com o apoio de uma porção do Oriente, seria mais aceitável do que qualquer outra que pudesse ser rejeitada pelo Ocidente inteiro, e receber a anuência de não mais do que uma porção do Oriente. Deveu-se à influência de Constantino a adoção da definição de Nicéia. A afirmação de que ele algum dia chegou a entender todas as nuanças de sentido implícitas nessa fórmula é mais que duvidosa. O imperador, no entanto, desejava que se chegasse a uma expressão unificada da fé da Igreja em face do problema em foco, e estava convicto de a haver obtido. Sob sua supervisão, todos os bispos a subscreveram, com exceção de dois, os quais, juntamente com Ário, foram banidos por Constantino. A política imperial conseguira manter a unidade da Igreja, dando a esta o que nunca antes possuíra, a saber, uma declaração que podia ser considerada um credo universalmente aceito.

Além de formular o credo, o Concilio de Nicéia promulgou uma série de cânones importantes a respeito da disciplina eclesiástica, preparou o caminho para o retorno dos que, no Egito, haviam aderido ao cisma de Melito, referente ao tratamento dos apóstatas; facilitou a readmissão dos novacianos e prescreveu uma data uniforme para a observância da Páscoa.

Diante da maneira pela qual o credo niceno foi adotado., não é de estranhar se haja levantado no Oriente grande oposição ao uso de sua palavra-chave, *homoousion,* Para os arianos, derrotados, ela era evidentemente absurda, Mas estes eram poucos. Para o grande partido intermediário, formado de discípulos de Orígenes, parecia pouco menos satisfatória, em virtude das conotações que lhe pareciam sahelianas. Embora tivessem assinado a declaração de Nicéia, Eusébio de Nicomédia e seu simpatizante ariano, Teógnis de Nicéia, manifestaram tal hostilidade ao termo que Constantino ordenou fossem ambos exilados. Por volta de 328, porém, já haviam retornado às suas cidades, possivelmente graças à proteção da irmã do imperador, Constância. Eusébio em breve adquiriu mais ascendência sobre o imperador do que qualquer outro dignitário do Oriente — e usou dessa ascendência para favorecer a causa de Ário. Diante de tais fatores opostos ao pronunciamento de Nicéia, é fácil entender por

que a batalha decisiva não se travou • tanto no concilio mesmo, mas aos cinqüenta e tantos anos seguintes.

Nesse ínterim, o grande defensor da fé nicena passara a assumir papei de maior relevância Nascido em Alexandria em 295, Atanásio era ainda diáeono quando dos primeiros estágios da controvérsia ariana, ocupando o cargo de secretário particular do Bispo Alexandre. Nessa qualidade acompanhou o seu bispo quando este compareceu ao concilio de Nieéia Morrendo Alexandre, em 828, foi eleito para o episcopado de Alexandria, posto que ocupou, apesar- de combatido e cinco vezes desterrado, até sua morte, em 373 Embora não o possamos chamar de grande teólogo especulativo, era dotado de grande caráter, Numa época em que o favor da corte adquirira grande importância, manteve-se firme em suas convicções A ele principalmente se deve a vitória final da teologia de Nieéia, já que o Ocidente niccrio não contava com nenhum teólogo realmente capaz Para Atanásio, o que estava em jogo era a própria salvação, e a razão principal de seu poder residia no fato de ter- conseguido con vencer disso os demais cristãos Desde os eomeços da tradição da Ásia Menor, o conceito grego de salvação cifrava-se na transformação da mortalidade pecaminosa em imortalidade divina e bem-aventurada, a transmissão de 'vida'[7] (v p 62).. Só na medida em que a Divindade real se unisse â plena humanidade em Cristo poderia efetivar-se nele a transformação do humano em divino, ou ser por ele transmitida aos seus discípulos Como disse o próprio Atanásio: "Ele (Cristo) se fez homem para que nós pudéssemos ser feitos divinos".[6] Na sua opinião, o grande erro do arianismo estava em não oferecer fundamento para uma salvação real Grande coisa foi para o partido níceno contar com um líder tão moderado e, ao mesmo tempo, tão decidido, já que os outros dois defensores da fé nicena — os bispos Marcelo de Aneira e Eustátio de Antioquia dificilmente poderiam ser considerados teologicamente impecáveis e eram acusados, um tanto injustamente, de esposarem opiniões decididamente sabelianas,

Eusébio de Nicomédia viu desde logo em Atanásio o verdadeiro inimigo da causa ariana Constantino não revogaria a decisão de Nieéia, mas — pensava, Eusébio • o mesrno resultado piático poderia ser atingido mediante o ataque aos seus defensores. Diferenças políticas e teológicas foram astutamente usadas para obter[1] a condenação de Eustátio, em 330 Os partidários de Eusébio estavam de-

6 Sobre a Encarnarão, 54:3

terminados na derrota de Atanásio e na restauração de Ário. Este, havendo voltado do exílio, mesmo antes de Eusébio, apresentou a Constantino um credo que evitava cuidadosamente definir-se com respeito ao problema em discussão.[7] Para a diminuta capacidade teológica de Constantino essa declaração parecia preencher as condições de uma retratação satisfatória e expressai' uma disposição de reconciliar-se. Ordenou, portanto, a Atanásio, que restituísse a Ário o lugar que ocupara em Alexandria. A isso recusou-se Atanásio, o que lhe valeu a acusação de despotismo e conduta desleal. Poi possível, por fim, persuadir Constantino de que o principal obstáculo à paz residia na teimosia de Atanásio, Os bispos presentes à cerimônia de consagração da igreja recentemente construída por Constantino em Jerusalém reuniram-se em Tiro e, logo a seguir, em Jerusalém, sob influência dos partidários de Eusébio, tomando urna decisão favorável à restauração de Ário, em 335, Por volta do fim desse ano, o imperador desterrou Atanásio para a Cátia. Pouco tempo depois a mesma facção conseguiu a deposição de Marcelo de Ancira, sob a acusação de heresia. Dessa maneira alijaram-se os principais defensores do credo nieerro. Os eusebíanos planejaram eirtão a restauração do próprio Ário à comunhão da Igreja., Na noite anterior à cerimônia, porém, Ário morreu subitamente (336). Idoso como era, é bem possível que as emoções da disputa lhe tivessem sido fatais.

A fé niccna parecia, se não oficialmente renegada, praticamente minada, quando Constantino morreu, em 22 de maio de 337. Pouco antes de seu falecimento havia sido batizado por .Eusébio de Nicomédia. Enormes haviam sido as transformações na situação da Igreja que presenciara, a maioria das quais fruto da sua própria iniciativa, Nem todas, contudo,, foram vantajosas, Se é verdade que as perseguições cessaram e o crescimento numérico aumentou rapidamente sob a proteção imperial, não menos verdade é que discussões doutrinár ias, que em épocas anteriores teriam sido tratadas como tais, agora assumiam foros de problemas políticos de grande magnitude, e o imperador assumira, em questões eclesiásticas, tal parcela de autoridade, que ameaçava o futuro da Igreja No entanto, em virtude da constituição do Império Romano, tais resultados seriam provavelmente inevitáveis se, como se deu com Constantino, o próprio imperador viesse a aceitar a fé cristã

7 Sócrates, *História Eclesiástica,* 1:26.. V Ayer, *op. cit.,* p 307

A CONTROVÉRSIA SOB O REINADO DOS EILHOS DE OONSTANTINO

À morte de Oonstantino seguiu-se a partilha do império entre **seus** três filhos, com algumas disposições relativas a outros parentes, descumpridas em razão de unia intriga palaciana e matança Constantino II, o mais velho, recebeu por herança a Bretanha, Gália ^ Espanha; Constâncio, a Ásia Menor, a Síria e o Egito; enquanto a parte intermédia coube ao mais jovem, Constante Constantino II morreu em 340, de modo que o império foi prontamente dividido entre Constante no Ocidente, e Constâncio no Oriente. Ambos provaram desde o início ser mais parciais em matéria de religião do que seu pai.. Um edito promulgado em conjunto, em 316, ordenou que os templos fossem fechados e proibia os sacrifícios aos deuses, sob pena de morte.[1] 13sse diploma legal, porém, mal chegou a ser aplicado A controvérsia donatista na África do Norte alastrara-se muito, transformando, pois, aquela região em cenário de muitas agitações agrárias e sociais Constante atacou frontal mente os donatistas, os quais, embora não chegassem a ser totalmente exterminados, ficaram bastante debilitados..

A relação mais importante dos filhos de Constantino com os problemas religiosos da época referiu-se à controvérsia nicena, que ainda continuava. Sob seu governo, alargou-se o âmbito da discussão, que passou, de uma querela restrita quase que exclusivamente ao Oriente, à dimensão de uma polêmica que abarcava o império inteiro. Logo no início do seu reinado conjunto, os imperadores permitiram o retorno dos bispos exilados Antes do fim de 337, portanto, Atanásio encontrava-se novamente em Alexandria,. Eusébio, contudo, era ainda o líder partidário mais influente no Oriente, e sua autoridade foi naturalmente fortalecida ao ser ele promovido, em 33Í), do bispado de Nicomédia ao de Constaritinopla, onde veio a falecer

1 Codex f luodosuiniis, 16 10 4 V Ayer, *op. -cit* , p 323

cm 341 Em virtude de sua influência, Atanásio foi expulso ã força de Alexandria, na primavera de 339, substituído inilitarmente por um bispo ariano, Gregório de Capadócia.. Atanásio fugiu para Roma, onde em breve foi encontrá-lo Marcelo de Ancíra

O Oriente e o Ocidente eram agora governados por dois imperadores diferentes, e Constante apoiava as simpatias nicenas dos seus súditos» Além de o império estar dividido, o Bispo Júlio, de Roma, podia agora intervir fora do alcance de Constareio Acolheu os fugitivos e convocou os seus opositores a reunir se em sínodo na cidade de Roma, cm 340. Apesar da ausência dos representantes do partido de Eusébio, o sínodo declarou que Atanásio e Marcelo haviam sido depostos injustamente., Os líderes orientais retrucaram não meramente com protestos contra a atitude romana, mas com uma tentativa de ab-rogar a própria fórmula nicena, contando para isso com o apoio de Constâneio. Efetivamente, dois sinodos reunidos em Antioquia, em 341, adotaram credos cujas expressões que — - justiça seja feita — nada tinham de positivamente arianas, mas no quais se omitia tudo o que fosse definidamente niceno. Em certo sentido, tais declarações representavam a ortodoxia pré-nicena. A essa altura, a morte de ftusébio, agora em Constantinopla, roubou aos opositores da decisão nicena sua hábil liderança. Os dois imperadores chegaram à conclusão de que essa difícil polêmica poderia ser satisfatoriamente resolvida com a convocação de um novo concilio geral e, conseqüentemente, o reuniram em Sárdica, a moderna Sofia, no outono de 343. A reunião não chegou a tornar-se um concilio geral, já que os bispos orientais, vendo-se em minoria e deparando-se com a presença de Atanásio e Marcelo no seu melo, resolveram retirar-se.. Mais uma vez os bispos ocidentais deram seu *apoio* a Atanásio e Marcelo, muito embora este último representasse sério entrave à sua causa, por causa de sua duvidosa ortodoxia. Parecia iminente a separação eclesiástica entre Oriente e Ocidente.

O concilio de Sárdica fracassara totalmente no seu propósito de sanar a querela, mas os bispos ocidentais então reunidos aprovaram vários cânones, liderados por Hósio de Córdova, cânones esses de grande importância no desenvolvimento da autoridade judicial do bispo de Roma,. O que fizeram foi, em suma, transformar em regra geral o procedimento até errtão seguido com respeito a Atanásio e Marcelo,, Decidiu-se que, no caso de um bispo ser deposto i como acontecera com estes), cabia-lhe o direito de recorrer ao Bispo Júlio de Roma, o qual poderia fazer com que a questão fosse submetida

a novo julgamento por juizes diferentes, sendo suspensa a nomeação de sucessor até à divulgação do veredicto de Roma[2] Estas eram regras puramente ocidentais e parecem ter suscitado pouca atenção na época, mesmo em. Roma Posteriormente, porém, adquiriram grande importância,

Os dois irmãos imperadores convenceram-se de que a controvérsia estava assumindo proporções demasiado sérias Seja como for, Constante apoiava Atanásio e, após a morte do bispo rival, Gregório, Constâncio permitiu que Atanásio voltasse a Alexandria, em outubro de 347, sendo acolhido cordialmente pela grande maioria da população, que sempre o apoiara entusiasticamente, A situação parecia favorável a Atanásio, mas de repente os fatos políticos tornaram-na pior do que nunca Urn imperador rival, Magriêncio, levantou-se no Ocidente, e em 350 Constante foi assassinado Após *três* anos de luta, Constâncio venceu o usurpador, tornando-se senhor único do império (353)

Constâncio, finalmente senhor da situação, deliberou por fim à controvérsia No seu entender, Atanásio era o inimigo principal, Os líderes dos anti-atanasianos eram agora os bispos Ursáeio de Singidunum e Valente de Mursa Durante os sínodos reunidos em Aries, em 353, e Milão, ern 355, Constâncio obrigou os bispos ocidentais a abandonar Atanásio e restabelecer comunhão com os opositores orientais. Por se haverem insurgido contra tais exigências foram banidos Libério, bispo de Roma; Hilário de Poitiers, o mais ilustre bispo da Gália, e Hósio de Córdova, já idoso. Atanásio, expulso mais uma vez de Alexandria, pela força das armas, em fevereiro de 356, iniciou o seu terceiro período de exílio, refugiando-sc entre os monges egípcios, junto aos quais passou a maior parte dos seis anos seguintes, Um sínodo congregado em Sirmíum, residência do imperador, em 357, proibiu o uso da expressão ousia (substância) em qualquer de suas formas, acoimando-a de não-escriturística.^ Até onde ia a influência do sínodo, essa deliberação eqüivalia a uma abolição de fórmula nicena, Hósio subscreveu-a, embora se recusasse terminantemente a condenar Atanásio A declaração de Sirmium foi fortalecida por um acordo conseguido por Constâncio, na pequena cidade de Nice, na Trácia, em 359, no qual se afirmava o seguinte: "Chamamos o Eilho de semelhante ao Pai, tal corno as Santas Escrituras o chamam e ensinam".[4] O imperador e os bispos por ele protegidos, especialmente Valente de Mursa, passaram a buscar a acei-

2 V. Ayer, *op, cit* , p 364 366
3 Hilário cie Poitiers, *De Syno-dis,* 11 V Ayer, *op. cit ...* p 317
4 Ayer, *op, cit .,* p 319

tação de sínodos que afirmavam ser representativos tanto do Oriente como do Ocidente, reunidos em Rímiui, Selêucia e Constantirropla, A antiga fórmula nicena tinira sido abolida e a Igreja inteira, teoricamente, aceitara o substitutivo, A expressão considerada adequada — a única permitida nos círculos palacianos - era "o Filho < semelhante ao Pai" (*Iwmoios*) Os que apoiavam o seu uso passaram a ser por isso conhecidos corno o partido "homoiano" (de *semelhante).* Aparentemente inofensiva, a adoção dessa fórmula eqüivalia a urna rejeição da fé nicena e abria as portas às afirmações de caráter ariano. Por enquanto o triunfo pertencia aos arianos, cujo sucesso se deveu, em grande parte, ao fato de que a fórmula do *homoion* apelava a muitos que se sentiam já cansados da longa controvérsia.

Na realidade, contudo, a vitória ariana preparara o caminho para a ruína do aiianismo, embora esta não se manifestasse imediatamente.. A oposição à fórmula nicena compusera-se sempre de dois elementos: uma pequena facção ariana e um grupo muito maior de conservadores, que se atinham no geral às posições propostas por Orígenes Para estes o aiianismo era inaceitável mas a expressão nicena *homoousios* parecia-lhes arbitrária, tendo sido anteriormente condenada em Antioquia, e de sabor sabeliano. Ambos os grupos haviam agido em conjunto no sentido de oferecer resistência à fórmula nicena, mas seu acordo não ia além disso Arianos extremados começaram a fazer-se notar em Alexandria e outros lugares. Os conservadores eram mais hostis a eles do que ao partido niceno. Negavam-se a pronunciar a expressão *homooustos* (de uma substância), mas estavam dispostos a aceitar a expressão *homoiousios*, não no sentido de "mesma substância" (como seria a tradução natural), mas de igualdade de atributos. Começavam também a distinguir entre *ousia* (substância, essência) e *hypostasis,* passando agora a usar esta última no sentido de "subsistência", vale dizer, deixando de considerar esses dois vocábulos equivalentes, como no símbolo niceno Com isso, tornava-se-lhes possível preservar o ensino de Orígenes a respeito de "três hipóstases", afirmando ao mesmo tempo a igualdade de atributos. O partido intermédio, assim reconstruído, fez notar sua influência pela primeira vez num sínodo reunido em Ancira, em 358, e seus primeiros líderes principais eram os bispos Basílio de Ancira e Jorge de Laodicéia Em geral têm sido conhecidos corno os semi-arianos, mas a designação é inadequada Melhor seria chamá-los de "conservadores" Rejeitavam energicamente o aria-

nísmo, aproximando-se, de fato, de Atanásio. Este percebeu os pontos em comum, e a união foi facilitada pelo trabalho de Hilário de Poitiers, (pie insistia em que, por *hornoiousios,* os conservadores significavam aquilo que o imrtido niccno entendia por *homoousios?* A vitória final dos nicenos viria mediante a fusão dos partidos nieeno e "semi-ariano" ou "conservador" Mediante essa união, a tradição da -Ásia Menor e as interpretações de Orígenes viriam a combinar-se com as de Alexandria Foi, porém, um processo lento No seu desenvolvimento as antigas posições nicenas viriam a ser um tanto modificadas, para transformar-se na teologia neonicena

5 *De Synodts,* 88 V Ayer, *op. cit . ,* p 319

14

CONTINUAÇÃO DA LUTA NICENA

Constâncio morreu em 361, enquanto se preparava para resistir ao seu primo Juliano, aclamado imperador pelos soldados ern Paris, o qual entrou assim na jrosse do mundo romano. Quando, à época da morte de Constantino, do massacre do seu pai e parentes, Juliano havia sido poupado, por causa de sua tenra idade.. Considerava Constâncio, porém, como assassino do seu progenrtor Foi educado em meio a constante perigo de vida e forçado à obediência exterior de todos os preceitos eclesiásticos, Não espanta tenha ele vindo a odiar tudo o que Constâncio representava. Nutria grande admiração pela literatura, pela vida e pela filosofia do helenismo antigo Em sentido estrito, não era um "apóstata", Embora necessariamente oculto do público, seu paganismo era urna convicção que datava de muito antes da época de sua campanha contra Constâncio, a qual lhe permitiu declará-lo publicamente, Era um paganismo de caráter místico e filosófico,, Subindo ao trono, tentou promover um reavivamento pagão. Em toda a extensão do império o cristianismo foi desfavorecido e os cristãos demitidos de seus cargos. A fim de que as querelas entre os cristãos viessem a auxiliar a reação pagã, os bispos banidos durante o reinado de Constâncio foram reinstalados Foi assim que Atanásio retornou a Alexandria, mais uma vez, em 362, Antes, porem, do fim do ano, já havia sido novamente desterrado por[1] Juliano, o qual se irritou diante da facilidade com que o famoso bispo fazia conversos dentre os pagãos, Foi curto o reinado de Juliano. Durante uma campanha contra os persas, em 363, veio a perder a vida. Foi o último imperador pagão que Poma teve,

O reinado de Juliano mostrou a fraqueza dos elementos arianizantes que haviam sido protegidos por Constâncio Os atanasianos e os conservadores se aproximaram ainda mais. Mais importante ainda, a discussão nieena ampliava o seu âmbito, passando a incluir o debate acerca das relações entre o Espírito Santo e a divindade. No Ocidente, desde o tempo de Tertuliano, Pai, Pilho e Espírito

Santo eram considerados três "pessoas" de uma única substância (v. p 100). Tal unanimidade era inexistente no Oriente Nem **mesmo** Orígenes se pronunciara com clareza sobre se o Espírito era **"criado** ou incriado", "filho de Deus ou não"..[1] Não houvera **muita** discussão a. respeito desse tema Surgindo ele agora, no contexto **maior** da polêmica, para Atanásio e seus amigos a *homoonsta* **do Espírito** Santo com o Pai era um corolário da *kom.oousta* do Pilho. **Durante** um sínodo realizado em Alexandria, em 362, sob **a** presidência de Atanásio, recém-retornado do exílio, estabeleceram-se os termos da união com os partidos rivais de Antioquia Seria suficiente - - declarava-se — "anaternatizar a heresia ariana e confessar a fé confessada pelos santos Pais de Nieéia, e também anaternatizar os que declaram que o Espírito Santo é criatura e **separado** da essência de Cristo"[2] O sínodo considerou indiferente o uso dos termos "três hipóstases" e "uma hipóstase", desde que o adjetivo "três" não fosse usado no sentido de "diferente em essência" e o adjetivo "um" com a conotação que tinha a unidade sabeliana O próprio Atanásio abria assim a porta, não só para a plena definição da doutrina da Trindade, mas também para, a or todoxia neonicena, com sua idéia da Divindade em uma essência (substância) e três hipóstases.

À morte de Juliano seguiu-se o breve reinado de Joviano. Mais uma vez subia ao trono um governante cristão, e, desta feita, um governante que, por felicidade, pouco interferia nos negócios eclesiásticos. Atanásio logo voltou do seu quarto exílio O reinado de Joviarro terminou em 364, sendo sucedido pelo de Valentiniano í (364-375). Este, alegando que a defesa do império era tarefa grande demais, restringiu-se ao governo do Ocidente, dando o do Oriente ao seu irmão Valente (364-378) Valentiniano pouco interferia nos negócios da Igreja. Valente sofreu a influência do clero ariano de Constantirropla e não escondia sua antipatia pelos partidários tanto da fórmula "homoousion" quanto da "homoiousion" fato, aliás, que contribuiu para a união dos dois partidos. Condenou Atanásio a um quinto e último exílio, em 365, desta feita rrrais breve, não se exigindo, do já idoso bispo, que se retirasse para muito longe da cidade Valente, porém, não deu ao aríanisrrio apoio tão vigoroso quanto o que Constâncio prestara. Atanásio morreu em Alexandria, em 373, entrado em anos e coberto de honras.

1 De Principiis[1] prefácio
2 lomus cid Antiochenos, 3 V Ayer, *op cit* , p 350

Com a morte de Atanásio, a liderança na luta passava às mãos de homens mais jovens, do partido neonieeno Os principais dentre eles eram Basílio de Cesaréia, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa, todos da Capadócia. Nascido de família capadócia proeminente, em 330, Basílio recebeu a educação mais aprimorada que podiam fornecer Constantínopla e Atenas, sendo companheiro de estudos de Gregório de Nazianzo, seu amigo durante toda a vida Por volta de 357, cedendo às tendências cristãs ascéticas da épocà, abandonou a idéia de uma carreira de brilho mundano e passou a viver praticamente como um monge Visitou o Egito, que era então o centro de um crescente movimento monástico, e tornou-se o grande propagador do monaquismo na Ásia Menor Era homem talhado, porém, rrão x>ara o claustro mas para a vida ativa. Profundamente versado em Orígenes e tomado de simpatia pelo partido "homoíousíano", Basílio contava-se entre os que gradualmente vieram a estabelecer relações cada vez mais chegadas com Atanásio e, como este, afirmava a plena consubstancialidade do Espírito Santo, Para os macedonianos, assim chamados -— a ala do partido "homoiousiano" (pie se recusava a considerar o Espírito Santo como plenamente Deus — Basílio moveu severa oposição. A causa por ele esposada logrou importante vitória ao tornar-se ele bispo de Cesaréia, na Capadócia, em 370, Esse cargo dava-lhe autoridade eclesiástica sobre grande área da zona oriental da Ásia Menor, autoridade essa de que ele não fez pouco uso com o fito de promover a causa neonicena, até sua morte prematura, em 379. Procurou também promover as boas relações entre os opositores orientais do arianisrno e os líderes do Ocidente.

Gregório de Nissa era irmão mais moço de Basílio. Notável orador e escritor de dotes e penetração teológica airrda maiores do que os de Basílio, Gregório não dispunha, no entanto, da mesma capacidade de organização e administração, É bem significativo o fato de ter ele desenvolvido a teologia mística da Igreja Oriental e, com maior sucesso do que seu grande "mestre" Orígenes, lançado mão da filosofia helenista como instrumento de apoio à verdade cristã. Em 371 ou 372, tornou-se bispo da pequena cidade capadócia de Nissa. Viveu até depois de 394, sendo contado errtre os quatro grandes Pais da Igreja Oriental..

Gregório de Nazianzo (329?-389?) tira o nome da cidade onde nasceu, da qual seu pai era o bispo Desde os seus dias de estudante estabeleceu profunda amizade com Basílio, sentindo, como este, a atração da vida monástica. Seus dotes de orador eram ainda maiores

do que os dos seus companheiros, havendo os exercido nas mais variadas situações A partir- de 361, aproximadamente, enquanto ainda sacerdote, auxiliou seu pai. Basílio lê-lo bispo da cidade de Sasima. Por volta de 378 dirigiu-se a Corislantiriopla a fim de mover oposição ao arianisrno, professado pela vasta maioria dos seus habitantes, Subindo ao trono, em 379, Teodósio, zeloso mantenedor da fé nicena, deu-lhe o apoio necessário. Gregório teve tanto êxito na sua pregação oue granjeou a reputação de haver convertido a cidade à fé nicena, Teodósio fê-lo bispo de Gonstantinopla em 381 Mas as lutas partidárias e a vocação ao recolhimento ascético, a (piai várias vezes já o havia afastado do mundo, levaram-no dentro de pouco tempo a renunciar a esse cargo eclesiástico da mais alta relevância. Seus dotes de escritor equiparam-se aos de Gregório de Nissa, embor a se caracterizasse mais corno retórico e pregador do que como pensador profundo, tal como era o seu homônimo. Como este, é contado entre os Pais orientais, tendo mais tarde recebido o título de "Teólogo"..

Mais do que a quaisquer- outros personagens, foi a esses três homens da Capadócia que se deveu a vitória intelectual da fé neonicena Para os seus contemporâneos sua obra parecia significar o triunfo do ponto de vista níceno Mesmo hoje em dia, porém, não se sabe até que ponto essa afirmação é verdadeira lia quem afirme que a ortodoxia nicena foi seriamente modificada, pelos capadócios. Eis o que diz um autor alemão,[3] a respeito desse problema:

> "Atanásio (e Marcelo) pregavam um único Deus, que vivia uma tríplice vida pessoal e se revela como tal. Os eapadócios falam em três hípóstases divinas, as quais, na medida em (pie manifestam a mesma atividade, possuem - • admite-se — uma única natureza e a mesma dignidade. Para os primeiros, o mistério está na trindade; para os segundos, na unidade . .. Os capadóeios interpretaram a doutrina de Atanásio de acordo com os conceitos e princípios subjacentes à cristoiogia do Logos, dc Orígenes. Alto tributo, porém, pagaram eles pelo seu êxito, mais alto até do que imaginavam, a saber, a idéia do Deus pessoal. O resultado veio a ser três personalidades e uma essência abstrata e impessoal".

De outra parte, é possível entender-se os eapadócios em sentido um tanto diverso. A triplicidade na Divindade não eqüivale a três "personalidades" (no sentido em que hoje em dia entendemos esse vocábulo), mas três "modos de ser" de uma essência *idêntica* (e não

3 R Seeberg, *Text fíook of lhe Hiitory of Doeírines,* trad. ingl , vol I, p 232

comum). Assim, não se trata de uma "essência impessoal" subjacente a três "pessoas" (no sentido comum do termo), mas de um Deus pessoal que existe em três modos que se interpenetrarri mutuamente e não estão sujeitos à cireunscrição que se predica dos indivíduos,[4]

O êxito niceno original e o triunfo temporário do arianismo haviam sido possíveis mediante a interferência imperial, Essa mesma força viria a favorecer a vitoria da ortodoxia neonicena A morte de Valente na grande derrota romana diante dos godos ocidentais, perto de Adrianópolis, em 378, fez do seu sobrinho, Graciano, o único governante sobrevivente. Oraciarro preferiu ficar com o governo do Ocidente, nomeando, muito sabiamente, imperador do Oriente, um hábil general e administrador, Teodósio, o qual veio a tornar-se, por um pouco de tempo, o último governante do império. Nascido na Espanha, foi educado num ambiente plenamente simpático à teologia ocidental e não escondia sua fidelidade à fé nicena. Em 380, juntamente com Graciano, promulgou um edito que ordenava a todos "guardassem a fé que o santo apóstolo Pedro legou aos romanos", mais especificamente definida como aquela que era ensinada pelos bispos Dârnaso de Roma e Pedro de Alexandria.[5] 'Esse edito constitui um marco na política imperial e no desenvolvimento eclesiástico. Desde então passaria a haver uma única religião no império, a saber, a dos cristãos. Mais ainda, só poderia existir a forma específica de cristianismo que professava uma única essência divina em três hipóstases, ou, nos termos, supostamente equivalentes, em que o expressaria o Ocidente, uma substância em três pessoas.

Em 381, Teodósio convocou um sínodo oriental em Constantinopla — ao qual veio mais tarde a atribuir-se a distinção de Segundo Concilio Geral da Igreja — e injustificadamerite obteve prestígio como o suposto autor do credo que veio a ser geralmente usado, sendo conhecido como "Niceno" Pouco se conhece dos trabalhos desse sínodo. Não há dúvida, porém, de que repeliu os rnacedonianos, ala do partido "homoiousiano" que se recusava a aceitar a consubstaneialidade do Espírito Santo, e aprovou o credo niceno original. Persistiram as dissensões pessoais entre Oriente e Ocidente e no seio dos partidos orientais. Mas a maneira enérgica com a qual o imperador agora expulsou os arianos teve o condão de decretar o destino do arianismo no império, apesar do breve período de tolerância para

4 V. E. R Hardy e C C. Richardson (eds), *Christology of the Later Fathers,* pp 241ss.
5 *Codex 1 heodosiamis* \ 16:1 V Ayer, *op cit.*, p 367

com ele, concedido, no Noite da Itália, pelo sucessor de Graciano, Valentiniano II, influenciado por sua rnãe, contra a qual Ambrosia de Milão teve de lutai. Mesmo aqui, após a morte dessa senhora, por volta de 388, fez se sentir a autoridade de Teodósio O arianismo transformou-se em causa perdida, embora subsistisse, durante vários séculos, entre os invasores germânicos, graças ao trabalho missionário de 171 filas (v p 175).

No entanto, mesmo durante a reunião do sínodo de 381, o credo nieeuo, na forma adotada em 325, deixava de satisfazer- às exigências do desenvolvimento teológico no partido vitorioso. Era omisso com respeito à consubst ancia lidade do Espírito Santo, para citar um exemplo» Era de desejar um credo que, de maneira mais completa, correspondesse ao estágio atual da discussão Efetivamente, tal credo começou a ser usado e, por volta de 451, era considerado como tendo sido adotado pelo Concilio Geral de 381. Por fim veio a tomar o lugar do genuíno credo riiceno. É esse o que hoje em dia é conhecido como "Credo Niceno". Sua origem exata é incerta, mas relaciona-se intimamente com o credo batismal de Jerusalém, tal como o podemos inferir dos escritos de Cirilo, posteriormente bispo dessa cidade, por volta de 348, e também dos de Epifânio de Salamis, em 374 ° Possivelmente fosse o credo usado na Igreja de Gonstarrtinopla nessa época.

Passando ern revista essa longa controvérsia, pode-se afirmar ter sido uma infelicidade o fato de urna frase menos controvertida não ter sido adotada em Nieéia e, infelicidade ainda maior, a circunstância de a interferência imperial ter sido fator tão importante no correr das posteriores discussões. Ern meio a essa luta, surgiu a Igreja imperial e desenvolveu-se plenamente a política de interferência imperial. A rejeição da ortodoxia oficial erigira-se em crime.

A atitude de Teodósio para com os resquícios de paganismo não era menos severa do que a que tinha diante dos partidos cristãos heréticos. Em 392 proibiu a celebração do culto pagão, prescrevendo penalidades semelhantes às reservadas para os crimes de lesa-majestade e sacrilégio»[7] A velha arma usada pelo paganismo contra o cristianismo passava a ser usada agora pelos cristãos para combater o paganismo. Desaparecera completamente a tolerância manifestada por Constantino. Não obstante, o culto pagão continuou a existir, só vindo a desaparecer muito gradualmente.

6 Ayer, *op. cit.,* pp 354 356..
7 *Codex fheodosianus,* 16:10, 12. V. Ayer, *op. cit.,* p 347.

MISSÕES ARIANAS E INVASÕES GERMÂNICAS

Durante todo o correr da história do império, a defesa das fronteiras do Reno e Danúbio contra os povos teu tônicos constituíra importante problema militar Sob o reinado de Marco Aurélio, os romanos empreenderam uma guerra desesperada, mas por fim vitoriosa, ua região superior do Danúbio (167-180), Além dos *limites* das fronteiras romanas observava-se grande deslocamento de tribos e formação de confederações. Mas por volta do início do século III havia-se constituído o grupo conhecido como "alamanos", do outro lado do Reno superior, e, meio século mais tarde, o dos francos, na margem direita da parte inferior do mesmo rio Cerca de 230-240, entre esses dois acontecimentos, os godos se haviam estabelecido definitivamente no que é agora a Rússia meridional. Em 250 e 251 (p domínio romano dos Bálcãs foi seriamente Ameaçado por uma invasão gótica, durante a qual o Imperador Déeio perdeu a vida. Os godos estabeleceram-se na região ao norte do Danúbio inferior. Invadiram o império e o perigo só foi afastado com as vitórias de Cláudio (269), das quais adveio o seu título *(Gothic-m),* Os imperadores mais fortes — Aureliano, Dioeleeiano e Constantino - - lograram defender as fronteiras do Reno e Danúbio com eficiência, mas a invasão era um perigo sempre presente. Por volta do século IV, os godos do norte do Danúbio -— que tinham eontacto mais íntimo com a civilização romana do que quaisquer outras das tribos germânicas -- eram conhecidos pelo nome de " visigodos", ao passo que seus parentes da Rússia meridional eram chamados "ostrogodos". Não se sabe ao certo o sentido exato dessas denominações.. Em geral afirma-se que significam, respectivamente, godos ocidentais e orientais.

Efetivamente, muito intercâmbio estabeleceu-se entre os romanos e os germanos, especialmente a partir do tempo de Aureliano. Cada vez maior* tornou-se o número de soldados germanos nas fileiras dos exércitos de Roma, Comerciantes romanos palmilhavam caminhos muito além das fronteiras do império. Os germanos estabeleciam se

nas províncias fronteiriças e adotavam costumes romanos. Prisioneiros de guerra, provavelmente capturados na incursão de 264, provenientes da Capadócia, haviam introduzido a semente do cristianismo entre os visigodos, antes do fim do século IIF, chegando mesmo a estabelecer uma organização eclesiástica rudimentar em certos lugares.. Como nação, porém, os visigodos não haviam ainda sido convertidos, Foi para isto que Ulfilas viria a contribuir Nascido por volta de 310 de família originária, ao menos em parte, dentre os cativos acima mencionados, era de cepa cristã, tornando-se "leitor" do pequeno grupo cristão gótico.. Em 311, acompanhou uma delegação gótica c foi sagrado bispo pelo ariano Eusébio de Nicomédia, então bispo de Oonstantinopla. O lugar da cerimônia é incerto: ou nesta última cidade, ou em Antioquia, onde estava reunido o sínodo (v , p .1.64). Desde então sua teologia, que parece ter sido muito simples, foi antinicena. Formado o novo partido "humoialio", foi contado entre seus aderentes. Durante os sete anos seguintes trabalhou em sua terra natal, até que a perseguição o forçou, a ele e a seus companheiros cristãos, a buscar refúgio cm solo romano Durante muitos anos viveu e labutou na região próxima à moderna Plevna, na Bulgária Sua maior obra foi a tradução das Escrituras — ou, ao menos, do Novo Testamento •— na língua gótica. Veio a falecer em 383, durante uma visita que fez a Constantinopla. É de lamentar que o completo esquecimento a que foram relegados esses esforços arianos, em razão de sua heterodoxia, â luz das gerações posteriores, nos impeça de conhecer os companheiros de IJlfilas ou de determinar até que ponto a conversão dos visigodos ao cristianismo se deve a ele ou ao chefe gótico Fritigern, por volta de 370.

No entanto, seja qual for a forma em que se deu tal conversão, os visigodos, malgrado a perseguição pagã, em pouco tempo aceitaram o cristianismo ariano. Não só eles, mas, já antes de invadir o império, haviam abraçado a fé ariana os seus vizinhos, os ostrogodos, os vândalos (ao menos em parte), e tribos germânicas mais remotas, tais como os burgúndíos e lombardos, Na realidade, a penetração do cristianismo entre eles tinha sido tão extensa que, se as invasões tivessem sido postergadas por urna ou duas gerações, provavelmente todos os bárbaros teriam entrado no império como cristãos. Mesmo assim, unicamente as tribos mais afastadas da influencia dos visigodos - - a saber, as do noroeste da Germânia, das quais as principais eram os francos e saxões continuaram sendo em sua maioria pagãos à época das invasões A rápida expansão do cristianismo demonstra

a fragilidade do domínio pagão e que muitos, eujos nomes hoje se perderam completamente, participaram na obra de conversão desses povos,. Muito significativo 6 o fato de que, ao caírem as defesas do império, os germanos nele penetraram, em sua maior parte, não como inimigos do cristianismo.. Tivesse o império do Ocidente caído um século antes -- o que bem poderia ter acontecido - bem outra poderia ter sido a história, do cristianismo.

Diante do perigo de uma invasão dos hunos, provim!os da parte ocidental da Ásia central, os visigodos buscaram refúgio, em 37fj, do outro lado do Danúbio inferior.. Irados pelo mau tratamento dispensado pelos funcionários romanos, atravessaram os Bálcãs e aniquilaram o exército romano perto de Adrianópolis, em 378, numa batalha durante a qual perdeu a vida o Imperador Valente,. A energia de Teodósio (379 395) sustou os seus ataques, mas, após a morte deste, dividido entre seus filhos Arcádio, de 18 anos de idade, no Oriente, e Ilonório, de onze anos, no Ocidente, o império não mais conseguiu resistir às incursões vísigodas„ Sob a chefia de Alarico, os visigodos assolaram toda a região até às proximidades dos muros de Constantinopla e encaminharam-se à Grécia, penetrando até Esparta Por volta de 401 os visigodos estavam atacando o Noite da Itália, mas durante alguns anos viram-se rechaçados pelo eficiente general vândalo de Teodósio, Estilicão, que havia sido nomeado tutor do jovem Boriório. O assassínio deste general, em 408, desimpediu o caminho da invasão, e Alarico imediatamente marchou sobre Roma. Só em 410, porém, o chefe visigodo logrou capturar efetivamente a cidade. Profunda foi a impressão popular causada por esse evento, A antiga senhora do mundo caía perante os bárbaros. Desejoso de estabelecer o seu domínio e de assenhorear-se da África romana, o celeiro da Itália, Alarico marchou imediatamente em direção ao Sul da Itália, lá vindo a morrer antes do fim do ano 410, Sob a liderança de Ataulfo, as hostes visigodas dirigiram-se para o norte, invadindo a região meridional da Gália, em 412. Dá estabeleceram-se os godos, por volta de 419, criando por fim um reino que incluía metade da França de hoje, acrescido da maior parte da Espanha mediante conquistas efetivadas no correr do século. Os habitantes romanos não foram expulsos, mas sim sujeitos aos conquistadores germanos, que se apossaram de grande parte da terra e reduziram os antigos donos a posição claramente inferior. Cresceram os empecilhos ao comércio, degenerou a vida das cidades e decaiu a civilização.

Enquanto se veriíieavam esses acontecimentos, as tribos de além-Reno vislumbraram a oportunidade que se lhes oferecia.. Os vândalos arianos, e os alanos e sue/vos, estes pagãos, invadiram a Gália no fim do ano 406, conseguindo j.)Or fim cliegar até à Espanha, mesmo antes dos visigodos Os francos haviam penetrado na Gália setentrional e os burgúndios conquistaram a região cireurrvizinha a Estrasburgo, daí estendendo-se pouco a pouco ao território oriental da Gália, que ainda lhes leva o nome. A Bretanha, afetada pelo colapso da autoridade romana, viu se presa de orrdas crescentes de invasores saxões, anglos e jutos, os quais vinham atacando as suas costas desde meados do século IV, Na Bretanha o domínio da civilização romana era muito mais tênue do que rro continente, e o avanço paulatino da conquista germânica empurrou o contingente celta da população cada vez mais para o ocidente, transformando grande parte da ilha era terra pagã Os vândalos passaram da Espanha para a África em 425, dominando esta última eorr 429, sob o cornando de Genserico. Dentro de pouco tempo haviam estabelecido nessa região o mais poderoso dos reinos germânicos primitivos, cujos navios piratas rapidamente se tomaram donos do Mediterrâneo ocidental Uma expedição dos vândalos saqueou Roma em 455 Em 451, urna feroz invasão da Gália pelos hunos, comandados por Átila, foi detida na batalha travada perto de Troyes pelas forças aliadas dos romanos e visigodos. No ano seguinte Átila devastou a Itália e, por pouco, não tomou a cidade de Roma As causas que o impediram de fazê-lo são incertas, mas parece haver sido decisiva a intervenção do bispo de Roma, Leão 1

Embora se mantivesse o domínio nominal dos imperadores no Ocidente e mesmo os conquistadores germânicos, que haviam firmado reinos na Gália, Espanha e África, se declarassem seus vassalos, os imperadores tornaram-se instrumentos nas mãos dos chefes militares. Morto Ilonório, em 423, o império passou a Valentiniano III Seu longo reinado, que se prolongou até 455, foi marcado pelas disputas entre Bonifácio, Conde de África, e Aécio, Conde de Itália, que permitira a conquista do Norte da África por parte dos vândalos. Coube a Aécio, na realidade, a glória de urna das últimas vitórias do império, quando, aliado aos visigodos, derrotou Átila, eorr 451. Entre 455 e 476, nada menos de nove imperadores foram entronados e depostos no Ocidente Quem de fato governava a Itália era o chefe do exército. Entre 456 e 472 ocupou esse posto Ricirner, de descendência sueva e visigoda Após sua morte, o comando foi assu-

rnido por um tal Crestes, que deu o título de imperador ao seu filho Rôinulo, alcunhado "Augústulo". O exército na Itália era composto de soldados recrutados principalmente dentre as tribos germânicas menores, entre as (piais os rúgios e hérulos, e exigia agora um terço da terra, Orestes rechaçou a exigência e o exército amotinou-se, em 476, sob a liderança do general germano Odoacro, que foi proclamado rei, Essa data é comumente considerada o fim do império romano. Na realidade, porém, sua significação foi diminuta Rôrnulo Augústulo foi deposto. Desde errtão não houve nenhum imperador no Ocidente até os dias de Carlos Magno., Mas Odoacro e seus contemporâneos não tinham a mínima idéia de que o império romano tinha chegado ao fim. Reinou na Itália, tal como os visigodos governavam a França meridional e a Espanha, na qualidade de súdito nominal do imperador romano que ocupava o trono de Constantinopla.

A soberania de Odoacro na Itália terminou em 493, com a luta contra os novos invasores germanos, a saber, os ostrogodos, comandados por Teodorico Sob o governo deste novo conquistador ensaiou-se uma fusão realmente notável de instituições romanas e germânicas, Teodorico reinou em sua capita], a (idade de Haveria, até sua morte, em 526. O reinado ostrogodo na Itália chegou ao firrr por força das longas guerras travadas, entre 535 e 555, durante o reinado de Justiniano, por Belisário e Narses, os quais reconquistaram para o império uma Itália devastada.. Nessa mesma época (534), restabeleceu-se a autoridade imperial na África do Norte, pondo fim ao *reino* dos vândalos. Não foi longo, porém, o período de paz na Itália. Entre 568 e 572, nova invasão germânica, desta feita a dos lombardos, deu início a uma hegemonia que havia de durar por dois séculos. Senhores já do Norte da Itália, região a que emprestaram o nome, os lombardos, no entanto, não conseguiram conquistar Roma e a parte meridional do país, nem Ravena, sede do exarcado imperial, antes do século V I II. Roma, por conseguinte, permaneceu vinculada ao império sediado em Constantinopla. Mas a distância desta última era tão grande, e tão próximos se encontravam os lombardos, que se tornava praticamente impossível o controle efetivo por parte de Constantinopla — circunstância altamente favorável ao crescimento do poder político do bispo de Roma..

Ao mesmo tempo em que se dava o primeiro dos acontecimentos a que aludimos atrás, na Gália processavam-se mudanças altamente significativas. Os francos, aos quais já fizemos referência, por muito tempo tinham estado a pressionar a parte norte das antigas províncias.

Divididos em várias tribos, a partir de mais ou menos 481, Cio vis tornou-se rei dos francos sálicos. Governante de grande energia, em breve havia ampliado a sua soberania até às regiões do Loiro.. Tanto ele corno seu povo eram ainda pagãos, embora tratasse a Igreja com muito respeito. Em 493 casou-se com Clotilde, mulher burgúndia que, ao contrário de seus compatriotas, professava a fé "católica" e não o arianismo. Após grande vitória sobre os alamanos, em 496, Clóvis declarou-se cristão e foi batizado, juntamente com três mil dos seus súditos, em Reimas, no dia de Natal daquele mesmo ano Eoi, portanto, a primeira tribo germânica a converter-se à fé ortodoxa. Visigodos, ostrogodos, vândalos, burgúndios e lombardos eram todos arianos. Com isso Clóvis não só granjeou a boa vontade da antiga população romana e o apoio dos bispos, aos quais ele, por sua vez, favoreceu, mas também, contando com seus dotes pessoais, conseguiu antes de sua morte7 em 511, arrancar aos visigodos a maior parte de suas possessões ao norte dos Pireneus Tornou-se, dessa forma, genhor de urna extensão tão vasta de território que bem se lhe pode aplicar o título de fundador da Erarrça, estendendo-se os seus domínios para além do Reno O fato de os francos se haverem tornado "católicos" acabaria por acar retar, embora irão de imediato, o estabelecimento de relações entre eles e o papado, de conseqüências as mais profundas.

A conversão dos francos exerceu também muita influência sobre os demais invasores germânicos, embora ainda maior tenha sido a influência do exemplo das populações nativas, entre as quais se estabeleceram. Os burgúndios abjararam o arianismo em 5.17, tornando-se, em 532, parte do reino franco. As conquistas imperiais de Justíniano puseram fim aos reinos arianos dos vândalos e ostroffodos., Na Espanha, a rivalidade entre os credos terminou quando da renúncia do arianismo por parte do rei visigodo Recarcdo, em 587, confirmada no terceiro concilio de Toledo, em 589. Por volta de 590 iniciou-se a paulatina conversão dos lombardos ao catolicismo, processo que só se completou por volta do ano 660. Desse modo, desaparecia finalmente o arianismo.

O CRESCIMENTO DO PARADO

O período das invasões atribuiu renovada importância à distinção já conquistada pela Igreja de Roma c pelo seu bispo Fundada, segundo se acreditava, por Pedro, situada na antiga capital do império, guardiã da tradição apostólica, a maior e mais generosa congregação do Ocidente, a Igreja de Roma mantivera-se fiel à ortodoxia durante a controvérsia ariana e, em meio às ruínas deixadas pelas invasões germânicas, parecia ser a grande instituição proveniente da antiga ordem que fora capaz de sobreviver, evitando de ser subvertida pelos invasores. Embora a maioria dos bispos de Roma, nesse período, tivessem sido homens de parcos dons, vários tornaram-se líderes eminentes do Ocidente, e a eles se deveu o grande crescimento da autoridade do bispo romano, isto é, o desenvolvimento do papado propriamente dito.. Inocêncio I (402-417) foi um desses líder \s de grande energia. Reivindicou ele para a Igreja romana não só a custódia da tradição apostólica e a fundação de todo o cristianismo ocidental, mas também atribuiu ao Concilio de Nicéia as decisões de Sárdica (v. p 164), nelas fundamentando a jurisdição universal, dos bispos romanos.[1] Segundo a opinião generalizada na época, Leão I (440-461) prestou grande serviço a Roma durante as invasões dos liunos e vândalos. Grande foi também sua influência nos resultados a que chegou o Concilio de Calcedônia (pp 200-201). Leão I deu ênfase ao primado de Pedro entre os apóstolos, tanto no que respeita à fé, quanto no que se refere ao governo, ensinando que o que Pedro possuíra, havia passado aos sucessores de Pedro.[1'] Leão 1 tornou efetivas grande parte dessas afirmações. Pôs fim à tentativa de criar uma sé gálica independente em Aries, e exerceu autoridade na Espanha e na África do Norte. Em 415 conseguiu que o imperador' do Ocidente, Valentiniano III, promulgasse um edito ordenando a todos que obedecessem ao bispo de Roma, como

1 *Cartas,* 2, 25. V. Mirbt, *Quellen zur Geschichte dts Papsttums,* 54, 55
2 *Sermões,* 3:2.. V, Ayer, *op cit* p 477

portador que era do "primado de São Pedro[77].[3] De outro lado, o eânon 28 do Concilio de Calcedônia, em 451, colocou Constantiuopla praticamente no mesmo pé de igualdade com Roma[4] Contra esta medida Leão 1 imediatamente protestou Prenunciava-se a futura separação, de caráter mais político do que religioso, entre as igrejas do Oriente e do Ocidente.

Na luta contra o monofisismo (p 203 e seg), os bispos de Roma resistiram aos esforços do Imperador Zenão (474-491) e do patriarca Acácio de Constantinopla, no sentido de modificar os resultados de Calcedônia por meio do assim cliamado *tíenoücov.* •> Resultado disso foi a excomunhão de Acácio por parte do Papa Pélix IT (483-492) e o início do cisma entre Oriente e Ocidente, sanado em 519, com **o** triunfo do papa Durante essa controvérsia o Papa Gelásio (492-496) enviou ao sucessor de Zenão, o imperador do Oriente, Anastásio, uma carta em que declarava que "há , . d o i s poderes por quem principalmente este mundo é governado: a sagrada autoridade dos pontífices e o poder real. Destes, a importância dos sacerdotes é muito mais notável, já que mesmo dos reis humanos eles terão de prestar contas diante do julgamento divino".'" Km 502 o Bispo Enódio de Páv.ia declarou que o papa só pode ser julgado pelo próprio Deus[7] Os direitos que o papado medieval viria mais tarde a reivindicar para si, portanto, já se esboçavam por volta do início do século VI. Seu pleno desabrochamento foi impedido pelas circunstâncias que prevaleceram no período imediatamente posterior ao que agora nos ocupa a atenção. O surgimento do reino ostrogodo na Itália, e a reconquista desta por parte do império do Oriente, diminuíram a independência do papado.. Além das fronteiras da Itália, o crescimento de um novo poder católico, o dos francos, e a paulatina conversão dos governantes germânicos arianos, determinou o estabelecimento da harmonia entre os novos governantes e seus respectivos bispos, dando a estes grande dose de independência diante das reivindicações romanas, embora a preço de uma crescente dependência em relação aos soberanos germânicos. Só no transcurso dos séculos, e não sem fazer face a muitas vieissitudes, foi que se tornou concreta a plena efetivação do ideal papal.

3 Mirht, *op, cit.,* p 65.
4 Ayer, *op. cit.,* p 521,
5 *Idem,* p 527,
6 *Idem,* p 531.
7 Mirbt, *op, cit.,* p 70

O MONAQUJSMO

Já fizemos alusão ao fato de que, antes do tempo de Constantino (v, p 140 e seg..), desde longa data estavam se desenvolvendo na Igreja os ideais ascéticos e um duplo padrão de moralidade cristã.. Seu progresso foi favorecido pelas tendências inerentes às melhores filosofias do mundo antigo Orígenes, por exemplo, grandemente imbuído do espírito helenista, tinha sido notável pelo seu ascetismo., Muito antes do fim do século III, as santas virgens já eram elemento preeminente na Igreja, e muitas pessoas, mesmo sem deixar o convívio dos seus lares, praticavam a ascese. Evidentemente, nem o ascetismo nem o monasticismo são instituições exclusivas do cristianismo. Encontram-se também nas religiões da índia e entre os judeus, gregos e egípcios.

Várias foram as causas que contribuíram para o seu crescente desenvolvimento à época do reconhecimento do cristianismo por parte do Estado, As condições desfavoráveis em que se encontrava a Igreja, realçadas pelo afluxo de grande número de conversos, no período de paz havido entre 260 e 303, e após a conversão de Constantino, conduziram a maior apreço pela vida ascética por parte de cristãos consagrados. A cessação dos martírios transformou o ascetismo no ideal cristão mais elevado que se podia atingir. O mundo era fértil em espetáculos ofensivos à moralidade cristã. Fugir deles parecia ser algo digno de ser buscado. A Antigüidade considerava a prática da contemplação como algo de mais valia do que as virtudes ativas. Mais do que tudo, o crescente formalrsmo da adoração pública, tal como se encontrava no fim do século III, suscitava o desejo de uma relação mais livre e individual com Deus. O próprio monaquismo, é verdade, haveria de tornar-se em breve bastante formal, mas nos seus eomeços constituiu-se numa maneira de desvincular-se das limitações da adoração e do serviço cristãos convencionais. Em suas origens foi um movimento laieo.

Antão, o fundador do morraquismo cristão, nasceu em Korna, no

Egito central, por volta de 250, de cepa nativa (copta). Impressionado pelas palavras de Cristo ao moço rico,[1] desfez-se de suas posses e, por volta de 270, encetou vida de ascese em sua vila natal Quinze anos mais tarde dedicou-se à vida solitária, tornando-se eremita» Presume-se que, como tal, viveu até 356 (?).. Acreditava-se atormentado por demônios nas formas mais variadas.. Jejuava, praticava a mais severa autoriegação e orava constantemente. Cria que, vencendo a carne, se aproximaria cada vez mais de Deus Antão em breve teve muitos imitadores, alguns dos quais viviam absolutamente sós, outros ern grupos, dos quais os maiores se achavam nos desertos de Nítria e Cétis. Solitários ou em grupos, esses monges levavam, tanto quanto possível, vida eremítiea. As formas de culto *e,* autoriegação *eram, na* maioria, por eles mesmos inventadas. O ideal que cultivavam era o de um herói que tinha abandonado tudo por amor de Cristo.

O primeiro grande aperfeiçoador do rnonaquismo foi Pacômio Nascido por volta de 292, fez-se soldado e converteu-se do paganismo ao cristianismo, possivelmente aos doze anos de idade. A princípio dedicou-se à vida eremítiea, mas, insatisfeito com a irregularidade a ela inerente, fundou o primeiro mosteiro cristão, em Tabenísi, no Sul do Egito, por volta de 315-320. Os moradores constituíam ura corpo único, com trabalho prescrito, lroras regulares de culto, vestes semelhantes e celas próximas umas às outras.. Era, ern resumo, uma vida em comum sob a direção de um abade. Tratava-se de um tipo de rnonaquismo muitíssimo mais salutar.. Ali nasceu o conceito da sociedade cristã ideal, em contraste com a do mundo secular e da Igreja corrompida pelo aeomodamerrto. Era uma forma de vida também possível para mulheres, para as quais Pacômio fundou um convento. A época de sua morte, em 346, havia dez dos serrs mosteiros no Egito.

Ambos os tipos de vida mouástica, a saber, a forma eremítiea de Antão e a organização ecnobítiea de Pacômio, continuaram a existir lado a lado no Egito, e ambas foram de lá transplantadas em outros pontos do império.. Desenvolveram-se consideravelmente na Síria durante os primeiros anos do século IV. Nessa região a forma eremítiea tomou expressões exóticas, corno, por exemplo, a do famoso Simeão Estilita, o qual, por trinta anos, até a sua morte em 459, viveu no topo de uma coluna, a leste de Antioquia. De outra parte, na Ásia Menor o rnonaquismo continuou a tradição de Pacômio, prin-

1 Mateus 19 21.

cipalmente em virtude dos esforços do seu grande divulgador, Basílio (v p 170), que labutou pela sua disseminação desde aproximadamente 360 até à época de sua morte, em 379.. A Regra que lhe leva o nome — há dúvidas quanto ao lato de ter ele sido o seu autor — prescrevia, mais claramente ainda do que a de Pacômio, um tipo de vida comunitária, Dava ênfase ao trabalho, à oração e à leitura da Escritura Ensinava que os monges deviam prestar auxílio aos de fora da comunidade mediante o cuidado dos órfãos e boas ações semelhantes. Desaconselhava o ascetismo exagerado. A Kegra de Basílio transformou-se, de modo geral, na base do rnonaquismo nas igrejas grega e russa até os nossos dias, embora se dê ao trabalho e à. assistência aos outros muito meiror ênfase do que dava Basílio.

No Ocidente, o introdutor do monaquismo foi Atarrásio. Nos últimos anos do século IV, as exortações e os exemplos de Jerônimo, Ambrósio e Agostinho gr anjearam-lhe muita simpatia, malgrado a oposição que teve de enfrentar-. Na Erança o grande campeão foi Martinho de Tours, que fundou um mosteiro perto de Poitiers, por volta de 362. Em pouco tempo ambas as formas de monaquismo tornaram-se comuns em todo o Ocidente. Tal como no Oriente, os *primeiros monges foram* leigos, mas Eusébio, bispo de Veieell.i, na Itália, morto em 371, iniciou o costume de exigir que o clero de sua catedral se dedicasse à vida monástica. A influência deste exemplo modificou o caráter originalmente laico do movimento.

Por muito tempo o monaquismo ocidental permaneceu em estado caótico Oada mosteiro tinha sua própria regra. O ascetismo, característico sempre notável do monaquismo oriental, encontrava muitos adeptos. De outro lado, muitos mosteiros abrigavam um tipo muito negligente de vida monástica. Surge então o grande reformador do monastieismo ocidental, Bento de Núrsia. Nascido por volta de 480, estudou por algum tempo em Roma, mas, desgostoso com a maldade que campeava na cidade, fez-se ermitão (e. 500) numa caverna nas montanhas de Subíaeo, a leste de Roma. A fama de sua santidade trouxe discípulos que a ele se juntaram. Foi-lhe também oferecida a direção de um mosteiro situado nas vizinhanças, a qual ele aceitou.. Renunciou, porém, ao cargo, ao descobrir que os monges, indisciplinados, não estavam dispostos a submeter-se à sua autoridade. Fundou então a casa-mãe da ordem beneditina, no Monte Cassino, a meio caminho entre Roma e Nápoles. Tradicionalmente, 529 tem sido considerada a data dessa fundação, embora não disponlramos de

meios para certificar nos de sua exatidão. Para esse mosteiro Bento produziu a sua Regra e nele morreu, por volta de 547 O último acontecimento de sua vida, a respeito do qual dispomos de dados concretos, foi o seu encontro com o rei ostrogodo fotila. que se deu em 542.

Â famosa Regra de Bento[2] evidencia um profundo conhecimento da natureza humana e o gênio romano para a organização Concebe o mosteiro como urna guarnição permanente, autônoma e financeiramente emancijrada, de soldados de Cristo. Seu chefe é o abade, a quem se deve obediência implícita O abade, no entanto, é obrigado a consultar todos os irmãos no que diga respeito a questões graves que a todos atinjam, e os monges mais velhos no que se refira a problemas de menor importância.. Ninguém pode tornar-se monge sem ter experimentado a vida do mosteiro durante um ano. Uma vez admitido, porém, os votos são irrevogáveis Para Bento, a adoração é indubitavelmente o principal dever do monge Os ofícios comunitários diários ocupam no mínimo quatro horas do dia, divididas em sete períodos. Quase a mesma ênfase se dá ao trabalho.. "O ócio é o inimigo da alma". Eis por que prescreve ele o trabalho manual no campo e a leitura. A leitura deve ocupar um certo espaço de tempo cm cada, dia, variando segundo as estações do ano. Durante a Quaresma livros específicos devem ser de leitura obrigatória, prevendo-se providências para que tal seja feito.. Disposições como essas fizeram, de cada mosteiro beneditino que se propusesse a um mínimo de fidelidade ao fundador, um centro de trabalho e possuidor de uma biblioteca. Foi inestimável o valor- de tais ruedidas no que diz respeito à educação das nações germânicas c à preservação da literatura Eram, porém, traços secundários em contração com o objetivo principal de Bento, a saber, a adoração No geral, a Regra de Bento caracteriza-se por grande moderação e bom senso no que tange às exigências referentes à alimentação, ao trabalho e à disciplina. Trata se de urna vida severa, mas de modo algum impossível para o homem piedoso comum.,

No sistema beneditino, o rnonaquísmo ocidental primitivo encontra sua melhor expressão. Sua Regra disseminou-se pouco a pouco. Foi levada pelos missionários romanos para a Inglaterra e a Alemanha. Só no século YH penetrou na França, mas ao tempo de Carlos Magno já se tornara praticamente universal. Com a Regra

2 Excertos em Ayer, *op, cit* , pp 631-641. Edição bilíngüe (latim e espanhol) : *San Benito: su vida y su regia;* Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1954

de Bento tornava-se completa a harmonia entre o monaquismo e **a** Igreja.. Os serviços dos seus monges coeno missionários e pioneiros foram de valor incalculável, Em tempos de dificuldades o mosteiro oferecia o único refúgio possível paia as almas pacíficas. A prova mais eloqüente do seu ajuste ao Império Romano nos seus últimos anos e à Idade Média está 110 fato de que os vultos inais eminentes da época não só davam seu apoio à instituição, mas também, mais do <pie isso, aderiram a ela

Contrastando com os ideais estáveis e moderados do monaquismo beneditino, o de tipo celta apresentava espírito altamente místico, agitação indisciplinada e rigor ascético Originário do Oriente, através da Oália meridional, o monaquismo celta desenvolveu-se entre os século V e VII na Irlanda, Escócia e Inglaterra. Suas contribuições mais características foram uma fervorosa atividade missionária e a devoção pelo estudo. As grandes escolas monásticas irlandesas dos séculos Y c VI adquiriram grande renome, Nelas preservou-se o estudo da língua grega e desenvolveu-se a arte cristã celta. Com o triunfo do cristianismo romano na Inglaterra, o mosteiro celta veio por fim a aderir à regra beneditina, não *sem* infundir seu espírito missionário em monges britânicos de épocas posteriores, como, por exemplo, Willibrord e Bonifácio (v. p 263), que tanto fizeram pela conversão do Norte da Europa. Característico distintivo do monaquismo celta era a sua adaptação ao sistema de clãs, e a conseqüente hereditariedade do cargo de abade. Além disso, a base da organização eclesiástica do cristianismo celta era monástica mais que diocesana. O bispo ocupava posição inferior à do abade e, mesmo, da abadessa.. Eis por que, por exemplo, a sé de Ivildare, na Irlanda, onde, no começo do século VI, Santa Brígida ocupava o posto (le abadessa, pode vir a ser conhecida como "uma sé ao mesmo tempo episcopal e virgirral",. Aos grandes .nomes do monaquismo celta, tais como Einiano de Clonard, Columba e Columbano, faremos referência mais adiante (p 257 e ss).

AMBRÓSIO K CRISÓSTOMO

O contraste entre o Oriente e o Ocidente é muito bem ilustrado pelas diferentes qualidades e experiências de Crisóstomo e Ambrósio Ambrósio nasceu em Tríer, no que é agora a Alemanha Ocidental, onde seu pai exercia o alto cargo de prefeito pretoriano da Cália, por volta de 337-340. Educado em Roma, com vistas a uma carreira civil, seus talentos, integridade e simpatia causaram a sua designação, aproximadamente em 374, para gover nador de parte considerável da região norte da Itália, com residência em Milão, que era ao tempo praticamente capital imperial. A morte do bispo ariano Auxêncio, em 374, deixou vacante a sé milanesa. As duas facções logo entraram em disputa, com respeito à tendência teológica do sucessor. O jovem governador entrou na igreja, para aplacar a multidão, e então levantou-se o grito: "Ambrósio bispo!" Apesar de riem mesmo batizado, Ambrósio viu-se eleito bispo de Milão. Para ele isso eqüivaleu 8 um chamado de Deus, Deu seus haveres aos pobres e à Igreja, estudou teologia e tornou-se pregador muito aceitável. Possuía, acima de tudo, grande dose do talento tipicamente romano para a administração, tornando-se em pouco tempo o dignitário eclesiástico mais importante do Ocidente. Profundamente fiel à fé nicena, Ambrósio recusou-se a entrar em acordo corn os arianos, resistindo-lhes a todas as tentativas no sentido de obter lugares de culto em Milão —• no que eram ajudados pela Imperatriz Justina, mãe do jovem Valentiniano II, No mesmo espírito, moveu bem sucedida oposição aos esforços do partido pagão em Roma no sentido de levar Valentiniano II a restaurar o Altar da Vitória no Senado, e conceder outros privilégios ao antigo culto. Seu maior triunfo foi no caso do irritadiço Imperador Teodósio, o qual, irado pelo assassinato do governador de Tessafôniea, em 390, ordenou, em represália, a chacina dos habitantes dessa cidade Com rara coragem, Ambrósio conclamou o imperador a manifestar de público seu arrependimento[1]

1 V„ Ayer, *op, cit„* pp 390, 391

O fato de Teodósio ter obedecido a essa repreensão constitui uma nota agradável na idéia que fazemos do seu caráter.

Tal é a reputação de Ambrósio como teólogo que a Igreja Romana o inclui entre os seus " Doutores", ou mestres oficiais. Sua obra teológica, no entanto, foi em grande parte urna reprodução do pensamento dos teólogos gregos, embora lhe tenha acrescentado um sentido mais profundo de pecado e graça " Não me gloriarei por ser justo, mas gloriar-me-ei porque sou redimido, Não me glor iarei por ser isento de pecado, mas gloriar-me-ei porque meus pecados são perdoados".[2] A tendência de Ambrósio era eminentemente prática.. Escreveu obras sobre ética cristã, que manifestam plena simpatia pelo movimento ascético do tempo,. Grande foi sua contribuição ao desenvolvimento da binologia cristã no Ocidente Enérgico e até, por vezes, autoritário, Ambrósio foi homem do mais elevado caráter pessoal e incansável zelo — um verdadeiro príncipe da Igreja. Era desse tipo de homem que a Igreja precisava para poder sobreviver no poder, em meio ao colapso do império.. Morreu ele em 397,

Muito diversa foi a vida de Crisóstomo. João, a quem, muito tempo depois de sua morte, se deu o nome de Crisóstomo, "o boca de ouro", nasceu de família nobre e abastada em Antioquia, por volta de 345-847. Órfão de pai, pouco tempo depois do seu nascimento, foi educado por sua mãe, Antusa, mulher religiosa, logo obtendo distinção no estudo e na eloqüência.. Por volta de 370 foi batizado e provavelmente ordenado "leitor". *Começou* a praticar o ascetismo extremo e continuou os seus estudos teológicos sob a orientação de Diodoro de Tarso, um dos líderes da escola de Antioquia. Insatisfeito com a austeridade que observava, tornou-se ermitão (e 375) e nesse estado permaneceu até que sua saúde o obrigou a retornai' a Antioquia.. Ali foi ordenado diácono (c.. 381) e elevado ao sacerdócio, em 386. Seguiu-se então o período mais feliz e fértil de sua vida. Durante doze anos foi o grande pregador de Antioquia e, provavelmente, o maior que a Igreja oriental já possuiu. Seus sermões eram exegétieos e eminentemente práticos Fascinava nele a compreensão simples e gramatical das Escrituras, sempre cultivada em Antioquia, de preferência à *interpretação* alegórica característica de Alexandr ia.. Seus temas eram eminentemente sociais: o comportamento do cristão na vida. Ern breve formou-se um grande grupo de seus seguidores.

2 *De Jacob et vita beata,* 1 6.21.

Tamanha era a lama de Crisóstomo que, vagando a sé de Coristantinopla, ele foi praticamente obrigado por Eutrópio, o favorito do Imperador Arcádio, a aceitar o bispado da capital, em 398. Nesta cidade, á semelhança de Antioquia, em breve se tornou pregador muito popular[1]. Desde o início, no entanto, de sua permanência em Coustantiiropla, teve de haver-se com muitos inimigos. O inescrupuloso patriarca de Alexandria, Teófilo, desejava praticamente submeter Constantinopla ao seu domínio. Contrário ao ensino de Orígenes, acusou Crisóstomo de devotar preferência exagerada por esse escritor. A severa disciplina imposta por Crisóstomo — aliás, amplamente justificada — desgostou o negligente clero da cidade.. Pior do que isso, conquistou a hostilidade da vigorosa Imperatriz Eudóxia, por haver ele denunciado os excessos femininos no vestir, denuncias essas que a imperatriz julgou dirigidas à sua pessoa. Importa reconhecer que a coragem de Crisóstomo ao profligur os excessos que se verificavam entre os das classes altas, só encontrava paralelo na sua falta de tacto. Assim, todas as forças aliar am-se par a combatê-lo Logo descobriram urn pretexto para a luta. Em sua campanha contra Orígenes, Teófilo disciplinara alguns monges do Egito. Quatro destes, conhecidos como os "irmãos altos7', buscaram proteção junto a Crisóstomo, o qual os acolheu. Teófilo e os inimigos de Crisóstomo deliberaram, então, convocar um sínodo, o qual, reunido sob a presidência daquele, numa propriedade imperial, próxima a Constantinopla, conhecida como "O Carvalho", resolveu condenar e depor o bispo, em 403 A imperatriz era tão supersticiosa quanto violenta. Um acidente acontecido no palácio — posteriormente a tradição entendeu ter sído um terremoto, no que estava provavelmente enganada - - fez com que Crisóstomo fosse reinstalado pouco depois de haver deixado a capital. Não durou muito o período de paz. A. poucos passos da catedral erigiu-se uma estátua de prata da imperatriz, o que suscitou a inveetiva de Crisóstomo, durante as cer imônias de inauguração. . A imperatriz passou a ver nele, mais do que nunca, um inimigo pessoal Desta vez malgrado o caloroso apoio do povo, Crisóstomo foi desterrado para o povoado miserável de Cucusus, na fronteira da Armênia. Vão foi o protesto do Papa Inocêncio I. Apesar de exilado, porém, Crisóstomo continuou de tal forma a influenciar, por intermédio de cartas, os seus amigos, que os opositores decidiram afastá-lo para ainda mais longe Em 407 ordenaram fosse ele levado para Pityus, coisa que, afinal, não chegou a efetivar-se, pois Crisóstomo morreu na viagem.

A sorte deste muito ilustre —- embora não tão sensato -- pregador, exemplifica bem o lado mais desagradável da interferência imperial em assuntos eclesiásticos, e os ciúmes crescentes que se verificavam entre as grandes sés orientais, cujas hostilidades mútuas causariam tanto prejuízo quer à Igreja, quer ao império

AS CONTROVÉRSIAS CR1STOLÓGICAS

Como resultado das decisões de Nieéia, chegara-se à. conclusão de que Cristo é plenamente Deus "e foi feito homem''. No entanto, tomando como ponto pacífico a ortodoxia nicena, outras questões suscitaram-se com referência às relações entre o divino e o humano na sua pessoa.. O credo niceno não fizera nenhuma referência a esse problema nem dele tratara o grande campeão da eausa nicena, Atrrná sio. Só no Ocidente disseminara-se o uso de uma fórmula geral. Assim como Tertuliano já adiantara, *em* linhas gerais, a decisão de Nieéia, fazendo com que o Ocidente se mantivesse unido exatamente quando o Oriente era cindido pela discussão, assim também, graças às definições claras do grande escritor africano, o Ocidente dispunha de um conceito da plena divindade e plena humanidade que existiam em Cristo, sem confusão e sem diminuição das qualidades inerentes a cada um desses elementos. Tal como acontecera com a controvérsia nicena, o j>onto de vista ocidental viria por fim a triunfar. No entanto, nem na fórmula de "uma substância em três* pessoas", nem na de "uma pessoa, Jesus, Deus e homem" (v, p 100), o Ocidente contava corn uma teoria filosófica plenamente desenvolvida. O que Tertuliano produzira equacionava-se mais com definições claras de natureza jurídica referentes a crenças tradicionais do que com urna teologia filosoficamente bem exposta. A vantagem de que dispunha o Ocidente mais uma vez, a exemplo da controvérsia nicena, residia no fato de estar agora unido — embora o seu pensamento não fosse tão profundo quanto o do Oriente dividido - - no momento em que este último mal começava a enfrentar os problemas intelectuais Implícitos na questão.

Era possível atacar o problema cristológico a partir de dois pontos de vista diferentes. Poder-se-ia realçar a unidade de Cristo a tal ponto que levasse praticamente à absorção de sua humanidade pela divindade.. Ou, ao contrário, seria possível afirmar a integridade de cada elemento, divino e humano, de tal forma que desse lugar â. interpretação de que nele havia dois seres separados.. Ambas as

tendências se manifestaram no correr da controvérsia: à primeira inclinavam-se os principais teólogos de Alexandria, e a segunda poderia ser derivada dos ensinos da escola de Antioquia.

Apolinário, bispo de Laódicéia, na Síria (? -- c. 390), foi o primeiro e um dos mais capazes dentre os que tomaram a peito a discussão realmente profunda da relação entre o divino e o humano na pessoa de Cristo. Caloroso defensor da decisão de Nicéia, desfrutou, ao menos por algum tempo, da amizade de Atanásio. Mesmo seus opositores reconheciam os dons intelectuais de que era dotado. Além disso, a preocupação principal de Apolinário, tal como no caso de Atanásio, era de caráter religioso. Para ambos a obra de Cristo em favor do homem significava a transformação da nossa mortalidade pecaminosa em imortalidade divina e abençoada. A semelhança de Atanásio, também Apolinário afirmava que essa salvação só poderia ser conquistada se Cristo fosse completa e perfeitamente divino . Mas, continuava ele, como poderia Cristo ser composto de um homem perfeito unido ao Deus pleno? Não eqüivaleria isso a afirmar a existência de dois Filhos, um eterno e o outro adotivo?[1] Apolinário também não via meios de, partindo da premissa de que Cristo era homem completo unido ao Deus pleno, explicar a Impecabilidade de Cristo, ou a harmonia das duas vontades,[2] A melhor solução parecia-lhe ser a que se assemelhasse à de Ário — a quem 110 demais se opunha — a saber, a idéia dc que cm Jesus o lugar da alma era preenchido pelo Logos, dc modo tal que só o corpo era humano. Essa concepção foi condenada por um sínodo reunido em Alexandria, em 362, embora sem menção específica ao rrome do seu proponente.[3] Apolinário, então, introduziu uma aparente alteração enr sua teoria, afirmando que Jesus tinha corpo e alma animal peculiares ao homem, mas que 0 espírito racional nele presente era o Logos[4] Com Isso queria ele dizer que o princípio determinador mais central da sua existência não podia ser uma mente humana; antes, tinha de ser divino.. Para Apolinário a mente humana é corrompida e está a serviço da carne, Por conseguinte, ela teria de ser substituída ern Jesus pelo Logos, o arquétipo de todas as mentes *(lógot),* as quais são feitas à sua imagem, embora tenham decaído. Procurava dessa maneira expor a unidade de Jesus Cristo e evitar a dualidade de Filhos. Assim, afirmava que o divino de tal maneira unira o humano a si, que "Deus

1 Ayer, *op. cit* , p 495
2 *Idem, ibid.*
3 Atanásio, *I omus ad Antiochenos;* 7.
4 Ayer, *op. cit ,* p 495

na sua própria earue sofreu nossas dores"[5] Essas opiniões pareciam, à primeira vista, resguardar a divindade de Cristo, e vieram a influenciar vasta e permanentemente o pensamento cristão oriental Na realidade, porém, elas negavam a verdadeira humanidade de Cristo e, como tais, ocasionaram a condenação do seu proponente. Roma pronunciou-se contrária a ele em 377 e 382, Antioquia em 379, e, finalmente, o Segundo Concilio Kcurriênico, de Constantinopia, em 381[c] Como veremos mais adiante, no entanto, alguns elementos da teologia de Àpolinário acabaram por ganhar a aceitação da ortodoxia O que ele só conseguira explanar, de maneira um tanto rudimentar, veio a ser aceito após ter sido explicitado de modo mais cauteloso e refinado. Reconhecendo-se embora — contrariamente à, opinião de Àpolinário — que Jesus tinha mente humana, afirmou-se que o centro, o sujeito, digamos, de Jesus, não é o de um homem, mas sim, o próprio Logos.

Àpolinário enfrentou forte oposição da parte de Gregorio Nazianzeno e da escola de Antioquia.. O fundador' desta em seu último estágio foi .Diodoro (? -394), por muito tempo presbitero de Antioquia e, de 378 até a sua morte, bispo de Tarso. As origens da escola remontavam, na realidade, aos primeiros ensinos de Paulo de Sarnósata (v, p 104) e Luciano (v p 1.45) . Rejeitava, porém, a posição extremada por eles representada e sua liderança, atendo-se aos fundamentos da ortodoxia nicena . Caracterizava-se por um alto grau de literalismo na exegese da Escritura, contrastando muito corri o uso excessivo da alegoria, feito pelos alexandrinos. Seus pressupostos filosóficos demonstravam a influência de Aristóteles, ao passo que os destes últimos, a de Platão. Sua cristologia era mais influenciada pela tradição da Ásia Menor, a idéia do "segundo Adão", e pela realidade das experiências humanas de tentação e sofrimento. A doutrina de Antioquia, por conseguinte, dava muito mais ênfase à vida terrena **e** à natureza humana de Jesus, contrastando assim com as tendências que predominavam ern Alexandria.. Nesse esforço no sentido de atribuir alto valor à humanidade de Cristo, Diodoro aproximou-se da idéia de que em Cristo havia duas pessoas em união de caráter moral, ao invés de essencial. Considerando que o Logos é eterno, e que o humano só pode produzir o humano, segue-se que o que nasceu de Maria foi só o humano. A encarnação significou a habitação do Logos num homem perfeito, tal corno Deus habita um templo. A

5 *Idem,* p 496
6 Cânon 1

união entre o humano e o divino assemelhava-se à que se verifica entre o corpo e a alma, ou mesmo entre marido e mulher. Essas idéias nos fazem lembrar a eristologia adocianista, que tivera um dos seus últimos defensores declarados na pessoa de Paulo de Samósata, um século antes. Desvinculavam-se, portanto, do conceito grego de salvação, a saber, a divinização do humano,

Entre os discípulos de Diodoro contavam-se Crisóstomo (v. p 188), Teodoro de Mopsuéstia e Nestório. Teodoro, nascido em Antioquia, ocupou a sé de Mopsuéstia durante 36 anos, até a sua morte, ern 428. Foi o exegeta e teólogo mais capaz da escola de Antioquia. Embora afirmasse que Deus e homem em Cristo constituíam uma só pessoa (*prosopon),* encontrava certa dificuldade em tornar concreto esse conceito e esposava teorias em grande parte influenciadas pelas idéias de Diodoro.[7] Entendia a união do humano e divino em Cristo em termos de "boa vontade", ou "boa disposição" de Deus. Dera-se uma conjunção de vontades entre o Logos e o homem Jesus»

Nestório, presbítero e monge de Antioquia, altamente respeitado como pregador, tornou-se patriarca de Constantinopla em 428. Descobertas recentes, entre as quais sobressai sua obra autobiográfica *Tratado de Jferáclides de Damasco,* aumentaram muitíssimo o conhecimento que temos da sua verdadeira posição teológica, tanto quanto dos fatos da sua vida. Seu ponto de vista dogmático equacionava-se essencialmente com o da escola de Antioquia. Não admitia, porém, houvesse em Cristo duas pessoas — idéia que foi acusado de esposar. "Com um só e o mesmo nome, Cristo, designamos ao mesmo tempo duas naturezas»». Os característicos essenciais na natureza da divindade e na humanidade distinguem-se desde toda a eternidade".[8] É provável que o seu maior afastamento do conceito grego de salvação, então corrente, seja visível em expressões como a seguinte: "Deus, o Verbo, é também chamado Cristo, porque tem sempre conjunção com Cristo. E é impossível a Deus, o Verbo, fazer algo sem a humanidade, porque tudo está planejado segundo uma íntima conjunção, e não segundo a deificação da humanidade".[9] Nestório dava ênfase na realidade e na plenitude do humano e do divino no Senhor dos cristãos, bem como na união de vontades entre eles.

Contrário a Nestório, tornando-se o seu mais acirrado adversário, era Cirilo, patriarca de Alexandria (412-444), sobrinho e sucessor do patriarca que representara papel tão indigno na campanha contra

7 Ayer, *up„ cit* , pp 498-501.
8 Ayer, *op. cit,,* p 502.,
9 ***Idem, ibid»***

Crisóstomo. Em Cirilo, a ambição irveserupulosa aliava-se ao ciúme de Constantínopla, havia muitos anos, nutrido por Alexandria (e também, admitamos, por Constantinopla em relação a esta), e à hostilidade das escolas rivais de Alexandria e Antioquia. A bem da verdade, porém, importa notar que a oposição movida por Cirilo a Nestório não se fundamentava em mero ciúme e rivalidade, por mais importantes que possam ter sido esses traços no seu caráter„ Cirilo, fiel à tradição alexandrina e em consonância com o conceito grego de salvação, via em Cristo a plena divínização do humano. Embora rejeitasse a idéia de Apolinário e afirmasse que a humanidade de Cristo era completa, na medida em que era dotado de corpo, alma e mente, Cirilo, na realidade, aproximava-se bastante do apolinarismo. Tal era a ênfase que dava ao elemento divino em Cristo que, embora descrevesse a união que nele se dava como união "de duas naturezas", o centro, ou sujeito da sua Pessoa, era o Logos. O refrão apregoado por Cirilo era: "Uma *yhysis* (natureza) do Verbo, e essa encarnada". Significava isso um Ser unificado, uma só existência concreta centralizada no Verbo. Uma das tragédias da controvérsia inteira repousava na ambigüidade da palavra "natureza". Cirilo usava-a no sentido de uma existência concreta, o indivíduo uuo e vivo. Outros atribuíam ao vocábulo um sentido mais abstrato, referindo-se à totalidade das propriedades humanas ou divinas (tal como veio a ser usado em Calcedônia). Diante dessa ambigüidade poderia surgir —- como dc fato surgiu, no correr do debate — um sem-número de confusões, cujo resultado era fazer com que nenhum dos interlocutores pudesse entender bem o que o outro tentava exprimir. Para Cirilo, o Logos . "tornou carne", isto é, revestiu-se de humanidade, O elemento humano não tinha outro centro senão o Logos. Jesus não era um homem no sentido individual. No entanto, embora Cirilo afirmasse o intercâmbio de qualidades entre o elemento divino e o humano, cada um era considerado uma natureza completa -— "dc duas naturezas, uma", e esta era o Logos unido à humanidade, Tratava-se, por conseguinte, no pensamento de Cirilo, de Deus feito carne, que havia nascido e morrido, do qual participamos na Ceia, e o qual tornava divina a humanidade, sendo isto a prova e o meio pelo qual nós também seremos feitos participantes da natureza divina.[10] A escola de Antioquia chegava quase a afirmar a separação do divino e do humano, de forma a reduzir Cristo à qualidade de Eilho de Deus,

10 V. Ayer, *op cit,* pp 505-507.

por adoçao. A teologia de Cirilo, ao contrário, reduzia-o a pouco mais do que uma humanidade impessoal, centralizada na divindade.

Havia muito tempo se aplicava à Mae de Jesus a designação de "Mãe de Deus" *(Theotolcos),* ou, em sentido literal, "Portadora de Deus". Essa expressão fora usada por Alexandre de Alexandria, Atanásio, Apolinário e Gregório Nazianzeno, Para Cirilo era, evidentemente, uma expressão muito natural , Pod c-sc afirmar que era de uso corrente no Oriente, exceto nos círculos sobre os quais se fizera sentir- a influência da escola de Antioquia, e mesmo Teodoro de Mopsuéstia, seguidor dessa escola, dec!arava-se disposto a aceitar a designação, contanto que empregada com a devida cautela [11] Nestório encontrou-a cm pleno uso em Constantinopla. A seu ver, porém, ela não permitia que se estabelecesse uma distinção clara entre o humano e o divino em Cristo . Daí começar ele a proferir sermões contra o seu uso, logo no início do seu episcopado, declarando que a expressão exata deveria ser "Mãe de Cristo", "porque o (pie é nascido de carne é carne".[12] Ele próprio, contudo, mais tarde declarou-se disposto a empregar o termo *"Theolokos",* com as mesmas restrições com as quais Teodoro o empregava. "Ele pode ser tolerado em consideração ao fato de que o templo que está inseparavelmente unido a Deus, o Verbo, procede dela"..[13] Ao pregar contra o uso dessa expressão, Nestório inelindrara a piedade popular e a crescente reverência religiosa pela Virgem. Cirilo viu nisso uma oportunidade de que poderia lançar mão para humilhar a sé rival de Constantinopla c a escola de Antioquia por meio de um único golpe, ao mesmo tempo afirmando a sua própria eristologia. Imediatamente escreveu aos monges egípcios defensores da controvertida designação, seguindo-se em breve uma troca de cartas críticas entre Cirilo e Nestório. Rapidamente as criticas transformaram-se num ataque aberto ao patriarca de Constantinopla.

O que se viu, depois, foi uma das disputas mais trágicas registradas na história da Igreja. Cirilo procurou lançar mão de todo tipo de influência ao seu alcance. Recorreu ao imperador e à imperatriz, Teodósio II e Eudóxia, bem como à irmã daquele, Pulquéria, alegando que as doutrinas de Nestório solapavam todos os fundamentos da salvação , Levou t> caso ao Papa Celestino I (422-432), a quem; por sua vez, Nestório escreveu também. Celestino prontamente se pronunciou em favor de Cirilo e, mediante um sínodo romano reunido em

1] Ayer, *op . cit,,* p 500.
12 Idem, p 501.
13 Idem, ibid..

430. ordenou que Nestório se retratasse, sob pena de excomunhão. A atitude do papa é difícil de ser entendida.. Na sua definição do problema cm tela, a carta de Nestório aproximava-se mais do conceito ocidental do que a teoria de Cirilo. Nestório declarava sua fé em "ambas as naturezas, as quais, pela mais elevada união, sem mistura, são adoradas na única pessoa do Onigênito" [14] Predominou na decisão, provavelmente, o fator político. Roma e Alexandria por muito tempo tinham sido aliadas contra as crescentes reivindicações de Constantínopla Nestório era menos respeitoso do que Cirilo na sua mensagem ao papa. Além disso, sem ser pelagiano, Ncstório tinha até certo ponto favorecido os pelagianos, aos quais se opunha o papa (v.. p 244) ., O ataque do patriarca de Constantínopla à estimada expressão *Theotokos* também desagradara a Celestino,

Como a discussão a, esta altura abrangesse quase o império inteiro, os dois imperadores — Teodósio II, do Oriente, e Valentiniano III, do Ocidente -- convocaram um concilio geral, a reunir-se em Éfeso, em 431, Cirilo e seus seguidor es logo acorreram à convocação, como também o fez Nestório. Os amigos deste, porém, demoraram a chegar. Cirilo e Memnon, bispo de Êfeso, prontamente organizaram todos os membros do concilio presentes com os quais podiam contar Nestório foi então condenado e deposto, depois de um único dia de trabalhos..[15] Poucos dias depois, os amigos de Nestório, à frente João, patriarca de Antioquia, chegaram. Organizaram-se também e, por sua vez, condenaram e depuseram Cirilo e Memiion..[10] Nesse ínterim, os legados papais se haviam incorporado ao concilio de Cirilo, o qual acrescentou o nome de João à lista dos depostos, condenando também o pelagianismo (v. p 242), indubitavelmente no intuito de agradar o Ocidente. O Imperador Teodósio Ti não estava seguro quanto à atitude que deveria tomar. A princípio mandou prender tanto Nestório como Cirilo e Memnon como desordeiros. Vendo, porém, que a política tendia a favorecer a Cirilo, permitiu que os dois últimos retornassem às suas sés. A verdadeira vítima foi Nestório, o qual, deposto, retirou-se para um mosteiro.

Mais do que nunca acendera-se a hostilidade entre Antioquia e Alexandria . Sob pressão imperial, contudo, foram obrigadas a entrar ern acordo. Antioquia comprometia-se a sacrificar Nestório, e Cirilo, a ceder ern alguns pontos da fórmula do credo. Em conseqüência, em 433, João de Antioquia enviou a Cirilo um credo provavelmente

14 V. Loofs, *Nestoriana,* p 171
15 Ayer, *op. cit* , p 507.
16 Ayer, o/>. *cit,,* p 509,

composto por Tcodoreto de Ciro, que era então o principal teólogo da escola de Antioquia. Esse credo era de teor mais antioquiauo do •que alexandrino, embora pudesse ser interpretado nos dois sentidos. "Nós, portanto, reconhecemos a nosso Senhor Jesus Cristo... Deus pleno e homem pleno. .. Fez-se uma união de duas naturezas. Portanto, confessamos um só Cristo,. „ . A santa Virgem é *Theotokos,* porque Deus o Verbo foi feito carne e.tornou-se homem, e pela sua concepção uniu a Ele o templo dela recebido",[17] Cirilo subscreveu esse credo, embora sem retratar-se de quaisquer pronunciamentos anteriormente feitos. Ao fazê-lo, tornou irrevogável a derrota de Nestório. Este, porém, provavelmente, poderia tê-lo assinado com muito mais facilidade do que Cirilo. Esse acordo permitiu que o concilio de Cirilo, reunido em Éfeso cm 431, fosse reconhecido por todo o Oriente. A presença dos representantes papais fizera com que ele fosse sempre considerado, no Ocidente, como o Terceiro Concilio Geral.

Nestório foi por fim desterrado para o Alto Egito, Lá passou a viver em meio a privações e escreveu o seu notável *Tratado de HerácUdes de Damasco*, seguramente no outono de 450. Não se sabe ao certo se ainda estava vivo ao tempo do Concilio de Calcedônia. Há indícios de que sim. Seja corno for, alegrou-se com os passos que levaram à sua realização, e simpatizou com as opiniões então declaradas ortodoxas.

Nem todos os simpatizantes de Nestório participaram de sua deserção. Ibas, por exemplo, o principal teólogo da escola síria de Edessa, sustentou o seu ensino. Perseguido no império, o nestorianismo conquistou militos seguidores mesmo na Síria, e proteção na Pérsia. Lá desenvolveu grande atividade missionária. No século VII atingiu a China e a índia meridional. Ainda existem igrejas nestorianas na região em que a Turquia e a Pérsia dividem o território, entje o Lago Urumia e o Tigre superior, e também na índia.

O acordo de 433, entre Alexandria e Antioquia, Tia realidade não passou de uma trégua. A divisão entre os dois partidos continuava a crescer. Cirilo sem dúvida alguma representava a maioria da Igreja Oriental, com a sua ênfase no elemento divino da pessoa de Cristo, reduzindo o humano à categoria de humanidade impessoal. Embora rejeitasse frontalmente o apolinarismo, a tendência que o caracterizava *muito* se assemelhava à de Apolinário. Contava com a simpatia do grande partido dos monges. Muitos, especialmente no Egito, iam mais além do que Cirilo, entendendo que a humanidade de Cristo fora praticamente absorvida pela sua divindade. Cirilo

17 *Idem,* pp 510, 511

morreu em 444, sendo sucedido 110 patriarcado de Alexandria por Dióseoro. homem de poder intelectual e motivação religiosa muito inferiores, ruas ainda mais desejoso de afirmar a autoridade da sé alexandrina do que seu antecessor — se é que isso é possível imaginar. Dois anos mais tarde, em 446, um novo patriarca, Flaviano, assumiu o bispado de Constantinopla. Apesar do pouco (pie se conhece de sua história anterior, parece provável que suas simpatias vinculam-no à escola de Antioquia. Desde o começo, a carreira de Flaviano prenunciava tempestades Teve de haver-se com a oposição não só de Dióseoro, mas também do ministro favorito do imperador, Crisáfio, que havia suplantado Pulquéria na confiança de Teodósio II, e era um seguidor da escola de Alexandria.

Logo surgiu um pretexto paia a querela. Dióseoro planejou um ataque aos últimos representantes da escola de Antioquia, argiiindo-os de hereges nestorianos., Ern apoio a esse esforço, levantou-se o líder do partido rnonástico — com o ([uai contava Dióseoro — o velho abade ou "arquimandrita" Eutiques de Constantinopla, homem de pouca competência teológica, partidário do falecido Cirilo e de grande influência, não só pela sua jiopularidade, mas também pela amizade que o ligava a Crisáfio. Eutiques foi então acusado de heresia pelo Bispo Eusébio de Doriléia. Flaviano interveio com grande relutância, evidentemente consciente dos problemas que se poderiam levantar. Mas num sínodo local em Constantinopla, no fim de 448, Eutiques foi examinado e condenado. Sua heresia cifrava-se na seguinte afirmação: "Confesso que nosso Senhor era de duas naturezas antes da união (isto é, a encarnação), mas de urna só natureza depois dela'7.[18] Não fica muito claro o sentido preciso do que Eutiques queria dizer.. Poder-se-ia entender essa frase no sentido de que as duas naturezas de tal modo se fundiram que resultaram num ser misto, divino-humano. O termo "eutiquianismo" veio a significar essa confusão de naturezas. No entanto, algumas das palavras cie Eutiques também podem ser interpretadas no sentido em que Cirilo usava, e, por conseguinte, ter uma significação ortodoxa. Talvez a confirsão estivesse mais nas declarações de Eutiques do que nas duas naturezas a que elas se referem.,

Seja como for, ocupava a sé de Roma um dos mais capazes dentre os papas, Leão I (440-461). A ele, tanto Eutiques como Flaviano apressaram se a levar o problema.[19] Leão escreveu a Flaviano, a quem dava todo o seu apoio, sua famosa carta de junho de 449,

18 Ayer, *op. cit.,* pp 513, 514,
19 *Cartas de Leão,* 20-28.,

com um ente chamada o *Tomo*[20] na qual o eminente papa apresentava a opinião que o Ocidente tinha esposado desde o tempo de Tertuliauo, a saber, que em Cristo há duas naturezas plenas e completas, as quais, "sem nada subtrair das propriedades de qualquer das naturezas e substâncias, uniram-se numa só pessoa". A principal crítica que se pode levantar contra a carta de Leão é a de que, embora representasse clara e verdadeiramente a tradição ocidental, ela não tocava nas profundezas intelectuais às quais a sutileza da mente grega havia levado a perquirição. Provavelmente é melhor que assim tenha sido.

Nesse ínterim, Dióscoro estivera desenvolvendo grande atividade na defesa de Eutiques e na propagação de suas próprias afirmações, A suas instâncias, o imperador convocou um concilio geral para reunir-se em Éfeso, em agosto de 449. *Em* Éfeso, a supremacia de Dióscoro foi absoluta. Eutiques foi reabilitado, Flavíano e Eusébio de Doriléia condenados. Negou-se permissão para a leitura do *Tomo* de Leão. Foi uma reunião acidentada, provavelmente, porém, não •mais do que a de Éfeso em 431, ou a de Caicedônia, em 451. Pouco depois Flaviano morreu, correndo o rumor de que em conseqüência dos maus tratos físicos recebidos no concilio. Não parece haver fundamento para tal informação. Dióscoro conseguira uma grande vitória, mas a expensas de uma ruptura fatal na antiga aliança entre Alexandria e Roma. Leão imediatamente denunciou o concilio como tendo sido um "sínodo de ladrões". O Imperador Teodósio II, porém, deu-lhe todo o seu apoio, e um simpatizante de Dióscoro tornou-se patriarca de Constantinopla.

Leão, se não teve êxito junto a Teodósio II, teve-o, e muito, junto à irmã deste, Pulquéria. A situação alterou-se profundamente com a morte acidental de Teodósio, em julho de 450, que levou ao trono Pulquéria e seu marido, Marciano . Os novos soberanos imediatamente estabeleceram relações com Leão. O papa desejava se reunisse um novo concilio, desta feita jia Itália, onde sua influência seria poderosa, mas essa idéia não satisfez a política imperial. O novo concilio geral foi convocado para reunir-se em Nieéia, no outono de 451. Por conveniências imperiais, o lugar de reunião foi mudado para Caicedônia, em frente a Constantinopla. Para lá acorreram 600 bispos, todos do Oriente, à exceção dos legados papais e mais dois bispos. Essa reunião ficou sendo eonhecida, desde então, como o Quarto Concilio Ecumênico (o de Éfeso, em 449, foi rejeitado).

20 Idem, 28. Excertos em Ayer, *op. cit.,* p 515»

O concilio trabalhou com rapidez, Dióscoro foi deposto e exilado a mando imperial, morrendo três anos depois, no exílio. Depois de exercida a pressão imperial, nomeou-se uma comissão, de que eram membros os* legados papais, paia redigir um credo. O resultado do trabalho dessa comissão foi prontamente ratificado pelo concilio. Constituía, na realidade, um triunfo do Ocidente. Roma havia decidido o problema sob discussão, e, ao fazê-lo, estabelecera uma conciliação entre as posições de Antioquia e Alexandria, que provou ser inteiramente insatisfatória para ambas. O resultado foi um longo documento, que incluía o chamado credo niceno-constantiriopolitano (v„ p 173), aprovava o *Tomo* de Deão, e condenava as anteriores heresias [21] A parte central — o credo de Calccdônia — estava vazada nos seguintes termos:

"Nós, portanto, seguindo os santos Pais, todos a uma só voz, ensinamos os homens a confessar que o Pilho e nosso Senhor Jesus Cristo é um c o mesmo, que é perfeito em divindade e perfeito cm humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, de alma racional e corpo, consubstanciai *(homoousion)* com o Pai quanto à sua divindade e consubstanciai conosco quanto ã sua humanidade, em tudo igual a nós, exceto no pecado; gerado do Pai antes de todas as eras quanto à sua divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Maria, a mãe de Deus (*Theotokos)* quanto à sua humanidade, um só e o mesmo Cristo, Pilho, Senhor, TJnigênito, em duas naturezas, inconfusa, imutável, indivisível e inseparavelmente, não sendo' a distinção de naturezas de modo nenhum abolida pela união, mas antes- sendo a propriedade de cada natureza preservada e concorrendo em uma só pessoa *(piosopon)* e uma só subsistência *(hypostasis)*, não separada ou dividida em duas pessoas, mas uin só e o mesmo Pilho e Unigênito, Deus o Verbo, o Senhor Jesus Cristo, como os profetas, desde o começo, têm declarado a respeito dele, e como o Senhor Jesus Cristo mesmo nos ensinou, e como o credo dos santos Pais nos legou".

Esse é o credo que desde então tem sido considerado a solução "ortodoxa" do problema eristológico pelas igrejas grega e latina, e pela maioria das comunhões protestantes É fácil oferecer-lhe críticas. Para a sua adoção contribuiu grandemente a política eclesiástica. Poucas das dificuldades intelectuais referentes à cristologia, suscitadas no Oriente, foram por ele solucionadas. Tampouco foi capaz de pôr fim às polêmicas cristológicas. No entanto, admitidos todos esses fatos, importa reconhecer a felicidade de sua formulação e a

21 Ayer, *op. cit.,* pp 517-521,

utilidade das conseqüências que acarretou. Estabeleceu uma norma de doutrina numa área em que predominara grande confusão. Mais importante do que isso, manteve-se fiel à convicção fundamental da Igreja referente ao fato de que, em Cristo, temos a completa revelação de Deus em termos de uma vida humana genuína.

A coincidência entre os interesses imperiais e os romanos tinha possibilitado uma grande vitória dogmática da parte de Roma. A autoridade imperial, porém, estava decidida a fazer com que a decisão não se convertesse em uma vitória da jurisdição romana. O coueílio promulgou um cânon, contra o qual Leão protestou, em que se exaltavam as pretensões de Constantinopla a uma dignidade semelhante à de Roma (v, p 181) , Não menos prejudicial foi a derrota de Alexandria. O ciúme que Alexandria nutria em relação a Constantinopla fora sempre vantajoso para Roma no Oriente. Agora chegava ao fim essa rivalidade, pois as conseqüências da decisão de Calccdônia viriam prejudicar permanentemente a Alexandria. Com as deliberações conciliares, a distribuição histórica do Oriente completou-se. Atribuiu-se a Jerusalém a posição patriarcal que há muito tempo reivindicava, lado a lado com os três demais patriarcados, a saber, os de Constantinopla, Alexandria e Antioquia.

10

DIVISÃO NO ORIENTE

O credo de Calcedônia era agora a norma oficial no império. A origem c o espírito ocidentais tornavam-no, contudo, inaceitáveis para grande parte do Oriente. A muitos orientais ele parecia "iiestoriano" Isso era especialmente verdade nas regiões que partilhavam mais aeentuadamente da tendência alexandrina no sentido de dar ênfase ao elemento divino em Cristo,. Esses núcleos oposicionistas abrangiam a maioria dos monges, o antigo elemento nativo do Egito em geral, e uma grande porção das populações da Síria e da Armênia. Indubitavelmente, as tendências representadas por Cirilo "ortodoxo" e seu sucessor herético Dióscoro, harmonizavam-se com a concepção grega de salvação e aparentemente atribuíam alta honra a Cristo. Entre os que rejeitavam o credo de Calcedônia corriam muitas nuanças de opinião, mas em geral não se distanciavam muito das idéias de Cirilo. O que os separava de Calcedônia e do Ocidente era principalmente uma diferença de ênfase. Acusavam Calcedônia primordialmente de "hipostasíar" as naturezas, isto é, atribuir-lhes existência independente c, com isso, pôr em perigo a unidade da Pessoa de Cristo. Conceituando "natureza", como Cirilo o fizera, em termos concretos c não abstratos, não podiam aceitar os termos de Calcedônia: *"em* duas naturezas". A seu ver, isso implicava numa dualidade de Cristos. Poder-se-ia dizer que ele existe *"a %>a,rtir ãe,* ou *proveniente de* duas naturezas", no sentido de que existiam, de um lado, o Eogos e, de outro, a humanidade a que ele se uniu. Mas, depois da união, só podia haver *um* Jesus Cristo. O centro e a existência concreta da humanidade provêm da sua união com o Verbo, e nunca existem de fato, prévia, ou independentemente. Essa ênfase na unidade do Cristo, juntamente com a maneira pela qual ela era expressa, em termos de "uma só natureza (isto é, uma existência concreta e viva) depois da união", levou os seus propugnadores a serem conhecidos como "monofisitas", isto é, crentes em uma só natureza. Deve-se realçar, porém, que, pondo de lado alguns escritores extremados que

usavam linguagem exagerada, a posição destes pensadores conformava-se fielmente à de Cirilo. Eles rejeitavam totalmente as idéias de Eutiques c a confusão das naturezas que, certa ou erradamente, era atribuída a este.

Imediatamente após o concilio de Calcedônia, a Palestina primeiro e em seguida o Egito declararam-se praticamente cm revolução, que só lentamente o governo pode dominar . Por volta de 457, a sé de Alexandria era ocupada por um monofísita, Timóteo, alcunhado "o Cato" por seus inimigos, e a de Antioquia, aproximadamente em 461, por outro da mesma convicção, Pedro, o Ferreiro. Essas conquistas não estavam destinadas a ser permanentes, mas as populações nativas do Egito e da Síria estavam-se libertando do domínio de Constantinopla e, de modo geral, mostravam-se simpáticas ao protesto monofísita. Em Antioquia, novos distúrbios se levantaram quando Pedro acrescentou novas expressões ao *Trisagion,* que passou a ser; ''Santo Deus, Santo Poderoso, Santo Imortal, *que foste crucificado ;por nós7'.*

Essas desavenças causavam ao império sérios perigos de ordem política, tanto quanto de ordem religiosa. Muito da política imperial, durante mais de dois séculos, foi dedicado à sua solução, com pouco sucesso permanente. Na concorrência entre Zenão e Basílico pela conquista do trono imperial, este último tentou diretamente conquistar 0 apoio monofisita publicando, em 476, um *EneycUon,* no qual anatematizava "o assim chamado *Tomo* de Leão, e tudo o que foi feito cm Calcedônia" no sentido de modificar o credo niceno.[1] O Oriente, porém, não estava preparado ainda para aceitar uma mudança de atitude tão radical como essa, e a atitude de Basílio transformou-se numa das razões pelas quais Zenão conseguiu suplantá-lo. No entanto, provavelmente induzido pelo Patriarca Aeáeio de Constantinopla, Zenão novamente tentou vencer o cisma. Em 482 publicou o seu famoso *Henotüxm*,[2] no qual confirmava as decisões dos eoncílios de Nicéia e Calcedônia, condenava Nestório e Eutiques, e aprovava os "doze capítulos"[3] de Cirilo. A obra continha uma breve declaração cristológica, cuja relação exata com a de Calcedônia não ficava muito clara, como, de resto, não pretendia ficar. O ponto mais importante era a seguinte declaração: "Estas coisas escrevemos, não no intuito de introduzir uma inovação na fé, mas para satisfazer-vos., E aquele

1 Ayer, *op. cit.,* pp 523 526.
2 *Idem,* pp 527, 529.
3 *Idem,* pp 505, 507.

que tenha afirmado ou afirme outra opinião que não essa, seja neste, seja em outro qualquer tempo, seja em Caicedônia, seja em qualquer outro sínodo, esse nós anatematizamos", Deixava-se aberta assim a possibilidade de afirmar que o credo de Caicedônia era errôneo.. O resultado não foi a paz, mas maior confusão, Embora muitos morrofí-sitas o aceitassem, os mais extremados seguidores dessa linlia de pensamento recusararn-se a levar em consideração o *HenoUcon* De outro lado, a sé romana, vendo sua ortodoxia e seu prestígio atacados por esta efetiva rejeição de Caicedônia, excomungou Acácio e rompeu relações com o Oriente. O cisma continuou até 519, quando o Imperador Justino reafirmou a autoridade de Caicedônia, em circunstâncias tais que aumentavam o prestígio do papado,[4] mas que, por outro lado, só ser viram para afastar ainda mais o Egito e a Síria

O sucessor de Justino, o grande Justiniano (527-565), mais do que qualquer um dos demais imperadores do Oriente, conseguiu transformar-se em senhor da Igreja. Seu evidente sucesso no campo militar restituiu ao Império, por algum tempo, o controle da Itália e da África do Norte.. A Igreja tornou-se então praticamente um departamento do Estado. Mais do que em qualquer outra época anterior-, o paganismo foi proibido e perseguido.. Justiniano a princípio manteve-se francamente simpático a Caicedônia. Sua imperatriz, Teodora, porém, tinha tendências rrronofisitas.. Em breve suspendeu-se a perseguição aos monofisitas, que havia caracterizado os primeiros anos do seu reinado. Sendo ele mesmo um dos teólogos mais capazes dessa época, Justiniano procurou seguir uma política eclesiástica que interpretasse o credo de Caicedônia, de tal forma que, embora tecnicamente preservasse a sua integridade, vedasse o surgimento de qualquer teoria antioquiana ou "nestorlarra", harmonizando plenamente assim o seu significado com a teologia de Cirilo de Alexandria Por melo desse artifício, o imperador procurou aplacar os monofisitas e, ao mesmo tempo, satisfazer as exigências dos orientais em geral, quer "ortodoxos", quer monofisitas, sem ofendei demais a Roma e o Ocidente mediante uma rejeição cabal das decisões de Caicedônia. Daí o estabelecimento de uma ortodoxia cirilo-calcedoniana ter-se transformado no objetivo pretendido por Justiniano. Tratava-se, evidentemente, de uma tarefa dificílima. Não conseguiu satisfazer os monofisitas em geral. No entanto, foi bem sucedido no seu esforço de fazer da interpretação ciriliana do credo de Caicedônia a única posição "ortodoxa". Picou permanentemente desacredita-

4 V. y. 180, Ayer, *op cit.,* p 536.

da toda e qualquer forma de antioquianismo. Com isso, Justiniaiio, indubitavelmente, satisfez os desejos da imensa maioria do Oriente "ortodoxo".

Justiniano foi grandemente auxiliado em sua tarefa pelo surgimento de uma nova interpretação do credo de Calcedônia, consubstanciada no ensino de uni monge teólogo, Leôncio de Bizâncio (c, 485-543). Era a época do reavivamento da filosofia aristotéüca, e Leôncio aplicou **as** distinções aristotélicas aos problemas cristológicos. Grassava em grande parte do Oriente, tanto "ortodoxo" como monofisita, a impressão de que a afirmação de duas naturezas em Cristo não poderia ser compreendida sem predicar-se duas liipóstases (ou subsistências) e, por conseguinte, incorrer-se em "nestorianismo". O que Leôncio agora oferecia era uma interpretação despida dessas conseqüências "nestoriaiias",. A natureza humana era por ele conceituada não como tendo sua própria *hypostasis* (centro de ser), nem como abstrata e impessoal, mas como eternamente unida ao Verbo *(cnypostatos).* Sua existência fundamentava-se no fato de ter o Verbo como seu sujeito. Independentemente dele, não existia. Dessa maneira, Leôncio interpretava o credo de Calcedônia cm termos plenamente concordantes com o objetivo de Cirilo, se não com sua linguagem exata. O elemento humano em Cristo é real, mas o seu centro, ou sujeito, é o Logos.. Na realidade, fora essa a idéia, agora expressa por Leôncio em termos aristotélicos, que Severo, patriarca de Antioquia (512-518), monofisita moderado, havia pronunciado alguns anos antes: "Qualificamos de "hipostática" a união, porque a carne adquiriu subsistência naquela exata união com o Verbo, que existia anteriormente aos tempos, e no exato acontecimento daquele evento veio a existir, e uniu-se à própria existência".[5]

Essa interpretação pareceu, na época, fornecer uma base razoável de conciliação com os monofisitas mais moderados, os quais constituíam a maioria, A maioria do partido monofisita, liderada por Severo, o qual, até sua morte, em 538, encontrou, refúgio no Egito, esposava essencialmente a mesma opinião exposta por Leôncio. A principal diferença residia no fato de nutrirem maiores suspeitas em relação ao concilio de Calcedônia e seu credo. Menos auspiciosas eram as perspectivas de conciliação com os monofisitas mais radicais, chefiados por Juliano dc Haliearnasso (morto depois de 518), os quais iam ao extremo de afirmar que o corpo de Cristo fora incorruptível desde o princípio da encarnação e incapaz de sofrer, a não ser na medida em que o próprio Cristo o permitisse. Os inimigos

5 *Contra Gtatnm*3 14

deste grupo acusavam a teoria de Juliano de conotações doeétieas, Não há dúvida, porém, de que interpretavam mal a sua linguagem um tanto extremada. Com "incorruptível", Juliano queria dizer "isento de pecado", e não isento de jxiixão inocente.

O objetivo a que se propôs Justiniano foi o de fazer face a essa situação, fixando uma interpretação anti-antioquiana e ciriliana do credo de Calcedônia e conquistando, se possível, os monofisitas moderados. Veio então a favorecer a assim chamada fórmula "teopasquita" (isto é, "Deus sofredor") dos monges da Cítia — "um da Trindade sofreu na carne" —- após uma controvérsia que se estendeu de 519 a 533. Em virtude das disputas ruonásticas na Palestina, e também porque as preferências teológicas do próprio imperador, como as de sua época, eram extremamente intolerantes, Justiniano condenou, em 543, a memória e os ensinos de Orígenes.[6]

O grande esforço de Justiniano por[1] promover sua política teológica deu ocasião a discussão conhecida como a dos "três capítulos". Em 544, Justiniano, decidindo a questão por sua própria autoridade, condenou a pessoa e os escritos de Teodoro de Mopsuéstia, morto havia um século, que fora no seu tempo um respeitado líder da escola de Antioquia (v„ p 194) ; os escritos de Teodoreto de Ciro que criticavam a Cirilo (v. p 198), e uma carta de Ibas de Edessa a Máris, o Persa (v. p 198). Teodoreto e Ibas tinham sido aprovados pelo concilio dc Calcedônia. O ato do imperador formalmente não afetava o credo de Calcedônia, mas excluía a possibilidade de interpretações outras que rião a de sentido ciriliano; condenava a escola de Antioquia e diminuía enormemente a autoridade do concilio de Calcedônia. O edito suscitou grande oposição. O Papa Virgílio (-537-555) não o aprovou, mas a reconquista imperial da Itália colocara os papas à mercê quase total do imperador. Hesitando entre o conhecimento que tinha da opinião do Ocidente, e o medo que lhe impunha o imperador, Virgílio tomou atitude vacilante e pouco heróica.[7] No intuito de concretizar seu desiderato, Justiniano convocou então o Quinto Concilia Geral, que se reuniu em Constantínopla, em 553. Foram ali condenados os "três capítulos", isto é, Teodoro c as obras acima mencionadas; aprovou-se a fórmula "teopasquita" e mais uma vez declarou-se Orígenes herético,[8] O Papa Virgílio, embora presente em Constantínopla, recusou-se a participar dos trabalhos. Mas tal foi a pressão imperial que, em menos de um ano, ele anuiu às decisões

6 Ayer, *op. cit,* **pp 542, 543.**
7 V, Ayer, *op. cit.,* pp 544-551.
8 Idem, pp 551, 552.

do concilio. A interpretação ciriliana do credo de Calcedônia passou a ser então a única "ortodoxa".. O ato do concilio encontrou resistência, por alguns anos, na África do Norte., A atitude complacente do papa suscitou cismas no Norte da Itália, no Uírico e na ístria, o *primeiro* dos quais durou até ao tempo de Gregório Magno, e os dois últimos, até anos depois. Um dos principais propósitos da condenação dos "três capítulos", a saber, a reconciliação dos monofisitas, não foi atingido. No Egito e na Síria o inonofisismo continuou sendo a força dominante„ Nessas províncias desenvolveu-se uma consciência nacional nativa, (pie se opunha ao império, e foi fortalecida pelas diferenças de ordem teológica.

Sob o governo dos sucessores de Justiniano — Justino II (565-578) e Tibério **II** (578-582) — alternaram-se severas perseguições aos monofisitas e tentativas vãs de reconciliação com eles. "Esses esforços tiveram menor significação, já que os grupos monofisitas se haviam transformado praticamente em igrejas nacionais separadas É difícil estabelecermos a data exata em que surgiu o grupo monofisita nativo do Egito.. "Desde o concilio de Calcedônia aquele país estivera imerso em crescente rebelião religiosa. A Igreja Copta é ainda o principal grupo cristão do Egito, contando com mais de 650 mil fiéis.. Maciçamente monofisita, no que tange à doutrina, é governada por um patriarca, que ainda se intitula de Alexandria, embora desde liá muito sediado no Cairo. Os ofícios celebram-se ainda, principalmente, no antigo copta, embora o árabe o tenha em parte suplantado. A filha mais importante da Igreja Copta é a abissínia.. Não se sabe ao certo a data em que o cristianismo penetrou na Etiópia . Há razoes para crer que o primeiro missionário foi Erurnêneio, sagrado bispo por Atanásio, por volta de 330. Os monges egípcios parecem ter sido os instrumentos da efetiva disseminação do cristianismo nessas terras, por volta de 480. A Igreja abissínia tem, até o *presente,* relações de dependência com a do Egito. Seu chefe, o *Abnna,* é nomeado pelo patriarca copta de Alexandria. K também monofisita, e muito pouco difere da do Egito, exceto no atraso da eua cultura e no extremo a que leva a prática do jejum.

Enquanto o Egito apresentava o espetáculo de uma população monofisita unida, a Síria estava profundamente dividida. Parte dos seus habitantes tendiam para o nestorianismo (v.. p 197). Alguns eram ortodoxos e muitos monofisitas. O grande organizador do monofisismo sírio, após* o período de perseguição havido nos primeiros anos do reinado de Justiniano, foi Jacó, cognominado Baradai (? -578). Nascido próximo a Edessa, fez-se monge e gozou do apoio

de Teodora, a impei atriz de tendência monofisita.. Ern 511, ou 513, íoi sagrado bi.spo de Edessa e durante o restante de sua vida foi missionário monofisita, ordenando, segundo se conta, 80 mi] clérigos. **A** ele o rnonofisisrrro sírio deveu seu grande crescimento e dele a Igreja Monofisita Síria, que subsiste até à presente época, deriva o nome dado pelos seus opositores, a saber, Jacobita. Seu cbcfe chama-se a si mesmo de patriarca de Antioquia, embora há vários séculos sua sede tenha sido o vale do Tigre, onde se encontra a maioria dos seus adeptos, em numero de aproximadamente 80 mil

Durante os primeiros quatro séculos do Império Romano, a Armênia foi um reino vassalo, Nunca chegou a ser plenamente romanizada, mantendo sua própria língua c características peculiares, sob o governo de seus próprios soberanos. As origens do cristianismo nessa região são obscuras» Seu grande propagador foi Gregório, chamado o Tlurninador, que viveu nos últimos anos do século 111 O Rei Tiridates (e.. 238-314) foi por ele convertido e batizado, A Armênia tornou-se assim o primeiro país a ter um governante cristão, já que esse evento é anterior à adesão de Constantino ao cristianismo O cristianismo armênio cresceu com grande vigor.. Jamais unida intimamente ao mundo romano, a Armênia foi parcialmente conquistada pela Pérsia em 387. Durante as lutas que se travaram 110 século seguinte, o ódio à Pérsia parece ter levado a Armênia a inclinar-se para o moriofisismo, em contraste com o rrestorianismo popular entre os persas (v, p 197) . Um concilio armênio, reunido em Etchmiadzin (Valarshabad), em 491, condenou o concilio de Caicedônia e o *Tomo* de Leão. Desde então, a Igreja Armênia, ou Gregoriana —- assim denominada em virtude de seu fundador —• tornou-se monofisita.

O efeito das controvérsias cristológicas foi desastroso tanto para a Igreja como para o Estado.. Por volta do fim do século VI, a Igreja estatal romana do Oriente havia-se fracionado e as igrejas separadas, nestorianas e monofisitas, afastaram-se dela. O Egito e a Síria tornararn-se profundamente hostis ao governo e à religião de Constantinopla, fato que explica em grande parte a lápida conquista dessas regiões pelo maometismo, rio século VII..

10

CATÁSTROFES E CONTROVÉRSIAS NO ORIENTE

Pequena foi a duração da brilhante reconstituição do poderio romano efetuada por Justiniano.. Desde 568 os lombardos estavam exercendo pressão sobre a Itália,. Sem chegar a conquistar o todo, ocupavam o Norte e larga área do centro do pais As últimas tropas romanas foram expulsas da Espanha pelos visigodos em 624. Os persas obtiveram controle temporário da Síria, Palestina e Egito entre 613 e 629, e assolaram a Ásia Menor até o Bósforo. Na Eur opa, os ávaros e os croatas e sérvios eslavos dominaram as regiões do Danúbio e a maioria das províncias balcânicas, em grande parte extirpando o cristianismo, e penetrar am em 623 e 626 até às defesas da própria Constantínopla. O fato de o império não ter então desaparecido deve-se ao gênio militar do Imperador Heráclio (610-642), que derrotou brilhantemente os persas e reconquistou as províncias orientais. Antes de sua morte, porém, levantou-se uma nova potência, o maometismo. Seu profeta morrera em Medina em 632, mas a conquista por cie planejada foi empreendida pelos califas Omar e Otman. Damasco <faiu em 635, Jerusalém e Antioquia em 638, e Alexandria em 641. Em 651 o reino persa foi extinto. Por volta de 711, a avalancha maometana havia cruzado o estreito de Gibraltar e penetrado na Espanha, pondo fim à monarquia visigoda, e penetrou avassaladora na França, onde sua marcha foi permanentemente detida pelos francos, sob o comando de Carlos Martelo, na grande batalha de 732, entre Tours e Poitiers. No Oriente, Constantínopla conseguiu resistir-lhe ao assédio, em 672-678, e novamente em 717-718. A Síria, o Egito e a África do Norte foram definitivamente tomadas pelos ma om etários,

Diante de tais circunstâncias, era natural que, antes que ocorresse a catástrofe final, se fizessem esforços no sentido de assegurar a unidade nas porções ameaçadas do império , Depois de longas negociações, que se ar rastaram por vários anos, nas quais o Patriarca Sérgio de Constantínopla foi o líder, uma política de união foi inaugurada pelo Imperador Heráclio, baseada numa declaração de que, em tudo

o que fez, Cristo agiu "por uma energia divirro-humana". Ciro, o patriarca "ortodoxo'[7] de Alexandria, em 633 fixou no Egito uma fórmula de união, substancialmente idêntica a essa, aparentemente conseguindo conciliar a opinião monofisita[1] A oposição levantou-se, liderada por um monge da Palestina, Sofrônio, pouco depois patriarca de Jerusalém. Sérgio, alarmado, tentou sustar qualquer discussão do problema. Com esse intuito escreveu, então, ao Papa. Honório (625-638), o qual se pronunciou contrariamente ao uso da expressão "energia" por não ser escriturística, afirmando, de passagem, que Cristo tinha uma única vontade , Heráelio em seguida, emr 638, publicou o seu *Eklhesis,* escrito por Sérgio, no qual proibia a discussão do problema de uma ou duas energias, e afirmou que Cristo tinha uma única vontade.

Era mais fácil iniciar uma controvérsia teológica do que detê-la. O Papa João IV (640-642) condenou, em 641, a doutrina da única vontade de Cristo, a heresia monotelita, como era denominada Nesse ano Heráelio morreu, sendo sucedido por Constante II (642-668), o qual publicou, em 648, umr *Typos,* no qual proibia a discussão do problema da vontade, ou vontades de Cristo[2] Ocupava o papado o ambicioso Martinho I (649-655), que viu na situação uma oportunidade não só de promover uma interpretação do problema que fosse conforme com as idéias vigentes no Ocidente - - o qual sempre asseverara que cada uma das naturezas de Cristo er a perfeita e completa — mas também, de afirmar a autoridade papal no Oriente. Assim, convocou um grande sínodo que se reuniu em Roma, em 649, sínodo esse que proclamou a existência de duas vontades em Cristo, a humana e a divina, e não só condenou Sérgio e outros patriarcas de Constantinopla, mas também o *Ekthesis* e o *Typos*[3] Tais decretos eqüivaliam a um puro e simples desafio ao imperador Constante mandou prender o Papa Martinho e trazê-lo a Constantinopla, em 653, onde foi tratado eorr grande brutalidade. Martinho, que corajosamente se manteve fiel às suas convicções, foi exilado para a Criméia, onde morreu. As relações entre Roma c Constantinopla tornaram-se tensas. Constantino IV (668-685) sucedeu a Constante II. A essa altura, as províncias monofisitas, cuja conservação fora a fonte da disputa, haviam sido tomadas pelos maometanos. Era mais importante aplacar a Itália do que ajudá-las. Por conseguinte, o imperador entrou cm negociações com o Papa Ágato (668-681), que publicou

1 Ayer, *op cit,* pp 661, *662..*
2 Idem, pp 662, 664.
3 Rxccrtos em Ayer, *op cit,* pp 664-665-

uma longa carta esclarecedora, como, anos antes, o fizera Leão I com o seu *Tomo* Sob os auspícios do imperador, reuniu-se em Constantínopla, em 680 e 681, o Sexto Concilio Geral, o qual declarou que Cristo tem "duas Vontades naturais... não contrárias uma à outra... mas sua vontade humana segue, não como se resistisse ou relutasse, mas antes, como sujeita à sua vontade divina e onipotente". Condenou também Sérgio e outros dentre os seus sucessores no patriarcado de Constantínopla, Ciro de Alexandria e o Papa Honórioz[1] Pela terceira vez Roma triunfava sobre o Oriente dividido em questões de definição teológica. Nieéia, Calcedônia e Constantínopla foram, todas, vitórias romanas. Importa reconhecer também que a vontade humana era elemento necessário à completa e perfeita humanidade de Cristo, sempre defendida pelo Ocidente, junto com a perfeita divindade. A controvérsia monotelita implicava num problema de espiritualidade, A vontade, ou "energia", era considerada um atributo da natureza, e a afirmação da vontade humana de Cristo significava que a humanidade do Salvador dispunha dc liberdade. Essa idéia contrariava a posição monofisita ou monotelita, que, preocupada com a ênfase na unidade da existência de Cristo, considerava a humanidade um mero instrumento *passivo* do Logos. O problema diz respeito a algo que se encontra no mais profundo da vida cristã. Consiste ele em saber-se se o elemento divino age *através da* vontade humana, ou a suprime. Tal como definida em Constantínopla, a doutrina eqüivalia a uma conclusão lógica extraída da definição de Calcedônia. Com essa decisão, findavam as controvérsias eristológicas, no que dizia respeito à decretação de doutrina.

Embora o Sexto Concilio Geral tenha sido, como vimos, uma vitória ocidental, teve uma espécie de apêndice que, em certo sentido, constituiu-se em derrota para o Ocidente. Tal como o concilio dos "três capítulos" (553), não promulgou cânones díseiplinares. Para fazê-lo, Justiniano II (685-695, 704-711) convocou um concilio que se reuniu em Constantínopla, em 692, chamado, segundo a sala abobadada em que se reuniu — a mesma que abrigara o concilio de 680 e 681 —- Segundo Concilio Trullano ou *Concilium Quini-sextum,* por haver completado a obra do quinto e sexto concílios gerais. Estavam presentes exclusivamente representantes da Igreja Oriental, a qual ainda hoje o considera como complemento do concilio de 680 e 681, embora sua validade não seja aceita pela Igreja de Roma. Renovaram-se muitos dos antigos cânones, mas muitas das novas deliberações contraditavam a prática do Ocidente. Eiel ao disposto em Calcedônia,

4 Ayer, *op. cit-,* pp 665 672.

declarou que "a sé de Constantinopla desfrutará de igual privilégio que o inerente à sé de Roma". Permitiu o casamento de diáconos e presbíteros, condenando a proibição que Roma prolatara contra tais casamentos.. Até os dias de hoje a Igreja grega mantém-se fiel a essa permissão. Proibiu também o costume romano do jejum nos sábados da Quaresma, bem como a representação de Cristo mediante símbolo do cordeiro, muito popular no Ocidente, ordenando que, em lugar deste, se usasse uma figura humana, para dar ênfase à realidade da encarnação.5 Embora em si mesmas não sejam muito importantes, essas decisões são significativas na crescente separação, em sentimento e em costumes, entre o Oriente e o Ocidente»

O colapso aparente do império do Oriente, no século VII, foi seguido de considerável ressurgimento do seu poderio sob o governo de Leão MI, o Isáurio (717-740), a cujo talento militar e administrativo deveu-se essa nova vida» Soberano enérgico, tinha a intenção de governar a Igreja no mesmo estilo em que o fizera Justiniano» Para isso promoveu e deu força de lei a um movimento que procurava purificar a Igreja de superstição, por meio do término da veneração de pinturas religiosas. Os protestos contra o uso de ícones no culto não haviam começado com Leão, mas ele se serviu do movimento para promover o seu plano de centralizar o império. Seu alvo era tornar-se senhor da Igreja, que gozava de muitas imuriidades, especialmente por meio dos seus mosteiros, e tirava do Estado impostos, soldados e funcionários públicos. Foi mais profunda, contudo, a importância da "Controvérsia Iconoclasta", como foi chamada. Em algumas regiões da Ásia Menor, incluindo aquela de onde proviera Leão, campeavam influências orientais, que conduziam ao desprezo do mundo material e à exigência de uma religião espiritualista. Em algumas seitas, tais como a dos maniqueus (v. p 146) e a dos paulicianos (v. p 304), essa atitude provinha de um dualismo oriental muito evidente. Para os judeus e os maometanos, de outro lado, a veneração dos ícones eqüivalia à idolatria. Como no exército de Leão havia recrutas vindos de alguns desses grupos, o imperador esperava, talvez, poder conquistá-los para a Igreja. Mas contava também poder destruir o poderio dos monges, que eram os campeões da veneração dos ícones. Além disso, dispunha da aliança dos monofisitas extremados, cujas idéias os levavam logicamente à rejeição das imagens» Argumentavam eles: considerando que o divino não pode ser circunscrito, e que o humano em Cristo é um mero instrumento passivo do

5 *Idem,* pp 673-679,

Logos e é, em última análise, absorvido por este, a verdadeira realidade de Jesus Cristo não pode ser retratada pelo ícone.

A abolição dos ícones levou a uma crescente ênfase na figura do imperador, e nisso encontrava uma forma de expressão o ideal nutrido por Leão com referencia à unificação do império. A igreja devia preocupar-se com o abstrato. O império e o imperador deviam ser considerados a corporificação material da erístaridade. Subjacente a essa concepção estavam as influências onipresentes do origerrismo extremado, com sua preocupação com o mundo intelectual e celestial do puro espírito, que seria o âmbito específico da Igreja. Ao invés de ser um trampolim para atingir-se o mundo noétlco, a imagem era considerada, antes, um obstáculo.

Poi assim que, em 725, Leão proibiu o uso de ícones no culto. O resultado foi a revolta religiosa. Os monges e o povo em geral resistiram, em defesa não só da veneração das imagens, mas também da liberdade da Igreja. Leão, lançando mão do exército, fez com que o decreto fosse aplicado pela força, o que conseguiu fazer na maior parte do império, Mas a Itália estava longe demais, e lã o imperador encontrou resistência da parte dos papas e do povo. Sob a presidência do Papa Gregório III (731-741), um sínodo romano, em 731, excomungou os que se opunham às imagens.. O imperador, em represália, subtraiu à jurisdição do papa toda a Sicília e as regiões da Itália que pôde. O hábil e tirânico filho de Leão, Constantino Y (740-775) continuou a seguir a mesma política, de modo ainda mais implacável. Um síyodo por ele convocado, em Constantinopla, em 754, condenou as figuras e aprovou a ei tensão da autoridade imperial sobre toda a Igreja. As figuras, afirmava-se, "afastam o espírito humano da adoração sublime de Deus, para a adoração inferior e material da criatura". Nessa luta o papado procurou a ajuda dos francos, afastando-se permanentemente da dependência em relação aos imperadores do Oriente. A mudança na política imperial ocorreu, contudo, com a entronização de Constantino VI (780-797), sob a influência de sua mãe, Irene, partidária do uso de imagens. Sob o patrocínio do imperador, e com a presença dos legados papais, reuniu-se então em Nicéia, em 787, o Sétimo — e, segundo a opinião da Igreja grega, último — Concilio Geral. Por decreto então promulgado, as figuras, a cruz e os Evangelhos "devem receber a devida saudação e honrosa reverência, mas não culto verdadeiro, que só pertence à natureza divina... Porque a honra que se presta à imagem transfere-se àquilo que a imagem representa, c aquele que presta reverência à imagem, mostra rever ência àquilo que é por ela represen-

tado"[6] Na carta do concilio ao imperador, a justificação do ícone fundamenta-se no fato de Cristo ser "verdadeiro homem", e os eventos do Evangelho serem verdadeiramente históricos.. Triunfava assim o princípio de que o divino não é algo separado do mundo material mas, tal como na encara ação, este último pode ser o meio de acesso a Deus

Entre os defensores vigorosos da veneração de imagens contava-se João de Damasco (700? -753?), o mais reverenciado dos últimos teólogos da porção oriental da Igreja antiga» Nascido na cidade de que toma o nome, filho de um cristão que ocupava alto posto no funcionalismo público do califa maometarro, João sucedeu a seu pai no cargo, para depois abandoná-lo e tornar-se monge do mosteiro de Sao feabas, perto de Jerusalém, Sua obra principal, *A Fonte do Conhecimento,* é uma exposição completa e sistemática da teologia da Igreja do Oriente. Embora com pouca originalidade, e fazendo uso de muitas citações extraídas de autores anteriores, João Darnaseeno apresentou a matéria em forma lógica e clara, tornando-se o grande mestre teológico da Igreja Grega e, graças a uma tradução latina do século XII, influenciando a escolástíca no Ocidente.. Seu fundamento filosófico é um aristotelismo, em grande parte influenciado pelo neoplatonismo. Na discussão cristológica seguiu a Leôncio (v, p 206) numa interpretação do símbolo de Caicedônia de acordo com as opiniões de Cirilo. Para ele, a morte de Cristo é um sacrifício oferecido a Deus, e não um resgate pago ao diabo. A Ceia do Senhor é plenamente o corpo e o sangue de Cristo, não por transubstanciação mas por uma transformação iniraculosa, efetuada pelo Espírito Santo..

João Damãseeno sumariou o desenvolvimento teológico do Oriente, o qual até os tempos modernos não foi muito além das posições por ele representadas. A ortodoxia oriental manteve-se resolutamente fiel à "Santa Tradição" do período patrístico. Seu pensamento e sua liturgia são impregnados do espírito dos Pais da Igreja antiga. Se, porém, é verdade que seu desenvolvimento teológico não foi notável, não menos verdade é que sua vitalidade religiosa evidenciou-se em outras maneiras. No âmbito do misticismo cristão, a ortodoxia oriental abriu perspectivas novas e férteis com a idéia da *"hesychia"* (v. p 301). Possivelmente, porém, a conquista mais notável dos séculos futuros seria a formação da espiritualidade russa, com sua profunda compreensão do sofrimento e da humildade.

6 Idem, pp 694-697

10

DESENVOLVIMENTO CONSTITUCIONAL DA IGREJA

A aceitação do cristianismo como religião do império atribuiu aos imperadores praticamente poder sobre a Igreja. A época de Justiniano, o imperador, por sua própria iniciativa, declarava qual era a sã doutrina e regulamentava, até certo ponto, a administração eclesiástica.[1] Os imperadores detinham em grande medida o controle das nomeações para os altos cargos eclesiásticos, especialmente no Oriente. Esse poder imperial era limitado, contudo, pela necessidade, reconhecida mesmo por imperadores tão poderosos como Justiniano, de conseguir a aprovação da Igreja, mediante concílios gerais, às declarações de fé e aos cânones administrativos. O apoio que o imperador emprestava a esses editos c decisões dos concílios gerais transformava a heresia em crime e, certamente, significou um sério limite imposto à liberdade do pensamento cristão. Tanto no que se refere à opinião teológica quanto no que respeita à administração, era muito estreito o caminho que tinha de trilhar, por exemplo, um bispo de Constantipopla, O fato de as condições serem mais favoráveis ao papado (v. pp 180-181) deve-se, em grande parte, à geral ineficiência do controle imperial sobre a Itália. Não faltam, porém, exemplos de papas que sentiram coneretamente o peso da mão imperial.

Tal como no século III, os bispos continuavam a ser os centros da administração eclesiástica local, e o seu poder tendia a crescer. Eram eles não só que ordenavam os demais clérigos, mas também que detinham em suas mãos a remuneração dos seus subordinados. O Primeiro Concilio de Nicéia ordenou que os clérigos não se afastassem da diocese sem o consentimento do bispo.[2] Em cada uma das províncias o bispo da capital era o metropolita, o qual, de acordo com **o** sínodo de Antioquia (341), devia ter "precedência em dignidade... para que os demais bispos nada façam de extraordinário sem ele",[3]

1 P ex , Ayer, *op. cit.,* pp 542, 555.
2 Ayer, *op. cit.,* p 361.
3 *Idem*, p 363.

Expandiu-se o antigo costume dos sinodos locais, reunidos para considerar os problemas provinciais. O Primeiro Concilio de Nieéia exigia que fossem convocados duas vezes por ano.[4] Esse sistema de metropolitas estava plenamente estabelecido no Oriente em meado do século IV. No Ocidente levou mais meio século para estabelecer-se, sendo limitado na Itália pelo domínio do papado.. Espalhou-se, porém, pelo Norte da Itália, Espanha e Gália. Acima dos metropolitas colocavam-se os bispos das grandes capitais do império, os patriarcas, cuja preeminência era anterior ao surgimento do sistema de metropolitas. Eram os bispos, ou patriarcas, de Roma, Oonstantinopla (por volta de 381), Alexandria, Antioquia e, em 451 aproximadamente, Jerusalém.

Constantino fez do clero uma classe privilegiada e isenta do pagamento de impostos.[5] Preocupado em não perder parte de sua renda com a ordenação de homens abastados ao ministério clerical, o governo dispôs que só fossem ordenados os de "pequena fortuna" (326),[6] Como resultado dessa política, o clero era recrutado em sua maior parte dentre classes de poucas posses ou educação, embora a ordenação de escravos fosse vista com maus olhos por toda parte, tendo sido proibida no Oriente pelo Imperador Zenão, em 484. A brilhante carreira de alguns homens de talento e fortuna, como, por exemplo, Ambrósio, demonstra as possibilidades que então havia para os homens realmente capazes que conseguiam vencer essas barreiras, Tomou vulto a idéia, já antiga, dc que ao menos o alto clero não devia dedicar-se a qualquer ocupação mundana ou lucrativa. Em 452, o Imperador Valentiniano III proibiu expressamente o exercício de tais atividades. Essa dedicação exclusiva à vocação clerical exigia maiores meios de sustento. A Igreja agora recebia não só as ofertas dos fiéis, como antigamente, mas a renda proviuda de um número rapidamente crescente de bens de raiz a ela doados ou legados por cristãos ricos. O controle desses bens estava nas mãos dos bispos. Uma disposição do Papa Simplício (468-483) determinava a divisão da renda eclesiástica em quatro partes: uma para o bispo, uma para os demais clérigos, uma para a manutenção do culto e dos edifícios e uma para os pobres.

Era muito natural a idéia de que o clero devia ser exemplo moral para o seu rebanho. Por muito tempo se estimara o celibato como sinal de vida cristã mais santa. Nesse sentido, o Ocidente era

4 *Idem*, p 360..
5 *Idem*, p 283
6 Idam, p 280

mais rígido do que o Oriente. O Papa Leão I (440-461) afirmava que mesmo os subdiáconos deviam abster-se de casar,[7] embora decorressem alguns séculos, até que essa regra viesse a ser universalmente aplicada na Igreja ocidental. No Oriente o costume que prevalece até hoje estava já estabelecido ao tempo de Justiniano, a saber, só podem ser bispos os eelibatários, ao passo que os demais clérigos podem casar-se antes de ordenados. Embora apresente certas vantagens, essa regra tem a grande desvantagem de impedi ir a promoção <los clérigos na Igreja oriental e fazer com que os bispos sejam escolhidos principalmente dentre os monges.

Embora a autoridade do bispo tivesse atingido esse grau de amplitude, o crescimento da Igreja nas áreas rurais circun. vizinhas às cidades, e de muitas congregações no interior das próprias cidades, exigiu a formação de congregações a cargo de presbíteros e, assim, aumentou a importância do presbiterato. Essas congregações ainda pertenciam, na maior parte dos casos, à igreja urbana indivisa, dirigida pelo bispo. Por volta do século VI, porém, surgiu na Prança •o sistema paroquial. Neste caso, o sacerdote (presbítero) encarregado recebia dois terços da renda local, destinando o restante ao bispo.

A admissão de grande número de pagãos à Igreja suscitou, a princípio, a ênfase no catecumenato.. Ser recebido como catecúmeno, com o sinal da cruz e a imposição das mãos, era popularmente considerado ato que conferia a qualidade de membro da Igreja, e o batismo propriamente dito era freqüentemente protelado por longo tempo. Essa prática intermediária cessou com o crescimento do número de pessoas de descendência exclusivamente cristã e, no Ocidente, com a disseminação das doutrinas agostinianas da graça batismal. O catecumenato perdeu a importância, uma vez que a população inteira se tornou supostamente crista.

No que diz respeito aos ritos concernentes ao batismo, o Oriente e o Ocidente separaram-se durante este perrodo em um aspecto importante. A época de Tertuliano, como já vimos (v. p 131), o batismo propriamente dito era seguido da unção e da imposição das mãos como sinal de recepção do Espírito Santo. No tempo de Tertuliano tanto o batismo como a imposição das mãos eram atos feitos pelo bispo, exceto em casos de necessidade, nos quais o batismo podia ser administrado por qualquer cristão (v. p 131). Com o crescimento da Igreja, os presbíteros começaram a batizar regularmente, tanto no Oriente como no Ocidente. Com respeito ao segundo desses ritos, as duas regiões diferiam. O Oriente considerava a unção como princi-

7 *Cartas,* **14:5.**

pai, e permitia que fosse administrada •— como ainda hoje o permite -— pelo presbítero com óleo consagrado pelo bispo.. O Ocidente, por sua vez, atribuía importância suprema à imposição das mãos, e afirmava que ela só podia ser feita pelo próprio bispo[8] como sucessor dos apóstolos. No Ocidente, por conseguinte, os ritos se separaram, A "Confirmação" passou a ser freqüentemente celebrada muito tempo depois do batismo, quando fosse possível contar com a presença do bispo, embora só muito mais tarde a Igreja ocidental tenha fixado a idade do candidato.

8 *Atos,* 8,1417»

10

O CULTO PÚBLICO E AS ESTAÇÕES SACRAS

O culto público nos séculos TV e V estava inteiramente sujeito à influência do conceito de disciplina secreta, a assim chamada *disciplina arcuni,* provavelmente originária de concepções semelhantes às religiões de mistério, ou delas provenientes. Suas raízes remontam, ao (pie parece, ao século III. Sob a Influência de tais fatores os ofícios dividiam-se em duas partes,. A primeira era franqueada aos catecúmenos e ao público em geral, incluindo leitura da Escritura, cânticos, o. sermão e oração. Â segunda, o verdadeiro mistério cristão, só eram admitidos os batizados. Seu áx>ice era a Ceia do Senhor, mas o credo e a oração dominical eram também reservados aos iniciados por meio do batismo. A disciplina secreta terminou com o desaparecimento do eatecumenato, no século VI, partindo do pressuposto de que toda a população era agora cristã.

A parte pública da adoração dominical iniciava-se com a leitura da Escritura, entremeada do cântico de salmos. Essas seleções apresentavam três passagens: os profetas, isto é, o Antigo Testamento; as epístolas e os Evangelhos. Eram escolhidas de forma tal que no curso de domingos sucessivos se abrangesse a Bíblia inteira. No fim do século I V, começaram a ser elaborados os lecionários, reclamados pela conveniência de ler seleções apropriadas a estações especiais e de abreviar certas passagens. Durante a luta ariana tornou-se comum o uso de hinos outros que não os salmos, prática que, no Ocidente, foi disseminada com grande sucesso por Ambrósio de Milão.

A última parte do século IV e a primeira metade do V foram, mais que quaisquer outras, a era dos grandes pregadores da Igreja antiga. Entre os mais eminentes contavam-se Gregório de Nazianzo, Crisóstomo e Cirilo de Alexandria, no Oriente; Ambrósio, Agostinho e Leão I, 110 Ocidente. A pregação era, em sua maior parte, de caráter expositivo, embora acrescida de aplicações simples aos problemas da vida cotidiana. Sua forma era não raro altamente retórica, e os ouvintes manifestavam sua aprovação por meio de aplausos. Se, porém, for verdade que o padrão homilético dessa época jamais

tenha, sido superado, a pregação estava longe de ser um costume generalizado» ÍCm muitas áreas rurais, e mesmo em cidades de considerável importância, poucos eram os sermões que se pregavam. As orações eram feitas em forma liturgica, antes e depois do sermão.. A bênção era dada pelo bispo, quando presente, às várias classes de pessoas pelas quais se haviam oferecido orações, despedindo-se então os não batizados

Seguia-se a parte mais sagrada do oficio, a Ceia do Senhor Tanto o Oriente como o Ocidente afirmavam que, pelo poder divino, Cristo fazia-se presente nos elementos sacramentais . Diferiam, contudo, quanto ao momento em que isso se dava. Na opinião do Oriente, era durante a oração conhecida como invocação ou *epiklesis,* na qual se oíava pela descida do Espírito Santo para que ele efetuasse a mudança nos elementos consagrados. Diversa era a idéia generalizada no Ocidente. Nesta região dava-se ênfase maior às palavras históricas* de Cristo, cuja presença sacramentai no pão e no vinho era atestada e efetivada pelas palavras de instituição: "Este é o meu Sangue... esta é a nova aliança no meu Sangue". Para Gregório de Nissa e Cirilo de Alexandria, a ceia é a repetição da encarnação, na qual Cristo une a Si os elementos, tal como uma vez o fizera com a carne humana. A Ceia do Senhor é, ao mesmo tempo, sacrifício e comunhão. Era possível realçar um ou outro aspecto. O Oriente punha em primeiro plano o aspecto de comunhão, Em consonância com a sua doutrina da salvação, a (veia era considerada principalmente um grande mistério vivifieador. O que dele participava recebia o corpo e sangue transformadores do seu Senhor, tornando-se assim, ao menos em certa medida, participante da natureza divina, inserido na vida imortal e sem pecado. Tal concepção estava longe de ser rejeitada pelo Ocidente, que a tinha por verdadeira. Mas o conceito ocidental de salvação, em termos de retificação da relação com Deus, levava o Ocidente a realçar o aspecto de sacrifício da Ceia do Senhor, que inclinava Deus a ser gracioso para com aqueles em cujo favor se oferecia a Vítima Divina. A mente ocidental não sintonizava com o misticismo tão facilmente como a oriental. No geral, a administração da Ceia do Senhor no Oriente tinha a tendência dc tornar-se em um drama de mistério, no qual o divino e eterno manifestava-se com poder vivifieador. O sentido de mistério associado à consagração passou a expressar-se, por volta do século V, mediante a disseminação do uso de véus, que escondiam o altar durante a parte mais solene da liturgia. Tais véus vieram a ser substituídos depois, no século VIU, pela peça característica das igrejas bizantinas,

a saber, o *tconoslasis,* ura antepa.ro que oculta o santuário e 110 qual se afixam os ícones.. Por trás desse anteparo o sacerdote celebrava os "mistérios tremendos", enquanto o diácono, do lado de fora, dirigia a congregação em devoções e litanias diversas.

Além dos cultos dominicais, ofícios diários, menos longos, tornaram-se então muito comuns, na forma, ern geral, de adoração matutina e vespertina»

As antigas festas do ano cristão, Páscoa e Pentecostes, eram, como antes, grandes datas de observância religiosa A Páscoa era precedida de urn período de jejum de 40 dias, embora variasse a maneira, de contar a duração da Quaresma . O sistema romano veio a sér adotado pelo Ocidente inteiro, e contínua até os dias de Iioje» A Semana Santa inteira tornara-se então tempo de prática penitencial especial, terminando com a alegre comemoração pascal.. Por volta do século IV generalizara-se a observância da Ascensão, As principais adições às festas da Igreja surgidas neste período foram as da Epifania e Natal, embora pairem ainda dúvidas a respeito de sua história» Dispomos de alguns poucos indícios de que a data mais antiga de comemoração da Natividade era ern maio» No começo do século IV, porém, surgira no Oriente uma festa 110 dia 6 de janeiro, que celebrava tanto o nascimento como o batismo de Jesus» De certa forma essa data estava associada a um festival aquático pagão em Alexandria, relacionado corri o solstício de inverno (daí a ênfase litúrgica na bênção das águas e no batismo) e com outra festa pagã, durante a qual o na sei mento do novo K011 era comemorado no templo de Koré» Além disso? sabe-se que alguns gnóstieos discípulos de Basílides, em Alexandria, observavam a data de 6 de janeiro como a do batismo de Cristo, e isso já no século II. Era vista de sua eristologia "adoeianista", o batismo era também, evidentemente, o nascimento divino do redentor. Seja como for, a observância do dia 6 de janeiro generalizou-se entre os ortodoxos orientais como a data do nascimento e batismo de Jesus» O termo "Epifania" referia-se à "manifestação" de Deus nesses eventos., Entre os armênios esse é o único "Natal" até os dias de hoje.

Aproximadamente na mesma época — começo do século IV — surgiu no Ocidente uma festa dedicada especificamente à natividade, em 25 de dezembro» Até certo ponto a escolha da data foi condicionada pela idéia de que o nascimento do mundo ocorrera no equinócio da primavera (25 de março) e, por conseguinte, o novo nascimento do Salvador ter-se-ia dado 110 mesmo momento» Essa data era entendida como a da concepção da Virgem. O nascimento propriamente

dito teria ocorrido nove meses mais tarde, isto é, a 25 de dezembro. Provavelmente, porém, influência maior exerceu o fato de ser o dia 25 de dezembro uma grande festa paga, a do *Sol Jnviclu*que celebrava a vitória da luz sobre as trevas e o alongamento dos raios doso! no solstício de inverno. A associação de Cristo ao Deus Sol, na sua qualidade de Sol da Justiça, generalizara-se no século IV e for favorecida pela legislação de Constantino referente ao domingo (v. p 151), a •qual, por sua vez, não deixa do ter alguma relação com o-fato de o Deus Sol ser a divindade titular: de sua família.. De qualquer modo, essas duas comemorações, Epifania e Natal, surgiram independentemente uma da outra, no começo do século IV, uma no Oriente e outra no Ocidente. Por fim (século IV a V), cada uma das partes da Igreja adotou a celebração difundida na outra. O Natal tornou-se por toda parte (com exceção da Armênia) a festa da natividade, A Epifania era realçada no Oriente corno a comemoração do batismo, ao passo que no Ocidente estava associada em especial à manifestação de Cristo aos Magos. O costume de dar e receber presentes, geralmente vinculado à festa do Natal, originou-se, em parte, do costume semelhante que havia durante as saturnais romanas (de 17 a 24 de dezembro) e, em parte, das observâncias vinculadas à festa de São Nicolau de Ancira (o protótipo do nosso "Papai Noel"), ***st.*** 6 de dezembro,

10

O CRISTIANISMO POPULAR

O começo da veneração dos mártires e suas relíquias remonta aos meados do século II. A morte dos mártires era regularmente comemorada com ofícios públicos (v. p 127). Essa reverência ganhou grande incremento com a conversão de Constantino e o ingresso de grande número de pagãos recéin-convertidos à Igreja. O próprio Constantino construiu uma grande igreja em honra de Pedro, em Roma. Sua mãe, Helena, empreendeu uma peregrinação a Jerusalém, onde se supunha haver sido descoberta a verdadeira cruz. Os cristãos, e com muita razão, encaravam a época das perseguições como era de heroísmo e os seus mártires como atletas da raça cristã. A opinião popular, que de há muito sancionara a prática da comemoração dos mártires por meio de oração e culto, antes do fim do século IV começara a evoluir no sentido de afirmar que se devia orar aos mártires na qualidade de intercessores diante de Deus[1], e de tê-los por capazes de proteger, curar e auxiliar aos que os honrassem. Surgiu então, na expressão de Harnaek, um cristianismo popular de segunda classe. Para o povo em geral, os mártires ocupavam o lugar dos antigos deuses e heróis. Ao seu número o sentimento popular acrescia o nome de grandes ascetas, líderes eclesiásticos e opositores das heresias. Não havia ainda um método para avaliar a pretensa santidade. A inclusão de alguém no número dos santos era uma questão de consenso comum. Eram os guardiães das cidades, os patronos das várias profissões, os curadores de doenças . Eram onipresentes. Como disse Jerônimo, "eles seguem o Cordeiro aonde quer que ele vã. Se o Cordeiro está presente em toda parte, o mesmo se deve crer com respeito aos que estão com o Cordeiro".[2] Eram venerados mediante o uso de eírios acesos.[3]

O principal entre esses personagens sagrados era a Virgem Maria. Muito cedo foi ela objeto da fantasia piedosa. Para Irineu

1 Agostinho, *Sermões,* 159:1.
2 *Contra VigiUmcio,* 6.
3 *Idem, 7*

cia era a Segunda Eva (v„ p 97). No entanto, embora pareça curioso, antes do século IV ela não ocupava lugar de preeminêneia. ao menos no ensino dos círculos intelectuais da Igreja, embora as lendas populares muito se ocupassem dela, como, por exemplo, o ilustra o livro apócrifo *Protevangelium ãe Tiago*. Sentimentos ascéticos, de que se encontram exemplos em Tertuliano e Clemente de Alexandria, proclamavam-na perpetuamente virgem. Com o surgimento do monaquismo, a Virgem tornou-se um ideal mónástico. A plena elevação de Maria à categoria de primeira entre os seres criados deu-se com as controvérsias cristológieas, e a aprovação da designação "Mãe de Deus" ocorreu na condenação de Nestório e nas decisões dos concílios de Éfeso e Calcedônia. Desde então, tanto na opinião popular quanto na oficial da Igreja, a Virgem passou ã ser considerada a principal entre todos os santos . A ela transferiu-se muito do sentimento que se expressara no culto das deusas-mães do Egito, da Síria e da Ásia Menor, embora em forma muitíssimo mais elevada. Acima disso havia a reverência que muito justamente lhe era devida como instrumento escolhido da encarnação. Tudo o que um mártir ou apóstolo podia fazer pelo fiel, na qualidade de intercessor ou protetor, ela, abençoada mais do que todos eles, podia fazê-lo de maneira ainda mais plena. Além disso, na medida em que a interpretação ciriliana do credo de Calcedônia e o monofisismo tendiam a dar ênfase ao elemento divino em Cristo, a expensas do humano, e, por conseguinte, a distanciá-lo, embora não intencionalmente, do homem, ela surgia como simpatieamente benevolente para cüm a humanidade. Em certo sentido, ela passava a ocupar o lugar de seu Eilho como mediadora entre Deus e o homem.

As origens do culto dos anjos encontram-se nos tempos apostólicos.[4] No entanto, apesar da ênfase que lhe davam alguns sistemas gnósticos e do papel importante que ocupou, por exemplo, na perquirição de um Orígenes, não foi senão no fim do século IV que os anjos se tornaram claramente objetos dc reverência cristã. Eram sempre muito mais difíceis de definir e perceber do que os mártires, para a mente do homem comum. A reverência aos anjos recebeu grande incremento na obra mística crista neoplatônica escrita no último quartel do século V, sob o nome de Dionísio Areopagita,[5] e designada pelo de Pseudo-Dionísio. Dentre todos os seres angélicos, **o** arcanjo Miguel era o mais reverenciado. Constantino erigiu uma igreja em comemoração a ele perto de Constantinopla e existia uma

4 Cl 2.18.
5 At 17.34

outra em Roma, 110 começo do século V. Não temos dados para verificar quando foi instituída a celebração de sua festa, a de setembro, uma das festas medievais mais populares no Ocidente.

Já mencionamos o fato de que a veneração de relíquias começou muito cedo» Por volta do século IV desenvolveu-se tremendamente, abrangendo não somente os restos mortais de mártires e santos, mas também toda sorte de objetos que se cria estarem relacionados com Cristo, os apóstolos e os lieróis da Igreja. A extensão dessa prática é ilustrada pelo decreto do Sétimo Concilio Geral (787): "Sc, a partir desta data, algum bispo consagrar um templo sem santas r elíquias, ele será deposto como transgressor das tradições eclesiásticas".[1'] Intimamente vinculado a essa reverência pelas relíquias era o valor atribuído a peregrinações aos lugares onde elas eram guardadas e, especialmente, à Teria Santa, ou a Roma.

A veneração de imagens começara no século III, seguindo-se imediatamente protestos contra ela.[7] No entanto, a prática estendeu-se cada vez mais, ganhando incremento depois da paz da Igreja, mediante a assimilação de alguns traços característicos do culto imperial por parte do culto cristão. Cria-se que o ícone participava na natureza daquilo que retratava e, como São Basílio Magno disse com respeito ao próprio retrato do imperador, "a honra prestada à imagem transfere-se ao protótipo".[8] Das lutas que culminaram com a plena autorização do uso de imagens pelo Sétimo Concilio Geral já nos ocupamos atrás (v. pp 214-215). A opinião cristã afirmava que só deviam ser permitidas, ao menos no interior das igrejas, representações em superfície plana — pinturas e mosaicos, mas não estátuas. Esse o costume que ainda prevalece na Igreja Grega até os nossos dias, embora essa restrição não se tenha tornado objeto de legislação eclesiástica.

Esse cristianismo popular afetou profundamente a vida do povo, mas seus mais fervorosos defensores eram os monges. Era propiciado, antes que combatido, pelos grandes líderes da Igreja, sobretudo depois da metade do século V. Até certo ponto facilitou a conversão de milhares de pagãos ao cristianismo, mas corria o risco de paganizar a própria Igreja ,

6 Cariou 7.
7 P ex., o sínodo de Elvira, Canon 36, a D. 305.
8 *De Spiritu Saneto,* 45

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS OCIDENTAIS

Tanto o Oriente como o Ocidente participaram do desenvolvimento teológico de que nos ocupamos antes, e as influências ocidentais muito contribuíram para as decisões oficiais referentes às controvérsias ariana e eristoJógica. Havia, não obstante isso, uma considerável diferença no peso dos interesses teológicos em cada uma das duas porções do império. O Ocidente nunca chegou a produzir uai líder teológico realmente importante entre Cipriano (morto em 298) e Ambrósio (340? -397). Mesmo Hilário de Poitiers (300V -367) não< foi suficientemente ilustre como pensador original para servir de exceção. Tanto Hilário como Ambrósio eram estudiosos devotados dos Pais Gregos, dedicando-se este último especialmente ao estudo dos grandes eapadócios.. Embora pessoalmente desacreditado por motivo de seu morrtanismo, a influência de Tertuliano continuou a ser sentida através de Cipriano, tido em alta conta. Por conseguinte, apesar' de muitos elementos gregos haverem penetrado no pensamento ocidental, este desenvolveu-se segundo peculiaridades próprias.

A porção ocidental do império inclinava-se, tal como Tertuliano, a encarar o cristianismo do aspecto jurídico, ao invés do filosófico7 tal como acontecia no Oriente. Para ela o Evangelho era primordialmente uma nova lei. Embora o Ocidente não negasse a idéia oriental de que a salvação é a transformação de nossa mortalidade pecaminosa ern imortalidade divina, esse conceito era demasiadamente abstrato para poder ser apreendido com facilidade pela mente ocidental. A salvação para esta consistia ern retificar as relações com Deus . Dar notar-se cm Tertuliano, Cipriano e Ambrósio um sentido mais profundo de pecado e um conceito mais claro da graça do que o que predominava no Oriente.. A. religião no Ocidente relacionava-se mais intimamente com os fatos da vida cotidiana . Dizia respeito mais ao perdão concedido a atos maus definidamente reconhecidos, e menos a uma transformação abstrata da natureza, conforme se cria no Oriente,, mais uma vitória sobre o pecado do que um resgate do mundo e da

morte , Por Influência do ensino de Tertuliauo, Cipriano e Ambrósio, o pecado era no Ocidente atribuído a um vício herdado da natureza humana, idéia essa que não havia sido tão pormenorizadamente desenvolvida no Oriente.. Não há dúvida também de que essa ênfase ocidental no pecado e na graça, embora ainda imperfeitamente elaborada, aliada à organização eclesiástica mais firme no Ocidente, emprestou à Igreja ocidental a possibilidade de **um** controle muito mais severo da vida cotidiana do povo, do que o existente na do *Oriento*, Todas essas peculiaridades ocidentais viriam a desabroohar plenamente na obra de Agostinho,

JERONIMO

Jerônimo foi o pensador mais eapaz de que a Igreja ocidental antiga se podia orgulhar. Nascido, por volta de 340, em Strido, na Dalmáeia, estudou em Roma, onde foi batizado pelo Papa Libcrio, em 360. Na Aquíléia, onde viveu por algum tempo, fez amizade com Rufino (? -410), o tradutor de Orígenes que, como Jerônimo, tornou-se monge na Palestina e propagador do monaquismo. Com ele se desaveio, porém, com respeito à ortodoxia de Orígenes. Jerônimo nutria ardente desejo de conhecer o rnuudo religioso e científico da épocea. Entre 366 e 370 visitou as cidades da Gália. Os três anos seguintes passou-os na Aquiléia. Seguiu-se uma viagem pelo Oriente, em direção a Antioquia, onde contraiu grave enfermidade, durante a qual cria ter Cristo aparecido a ele, reprovando-o por sua devoção aos clássicos.. Dedicou-se então ao estudo das Escrituras, aprendeu a língua hebraica e passou a viver como ermitão próximo a Antioquia, entre 373 e 379. Ordenado presbítero nessa cidade, em 379, estudou com Gregório Nazianzeno em Constantinopla.. Em 382 voltou a Roma, conquistando o apoio irrestrito do Papa Dâmaso (366-384) e pregando a tempo e fora de tempo a respeito dos méritos da vida monástiea. Grande número de seguidores pronto juntaram-se a ele, notadamente mulheres de projeção em Roma.. Granjeou, porém, ao mesmo tempo, numerosos inimigos, especialmente entre o clero, pois o monaquismo ainda não era popular no Ocidente.. O próprio Jerônimo era con.te.u-dor dos mais virulentos em qualquer discussão. A morte de Dâmaso tornou sua posição em Roma tão insustentável que ele teve de retirar-se para Antioquia, em 385, sendo logo seguido por um grupo dos seus conversos romanos ao celibato rnoriástico, liderados por Paula e sua filha, Eustóquia. Acompanhado desse grupo viajou pela Palestina e visitou as principais casas monásticas do Egito, retornando a Belém em 386 . Nesta cidade Paula erigiu conventos e um mosteiro para homens. Ali viveu Jerônimo até a morte, em 420, como superior do mosteiro.

O principal objetivo a que Jerônimo devotou sua indubitável erudição foi a tradução das Escrituras. As antigas versões latinas eram demasiado imperfeitas e haviam degenerado muito. O Papa Dâmaso propôs a Jerônimo que fizesse uma nova tradução A do Novo Testamento foi completada em 388. Coru a ajuda de amigos judeus, empreendeu então a versão do Antigo Testamento, em Belém. Prova eloqüente da seriedade de sua erudição está 110 fato de, mesmo contrariando a opinião de Agostinho, ter preferido o texto hebraico, ao invés da Septuaginta O produto final do labor de Jerônimo foi a *Vulgaia*, ainda em uso na Igreja Romana E também o melhor monumento à figura do seu autor. Não foram menores também seus méritos de historiador. Continuou a *Crônica* de Eusébio Seu *Dc, Viris lllustribus* é um dicionário biográfico de escritores cristãos que haviam vivido até os seus dias, incluindo o seu próprio nome. Produziu numerosos comentários das Escrituras. Nos seus tratados e cartas realçava as vantagens do eelibato e da vida monástica, Corno teólogo, pouca originalidade teve.. Era defensor apaixonado da tradição e dos costumes populares do Ocidente, Polemista que se comprazia muito em discutir, atacou os opositores do ascetismo, tais como Joviniano; os que criticavam a veneração de relíquias, como Vigilâncio, e os que, à semelhança de Píelvídio, afirmavam que Maria livera outros filhos além do Senhor Jesus. Condenou Orígenes, a quem anteriormente acatara.. Escreveu em favor de Agostinho contra os pelagianos. Nesses escritos polêmicos vem à tona, não raro, a deplorável pequenez de espírito de que estava imbuído Jerônimo Embora mereça ser reconhecido, como o é pela Igreja Romana, como um dos seus "Doutores", à vista de sua grande erudição e do uso que dela fez, o título "santo" parece aplicar-se mais ao erudito do que ao homem.

10

AGOSTINHO

Enr Agostinho a Igreja antiga atingiu o seu ponto religioso mais elevado desde os tempos apostólicos Sua influência 110 Oriente foi relativamente pequena, em virtude da natureza dos problemas de que principalmente se ocupou Todo o cristianismo ocidental, porém, é-lhe devedor, A ele, mais que a qualquer outro personagem, deveu-se a superioridade que a vida religiosa no Ocidente veio a ter sobre a do Oriente» Estava fadado a ser o pai de muitos dos que viriam a ser os elementos mais característicos do catolicismo romano medieval, corno, dc resto, igualmente da Reforma. Fundamentada embora nas Escrituras, na filosofia e na tradição eclesiástica, sua teologia enraizava-se tão profundamente na sua própria experiência que a sua história pessoal adquire foros de verdadeira interpretação do homem

A África produziu três grandes líderes do cristianismo latino: Tertuliauo, Cipriano e Agostinho. Agostinho nasceu em Tagaste, na Numídia, hoje Suk Ahras, 11a província de Constantino, na Argélia. A data: 13 de novembro de 354, O pai, Patrício, pagão de alta posição, mas de pequena fortuna, era homem mundano e gozador, que só aceitou o cristianismo nos últimos anos de sua vida. A mãe, Mônica, era uma cristã de grande valor, que nutria grandes esperanças em relação ao filho, embora o pleno brilho de sua vida cristã só viesse a manifestar-se nos últimos períodos de sua existência, sob a influência de Ambrósio e do próprio Agostinho. Agostinho era homem dividido entre dois pendores: um, apaixonado e sensual; o outro, intelectual e sequioso pela verdade. Não seria errôneo dizer-se que nele se refletiam o pai e a mãe. I)e Tagaste foi mandado estudar na vizinha cidade de Madaura, e dali a Oartago, onde se entregou ao aprendizado da retórica. Em Cartago, por volta dos 17 anos de idade, tomou uma concubina, a quem haveria de permanecer fiel durante pelo menos catorze anos» Nasceu-lhes então, em 372, um filho, Adeodato, ao qual Agostinho amava profundamente. Se assim se

manifestou precocemente o Agostinho sensual, não tardaria a despertar o Agostinho amante da verdade. Aos dezenove anos, o estudo do *IJoitensius* de Cícero, hoje quase inteiramente perdido, "mudou meus sentimentos — diz ele e transferiu para ti, Senhor, minhas súplicas77.[1] Essa conversão imperfeita fez com que Agostinho desejasse buscar a verdade como a única coisa de valor verdadeiro. Começou a estudar a Escritura, "mas simplesmente me pareceu indigna de ser comparada com a majestade dos escritos de Túlio (Cícero)"[2] Procurou então conforto espiritual e intelectual no sistema dualista e sineretista conhecido como maniqueísmo (v, pp 146-147). Sentia-se disposto a orar: "Dá-me castídade e continência, mas não agora"[3]

Durante nove anos Agostinho foi maniqueu, vivendo parte em Cartago e parte em Tagaste, ocupando-se do estudo e do ensino. Em Cartago foi coroado em virtude de um poema dramático por ele escrito,[4] Reuniu ao redor de si um grupo de amigos, dos quais Alípio haveria de ser o mais chegado.. Com o passar do tempo, começou a duvidar da idoneidade intelectual e moral do maniqueísmo. Seus amigos instaram a que se encontrasse com o celebrado líder maniqueu Fausto. A pobreza das preleções de Fausto acabou por desiludi-lo intelectualmente por completo, Daí por diante, embora permanecesse exteriormente fiel ao maniqueísmo, Agostinho se tornaria interiormente um cóptico, A conselho de amigos maniqueus. transferiu-se para Roma em 383 e, com o auxílio desses mesmos companheiros, conseguiu, em 384, do prefeito Símaco, uma nomeação para o cargo de professor de retórica em Milão, cidade que era então a capital ocidental do império.

Em Milão, Agostinho entrou em contacto com a pregação poderosa de Ambrósio, a quem escutava mais como exemplo de eloqüência homilética, do que como alguém cuja mensagem merecesse aprovação. Explica-se: ele estava agora sob a influência da filosofia céptica da Nova Academia. Mônica e Alípio vieram juntar-se a ele. A instâncias de sua mãe, ficou noivo, como convinha a um homem da sua posição, malgrado o casamento fosse adiado ern razão da pouca idade de sua noiva. Separou-se, pesaroso embora, de sua primeira concubina, mas veio a estabelecer relações ainda menos dignas com outra,[5] Foi esse o ponto mais baixo de sua vida moral. A essa

1 *Confissões,* 3.4 Tradução brasileira de Fernando Ozanain Pessoa de Barros; São Paulo: Editora das Américas. 1961.
2 *Idem,* 3.5.
3 *Idem,* 8 7
4 *liiem,* 4 2, 3
5 *Idem, 6* 15

altura Agostinho entrou em eontacto corri o neoplatonismo (\ p 146), por intermédio das traduções de Vitorino. Foi para ele quase como que uma revelação. Ao invés do materialisrno e dualismo da doutrina maniquéia, via agora no mundo espiritual o único universo verdadeiramente real e, em "Deus, a fonte não só de todo o bem, mas de toda a realidade. O mal não tem existência positiva, tal como ensinava o mani.quei.smo. Era negativo, a ausência do bem, a alienação entre a vontade e Deus.. Conhecer a Deus é a maior das bênçãos, Essa nova filosofia, que veio a permear todo o ensino de Agostinho, tornou-lhe possível aceitar o cristianismo. Ficou impressionado com a autoridade da Igreja, corno seria muito natural para quem escutasse Ambrósio Como mais (arde ponderou, "não teria crido no Evangelho se a isso não fosse levado pela autoridade da Igreja Católica".[6]

Agostinho acercava-se agora de uma grande crise na sua existência, Jamais sentira tão pungentemente o abismo que separava seus ideais e sua conduta. Impressionou-se com a notícia de que, alguns anos antes, o neoplatônico Valentino, cujos escritos recentemente o haviam influenciado, tinira abraçado o cristianismo nos últimos dias de sua vida[7] Por intermédio de Ponticiano, um afr i-cano muito viajado, ele e Alípio foram informados da vida rnonástica do Egito, Encheu-se então de vergonha diante do fato de homens ignorantes como aqueles monges terem capacidade de resistir às tentações que ele, um intelectual, se sentia impotente para rechaçar,[8] Presa de um sentimento de reprovação de si próprio, correu para o jardim e ali ouviu a voz de uma criança que, da casa vizinha, dizia: "Toma e lê". Tomou o exemplar das epístolas que tinha estado a ler, e seus olhos caíram sobre as palavras: "Não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes, mas revesti-vos do Senhor[1] Jesus Cristo, e nada. disponhais para a carne, rro tocante às suas concupiscências"[9] A partir desse exato momento Agostinho conheceu a paz de espírito e o sentido do poder divino que o habilitava a vencer seus pecados, os (piais até então houvera em vão procurado. Pode ter-se tratado, como alguns sugerem, de uma conversão ao rnonaquismo Neste caso, porém, só o foi na forma exterior Na Sua essência, foi uma transformação cristã fundamental de sua natureza.

6 *Contra P.pistidam Manichaei,* 5 V Ayer, *op cit ,* p 455..
7 *Confissões,* 8 2.
8 *Idem,* 8 8
9 Romanos 13 13 *Confissões,* 8 12,

A conversão ele Agostinho deu-se no fim do verão de 386 Resignou sua cadeira de professor, em parte por causa de doença, e retirou-se com seus amigos para a propriedade chamada Cassíciacum, aguardando ser batizado, A esta altura estava longe de ser um mestre em teologia. Suas doutrinas mais características não se haviam ainda desenvolvido. Era fundamentalmente, por enquanto, um neoplatônico cristianizado, O pendor de sua piedade, contudo, já estava estabelecido.. Em Cassíciacum o grupo dedicou-se às discussões filosóficas e Agostinho escreveu alguns dos seus primeiros tratados. Na quadra da Páscoa de 387, foi batizado, juntamente com Adeodato e Alípio, por Ambrósio, em Milão. Dirigiu-se então à sua cidade natal. Durante a viagem, Mônica faleceu em Óstia.. A narrativa de sua morte, tal como retratada por Agostinho, é um dos mais nobres monumentos da literatura cristã antiga [10] O fato fê-lo mudar do planos. Por alguns meses morou em Roma, inas no outono do 388 estava dc volta a Tagaste, onde passou a residir, com um grupo de amigos, ocupado em estudos do mesmo teor dos que empreendera em Cassieiaeuni. Durante esse período faleceu seu inteligente filho, Adeodato. Agostinho resolveu, fundar um mosteiro e, com esse objetivo em mira, dirigiu-se a Hipona, próxima à moderna Bona, na Argélia, no início de 391 Nesse lugar foi, quase à força, ordenado ao sacerdócio. Quatro anos mais tarde foi sagrado bispo coadjutor de Hipona.. Não sabemos ao certo a data da morte de Valério, bispo diocesano de Hipona, mas é provável que dentro de pouco tempo Agostinho tivesse assumido todos os encargos do episcopado. Em Hipona fundou o primeiro mosteiro daquela região da África, transformando-o também em um centro de treinamento para o clero. Em 28 de agosto de 430, durante o sítio de Hipona pelos vândalos, Agostinho faleceu.

Quase a partir da época do seu batismo, Agostinho começou a escrever contra os maniqueus. Com sua ordenação ao ministério e, especialmente, sua elevação ao episeopado, viu-se a braços com os donatistas (v. p 155), então muito disseminados pela África do Norte Essa polêmica levou-o a uma completa perquirição a respeito da Igreja, sua natureza e seu ministério. Já nos primeiros anos do seu episeopado havia elaborado suas opiniões características a respeito do pecado e da graça. Não foram resultado da grande controvérsia pelagiana, a qual, a partir de 412, ocupou muitos dos seus esforços,

10 ***Idem,*** 9 10-12.

embora essa polêmiea tenha contribuído para o esclarecimento da expressão dessas opiniões.

O segredo de muito da influência de .Agostinho deve-se à sua piedade mística Embora essa piedade se encontre no correr de toda a sua obra, sua expressão mais completa acha-se provavelmente nas notáveis *Confissões,* escritas por volta de 400$_7$ nas quais narra as experiências que cumularam com sua conversão. Jamais **11a** Igreja antiga se havia escrito uma autobiografia espiritual desse jaez, e poucas podem ser citadas no correr de toda a história da Igreja posterior. Tem sido sempre consagrada como um clássico da experiência religiosa. "Tu nos fizeste para li, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso" **(1**.1), "Para mim é bom apegar-me a Deus, porque, se não permaneço nele, tampouco poderei permanecer em mim Rle, porém, permanecendo em si, **renova** todas as coisas, e tu és meu Senhor, porque não necessitas de meus bens" (7 .11). "Buscava um meio de adquirir a fortaleza necessária para te gozar, e não a encontrei enquanto não me abracei ao Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que está sobre todas as coisas. Deus bendito por todos os séculos, o qual clama" (7.18). "Toda minha esperança não está senão na grandeza de tua misericórdia. Dá o que mandas, e manda o que quiseres" (10.29). "Amar-te-ei, Senhor, e dar-te-ei graças, e confessarei teu nome, porque me perdoaste tantas e tão nefandas ações. Devo à tua graça e misericórdia teres-me dissolvido os pecados corno gelo" (2,7). Há nessa obra a mais profunda nota de devoção pessoal ouvida pela Igreja desde os dias' de Paulo. A concepção da religião como relação vital com o Deus vivo, nela presente, viria a exercer influência permanente, malgrado não raro tenha sido só em parte compreendida.

Em Agostinho, j^rtanto, o primeiro pensamento a respeito de Deus era sempre o de urna relação pessoal com um ser-, somente em quem o homem pode encontrar real satisfação e bem Quando, no entanto, refletia em Deus filosoficamente, fazia-o em termos tomados do neoplatonismo. Deus é o ser simples e absoluto, contrastando com todas as coisas criadas, que são múltiplas e variáveis.. K ele o fundamento e a origem de tudo quanto efetivamente existe Esse conceito levou Agostinho a dar ênfase à unidade de Deus, mesmo ao tratar da Trindade. A doutrina trinitária de Agostinho está consubstanciada no seu grande tratado *Sobre a Trindade,* cuja influência foi preponderante em todo o pensamento teológico ocidental posterior.

"Pai, Pilho e Espírito Santo, um só Deus, único, grande, onipotente, bom, justo, misericordioso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis";[11] "O Pai, o Filho e o Espírito Santo, de uma só e mesma substância. Deus criador, Trindade onipotente, agem inseparavelmente"[12] "Não são três deuses, ou três bens, ou três onipotentes, mas um só Deus, bom e onipotente, que é a Trindade[77].[13] Tertuliano, Orígenes e Atanásio haviam ensinado a subordinação do Filho e do Espírito ao Pai.. Agostinho deu tal ênfase à unidade que ensinou a plena igualdade das "pessoas", "Ê tão grande a igualdade nessa Trindade que não só o Pai não é maior que o Filho no que se refere à divindade, nem o Pai e o Filho juntos são em nada maiores do que o Espírito Santo'[7].[14] Agostinho não estava satisfeito com a distinção em termos dc "pessoas", mas ela estava consagrada pelo uso e ele não conseguiu sugerir ura substitutivo melhor: "Quando se nos indaga o que são esses três, temos de reconhecer a indigência extrema da linguagem humana.. Dizemos, 110 entanto, "três pessoas", não como se pretendêssemos definir, mas para não ficar em silêncio'[7].[15] É evidente que, embora Agostinho se mantivesse fiel à tradição eclesiástica, suas próprias tendências e sua filosofia neoplatônica levavam-no em direção à posição do monarquianismo modalista Seria, porém, totalmente injusto acoimá-lo de modalista. Procurou ilustrar a idéia da Trindade mediante várias comparações, como, por exemplo, a memória, o entendimento, a vontade,[10] ou a mais famosa delas: o que ama, o que é amado e o amor..[17]

Esse sentido de unidade c igualdade levou Agostinho a afirmar que "só de Deus Pai dizemos que é gerado o Yerbo e dele procede principalmente o Espírito Santo, e digo *principalmente* porque vemos que o Espírito Santo procede tannbém do Filho".[18] Os remanescentes do subordinacionismo oriental e da idéia de que o Pai é a única fonte de tudo apregoavam que o Espírito Santo procede somente do Pai, mas Agostinho preparou o caminho para a cláusula *fthoque,* a qual, reconhecida no Terceiro Concilio de Toledo, Espanha, em 589, como parte do credo chamado niceno, tornou-se comum no Oei-

11 *De Trinitale,* 7.6 12,
12 *Idem, 4 21* 30
13 *Idem,* 8, prefácio.
14 *Idem, ibid.*
15 *Idem,* 5.9-
16 *Idem,* 10.12,
17 *Idem,* 9.2.
18 *Idem,* 15 17 29.

dente, constituindo-se até os dias de hoje em pomo de discórdia entre as igrejas grega, e latiria.

Na Encarnarão, Agostinho dava tanta ênfase ao humano quant > ao divino.. "Cristo Jesus, Filho de Deus, é tanto Deus como homem Deus antes de todos os mundos, homem em nosso mundo (...) Portanto, enquanto Deus, ele e o Pai são urri; mas enquanto homem, o Pai é maior que ele".[19] É ele o único mediador entre Deus e o homem. Mediante eJe somente há perdão de pecados[77]. "O pecado (de Adão) só se absolve e apaga mediante o único mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus[7']".[20] A morte de Cristo é o fundamento dessa remissão. Quanto ao significado exato dessa morte, Agostinho não foi claramente consistente. Via-a às vezes como um sacrifício a Deus, outras como punição vicariamerite suportada em lugar do homem e, outras, como resgate pelo qual os homens haviam sido libertos do poder do diabo Agostinho deu ao significado da vida humilde de Jesus um realce não encontrado nos teólogos gregos. Essa humildade contrastava vívidamente com o orgulho que havia sido a nota característica do pecado de Adão. É um exemplo para os homens. "O verdadeiro mediador que, em tua secreta misericórdia, enviaste e revelaste aos homens, a fim de que, por seu exemplo, aprendessem a humildade".[21]

Segundo Agostinho, o homem foi criado bom e reto, dotado de livre arbítrio, da possibilidade de não pecar e de imortalidade.[22] Em sua natureza não havia discórdia, Mc era feliz e vivia em comunhão com Deus..[23] Desse estado Adão caiu cm conseqüência do pecado, cuja essência era o orgulho.[2,1] Sua punição foi a perda do benl[2f)] A graça de Deus foi perdida e a alma morreu, tendo sido separada de Deus..[26] Não mais controlado pela alma, o corpo cai sob o domínio da "concupiseêneia", cuja manifestação pior e mais característica é a luxúria. Adão caiu num estado de ruína total e irremediável, cujo desfecho natural é a morte eterna.[27] Esse pecado e suas conseqüências envolveram toda a raça humana, "pois todos estávamos naquele único homem (Adão), quando éramos todos aquele homem único que caiu

19 *Hnchiridion,* 35
20 *Idem,* 48.
21 *Confissoes,* 10 43.
22 *De correctio&e el gratia,* 33.
23 *A Cidade de Deus,* 14 26 Tradução brasileira dc Oscar Pais Leme; São Paulo: Livraria das Américas, 1961
24 *De natura et gratia,* 33,
25 *Enchiridion,* 11.
26 *A Cidade de Deus,* 13.2
27 *Idem,* **14.15.**

em pecado".[28] "O apóstolo, contudo, declarou, com referência àquele primeiro liomem, que "nele todos pecaram".[2'3] Não só todos os homens são em Adão pecadores, mas também o seu estado pecaminoso é ainda mais agravado, eis que todos nascem da "concupiseencia'"»[30] 0 resultado é que a raça humana inteira, mesmo a mais tenra criança, é uma "massa de perdição",[31] e como tal merece a ira de Deus» Desse estado irremediável de pecado original, "homem algum, não, nem um sequer se libertou, ou está sendo libertado, ou será libertado, a não ser pela graça do Redentor".[32]

A salvação vem pela graça de Deus, a qual é totalmente imerecida e totalmente livre. "O soldo é pago porque é devido pelo serviço militar. Não é uma dádiva. Por Isso diz que "o salário do pecado é a morte", para mostrar que a morte não foi imposta imerecidamente, mas foi devida. Mas a graça, se não é gratuita, não é graça.. Assim, é preciso entender que mesmo os bons méritos do homem são dons de Deus, e quando por eles se concede a vida eterna, que outra coisa é Isso, senão conceder uma graça por outra graça?"[33] Essa graça vem àqueles a quem Deus escolhe. Me, portanto, predestina aqueles que ele quer predestinar, "para o castigo e x$^{m'a\ a}$ salvação".[3"1] O número em cada um dos casos está fixado[35] No período imediatamente posterior à sua conversão, Agostinho afirmai'-! que o homem tem poder de, ou aceitar, ou rejeitar a graça, mas mesmo antes da controvérsia pelagiana chegou à conclusão de que a graça é irresistível. Duplo é o efeito dessa graça salvadora. A fé é instilada e os pecados, tanto o original corno os pessoais, são perdoados no batismo: "A fé pela qual somos cristãos é dom de Deus"..[36] Corno tal, eqüivale a justificação imediata. Mas a graça efetua muito mais do que isso. Tal como Tertuliano ensinava (v.. p 99), é a infusão do amor pelo Espírito Santo. Liberta a vontade escravizada, tornando-a capaz de escolher o que é agradável a Deus, "não só para que, mediante a manifestação dessa graça, eles possam saber o que deve ser feito, mas acima de tudo para que, pela capacidade que ela dá$_f$ eles possam com amor fazer aquilo que sabem".[37] Trata-se

28 *Idem,* 13.14
29 Romanos 5 12 .*De peccalorum merilis et rímissi-one.* 1..K) 11.
30 *De bono conjuju U,* 1 27..
31 *De. gratia Christi et de peccato originali_.* 34.
32 *Idem, ibid-*
33 *Enchiridion,* 107
34 Idem, 100 V. Ayer, *op. cit,* p 442,
35 Ayer, *op. cit.,* p 442.
36 *De praedeslinalione sanetorum,* 3.
37 *De correctione et gratia,* 3,

de uma transformação gradual da natureza, de uma sarrtificação.. Por nosso intermédio Deus faz boas obras, as quais ele recompensa como se não fossem próprias do homem, e às quais ele atribui mérito. Ninguém pode estar certo de sua salvação nesta vida, O homem pode ter a graça, mas, a não ser que Deus lhe acrescente o dom da perseverança, ele não a conseguirá manter até o fim.[38] É de supor-se que Agostinho tenha sido levado a essa conclusão principal mente pela doutrina da regeneração no batismo, E evidente que, se é verdade que a graça é concedida no batismo, muitos não a mantêm.

No pensamento de Agostinho essa doutrina da graça vincula se a uma grande valorização da Igreja Católica visível, como a única em que a verdadeira infusão do amor pelo Espírito Santo pode ser encontrada, Refutando os donatistas, (pie eram profundamente "ortodoxos" em doutrina e organização e, no entanto, rejeitavam a Igreja Católica como "impura" por permitir — alegavam eles - que os sacramentos fossem administrados por- homens possivelmente culpados de pecados "mortais", Agostinho dizia: "Os que não dão impor tância à unidade da Igreja estão desprovidos do amor de Deus. Conseqüentemente, estamos certos ao entendei- que se pode dizei- que o Espírito Santo só pode ser recebido na Igreja Católica, (...) Portanto, seja o que for que os heréticos e cismáticos hajam recebitlb, a caridade que cobre a multidão de pecados é dom peculiar da unidade católica".[39] Os sacramentos são obra de Deus, e não dos homens, Por conseguinte, não dependem do caráter do que os administra. Daí a desnecessidade dc repetir o batismo ou a ordenação válida, no caso de alguém juntar-se à Igreja Católica,. Mas, embora os que estejam dela separados possuam assim a forma verdadeira e válida dos sacramentos, só na Igreja Católica é que estes atingem o seu verdadeiro objetivo, pois só na Igreja Católica é que se encontra aquele amor ao qual eles dão testemunho e que é da essência da vida cristã. Mesmo dentro da Igreja Católica nem todos estão no caminho da salvação. Ela é uma comunidade mista, que abriga em seu seio bons e maus. "Não é mediante batismos diferentes, mas mediante o mesmo batismo, que os bons católicos são salvos e os maus católicos e heréticos perecem".[40]

Agostinho incluía no número dos sacramentos todos os santos costumes e ritos da Igreja. São os sinais visíveis das coisas sagradas (pie significam. Dessa forma chama de sacramentos o exoreismo, a

38 *De dono per severantiae,* 1.
39 *De baptismo,* 3 16, 21.
40 *Idem, 5 28,* 39

ordenação, o matrimônio e mesmo o sal dado aos catecúmenos. O batismo e a Ceia do Senhor são sacramentos por excelência.. Mediante *os* sacramentos, a Igreja é preservada em unidade.. "Não pode existir sociedade religiosa, seja a religião verdadeira ou falsa, sem algum sacramento, ou sinal visível, que sirva dc laço de união'[7,11] Ademais, os sacramentos são necessários à salvação. "As igrejas de Cristo afirmam o princípio implícito de que, sem o batismo e a participação na mesa do Senhor, homem algum pode chegar ao reino de Deus, e à salvação, e à vida eterna'[7]..[42] No entanto, em virtude de sua doutrina da graça e da predestinação, os sacramentos são para Agostinho sinais de realidades espirituais, e não essas realidades propriamente ditas, São essenciais, mas as verdades a que dão testemunho são, quando recebidas, obra da graça divina. Aquele que não "põe obstáculos à fé" pode confiar, contudo, em que recebe o benefício do sacramento/[13] O problema ainda não se havia equacionado na forma em que viria a sê-lo na Idade Média, mas Agostinho pode ser chamado o pai da doutrina dos sacramentos na Igreja Ocidental,

O tratado mais importante de Agostinho é *A Cidade de Dem,* iniciado cm 412, nos dias soturnos que se seguiram à tornada de Roma por Alarieò, e acabado por volta de 426. Nele estão inseridas a sua filosofia da história, e a sua defesa do cristianismo contra a acusação paga de que, no abandono dos antigos deuses, sob cuja proteção Roma atingira posição de destaque, estava a causa de sua derrocada. Argumenta ele que a adoração dos antigos deuses não dera a Roma nem força e virtude, nem segurança de uma vida futura feliz, A perda dos antigos deuses, superada pela adoração do único Deus verdadeiro, não foi perda, mas grande ganho. Agostinho discute então a criação e a origem e as conseqüências do mal. Essa discussão introduz sua grande teoria da história. Desde a primeira rebelião contra Deus, "dois amores fundaram duas cidades, a saber: o amor-próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial".[44] Seus representantes são Oalin e Abel, respectivamente. Cidadãos da Cidad? de Deus são todos os que se confessam estrangeiros e peregrinos na terra. Os mais eloqüentes representantes da Cidade Terrena, com seu espírito de desafio a Deus, são Babilônia e Roma pagãs, mas ela

41 *Contra Fauslum Manichaeum,* 19.1.
42 *De Peccatorum meritis et retnissione,* 1 24
43 *Cartas,* 98.10. V. Ayer, *op, cit,,* p 450.
44 *A Cidade de Deus,* 14.28

se encontra encarnada, até certa medida, em todos os outros estados civis. Há nela, porém, um certo bem relativo A ela sse devem a paz e a ordem civil Num mundo pecaminoso, malgrado tenlra por princípio o amor-próprio, ela reprime a desordem e permite que a cada um se lhe dê o seu., Mas seu destino é ser transitória, na medida em que cresce a Cidade de Deus, Os cidadãos da Cidade de Deus são os eleitos a quem Deus escolheu para a salvação.. Estes pertencem por agora à Igreja visível, embora nem todos nessa Igreja sejam eleitos. "A Igreja é, pois, agora o reino de Cristo e o reino dos céus. E agora com ele reinam também seus santos, é certo que de modo diferente de como reinarão mais tarde, mas a cizânia não reina com ele, embora cresça com o trigo na Igreja".[40] Portanto, a Igreja visível e hierarquicamente organizada, é a Cidade de Deus, a qual deve, cada vez mais, governar o mundo. Isso ela faz, na opinião de Agostinho, mediante o seu relacionamento íntimo com o Estado cristão, o qual existe não só para preservar a paz mas para agir corno um " pai devoto" junto a seus cidadãos. Por' conseguinte, é seu dever promover a verdadeira adoração de Deus, Entre a Igreja e o Estado ideal deve haver relações de mútua dependência e obrigações recíprocas Prenuncia-se nessa linha de pensamento a idéia medieval do listado teoerátieo..

Não obstante a clareza apresentada pelo sistema de Agostinho em muitos aspectos, é evidente que ele contem profundas contradições, devidas à mistura de idéias neoplatônicas e profundamente religiosas com um certo tradicionalisrrio eclesiástico popular Por exemplo, Agostinho postula urna predestinação na qual Deus envia a graça àqueles a quem deseja enviar, e, 110 entanto, manifesta-se às vezes a tendência no sentido de confinar a salvação à Igreja visível dotada de um sistema sacramentai.[46] Prenuncia também a distinção entre Igreja visível e Igreja invisível feita pela Reforma, sem, no entanto, explicitá-la claramente. Sua piedade enraizada no coração conceituava a vida cristã em termos de uma relação pessoal com Deus, em fé e amor, e, entretanto, pregava, em termos não menos positivos, um aseetismo legalista e monástico. Nesse sentido, a Idade Média não foi muito além de Agostinho. Tampouco conseguiu reconciliar* essas contradições. Essa a razão por que, no futuro, movimentos os mais variados foram buscar em Agostinho sua fonte e inspiração.

45 *Idem,* 20.9

46 Mas no *De baptismo* 5 28 ele afirma claramente que "muitos que parecem estar fora (da Igreja) na realidade estão dentro".

A CONTROVÉRSIA I*ELAGIANA

A controvérsia com Pelágio e seus discípulos foi a mais famosa de todas em que se envolveu Agostinho, e aquela em que se expressaram de maneira mais ciara os seus ensinos a respeito do pecado e da graça» Peíágio era um monge inglês ou, talvez, irlandês de excelente reputação, grande erudição e zelo moral, que se estabelecera em Roma por volta do ano 400, provavelmente quando já idoso. Parece ter-se impressionado grandemente corn o baixo padrão morat que predominava em Roma e haver-sc esforçado diligentemente por disseminai[1] a idéia de um comportamento ético mais severo Longe de inovador, seu ensino representava, em grande parte, opiniões mais antigas do que as de Agostinho. Em consonância com as idéias correntes no Oriente, em geral, e em alguns meios do Ocidente, Pelágio afirmava a liberdade da vontade humana Sua posição é bem expressa na frase: "Se eu devo, eu posso". Sua atitude era a da ética estóica popular "Quando tenho de falar nos princípios da virtude e da vida santa, costumo antes de mais nada chamar a atenção para a capacidade e o caráter da natureza humana e mostrar o que (4a é capaz dc fazer. Depois, partindo disso, costumo suscitar o sentimento do ouvinte, a fim de que ele venha a buscai diferentes espécies de virtude".[1] Negava, por conseguinte, qualquer idéia de pecado originai herdado de Adão, afirmando que todos os homens têm agora a capacidade de não pecar,, A semelhança dos estóicos em geral, reconhecia que a maioria dos homens são maus O pecada de Adão deixara-lhes mau exemplo, que havia sido prontamente seguido pelos demais homens. Daí necessitarem quase todos de ser

1 V. Ayer, *op. cit.,* pp 458, 459.

restaurados ã retidão, o que se consegue mediante a justificação pela fé somente, através do batismo, graças à obra de Cristo. Desde Paulo e até Lutero, ninguém deu mais ênfase à justificação pela fé somente. Depois do batismo, o homem tem pleno poder e devei- de observar a lei divina,,

Seguidor vigoroso de Pelágio foi Ce 1 és tio, homem muito mais moço que ele, advogado, possivelmente romano, embora haja quem o diga irlandês. Por volta de 410, foram ambos para a África do Norte e visitaram Agostinho em Hipona, não o encontrando, porém. Pelágio viajou então ao Oriente, ao passo que Celéstio permaneceu em Cartago e procurou ser ordenado presbítero pelo Bispo Aurélio. O bispo recebeu então uma carta de Paulino, diácono de Milão, acusando Celéstio de seis erros: 1. "Adão foi criado mortal e teria morrido, quer tivesse pecado, quer rrão; 2. o pecado de Adão contaminou só a ele próprio e não a raça humana; 3. as crianças recém-nascidas estão naquele estado em que estava Adão antes da queda; 4, a raça humana inteira rrem morre por causa da morte e do pecado de Adão, nem ressuscita pela ressurreição de Cristo; 5. a lei, tanto quanto o Evangelho, conduz ao reino dos céus; 6. mesmo antes da vinda do Senhor houvera homens sem peca,do".[2] Tratava-se de uma declaração pouco amistosa, mas Celéstio não a refutou. Provavelmente representa com fidelidade o pensamento deste último, que tudo indica ter sido um pouco mais radical do que o de Pelágio Ura sínodo consultivo reunido em Cartago, em 4.11, declarou-se contrário à sua ordenação. Celéstio foi então para "Éfeso, onde, ao que parece, conseguiu ser ordenado, como era do seu desejo.

Agostinho não estivera presente em Cartago, mas logo depois inteirou-se do problema, iniciando imediatamente sua longa polêmica literária contra o pelagianismo, o qual, descobriu ele, contava com muitos defensores. A teoria assestava um golpe profundo na própria experiência religiosa de Agostinho Cria ele ter sido salvo, mediante a graça divina irresistível, de pecados que por suas próprias forças jamais conseguiria vencer. Acusou Pelágio de incorrer em erro ao

2 V Ayer, *op., cit.,* **JJ** 461.

negar o pecado original, rejeitai a salvação pela graça infusa e afirmar a capacidade humana de viver sem pecado E>elágio de fato não rejeitava a graça, mas para ele a graça consistia na remissão dos pecados, no batismo e na doutrina divina em geral Para Agostinho a principal obra da graça era aquela infusão de amor pelo qual se transforma gradualmente o caráter Pelágio conseguiu apoio no Oriente, No começo de 4.15, Agostinho enviou Orósio a Jerônimo, então na Palestina, a fim de ganhar o seu interesse pela causa agos tiniana. Pelágio foi então acusado por Jerônimo diante do Bispo João, de Jerusalém, tendo sido, no entanto, aprovado por este Nesse mesmo ano um sínodo reunido em Dióspolis (Lida, na Palestina[4] declarou Pelágio ortodoxo,

Diante de tal situação, Agostinho e seus amigos conseguiram :p.ie se reunissem dois sínodos na África do Norte, em 416, um para o seu distrito local em Cartago e o outro para a Numídia, em Mileve. Ambos condenaram o ensino pelagiano e apelaram para o Papa friocêncio I (402-417), buscando confirmação da sentença Inocêncio, indubitavelmente satisfeito com esse gesto de reconhecimento da autoridade papal, .fez como desejavam os sírrodos africanos.. Pouco depois, vindo, a falecer, foi sucedido por Zósimo (417-418), um grego e, por conseguinte, naturalmente não muito inclinado a concordar com as posições agostinianas características.. A ele Celéstio apelou pessoalmente. O novo papa declarou então que os sínodos africanos haviam sido demasiado precipitados e parece ter considerado Celéstio ortodoxo. Novo sínodo reuniu-se em Cartago, no começo de 418, mas os africanos tomaram uma decisão mais enérgica A suas instâncias, em abril de 418, o imperador do Ocidente, Ilonório, assinou um rescrito condenando o pelagianismo e ordenando que seus seguidores fossem exilados. Em maio reuniu-se em Cartago um grande sínodo, o qual declarou que Adão se tornou mortal devido ao pecado, (pie as crianças devem ser batizadas para que haja remissão do pecado original, que a graça é necessária para a vida de retidão e que a impecabilidade é impossível nesta vida. Forçado por tais decisões, Zósimo publicou carta circular em que condenava Pelágio e Celéstio.

Pelágio então desaparece. É provável que tenha morrido antes de 420. Levanta-se um novo e hábil defensor de suas opiniões: o Bispo Juliano, de Eelana, no Sul da Itália Um edito do Imperador Horrório, de 41.9, exigia que os bispos do Ocidente subscrevessem uma condenação de Pelágio e Celéstio. A isso Juliano e outros dezoito bispos da Itália se recusaram.. Vários deles foram exilados, buscando refúgio no Oriente. Em Juliano, Agostinho teve um opositor capaz e o pelagianismo, o seu principal sistematizado!-, embora como defensor fosse muito mais racionalista do que Pelágio. Por volta de 429 Juliano e Celéstio conseguiram certo apoio da parte de Nestório, em Constantinopla, embora este não fosse pelagiano. Essa atitude de Nestório foi-lhe prejudicial diante dos problemas com que tinha de Ke haver e, aliada ao desejo do papa, levou à condenação do pelagianismo pelo assim chamado Terceiro Concilio Geral em Éfeso, em **431** (v. p 197). Embora rejeitado oficialmente pelo Oriente e pelo Ocidente, o pelagianismo conseguiu sobreviver enr formas menos extremadas. Desde então, e até hoje, representa uma das tendências latentes no pensamento da Igreja.

10

O SEM.1PELAGIANISM0

Mesmo antes de sua morte, em 430, Agostinho já havia conquistado fama de grande mestre da igreja ocidental Nem todos, porém, aceitavam certas porções mais singulares de sua teologia, nem mesmo nos círculos em que o pelagianismo havia sido definitivamente repelido. Assim, Jerônimo atribuía à vontade humana um papel na conversão e, embora considerasse a graça essencial à salvação, não admitia a idéia de uma graça irresistível.. A África do Norte, lidei- intelectual da Igreja ocidental desde os tempos dí Tertuliano, fora assolada pelos vândalos. Sua posição de liderança transferiu-se à Prança meridional, e foi aqui que surgiu a principal controvérsia a respeito dos princípios agostiniarros João Cassiano, provavelmente originário da Gália, fundou um mosteiro e um convento em Marselha, por volta de 415, vindo a morrer nessa cidade em 435, aproximadamente.. Havia viajado pelo Oriente, visitado o Egito e exercido o diacoriat.o sob a direção de Crisóstomo Por volta de 429 escreveu as suas *Collatwnes,* na forma de conversações com os monges egípcios Na sua opinião, "a vontade sempre permanece livre no homem e pode, ou negligenciar a graça dc Deus, ou nela comprazer-se" [1]

Em 434, Vicente, monge de Lérins, escreveu um *Comrn<rnt tu/ rum,* no qual, sem citá-lo nominalmente, pretendia de fato atacar Agostinho, apresentando o ensino deste sobre a graça e a predestinação como inovações que não contavam com a sanção da tradição católica.. "Além disso, na própria Igreja Católica deve-se ter a maior cautela possível para manter a f*é aceita por toda parte, sempre e por todos".[2] Esses homeirs e seus partidários foram denominados, no século XVI, "semipelagianos". O termo "semi-agostinianos" seria, talvez mais correto, já que concordavam com Agostinho na maioria das questões, malgrado rejeitassem suas doutrinas essenciais referentes à predes-

1 *Collaiiones, 12* V Ayer, *op* cit,* p 469-
2 *Quod ubique, quod sempre, quod ab omnibns,* 2 4. V Ayer, *op cit,* p 471.

1 inação e à graça irresistível. Eram homens sinceros que honestamente temiam que as doutrinas de Agostinho viessem a paralisar todo o esforço humano em busca de retidão de vida, notadamente aquela retidão especificamente almejada pelo monaquismo A predestinação c a graça irresistível pareciam negar a responsabilidade humana.

Essa divergência em relação a Agostinho tomou forma ainda mais radical nos escritos de Fausto, abade de Eérins e posteriormente bispo de Riez.. No seu tratado sobre a *Graça,* escrito por volta de 474 reconhecia a realidade do pecado original., mas afirmava que o homem ainda tem 'a possibilidade de lutar pela salvação*' A graça é a promessa e a admoestaçao divinas que inclinam a vontade enfraquecida mas ainda livre a escolher o que é certo, e não, como sustentava Agostinho, um poder transformador interior Deus prevê qual a atitude que os homens virão a tomar diante do convite do Evangelho. Ele não os predestina Embora rejeitando o ensino de Pelágio, Fausto situava-se mais próximo deste do que de Agostinho

Tendência mais agostiniana foi emprestada ao pensamento da França meridional por Cesário (4G9?-542), homem devoto e capaz, que foi por algum tempo monge de Eérins e, a partir de 502, bispo de Aries. Em 529 reuniu em Orange um pequeno sínodo, cujos cânones adquiriram importância muito maior por' haverem sido aprovados pelo Papa Bonifácio lf (530-532). Esses decretos praticamente deram fim à controvérsia semipelagiana,, embora as opiniões semipelagianas tenham tido sempre muitos partidários dentr o da Igreja.[3] O sínodo asseverou que o homem não só está sol) o pecado original, mas também perdeu todo o poder de voltar-se para Deus, de modo que "nós só desejamos ser- libertados graças à infusão do Espírito Santo e sua operação em nós".. É "pelo dom gratuito da graça, isto é, pela inspiração do Espírito Santo" que temos "o desejo de crer" e "chegamos ao nascimento do santo batismo" Todo o bem no homem é obra de Deus Aprovaram-se assim muitas das idéias principais de Agostinho, mas com uma clara diminuição na ênfase Nunca chega a afirmar-se a irresistibilidade da graça. Ao contrário, declara-se que os que estão em erro "resistem ao mesmo Espírito Santo".. Condena-se a idéia da predestinação para o mal. Mas — ponto de grande importância - o recebimento da graça é de tal forma vinculado ao batismo, que a qualidade sacramentai da graça e o mérito das boas obras vêm ocupar o primeiro plano "Cremos também estar de acordo com a fé católica a afirmação de que, uma vez recebida a

3 V. Ayer, *op cit,* pp 472, 476.

graça no fiatismo, Iodos os que foram batizados podem e devem, com o auxílio e a ajuda de Cristo, praticar aquelas coisas que dizem respeito à salvação da alma, se fielmente labutarem"»[4] Por consc guinte, aprovava-se o agostinianismo, mas com uma indubitável modificação no sentido dos conceitos religiosos "católicos" populares. Aplainavam-se, portanto, as arestas,.

4 V. Ayer, *op. cit,,* j> 475.

GREGÓRIO MAGNO

Gregório Magno foi o intérprete de Agostinho para a Idade Média» Caracterizavam seu pensamento as tendências no sentido de urna apresentação modificada do agostinianismo, com ênfase eclesiástica e sacramentai. Dotado de pouca originalidade, Gregório expôs o sistema teológico já desenvolvido no Ocidente, essencialmente em harmonia com o cristianismo popular de sua época Grande foi, por conseguinte, a sua influência. Com Ambrósio, Agostinho e Jerônimo, é considerado um dos doutores da Igreja latina. No que diz. respeit3 à capacidade e realizações de caráter administrativo, Gregório foi um dos papas mais eminentes, Nele o cristianismo latino em geral teve um líder- de larga visão e grandes realizações

Nascido em Roma, por volta de 540, de família cristã senatorial, Gregório antes de 573 já fora nomeado prefeito, qu governador da cidade pelo Imperador Justino II. Atraído pela vida monástica, abandonou a carreira administrativa e, por volta de 574, já havia destinado sua fortuna à fundação de mosteiros e aos pobres, tornando-se membro do mosteiro de Santo André, sediado ira casa que tinha sido sua, na colina Célia. Gregório cultivou durante toda a vida seu interesse pelo rnonaquismo e muito fez pela regulamentação e extensão da vida monástica Seu temperamento, porém, era demasiado ativo para poder satisfazer-se com a vida do claustro. Ern 579 o Papa Pelágio II (579-590) enviou-o como embaixador [rapai à corte de Constantinopla, função que desempenhou com eficiência, embora — é curioso rrotar-se — jamais tenha aprendido a língua grega Em 586, aproximadamente, voltou a Roma para ser abade do mosteiro de Santo André. Em 590 foi eleito papa — o primeiro monge a ocupar o cargo. Morreu a 12 de março de 604

A época em que se estendeu o pontificado de Gregório era propí-cia para um papa capaz. Após atingir a grande estatura com Inocêncio I (402-417), e Leão I (440-461), o papado havia decrescído ern poder após a conquista dos ostrogodos e a restauração da autori-

dade imperial na Itália por parte de Justiniano. Desde 568 o domínio dos imperadores na Itália desvanecera-se cada vez mais diante dos lombardos, os quais ameaçavam a própria Roma. Embora nominalmente sujeito ao imperador, Gregório foi o verdadeiro líder da luta contra a agressão lombarda. Levantou exércitos, defendeu Roma pela força e por meio de tributos, chegou mesmo a celebrar um tratado de paz com os lombardos estribado em sua própria autoridade e conseguiu, após imenso esforço e lutas confusas, tanto contra os lombardos como contra os representantes do imperador, manter Roma intacta no correr de todo o seu pontificado Era o homem mais forte da Itália e, aos olhos dos romanos, tanto quanto dos lombardos deve ter parecido, mais do que o distante e fraco imperador, ser um verdadeiro soberano

O sustento do papado, tanto quanto a maior parte do alimento que se comia em Roma, provinha das grandes propiiedades que constituíam o Patrimônio de Pedro, as quais se estendiam pela Sicília e Itália, e mesmo pela França meridional e África do Norte.. Delas Gregório provou ser um senhor enérgico, ruas bondoso Sua renda aumentou, e Gregório **empregou**-a liberalmente, não só na manutenção do clero e do culto público, e na defesa de Roma, mas também em instituições de caridade e obras de benemerência de toda sorte

Gregório estava convencido de que "a todos os que conhecem o Evangelho é evidente que, pela voz do Senhor, o cuidado da Igreja toda foi confiado ao santo apóstolo e príncipe de todos os apóstolos, Pedro".[1] Cabia-lhe exercera jurisdição sobre a Igreja. na qualidade de sucessor de Pedro.. Assim sendo, protestou contra certos atos de disciplina eclesiástica impostos pelo patriarca de Constantínopla, João, o Jejuador, e anunciou que conheceria dos recursos que lhe fossem encaminhados, Nas atas que lhe foram enviadas para que as examinasse, Gregório descobriu que João era descrito como "bispo universal". Ergueu vigoroso protesto eoutra tal reivindicação de Constantínopla[2] Costumava usar o título até hoje empregado pelos bispos de Roma: "Servo dos servos de Deus". Exerceu autoridade judicial, com sucesso maior ou menor, nos negócios das igrejas de Ravena e Ilíria. Tentou interferir na vida quase independente da Igreja de França, voltando a estabelecer o vicariato papal em Aries, em 595, entrando em relações amistosas com a corte franca e buscando extirpar os abusos existentes na administração eclesiástica frau-

1 *Cartas,* 5 20.
2 V. Ayer, *op. cit.,* pp 592, 595

«cesa [3] Nesse sentido, seus esforços não foram bem sucedidos. Afirmou a autoridade papal na Espanha, cujo soberano visigodo, Recaredo, abjurara o arianismo cm 587.

Ainda mais significativa para o futuro foi a grande campanha missionária com vistas à conversão da Inglaterra, iniciada em 590. A ela voltaremos a fazer referência (p 258). Tal campanha não somente propiciou grande avanço na causa do cristianismo, mas também marcou o Início de uma relação mais íntima da, Inglaterra e, posteriormente, da Alemanha com o papado, do que a existente em qualquer outro caso Gregório iniciou movimento, que acabou por ser vitorioso, no sentido de converter os lombardos arianos à fé católica, especialmente com a ajuda de Teodolinda, que foi sucessivamente esposa dos reis Autaris (584-591) e Agilulfo (592-615)

A tradição tem atribuído a Gregório a grande obra de reforma da música eclesiástica — consubstanciada no "canto gregoriano" — e do desenvolvimento da liturgia romana. A ausência de documentação contemporânea, porém, leva-nos a supor que sua participação nessas duas empresas foi relativamente pouco importante" De outra parte, eram indubitáveis seus dotes de pregador. Como escritor, três de suas obras mantiveram-se grandemente populares durante todo o correr da Idade Média: sua exposição do livro de Jó, ou *Moralia;* seu tratado sobre o caráter e os deveres do ofício pastoral, a *Regula Pa-vtoralis,* e seus ingênuos *Diálogos sobre a Vida e os Milagres dos Pm$ Italianos*

A teologia de Gregório é agostiniana, mas corn ênfase diferente da de Agostinho.. Expandiu todas as tendências eclesiásticas de Agostinho e o material colhido do cristianismo popular que o bispo de ITipona havia aditado ao seu sistema. Milagres, anjos e o diabo ocupam no sistema de Gregório um lugar de muito maior destaque do que lhes coube no de Agostinho. Embora afirmasse que o número dos eleitos é prefixado e depende de Deus, Gregório não dava atenção alguma à idéia, da predestinação, tal como o fizera Agostinho. Não raro menciona a x)reí]estú'iaÇão em termos de mero conhecimento prévio da parte de Deus. Tinha interesse maior no lado prático.. O homem é presa do pecado original, do que é prova o fato de nascer através da eoncupiscêneia, E resgatado dessa condição pela obra de Cristo, recebida no batismo, mas os pecados posteriores ao batismo têm de ser satisfeitos. A satisfação é efetivada pelas obras meritórias feitas com a ajuda da graça de Deus. "O bem que fazemos é tanto de Deus como nosso: de Deus pela graça proveniente, nosso pela boa

3 *Idem,* pp 591, 592

vontade que segue"[4] A penitência é o meio adequado de fazer reparação pelos pecados cometidos após o batismo, e compreende o reconhecimento do mal do pecado, a contrição e a satisfação. A Igreja oferece vários meios de ajuda àquele que busca mérito, ou exercita a penitência. Deles o maior é a Ceia do Senhor, que Gregório considerava uma repetição do sacrifício de Cristo, útil para os vivos e para os mortos. Há também o auxílio dos santos. "Os- que não confiam em obra alguma de sua própria feitura deveriam buscar a proteção dos santos mártires"[5] O fogo purificador do purgatório resta para aqueles que, embora sejam verdadeiros discípulos de Cristo, não fazem bastante uso dessas oportunidades de realizar obras meritórias, não fazem penitência, ou não se servem de modo adequado dos auxílios oferecidos pela Igreja

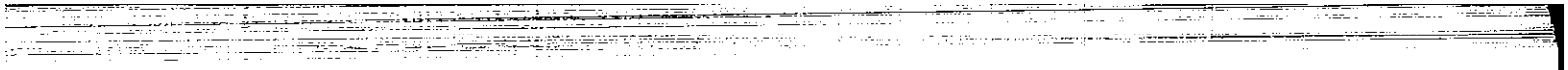
A idéia do purgatório não surgiu corri Gregório,. Seus primeiros prenúncios encontram-se em Hermes de Roma[1'] Em Cipriano torna-se mais evidente. Em conexão com essa idéia este último cita Mateus 5.26[7] Agostinho, baseado em 1 Coríntios 3,11-15, argumentava que o purgatório não era improvável, embora não se considerasse absolutamente certo com respeito à idéia * Cesário de Aries mostra-se mais convicto: para ele o purgatório era um fato. Gregório, por fim, afirma-o como um ponto essencial da fé. "Deve-se crer que, antes do julgamento, há um fogo de purgatório para certos pecados menores '.[9] A Igreja oriental afirmava que, entre a morte e o julgamento, há um estado intermediário, c que as almas nesse estado podem ser auxiliadas mediante oração e sacrifício. Seu conceito de purgatório, no entanto, tem sido sempre vago, comparado com o do Ocidente..

Assim, em todas as facetas da atividade eclesiástica, Gregório assoma como o \ulto mais importante de sua época. Nele a Igreja ocidental da Idade Média já prenuncia seus traços característicos, quer no que diz respeito à doutrina, quer no que se refere à vida, ao culto e à organização. Seu desenvolvimento haveria de dar-se nas linhas já assinaladas por Gregório.

Contemporâneo, ao menos em parte, de Gregório, Isidoro de Sevilha teve papel de relevância como transmissor de grande parte do conhecimento teológico da Igreja antiga à Idade Média. Como bispo de Sevilha, Isidoro foi o líder da Igreja na Espanha, de 600

4 *Moralia,* 33 21.
5 *Idem,* 16 51
6 Visões, 3.7.
7 *Cartas,* 51 55.20
8 *Enchiridion,* 69; *A Cidade de Deus,* 21 26,
9 *Diálogos,* **4.30**

a 636 aproximadamente Seu *í/rvro de Sentença*s*, isto é, breves proposições doutrinárias haveria de tornar-se o manual de teologia da Igreja ocidental ate o século XII. Suas *Oi ujevs ou fifuuolof/tas* abrangiam o âmbito quase inteiro dos conhecimentos da época, tanto eclesiásticos como seculares e tornou-se para a idade .'Média uma das principais fontes de informação a íespeito do pensamento da Antigüidade Grande tambem foi o seu \alor como historia doidos godos e vândalos Em Isidoro, o homem mais erudito da época todo o primeiro período da Idade Média \eio a encontrai um mestre de pouca originalidade, mas de notável e vasta erudição..



PERÍODO QUATRO

A Idade Media

Até o Fim da Questão das lnvestiduras

AS MISSÕES NAS ILHAS BRITÂNICAS

Já fizemos referência anteriormente à disteminação do arianismo entre as tribos germânicas, à conversão dos francos à fé romana e à gradual aceitação da ortodoxia pelos invasores germânicos (v. p 174-179). No entanto, muito havia ainda por fazer.. Não existe prova mais cabal da vitalidade da Igreja em meio à ruína do império e no começo da Idade Média, do que o vigor e o êxito com que ela se dedicou à expansão do cristianismo.

Antes mesmo da conversão de Constantino, o cristianismo já se estabelecera nas Ilhas Britânicas.. Em 314, estavam presentes no concilio de Aries, bispos de York, Londres e, provavelmente, Lincoln Sobrevindo, porém, a queda do império romano, só a duras custas conseguira ele manter-se em meio à população celta, ao passo que a maior parte das regiões meridional e oriental da Inglaterra foi gari lia para o paganismo pelos invasores anglo-saxões, Alguns indícios de presença cristã encontravam-se especialmente no Sul da Irlanda antes do tempo de Patrício.. Tal foi o papel por este desempenhado na promoção da causa do Evangelho naquela ilha e na organização de suas instituições cristãs, que bem merece o título de Apóstolo da Irlanda

Nascido por volta de 389, possivelmente no Sul de Gales, Patrício era filho de diáeono e neto de sacerdote. Sua educação, por conseguinte, foi de teor cristão.. Capturado em nm ataque, aproximadamente em 405, durante seis anos foi escravo na Irlanda. Fugindo para o continente, Patrício durante muito tempo esteve internado no mosteiro de Lérins, na costa meridional da França. Em 432 foi sagrado bispo missionário pelo Bispo Germano de Auxerre e deu início à sua labuta na Irlanda, que haveria de findar somente com sua morte, em 461 „ A maior parte da atividade missionária de Patrício desenvolveu-se no Norte da Irlanda, embora incluísse algumas investidas para o Sul e para o Ocidente, mais selvagem. Poucos são os dados seguros de que dispomos. Não há duvidas, porém, a respeito

de seu zelo, como também dc sua eminente capacidade de organizador, que conseguiu sistematizar e dar grande impulso ao até então esparso cristianismo da Irlanda» Estabeleceu certa vincularão entre a ilha e o continente, e com Roma,

Parece certo que Patrício introduziu o episeopado diocesano na Irlanda» No entanto, a instituição foi era breve modificada pelo sistema de clãs, existente na região, sendo substituída por um grande número de bispos monástieos e tribais. Patrício era muito favorável ao monaquismo. Mas o grande propagador do tipo especificamente irlandês de vida monástica foi Piniano de Clonard (470 V -548), sob cuja influencia veio a existir um grupo de mosteiros irlandeses fortemente missionários e, para aquela época, notavelmente eruditos.. As escolas monásticas da Irlanda justificavam a fama de que desfrutaram durante os séculos VI e VII .. A glória do monaquismo irlandês residia em suas conquistas missionárias,

Muitas sombras pairam sobre o início do cristianismo na Pscócia. Consta que Nirviarr trabalhou nessa região durante o século IV e os primeiros anos do V» Pouco sabemos, porém, a respeito de datas e do seu trabalho concreto. Vulto igualmente obscuro é o de Kerrtingern ou Mungo (527? -612?), que disseminou o cristianismo na região cireunvizinha de Glasgow. Parece provável haverem sido cristãos os colonizadores que, vindos do Norte da Irlanda, fundaram, por volta de 490, o reino de Dalríada, abrangendo a área do atual Argyleshíre. O grande missionário da Escócia foi Columba (521-597), homem intimamente relacionado com algumas das mais poderosas famílias tribais da Irlanda e discípulo de Piniano de Clonard. Já famoso como monge e fundador de mosteiros na Irlanda, transferiu-se para a Escócia em 563, fixando-se, com doze companheiros, na Ilha de lorra, ou Hy, sob a proteção do seu patrício e parente, o rei de Dalríada . Nesse lugar Columba estabeleceu um próspero mosteiro e dali se dirigiu em campanhas missionárias entre os pietos, que ocupavam os dois terços setentrionais da Escócia. Mediante o trabalho de Columba e seus companheiros, o reino dos pietos foi conquistado para o Evangelho. Tal como na Irlanda, as instituições cristãs eram na. maioria monásticas.. Não havia dioceses e até mesmo os bispos estavam sob a autoridade (exceto no caso de ordenações) de Columba, que era presbítero, e seus sucessores, os abades de lona.

Os esforços missionários irlandeses estenderam-se ao Norte da Inglaterra, entre os anglo-saxÕes da Nortúinbria. Na Ilha de Lindisíarne, situada ao largo da costa do extremo nordeste da Inglaterra., Aidarro, monge de lona, fundou, em 634, uma nova lona. A partir

desse centro, o cristianismo foi largamente disseminado por ele até à época de una morte, em 651, e, logo a.pós, por seus companheiros.. O zelo missionário desses monges celtas de modo nenhum confinou se **às** Ilhas Britânicas.. Columbano, ou Columba, o Jovem (543? -615) fez-se monge no célebre mosteiro irlandês de Bangor, fundado em 558 por Congall, figura eminente por sua erudição e por seu ardor missionário» De Bangor, Columbano partiu, por volta de 585, com outros doze monges, estabelecendo-se em Anegray, na Borgonha, em cuja vizinhança estabeleceu o mosteiro de Luxeuil „ Por volta de 610, Columbano foi expulso da região, por causa da repreensão profética que fizera ao Rei Teuderico II e a sua avó, Brunilda, Durante algum tempo trabalhou no Norte da Suíça, onde seu companheiro e discípulo irlandês, Galo, passaria a viver corno anacoreta, emprestando o nome ao mosteiro que posteriormente veio a ser fundado: São Galo» Columbano atingiu o Norte da Itália e estabeleceu, em 614, nos Apeninos, o mosteiro de Bobbio, orrde vero a falecer um ano depois

Columbano foi simplesmente um dos primeiros dos muitos monges irlandeses que labutaram no continente, muitos deles na região central e meridional da atual Alemanha, Kilian, por exemplo, trabalhou em Würzburgo e Virgílio em Salzburgo. "Esses monges irlandeses —• Columbano em particular — introduziram no continente uma modificação da prática cristã que haveria de ter posteriormente grande importância. A primitiva disciplina pública havia sido, em grande parte, perturbada quando foram admitidos à Igreja milhares de neoconversos, após a aceitação oficial do cristianismo pelo Estado, Entre os monges do Oriente e do Ocidente, disseminara-se o costume da confissão particular,, fortemente apoiada por Basílio, no Oriente. Em parte alguma teve o costume apoio mais decidido do que entre os monges irlandeses, os quais a estenderam ao laicato, como de fato já acontecera, até certo ponto, com os monges orientais . No continente europeu foram os monges irlandeses os introdutores da confissão particular dos leigos, Na Irlanda, ao mesmo tempo, surgiram os primeiros livros penitenciais importantes, nos quais se atribuíam satisfações apropriadas para pecados específicos, Verdade é epie os antecedentes de tais livros encontram-se nos primitivos cânones dos concílios. Coube aos morfges da Irlanda tornar populares no continente esses tratados penitenciais.

Entrementes, o Papa Gregório Magno empreendera obra de vastíssima importância para a história religiosa da Inglaterra e para o papado. Movido por um impulso missionário, de há muito acalentado, e aproveitando a situação favorável advinda do casamento de

Etelberto, "rei" de Kent e senhor de grande porção da Inglaterra sul-oriental, eom uma princesa cristã franca, Berta, Gregório enviou um amigo romano, Agostinho, prior do seu estimado mosteiro da colina Célia, acompanhado de alguns outros monges, para tentar a conversão dos anglo-saxões A expedição saiu de Roma em 596, mas sua coragem era tão pequena que foi necessário todo o poder de persuasão de Gregório para fazê-la prosseguir Só na primavera de 597 o grupo, reforçado por ajudantes francos, chegou à Cantuária, Etelberto e muitos de seus súditos em breve aceitaram o cristianismo Gregório considerou ganha a batalha Agostinho recebeu sagração episcopal por intermédio de "Virgílio de Aries, em novembro de 597, sendo, por volta de 601, nomeado metropolita por Gregório, com autoridade para estabelecer doze bispados sob sua jurisdição No momento em que a, Inglaterra setentrional se convertesse, outro metropolita seria constituído em York . Londres e York passariam a ser as capitais eclesiásticas O papa entregou à superintendência de Agostinho os bispos britânicos, sobre os quais Gregório não tinha jurisdição reconhecida [3] A. tarefa no entanto seria muito mais árdua do que imaginava a visão entusiástica, de Gregório.. Só depois de mais da metade de um século o cristianismo viria a dominar na Inglaterra, (.) movimento assim iniciado, porém, viria a fortalecer- o papado grandemente. Os anglo-saxões deviam sua conversão principalmente aos esforços diretos de Roma, e, por sua vez. votavam ao papado um respeito pouco característico de outras regiões mais antigas, tais corno a, França e a Espanha, onde o cristianismo havia sido introduzido de maneira diferente Além disso, o cristianismo anglo-saxão viria a produzir alguns dos rnaís ativos missionários, através de cujos esforços se propagariam no continente tanto o Evangelho como a obediência papal.

A Inglaterra só veio a aceitar o cristianismo após uma série de percalços. Antes da morte de Etelberto já se esvaía a hegemonia de Kent, e com ela eclipsavam-se os primeiros triunfos cristãos, A liderança passava gradualmente às mãos da Nortúmbria. Grande acontecimento foi a conversão de Edwin, rei da Nortúmbria, mediante os esforços de Paulino, em breve feito bispo de York, em 627.. Mas o rei pagao, Penda de Mercia, derrotou e matou Edwin em 633, seguindo-se a esse fato uma. reação pagã na Nortúmbria .. O cristianismo foi restaurado nessa região no reinado do Rei Osvaldo, que se torna,ra cristão quando do seu exílio em lona. Para. isso foi decisiva a ajuda de Aidano (v p 257) O cristianismo assim restaurado era do tipo

1 Gee e Hardy, *Doeunu?its 1ilustra tive of Englisk Lhurch History,* pp *9,* 10

irlandês ou "velho britânico", corno é freqüentemente designado. Penda mais uma vez atacou, e em 642 Osvaldo foi morto em combate. Seu irmão, Oswy, igualmente convertido em lona, depois de muita luta conquistou toda a região por \olta de 651, tendo sido, além disso, reconhecido o seu domínio sobre um vasto território.. O cristianismo inglês estava em vias de estabelecer-se firmemente.

Os missionários romanos logo ao chegar haviam entrado em controvérsia com os seus irmãos cristãos de tradição irlandesa ou "velho-britâniea".. Os pontos de discórdia parecem nos hoje de Soinenos importância.. Diferiam quanto à data de observação da festa da Páscoa, i>or causa de um sistema antigo de calculá-la, já então abandonado em Roma.. As formas da tonsura eram diferentes. Notavam-se algumas variações na administração do batismo, a respeito das quais não temos mais informações. Além disso, como já aduzimos antes, o cristianismo de tradição romana era firmemente organizado e de caráter diocesano, ao passo que o da antiga Igreja britânica era monástico e tribal. Os missionários "velbo-británicos" tinham o papa na conta de o mais elevado dignitário da cristandade, enquanto os representantes romanos lhe atribuíam autoridade judicial que os "velho-britânicos" não admitiam plenamente A Irlanda meridional aceitou a autoridade romana por volta de 630.. Na Inglaterra essa decisão foi alcançada num sínodo reunido durante o reinado do Rei Oswy, em Whitby, em 663, Nessa assembléia o Bispo Colman de Lindisfarne defendeu a prática " velho-britânica", opondo-se a Wilfrido, que anteriormente ocupara a mesma sé, mas fora convertido à causa fornana durante uma peregrinação, vindo pouco depois a tornar-se bispo de York. O costume romano de comemorar a Páscoa foi aprovado, e com isso a causa romana na Inglaterra ganhou a batalha.. Por volta de **703** a Irlanda setentrional já tinha seguido o mesmo caminho, o mesmo se dando com a Escócia, em 718, aproximadamente. Em Gales o processo de acomodação foi muito mais lento, só vindo a completar-se no século XII, O fortalecimento dos vínculos da Inglaterra com Roma foi muito favorecido pela nomeação, feita pelo Papa Vitaliano, de Teodoro, nativo de Tarso, na Cilícia, monge de Roma, como arcebispo de Cantuária, Organizador capaz, muito fez ele por tornar permanente a obra iniciada por seus predeccssores.

A combinação das duas correntes de esforço missionário resultou em proveito para o cristianismo inglês.. A de cepa romana deu como contribuição a ordem; a "velho-britânica" emprestou o seu zelo missionário e amor pelo estudo. A erudição característica dos mostei-

ros irlandeses transplantou-se para a Inglaterra, ali tortalecendo-se com as freqüentes *peregrinações* anglo-saxâs a Roma . Exemplo eminente de tal movimento intelectual foi Beda, eomuinente cliamado "Venerável" (672?-735). Membro, durante quase toda a sua vida, do mosteiro conjunto de Wearmouth e Jarrow, na Nortiirabria, sua erudição, à semelhança da de Isidoro de Se vil ha, um século antes, abarcava o âmbito inteiro do conhecimento do seu tempo, transformando-o em mestre das gerações posteriores. Escreveu obras a respeito de cronologia, fenômenos naturais, as Escrituras e teologia. A fama do nome de Beda deve-se, acima de tudo, à sua *História Eclesiástica da Nação Inglesa,* obra de grande mérito que se constitui em fonte principal de informações t> respeito da cristianização das Ilhas Britânicas

MISSÕES CONTINENTAIS E CRESCIMENTO DO PAPADO

Com a conversão de Clóvis ao cristianismo ortodoxo (496) (v. p 179), criaram se nos domínios dos francos relações muito íntimas entre a Igreja e o Estado É verdade que, em grande parte, a conquista dos francos e a cristianização eram dois lados da mesma medalha . Sob o governo dos descendentes de Clóvis — os reis da dinastia merovíngia — ux condições internas da Igreja franca, no entanto, caíram a um nível muito baixo.. A nomeação de bispos e abades era feita segundo critérios de conveniência política, e muitas das propriedades da Igreja foram confiscadas, ou entregues a mãos seculares Pouco resultado duradouro tiveram mesmo os esforços de Gregório I no sentido de conquistar o controle efetivo da França e produzir reformas.

A derrocada política dos merovíngios preparou a tomada do poder por parte da casa dos carolíngios, originalmente "prefeitos do paço", a qual foi efetivada quando Pepino, denominado — um pouco incorretamente — de Ileristal, venceu a batalha de Tertry, em 687, Os reis merovíngios nominalmente continuaram a existir, mas o poder era exercido de fato por Pepino, na qualidade de "duque dos francos". Após sua morte, em 714, seu filho ilegítimo, Carlos Martelo (715-741), exerceu todos os poderes reais Por seu intermédio foi permanentemente sustado o avanço maometano na Europa ocidental, em virtude da grande batalha travada entre Touiy é Poi tiers, em 732. Percebendo a vantagem que auferiria com a ajuda da Igreja, apoiou o esforço missionário desenvolvido na Alemanha ocidental e nos Países Baixos, sobre os quais desejava estender seu domínio político. Para a Igreja de seu próprio território, porém, nem Pepino " de Ileristal", nem Carlos Mar telo, foram mais úteis do que os merovíngios.. Ao contrário, exploraram-na por motivos políticos, confiscaram-lhe as terras e pouco fizeram por coibir as desordens que nela grassavam. No entanto, sob o governo de Carlos Martelo iniciou-se um grande trabalho missionário e reformador, cujo resultado foi a

eristianização da Alemanha ocidental e a reforma da Igreja franca, bem como o estabelecimento de relações entre o papado e os francos, de conseqüências importantíssimas para ambos

Wiliibrord (657? -739), natural da Nortúmbria, iniciou o trabalho missionário na Frísia com o apoio de Pepino de Heristal e, em 695, foi sagrado bispo missionário pelo Papa Sérgio I, fato que resultou no estabelecimento da sé de TJtrecht. Seu trabalho teve pouco êxito e foi continuado por um dos homens mais capazes e notáveis desse período, Winfrid ou Bonifácio (680? -754) .. Anglo-saxão nascido em Devonshire, Winfrid tornou-se monge de Nutcell, perto de Winchester. Ern 716 deu início à sua labuta missionária na. Frísia, obtendo tão pouco sucesso que voltou à Inglaterra. Em 718 e 719 esteve em Roma, onde recebeu do Papa Gregório II (715-731) o encargo de trabalhar na Alemanha. De 719 a 722 trabalhou na Frísia e em Hesse, retornando novamente a Roma rresta última data, quando foi sagrado bispo missionário, após haver" jurado lealda.de ao papa[1] Grande sucesso foi obtido em Hesse e na Turíngia no decorrer dos dez anos subseqüentes. Não só se converteram os pagãos, como também a maioria dos monges irlandeses foi trazida à obediência a Roma. Gregório III (731-741) nomeou Bonifácio arcebispo em 732, dando-lhe a autoridade de fundar novas sés. Após uma terceira viagem a Roma, *em* 738, Bonifácio organizou assim a Igreja da Baviera e; pouco depois, a da Turíngia. Em 744 ajudou seu discípulo, Sturrn, na fundação do grande mosteiro beneditino de Fulda, destinado a tornar-se um centro de erudição e educação para o sacerdócio em toda a região centro-oriental da Alemanha.. Entre 746 e 748, Bonifácio tornou se arcebispo de Mairrz, a qual se tornou assim a sé mais importante da Alemanha No correr de todas essas atividades Bonifácio fortaleceu as causas da ordem e da disciplina e aumentou a autoridade papal. Seu trabalho foi bastante favorecido pela ajuda de grande número de homens e mulheres que, provindos da Inglaterra, vier am auxiliá-lo, para os quais ele encontrava lugar seja na vida monástica seja em outras formas de serviço cristão

A morte de Carlos Martelo, em 741, seguiu-se a divisão do poder entre seus filhos Carlornano (741-747) e Pepino, o Breve (741-768).. Ambos eram mais fiéis à Igreja que seu pai. Carlornano veio posteriormente a abdicar do poder e fazer-se monge Nenhum dos dois estava disposto a se desfazer da autor idade que tinha sobre a Igreja franca, mas ambos ajroiaram Bonifácio na abolição das irregularida-

1 Pobinson, *Readings in European History,* 1: 105, 111

des e abusos mais graves, e uo estabelecimento de vínculos mais íntimos com Roma. Numa série de sínodos reunidos sob a presidência de Bonifácio, a partir de 742, atacou-se o mundanisiiio do clero, censurou-se o costume de os bispos não se fixarem em uma localidade específica, condenou-se o casamento dos sacerdotes e iniciou-se a aplicação de disciplina clerieal mais rígida "Em 747, os bispos reunidos em sínodo reconheceram a jurisdição do papado, embora essas deliberações não tivessem força de lei franca, já que os governantes civis não estavam presentes às reuniões Graças ao trabalho de Bonifácio, a Igreja franca melhorou consideravelmente no que diz respeito à organização, aos costumes e à disciplina , Ao rnesmo tempo, cresceu decididamente a autoridade do papado sobre a Igreja da região — o que aos olhos de Bonifácio era algo igualmente de valia - - embora a do mordomo do palácio continuasse a sei a mais poderosa

A medida que Bonifácio entrava em anos voltavam se os seus pensamentos para o trabalho missionário na Frísia, p>or ele inaugurado. Conseguiu a nomeação de um discípulo anglo-saxão, Lúlio, como seu sucessor na sé de Mainz Em 754 foi para a Erísia, onde foi assassinado pelos pagãos, coroando assim sua vida ativa e grandemente influente (tom uma morte de testemunho em favor da fé Muito havia ele trabalhado em favor da ordem, da disciplina e da consolidação, tanto quanto pela propagação do cristianismo.. Eram essas, na verdade, as coisas de que mais carecia a sua época

OS.FRANCOS E O PAPADO

Dissemos, páginas atrás (p 214). que o papado e a Itália em geral se opuseram aos esforços iconoclastas do Imperado) Leão **'III,** indo até ao extremo de excomungar os que se rebelavam contra o uso de figuras, num sinodo romano reunido sob a presidência de Gr rego r io **III,** em 731. A resposta do imperador consistiu em extrair da jurisdição j)apal o Sul da Itália e a Sicília, colocando essas regiões sob a da sé de Constantinopla — fato que por muito tempo foi um verdadeiro espinho na carne do papado Em Roma e uo Norte da Itália o poder imperial, exercido a distância, em Constantinopla era demasiado fraco para poder controlar a atividade do papado O representante imperial era o exarea de Ravena, sob cuja autoridade estava o duque de Roma, que tratava de assuntos militares, embora o papa fosse, em muitos sentidos, o representante do imperador nos assuntos civis da cidade. O papado colocava-se agora em franca rebelião contra os governantes sediados em Constantinopla. Tratava-se, porém, de uma posição extremamente perigosa Os lombar dos faziam sentir sua pressão, ameaçando capturar a cidade de Roma Para que o papado pudesse preservar qualquer medida considerável de independência em Roma, a desunião que se seguiu à controvérsia iconoclasta tornava necessário encontrar outra forma de proteção contra os lombardos que não a do imperador.. Essa proteção os papas efetivamente buscaram, obtendo-a, por fim, junto aos francos.

Em 789, Gregório III, em busca de ajuda contra os lombar dos, recorreu a Carlos Martelo, mas em vão. Com Pepino, o Breve, a situação foi diferente . Tinha ele mentalidade mais eclesiástica e era motivado por planos ainda mais ambiciosos do que os acalentados por seu pai. Pepino e o papado poderiam auxiliar-se mutuamente O novo rei lombardo, Astolfo (749 756), arrebatou Ravena das mãos do imperador em 751, e pressionou Roma de modo muito sério. Pepino ambicionava o titulo de rei, tanto quanto o poder real na França, e planejava uma revolução que acabasse por encerrar num

mosteiro o último dos fracos merovíngios, Clrdderico III, e colocasse o próprio Pepino no trono. Para isso desejava obter, não só a aprovação da nobreza franca, mas também a sanção moral da Igreja. Apelou então ao Papa Zacarias (741-752), o qual prontamente Ibe concedeu a sua aprovação. Antes do fim de 751 Pepino já ocupava formalmente o poder real, tendo sido ungido e coroado Não se sabe, porém, se o foi por Bonifácio, como em geral se presume

Essa transação, que na época parece ter sido muito simples, estava prenbe de conseqüências importantíssimas, Dela poderia inferir-se que o papa tinha poder de conceder ou retirar poderes reais. Implícitos nela estavam o restabelecimento do império no Ocidente, o Sacro Império .Romano, e a inter-relação entre papado e império que ocupa lugar tão relevante na história da Idade Média. Desse ponto de vista, foi o acontecimento mais importante da história medieval.

Se o papa podia prestar tais serviços a Pepino, não menos útil podia este sei' para aquele. Astolfo e seus lombardos continuavam a pressionar Roma Estêvão II, por conseguinte, dirigiu-se pessoalmente a Pepino, coroando-o e ungindo-o, a ele e a seus filhos, novamente, na igreja de São Dionísío, perto de Paris, em 754, e confirmando a concessão do título um tanto indefinido de "Patrícios dos Romanos" —- tanto mais útil, talvez, porque deixava implícita uma relação completamente indefinida com Roma. Esse título havia sido ostentado pelo exarca imperial de Ravena. Logo depois de coroado, Pepino cumpriu a obrigação que lhe cabia. No fim de 754, ou começo de 755, à frente do exército franco invadiu a Itália e obrigou Astolfo a entregar ao papa a cidade de Ravena e as outras recentes conquistas lombardas. Uma segunda campanha, em 755, tornou-se necessária para fazer com que os reis lombardos cumprissem sua promessa. O exarcado de que Ravena era a capital e a Pentápolis passaram então à posse do papa. Tiveiam origem assim os "Estados da Igreja", isto é, a soberania temporal do papado, que haveria de manter-se até 1.870, No entanto, segundo o que hoje podemos ajuizar, embora entregando o exarcado ao Papa Estêvão, Pepino considerava-se o senhor supremo . No que concerne à própria Roma, Pepino não a entregou ao papa. Não lhe cabia fazê-lo. Seria difícil definir a situação de Roma do ponto de vista legal. Embora os papas tivessem praticamente rompido com o imperador sediado em Constantinopla, Roma não havia sido arrebatada de seu poder. Na realidade, o papado reconheceu a soberania do imperador do Oriente no estilo dos

seus documentos públicos até o ano de 772.. Pepino dispunha dos direitos completamente indefinidos que poderiam estar incluídos 110 título "Patrício dos Romanos".. Em termos concretos, o papa retinha a posse de Roma

Apesar de agora ser assim um governante territorial, a extensão dos domínios do papa estava longe de satisfazer as suas ambições. E o que se pode concluir de um curioso documento forjado, cuja autoria é desconhecida, mas que parece datar dessa época, a saber, a assim chamada "Doação de Constantino".[1] Na forma de um título de privilégio e no estilo de um credo e de uma narrativa imaginária de sua conversão e batismo, Constantino ordenava a todos os dignitários eclesiásticos que se submetessem ao Papa Silvestre e aos ocupantes sucessivos da sé de Roma, transferindo-lhes "a cidade de Roma e todas as províncias, distritos e cidades da Itália e das regiões ocidentais".. Isso significava a soberania sobre a metade ocidental do império, ou, ao menos, o senhorio . Embora alguns dos homens mais eruditos da Idade Média não Ilre dessem crédito, a "Doação" foi geralmente aceita como autentica até que sua falsidade viesse a ser provada por Nicolau de Cusa em 1433 e Lourenço Vala em 1440

1 Henderson, S*'elect Histotical Documents,* pp 319-329

CARLOS MAGNO

Pepino, o Breve, morreu em 768, Governante enérgico, sua fama foi ofuscada indevidamente pela do seu filho mais eminente r qual, em termos gerais, nada ruais fez senão continuar o que o pai havia começado.. Pepino dividira o reino entre seus dois filhos, Carlos e Carlornano.. As relações entre os irmãos eram más, mas a situação foi aliviada pela morte de Carlornano, em 771, Corri esse fato iniciou se o reinado efetivo de Carlos, a quem a história atribuí o título de Magno

Mais talvez do que qualquer soberano na história, Carlos Magno foi efetivo senhor de todas as coisas em sua época Guerreiro de grande capacidade, aumentou em mais do que o dobro as possessões de seu pai Quando de sua morte, seu domínio estendia-se sobre todo o território da atual França, Bélgica e Holanda, quase metade da moderna Alemanha e Áustria-Hungria, mais da metade da Itália e um pedaço do Nordeste da Espanha Quanto ao tamanho, era o que mais se aproximou do de um império desde a queda do Império Romano do Ocidente. Sua obra não se restringiu à conquista de novos territórios Seus exércitos, alargando as fronteiras, trouxeram paz e deram tempo para que se consolidassem as porções centrais do seu território. Tornou-se patrono do estudo, mestre benevolente da Igreja, preservador da ordem. Nada lhe era pequeno demais que não merecesse atenção, nem demasiado grande para ser executado

Como resultado de uma disputa com o rei loinbardo Desidério, Carlos Magno conquistou e exterminou o reino lombardo em duas campanhas, entre 774 e 777. Confirmaram-se as doações de Pepino ao papado, mas a situação ficou praticamente alterada.. Entre o papado e os principais territórios francos não havia mais a separação causada pelo reino lombardo. As relações de Carlos Magno com Roma eram muito mais no estilo de um senhor io efetivo do que as que se haviam notado no tempo de seu pai. Desde então, passou a tratar o papa como o principal prelado do seu reino, e não como urri poder independeu-

te, embora não chegasse ao ponto de decidir quanto à nomeação de novos papas, como era de seu costume no que dizia respeito aos bispos do seu reino.

De vasta importância para a extensão do cristianismo foi o fato de Carlos Magno haver conquistado os saxões, que ocupavam a região nordeste da atual Alemanha, conquista essa que se deu somente após uma série de campanhas entre 772 e 801 O cristianismo, a princípio introduzido à força, fixou-se através de meios mais pacíficos, qual seja o estabelecimento de bispados e mosteiros por toda a terra dos saxões Com isso, a última grande tr ibo germânica, uma das mais bem dotadas e enérgicas, era trazida, para sua permanente vantagem, ao convívio da família cristã européia. Também a Frísia tornou-se então inteiramente cristã. Como resultado das disputas de Carlos Magno com o duque rebelde Tassilo, da Bavíera já cristã, não só os bispados bávaros foram completamente sujeitos ao sistema ecle srástico, mas também travaram-se guerras vitoriosas contra os ávaros e o cristianismo estendeu-se a grande parte da região hoje ocupada pela Áustria,

Tratava-se, bem se vê, de um governo de proporções imperiais, exercido por um vulto devotado igualmente à ampliação do poder- político e à disseminação do cristianismo, controlando a maior parte do cristianismo ocidental Não é de surpreender, por conseguinte, que o Papa Leão II (795-816), grande devedor de Carlos Magno, em virtude da proteção por este concedida contra as ameaças dos nobres romanos, houvesse colocado sobre a fronte do rei dos francos a coroa imperial romana, na igreja de São Pedro, no dia de Natal de 800.. Tanto para o povo romano que presenciara a cerimônia como para o Ocidente em geral, era a restauração do império do Ocidente, o qual durante séculos estivera sob o poder do governante sediado em Constantinopla. O ato colocou Carlos Magno na grande linha sucessória que remontava a Augusto. Atribuiu também ao império caráter teocráti-eo,. Inesperadamente — e, na época, não muito ao gosto dc Carlos Magno -- era a encarnação visível de um grande ideal. O Império Romano, imaginava-se, nunca morrera, e agora a sagração havia si do concedida da parte de Deus, pelas mãos do seu representante, a urn imperador ocidental, Isso não significava necessariamente a rejeição do título imperial do governante sediado em Constantinopla. Por várias vezes o império tivera dois imperadores, um no Oriente e outro no Ocidente. Leão V (813-820), imperador de Constantinopla, mais tarde reconheceu formalmente o título imperial de seu eo

lega do Ocidente, Para o Ocidente, e para o papado, a **coroação** de Carlos Magno teve conseqüências importantíssimas. Suscitou problemas referentes ao poder imperial e à autoridade papal que perdurariam durante todo o correr da Idade Média. Deu realce à idéia de que a Igreja e o Estado não passavam de dois lados da mesma medalha : um levava o homem à felicidade temporal, o outro à bem-aventurança eterna. Ambos, porém, estavam Intimamente relacionados e deviam auxiliar-se mutuamente. Mais do que nunca se tornou evidente a profunda diferença religiosa e política que separava o Oriente do Ocidente.. Aos olhos do próprio imperador parecia cumprir-se o sonho da *Ctãade de Deus* de Agostinho (v, p 240), a saber, a união da eristandade num reino de Deus, do qual ele era o cabeça terreno. Nunca foi maior o seu poderio do que à época de sua morte, em 814.

Quando Carlos Magno subiu ao trono, as escolas mais importantes da Europa ocidental eram ligadas aos mosteiros das Ilhas Britânicas. Poi na Inglaterra que o genial monarca mandou buscar o seu principal assistente intelectual e literário, Alcuíno (735?-804), que havia estudado em York, onde provavelmente nasceu De 781. até a data de sua morte, excetuados breves períodos de interrupção, foi o principal auxiliar de Carlos Magno na obra de promoção de um verdadeiro renascimento da cultura clássica e bíblica, a qual atribuiu ao reinado um brilho jamais visto antes, e elevou a vida intelectual do Estado franco. O próprio Carlos Magno, sem chegar a atingir a estatura de um verdadeiro erudito, deu o exemplo, tornando-se aluno ocasional da sua "escola palatina". Em 796 fez de Alcuíno o dirigente do mosteiro de São Martinho de Tours, o qual se tornou, sob sua liderança, um centro de cultura para todo o reino franco. Outros vultos emprestaram sua colaboração a esse reavivamento cultural, tais como o lombardo Paulo, o Diácono (720?-795), o franco Einhard (770?-840) e o visigodo Teodulfo (760?-821). A mera diversidade de origens nacionais de onde provinham esses homens ilustra bem o cuidado que teve Carlos Magno em conseguir o concurso dos que pudessem elevar o padrão intelectual do seu império, fosse qual fosse a região da Europa ocidental de orrde viessem.

Com o aumento da cultura veio a/discussão teológica. Os bispos espanhóis Elipando de Toledo e ^élix de Urgel pregavam uma eristologia adocianista: Cristo, embora i^lho de Deus, em sua natureza divina, não passava, em sua natureza humana, de filho por adoção. Sob a influência de Carlos Magno, tais opiniões foram condenadas

cm sínodos reunidos em Regensburg (792) e Franefort (794). A esse íesperto, Carlos Magno considerava se um guia teológico, não menos que protetor da igreja Do mesmo modo, no sínodo de Franefort, há pouco mencionado, Carlos Magno conseguiu que as conclusões do concilio geral de 787, em Nicéia (v„ p 214), fossem condenadas e rejeitada a aprovação ã veneração de figuras, e fazendo com que fossem publicados os *Liln < Oarolmi,* que defendiam sua posição. Dois fatores estavam por trás dessa atitude. Em primeiro lugar, as decisões do segundo concilio de Nicéia não foram compreendidas, como também não o foi a distinção entre a "reverência" devida aos ícones, e a " verdadeira adoração" devida exclusivamente a Deus (v p 214). O Ocidente só tivera conhecimento de relatos truncados. Em segundo lugar, a idéia que Carlos Magno fazia do rei teocrático vétero-testamentário entrava em conflito (como acontecera já no caso de Leão Isáurio) com a independência espiritual da Igreja, representada pelo ícone.. No ano de 809, num sínodo congregado em Aachen, Carlos Magno aprovou a adição feita pelos espanhóis da cláusula *fihoque* (v. p 236) ao assim chamado credo de Nicéia-Constantinopia Todas essas atitudes foram tomadas em consulta com os bispos e teólogos do reino, mas sem qualquer- deferência especial para com o papa, e sern submeter o assunto à consideração papal,

INSTITUIÇÕES ECLESIÁSTICAS

As instituições políticas romanas baseavam-se nas cidades/ das quais dependiam as regiões rurais círcunvizinhas. A organização cristã seguiu a mesma regra. Os distritos rurais dependiam dos bispos das cidades ou elementos por eles nomeados, e por eles pastoreados, exceto nos casos em que havia "bispos rurais", como no Ocidente.. As invasões germânicas alteram essa situação., Por volta do século VI deparamo-nos com as origens do sistema paroquial na França (v, p 218); Ali o sistema se expandiu rapidamente, sendo estimulado pelo costinne de os grandes proprietários de terras fundarem igrejas. Tal situação tornava precário o controle episcopal A vista disso, Carlos Magno dispôs que, além do direito de ordenar todos os clérigos paroquiais, coubesse ao bispo a prerrogativa de visitar c o poder de disciplinar em todo o território diocesano. Além disso, o estado eclesiástico foi fortalecido mediante a plena autorização legal para os dízimos.. Baseado 110 exemplo do Antigo Testamento, há muito tempo o clero inanifestavã-se favorável ao costume, que veio a ser imposto por um sínodo franco reunido enr Macon, em 585. Pepino considerou o dízimo como uma taxa legal. Carlos Magno vinculou a ele plena sanção legal. Segundo essa disposição, os dízimos seriam cobrados não só pelos bispos, mas também pelos ministros encarregados de cada paróquia, c seriam usados cm benefício destes. Além disso, ao tempo dos primeiros carolíngios, graças a constantes doações de terras, as propriedades da Igreja haviam crescido ao ponto de ocuparem um terço da área da França. Fssas grandes propriedades constituíam uma constante tentação diante das necessidades financeiras de um homem como Carlos Martelo, o qual de muitas se apropriou. Durante o governo de Carlos Magno, porém, foram respeitadas, embora não se tivessem devolvido os bens anteriormente confiscados.

Durante o reinado de Carlos Magno a pregação foi estimulada e escreveram-se livros de sermões. A confissão era tida ern alta conta, embora não se lhe atribuísse ainda obrigatoriedade. Esperava-se

que todo cristão soubesse recitar a Oração Dominical e o Credo dos Apóstolos

Carlos Magno renovou e expandiu o sistema metropolitano, (pie havia caído em desuso. No começo do seu, reinado havia um único rnetropolita em todo o reino franco.. No fim, o número havia atingido a vinte e dois.. Os metropolitas passaram a ser chamados em geral de arcebispos, título que remontava ao tempo de Atanásio, embora desde há muito tivesse sido empregado sem muita precisão. Segundo a teoria carolíngia, o arcebispo era o juiz e oficial de disciplina dos bispos de sua província, investido de poderes que a expansão da jurisdição papal em breve haveria de restringir.

Cabia-lhe também o dever de convocar freqüentes sínodos com o fito dc considerar os problemas religiosos da arquidiocese, ou província, como era geralmente chamada,

A fim de poder melhor ordenar a vida dos seus assistentes eleri cais imediatos, o Bispo Chrodegang de Met% instituiu, por volta de 760, uma espécie de vida comunitária semimonástiea, à qual Carlos Magno manifestou-se favorável, dispoudo-se a difundi-la O nome "córrego", atribuído ao clero vinculado a uma catedral ou igreja colegiada, provém da designação *vita cammica* atribuída a essa vida comunitária instituída pelo bispo de Metz. Sua sala de reuniões era chamada *capitulum* ou cabido, expressão que em breve passou a ser empregada com referêneía ao conjunto de cônegos„ Regulamentou-se, assim, em linhas gerais, a vida e o trabalho dos bispos e dos clérigos a ele imediatamente associados, Cabia ao próprio Carlos Magno designar as bispos para as sés do seu reino.

Excetuada a autoridade pessoal com respeito à nomeação de bispos, Carlos Magno nada mais estava fazendo senão levar avante as reformas iniciadas por Bonifácio, M/uito do que completou havia sido começado por seu pai, Pepino. Quando da morte de Carlos Magno, a Igreja franca, no que diz respeito à educação, à disciplina e à eficiência, estava em situação muito melhor do que a que se observara durante os últimos inerovíngios e os primeiros carolíngios.

DECADÊNCIA DO IMPÉRIO E PROSPERIDADE DO PAPADO

O grande poder exercido por Carlos Magno era de caráter pessoal, Tão logo morreu ele, iniciou-se a rápida derrocada do império. Seu filho e sucessor, Luís, o Pio (814-840), era de excelente caráter pessoal, mas totalmente inapto para. o desempenho da tarefa deixada por Cai-los Magno e, até mesmo, para exercer controle sobre seus próprios filhos, os quais conspiravam contra ele e lutavam uns contra os outros,. Depois da morte de Luís, o Pio, dividiram o império entre si, •firmando o tratado de Yerdun, em 843 A Lotário (843-855) coube a Itália fiança e uma faixa de território que incluía o vale do Ródano e a região imediatamente a oeste do Reno, além do título imperial, A Luís (843-875) foi dada a região a leste do Rerro, provindo desse fato o apelido a ele atribuído: "o Germânico" Carlos, o Calvo (843-877) ficou com a maior parte da moderna França e por fim, com a coroa imperial. Considera-se geralmente esse tratado de Verdun como o marco, a partir do qual França e Alemanha seguem destinos diferentes.

Esses governantes mostraram-se totalmente incapazes de manter a unidade e promover a defesa do reino, A França sofreu atrozmente com os ataques dos normandos escandinavos, que subiram pelos rios e queimaram as cidades, vindo por fim a estabelecer-se definitivamente na Normandia (911).. A Itália foi presa das incursões sarracenas, uma das quais chegou a saquear a própria igreja de São Pedro, em Roma (841) „ Algum tempo depois, no começo do século X, os ataques dos húngaros devastaram a Alemanha e a Itália. Em tais circunstâncias, em que se tornava impossível a unidade nacional e a defesa, o feudalismo desenvolveu-se com grande rapidez Suas raízes remontam aos dias do declínio do Império Romano, mas, com a morte de Carlos Magno, cresceu o seu ímpeto.. Baseava-se no princípio da posse dc terras em troca de serviço militar, e era praticamente a única maneira de preservar a defesa local durante o colapso da autoridade central e as invasões bárbaras. Entre o vassalo e seu

suserano estabelecia-se uma relação pessoal de caráter muito singular, baseada em sanções religiosas. Em sua forma ideal, o susera.no estava tão obrigado a prestar proteção ao seu vassalo, quanto este a dar-llie obediência» Diante da ausência de um governo central forte, o feudalismo naturalmente provou ser elemento de divisão, provocando constantes lutas pelo poder. As igrejas e os mosteiros em geral tornaram-se presa dos nobres locais ou então, muirindo-se de exércitos próprios, procuravam com dificuldade defender seus direitos corno partes do sistema feudal. Tanto as abadias e bispados como as Igrejas paroquiais locais caíram presa de controle secular, tornando-se comum então as investiduras leigas.

O impulso que Carlos Magno der-a à cultura não morreu de imediato. Na corte de Carlos, o Calvo, João Scotus (?-877V), [a] querrr muito mais tarde se deu o nome de Erígerra, ocupava a mesma posição de que desfrutara Alcuíno durante o reinado de Carlos Magrio. Foi o tradutor dos escritos do Pseudo-Dionísio (v. p 225), muito admirados na época Elaborou um pensamento filosófico próprio, de teor neoplatônico, diante do qual a ignorância da época se mostrava incapaz de pronunciar-se com respeito à sua ortodoxia. Na Alemanha, Rabano Mauro (776?-856), abade de Fulda e arcebispo de Mairrz, discípulo de Alcuíno, granjeou merecida reputação como professor, comentarista das Escrituras, promotor da educação do clero e autor do que bem pode ser considerado urna enciclopédia. Hincirrar (805?-882), arcebispo de Rcirrrs, na França, era não só prelado de grande personalidade e influência, mas também polemista teológico de inegáveis méritos.

A renovação do estudo de Agostinho, suscitada por esse reavivamento intelectual, levantou duas controvérsias doutrinárias A primeira dizia respeito à natureza da presença de Cristo na Eucaristia, For volta de 831, Pascásio Radberto, monge do mosteiro de Corbíe, perto de Amiens, homem notavelmente versado tanto na teologia grega quanto na latina, produziu o primeiro tratado exaustivo a respeito da Ceia do Senhor, chamado *De corpore et sanguine Domini* Nessa obra, repetindo Agostinho, ensinava que só os que participam em fé comem e bebem o corpo e o sangue de Cristo, e, seguindo os gregos, que a Eucaristia é o alimento da imortalidade, Dizia também que, por milagre divino, a substância dos elementos se transforma no próprio corpo e sangue de Cristo, Tratava-se, de fato, da teoria da transubstanciação, embora só mais tarde essa designação viesse a ser empregada, por volta do século XI, Contra

Radberto, Rabano Mauro escreveu uma réplica. Mas coube a outro monge de Corbie, Ratramno, replicar de modo mais minucioso, por volta de 844, Refutava a idéia de uma mudança realista nos elementos. No que diz respeito à substância, "eles são depois da consagração o que eram antes". Mas é "segundo o seu poder" que se tornam o corpo e sangue de Cristo. A dádiva do sacramento é recebida invisivelmente e por fé, Além disso, o que se recebe e está realmente presente nos elementos consagrados não é o corpo efetivo, nascido da Virgem, crucificado e ressurreto (como afirmava Pascásio Radberto), mas algo diferente, a saber, o "Espírito" de Cristo, o "poder do Verbo divino", um corpo "espiritual" misterioso apropriado ao sacramento.. A controvérsia não foi decidida na época O futuro, porém, mostraria que a Igreja de Roma estava do lado de Radberto.

A segunda controvérsia foi suscitada por C-ottschalk (808? 868?). Pelo fato de seus pais o haverem dedicado, tinha-se tornado monge de Fulda. Seus esforços no sentido de conseguir dispensa dos votos foram frustrados por Rabano Mauro. Dedicou-se então ao estudo de Agostinho Talvez motivado por sua angustiosa situação, deu ênfase à dupla predestinação, para a viria e para a morte. Atacado por Rabano Mauro e Ilincmar, contou com a colaboração de vigorosos defensores., Foi condenado corno Irerege num sírioclo reunido em Mainz, em 848, e passou os vinte anos subseqüentes em prisão monástica, perseguido por Hincmar e **recusando** retratar-se A controvérsia representava o recomeço da velha luta entre o agostinianismo radical e o agostinianismo modificado, que se tornara a teoria concretamente adotada, por grande parte da Igreja

No entanto, na medida em que se tornava mais evidente a derrocada do império de Carlos Magno, desvaneciam-se não só essas controvérsias, como também a vida intelectual da qual haviam brotado. Por volta de 900, um novo barbarismo extinguiu quase que por completo a luz que brilhara um século antes. Urna única exceção se pode apontar em meio a essa situação desoladora: na Inglaterra, Alfredo, o Grande (871-901?), que se distinguiu por haver-se vitoriosamente levantado contra os conquistadores dinamarqueses. Numa atitude semelhante à de Carlos Magno, reuniu ao seu redor um bom número de homens eruditos e fomentou a instrução do clero.

A derrocada do império de Carlos Magno fez com qire na França surgisse um partido eclesiástico que, desencantado diante da omissão do poder estatal, olhava para o papado como fonte de unidade e

esperança. O partido tinha também eomo suspeito qualquer controle da Igreja por parte dos soberanos ou da nobreza, representando o ciúme dos bispos comuns e do baixo clero eni relação aos grandes arcebispos — exemplificados eminentemente por Bincmar —• com suas afinnaç.Ões de autoridade, não raro arbitrárias. O objetivo do movimento não era exaltar o papado em si mesmo Essa exaltação era antes um meio de deter o controle secular e a autoridade dos arcebispos, e, ao mesmo tempo, manter a unidade eclesiástica.. Entre 847 e 852, proveniente desse círculo e, provavelmente., da própria região de Reirris, sede da autoridade de Hirrcmar, surgiu um dos documentos falsos mais importantes, as assim chamadas Decretais Pseudo-Isidorian as. Essas decretais pretendiam ter sido coligidas por um certo Isidoro Mereator — nome com que, indubitavelmente, se procurava envolver Isidoro de Sevilha (v p 252) e Mário Mereator, O documento consistia, de decisões de papas e concílios desde Clemente de Poma, no século I, até Gregório II, no século VIII, em parte genuínas, em parte for jadas.. Incluía também a "Doação de Constantino" (v p 267). Segundo ele, os primeiros papas reivindicavam para si jurisdição suprema. Todos os bispos podiam apelar- diretamente à autoridade papal. Limitavam-se os direitos de interferência dos arcebispos, e nem o papado trem os bispos estavam sujeitos a controle secular. O papado não teve nenhuma responsabilidade em relação à composição de tal documento, mas este viria a ser freqüentemente usado para a promoção das reivindicações papais. Numa éx>oea desprovida de senso crítico, passava facilmente por autêntico, tendo sido desmascarado somente após a Reforma haver fomentado os estudos históricos..

Com o declínio da autoridade imperial, cresceu rapidamente <i independência do papado. Os papas transformaram-se nos homens mais fortes da Itália, Leão IV (847-855), auxiliado pelas cidades do Sul da Itália, derrotou os sarracenos e cercou corrr urna muralha o bairro em que se situava a igreja de São Pedro, em Roma, formando a "Cidade Leonina". Em Nicolau I (858-867) a sé romana teve o seu ocupante mais hábil e autoritário desde os dias de Gregório Magno até os de Ilildebrando. Elaborou um conjunto de pretensões papais cuja extensão nunca chegou a ser superada. Vários séculos, porém, tiveram de passar até que o papado pudesse vê-las concretizadas. Nieolau tentou efetivar os ideais da *Cidade de Deus* de Agostinho, No seu entender, a Igreja sobrepunha-se a todo e qualquer poder terreno. O governante da Igreja inteira é o papa, e os bispos

são seus agentes., Km dois easos notáveis foi-lhe possível concretizar essas concepções. Em ambos teve ele também a vantagem de escolher o lado detentor do direito.. O primeiro deles foi o de Teutberga, esj>osa de Lotário li, de Lorena, o qual se divorciou a fim de casar-se com sua corieubina, Waldrada. Teutberga recorreu a Nicolau, que declarou nula a decisão favorável ao divórcio prolatada por um sínodo reunido em Metz, em 863, e excomungou, os arcebispos de Trier e Colônia, que apoiavam Lotário Dessa maneira, o papa defendeu uma mulher injustiçada e, ao mesmo tempo, humilhou dois dos mais poderosos prelados alemães e contrariou um governante germânico. No segundo caso, Nicolau acolheu o recurso interposto pelo Bispo Kothad de Soissons, que havia sido deposto pelo autoritário Arcebispo Hinemar de Reiras, forçando a sua restauração. Nesse episódio Nicolau surge como protetor dos bispos contra seus metropolitas, o defensor[1] do sen direito de recorrer ao papa, corno juiz de última instância Foi nessa querela que, pela pr imeira vez. se usaram as Decretais Pseudo-Isidorianas em Roma,

Num terceiro caso Nicolau não foi tão bem sucedido, embora o direito estivesse do seu lado O imperador em Constantinopla, Miguel TU, ᵘo Bêbado", era dominado pelo seu tio, Bardas, homem de péssima reputação. O Patriar ca Inácio recusou-se a ministrar o sacramento a Bardas, sendo então deposto. Para substituí-lo Bardas conseguiu que fosse nomeado um dos homens mais eruditos do mundo grego de então, Fócio (patriarca entre 858 e 867. e entre 878 e 886), ainda leigo na época... Vendo-se injustiçado, Inácio recorreu a Nicolau, oue mandou legados a Constantinopla. Estes unânimes apoiaram a Fócio. O papa repudiou sua deliberação e, em 863, declarou Fócio deposto. Fócio acusou então a Igreja ocidental de heresia por haver incluído a cláusula *füi-ogue* no Credo, permitir o jejum no sábado, usar leite, manteiga e queijo durante a Quaresma, exigir o eelibato dos sacerdotes e restringir aos bispos o direito de administrar a confirmação. Durante um sínodo por eles presidido em Constan tinopla, em 867, o papa foi condenado. Nicolau não conseguiu impor sua autoridade sobre a Igreja oriental. O episódio só serviu para aumentar a desconfiança entre o Oriente e o Ocidente, a qual levaria, por fim, em 1054, à completa separação entre as duas igrejas.

No período posterior à morte de Carlos Magno tiveram início importantes esforços missionários. Anscário (801?-865), monge de Corbie, penetrou na Dinamarca em 826, mas foi expulso no ano seguinte,. Em 829 e 830 trabalhou na Suécia. Em 831 foi nomeado

arcebispo da recém-formada sé de Hamburgo, eorn futura jurisdição missionária sobre a ^)inainarca, Noruega e Suécia. A destruição dc Hamburgo pelos dinamarqueses, em 845, fez com que Anseário se transferisse a Bremeu, eelesiasticamente vinculada àquela cidade. Os esforços de Anseário não contavam com o apoio da força militar franca, e poucos foram os frutos dos seus pacientes esforços. Só no futuro se daria a plena cristianização da Escandinávia..

As missões no Oriente tiveram maior sucesso. Os búlgaros, povo criginariamente turânio, provindo da Rússia oriental, haviam conquistado, durante o século VII, largo território rra r egião dos Bálcãs, adotando os costumes e a língua dos seus súditos eslavos. Durante o governo do Rei Eóris (852-884), o cristianismo foi introduzido na região, sendo o rei batizado em 864. Irrdeciso, por algum tempo, entre Constantinopla e Roma, Róris firralmente resolveu ligar-se espiritualmente à primeira, já que o patriarca de Constantinopla se dispunha a reconhecer oficialmente urna igreja búlgara administrativamente autônoma. Essa adesão teve vastíssimas conseqüências para o futuro crescimento da Igreja grega na Europa oriental. Os mais célebres missionários entre os povos eslavos foram, porém, os irmãos Cirilo (V-869) e Metódio (?-885). Naturais dc Tessalônica, haviam galgado posições de importância no império do Oriente. A pedido de Ratislau, Duque da Morávia, o imperador oriental, Miguel III, enviou-lhe os irmãos, em 864. Preparando-se para o desempenho da missão, Cirilo inventou uma escrita eslava que se tornou a base do alfabeto russo e começou a traduzir os Evangelhos. Os dois irmãos tiveram grande êxito no trabalho desenvolvido na Morávia e introduziram uma versão eslava da liturgia. Por vários anos travou-se uma luta entre o papado e Constantinopla pela posse do território recém-conquistado, cabendo a Roma a vitória final, O uso da liturgia eslava foi permitido pelo Papa João VIII (872-882), que, entretanto, logo depois revogou a permissão. Da Morávia o cristianismo, em sua forma romana, passou à Boêmia, por volta do fim do século IX.

DECLÍNIO E RENOVAÇÃO DO PAPADO

Pode parecer estranho o fato de o papado, que desfrutara de tanto poder durante o pontificado de Nicolau 1, tivesse chegado ao máximo da degradação decorridos vinte e cinco anos após a morte deste prelado. A razão encontra-se na crescente anarquia de que foi presa essa época. Até certo ponto a derrocada do império contribuiu para o desenvolvimento da autoridade papal. Passado isso, o papado tornou-se passatempo dos nobres italianos e, por fim, da facção que por acaso detivesse o controle de Roma, já que o papa era escolhido pelo clero e o povo da cidade. O papado não podia mais conlar com a ajuda de um poder político forte, como acontecera com Zacarias, auxiliado por Pepino no combate aos lombardos.

No fim do século IX, o papado envolveu-se nas lutas pela posse da Itália, Estevão V (885-891) foi subjugado j>or Güido, Duque de Spoleto, e obrigado a conceder-lhe o título imperial, já agora vacante. Formoso (891-896), igualmente dependente, coroou o filho de Güido, Lamberto,-como imperador, em 892. Procurando ver se livre de tal situação, Formoso pediu a ajuda de Arnulfo, a quem os alemães tinham feito rei em 887. Em 895 Arnulfo conquistou Roma, e foi coroado imperador por Formoso no ano seguinte. Poucos meses depois*, Lamberto novamente se assenhoreou de Roma. Estêvão VI (896-897), seu partidário, ordenou que os restos mortais de Formoso fossem exumados, condenados em um sínodo e tratados de forma infamante. Como resultado de uma revolta, porém, Estêvão VI foi encarcerado c estrangulado na prisão.

Os papas então passaram a ser substituídos em rápida sucessão, na medida em que as diversas facções assumiam o controle de Roma. Entre a morte de Estêvão VI (897) e a entronização de João XII (955) nada menos de dezessete prelados ocuparam o sólio papal As influências dominantes no começo do século X eram as do nobre romano Teofilaeto e de suas famosas filhas Marózia e Teodora. Eram quem erigia os papas. De 932 até sua morte em 951 Alberico, filho

de Marózia, controlou a cidade. Iloinem de rigor, habilidade e caráter, Alberico muito fez por instituir reformas eclesiásticas em Roma, sem, no entanto, deixar de fazer com que partidários seus fossem nomeados papas. Quando de sua morte, o governo temporal de Roma passou às mãos de seu filho Olaviano, que herdara poucas das virtudes de seu pai. Embora desprovido de requisitos morais para o exercício do cargo, Otaviano fez-se eleger a si mesmo como papa, em 955, adotando o nome de João XII (955-964), Foi um dos primeiros papas a adotar nome diferente ao sei' eleito. A situação romana inteira foi alterada e inaugurado um novo capítulo na história do papado, quando procurou o auxílio do nobre soberano alemão Oto I contra a ameaça do poderio de Bcrengário II, que já controlava grande parte da Itália.

A linha sucessória de Carlos Magno chegara ao fim ira Alemanha, em 911, com a morte de Luís, o Menino A desintegração do império earolrngio e o crescimento do feudalismo ameaçavam de fracionar a Alemanha segundo suas divisões tribais: Baviera, Suábia, Saxônia, Erancônia e Loreira. Os homens mais poderosos eram os duques tribais A necessidade de prover a defesa contra os nórdieos e húngaros forçou-os a adotar certo grau de unidade, tendência que foi fomentada pelo ciúme dos bispos em relação ao crescente poderio da nobreza secular.. Em conseqüência, em 911 os nobres e o alto clero alemães elegeram Conrado, Duque da Eraneônia, como rei (911-918). Diante do fracasso do seu governo em 919, Henrique, o Passarirrherro, Duque da Saxônia, foi eleito sucessor (919-936). Este dispunha de capacidade bastante para enfrentar a situação. Embora desfrutasse de pouco poder, exceto na Saxônia, logrou estabelecer um regime de paz com os demais duques, fortaleceu seus próprios territórios, expulsou os dinamarqueses, subjugou os eslavos a leste do Riba e, por fim, em 933, derrotou os invasores húngaros Afastaram-se assim os mais sérios perigos que ameaçavam a Alemanha e lançavam-se os fundamentos de uma monarquia forte, quando foi sucedido no trono por seu filho Oto I (936-973), ainda mais capaz do que ele.

A primeira tarefa de que se ocupou Oto foi a consolidação do seu reino. Transformou em vassalos os duques anteriormente semi-independentes, Para isso lançou mão, acima de tudo, do auxílio dos bispos e grandes abades, que controlavam enormes áreas territoriais da Alemanha. Por conseguinte, nomeando para os cargos episcopais e abaciais homens que lhe eram fiéis, Oto conseguiria fazer

face a quaisquer alianças hostis da parte da nobreza leiga, já que às suas forças se juntavam as dos prelados por ele nomeados.. Os bispos e abades assim escolhidos se tornaram, sob o go verno de O to — como haveriam de permanecer até às guerras napoleônicas -- governantes leigos tanto quanto prelados espirituais, A isso se deve a singular constituição da Alemanha, segundo a qual o poder imperial baseava-se no controle das nomeações eclesiásticas, circunstância essa que levaria à luta com o papado a respeito das investiduras, no século seguinte. Â medida em que ampliava o seu poderio, Oto fundava novos bispados nas fronteiras do seu reino, com objetivos em parte missionários e em parte políticos.. Corno exemplos citemos os de Brandenburgo e Havelberg, entre os eslavos, e os de Sehleswig, llipen e Aarhus, entre os dinamarqueses. Fundou também o arcebispado de Magdeburgo.

Se Oto tivesse restringido sua obra à Alemanha muito teriam lucrado este país e o estabelecimento permanente de urna monarquia central forte. A Itália, porém, exerceu atração sobre ele. Lá estabeleceu relações que tiveram a máxima importância histórica, estando fadadas, porém, a minar o poderio da Alemanha durante muitos séculos. Uma primeira incursão, feita em 951, torirou-o serrhor da região norte da Itália. A campanha italiana foi interrompida por uma rebelião na sede do reinado (953), e por uma grande campanha contra os húngaros (955)., Mas em 961, novamente invadiu a Itália, incitado pelo Papa João XII, que a essa altura estava sendo fortemente pressionado por Berengário II (v. p 281) , A 2 de fevereiro de 962, Oto foi coroado imperador em Roma, por João XII. Esse acontecimento, embora teoricamente desse continuidade à sucessão de imperadores romanos desde Augusto até Carlos Magno, marcou a inauguração do Sacro Império Romano, que se manteria, ao menos nominalmente, até 1806, Teoricamente, o imperador era o chefe da cristandade secular, assrm. constituído com a aprovação da Igreja, expressa mediante a coroação por mão do papa. Na prática, ele era um governante alemão com maior ou menor poderio, com possessões na Itália, em relações que variavam com os papas.

Em breve João XII se insurgiu contra o domínio praticamente exercido por Oto e começou a conspirar contra ele. Para Oto, homem de fortes sentimentos religiosos, um papa desse tipo constituía-se numa ofensa. Não há dúvida de que o imperador era também movido por um desejo de fortalecer o controle que exercia sobre os bispos alemães. Procurou então conseguir que fosse eleito chefe da Igreja

um Iiomera mais digno e cordato» Em 963, obrigou o povo romano a jurar que não seria escolhido nenhum papa que não contasse com < apoio imperial, fez com que João XII fosse deposto e eleito Leão VIII (963-965)» O novo papa contava exclusivamente com o apoio do imperador» Partindo Oto, João XII reassumiu o papado. Quando da morte de João, as facções romanas escolheram Bento V como substituto.. Mais uma vez Oto voltou a Roma, forçou o exílio de Bento, restaurou Leão VIII e, após a morte deste, pouco tempo depois, fez com que João XIII (965-972) fosse eleito.. É evidente que Oto livrou, por algum tempo, o papado do poder dos nobres romanos, mas tornou-se subserviente ao imperador.

Seu filho e sucessor, Oto 11 (973-983) seguiu, em linhas gerais, a mesma política do pai, tanto em questões internas como nas relações com o papado, embora com menos violência. Oto III (983-1002), seu filho foi mais longe. Durante o período de sua minoridade. o papado novamente caíra sob o domínio dos nobres romanos Mas em 996, Oto III entrou em Roma, derrotou os nobres e fez com que seu immo Bruno fosse eleito papa, sob o nome de Gregório V (996-999) - - o xnimeiro alemão guindado ao sólio papal. Morto Gregório, Oto colocou no trono papal seu tutor, Gerbert, arcebispo de Rhcims, com o nome de Silvestre II (999-1003). Foi o primeiro papa francês e o homem mais erudito de sua época.

A morte de Oto III pôs fim à linha de descendentes diretos de Oto I, O trono foi empalmado por Henrique II (1002-1024), Duque da Baviera e bisneto de Henrique, o Passarinheiro. Tomado de sincero desejo de melhorar o estado da Igreja, viu-se, contudo, forçado a exercer estrito controle das nomeações eclesiásticas, por causa das dificuldades que encontrou em atingir e manter sua posição. Os problemas da Alemanha de tal modo o ocupavam, porém, que se tornava difícil para ele interferir de modo efetivo em Roma. Os condes de Tusculum conseguiram assumir o controle do papado e fizeram com que fosse eleito Bento VIU (.1012-1024), com o qual Henrique manteve boas relações, tendo sido por ele coroado. Num sínodo reunido em Pávia, em 1022, ao qual estavam presentes tanto o papa corno o imperador, Henrique conseguiu persuadir Bento VIII. homem pouco devoto, a renovar a proibição do matrimônio elerical e a favorecer outras medidas consideradas, na época, de caráter reformador.

Com a morte de Henrique II, mais uma vez extinguia-se a linha de descendência direta. Subiu ao trono um conde franeônio, Con-

rado II (1024-1039), um dos mais capazes de todos os governantes alemães, sob cujo reinado o império adquiriu grande poder. Sua mentalidade, porém, era política, e as nomeações eclesiásticas por ele feitas eram condicionadas por fatores dessa ordem. Não interferiu com Roma, onde o partido tusculano conseguiu qne o ofício papal fosse entregue ao irmão de Bento VIII, João XIX (1024-1032) e, depois da morte deste, ao seu sobrinho, Bento IX (1033-1048). Ambos eram homens indignos do cargo. Este último foi um dos piores ocupantes do trono papal. Surgiu *cm* Rorna uma situação intolerável, (pie foi resolvida (v p 287) pelo filho de Conrado, Henrique III, imperador de 1039 a 1056, homem capaz e muito mais religioso do que seus predecessores,

Carlos Magno prezava o monaquismo mais pela sua obra educacional e cultural, do que pelos seus ideais ascéticos. Durante o reinado de Carlos, porém, esses ideais atraíram um soldado e nobre da França meridional, Witiza ou, como logo após veio a ser conhecido, Bento (750?-821), dito de Aniarre, por causa do mosteiro por ele fundado em 779. O objetivo que Bento tinha em mente era promover a plena observância ascética da *Regra* de Bento de Núrsia (v. p 184) por toda parte. Pouco o interessava o aspecto educacional ou industrial do monaquismo. Desejava, antes, levar o monasticismo a 'mais intensa atividade na adoração, contemplação e autonegação. Durante o governo de Luís, o Pio, Bento tornou-se o principal conselheiro monástico do imperador. Por mandato imperial, em 816 e 817, a interpretação dada por .Bento de Aniarre à Regia de São Bento tornou-se obrigatória para todos os mosteiros do império. Não resta a menor sombra de dúvida de que disso resultou considerável melhora nas condições dos mosteiros. A maioria desses benefícios, contudo, perdeu-se quando do colapso do império, colapso esse de que participou o monasticisirio.

A própria miséria predominante na época tinha couro efeito o desviar do mundo o pensamento dos homens e realçar o ideal monástico . Por volta dos primeiros anos do século X, iniciava-se um verdadeiro reavivamento ascético da religião.. Durante mais de dois séculos esse reavivamento haveria de crescer em força. Seu primeiro exemplo eminente foi a fundação, em 910, do mosteiro de Cluny, perto de Macon, na França oriental, feita pelo Duque Guilherme, o Pio, de Aquitânia.[1] Cluny viria a tornar-se livre de toda jurisdição episcopal ou mundana, com governo autônomo, mas sob a proteção do papa. Suas terras estavam isentas de todos os perigos de invasão e secularização - Adotara a regra de Bento, interpretada com grande severidade ascética, Cluny foi governado por uma série de abades

1 Henderson, *Select líistorical Documents,* pp 329, 333.

de notável caráter e capacidade. Sob a direção dos dois primeiros dessa série, Berno (910-927) e Odo (927-942), granjeou muitos imitadores, graças à eficiente atividade desses dois abades. A própria easa-mãe dos beneditinos •— Monte Cassino, na Itália — foi reformada consoante as diretivas de Cluny . Sob a proteção de Alberico, fundou-se o mosteiro de Santa Maria, na colina Aventina, como representante das idéias de Cluny em Roma. A época da morte de Odo, o movimento clunyense se havia espalhado largamente na França e na Itália.

O objetivo original de Cluny não incluía a idéia de tornar outros mosteiros dependentes dele, nem elaborar planos políticos eclesiásticos de longo percurso. Seu propósito era produzir urna reforma monástica mediante o exemplo e a influência. No entanto, mesmo antes da morte do primeiro dos abades, cinco ou seis mosteiros já estavam sob o controle do abade de Cluny.. Durante o governo do quinto abade, Odilo (994 1048), porém, Cluny tornou se a cabeça de uma "congregação", pois tornara dependentes da easa-mãe todos os mosteiros fundados ou reformados pelos clunyenses. Seus superiores eram nomeados pelo próprio abade de Cluny e a ele respondiam. Tratava-se de uma inovação no monaquismo, que fazia de Cluny praticamente uma ordem, com um único superior, com toda a força e influência implícitas em tal tipo de constituição. Adquiria assim poderio comparável ao que mais tarde vieram a ter os dominicanos e jesuítas. Com esse crescimento veio a ampliação dos objetivos de reforma, característicos do movimento de Cluny. Ilustração desse fato foi a "Trégua de Deus", Embora não originária de Cluny, foi adotada e grandemente fomentada pelo abade Odilo a partir de 1040. Tinha por finalidade limitar as pequenas guerras constantemente travadas entre os nobres, instituindo uma época de trégua, em memória da paixão de Cristo, que ia da noite de quarta-feira à manhã de segunda-feira. Durante esse interregno os atos de violência seriam castigados com severas punições eclesiásticas, O intuito era excelente, mas os resultados foram parciais.

A medida em que o movimento de Cluny cr esceu, passou a contar com o apoio do clero, tornando-se um esforço, não mais no sentido da reforma do monaquismo, como de início, mas no sentido de uma ampla melhoria da vida elerical Por volta da primeira metade do século XI, o partido clunyense, como um todo, opôs-se à "simonia"[2] e ao "nicolaísmo".[3] Com o primeiro termo designava-se a concessão

2 At 8 18-24.
3 Apocalipse 2 6, 14, 15.

ou aceitação de cargo clerical mediante pagamento em dinheiro, ou alguma outra **compensação** menos digna.. Com **o** segundo, qualquer quebra do eelibato clerical, seja por casamento, seja por concubinato.. Esses reformadores desejavam um clero digno, designado por motivos espirituais, segundo a época entendia o conceito de dignidade. Muitos do partido clurryense, e mesmo alguns abades de Cluny, ao que **parece,** não tinham quaisquer reservas com respeito a nomeações eclesiásticas feitas pela coroa, desde que por motivos espirituais. Por volta da metade do século XI, porém, uma grande facção dentro do partido considerava simonia qualquer investidura feita por leigos, aditando aos seus ideais de reforma a idéia de um papado forte bastante para subtrair aos reis e príncipes o que, no seu entender, por eles havia sido usurpado, a saber, o poder de nomeações eclesiásticas.. Foi essa facção que mais tarde apoiou Hildebrando na sua grande disputa.

Â reforma ascética caracterizou os séculos X e XI, não se restringindo ao movimento de Cluny.. Na Lorena e Flandres, Gerhaid, abade de Brogne (? -959), iniciou um reavivamento monástico de grandes proporções. Na Itália, Rornualdo de Ravena Ç150 ? -1027) organizou colônias de ei emitas, chamadas "desertos", nos quais se praticava a forma mais extr emada de ascetismo, e de onde partiram muitos missionários e pregadores. O "deserto" mais famoso é o de Camaldoli, perto de Arezzo, que deu o seu nome ao movimento e ainda hoje existe. Mais famoso ainda foi Pedro Damião (1007? -1072), também originário de Ravena, fogoso defensor da reforma monástíca e opositor da simonia e do matrimônio clerical. Por- algum tempo foi cardeal bispo de Óstía, e figura eclesiástica importante na Itália na propagação das idéias de Hildebrando, antes nresrrro do pontificado deste.

É evidente que, antes da metade do século XI, fazia-se sentir um forte movimento em prol de reforma eclesiástica. Henrique II. com ele simpatizara, em grande medida (v. p 283). Henrique III (1039-1056) sofreu ainda mais a sua influência. O abade Hugo de Cluny (1049-1109) era íntimo amigo desse imperador e a imperatriz, Agrres, da Aquitânia, tinha sido educada em grande simpatia com o partido clunyense, do qual o seu pai havia sido fiel seguidor-. Henrique III tinha temperamento muito religioso e, embora não hesitasse, por motivos políticos, em controlar as nomeações eclesiásticas de modo tão completo quanto seu pai, Cornado 11, recusava-se a aceitar dinheiro ao exercer essa prerrogativa, denunciava a simonia e nomeou bispos de grande caráter e de zelo reformador..

A situação emr Roma exigiu a interferência de Henrique III,

pois se transformara num escândalo intolerável. Bento IX, elevado ao sólio papal por obra do partido tusculano, se mostrara tão indigno do cargo, que seus rivais, os nobres da facção dos Crescênzío, conseguiram expulsá-lo de Roma, em 1044, c substituí-lo por Silvestre III, representante desta última facção. Bento, porém, logo conseguiu reaver a posse parcial da cidade. Logo após, temporariamente, cansado do exercício do alto cargo que tivera e, provavelmente planejando casar-se, vendeu, cm 1015, a parte da cidade sob sua possessão pela quantia de uma ou duas mil libras de prata (há várias versões com respeito ao preço)» O comprador, foi um areipreste romano de boa reputação, em virtude de sua piedade, João Graciano, que tomou o nome de Gregório VI , Ao que parece, poucos ficaram sabendo da transação. Gregório a princípio foi bem recebido por reformadores como Pedro Damião. lírn breve, porém, o escândalo se tornou do conhecimento público. Bento IX recusou-se a deixar o papado» Havia então três papas em Roma, cada um de posse de uma das igrejas principais, todos a denunciar-se mutuamente. Henrique III resolveu então interferir. Num sínodo por ele convocado, em Sutri, em dezembro de 1046, Silvestre III foi deposto e Gregório VI obrigado a renunciar e desterrado para a Alemanha. Poucos dias depois, um sínodo reunido em Roma, sob supervisão imperial, depôs Bento IX. Henrique III imediatamente indicou para o posto um alemão, Suidger, bispo de Banberg, que foi eleito pelo clero e povo assustadíssimos da cidade, tomando o nome de Clemente II (1046-1047). Henrique III atingira o ponto máximo do controle do papado» Tão grato pareceu o resgate do papado das malhas da anterior degradação, que o partido reformista a princípio não criticou seriamente o domínio imperial» Não poderia, contudo, por muito tempo deixar de levantar o problema da independência da Igreja» O próprio radicalismo da intervenção de Henrique em breve suscitou oposição

Henrique III teve várias ocasiões de demonstrar o controle em que mantinha o papado. Clemente II morreu logo em seguida e Henrique fez com que outro dos bispos do seu império fosse elevado ao trono papal, como Dâmaso II, cujo papado durou uns poucos meses. Henrique então nomeou seu primo, Bruno, bispo de Toul, reformador radical, que nutria grande simpatia por Cluny. Bruno viajou para Roma corno peregrino e, após a eleição canôniea pelo clero c povo da cidade (eleição essa meramente formal, já que o ato do imperador era taxatixo), tomou o título de Leão IX (1049-1054).

O PARTIDO REFORMADOR APOSSA-SE DO PAPADO

Leão IX dedicou-se com vigor à tarefa reformadora . A medida mais eficaz por- ele tomada foi uma grande alteração introduzida na composição do cor po de conselheiros imediatos do papa, os cardeais. O termo "cardeal" havia sido originalmente empregado para designar o clérigo permanentemente vinculado a um posto eclesiástico. Ao tempo de Gregório I (590-6CM), porém, o seu uso em Roma estava-se tornando técnico A partir de certa época, que não sabemos precisar, anterior à conversão de Constanüno, em. cada distrito de Roma uma igreja específica era consider ada ou designada como a principal, provavelmente sendo, no início, o lugar exclusivo dos batismos. Tais igrejas eram conhecidas corno igrejas "titulares", e seus presbíteros, ou presbíteros-chefes, eram os "cardeais", ou sacerdotes principais de Roma De modo semelhante, os chefes dos distritos de caridade, em que estava dividida a Roma do século III, eram conhecidos como diáconos "cardeais" ou principais.. Em época posterior, certamente antes do século VIII, os bispos imediatamente circunvizinhos de Roma, os bispos suburbanos, eram chamados u bispos cardeais" Essa divisão do colégio de cardeais em "cardeais bispos", "cardeais presbíteros" e "cardeais diáconos" perdura até hoje. Muito antes de o termo "cardeal" lhes ser aplicado com exclusividade, esses clérigos, como principais da cidade de Roma e de sua vizinhança, haviam-se tornado os principais a.uxiliares e conselheiros do papa.

Ao assumir o papado, Leão IX encontrou o cardinalato ocupado por romanos, homens que não simpatizavam com o movimento r eformador, na medida em que representavam as facções nobres que por muito tempo haviam controlado o papado, antes da intervenção de Henr ique III.. Para esses altos cargos Leão IX nomeou vários clérigos zelosamente favoráveis às reformas, e provenientes de outras áreas da eristaridade ocidental Conseguiu assim, em grande parte, mudar a tendência do cardinalato, cercou-se de auxiliares dignos de confiança e tornou o colégio de cardeais desde então representativo, em

grande medida, da igreja Oeidental como um todo, e não simplesmente da comunidade romana local. Foi um passo de conseqüências muito vastas» Três dentre essas nomeações foram de especial importância.. Humberto, monge da Lorena, foi feito eardeal-bispo, ocupando, até sua morte em 1061, o papel de líder da oposição à investidura laica e representando uma força na política papal. Hugo, o Branco, monge da região de Toul, que viveu até depois de 1098, toruou-se cardeal presbitero, Por muito tempo foi um propugnador da reforma e, nos últimos vinte anos de sua vida, um dos mais ferrenhos opositores de Hildebrando e seus sucessores . Mencionemos, por fim, o próprio Hildebrando, que viera com Leão IX da Alemanha, foi ordenado subdiácono e encarregado de grande parte da administração financeira da sé romana. Leão IX nomeou homens de força e idéias reformistas para outros postos importantes, embora menos proeminentes, em Roma e suas imediações,

Hildebrando, agora elevado ao cardinalato, é a personalidade mais notável da história do papado medieval . Homem de pequena estatura e aparência pouco impressionante, seu poder intelectual, sua firmeza de vontade e a amplidão dos seus propósitos tornaram-no o personagem mais importante de sua época. Nascido em casa humilde da Toscaria, por volta do ano 1020. foi educado no mosteiro cluniense de Santa Maria, na colina Aventina de Roma, inspirando-se desde cedo nos ideais reformistas mais radicais. Acompanhou Gregório VI à Alemanha durante o desterro deste desafortunado papa (v. p 288), retornando a Roma com Leão IX. É provável que já fosse monge a essa época. Não se pode, porém, afirmar ao certo que visitou o próprio mosteiro de Cluny. Sabe-se, contudo, que era ainda jovem, razão por que é erro atribuir-lhe papel de influência preponderante durante o pontificado do vigoroso Leão IX. Antes, Leão tornou-se o seu mestre.

Leão IX dedicou-se com vigor à obra de reforma. Tinha relações cordiais corri os seus principais líderes, Hugo, abade de Cluny; Pedro Damião e Frederico da Lorena.. Empreendeu longas viagens à Alemanha e França, reunindo sínodos e fortalecendo a autoridade papal. No seu primeiro sínodo de Páscoa, em Roma, cm 1049, condenou a simonia e o casarhento clerical em termos os mais vigorosos. No mesmo ano, um sínodo por ele presidido em Rheims afirmou o princípio da eleição canônica: "Ninguém será elevado a postos de governo eclesiástico sem a escolha do clero e do povo". Por meio dessas viagens e assembléias aumentou grandemente a influência do papado.

Menos felizes foram suas relações com a Itália meridional e com

Constantinopla. As crescentes pretensões dos normandos, que desde 101.6 pouco a pouco conseguiam conquistar a parte inferior da península, encontraram a oposição de Leão IX, que reivindicava para o papado a posse da região. A interferência papal nas igrejas, especialmente da Sicília, que ainda se mantinham fiéis a Constantinopla, irritou o autoritário patriarca daquela cidade, Miguel Cerulário (1043-1058), o qual, juntamente com Leão, metropolita da Bulgária, fechou as igrejas de rito latino existentes em sua jurisdição, Numa carta escrita por este último, Miguel atacou a Igreja Latina, renovando as antigas acusações feitas por Pócio (v p 278) e aditando uma condenação do uso de pães asmos na Eucaristia, costume que se tornara comum no Ocidente no século IX, Leão IX replicou enviando o Cardeal Humberto e Frederico de Lorena, chanceler papal, a Constantinopla, em 1051, os quais depositaram sobre o altar-**mor** da igreja de Santa Sofia uma bula de excomunhão de Miguel Cerulário e seus seguidores.. Esse ato é em geral considerado o marco da separação formal entre as igrejas grega e latina. Em 1053 as forças de Leão foram derrotadas e o papa capturado pelos normandos» Pouco depois dessa catástrofe, Leão IX morreu, em 1054.

Para substituí-lo, Henrique III nomeou outro alemão, o Bispo Gerhard de Eichstãdt, que tomou o título de Vítor II (1055-1057).. Embora amigo do partido reformista, Yítor II era fiel admirador' do seu patrono, o imperador, e, quando da morte deste, em 1056, muito fez para assegurar a sucessão tranqüila dc Henrique IV, filho de Henrique III, então com seis anos de idade, sob a regência da rainha-mãe, Agues. Menos de um ano depois, Vítor morreu.

10

O PAPADO ROMPE COM O IMPÉRIO

Indubitavelmente o domínio de Henrique III desagradava aos reformadores mais radicais, os quais o haviam suportado era parte por não divisarem outra maneira de livrar o papado do controle dos nobres romanos, e em parte por- causa da sim palia que Henrique nutria para com muitas facetas do movimento reformador. O próprio Henrique se havia aferrado de tal modo ao eontrule da Igreja alemã e do própr io papado, que pareciam ter-lhe escapado da compreensão as conseqüências lógicas do movimento de reforma Agora, porém, ele desaparecera, substituído por uma débil regência. Aos reformadores pareceu essa a oportunidade exata para uma investida que tivesse como conseqüência a diminuição do controle imperial, ou quiçá, mesmo, a sua total extinção.

A questão das investiduras, a que conduziu essa reforma, cifrava-se exteriormente num conflito acerca do modo pelo qual o clero devia ser nomeado para os seus postos. Quem detinha o direito de eleger ? A quem cabia o privilégio de conceder os poderes eclesiásticos e seculares que, no sistema feudal, vinham apensos aos benefícios eclericais ? Com as invasões bárbaras e o crescente declínio da autor idade central, a Igreja mais e mais caíra presa do controle da nobreza local, que exercia os direitos religiosos, tanto quanto os seculares, à guisa de "paterfarnílias" alemão» O oratório particular, por exemplo, tornou-se a igreja da vila, e o direito de nomeação cabia ao patrono secular. Os bispados, de outra parte, tornaram-se eor vastos domínios e, à medida em que, na Alemanha e em outros lugares, cresceu a autoridade real, os bispos tornaram-se vassalos diretos do rei.

O conflito, (pie exteriormente girou em torno da questão das investiduras, tinha, implícito em si, uma luta fundamental entre duas concepções de autoridade» De um lado, a concepção sacerdotal da hierarquia sacramentai, que reclamava para si independência em relação a todo e qualquer controle secular. No contexto do sistema feudal, tornava-se impossível à Igreja a afirmação plena desse direito.

W"

Eis por que o movimento reformador do começo do século XI, restringiu-se ao ataque à investidura real com báculo e anel (símbolos da autoridade espiritual) e não contestou o direito secular de conceder autoridade temporal sobre propriedades. Por volta do fim do século, porém, deu-se um avanço revolucionário nas reivindicações da Igreja, chegando-se ao ponto de negar totalmente a subordinação feudal. Assim, Urbano II, por exemplo, no concilio de Clermont (1095), proibiu que os clérigos prestassem vassalageru a reis ou outros leigos. Como veremos, a Igreja nunca conseguiu fazer valer esse decreto, tendo de contentar-se com uma divisão prática dos poderes espir itual e temporal.

Em contraste com as idéias da Igreja colocavam-se as da hierarquia real. O rei afirmava exercer o seu poder por direito divino e ser muito mais do que um simples leigo. Como ungido de Deus, estava misticamente elevado acima do laicato e exercia um ofício sacerdotaf Na realidade, ele estava colocado no ápice da sociedade, simbolizando o Cristo Rei, e, por sua sagração, representava em si mesmo tanto a natureza divina corno a terrena de Cristo. Assim sendo, regia tarrto as coisas espirituais como as temporais, por intermédio dos clérigos e da nobreza a ele subordinados. No correr da controvérsia essa teoria da hierarquia real foi violentamente atacada pelos líderes reformistas. O rei — afirmavam eles — é um mero leigo e, por conseguinte, sujeito à Igreja. Por fim, o rei teve de curvar-se à autoridade espiritual, tanto quanto a Igreja diarrte da temporal, e dar de mão às reivindicações mais radicais implícitas nessa teoria real.

Após a morte de Vítor 11, os romanos, liderados pelo clero reformista, elegeram papá a Frederico da Ijorena, com o nome de Estêvão IX (1057-1058), sem consultar a regente alemã •— Agries. Reforma-
} dor radical, o novo papa era irmão do Duque Godofredo da Lorena, inimigo da casa imperial alemã, o qual, pelo seu casamento com a Condessa Beatriz da Toscaria, tornara-se o mais poderoso nobre da Itália setentrional. Durante o pontificado de Estêvão, o Cardeal Humberto divulgou o programa do partido reformista, nos seus *Três Livros contra os Simontacos*.. Declarava nula toda nomeação feita por leigos c, em especial, atacava a investidura laica, isto é, o ato de
i o imperador dar ao bispo eleito um anel e um báculo, como sinais dc sua instalação no ofício episcopal. A vitória desses princípios minaria os fundamentos do poder imperial na Alemanha. Sua afirmação rigorosa só poderia levar a uma luta de proporções gigantescas. Estêvão, no entanto, não ousou precipitar os acontecimentos, razão

por que enviou Hildebrando e o Bispo Anselmo de Luea à Imperatriz Agnes, a fim de conseguir dela a aprovação de seu pontificado. Nem bem havia sido conseguida essa aprovação, Estêvão morria em Florença.

A morte de Estêvão provocou urna crise. Os nobres romanos rcaFirmarain seu antigo controle sobre o papado e escolheram um de sua facção, Bento X, para a sé vacante, e isso no prazo de uma semana. Os cardeais reformistas viram-se forçados a fugir. Sua causa parecia perdida. A firmeza e a sagacidade política de Hildebrando foram os fatores que salvaram a situação. Conseguiu que Godofredo da Toscaria e urna parte do povo de Ruma aprovassem a candidatura de Gerhard, bispo de Florença, reformista e, como Godofredo, natural da Lorena. Um representante dessa minoria romana obteve o consentimento da regente, Agnes. Hildebrando reuniu então os cardeais reformistas em Siena, e Gerhard foi eleito papa, com o nome de Nieolau II (1058-1061). Em breve, o auxílio militar prestado por Godofredo da Toscana fez do novo papa o senhor de Roma„ Durante o pontificado de Nieolau II quem efetivamente exerceu o poder foi Hildebrando e, em menor grau, os cardeais Humberto e Pedro Dainião

O problema era liber tar o papado QO controle dos nobres romanos, sem faze-lo cair sob o domínio do imperador» Era necessário prover apoio físico para o papado. Podia-se contar como certa a ajuda da Toscana. Nesse sentido, Beatriz e sua filha, Matilda, mostrar-se-iam infatigáveis. Mas a Toscana não era suficiente. Sob a hábil liderança de Hildebrando, Nieolau II estabeleceu cordiais relações com os normandos, que tantos problemas haviam causado para Leão IX, reconheceu-lhes as conquistas e acolheu-os como vassalos do papado Com igual habilidade, estabeleceram-se vinculações íntimas, em grande parte devidas aos bons ofícios de Pedro Damião e do Bispo Anselmo de Luea, com o partido democrata da Lombardia, conhecido como "patários[77], que se opunha ao alto clero anti-reformista e imperialista da região» Fortalecido com essas recentes alianças, Nieolau II, no sínodo romano de 1059, proibiu expressamente a investidura laica em quaisquer circunstâncias.

O fato mais importante do pontificado de Nieolau II foi o decreto, promulgado por esse mesmo sínodo romano de .1.059, que regulamentava a escolha dos papas» Trata-se da constituição escrita mais antiga ainda em vigor, pois, apesar de consideráveis modificações, governa até hoje a eleição dos papas. Teoricamente, a escolha do papa, como a dos outros bispos, era feita pelo clero e povo da cidade

de sua sé. Eia o que se chamava de eleição canôrrica. Na prática, essa eleição era controlada pelo poder político dominante em Roma.. O propósito da nova constituição era afastar esse perigo. Na forma transformava ern lei as circunstâncias da eleição do próprio Nicolau[1] Sen principal autor parece ter sido o Cardeal Humberto. Decretava que, quando da morte de um papa, os cardeais bispos primeiro fizessem consultas entre si, com respeito ao sucessor e, depois, se aconselhassem com os demais cardeais.. Só depois de feita a escolha por' eles, é que deveriam colher os votos dos demais clérigos e do povo. Ern linguagem propositadamente vaga, o documento resguarda "a honra e reverência devidas ao nosso querido filho Henrique" (isto é, o jovem Henrique IV), mas nem sequer chega a esboçar uma definição da participação do imperador na escolha, O objetivo evidente era entregar a escolha aos cardeais, especialmente os car deais-bispos. Além disso, dispunha-se que o papa poderia provir de qualquer lugar na Igreja, qne a eleição poderia dar-se em outro sítio que não Roma, em caso de necessidade, e que o papa escolhido entrasse na posse dos poderes do seu cargo imediatamente após a eleição, independente de onde estivesse ele no momento. Tratava-se, de fato, de uma revolução no método de eleição papal, que daria ao cargo uma independência sem precedentes ern relação ao controle político.

Tão logo estabelecidas essas novas diretivas políticas e constitucionais, foram elas postas em perigo pela morte de Nicolau II, em 1061, ano em que também morreu o Cardeal Humberto. Mais do que nunca, Hildebrando se tornou a principal força do partido reformista. Antes de decorridos três meses após a morte de Nicolau, Hildebrando conseguiu que seu amigo Anselmo, bispo de Imca, fosse eleito, com o título de Alexandre II (1061-1073). Os bispos alemães, porém, opunham-se à nova forma de eleição papal. Os prelados da Lombardia irritaram-se com o apoio papal aos "patários". Os nobres romanos ressentiram-se da perda de controle sobre o papado. Essas forças adversas uniram-se então e, numa assembléia alemã reunida em Basiléia, ern 1061, obtiveram da imperatriz regente a nomeação de Oadalo, bispo de Parrna, como papa, sob o nome de Honório II. Seguiu-se a luta, da qual Honório quase se sagrou vencedor. Mas uma revolução na Alemanha, em 1062, entregou o poder e a tutela do jovem Henrique IV ao ambicioso Ano, arcebispo de Colônia Arro, desejoso de consagrar-se aos olhos do partido reformista, usou de sua influência em favor de Alexandre, que foi declarado papa legítimo

1 Texto ern Henderson, *Seiect I-Hstorical Documents,* pp 361, 365 A assim chamada "Versão Papal" é muito provavelmente a original.

num sínodo composto de prelados alemães e italianos, reunido era Mântua, em 1064. A audaciosa política de Hildebrando triunfava, assim, sobre uma Alemanha dividida..

Guiado por Hildebrando, Alexandre II estendeu mareadamente a autoridade papal. Ano, de Colônia, e Siegfried, de Mainz, dois dos mais poderosos prelados da Alemanha, foram compelidos a penitenciar-se por sirnonia. Alexandre impediu que Henrique IV se divorciasse da Rainha Berta, Deu sua aprovação à expedição de Guilherme, o Conquistador, de que resultou a conquista da Inglaterra pelos normandos, em 1066. Não parou nisso: ainda mais favoreceu os planos de Guilherme, colocando bispos normandos nas principais sés inglesas. Sancionou os esforços dos normandos na Itália meridional, de que viria a resultar a conquista da Sicrlia, Nesse ínterim, Henrique IV, em 1065, atingira a maioridade. Longe de ser um rei fraco, logo se mostrou um dos mais atilados monarcas alemães, Era inevitável o choque entre a política papal com respeito às nomeações eclesiásticas e o histórico controle detido pelos soberanos alemães, sobre o qual repousava grande parte do seu poder imperial. O episódio que precipitou os acontecimentos foi a querela acerca do arcebispado de Milão, cargo de magna importância para o controle da Itália setentrional.. Henrique nomeara Godofredo de Castigliorre, a quem Alexandre acusara de simonia. Os "patários" de Milão elegeram um certo Ato, considerado o legítimo arcebispo por Alexandre. Não obstante isso, Henrique fez com que, em 1073, Godofredo fosse sagrado para aquele posto. Desencadeava-se assim a luta que, na realidade, girava em torno da disputa entre o poder do governo imperial e as reivindicações do partido reformista papal radical. Alexandre considerava Henrique um jovem bem intencionado, mas cercado de maus conselheiros , Daí o ter excomungado, não o próprio Henrique, mas os seus conselheiros imediatos, argüindo-os de simoníacos. Poucos dias após essa decisão, Alexandre II morria, legando ao seu sucessor **o** problema.

HILDEBRANDO E HENRIQUE IV

Curiosamente, a eleição de Hildebrando foi feita sem que se observasse a nova constituição promulgada no pontificado de Nicolau II. Durante o funeral de Alexandre II, na igreja de São João de Latrão, a multidão aclamou .Hildebrando como papa e carregou-o, em meio a um quase tumulto, para a igreja de São Pedro ad Vincula, onde foi entronizado. Tomou o nome de Gregório VII (1073-1085). Com esse fato, subia ao sólio papal a mais extremada interpretação dos princípios da *Cidade de Deus*, de Agostinho, Para Hildebrando, o papado significava soberania universal, divinamente instituída, à qual todos deviam obediência, e todos os soberanos terrenos deviam responder, não só no que dizia respeito ao seu bem-estar espiritual, mas também 110 referente ao bom governo temporal,

Embora, com toda a probabilidade, de autoria do Cardeal Deus dedit, e não de Hildebrando, o famoso *JHelalus* bem expressa o pensamento deste ultimo: "Que a Igreja Romaria foi fundada exclusivamente por Deus. Que só o pontífice de Roma pode, de direito, ser chamado universal. Que só ele pode depor ou restaurar bispos. Que só ele pode usar (isto é, dispor de) a insígnia imperial, Que lhe é permitido depor imperadores. Que ele não pode ser julgado por ninguém.. Que ele pode absolver homens maus, súditos de sua vassalagem".[1]

Tratava-se, nada mais, nada menos, de um ideal de governo mundial. A luz da experiência posterior, podemos chamá-lo de impraticável e não-cristao, rrias nem Hildebrando, rrem seus contemporâneos tinham tido tal experiência. Era um grande ideal de uma possível sociedade humana regenerada, fruto da obediência a um poder espir itual dominante, e, como tal, merecia o respeito dos que o nutriam. Valia a pena tentar pô-lo em prática, porque só assim ficaria provado o seu valor, ou a sua fatuidade,

1 Henderson, *Selecl Historical Documents,* pp 366, 367 Excertos em Robinson, *Readings in íiuropean History,* 1: 274.

Os primeiros anos do pontificado de Hildebrando foram favoráveis ao papado.. Urna rebelião dos súditos saxões de Henrique IV, que tinham muito de que se queixar, e o descontentamento dos nobres de outras regiões mantiveram o imperador totalmente ocupado. Em 1074, em Nurembergue, diante dos legados papais, penitenciou-se e prometeu obediência No sínodo romano de Páscoa, em 1075, Hildebrando renovou o decreto contra a invéstidura laica, negando a Henrique qualquer participação na instituição de bispos» Poucos meses depois, porém, a situação mudou. Em junho de 1075 a vitória de Henrique sobre os saxões fê-lo, ao que tudo Indica, senhor da Alemanha. Transformou-se rapidamente sua atitude diante do papado. Mais ama vez Henrique nomeou um arcebispo x)ara Milão. Hildebrando replicou, em dezembro desse mesmo ano, com uma carta em que rispidamente chamava à ordem o imperador.[2] A 24 de janeiro de 1076, Henrique, com seus nobres e bispos, reuniu um concilio em "Worins, no qual o indeciso Cardeal Hugo, o Branco, levantou acusações pessoais contra Hildebrando. A maioria dos bispos alemães juntaram-se então cm uma severa denúncia de Hildebrando e rejeição de sua autoridade como papa,[3] atitude que logo contou com o aj)oio dos prelados da Eombardia.

A resposta de Hildebrando tornou-se um dos mais famosos decretos papais da Idade Média. No sínodo romano de 26 de fevereiro de 1076, excomungou Henrique, negou-lhe a autoridade sobre a Alemanha e a Itália, e absolveu todos os seus súditos dos seus juramentos de lealdade,[4] Poi a mais ousada afirmação de autoridade papal jamais feita. A ela Henrique replicou com uma carta violenta dirigida a Hildebrando, "não mais papa, mas falso monge", na qual o convidava a "descer, para ser condenado por toda a eternidade".[5]

Se Henrique IV tivesse podido contar com o apoio de uma Alemanha unida o resultado dessa querela teria sido a deposição de nildebrando. Mas a Alemanha não estava unida. Os saxões e os demais inimigos políticos de Henrique serviram-se da oportunidade para causar-lhe problemas. Mesmo os bispos tinham certa consideração à autoridade de um papa que nominalmente haviam rejeitado. Henrique viu-se incapaz de enfrentar a crescente oposição. Uma assembléia de nobres reunida em Tribur, em outubro de 1076, declarou que, se dentro de um ano não lhe fosse levantada a pena de

2 Henderson, *op- cit,* pp 367-371. Robinson, *op cit..,* 1:276, 279-
3 Ilendcrson, *oP cit-,* pp 373-376.
4 Henderson, *op. cit,* pp 376, 377; Robinson, *op cit,,* 1:281, 282.
5 Henderson, *op. cit.,* pp 372, 373; Robinson, *op. cit.,* 1,279, 281. A carta parece ser dessa data, e não de janeiro de 1076, como geralmente sc afirma.

excomunhão, ele seria deposto, e o papa foi convidado a comparecer **a** uma nova assembléia, a reunir-se em Augsburgo, em fevereiro de 1077, durante a qual seria examinada toda a situação j)olítíca e religiosa da Alemanha. Henrique corria o perigo iminente de ver-se banido do trono» Tornou-se-lhe, portanto, questão de vital importância o ver-se absolvido da pena de excomunhão, Hildebrando recusou-se a considerar todos os apelos que lhe foram feitos: o problema seria por ele resolvido em Augsburgo,

Henrique IV resolveu então tomar uma atitude dramática, que se revestiu da maior impor tância política: encontrar-se com o papa antes de este chegar' a Augsburgo, a fim de conseguir dele a almejada absolvição. Cruzou os Alpes, no inverno, e procurou. Hildebrando no Noite da Itália, região pela qual estava passando o papa, em viagem para a Alemanha. Sem saber se as intenções de Henrique eram de paz ou de guerra, Hildebrando refugiou-se no castelo de Canossa, pertencente a um dos personagens que mais ardorosamente o apoiavam, a saber, a Condessa Matilda da Toscana, filha de Beatriz (v p 294). Para lá se dirigiu Henrique. Em três dias sucessivos apresentou-se diante do portão do castelo, de pés descalços, como um penitente. Os companheiros do papa intercederam por ele e a 28 de janeiro de 1077, Henrique IV foi absolvido de sua excomunhão. Em muitos sentidos, foi uma vitória política para o rei. Instaurara **a** confusão entre os seus opositores alemães, impedindo a realização de uma assembléia presidida pelo papa, em Augsburgo, que seria inevitavelmente vitoriosa.. Frustrara igualmente os planos do papa. No entanto, na memória dos homens, o fato ficou como o maior ato de humilhação do império medieval ante o poder da Igreja.[0]

Ern março de 1077, os inimigos alemães de Henrique, sem que Hildebrando a isso os instigasse, escolheram a Rodolfo, duque da Suábia, como anti-rei» Seguiu-se então a guerra civil, enquanto o papa jogava urna facção contra a outra, procurando fazei' com que coubesse a ele a decisão final. Finalmente, forçado a definir-se, Hildebrando, pela segunda vez, excomungou e depôs Henrique, no sínodo romano de março de 1080[7] Dificilmente, porém, é possível lançar mão, com sucesso, da mesma estratégia política por duas vezes seguidas. Contando o imperador, desta feita, com a simpatia da Alemanha, a decisão do papa teve pouco efeito. Henrique replicou por meio de um sínodo reunido em Brixen, em junho de 1080, que

6 A melhor narrariva do fato é a feita pelo próprio Hildebrando.. Henderson, *op, cit*pp 385-387; Kobinson, *op~ cit..,* 1: 282-283

7 Henderson, *op. cit.,* pp 388-391.

clepôs Hildebrando[8] e elegeu para substituí-lo corno papa um dos mais ferrenhos adversários de Hildebrando, o .Arcebispo Wibert de 'Ravena, que tomou o nome de Clemente III (1080-1100) . A morte de Rodolfo na luta ein outubro, tornou a posição de Henrique mais forte do (pie nunca na Alemanha, O imperador resolveu então livrar-se de Hildebrando. Em 1081, Henrique invadiu a Itália, mas só três anos após conseguiu tomar posse de Roma, Pressionados pelas poderosas forças alemãs e lombardas, os aliados políticos de Hildebrando irão conseguiram opor resistência efetiva e permanente.. O povo romano e nada menos dc treze cardeais baridearam-se para o vitorioso governante alemão e seu papa Em março de 1084, Wibert foi entronizado e coroou Henrique como imperador Hildebrando, aparentemente derrotado, detinha ainda o castelo de Santo Ângelo e recusava-se terrninantemente a entrar em entendimentos. Em maio, um exército normando veio em socorro de Hildebrando, mas, homens brutos, cometeram tais exageros, queimando e saqueando Roma, que o antigo papa se viu forçado a batei' em retirada com eles, Após quase um ano de penoso exílio, Hildebrando morreu erri Salerno, a 25 de maio de 1085..

Ocupados com a luta contra a Alemanha, fizemos pouca menção das relações entre Hildebrando e as demais nações. Seria suficiente dizer que, nesse sentido, seus objetivos foram os mesmos, embora nunca levasse a situação a extremos, com relação aos reis da França e Inglaterra, tão preocupado estava ele com o conflito com Henrique IV. Tentou subordinar ao seu controle o alto clero de todos os países. Por sua iniciativa as leis eclesiásticas foram codificadas. Tornou o cclibato clerical regra não só teórica, mas também prática na Igreja de Roma. Temos de reconhecer, sem dúvida alguma., que seus métodos eram mundanos e inescrupulosos. Mas também é fato que adversidade alguma fê-lo ceder em suas reivindicações. Mesmo cm meio a uma aparente derrota, sabia conquistar uma vitória moral. Os ideais que colocou diante do papado haviam de permanecer por muito tempo após a sua morte.

8 Henderson, *op. cit,* pp 391-394

FIM DA LUTA: ACORDO

Morto Hildebrando, os cardeais que lhe tinham sido fiéis elegeram como seu sucessor Desidério, abade de Monte Cassino, homem capaz e erudito, que tomou o nome de Vítor III (1086-1087) A situação era tão má que, por muito tempo, ele se recusou a aceitar essa honraria um tanto duvidosa. Quando, por fim, veio a aceder, calmamente deixou de lado os esforços extremados de Hildebrando no sentido de erigir um governo mundial, embora renovasse, com o máximo vigor, a proibição das investiduras laicas.. No entanto, só conseguiu permanecer uns poucos dias em Roma A cidade estava ainda nas mãos de Wibert, e antes do fim de 1.087 Vítor III faleceu. Não parecia restar nenhuma esperança para o partido de Hildebrando. Depois de alguma hesitação, alguns dos cardeais reformistas reuniram-se em Terracina e elegeram um monge francês de Cluny, Odão de Lagary, nomeado cardeal bispo por- Hildebrando, que tomou o nome de Urbano II (1088-1099). Homem das mesmas convicções de H ildebrando, sem contar, no entanto, com o gênio deste, Urbano foi ruuito mais conciliador e habilidoso do ponto de vista político. Foi bem sucedido na tentativa de criar um partido amigo seu no seio do clero alemão, no que contou com a colaboração dos monges do influente mosteiro de Hirschau. Levantou inimizades contra Henrique IV, não raro mediante métodos pouco dignos, No entanto, só no fim de 1093 conseguiu tomar posse efetiva de Roma e banir Wibert.. A partir daí cresceu rapidamente o seu poder Num grande sínodo reunido em Piacenza, em março de 1095, fez soar a primeira nota em favor de uma cruzada. .Km Clermont, em novembro do mesmo ano, concretizou esses planos (v. p 311) . Na crista do movimento das cruzadas, Urbano galgou a posição de líder da Europa. Henrique IV e Wibert, é claro, ainda se lhe opunham, mas o papado alcançara tanta importância diarrte do povo que eles passaram a segundo plano.

Embora todos se mostrassem já cansados da longa luta, o novo papa, Pascoal 11 (1099 1118), ao invés de melhorar, tornou pior a situação. Os últimos dias de Henrique IV foram desastrosos Vitoriosa uma rebelião chefiada por seu filho, Henrique V (1106-1125), viu-se forçado a abdicar, em 1105, morrendo no ano seguinte» A posição de Henrique V na Alemanha era mais forte do que a de seu pai jamais fora, e o novo rei muito menos escrupuloso do que seu antecessor» Com a mesma insistência de seu pai, afirmou o seu direito de investidura, Em 1110, Henrique V avançou sobre Roma com um exército.. Pascoal II não tinha a menor possibilidade de defesa, nem dispunha da coragem de Hildebrando. O papa e Henrique entraram então em acordo, mediante o qual o rei abdicaria do seu direito de Investidura e os bispos da Alemanha lhe entregariam todo o senhorio temporal.[1] O resultado de tal acordo teria sido uma revolução que reduziria a Igreja alemã a um estado de pobreza total, e o protesto levantado quando de sua promulgação em Roma, em fevereiro de 1111, demonstrou a impossibilidade de ele ser cumprido. Ato contínuo, Henrique V aprisionou o papa e os cardeais. Pascoal, então, ceden e, em abril de 1111, resignou-se com o direito de investidura com báeulo e anel, reclamado por Henrique, e coroou-o imperador»[2] O partido fiel a Hildebrando levantou violento protesto» No sínodo romano de março de 1112, Pascoal denunciou o acordo, que — podia ele alegar — lhe havia sido exigido à força. Em setembro, um sínodo reunido em Viena excomungou Henrique e proibiu a investidura leiga, com plena aprovação do papa.

Via-se, porém, delineada já a base de um acordo final Dois líderes eclesiásticos franceses, Ivo, bispo de Chartres, e Hugo de Fleury, escrevendo entre 1099 e 1106, haviam afirmado que, tanto a Igreja como o Estado, tinham seus direitos de investidura, uma com autoridade espiritual, outro com autoridade temporal. Anselmo, o famoso arcebispo de Cantuária, firme partidário dos princípios reformistas (1093-1109), tinha-se recusado a receber investidura do Rei Henrique I, da Inglaterra (11.00-1135). O fato suscitou uma querela no fim da qual o rei abdicou da investidura com anel e báeulo, mantendo a investidura da coroa na posse temporal, mediante a recepção de um juramento de vassalagem» Tais princípios e precedentes influíram no curso que a controvérsia veio posteriormente a tomar. Chegou-se a uma conciliação em 1122, com a Concordata de Worms,

1 Henderson, *op. cit.,* pp 405 407; Robinson, *op . cü,* 1: 290 292
2 Henderson, *op. cit.,* pp 407, 408»

celebrada entre Henrique V e o Papa Calixto II (1119-1124) Por acordo mútuo, a eleição de bispos e abades na Alemanha seria livre e feita na forma canónica, mas seria permitida a presença do imperador no ato de escolha, e, 110 caso de contestação da eleição, este consultaria os metropolitas e outros bispos da província, Nas outras regiões do império, na Borgonha e na Itália, não se mencionava a presença do imperador» liste também renunciava à invcstidura com anel e báeulo, isto é, com os símbolos da autoridade espiritual. O papa, por sua vez, concedia-lhe o direito de investidura na posse temporal do cargo mediante o toque do cetro imperial, sem exigência de pagamento do candidato,. fisse reconhecimento imperial dar-sc-ia, na Alemanha, antes da sagração, e nas outras regiões do império, alguns meses após,[3] O resultado disso foi que, ao menos na Alemanha, os bispos e abades teriam de ser aceitáveis tanto à Igreja como ao imperador. Na Itália, o poder imperial, que se baseara no controle das nomeações eclesiásticas, ficou grandemente enfraquecido TGsse resultado, alcançado após tanta luta, só em parte teria sido satisfatório aos olhos de Hildebrando, No entanto, a Igreja ganhou muito com ele. Se não chegava a ser superior ao Estado, ela ao menos se via colocada no mesmo pé de igualdade com o poder temporal

3 Henderson, *op, cit.,* pp 408, 409; Robinson, *op cit,,* 1: 292, 293.

A IGREJA GREGA APÔS A CONTROVÉRSIA ICONOCLASTA

A dinastia ísáuria de Constantinopla (717-802) foi testemunha dos graves conflitos internos causados pela controvérsia acerca do culto das imagens, que, em certo sentido, significara uma luta pela liber tação da Igreja do controle imperial (v, p 213). Presenciou também a perda de Roma e do exarcado, e o surgimento do império ocidental, renovado sob o governo de Carlos Magno. Os períodos correspondentes às dinastias frígia (820-867) e macedônia (867-1057) foram assinalados por- um notável reavivamento da erudição, de modo que, do ponto de vista intelectual, o Oriente sem dúvida alguma superou o Ocidente. O patriarca Eócio, de cuja querela com Nicolau I já fizemos menção, era homem de eminente erudição. Seu *Mymofàblion* é obra de valor permanente, preservando muito da produção dos antigos autores clássicos, que de outra forma se teria perdido. No século X, Simcão "Metaphrastes" compilou a sua famosa coleção de vidas dos santos orientais. O mais nobre dos místicos da Igreja grega foi Simeão "o-Novo Teólogo" (?-1040?), o qual cria possível atingir a revelação da luz divina, a visão mesma de Deus. Dele derivou a tradição mística dos "hesieastas" (isto é, "repousantes" ou quietistas) na Igreja oriental. Cria-se que esse monge visionário, em sua contemplação, partilhou da substância mesma do próprio Deus e foi cercado pela luz ineriada que se manifestara no Monte Tabor, quando da Transfiguração. O maior propagador desse tipo de misticismo, praticado especialmente no mosteiro do Monte Atos, foi o monge São Gregório Pálamas (1292-1359), que se tornou mais tarde arcebispo de Tcssalônica e se envolveu nas guerras civis do tempo de João Paleólogo.

A principal controvérsia religiosa no Oriente durante este período foi a causada pelos paulicianos. Pouco se sabe da origem e da história do movimento. Chamavam-se simplesmente de cristãos e seu apelido deve-se, ao que parece, à reverência que nutriam pelo apóstolo Paulo e não, como não raro se afirma, a alguma vinculação

concreta a Paulo de Samósata 0 movimento parece ter-se iniciado com um tal Constantino Siivano/ de Mananáiis, perto de Saniósata, por volta de 650 ou 660.. Reapareciam nele ceitas afirmações heré ticas semelhantes às dos marcionitas e gnóstieos, ou talvez delas derivadas. Embora rejeitassem o rnariiqueísmo os pauiicianos eram dualistas, afirmando que este mundo é obra de um podei maligno, ao passo que as almas provêm do reino do bom Deus. Aceitavam o Novo Testamento, com a possível exceção dos escritos atribuídos a Pedro, corno mensagem do Deus justo Consideravam Cristo corno um anjo enviado pelo Deus bom e, por conseguinte Pilho de Deus por adoção. A obra de Cristo era primariamente de instrução Repudiavam o monaquismo, os sacramentos exterior es, a ei az imagens (. relíquias. Seu ministério era o de pregadores itinerantes e "copistas". Repudiavam também a hierarquia católica e opunham-se ao caráter exterior da vida religiosa ortodoxa comum.

Os pauiicianos parecem ter-se espalhado rapidamente pelo império do Oriente e criado raízes profundas na Armênia.. Perseguidos pelos ortodoxos, seu poderio militar granjeou-lhes considerável respeito Constantino V transplantou colônias de pauiicianos para a Península dos Bálcãs em 752, como meio de defesa contra os búlgaros - recurso que foi reaplicado, em maior escala, pelo Imperador João Tximiskes, em 969. Nos Bálcãs parecem ter dado origem aos "bogomilos ' ("amigos de Deus"), muito semelhantes a eles. Estes, por sua vez, parecem haver influenciado o desenvolvimento dos cátaros no Sul da França (v. p 322). Obrigados a procurar refúgio entre os sarracenos, alguns grupos de pauiicianos assolaram as fronteiras do império no século IX, chegando mesmo a penetrar' profundamente nele, até a época em que seu poderio militar foi permarrentemente subjugado pelo Imperador Basílio 1, em 871. Sua atividade religiosa, porém, continuou após essa data

A segunda metade do século IX e o século X foram um período de revigorado poderio militar no império do Oriente, especialmente sob o governo de João Tzimiskes (969-976) e Basítio II (976-1025), Este último conquistou a Bulgária e a Armênia. No século XI o império viu-se enfraquecido por dissensões internas e medo do militarismo usurpador, circunstância que o deixou despreparado paia enfrentar o impacto dos turcos seldjúcidas. Em 1071, os turcos conquistaram grande porção da Asia Menor e, em 1080, estabeleeerarrr-se em Níeéia, a menos de 150 quilômetros de Constantinopla.. Essa grande perda para o cristianismo haveria de transformar-se numa das causas que levaram às Cruzadas.

14

A EXPANSÃO DA IGREJA

Os séculos X c XI foram épocas de grande expansão do cristianismo. O trabalho de Ariscará o na Escandinávia (v, p 278) deixara poucos resultados, A cristianização dessa região foi um processo vagaroso e gradual. Uni, arcebispo de Hamburgo (918-986), imitou Anscário, mas sem obter grande sucesso, A obra foi continuada pelo Arcebispo Adaldag (937-988), Sob sua influência, o Rei Haroldo Dente Azul, da Dinamarca, aceitou o cristianismo e estabeleceram-se bispados dinamarqueses. Durante o governo de Sweyn, filho de Haroldo, o paganismo voltou ao poder, Mas em 995 o rei foi obrigado a mostrar-se favorável à Igreja, e a obra foi completada pelo Rei Canuto, o Grande (1015-1035), que também governou a Inglaterra e, por algum tempo, a Noruega.

A história da Noruega é semelhante Algumas investidas cristãs se fizeram durante o reinado de Hakon I (935-961) e Haroldo Dente Azul mandou missionários da Dinamarca. O cristianismo só se estabeleceu permanentemente na Noruega no tempo de Olavo I (995-1000), (pie mandou vir pregadores ingleses. O trabalho estendeu-se então às Ilhas Orçadas, Shetland, Hébridãs, Earoe, Islândia e Groenlândia, que eram então possessões escandinavas. Olavo II (1015-1028) forçou a adoção do cristianismo na Noruega com medidas tão extremadas que acabou por ser deposto e substituído por Canuto. A tradição, porém, o venera com o título de Santo Olavo. Magno I (1035-1047) completou a obra

Na Suécia, após muitas tentativas, desde o tempo de Anscário, o cristianismo se estabeleceu definitivamente por intermédio do Rei Olavo Skõtthonung (994-1024), batizado ern 1008. O progresso, porém, foi vagaroso e só por volta de 1100 o paganismo foi plenamente banido. A Finlândia e a Lapônia só vieram a ser alcançadas dois séculos após.

Depois de várias tentativas feitas no século X, o cristianismo foi efetivamente estabelecido na Hungria pelo Rei Estêvão I (997-

1038), o fundador da monarquia húngara, que passou para a história como Santo Estêvão O duque polonês Mieezyslaw aceitou o cristianismo em 967, e em 1000 o Rei Boleslau I (992-1025) organizou a Igreja polonesa, com um arcebispado em Gnesen A Pomerânia só \eio a ser cristianizada em 1124-1128

Os movimentos acima mencionados foram obra da Igreja Latina. O grande crescimento da Igreja grega coloca-se neste mesmo período e foi assinalado pela conversão da Rússia. Pouco sabemos do início desse movimento Já ao tempo do patriarca Pócio, de Constantinopla (866), parecem ter-se empreendido esforços para introduzir o cristianismo na Rússia. A rainha russa Olga foi batizada quando de uma visita a Constantinopla, em 957 Por fim, o cristianismo foi estabelecido definitivamente pelo Gráo-Duque Vladimir I (980-1015), o qual, batizado em 988, obrigou os seus súditos a seguir-lhe o exemplo, Um metiopolita nomeado pelo patriarca de Constantinopla foi colocado á frente da Igreja russa, com sé enr Kiev de onde se transferiu, em 1299, para a cidade de Vladimir e, em 1325, para Moscou.

Ü 1

PERÍODO QUINTO

Fim da Idade Méd

(líl / \ 1)AS

As Cruzadas são sob vários aspectos, o fenômeno mais notável da Idade Média Muitas são as suas causas O historiador (pie enfatiza as influencias econômicas poderá afirmar que as aflitivas condições do século nndéeimo são as principais, 48 anos dc fome houve entre 970 e 1040 Miséria e inquietação imperavam As condições mais estáveis da época no entanto, tornaram impossíveis as migrações de povos., como se havia visto no tempo das invasões germânicas tanto quanto na ocasião da derrocada do Império Ocidental Mas prevalecia idêntico anseio de transformação do ambiente

Estimulado por estas condições econômicas, todo o século undécimo foi um período de aprofundamento dos sentimentos religiosos. Referido aprofundamento teve formas monásticas e ascéticas E foi caracterizado por forte senso de "transcendência da miséria da terra e das bênçãos do céu Este aprofundado zelo religioso foi a força que reformou o papado, enfrentou a simonia e o írieolaísmo e sustentou a longa luta com o império. Aquelas regiões onde o movimento de reforma dera mais fruto ou estiveram em relação mais íntima com a reforma, do papado — França., Lorraine e o Sul da Itália — foram onde os principais exércitos dos cruzados obtiveram mais soldados A piedade desse tempo valorizou as relíquias e as peregrinações. E que relíquia mais preciosa poderia haver, ou peregrinação mais significativa do que à terra santifiçada pela vida, morte e ressurreição de Cristo? Desde os dias de Constantino aquela fora a terra das peregrinações Ainda que Jerusalém fosse possessão islâmica desde 638, as peregrinações praticamente foram, salvo raros intervalos, ininterruptas. Tornaram-se numerosas no século undécimo até a conquista da maior parte da Ásia Menor pelos turcos seldjucidas, a partir de 1071, e a tomada de Jer usalém. Aí, então, se tornaram quase impraticáveis, e os santos lugares foram profanados..

Foi para uma época assim profundamente impressionada com as vantagens espirituais das peregrinações que as novas destas coisas

chegaram Entanto, nesse tempo o maometanismo sofria alguns contragolpes.. Entre 1060 e 1090, no Sul da Itália, os normandos haviam expulsado da Sicília os islamitas. E Fernando 1, de Castela (1028-1065), iniciara a reconquista da Espanha» Dc modo geral, sentia-se que o cristianismo podia repelir os maometanos. O amor da aventura, a esperança do saque, o desejo de expansão territorial e o ódio religioso seguramente impulsionaram poderosamente os cruzados Ser íamos, porém, injustos para com eles se não reconhecêssemos também que os cruzados criam estar praticando algo mui importante para suas almas e paia Cristo

Apelando a Hildebrando para que o ajudasse contra os seleijúcidas o imperador do Oriente, Miguel VII (1067-1078), deu o impulso inicial às Cruzadas. E aquele grande papa, para quem este apelo soava como uma promessa de reunião da cristarrdade latina e grega, enfrentou o assunto em 1074, e comunicou a Henrique IV, da Alemanha, que cinqüenta mil homens estavam prontos a marchar sob uma liderança capaz O plano íoi frustrado pelo rápido crescimento da luta pelas investidoras, e só reviveu sob Urbano II, herdeiro de Hildebrando sob muitos aspectos.

Aleixo I (1081-1118), rei rnais forte que seus predecessores imediatos em Constantinopla, sentiu-se incapaz de enfrentar os perigos que ameaçavam o império. Pediu então auxílio a Urbano II liste recebeu os mensageiros imperiais iro sínodo de Piacenza, em março de 1095, no Norte da. Itália, e prometeu socorro. No sínodo reunido em Clermont, Prança, no mês de novembro, Urbano pregou a cruzada, obtendo resultado inesperado Para o papa, essa empresa, *segundo* sua concepção, seria mais que um auxílio ao oprimido Aleixo — seria o resgate dos santos lugares das mãos maometanas Apelou a toda cristandade para que participasse da empresa, prometendo indulgência plenária a todos quantos nela se engajassem Sua mensagem encontrou resposta imediata e entusiasta. Entre os pregadores populares ninguém foi mais famoso que Pedro, o eremita, monge de Amiens ou seus arredores. Velha lenda atribui a ele a origem da cruzada, da qual foi, de fato, um dos maiores propaga nd islãs. Entanto não merece a distinção que lhe foi atribuída, pois nem seu comportamento durante a Cruzada, uma vez iniciada, comprovou sua qualidade de líder como nem ainda sua própria coragem

Tal foi o entusiasmo despertado, e de modo especial na Prança, que grandes grupos de camponeses, aparecendo entre eles alguns eaudeiros, partiram na primavera de 1096, sob a chefia de Walter

Sem Dinheiro, do sacerdote Gottschalk e do próprio Pedro, o eremita.. Algumas dessas hordas indisciplinadas chacinaram muitos judeus em cidades do Reno.. Suas bárbaras pilhagens provocaram terríveis represálias na Hungria e nos Bálcãs Os comandados de Pedro alcançaram Constantinopla, mas foram quase totalmente destruídos pelos turcos ao intentarem se aproximar de Nicéia.. Pedro escapou ao desastre unindo-se ao corpo principal dos cruzados e sobreviveu aos perigos da expedição.

A nobreza feudal européia foi a realizadora da obra real da Primeira Cruzada.. Ela armou três grandes exércitos No da Lorena e da Bélgica marchava Godofredo de Bulhão, o herói moral da Cruzada, que, mesmo não sendo o general mais capaz, infundia respeito pelo seu reto proceder e nunca desmentida devoção aos seus objetivos Iam com ele seus irmãos Balduíno e Eustáquio Outros exércitos do Norte da França eram dirigidos por Hugo de Yermandois e Roberto da Normandia Do Sul da França veio forte contingente, sob o Conde Raimundo de Tolosa, Da Itália normanda veio nm bem equipado, comandado por Boemundo de Taranto e seu sobrinho Tancredo» O primeiro destes exércitos marchou em agosto de 1096, sem um comandante chefe, O Bispo Ademar de Puy fora apontado por Urbano II como o seu legado e ele indicou Constantinopla como ponto de encontro. Cada exército para lá se dirigiu como melhor pôde, e foram chegando no inverno e ria, primavera de 1096-1097» Causaram a Aleixo, no entanto, muitas dificuldades com suas exigências e desordens.

Em maio de 1097 õs cruzados iniciaram o sítio de Nicéia e em junho a, cidade se rendeu» Grande vitoria sobre os turcos, em I„° de junho, nas proximidades de Doriléia, abriu caminho através da Ásia Menor. Daí alcançaram Icônio, em meados de agosto, após graves perdas motivadas pela fome e pela sede» Em outubro, os cruzados estavam diante dos muros de Antioquia» A cidade caiu em seu poder depois de um assédio difícil, em 3 de junho de 1098.. Três dias após os vencedores foram cercados na cidade pelo chefe turco Kerboga de MosuL Seguiram-se dias de perigo e desespero, mas a 28 de junho Kerboga foi totalmente derrotado. Somente em junho de 1099 chegaram a Jerusalém. Tomaram-na no dia 15, e seus habitantes foram passados a espada. A derrota completa de um exército egípcio de socorro, perto de Ascalon, em 12 de agosto de 1099, coroou o êxito da Cruzada»

Completando a obra, Godofredo de Bulhão foi feito Protetor do Santo Sepulero Morreu ele em julho de 1100, sendo sucedido por seu irmão mais capaz, o qual estabelecera um condado latino em. E d essa, Este tomara o título de liei Balduíno I (1100-1.118) Os cruzados procediam do Ocidente feudal e dividiram e organizaiam o país segundo o feudalismo.. O país incluía a Teria Santa, o principado de Antioquia e os condados de Trípoli e Edessa, ficando estes praticamente independentes do rei de Jerusalém Nas cidades importantes surgiram centros comerciais italianos; eram franceses, povém, a maioria dos cavaleiros O x^í* ficou dividido em quatro arcebis pados, sob um patriarca do rito latino, com sede em Jerusalém E foram estabelecidos numerosos mosteiros

As ordens militares logo passaram a apoiar decididamente o reino Entre estas, a dos Templários foi fundada por Hugo de Payens, em 1119, e o Rei Balduíno II (11.18-1131) lhe indicou corno quartel um local próximo ao lugar do templo, de onde lhe veio o nome. Por intermédio de Bernardo de Claraval a ordem recebeu aprovação papal, em 1128, e logo ganhou muita, popularidade no Ocidente. Seus membros fizeram os usuais votos monásticos, acrescentando o de defenderem a Terra Santa e o de protegerem os peregrinos, Eram leigos, não clérigos Sob certos aspectos, a ordem se assemelhava a uma sociedade missionária moderna. Todos os que simpatizavam com a Cruzada mas nela não podiam participar pessoalmente por causa da idade ou do sexo, contribuíam generosamente a fim de que outros os representassem por intermédio da ordem.. Sendo essas doações principalmente em terras, em pouco os Templários se tornaram grandes proprietários no Ocidente. Sua independência e seus bens os fizeram objeto de inveja dos reis, mormente depois que sua finalidade original desapareceu com o término das Cruzadas.. Por isso foram brutalmente suprimidos na França, em 1307, pelo Rei Filipe IV (1285-1314) . Mas enquanto duraram as Cruzadas, foram os Templários um dos baluartes principais do reino de Jerusalém..

Quase o mesmo se pode dizer dos grandes rivais dos Templários, os Hospitaláiios ou Cavaleiros de S João Carlos Magno havia fundado um hospital em Jerusalém, que foi destruído em 1010 Novamente posto a funcionar por gente de Amalfi, Itália, existia antes da Primeira Cruzada e levava o nome da igreja perto da qual estava localizado — S João Batista Esta organização foi feita ordem militar pelo seu Grão-Mestre, Raimundo de Puy (1120-1160?), sem

contudo negligenciar seus devores para com os enfermos.. Depois da época das Cruzadas, lutaram eles com os turcos em Hodes (1.310-1523)7 onde estavam sediados; depois em Malta (1530-1798) IJma terceira ordem, fundada pelos alemães em 1.190. foi a dos Cavaleiros Teutônicos Entanto seu principal trabalho não foi na Palestina mas, de 1229 em diante, na Prússia ou como agora se diz — Prússia Oriental. Ali foram os pioneiros da civilização e da cristianização.

Não obstante a desorganização feudal o reino de Jerusalém se manteve até a captura de Edessa pelos isi.anutu.s, em 1114 Essa captura repr esentou a perda do seu baluarte do noroeste Bernardo de Claraval. então no auge da fama, pregou nova cruzada em 1146, < recebeu apoio do rei francês - LJUÍS V 11 (11.37-1180) e do impe rador alemão - Oonrado III (1138-1152) Em 1147 partiu a Se íanrda Cruzada. Não tinha, no entanto, o ardente entusiasmo da anterior Muitas das suas forças pereceram na Ásia Menor e as (pie alcançaram a Palestina sofreram grave derrota em 1148, quando intentavam tomar Damasco Foi uni desastre completo, que deixou profundo ressentimento no Ocidente contra o Império do Oriente, pois aos príncipes desse império, com ou sem razão, foi atribuído o insucesso..

Uma das causas do êxito do reino latino foram as disputas entre os maometanos Em 1171 um general curdo — Saladino — fez-se senhor do Egito. Três anos depois se apoderou de Damasco e em 1.1.83 seus domínios cercavam o reino latino ao norte, este e sul Era preciso enfrentar, agora, um maometanismo unido E as conseqüên-cias logo apareceram O exército latino, em julho de 1187, foi batido em Hattin Em seguida caiu Jerusalém e foi perdida a maior parte da Terra Santa. As novas desta catástrofe lançaram a Europa na Terceira Cruzada (1 189-1192). Nenhuma delas foi melhor- pre]>arada que esta. Três grandes exércitos foram chefiados pelo Imperador Frederico Barba Kuiva (1152-1190), o maior soldado da época; pelo "Rei Filipe Augusto, da França (1179-1223); pelo Rei Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra (1189-1199).. Frederico morreu afogado acidentalmente na Ciiíeia e seu exército, sem a sua rigorosa direção, tornou-se inteiramente ineficaz As questões entre os reis da França e Inglaterra e o rápido retorno de Filipe à França para atender a seus- planos políticos, deram como resultado o fracasso da expedição Acre foi recuperada, mas Jerusalém ficou na posse dos maometanos.

A Quarta Cruzada (1202 1204) foi de pouca importância, quanto aos seus efetivos Teve, no entanto, grandes conseqüências políticas e religiosas. Seus soldados procediam das zonas- setentrionais da Franca, chamadas Champague e Blois., e da Flandres Os homens se haviam convencido de que o passo inicial para a reconquista de Jerusalém era. a conquista do Egito Os cruzados negociaram com os venezianos o seu transporte Não podendo, poi cm, pagar todo o preço, aceitaram a proposta de, em vez de pagar o saldo devedor, inter romper a viagem e conquistar Zaj a. pertencente à Hungria para Veneza E assim foi feito. Grande proposta então lhes foi apresentada : pararem em Constantinopla e cooperarem na derrubada do usurpador Aleixo 111 (1195-1203) Aleixo, filho do deposto Isaque II, prometeu aos cruzados bom pagamento e auxílio em sua expedição, contanto que tirassem do trono o usurpador E assim os astutos venezianos obtiveram boas perspectivas de negócios Contribuiu para esta ação o ódio ocidental pelos gregos, Ainda que o Papa Inocêrrcio III proibisse este desvio do propósito inicial, os cruzados aceitaram a proposta,. Aleixo III foi facilmente retirado do trono mas o outro Aleixo não pôde cumprir suas promessas aos cruzados Estes, ajudados pelos venezianos, tomaram então Constantinopla, em 1204, e saquearam seus tesouros As relíquias das igrejas foram as mais visadas, passando então a enriquecer os lugares de culto do Ocidente. Balduírro de Flandres foi feito imperador o grande parte do Império Oriental, à maneira feudal, foi dividida entre cavaleiros ocidentais. Veneza obteve parte considerável e o monopólio do comércio. Cm patriarca latino foi nomeado, e a Igreja grega tornou-se sujeita ao papa O Império Or iental continuou, mas só reconquistou Constantinopla em 1261. Foi um desastre esta conquista latina. Enfraqueceu enormemente o Império Oriental e agravou o ódio entre a crístandade grega e a latina

Em 1212 deu-se o dolofoso episódio denominado "Cruzada das Crianças". Um pastorzinho francês chamado Estêvão e um rapaz alemão de Colônia, Nicolau, reuniram milhares de crianças Quando atravessavam a Itália grande número delas foram vendidas como escravos para o Egito Outras tentativas de cruzadas foram feitas.. Contra, o Egito foi organizada uma expedição em 1218-1221 De começo alcançou certo êxito, mas terminou em fracasso É geralmente denominada Quinta Cruzada. Mais curiosa foi a Sexta (1228 1229) O Imperador Frederico II (1212-1250), que era livre pensador, tomou a cruz em 1215 mas não tinha pressa em cumprir seus votos. Partiu,

por fim, em 1227, retornando logo Parece haver adoecido, no entanto o Papa. Gregório IX (1227-1241) o considero u desertor c, tendo outros motivos para hostilizá-lo, o excomungou. Apesar da interdição, Frederico partiu em 1228 e no ano seguinte, por um tratado feito com o sultão do Egito, obteve a posse de Jerusalém, Belém, Nazaré e um ponto da costa, E Jerusalém ficou mais uma vez em poder dos cristãos; mas foi definitivamente perdida em 1244. 0 espírito de cruzada estava quase morto, quando o rei francês Luís IX (S. Luís, 1226-1270) levou uma expedição desastrosa contra o Egito (1218-1250)., Foi feito prisioneiro nessa empresa. E num ataque a Túnis, em 1270, perdeu a vida, A ultima tentativa de importância foi a do Príncipe Eduardo, pouco depois Eduardo I, da Inglaterra Cl272-1807).. Essa expedição se deu em 1271-1272 A última possessão latina na Palestina foi perdida em 1291 Estavam terminadas as Cruzadas, ainda que se continuasse a falar em rrovas expedições, durante os dois séculos seguintes.

As Cruzadas foram um fracasso, se as considerarmos pelos seus objetivos. Elas não conquistaram de modo permanente a Terra Santa É duvidoso se realmente retardar am o avanço do maometanismo Foi muito grande o seu custo em vidas e em bens Ainda que iniciadas com profundo espírito devocional, sua direção foi prejudicada por querelas, objetivos dispersos e mau comportamento pessoal.. Examinados, no entanto, seus resultados indiretos, de modo diferente serão avaliadas. Civilização é resultado de fatores tão complexos que é difícil indicar valores precisos a cada causa. A Europa teria progredido durante esse período, mesmo sem as Cruzadas. Mas as mudanças havidas foram tão notáveis que é inevitável a conclusão de que as Cruzadas largamente as influenciaram.

Estimulado o comércio pelas Cruzadas, as cidades do Norte da Itália e a grande rota comercial dos Alpes e do Peno cresceram de importância De modo especial na França, o sacrifício de terras e propriedades feudais impulsionou novo elemento político, as vilas • — um "terceiro estado". Ampliou-se muito o horizonte mental do Ocidente. Milhares que haviam crescido em densa ignorância e estreiteza mental foram postos em contacto com magníficas cidades e com a antiga civilização do Oriente Por toda parte houve despertamento intelectual. A época testemunhou o mais alto desenvolvimento teológico do Medievo — o escolasticismo. E dentro e fora da Igreja presenciou grandes movimentos religiosos populares.. Viu, ainda, o desenvolvimento das universidades Começou a florescer

a literatura moderna no vernáculo. Grande desenvolvimento artístico, a arquitetura nacional do Norte da França, erroneamente denominada gótica, iniciou então sua gloriosa marcha. A Europa do período das Cruzadas era uma Europa desperta e iluminada, comparada corri os séculos anteriores Mesmo admitindo que as Cruzadas foram •apenas um fator desse resultado, \aleram pelo que custaram

NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

A época da Primeira Cruzada foi de crescente zelo religioso, zelo que se manifestou ern ascetismo, piedade mística e ênfase na vida monástiea. A longa luta contra a simonia e o nicolaísmo fizera que as simpatias populares se voltassem do clero "secular'[7] ou comum para os monges, como os verdadeiros representantes do ideal religioso, T)c certo modo Cluny havia perdido sua força. Seu êxito tinha levado a uma vida luxo ri usa Apareceram novas organizações religiosas, salientando-se entre elas a dos eistereienses ordem que dominou o século duodccimo, como Cluny dominara o undécimo

Como esta, Cister era de origem francesa. Roberto, monge beneditino do mosteiro de Montier, impressionado corri a má disciplina do monasticismo do tempo, fundou em 1098 em Citeaux, perto de I)i.jon, urna casa de grande rigor,. Desde o começo, o propósito de Citeaux era cultivai- vida de rigor e abnegação Seus edifícios, mé)veis e mesmo o ambiente de culto eram de simplicidade extrema. Quanto à alimentaçãó e ao vestuário havia austeridade,. Obser vavam a regra de Bento, indo, porém, mais longe ainda, Sob seu terceiro abade, o inglês Estêvão Hardirrg (11091134), a significação de Citeaux rapidamente aumentou. Por volta de 1115 quatro mosteiros filiados foram fundados, debaixo de sua direção Desde então o progresso foi rápido em todo o Ocidente Em 1130 havia trinta casas eistereienses; em 1168 duzentas e oitenta e oito e uni século depois chegavam a seiscentas e setenta e urna. Sobre todas o abade de Citeaux exercia autoridade, assistido por uma assembléia anual dos cabeças dos mosteiros filiados. Muita atenção foi dada à agricultura, mas relativamente pouca ao trabalho docente ou pastoraL Os ideais eram afastamento do mundo, contemplação e a imitação da "pobreza apostólica".

Muito do êxito inicial dos eistereienses se deveu à influência de Bernardo (1090-1153), a maior força religiosa do seu século e, no consenso geral, tido como um dos principais santos medievais

Nascido numa *família* de cavaleiros, em Fontaines, *n*as proximidades de Dijori, herdou de sua mãe uma natureza de religiosidade juofunda Provavelmente em 1112 ingressou 110 mosteiro de Citeaux, levando consigo cerca de trinta companheiros, fruto do seu poder de persuasão. De lá saiu em 1115 para fundar o mosteiro eistereiense de Clara vai, E foi seu abade até morrer, ainda que tivesse recebido oferecimentos de honrosas dignidades eclesiásticas. Homem de imensa consagração, seu motivo primordial era o amor de Cristo. E irão obstante extremadas autorrrortificaç.ões viveu de modo tão evangélico que alcançou cordial aprovação de Lutero e Cal vi no A contemplação mística de Cristo era a sua maior alegria espiritual Marcou ela não só o seu tipo de piedade pessoal mas ainda a do seu tempo em suas mais nobres expressões. Acima de tudo, todos admiravam ertr Bernardo a força moral e a consistência de caráter que a tudo que ele fazia ou dizia davam autoridade.

Bernardo era homem de ação para permanecer confinado num mosteiro.. Principal pregador do seu tempo e um dos maiores de todos os tempos, comovia profundamente seus ouvintes, sem distinção de classes. Mantinha, vasta correspondência sobre os problemas da época Empreendia longas viagens no interesse da "Igreja, da qual era tido como o ornamento mais eminente. Foi especialmente obra sua a cura do cisma papal ocasionado pela dupla escolha dos cardeais, em 1130, de Inocêncio II (1130-1143) e Anacleto II (1130-1138).. Sua participação preponderante no preparo da infeliz Segunda Cru zada já foi vista (p 314). Sua influência junto ao papado foi confirmada quando um ex-monge de Claraval foi escolhido papa com o nome de Eugênio III (1145-1153), ainda que este tenha feito muita coisa que desagradou a Bernardo. A esse papa dedicou sua obra principal *"De considçraiione"*, um tratado sobre a Igreja e que era uma crítica às ambições políticas do papado Agindo em defesa da ortodoxia, persuadia outros a acompanhá-lo e conseguiu a condenação de Abelardo (v. p 338) pelo sínodo de 1140, e também a aprovação papal para a referida condenação.. No ano de 1145 Ber nardo pregou com êxito temporário aos hereges do Sul da França, Morreu em 1153, quando era o homem mais conhecido; e foi a pessoa mais chorada do seu tempo.

Os princípios ascéticos e extramundanos de Bernardo foram esposados, por mais estranho que possa parecer, por aquele a quem ele se opunha decididamente: Amoldo de Brescia (?-1155) Com toda sua devoção à "pobreza apostólica", Bernardo não se opôs cora

energia à organização hierárquica, dos seus dias, nem combateu sua maneira de exercer o poder em assuntos do mundo. Amoldo foi muito mais radical. Este, nascido era Brescia, estudou na França e foi ordenado clérigo em sua cidade natal.. De austeridade severa, defendia a opinião de que o clero devia abandonar suas propriedades e poder secular. Somente assim poderiam ser veros discípulos de Cristo. Na luta entre Inocêneio II e Anacleto II conquistou muitos seguidores em Brescia. Entanto foi obrigado a buscar refúgio na França, e ali fez amizade com Abelardo. E .junto com ele, por instigação de Bernardo, foi condenado pelo sínodo de Sens (1140),. Bernardo conseguiu a expulsão de Arnoldo da França, Em 1143 os nobres romanos conseguiram libertar-se do controle temporal do papado e estabeleceram o que criam ser o renascimento do Senado. Arnoldo foi a Roma Não era tanto um líder político e sim um pregador da "pobreza apostólica". Eugênio III o restaurou na Igreja em 1145, mas dois anos depois Amoldo e os romanos expulsaram Eugênio da cidade. Nela Arnoldo permaneceu influente até a ascensão do vigoroso Adriano IV (1154-1159), o único inglês que ocupou o trono papal. Em 1155 Adriano compeliu os romanos a expulsarem Amoldo, mediante um interdito que proibia ofícios religiosos em Roma. E mais, negociou com o novo soberano alemão, Frederico Barba Ruiva (1152-1190), a execução de Arnoldo como preço da eoroação imperial. Foi ele enforcado e depois queimado, em 1155. Airrda que acusado de heresia, tais acusações foram vagas e parecem sem consistência. A verdadeira ofensa de Arnoldo foi seu ataque às riquezas e ao poder temporal da Igreja.

Muito mais radical havia sido um pregador no Sul da França, nos anos iniciais do século duodécíino — Pedro de Bruys. Desconhece-se sua origem e o começo de sua vida. Combinava ele um ascetismo rigoroso com a negação do batismo infantil, a rejeição da Ceia do Senhor sob qualquer forma, o repúdio de todas as cerimônias e até dos templos e a rejeição da cruz, Na sua opinião, esta não devia ser honrada mas condenada como o instrumento em que Cristo sofrerá. Pedro também se opunha à oração pelos mortos. Tendo queimado cruzes em S Gilles, foi ele mesmo queimado pela populaça, em data incerta, provavelmente entre 1130 e 1135. No Oeste, e especialmente no Sul da França, Henrique, chamado de "Eausanne", ex-monge beneditino, pregou a muitos seguidores desde 1101 e até sua morte, depois de 1145. Era considerado discípulo de Pedro, o que é difícil de provar Pregador, acima de tudo, da justiça ascética,

tomado da mentalidade donatista, negava a validade dos sacramentos administrados por clérigos indignos, Segundo Henrique, a prova da dignidade era uma vida de ascese e pobreza apostólica Conforme esta regra, condenava o clero rico e poderoso.. Amoldo, Pedro e Henrique têm sido chamados protestantes antes da Reforma. Há erro manifesto nisto.. A concepção de salvação destes três era essencialmente medieval Eles foram críticos extremados de aspectos da vida mundana do clero que também outros combatiam, crítica que se manifestou de maneira mais moderada na vida e nos ensinos de Bernardo..

SEITAS ANTIECLESlÁSTiCAS. CÁTAROS E VALDENSES. A INQUISIÇÃO

O maniqueísmo dos fins do Império Romano, do qual Agostinho foi aderente (pp 146, 232), ao que parece nunca desapareceu de todo no Ocidente. Foi estimulado pelo aparecimento dos paulicianos e bogomiles (v. p 304), os quais foram expulsos da Bulgária pela perseguição policial dos imperadores orientais e pelas novas relações com o Oriente, estabelecidas pelas Cruzadas» O resultado foi um novo maniqueísmo Seus adeptos foram chamados cátaros, que significa "puros", ou albigenses, de Albi, uma de suas principais sedes, no Sul da França Com o impulso asceta e entusiasta que provocou e acompanhou as Cruzadas, os cátaros aumentaram sua atividade. Ainda que encontradiços em muitas partes da Europa, as principais regiões onde listavam estabelecidos eram o Sul da França, o Norte da Itália e Espanha. Bernardo, na França, muito fez pela sua conversão.. Com a critica às condições da Igreja devidas ao desastroso fracasso da Segunda'Cruzada, multiplicaram-se com grande rapidez» Tanto que em 11(57 puderam realizar concorrido concilio em S. FéÜK de Caraman, perto de Toulouse. E antes do fim do século, tinham conquistado possivelmente o apoio da maioria da população francesa do Sul e a proteção de seus príncipes. Foram deveras numerosos no Norte da Itália. Apenas em Florerrça, os cátaros contavam, em 1228, com mais ou menos um terço da população. Por volta do ano de 1200 eram um grande perigo para a Igreja Romana. O espírito asceta da época tinha plena expressão no movimento e a crítica às riquezas e ao poder da Igreja era satisfeita na total rejeição do clero e suas pretensões.

Os cátaros. eram dualistas, corno os antigos marriqueus. Os bogomiles e muitos dos cátaros italianos ensinavam que o bom Deus tinha dois filhos, Satarrel e Cristo — o mais velho deles se rebelou e se tornou o líder do mal. Os da França geralmente asseveravam a existência de dois poderes eternos, um bom e outro mau. Mas

concordavam todos em que este mundo visível é obra do poder maligno, e nele as almas feitas prisioneiras das regiões do Deus bom são mantidas em escravidão. O maior dos pecados — o pecado original de Adão e Eva - é a reprodução humana, pois ela faz aumentar c número de cárceres. A salvação é obtida pelo arrependimento, ascetismo e "consolação" Este rito, sem el li ante ao batismo da Igreja, traz o perdão dos pecados e a restauração ao reino do Deus bom. Alguém que já o recebeu é quem o confere pela imposição das mãos e a colocação, ao mesmo tempo, do Evangelho de S, João sobre a cabeça do candidato E a verdadeira sucessão apostólica., Quem recebeu a "consolação" torna-se perfeito, *perfeclus*.. E para não perder a graça, de imediato renuncia ao matrimônio, evita juramentos e a guerra, evita possuir propriedades, deixa de comer carne e ovos e de beber leite já que estes são produtos do pecado da reprodução. O "perfeito" ou, como eram chamados ira França, *bons hommes,* eram os verdadeiros clérigos dos cátaros, E sabe-se que entre eles houve "bispos" e até um "papa", não se podendo agora saber com exatidão sua autoridade e hierarquia. A maioria dos aderentes, os *credentes* ou crentes, era permitido casar, ter propriedades e gozar as coisas boas do mundo e mesmo externamente se conformar à Igreja de Roma, com a segurança de que se recebessem antes de morrer a "consolação" seriam salvos.. Os que morriam sem ela, na opinião de muitos cátaros, reencarnariam em corpos humanos ou de animais e, por fim, também alcançariam a salvação. Os "crentes" parece nem sempre foram plenamente instruídos nos princípios do sistema.

As Escrituras erairi muito usadas pelos cátaros Eles as traduziram e diziam estarem baseados nelas os seus ensinos Havia os que rejeitavam por completo o. Antigo Testamento, considerando-o obra do poder do mal Outros aceitavam os salmos e os profetas. Todos, porém, tendo o Novo Testamento como vindo do Deus bom, o acatavam. Visto que todas as coisas materiais são más, Cristo não poderia ter tido corpo real e realmente morrido. Daí, então, não aceitavam a cruz Os sacramentos eram maus por causa de seus elementos materiais O Deus bom é desonrado corri a edificação e a ornamentação de igrejas com materiais oriundos do poder mau, O culto dos cátaros era simples. Erarrr lidas as Escrituras, especialmente o Evangelho de S João, por ser o mais espiritual de todos. Havia sermão:. Depois os "crentes" ajoelhavam e adoravam o "perfeito" corno alguém que tinha em si habitando o Espírito divino.

Este, por sua vez, dava a benção» Unicamente a Oração Dominical era usada no ofício. Faziam mensalmente, em vários lugares, uma refeição em comum, com pão consagrado, como se fosse a Ceia do Senhor, Quem estudar esse movimento encontrará nele a sobrevivência interessante de antigos ritos e cerimônias cristãos, ortodoxos e heréticos, De modo geral, os "perfeitos[77] parecem haver sido homens e mulheres justos, moralmente retos e corajosos no enfrentar perseguições. Não há dúvida de que fizeram milhares de adeptos, mormente entre os humildes.

Diferentes dos cátaros, os valdenses não se originaram de uma hostilidade consciente à Igreja» Tivessem sido tratados com habilidade, provavelmente dela jamais teriam se separado. Em 1176 Valdez ou Valdo, rico comerciante de Lyon, impressionado com a canção de um menestrel ambulante que relatava os* sacrifícios de Santo Aleixo, perguntou a um mestre de teologia qual "o melhor caminho para Deus". O clérigo lhe citou o texto áureo do monasticismo: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem, e segue-me"[1] Valdo pôs literalmente em prática este conselho. Deixando modesta quantia para sua esposa e filhas, deu o resto de seus bens aos pobres. E resolveu seguir plenamente as instruções de Cristo aos apóstolos»[2] Passou a usar as roupas ali designadas. Vivia do que lhe davam» Para melhor conhecer seus deveres, procurou uma versão do Novo Testamento. Sua atitude impressionou vivamente seus amigos, que nele passaram a ver á verdadeira "pobreza apostólica[77]. Em 1177 homens e mulheres se haviam ajuntado a ele, e o pequeno grupo se lançou ao cumprimento dos preceitos de Cristo, pregando o arrependimento. Chamavam se a si mesmos "Pobres dc Espírito[77],[3] Dirigiram-se ao Terceiro Concilio Lateranense, em 1179, solicitando permissão para pregar. O concilio não os considerou heréticos, mas os julgou leigos ignorantes e o Papa Alexandre III (1159-1181) não deu consentimento. Isto os levou a agir com decisão.. Valdez, que era, pelo que se deduz de sua história posterior, pessoa determinada, para não dizer obstinada, recebeu essa negativa como a voz do homem em oposição à voz de Deus. Então ele mesmo e seus seguidores continuaram pregando.. Considerados desobedientes, todos foram excomungados, cm 1184, pelo Papa Lúcio III (1181-1185).

1 Mt 19 21.
2 Mt 10.
3 Provavelmente de Mt 5.3.

listes atos pouco hábeis do papado não só lançaram os valdenses fora da Igreja, contra a sua vontade, como 1bes deram grande incentivo. Os humiliati formavam um grupo de pessoas de baixa condição que, em Milão e arredores, se associavam para em comum viverem em penitência. Também estes foram proibidos de se reunir ou pregar por Alexandre III. Terminaram excomungados por desobediência, em 1184. Grande parte desses bumiliati lombardos juntaram-se aos valdenses e ficaram sob a direção de Vaidez. Os característicos antigos dos valdenses então rapidamente se desenvolveram» Dentre eles, o principal era o principio de que a Bíblia, e em especial o Novo Testamento, é a única regra de fé e vida. Entanto a liam com óculos simplesmente medievais.. Era-lhes a Bíblia um livro de leis.....de minuciosas prescrições para observância literal. Decoravam longas passagens. De acordo coru o que criam ser seus ensinos, iam pregando, de dois em dois, vestidos de simples túnica de lã, descalços ou de sandálias, vivendo tão-somente do que lhes davam seus ouvintes, jejuando aos domingos, quartas e sextas-feiras. Não juravam nem derramavam sangue. Só usavam a Oração Dominical e davam ação de graças às refeições. Ouviam confissões, celebravam juntos a Ceia do Senhor e ordenavam seus membros ao ministério. Tendo como não bíblicas as missas e orações pelos mortos, as rejeitavam. Negavam o purgatório.. Afirmavam não ter valor os sacramentos ministrados por clérigos indignos. Criam ser mais eficazes as orações secretas que nas igrejas, Defendiam a pregação leiga tanto de homens como de mulheres. Possuíam bispos, presbíteros e diáconos e um chefe ou reitor da sociedade O primeiro foi o próprio Valdez, sendo que, depois, os chefes foram eleitos. Além deste círculo íntimo, a sociedade propriamente dita, cedo se desenvolveu um corpo de simpatizantes — os "amigos" ou "crentes". Dentre eles saíam os membros da sociedade, embora permanecessem exteriormente em comunhão com a Igreja Ilomarra. Muito deste desenvolvimento parece ter sido motivado pela excomunhão de 1184. O exemplo dos eátaros bastante os deve ter influenciado, ainda que os valdenses a eles se opusessem e, com justiça, deles se considerassem inteiramente diferentes,

Certos conflitos de opinião a par de perceberem que o governo de Valdez era arbitrário, provocaram o rompimento, em 1210, do ramo lombardo. Essa ruptura foi tentada sanar, sem resultado, em 1218, após a morte de Valdez. Os dois corpos permaneceram separados. O hábil Papa Inocêneio III (1198-1216) aproveitou essas

disputas, favor-ecendo, em 1208, a organização dos *pauperes cathoUci,,* Estes adotaram muitas práticas dos valdenses, mas sob o controle eclesiástico» Disso resultou voltar à Igreja considerável número dos seguidores de Vaido.. Entrementes os valdenses se expandiam. Eram encontrados no Norte da Espanha, na Áustria e na Alemanha tanto como nos lugares de origem. Gradualmente foram sendo reprimidos, até ficarem reduzidos à sua sede principal •— os vales alpinos, a sudoeste de Turim, onde ainda são encontrados. Vindo a Reforma, aceitaram seus princípios e se tornaram protestantes. Sua história é o relato de heróica resistência ás perseguições - honrosa história — sendo eles a única seita medieval que ainda agora sobrevive, ainda que com grandes modificações nos métodos e ideais com (pie se originaram.

Quando começou o século décimo terceiro, a situação da Igreja Romana no Sul da .França, Norte da Itália e da Espanha era dúbia» Os esforços missionários para converter os cátaros e valdenses haviam fracassado por inteiro. Sentia-se ser preciso tomar medidas mais enérgicas. Pelo Papa Alexandre III (1159-1181) fora ordenada, já em 1181, uma cruzada, que aliás pouco resultou, contra o Visconde Béziers, tido como o protetor dos cátaros, Sob Inocêrrcio III (1198-121.6) desencadeou-se a tormenta. Depois de ver vãos todos os esforços missionários, o assassinato do legado papal, Pedro de Oastelrrau, em 1208, levou Inocêncio a pregar- uma cruzada contra os hereges do Sul da França. A monarquia francesa gostou dela, pois via nos nobres da região víissalos por demais independentes. Os interesses idênticos do papa e do rei levaram a vinte anos de guerra destruidor» (1209-1229), na qual o poder dos nobres foi abafado e cidades e províncias ficaram devastadas» Os defensores dos cátaros foram reduzidos' à impotência ou compelidos a auxiliarem no extermínio deles»

Ao término da luta se seguiu um sínodo deveras importante, reunido em 1229, em Toulouse. Cátaros e valdenses muito tinham usado a Bíblia, O sínodo, pois, proibiu que os leigos possuíssem as Escrituras, exceto o saltério e as porções inclusas no breviário, e especialmente condenou todas as traduções. Na verdade, o decreto era local, mas considerações similares levaram a idênticas proibições na Espanha e em outros lugares. Durante a Idade Média não houve proibição geral da leitura da Bíblia pelos leigos

Segundo ato de significação que marcou o sínodo de Toulouse foi o início da inquisição sistemática. Durante o começo da Idade

Média a questão do puiiimento dos hereges fora indeterminada. Houvera bastantes casos de ruorte, geralmente pelo fogo, às mãos de governantes, eclesiásticos ou das turbas A isso, no entanto, se opunba o clero de maior hierarquia» A identificação dos eátaros com os maniqueus, contra os quais os últimos imperadores romanos haviam lavrado sentença de morte, deu a esta punição a sanção da lei romana. Pedro 11 de Aragão, em 1197, ordenara a execução de hereges pelo fogo. O Papa Inocêncio III (1198-1216) afirmava que a heresia, sendo traição a Deus, era ainda mais hedionda que a traição ao rei. A investigação da heresia ainda não fora sistematizada. Intentou a tarefa o sínodo de Toulouse Sua obra foi aperfeiçoada rapidamente pelo Papa Cregório IX (1227-1241)„ Confiou o papa a incumbência de descobrir as heresias a inquisidores escolhidos principalmente na ordem dominicana — ordem formada com alvos inteiramente diferentes. A inquisição se desenvolveu rapidamente até se tornar um órgão temível. Agia secretamente, os nonres dos acusadores não eram levados ao conhecimento dos prisioneiros os quais, por uma bula de Inocêncio IV, datada de 1252, eram passíveis dc tortura. O confisco dos bens do confessante era um dos seus mais odiosos e economicamente destrutivos aspectos.. K sendo as autoridades seculares participantes deles, fez com que fosse mantido vivo o fogo da perseguição, que de outro modo se extinguiria. Entanto, graças à inquisição e a outros meios mais dignos e que ainda veremos, os eátaros foram completamente suprimidos em pouco mais de um século e os valdenses muito reprimidos. Esses bons resultados explicam, em boa parte, a tenacidade com que a Igreja de Roma se apegou à inquisição na época da Reformai

DOMINICANOS E FRANCISOANOS

Cátaros e valdenses afetaram profundamente a Igreja medieval. Na tentativa de enfrentá-los com pregadores de igual devoção, ascetismo, zelo e melhor preparo, surgiu a ordem dos dominicanos, E na mesma atmosfera de "pobreza apostólica" e cumprimento literal dos mandamentos de Cristo, dentro da qual floresceram os valdenses, nasceram os frauciscanoK. Nestas duas ordens teve o monasticismo medieval a sua mais nobre expressão. Em Francisco de Assis a piedade medieva teve o seu representante mais alto e inspirador.

Domingos era natural de Caraloga, em Castcla, tendo nascido em 1170. Estudante brilhante em Falência, e jovem de profundo espírito religioso, foi feito cônego de Osma a cerca de noventa milhas ao norte de Madrid Desde 1201 gozava da amizade de um espírito afim, Diego de Acevedo, bispo de Osma. Jornadearam juntos em missão política, em .1203, pelo Sul da França, onde os cátaros estavam, na época, no ápice do peder. E lá viram que os missionários romanos eram tratados com desprezo» Em Montpellier mantiveram contacto com eles, no ano de 1204, e Diego aconselhou reformassem seus métodos. Somente por missionários tão abnegados, tão fiéis à "pobreza apostólica", tão zelosos da pregação como os "perfeitos" dos cátaros é que poderiam ser reconquistados para Roma esses desviados. Motivados pela exortação do bispo, esses missionários procuraram pôr em prática seus conselhos. Perto de Toulouse, em Prouille, foi estabelecido um convento, em 1206, principalmente para receber mulheres convertidas dentre os cátaros. Até aqui Diego parece ter sido o chefe, mas ele retornou à sua diocese, morrendo em 1206. Desde então Domingos dirigiu a obra. A tormenta da grande guerra contra os cátaros fazia o trabalho muito árduo. Domingos foi tentado pela oferta de bispados a abandonar tão ingrata tarefa. Mas foram vãs as tentações porquanto persistiu no trabalho. Tomou o apóstolo Paulo como modelo, querendo ganhar o povo pela pregação. E pouco a pouco reuniu homens que tinham a mesma idéia. Em 1215 amigos

o presentearam com uma casa em Toulouse. No mesmo ano Domingos se apresentou ao Quarto Concilio Lateranense, em lio ma, procurando a aprovação papal paia uma nova ordem. Ela lhe foi negada, ainda que louvados seus esforços. Adotou então a assim chamada "Regra" de Santo Agostinho» Do Papa Honório III (1216;1227) alcançou, em 1216, reconhecimento equivalente à aceitação prática da ordem.

Ainda em 1217, quando a nova associação era pouco numerosa, Domingos resolveu enviar seus pregadores a vários lugares . Pro* curando influenciai' futuros dirigentes populares, ele os mandou primeiro aos grandes centros educacionais — Paris, Roma e Bolonha. A ordem crescia com rapidez admirável. Seu primeiro capítulo reuniu-se em 1220, em Bolonha. Aqui, sob a influência do exemplo franciseano, adotaram o princípio da mendicância — os membros pediriam o alimento diário. Por este capítulo, ou o do ano seguinte, foi estabelecida a "Ordem dos Pregadores" ou "Dominicanos", como forram popular mente chamados. A sua frente estaria um "mestre geral", escolhido pelo capítulo gerai, inicialmente vitalício. O cainpo seria dividido em "províncias", cada uma delas dirigida por um "prior provincial", eleito pelo espaço de quatro anos pelo capítulo provincial. Cada mosteiro escolheria um "prior", também por quatro anos. O capítulo geral incluía o "mestre geral", os "priores provinciais" e um delegado eleito por cada uma das províncias. O sistema era, pois, urna engenhosa combinação de autoridade e governo representativo. Incluía mosteiros para homens e conventos para mulheres, embora estas não pregassem, desenvolvendo, ulteriormente, grande atividade no terreno do ensino.

Domingos morreu emm 1221. A ordem coutava sessenta casas, espalhadas nas oito províncias de Provença, Toulouse, França, Lornbardia, Roma, Espanha, Alemanha e Inglaterra e cresceu de modo rápicto nos anos que se seguiram. Sempre zelosa do estudo, enfatizava a pregação e o ensino. Procurando trabalhar' nas cidades universitárias, logo se viu bem representada nos corpos docentes das universidades. Os teólogos Alberto Magrro e Tomás de Aquino; os místicos Eckhart e Tauler; o reformador Savonarola são alguns dos grandes nomes que adornam o rol dos dominicanos„ Sua cultura fez com que fossem empregados como inquisidores — função que não estava nos ideais de Domingos. São sem fundamento as lendas que **o** apresentam como inquisidor. Como seu modelo Paulo, ele queria ganhar os homens pela pregação„ Para alcançar esse resultado, não fugia de qualquer sacrifício ou ascetismo que tornassem aceitáveis seus pregadores àqueles a quem se dirigiam, fc evidente, no entanto,

que por humildes e abnegados que fossem os propósitos de Domingos, o alto intel.ectuaIi.smo de sua ordem deu a ela aspecto aristocrático.. Ela, porém, representava uma ênfase no trabalho pelo próximo, tal como se vira entre os valdenses.. Sen ideal não era a contemplação, em isolamento do mundo, mas alcançar os homens em suas necessidades.

Grande como tenha sido a honra tributada a Domingos e aos dominicanos, foi ela ultrapassada pela homenagem popular prestada aos franeiscanos, e de modo especial a seu fundador. O pregador austero, de mocidade sern jaça, estudando a melhor maneira de se aproximar dos homens, adotando a pobreza como meio de chegar a tal fim, não é personagem tão simpática como a do alegre e despreocupado rapaz que tudo sacrifica por Cristo e seus semelhantes e adota a pobreza não corno meio de dar significado à sua mensagem, uras como a única maneira de ser como seu Mestre. Em Francisco de Assis se há de ver rrão somente o maior dos santos medievais, mas alguém que, através de sua sinceridade mais ampla no desejo de imitar.[1] o Cristo em tudo o que é humanamente possível, pertence a todos os tempos e à Igreja universal.

João Bernardonne nasceu em 1182, filho de um negociante de panos em Assis, na Itália Central. Deram-lhe a alcunha de Frarreesco -— Francisco — que dentro em pouco suplantou o nome que lhe foi dado no batismo» Seu pai, negociante sério, não gostava de ver 0 filho chefiando as diabruras c rebeldías de seus jovens companheiros. Um ano de provações (tomo prisioneiro de guerra em Perúgia, conseqüência da derrota na luta contra os nobres, nada mudou em sua vida» Grave enfermidade, no entanto, começou a desenvolver outro aspecto de seu caráter. Participou de uma expedição militar contra a Apúlia, dela porém se retirando por razoes desconhecidas. Sua conversão foi um processo gradual» "Quando eu ainda estava em meus pecados, parecia-me coisa horrível olhar os leprosos; o Senhor , porém, me levou para o meio deles, e deles rne compadeci. Quando os deixei, aquilo que me parecia difícil se havia tornado agradável e fácil"..[1] Foi esta a primeira nota de compaixão cristã que a natureza renovada de Francisco emitiu. Durante uma peregrinação a Roma julgou ele ouvir a ordem divina para restaurar a casa de Deus em ruínas» Tomando-a ao pé da letra, vendeu mercadorias da casa de seu pai para reconstruir a meio destruída igreja de S. Damião, perto de Assis . O pai, agastado com seu gesto nada comer-

1 *Testamento de Francisco* Obra altamente esclarecedora do sen espírito e propósitos. Robinson, *Leituras* I: 392-395.

ciai, levou-o ante o bispo com o fito de deserdá-lo. Mas Francisco declarou que dali para diante não tinha pai além do Pai que está no céu. Ocorreu este fato possivelmente em 1206 ou 1207.

Durante os dois anos seguintes Francisco vagou em Assis e seus arredores, auxiliando os infelizes e restaurando igrejas, Entre estas, a sua favorita de Porciúncula, na planície fora da cidade. Foi ali, em 24 de fevereiro de 1208, que as palavras de Cristo aos apóstolos,[2] lidas num ofício religioso, soaram lhe, como haviam soado a Valdez, qual toque de clarim chamando à ação. Sem dinheiro, usando roupas mui humildes, comendo o que lhe dessem, pregaria o arrependimento e o reino do Deus. Imitaria o Cristo e obedeceria a seus preceitos em absoluta pobreza. Amaria como Cristo amou, com humilde deferência aos sacerdotes Seus representantes.. "O Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo o modelo do santo Evangelho", Rodearam-no pessoas que adotaram suas idéias Para elas redigiu urna "Regra" que pouco passava de seleções dos mandamentos de Cristo. Então, acompanhado de onze ou doze seguidores, levou-a ao Papa Inocêncio III, pedindo seu reconhecimento. Praticamente era a mesma solicitação que Valdez apresentara em vão, em 1179. Agora, porém, Inocêncio estava procurando atrair valdenses para o seio da igreja e Francisco não foi rechaçado. No momento os do grupo se chamavam de Penitentes de Assis, designação que Francisco, em 1216, substituiu por Irmãos Menores ou Humildes, nome pelo qual, desde então, passaram a ser conhecidos.

A associação de Francisco era uma união de imitadores de Cristo, congregados pelo amor e a prática da pobreza total porque só assim, cria ele, podiam renunciar ao inundo e seguir realmente a Cristo. De dois em dois, iam pregando o arrependimento, entoando cânticos, auxiliando os camponeses no seu trabalho, cuidando dos leprosos e dos necessitados., "Os que não têm um ofício, que o aprendam, não com o fito de receber a paga do seu trabalho e sirn para dar bom exemplo e fugir da ociosidade, E quando não nos pagarem o preço de nossa labuta, recorramos à rrresa do Senhor, pedindo pão de porta ern porta"»[3] De imediato organizaram vastos planos missionários a que o rápido crescimento da associação deu cobertura. O próprio Francisco, impedido por uma enfermidade de ir aos rnaomctanos da Espanha, dirigiu-se ao Egito, em .1219, durante urna cruzada, chegando a pregar perante o sultão.

2 Mt 10.7-14.
3 Testamento,

Francisco era mau organizador. Aumentava muito a associação livre . As regras que serviam para um punhado de irmãos de idêntico sentir, logo se tornaram insuficientes para um corpo de vários milhares de homens.. De qualquer maneira mudanças teriam de lraver. O talento organizador do Cardeal Ugolino de Óstia, mais tarde Papa Gregório IX (1227-1241), que ajudara Francisco, as acelerou. O cardeal conseguiu que Francisco fosse nomeado "protetor" da sociedade. Sob a influência de Ugolino e a do irmão Elias de Cortona, rapidamente a associação se transformou em per feita ordem monástica. Desde o tempo da ausência de Francisco no Egito c Síria, em 1219 e 1220, deixou ele de ser o líder real. Em 1221 foi adotada nova r egra e em 1223 ainda uma terceira. Nesta última regra a ênfase não estava mais na pregação, a mendicância foi estabelecida como prática normal, não excepcional. Em 1219 já haviam sido estabelecidas províncias, cada urna delas entregue a um "ministro",. As instruções papais de 1220 ordenavam obediência aos oficiais da ordem, estabeleciam o noviciado, um hábito uniforme e votos irrevogáveis

Provavelmente a maior parte destas mudanças fossem inevitáveis. Certamente elas desagradaram a Francisco, mas não tão profundamente como se tem querido fazer crer*. Sempre foi ele deferente para com as autoridades eclesiásticas e parece ter[1] olhado tais modificações mais com pesar do que com espírito de oposição* Mais ainda se retirou do mundo, muito se dedicando â oração e ao canto,. Seu amor à natureza, no que estava berrr distanciado do seu tempo, não mais se manifestou. De corpo débil, desejava estar com Cristo. Todos criam levava ele em seu próprio corpo a reprodução das chagas de Cristo. Não se sabe como recebeu os estigmas, sendo isso um problema insolúvel.. Morreu na igreja de Poreiúneula a 3 de outubro de 1226. Dois anos depois foi proclamado santo por Gregório IX ., Na história do cristianismo poucas pessoas mer eceram mais esse título.

Quando Francisco morreu, os franciseanos se assemelhavam aos dominicanos em matéria dc organizaçãoDirigia-os um "ministro geral", escolhido por- doze anos. Nas "províncias" havia um "ministro provincial" e cada grupo tinha um "custos" porque, diferindo dos dominicanos, de início os franciseanos não tinham casas Como os dominicanos, promoviam capítulos provinciais e gerais, nos quais eram eleitos os dirigentes e feitas as leis. Ainda como os dominicanos, os franciseanos quase desde o começo possuíam um ramo feminino denominado "segunda ordem". Foi instituída por Francisco, em 1212, por intermédio de sua discípula e amiga Clara Sciffi de Assis

(1191-1253) Foi muito rápido o crescimento dos franciscanos •— e entre eles contavam-se eruditos notáveis • sem perderem o aspecto de ordem dos pobres, como aconteceu aos dominicanos

Dominicanos e franciscanos, conhecidos na Inglaterra respectivamente como Frades Negros e Frades Cinzentos, de imediato exerceram uma influencia popular quase ilimitada. Ao contrário das antigas ordens, estas trabalhavam principalmente nas cidades, isto porque nas cidades a mendicância era mais fácil... Indubitavelmente conseguiram com seu trabalho fazer urr grande despertarnento religioso entre o povo leigo.. Ao mesmo tempo solaparam a influência dos bispos e do clero secular, visto terem o privilégio de pregar e absolver em qualquer lugar. Assim fortaleciam o poder do papado, diminuindo o do clero comum.. Um dos principais resultados dessa influência sobre os leigos foi o desenvolvimento dos "Terciários" ou "Ordem Terceira" Primeiro apareceram elas ligadas aos franciscanos, ainda que a tradição que as diz criadas pelo próprio Francisco seja provavelmente sem fundamento. A "Ordem Terceira" permitia aos homens e mulheres, mesmo em suas ocupações ordinárias, levar em vida semimonástica de jejum, oração, culto e prática da caridade. Exemplo impressionante dessa vida é Santa Isabel da Turrngia (1207-1231). Depois, todas as ordens mendicantes organizaram ordens terceiras.. Com o tempo, elas tenderam a se tornar- completamente morrástieas, sendo delas excluídos os casados. E de justiça considerá-las um intento feliz de realizar os ideais religiosos numa época que tinha o morrasticismo corrro a verdadeira vida cristã.

Além das ordens dominicana e franeiscarra, a piedade dos séculos décimo segundo e décimo terceiro achou outras maneiras de se expressar. Importante manifestação dessa piedade foram as Beguirras, nos Países Baixos, Alemanha e França. Era uma organização feminina vivendo de modo algo monástico, mas sem votos irrevogáveis. O nome parece lhes ter sido dado pelos seus inimigos em memória do pregador de Biege, Iiamberto de Bègue, que lravia sido considerado herege. E o movimento, sem dúvida, muita vez contou com pessoas que não simpatizavam com a Igreja. Era, no entanto, geralmente ortodoxo e se expandiu nos Países Baixos, existindo até agora . Sua organização vaga tornava difícil a disciplina e, daí, foi se deteriorando.. Para homens, havia uma associação paralela, ainda que menos popular, a dos Begardos..

As divisões na ordem franeiscana, surgidas ainda ao tempo de seu fundador, entre os que aceitavam a vida simples da pobreza do Cristo e os :iue valorizavam o número, o poder e a influência, foram

agravadas após sua morte. O partido mais rigoroso encontrou um chefe no Irmão Leão, o outro em Elias de Cortona. A política papal favoreceu os deste grupo, já que ela lucraria com o desenvolvimento e a consolidação da ordem através das linhas do monasticismo antigo. A luta foi se tornando cada vez mais encarniçada. O partido mais moderado foi recebendo doações e usando edifícios, sob a alegação de que não pertenciam à ordem mas a "amigos". O Papa 'Inocêncio IV (1243-1254) permitiu tal coisa, em 1245, com a ressalva de que as propriedades pertenciam à Igreja e não à ordem» O partido mais rigoroso se opôs vigorosamente a estas inovações . Ele, porém, caiu numa ortodoxia suspeita» Joaquim de Flora, no estremo sul da Itália (1145? 1202), monge de Cister tido na conta de profeta, dividiu a história do mundo em três épocas: a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo. A do Espírito viria em pleno poder em 1260. Seria uma época de homens que entenderiam o "Evangelho eterno"[4] - - não um novo Evangelho, mas o antigo, espiritualmente interpretado. Seria monástica a sua forma de -vida. Na sexta década do século décimo terceiro muitos dos franci«canos rigorosos adotaram estas idéias. Foram então perseguidos não apenas pelos elementos menos rigorosos mas também pelos moderados, que haviam obtido a chefia quando Boaventura fora escolhido ministro geral, em 1257. Estes monges observantes, de fé profética, foram alcunhados de "Espirituais", Ao tempo do Papa João XXII (1316-1334) alguns desse partido foram queimados pela inquisição, no ano de 1318. Durante este pontificado surgiu rrova questão — se seria total a pobreza de Cristo e dos apóstolos. João XXII, em 1322, decidiu a favor da idéia menos rigorosa **e** encarcerou o grande erudito inglês Guilherme de Oeeam e ainda outros que sustentavam a absoluta pobreza de Cristo. A querela não tinha solução e, por fim, o Papa Leão X (1513-1521) formalmente-reconheceu a divisão dos franeiscanos, no ano de 1517, em "Observantes" ou rigorosos e "Conventuais" ou menos rigorosos; cada seeção com dirigentes distintos e capítulos gerais.

4 Ap 14.6.

INÍCIO DA ESCOLÁSTICA

Temos já nos referido à obra educacional das escolas existentes, nas catedrais e nos mosteiros, obra essa relacionada com Boda, Alcuíno e Kabanus Maurus (pp 261, 270, 275)..

Foi simplesmente uma imitação e reprodução dos ensinos dos Pais da Igreja, especialmente de Agostinho e Gregório, o Grande. Essa obra tinha pouca originalidade, excluído o caso de João Scotus Erígena (p 275). No entanto aumentaram as escolas, principalmente na França, durante o século umbrimo E com esse aumento, iniciou-se a aplicação dos métodos da lógica ou da dialética na discussão dos problemas teológicos, o que resultou em novo e fértil desenvolvimento intelectual, Tendo se originado nas escolas, o movimento for chamado de "Escolasticismo" ou " EscoJ.áslica", No início, muito do conhecimento do método dialético veio de pequenas traduções de trechos dos escritos de Aristóteles e da *Tsagoge* de Porfírio, trabalho de Boéeío (480? -524).

O desenvolvimento do escolasticismo foi iniciado e acompanhado pela discussão da natureza dos "universais" — isto é, corri referência à existência de gêneros e espécies — debate provocado pela *ísagoge* de Porfírio. Três posições poderiam ser tomadas. Os "realistas" extremados, sofrendo a influência platônica (p 19), afirmavam que existiam antes e à parte dos objetos individuais - - *ante rem,* i.e„, o gênero humano era anterior ao indivíduo homem, e o determinavam, Os "realistas" moderados, levados por Aristóteles (p 19) ensinavam que os universais existiam somente em conexão com os objetos individuais •— *in re.* Os "nominalistas", seguindo precedentes estóreos, sustentavam que os universais eram apenas nomes abstratos para a semelhança dos indivíduos e que não existiam fora do pensamento - • *post rem.* A única existência real para eles era a do objeto individual, Esta luta entre "realismo" e "nominalismo" atravessou o período eseolástieo e profundamente influenciou suas conclusões teológicas.

A primeira controvérsia escolástica de importância foi o despertar da questão que outrora existira entre Pascásio, Radberto e Ratramno sobre a natureza da presença de Cristo na Ceia do Senhor (p 275 e seg.) Berengário, diretor da escola da catedral de Tours, ai por 1049, atacou a concepção predominante de que a substância dos elementos é transformada no verdadeiro corpo e sangue de Cristo. Sua posição era semelhante à de Ratramno. Negava ele a mudança das substâncias do pão e vinho, mas dizia que pela consagração algo invisível mas real, o todo do Cristo celestial, era adicionado aos elementos naturais. Somente os crentes recebiam-no na comunhão. Imediatamente Berengário teve a oposição de Lanfranc (? -1089), então prior do mosteiro de Rec, na Normandia, e que seria notável Arcebispo de Cantuária, ao tempo de Guilherme, o Conquistador. Os sínodos de Roma (1050) e de Tours (1054) condenaram o pensamento de Berengário. Pm 1059 o Cardeal Humberto o compeliu a assinar um documento dizendo que no ofício da Comunhão o presbítero toca o corpo e o sangue de Cristo e que os comungantes mordem com seus dentes o corpo do Senhor , Cerca de dez anos depois ele reafirmou suas opiniões, mas novamente as renegou, em 1079. A discussão demonstrou que a opinião (pie logo seria conhecida como "Iransubstarrciação" se havia tornado a dominante na cristandade latina. Teve ela plena aprovação no Quarto Concilio Lateranense, em 1215, quando foi proclamada dogma.

Os métodos dialéticos de Berengário foram empregados, com resultados muito diferentes, por Anselmo, a quem se tem chamado o pai dos escolásticos. Anselmo nasceu em Aosta, no Norte da Itália, cerca de 1033, e se tornou monge ao tempo de Ijanfranc em Bee, a quem sucedeu como prior. Em seu tempo, a escola dc Bee se fez mui notável. Em 1093 foi feito arcebispo de Cantuária, tendo, porém, um episeopado borraseoso por causa de seus princípios, iguais aos de Hildebrando. Morreu no cargo, em 1109. Como teólogo, Anselmo era realista extremado e, além disso, estava convicto da •capacidade de uma dialética apropriada provar as verdades teológicas. Sua famosa demonstração ontológica da existência de Deus é ao mesmo tempo realista e neoplatônica. Tal como a apresenta em seu *Proslogmm,* Deus é o maior de todos os seres . Deve existir na realidade tanto quanto no pensamento, porque se Ele existe só no pensamento é possível conceber um ser maior, existindo tanto na realidade como no pensamento; o que é impossível. Esta prova, que levantou oposição da parte de Gaumilo, monge de Marmontiers, na

época de Anselmo, é tida por muitos corno um jogo de palavras, airrda que não tenham faltado defensores de sua permanente validade.

Em seguida Anselmo dirigiu sua atenção para o córrego de Compiègrre, Roscelin, que afirmara, sob a influencia nomirj alista, que ou o Pai, o Filho e o Espirito Santo são idênticos ou então são três deuses O sínodo de Soisson, reunido em 1092, obrigou Roscelin a abjurar- o triteísmo . Nesta altura, Anselmo declarou que o nominalisrno era herético em sua essência . E esta opinião prevaleceu nos dois séculos seguintes,

A mais influente contribuição de Anselmo à teologia foi sua discussão da expiação em seu *Citr Deus horno,* o mais hábil estudo aparecido até então Rejeitando a idéia que a Igreja antiga alimentava, Anselmo negou totalmente houvesse sido pago um resgate ao diabo. O homem, pelo pecado, desonrara Deus; sua dívida era apenas para com Deus. A natureza de Deus exige "satisfação".. O homem, que lhe deve sempre obediência, nada tem com que compensar a desobediência passada. Daí, se deve haver alguma satisfação, ela só pode ser dada por alguém que participe da natureza, humana, que seja Ele mesmo homem, e, como Deus, tenha algo de infinito valor para oferecer. Um ser assim é o Deus-homem Seu sacrifício não é apenas uma satisfação, mas airrda merece uma recompensa.. Essa recompensa é a bem-avcrrturança eterna de Seus irmãos. A vasta influência da teoria de Anselmo repousa, em última análise, sobre a convicção "realista" de que há tal existência objetiva como a humanidade que Cristo pôde assumir.

Anselmo era um espírito piedoso, plenamente convicto de que a explanação só podia amparar as doutrinas da Igreja. "Creio para poder entender", é o moto que expressa sua atitude , A mesma elevada posição realista foi mantida por Guilherme de Charnpeaux (1070? -1121), que deu renome grande à escola de S. Vítor, perto de Paris, e que morreu como bispo de Ohalons.

Foi Abelardo quem usou com mais habilidade, no século décimo segundo, o método dialético (1079-1142) ., Abelardo era homem vaidoso, de espírito crítico e método irritante, sem, contudo, ser irreligioso. Nascido em Pallet, na Bretanha, estudou com Roscelin e Guilherme de Charnpeaux, a que se opôs e certamente sobrepassou em habilidade. Na ardorosa questão dos universais, tomou posição intermédia entre o nominalismo de um dos mestres e o realismo de outro. Existem só indivíduos, mas gêneros e espécies são mais que palavras. Por isso é ele geralmente chamado "coneeptualista", porque deu aos universais valor maior do que meros conceitos mentais. Sua idéia é bem

sumarizada na fórmula: *universale est in intellectu c-um fundamento in re.*

Foi tempestuosa a vida de Abelardo. Aos vinte e dois anos ensinava a grande número de discípulos em Melun, cerca de Paris. Aí por 1115 era cônego de Notre Dame, com tantos seguidores como jamais um conferencista conseguira ter» Enamorou-se de Heloísa — sobrinha de seu colega, o Cônego Fulberto — pessoa de singular natureza devota. Contraiu com ela matrimônio secreto, Abelardo foi emaseulado, motivo por que sua carreira clerical foi interrompida Então se tornou monge» Ensinar era, no entanto, a sua vida e portanto voltou a fazer conferências . Sua réplica ao triteísmo de Koscelín ia tanto em outra direção que seus inimigos o acusaram de sabeiia nismo» Suas idéias foram condenadas num sínodo, o de Soissons, em 1221., Suas críticas da vida tradicional de S» Denis (Dionísío) tornaram-lhe o mosteiro de S. Denis lugar- incômodo e, por isso, passou a viver como ermitão» Um grupo de estudantes o acompanhou e ele fundou então uma pequena casa que chamou Paráclito, Suas críticas ainda lhe granjearam a oposição do mais poderoso líder religioso do momento, o ortodoxo tradicionalista Bernardo» Foi ele, então, buscar[1] refúgio como abade num rústico mosteiro em Rhuys, na distante Bretanha. Entanto deixou seu retiro para pronunciar algumas conferências em Paris e iniciou correspondência com Heloísa» Ela se tornara dirigente de pequena comunidade de monjas, em Paráclito» Essa correspondência é o mais interessante registro de afeto — especialmente da parte de Heloísa — que a tda.de Média preservou» BernardÕ se esforçou pela sua condenação no sínodo de Sens, em 1140, e o não recebimento de seu apelo pelo Papa lirocêneio II» Abelardo era agora um homem aiquebrado. Submeteu-se e encontrou um amigo em Pedro, abade de Cluny» Morreu em 1142 em um mosteiro da jurisdição de Cluny»

O espírito de Abelardo era essencialmente crítico. Sem rejeitar os Pais ou os Credos, dizia que tudo deve estar sujeito ao exame filosófico e não ser cri do sem maior cuidado. Suas obras, *Stc, et non* — Sim e Não — comparando passagens contraditórias dos Pais sobre as grandes doutrinas, sem procurar harmonizá-las riem explicá-las, muito pode sugerir fosse ele um semeador de dúvidas» Sua doutrina da Trindade era quase sabeliana, Seu ensino de que o homem herdou dc Adão não a culpa mas o castigo, era contrário à tradição agostiniana» Sua teoria ética de que o bem c o mal são inerentes na intenção mais do que no ato, opunha-se ao pensamento geral. Sua crença de que os filósofos da Antigüidade participavam da revelação divina,

ainda que concorde com velha opinião cristã, não era a do seu tempo, Não era Abelardo menos individual, ainda que decididamente moderno, ern seu conceito da expiação, Como Anselmo, negava qualquer resgate pago ao diabo.. Ao mesmo tempo energicamente recusava a doutrina da satisfação de Anselmo. Segundo o ponto de vista de Abelardo, a encamação e a morte de Cristo são a mais alta expressão do amor de Deus aos homens, e seu efeito é despertar em nós o amor. Ainda que passível de muitas críticas do ponto de vista de sua época, Abelardo foi um espírito profundamente estimulante. Foram poucos os seus seguidores diretos; grande foi, porém, sua influência indireta, e foi de enorme alcance o impulso que deu ao método dialético na investigação teológica.

Uma combinação do uso moderado do método dialético com intenso misticismo neoplatônico se encontra na obra de Hugo de S Vítor (1097-1141). Alemão de nascimento, sua vida foi serena. Aí por 1115 ingressou no mosteiro de S Vítor, perto de Paris, onde chegou a ser diretor de sua escola. Homem pacífico e modesto, de profunda cultura e piedade, notável foi sua influência. Gozou da amizade íntima de Bernardo. Possivelmente suas obras mais significativas foram o comentário da *Hierarquia Celestial* do Pseudo-Dionísio, o Areopagita (p 225) e seu tratado *Sobre os Mistérios da Fé (De saerwmeniis Chnstiane fidei)*.. De modo verdadeiramente místico descreveu o progresso espiritual corno ocorrendo em três estágios — cogitação, a formação de conceitos através dos sentidos; meditação, investigação intelectual desses conceitos; contemplação, penetração intuitiva ern seu sentido mais íntimo. Nesta última consiste a verdadeira visão mística de Deus e a compreensão dc todas as coisas nJRle,

Não sendo um gênio original como Abelardo ou Hugo, mas *homem* de grandes serviços intelectuais prestados ao seu tempo, tendo sido honrado até a Reforma, foi Pedro Lornbardo, o "Mestre das Sentenças" (?-1160). Nascido erri circunstâncias humildes, rro Norte da Itália, Pedro estudou ern Bolonha e Paris, auxiliado pelo menos em parte pela generosidade de Bernardo. Em Paris por fim'se tornou professor de teologia, na escola de Notre Dame, e rro final da vida foi bispo da sé parisiense, em 1159 . Não se tem certeza se foi aluno de Abelardo, rrras as obras deste evidentemente muito o influenciaram. Estudou sob a direção de Hugo de S. Vítor e muito ficou devendo a este mestre» Entre 1147 e 1150 escreveu a obra que lhe deu fama - *Quatro Livros de Sentenças* Conforme o costume de então, reuniu citações dos Credos e dos Pais sobre diversas doutrinas cristãs. A novidade foi que intentou explicá-las e interpretá-las pelo método

dialético, cora grande moderação e bom senso, e com referências constantes às opiniões de seus contemporâneos. Permanentemente revelou a influência de Abelardo, ainda que tenha criticado as posições extremadas deste pensador. Entanto, mais 1'oi o que deveu a Hugo de S Vítor. Debaixo das quatro divisões: Deus, Seres Criados, Salvação, Sacramentos e Últimas Coisas, discutiu tudo acerca da teologia, O resultado foi um manual tão completo e adequado às necessidades da época que permaneceu corno a base principal do ensino teológico até a Reforma

Nos meados do século duodécimo teve fim o primeir o período do escolastieismo. Continuaram as escolas em crescente atividade, mas não apareceram gênios criadores. A segunda metade desse século se distinguiu pela introdução no Ocidente, que muito pouco sabia de Aristóteles, da maior- parte das obras deste e de muitos filósofos gregos. Essa introdução foi devida aos judeus da Espanha e Sul da Prança, que os conheceram, por sua vez, através dos árabes A conquista latina de Constantinopla (p 315) possibilitou a tradução direta dos originais. A conseqüência foi novo e maior impulso da atividade escolástica no décimo terceiro século

AS UNIVERSIDADES

As escolas raonásticas e cias catedrais jamais floresceram tanto quanto haviam florescido no século duodécimo. Professores foram se multiplicando e se rodeando de alunos., Anselmo, Abelardo, Guilherme de Charnpeaux, Hugo de S. Vítor e Pedro Lombardo simplesmente foram os mais eminentes dentre eles. Em grande onda vinham a eles estudantes de toda a Europa. Paris e Oxford foram famosas na teologia; Bolonha no direito civil e eclesiástico; Salerno na medicina. Sob tais circunstancias se desenvolveram as universidades, daí ser difícil datá-las com exatidão. A mudança que trouxeram não implicou 110 estabelecimento de escolas op.de antes não existiam, mas na associação de alunos e professores em coletividades.. Estas se assemelhavam às confrarias de operários, pois seu fito principal era se protegerem e organizarem e ainda para se tornarem eficientes e para regulamentar a admissão à profissão docente, Daí o nome "universitas sclrolarium", í. e., universidade de eruditos, reunindo professores e estudantes. O começo da organização universitária — que se deve distinguir do começo do ensino — se pode datar aí pelo ano de 1200..

Pelo fim do século décimo segundo havia em Bolonha duas "universidades" ou associações de mútua proteção. Entanto, a organização em Paris se tornou padrão para a Europa setentrional. Seus regulamentos mais antigos datam de cerca de 1208 e seu reconhecimento como corporação legal, por' urna carta do Papa Irrocêncio III, também de cerca de 1211 „ Havia em Par is uma única "universidade", formada originalmente pela reunião da escola da catedral, e outras particulares , Era dividida em quatro faculdades — urna preparatória, a de "artes", na qual era ensinado o *trivium* (gramática, retórica e dialética ou lógica) e o *q-uadrivium* (astronomia, aritmética, geometria e música) ; e as três superiores — teologia, lei canônica e medicina. Cada faculdade era presidida por um deão. Alérri desta organização educacional, estudantes e professores também se agrupavam, para auxílio mútuo, em "nações", cada uma delas encabeçada por um

procurador. Variavam em número nas diversas instituições. Km Paris havia quatro — a dos franceses, dos picardos. dos normandos e dos ingleses.

O ensino era principalmente ministrado por preleções (*lectura)* e constantes debates- *(disputa,tio),* método que, mesmo com seus defeitos, fazia com que os alunos dominassem a matéria e demonstrassem seus talentos. O primeiro grau, o de bacharel, se assemelhava à admissão do aprendiz na corporação, O segundo, o de mestre ou doutor, tinha semelhança com o do mestre operário na corporação e dava plena autoridade para lecionar na instituição em que fora conferido e, ainda, para, os graduados das universidades maiores, em qualquer parte. O emprego exclusivo do latim nas aulas possibilitava a freqüência de alunos provenientes de toda a Europa e, em grande número, afluíam eles às mais famosas universidades

As necessidades desses estudantes, dentre os quais havia alguns bem pobres, logo despertaram o interesse de benfeitores., Uma das mais importantes e antigas fundações então estabelecidas foi a organizada em Paris por Roberto de Sorbonne (1.201-**1274),** em 1252 Proporcionava, casa e ensino especial aos estudantes pobres, sob os cuidados de "assistentes" da fundação. Tais estabelecimentos, logo conhecidos como "colégios", rapidamente se multiplicaram e abrigaram a grande maioria dos estudantes, ricos e pobres,, O sistema ainda perdura nas universidades da Inglaterra , A Sorbonne tanto se identificou com o ensino teológico que seu nome veio a ser popularmente ligado, ainda que erroneamente, à Faculdade de Teologia de Paris, Essa universidade, até a Reforma, ocupou a liderança na Europa, de modo especial rios estudos teológicos

Com grande rapidez surgiram universidades, muitas delas tiveram pouca duração. No geral, foram tidas corno instituições eclesiásticas sendo quase essencial a autorização papal. A mais importante autorização leiga foi a do Imperador Frederico II, dada à universidade de Nápoles, em 1225

ALTO ESCOLASTICISMO E SUA TEOLOGIA

A. recuperação de todas as obras de Aristóteles, o **surgimento** das universidades e o devotamento ao estudo das ordens mendicantes levaram, no século décimo terceiro, a um novo período de escolasti cismo e marcaram a maior conquista intelectual da Idade Média O movimento para esta "teologia moderna" não teve pouca oposição, mormente da parte dos tradicionalistas e aderentes da posição agostiniana neoplatônica Aristóteles sofreu muita hostilidade. Sua vitória foi assegurada por uma série de grandes pensadores, todos das ordens mendicantes.. Eles mesmos ainda que baseados principalmente em Aristóteles, muito usavam Platão, como é refletido em Agostinho e no Pseudo-Dionísio (pp **225, 235)**

O estudo da teologia à luz do pensamento aristotélico se deve a Alexandre de Hales (M 245), inglês que se fez franc.iscano e que lecionou em Paris Para ele a Escritura é a verdade única e final Com este novo período escolas tico, se bem que continuasse agudo o velho problema entre o realismo e o noruinalismo, a expansão do interesse intelectual é bastante mais vasta que no anterior. Alexandre era um realista moderado.. Os universais existem *ante revi* na mente de Deus, *in re* nas coisas *mesmas,* e *post vem em* nosso entendimento. Nisto foi acompanhado por Alberto Magno e Aquino,

Alberto Magno (**1193 %• 1280),** dominicano alemão, estudou em Paris e lecionou em vários lugares de seu país, principalmente em Colônia. Serviu como prior provincial em sua ordem e foi, durante alguns anos, bispo de Ratisbona. Era o homem mais culto do seu tempo; seus conhecimentos científicos eram realmente notáveis. Seu conhecimento não apenas de Aristóteles mas também dos comentários dos árabes eruditos era mais profundo do que o de Alexandre de Hales» Entanto foi mais compilador c comentarista que gênio teológico original.. O que ensinou foi apresentado com mais clareza por seu aluno Tomás de Aquino.

Tomás de Aquino (1225-1274) era filho de Landolfo, Conde de Aqiiino, cídadezinha situada a meio caminho entre lloma e Nápoles. Aparentado com a casa imperial alemã de llohenstaufen e com a de Tancredo, o cruzado noi mando, foi contra a vontade dos pais que, em **1243,** ingressou na ordem dominicana Seus superiores espirituais, vendo nele uma esperança, o enviaram a Colônia para que estudasse sob a orientação de Alberto Magno, (pie o levou logo para Paris. Ao receber o grau de bacharel em teologia. Tomás regressou a Colônia, em 1248, e x>assou a ensinar como assistente de Alber to Magno Foram anos de rápido crescimento intelectual.. O ingresso na faculdade de Paris lhe foi por longo tempo vedado em vir tude do zelo dás ordens mendicantes A partir de 1261 e durante alguns anos, ensinou na Itália, depois novamente em Paris e, por fim, desde 1272, em Nápoles. Quando se dirigia, em 1274, ao concilio de Lyon faleceu no mosteiro cisterciense de Fossanuova, peito de Terraeina. Nesses laboriosos anos de ensino Tomás foi consultado constantemente sobre importantes questões civis e eclesiásticas e pregava com assiduidade Ao mesmo tempo sua pena não parava e dela saíram obras volumosas e importantes Sua grande *Suma Thcologioe* foi começada cerca de 1265 e não estava totalmente concluída quando ele morreu. Pessoal mente era uma pessoa simples, profundamente religiosa — homem de oração. Intelectualmente sua obra foi marcada por uma clareza, lógica consistente e amplitude de apresentação que o colocam entre os poucos grandes mestres da Igreja Na Comunhão Romana sua influência nunca cessou Sua obia é a base da atual instrução teológica pela declaração, em 1879, do Papa Leão XIII (1878-**1903)**

João Fidanza (1221-1274), mais conhecido por Boaventura, foi íntimo amigo de Aquino e dur ante algum tempo seu colega de magistério na Universidade de Paris. Boaventura nasceu em Bagnorea, nos Estados da Igreja, e ingressou na ordem franciscana em 1238, chegando a ser seu "geral" em 1257. Foi feito cardeal um ano antes de morrer. • Professor afarrrado em Paris, muito se distinguiu por sua administração da ordem e por seu elevado caráter .. Multo menos aristotélico que Aquino, foi especialmente influenciado pelos ensinos neojílatôriicos de Agostinho e do Pseudo-Dionísio. Era essencialmente místico. Pela meditação e a prece é possível a alguém alcançar aquela união com Deus que outorga o mais alto conhecimento da verdade divina Boaventura, ainda que místico, foi, no entanto, um teólogo de habilidade dialética cuja obra, mais conservadora e menos original que a de Aquino, conquistou elevada consideração.

Segundo Aquino, eom quem o escolasticismo alcançou o apogeu, o alvo de toda investigação teológica é proporcionar conhecimento de Deus e da origem e destino do homem, Esse conhecimento se obtém, ao menos em parte, pela razão — teologia natural Entanto essa conquista da razão não é completa, É necessário seja ampliada pela revelação Esta se encontra nas Escrituras, que são a única autoridade final São elas, porém, entendidas à luz da interpretação dos concilios e dos Pais — numa palavra, como as entende a Igreja As verdades da revelação não podem ser alcançadas pela razão, ainda que a ela não sejam contrárias, e a razão pode demonstrar a falácia das objeções que são feitas a essas verdades. Aquino, então, está longe de compartilhar da convicção de Anselmo de que Iodas as verdades cristãs são filosoficamente demonstraveis Ele, 110 eu tanto, afirma que não pode haver contradição entre a filosofia e a teologia, já que ambas são de Deus.

Eií) tratando de Deus, Aquino combina concepções aristotélicas e neoplatônicas. Deus é a causa primeira,. O ato puro *(actus purtca V* Também o ser mais real e perfeito É a substância absoluta, origem e fim de todas as coisas. Como bondade perfeita, Deus sempre faz o que é reto. Quanto à Trindade e à pessoa de Cristo, Aquino manteve essencialmente a posição de Agostinho e a fórmula de Calcedônia (p 201).

Deus de nada necessita, daí a criação do mundo ser conseqüência do amor divino, que Ele asperge sobre os seres a que deu vida. A providência de Deus se estende a todos os fatos e se manifesta ria predestinação de alguns para a vida eterrra, deixando outros entregues aos resultados do pecado na eterna perdição. A posição de Aquino é eiri grande parte determinista. De fato, o homem é livre, É autônomo.. Sua autonomia, porém, não excluí a providência determinante ou permissiva de Deus. A divina permissão do mal resulta no mais alto bem do todo.

Aquino abandonou a velha distinção entre "alma" e "espírito[77] A alma do homem é uma unidade, possuindo intelecto e vontade, ft imaferial O supremo bem do homem é a visão e o gozo de Deus. Tal como foi criado, tinha o homem, somados aos seus poderes naturais, o dom especial que o fazia querer esse bem supremo e praticar as três virtudes cristãs — fé, esperança e amor-. Adão perdeu esse dom por causa do pecado, pecado que também corrompeu seus poderes naturais. Então seu estado se tornou não apertas na falta da retidão original, mas numa positiva inclinação para objetivos infe

riores O pecado é, pois, mais do que simples negação Neste estado decaído, era impossível que Adão agradasse a Deus e essa corrupção se transmitiu a toda sua posteridade.. Tem ainda o homem, no entanto, podei- de praticar as quatro virtudes naturais; prudência, justiça, coragem e autocontrole. Estas virtudes, mesmo proporcionando certa felicidade e honra temporais, não são suficientes para outorgarem a seus possuidores a visão de Deus

A restauração do homem só é possível mediante a livre e imerecida graça de Deus, pela qual aquele dom especial é restaurado na natureza humana, seus pecados são perdoados e o poder de praticar as três virtudes cristãs é restabelecido. Ação alguma sua pode obter esta graça. Pode-se conceber que Deus perdoe pecados e conceda graça sem o sacrifício de Cristo - e aqui difere Aqui no de Anselmo Mas a obra de Cristo foi o método mais sábio e mais eficiente escolhido por Deus, e a completa redenção do homem está nela baseada Essa obra inclui satisfação pelo pecado, e Cristo merece recompensa. Ela também compele o homem a amar. Aquino assim desenvolveu e combinou conceitos apresentados por Anselmo e Abelardo, A satisfação de Cristo excede os pecados humanos, e a recompensa que Cristo não pode receber, já que Deus de nada precisa, é posta à conta de Seus irmãos humanos. Cristo fez pelos homens aquilo que eles mesmos não podem fazer,

Uma vez redimido, as boas obras que a graça de Deus então capacita o homem a praticar merecem e recebem recompensa O homem agora tem poder para cumprir rrão só os preceitos mas os conselhos do Evangelho (p 341), E pode fazer obras de supererrogação, entre as quais será a principal a fiel observância da vida monástica. Não só se pode preparar para o céu mas também pode juntar seu pouco aos superaburrdairtes méritos de Cristo e dos santos. Tudo isto, iro entanto, é possível somente pela graça de Deus. Assim, Aquino atira lugar para os dois conceitos dominantes na piedade medieval — graça e mérito.

A graça não alcança os homens indiscriminadamente. Tem ela senS canais definidos —- os sacramentos e somente eles. Neste ponto o eseolastieismo alcançou grande clareza de definição, como antes não existira,. O antigo modo de pensar[1] que todas as ações sagradas eram sacramentos perdurou até o século duodéeirrro Entanto, Hugo de S Vítor e Abelardo com clareza colocaram cinco em mais alta categoria sacramentai que outras. E Pedro Lombardo definiu os sacramentos como sete. Se esta definição foi originalmente dele, é

problema ainda não solucionado Mas a definição não foi universalmente aceita A influência de suas *Sentenças* lhe ganhou o triunfo Segundo a enumeração de Pedro Lombardo, os sacramentos são: batismo, confirmação, ceia do Senhor, penitência, extrema-unção, ordenação e matrimônio. Cristo mesmo os instituiu ou por intermédio dos apóstolos, e todos transmitem a graça de Cristo, o cabeça, aos membros do Seu corpo místico, a Igreja Sem eles não Irá verdadeira união com Cristo»

Todo sacramento consiste em dois elementos que são definidos em termos aristotélicos de forma e matéria (p 18) — uma porção material (água, pão e vinho, etc) ; e uma fórmula referente a seu uso sagrado ("Eu te batizo", etc). O ofieiante deve ter a intenção de fazei o que Cristo e a Igreja indicaram, e quem recebe deve ter — ao menos no caso de já haver chegado à idade da discrição desejo sincero de receber o benefício do sacramento. Cumpridas estai condições, os sacramentos carreiam a. graça pelo fato de sua, recepção — isto é *ex opere opera-to.* Deus é a causa principal desta graça; o sacramento mesmo é a causa instrumental E o meio pelo qual a virtude da paixão de Cristo é comunicada a Seus membros

Quem recebe o batismo é regenerado, sendo-lhe perdoado o pecado original e os pecados pessoais, sem, 110 entanto, desaparecer a tendência para pecar. Agora a pessoa recebe a graça para usá-la se quiser, a fim de resistir ao pecado; recebe ainda o perdido poder para obter as virtudes cristãs,

A única teor ia reconhecida acerca da presença de Cristo na ceia foi a ensinada por Paseásío Radberto (p 275) e Lanfranc (p 336) e era conhecida desde a primeira metade do século décimo segundo corno transubstanciação O Quarto Concilio Lateranense, em 1215, lhe conferiu plena autoridade dogmática, Aquino lhe deu definição mais clara Pelas palavras de consagração pronúncia das pelo sacerdote efetua-se o milagre pelo poder de Deus, de modo que os "acidentes" de pão e vinho (forma, gosto, etc) permanecem inalterados, mas sua "substância" é transformada no verdadeiro corpo e sangue de Cristo

Aquino aceitou e desenvolveu a idéia de que todo o corpo e sangue de Cristo estão presentes em cada um dos elementos.. Não é original dele a idéia, Ela se desenvolvera com o crescente costume de os leigos participarem unicamente do pão Não foi o cler o que instigou o abandono do cálice Isso foi, antes, prática dos leigos devida ao temor de profanarem o sacramento pelo mau uso do vinho.

Tal temor se manifestara cedo, no sétimo século, com a adoção do costume grego de molhar o pão no vinho — prática repetidamente desaprovada pelas autoridades eclesiásticas, mas amparada pelo sen timento dos leigos.. No século duodéeimo os leigos evitaram de todo c uso do vinho c, ao que parece, essa prática começou na Inglaterra No tempo de Aquino a comunhão dos leigos só com o pau era a que prevalecia. Considerações semelhantes levaram, nos séculos duodé-eimo e décimo terceiro, ao abandono, na Igreja Ocidental, da prática da comunhão infantil a qual havia sido universal e que permanece até o presente na Igreja Grega

Foi na ceia do Senhor' que a piedade e o culto medievais encon-traram sua mais alta expressão. Ela é a continuação da encar nação, a repetição da paixão, a fonte de edificação espiritual para quem a r ecebe, a evidência da união com Cristo e sacrifício agradável a Deus, inelinando-O a ser gracioso para com os necessitados na terra e no purgatório.

A penitência, mesmo não sendo reconhecida como um sacramento de igual valor quanto o batismo ou a ceia do Senhor, era realmente de grande se não da maior- importância na prática medieval.. O pensamento medieval a respeito da vida religiosa pessoal repousava nos dois conceitos de graça e mérito O batismo efetuava o perdão dos pecados anteriores; os cometidos, no entanto, depois dele obri-gavam â penitência A mente latina tem sempre se inclinado a encarar o pecado e o bem era termos de atos definidos antes que estados e, daí, considera as relações do homem com Deus sob os aspec-tos de débito e crédito — sustentando, porém, que a única base de crédito é o efeito da Graça de Deus, Nunca se salientaram tanto estas tendências quanto no período eseolástieo Representavam con-ceitos populares muito difundidos, que os eseolásticos não criaram, apenas explicaram teologicamente

Conforme Aquino, a penitência envolve contrição, confissão, sa-tisfação e absolvição.. Contrição é sincero pesar pela ofensa cometida contra Deus e a determinação de não repeti-la. Entanto Aquino admite que a penitência cornei,;.a em "atrição", que é medo ao castigo, mas pode converter-se pela infusão da graça, em contrição real, já que todos os sacramentos dispensam graça

A confissão privada ao clérigo fizera graduais progressos desde a sua apologia pelos antigos missionários britânicos (p 258). Abelardo e Pedro Lombardo eram de opinião que verdadeira eon triçâo se seguia o perdão divino, mesmo sem confissão a sacerdote,

achando, porém, desejável tal confissão O Quarto Concilio Lateranense, 1215, exigiu que os leigos chegados à idade da discrição se confessassem ao clérigo, pelo menos uma vez por ano. E isso se tornou lei eclesiástica Alexandre de tíales sustentou sua necessidade e Aquino lhe deu exposição mais lógica A confissão deve ser feita ao sacerdote como médico da alma, e incluir todos os pecados "mortais" — o rol dos quais agora era bem maior que na Igreja primitiva íp 136)..

Deus perdoa o castigo eterno do penitente, mas, como conseqüência do pecado, restam certas perras temporais Esta distinção Abelardo fez claramente, e ela passou a ser propriedade corrente dos escolástieos.. Estas penas temporais satisfazem a ofensa do pecador contra Deus até onde é possível, Elas também o capacitam a fugir de pecados futuros São os "frutos do arrependimento" Compete ao sacerdote determinar essa satisfação, a qual, não sendo adequada nesta vida, será completada no purgatório

Sendo evidente a tristeza pelo pecado, confissão e boa vontade para dar satisfação, o sacerdote, como ministro ou agente de Deus, pronuncia a absolvição. Aqui residia o grande controle do clero sobre os leigos até a Reforma, e na Igreja Romaria ate o presente Sem o perdão clerical ninguém que cometeu pecado "mortal" depois do batismo tem garantia de salvação.

No entanto, durante século e meio antes de Aquino grande modificação destas satisfações estava se processando. Podia-se obter a remissão de urrra parte ou de todas as penalidades "temporais". Essa remissão era chamada "indulgência". Durante bastante tempo os bispos tinham exercido o direito de abreviar as satisfações, no caso em que as circunstâncias revelassem contrição incomum. Grandes serviços prestados à Igreja mereciam essa consideração. Pedro I)arrrião (1007M072) considerava que doações de terras a mosteiros ou igrejas juoporciorravam motivo para isso.. No entretanto este não constituía todo o sistema de indulgência. Ele parece ter-se originado no Sul da Erança, aí por 1016; data porém não muito aceita, Seu emprego de maneira a chamar a atenção foi feito por um papa francês, Urbano II (1088-1099), que prometeu indulgência plenária a todos quantos se engajassem na Primeira Cruzada . O Papa Alexandre II deu privilégios semelhantes, mas ern menor escala, na luta contra os sarracerros, na Espanha, cerca de 1063. Urna vez iniciado, o sistema se difundiu rápido. Não apenas papas, mas também bispos davam indulgências, e cada vez em condições mais fáceis. Peregrinações

a lugares sagrados ou em épocas especiais, contribuições para urna boa obra tal como a construção de uma igreja ou mesmo de uma ponte ou estrada, eram consideradas dignas de tal recompensa. Logo foram percebidas e exploradas as possibilidades financeiras do sistema. Posto que as penas "temporais" incluíssem as do purgatório, o valor de uma indulgência era enorme, ainda que indefinido, e a natureza humana respondeu prontamente à tendência de substituir a verdadeira penitência por indulgências»

Tal a prática a que Aquino agora deu interpretação clássica» Acompanhando Alexandre de Hales, ensinou que os méritos supe iabundantes de Cristo e dos santos formam um tesouro de boas obras das quais uma porção pode ser transferida ao pecador necessitado, pela autoridade da Igreja, que atua através de seus oficiais, Na verdade, essa transferência só é válida para os realmente eorrtritos. E para esses abole, no todo ou em parte, as penas "temporais", aqui e no purgatório. As indulgências nunca foram licença para pecar. Foram, isso sim, um abrandamento das penas justamente impostas por- pecados já cometidos e lamentados Entanto, interpretado como se queira, duvida não há da nocivida.de moral do sistema, ou de que foi piorando até a Reforma, da qual foi uma das causas imediatas

De acordo com Aquino, os maus quando morrem imediatamente passam ao inferno, que é eterno e no qual não há alívio,. Os que usam plenamente a graça oferecida na Igreja vão logo para o céu A massa de cristãos' que imperfeitamente se tem valido dos meios de graça será submetida a longa ou breve purificação no purgatório.

A Igreja é uma só, tanto no céu corno na terra ou no purgatório» Quando um membro sofre, todos sofrem com ele; quando age bem, todos se beneficiam dessa obra. Sobre esta unidade da Igreja Aquino baseia as orações aos santos e pelos que estão no purgatório. A Igreja visível exige uma cabeça visível. Estar sujeito ao pontífice romano é necessário para a salvação» Ao papa pertence, também, o direito de fazer novas definições de fé.. Em Aquino está implícita, como se vê, a infalibilidade papal.

Teve Aquino a felicidade de que sua filosofia, e teologia conquistou um discípulo, Dante Alighieri (1205-1321), dos maiores entre os poetas medievais. Sua *Divirta CommeAlia*, no terreno teológico, apresenta-se concorde com o pensamento de Aquino»

Aquino era dominicano e a rivalidade entre esta ordem e a dos franciseanos pronto atraiu a crítica dos franciseanos eruditos, sendo

muitos dentre eles ingleses Um destes críticos foi Ricardo de Mid dletown (tM300'0 No eu tanto o mais famoso de todos, e maior dos escolásticos, foi João Duns Scotus (1265 T-1308). Apesar de seu nome, parece que era inglês. Educado em Oxford, onde foi o professor mais famoso, mudou-se para Paris em 1304, Quatro anos depois o geral da ordem o enviou a Colônia e ali morreu quando recém começava seu trabalho. Crítico arguto e hábil na dialética entre todos os escolásticos, criticamente analisou algumas doutrinas de Aquino com grande agudeza Na ordem franciscana foi considerado mestre de autoridade, no mesmo pé que Aquino entre os dominicanos As rivalidades teológicas entre tomistas e seotistas chegaram até a Reforma.

Aquino sustentava que a essência de Deus é o ser Para Scotus é a vontade suprema» A vontade é livre tarrto em Deus como no homem. Aquino ensinava que Deus faz o que considera reto, Paia Scotus o que Deus quer é reto pelo mero fato de Ele querer. Como Aquino, Scotus era, assim, um aristotélico e realista moderado, Punha a ênfase sobre o individual mais que 110 universal. Para ele a mais perfeita forma é o indivíduo..

Visto que Deus é vontade absoluta, o sacrifício de Cristo tem o valor que Deus lhe dá. Qualquer outro ato teria sido suficiente, para a salvação, tivesse Deus assim o considerado,. Não podemos dizer com Aquino que a morte de Cristo foi o mais sábio meio dc salvação; isso seria limitar a vontade de Deus. Tudo o que podemos afirmar é que este foi o meio escolhido por Deus. Scotus também diminuiu a necessidade do arrependimento para a salvação.. Aquino exigira contrição ou "atrição" — medo do castigo — a qual, pela infusão da graça se torna em contrição. Scotus assegurava (pie a "atrição", pela vontade divina, é suficiente para assegurar o perdão *É* seguida de perdão e daí, pela infusão da graça, pode o homem praticar' certos atos aos quais Deus atribui méritos Os sacramentos, por si sós, não trazem graça; são meios apontados por Deus que, se empregados, outorgam graça.

Entre Aquino e Scotus a diferença fundamental é a atitude Para Aquino não podia haver desacordo real entre teologia e filosofia, por mais incapaz que esta seja para alcançar as verdades da primeira Para Duns há muito na teologia que é filosofieamente improvável, mas que deve ser aceito pela autoridade da Igreja. A queda do escolastieismo começara, seu propósito fora demonstrar que a verdade cristã é razoável.

A questão que provocou a controvérsia mais ruidosa entre tomistas e scotístas foi a referente à "imaculada conceição" da Virgem Maria Aquino, procurando enfatizar a opinião de que Jesus Cristo é o salvador de *Iodos* os homens, ensinou que ela participava do pecado original do gênero humano. Scotus dizia que ela era sem pecado •— doutrina declarada corno sendo da Igreja pelo Papa Pio IX (1846-1878), em 1854.

Ainda mais radical em seu divórcio entre a filosofia e a teologia foi o discípulo de Scotus, Guilherme de Occarn (M.349 ?).. Franciscano inglês do tipo mais zeloso, estudou em Oxford, lecionou em Paris, defendeu a pobreza completa de Cristo e dos apóstolos contra o Papa João XXII (p 367) .. Foi encarcerado e só escapou em 1328, achando refúgio junto de Luís da Baviera, então em luta com o papa. Durante o resto de sua vida defendeu com ardor a independência do Estado da autoridade eclesiástica.

Com decisão, Occam atacava toda forma de "realismo". Somente existem os objetos individuais. Qualquer associação em gêneros ou espécies ó puramente mental e irão tem realidade objetiva. Simplesmente é uso de "termos" simbólicos. Daí Occam foi chamado "terminista". Seu sistema era um nominalismo muito mais vigoroso e destrutivo do que .o de Roscelin (p 337). Os homens não possuem conhecimento das coisas em si ; só têm conceitos mentais» Esta negação o levou à conclusão de que nenhuma doutrina teológica é filosoficamente provável. Devem ser aceitas — e assim ele as aceitava — simplesmente sob uma autoridade, Essa autoridade, na prática, era a Igreja, Mas em sua disputa com o que lhe parecia um papado degenerado, ensinou que somente a Escritura, e não as decisões de concílios e papas, são obrigatórias aos cristãos. Não é de admirar, pois, que Lutero, neste sentido, o chamasse "caro mestre".

As opiniões filosóficas de Occam tiveram influência crescente após sua morte. Desde então e até as vésperas da Reforma o nominalismo foi a posição teológica dominante. Foi conhecido como a *via •moderna,* em contraste ao torrrismo e scotismo, que foram chamados *via anüqua* Foi a bancarrota do escolasticismo Enquanto,

sem dúvida, facilitou a investigação permitindo uma crítica (filosófica) mais livre dos dogmas existentes, baseava toda a fé cristã na autoridade arbitrária. Isto era, na realidade, solapar a teologia, pois os homens não mais tinham como verdade o que era intelectualmente indefensável. Retirou o interesse dos grandes sistemas especulativos do escolasticismo mais antigo Nos séculos décimo quarto e no seguinte os homens cada vez mais se voltaram para o misticismo, ou recorriam a Agostinho em busca do conforto intelectual e religioso que o escolasticismo estava, agora, incapaz de oferecer.

MÍSTICOS

Além da intelectual, a tendência ao misticismo era fortemente visível em muitos dos escolásticos. Hugo de S. Vítor e Boaventura podem ser contados, com toda a justiça, entre os intelectuais e os místicos. Tomás de Aquino demonstrou fortes tendências místicas, derivadas de Agostinho e do Pseudo-Dionísío.. Aristóteles nunca póde de t.odo vencer as influências neoplatônicas O próprio neoplatonismo teve certo reavivamento nos séculos duodécimo e décimo terceiro, em parte devido ao estudo dos comentários árabes fortemente neoplatônicos sobre Aristóteles. E mais ainda pela difundida leitura do *JÂber de (Uiamx,* sem fundamento algum atribuído a Aristóteles, e que contém excertos do filósofo neoplatônico Proclus (110-185) e, por fim, pelas traduções diretas das renomadas obras deste filósofo.

Notável representante deste espírito místico foi "Mestre" Eckhart (1260-1327), um dominicano alemão que estudou em Paris. Foi prior provincial do distrito saxônico, viveu por algum tempo em Estrasburgo, e lecionou em*Colônia. Ao fim de sua vida, Eckhart foi envolvido num processo de heresia. Declarou-se pronto a submeter suas opiniões ao julgamento da Igreja, mas dois anos após sua morte alguns de seus ensinos foram condenados pelo Papa João XXII. Em verdadeiro estilo neoplatônico, Eckhart ensinou que o real em todas as coisas é o divino, Há na alma do homem uma chispa de Deus. Em todos os homens esta é a verdadeira realidade. Todas as qualidades individualizadoras são essencialmente negativas. O homem, então, deve deixá Ias de lado. Sua luta é fazer com que Deus nasça em sua alma, isto é, entrar em total comunhão com Ele e permanecer sob a direção de Deus que nele habita. Neste esforço, Cristo é o modelo e o exemplo, pois nEIe residiu a Divindade na mais completa humanidade. Deus dominando, então a alma está cheia de amor e retidão, Podem ter algum valor as observâncias eclesiásticas, no entanto as fontes da vida mística são mais profundas e sua união com Deus é mais direta. As boas obras não criain a retidão; é a

alma reta que produz obras boas.. A questão mais importante é que a alma entre em seu máximo privilégio — a união com Deus.

Talvez o mais eminente discípulo de Eckhart tenha sido Tauler (1300 ?-1361), pregador dominicano que durante muito tempo trabalhou em Estrasburgo - de onde era provavelmente natural — e em Colônia e Basiléia. Na Alemanha a época era particularmente difícil. A longa querela pelo império entre Frederico da Áustria e Luís da Baviera, e a interferência papal no caso, trouxeram tanta confusão política como religiosa A peste bubônica de 1348-1349, conhecida na Inglaterra como a "morte negra", devastava a população, Neste trágico tempo, Tauler foi pregador de esperança e seus sermões desde então têm sido difundidos. Nesses sermões há muitos pensamentos "evangélicos", que despertaram a admiração de Lutero e fizeram fosse várias vezes dito que Tauler foi protestante antes do protestantismo Dava ele bastante ênfase à religião interior e vital, e condenava a dependência de cerimônias externas e obras mortas. Sua posição era de vero seguidor de Eckhart, com idêntica ênfase mística sobre a união com o divino, com o "nascimento interior de Deus". Mas evitou as extremadas declarações de Eckhart (que levaram ao rumo do panteísmo) ; declarações que tiniram recebido a condenação da Igreja.. Menos prático, mas representante muito influente das mesmas tendências foi o asceta dominicano Henrique Suso (1295 M366), cujos escritos, especialmente o *TAvreto sobre a Sabedoria Eterna,* muito contribuíram para a difusão deste ponto de vista místico..

Por intermédio dessas influências surgiu um grupo de sinipa--tizantes dos místicos no Sudoeste da Alemanha e na Suíça,, que se chamavam "Amigos de Deus" (cf «Tb 15.14). Não só clérigos se contavam entre eles, mas monja,s e considerável número de leigos. Dentre estes, o mais influente foi Ruleman Merswin, de Estrasburgo (1307-1382). Foi íntimo de Tauler, de cujas opiniões compartilhava Sendo inicialmente banqueiro e comerciante, dedicou a última parte de sua vida às atividades religiosas. Enganou os contemporâneos e a posteridade dizendo que as cartas e livros que publicava ernm de um "grande Amigo de Deus" nas montanhas (entenda-se Suíça) e cuja existência por muito tempo se creu real, mas que hoje está praticamente provado ter sido uma ficção do próprio Merswin A obra mais importante destes Amigos de Deus foi a "Teologia Alemã", escrita na ríltima parte do século décimo quarto por um clérigo des-

conhecido e anônimo da *Deutscherm líamos* de Frariefort, Ela influenciou Lutero, que a imprimiu em 4516 e 1518.

Todos estes místicos alemães bastante se inclinavam para o pariteísmo. Todos, no entretanto, representavam um conceito da vida cristã que via sua essência na transformadora união pessoal da alma com Deus e pouca importância dava aos métodos mais externos da vida eclesiástica comum,.

Este movimento místico foi espalhado nos Países Baixos por João Ruysbroeek (1293-1381), homem influenciado pelos escritos de Eekhart e que teve a amizade de Tauler e de outros dentre os Amigos de Deus. Amigo de Ruysbroeek, por sua vez, foi *Gerhard* Groot (1.340-1.384) — erudito brilhante que, após sua conversão aí por 1374, veio a ser o mais influente pregador popular nos Países Baixos. Pensador eclesiastieamente mais conservador que Ruysbroeek, Groot foi menos radical em seu misticismo, Homem de grandes dons práticos, logo após sua morte sua obra resultou na fundação, **por** seu discípulo Florêneio Radewyn (1350-1400), dos Irmãos da Vida Comum, Esta associação, cuja, primeira casa foi estabelecida em Deventer, surgiu da união dos conversos de Groot para uma vida religiosa mais ardente Agruparam-se em casas de irmãos, vivendo de modo tipicamente moiiástico, sob regras comuns, porém sem votos permanentes. Entregavam-se a exercícios piedosos, copiavam livros edificantes e dedicavam-se especialmente ao ensino. Todos eram obrigados a trabalhar. Tais casas se espalharam nos Países Baixos e na Alemanha e muito fizeram para promover a piedade popular no século décimo quinto.

Os Irmãos da Vida Comum eram antirnoiiásticos em questão do votos. A pregação de, Groot provocou influente movimento entre aqueles que preferiam a vida monástiea, mas o referido .movimento, no entanto, não tomou forma definida senão pouco depois de seu falecimento Então foi fundado o famoso mosteiro de "Windesheim, que logo recebeu certo número de conventos filiados, e se tornou poderosa influência reformadora da vida monástiea nos Países Baixos e na Alemanha, Em ambos estes movimentos a influência mística estava marcanternente presente ainda (pie de forma muito mais eclesiástica que entre os imediatos discípulos de Eekhart.

O mais nobre produto desta piedade simples, mística e eclesiástica é a *imitação de Cristo'*—• livro cuja circulação ultrapassou a de qualquer outra obra da Idade Média. Sua autoria tem sido motivo de agitada controvérsia, mas certamente foi escrito por Tomás de Kernpis (1380 9-1471)., Kempis era aluno dos irmãos da Vida Comum

em Deventer, e grande parte de sua existência foi passada no mosteiro do Monte de Santa Inês, perto de Zwolle, Esta casa era membro da congregação de Windesheim, e dela o irmão mais velho de Tomás, João, foi um dos fundadores. A vida exterior de Tomás foi a mais corriqueira possível; no entanto, poucos como ele entenderam a linguagem da simples e mística devoção a Cristo,

Em seu reverso, o movimento místico foi um panteísmo que rompia com todos os ensinos eclesiásticos e morais Assim foi Amairico de Berra (M204), professor em Paris, que foi levado pelos escritos de João Scotus Eiígena (p 275) e as extremadas opiniões neoplatônicas do expositor hispano-maometano de Aristóteles, Averroes (3326 1198), às conclusões de que tudo é Deus, e de que Deus está encarnado no crente tanto quanto em Cristo, e que o ciente não pode pecar. Também ensinou que como a lei e o ritual judaico haviam sido abolidos com a vinda, de Cristo, assim o primitivo cristianismo fora agora também, por sua vez, abolido pela vinda do Espírito Santo Amalrico foi obrigado à retratação pelo Papa Inocêncio III, mas deixou seguidores.

Em regiões da Alemanha e dos Países Baixos extravagâncias como esta continuaram aparecendo, pois ali o misticismo já descrito tinha maior *número* de adeptos Em muitos sentidos era apenas o misticismo levado ao extremo pauteísta No geral eram. quietistas, acreditando que a alma se podia identificar com Deus pela contemplação, resultando dessa união que seus atos não podiam mais ser pecaminosos visto ser em governados por Deus. Qualquer sacramento e penitência, incluindo a oração, tornavam-se supérfluos. Tais idéias não foram reurridas num sistema, irem seus seguidores constituíam uma seita. Entanto foram, por vezes, considerados formadores de uma e chamados "Irmãos e Irmãs do Espírito Livre". Sem dúvida, entretanto, tais noções freqüentemente eram encontradas em mosteiros e conventos, onde o misticismo era praticado de modo extravagante, *e entre* as beguinas, o que trouxe a elas reputação duvidosa. Essas idéias foram não somente reprimidas pela, inquisição mas tiveram oposição da parte dos maiores líderes místicos já mencionados.

MISSÕES E DERROTAS

O período entre as Cruzadas e a Reforma foi de lucros e perdas para a cristandade. Na Espanha, as forças cristãs lutaram com crescente êxito contra os maometanos, A pouco e pouco quatro estados cristãos dominaram a península. Castela conquistou Toledo em 1085, derrotou os muçulmanos em Las Navas de Tolosa, em 1212, e, unindo-se com Leão em 1230, formou um estado forte. A pequena Navarra se expandiu sobre os dois lados dos Pirerreus. Nesse meio tempo Aragão no este e Portugal no oeste faziam, sua independência, de modo que, por volta de 1250, o domínio maometario na península estava limitado ao reino de Granada, de onde foi expulso em 1492 Eram fracos os reinos cristãos espanhóis. O verdadeiro poder da Espanha só apareceria em 1479, no reinado conjunto de Peruando e Isabel, quando se uniram Castela e Aragão.,

No Oriente, o grande império mongol, iniciado com a conquista do Norte da China, em 1208, se alargou pelo Norte da Ásia, conquistando a maior parte do que agora é a Rússia européia, entre 1238 e 1241. E em 1258 alcançou os limites da Palestina. Por esta devastação, a florescente Igreja Nestoriana na Ásia central (p 198) foi quase aniquilada.. Entanto, depois que arrefeceu este primeiro ímpeto de conquista, a Ásia central, sob o domínio mongol, se tornou acessível como nunca antes e como não o foi senão no século dezenove Mais ou menos em 1260 dois negociantes venezianos, Nicolau e Maffeo Pólo, fizeram longa viagem por terra até Pequim, e ali foram bem recebidos pelo Cã Mongol, Cublai. Retornando em 1269, viajaram de novo em 1271, agora levando Marco, o mais famoso filho de Nicolau e que entrou no serviço do Cã.. Os Pólos só regressaram a Veneza em 1295. Ainda antes de sua volta, um franciscano italiano - - João de Monte Corvino — partira em .1291 para Pequim, onde estabeleceu uma igreja, cerca de 1300. E o cristianismo floresceu por algum tempo. O Papa Clemente V (1305-13.14) nomeou João

arcebispo, com seis bispos sob sua jurisdição.. Terminou a obra, porém, quando os mongóis e outros estrangeiros foram expulsos da China pela vitoriosa dinastia chinesa dos Ming, em 1368..

Foram feitos esforços X)ara cristianizar os maometanos, mas poucos foram os resultados. O próprio Francisco de Assis pregou ao sultão no Egito, em 3219 (p 331). Mais famoso como missionário foi Raimundo Lulo (I232?-13I5), natural da Ilha Maiorea. Convertido de uma vida completamente mundana, em 1.266, como preparação missionária estudou o árabe, enquanto escrevia sua *Ars Magna,* que ele tinha como demonstração irrefutável da verdade do cristianismo aos muçulmanos filosoficamente preparados Em 1291 começou em Túnis a obra missionária Dali foi expulso no fim de um ano. Esforçou-se para convencer o papa a criar escolas para o preparo missionário. Retornou à África e novamente foi dela enxotado.. Sua eloqüência persuadiu o Concilio de Viena, em 1311, a ordenar fosse ensinado grego, hebraico, ealdeu e árabe em Avinhão, Paris, Saiam anca, Bolonha e Oxford, ainda que isso não tenha passado de piedosa intenção.. Novamente corno missionário, voltou a Túnis em 1314 e no outro ano rriorreu martirizado por apedrejamento Pequenas foram suas conquistas missionárias, mas muita a inspiração que legou nesse sentido.

A característica dominante deste período foi a perda de territórios outrora cristãos. A última das conquistas dos cruzados na Palestina saiu de seu poder em 1291. Surgia nova força maometana, os tureos otomarros. Vindos da Ásia central, em 1300 ficaram independentes ira Ásia Menor. Invadiram em 1354 a parte européia do império oriental, conquistando Adrianópolis em 1361, e grada.tivãmente expandindo seu domínio sobre os países balcânicos.. Perdurou, porém, um fragmento do império até 1453, quando caiu Constantinopla o terminou o Império Bizantino. O vitorioso avanço dos turcos os levou, no tempo da Reforma, até cerca da metade da Europa.. Dominados por eles, os cristãos foram privados dos direitos políticos, ainda que continuasse o culto e a organização cristã mas sob opressivas condições. A Igreja Grega, que culturalmente sobrepujara a Latina inegavelmente até o século décimo terceiro, foi então despojada de grande parte de seu significado. Porém sua filha, na Rússia, não foi conquistada e cresceu de modo rápido em força e importância Com ela ficou o futuro da Igreja Oriental.

10

PAPADO: APOGEU E DECLÍNIO

O conflito entre papado e império na verdade não foi terminado pela Concordata de Worms (p 302). Desde então decaiu bastante o interesse religioso na referida luta.. A disputa de Hildebrando envolvia a grande questão da purificação da Igreja, As últimas querclas foram simplesmente lutas pela supremacia.

Frederico "Barba ruiva" (1152-1190), da casa de Hohenstaufen, foi um dos mais hábeis imperadores do Santo Império Romano.. Seu modelo foi Carlos Magno, e Frederico aspirou a idêntico controle ao que Carlos teve sobre os assuntos da Igreja. A despeito da Concordata de Worms, ele praticamente determinava a indicação dos bispos alemães De outro lado, suas pretensões encontraram enérgica resistência por parte das cidades setentrionais da Itália; cidades que se estavam fortalecendo com o comércio iniciado pelas Cruzadas, De começo, ele conseguiu com êxito vencer essa oposição.. Cora Alexandre III (1159-1181) ascendeu ao trono papal o inimigo mais capaz de Frederico» Dividiram-se os cardeais na eleição e uma minoria favorável ao império elegeu um papa rival, que escolheu o nome de Vítor IV» A este prontamente deram apoio Frederico e os bispos alemães» E assim, durante longo tempo, foi difícil a posição de Alexandre, Entanto, em 1170, .Frederico foi derrotado em Legnano pela Liga Bombarda das cidades italianas e forçado a reconhecer Alexandre. O intento de Frederico controlar o papado foi anulado, mas sua autoridade sobre os bispos alemães pouco sofreu,[1] Mas em 1186 Frederico obteve nova vitória sobre o papado pelo casamento de seu filho Henrique com a herdeira da Sieília e Sul da Itália.. Assim ele ameaçava os estados papais pelo norte e pelo sul,

Alexandre III também alcançou uma vitória, ao menos aparente, sobre Henrique II (1154-1189), um dos mais hábeis reis ingleses.. Este monarca, visando a aumentar seu domínio sobre a Igreja inglesa,

1 Ver "Paz dc Veneza", Henderson, *Selecí Hislorical Docaments,* pp 425-430.

conseguiu a eleição, era 1162, de Tb ninas Beeket, seu chanceler, que parecia complacente, ao areebispado de Cantuária Orna vez eleito, Beeket se revelou obstinado defensor dos direitos eclesiásticos. Então Henrique, em 1164, conseguiu a aprovação das Constituições de Clarendon [2], limitando o direito de apelar par a Roma em assuntos eclesiásticos, restringindo o poder de excomunhão, sujeitando o clero às cortes civis e colocando a eleição dos bispos sob o controle do rei, a quem eles deviam homenagem E Beeket rompeu abertamente com o rei. Em 1170 houve trégua que pouco durou, pois repentina ira da parte de Henrique culminou, ao terminar o ano, tio assasshtio de Beeket pelas mãos de cavaleiros normandos» Deste crime serviu-se Alexandre com habilidade» Beeket foi canonizado em. 1172 e até **a** Reforma permaneceu um dos santos ingleses mais populares.. Henrique foi forçado a abandonar as Constituições de CUirendon, e a fazer penitência sobre o túmulo de Beeket. No entanto, mesmo com esta aparente vitória papai, Henrique continuou controlando os assuntos eclesiásticos ingleses tanto como anteriormente

Frederico "Barba ruiva" morreu em 1190, durante a Terceira Cruzada. Sucedeu-o seu filho Henrique VI (1190-1197) que obteve, em 1194, a plena posse da herança de sua esposa na Sicília e no Sul da Itália, e acalentou ambiciosos planos de alargar seu domínio imperial, O papado, com os dois extremos da, Itália em mãos do soberano alemão, se achava ante grave perigo político. Melhorou a situação com o prematuro falecimento de Henrique VI, em 1197, e a ascensão ao papado, em 1198, de um dos seus mais hábeis representantes medievais, Inocêncio III (1198-1216)..

Serrr dúvida alguma, Inocêncio foi homem de personalidade humilde e piedosa. Papa algum, porém, teve mais alto coueeito do seu ofício, e corri ele o papado alcançou o ápice do seu poder. A morte de Henrique VI deixou a Alemanha dividida,. Um partido sustentava as pretensões do irmão de Henrique -— Filipe da Suábia; outro as de Otto de Brunswick, da casa rival de Welf (Guelfo). Desta confusa situação Inocêncio tratou com rara argúcia, tirando dela vantagens para o papado De Otto obteve grandes concessões na Itália e na Alemanha, e quando foi Filipe gradualmente obtendo mais poder, Inocêncio conseguiu um acordo pelo qual as pretensões rivais seriam submetidas a uma corte controlada pelo papa. O assassinato de Filipe em 1208 frustrou este plano, e colocou uma

2 Gee e ITardy, *Documentos Ilustrativos da História da Igreja Inglesa,* pp 68 73

vez mais Otto IV em evidência. Inoeêneio então conseguiu de Otto a ambicionada garantia da expansão dos estados papalirros e a promessa de desistir do controle das eleições episcopais germânicas. Foi baseado nessas concessões que, em 1209, o papa o coroou imperador Logo, porém, Otto esqueceu todas as suas promessas. O papa, irritado, então apoiou Frederico II (1212-1250), jovem filho de Henrique VL Os adversários de Otto o elegeram imperador, em 1212, e ele renovou todas as promessas não cumpridas de Otto Em 1214 este foi completamente derrotado pelo rei francês Filipe II (11.79-1223), no campo de Bouvines, e Frederico foi confirmado 110 império Assim Inoeêneio III parecia ter plenamente defendido as pretensões papais e solucionado a sucessão imperial. A supremacia do papado parecia estabelecida»

Inoeêneio III não foi menos feliz na humilhação dos soberanos de outras terras.. Obrigou o poderoso Filipe II da França, pela proibição dos ofícios religiosos — interdito — a novamente receber a Rainha Ingeborg, de quem ele injustamente se havia divorciado. Separou o Rei Afonso IX de Leão da esposa de quem era parente mui chegado. Pedro de Aragão recebeu seu reino como um feudo pertencente ao papa, A maior vitória aparente de Inoeêneio foi, no entanto, rro caso da Inglaterra.. O cruel e impopular Rei João (1199-1216), em duvidosa eleição para o areebispado de Cantuária, procurou impor o seu candidato» A disputa foi levada a Roma O candidato do rei foi posto à margem e Estêvão Larrgton, amigo de Inoeêneio, foi o escolhido. João resistiu. Inoeêneio colocou a Inglaterra sob interdito. O rei expulsou seus oponentes elerieais, Então o papa o excomungou, declarou vago o trono e pregou uma cruzada corri,ra ele.. O rei derrotado não só se submeteu de maneira humilde, em 1213, mas ainda reconheceu seu reino como feudo do papado, prometendo pagar a taxa feudal dc mil marcos anuais [3] No entanto, quando barões e clérigos arrancaram de João, em 1215, a *Magna Charta,* Inoeêneio a denunciou como injúria ao seu vassalo.

Nos assuntos internos da Igreja a política de Inoeêneio foi fortemente centralizadora. Exigia ele para o papado o direito de decisão em todas as eleições episcopais. Afirmou a sua exclusiva autoridade de sancionar a transferência de bispos de uma sé para outra. Já foi citada sua cruzada contra os cátaros (p 326) . Também foi um triunfo papal o grande Quarto Concilio Lateranense de 1215, no qual a transrrbstanciação foi declarada artigo de fé e se exigiu

3 Henderson, pp 430 432.

confissão e comunhão pelo menos uma vez por ano.. A conquista de Constantinopla pela Quarta Cruzada (p 315), mesmo não aprovada por Inocêncio, parecia prometer a sujeição da Igreja Grega à autoridade papal,

Com Inocêncio III o papado galgou o cimo de seu poder terreno. Os papas que o sucederam persistiram na mesma luta, mas com êxito sempre menor. O Imperador Frederico II, da Alemanha e também do Norte e do Sul da Itália e da Sicília, homem de notável habilidade política mas de escassa piedade, ainda que ocupando o trono em grande parte devido a Inocêncio III, logo se mostrou o principal oponente às pretensões políticas do papado. Sob Gregório IX (1227 1211), o organizador da inquisição e patrono dos franciscanos (pp 327, 332) e Inocêncio IV (1243-1254) a luta papal foi atiçada contra Frederico II corri grande encarnieamento e emprego de quaisquer armas mundanas Frederico foi excomungado e a influência papal instigou rivais contra ele, na Alemanha O papado parecia estar certo de que só a destruição dos Ilohenstaufen, aos quais Frederico pertencia, asseguraria sua vitória. Depois da morte de Frederico, em 1250, perseguiu seu filho, Conrado IV (1250-1251), com a mesma hostilidade e deu sua herança no Sul da Itália e na Sicília a Edmundo da Inglaterra, filho do liei Henrique III. Nova influência, a da França, estava se fazendo sentir nos conselhos papais. Urbano IV (1261-1264) era francês e criou cardeais também franceses. E em 1263 deu o Sul da Itália e a Sicília a Carlos de Arijou, irmão do rei francês Luís IX (1226-1270). Foi este um novo ponto de partida na política papal e então realmente começou a dependência do papado da França. O papa seguinte foi também francês, (Temente IV (1265-1268) Durante seu pontificado, Conradino, jovem filho de Conrado IV, confirmou pelas armas suas pretensões hereditárias sobre o Sul da Itália e a Sicília. Foi excomungado por Clemente IV e vencido por Carlos de Alijou, e a mando **deste,** em 1268, decapitado em Nápoles. Com ele teve fim a dinastia dos Hohenstauferr à qual se haviam oposto os papas com muito vigor, ainda que irão haja razão para se crer seja o papa responsável de maneira alguma pela execução de Conradino..

Estas longas querelas e a conseqüente confusão grandemente haviam debilitado o poder do Santo Império Romano. E desde então até a Reforma ele foi mais um grupo de débeis estados do que uma efetiva monarquia.. Às exigências papais pouca resistência podia opor. Forças outras, no entanto, foram surgindo e que inevitável-

mente tornariam impossível tal soberania como fora exercida por Inocêncio 111 Uma delas foi o novo sentido de nacionalidade, o qual fez os homens sentirem que, como franceses ou ingleses, tinham interesses comuns contra todos os estrangeiros, inclusive o próprio papa» Tal sentido de unidade não existira no começo da Idade Média.. Mas se desenvolveu rapidamente, de modo especial na França e na Inglaterra, na última metade do século décimo terceiro Segunda causa foi o despertamento intelectual, o aumento da riqueza e da influência política da classe média, mormente nas cidades. Estavam estas irritadas corri a 'interferência, eclesiástica ern assuntos temporais. Com tudo isto estreitamente se relacionava o desenvolvimento de um corpo de advogados leigos e o renovado estudo da lei romana. Esses homens foram a pouco e pouco substituindo os eclesiásticos como conselheiros dos reis e, ao mesmo tempo, baseando a efetividade do puder real nos precedentes de um corpo de leis —• o romano •— que desconhecia tudo das condições eclesiásticas medievais. Também existia, entre os que pensavam e os religiosos, a crescente convicção de que os objetivos mundanos perseguidos pelo papado nos dias que corriam eram incompatíveis com os veros interesses da Igreja, listas foram forças crescentes que o papado tinha de levar em conta. A fraqueza do papado, do ponto de vista temporal, era que não tinha adequadas forças materiais ao seu dispor. Devia procurar lançar os competidores uns contra os outros e o naufrágio ocorrido na Alemanha abriu a porta à França, sem que houvesse como poder detê-la..

Continuou a interferência papal na Alemanha. O Papa Gregório X (1271-1276) ordenou, ern 1273, que os eleitores alemães escolhessem um rei, arneaçarrdo-os de que ele próprio o faria se eles mesmos o não fizessem. Escolheram Rodolfo 1, de Habsburgo (1273-1291), o qual prontamente renovou as concessões já feitas ao papado por Oito IV e Frederico II.

Na França, as coisas corriam de outra maneira.. Crescera de modo rápido o poder, da monarquia e em Filipe IV, o "Belo" (1285-1314), a França tinha um rei sem escrúpulos, obstinado e possuidor de altos conceitos sobre a autoridade real. Bonifácio VIII (1294-1303) era papa que alimentava altas aspirações de governar, o mundo, como os antecessores seus. Nenhum dos participantes da luta merece muita simpatia. França, Escócia c Inglaterra entraram em guerra, o que levou o soberano inglês, Eduardo I (1272-1307), a procurar apoio de todos os seus súditos, convidando os representantes dos

Comuns a. tomarem lugar no Parlamento, em 1295, assim lhes concedendo participação permanente nos conselhos nacionais ingleses.. A luta obrigou os reis da Prança e da Inglaterra a taxarem o seu clero para poderem enfrentar as despesas.. Este se queixou a Bonifácio e ele, em 1296, publicou a bula *(Jleiicis Imic.vs** lançando a excomunhão sobre quantos exigissem ou pagassem tais tributos sobre as propriedades elerieais sem licença papal. Filipe replicou proibindo a saída, de dinheiro da França, dando assim um golpe nas rendas do papa e dos banqueiros italianos.. O caso levou Bonifácio a modificar sua atitude, tanto que o clero passou a poder fazer contribuições voluntárias. K permitiu mais, que em caso de extrema necessidade o rei lançasse tributos. Esta foi uma vitória real.

Paz relativa reinou entre Frederico e Bonifácio durante algum tempo. Mas em 1301 a luta recomeçou Filipe mandou prender, acusando-o dc alta traição, a Bernardo JSaisset, bispo de Pamiers, a quem o papa, fazia pouco, enviara corno núncio. O papa ordenou fosse solto o preso e intimou os bispos franceses e, por fim, o próprio Filipe a comparecerem em Korna. Respondeu Filipe convocando os primeiros Estados Gerais nos quais estavam representados o clero, a nobreza, e o povo. Em 1302 este corpo apoiou o rei em sua atitude de resistência. Retrucou o papa com a famosa bula *Unam sanetam* ponto culminante das pretensões papais de ser supremo sobre os poderes civis. A inda, afirma que os poderes temporais estão sujeitos à autoridade espiritual, sendo esta só julgada por Deus, na pessoa do papa. Declara, acompanhando a opinião de Aquino (p 350), que "é absolutamente necessário para a salvação de todo ser humano esteja ele sujeito ao pontífice romano" — - afirmação cujo exato significado tem provocado muita discussão. Replicou Filipe com nova assembléia na qual foi o papa acusado de absurda série de crimes, inclusive heresia e depravação moral, e na qual ainda se apelou para um concilio geral da Igreja para que julgasse o papa. Pilipe estava resolvido que isso não ficasse só em ameaça, e procurou fazer* corri que, o papa se submetesse. Então enviou seu vice-chanceler e hábil jurista Guilherme Nogaret, que levou consigo um velho inimigo da família de Bonifácio, Seiarra Colona. Ambos reuniram forças e aprisionaram o papa. em Anagni, no momento em que ia lançar, em 1303, a excomunhão sobre Filipe. Bonifácio foi corajoso -- não

4 Henderson, pp 432 434; Robinson, T: 488-490..
5 Henderson, pp 453-4*37;* Robinson, I: 346 348.

fez concessões.. Seus amigos logo o libertaram, mas um mês após ele faleceu»

Foram estes acontecimentos rude golpe nas pretensões temporais do papado» Não porque os partidários de Filipe tenham, ainda que por pouco tempo, aprisionado Bonifácio. Surgira nova força - - o sentimento nacional, e para ela apelou o rei, tendo obtido êxito. As armas espirituais do papado foram de pouca valia *contra ela,* Viu-se que a esperança papal de gerir os assuntos temporais estava fadada a não se realizar..

Logo a *seguir* vieram para o papado coisas piores.. Depois da morte do sucessor de Bonifácio, o muito bom Benedito XI (1303-1304), os cardeais escolheram Bertrando de Gouth, um francês que tomou o nome de Clemente V (1305-1314)» Homem de caráter fraco e graves defeitos morais, caiu totalmente sob a influência do rei da França, Filipe IV", E o papa declarou este inocente na luta *eoiu* Bonifácio VIII, cancelou os interditos e as excomunhões, modificando a bula 1/WÍW, *sanei uni* segundo os desejos do rei. Evidência do do mínio francês, e que foi mui clara a toda gente, foi a transferência da sé pontifícia, ern 1309, para Àvinhão — às margens do Ródarro — pequena cidade de fato não pertencente ao reino francês, mas na opinião popular significando o estabelecimento do papado na França, Sem dúvida o confuso estado da política italiana teve algo a ver nesta transferência» Era Avinhão permaneceu a sede do papado até 1377 — lapso de tempo equivalente ao histórico exílio dos judeus, o que lhe deil o nome de Cativeiro Babilônico. O cálice de humilhação de Clemente não estava ainda cheio. O rancoroso rei o obrigou a se juntar a ele na cruel destruição dos Templários (p 313).

O pontificado de Clemente V tornou-se interessante por assinalar o término, que ainda hoje perdura, das coleções oficiais da lei da Igreja ou "cânones". Esta grande e autorizada obra foi produto da história da Igreja desde os antigos concílios, e reuniu suas decisões e os decretos de sinodos e papas. A Idade Média tinira conhecido muitas coleções, de entre as quais a mais famosa foi a *Concordant/m discordantium canoivum*, comum ente chamada *Decretam.* Esta coleção foi organizada, provavelmente cm 1148, por Graciano, professor de direito canônico ern Bolonha O Papa Gregório l'X (1227-1241) determinou, em 1234, o colecionamerrto oficial, incluindo os decretos novos, referentes ao seu tempo. O Papa Bonifácio VIII (1294-1303) publicou uma edição semelhante, em 1298, e Clemente V (1305-1314) a amidiou em 1314. Tal trabalho não foi publicado até

1317, sendo Isso feito pelo seu sucessor, João XXII (1316-1334). **A** grande estrutura, com tanto labor construída durante séculos, **é** um corpo de jurisprudência eclesiástica abarcando todas as províncias da vida eclesiástica, Tendo cessado as coleções oficiais desde Clemente *V* até o século vigésimo, o desenvolvimento do direito eclesiástico continuou através dos tempos. Por fim, Fio X (1903-.19.14), em 1904, ordenou a codificação e simplificação de todo o corpo do direito eanônico por uma comissão esjíecial. Em maio de 1917, seu sucessor, Benedito XV (1914-1922), promulgou o *Codex júris canomci* (cinco "livros" contendo 2.414 cânones).

10

O PAPADO EM AVINHAO, CRÍTICA. CISMA

J^oram franceses os papas todos de Avinhão. Parecia que o papado se havia transformado numa Instituição francesa. Esta impressão causou progressiva inquietude em vista das pretensões pa]>ais, especialmente cm nações como a Inglaterra, que esteve em guerra com a França durante quase todo esse período, ou a Alemanha, Tia qual ainda continuava a irritante interferência do papado. O mais hábil dos papas de Avinhão, por certo, foi João XXII (1316-1334). A dupla eleição imperial na Alemanha, em 13.1.4, dividiu esse país entre os favoráveis a Luís, o Bávaro (1314-1347) e Frederico da Áustria. João XXII, com o apoio do rei francês Filipe V (13.1.6-1322), julgou azado o momento para diminuir a influência alemã na Itália, em benefício dos Estados da Igreja. Negou-se a reconhecer qualquer dos contendores e afirmou que o papa tinha o direito de governar o império durante a vacância. Quando Luís interferiu em assuntos italianos, o papa o excomungou e assim se iniciou uma luta que só teve fim quando Luís morreu. No decorrer dessa luta os eleitores alemães fizeram a famosa declaração de 1338, em Rense, e que foi confirmada pelo Reichstag, ern Francfort, nesse mesmo ano.. Dizia ela que o chefe do império não precisava da aprovação papal para assumir o cargo ou continuar no exercício dos seus deveres de ofício.

Referidos ataques contra o Estado atraíram defensores, literatos de enorme significação. Entre eles estava o grande poeta italiano Dante Alighieri (1265-1321). Sua obra em latim, *Da Monarquia,* cuja data é incerta, foi produzida entre 1311 e 1318. Dante afirma seja a paz a melhor situação para a humanidade.. Quem melhor a pode assegurar é um imperador. O poder imperial pertence, de direito, a Roma.. É uma necessidade para a felicidade temporal do homem, corno o papado para guiá-lo à bem-aventurança eterna. Ambos são provenientes de Deus e cada qual não deve interferir no terreno do outro. Com cuidado, Dante refuta a interpretação papal

de textos bíblieos e os casos históricos sobre os quais o papado baseava sua aspiração de controlar o Estado. Cresce a coisa de importância porquanto Dante irão foi livre pensador, mas impeca\elment.s ortodoxo no referente à teologia

Muito mais radicais que ele, e de vasta influência nas posteriores teorias políticas, foram alguns escritos produzidos na França.. O dominicano João de Paris (12651-1306) ensinou que tanto o poder papal quanto o real se baseiam na soberania do povo mas nenhum deles tem o direito de interferir na esfera alheia Mareílio de Pádua ('M342?) e João de Jandun ("-1328) escreveram a mais importante dessas obras - *Defensor l*ʲ*aci->*. Ê o livio mais espantosamente nro demo produzido na época.. Mareílio seu autor principal durante longo tempo foi professor ern Paris e ali chegou a ser em 1.313, reitor da Universidade e foi tido na conta de sábio em medicina *Defeifio-i Pach* foi escrito ern 1324-, quando da eonfcro\ér.sia entre o Papa João XXII e o Imperador Euís da .Baviera. Suas opiniões radicais levaram seus autores a procurar proteção junto ao impe rador, e a obtiveram., se bem que com certa relutância, ale o fim de suas vidas Em 1327 ambos foiam excomungados por João X \ í í e o Papa Clemente Y j em 1.343 declarou que "jamais havia lido livro tão herético

Segundo Mareílio, homem deveras versado em Aristóteles, a base de todo poder está no povo; **110** Estado, em lodo o conjunto dos cidadãos; **11a** igreja, ern todo o corpo de crentes. São o poder legislativo; indicam os governantes da Igreja e do Estado; perante eles são responsáveis esses oficiais executivos A única autoridade é o Novo Testamento, mas os clérigos não têm poder físico para obrigai os homens a obedecê-lo. Seu único dever é ensinar, advertir admoestar O Novo Testamento ensina, que bispos e presbíteros são termos equivalentes, entanto convém, como organização meramente humana, nomear alguns clérigos que superintendam outros.. Essa nomeação, porém, não confere autoridade espiritual superior; bispo algum possui autoridade espiritual sobre outro bispo; nem o papa sobre todos.. Pedro não tinha posição de preeminência sobre os demais apóstolos. No Novo Testamento não há evidências de que tenha estado em Roma O Novo Testamento não dá apoio à posse de senhorios terrerrais por parte dos clérigos Bispo ou papa algum tem autoridade para definir a verdade cristã tal como se encontra no Novo Testamento ou para fabricar leis obrigatórias Tais coisas são atribuições do corpo legislativo da Igreja — o conjunto total

dos crentes, representado num concilio geral, Referido concilio 6 a suprema autoridade na Igreja» Assim corno os limites do Estado cristão e da Igreja cristã são coincidentes, o executivo do Estado cristão, como representante do corpo de crentes, pode convocar eoncílios, nomear bispos e controlar a propriedade eclesiástica [1] Eis idéias que dariam frutos na Reforma e até na Revolução Francesa» Foram, no entanto, mui radicais para fazer grande impressão em sua época Sua hora soaria depois, e faltava algo no próprio Marcíiio, Foi ele um pensador frio mais que homem capaz de traduzir em ação a teoria, de modo tal que viesse a ter vera liderança.

Sendo mais zeloso que Marcíiio e tendo idéias não tão avançadas para a época quanto ele, foi maior a autoridade de Guilherme de Oecam, cuja influência teológica e defesa ardorosa da /extremada doutrina franciscana da total pobreza de Cristo e dos apóstolos já ternos visto (pp 334, 352).. Corno Marcíiio, Oceam encontrou refugio junto a Luís da Baviera» Para ele, como para Dante, papado e império são fundados por Deus e um não é superior ao outro. Cada qual tem sua esfera própria.. A Igreja tem puramente funções religiosas.. Sua autoridade final é o Novo Testamento.

Elevaram-se vozes *ern* defesa das pretensões papais. Uma das mais celebradas, não tanto por ser original mas por refletir o pensamento comum desses defensores, foi a do monge agostiniano italiano, Augustinus Triumphus (1243-1328). Em sua >*Surtmia dc potestate eeclesiástico,,* escrita aí, por 1322, diz que todos os que governam o fazem sujeitos ao papa, que os pode depor quando quiser. Toda lei civil não é obrigatória se desaprovada por ele. Ninguém pode julgar o papa. Nem ninguém pode apelar do papa para Deus "pois a decisão e o tribunal de Deus e do papa são um" Entanto, se o papa incorrer em heresia, perde o trono.

As opiniões dos defensores papais estavam longe dc serem compartilhadas pelos alemães, que estavam engajados numa luta contra o papado pela autonomia política do império. Também pelos ingleses, em guerra com a França, e que supunham o papado de Avinhão fosse um instrumento do soberano francês. O Papa Clemente V (1305-1314) tinha afirmado o direito papal de suprir todos os cargos eclesiásticos. Os indicados eram chamados "provisores" e a intromissão de favoritos papais na Inglaterra levou o rei e o Parlamento, em 1351, a decretarem o Estatuto dos Provisores.. Por ele as eleições ao episcopado e outros cargos eclesiásticos ficavam livres da interferência papal. Na eventualidade de as autoridades regulares fazerem

1 Ver, para alguns extratos, Robinson, 1:491-497.

indicações e *também* o papa, o provisor seria encarcerado até resignar Esta lei levou inevitavelmente a conflitos entre a autoridade papal e a real, e rro\o estatuto, de 1353, conhecido como o de *Procmun-it* <•., proibiu apelações fora cio reino sob pena de proscrição [2] Na prática, estes estatutos foram letra morta» Demonstrararn, no entanto, o germinar na Inglaterra de um espirito que se revelou depois, quando o Parlamento, em 1366, recusou reconhecer por mais tempo o direito de o Rei doao sujeitar seu reino ao papa, em 1213, como um feudo (p 362)

Nenhum outro ato do papado de Avinhão provocou tantas críticas corno a ofensiva taxação sobre a vida eclesiástica As Cruzadas foram acompanhadas por grande circulação de dinheiro e desenvolvimento comercial. A Europa passava rapidamente dos pagamentos por troca para os pagamentos em moeda Cresciam as taxas monetárias, mais que tributos em espécie.. Era natural que esta mudança ocorresse também na administração eclesiástica. Entanto, os impostos cobrados pelos papas dos séculos décimo terceiro e décimo quarto foram escandalosos Agravou-se a situação quando a mudança fiara Avinhão fez perder muito dos pagamentos dos estados papais na Itália, sem que diminuísse o luxo ou os gastos da corte papal. Viu este período o enorme desenvolvimento, cópia da prática feudal secular, das anatas, isto é, uma taxa sobre a arrecadação anual, pouco mais ou menos, sobre cada trova nomeação. Tendo-se ampliado muito a reserva de cargos para a exclusiva nomeação papal, isso se converteu em ótima fonte de renda. Os rendimentos dos benefícios vagos se fez, por sua vez, significativa fonte de receita papal Taxas sobre bulas e outros documentos papais aumentavam com rapidez em preço e produtividade Isto foi apenas uma parte das exações papais, e o efeito geral foi a impressão de que a administração papal se tornava cada vez mais pesada e escoreharrte para o clero e, através dele, para o povo Tal sentimento aumentava diante da maneira desapíedada com que se aplicavam as penas eclesiásticas, tais como excomunhões, aos pagadores* remissos. Parecia o papado extravagante em seus gastos e agressivo na taxação, e sua fama, em ambos os aspectos, foi piorando até a Reforma

O colapso do poder imperial na Itália, pelo qual o papado foi grandemente responsável, e a mudança para Avinhão deixaram a Itália em tremenda confusão política. Em parte alguma a situação era pior (pie em Roma. Ern 1347 Cola di Rienzi encabeçou uma revolução popular contra a nobreza e estabeleceu urna paródia da

2 Gee e Hardy, *Docnments,* pp 103, 104, 113-119.

antiga república. Derrubaram-no logo, mas em 1351 estava ele de novo no poder, morrendo assassinado nas lutas partidárias» ino-eêneio VI (1352-1362) enviou o cardeal espanhol Albornoz (M367) à Itália como seu legado» Graças à capacidade militar e diplomática de Albornoz, os interesses papais em Roma e na Itália em geral foram bastante melhorados, de modo que Urbano V (1362-1370) pôde retornar à Cidade Eterna, em 1367. A morte de Albornoz o privou do seu principal sustentáeulo, e em 1370 o papado retornou para Avinhão Urbano V foi sucedido por Gregório XI (1370-1378) e a este Santa Catarina de Siena (1347-1380) instou em nome de Deus para que retornasse a Roma. O anarquizado estado da cidade também requeria sua presença, isso no caso de que os interesses papais devessem sei preservados. Daí trouxe ele o papado para Roma em **.1**377, e lá morreu no ano seguinte

A repentina morte de Gregório XI encontrou em Roma os cardeais. Deles, a maioria era de franceses que alegremente retornariam paia Avinhão. O povo romano, porém, estava decidido a reter o papado na cidade e a obter, com esse fim, um papa italiano. Em condições tumultuosas, os cardeais elegeram Bartolomeu Prignano, arcebispo de Bári, que tornou o nome de Urbano VI (1378-1389). Homem desprovido de tacto mas' desejoso de pôr fim à influência francesa sobre o papado, promoveu certas reformas na corte papal, mas logo despertaram elas a hostilidade de todos os cardeais. Reuniram-se eles quatro meses após sua eleição e a declararam nula, porquanto fora imposta pela violência popular. E elegeram o. Cardeal Roberto de Genebra como Papa Clemente VII (1378-1394). Poucos meses depois Clemente VII e seus cardeais estavam sediados em Avinhão Anteriormente houvera muitos papas rivais, mas eleitos por elementos diversos. Mas agora existiam dois papas, ambos devidamente eleitos pelo mesmo corpo de cardeais. Pouca força tinha a objeção de que Urbano VI fora eleito por temor, pois os cardeais o haviam reconhecido sem protesto durante vários meses; mas tudo fizeram para invalidar a eleição E a Europa contemplou dois papas mutuamente se condenando, Não havia autoridade qne pudesse decidir entre eles, e os países seguiam a um ou outro conforme convinha aos seus interesses políticos O pajia romano era reconhecido pela Itália do norte e do centro, a maior parte da Alemanha, Escandinávia e Inglaterra Ao de Avinhão aderiram a Prança, Espanha, Escócia, Nápoles, Sicília e partes da Alemanha. Os grupos eram bastante

semelhantes Havia começado o grande cisma. A Europa estava entristecida e escandalizada enquanto alimentavam os abusos papais, especialmente nas taxas E duas cortes agora tinbam de ser mantidas Mas acima de tudo fora ultrajado o sentimento profundo de que a Igreja deve ser visivelmente uma só E o papado decaiu grandemente 110 respeito popular

Em Roma, Urbano VI foi sucedido por Bonifácio IX (1389-1404) e este por Inocêncio VII (1404-1106) que foi seguido por Gregório XII (1106-1415).. Em Avinhão, (-leniente VII foi sucedido por um espanhol, Pedro de Lona, que tomou o nome de Benedito X111 (1394-1117).

WYCLIF E HUSS

A oposição inglesa às hipertrofias do papado de Avinhão já foram assinaladas (p 370).. Outras forças estavam também surgindo naquela ilha. Dentre elas, a mais forte no âmbito intelectual era a de Tboinas Bradwardine (?-1349), por longo tempo eminente teólogo em Oxford e que faleceu como Arcebispo de Ca nt uai ia Bradwardine liderou o reavivamento do estudo de Agostinho, o que determinou a decadência do escolasticismo e cuja crescente influência afetou até a Reforma Na forma mais positiva ensinou a predestinação e, como Agostinho, entendia a religião essencialmente como lelação entre Deus e a alma e enfatizava a graça em contraste com o mérito.. Agora havia, portanto, outras tradições intelectuais em Oxford além das do escolasticismo nominalista existente nos dias em que Wyclif estudou.

João Wyclif O328?-1384) nasceu em Hipswell Yorkslüre, São desconhecidos os pormenores do começo de sua vicia Ingressou no Balliol Oollege, Oxfor^l, no qual, por fim, ainda que por breve lapso de tempo, se tornou "master". Em Oxford teve lugar preeminente como erudito, preleeionando em classes numerosas e sendo considerado o mais competente teólogo do corpo docente. Quanto à filosofia, era realista, contrastando com o dominante nominalismo do seu tempo Estava muito influenciado por Agostinho e, através dele, pelas eomcepcões platônicas. Grada ti vãmente se foi tornando conhecido além de Oxford Em 1374 foi distinguido com a nomeação real para a reitoria de Lutterworth. No mesmo ano é encontrado como um dos comissionados pelo rei - - provavelmente conselheiro teológico — - em Burges, em corrtact.o com os do Papa Gregório XI, na procura de uma solução do problema referente aos "provisores" (p 370). Com segurança nada se pode dizer quanto influiu o poderoso filho do Rei Eduardo III, João de Gaunt, Duque de Lanças ter, nestas nomeações É possível que o duque o considerasse útil para os seus planos referentes às propriedades da Igreja Entanto, as opiniões

de Wyclif ainda não podiam ser bem conhecidas. R vi ciências não há de que o papa o "visse com desconfiança e investigações recentes demonstram que sua obra reformista não começou em 1366, como se supunha.

Em 1376, no entanto, a riqueza da Igreja e a interferência ck>- rical. na política, especialmente a dos papas, provocaram sua oposição Nesse mesmo ano preleeionou em Oxford *Sob-re Senhorio Civil*.. O ponto de vista de Wyclif quanto ao ofício e privilégios eclesiásticos era curiosamente feudal. Deus é o senhor de tudo Dá ele todas as posições tanto as civis quanto as espirituais, como feudos, sob a condição de ser viço prestado com fidelidade São dispensaçÕes, não propriedades Deus concede o uso, não a posse Se o usuário abusa de sua confiança, retira ele a concessão Daí o mau clérigo perde todo o direito de exercer seu ofício, e as autoridades civis, às quais Deus deu poder sobre as coisas temporais, como à Igreja entregara as espirituais, podem tirar desse clérigo indigno as posses temporais Esta doutrina anunciada com a máxima simplicidade e sinceridade, jror certo agradou a João de Gaunt e a seu faminto grupo de nobres que desejavam enriquecer com a espoliação da Igreja. Não menos satisfatória foi a muitos da plebe que, de tempos, criticavam a riqueza, pretensões e, por[1] vezes, a falta de caráter do clero Também não desagradou às ordens mendieantçs, .que sempre tinham, ao menos em teoria, pregado a "pobreza apostólica".

Os ensinos de Wyclif encontraram oposição da parte do alto clero, das ordens ricas e do papado, Em 1377 foi intimado a comparecer ante o Bispo de Londres, Guilherme Courtenay A proteção de João de Gaurrt e de outros nobres fez abortar- o processo Nesse mesmo ano o Papa Gregório X1 expediu cinco bulas ordenando a prisão e exame de Wyclif.[1] Por ter a, proteção de apreciável, parcela da corte e o favor popular, fracassaram, em 1378, as perseguições que lhe moveram o Arcebispo de Cantuária e o Bispo de Londres.

Então Wyclif rapidamente desenvolveu suas atividades reformadoras por meio de um dilúvio de escritos em latim e em inglês. As Escrituras, ensinou, são a única lei da Igreja. A Igreja não tem corno centro, como popularmerrte se pensav a, o papa e os cardeais. C todo o conjunto dos eleitos.. Seu único cabeça é Cristo, já que o papa pode não ser um desses eleitos. Wyclif não rejeitou o papado .Muito bem pode a Igrpja ter um guia terreno, se ele for corno Pedro e se esforçar por[1] manter as condições simples do cristianismo prirni-

I Gee t Hardy, pp 105. 108

1 ívo Um papa assim, por certo seria um dos eleitos Um, porém,, qne aspira a poder humano c tem ânsias de impostos, presumivelmente é não-eleito, sendo, antes, o anticristo. Com seu profundo conhecimento da Bíblia, então Wyclif atacou as ordens mendieantes (que o apoiaram na sua afirmação da pobreza apostólica), acusando-as de não terem base bíblica e serem sustentáculos do atual papado. Agora enfrentava de modo total as condições eclesiásticas do momento.

Wyclif passou a esforços mais- construtivos Convicto de que a Bíblia é a lei de Deus, resolveu dá-la ao povo na sua língua inglesa. Entre 1382 e 1384 as Escrituras foram traduzidas da Vulgata É impossível dizer que participação teve ele nesse trabalho Geralmente se julgava que o Novo Testamento foi obra de sua pena e o Antigo da de Nicoiau de ílereford. Em todo o caso, a tradução (lo Novo Testamento foi vivida, fácil de ler e vigorosa e prestou serviço de fundamental importância para o idioma inglês — - sem falar na piedade inglesa Toda a Bíblia foi revisada aí por 1388, possivelmente por seu discípulo, João Purvey Grande foi sua circulação Apesar da supressão feita no século seguinte, <.erca de cento e cinquenüi manuscritos sobreviveram.

A fim de levar o Evangelho ao povo, Wyclif começou a enviar seus "sacerdotes pobres" Em pobreza apostólica, sem sapatos, vestindo compridas túnicas, com um bordão nas mãos, iam de dois em dois. como os antigos, pregadores valdenses ou franciscanos Diferiam deles por não fazerem votos permanentes. Enorme for* o seu êxito..

Os acontecimentos logo prejudicaram o movimento dos lollardos, como popularmente foram chamados os seguidores de Wyclif Convencido de que os eleitos formam verdadeiro sacerdócio, e de que todas as pretensões episcopais são arrtibíblicas, Wyclif viu no poder saoerdotal puramente humano no milagre da transubstanciação, o principal baluarte do que julgava errônea pretensão sacerdotal. Então, em 1379, atacou essa doutrina Sua idéia da presença de Cristo parece haver sido, na essência, aquela depois conhecida como consubstanciarão, Não foram suas afirmações positivas mas seu» ataques, qne provocaram ressentimentos.. Tudo porque se opor à transubstaneiação era tocar numa das crenças mais caras e populares da Idade Média. Referidos ataques o fizeram perder alguns seguidores e provocaram o recrndeseimento de atos de repressão por parte das autoridades eclesiásticas Esta ma:e de oposição foi alimentada por episódios, em 1381, pelos quais Wyclif não pode ser responsabilizado. A agitação das classes inferiores, que aumentara

desde o desequilíbrio no mercado de trabalho ocasionado pela limite negra"[7] de .1318-1350, eulminoa em 1381 na grande revolta dos camponeses, que for dominada com imensa dificuldade liste .sangrento episódio fortaleceu o partido conser vador Em 1382 o Arcebispo de Cantuária reuniu um sínodo em Londres que condenou vinte e quatro teses de Wyclif.[2] Não pode ele mais prelecionar em Oxford Seus "sacerdotes pobres" foram presos Pessoalmente Wvclif não foi atacado, em virtude do forte apoio popular e da corte de que ainda gozava. E morreu no exercício de seu pastorado em Lutterwoith. no último dia do ano de 1381.

Para o poder de Wyclif foi elemento de não peqtrena importância o ser ele tido como sem igual no saber na Inglaterra contemporânea As pessoas temiam terçar armas culturais com ele Igualmente notáveis eram o seu patriotismo e sua profunda piedade lira o porta-voz do ressentimento popular contra a taxação estrangeira e avareza papais e da aspiração também popular por uma l:é mais simples e mais bíblica E de lastimar não tenha deixado discípulo de bastante saber para continuar- sua obra na Inglatena. Entanto, durante o reinado de Ricardo II (1377 1399) o mo\intento lollardo continuou progredindo. Com a ascerrsão da casa usurpadoia de Lancaster, na pessoa de Henrique IV (1399 1413), o rei, ansioso por aplacar a Igreja, foi persuadido a aceitar, em 1401, o decreto *De kaereUco comburenâo*pelo qual alguns lollardos foram queimados. Henrique IV poupou os lollardos de alta classe. M as irão seguiu esse exemplo seu filho, Henrique V (1413-1422) No seu tempo, o mais ilustre guia lollardo, Sir João Oldcastíe, Lorde Cobham, homem de severos princípios religiosos, a quem a tradição e a licença dramática transformaram na figura de Ealstaff, foi tido corno seclicioso, condenado e executado em 1117. Com sua morre terminou a significação política do lollardismo na Inglaterra, embora secretos aderentes tenham existido até a Reforma. A grande influência de Wyeliff, porém, se far ia sentir na Boêmia, mais que cm sua te i ra natal.

No século décimo quarto a Boêmia passou por notável desenvolvimento político e intelectual Carlos IV (1346-1378), do Santo Império Romano, foi também rei desse país e muito fez por ele. Em 1344 obteve o estabelecimento do arcebispado de Praga, libertando a Boêmia da dependência eclesiástica da Mogúncia. - Quatro ano.?

2 Gec e Bank, pp 108 llí).
3 Gee e Hardy, pp 1.13, 135

depois procurou fundar uma universidade em Praga Ern pais algum da Europa teve a Igreja maior número de propriedades, ou foi o clero mais mundano que na Boêmia, Carlos IV não era contrário à reforma moral. Durante e depois do seu reinado uma série de valorosos pregadores sacudiram o país, combatendo a secularização da Igreja, Foram eles Conrado de Waldhausen (?-1369), Milie* de Kremsir (M374), Matias de Janov (M394) e Tomás de Stitny (1331-1401),, Todos se opuseram à corrupção clerical. acentuando a Escritura como regra de vida, e clamaram, por mais freqüente participação na Ceia do Senhor. Milicz e Matias ensinavam que o -Antieristo estava perto e se manifestava num clero indigno. Pouca influência direta sobre Huss tiveram tais homens, mas prepararam a Boêmia para *prontamente* aceitar os ensinos dele

O país estava dividido, além do nrais, por intensa rivalidade entre os elementos germânicos e eslovenos (tchecos) da população Estes últimos se caracterizavam por forte desejo de predomínio racial e autonomia boêmia.

Curiosamente, a Boêmia, até então pouco ligada à Inglaterra, veio a ter íntima conexão com este país em virtude do casamento de sua Princesa Ana com o liei Ricardo II, em 1383, Estudantes boêmios foram a Oxford e de lá trouxeram as doutrinas e escritos de Wyclif, mormente para a Universidade de Praga O grande **pro-**pagador do "vvyclifismo boêmio veio a ser João IIuss, em quem todas as aspirações nacionais tchecas também encontraram ardente defensor. Foi esta combinação de zelo religioso e patriótico que deu a Huss seu notável poder de liderança.

Nasceu João Huss de pais camponeses, em Ilrtsinecz, cerca de 1373 Abreviando da denominação da localidade, fez o seu sobre-nome Completou seus estudos na Universidade de Praga, onde, em 1394, recebeu o grau de Bacharel em Teologia e o de Mestre em Artes, dois anos mais tarde, Foi ordenado ao sacerdócio em 1401, mas continuando a lecionar na Universidade, da qual for reitor no ano seguinte. Huss estudou profundamente nessa época os tratadas filosóficos de Wyclif, com o "realismo" do qual. simpatizava As •obras de Wyclif, conhecidas por Huss possivelmente desde 1402, con-quistaram-no, e desde então teologicamente se tomou seu discípulo Mais conservador que seu mestre, não negou a trarrsubstanciaeão. Como ele, porém, afirmava que a Igreja era. formada tão-somente pelos predestinados, dos quais o verdadeiro cabeça não é o papa, mas Cristo Sua lei é o Novo Testamento e sua vida a pobreza de

Cristo Com a publicação dos seus comentários das *Sentenças* de Pedro Lombardo, elevou o apreço dos dotes de erudição deste escritor. Putanto, em seus sermões e tratados, Huss geralmente reproduz não apenas os pensamentos mas a linguagem de Wyclif.

Km 1402 se tomou pregador da capela de Belém, em Praga Ern pouco tempo tinha inúmeros seguidores entre o povo, seguidores conquistados com seus sermões de fogo no idioma boêmio Ainda que as Idéias de Wyclif hajam sido condenadas em 1403 pela maioria das universidades, a pregação de Huss, de começo, contou com a .simpatia do Arcebispo Zbynek (1403-1411) Suas críticas ao clero, no entanto, transformaram essa simpatia em oposição, a qual foi aumentando à medida que a ligação total de Huss com Wyclif foi se tornando cada vez mais evidente E novos molhos de desacordo foram aparecendo. Durante o cisma, a Boêmia dera apoio ao papa romano, Gregório XII (1406 1415) Como meio para a cara da cisão, o rei boêmio, Venceslau, adotou a política de neutralidade com referência aos papas rivais Huss e os elementos boêmios da universidade apoiaram Venceslau. O Arcebispo Zbynek, o clero e os elementos alemães eram favoráveis a Gregório XII.. Então, arbitrariamente, em 1409, Venceslau alterou a constituição da universidade, dando urrr voto à maioria estrangeira nas decisões e aos boêmios três Corri isto inverteu por completo a proporção anterior. O imediato resultado foi o rompimento dos elementos estrangeiros e a fundação da Universidade de iieipzig, em 1409 Esta vitória nacioíialista boêmia, de valor e justiça duvidosos, foi amplamente apoiada por IIuss. As conseqüências imediatas foram ser ele nomeado o primeiro "reitor" da universidade, agora sob o novo regulamento, e alcançar grande prestígio na corte. Suas idéias agora se difundiam largamente na Boêmia.

Entretanto o infeliz Concilio de Pisa chegava ao fim (1409) (p 384). Zbynek dava agora apoio ao papa desse Concilio, Alexandre V (1.409-1410), a quem se queixou da difusão das Idéias de Wyclif na Boêmia, sendo por ele encarregado de extirpá-las.. Protestou Huss e foi excomungado por Zbynek, em 1410. Disso proveio grande tumulto popular em Praga, no qual Huss se tomou, mais que antes, herói nacional.. Venceslau, o rei, o apoiou Em 1112 o sucessor de Alexandre V, o Papa João XXIII (1110-1115) prometeu indulgência a quantos participassem na cruzada contra, o Pei Ladislau, de Nápoles Huss foi contrário, afirmando que o papa não tinha direito> de usar força física; que o pagamento em dinheiro

não trazia verdadeiro perdão e que, exceto aos predestinados, as indulgências de nada valiam à criatura humana. A conseqüência foi uma grande agitação, A populaça queimou a bula papal Huss, daí, perdeu fortes partidár ios na univ ersidade e foi a dela e mais uma vez foi excomungado, enquanto Praga foi posta sob interdito papai. Veneeslau então convenceu Huss, em fins de 1412, a se afastai' de Praga.. A este período de sua ausência se deve sua principal obra — na essência urna reprodução de Wyclif — *De Enleva* (Sobre a Igreja). Enr 1413 um sínodo romano condenou formalmente os escritos de Wyclif.

0 grande Concilio de Constança (p 385) se aproximava e y confusão na Boêmia deveria, por certo, ser considerada por cie Huss foi intimado a se apresentar perante ele e íecebcu a promessa de um salvo-conduto — que depois lhe foi entregue — do santo imperador romano, Sigismundo Mesmo sentindo que sua vida corria grave perigo, Huss resolveu ir Tomou essa resolução em parte crendo sei seu dever dai- testemunho do que achava ser a verdade, e em parte por estar certo de que podia trazer o Concilio aos seus pontos de vista Pouco depois de sua chegada a Constança foi encarcerado Sigismundo renegou seu salvo-conduto Os inimigos que tinha na Boêmia fizeram-lhe graves acusações No dia 4 de maio de 1415 o Concilio condenou Wyclif e ordenou que seu cadáver há tanto sepultado fosse queimado. Nada podia IIuss esperai- daquela assembléia Entanto, resolveu-se a luta numa questão de princípios. O Concilio mantinha que todo cristão era obrigado a se submetei às suas decisões Cria que assim afirmando é que podia esperar pôr fim ao cisma papal, que escandalizava a cristandade Dai, insistiu na completa submissão de Huss. Mas o reformador boêmio era dj tipo heróico. Não quis comprometer sua consciência Como falsas, rechaçou algumas acusações.. Certas posições que tomara não quis modificá-las, a menos que o convencessem de estar laborando em erro E rrão submeteu sua consciência às decisões conciliares E 1 **LI O Œ́** julho de 1415 foi condenado e queimado, Com grande coragem enfrentou a morte

Enquanto Huss estava aprisionado cio Constança, em Praga seus seguidores começaram a administrar o cálice ao; -leigos na Ceia do Senhor - ato que Huss aprovou e que pronto se converteu na característica do movimento hussita, A notícia da rnorle de Huss provocou enorme ressentimento na Boêmia E mais combustível foi lançado na fogueiia quando o Concilio de Constança proibiu fosse

dado o cálice ao povo o queimou, em 30 de maio de 14IG a Jeiônimo de Praga. discípulo de Iluss A Boêmia então foi. tom ulsiouada p<u uma j.evolução. Dois partidos apareceram - um aristocrata, cuja X>rincipal sede era em Praga, conhecido como Gtraquista (comunhão em ambas as espécies: pão e \ inho) ; o outro, radical, democrático., denominado Taborita. em virtude de suas fortalezas "Taboi".

Os utraquistas negavam somente aquelas práticas que julgavam proibidas pela "lei de I)eus isto é, a Bíblia Exigiam a livre pregação do Evangelho, o cálice dado aos leigos, a pobu-za apostólica *e* vida clencal rigorosa Os taboritas repudiavam todas aquelas práticas não expressas na "lei de Deus". Profundas dissensóes havia entie essas facções.. No entanto ambas se uniam para resistir. às repetidas cruzadas dirigidas contra a Boêmia. Sob o comando do general taborita cego7 João Zizka, sangrentamente foram repelidas todas as tentativas de dominar os hussitas Grande pai.te das propriedades da Igreja foram confiscadas.. Depois da morte de Zi.zka. em IP'! não tiveram melhor êxito os oponentes hussitas Dirigidos por Procópio, o Grande, levaram cies a guerra além das fronteiras de sua terra... Parecia mais que necessária alguma contenrporizaeáo O Concilio de Basiléia (p 387), após longas negociações, enr 1-133 concordou em parte corri os desejos dos utraquistas Então concedeu t uso do cálice e *em* certa medida as demais exigências acima enumeradas.. Os taboritas resistiram e foram quase extintos pelos utraquistas na batalha de Lipan, em 1433 Neste combate mor reu Procópio Os tríunfantes utraquistas então fizeram urn arranjo com o Concilio de Basiléia, enr 1436, e assim foram nominalmente admitidos na comunhão romana Em 1462 porém, o Papa Pio II (1458-1161) declarou nulo o referido acordo Os utraquistas sem embargo, mantiveram seu jmler e o Parlamento boêmio, em 1485 e 1512. declarou-os em pé de igualdade com os católicos Na Reforma, grande parte recebeu bem as trovas idéias; mas alguns retornaram à Igreja Romana,

Os reais representantes dos princípios vvyclifianos foram mais os taboritas que os utraquistas. Do movimento hussita, eorrr elementos vindos dos taboritas, utraquistas e valdenses, mais que exclusivamente dos taboritas, nasceu, desde cerca de 1453, a *Unüas Fralrum,* que absorveu muito do que era mais vital no movimento hussita, e que se tornou a ancestral espiritual dos posteriores moraviarros (pp 199-200 do vol. II

Wyclif e Iluss têm sido chamados precursores da Reforma É verdadeiro o título se se leva em conta seu protesto contra a corrupção

da Igreja, sua exaltação da Bíblia, sua contribuição à soma total de agitação que finalmente resultou na Reforma No entanto, quando se examinam suas doutrinas, parecem elas mais pertencer à Idade Média. Seu conceito do Evangelho era fosse ele uma "lei". Seu lugar dado à fé não era maior (pie na comunhão romana. Seu pensamento sobre a Igreja era um desenvolvimento unilateral do agostinianismo., Sua idéia da relação do clero com a propriedade era a mesma dos valdenses e dos fundadores das grandes ordens mendicantes.. Seu zelo religioso leva-nos a profundamente admirá-los Mas ainda que Lutero tenha tornado muitos pontos de vista de Huss, a Reforma, em si, pouco deveu a seus esforços.

CONCÍLIOS REFORMADORES

O cisma papal era o escândalo da cristãodade; dar-lhe um fim, porém, não era fácil A lógica, da época medieval era de que não existia sobre a terra poder perante o qual o papado fosse responsabilizado. A gente bem intencionada percebia que o cisma devia ser terminado e que a Igreja precisava de reforma "na cabeça e nos membros" — isto é, no papado e no clero. As reformas desejadas eram morais e administrativas, No geral, como um todo, a cristandade não queria modificações doutrinárias. Wyclif podia pregá-las 1la Inglaterra, mas era tido geralmente como herético Entre os que seriamente procuravam remédio para o cisma estavam os mestres da época, de modo especial os da Universidade dc Paris. Marcítio de Pádua ali proclamou a supremacia do Concilio Geral em seu *Defensor Pacis*, de 1324. As necessidades da situação, tanto quanto seus argumentos, rapidamente estavam levando à mesma conclusão. Esta. idéia foi apresentada com clareza primeiro por ura doutor em leis canônicas, então em Paris, Conrado de Gelnhausen (I320M390). Conrado aconselhou o Rei Carlos V da França (1364-1380), em tratados escritos em 1379 e 1380, a se unir com outros príncipes na convocação de um concilio, se necessário sem o consentimento dos papas rivais. Mas não foi além da sustentação de que um concilio era justificável diante da situação anômala. A proposta de Conrado foi por outros reforçada, e de ta] modo que lhe tirou o crédito popular da iniciativa, principalmente pelo tratado de um outro erudito alemão da Universidade de Paris, lleinrich de Langenstein (1340 ?-1397), publicado em 1381,

A idéia lançada de um concilio geral para remediar o cisma teve logo adeptos e não somente na Universidade de Paris mas na grande escola de lei canôniea de Bolonha, e até entre os cardeais No entanto, a convocação de um concilio apresentava muitas dificuldades, e os líderes de Paris, Pedro de Ailly (1350-1420) e João Gerson (Jearr Charlier de Gerson) (1.363-1429) renomados por seus-

conhecimentos da teologia nominalista e este último afamado entre os místicos cristãos, foram vagarosos em aceitar o plano conciliar. Durante anos foram feitos esforços que redundaram vãos paia levar os papas rivais a resignarem. A França, de 1.39S a 1403 e outra vez em 1408, retirou seu apoio ao Papa de Avinhão sem, no entanto, reconhecer o de Roma Seu exemplo não foi seguido por outras nações Ern 1408 Ailly e Gerson concluíram que um concilio era a única esperança, e foram apoiados por Nicolau de Clémanges (1367-1437) ex-professor da Universidade de Paris, ex-secretário papal em À\inhão, de 1397 a 1405, e que considerava grande fonte de males na Igreja a negligência generalizada das Escrituras

Agora os cardeais de ambos os papas estavam convencidos da necessidade de um concilio Reunidos em Ijeghoiu lio ano de 1408, em seu próprio nome convocaram uma assembléia desse tipo, a se realizar em 25 de março de 1409, em Pisa. E houve a reunião, com a presença não só de cardeais, bispos, chefes das grandes ordens, principais abades, ruas também de doutores em teologia e lei canônica o representantes de soberanos leigos Nenhum dos papas esteve presente ou reconheceu sua legalidade. Os dois foram declarados depostos. Tsto era a afirmação prática de que o Concilio estava acima do Papa Sua ação, entretanto, foi precipitada, pois ern lugar de se certificar, como aconselhava Aíllj, de que o indicado como novo papa seria aceito por- todos, os cardeais elegeram Pedro Philargès, Arcebispo de Milão, o qual tomou o nome de Alexandre V (1409-1410) O Concilio se dissolveu, relegando a questão da reforma para um futuro concilio

De algum modo, tornara-se pior a. situação do que antes da reunião do Concilio de Pisa Roma, Nápoles e consideráveis partes da Alemanha ficaram fiéis a Gregório XII Espanha, Portugal e Escócia apoiaram Benedito XIII Inglaterra, França e partes da Alemanha reconheceram Alexandre V.. Havia três papas enquanto antes existiam só dois Mesmo assim, apesar de suas falhas, o Concilio de Pisa significou progresso. Demonstrou que a Igreja era uma e alimentou a esperança de que um concilio melhor poderia terminar com o cisma. Fora esta assembléia convocada pelos cardeais. Para isso não havia antecedentes na história. Uma convocação do imperador, se possível com o assentimento de um ou mais dos papas, estaria de acordo com a prática da Igreja primitiva. Com esta finalidade começaram a trabalhar os que apoiavam a idéia de um concilio.

O novo imperador eleito do Saoto Império Romano Sigismundo (1410-1437), também se convenceu da urgência de um concilio Re conhecia como papa a João XXIII (1410-1415), um dos mais indignos ocupantes do cargo, que havia sido eleito como sucessor de Alexandre V, na linha de Pisa Sigismundo utilizou as dificuldades de João com o Rei Ladislau de Nápoles para conseguir que o acompanhasse numa ação pela qual o imperador eleito e o papa convocariam um concilio que se reuniria em Constança a 1[11] de novembro de 1414. E lá se reuniu a mais brilhante e niuneiosa assembléia da Idade Média. Como ern Pisa, incluía não só cardeais e bispos, mas doutores em teologia e representantes de monarcas ainda que os delegados leigos não tivessem voto.. Sigismundo compareceu pessoalmente, bem como João XXIII.

João XXIII esperava receber: o reconhecimento do Concilio. Com esta finalidade levara consigo muitos bispos italianos.. Para neu tralizar seus votos, o Concilio se organizou por nações : Inglaterra, Alemanha e França, sendo os italianos forçados a, formar uma quarta,. Cada "nação ' tinira um voto, o mesmo sendo concedido a, cada cardeal Sem esperança de reconhecimento, João procurou fazer fracassar o Concilio, fugindo em março de 1415.. Sob a vigorosa direção de Gerson, o Concilio, entretanto, em 6 de abril de 1415 declarou que, como "representante da Igreja Católica militante derivava sua autoridade diretamente de Cristo, e todos, fosse qual fosse sua posição ou cargo, mesmo sendo a dignidade papal, lhe deviam obediência naquelas coisas atínentes à fé, a cura do cisma e reforma geral da Igreja de Deus".[1] Errr 29 de maio o Concilio declarou João deposto.. A 4 de julho Gregório XII resignou. O Concilio livrara a Igreja de dois papas com sua feliz afirmação de sua autoridade suprema sobre a Igreja toda. É fácil verificar por que seus guias insistiram na plena submissão de Huss, cujo processo e martírio se deram na época, destes fatos (p 380).

Com Benedito XIII a coisa foi mais difícil.. O próprio Sigismundo viajou até a Espanba, mas não conseguiu que ele renunciasse. E este obstinado pontífice continuou a se proclamar até sua morte, em 1424, o único papa legítimo O que Sigismundo não conseguiu com Benedito, obteve com os reinos espanhóis, que, juntamente com £ Escócia, renunciaram a esse papa renitente. Os espanhóis se uniram ao Concilio como a quinta "nação", e em 26 de julho de 1417 Benedito ou Pedro de Luna., como rrrais uma vez passou a ser chamado, foi

1 Robinson, 1: 511.

formalmente deposto A prudente ação do Concilio, em contraposição à pressa de Pisa, fizera que nenhuma parte considerável da cristandade apoiasse os papas anteriores.

Um dos principais alvos do Concilio tinha sido a reforma moral e administrativa Nisto os zelos de Interesses diversos impediram ações de relevância. Os cardeais não queriam mudanças que materialmente atingissem suas rendas.. Como um todo, a Itália aproveitava-se da situação reinante, A Inglaterra já tinha relativo auto governo em assuntos eclesiásticos, graças aos seus reis A Prança estava em guerra com a Inglaterra e sem disposição de se unir com esse pais, E assim por diante Disso tudo resultou que o Concilio finalmente entregou o assunto reformas ao próxima papa "em conjunto com este santo Concilio ou com os representantes das diversas nações" — quer dizer, cada nação fez o melhor negócio que pôde. O Concilio preparou, uma lista de assuntos a serem discutidos em relação com as reformas, quase todos ligados com questões dc nomeações, imposios ou administração.[2] Como instrumento de reforma o Concilio de Constança foi amargamente decepcionador.. Seu grande êxito foi ter terminado com o cisma. Em novembro de 1417 os cardeais, com seis representantes de cada nação, elegeram papa o cardeal romano Otto Colona Escolheu o eleito o nome de Martinho V (1417-1431) . A ciistandade romana tinha uma vez mais só uma única cabeça. Em abril de 1418 o Concilio foi encerrado com n promessa do novo papa de convocar outro dentro de cinco anos, em obediência ao decreto do mesmo Concilio[3]

O Concilio de Constança foi uma experiência eclesiástica muito interessante.. Conseguiu a transformação do papado de uma monarquia absoluta em constitucional O papa continuaria sendo o executivo da Igreja, mas acompanhado por um corpo legislativo que se reuniria em intervalos freqüentes e representaria todos os interesses da cristandade.

Pareceu que esta grande mudança constitucional lravia sido realmente obtida. Martinho V convocou novo concilio para Pavia, no ano de 1423. Os assistentes não foram muitos por causa da peste. Com prazer, porém, o papa dispensaria mais concílios Porém as guerras írussitas preocupavam a Europa (p 381) e Martinho V, cedendo à pressão que lhe era feita, em janeiro de 1431 convocou um concilio a se reunir em Basiléia, e indicou o Cardeal Juliano

2 Robinson, 1: 513
3 Robinson, I: 512

Cesarini para presidi-Lo como se a legado. Pouco menos de dois meses depois Martinho morreu e Eugênio IV (1431-1417) foi feito papa.. Instalou-se o Concilio em julho de 1431, ruas em dezembro Eugênio ordenou sua suspensão para que se reunisse em 1443, em Bolonha. O Concilio não atendeu e renovou a declaração de Constança de que era superior ao papa. E assim, desde o princípio, houve má vontade entre o Concilio de Basiléia e o Papa. Atentando que o ciúme entre "nações" frustrara os planos reformadores de Constança, o Concilio rejeitou tais agrupamentos e criou quatro grandes comissões — de reformas, doutrina, paz pública e questões gerais» Começou seu trabalho com enorme vigor e promessa de êxito» Promoveu aparente reconciliação, em 1433, com os hussitas moderados (p 381). Parecia restaurada a unidade romana. Pouco apoio encontrou o papa, e antes de terminar 1433 formalmente reconheceu o Concilio. Seu futuro parecia assegurado.

O Concilio de Basiléia entregou-se, então, àquelas reformas morais e administrativas não efetuadas no de Constança. Ordenou a realização de um sínodo anual em todas as dioceses; nos areebispados, de dois em dois anos. Nesses smodos seriam examinados e corrigidos os abusos. Ainda determinou houvesse um concilio geral de dez em dez anos Reafirmou o antigo direito da eleição eanonica, contra as nomeações papais Limitou os apelos a Roma. Fixou em vinte e quatro o número dc cardeais e determinou que nenhuma nação tivesse representação maior que um terço no colégio Extinguiu as anatas e outras taxaçÕes mais opressivas do papado. Isto tudo era born, mas o espírito com que foi feito era de crescente atitude de vingança contra o Papa Eugênio. Foram abolidos quase que completamente os impostos que mantinham o papado, no entanto não foi cuidado de estabelecer meios honrosos de substituí-los. Tal falha não só aumentou as iras do papado como provocou divisões dentro do próprio Concilio. Nesta altura ay)resentou-se ótima oportunidade, da qual plenamente se aproveitou Eugênio IV. Sobre ela **o** Concilio agiu tão erroneamente que arruinou suas boas perspectivas

O Império Oriental se encontrava em sua luta final com os turcos conquistadores Esperando conseguir auxílio do Ocidente, o Imperador João VIII (.1425-1448), com o Patriarca de Constantinopla, José II (141(5-1439) e Bessarion (1395-14-72), o sagaz Arcebispo de Nicéia, estava disposto a negociar a união das Igrejas Grega e Latina. Papa e Concilio estavam dispostos a usar esta aproximação em benefício próprio. A maioria do Concilio queria que os gregos viessem

a Avinhão. O papa oferecia uma cidade italiana, o que era naturalmente i>referido por eles. Em 1437 o Concilio se dividiu quanto a esta questão, separando-se a minoria, levando consigo a CesarinL Para se encontrar com os gregos, o papa anunciou a transferência do Concilio para Feirara... Concordou a minoria e em. março de 1438 chegou o imperador oriental acompanhado de muitos prelados. Praticamente o papa saíra vencedor. Acontecimento de tanta relevância como o possível eongraçamento da cristandade tirou do Concilio de Basiléia, que ainda continuava, muito do seu interesse.

O Concilio de Ferrara, trazido paia Florença em 1439, assistiu a prolongadas discussões entre gregos e latinos e cujo resultado final foi a aceitação do primado do papa, mas em termos vagos. O que ficou ajustado parecia preservar os direitos dos patriarcas orientais, os gregos conservariam suas peculiaridades no culto e o clero continuaria podendo casar Ao mesmo tempo os gregos reconheceriam a questionada cláusula do *jtiioqae* no Credo mas com o acordo de que não a incluiriam no antigo símbolo, O combativo Arcebispo de Éfeso, Marcos, não concordou, mas o imperador e muitos dos seus acompanhantes elerieais aprovaram. Então a reunião das duas igrejas foi jubilosamente proclamada, em julho de 1439, Tão feliz desfecho aumentou o prestígio do Papa Eugênio IV. A irrealidade do acordo não foi logo percebida Reuniões com armênios e com certos gr upos de monofisitas e nestorianos foram também anunciadas em Florença ou apressadamente após o Concilio. A reconciliação com os armênios, em 1439, deu oportunidade à famosa bula definindo a doutrina medieval dos sacramentos.. Desde o inicio, porém, os *mqnges* orientais se opuseram.. Na volta dos gregos, Marcos de Kfeso se tornou o herói do momento Bessarion, a quem Eugênio fizera cardeal, teve de fugir para. a Itália, onde teve notável papel em serviços literários e eclesiásticos, Os gregos não receberam do Ocidente substancia] ajuda militar c a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, para sempre frustrou as esperanças políticas que haviam inspirado os esforços pela união em 1439..

Neste meio temjro, a maioria, em Basiléia, promoveu atos radicais sob a direção do único cardeal que ficara com ela, o hábil e excelente mas ditatorial Luís dAJlemand (1380M4.50) Em 1439 votou a deposição de Eugênio IV e escolheu como seu sucessor ao leigo meio monge, o Duque Amadeu da Sabóia, que tomou o nome de Félix V. Por esta época, entretanto, o Concilio de Basiléia estava perdendo rapidamente a influência que ainda tinha. Eugênio IV triunfara

ç foi sucedido em **Roma** por Nicolau Y (3447-1455).. Félix abandonou seu impossível papado, em 1449. O Concilio enfrentou da maneira melhor que pôde a sua derrota, escolhendo como seu sucessor Nicolau V, assim pondo fim ao seu atribulado curso. Ainda que continuasse viva a idéia conciliar e viesse a ser poderosa na Reforma, o **fracasso** de Basiléia realmente destruiu a esperança de transformar o papado numa monarquia constitucional, ou de efetuar as necessárias reformas por intermédio da ação de um concilio.

Ainda que tivesse falido o Concilio, cada nação aproveitou de suas querelas com o papado. De modo especial a França, cuja monarquia ganhava novo poder através da efetiva resistência à Inglaterra, sob o impulso iniciado por Joana d'Are (1410 M431) . Em 1438 o Rei Carlos VII (1422-1461), com o clero e a nobreza, adotou a "Sanção Pragmática" de Bourges, pela qual foram legalizadas na França a maior parte das reformas intentadas em Basiléia. Assim a França conseguiu se libertar das opressoras taxas e interferências papais, e esta libertação não pouco influiu na atitude do país antes da época da Reforma.

Não tão afortunada foi a Alemanha, Ali, os nobres, no Reichstag, em Mogúncia, em 1439, adotaram uma "aceitação" bastante parecida com a "Sanção Pragmática" francesa.. Entanto as divisões e fraquezas do país deram lugar às intrigas papais, fazendo :jue as disposições da referida fossem praticamente limitadas pela Concordata de Aschaffenbnrg, de 1448. A príncipes particulares foram concedidos certos privilégios, mas, como um todo, a Alemanha continuou sob o peso da taxação papal.

Durante o período dos concílios nova força começou a se manifestar: o nacionalismo. O Concilio de Constança autorizara que as nações fizessem tratados com o papado. Como uma nação, a Boêmia enfrentou sua situação religiosa. A França afirmara seus direitos nacionais. Por sua vez, a Alemanha procurara fazer o mesmo. Com **o** fracasso dos concílios no realizar reformas administrativas, pessoas começaram a perguntar se o que aspiravam não podia ser alcançado através da ação nacional. Era opinião que aumentaria até a Reforma e que grandemente influiria no decorrer dessa luta.

13

A RENASCENÇA ITALIANA E SEUS RAPAS

O mais notável acontecimento intelectual, contemporâneo do paliado em Avinhão e do cisma, foi o começo do Renascimento, Essa enorme alteração na posição mental tem sido considerada, por vezes, como não tendo antecedentes medievais,, Hoje, porém, está sendo reconhecido, e cada vez mais, que a Idade Média não era caracterizada pela iniciativa individual; que o predomínio da Igreja jamais assumiu tais proporções (pie o ultraterrerio dominasse de todo; que os monumentos literários da Antigüidade latina, ao menos eles, eram bastante conhecidos. O rcavivamento da lei romana teve início no tempo das Cruzadas, e atraiu profunda atenção para esse traço normativo do pensamento antigo, primeiramente na Itália e depois na Erança e na Alemanha» Ainda que reconhecendo todos estes elementos, permanece a verdade de que o Renascimento significou urna rrova visão do mundo, na qual foi posta ênfase sobre esta presente vida, sua beleza e alegria — sobre o homem como homem — mais que sobre o céu ou o inferno futuros e sobre o homem corno objeto de salvação ou de perdição. O meio pelo qual se realizou esta transformação foi a reapreeiação do espírito da Antigüidade clássica, especialmente como manifesta em seus grandes monumentos literários.

A. Renascença primeiro teve lugar na Itália. Seu aparecimento foi favorecido por várias influências, e dentre elas pelo menos três foram as mais importantes Os dois grandes poderes dominantes da Idade Média, papado e império, enfraqueceram repentinamente, no que se refere à Itália, pelo colapso do poder imperial no fim do século décimo terceiro, e a mudança do papado para Avinhão, no começo do século décimo quarto. A península itálica alcançara elevado desenvolvimento, como nenhuma outra parte da Europa, devido ao comércio fomentado pelas Cruzadas e que continuara após o término delas. A grande divisão política da Itália deu às cidades um tipo de vida desconhecido em qualquer outro país, tornando fácil

o reconhecimento de talentos locais e tendendo a acentuar o individualismo.

Foi Petrarea (1304-1374) o primeiro italiano em quem o espírito renascentista revelou força dominante. Educado em Avinhão, como clérigo ordenado, seu real interesse residia no reavivamento da literatura latina, especialmente os escritos de Cícero. Estudante aplicado, e antes de mais nada homem de letras, foi amigo de príncipes e figura de influência internacional.. Desprezava o escolasticismo e condenava Aristóteles Ainda que de sentimento religioso, era remisso na prática e seus pontos de vista diferiam dos medievais Faltava-lhe, porém, seriedade profunda e possuía vaidade egoística e o culto da forma mais que da substância; o que caracterizou muito do humanismo italiano. Mesmo assim, acordou, pessoas para um renovado interesse pela Antigüidade e por nova visão do mundo.. Amigo e admirador de Petrarca foi Boeeaeio (1313-1375), agora principalmente recordado pela sua obra *Decarneron* Foi, no entanto, muito influente em seu tempo, promovendo o estudo do grego, o desvendamento dos mistérios da mitologia clássica e o fomento dos estudos humanisticos em Florença e Nápoles.

Pode ser que o grego jamais tenha desaparecido no Sul da Itália, mas seu cultivo humanístico começou quando, em 1300. Boeeaeio trouxe para Florença Leôncio Pilatus O grego era ensinado na cidade desde 1397, sob os auspícios do governo local, por Manuel Chrysolaras (1355 M415), tradutor de Homero e Platão. O Concilio de Ferrara-Florença (1443-1439) (p 388) bastante estimulou o desYejo de conhecer os tesouros do Oriente, reunindo gregos e latinos. Bessarion (p 387) cooperou daí em diante nesse trabalho A influência de Cemisto Plethon (1355-1450), outro grego participante do referido Concilio, se deveu a fundação da Academia Platônica, aí por 1442, por Oósímo de Mediei (1389-1464), o verdadeiro governante de Florença. Ali o estudo de Platão foi, mais tarde, prosseguido com entusiasmo sob a direção de Mareílio Pieino (1433-1499) . Este, que se tornou clérigo, uniu um mui ardente cristianismo com seu entusiasmo platoniano. Acreditava que o retorno às fontes cristãs era a grande necessidade da época — pensamento que não era compartilhado pela maioria dos humanistas italianos, mas que seria de profunda influência além dos Alpes e seria propagado por seus admiradores, Jacques Le Fèvrc, na França, e João Colet, na Inglaterra Colet, de sua parte, o transmitiria a Erasmo.. Quase tão influente

como eles foi Pico de Mirândola (1403 1494), cujo interesse pelo hebraico e conhecimento da Cabala viriam a influir era lieuehlin.

A critica histórica foi desenvolvida por Lourenço Valia (1405-1457) que, cerca de 1440, demonstrou a falsidade da Doação de Constantino (p 154) e negou fossem os apóstolos os autores do Credo Apostólico. Criticou a ilegitimidade dos votos rnonásticos e, em 1444, lançou os fundamentos dos estudos do Novo Testamento com a comparação da Vulgata com o texto grego

Examinando as datas, fica comprovado qne o movimento renascentista na. Itália estava em *pleno* desenvolvimento antes da queda de Constantinopla, em 1453. Em meados do décimo quinto século dominava a classe culta dos italianos. No geral, sua atitude para com a Igreja era de indiferença.. Revivia amplamente o ponto de vista pagão, e procurava reproduzir- a vida da Antigüidade tanto em seus vícios como em suas virtudes. Poucos períodos da história da humanidade foram tão arrogantemente pagãos como o da Renascença italiana.

O movimento renascentista ganhou asas com a grande invenção de João Gutenberg, de Mogúneia, aí por 1450 — a impr essão com tipos móveis. Com rapidez espalhou-se esta arte, e não só pôs ao alcance de muitos os livros que até então haviam sido propriedade de uns poucos, mas ainda, pela multiplicação de cópias, tornou indestrutíveis os resultados dos estudos. Mais de trinta mil publicações apareceram antes de 1500.

Sem mencionar seus serviços à arte, é impossível citar o Renascimento. Ant.es de ser sentida sua influência na Itália, na verdade houve um começo de melhores coisas. Cimabue (1240302?), Giotto (1267?-1337) e Era Angélico (1387-1455) pertenciam à época do Pré-Renascentismo. E fizeram obra notável. Com Masaccio (1402-1429), Pilipo Lippí (1406-1469), Botticelli (1444-1510) e Ghirlandajo (1449-1494) avançou a pintura pelo conhecimento melhor da perspectiva, mais fidelidade anatômica, melhores arranjos de grupos até a plenitude de Leonardo da Vinci (1452-1519), Rafael Sanzio (1483-1520), Miguel Ângelo Buonarrotti (1475-1564) e seus grandes companheiros.. A escultura recebeu impulso semelhante com a obra. de Ghiberii (1378-1455) e Donatelío (1386-1466) ; enquanto a arquitetura foi transformada por Brunelleschi (137.9-1446), Brainante (1444 514) e Miguel Ângelo. A maior parte da obra desses artistas, ainda que inspirada em motivos clássicos, foi posta a serviço da Igreja

O mais importante lugar do Renascimento italiano foi Florença, ainda que tenha influenciado muitas outras cidades Com o pontificado de Nicolau V (1447-1455) a Renascença achou, pela primeira vez, poderoso patrono **no** chefe da Igreja, c Roma se tornou em sua sede principal. A fundação da biblioteca do Vaticano se deve a ele.. O papa seguinte, o espanhol Afonso Bórgia, que tomou o nome de Calixto III (1455-1458), não era amigo do humanismo, e com intensidade mas sem êxito se entregou a uma cruzada que devia íeaver a recém-conquistada Constantinopla. Com **KM** cias Sílvio Piccolomini, que governou como Pio II (1458-1464), o trono papal teve um notável ocupante.. No início da vida foi defensor do movimento conciliar, e participante ativo no Concilio de Basiléia, e alcançou distinção como escritor humanista de tom decididamente anticlei ical. Reconciliado com Eugênio IV, este o fez cardeal e, por fim, chegou ao papado Então combateu todas as idéias conciliares que anteriormente defendera e proibiu futuras apelações a um concilio geral. Foram inúteis seus esforços para levantar a Europa contra os turcos Sem embargo, apesar de sua. atitude volúvel e egoísta, possuiu a mais digna concepção dos deveres do ofício papal, como nenhum outro papa da segunda metade do século décimo quinto Os que o sucederam, mesmo após o alvorecer da Reforma, foram protetores de escritores e artistas, grandes construtores que adornaram Roma e sentiram todo o impulso da Renascença..

TJma mudança, no entanto, se produzira nos ideais e ambições do papado. A estada em Avinhão e o cisma impossibilitaram efetivo controle sobre os Estados da Igreja. Estavam eles perturbados pelas questiúnculas do povo romano e especialmente pelas rivalidades das casas nobres, notadamente as dos Colonnas e cios Orsinis. Consolidara-se aos poucos a Itália em cinco grandes estados: Veneza, Milão, Florença, Nápoles ou Reino das Duas Sieílias, como era também chamado, e os Estados da Igreja. Mas outros territórios menores estavam fora 'desses grupos maiores e eram objeto de disputas. A política italiana se converteu num esforço calídoseópieo para estender **as** possessões das potências maiores e igualá-las entre si, e paia isso a intriga, o assassinato e a duplicidade foram usados enr intensidade sem exemplo.

O papado mergulhou por completo neste jogo da política italiana. Seu anelo era consolidar e ampliar os Estados da Igreja e manter sua independência política Suas ambições e seus alvos eram idênticos aos dos demais governantes italianos. Secularizou-se o papado

como em nenhum outro período de sua história, salvo provavelmente 0 século décimo. JVIartinho V (1417-1431), papa eleito no Concilio de Constança, um Colonna, conseguiu, de algum modo, restaurar a autoridade papal em Roma. Seu sucessor, Eugênio IV (1431-1447), não foi tão feliz e esteve durante grande parte de seu pontificado em Florença.. Nicolau V (.1447-1455), efetivamente controlou Roma e fortaleceu a autoridade papa 1, política que foi continuada por Calixto III (1455-1458), Pio II (1458-1464) e Paulo II (1164-1471). Com Sisto IV" (1471-1484) a ambição política dominou quase que por completo o papado» Guerreou com a França, cuidou de enriquecer seus parentes e almejou ampliar os Estados da Igreja. Foi protetor dos estudos. Fez muitas edificações. Preserva seu nome a Capela Sistina. Todas estas empresas requeriam dinheiro, e ele aumentou os impostos papais e os abusos financeiros da Cúria. Mediante uma bula, em 1476, transformou **em** artigo de fé a muito difundida crença de que as indulgências eram úteis às almas do purgatório.[1]

O papa seguinte, Inocêncio VIII (1484-1492), era de natureza fraca e volúvel... Fez-se notório pelo modo escandaloso corri que -cuidou em aumentar a riqueza dos filhos, seus gastos extravagantes e a venda de cargos. Até recebeu uma pensão do sultão üajazé II paia manter prisioneiro seu irmão e rival Djem. O sucessor de Inocêncio, o espanhol Alexandre VI, Rodrigo Bórgia (1492-1503), sobrinho de Calixto 111, alcançou o papado por meio de subornos, Foi homem de imoralidade desenfreada, ainda que de consideráveis dotes políticos. Seu máximo esforço foi assegurar bom futuro a seus filhos bastardos, especialmente sua filha Lueréeia Bórgia, conseguindo para ela casamentos vantajosos, e César, seu filho sem escrúpulos e assassino, ajudando-o a conseguir para si um principado com partes dos Estados da Igreja. Seu reinado viu o irrício do colapso da independência italiana com a invasão, em 1494, de Carlos VIII da França (1483-1498), com o objetivo de assegurar as ambições do rei francês ao trono dtó Nápoles. Em 1499 Luís XII da França (1498-1515) conquistou Milão e em 1503 Fernando, o Católico, da Espanha (1479-1516), se apoderou de Nápoles. E a Itália se transformou no miserável campo de batalha das rivalidades francesas c espanholas.

Sob tais circunstâncias, não era fácil aumentar o poder papal. Entanto essa tarefa foi enfrentada pelo mais guerreiro de todos os

1 Kidd, *Documentos ilustrativos da Re onua Continental,* p 3,

papas, Júlio II (1503-1513), sobrinho de SIsto IV, Os Orsinis e os Colonnas 1'oram reconciliados.. César Bórgia foi expulso da Itália.. As cidades da Romanba foram libertadas dos verrezianos, seus corr-•quistadores. Diversas nações européias se agruparam em ligas, com o resultado de que a França, por algum tempo, foi expelida da Itália. Em meio a essa luta, Luís .XII realizou uma paródia, em Pisa, de um Concilio Geral, Júlio II respondeu ao rei convocando o Quinto Concilio Lateranense, em Poma. Reuniu se ele em 1512 a 1517, e mesmo determinando várias reformas nada de importância foi feito. Sem dúvida Júlio II foi governante de talentos apreciáveis Pessoalmente comandava seus soldados e estava animado do desejo de fortalecer o poder temporal do papado, antes que enriquecer seus parentes. Como jjatrorio das artes e construtor c coutado como um •dos papas mais eminentes,

João de Mediei, que tomou o nome de Leão X (1513-1521), sucedeu a Júlio II. A todos os prazeres artísticos e literários da grande família florentina da qual fazia parte, nele se combinavam o amor à ostentação e aos gastos extravagantes Não era guerreiro corno Júlio II c estava livre de alguns vícios pessoais de seus predecessores . Fez seu objetivo máximo o errgrandecimento dos listados da Igreja e o equilíbrio das diversas facções, domésticas e estrangeiras, para o progresso do papado. Empregou-se na tarefa de auxiliar seus parentes. Em 1516, por uma "concordata" com Francisco I da França (1.515-1547), assegurou a abolição da "Sanção Pragmática" (p 389) em termos que permitiam ao rei. a nomeação de todos os altos cargos eclesiásticos franceses e o direito de lançar impostos sobre o clero, enquanto as anatas e outras taxas semelhantes ficavam para o papa. No ano seguinte começou a revolta rra Alemanha, cuja gravidade Leão jamais realmente compreendeu e que tiraria da obediência a Roma metade da Europa.

Esses papas representaram a Renascença italiana. Entanto, sob nenhum aspecto, representaram também o espírito real de uma igreja que, para milhões, era a fonte de conforto nesta vida e a esperança na que há de vir. Era Inevitável uma revolução. Menos ainda esse papado representava a vida religiosa real. da Itália.. O Renascimento somente atingiu as classes cultas e superiores. O povo respondia aos apelos dos pregadores e ao exemplo daqueles que considerava santos, ainda que, infelizmente, poucas vezes com resultados permanentes, •exceto em casos individuais

No início da Renascença temos uma líder religiosa desse tipo —• Santa Catarina (1347-1380), filha de ura tintureiro em Slena.

Mística e recebe dura, segundo ela mesma cria, de visões divinas. Guieiia prática em questões da vida, habilidosa no apaziguamento de problemas familiares. Foi das maiores iristígadoras do retorno do papado para Roma. Destcmerosa denunciadora dos males do clero, E, como ernbaixatriz, ouvida com respeito por papas e cidades.. Sua correspondência com dirigentes da Igreja e do Estado na época, contém conselhos quase de valor idêntico em assuntos religiosos quanto políticos.

Ainda mais famoso no final do Renascimento foi Gírolanio Savonarola, de Eloreriça (1452-1498) „ Natural de Ferrara, endereçado à medicina, uma desilusão amorosa levou-o a pensar na vida nionastíca„ Em Bolonha, no ano de 1474, se fez dominicano. Oito anos depois começou sua obra em Florença,, De início foi pregador de escasso êxito, mas chegou a alcançar imensa popularidade, fundamentada na convicção geral, da qual ele mesmo compartilhava, de que era um profeta divinamente inspirado. Sob aspecto algum pode ser considerado protestante. Sua posição religiosa era Inteiramente medieval. A invasão francesa de 1494 provocou uma revolta popular contra os Médicis, e Savonarola se tornou o vero governador da cidade. E pretendeu 'transformá-la numa cidade penitente. "Muitos dos seus habitantes passaram a viver de modo semimonástico. Nos carnavais de .1496 e 1497 foram queimadas máscaras, livros e quadros indecentes. Durante algum tempo esteve completamente mudada a vida em Florença. Savonarola, no entanto, tinha inimigos. Os partidários do Mediei deposto o odiavam, mas, rnais que todos, o odiava o Papa Alexandre VI, cujo mau caráter e desgoverno Savonarola criticava. O papa o excomungou e exigiu sua punição.. Por algum tempo seus amigos o defenderam, mas a volúvel populaça se voltou contra ele.. Foi preso em abril de 1498 e cruelmente torturado. Em 23 de maio foi enforcado e depois queimado pelos governantes da cidade. A perseguição deste pregador da justiça não foi o menor dos crimes de Alexandre VI, mas a morte de Savonarola foi devida tanto à reação dos florentinos contra ele como à hostilidade do papa.

13

NOVAS FORÇAS NACIONAIS

Os cinqüenta anos que medeiam entre 1450 e 1500 viram notável, •desenvolvimento da autoridade real e consciência nacional nos reinos •da Europa ocidental- A França, que parecia bastante arruinada pelas longas guerras com a Inglaterra desde 1.339 até 1153, delas saiu com sua monarquia muito fortalecida, pois tais lutas foram destrui--doras da nobreza feudal. Luís IX (1461-1483), usando a intriga, as armas e a tirania, e ainda contando com o apoio da plebe, quebraníou o poder da nobreza feudal e assegurou pura a coroa uma autoridade •que até então ela não possuíra. Carlos VIII (1483 1.498), seu .filho, foi capaz de dirigir o Estado, agora centralizado numa campanha de conquistas externas na Itália e com que iniciara nova época na política européia e originaria rivalidades capazes de determinar o fundo político de toda a época da Reforma. Tudo quanto estes reis haviam conseguido com referência à centralização e conquistas externas, foi levado ainda mais longe por Luís XII (1498-1515) e pelo brilhante e ambicioso Francisco I (1515-1547) .. A França agora era uma monarquia forte, centralizada. Sua Igreja estava em grande *parte* sob o domínio real e liberta bastante dos abusos piores do papado, graças à "Sanção Pragmática" de 1438 (p 389) e ao. costume surgido com o fortalecimento da monarquia no século décimo quinto, dando possibilidade de apelar dos tribunais da Igreja para os do rei. O controle do monarca sobre as nomeações, os impostos e as •cortes eclesiásticas foi aumentado pela "concordata" de 1516 (p 395) a qual, por sua vez, deu ao papa taxas por ele desejadas.. Quando a Reforma surgiu, a Igreja na França era, sob muitos aspectos, uma igreja de estado..

Na Inglaterra, as guerras das Rosas, entre as casas de York e Lancaster, desde 1455 a 1485, resultaram na destruição da alta nobreza, com vantagens para a coroa.. O Parlamento sobreviveu. Devia o rei governar de forma legal, entanto o poder de um Henrique VII (1485-1509), o primeiro da casa Tudor, foi maior do que o de

qualquer outro soberano inglês no espaço *de um* século. Seu ainda mais hábil .filho, Henrique VIII. (1509-1547), mesmo conservando a forma parlamentar, exerceu esse poder com absolutisino ilimitado. Os soberanos ingleses tinham alcançado, ainda antes da Reforma, alto grau de autoridade em assuntos eclesiásticos, e, como na França, a Igreja na Inglaterra era em grande parte nacional ao terminar **o** décimo quinto século.

Este processo de nacionalização não teve tanto desenvolvimento como na Espanha, onde tomara o caráter de despertamento religioso e fizera daquele país um modelo para a concepção de reforma, ainda que não corretamente, muita vez denominada Corrtra-Reforara — - concepção capaz de manter ligada à Igreja Romana purificada a metade da Europa.. O renascer da Espanha foi a maravilha política da última parte do século décimo quinto» Distante das principais correntes da. vida européia, a história da península havia sido longa cruzada para alijar o jugo maometarro, que lhe fora imposto em 711. Em parte alguma da Europa estavam tão entrelaçados o patriotismo e a ortodoxia católica. No século décimo terceiro a luta resultara no confinamerrto dos mouros no reino de Granada e na formação de quatro reinos cristãos: Castela, Aragão, Portugal e Navarra... Estes reinos eram fracos e o poder- real estava limitado pela nobreza feudal. Radical mudança se deu quando surgiram perspectivas de união da maior jwrte da península, em 1469, pelo matrimônio do herdeiro de Aragão, Fernando (rei, 1479-1516) com a herdeira de Castela, Isabel (rainha, 1474-1504)» E a Espanha ocupou novo lugar na vida européia sob o reinado conjunto deles». Os tumultuosos nobres foram reprimidos e a autoridade real assegurada» Em 1492 Granada foi conquistada e o maometanismo vencido» O mesmo ano presenciou o descobrimento de um novo mundo por Colombo, sob os auspícios da Espanha. Essa descoberta logo se transformou em fonte dc consideráveis rendas para o tesouro real» As invasões francesas na Itália provocaram a interferência espanhola» Em 1503 a Espanha se estabeleceu firmemente em Nápoles e logo a sua influência predominou em toda a, Itália. Quando Fernando morreu, em 151.6, estas enormes possessões passaram a seu neto, já herdeiro da Áustria e dos Países Baixos, e que teria o título imperial de Carlos V» De repente a Espanha se tornara a primeira potência européia.

Fernando e Isabel, que reinavam em conjunto, devotaram-se energicamente tanto a controlar a Igreja quanto a expandir sua autoridade temporal., O "despertamento espanhol" irão se deu nesse único sentido . Em princípio não diferia muito do que fora procura-

do fazer em outros lugares, *no fim* da Idade Média.. Nação aigoma com história semelhante à da Espanha queria transformações doutrinárias. Era intensamente devotada ao sistema do qual o papado era o cabeça espiritual» Entanto pensava a Espanha que as interferências papais nos assuntos administrativos deviam ser limitadas pelo poder real. e que essa mesma autoridade devia estimular e manter um clero culto, moralizado e zeloso, E foi pelo bom êxito que essa atitude alcançou que o despertamento espanhol serviu de modelo a "Oontra-Reforma".

Jamais governou soberana mais religiosamente sincera e conscienciosa que Isabel, E se Fernando foi principalmente um político, Irem compreendeu também as vantagens políticas da submissão da Igreja à coroa, Pm 1482 ambos os soberanos compeliram o Papa Misto IV a assinar uma concordata que colocava sob o controle da coroa a nomeação para os altos cargos eclesiásticos. Os enérgicos soberanos rapidamente desenvolveram a política assim começada. Às bulas papais era necessária a aprovação real para sua promulgação. Impostos recaíram sobre o clero em benefício do Estado

Fernando e Isabel passaram então a preencher os cargos importantes na Igreja esxianhola não apenas com homens devotados aos interesses reais mas ainda de verdadeira piedade e zelo pela disciplina. Com esta finalidade contaram ambos com a cooperação de muitos homens capazes. Dentre estes, o principal a se destacar foi Gonçalo (ou Francisco) Ximenes de Cisneros (1436-1517), em quem o despertamento espanhol encontrou o seu representante típico.

Nascido em família da pequena nobreza, seguiu para Roma depois de estudar em Alealá e Balamanea. Em 1465, quando regressou, após seis anos na sede do j\apad,o, revelou grande habilidade nos negócios da Igreja e muito talento como pregador. Cerca de 1480 foi nomeado por Mendonça, então bispo de Siguenza, vigário geral da diocese. No auge do êxito, Ximenes renunciou a todas as honras e se tornou monge francrseano dos mais austeros, Não satisfeito, se fez ermitão. No entanto, em 1492, recomendado por Mendonça., agora arcebispo de Toledo, a rainha o nomeou seu confessor e o consultava tanto em assuntos de Estado como nas questões de consciência. Rainha e confessor trabalhavam em harmonia, e debaixo da vigorosa atuação de ambos foi iniciada profunda reforma na disciplina dos anarquizados mosteiros do país» A influência de Ximerres aumentou quando, em 1495, por insistência de Isabel e contra sua recusa, ele se tornou sucessor de Mendonça no areebispado de Toledo.

Era esse não apenas o mais alto eargo eclesiástico na Espanha porque a ele estava ligado o posto de grande chanceler de Castcla.. Ocupando tão elevada posição, Ximenes manteve sua vida ascética.. Com o apoio da rainha, dedicou todo o poder do seu alto ofício ao propósito de livrar a Espanha de clérigos e monges indignos. Oposição alguma o tolheu, e se diz que mais de mil monges foram obrigados a deixar a península para não se submeterem à sua disciplina Consideravelmente melhoraram o caráter e o zelo do clero espanhol.

Mesmo não sendo grande erudito, Ximenes compreendeu a necessidade de um clero culto. Em Roma conhecera as influências do Renascentismo e desejou pô-las todas a serviço da Igreja» Em 1498 fundou a 'Universidade de Alcalá de Henares e a ela destinou boa parte de seus rendimentos episcopais. Nela reuniu homens de saber, contando-se entre eles quatro professores de grego e hebraico. Um quarto de século depois Alcalá contava sete mil estudantes. *Mesmo* se opondo à leitura da Bíblia pelos leigos, Ximenes cria qne o principal estudo do clero devia ser a Escritura,, O grande monumento desta convicção é a Poliglota Complutense (Alcalá—Complutum), cujos trabalhos dirigiu de 1502 a 1517 O Antigo Testamento é apresentado em hebraico, grego e latim com o Targum no Pentateuco,. O Novo Testamento, em grego e latim, Este foi impresso em 1515. Cabe a Ximenes, pois, a honra da primeira impressão do Novo Testamento em grego» Corno a sua publicação só teve a autorização papal em 1520, o Testamento grego editado por Erasmo em 15.16 apareceu antes no mercado.

A feição menos atrativa do caráter de Ximenes se revelou na facilidade com que empregou a força para a conversão dos maometanos. Até sua morte, em 15.1.7, sua firmeza e sabedoria prestaram grandes serviços a Isabel, Fernando e a Carlos V.

O impulso intelectual dado inicialmente por Ximenes por fim f ratificou **no** reavivamento da teologia de Aquino, começada **por** Francisco Vitt.or.ia (?-1546), em Salamanca, e continuada por seus discípulos, os grandes teólogos romanistas da luta inicial com **o** protestantismo, Domingos de Soto (1494-1560) e Melchior Cano (1525-1560).

Um característico do despertar espanhol foi a reorganização da inquisição. O temperamento espanhol considerava uma e a mesma coisa ortodoxia e patriotismo. Por isso julgava tão perigoso para a Igreja quanto para o Estado que judeus e maometanos conservassem suas religiões e o retorno a elas dos que haviam aderido ao cristia-

nismo. Concordemente, em 1480, Fernando e Isabel estabeleceram a inquisição, inteiramente sujeita à autoridade real e com inquisidores indicados pelos soberanos. Este caráter nacional que distinguiu a inquisição espanhola provocou protestos de Sisto IV, mas a eles os soberanos fecharam os ouvidos. Sustentada pela coroa, sob a direção de Tomás de Torquemada (1420-1498), logo se fez temível instrumento. Certamente que seu valor para derrocar a independência •dos nobres e encher o tesouro por meio de confiscos a recomendou aos soberanos. Mas o principal motivo para ganhar o favor popular foi sua repressão da heresia e dos dissidentes.

E assim, ao terminar o décimo quinto século, a Espanha possuía // mais independente Igreja nacional na Europa.. Nela se desenvolvia mais vigorosamente que em qualquer outro lugar uma renovação moral e intelectual. Mas tal renovação não estava destinada a ser permanente. Ao mesmo tempo era uma igreja profundamente medieval na doutrina e na prática e de intolerância feroz para com as heresias.

Era muito diferente a situação na Alemanha. Faltava ao império unidade real. A coroa imperial, teoricamente eletiva, era usada pelos membros da casa austríaca de Habsburgo desde 1438 até 1740.. No entanto, o poder dos imperadores residia mais rra, sua qualidade de proprietários de terras hereditárias do que na sua autoridade imperial. Sob Frederico III (1440-1493) guerras entre príircípes e cidades e a desordem da pequena nobreza, cuja vida muita vez era realmente de assaltantes, lançou o país em .confusão tal que o imperador foi impotente para suprimir. Algo melhorou com Maximiliano I (1493-1519). Fizeram-se tentativas de fortalecer a autoridade central por meio de reuniões freqüentes do velho Reichstag feudal, o estabelecimento de uma suprema corte Imperial (1495) e a divisão do império em distritos para melhor preservar a paz pública, 1512. Houve esforços para formar um exército imperial e estabelecer taxas imperiais. Estas reformas, rro entanto, tiveram pouca vitalidade. As decisões da corte não puderam ser aplicadas e os impostos cobrados. O Reichstag estava fadado, na verdade, a desempenhar grande papel nos dias da Reforma, mas era um parlamento confuso, reunindo-se em três "casas" -. a dos eleitores imperiais, a dos príncipes leigos e espirituais e a dos representantes das cidades imperiais livres. A pequena nobreza e o povo comum nele não participavam.

As cidades imperiais foram elemento importante na vida alemã e não reconheciam nada superior a elas mais que o débil governo do imperador. Eram ricas e industriais, mas bastante egoístas para

mostrarem interesse no concernente à Alemanha em geral Seu espírito comercial as levou a resistir às pretensões do clero e dos príncipes.

Em nenhum país da Europa estavam os camponeses em tal estado de inquietação, como de modo especial, no Sudoeste alemão. Ali ocorreram insurreições ern 1476., 1492, 1512 e 1513. Esses camponeses eram servos — condição já desaparecida na Inglaterra e era grande parte da Fiança. Bastante piorara sua condição pela substituição dos velhos costumes feudais pela lei romana - lei feita em grande parte para. escravos., E ao término do décimo quinto século estavam profundamente descontentes.

Contudo, se a vida nacional alemã, como um todo, era desordenada e gerava insatisfação, grandes porções do território se fortaleciam, desenvolvendo um tipo de vida nacional local meio Independente.. Isto era mais verdadeiro na Áustria, na Saxônia eleitoral e ducal, na Ba vi era, no Brandenburgo e no Hesse, O poder de seus governantes aumentava e eles começavam a exercer autoridade local em negócios eclesiásticos, controlando a nomeação de bispos e abades, taxando o clero e, de certo modo, limitando a jurisdição eclesiástica. Tal relação local com a Igreja, mesmo não indo mais longe, mas existente, foi de mui grande importância no preparo do ambiente em que, de modo rápido, se desenvolveria a Reforma, quando a obediência a Roma foi rejeitada

Os anos que antecederam a Reforma viram dois casamentos entre os governantes Habsburgos da Áustria e que foram da maior Importância para o futuro *político* do tempo reformista. Ern 1177 a morte de Carlos, o Temerário, o ambicioso Duque da Borgonha, deixou seus territórios e os Países Baixos à sua filha Maria. O matrimônio dela, nesse mesmo ano, com Maxímiliano I desagradou a Luís XI da França. Este se apoderou da Borgonha, plantando a semente da querela entre os reis franceses e os Habsburgos, o que grandemente determinou a política européia até 1756.. O filho de Maximiliano e Maria, Filipe, por sua vez casou com Joana, herdeira de Fernando e Isabel da Espanha., Foi assim que Carlos, filho de Filipe e Joana, veio a ser senhor da Áustria, Países Baixos e os vastos territórios espanhóis na Europa e no Novo Mundo - -- a maior extensão territorial governada por um só desde Carlos Magno. Em 1519 lhe foi adicionado o título de imperador. Também herdou Carlos V a rivalidade dos Habsburgos, dentre os quais se contava ele, com os reis da Fiança. Tal rivalidade e a luta reformista religiosa mutuamente se influíram durante a época da Reforma, constantemente modificando uma a outra.

A RENASCENÇA E OUTRAS INFLUENCIAS AO NORTE DOS ALPES

Ainda que o décimo quinto século tentia sido notável período dc fundação de universidades na Alemanha -.....não menos que doze foram criadas entre 1409 e 1506 — o aparecimento delas não foi devido ao Renascimento» Em parte nasceram por um forte desejo de saher, mas ainda mais pelo desejo dos chefes territoriais de terem tais escolas ern suas possessões. Influência que favoreceu o triunfo final do humanismo foi o reavivarnento da velha teologia "realista" medieval e a tendência de retornar aoa antigos mestres, a Agostinho e aos neoplatônicos mais do que aos conceitos aristotéiicos.. Tais reavivamentos estavam fortemente representados na/'Universidade de Paris, no ultimo quartel do século décimo quin^x Dessa universidade se espalharam para as universidades alemãs, como que em rapidíssima contaminação. Para muitos foram a ponte para o humanismo, e possibilitaram a dominação das concepções agostinianas, que foi característica da época da Reforma.

O Renascimento além dos Alpes for iniciado pelo contado com os humanistas italianos, nos Conerlios de Constança e Basiléia.. No entanto não se tornou influência poderosa até próximo do final do século décimo quinto. Suas conquistas se *fizeram* mais *cedo* na Alemanha que na França, Inglaterra ou Espanha. Foi-lhe dado considerável impulso pelo culto filósofo Nicolau de Cusa (1401-1464), que morreu cardeal e bispo de Brixen Dificilmente pode Cusa ser[1] considerado humanista, e em seus escritos apresentou um modo de pensar que transcende o do escolastieisrno. Suas obras foram primeiramente impressas em Estrasburgo, em 1490, e novamente em 1505, em Milão, serrdo a mais importante edição preparada pelo influente humanista francês Jacques LeFèvre (três volumes, Paris, 1514). Jíle permaneceu na tradição do misticismo neoplatõnico e desenvolveu uma cosmologia e teologia filosófica altamente original, cuja grande importância só foi reconhecida nos tempos modernos,

em conexão com as idéias de Giordano Bruno, Lcibniz e os Idealistas Germânicos A idéia básica de Gusa era da *"comculeniia oppositorum",* a qual concebera em êxtase em vista da infinitude do mar, e que expôs em seu primeiro tratado filosófico intitulado *De doeta ignorantia* (1440) Viu Deus como a unidade infinita de todos os contrastes finitos do universo, e concebeu o universo como um processo infinito. *Deus ergo est om/nia eomplicans, in koc quod omnia in eo; et omnia explica,ns, m hoc q-ui %pse in omnibus.* Seu universalismo filosófico levou-o a inquirir da unidade da fé na diversidade *de* religiões. Em 1543 Ousa *escreveu* um tratado, na forma de um diálogo platônico, sob o título *De pare seu concordantia, fidei* Nessa obra comparou cristianismo com judaísmo e maometismo. Foi bastante arguto pai a chegar a esta notável conclusão: *Una relígio in ninam diversitate, una verilas rn vanetate fesplendei.*

À luz dos **últimos** progressos, **o pensamento** de Nieolau de Cusa pode ser interpretado como uma das primeiras expressões do universalismo e individualismo modernos. Mas em seu tempo seu gênio não foi reconhecido Ninguém o associou com o humanismo, Muitos dos seus primeiros representantes na Alemanha eram pouco credenciados, porém, para recomendá-lo aos espíritos sérios Da Itália os estudantes alemães trouxeram o amor dos clássicos e ainda a vida sem peias, que muitas vezes caracterizou a Renascença italiana "Eram esses homens como o poeta vagabundo Pedro Luder, que andava de universidade em universidade; expoente lamentável do novo ensino, de 1456 a 1474. Professor muito diferente, que estudou na Itália, foi Rodolfo Agrícola (1443-1485) e que terminou sua vida como lente em Heidelberg Homem digno e influente, muito fez no fomento da educação clássica em escolas qualificadas. Por intermédio do discípulo *de* Agrícola, Alexandre Hcgius, que dominou a escola em Deveu ter, de 1483 a 1498, essa escola se tornou o centro da instrução clássica» Dela Erasmo veio a ser o mais famoso aluno. Pelo fim do século décimo quinto grande progresso no ensino do latim se operara nas escolas secundárias da Alemanha,

Não foi sem grandes lutas que o humanismo lançou pé nas universidades. Sua primeira conquista foi a Universidade de Viena, onde o poeta latino semipagão Conrado Celtes (1459-1508) gozava da proteção de Maxím iliario I, o imperador inclinado ao humanismo. Na primeira década do décimo sexto século procurava entrar nas Universidades de Basiléia, Tubingen, Ingolstadt, Heidelberg e Erfurt Encontrava também muitos patronos nas ricas cidades comerciais,

notadamente em Nuremberg, Estrasburgo e Augsburgo. Tão numerosos eram seus simpatizantes no fim do século décimo sexto que se formavam círculos de cultura, como a Associação Literária Kenana, organizada em 1491 por Oelles, em Mogúncia. Seus componentes se correspondiam, faziam circular suas obras e mutuamente se assistiam. Em 1500 o humanismo se fizera ('ator vital na Alemanha..

Muitos tipos apresentava o humanismo alemão, mas, no geral, era menos pagão e mais sério que na Itália Muitos de seus promotores eram clérigos desejosos de reformar e purificar a vida religiosa. Vê-se isso melhor nos seus dois mais famosos representantes: Reuehlin **r** Erasmo.

Ern 1455 nasceu em Pforzheim, em circunstâncias humildes, Johann Reuehlin. Muito cedo ganhou reputação **corno** latinista e, como acompanhante do jovem filho do margrave de Baden, foi enviado à Universidade de Paris, cerca de 1472. Em Paris começou a estudar grego, que era ali lecionado desde 1470 Em 1477 recebeu o grau de mestre, em Basiléia, onde lecionou grego. Ainda antes de sua graduação publicou um dicionário latino (1475-1470) Estudou Direito *em* Orleans e Poitiers e no fim da vida ocupou posições judiciais Entanto seu Interesse primordial foi sempre a cultura. A serviço do Conde de Wih ttemberg, esteve, em 1482, em Plorença e em Roma, cidade que novamente visitou em 1490 e 1498. Na sua primeira visita a Plorença seu conhecimento do grego causou, admiração Lá se encontrou e recebeu a influência dos sábios da Academia Platônica (p 391), e Pico de Mirandola (p 392) lhe transmitiu o esquisito interesse pelas doutrinas cabalísticas que bastante aumentaram sua fama na Alemanha. Reuehlin foi tido, nos últimos anos do século décimo sexto, como o maior conhecedor do grego na Alemanha e sua influência na promoção dos estudos dessa língua foi muito frutífera.

Reuehlin estava tomado do desejo renascentista de voltar às fontes e esse desejo o levou — primeiro dos eruditos não judeus na Alemanha —- a fazer profundos estudos do hebraico para poder entender melhor o Antigo Testamento. O fruto de vinte anos de trabalho foi a publicação, em 1506, de uma gramática e um léxico - *De Rudimenti,*s *Hebra/ieis* — que pôs os tesouros dessa língua à disposição dos estudantes cristãos. A terrível luta a que este pacífico erudito foi levado por causa destes estudos hebraicos, e com ele toda a Alemanha culta, será vista quando forem tratados os antecedentes imediatos da revolta luterana. Reuehlin não era protestante. Recusou-se a aprovar a

Reforma que começava e da qual foi assistente até sua morte, em 1522 Entanto prestou inestimável serviço aos estudos bíblicos, e seu herdeiro intelectual seria seu sobrinho-neto Eilipe Melanehton, o erudito entre os reformadores.

Desídério Erasmo era filho natural, e nasceu em 1466 ou 1469, em. Roterdam ou Gouda A escola de Deverrter despeitou nele o amor às letras e, provavelmente, a piedade dos Irmãos da Vida Comum tocou seu espírito,. Sua pobreza o obrigou a ingressar no mosteiro dos Couegos Agos tini anos, em Steyrr.. Entanto não/apreciou a vida monástica, nem o sacerdócio para o qual foi ordenado, em 1492.. Nesse ano deixou o claustro para ser secretário do bispo de Cambraf. Em 1495 estudava ern Paris Três anos após recebeu o grau de bacharel cm teologia, ainda que não amasse a teologia eseolástica.. No ano de 1499 foi à Inglaterra, onde conheceu João Colet e Thomas More e de ambos se tornou amigo chegado Estes dois despertaram nele o interesse por Cícero, Sócrates e Paulo, Colet, em particular, levou-o à Bíblia e ao entusiasmo no estudo do grego. Alguns anos de laboriosas pesquisas na literatura clássica fizeram a base da sua erudição histórica e filosófica. Iniciou vasta correspondência com. as maiores mentes do seu tempo. De 1506-1509 esteve na Itália adquirindo conhecimentos pelo estudo das fontes primárias da literatura antiga e aprofundando sua concepção do humanismo cristão. Em 1509 retornou à Inglaterra com a finalidade de lecionar grego na Universidade de Cambridge, enquanto gozava da amizade de muitos dos? mais notáveis homens do reino. Os anos de 1515-1521 foram gastos, na sua maior parte, nos Países Baixos, particularmente em Bruxelas e Eovaina Nesse tempo foi ele apontado como o príncipe dos eruditos humanistas. Em 1521 residiu em Basiléia e ali o famoso editor Proben imprimiu seus livros, particularmente a edição grega do Novo Testamento e as obras dos Padres.. Quando a Reforma penetrou nessa cidade (1529), ele se mudou para Eriburgo e morreu durante uma visita a Basiléia, em 1536.

Erasmo foi, acima de tudo, homem de letras que enfrentou os problemas do seu tempo com habilidade consumada e brilho de expressão, Criticou de maneira forte os senhores civis e religiosos sendo, no entanto, movido por propósitos sinceros. Estava convencido de que a Igreja de sua época estava submersa na superstição, na corrupção e no erro, e de que a vida. monástica era. muitas vezes ignorante e indigna. Não desejava, porém, romper com essa mesma Igreja, a qual com tamanha franqueza reprovava. Era bastante

intelectual para simpatizai com a revolução luteraua, cujos :< tumultos" o desagradavam. Também eia inteligente suficientemente para que deixasse de ver os defeitos da igreja Romana Ê por isso que os partidários dos dois lados da luta que começava 110 fim da sua vida não o entenderam e sua memória tem sido condenada por escritores polêmicos, tanto protestantes como católicos Seu pensamento era de que a educação, o retorno às fontes da verdade cristã, o azorragar da ignorância e da imoralidade com a sátira implacável trariam de novo a Igreja à pureza, E foi nesse rumo (pie trabalhou. Seu *Manual do Soldado Cristão,* de 1502, que o tornou famoso, é uma apresentação simples e entusiasta de um cristianismo não eclesiástico, de caráter grandemente estóico. Seu *Flogio da Loucura,* de 1509, foi amarga sátira dos males do tempo na Igreja e rio Estado.. Seu *Cológuios Familiares,* de 1518, são discussões vividas nas quais sua brilhante pena fustiga jejuns, peregrinações e semelhantes observâneias externas. Sua obra construtiva foi da mais alta importância.. Em .1516 saiu a lume a primeira edição do seu Testamento em grego, publicação pioneira do texto grego, pois a, de Ximenes era ainda inacessível (p 400).. Foi seguida por uma série dos Padres — Jerônimo, Orígenes, Basílio, Cirilo, Crisóstomo, Irineu, Ambrósio e Agostinho.. A série não foi toda. por ele preparada, mas toda recebeu seu incentivo, Ela colocou os conhecimentos eruditos do cristianismo primitivo em novo plano e auxiliou profundamente a Reforma, cujas profundas origens religiosas Erasmo nunca compreendeu. Erasmo prestou aos clássicos cristãos um ser-\Íço semelhante ao dos humanistas italianos aos escritores pagãos da Grécia c de Roma..

Entanto Erasmo fez algo mais que reviver o conhecimento das fontes cristãs. Ern certo sentido tinha uma teologia positiva.. Para ele, cristianismo era a plena expressão através de Cristo, de modo especial no Sermão do Monte, da religião universal, essencialmente ética, e da qual também haviam sido pregadores os filósofos da Antigüidade. Tinha pouca consideração pelos elementos sacramentais ou profundamente pessoais na religião.. Sua idéia era, a de um teísmo ético que tinha sua melhor ilustração na "philosophia Christi". Sua maneira de pensar teria. x>ouca influência sobre a Reforma em geral e bastante sobre o soeinianismo, e está representada em grande parte na teologia moderna, da qual, assim, foi antecessor espiritual.

Ainda que fosse a Alemanha, no começo do século décimo sexto, o mais influenciado de qualquer outro país além dos Alpes, idêntico

impulso atingia os demais. Os esforços de Ximenes na Espanha foram já assinalados (p 400). João Colet (1467M519) na Inglaterra introduzira reformas e dissertara sobre as epístolas de Paulo em Oxford e Londres, Sua influência para introduzir Erasmo nos estudos bíblicos foi considerável (p 406). Rejeitou toda interpretação alegórica da Escritura, criticou o celibato do clero e a confissão auricular e aspirava a melhorar a educação e a moral do clero Ao raiar do décimo sexto século o humanismo constantemente ganhava mais adeptos na Inglaterra e o Rei Henrique VI II (3509-1547) foi considerado seu protetor.

Era semelhante a situação na França. O principal representante do humanismo cristão foi Jacques LeFèvre, de Etaples (1455-1536), que passou seus anos mais ativos em Paris ou seus arredores. Homem modesto e bondoso, desenvolveu um humanismo cristão nutrido não somente pelo neoplatonismo de Nicolau de Gusa (cujas obras publicou) e Mareílio Ficino (a quem se afeiçoara numa das suas três passagens pela Itália), mas ainda pelo seu largo conhecimento do misticismo areopagita e seu entusiasmo pela filosofia de Raimundo Lullo e a Cabala. Redescobriu a Bíblia e passou a interpretá-la por meio do método gramatical, radicalmente rompendo com a exegese alegórico-espiritual dos estudiosos medievais. Em 1509 publicou o> *Psalterium Quincuplex*, uma exposição crítica dos Salmos baseada numa comparação filológica de cinco versões latinas diferentes. Trêsanos depois (1512) apareceu sua tradução e comentário das epístolas, paulinas em que negava o mérito justifieante das boas obras para a justificação e ensináva que a salvação é dom gratuito de Deus, Depois escreveu comentários sobre os quatro Evangelhos (1522) e as Epístolas Católicas (1525). Ao mesmo tempo (1523-1525) publicou traduções francesas do Novo Testamento e do Saltério, tiradas-da Vulgata. Sem procurar romper com a Igreja Romana, aspirou por reformas religiosas, baseadas principalmente na Bíblia. Ao seu: redor se congregavam alunos devotados, destinados à mais insuspcitada participação na luta da Reforma: Guilherme Briçonnet, que seria bispo de Meaux; Guilherme Budé, preeminente ern grego e instrumento para a fundação do Colégio de França; Luís de Berquin, que morreria mártir protestante e Guilherme Farei, que seria ardente reformador da Suíça de fala francesa.,

A todos estes humanistas de inclinação religiosa, o caminho d:r reforma parecia semelhante. Sólidos conhecimentos, estudo e pregação da Bíblia e dos Padres, correção da ignorância, imoralidade

e flagrantes abusos administrativos fariam da Igreja o que deveria ser. Tal solução não resolvia as profundas necessidades da situa cão... Entanto os humanistas fizeram indispensável preparação para a Re forma. Levaram os homens a estudar de novo as fontes cristãs. Desacreditaram a teologia escolástica. Trouxeram métodos novos e mais naturais de exegese.. Em grande parte olhavam a vida de um ponto de vista diverso do medieval. Em medida considerável representaram a libertação da mente do tradicionalismo medieval.

Em parte como resultado da ênfase renascentista sobre as fontes, mas ainda, mais em conseqüência da invenção da imprensa, a segunda metade do século décimo quinto presenciou grande distribuição de Bíblias Vulgata e em traduções.. Antes de 1500 nada menos do que noventa e duas edições da Vulgata foram feitas Dezoito edições de uma versão alemã foram impressas antes de 1521. O Novo Testamento foi impresso na França cm 1477; toda a Bíblia dez anos após.. 1478 viu a publicação da tradução espanhola.. 1471 a impressão de duas versões distintas na Itália. Nos Países Baixos uma das: melhores de todas as traduções veio a lume em 1477 e os *Salmos* foram sete vezes publicados entre 1480 e 1507. Na Boêmia as Escrituras foram publicadas em 1488. Se na Inglaterra a Bíblia não foi impressa antes da Reforma, entanto muitos manuscritos da tradução de Wyclif estavam em circulação.

Foram feitos esforços para restringir a leitura da Bíblia pelos, leigos, isto porque o seu uso parecia ser a origem das heresias medievais. No entanto não padece dúvida que a familiaridade com a Bíblia aumentou bastante entre o clero menos culto e até entre os leigos. O verdadeiro problema, entretanto, da leitura das Escrituras era a sua interpretação. A Idade Média jamais negou a autoridade final da Bíblia. Era assim que Agostinho e Tomás de Aquino a consideravam. Interpretavam-na, porém, os Padres, os mestres e os concílios gerais. Negado o direito de interpretação à Igreja, sobrava apenas o da interpretação particular,. Vozes na Boêmia e as seitas do medievo negadoras da autoridade irrtcrpretadora da Igreja, não tinham apoio geral A palavra de ordem todavia ainda não fora proferida. A mera leitura da Bíblia não significava rejeição dos-ideais medievais. Somente quando estes ideais fossem abandonados poderia ser rejeitada a autoridade interpr et ativa que os sustinha, e a Bíblia se transformaria no apoio das novas concepções de salvação e da Igreja, As Escrituras não foram tanto a causa do protestantismo,. como o protestantismo foi uma nova interpretação da Bíblia.

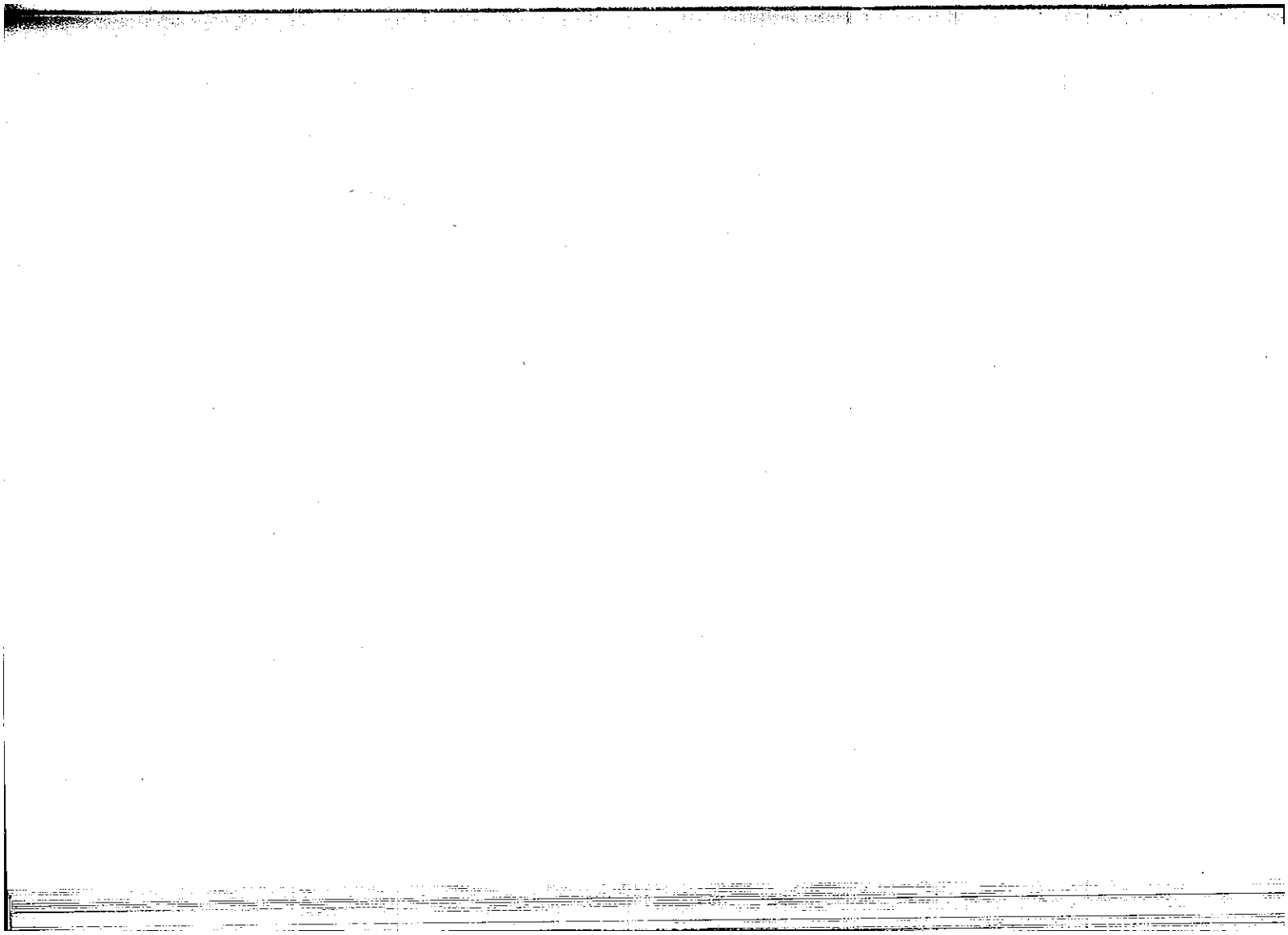
Os anos finais do século décimo quinto, como já foi visto, foram período de melhoramento religioso na Espanha. Na França e na Inglaterra não houve coisa semelhante; mas a Alemanha passava por real e extenso despertamento religioso nas décadas imediatamente precedentes à Reforma. Seu motivo fundamental parece ter sido o medo Na vida popular da Alemanha havia muita coisa tendente a cultivar- a apreensão, Ainda que não fosse nova, a bruxaria, espalhava-se de modo rápido Conforme bula do Rapa Inocêncio VII, publicada em 1184, a Alemanha estava cheia de feiticeiros e ,os inquisidores germânicos Jacó Sprenger e Henrique Ktámcr, ,em 1489, publicaram seu dolorosamente célebre *MaUeus Maleficarum*.. Era a superstição que trazia terror â vida popular e dessa superstição partilhavam tanto os reformadores quanto seus oponentes romanistas. Época de fome na Alemanha foram os anos que mediaram de 1.490 a 1503 O perigo turco er a ameaçador. Já dissemos da inquietude social generalizada (p 402).. Todos estes elementos contribuíam para fazer aumentar a idéia da realidade e proximidade do juízo divino e de quanto era necessário propiciar' um Deus irado..

O espírito religioso da Alemanha 110 fim do século décimo quinto se expressava em peregrinações Alguns dos mais abastados iam à Terra Santa, outros a Roma, mas o santuário estrangeiro mais popular era o de S. Tiago de Compostela, na Espanha» Por sua vez, os santuários alemães viviam cheios de peregrinos. E grandes coleções de relíquias foram organizadas, principalmente pelo eleitor da Saxônia, Frederico, o Sábio (1186-1525). Frederico viria a ser protetor de Lutero. Sua coleção era guardada na igreja do castelo, em cuja porta Lutero pregaria suas famosas teses. Jamais fora tão pedida a intercessão de Maria, e sua mãe, Ana, só estava abaixo dela Popular mente Cristo era considerado juiz severo, que devia ser aplacado com satisfações e absolvições.

Mesmo assim, lado a lado com este espírito religioso externo, confiante nas obras, a Alemanha possuía, não pequena piedade mística, que r econhecia a essência da religião na relação da alma individual com Deus, Havia também boa porção de "religião não eclesiástica", demonstrada, não apenas em vidas humildes e sérias, como a do pai de Lutero; mas ainda nas crescentes tentativas dos príncipes leigos em melhorar a qualidade do clero; das cidades, em regular a mendicância e controlar as instituições de caridade, que haviam estado exclusivamente enr mãos elericais e, de modos vários, viridicar para os leigos, como tais, par ticipação maior 11a vida religiosa da

comunidade. A vida ativa lutava com a contemplativa A teologia, como tal, em grande parte perdera seu domínio sobre o pensamento popular, desacreditada pelo nominalismo, desdenhada pelo humanismo e suplantada pelo misticismo

A época em que Lutero iria falar não era época morta Pelo contrário, fervia de inquietação, preocupada com uma multidão de problemas não resolvidos e anelos não satisfeitos



ÍNDICE

VOUJME II

Período Sexío

A REFORMA

1 Lutero e os começos da Reforma, 8
2 Separações e divisões, 22
3 A Reforma suíça, 33
4 Anabatistas, 40
5 Estabelecimento do protestantismo alemão, 48
6 Países escandinavos, 61
7 Revolta na Suíça francesa c Genebra antes de Calvino, 65
8 João Calvino, 69
9 A revolta inglesa, 81
10 A reforma escocesa, 95
11 O reavivamento na Igreja Romana, 102
12 A luta na França, Países Baixos e Inglaterra, 110
13 Controvérsias alemãs e a Guerra dos Trinta Anos, 121
14 Soeinianismo, 131
15 Arminianismo, 134
16 Anglicanísmo, puritanismo e as Igrejas Livres na Inglaterra. Episeopalismo e presbiterianismo na Escócia, 138
17 Os Quaeres, 160

Período Sétimo

0 CRISTIANISMO MODERNO 163

1 Os cornemos da ciência, c cia filosofia modernas, 164
2 A transplantarão do cristianismo para a América, 171
8 Deísmo e seus oponentes. Cepticismo, ISO
4 Unitarismo na Inglaterra, e na América, 188
5 Pielismo na Alemanha, 190
6 Zinzendorf e o moravianismo, 197
7 O reavivamento evangélico na Grã-Bretanha. Wesley e o metodismo, 203
8 () Grande 1)espertamente., 216
9 O impacto do reavivamento evangélico. Surgimento das missões modernas, 222
10 A época da revolução nos Estados Unidos, 227
11 O iluminismo alemão (*Aufklürimg),* 233
12 Tendências do pensamento protestante na Alemanha no século XIX, 239
13 O protestantismo inglês no século XIX, 253
14 O protestantismo continental no século XIX, 264
15 O protestantismo americano no século XIX, 269
16 O catolicismo *romano* moderno, 283
17 As igrejas orjientais nos tempos modernos, 295
18 O movimento ecumênico, 304

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS 313

ÍNDICE REMISSIVO, 355

PERÍODO SEXTO

A REFORMA

13

LTJTERO E OS COMEÇOS DA REFORMA

A situação religiosa e econômica da Alemanha no inicio do século décimo sexto era critica sob muitos aspectos.. Impostos e interferência papais em assuntos de nomeações eram considerados opressivos. A administração dos negócios eclesiásticos pela cúria papal era tida corno onerosa e corrupta. O alto clero do pais, tanto quanto o baixo, era bastante criticado pelo mau exemplo que dava.. As cidades mercantis estavam desgostosas com a isenção de impostos sobre o clero, a proibição de juros, os muitos dias santos e a excessiva tolerância da Igreja com a mendicância. Em muitos lugares, os mosteiros desvirtuados necessitavam reformas . Suas imensas extensões de terras eram mal vistas pelos nobres, que gostariam de possuí-las, e pelos eampõnios que nelas trabalhavam. No geral, os camponeses viviam em inquietação econômica, não sendo a menor de suas queixas os dízimos e aluguéis cobrados pelo alto clero local. Juntavam-se a estes motivos de intranqüilidade o fermento intelectual do nascente humanismo germânico e o agitíMitc despertamento religioso popular, manifesto 110 profundo medo e consciência da necessidade de salvação. É evidente, pois, que se estes agravos achassem expressão em determinado líder, sua voz encontraria muitos ouvintes.

Divisões eram insufladas, também, no mundo intelectual alemão pela disputa que envolvia um dos humanistas mais amante da paz e respeitado — Reuchlin (vol. I, p 405). Tal qucrela reunia para apoiá-lo os defensores da nova cultura. Johann Pfefferkorn (1469-1522), converso do judaísmo, pediu ao Imperador Maximiliano, em 1509, uma ordem de confisco de livros judaicos, como desonrosos ao cristianismo. O arcebispo de Mogúncia, a quem foi entregue o inquérito sobre o caso, consultou Reuchlin e Jaeó Hoehstraten (1460-1527), inquisidor dominicano em Colônia. Tomaram eles posições opostas. Hoehstraten apoiou Pfefferkorn, enquanto Reuchlin defendia a literatura judaica como boa, salvo algumas exceções. E aconselhava melhor conhecimento do hebraico e amigáveis discussões com

os judeus cm vez de confiscar seus livros» O resultado foi uma tempestuosa controvérsia . Reuchlin foi acusado dc heresia e processado por Hochstraten.. Em apelação, o caso foi levado a Roma, onde se arrastou até 1520, data em que foi decidido contra Reuchlin. Os defensores da nova cultura, daí, consideraram toda a questão como ataque ignorante e sem base à cultura e se uniram no apoio a Reuchlin,

Deste círculo humanista saiu, em 1514 e 1517, uma das sátiras de mais êxito jamais publicadas — *Cartas de Homens Obscuros*.. Parecendo serem escritas pelos oponentes de Reuchlin e da nova cultura, os expunham ao ridículo por seu latim bárbaro, sua trivialida.de e ignorância» Indubitavelmente, pois, criaram a impressão de que o partido contrário a Reuchlin era hostil à. cultura e ao progresso. Ainda são incertos seus autores, mas Crotus Rubearrus (1480 M539 <•), de Dornheím, e Ulrích vou Hutterr (1488-1523) tiveram parte nas Cartas» Hutterr, orgulhoso, imoral e rixento, mas de brilhantes dotes como escritor em prosa e verso, e ardentemente patriota, deu apoio de duvidoso valor a Lutero nos anos iniciais do movimento reformista» O efeito da tempestade levantada contra Reuchlin foi unir os humanistas alemães e traçar uma linha divisória entre eles e os conservadores, dos quais os mais preeminentes foram os dominicanos.

Poi quando esta luta estava no auge que um protesto contra um abuso eclesiástico, feito em 31 de outubro de 1517, e de modo nada usual ou maneira espetacular, por um monge professor de recentemente fundada e relativamente obscura universidade alemã, alcançou imediata resposta e provocou a maior revolução na história da Igreja Cristã.

Martinho Lutero, autor do protesto, é um dos poucos homens de quem se pode dizer que sua obra alterou profundamente a história do murrdo. .Não era organizador nem político. Movia os homens pelo poder de profunda fé religiosa resultante de inalterável confiança em Deus e relação direta, imediata e pessoal corri Ele. Isto trazia segura salvação, que não dava lugar à elaborada estrutura hierárquica e sacramentai da Idade Média. Lutero falou aos seus compatriotas como bem fazendo parte deles mis aspirações e simpatias, mas, ao mesmo tempo, acima deles por virtude de vivida e atuante fé, coragem física e espiritual do mais heróico cunho„ Sem embargo, era tão profundamente produto da sua raça nas virtudes e limitações, que hoje é entendido com dificuldade por um francês ou um italiano, e mesmo os anglo-saxões raras vezes apreciam essa total e simpática

admiração com que ura protestante alemão pronuncia seu nome. Entanto, ou honrando-o ou a ele se opondo, ninguém pode negar seu preeminente lugar na história da Igreja.

Lutero nasceu a 10 de novembro de 1483, em Eisleben, onde seu pai era simples mineiro.. Seus progenitores possuíam piedade simples, não eclesiástica,. Mais enérgico e ambicioso que muitos plebeus, seu pai se mudou para Mansfeld alguns meses após o nascimento do filho. Ali granjeou respeito e alcançou modesta posição, e ardentemente desejou dar a Martinho uma educação capaz de levá-lo à advocacia. Depois do preparo escolar em Mansfeld, Magdeburgo e Eisenacli, em 1501 Martinho Lutero ingressou na Universidade de Erfurt, onde foi apontado como estudante aplicado,, bom colega e amante da música. O movimento humanista que estava começando em Erfurt pouca influência exerceu sobre ele, enquanto lia com grande aproveitamento os clássicos latinos..

Lutero estava fortemente marcado pelo sentimento de pccaininosidade, que foi a nota tônica do reavivamento religioso da Alemanha da época. Sua graduação como mestre em artes em 1505, o obrigou a começar seu preparo especial para o estudo de direito. Comoveu-o profundamente, no entanto, a morte repentina de um amigo e por um triz ter escapado ele mesmo de um raio. Então interrompeu sua carreira e, profundamente ansioso pela salvação de sua alma, ingressou no mosteiro dos eremitas agostinianos, em Erfurt, no dia 17 de julho de 1505. A "congregação germânica", fazia pouco reformada por André Proles (1429-1503) e então supervisionada por Johann Staupi tz (Í-1 524), gozava de merecido respeito popular e representava o melhor do monastieismo medieval. Na sua posição teológica era, em termos gerais, inteiramente medieval. Entanto fez muito pela pregação e incluía homens inclinados à piedade mística e simpáticos às profundas apreensões religiosas de Agostinho e "Bernardo. Lutero viria a dever muito a Staupitz. Na vida monástica logo ele se salientou. Em 1507 foi ordenado ao sacerdócio. No ano seguinte estava em "Wittenberg, por ordem de seus superiores, se preparando para futuro professorado na universidade que lá fora estabelecida ern 1502 pelo eleitor da Saxônia, Frederico III, o "Sábio" (1486-1525). Ali se graduou corno bacharel em teologia, em 1509, mas no mesmo ano foi enviado de volta a Erfurt, possivelmente para estudar com vistas ao grau de sentenciário ou expositor licenciado do grande compêndio medieval de teologia, as "Sentenças", de Pedro Lombardo (vol. I, p 339). De novembro de 1510 a abril de 1511 fez

memorável viagem a ííoma, cuidando de negócios de sua ordem.. Retornando uma vez mais a "Wittenberg, que foi desde então sua casa, em 1512 recebeu, o grau de doutor em teologia. Logo começou a prelecionar sobre a Bíblia, tratando, de 1513 a 1515, dos *Salmo»,* depois *Romanos* até fins de 1516, seguindo-se *Gaiatas, Kebreus* e *'fito.* Sua capacida.de foi reconhecida pela nomeação, em 151.5, como diretor de estudos em seu próprio elaustro e eomo vigário distrital encarregado de onze mosteiros de sua ordem. Antes disso começara a pregar e, desde o início, demonstrou notáveis dotes. Dentro de sua ordem teve reputação de pessoa de piedade singular, devoção e zelo monástico..

No entanto, apesar de todo o rigor monástico, Lutero não encontrou paz para a alma. Seu senso de pecado esmagava-o. Staupitz o auxiliou, ponderando que a penitência verdadeira começa não com o temor da punição de Deus, mas com o amor a Deus. Mas ainda que Lutero pudesse dizer que Staupitz foi o primeiro a lhe abrir os olhos ao Evangelho, sua visão se foi aclarando lenta e gradativamente. Ainda em 1509 ele se devotou aos últimos escolas ticos: Occarn, d'Ailli e Biel. A eles permanentemente deveu sua disposição para enfatizar os fatos objetivos da revelação e sua desconfiança da razão. Agostinho, porém, estava lhe abrindo nova visão ao terminar 1509 e o levando à crescente hostilidade ao domínio de Aristóteles na teologia. O misticismo de Agostinho e a ênfase sobre a significação salvadora da humana vida e morte de Cristo o fascinavam. Anselmo e Bernardo o ajudaram. Ao tempo que Lutero fazia conferências sobre os *Salmos* (1513-1515), se convenceu que a salvação é uma nova relação com Deus. Salvação alicerçada não sobre obras meritórias da parte do homem, mas sobre a absoluta confiança nas promessas divinas Assim, o homem redimido, ainda que não deixando de ser pecador, está livre c plenamente perdoado, e de que dessa nova e jubiiosa relação com Deus em Cristo rnanará nova vida de voluntária conformidade com a vontade de Deus. Era uma nova ênfase do mais importante aspecto do ensino paulino. Mas não era Inteiramente paulin.o „ Para Paulo, o cristão é primaclalmente um ser moral renovado. Para liutero é antes de tudo um pecador perdoado. Mas Lutero, como Paulo, fazia da salvação, em essência, uma correta relação pessoal com Deus. A base e o penhor desta correta relação é a misericórdia de Deus demonstrada nos sofrimentos de Cristo em favor dos homens. Cristo levou nossos pecados . E a nós, em troca, é imputada Sua justiça. Os místicos alemães, especialmente Tauler, auxiliaram Lutero a

concluir que essa confiança que transforma, ao contrário do que ele havia suposto, não era obra na qual o homem tivesse parte, mas inteiramente dom de Deus. Seu trabalho preparatório para as preleções sobre *Romanos* (1515-1516) intensificaram mais estas convicções. Daí declarou que a opinião generalizada de que Deus ínfalivelrnente infundiria graça naqueles que fazem o que podem era absurda e pelagiana. Para Lutero, a base da justiça pelas obras estava destruída.

Ainda que tivesse alcançado esta convicção quanto à natureza e ao método da salvação, ele ainda não assegurara paz à sua alma» Necessitava estar certo da sua própria justificação pessoal. Negou, com Agostirrho, esta certeza. No entretanto, quando trabalhava na parte; final de suas preleeões sobre *Romanos,* e ainda mais claramente rios últimos meses de 1516, sua dúvida, de que a natureza da dádiva divina da fé envolve segurança pessoal, tornou se certeza . Desde aí, em sua própria experiência pessoal, a suma tio Evangelho era, o perdão dos pecados» Era a "boa nova" que enche, a alma de paz, alegria e absoluta confiança em Deus , Era a total dependência das promessas divinas, da "palavra" de Deus

Em 1516 Lutero não estava só . Na Universidade de 'Wittenberg sua oposição ao aristotelismo e ao escolasticismo e sua teologia bíblica tiveram muita simpatia. Seus colegas André Bodenstein de Karlstadt (1.480-1541) que, ao contrário dele, havia representado o velbo escolasticismo de Aquino, e Nieolau von Anrsdorf (1483-1565) agora se tornaram seus sinceros apoiadores..

Em 1517 Lutero foi compelido a falar contra um abuso gritante. O Papa Leão X havia decidido em favor das pretensões de Alberto de Brandenburgo em ocupar ao mesmo tempo o arcebispado de Mogúncia, o de Magdeburgo e a administração do bispado de Halberstadt, O argumento para essa decisão foi o pagamento de grande soma. Com o fito de se indenizar, Alberto conseguira para si a metade do cobrado pelas indulgências em seu distrito; indulgências que o papado emitira desde 1506 para a construção da nova igreja de S, Pedro, a qual é, airrda hoje, um dos ornamentos de Roma. Um dos comissionados para essa arrecadação foi João Tetzel (1470-1519), eloqüente monge dominicano que, desejando os maiores resultados possíveis, apresentava nos termos mais grosseiros os benefícios das indulgências.[1] Para Lutero, convencido de que somente uma reta

1 Ver excertos em Kidd, *Documentos Ilustrativos da Reforma Continental,* pp 12 20,

relação pessoal eora Deus podia trazer a salvação, tal ensino pareceu destrutivo da verdadeira religião. Como Tetzel se aproximava —• fora d lie negada eu t rada na Saxônia •— Lutero pregou contra o abuso das indulgências. E em 31. de outubro de 1517 afixou ria porta da Igreja do castelo de WIttenberg, que servia para colocar boletins da universidade, suas paia sempre memoráveis Noventa e Cinco Teses.[2]

Consideradas em si mesmas, é deveras maravilhoso que elas tenham servido de fagulha para provocar a explosão. Foram apresentadas para discussão acadêmica . Não negavam o direito do papa de conceder indulgências. Punham, no entanto, em duvida sua eficácia no purgatório e faziam evidentes os abusos do ensino corrente abusos que implicariam no repúdio delas x^lo papa quando informado. Ainda, porém, que estivessem longe de apresentar em toda a plenitude o pensamento de .Lutero, certos princípios eram nelas evidentes, os quais, se desenvolvidos, seriam revolucionários quanto às práticas eclesiásticas da época. Arrependimento não é um ato, mas um hábito mental de toda a vida. O verdadeiro tesouro da Igreja é a graça perdoadora de Deus. O cristão procura, não evita a disciplina divina, "Todo cristão que sente verdadeira compunção tem direito à plena remissão da pena e da euljia, mesmo sem cartas de perdão " Na inquieta condição da Alemanha, era um acontecimento da maior significação que um líder religioso respeitado, se bem que humilde, tivesse falado ousadamente contra um grande abuso. E elas correram por toda a extensão do império.

Lutero não havia antecipado a explosão. Tetzel respondeu imediatamente[3] e instigou Conrado Wimpina (M531.) a replicar. Mais formidável oponente foi o hábil polemista João Maier, de Eck (1486-1543), professor de teologia na Universidade de Ingolstadt,. Este respondeu com ura tratado que circulou manuscrito, intitulado *Obelisci* Lutero foi acusado de heresia, e, replicando a Eck, defendeu sua posição num sermão "Indulgência e Graça".'[1] No começo de 1518 o Arcebispo Alberto de Mogúncia e os dominicanos fizeram chegar a Roma denúncias contra Lutero. O resultado foi o geral dos agostinianos receber ordem de pôr fim à questão e Lutero ser citado ante o •capítulo geral da ordem, reunido em abril, em Heidelberg. Ali Lutero argumentou contra o livre arbítrio e o controle de Aristóteles na teologia. Ganhou novos aderentes, dos quais um dos mais impor-

2 Kicíd, pp 21-26; tradução inglesa Wace c Buchheim, *Luther's Primary Work,* **pp 6 14.**

3 K.idd, pp 30-31.

4 *Ibid.,* **p 29**

tantes foi Martinho Butzcr (Bueer). Na mesma ocasião Lutero publicou a mais elaborada defesa de sua posição sobre as indulgências, *Resoluções.*

Lutero não desejara discussão com o papado. Parece que estava certo de que o papa veria, como ele via, os abusos das indulgências. Mas o curso dos acontecimentos não lhe deu outra escolha senão a defesa firme de suas opiniões ou a submissão. Em junho de 1518 o Papa Leão X intimou Lutero a comparecer em Roma. Ao mesmo tempo determinou que o seu censor dc livros, o dominicano Silvestre Mazzolini de Prierio opinasse sobre a posição do intimado» Este recebeu a intimaçao e a resposta do censor no começo de agosto. Prierio afirmava que "a Igreja Romana é representada pelo colégio dos cardeais e, além disso, é virtualmente o sumo pontífice[7]'» E mais: "quem diz que a Igreja Romana não pode fazer o que atualmente está fazendo com respeito às indulgências, é herege"[5] O caso de Lutero aparentemente teria terminado logo com sua condenação não tivesse tido ele a poderosa proteção de seu príncipe, o eleitor Frederico, o "Sábio'[7]» Até onde o príncipe simpatizava com as crenças religiosas de Lutero é assunto de discussão, mas, em todo o caso, ele se orgulhava de seu professor de Wittenberg e era contrário a uma quase certa condenação cm Roma „ Sua habilidade política conseguiu que a audiência fosse feita não em Roma, perante a corte papal, mas perante o legado papal no Reichstag, em Augsburgo.. O legado era o culto comentador de Aquino, Cardeal Tomás Yio (1469-1534), conhecido pelo lugar de seu nascimento (Gaeta) como Cajetano. Cajetano era teólogo de fama na Europa e parece haver considerado o assunto indigno de sua alta categoria» Ordenou que Lutero se retratasse, especialmente das criticas da falta de poder papal sobre as indulgências. Negou-se Lutero,[6] e a 20 de outubro retirou-se de Augsburgo, tendo apelado-ao papa "melhor informado".[7] Não satisfeito com isto, de Wittenberg, em novembro de 1518, apelou a um futuro concilio geral.[8] As poucas possibilidades de ser favoravelmente ouvido em Roma são demonstradas pela bula publicada no mesmo mês por Leão X, definindo as indulgências no sentido em que Lutero as criticara.[9] Não tinha fundadas esperanças de escapar Se foi grande sua coragem, o perigo que correu irão foi menor. A

5 Kidd, pp 31-32.
6 Kidd, **pp** 33-37.
7 *Ibid.,* **pp 37-39.**
8 *Ibid ,* **p 40»**
9 *Ibid,* **p 39**

favorável reviravolta dos eventos políticos o livraram de imediata condenação.

Enquanto isso, no verão de 1518, fora Instalado cm Wittenberg como professor de grego um erudito moço natural de Brctten e sobrinlio-neto de Rcuclüin, Filipe Melancliton (1497-1560), que viria a estar iutimamente ligado a Lutero nos anos subseqüentes. Nunca houve maior contraste entre duas pessoas. Melanchton era tímido e retraído, mas sem rival na cultura. Entanto, sob a forte impressão da personalidade de Lutero, dedicou sua apreciável capacidade, quase desde sua chegada a Wittenberg, a cooperar na causa luterana.

O Imperador Maximiliano estava claramente no fim da vida — morreu em janeiro de 1519 — e pesava a ameaça de tumultos numa acirrada eleição do seu substituto. O Papa Leão X, como príncipe italiano, observava com desagrado a candidatura de Carlos da Espanha ou a de Francisco da França, como iueentivadoras da influência estrangeira na Itália. Com bons olhos, porém, via o eleitor Frederico, a quem, de bom grado, escolheria,. Não era, pois, hora de agir contra o professor protegido de Frederico, Então o papa enviou ao eleitor o seu eamarista, o saxônio Carlos von Militz, como núncio e portando uma rosa de ouro, expressivo presente do alto apreço papal.. Militz imaginou que poderia sanar a questão, e foi muito além de suas atribuições. De moto próprio repudiou Tetzel e teve uma entrevista com Lutero, a quem solicitou guardar silêncio nos assuntos em discussão, submeter o caso, se possível, aos eruditos bispos alemães, e escrever humilde carta ao papa[10]

Qualquer acordo real era impossível. O colega de Lutero em "Wittenberg, André Bodenstein de Karlstadt (1480-1541), contrariando Eck, sustentara em 151.8 que o texto da Bíblia deve ser preferido à autoridade de toda a Igreja. Eck exigiu um debate público, que Karlstadt aceitou. F Lutero foi logo levado à luta, afirmando que a supremacia da Igreja Romana não tem apoio na história nem na Escritura„ Em junho e julho de .1519 o grande debate se realizou em Leipzig. Karlstadt, lutador inábil, não muito bem se saiu contra a presença de espírito de Eck. O zelo de Lutero fê-lo sair-se melhor. Entanto Eck levou Lutero a admitir que sua posição, sob alguns aspectos, era a mesma de Huss e que o respeitado Concilio de Constança o condenando incorreu em erro,. Para Eck isto pareceu um triunfo forense, e creu fosse sua a vitória, declarando que quem negara a infalibilidade de um concilio geral era pagão e jmblicano.[11]

10 Kidd, pp 41-44.
11 *Ibid..,* pp 44-45

Na verdade, foi muito importante esta declaração a que Lutero foi levado. Já rejeitara a autoridade final do papa e agora admitia a falibilidade dos coneílios. Tais passos implicavam no rompimento •com todo o sistema de arrtoridade da Idade Média e só permitiam o apelo firral às Escrituras, Sentiu Eck que toda a controvérsia agora podia terminar rapidamente por uma bula papal condenalória, a qual, então, procurou conseguir e que foi publicada em 15 de junho de 1520,.'2

Lutero, agora, estava verdadeiramente no auge da batalha. Suas próprias idéias estavam se cristalizando rapidamente,. Partidários humanistas, como Ulrích von Hutterr, ajuntavam-se a ele como o possível comandante num conflito nacional com Koma.. O próprio Lutero estava começando a considerar tarefa sua a redenção nacional da Alemanha de um papado que, mais que o papa individualmente, se tornara o anticristo. Sua doutrina da salvação estava produzindo frutos em abundância.. Em seu pequeno tratado de maio de 1520, *Das Boas Obras,* depois de definir como "a mais nobre de todas as hoas obras" é "crer em Cristo", afirmou a bondade essencial dos negócios e ocupações normais da vida. E também denunciou os que " tanto limitam as boas obras que elas apenas consistem em orar na igreja, jejuar ou dar esmolas" Esta vindicação da vida humana natural como-o melhor campo para o serviço de Deus, mais que as limitações antinaturais do ascctismo, foi uma das mais importantes contribuições de Lutero ao pensamento protestante, tanto quanto um dos seus mais significativos abandonos das condições cristãs antigas e medievais.

A grande obra' de Lutero no ano de 1520, e que lhe deu o direito ao título de líder, foi o preparo de três obras que fizeram época. O primeiro desses tratados foi publicado cm agosto, sob a denominação *À Nobreza Âlrislã, da, Nação Aí.ema*[u] Escrito com ardente convicção, por um mestre da língua alemã, de imediato se espalhou pelo império. Nesse trabalho proclamava que três muralhas rornan islãs haviam sido derrubadas, muralhas atrás das quais o papado construíra seu poder,, A pretensa superioridade do estado espiritual sobre o temporal é infundada, pois todos os crentes são sacerdotes. Essa verdade do sacerdócio universal bota abaixo a segunda muralha — aquela do exclusivo direito papal de interpretar

12 *Jbid.,* **pp 74 79,.**
13 Robinson, *Leituras* 2:66 68.
14 Totalmente traduzido em Wace c Buchheim *I idher's Primary Works,* pp 17-92.

as Escrituras. E, ainda, a terceira — a de que apenas o papa pode convocar um concilio reformador. "Verdadeiro concilio livre" para a reforma da Igreja deverá ser convocado pelas autoridades temporais. Daí Lutero passou a tragar um programa de reforma, sendo suas sugestões mais práticas que teológicas.. Deviam ser frenados o desgoverno, as nomeações e a taxação papais; cargos desnecessários abolidos; interesses eclesiásticos alemães colocados sob um "Primado da Alemanha"; permitido o casamento do clero; os tão numerosos dias santos reduzidos no interesse da indústria e da sobriedade; proibida a mendicância, inclusive a dos monges; fechamento dos bordéis; restrição da luxúria; reformada a educação teológica nas universidades. Não é de admirar que o efeito da obra de Lutero fosse profundo. Disse ele o que homens sensatos de há muito tinham pensado.

Dois meses depois Lutero publicou em latim seu *Cativeiro Babilômeo da ff/reja*[15] Nesse livro, questões da mais alta importância teológica, mormente os sacramentos, foram tratados e o ensino da Igreja Romana atacado fortemente . O único valor de um sacramento, •ensinou Lutero, é seu testemunho da promessa divina. Sela ou atesta o pacto dado por Deus de união com Cristo e perdão de pecados Fortalece a fé. Segundo as normas da Escritura, há só dois sacramentos, batismo e Ceia do Senhor, ainda (pie a penitência tenha certo valor sacramentai como um retorno ao batismo. Votos monásticos, peregrinações e obras meritórias são substitutos criados pelo homem para o perdão dos pecados gratuitamente prometido à fé, no batismo. Lutero criticou a negação do cálice aos leigos, punha dúvidas na transubstaneiação e especialmente rejeitava a doutrina de que a Ceia é um sacrifício oferecido a Deus. Os outros sacramentos romanos: confirmação, matrimônio, ordens, extrema-unção não têm valor sacramentai na Escritura.

Uma das maravilhas da tempestuosa carreira de Lutero é que, ao mesmo tempo destes tratados intensamente polêmicos e quando a bula papal era publicada na Alemanha, era ele capaz de escrever e publicar sua terceira grande obra de 1520 — *Sobre a Liberdade Cristã.*[16] Nela apresentava, com serena confiança, o paradoxo da experiência cristã: "Um cristão é o senhor mais livre dc todos, e não está sujeito a ninguém. Um cristão é o mais devoto servo de todos, e a todos está sujeito". É livre porque está justificado pela

15 *Luther's Primary Works,* pp 141-245
16 *Lulher's Primary Wotks,* pp 95 137.

fé, não permanece sob a lei das obras e está em nova relação pessoal com Cristo„ É servo porque, obrigado pelo amor, coloca sua vida em conformidade com a vontade dc Deus e se torna auxiliar dc seu próximo. Neste tratado, como em nenhuma outra obra, a força e as limitações do luteranismo são evidentes» Para Lutero, a essência do Evangelho ó o perdão dos pecados, alcançado pela fé, a qual, como em Paulo, não é nada menos que uma relação pessoal e transformadora da alma com Cristo„ A guisa de prefácio, para ela Lutero escreveu uma carta endereçada ao Papa Leão X, É um curioso documento, respirando boa vontade para com o pontífice pessoalmente, mas repleto de denúncias à corte papal e suas pretensões para o papado, e na qual o papa é representado como "um cordeiro sentado no meio de lobos". Ainda que a visão de Lutero haveria de se aclarar depois com referência a vários pormenores, sua concepção teológica do Evangelho cristão estava assim praticamente completa, em linhas gerais, em 1520»

No entretanto, Eck e Cirolauro Aleandcr (1480-1542), como núncios, chegavam à Alemanha com a bula papal. Sua publicação não foi permitida em Wittenberg e sua recepção em grande parte do país foi mais ou menos fria ou hostil. Aleander, porém, conseguiu publicá-la nos Países Baixos e queimou os livros de Lutero em Lovaina, Liege, Antuérpia e Colônia. Em **.10** de dezembro Lutero replicou queimando a bula papal e a lei canônica, com a presença aprovadora de estudantes e habitantes de Wittenberg e sem oposição das autoridades civis. Era claro que parte considerável da Alemanha estava em rebelião eclesiástica, e a situação exigia a atenção das mais altas autoridades do império.

Em 28 de junho de 1519, enquanto se desenrolava a disputa de Leipzig, a eleição imperial resultara na escolha dc Carlos V (1500-1558), neto de Maxirniliano. Herdeiro da Espanha, Países Baixos, territórios austríacos da casa de Ilabsburgo, senhor de considerável parte da Itália e dos recém-descobertos territórios dc além-Atlântico, sua eleição como Sacro Imperador Romano punha-no como cabeça de tão vasto território como outro qualquer governante não o fora desde Carlos Magno. Na Alemanha, no entanto, sua autoridade era bastante limitada pelos poderes loeais dos príncipes territoriais. Carlos era ainda jovem e desconhecido, e ambos os partidos das lutas religiosas do dia alimentavam esperanças grandes de conquistar seu apoio. De fato, era zeloso católico romano, do tipo de sua avó, Isabel de Castela, compartindo das idéias reformadoras dela, desejoso de

melhoras na moral, educação c administração clericais, mas totalmente sem simpatia por qualquer desvio no sistema doutrinário ou hierárquico da Idade Média. Chegara por fim à, Alemanha. E viera, em parte, para regularizar o governo do país e, por outro lado, preparar a guerra iminente devida às pretensões rivais da França c Espanha, na Itália. Com esta finalidade convocara o Reichstag para o mês de novembro de 1520, em Worrns. Ainda que houvesse muitos outros assuntos, todos sentiam que a solução do caso de Lutero era da maior importância. Aleander, o núncio, insistiu numa pronta condenação, especialmente depois de a bula final haver sido publicada em 2 de janeiro de 1521, Visto que Lutero estava já condenado pelo papa, o Keichstag, teimava Aleander, não tinha outro *dever senão* tornar efetiva essa condenação. Entanto Lutero tinha vasto apoio popular, e seu príncipe, o eleitor Frederico, o Sábio, mestre na intriga diplomática, era de opinião, afortunadamente para Lutero, de que o monge condenado nunca Eora devidamente processado, Frederico e outros nobres achavam que ele devia ser ouvido pelo lieiclistag antes de ser tomada uma resolução. Entre as duas opiniões, o imperador vacilava. Estava convencido de que Lutero era ura monge condenável, mas, bastante político, percebeu não ser conveniente opor-se aos sentimentos alemães tão sensíveis. Também não queria perder a possível vantagem de fazer do destino do herege uma alavanca capaz de trazer o papa para o seu lado na luta com a França.

O resultado foi ser Lutero intimado a comparecer em "Worms, sob a proteção de um salvo-conduto imperial. Desde Wittenberg sua viagem praticamente decorreu sob ovaçao popular. No dia 17 de abril de 1521 Lutero compareceu ante o imperador e o Reichstag. Uma pilha de livros lhe foi mostrada, e lhe fizeram a pergunta se se retratava deles ou não. Lutero pediu tempo para refletir. Foi-lhe dado um dia. E na tarde seguinte mais uma vez enfrentou a assembléia. Então reconheceu que, no calor da discussão, usara expressões duras contra pessoas. Mas quanto à substância do que escrevera não tinha do que se retratar, a menos que pela Escritura ou com argumentos irrespondíveis o convencessem de erro O imperador, que não podia crer houvesse tamanha temeridade capaz de negar a infalibilidade de um concilio geral, cortou a discussão. Não é certo, mas é bem possível, tenha Lutero exclamado: "Não posso fazer outra coisa. Aqui estou. Deus me ajude. Amém". Estas palavras, pelo menos, expressam a essência de sua irremovível determinação. Dera grande testemunho histórico à veracidade de suas convicções, ante **o**

mais alto tribunal de sua nação. E dera eabal prova de sua intimorata coragem , A opinião de seus julgadores ficou dividida. No entanto, se pela sua forte e, no juízo deles, infundada afirmação, perdeu o imperador e os bispos, ao mesmo tempo fez impressão favorável sobre muitos nobres alemães e, felizmente, sobre o eleitor Frederico. .Este príncipe, embora julgando Lutero por demais atrevido, confirmou sua determinação de que dano algum viria ao reformador . O resultado parece uma derrota para Lutero. TJm mês após haver partido a caminho de casa, foi formalmente posto sob interdição imperial, mesmo (pie já tivessem se retirado muitos membros do Reichstag. Deveria ser preso a fim de ser punido e seus livros queimados[17] Tal interdito nunca foi formalmente anulado, e até o fim da vida Lutero esteve debaixo da condenação imperial.

Estivesse a Alemanha controlada por forte autoridade central, a carreira de Lutero logo teria terminado em martírio. Mas, por isso mesmo, nenhum edito imperial seria posto em execução contra a vontade de um forte governador territorial, e Frederico, o Sábio, mais unia vez salvou Lutero. Não querendo sair abertamente ern sua defesa, talvez temendo tal atitude, i'ez que mãos amigas o prendessem quando regressava a Worms e, em segredo, o levassem ao castelo de Wartburgo, perto de Eisenaeh. Durante meses seu esconderijo foi desconhecido; mas que estava vivo e participando dos azares da luta sua pena brilhante logo demonstrou. Seus ataques às práticas romanas aumentaram de intensidade» No entanto, o mais durável fruto desse período de retiro.forçado foi sua tradução do Novo Testamento. Começou-a em dezembro de 1521 e a publicação se deu em setembro do ano seguinte» Lutero, porém, não foi o primeiro tradutor das Escrituras para o alemão. As primeiras traduções haviam sido feitas da Vulgata, e eram duras e grosseiras. O trabalho de Lutero não foi meramente traduzir do grego, para o que se baseou nas obras de Erasmo. Seu trabalho era fácil de ler e foi criador do idioma. Essa tradução grandemente determinou o linguajar que mareou a futura literatura alemã •— o da chancelaria saxônica do tempo — elaborado e polido por um mestre da expressão popular. Poucos serviços maiores do que esta tradução foram prestados ao desenvolvimento da vida religiosa duma nação, Mas nem com toda sua deferência pela Palavra de. Deus, deixava Lutero de ter suas normas próprias de crítica. Estas foram a base da relativa clareza com que ensinava sua interpretação da obra de Cristo e o método da salvação pela fé. Julgados

17 Kidd, *Documentos,* pp 79-89

por esses padrões, a êle pareceu que *Ilebreus*, *Tiago, Judas* e *Apocalipse* eram de valor inferior. E mais, que na mesma Escritura havia diferença de valor.

No mês em que Lutero começou seu trabalho como tradutor — dezembro dc 1521 —• foi publicado em Wittenberg um pequeno volume de Melanchton, *Loci Commmies,* ou seja, pontos cardeais da teologia. Pode-se dizer que com ele começou a apresentação sistemática da teologia luterana [18] Seria ampliado, desenvolvido e modificado em muitas edições posteriores.

18 Excertos em Kidd, *Documentos,* pp 90 94.

SEPARAÇÕES E DJVISÕES

A permanência de Lutero em Wartburgo deixou Wittenberg sem a sua poderosa liderança.. Ali, porém, havia muitos capazes de levar avante a revolução eclesiástica. A seus antigos companheiros na universidade Karlstadt, Melanchton e Nicoian von Amsdorf (1483-1565) — se juntaram, na primeira metade de 1521., Johann Bugenhugcn (1485-1558) e Justo Jonas (1493-1555). Destes, por certo Karlstadt possuía maiores dotes de liderança; era, porém, ousado, impulsivo e radical, Lutero ainda não fizera mudanças no culto público ou na vida monástica. Era inevitável o aparecimento de pedidos de mudanças nessas duas coisas. O fogoso monge colega de Lutero, Gabriel Zwilling- (1487?-1558), em outubro de 1521, começou a denunciar a missa e a instar no abandono dos votos clericais. Logo teve muitos seguidores, especialmente rro mosteiro agostiniano de Wittenberg, onde vários monges então renunciaram a sua profissão. Corri igual zelo Zwilling logo começou a atacar as imagens, No Natal dê 1521 Karlstadt celebrou a Ceia do Senhor na igreja do castelo sem vestes clericais, oferenda saerifieial, elevação da hóstia e dando o cálice aos leigos. Eoram abandonados a confissão e também os jejuns, Karlstadt ensinou que todos os ministros podiam casar e ele mesmo contraiu matrimônio, em janeiro de 1522. De imediato começou a se opor ao uso de quadros, órgão e ao canto gregoriano no culto público. Sob sua direção, o governo da cidade de "Wittenberg extinguiu as antigas irmandades religiosas e confiscou seus bens, decretou que os ofícios religiosos seriam em alemão, condenou quadros nas igrejas e proibiu a mendicância, ordenando que os verdadeiramente necessitados fossem socorridos com os dinlieiros da cidade. A comoção pública aumentou com a elregada, em 27 do dezembro de 1521, de três pregadores radicais de Zvviekau, Salientavam-se dentre eles Nicolau Storeh e Marcos Thomá Stübner. Tais homens diziam ter direta inspiração divina, se opunham ao batismo de crianças e profetizavam o próximo fim do mundo. De início,

Melanchton foi algo afetado por eles, ainda que sua influência tenha sido considerada com exagero. Na verdade eles contribuíram para aumentar a confusão.[1]

Mudanças assim rápidas, seguidas por um ataque popular às imagens, muito desagradaram ao eleitor Frederico, o Sábio, e provocaram protestos dos príncipes alemães e das autoridades imperiais. Ainda que Lutero viria a apoiar, nos três ou quatro anos que se seguiriam, muitas das mudanças que Karlstadt e Zuínglio fizeram, de momento percebeu que sua causa estava em perigo por causa desse radicalismo extremado.. O governo da cidade pediu o seu retorno. O eleitor proibiu, por razões políticas. Mas em 6 de março de 1522 mais uma vez Lutero estava em Wittenberg, onde morou desde então. Oito dias de pregação demonstraram seu poder, Proclamou que o Evangelho consiste no reconhecimento do pecado, no perdão através de Cristo e no amor ao próximo. As alterações proyocadoras do tumulto tinham motivos externos.. Só deviam ser efetuadas em consideração aos fracos E Lutero dominou a situação,. Karlstadt perdeu toda a influência e teve de abandonar a cidade. Muitas das mudanças foram, de momento, abandonadas e a velha ordem do culto largamente restabelecida. Assim Lutero mostrou decidida atitude conservadora. Opunha-se não apenas aos romanistas, como até então, mas também aos revolucionários que andavam, como lhe pareceu, por demais rápidos.. Começaram as divergências no próprio jjartido reformista. No entretanto, não se pode duvidar da sabedoria de .Lutero, Sua atuação fez que várias autoridades o olhassem com simpatia; como alguém que, mesmo condenado em Worrns, era realmente um poder em tempos tumultuosos E continuou tendo especialmente o favor de seu príncipe eleitor, sem o qual sua causa, ainda agora, naufragaria.

No entanto, o imperador estava de mãos amarradas pela guerra com a França pelo controle da Itália, guerra que o fez estar ausente da Alemanha de 1521. a 1530 Era impossível uma interferência de sua parte na lieforma. O Papa Leão X terminara seu reinado de pompa em dezembro de 1521. Foi seu sucessor o antigo tutor holandês de Carlos V, Adriano VI. Era este um homem de estrita ortodoxia medieval, mas plenamente consciente da necessidade de reforma moral e administrativa na corte papal. Seu curto pontificado de apenas vinte meses foi um esforço lamentavelmente infrutífero para brecar os males dos quais ele acreditava que o movimento herético

1 Kidd, pp 94-104.

de Lutero era castigo divino» A simpatia por Lutero rapidamente se espalhou, não só na Saxônia mas em cidades da Alemanha Ao Reichstag, reunido cm Nuremberg, ern novembro de 1522, Adriano enviou um núncio com um *Breve,* solicitando a aplicação do edito de Worms contra Lutero, mas admitindo houvesse muitas falhas na administração eclesiástica» Respondeu o Reichstag com a declaração de que o edito era impossível de ser cumprido, e pedindo um concilio para a reforma da Igreja, que se deveria reunir dentro de um ano, na Alemanha. Enquanto isso, somente o "verdadeiro, puro, genuíno e santo Evangelho" devia ser pregado. E o Reichstag renovou as velhas queixas contra os desgovernos papais» Ainda que não na forma, na realidade foi uma vitória para Lutero e sua causa. Parecia que a Reforma conseguiria o apoio de toda a nação alemã»[2]

Sob estas circunstâncias favoráveis, congregações evangélicas se foram rapidamente formando em muitas regiões, ainda que sem constituição ou ordem de serviço fixas Lutero agora estava convencido de que tais associações de crentes tinham pleno poder para indicar o depor seus pastores. Também sustentava que os governantes temporais, pela sua posição de autoridades principais e responsabilidade na comunidade cristã, tinham o grande dever de velar pelo Evangelho. As experiências do futuro próximo, e as necessidades da organização da Igreja atual dentro de extensos territórios, fizeram Lutero abandonar qualquer simpatia que então tivesse por um eclesiasticismo livre a favor de uma estrita dependência do Estado, Para satisfazer as exigências do novo culto evangélico, em 1523 Lutero publicou *Ordem de Culto,* que acentuava o lugar central da pregação. Sua *Fórmula da Missa,* ainda em latim, excluía as implicações sacrificiais, recomendava a ministração do cálice aos leigos e aconselhava o emprego de hinos populares pelos adoradores» No *Taufbüfíhlein* apresentava o ofício batismal em alemão O abandono das missas privadas e das missas pelos mortos, com suas tarifas, trouxe sérios problemas ao sustento do clero. Lutero pensou resolvê-los com salários tirados de um fundo comum provido pela municipalidade» Lutero dizia que grande liberdade era permissível em pormenores do culto, desde que a "Palavra de Deus" fosse mantida no centro. As diversas congregações reformadas, então, logo mostraram muitas variações e a tendência para o uso do alemão logo se desenvolveu. O próprio Lutero, daí, publicou a *Missa Alemã*, em 1526. Considerava a confissão deveras desejável como preparatória do cristão

2 Kidd, **pp** 105-121.

ainda incipiente para a Ceia do Senhor, não, porém, obrigatória. Julgada pelo desenvolvimento da Reforma em outros lugares, a atitude de Lutero em matéria de eulto era muito conservadora. Mantinha o principio de que "o que não é contrário à Escritura é pela Escritura e a Escritura por ele".. Portanto reteve muito dos costumes romanistas eomo o uso de velas, crucifixo e o emprego ilustrativo de quadros.[3]

Até aqui a maré subia forte no sentido favorável a Lutero Começaram, porém, as divisões nos anos de 1524 e 1525 O efeito delas foi limitar o movimento reformista, fazer de Lutero o chefe de um partido em vez de líder nacional, dividir a Alemanha e lançar a ele nos braços dos príncipes temporais. A primeira das separações foi a dos humanistas. Erasmo, seu guia admirado, tinha pouca simpatia pela doutrina de Lutero da justificação somente pela fé.. Segundo seu pensamento, a reforma viria pela educação, o afastamento da superstição e o retorno às [44] fontes" da verdade cristã, Os tempestuosos escritos de Lutero e o tumulto popular cada vez mais lhe pareciam odiosos. Comungava com os humanistas no alarma com o declínio na procura das universidades alemãs, o que universalmente tivera início com o surgimento da controvérsia religiosa, e o desaparecimento do interesse em questões puramente eruditas. Ainda que freqüentemente instado, longamente relutou em atacar Lutero. Por fim, no outono de 1524, enfrentou a negação do livre arbítrio por Lutero., No seu cuidadosamente arrazoado *"Diatribe de libero arbítrio",* argumentou, baseado no exame de relevantes passagens da Escritura, por uma interpretação ética da religião. E concluiu que a doutrina da Igreja, assentada igualmente na liberdade de o homem se decidir por Deus e sua necessidade de graça, era preferível à predestinação extremista de Lutero, porque evita o maniqueísmo tanto quanto o pelagianismo. Um ano mais tarde Lutero replicou com seu tratado *"De nervo arbítrio"* (Da Escravidão da Vontade). Lutero acompanhou de perto o esboço de Erasmo e procurou refutá-lo secção por secção. Sobre a base do testemunho da Bíblia, que ele considerou claro e único, afirmou a dependência absoluta do homem acerca do onipotente Deus e seu gratuito dom da graça. Declarou-se a favor da predestinação e não temeu afirmar doutrinas que raiavam pelo determinismo. O rompimento entre Lutero e Erasmo era incurável. Muitos dos humanistas abandonaram Lutero, ainda que entre

3 Kidd, **pp 121-13.3,**

os discípulos de Melauchtou vagarosamente se desenvolveu uma escola mais jovem de humanistas luteranos.[4]

Na Alemanha, Lutero era por alguns considerado só meio reformador. Entre tais radicais estava seu antigo companheiro Karlstadt. Tendo perdido toda a influência em Wittenberg, adotou idéias e práticas ainda mais radicais e conseguiu muitos aderentes em Orlamiinde, e praticamente desafiou Lutero e o governo da Saxônia Negava o valor da instrução, vestia e vivia como camponês, destruía imagens e rejeitava a presença física de Cristo na Ceia.. Ainda mais radical foi Tomás Miinzer (1488?-1525), que dizia ter revelações diretas e que atacou romanistas e luteranos por sua dependência da letra da Escritura. Ex-sacerdote católico romano, caiu sob a influência de Lutero durante uma estada em Wittenberg (1519-1520). Como ardente pregador evangélico, trabalhou em Zwiekau e na Boêmia, onde pretendeu construir a "nova igreja'[7]. Como ministro na cidade de AUstedt (desde 1522), na Turxngia, foi além de Lutero tanto na interpretação do Evangelho como em programa de reforma. Opondo-se à confiança de Lutero na Escritura e ao seu ensino da justificação pela fé, afirmou um espiritualismo que colocava a Bíblia sob o teste da experiência religiosa e (pie resuitava em renascer sob o impacto da eleição divina. Foi homem de grande originalidade e claro poder profético. A ordem de culto que criou para Allstedt rompeu radicalmente com toda tradição católico-romana, incluindo o batismo de crianças. Cria que a Reforma caminhava para o estabelecimento de uma igreja de eleitos que traria nova ordem social de justiça e amor. Opondo-se ao "boa vida de Wittenberg", isto é, à recusa de Lutero de aceitar sua redescoberta da nova lei do Evangelho quer para a vida social ou moral, advogou, se necessário, uma revolução sangrenta para derribar a injustiça sacerdotal, Não é, pois, de admirar que, no devido tempo, tenha assumido a posição de chefe da revolta dos camponeses. A estes e outros desse tipo Lutero se opôs com vigor, chamando-os *Bchwãrmer,* isto é, fanáticos. A presença deles mostrava uma crescente ruptura nas forças da Reforma.

Ainda mais séria foi a terceira separação, causada pela revolta dos camponeses. O estado destes, desde muito, era de crescente miséria e sua conseqüente agitação, especialmente no sudoeste onde o exemplo de melhores condições na vizinha Suíça instigava o descontentamento., O luteranismo diretamente pouco tinha a ver com a

4 Kidd, tjp 171-174.

revolta. As manifestações mais fortes foram em regiões nas quais o movimento reformista apenas penetrara. A exeitação religiosa e .a radical pregação popular foram, por certo, causas secundárias e possivelmente primárias. Iniciada no extremo sudoeste alemão, em maio e junho de 1524, a Insurreição era mui forte na inimavera do ano seguinte. Em março de .1525 os camponeses apresentaram doze artigos,[5] exigindo o direito de cada comunidade escolher e depor seus pastores; que os grandes dízimos (em grãos) fossem usados para o sustento dos referidos pastores e para despesas outras da comunidade; abolidos os pequenos dízimos; extinta a servidão; diminuídos os lugares reservados para a caça; o uso das florestas aberto aos pobres; regulado o trabalho forçado e pago devidamente; não criação de novas leis; terras comuns, que haviam sido tomadas, devolvidas às comunidades; abolição dos pagamentos por herança a seus senhores.

Outros grupos de camponeses, uni dos quais chefiado por Tomás JVIiinzer, foram bastante mais radicais.. De início, Lutero procurou ver as injustiças de ambos os lados.. Mas quando a revolta mal dirigida caiu em excessos maiores e pareceu tornar-se anarquista, voltou-se contra os camponeses com violento panfleto — *Contra a Corja de Camponeses Assassinos e Ladrões* — exigindo que os príncipes os esmagassem pela força. A grande derrota de Francisco I da França nas proximidades de Pavia pelo exército imperial, em 24 de fevereiro de 1525, permitiu aos príncipes alemães dominar a revolta,. A insurreição canrponesa foi marcada por espantosa carnificina.

Das separações, a causada pela guerra dos camponeses foi a mais desastrosa. Sentiu Lutero (pie o seu Kvaugellio não podia ser envolvido nas exigências sociais e econômicas dos camponeses desordeiros. A seus olhos, toda revolução era rebelião contra Deus. Isto lhe custou caro. A simpatia popular por sua causa ficou muito diminuída entre as classes inferiores.. A desconfiança dele quanto ao homem comum foi aumentada, e seu pensamento de qUe a reforma devia ser obra dos príncipes temporais foi bastante fortalecido. Seus oponentes, entretanto, apontaram essas revoltas como fruto natural -da rebelião contra a antiga Igreja.

Entanto, Adriano VI, papa medieval, ainda que reformador a «eu modo, faleceu. Sucedeu-o, em novembro de 1523, Júlio de Médiei, como Clemente VII (1523-1534). Este cia homem de caráter respeitável, mas pouco reeoiiheeedor da importância das questões re-

5 Kidd, **pp 174-179**

ligiosas, e, antes de mais nada, politicamente um príncipe mundano da Itália. Ao novo Reichstag reunido em Nuremberg, na primavera de 1524, Clemente enviou como seu legado o mui hábil Cardeal Lourenço Campeggio (1474-1539). Pouco obteve Campeggio. O Reichstag prometeu cumprir o edito de Worms contra Lutero "como fosse possível" e exigiu uma "assembléia geral da nação alemã", a se reunir em Espira, no outono próximo. O ausente imperador conseguiu frustrar essa reunião. O êxito dc Campeggio, no entanto, foi alcançado fora do Reichstag, Em virtude de seus esforços, em 7 de julho de 1524, em Ratisbona, foi formada uma liga para apoiar a causa romana Reunia o irmão do imperador, Fernando, os duques da Baviera e bispos do Sul da Alemanha. Um quinto das rendas eclesiásticas foi dado aos príncipes leigos, foram estabelecidas normas para a obtenção de um clero mais digno, diminuídas as cobranças clericais, o número de dias santos observados como feriados bastante encurtado, a pregação seria de acordo com os Padres da Igreja primitiva e não de acordo com os escolásticos.[0] Foi o começo de uma Contra-Reforma de fato. Seu efeito, porém, foi aumentar a separação da Alemanha em partidos e fortalecer as linhas de demarcação sobre a base das possessões de príncipes territoriais cheios de rivalidades» A nação estava desesperadamente dividida,

Enquanto Roma se fortalecia no Sul da Alemanha, a causa de Lutero recebia importantes adesões. A principal foi, em 1524, a do conde de larga visão Filipe de Hesse (1518-1567), o mais hábil político dentre os príncipes luteranos. Ao mesmo tempo Alberto da Prússia, grão-mestre dos Cavaleiros Teutônicos, Jorge de Brandenburgo, 11enrique de Mecklenburgo e Alberto de Mausfehl demonstravam decidido interesse na causa evangélica. Em 1524 também haviam sido ganhas as importantes cidades de Magdeburgo, Nuremberg, Estrasburgo, Augsburgo, Esslingen, ÍJlin e outras de menor valor,

Nos negros dias da revolta dos camponeses morreu (5 de maio de 1525) o cauteloso protetor de Lutero, Frederico, o Sábio. Sucedeu-o seu irmão João, "o Constante" (1525-1532). Foi favorável a Lutero a mudança, pois o novo eleitor era luterano ativo e declarado. Nesse tempo se deu o casamento de .Lutero com Catarina von Bora (1499-1552), realizado em 13 de junho dc 1525. Essa união demonstrou alguns dos aspectos mais atrativos do caráter do refor» mador. O casamento foi repentinamente arranjado, de modo que a

6 Kidd, pp 133-151.

acusação algumas vezes feita de que o desejo de casar tivera algo a ver com a revolta de Lutero contra Roma é paipavcimente absurda, Entanto o repúdio do celibato clerical foi, por certo, favorável nos seus resultados finais. Nesta hora, porém, aumentou as causas de divisões, e o consórcio de um ex-monge com uma ex-freira pareceu dar razão à amarga pilhéria de Erasmo - - a Reforma, que parecia uma tragédia, era realmente uma comédia, cujo fim foi um casamento.[7]

A supressão da revolta dos camponeses deu aos príncipes e às cidades as verdadeiras forças dirigentes da Alemanha, e combinações políticas foram feitas então pró e contra a Reforma. O Duque Jorge da Saxônia e outros príncipes católicos, congregados em Dessau, em julho de 1525, organizaram uma liga, Como réplica, Filipe de Hesse e o novo eleitor João da Saxônia, em Torgau, fizeram uma liga luterana. A grande vitória imperial de Pavia, em fevereiro anterior, resultara no aprisionamento do derrotado Francisco I, rei da França. De maneira decisiva a guerra se inclinara para o lado do imperador, c seus resultados pareciam assegurados pelo Tratado de Madrid, de janeiro de 1526, pelo qual Francisco obteve a liberdade. Os dois monarcas se comprometeram a conjugar esforços para extirpar a heresia.[8] As jierspectivas do luteranismo eram, na verdade, negras,. O afastamento do perigo, o luteranismo deve principalmente ao papa. Clemente VII, sempre mais príncipe italiano que eclesiástico, estava bastante alarmado com o aumento do poder imperial na Itália, Então formou uma liga italiana contra o imperador. A ela se filiou o rei francês, em maio de 1526. Francisco I repudiou o Tratado de Madrid e agora a Liga de Cognac reuniu a França, o papa, Florcnça e Veneza contra o imperador. Pareciam perdidos os êxitos de Pavia. A guerra deveria ser recrrcctada. As mãos do imperador estavam por demais ocupadas para interferir nas lutas religiosas da Alemanha.[9]

Foi assim que, quando se reuniu o novo Reichstag em Espira, no verão de 1526, ainda que as instruções imperiais proibissem alterações em matéria religiosa e determinassem a execução do edito de Worins, os luteranos puderam objetar que a situação mudara desde que fora vista pelo imperador e lá da Espanha emitira suas ordens. O assustador avanço dos turcos, que resultaria, em 29 de

7 Kidd, pp 179-180,
8 *Ibid,,* p 180
9 Kidd, p 182

agosto de 1526, no desastre húngaro de Moliaez, também aconselhava união militar. Resolveu o Reichstag, então, que até a reunião de um "concilio ou uma assembléia nacionai'[7], cada governador territorial do império "assim vivesse, governasse e se conduzisse como espetava e confiava poder responder a Deus e a sua majestade impeliai".™

Isto foi, sem dúvida, meio compromisso *<uí inte/rwi,* Mas os príncipes luteranos e as cidades imediatamente interpretaram como autorização plenamente legal para ordenarem suas constituições eclesiásticas como lhes parecesse, A sombra disso, a organização de igrejas territoriais luteranas foi então rapidamente feita. Já antes do Reichstag de 1526 alguns passos haviam sido dados nesse sentido. Fora dos limites do império, Alberto de Brandenburgo (151]-1568), grão-mestre dos Cavaleiros Teutônicos na Prússia Oriental, transformara seu cargo, em 1525, num ducado hereditário, sob a soberania da Polônia, e empenhadamente trabalhou pela luteranização do país..[11] Na própria Saxônia eleitoral, João planejava mais ativo controle governamental sobre assuntos eclesiásticos, e Lutero publicara sua *Missa Alemã e Ordem do Serviço Divino*, em 1526, antes do Reichstag.[12] O decreto do Reichstag então muito fortaleceu essas tendências. Em Hesse, Filipe convocou um sínodo a se reunir em Homberg, em outubro de 1526. Ali foi adotada uma constituição, em grande parte por influência de Francisco Lambert (1487-1530), aluno de Lutero. Em cada comunidade os fiéis eomungantes constituiriam o corpo governante que escolheria o pastor e aplicaria a disciplina Representantes desses corpos locais (um pastor e um irmão leigo) constituiriam um sínodo anual de todo Hesse. Desse sínodo seriam também membros o landgrave e os altos nobres.[13] Eis urna organização proposta consoante, em larga medida, com as primitivas idéias de Lutero. ' Entanto este havia mudado Começara a desconfiar do homem comum e, por conselho seu, o landgrave rejeitou a proposta e adotou os processos da Saxônia eleitoral.

Na Saxônia, que se tornou o modelo, enr termos gerais, par a a criação de igrejas territoriais, o eleitor nomeou "visitadores" para investigar a doutrina e o comportamento clericais, segundo artigos confeccionados por Mclanchton em 1527 e ampliados no ano seguin-

10 *Ibid***pp 183-185.**
11 Kidd, **pp** 185193.
12 *Ibid* , **pp 193-202.**
13 *Ibid,* pp 222 230

te..[14] Foi abolida a antiga jurisdição dos bispos, o território dividido ern distritos, cada uni sob um "superintendente" com autoridade espiritual mas não administrativa sobre o clero paroquial e, por sua vez, responsável ante o eleitor. O clero indigno ou reealcitrante foi expulso; garantiu-se a uniformidade do culto; foram confiscadas as propriedades monásticas, dotações dc altares e fundações similares, em parte para beneficio de igrejas e escolas paroquiais, mas bastante para o tesouro eleitoral. Numa palavra, a Igreja luterana estatal, limitada ao território da Saxônia e tendo todos os habitantes batizados como membros, substituiu a antiga Igreja governada, pelo bispo. Desse modo foram também organizados outros territórios da Alemanha evangélica. Para auxiliar na instrução religiosa popular, que uma década de confusão reduzira a deploráveis condições, Lutero preparou, em 1529, dois catecismos. O chamado *Caíecismo Menor* é um dos mais nobres monumentos da Reforma.[153]

Tal desenvolvimento das Igrejas territoriais pôde ter lugar graças às favoráveis condições políticas. Como prêmio, o imperador- tinha tremenda e custosa guerra pelo domínio da Itália. Seu irmão, Fernando, fora coroado, cur 3 de novembro, rei da Hungria, e desde então estava em luta com os turcos Era impossível interferência efetiva na Alemanha Mas a fortuna, favoreceu o imperador. Em G de maio de 1527 um exército imperial, contando com muitos lansquenetes alemães, se apoderou de Roma, encerrando o Papa Clemente VII no castelo de Santo Ângelo e sujeitando a cidade a. multas barbaridades. Desde que a boa sorte parecia estar voltada para a França na última parte de 1528, antes do fim desse ano as forças imperiais tinham imposto seu domínio O papa foi compelido a fazer a paz com o imperador, em Barcelona, a 29 de junho de 1529,[16] e a França abandonou a luta pela Paz de Cambrai, em 5 de agosto seguinte. A grande guerra que se ferira desde 1521 estava terminada. Carlos V, agora, podia dedicar sua atenção à supressão da revolta luterana.. Os chefes luteranos, por sua parte, não tinham sido totalmente felizes. Enganados por uma trama de Oto vou Pack, oficial da Saxônia dueal, o landgrave Filipe de Hesse e o eleitor João da Saxônia se convenceram de que os católicos pretendiam atacá-los, Filipe determinou se antecipar ao golpe, e quando se estava armando para isso, em 1528, a mentira foi desmascarada. O incidente resultou no agravamento das relações entre os dois grandes partidos.

14 *Ibid,* pp 202-205.
15 Kidd, pp 205-222.
16 *Ibid.,* p 246

Em tais circunstâncias (1ia inevitável que quando se reunisse o próximo Keichstag, em fevereiro de 1529, a maioria católica seria fortemente hostil para com os inovadores luteranos. Esse lieiclrstag ordenou, por decisão da maioria, que não poderia mais haver mudanças eclesiásticas; que o eulto romanista seria permitido cm terras luteranas; que todas as autoridades e ordens romanas teriam permissão de plenamente gozar de seus direitos anteriores, propriedades e rendas. Isso teria sido a abolição prática das igrejas territoriais luteranas. Impotentes para se oporem a esta legislação, os podercs civis luteranos representados no lieichstag apresentaram, em 19 de abril de 1529, formal protesto de importância histórica, *Proievlatio.* Dar nasceu o nome do partido — "Protestante"., Sustentavam-no João, da Saxônia eleitoral; Filipe de Hesse, Ernesto de Lüneburgo, Jorge de Brarrdenburgo-Ansbach, Wolfgang de Anhalt e as cidades de Estrasburgo, Ulm, Constança, Nuremberg, Lindau, Kempten, Memmingen, Nõrdlingen, Heilbronn, Isrry, São Galieri, Reutlingen, AVeissenburgo, Windsheim[17]

As perspectivas protestantes eram negras novamente e a situação exigia uma união defensiva. Filipe de Hesse se propôs consegui-la.. Nesta critica conjuntura a causa da Reforma estava ameaçada pela divisão entre os reformadores da Saxônia e da Suíça e pela rápida expansão dos anabatistas.

17 Kidd, pp 239 245.

A REFORMA SUÍÇA

Embora fazendo nominalmente parte do Império, desde longo tempo a Sníea era praticamente independente Sen treze eantõcs estavam reunidos numa fraca confederação, mas, de fato, cada um era uma república com autogoverno. **Como** um todo/ o país era considerado o mais livre da Europa Seus filhos tinham grande fama como soldados e por isso eram muito procurados como mercenários, principalmente pelos reis franceses c os papas. Ainda que fosse inferior a situação cultural o humanismo penetrara nas maiores cidades, e nas décadas iniciais do século décimo sexto sua sede principal era Basiléia A reforma suíça teve suas origens no humanismo, iro autogoverno local, rro ódio às restrições eclesiásticas e na resistência aos impostos monásticos, especialmente orrcle os mosteiros tinham muitas terras,

ÍJlrieo Zuínglio, principal reformador da Suíça de língua alemã, nasceu em 1° de janeiro de 1484, em Wildhaus Seu pai era bailio da aldeia e se encontrava em boa posição., Um tio, deão de Wesen, colocou-o no caminho da cultura, o qual ele continuou em Basiléia e depois em Berna. Aqui foi dirigido pelo humanista Henrique Wolffín (Lupulus), desde 1498 a 1500 Durante dois anos estudou na Universidade de Viena, onde Conrado Oeltes gozava dc fama no conhecimento dos clássicos. De 1502 a 1506 continuou os estudos na Universidade de Basiléia, onde se graduou como bacharel, em artes em 1504, e o grau de mestre ele o recebeu dois anos depois Em Basiléia foi aluno do humanista Tomás Wyttenbach (1472-1526) Dele guardou grata memória por ter-lhe ensinado a única autoridade da Escritura, a morte dc Cristo como o preço único do perdão e a inutilidade das indulgências. Com tal ensino Zuínglio naturalmente se tornou humanista, ansioso de ir às antigas fontes da fé cristã, e crítico daquilo que os humanistas geralmente tinham como superstição. Jamais passou pela experiência espiritual profunda do pecado

e do perdão como Lutei o Sua atitude r eligiosa foi sempre mais intelectual e radical que a do reformador saxôrrico.

No ano em que recebeu o seu segundo grau7 foi indicado, aparentemente pela influência do tio clérigo para pároco de Glarus, Ali estudou grego, fez-se pregador influente, o pôs-se ao emprego dos suíços como mercenários, salvo pelo papa Em 1513 recebeu uma pensão papal, desejoso que estava o pontífice de assegurai a continuação do apoio militar da Suíça Acompanhou os jovens de sua paróquia como capelão, em várias campanhas italianas Manteve correspondência com Erasmo e outros humanistas Ampliava-se seu conhecimento do mundo, e conheceu a vida sob vários aspectos[1]

Zuiugiio estava patiioticamente convencido do mal moral do serviço mercenário, A Franca, porém, desejosa de alistar soldados suíços, trouxe tais perturbações à sua paróquia de Glarus que ele, sem resignai o posto, tiansíeriu suas atividades, em 1510, paia o assaz famoso santuário de peregrinação de Einsiedeln A mudança trouxe-lhe o aumento da reputação como pregador e estudioso.. À este retiro em Einsiedeln, Zuínglio, sempre não querendo admitir que algo devesse a Lutero, atribuiu sua aceitação da posição evangélica As evidências que perduram, no entanto, indicam possuía pouco mais que atitudes humanistas avançadas. Nessa época, sua vida era não livre de recriminaçÕes pela quebra do voto de easiidade.

Sua oposição ao serviço militar aos estrangeiros e fama como pregador e erudito, fizeram fosse eleito pelo capítulo de Minster, em Zurique, como sacerdote do povo, posto que assumiu no começo de 151.9, Znrngiio começou ordenada exposição de todos os livros da Bíblia, iniciando com o Fvangelho de Mateus Também começou a ter eontacto com os escritos de Lutero. Atacado de peste, esteve às portas da morte. Ardorosamente pregou, contra o serviço merco nário, tanto que Zurique terminou (maio de 152.1) proibindo o costume[2] Aprofundou sua vida espiritual em virtude da aflição que lhe causou a morte de um irmão querido, em 1520 Nesse mesmo ano fez parar a pensão papal

Ainda que Zuhrglio tivesse, durante esse longo tempo, ido no rumo da lie for ma, foi em 1522 que sua vigorosa obra reformador a teve irrício. É interessante notar que o seu passo inicial não foi, como o de Lutero, a questão de como se tornar aceitável a Deus, mas a convicção de que somente a Bíblia é. obrigatória aos cristãos.

1 Kidd, pp *374* 380.
2 Kidd, pp 384 387

Alguns cidadãos quebraram o jejum quaresma!, citando a afirmação de Zuínglio de que só existe a autoridade da Bíblia sobre a justificação. **Ele,** então, no púlpito e com a pena, saiu em sua defesa O bispo de Constança, em cuja diocese Zurique estava enquadrada, enviou uma comissão para reprimir a inovação O governo civil do eantão decidiu que o Novo Testamento não impõe jejuns 110 entanto seriam observados por amor à **ordem** A importância desta resolução esta\a em que as autoridades civis praticamente rejeitaram a jurisdição do bispo e tomaram em suas mãos o controle das igrejas de Zurique.. Em agosto seguinte o burgomestre promulgou uma lei dizendo que somente seria pregada a pura Palavra de Deus. Assim, pois, o caminho para a Reforma foi totalmente aberto..[3]

Zuínglio cria que a autoridade final era a comunidade cristã, e que o exercício dessa autoridade se fazia pelos órgãos civis do governo devidamente constituído e agindo de acordo com as Escrituras Só é permitido ou admissível o que a Bíblia ordena ou aquilo cuja autorização se pode encontrar cm suas páginas. Foi assim que sua atitude para com as cerimônias e a antiga ordem de culto era muito mais r adical que a de Lutero. A situação em Zurique realmente era esta: o governo cantonal introduzia as mudanças que ele como fiel intérprete da Escritura e líder natural do povo, persuadia o mesmo governo a decretar. Então Zuíriglio iniciou um processo de educação governamental e popular, rro que teve grande êxito.. Instigado por ele, o governo cantonal ordenou, em janeiro de 1523, urna discussão pública em que a Bíblia somente seria a pedra de toque.. Para tal debate Zuínglio preparou sessenta c sete breves artigos, afirmando que o Evangelho não tira sua autoridade da Igreja, a salvação é pela fé, negando o caráter sacrificial da missa, a salvação pelas boas obras, o valor intercessório dos santos, a obrigatoriedade dos votos monásticos, a existência do purgatório Declarou, ainda, ser Cristo a única cabeça da Igreja e advogou o casamento dos clérigos. Do debate resultou que o governo o declarou vencedor, ao afirmar que não fora convencido de heresia, e ordenou que continuasse pregando. Isto representou o endossamento de seu ensino.

Vieram rápidas as mudanças. Sacerdotes e monjas casavam Batizados c enterros deixavam de ser pagos.. Um segundo grande debate, em outubro de 1523, foi realizado. E Zuínglio e seu clérigo associado, Lco «Jud (1482-1524), atacaram o uso de imagens e o

3 *Ibid,* **pp 387 408..**
4 **Kidd, pp 408-423.**

caráter saerificial da missa O governo estava com eles, mas agiu com cautela[5] Em janeiro de 1524 efetuou-se o terceiro grande debate» Aos defensores da antiga ordem foi apresentada a escolha — conformidade ou banimento Em junho e julho desse mesmo ano foram eliminadas imagens, relíquias e órgãos. Em dezembro foram, confiscados os estabelecimentos monásticos e suas propriedades foram usadas com sabedoria sendo a maioria empregada para servir de sede a excelentes escolas» A missa continuou até a Semana Santa de 1525, quando também foi abolida A transformação foi completa. A jurisdição episcopal tinha sido abandonada» os ofícios eram feitos em alemão, o sermão era o centro, as doutrinas e cerimonias características cia velha ordem desapareceram[4'] Zuínglio explicou e justificou estas mudanças em sua principal obra teológica: *Comenta/ io sobre a Falsa e a Verdadeira Religião,* datada de 1525. Entretanto, em 2 de abril de 1525 publicamente casara com Ana Keinhard, uma viúva a quem seus amigos, não sem muita crítica e nmrmutações, consideravam sua esposa desde 1.522 Durante esse tempo todos os papas não interferiram efetivamente nos assuntos de Zurique principalmente pelo motivo da importância política da Suíça nas guerras. O bispo.de Constança fizera o que lhe fora possível, mas sem êxito.

Naturalmente Zuínglio acompanhava com atenção a sorte da \ evolução eclesiástica em outras partes da Suíça e regiões alemãs limítrofes, auxiliando no possível Basiléia, onde a autoridade civil alcançara larga influência nos assuntos eclesiásticos antes da revolta, foi gradati vãmente atraída para a causa evangélica, especialmente por João Ecolampadio (1482-1531), que ali trabalhou continuamente desde 1522 A missa foi abolida em 1529» Ecolampadio e. Zuínglio eram amigos íntimos Berna, o maior dos cantÕes suíços, foi ganho para a Reforma em 1528, após muito trabalho preliminar, por rrm debate público enr que Zuínglio tomou parte[7] São Gallen, Sehaffhausen, Glarus e Mülhausen, na Alsácia, também o foram De grande importância a tendência revelada pela grande cidade alemã de Estrasburgo ao ponto de vista zuingliano mais que ao luterano. Na referida cidade o movimento evangélico, cemeçado em 1521 por Mateus ZelI (1477-1548), foi valentemente levado avante, a partir de 1523, por Wolfgang Capito (1478-1541) e pelo hábil e pacífico Martinho Bucer í 1491-.1551). Entanto só se completou em 1529.

5 *Ibid,* pp 424-441.
6 Kidd, pp 441-450
7 *lbid.ı* pp 459 464

Zuínglio e Lutero estavam, sob muitos aspectos, substancialmente de acordo, mas eram temperamentos distintos, e suas experiências religiosas tinham sido deveras diferentes Lutero "vislumbrou seu alvo através de profunda luta espiritual, luta que emolveu um sentido transformador da relação entre sua alma e Deus O outro, percorrera, a senda humanista, indo, porém, bem mais longe que muitos humanistas Sua ênfase era bem diferente da de Lutero Para Zuínglio, a vontade de Deus, mais que o caminho da sahação, era o fato central da teologia Para Lutero, a vida cristã era a vida de liberdade do filho perdoado Para Zuínglio era muito mais vida de conformidade à vontade de Deus, como estabelecido na Bíblia

A natureza de Zuínglio era .intelectual e critica Pm ponto algum da doutrina cristã sua divergência corri Lutero era mais visível que na Interpretação da Ceia do Senhor Infelizmente essa divergência terminou em rompimento nas fileiras evangélicas Para Lutero, as palavras de Cristo: liste é o meu corpo" sei iam verdade literal No mais profundo do seu sentir religioso ele. via na participação de Cristo o mais seguro penhor da união com Eíe e do perdão dos pecados, do que a Ceia era a continuação da promessa divina Entanto, desde 1521, uni advogado alemão Coinélio línen, sustentava que a interpretação seria esta: "Isto significa o meu corpo[1]' A tese de líoen chegou ao conhecimento de Zuínglio em 1523, e confirmou a interpretação simbólica para a qual se inclinava. Desde então negou a presença física de Cristo na Ceia e enfatizou seu caráter memorial e seu significado de elo numa congregação de crentes, em comum atestando lealdade a seu Senhor. Até 1524 as interpretações rivais tinham provocado amarga controvérsia através de panfletos, na qual tomavam parte Lutero e Puigenhagen de um lado e Zuínglio e Ecolampadio de outro, com seus respectivos partidários A mais importante obra de Lutero foi de 1528 — *{Grande) Confissão a respeito da Ceia do Senhor,* Em ambos os lados a caridade era escassa. Para Zuínglio, a afirmação de Lutero sobre a presença física de Cristo era um remanescente sem razão da superstição católica. Um corpo físico só pode estar em um lugar Para Lutero, a interpretação de Zuínglio era pecaminosa exaltação da razão sobr e a Escritura. E procurava provar a presença física de Cristo em dez mil altares com a asserção escolástica, derivada grandemente de Oeeam, de que as qualidades da natureza divina de Cristo, incluindo a ubiqüidade, haviam sido comunicadas à Sua natureza humana. Lutero estava interessado, também, na participarão

do crente ao lodo divirio-hurnano de Cristo e7 assim, evitar qualquer desmembramento de Sua pessoa. E dizia que Zuínglio e seus apoiadores não eram cristãos.. Zuínglio afirmava que Lutero era pior que Eck, o campeão do romanísmo. As idéias de Zuínglio, porém, foram acolhidas não apenas na Suíça de fala alemã mas em muitas partes do Sudoeste alemão Regozijava-se o partido romano com esta evidente divisão das forças evangélicas

Politicamente Zuínglio era o melhor dotado dentre, os reformadores, e criou planos de vasto alcance que, 110 fim, nada resultaram.. Os antigos cautões rurais -— Cri, Schwvz, Unter walden e Zug - eram fortemente conservadores e fizeram oposição às mudanças de Zurique.. Lucerna os acompanhava, formando com eles um forte partido romano Em abril de 1524 constituíram uma liga para resistir aos hereges Com o fito de anular os esforços desta liga e levar a pregação evangélica a territórios mais amplos Zuínglio fez a proposta de que **Zurique** se aliasse com a França e a Sabóia, e iniciou negociações com o deposto Duque de Ulrich de Wurtemberg. Não teve êxito Mais feliz foi ao intentar a organização da "Aliança Cívica Cristã", nos fins de 1527, entre Zurique e Constança [8] **A** essa liga aderiu em 1528, Berna e Gallen, em 1529 Biel, Mulhausen, Basiléia e Schaffhausen No ano seguinte também dela passou a fazer parte Estrasburgo. Entanto essa liga não teve as proporções desejadas por Zuínglio.. Como foi organizada, era fator de divisões na unidade suíça, e os cautões conservadores romauistas formaram a " União Cristã" e, £m 1529, firmaram aliança com a Áustria. Começaram as hostilidades. Entanto o auxílio austríaco ao partido romano era insuficiente, e a 25 de junho de 1.529 foi feita a paz entre os dois partidos, em Kappel. Seu termos foram muito favo ráveis a Zurique e aos zuinglianos..[9] Foi abandonada a aliança com a Áustria

Zurique estava no ápice de seu poder e era por todos considerada como a cabeça política da causa evangélica. Todavia a paz fora apenas uma trégua e, em 1531, quando Zurique pretendeu forçar a pregação evangélica nos cantões romanos, impedindo o envio de alimentos para eles, mais uma vez a guerra teve de começar. Zurique, a despeito dos conselhos de Zuínglio, não se preparou convenientemente para a luta. Os cantões romauistas agiram rapidamente. Em 1.1 de outubro de 1531 derrotaram os homens de Zurique, na batalha

8 Kidd, p 469
9 *ibid,* p 470

de Kappel Entre os mortos estava Zuíuglio, Na paz que se seguiu[10] Zurique foi forçada a abandonar suas alianças, e cada cantão teve o direito mais amplo de regular seus assuntos religiosos internos O progresso da Keforma na Suíça de língua alemã foi permanentemente interrompido, e as linhas traçadas são. na essência, ainda as de hoje.. Na liderança da igreja de Zurique, mas não em suas ambições, Zuíngjio foi substituído pelo liábii e conciliador Henrique Bullinger (3504-1575). O movimento suíço, como um todo, iria ser modificado e grandemente desenvolvido pelo gênio de Ca.lvino.. As igrejas que dele dizem ser filhas espirituais e, por conseguinte também de Zuínglio, tomaram, por fim, o nome de "Reformadas'[7], para se distinguirem das "Luteranas".

10 *Ibid.*, pp 47S 476

ANABATISTAS

Já foi dito, ao falar em KarJstadt, que alguns dentre os que trabalharam com Lutero no inicio concluíram ser ele apenas meio reformador. Alais ainda se disse, no mesmo sentido, das experiências de Zumgiio. Entre os mais favoráveis ás inovações em Zurique estavam Cornado Grébel e Eélíx Manz Os dois pertenciam a famílias de projeção na cidade e eram humanlsticamente bem preparados, Juntamente com outros, estes cedo acharam que a liderança de Zuíngüo na aplicação dos princípios bíblicos às práticas de Zurique era por demais conservadora Tais pessoas apareceram pela primeira vez com evidência no segundo grande debate, outubro de 1523 (p 35). Nessa ocasião pediram a imediata abolição das imagens e da, missa — atos para os quais as autoridades do cantão ainda não estavam de todo preparadas Um dos mais capacitados nesse debate foi Balt.asar Hubmaier (1408?-l528), que linha sido aluno e depois colega e amigo de Eek, o oponente de Lutero, uras, nesse tempo, pregador em Waldshut, no extremo norte da Suíça. Trazido às idéias evangélicas pelos escritos de. 1 micro, em 1522, foi sempre exigindo, com êxito, reformas em sua cidade. Já em maio de 1523 estava pondo dúvidas no batismo de crianças e sobre isso discutiu com ZuíngÜo o qual, nessa ocasião, segundo seu próprio testemunho, simpatizou com ele.. Sua crítica se baseava na ausência de base escriturística para o batismo infantil.[1] Em 1521 Grébel e 'Manz chegaram à mesma conclusão," mas só no começo de 1525 puseram a teoria em prática

Suas críticas levaram, em 17 de janeiro de 1525, a um debate prrblico com Zuínglio.. O resultado foi as autoridades cantonais de Zurique, em 18 de janeiro, ordenarem o batismo de todas as crianças — evidentemente houvera demora da parte de alguns pais - e determinaram, principalmente a Grébel e a Manz, que a disputa fosse

1 Kidd, p 451.
2 *Ibid,* p 452

terminada e baniram o sacerdote de Wytekon, Guilherme Rdubli, e outros membros do grupo. Para eles isso pareceu determinação de autoridade terrena contrária à Palavra de Deus Eles e alguns amigos se reuniiam, provavelmente em Zurique, na casa de Eéüx Man/., à tarde de 21 de janeiro de 1525. Depois de orarem, Jorge Blarnock pediu que Conrado Grébel o batizasse Acedeu este ao seu pedido e então Blaurock passou a batizar os outros

Na semana seguinte vários membros do grupo efetuaram reuniões de reav ivarnento na aldeia de ZoUikon, x>erto de Zurique Encontravam-se *em* casas particulares para orai Os (pie passavam pela experiência da regeneração eram batizados por aspei são Assim, tendo instituído o batismo dos crentes, passaram a celebrar sua qualidade de membros na companhia de Cristo pela simples observância da Ceia do Senhor.. Algumas semanas após ocorreu run caso de batismo por imersão e, depois da Páscoa, líubmaier foi batizado em Waldsbut, por Rdubli [4]

Com tais atos os grupos constituíram comunhões separadas. Seus oponentes os apodaram "anabatistas", ou rebatizadores. Na verdade, desde que negavam a validade de seu batismo na infância, o título era inadequado. Batista" seria a designação apropriada Corno este, porém, é nome reservado por longos anos a notável movimento da época da Reforma, guarde-se. por conveniência, o nome comum. O governo de Zurique, em março de 152G, ordenou fossem afogados os anabatíst.as. parodiando horrendamente sua crença Em. 5 de junho de 1527 Manz foi assim rruirtii izaclo Grébel escapou só porque morrera de praga, um pouco antes Zuíuglio a eles se opôs com erreamiçamento, mas pouco conseguiu para. demovê-los de sua posição [6]

Grébel e seus amigos dele difer iam não apenas na maneira como viam a prova da fé cristã no díscipulado de Cristo que, assim o sentiam, deveria ser demonstrado no renascimento ou despertamento espiritual e expresso em vida de santidade Mas particularmente na importância de sua oposição ao uso da força em assuntos de fé e seu abandono das exigências do tempo antigo da uniformidade religiosa corno garantia da. paz e da ordem públicas. Recusaram-se a ter qualquer compromisso nas igrejas estatais do tipo que Zuíuglio estabelecera em Zurique e como eram elas em outros centros da

3 *Ibid,* pp 453, 454 .
4 *Ibid*, pp 454, 455
5 Kidd, p 455
6 *Ibid* , pp 456-458

Keforma.. Preferiram conserv ar se apartados. em comunidades' li vre.s e em seus próprios conventieulos Foram os primeiros a fazer separação entre Igreja e Estado, E por seu não-eonformismo é que foram objeto de perseguição. Seu sectarismo foi interpretado como expressão de hostilidade â sociedade constituída..

Hubmaier criou uma grande comunidade ana batista em Waldshnt Mas o seu maior triunfo na propagação de suas íderas foi alcançado com a pena Segundo ele, a única lei da Igreja é a Bíblia e, conforme a ordem da Escritura, o progresso cristão se faz pela pregação da, Palavra, pelo ouvir crer-, batizar e trabalhar — este último sig nificando viver tendo a Bíblia como lei Mas Waldshnt, no entanto, logo foi envolvida na revolta dos camponeses — não se sabe até que ponto sob a influência de Hubmaier — e compartilhou do fracasso desse movimento. Então Hubmaier teve de fugir e a cidade tornou ? ser católica. Preso e torturado em Zurique, escapou para a Morávia, onde propagou com muito êxito o anabatísmo,

Estas perseguições resultaram na expansão da propaganda ana batista na Alemanha, Suíça e Países Baixos, He imediato o movimento tomou grandes proporções, especialmente entre as classes mais baixas, no momento em que o fracasso miserável da revolta dos camponeses causou profunda desconfiança para com a causa luterana, então completamente associada com os príncipes territoriais e ma gistrados aristocráticos das cidades, Nas partes ainda católicas do império,a propagarrda anabatista praticamente suplantou a luterana.. Os governadores territoriais, de começo, procuraram parar o movimento lançando leis contra ele, como as autoridades de Zurique haviam feito. Peruando da Áustria foi o primeiro a assim agir* e seu irmão, o Imperador Carlos Y, o apoiou (4 de janeiro de 1528), A despeito, no entanto, de que muitos deles foram vítimas dessas proibições, os anab-atistas cada vez mais se tor naram agitadores Então as dietas de Espira (1529) e de Augsburgo (1530), a assembléia dos estados alemães, tanto católicos romanos como protestantes, aplicaram a eles a velha ler romana contra a heresia. Daí, alguns membros de grupos anabatistas foram punidos com a morte. Em territórios católicos romanos, principalmente rra Áustria e na Ba viera, esta lei agora restabelecida foi executada com extrema severidade... Nos países evangélicos os anabatistas não foram tratado?, como liereges, mas como sedieiosos, Não querendo se conformar com a ordem eclesiástica estabelecida, tinham oportunidade de emigrar Mas, diante da recusa de saírem e continuando publicamente a prp-

fessarem sua fé, então eram considerados corno perturbadores da paz e punidos com prisão ou morte. Somente em Jlesse, Wurttenberg e Estrasburgo foram evitados "julgamentos sangrentos".

A expansão anabatista partiu de três centros: Suíça, Sul da Alemanha e Mora via..

Quando Zurique começou a suprimidos, os antigos convertidos naturalmente levaram sua fé a outras partes da Suíça Muitas congregações anabatistas logo foram estabelecidas nos altos vales alpinos, Que cresceram bastante é prova a atitude que as autoridades públicas tomaram contra elas Em 2!) de dezembro de 1529, o Conselho da Cidade de Basiléia preparou uma discussão pública entre os pregadores evangélicos e os anabatistas e terminou proibindo o movimento. Em 1530-1531 três deles foram executados e muitos exilados.. No cantão de Berna realizou-se longa disputa com vinte e três anabatistas, de lᵘ a 9 de julho de 1532, ern Zoinigen Também aqui o resultado foi a condenação pública. Entre 1529 e 1571 quarenta foram publicamente executados. A situação era parecida nos cantoes de Appenzell e de Aargau O centro principal da propaganda anabatista na Suíça se tornou Grisons e a região ao redor de Chur O principal agente ali foi Blauroek, até ser queimado no Tirol, em 6 de setembro de 1529 Por muito tempo os anabatistas se mantiveram mui ativos ali, como se pode ver pela correspondência de Bullinger, sucessor de Zuínglio, um dos mais ardentes dos seus opositores através de escritos. De Grisons (Graubünden) os sectários estavam em contado permanente com amigos e simpatizantes na Morávia e Itália superior, especialmente Veneza

No começo, seu centro principal na Alemanha foi Augsburgo. Ilubmaier ali batizou Hans Denck (1495'M 527), em maio de 1526 E ele, por sua vez, pouco depois, batizou Hans líut que passou a organizar uma logo florescente congregação, conquistando vários membros de famílias aristocratas (em fevereiro de 1527 batizou Eitelhans Langenmantel) Em 20 de agosto de 1527 reuniu-se um sínodo (mais tarde denominado Sínodo dos "Mártires"), principalmente para enfrentar as idéias apocalípticas de Hut. Ele mesmo se dizia profeta, afirmando que a perseguição aos santos seria seguida pela destruição do império pelos turcos. No entretanto, os santos seriam reunidos e todos os sacerdotes e governantes indignos seriam por eles destruídos, enquanto Cristo visivelmente reinaria sobre a terra. A maioria rejeitou estas idéias e Ilut prometeu guardá-las para sí. O "sínodo" resolveu enviar evangelistas à Áustria, Salzbnrgo, Ba-

viera, Worms. Basiléia e Zurique.. Mas todos os enviados em breve sofreram a morte dos mártires Hans IIut foi aprisionado em Augs burgo c morreu por causa das queimaduras que sofreu ao procurar fugir, incendiando a prisão Mas em 7 de dezembro de 1527 seu corpo foi queimado publicamente. Denck se dirigiu para Basiléia, onde terminou a existência atacado de peste.. Poi das mais importantes figuras entre os anabatistas Com cultura humanista, veio a ser diretor da famosa escola de São Sebald, em Niuembeig Muito acatado, foi retirado de seu cargo em 1525 por demonstrar simpatia pelas idéias místicas de Münzer. Então aderiu aos anabatistas, provavelmente atraído pelo seu ideal do discipulado cristão e seu pacifismo. Suas idéias eram as de um místico espiritualista. Antes de sua morte, parece ter rompido todo contacto com os sectários por haverem rejeitado toda a organização visível da vida cristã Sua fé repousava sobre uma luz interior, acima de toda Escritura. Em Cristo encontrava o maior exemplo de amor e afirmava que uni cristão pode viver sem pecado. Seus escritos, marcados por magnífico cristianismo interior, demonstram que seus pensamentos foram nutridos pelas tradições do misticismo e do platonismo cristão, especialmente da "Teologia Alemã"

De 1528 até 1533 Estrasburgo foi o mais ativo centro anabatista alemão. Fundada possivelmente por Roubli, desde 1526 existia nessa cidade uma congregação desse tipo. Foi dirigida por Miguel Sattler, ex-monge de São Pedro, cm Friburgo, grandemente considerado por sua profunda piedade cristã. Os pregadores de Estrasburgo, especialmente Capito, Zell e sua esposa foram muito seus amigos Bueer, que viu nos anabatistas uma ameaça à comunidade cristã que ele cria dever- ser apenas uma, pensou poder convencê-los a abandonar seu sectarismo. Denck veio a Estrasburgo no inverno de .1.526 e reuniu muitos seguidores.- Em 22 de dezembro. Bucer teve com ele uma discussão pública.. Corrro resultado, Denck foi mandado embora, da cidade pelo Conselho. Pouco depois Sattler voluntariamente se retirou.. Em **21** de fevereiro de 1527 presidiu o concilio anabatista em Seblalt, com o objetivo de reunir os grupos suíço e suábio O concilio adotou sete artigos de fé, redat.ados por Sattler e que foram formulação bem característica das convicções anabatistas. Neles o batismo dos crentes é afirmado.. A Igreja é considerada como unicamente composta de associações locais de cristãos batizados e regenerados, unidos como corpo de Cristo pela observância comum da Ceia do Senhor. Sua única arma é a excomunhão K exigida absoluta

rejeição de toda "servidão da carne", tal eomo **o culto** das igrejas **romana,** luterana e zuingliana Cada congregação escolhe seus próprios **oficiais** e, por meio deles, administra sua disciplina. Quanto ao **governo** civil, diziam ser necessário ires te mundo imperfeito, mas o **cristão** nele não deve participar, nem tomar araras ou lançar **mão** da coerção, nem fazer qualquer trpo de juramento. Eis idéias que reapareceriam, em proporções variadas, mais tarde, entre os batistas, congregaeiorralistas e quacres.. E, por meio destes, tiveram grande influência no seu desenvolvimento na Inglaterra e na América Em seguida Sattler foi aprisionado pelas autoridades austríacas e posto na cadeia, em Rottenburgo (21 de maio de 1527).. Sua esposa foi afogada, A comunidade anabatista em Estrasburgo continuou a crescer, principalmente porque novos líderes vieram abrigar-se na cidade. Durante algum tempo a figura pr incipal foi Pilgrarrr Marpeck, engenheiro tirolês que construiu adutoras de água para a cidade de Estrasburgo e nela teve honrosa posição. Em 1531 e 1.532 os líderes evangélicos entraram com ele em respeitosa discussão, até que Marpeek foi mandado sair da cidade. Dirigiu-se a Augsburgo, onde continuou em atividade intermitente a favor de sua fé até morrer, cm 1546.. Marpeek defendeu suas convicções em bem trabalhados escritos, os quais só muito recentemente têm vindo à luz Por eles procurou justificar as doutrinas anabatistas na. base de estrito bihlieismo. Em 1542 escreveu urna espécie de eatecismo, sob o título *Vermahnung Oãer Taufbüchlein,* e durante a última parte dc sua vida (154.2-1546) lorrga réplica a Caspar Schwenckfeld (1489-1561), **o** principal pregador' de **uui** pietismo espiritualista entre os evangélicos alemães,

A partir de 1533 o governo de Estrasburgo tomou severas medidas contra os sectários faprisionamento), principalmente porque Melchior Hoffmann introduziu entre eles um apocalipsismo fanático. Este estranho homem nascido na Suábia e de profissão curtidor, caiu sob a influência de Lutero em Latvía, em 1523, Então se tornou pregador leigo, apresentando suas confusas idéias durante o tempo que trabalhou nos países báltieos Suécia, Dinamarca e Holstein, Nesses lugares esteve sempre em conflito com sacerdotes católicos romanos e pregadores evangélicos, No fim de 1529 apareceu em Estrasburgo e fez contacto com os anabatistas, A oposição destes às igrejas levou-o a desenvolver' original forma cie apoealipticismo, Ele a expôs em conexão com o livro da Revelação. E considerou Imicro, o "apóstolo dos começos", um Judas, e a si mesmo proclamou

"apóstolo do fim".. Pregou que o julgamento final viria em 1533. de Estrasburgo abarcando o mundo inteiro. Expulso da cidade, foi para os Países Baixos, onde se pôs a reunir os seguidores dispersos da Reforma, enchendo-os com a expectativa de que triunfariam enquanto os demais pereceriam pela violência Voltou a Estrasburgo, a "nova Jerusalém", em 1532. Bueer recebeu ordem de enfrentá-lo numa discussão pública, que foi realizada de 11 a 15 de julho de 1532» Seguro de si mesmo, desafiou o governo a aprisioná-lo. Em maio de 1533 seu desejo foi satisfeito E até sua morte, em 1543, esteve preso. Entanto, até o fim, permaneceu firme em suas convicções e na sua esperança.

Na Morávia, um dos maiores estados do Liechtensteins, foi que os anabatistas acharam refúgio. Em 1526 Baltasar Hubmaier fundou uma congregação em Nikolsburgo. E sob sua direção ela cresceu rápido. Milhares de fugitivos da Alemanha e do Tirol reuniram-se lá e formaram diversas comunidades. Hubmaier, que produziu mais 1 ratados (dezoito somente num ano!) que qualquer outro anabatista (praticamente todos eles tratando do batismo dos crentes) foi seu líder principal até que, em julho de 1527, foi entregue às autoridades austríacas. No dia 10 de março de 1528 foi queimado num poste, em Viena, e sua esposa afogada no Danúbio.

Havia muitas divisões entre os anabatistas moravianos Ao terminar 1526 realizou-se uma discussão entre Hans Hul e Hubmaier. em Nikolsburgo. Hut esperava o fim do mundo em 1528 e fez apologia de um pacifismo radical Hubmaier defendeu a necessidade do governo civil e advogou a submissão a esse governo, incluindo o dever de prestar serviço militar e o pagamento de impostos. A irmandade que estava ao lado de Hut fundou uma comunidade em Austerlitz, em 1528, que logo se desenvolveu e contou alguns mi lhares de membros. Criaram uma ordem social comunista, que só alguns aceitaram, provocando um ataque generalizado. Foram perseguidos por terem de todo abolido a propriedade privada, de maneira a terem todos os seus bens em comum. A comunidade de Austerlitz passou por muitas divisões e separações, até Jacó llutter, de 1529 a 1536, lhe dar firme organização, quando também ele foi martirizado, em Innsbruek Hut ter deixou a "Irmandade Hutterita" tão bem organizada economicamente que puderam manter sua ordem comunista até 1622 na Morávia e 1685 na Hungria e, ainda mais tarde, na Ucrânia, e desde 1874 nos Estados Unidos da América, onde até hoje existem grupos, especialmente em Dakota do Sul For-

íiiaram uma linha de enérgicos bispos os sucessores de Hivtlet: Haus Amon (1536-1542) ; Pedro Riedemamr (1542-1556), que escreveu notável livro, intitulado "Reehensehaft", uma das mais impressivas exposições da fé anabatista-, Pedro Walpot (J556-1578) e Claus Braidl (1585-1611).

Ao fim do período reformista, existiam congregações auabatistas, fora da Morá,via, na Suíça, Palathrado, Holanda, Frísia, Prússia " Polônia Na casa dos trinta e dos quarenta foram também ativos *no* Hesse e na Saxônia, as principais regiões luteranas, Filipe dc Hesse procurou tratá-los cora brandura. Os que foram presos e não quiseram abj tirar, foram banidos. A mais severa pena imposta foi a prisão.. O líder mais radical entre os auabatistas de Hess 3 foi Melchior Rink, antigo associado de Tomás Münzer Passou os últimos dez anos de sua vida no cárcere, onde morreu cerca de 1540. Um dos mais notáveis fatos na história do ariabatismo de Hesse foi a discussão (Gesprâch) que Bucer manteve com alguns deles, por ordem do Landgrave, de 30 de outubro a 2 de novembro de 1538, em Marburgo. Foi das raras ocasiões em que os crentes auabatistas foram compelidos a se renderem aos argumentos de seus oponentes e abandonar sua. fé.

Na Saxônia e na Turíngia foram suprimidos com vigor. Lutero, que injustamente os identificou com Karlstadt e Münzer, o "Sehwãrmer", os considerava pervertidos na fé, porque, em sua opinião, criam na salvação pelas obras e pela lei. O geralmente pacífico Melanchton foi feroz inimigo deles. Tinha-os como contrários à ordem política e social. O maior opositor literário dos auabatistas na Saxônia foi Justo Merrius Entre 1530 e 1544 publicou vários escritos contra eles, sendo os principais "A Doutrina e o Segredo dos Auabatistas Refutados pela Bíblia" e "Do Espírito dos Auabatistas".

O mais notável fato é que todas as últimas obras dos reformadores como, por exemplo, o "Comentário sobre a Epístola aos Gaiatas", de Lutero, publicado primeiramente em 1535, e a "Instituição", de Calvino, expunham a fé evangélica, de um lado, ern oposição ao catolicismo romano e, de outro, fazendo contraste com os anabatistas.

3

ESTABELECIMENTO 1)0 PROTESTANTISMO ALEMÃO

A conclusão feliz da grande guerra com a França e a reconciliação com o Papa Clemente YU, em 1529, deixaram livre o imperador para, por fim, efetivamente interferir nos assuntos da Alemanha. O Reichstag de Espira, nesse mesmo ano, alarmado com o progresso do luteranismo e a expansão dos anabatistas, e consciente das mudanças nos objetivos do imperador, proibiu novos avanços luteranos, e praticamente ordenou a restauração da autoridade episcopal romana, A minoria luterana apresentou protesto. Nesta situação ameaçadora, Filipe de Hesse procurou formar uma liga defensiva de todas as forças evangélicas da Alemanha e da Suíça., Os principais obstáculos foram as diferenças doutrinárias entre os dois partidos, mas Filipe esperava que uma conferência pudesse harmonizá-las. Ainda que Lutero fosse contrário, por fim concordou. E em I º de outubro de 1529, em Marburgo, no castelo de Filipe, Lutero e Melanchton se encontraram face a face com Zuínglio e Ecolampádio Estavam todos eles acompanhados de alguns dos guias menores de ambos os partidos. Nos dias que se seguiram transcorreu o colóquio de Marburgo. Lutero estava algo suspeitoso da falta de ortodoxia dos suíços com referência às doutrinas da Trindade e do pecado original; no entanto, o ponto crucial da diferença era a presença ou a ausência do corpo físico de Cristo na Ceia. Lutero sustentava com firmeza a interpretação literal das palavras: "Este é o Meu corpo". Zuínglio teimava no argumento comum de que um corpo físico não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Era impossível um acordo Argumentava Zuínglio que os partidos eram, antes de tudo, formados por irmãos cm Cristo, Porém Lutero declarou-se incapaz de aceitar alguém corno irmão na fé a menos que houvesse unanimidade nos artigos básicos dessa mesma fé. Sua fa-

mosa observação: "Tendes um espírito diferente do nosso[77],[1] no entanto, não foi dirigida a Zuínglio, inas a Butzer.

Com tudo isso, Filipe não perdeu a esperança numa liga defensiva e persuadiu os dois partidos a fazerem uma declaração de fé em quinze artigos. Em quatorze, todos estavam unânimes. Mas no décimo quinto, referente à Ceia, as diferenças apareceram pois concordaram em tudo, exceto no ponto sobre a natureza da presença de Cristo. Estes Artigos de Marburgo foram assinados por ambos os lados, mas com a ressalva de que "cada qual demonstraria amor cristão pelo outro até onde a consciência de cada um permitisse" [2] Lutero c Zuínglio se retiraram de Marburgo cada um certo de que fora o vencedor. Os luteranos então resolveram ingressar em confederações políticas somente na base de acordo confessional. Os "Artigos de Schwabach[77], preparados por Lutero e seus companheiros de Wittenberg, provavelmente em junho de 1529, serviam a tal propósito Sua maior significação para o luteranismo é, talvez, a declaração de que "a igreja não é nada mais que os crentes em Cristo que sustentam, crêem e ensinam os artigos acima enumerados". A concepção luterana original de que a Igreja é composta dos justificados pela fé, se transformara na daqueles que não só têm fé mas aceitam uma declaração doutrinária definida e exata, O eleitor da Saxônia e o margrave de Brandenburgo-Ansbach fizeram dos Artigos de Schwabach a norma da confederação política, Das grandes cidades do Sul da Alemanha, apenas Nuremberg estava disposta a aceitá-los A liga defensiva dos evangélicos que Filipe desejara, era impossível. Luteranos e suíços seguiriam seus caminhos, já que a divisão permaneceria.

Da Itália, onde se encontrava para ser coroado pelo papa, o imperador, em janeiro de 1580, enviou convocação ao Reichstag para se reunir em Augsburgo. Com inesperada amabílidade, e declarando ser o objetivo principal da reunião acertar as diferenças religiosas, prometeu ouvir com benevolência todas as representações. Tal convocação obrigou os- protestantes a uma explanação dc suas crenças e queixas das vellnis práticas; e eles se puseram a prepará-la [4] Lutero, Melanchton, Bugenhagen e Jonas formularam críticas às práticas romanas que, elaboradas por Melanchton, formaram a segunda parte, ou parte negativa da *Confissão de Augsburgo,* Pouco depois

1 Kidd, pp 247 254,
2 Kidd, pp 254-255,
3 Ibid, p 255.
4 ***Ibid.,*** **pp 257-259.**

Melanchton preparou os artigos afirmativos, que formaram a primeira. A Confissão foi lida em alemão diante do imperador, em 25 de junho de 1530. As assinaturas do eleitor João da Saxônia, do seu herdeiro João Frederico, do margrave Jorge de Brandcnburgo-Ansbach, dos Duques Ernesto e Franz de Brunswick-Lünenburgo, do landgrave Filipe de Hesse, de Wolfgang de Anlialdt e dos representantes de Nuremberg e Keuthingen a confirmavam Antes do encerramento do lieichstag, as cidades de Ileilbrorui, Kempten, Weissenburgo e Windsheim também deram sua aprovação [5]

Foi a Confissão obra principalmente do suave e conciliador Melanchton. Ainda que informado do curso dos acontecimentos, Lutero, continuando sob a interdição imperial, não podia ir a Augsburgo, e permaneceu em Coburgo Melanchton alterou seu rascunho e fez concessões até ser repreendido por seus correligionários protestantes. Entanto, não era só o espírito conciliador que movia Melanchton Seu propósito era mostrar que os luteranos não se haviam apartado da Tgreja Católica ou mesmo da Igreja Humana tal como se apresentava em seus primeiros escritores. Íí expressamente afirmada essa concordância, e muitas das antigas heresias são repudiadas pelo nome. Por outro lado, eram energicamente combatidos o zuínglianismo c o anabatismo. Em parte alguma c declarada a única autoridade da Escritura. Também o papado não é categoricamente condenado Não se menciona o sacerdócio universal dos crentes. Apesar disso, Melanchton imprimiu um tom protestante à Confissão como um todo. A justificação pela fé é admirável mente definida; são claras as notas protestantes da Igreja; são rejeitadas a invocação dos santos, a missa, a negação do cálice aos leigos, os votos monásticos.

Zuíuglio enviou ao imperador vigorosa exposição de suas idéias, a qual pouca atenção mereceu. Fato mais significativo foi a apresentação de uma confissão conjunta das cidades do Sul da Alemanha simpáticas ao zuinglianismo: Estrasburgo,, Constança, Memmingen *o* Lindau —- *Confissão Teirapolilana,* Em grande parte saída da pena de Butzer, «ela foi mantida uma posição intermédia entre os zuinplianos e os luteranos.

O legado papal, Cardeal Campeggio, aconselhou[6] fosse a Confissão examinada por teólogos romanos presentes em Augsburgo. O conselho teve aprovação do imperador. O principal dentre esses especialistas era Eck, o antigo ojKmente de Lutero. Melanchton estava

5 *Ibid,,* **pp 259-289; tradução cm ingks de Schaff,** *Credos da Crislandade,* **3:3 73 11 Kidd, pp 302-304.**

disposto a fazer concessões que poriam a perder toda a causa luterana»[7] Felizmente, porém, para a causa, os príncipes evangélicos eram de estofo mais rijo e não consentiram. Os teólogos católicos prepararam uma reíutação que lhes foi devolvida pelo imperador e pelos próprios príncipes católicos como demasiado polêmica» Ern 3 de agosto foi, por fim, levada ao Reichstag, mas em forma bastante abrandada,

O imperador ainda esperava a reconciliação As comissões do eonclave foram nomeadas. Sua obra foi vã, paia o (pie muito contribuiu a firmeza de Lutero.[8] A maioria católica proclamou que por decisão do Reichstag os luteranos haviam sido completamente refutados e pediu se lhes marcasse o dia 15 de abril de 1531 para se porem de acordo; que, em ação conjunta, se enfrentassem zuinglianos e anabatistas; que um concilio geral se reunisse dentro de um ano para sanar os abusos na Igreja O tribunal imperial reconstituído decidiria, em favor dos católicos, os casos de secular ização [9] Protestaram os luteranos, proclamando que sua confissão não havia sido refutada e chamando a atenção para a *Apologia* de Melanchtori, ou defesa da confissão» Esta fora por ele preparada apressadamente, quando percebeu a inutilidade de suas concessões.. A *Apologia,* escrita e publicada no ano seguinte (1531), veio a ser uma das obras clássicas do luteranismo.

Essa situação exigia uma união defensiva. O próprio Lutero, que dissera ser pecado opor-se pela força ao imperador, estava agora disposto a deixar a legalidade de tal resistência aos advogados. Os príncipes luteranos reunidos em Schma.lkalden, no dia de Natal, lançaram as bases de uma liga. Butzer, cujos esforços pela união foram ininterruptos, persuadiu Estrasburgo a aceitar a *Confissão de Augsburgo,* Essa adesão foi um exemplo de grande influência sobre as outras cidades do Sul da Alemanha. Finalmente, em 27 de fevereiro de 1531, foi completada a Liga de Schmalkalden. A Saxônia eleitoral, Ilesse, Brunswick, Anhalt e Mansfeld ficaram unidas em caráter defensivo com as cidades de Estrasburgo, Constança, IJlm, Reuthingen, Memrningen, Líndau, Isny, Biberach, Magdeburgo, Bremen e Lübeck.[10]

Forte como pudesse parecer a posição de Carlos V, na realidade não era tanto diante desta oposição unida. Os príncipes católicos

7 *Ibid..,* **pp 293-294**
8 *Ibid..,* **p 296.**
9 ***Ibid.,*** **pp 298-300**
10 **Kidd, p 301**

tinham ciúmes uns dos outros e do imperador. O papa temia um concilio geral,. A França merecia atenção. 0 dia fatal — 15 de abril de 1531 — transcorreu sem o temido fato. Em outubro de 1531, a morte de Zuínglio, em Kappel (p 39), provou o evangelismo suíço do seu vigoroso chefe e fez pender o protestantismo do Sul da Alemanha para uma união mais chegada com o de Wittenberg.. A primavera de 1532 trouxe novo perigo a todo o império — a invasão dos turcos. Em 1529 eles haviam cercado Viena, e, ante seu avanço, as diferenças religiosas, pelo menos em certa medida, deviam ser postas de lado. Em 23 de .julho de 1523 o imperador e a Liga de Schmalkalden assinaram a trégua de Nureinberg. For ela todos os processos em andamento sobre seeularização seriam suspensos, e assegurada paz aos protestantes até um concilio geral ou, ao menos, um novo Reichstag[11] Pouco depois Carlos V partiu da Alemanha para a Itália e a Espanha, só **retornando** em 1541. Ainda que precária, por certo a situação dos protestantes melhorara bastante

Agora o protestantismo estava conquistando rapidamente novos territórios Em 1534 Anhalt-Dessau, Hanôver, Frankfurt e Augsburgo haviam sido ganhos Ainda de maior importância foi a conquista para o protestantismo, por Filipe de Hesse, de Württemberg, Tirou-a Filipe do irmão do imperador, Fernando, e a restituiu a seu Duque Lllrich. Para isso contribuíram os zelos católicos com referência ao poderio da casa de Habsburgo. A morte do Duque Jorge, em 1539, foi seguida pelo triunfo do protestantismo na Saxônia ducal. No mesmo ano foi obtida a adesão cautelosa do Brandenburgo eleitoral.

Esta crescente vitória do luteranismo foi auxiliada pelo trágico episódio que ocorreu em 1534-1535 e que privou o arrabatismo de sua influência na Alemanha — a revolução de Münster. Eram os anabatistas, ern geral, pessoas pacíficas, até ignorantes, de pacienta persistência nas perseguições. Como um todo, o episódio de Münster não era típico deles. Entanto, apareceram entre eles líderes radicais como Melchior Iloffmann.

Sua pregação apocalíptica obteve muitos discípulos nos Países Baixos. Um deles, João Mathys, padeiro em Harlem, apresentou se como o profeta Heuoque, e logo espalhou fanática propaganda por todos os Países Baixos e partes vizinhas da Alemanha. Diferindo de Iloffmann, que esperava que Deus instaurasse a nova idade, Mathys

11 Kidd, pp 302-304.

pretendeu inaugunála pela força. As idéias democráticas e o descontentamento popular deram lhe a sua oportunidade.

Em parte alguma este novo ensino mais influenciou que em Mürrster, onde Bernt Rothmarm, pregador evangélico, aceitou as idéias anabatistas, em janeiro de 1534» Pouco depois para lá se dirigiu Mathys, com um alfaiate de Leyden, João Beukelssen. Agora se dizia que Deus rejeitara Estrasburgo por motivo de sua incredulidade, e escolhera Münster para ser a nova Jerusalém. Para lá acorreram radicais em grande número. Em fevereiro de 1534 alcançaram o governo da cidade e expulsaram os que não aceitaram a nova ordem» O bisjKj de Münster sitiou a cidade» Mathys foi morto em combate, João Beukelssen foi proclamado rei. A poligamia foi estabelecida. Tornou-se obrigatória a comunidade de bens. E toda a oposição foi sangrentamente abafada.,, A luta, ainda que mantida sob o aspecto heróico, era sem esperança O bispo, com o auxílio de tropas católicas e luteranas, tomou a cidade, em 24 de junho de 1535. Os chefes que sobreviveram foram executados com torturas cruéis. Para o anabatismo alemão foi uma catástrofe, Popularmente se julgou esse fanatismo característico dos anabatistas e o nome tornou-se ignominíoso. Para o luteranismo foi um lucro. Livrou a causa luterana da rivalidade anabaüsta, mas fez desse mesmo luteranismo, de maneira mais ciara, partido simpático aos príncipes e à classe média. Quanto ao movimento anabatista, caiu sob a liderança, especialmente nos Países Baixos, do culto, pacifico e nada fanático Menno Simons (1492-1559), a quem é principalmente devida sua digna reorganização, e de quem é derivado o termo "Menonita".

Carlos V jamais cessara de esperar e trabalhar por um concilio geral que sanasse as divisões na Igreja e efetuasse reformas administrativas, Nada conseguiu de Clemente VII» Paulo III (1534-1549), sucessor de Clemente, mesmo não sendo religioso de todo o coração, compreendeu melhor que Clemente a gravidade da situação criada pela Reforma. De imediato fez cardeais Gaspar Contarini (1483-1542), Jacó Sadoleto (1477-1547), Reginaldo Pole (1500-1558) e João Pedro Caraffa (1476-1559)„ Todos eram homens desejosos de reformas na moral, no zelo e na administração e que, em 1538, apresentaram ao papa longas recomendações para melhoramentos eclesiásticos.[12] Paulo III convocou um concilio geral, a se reunir em Mântua, em 1537. Antes da data mareada, nova guerra entre Carlos V e Francisco I da França (1536-1538) tornou impossível a

12 Kidd, pp 307 318»

reunião do concilio. Carlos tinha seu coração voltado para o concilio, e antes da hora de sua abertura ordenou aos lideres protestantes reunidos em Schmalkalden, em fevereiro de 1537, que dele participassem. A ordem imperial os colocou em posição difícil Entanto, de longo tempo falavam eles num concilio geral. Lutero pedira sua convocação desde 1518. No entanto, viram que estariam em minoria e recusaram participar num concilio numa cidade italiana, sob o domínio do papa.

Carlos viu que nessa altura um concilio era impossível Então experimentou realizar reuniões para discussão Tais reuniões foram efetuadas em Ilagenau, junho de 1540; Worms um pouco mais tarde, no mesmo ano; Katisbona, em abril do outro ano. I)o lado protestante tomaram parte, em uma ou mais reuniões, Melanchton, Butzer, Calvino e outros; do lado cãtólico, Eck, Contarini e também outros No entanto, foi tudo em vão. Eram por demais vitais as diferenças

Picou claro a Carlos *V* que a senda da conciliação era sem esperança, e que os protestantes não participariam num concilio geral, a menos que primeiro fosse reduzida sua força política e militar. Essa união de interesses protestantes não era menos perigosa à autoridade imperial em assuntos políticos, Estava ela quebrantando em definitivo a pouca unidade que ainda havia no império, Carlos, então, vagarosamente e com muita hesitação, foi desenvolvendo seu grande plano Convocaria um concilio. Bela força, reduziria o poder do protestantismo, de modo que ele seria levado a aceitar tal concilio como árbitro final. Daí, o concilio faria aquelas mínimas concessões necessárias à reunião da cristandade e corrigiria os abusos condenados tanto por católicos como por protestantes, Para a realização deste plano, primeiro devia assegurar três coisas: se possível, dividir politicamente a Liga de Schmalkalden; afastar o perigo de um ataque por parte da França; diminuir, pelo menos por algum tempo, a contínua ameaça de invansao dos turcos,

O propósito imperial de dividir os protestantes foi auxiliado por um dos mais curiosos episódios da história da Reforma. O landgrave Filipe de Ilesse, alma política da Liga de Schmalkalden, disposto a ir até o sacrifício pela causa protestante era, como muitos dos príncipes da época, homem de moral baixa. Ainda que consorciado de há muito com uma filha do Duque Jorge da Saxônia — que já lhe dera sete filhos — não tinha afeição por ela. Sua consciência estava tão perturbada pelos constantes adultérios, que só uma vez comungou entre os anos de 1526 a 1539. Demonstrava isso a preo-

cupação pela salvação de sua alma sem, contudo, melhorar seu comportamento. Durante anos alimentou a idéia de contrair um segundo casamento como solução x,ara suas perplexidades.. Grandes vultos do Antigo Testamento praticaram a poligamia, fim parte alguma do Novo estava ela proibida. Por que ele também não a podia praticar? Tais pensamentos foram incentivados por seu encontro com Margarida von der Saale, encantadora filha de dezessete anos de urna dama da pequena corte de sua irmã. A mãe consentiu mas sob a condição de que o eleitor e o Duque da Saxônia e alguns outros mais fossem informados de que seria um casamento de fato.. Sua primeira esposa também concordou. O próprio Filipe estava convicto da correção do passo que ia dar.. Queria, porém, para dar uma satisfação à opinião pública, a aprovação dos teólogos de Wittenberg. Então chamou Butzer, de Estrasburgo, a (piem em parte persuadiu c em parte assustou com ameaças de dispensa do imperador ou do papa,. Butzer concordou com seu plano. E Filipe o enviou como mensageiro a Lutero e Melanchton e ao eleitor da Saxônia, a fim de que apresentasse o caso como coisa abstrata, sem mencionar a pessoa com quem se projetava o casamento. Em 10 de dezembro de 1539 Lutero e Melanchton deram seu parecer, declarando que a poligamia era contrária à lei inicial da criação, que Cristo aprovara. Entanto, um caso especial exigia muita vez tratamento não conforme a regra geral. Se Filipe não podia reformar sua vida, era melhor casar como propunha do (pie continuar na vida que levava. No entretanto, o casamento deveria ser feito em absoluto segredo, de modo que a segunda esposa parecesse ser tão-somente uma concubina O conselho era totalmente mau, ainda que os re formadores de Wittenberg parecessem estar movidos por sincero anelo de beneficiar a alma de Filipe.

Filipe foi mais honrado que o conselho. Em 4 de março de 1540 casou com Margarida, numa cerimônia que, mesmo privada, não podia ser qualificada de secreta.. IJm pregador da corte presidiu à celebração do casamento. Melanchton, Butzer e um representante do eleitor formaram entre as testemunhas Ainda que tenham procurado guardar o caso em segredo, isso logo se tornou impossível.. Lutero só aconselhara "uma grande mentira"; mas Filipe foi másculo para declarar: "Não mentirei"..

O escândalo foi grande entre católicos e protestantes A bigamia era proibida pela lei do império IJm príncipe bígamo perderia sua coroa. Os demais príncipes evangélicos não defenderiam o ato de

Filipe ou prometeriam proteção aos seus resultados. O imperador viu neste easo a sua oportunidade. Km 13 de junho de 1541 teve um encontro com Filipe e este, como preço de não piores conseqüências, prometeu que irem pessoalmente ou como representante da Liga de Schmalkalden faria alianças com estados estrangeiros. As esperançosas negociações com a França, Inglaterra, Dinamarca e Suécia, (pie grandemente aumentariam o poder da Liga de Schmalkalden contra o imperador, tiveram de ser abandonadas. Pior ainda, Filipe teve de prometer não auxiliar o Duque Guilherme de Cleves, simpatizante da causa evangélica, cujos direitos sobre Gelders Carlos disputava. Como o eleitor da Saxônia era cunhado de Guilherme, e estava pronto a ajudá-lo, o resultado foi grave divisão na Liga, Essa divisão apresentou suas desastrosas conseqüências quando o imperador venceu Guilherme, em 1543, incluiu permanentemente Gelders em suas possessões e obrigou Guilherme a repudiar o lute ranismo. Esta derrota pôs a perder esperançoso intento de trazer para a causa protestante o grande arcebispado de Colônia.[13]

A sorte favoreceu Carlos no restante de seu programa Paulo III, em 1542, foi persuadido a convocar um concilio geral a reunir-se em Trento, cidade então pertencente ao império, mas praticamente italiana. A guerra obrigou a um adiamento Porém em dezembro de 1545 começaram então suas sessões, que teriam transcurso agitado e com interrupções até 1563. Com vagas e indefinidas promessas Carlos conseguiu, no Reichstag de Espira, em 1544, o apoio passivo e mesmo alguma ativa cooperação dos protestantes para as guerras contra a França e os turcos. A campanha foi rápida contra a França. O imperador, aliado com Henrique VIII, da Inglaterra, aproximou-se de Paris, mas, com surpresa da Europa, fez a paz com o rei francês, sem, pelo menos aparentemente, garantir as vantagens conquistadas. Na verdade, eliminara a possibilidade de interferência francesa ajudando, em futuro próximo, ao protestantismo alemão.[14] Os turcos, ocupados com uma guerra na Pérsia e em lutas intestinas, fizeram trégua com o imperador, em outubro de 1545. Tudo parecia ter trabalhado a favor de seu golpe contra o protestantismo alemão.

Enquanto as perspectivas ficavam escuras, Lutero morreu durante uma visita à sua cidade natal de Eisleben, em 18 de fevereiro de 1546, em conseqüência de um ataque cardíaco ou apoplexia. Desde muito sua saúde estava alterada. Andava entristecido com as questões

13 *Ibid,,* pp 350 354.
15 Kidd, pp 355-356

entre os reformadores, questões rias quais participara ativamente. Acima de tudo, magoava-o o fracasso da pura pregação da justificação só j)ela fé não transformar a vida social, cívica e política ao seu redor.. Estava confortado pela vida feliz 110 lar e pela plena confiança em seu Evangelho. A obra que iniciara ultrapassara a capacidade de um homem para controlá-la, ainda que homem bem dotado.. Ele não era mais necessário. Sua memória, no entanto, sempre seria honrada como a de uma das mais titânicas figuras da história da Igreja.

Carlos promoveu, antes de entrar realmente na guerra, mais divisões entre os protestantes. A Saxônia ducal se tornar-a totalmente protestante sob o Duque Henrique (1539-1541), mas seu curto reinado foi sucedido por seu jovem filho Moritz (1541-1553) De grande habilidade política, Moritz era um tipo difícil de entender- em virtude da época, empolgada por confessados motivos religiosos, mas muitas vezes na realidade políticos.. Nada lhe importavam as questões religiosas, cuidando apenas do seu progresso político,. Ainda que genro de Filipe de Ilcsse e primo do eleitor da Saxônia., João Frederico (1532-1547), Moritz entrou em atrito com o eleitor e não estava em boas relações corri Filipe. Em junho de 1546 o imperador conseguiu secretamente seu apoio pela promessa de para ele transferir a dignidade eleitoral de seu primo, 110 caso de ter êxito na guerr a, e outras concessões importantes. Então assim preparado, o imperador declarou João Frederico e Filipe sob interdito, por deslealdade ao império — Carlos desejava que a guerra parecesse mais política que religiosa. A Liga de Schmalkalden não estava adequadamente preparada. A defecção de Moritz foi um grande golpe. Ainda que no início a campanha fosse favorável aos protestantes, em 24 de abril de 1547 a Saxônia eleitoral foi esmagada na batalha de Míihlberg sobre o Elba, nela sendo aprisionado João Frederico. Filipe viu a causa perdida e se rendeu ao imperador Ambos os príncipes foram encarcerados Moritz recebeu o título de eleitor e a metade dos territórios de seu primo. Politicamente o protestantísmo estava subjugado. Somente algumas cidades do Norte, sendo a principal Magdeburgo, e alguns príncipes menores também do Norte ainda ofereciam resistência.

Entanto, fato digno de nota, o imperador que justamente agora derrubara politicamente o protestantísmo, não estava cru boas relações com o papa Paulo III, que o ajudara no começo da guerra, tinha voltado atrás, temeroso de que o feliz imperador se tornasse por

demais í'orte. Carlos desejava que o Concilio de Trente fosse devagar até que ele tivesse tornado os protestantes pronto a reconhecê-lo. Queria que fizesse poucas concessões, mas suficientes para acalmar os preconceitos protestantes. O papa, por sua vez, queria que o Concilio definisse rápido a fé católica e se dissolvesse. Em abril de 1546 fora difícil chegar a acordo no definir a tradição como sendo fonte de autoridade em matéria de fé..[15] Para diminuir a influência imperial, em março de 1547, o papa declarou o Concilio transferido para Bolonha, Negou-se o imperador a reconhecer a transferência e disse não estar sujeito às resoluções trídentinas já tomadas. Alguma maneira de acordo religioso devia ser encontrada, sob a qual a Alemanha pudesse viver até a reparação do cisma, que Carlos esperava do Concilio. O imperador nomeou uma comissão para preparaT um *ínterim* Era este essencialmente romano, mas concedendo o cálice aos leigos, permitindo o casamento do clero e ligeiramente limitando os poderes do papa. Os príncipes católicos recusaram-se a aceitá-lo. O papa o denunciou. Carlos abandonou a esperança de fazei- dele o programa de uma união temporária, mas conseguiu sua adoção em 30 de junho de 1548, pelo Reichstag, em Augsburgo, como aplicável aos protestantes. Com mão de ferro logo passou a fazer cumprir esse *ínterim de Augsburgo* Moritz da Saxônia prestara tais serviços à causa imperial, que lhe foi permitido introduzir algumas modificações, conhecidas como *ínterim de Leiyzig,* Afirmava ele a justificação somente pela fé, mas restabelecia muito do governo e usos romanos. Com relutância Melanchton o aceitou, considerando suas partes romanistas como "adiaphora", ou coisas não essenciais. Enfraquecido por isto, foi o *ínterim* acerbamente atacado pelos luteranos provocantes da inconquistada Magdeburgo, principalmente por Matias Elacius Illyricus (1520-1575) e Nicolau von Amsdorf (1483-1565). Muito fez Elacius para manter o luteranismo popular nesses negros tempos, mas as amargas querelas entre os teólogos luteranos haviam começado.

Superficialmente, no entanto, era como se Carlos estivesse se aproximando de seu objetivo, O Papa Paulo III morreu em 1549 e foi sucedido por Júlio III (1550-1.555), que se mostrou mais acessível ao imperador. O novo papa convocou o Concilio para se reunir de novo em Trento, e os teólogos protestantes realmente compareceram perante ele, em 1552. Na realidade, a Alemanha estava profundamente desgostosa; os protestantes gemiam sob o jugo imperial;

15 Kidd, pp 355-356

os príncipes católicos estavam enciumados do crescente poder de Carlos e de sua aparentemente bem sucedida tentativa de assegurar a sucessão imperial para seu filho, mais tarde o famoso Filipe II, da Espanha. Moritz da Saxônia não se conformava em que seu sogro, Filipe de Hesse, estivesse ainda na prisão» Além disso, percebera que já obtivera tudo o que podia esperar do imperador; que seus súditos eram luteranos e que somente como líder luterano contra o imperador sua ambição sem limites poderia alcançar outras recompensas.

A campanha contra a desafiadora Magdeburgo, feita em nome do imperador, deu a Moritz desculpa para levantar um exército. Foram feitos acordos com os príncipes luteranos do Norte da Alemanha» O auxílio do rei francês, Henrique II (1547-1551)), foi assegurado pela entrega das cidades limítrofes alemãs — Metz, Toul e Verdun» Carlos sabia do plano, mas nada fez para impedir sua realização» O golpe foi dado com rapidez Henrique invadiu a Lorena e tomou as cidades cobiçadas. Moritz marchou rapidamente rumo ao sul, quase capturando o imperador, qu« escapou fugindo de Innsbruck» Toda a estrutura que Carlos erguera, com tanto trabalho ruiu como um castelo de cartas, não tanto ante a força do luteianisrno, mas ante a independência territorial dos príncipes Em 2 de agosto de 1552 o Tratado de Passau terminou a breve luta.

Por este tratado, o acerto da questão religiosa foi referido ao próximo Reichstag. Mas ele só se pôde reunir três anos depois. As rivalidades entre os príncipes luteranos perturbavam a Alemanha. Moritz perdeu a vida na luta contra o indisciplinado margrave Alberto de Brandenburgo, em 1553. Carlos estava conscientemente indisposto a tolerar o protestantismo, mas reconhecia ser inevitável essa tolerância.. Então deu a seu irmão Fernando (eleito imperador só em 1580) plena autoridade para cuidar do caso O Reichstag se reuniu em Augsburgo. Os luteranos exigiram plenos direitos e a posse de todas as propriedades eclesiásticas já secularizadas ou as que o fossem. Pediram tolerância para os luteranos em todos os territórios católicos, mas ao mesmo tempo proclamaram não ter nenhuma nos seus próprios territórios. Tão extremas exigências naturalmente encontraram resistência. O resultado foi um compromisso, a Paz de Augsburgo, de 25 de setembro dc 1555 [16] Por suas disposições, direitos iguais foram dados a católicos e luteranos — outros evangélicos não foram reconhecidos. Cada príncipe leigo determinaria

16 Kidd, pp 363-364

qual das duas fés seria professada em seu território - - aos seus súditos uão foi dado escolher — e apenas uma fé seria permitida em cada território. Foi este o principio usualmente definido como *cujus regio, ejus reliyio*. A respeito das propriedades e territórios eclesiásticos, foi acordado que a situação ao tempo do Tratado de Passau seria a norma. Todos os que estavam na posse dos luteranos ficaram com eles. Porém, se um guia espiritual católico se fizesse protestante perderia sua posição e propriedades, assim se assegurando aos católicos a posse continuada de territórios espirituais não perdidos em 1552. Esta foi a "reserva eclesiástica".. Ao homem comum não contente com a fé do território onde vivia, era concedido o direito de mudar e livremente vender seus bens — grande avanço sobre a punição por heresia. No entanto sua escolha era somente entre catolicismo e luteranismo.

Foi assim que o luteranismo legalmente se estabeleceu A Alemanha ficou permanentemente dividida. O sonho de Lutero de purificação de toda a igreja alemã se desvaneceu, mas idêntica coisa se deu com a concepção católica da unidade visível.

Os antigos líderes desapareciam rapidamente. Lutero morrera nove anos antes. Melanchton viveria até 1560. Carlos V resignou sua posse dos Países Baixos em 1555; a da Espanha um ano depois, e se recolheu, em retiro, a Yuste, na Espanha, até que a morte o levou, em 1558.

PAÍSES ESCANDINAVOS

Dinamarca, Noruega e Suécia estiveram nominalmente reunidas sob um soberano desde a união de Kalmar, em 1397, A partir de 1460 Sehleswig-Holsteiri também esteve debaixo do domínio danes. Em qualquer destes países a coroa não tinha muita força. E em todos eles o alto clero era impopular, pois era tido como opressor. <Juase todos esses eclesiásticos eram estrangeiros, c todos viviam em rivalidade com a nobreza. Em parte alguma da Europa, inclusive & Inglaterra, seria a Reforma tão amplamente política. No início da Reforma o trono dinamarquês estava ocupado por Cristiano II (1513-1523), déspota culto e simpático ao Renasccntísmo. Percebeu ele que o grande mal de seu reino era o poder dos nobres e dos eclesiásticos. E, com o fito de limitar os nobres, introduziu o mo-Timento luterano no país. Em 1520 conseguiu um pregador na pessoa de Martinho Reinhard e como conselheiro, ainda que por pouco tempo, em 1521, a Karlstadt, Com a inspiração ao menos parcial deste, apareceu nesse mesmo ano uma lei que proibia apelos a Roma, reformava mosteiros, limitava a autoridade dos bispos e permitia o casamento do clero. Sua execução sofreu forte oposição. A hostilidade das classes privilegiadas, provocada de muitas maneiras por Cristiano LI, conseguiu depô-lo em 1523 e colocar no trono a seu tio, Frederico 1 (1523-1533).

Ainda que com inclinações para o luteranismo, Frederico foi forçado pelos partidos que o fizeram rei a prometer respeitar os privilégios dos nobres e a obstar qualquer pregação herética. Mesmo assim, o luteranismo penetrou no país Em Hans Tausen (1494-1561), que fora monge e estudara em Wittenberg, desde 1524 o luteranismo teve um propagandista acatado entre o povo. Em 1526 o Rei Frederico passou a proteger Tausen e fê-lo seu capelão. Nesse mesmo ano o rei tomou para si a confirmação das nomeações para o episcopado. Lei de 1527 legalizou esta iniciativa real, concedeu

tolerância aos luteranos e permitiu **o** casamento **do** clero.[1] **Tais** mudanças foram possíveis pelo apoio de grande parte da nobreza, que o rei conquistara dando cobertura aos seus ataques aos direito» e propriedades eclesiásticos Em 1530, o mesmo ano da *Confissão de Auysburgo,* Tausen e seus cooperadores levaram ante **o** Parlamento os "Quarenta e três Artigos de Oopenhague" No ano anterior tinha sido publicada uma tradução danesa do Novo Testamento (obra de Oristiano Petersen) e que foi muito bem recebida. Na ocasião em que os Artigos foram apresentados, nenhuma decisão foi tomada; rio entanto o luteranismo fez notáveis progressos até o falecimento de Frederico, em 1533.

A morte de Frederico deixou tudo em confusão De seus dois filhos, a maioria da nobreza apoiou o mais velho, Oristiano III (1536-1559), luterano confesso; mas os bispos apoiavam o mais moço, João. Seguiu-sc um insano período de guerra civil da qual saiu vitorioso Oristiano III, em 1536. Os bispos foram aprisionados, sua autoridade abolida e as propriedades da Igreja confiscadas pela coroa[2] Oristiano solicitou ajuda de Wittenberg, Em 1537 chegou Bugenhagen, companheiro de Initero. O reformador alemão ordenou sete superintendentes luteranos, cuja nomeação fora feita pelo rei. Receberam eles o título de "bispos", enquanto quem os ordenou era apenas superintendente, como se dizia em Wittenberg. A Igreja dinamarquesa foi, assim, reorganizada conforme o sistema luterano.[3]

A Noruega era um reino separado mas, por eleição, dirigido pelo rei danês. Durante o reinado de Frederico I a Reforma mal se fez sentir no país. Durante as lutas já citadas, o Arcebispo Olaf Engelbrektssòn de Trondhjem, chefe do clero norueguês, dirigiu um partido efêmero e fugiu do país quando Oristiano III venceu. A Noruega se tornou província dinamarquesa, e a nova constituição religiosa luterana danesa foi nominalmente imposta. No entretanto, Oristiano III foi muito negligente na pregação e superintendência na Noruega, no que resultou que a Reforma, imposta de cima, demorou muito a ganhar a simpatia popular

A mesma história se pode contar a respeito da distante possessão dinamarquesa da Islândia. Lentamente a Reforma foi ao seu encontro. O Bispo Gisser Einarsen de Skalhot, educado na Alemanha c simpático ao luteranismo, em 1540 começou uma reforma luterana con-

1 Kidd, p 234.
2 Kidd, **pp** 322-**328.**
3 *Ibid,,* **pp 328-335.**

servadora Nesse mesmo **ano** foi publicado **o** Novo Testamento em islandês. Em 1548 forte reação católica, chefiada pelo Bispo Jou Aresen de Ilolum, procurou afastar o jugo dariês Mas em 1554 a rebelião foi dominada e o luteranismo estabelecido obrigatoriamente, se bem que por muito tempo tenha sido escassa a aprovação popular.

Na Suécia, a Reforma esteve em grande parte ligada com **a** luta nacional pela index>endcncia. Cristiano II, da Dinamarca, encontrou decidida resistência aos seus esforços para conquistar o trono sueco» Gustavo Trolle, arcebispo de üpsaia, foi seu principal apoiador» Gustavo procurou do Papa Leão X aprovação da excomunhão de seus oponentes, ainda que a oposição fosse simplesmente política.. Em 1520 Cristiano II tornou Estocolmo e fez acompanhar sua coroação como rei da Suécia de um ato de tremenda crueldade. Reuniu os nobres, que de nada suspeitavam, para a cerimônia, e mandou matá-los, dizendo-os hereges excomungados. O Banho de Sangue de Estocolmo levantou a Suécia em rebelião contra Cristiano II. A revolta encontrou enérgico chefe em Gustavo Vasa. Os dinamarqueses foram expulsos e, cm 1523, Gustavo foi feito rei (1523-1560)

Entrementes, a doutrina luterana estava sendo ensinada por dois irmãos, que em 1519 haviam retornado de um período dc estudos em Wittenberg — Olaf (1497-1552) e Lars Petersson (1499-1573). Ambos trabalharam em Strengnãs, onde logo converteram o Arcediago Lars Andersson (1482-1552)» Em 1524 o Rei Gustavo favorecia amplamente estes líderes Andersson (Laurentius Andreac) tornou-se seu chanceler e Lars Petersson professor de teologia em IJpsala, Em 27 de dezembro de 1524, em Upsala, houve um debate entre Olaf Petersson (Olavus Petri), então pregador em Estocolmo, e o campeão romanista Pedro Galle Parece que a vitória foi favorável aos reformadores.[4] Em 1526 publicou Olavus Petri sua tradução sueca do Novo Testamento (com o auxílio do irmão também traduziu o Antigo Testamento, c toda a Bíblia foi publicada em 1541). Em parte o apoio do rei provavelmente foi devido às suas convicções religiosas, no entanto não menor parte foi motivada pela extrema pobreza da coroa, que Gustavo pensava poder remediar pela mais completa eonfiseação dos bens da Igreja. O rei deu o golpe no mês de junho de 1527 Na Dieta de Westerãs ameaçando resignar, o rei exigiu e obteve a entrega à coroa de todas as propriedades episcopais ou monãsticas que o rei não considerasse propriamente

4 Kidd, pp 155-164.

necessárias às obras religiosas. Ainda mais: a devolução aos herdeiros dos proprietários primitivos de todas as terras isentas de impostos adquiridas pela Igreja desde 1454 e a "pura" pregação da "Palavra de Deus". Foram feitas provisões para a reconstituição da Igreja sob a autoridade real.[5] Ainda que senhor da Igreja sueca e então possuidor da maior parte de suas propriedades, em matéria de religião Gustavo empregou seu poder com moderação. Muitos dos antigos prelados abandonaram o país. O ofício episcopal foi mantido, sc bem que agora os bispos fossem nomeados peJo rei. Em 1528 novos bispos foram sagrados, segundo os antigos ritos, pelas mãos do antiste Pedro Magni, de Westerás, que recebera sagração no tempo do catolicismo. Foi, pois, por meio dele que se creu ter a sucessão apostólica sido transmitida ao episcopado luterano sueco. O sínodo de Orebro, em 1529, tomou outras medidas reformadoras.[6] Nesse mesmo ano foi publicada uma fórmula de ofício, e em 1531 a "Missa Sueca". Ainda nesse ano Lars Petersson foi feito Arcebispo de Upsala, no entanto sem jurisdição sobre os bispos seus colegas — eles ficaram sob o poder real. Muitos do baixo clero aceitaram a Reforma e foram mantidos em seus cargos. Entanto, tais modificações introduzidas pelo poder real estavam longe de alcançar imediata aprovação do povo, e demorou a Suécia a se tornar totalmente evangélica. Seu tipo de luteranismo foi muito conservador na doutrina e na prática A reforma da Suécia ocasionou a da Finlândia, então incluída na monarquia sueca. A Igreja sueca passaria por um período de reação romanizante, de modo especial no reinado do filho de Gustavo, João III (1569-1592). Esse período terminou em 1593, quando o sínodo de Upsala formalmente adotou como credo da Suécia a *Confissão de Augsburgo.*

5 ***Ibid.,*** pp 234 236.
6 *Ibid ,* pp 236 239

REVOLTA NA SUÍÇA FRANCESA E GENEBRA ANTES DE OALVINO

Zurique era a potência mais forte no Norte da Suíça; no Sul, Berna. Esta última vivia em constante rivalidade com os Duques de Sabóia, mormente pela posse dos territórios de língua francesa nos arredores do Lago de Genebra, A aceitação das idéias evangélicas por Berna, em 7 de fevereiro de 1528 (' pág, 36"), levou o governo da cidade a procurar introduzir a Reforma nos distritos dependentes, estimulando a pregação de Guilherme Farei (1489-1565). Farei era natural de Gap, província francesa do Delfinado, Estudando em Paris, caiu sob a influência do reformador humanista Jacques Le-Fèvre, de Etaples. Km .1521 pregava sob os auspícios do reformador moderado Guilherme Briçonrret, bispo de Meaux Orador de fogosa veemência, intensa sentimentalidade e voz estentórica, em breve teve de deixar' a França por estar pregando a Reforma. Em 1524 se encontrava em Basiléia, falando sobre o mesmo tema. E foi tal sua impetuosidade que terminou expulso.

Nos meses seguintes viajou sem destino c visitou Estrasburgo, onde conquistou a amizade de Butzcr. Km novembro de 1526 iniciou seu trabalho na Suíça de fala francesa, em Aigle, onde o governo de Berna o defendeu, ainda que ela mesma não estivesse de todo entregue à Reforma.[1] Com a vitória completa das novas idéias em Berna, a obra de Farei foi avante. Em 1528 Aigle, Ollon e Bex adotaram a Reforma, destruindo imagens e pondo fim à missa,[2] Depois de em vão procurar invadir Lausana, começou, em novembro de .1529, tempestuoso ataque a Neuchâtel, que deu como resultado a implantação da Reforma ali.[3] Em 1530 conseguiu o mesmo em Morat.[4] Entanto, em Grandsori e Orbe que, como Morat, estava sob

1 Kidd, PP 477-481,
2 Kidd, pp 481-482
3 *Ibid ,* pp 483-489
4 *Ibid.,* p 489

o governo da protestante Berna e da católiea Friburgo, apenas conseguiu tolerância para ambas as formas de culto [5] Em setembro de 1532, atendendo a um convite, visitou um sínodo de valdenses, nos altos vales dos Alpes Cotianos,, e dessa visita resultou a aceitação da Reforma por grande número deles.[6] Em outubro fez uma tentativa, que fracassou, de pregar a Reforma em Genebra.[7] Em qualquer lugar Parei enfrentava a oposição com indômita coragem, por vezes com risco da própria vida e até sofrendo ofensas físicas. Ninguém, no entanto, podia ficar indiferente à sua presença marcante.

À chegada de Farei, Genebra atravessava uma crise revolucionária. Situada numa ativa rota comercial através dos Alpes, era uma enérgica comunidade mercantil, intensamente ciosa de seus interesses e liberdades, mas de padrões morais inferiores mesmo sendo numerosos seus mosteiros e fundações eclesiásticas. As liberdades genebrinas se mantinham com grande dificuldade contra os abusos do poderoso Duque de Sabóia. Ao inicio do século décimo sexto três poderes compartiam o goveriro da cidade e aldeias das proximidades — o bispo; seu *vicedomdnus,* ou administrador temporal; os cidadãos. Estes se reuniam anualmente, na Assembléia Geral, e escolhiam quatro "síndicos" c um tesoureiro Além da Assembléia Geral, os cidadãos eram governados por um Pequeno Conselho de vinte e cinco membros, do qual faziam parte os "síndicos" do ano corrente e os que haviam servido como tais no ano anterior. Questões de alta política eram discutidas por um Conselho dos Sessenta nomeados pelo Pequeno Conselho. Em 1527 o* Conselho dos Duzentos foi criado. Seus membros incluíam o Pequeno Conselho e cento e setenta e cinco outros, eleitos por esse corpo central. Os agressivos Duques de Sabóia tinham nomeado os *vicedominus* desde 1290 e controlado o bispado desde 1444, A luta, pois, era pela liberdade dos cidadãos contra os interesses dos da casa de Sabóia, representados j)elo bispo e os *viceão miniis.*

Em 1519 os cidadãos de Genebra fizeram uma aliança defensiva com Friburgo, mas o Duque Carlos III, de Sabóia, ganhou de mão e o patriota genebrino Philibert Berthelier foi decapitado. Sete anos após Genebra renovou a tentativa, agora aliando-se com Berna e também com Friburgo. Em 1527 o Bispo Pedro de la Baume abandonou a cidade, que não podia mais controlar, e totalmente se ligou

5 Ibid, pp 489-491.
6 ibid, pp 491-492,
7 *Ibid ,* **pp 492-494.**

aos interesses de Sabóia. A autoridade dos *vwedominus* foi repudiada. O Duque Carlos atacou a destemida cidade, mas Berna e Friburgo vieram em seu auxílio, em outubro de 1530, e ele teve de prometer respeitar as liberdades de Genebra [8] Até então em Genebra havia pouca simpatia pela Reforma, mas Berna era protestante e muito desejava ver nela estabelecida a fé evangélica.. Em 9 de junho de 1532 foram afixados cartazes que criticavam as pretensões papais e apresentavam a doutrina reformada» Mas Friburgo, aliada de Genebra, era católica e o governo de Genebra negou qualquer tendência pelo luteranismo,[9] No seguinte mês de outubro, como já sc viu, chegou Farei, mas não pôde permanecer na cidade. Então enviou seu amigo Antônio Froment (1508-1581) que achou colocação como mestre escola e propagou a doutrina reformada sob esta proteção. Em 1.° de janeiro de 1533 Froment teve a ousadia de pregar publicamente e disso resultou um alvoroto, Na Páscoa seguinte havia protestantes bastantes para se atreverem a celebrar a Ceia do Senhor, Em dezembro Farei retornou O governo genebrino estava em difícil situação. Friburgo, sua aliada católica, exigia fosse silenciado Farei, Berna, sua aliada protestante, insistia na prisão de Guy Furbity, principal defensor da causa romana,[10] Farei e seus amigos mantiveram um debate público c em 1,° de março de 1534 arrebataram uma igreja Pressionado por Berna, o governo rompeu a aliança com a católica Friburgo O bispo, então, armou tropas para atacar a cidade. Este seu gesto fortaleceu muito a oposição genebrina, e em 1.° de outubro de 1534 o Pequeno Conselho declarou vago o bispado, ainda que Genebra estivesse longe de ser predominantemente protestante,[11]

No ano seguinte, Farei, incentivado pelo feliz resultado de uma polêmica pública em maio e junho, empregou-se em ações mais fortes. Em 23 de julho de 1535 se apoderou da igreja de La Madeleiue e em 8 de agosto da própria Catedral de São Pedro Uma onda iconoclasta varreu as igrejas Dois dias mais tarde a missa foi abolida e rapidamente monges e monjas foram expulsos da cidade. Em 21 de maio de 1536 a obra. foi completada pelo voto da Assembléia Geral, que expressava sua determinação de " viver nesta santa lei evangélica e palavra de Deus".[12] Enquanto isso, o Duque de Sabóia

8 Kidd, pp 494-500„
9 ***Ibid.,*** pp 500-504.
10 Kidd, pp 504 508.
11 Ibid., pp 508-512
12 *Ibid*, pp 512 519.

feramente pressionava Genebra, mas em janeiro de 1536 por fira Berna poderosamente veio em seu socorro. Genebra viu desaparecer o perigo de Sabóia apenas para ver surgir outro perigo, o de cair sob o controle de Berna. No entanto, o destemor de seus filhos mostrou-se â altura da situação, e em 7 de agosto de 1536 Berna reconheceu a independência de Genebra,[13] A destemida cidade estava então livre e aceitara o protestantismo mais por razoes políticas (pie religiosas. Suas instituições religiosas precisavam ser reorganizadas, Farei sentiu-se incapaz para a tarefa, e em julho de 1536 obrigou um moço francês de seu conhecimento, em trânsito na cidade, a ficar e auxiliá-lo na obra,, Esse amigo era João Calvino.[14]

13 *Ibid.,* pp 519-521.
14 *Ibid,,* p 544.

JOÃO CALVINO

Nasceu João Calvino no dia 10 de julho de 1509, na cidade de Noyon, Picardia, cerca de cinqüenta e oito milhas a noroeste de Paris. Seu pai, Oérard Cauvin, homem que se fez sozinho, chegou ao posto de secretário do bispado de Noyon e procurador do capítulo de sua catedral. Teve Gérard a amizade da nobre e poderosa família de Hangest. que deu, no tempo dele, dois bispos a Noyon.. João Calvino teve relações muito chegadas com os jovens dessa família, e através dessas relações aprendeu as maneiras polidas da sociedade, que poucos reformadores tiveram. Pela influência do pai, Calvino recebeu os benefícios de certos cargos eclesiásticos em Nóyon e nas suas proximidades; o primeiro deles quando ainda não tinha doze anos de idade. Nunca., porém, foi ordenado. Provido assim de recursos, em agosto de 1523 pode ingressar na Universidade de Paris. Ali teve oportunidade de aprender bem latim com Mathurin Cordier (1479-1564), a quem ficou devendo as bases de seu estilo de grande brilho. Continuando seu curso, com ênfase especial, como era costume então, na filosofia e na dialética, Calvino completou seus estudos de pré-graduação no começo de 1528. Como estudante granjeou muitas e grandes amizades, notadamente na família de Guilherme Cop, médico do rei e entusiasta adepto do humanismo,

Gérard destinara o filho à teologia. Km 1527, porém, entrou em questão com o capítulo da catedral de Noyon e resolveu que Calvino estudaria direito. Com esse objetivo o rapaz foi para a Universidade de Orléans, onde Pedro de 1'Estoile (1480 1537) gozava grande fama de jurista. Depois, em 1529, para a de Bourgcs. a fim de ouvir André Alciati (1493-1550). Seu interesse pelo huma nismo também era forte, e em Bourges começou a estudar grego, com o auxílio do professor alemão Melchior Wolmar (1496-1561), Formou-se em direito, mas em 1531 faleceu seu pai e Calvino ficou senhor de si mesmo. Entregou se, então, ao estudo do grego e de hebraico no Colégio de França, instituição humanista que o Roi

Francisco I fundara em Paris, em 1.530. Trabalhou com afinco era seu primeiro livro — *Comentário ao Tratado áe Sêneca sobre a Clemência* — publicado em 1532. Era uma maravilha de er udição, e ruui marcado por um profundo senso dos valores morais Entanto, nessa obra Calvino não demonstra interesse pelas questões religiosas da época Era, ainda, um simples humanista entusiasta e pro fundamente culto,

Não era, no entanto, por falta de oportunidade que Calvino ainda não fora atingido pela luta. O humanismo fizera na França, corno em toda parte, sua obra preparatória. Seu mais alto representante fora Jacques LeFèvre de Etaples (1455?-1536) que, a partir de 1507, fixara residência, durante alguns anos, no mosteiro de St„ Germain des Prés, em Paris, e se cercou de notável grupo de discípulos Entre estes foram contados Guilherme Briçorrnet (1470 1534), desde 1516 bispo de Meaux; Guilherme Budé (1467-1540), a quem se deve haver influenciado o rei para que fundasse o Colégio de França; Francisco Vatable (V-1547), o professor de hebraico de Calvino nessa instituição; Gérard Roussel (1500'M550), amigo de Calvino e mais tarde bispo de Oloron; Luís de Berquín (1190-1529), morto num poste por seu protestantismo; Guilherme Farei, cuja ardente carreira como reformador já vimos. Muitos humanistas simpatizavam com esses homens de tendências reformistas, inclusive a família de Cop, cuja amizade Calvino desfrutara em Paris Entanto, nenhum deles rompeu com a Igreja Romana, exceto os dois últimos nomeados. Tinham eles apoio decidido da culta e popular irmã do Rei Francisco, Margarida d'Angoulême (1492-1549), rainha de Navarra desde 1527 e, por fim, protestante em segredo. Muito cedo os livros de Lutero penetraram na França e foram lidos nesse círculo. No entretanto, poucos dos seus componentes sentiram a gravidade da situação ou estiveram dispostos a pagar o preço todo da Reforma. Mas no culto círculo em que Calvino se movia não havia ignorância de quais fossem as questões principais. Entanto ainda não se tinham tornado importantes para ele.

Entre a publicação do seu *Comentário ao Tratado de Sêneca sobre a Clemência,* ern abril de 1532, e os começos de 1534 Calvino passou por uma "súbita conversão".[1] Ao certo nada se sabe de seus pormenores, mas o centro de sua experiência foi que Deus falou com ele através das Escrituras e Sua vontade devia ser obedecida. Desde aí a religião passou a ocupar o primeiro lugar em seus pensamentos.

1 Kidd, pp 523 524.

Também se ignora até que ponto pensou em romper com a Igreja Romana. Entanto ainda era participante do círculo humanista, em Paris, do qual Roussel e seu íntimo amigo Nieolau Cop eram os chefes.[2] Em 1 ° dc novembro dc 4533 Cop proferiu seu discurso de posse como reitor da Universidade de Paris, e nele pediu reformas, usando linguagem de Erasmo e Lutero.[3] Contrariando o que se tem dito, é improvável tenha sido Calvino o autor desse discurso; mas, por certo, simpatizava com os sentimentos nele expostos. Foi grande a impressão feita, e o Rei Francisco L se pôs a agir contra os "luteranos".[4] Cop e Calvino tiveram de procurar refúgio e este último se foi abrigar na casa de um amigo de Angoulêrne, Luís du Tillet Então Calvino começou a sentir, de forma crescente, a necessidade de romper com a antiga comunhão, e ela o levou a Noyon, em 4 de maio de 1534, a fim de renunciar aos benefícios que lhe tinham sido outorgados. Em Noyon foi encarcerado, ainda que por pouco tempo Logo percebeu que a França se tornara perigosa para ele, especialmente depois que Antônio Marcourt, em outubro de 1534,[5] veio com suas imprudentes teses contra a missa, expostas em cartazes E nas vésperas do *Ano* Novo de 35 Calvino estava em segurança na protestante Basiléia.

Os papéis de Marcourt foram seguidos do recrudesci men to das perseguições, sendo uma das vítimas o amigo de Calvino, fóstienn*[1] de la Forge, comerciante parisiense. Francisco I namorava o auxílio dos protestantes germânicos na luta contra Carlos V e daí, para justificar a perseguição na França, publicou uma carta al>erta, em fevereiro de 1535, acusando o protestantisrno francês de objetivos anárquicos que governo algum poderia tolerar. Calvino sentiu que devia defender seus caluniados companheiros. Então rapidamente concluiu um trabalho começado em Angoulêrne e publicado em março de 1536 — *Instituição da Religião Cristã,* Prefaciou a obra com uma carta dirigida ao rei francês Essa carta é urna das principais obras literárias do tempo da Reforma. Cortês e digna, é uma apresentação tremendamente poderosa da posição protestante e uma defesa de seus aderentes contra as calúnias do rei. Até então nenhum protestante falara com tanta clareza, controle e vigor. E com ela seu autor, de apenas 26 anos de idade, logo passou a ser o chefe do protestantisrno francês.[8]

2 *Ibid ,* pp 524-525.
3 *Ibid ,* pp 525 526.
4 *Ibid.,* pp 526-528.
5 Kidd, pp **528-532.**
6 *Ibid,* pp 532-533.

A *Instituição,* prefaciada pela carta, estava, como publicada em 1536, longe de ser o volumoso tratado que se tornou na edição final de Calvino, de 1559 Ainda assim já era a apresentação popular mais ordenada e sistemática da doutrina e da vida cristã que a Reforma produzira» A mente de Calvino era mais formuladora que criadora. Sem as obras antecedentes de Lutero este trabalho não teria sido realizado. Ele apresenta a concepção da justificação pela fé de Lutero e a dos sacramentos como selos das promessas de Deus. Muito é também tirado de Butzer, principalmente sua ênfase sobre a glória de Deus como sendo o porquê de todas as coisas; sobre a eleição como doutrina de segurança cristã; sobre as conseqüências da eleição como estrênuo esforço por viver de conformidade com a vontade de Deus Mas tudo está sintetizado e aclarado com aquela habilidade própria de Calvino.

Ensinou Calvino que o mais alto conhecimento do homem é o de Deus e de si mesmo. O liomem recebe por natureza o bastante para deixá-lo sem desculpa, mas o conhecimento adequado é dado somente nas Escrituras, que o testemunho do Espírito no coração do ledor crente atesta como a mesma voz de Deus. Estas Escrituras ensinam (pie Deus é bom e fonte de toda bondade. A obediência h vontade de Deus é o dever primeiro do homem. Como foi no princípio criado, o homem era bom e capaz de obedecer à vontade de Deus; perde, no entanto, a bondade e o poder na queda de Adão e agora é, por si mesmo, absolutamente incapaz de bondade. Por isso obra alguma do homem pode possuir mérito e todos os homens estão em estado de f-uína, merecendo só condenação. Desta condição sem recursos e desesperada algumas criaturas são imerecidamente resgatadas pela obra de Cristo. Cristo pagou a pena devida pelo pecado daqueles pelos quais morreu. No entanto, o oferecimento e a recepção desse resgate foi um ato livre da parte de Deus, de maneira que seu motivo é o amor de Deus.

Tudo o que Cristo fez é sem valor até que se torne posse pessoal do homem Esta posse é efetuada pelo Espírito Santo que atua quando, como e onde quer, criando o arrependimento; é pela fé que, como para Lutero, a união vital entre Cristo e o crente se efetua. Esta nova vida de fé é salvação, mas salvação para a justiça. Isto de que o crente agora faz obras agradáveis a Deus é a prova de que ele entrou em união vital com Cristo. "Somos não sem obras, nem pelas obras." Assim Calvino dava lugar para uma concepção das "obras" tão exigente como qualquer da Igreja Romana, ainda que muita diversa em relação ao cumprimento da salvação. O padrão

posto ante o cristão é a lei de Deus como apresentada nas Escrituras, não como prova de sua salvação mas como expressão dessa vontade de Deus que, como já salvo, o cristão se esforçará por cumprir. Esta ênfase sobre a lei como guia da vida cristã era peculiaridade de Calvino. Isto faz o ealvinismo sempre insistir sobre o caráter, ainda que na concepção de Calvino o homem é salvo para o caráter e não pelo caráter Principal alimento para a vida cristã é a oração.

Visto que todo o bem provém de Deus, o homem é incapaz de iniciar ou resistir à sua conversão, de onde se segue que a razão por que alguns são salvos e outros se perdem é a escolha divina — eleição e reprovação, É absurdo indagar o motivo dessa escolha mais além da vontade de Deus, desde que a vontade de Deus é o fato último. Então, para Calvino a eleição foi sempre doutrina de conforto cristão» Que Deus tem um plano de salvação para cada homem, individualmente, seria uma inabalável rocha de confiança, não somente para alguém convicto de sua própria indignidade, mas ainda para alguém cercado de forças adversas, ainda que representadas por sacerdotes e reis. Isto faz do homem um cooperador de Deus no cumprimento da vontade desse mesmo Deus.

Três instituições foram divinamente estabelecidas, sendo por elas mantida a vida cristã — a Igreja, os sacramentos e o governo civil. Em última análise a Igreja consiste em "todos os eleitos por Deus"; mas também propriamente representa "toda a humanidade... que rende culto ao único Deus e ao Cristo". No entanto, não existe verdadeira Igreja "onde a mentira e a fraude usurparam a ascendência". O Novo Testamento apresenta como oficiais da igreja pastores, professores, anciãos e diáconos, que desempenham seus cargos com o assentimento da congregação a que servem E duplo o seu chamado: a secreta inclinação dada por Deus e a "aprovação do povo"- Assim deu Calvino voz à congregação na escolha de seus dirigentes, ainda que as circunstâncias em Genebra o levassem a considerar que ali essa voz fosse representada pelo governo da cidade. Ainda assim Calvino reclamava para a Igreja total e independente jurisdição quanto à disciplina, até na aplicação da excomunhão. Mais longe não podia ela ir; mas era esta a retenção de uma liberdade que todos os demais líderes da Reforma tinham entregue à *supervisão* do Estado. O governo civil, no entretanto, tinha a incumbência divinamente outorgada de cuidar da Igreja, protegendo-a de falsa doutrina e punindo os ofensores para cujos crimes a excomunhão era pouco.

Calvino reconhecia apenas dois sacramentos — batismo e ceia do Senhor, Com referência à séria questão da presença de Cristo, ele se colocava, corno Butzer, entre Lutero e Zuínglio, mais perto do reformador suíço na forma, e do germânico no espírito, Com Zuíuglio negava qualquer presença física de Cristo; no entanto, em termos mui claros, afirmava uma presença real, se bem que espiritual, recebida pela fé, "Cristo, fora da substância de Sua carne, infunde vida em nossas almas, ou antes, difunde Sua própria vida em nós, ainda que a carne real de Cristo não penetra em nós".[7]

Quando da publicação da *Instituição*, na primavera de 1586, Calvino fez breve visita à corte de Ferrara, na Itália, certamente procurando proclamar a causa evangélica perante sua compatriota de mente liberal e hospitaleira, a Duquesa Renata. Foi curta sua estada ali. Seguiu-se rápida visita à França para acertar seus interesses e depois partir para Basiléia ou Estrasburgo com seu irmão e sua irmã Os perigos da guerra levaram-no, em. julho de 1536, a Genebra. Ali, ardente apelo de Farei, como já vimos (p 68), obrigou-o a ficar.

A obra de Calvino em Genebra começou modestissimamente. Era um preletor sobre a Bíblia, e só um ano depois foi nomeado pregador. No entanto, exerceu grande influência sobre Farei. Seu primeiro trabalho em conjunto foi auxiliar os ministros e autoridades civis de Berna a efetivamente estabelecerem a Reforma em Yaud c em Lausana, que no momento acabava de cair sob o controle de Berna.[8] Em Lausana, Pedro Viret (1511-1571) foi nomeado pastor, ofício que desempenharia até 155*9. Com ele Calvino iria manter íntima amizade. Calvino e Farei então procuraram alcançar três alvos na próx>ria Genebra. Em janeiro de 1537 apresentaram ao Pequeno Conselho uma série de recomendações da autoria de Calvino[9] Nelas era proposta a celebração mensal da Ceia do Senhor Para um preparo melhor, o governo citadino nomearia "certas pessoas" para cada quarteirão. Elas, em companhia dos ministros, diriam à Igreja quais os indignos que deviam ser disciplinados até a excomunhão. Foi esta a primeira tentativa de Calvino de fazer de Genebra uma comunidade modelo e, ao mesmo tempo, de afirmar a independência da Igreja em sua própria esfera. A segnnda tentativa foi a adoção de um cateeismo composto por Calvino. **A** terceira, a imposição de um

7 As citações nestes parágrafos são da edição de 1559.
8 Kidd, pp 548-558.
***9 Ibid,,* PP 560-567.**

credo a todo cidadão, credo possivelmente de autoria de Farei,[10] O Pequeno Conselho adotou essas recomendações, mas com consideráveis modificações

O êxito da obra de Calvino foi ameaçado já no seu início Ele e Farei foram injustamente acusados de arianismo por Pedro Caroli, então de Lausana. Com facilidade defenderam sua ortodoxia, mas grande publicidade foi dada ao assunto.[11] Em Genebra a nova disciplina e a questão do assentamento individual a novo credo logo levantaram acerba oposição, E ela provocou, em janeiro de 1538, uma manifestação do Conselho dos Duzentos, que votou que a ceia não seria recusada a ninguém. Tal voto pôs abaixo o sistema disciplinar de Calvino.[12] No mês seguinte a oposição triunfou nas eleições, e resolveu firmar sua posição, A liturgia de Berna era algo diferente da agora em uso em Genebra» Desde muito Berna queria ver a. sua liturgia adotada em Genebra, e agora a oposição votou a favor de sua adoção. Calvino e Farei consideravam de pouca importância tal diferença, mas a imposição pela autoridade civil, sem que fossem ouvidos os ministros, lhes pareceu um atentado à total liberdade da Igreja. Ambos recusaram ser cúmplices em tal assunto e foram então banidos, em 23 de abril de 1538..[13] Sua obra em Genebra parecia haver terminado em fracasso total.

Após vã tentativa de serem restaurados em Genebra com a intervenção das autoridades da Suíça protestante, Farei encontrou um pastorado em Neuehâtel, onde desde então fixou residência, e, por convite de Butzer', Calvino foi se refugiar em Estrasburgo. Sob muitos aspectos, os três anos que ali viveu foram os mais felizes da sua existência. Ali pa.store.ou uma igreja de refugiados franceses e foi prelecionador de teologia. Recebeu honrarias na cidade, que o fez um de seus representantes nos debates que Carlos V promoveu visando à reunião de protestantes e católicos (p 54).. Com isso ganhou a amizade de Melanchton e de outros reformadores alemães. Em Estrasburgo contraiu matrimônio, em 1540, com aquela que seria sua fiel companheira até 1549, quando morreu. Também encontrou tempo para escrever, não apenas uma edição ampliada da *Instituição* e seu *Comentário aos Romanos,* início de urna série que o colocou na primeira fila dos exegetas reformadores, mas sua brilhante *Ré-*

10 *Ibid,* pp 568-572.
11 *Ibid..,* pp 573-575.
12 Kidd, p 577.
13 *Ibid***pp 577-580.**

plica a Sadolelo, justamente tida como a melhor defesa do protestantismo em geral.[14]

Nesse meio tempo ocorreu uma revolução em Genebra, pela qual Calvino não era de modo algum responsável. O partido causador de sua expulsão fez, em 1539, desastroso tratado com Berna, Disso resultou sua derrota 110 ano seguinte e a condenação dos negociadores do tratado como traidores O partido amigo de Calvino estava, mais uma vez, no poder, e seus líderes desejavam sua volta, Houve dificuldade para persuadi-lo, mas em 13 de setembro de 1541 ele estava de novo em Genebra, praticamente senhor da situação,[15]

De imediato, Calvino conseguiu a adoção de sua nova constituição eclesiástica, as *Ordenanças Eclesiásticas,* então muito mais definidas que as recomendações aceitas em 1537, Mas, com todo o retorno triunfal, não alcançou sua aceitação total, como era de seu desejo. As *Ordenanças*[1*''] declaravam que Cristo instituiu em Sua Igreja quatro ofícios: pastor, professor, ancião e diácono Também definiam os deveres de cada ofício. Os pastores se deviam reunir semanalmente no que popularmente era chamado *Congregação*, para debates públicos, exame dos candidatos ao ministério e exegese. O professor seria o chefe do sistema escolar de Genebra, o que Calvino considerava fator essencial na educação religiosa da cidade. Ao diácono incumbia o cuidado dos pobres e supervisão do hospital Eram os anciãos o coração do sistema de Calvino. Eram leigos escolhidos pelo Pequeno Conselho, dois dentre eles, quatro dentre os Sessenta, seis dentre os Duzentos, e sob a presidência de um síndico. Juntamente com os ministros, formavam o *Consislório,* que se reunia às quintas-feiras e era o encarregado da disciplina eclesiástica. Iam até a excomunhão; além dela, se a ofensa era grande, referiam o caso às autoridades civis, A Calvino nenhum direito parecia tão vital à independência da Igreja como o da excomunhão, e por nenhum tanto lutou até seu estabelecimento, em 1555.[17]

Além desta tarefa, Calvino preparou novo e mais amplo eatecismo ;[1R] introduziu uma liturgia baseada na da sua congregação francesa de Estrasburgo. Por sua vez, esta era, na essência, tradução da geralmente usada naquela cidade alemã. Iiedigindo-a para Genebra, Calvino fez grandes modificações para adaptá-la aos costumes

14 *Ibid,,* pp 583-586.
15 Kidd, pp 586-589.
16 *Ibid,,* pp 589-603.
17 *Ibid.,* p 647.
18 Excertos, Kidd, pp 604 615.

ou preconceitos da cidade.[19] Essa liturgia combinava de modo **feliz orações** fixas e espontâneas. Calvino não era contrário às orações escritas, **o** que não demonstraram depois seus descendentes espirituais na Inglaterra e na América. Também dava lugar de destaque ao canto.

Sob a direção de Calvino, que só era um dos ministros da cidade, muito foi feito pela educação e incremento do comércio. Entanto toda Genebra estava debaixo da constante e minuciosa supervisão do *Consistório,* Calvino queria fazer de Genebra o modelo de uma perfeita comunidade cristã. Sua posição estritamente evangélica atraiu grande número de refugiados, muitos deles pessoas de posição, cultas e ricas, mormente da França mas também da Itália, Países Baixos, Escócia e Inglaterra. Logo se tornaram elas fatores de muita importância na vida genebrina.. O próprio Calvino e todos os ministros a ele associados eram estrangeiros.. Desde o começo houve praticamente oposição às suas severas leis, oposição que por volta de 1548 se tornara mui séria.. Era feita por dois tipos de elementos -- os que aborreciam qualquer tipo de disciplina; e a bastante pior, a das antigas famílias que consideravam Calvino, seus ministros coo peradores e mais os refugiados estrangeiros impositores de jugo estranho a uma cidade de heróicas tradições de independência... Que tenha havido um partido religioso de *libertinos* em Genebra é tradição sem fundamento.

A luta mais áspera de Calvino foi de 154.8 a 1555. Nasceu ela no momento em que alguns dos habitantes começaram a temer fossem politicamente desbancados pelos refugiados, até que estes — quase todos ardorosos partidários de Calvino —- alcançaram o que se temia e colocaram Calvino numa posição inabalável. Enquanto aumentava sua fama fora de Genebra, durante este período Calvino permaneceu em grave risco, o de ter sua obra destruída na própria cidade,

Muitos foram os motivos de conflito, mas dois foram os principais. O primeiro foi criado por Jerôninio Hermes Bolsec, ex-monge de Paris e, na ocasião, médico protestante em Veigy, perto de Genebra Na *Congregação,* Bolsec acusou Calvino de erro afirmando a predestinação, Era um ataque à base da autoridade de Calvino, pois era a única em que se apoiava em Genebra como intérprete das Escrituras. Se não tinha razão em tudo, ficava totalmente desacreditado, Calvino levou a acusação de Bolsec, em outubro de 1551, ante o governo da cidade Disso r esultou ser Bolsec pr ocessado.. Foi pedida a opinião

19 Kidd, pp Ó15-628

de outras autoridades suíças e ficou patente que elas não davam tanta importância quanto Calvino à predestinação. Com dificuldade ele conseguiu o banimento de Bolsec e o episódio o levou à teimosa insistência mais que anteriormente, sobre a importância vital da predestinação como verdade cristã.[20] Quanto a Bolsec, terminou retornando à Comunhão Romana e vingou se escrevendo uma biografia de Calvino grosseiramente caluniosa.

Com dificuldade, pois, Calvino mantinha sua autoridade, quando, em fevereiro de 1553, as eleições, que de alguns anos eram muito equilibradas, penderam decididamente para seus oponentes Sua queda parecia inevitável, ruas foi salvo e posto no caminho de definitiva vitória pela chegada a Genebra de Miguel Servetus. É este o segundo dos casos aludidos. Servetus era espanhol, mais ou rrerros da mesma idade de Calvino, e homem sem dúvida de grande gênio, ainda que excêntrico. Em 1531 publicou *De Trinitatis Erroribiis*.. Obrigado a esconder sua identidade, estudou medicina sob o nome de Villeneuve, sendo o verdadeiro descobridor da circulação sangüínea pulmonar.. Estabeleceu-se cm Vierine, na França, onde teve grande clínica. Secretamente trabalhava em seu livro *Restituição do Cristumismo*, que publicou no começo de 1553.. Segundo sua opinião, a doutrina nicena da Trindade, a cristologia de Caleedônia e o batismo das crianças eram as principais causas da corrupção da Igreja,. Já em 1545 começara irritante correspondência com Calvino, cuja *Instituição* criticava com desprezo.

A identidade de Servetus e sua autoria das obras referidas foram reveladas às autoridades eclesiásticas romanas de Eyon por Guilherme Trie, amigo de Calvino.. E o mesmo Trie, pouco depois, forneceu outras provas obtidas com o próprio Calvino, Estava condenado ao fogo, mas antes da sentença escapara da prisão, em Vienrre. For inexplicáveis razoes ^dirigiu-se a Genebra, e lá foi preso em 3553. Agora sua condenação se tornou o teste da luta entre Calvino e a oposição. Esta não ousou sair abertamente em defesa de herege tão notório, mas opôs as maiores dificuldades a Calvino.. Servetus tinha muita esperança num resultado favorável, e exigiu que Calvino fosse exilado e seus bens lhe fossem entregues.. Terminou o processo com a condenação de Servetus e sua mor te pelo fogo, errr 27 de outubro de 1553,. Ainda que se tenham erguido vozes de pr otesto, principalmente a de Sebastião Castellio (1515-1563), de Basiléia, muita gente concordou com Melanchton de que se "fizera justiça". Entre-

20 Kidd, **pp** 641 645..

tanto, por mais odioso que o processo e seu trágico fim. agora nos pareçam, foi para Calvino uma grande vitória» Livrou as igrejas suíças de qualquer imputação de falta de ortodoxia coin referência à doutrina da Trindade, enquanto os oponentes de Calvino arruinavam-se procurando dificultar a punição de alguém que o sentir geral da época condenava*

Logo melhorou a situação de Calvino.. As eleições de 1554 lhe foram francamente favoráveis e as do ano seguinte ainda mais. Em janeiro de 1555 obteve o reconhecimento permanente do direito de o *Gonsislóru)* proceder à excomunhão sem a interferência governa mental[21] O governo, agora de maioria calvinista, passoo, no mesmo ano, a assegurar' sua posição, admitindo considerável número de refugiados com direito de voto. Pequena revolta à tarde de 16 de maio de 1555, promovida pelos adversários de Calvino, foi usada como motivo para executar e banir seus líderes como traidores. Daí para frente o partido favorável ao reformador passou a ser senhor único de Genebra. Berna era ainda hostil, mas um inimigo de ambas as uniu. Foi isso quando Emanuel Philibert, Duque de Sabóia, derrotou os franceses favorecendo a Espanha, em 1557, em St Quentin.. Daí pôde reclamar seu ducado, no momento em grande parte na posse da Pratica Tudo isso fez surgir, em janeiro de 1558, a "aliança perpétua" na qual, pela primeira vez, Genebra ficou no mesmo pé de igualdade com sua aliada, Berna. Assim, livre dos mais angustiantes perigos, na cidade e no exterior, Calvino coroou sua obra com a fundação, em 1559, da "Academia Genehrina" — na realidade a Universidade de Genebra[22] como desde há muito se tornou. E ela, de imediato, se tornou no maior centro de ensino teológico das comunidades reformadas, afora as luteranas, e o grande seminário de onde numerosos ministros foram enviados não somente à. Eranç.a, mas, ainda que em menor número, aos Países Baixos, Inglaterra, Escócia, Alemanha e Itália.

A influência de Calvino se espraiou para além dc Genebra. Graças à sua *Instituição,* seu modelo de governo eclesiástico na cidade, sua academia, seus comentários e sua constante correspondência, ele moldou o pensamento e inspirou os ideais do protestantismo da França, Países Baixos, Escócia e dos puritanos ingleses. Sua influência penetrou na Polônia e na Hungria, e antes de sua morte o calvirrismo lançara raízes na própria Alemanha sul-ocidental. Os homens

21 Kidd, p 647
22 *Ibid,* p 648

seguiam seus pensamentos.. O sistema dele foi o único que a Reforma produziu que se pôde organizar poderosamente em face da hostilidade governamental, tal como na França e na Inglaterra» Preparou homens fortes, certos de sua eleição para colaboradores de Deus na execução dc Sua vontade, corajosos na luta, exigentes quanto ao caráter, confiantes de que Deus dera nas Escrituras a norma de toda a conduta humana e culto adequado, Os discípulos espirituais de Calvino, nas mais diversas terras, possuíam os mesmos característicos, Foi esta a obra de Calvino — domínio do espírito sobre espírito, e, certamente, ao tempo de sua morte, em Genebra, a 27 de maio de 1564, ele merecia a qualificação de "único reformador internacional",[23]

Calvino não deixou sucessor de igual estatura. Tanto crescera a obra que um só homem não podia dirigi-la. Entanto, em Genebra, e mesmo bastante; além de suas fronteiras, seu manto caiu sobre os dignos ombros de Teodoro Beza (1519-1605), homem de espírito mais conciliador, maneiras mais gentis, mas devotado aos mesmos ideais.

23 Kidd, **p** 651.

A REVOLTA INGLESA

Na Inglaterra, os reis mais fortes de há muito controlavam praticamente as nomeações ao episcopado, e quando elas eram feitas diretamente pelo papa geralmente o eram após acordo com o soberano, Os principais cargos políticos eram ocupados por- clérigos, em parte porque poucos leigos com eles podiam competir em conhecimentos e experiência e, *em* parte, porque o alto clero recebia boa paga e, daí, não pesava no erário real Naturalmente, em tais nomeações, a habilidade e utilidade no real serviço valiam mais que a situação espiritual. Era esse o estado de coisas quando Henrique VIII (1509-1547) começou a reinar Em círculos humildes havia, algum wiclifisrrio que, ocasionalmente, recebia a censura da Igreja O humanismo penetrara na Inglaterra, encontrando apoiadores em pequenos grupos de gerrte culta João Oolet (1467M519), por fim deão de S. Paulo, em Londres, já em 1496 proferira conferências emr Oxford sobre as epístolas paulínas, em tom plenamente humanístico, e em 1512 fundara novamente a escola de S Paulo. Erasmo ensinara em Cambridge, de 1509 a 1519, depois de ter visitado a Inglaterra em 14*99* c lá feito muitos amigos Umr destes foi o excelente John Fisher (1469 ?-1535), Bispo de Rochester, e outro foi o famoso Sir Thomas More (1478-1535). No entanto, rro início do reinado de Henrique VIII não se podiam prever mudanças na situação eclesiástica existente.. Um aspecto, porém, da vida nacional era importante e que seria o fundamento em que Henrique VIII se haveria de apoiar. Era a consciência nacional fortemente desenvolvida — sentimento de que a Inglaterra era para os ingleses — que de modo fácil se ergueria contra toda intromissão estrangeira de qualquer natureza.

Henrique VIII, já bern retratado como "tirano sob formas legais", era homem de notáveis qualidades intelectuais e poder cie execução; bastante lido e sempre interessado na teologia escolástica,- simpatizante do humanismo; popular entre o povo Entanto era egoísta, obstinado e cheio de ambição. No começo de seu reinado

recebeu apoio de Thornas Wolsey (1475-1530), que se tornou, em 1511, conselheiro privado e, em 1515, foi feito Lorde Chanceler pelo rei e cardeal pelo Papa Leão X Desde então foi ele a mão direita de Henrique» Quando os escritos de Lutero chegaram à Inglaterra, sua leitura foi proibida e Henrique VIU publicou, em 1521, sua *Afirmação dos Sete Sacramentas* contra Lutero Com isso recebeu de Leão X o título de "Defensor da Pé" Henrique casara com Catarina dc Aragão, filha de Fernando e Isabel de Espanha. Era ela viúva — ainda que o casamento houvesse sido apenas nominal — de Artur, seu irmão mais velho Júlio II, em 1503, dera dispensa, autorizando tal casamento com a esposa do irmão falecido.. Nasceram seis filhos desse consórcio, mas sobreviveu apenas um, Maria.. Aí por 1527, se não antes, Henrique estava alegando escrúpulos religiosos sobre a validade de seu casamento.. Suas razoes não eram inteiramente sensuais. Se o fossem, ele poderia ter-se contentado com suas amantes. Uma mulher nunca governara a Inglaterra As Guerras das Rosas fazia pouco haviam terminado (1485) . A falta de um herdeiro varão, no caso da morte de Henrique, provavelmente provocaria uma guerra civil Não era provável que Catarina tivesse outros filhos. Ele desejava outra, esposa e um herdeiro homem..

Wolsey foi convencido a favorecer o projeto, de um lado por sua subserviência ao rei e, de outro, porque se o casamento com Catarina fosse declarado sem valor[1], ele esperava que Henrique se casaria com Renata, princesa francesa, posteriormente Duquesa de Ferrara. Com este consórcio o rei seria mais fortemente levado para o lado da França, abandonando a Espanha na política continental» Henrique, no entanto, tinha outros planos. Enamorara-se de Ana Bolena, dama de sua corte. Seguiu-se complicada negociação, na qual Wolsey fez o melhor que pode para agradar Henrique, enquanto Catarina se mantinha com firmeza e dignidade, sendo tratada com crueldade. Possivelmente a anulação do casamento teria sido consentida por Clemente VII não fosse o rumo tomado pela política européia diante da vitória do Imperador Carlos V na guerra e sua imposição de que o papa se submetesse à política imperial (p 58). Carlos estava determinado que sua tia Catarina não seria repudiada,. Henrique irou-se pela falta de êxito de Wolsey, e se voltou contra ele. Mas em 30 de novembro de 1530 o grande cardeal morreu quando ia ser processado por alta traição.

Henrique gostou da sugestão de Thomas Cranmer (1489-1556 \ então professor na Universidade de Cambridge, de que fosse ouvida a

opinião das universidades Fim 1530 i'oi isso feito, mas com êxito apenas parcial; mas começara uma amizade entro o rei e Cranrner, que teria, enormes conseqüências,

Ação favorável do papa então não era mais esperada, Henrique, pois, resolveu contar com o sentimento nacional de hostilidade ao poder estrangeiro e sua própria habilidade despótica ou para romper completamente com o papado ou ameaçá-lo de tal modo (pie acedesse aos seus desejos,. Em janeiro de 1531 acusou todo o clero de violação do velho estatuto de *Ptoemunire,* de 15;25, por ter reconhecido a autoridade de Wolsey corno legado papal •— autoridade que ele, Henrique, reconhecera e aprovara. Não só extorquiu grande soma como preço do perdão, mas ainda a declaração, pelas assembléias que reuniram os clérigos, de que com respeito à Igreja da Inglaterra, era ele "único e supremo senhor, e, até onde a lei de Cristo permite, supremo cabeça". Nos começos de 1532, sob forte pressão real, o parlamento sancionou uma lei que proibia o pagamento de todas as anatas a Roma, exceto com o consentimento do rei."[1] Em maio seguinte, numa convocação, relutantemente o clero concordou não apenas em não criar novas leis eclesiásticas sem permissão real mas ainda em submeter todas as existentes a uma comissão indicada pelo rei.[2] Em 25 de janeiro de 1533 secretamente Henrique casou com Ana Bolena Em fevereiro o parlamento proibiu qualquer apelo a Roma.[3] Usando a proibição condicional das anatas, conseguiu do Papa Clemente VII a confirmação de sua nomeação de Thomas Cranmer como arcebispo de Cantuária. Cranmer foi sagrado em 30 de março. Em 23 de maio este reuniu um tribunal e formalmente declarou nulo e sem valor o casamento de Henrique com Catarina. Em 7 de setembro Ana Bolena teve uma filjia, a Princesa Isabel, que veio a ser rainha..

Enquanto isso se passava, Clemente VII preparara uma bula, em 11 de julho de 1533, ameaçando Henrique de excomunhão. A resposta do rei foi urna série de leis obtidas em 1534 do parlamento. Por elas foram proibidos quaisquer pagamentos ao papa; todos os bispos seriam eleitos por indicação do rei; todos os juramentos de obediência ao papa, licenças romanas e outros reconhecimentos da autoridade papal eram nulos,[4] As duas convocações então formal-

1 Gee e Hardy, *Documentos Ilustrativos da História da Igreja Inglesa,* pp 178-186.
2 *Ibid,* pp 176-178.
3 *Ibid,* pp 187-195..
4 Gee e Hardy, pp 201 232»

mente repudiaram a supremacia papal.[5] Em 3 de novembro de 1534 o parlamento aprovou, o famoso Ato de Supremacia, pelo qual Henrique e seus sucessores foram declarados "o único cabeça supremo na terra da Igreja da Inglaterra", sem cláusulas restritivas, e com pleno poder de reprimir "heresias" e "abusos".[6] Nem o rei nem seus autores entenderam que tal Ato concedia direitos espirituais como o de ordenar, administrar os sacramentos e o mais; em tudo, no entanto, ele punha o rei no lugar do papa, 0 rompimento com Roma foi completo.. Não eram estas leis sem significação. Em maio de 1535, alguns monges de uma das mais acatadas ordens na Inglaterra --- cartusianos — foram executados de modo bárbaro por terem negado a supremacia do rei, Eiri junho e julho os dois mais afamados súditos reais, o Bispo John Fisher e Sir Thomas More, conhecidos por seu caráter e cultura, foram decapitados pela mesma ofensa,

Henrique encontrara novo cooperador para sua obra em Thomas Cromwell (1485'M540).. Era pessoa de origem bern humilde, soldado, comerciante e cambista, e que fora usado por "Wolsey como agente de negócios e parlamentário. Em 1531 Cromwell era membro do conselho privado; em 1534, chefe do arquivo e em 1536, ainda que leigo, vice-regerrte do rei em assuntos eclesiásticos, Henrique estava faminto das propriedades eclesiásticas para manter sua corte esbanjadora e, também, para fazer e recompensai' aderentes — em toda parte a Reforma se caracterizou por tais confiscos — e em fins de 1534 comissionou Cromwell para visitar os mosteiros e informar sobre suas condições. Os fatos apresentados, cuja verdade ou falsidade ainda hoje se'discute, foram levados ao parlamento. Em fevereiro de 1536 este entregou para sempre ao rei, "seus herdeiros e cessionários para, fazerem e usar conforme lhes parecer", todos os estabelecimentos monástieos cuja renda anual fosse menor que duzerrtas libras.[7] O número dos que foram confiscados ascendeu a trezentos e setenta e seis.

Nesse meio tempo Henrique fora em parte aliviado do perigo de uma intervenção estrangeira pela morte de Catarina de Aragão, em janeiro de 1536. Parece que agora Henrique desejava contrair um matrimônio não sujeito a críticas como o com Ana Bolena, de quem, aliás, já estava cansado. Com razão ou não, não se sabe, ainda que -se suspeite da acusação, ela foi apontada corno adúltera e decapitada

5 *Ibid* , pp 251-252
>6 *Ibid* , pp 243-244.
Z Gee e Hardy, pp 257-268.

a 19 de maio de 1536. Dois dias antes Oranmei. declarar-a nulo e sem valor seu -casamento com Henrique. Onze dias inais tarde ele casou com Jane Seymour, que em 12 de outubro de 1537 lhe deu um filho, Eduardo, e morreu doze dias após Os atos de Henrique, especialmente a supressão dos mosteiros, provocaram muita oposição, principalmente no Norte da Inglaterra. Disso resultou a grave insurreição, conhecida como a Peregrinação da Graça, iniciada no verão de 1536 e sufocada no começo do outro ano.

Ainda que estas mudanças na Inglaterra fossem principalmente de política eclesiástica mais que de convicções religiosas, o ambiente inquieto do país proporcionou oportunidade para o aparecimento de verdadeiro partido protestante, se bem que não muito numeroso. Originariam.en.te parece ter sido rrrais nacional que importado, e ter seguido o rumo apontado por Wyelif e não o indicado por ladeio. Como 'Wyelif, esperava que o Estado relormasse a Igreja e via nas riquezas dela um entrave à sua espiritualidade, Daí esse partido nada reclamou das afirmações e confiscos de Henrique. Ainda seguindo Wyelif, valorizava a circulação da Bíblia e cada vez mais testava a doutrina e as cerimônias pelas Escrituras A. influência continental mais e mais se foi fazendo sentir com o desenvolvimento da revolta alemã, Um dos líderes mais notáveis foi Guilherme Tyndale (1492M536). Desejoso de traduzir o Novo Testamento e vendo a impossibilidade de publicá-lo na Inglaterra, em 1524 encontrou refúgio no continente. Visitou Lutero e em 1526 publicou uma tradução do grego realmente admirável. Autoridades civis e eclesiásticas procuraram suprimi-la, mas foi uma força na difusão do conhecimento das Escrituras. Tyrrdale foi marürizado em 1536, em Vilvorde, nas proximidades de Bruxelas. O amigo de Tyndale, John BVrth (1503-1533), achou refúgio em Marburgo, de onde regressou à Inglaterra só para ser aprisionado e queimado em Londres, no ano de 1533, por haver negado as doutrinas do purgatório e da trarisubstanciação. Simpáticos a essas idéias reformistas, ainda que diferindo na apresentação externa, foram Cranmer, Nicolau ílidley (15001-1555), Hugo Latimer (1490'M555) e John Hooper (?-1555), todos bispos e todos mortos pelo fogo por motivo de sua fé. Enquanto crescia a oposição de Henrique a Roma, o protestantismo ia se espalhando entre leigos de importância, corno se deu com a família Seyrrrour, da qual fazia parte a terceira esposa de Henrique.

A posição religiosa de Henrique era a de um católico ortodoxo, exceto na substituição da autoridade do papa pela sua própria. Afastava-se dela a penas quando o perigo de ataques de fora o compelia

a procurai- possível apoio dos protestantes alemães, e mesmo assim não ia muita longe. Uma circunstância dessas surgiu entre os anos de 1535 e 36. Enviou então urna comissão a Wittenberg para discutir doutrina, do que pouco resultou. Em 1536 Henrique mesmo esboçou Dez Artigos nos quais fazia suas máximas concessões ao protestautismo. Os padrões autorizados de fé são a Bíblia, os Credos dos Apóstolos, niceno e atanasiano e os "quatro primeiros eoncílios" Apenas três sacramentos são definidos: batismo, penitência e a Ceia do Senhor; os demais nem são citados» A justificação implica fé em Cristo somente, ruas são necessárias a confissão, absolvição c obras dc caridade. Cristo está fisicamente presente na ceia» imagens devem ser honradas, mas com moderação. Os santos devem ser invocados, não, porém, porque "nos ouvem com mais presteza do que Cristo". São desejáveis missas pelos mortos, mas a idéia de que o "bispo de Roma" pode livrar do purgatório deve ser rejeitada.

Cranmer instigou o mais influente ato desse tempo. . . . .a colocação à venda, em 1537, de uma tradução inglesa da Bíblia, Em boa parte era obra. baseada na versão de Tyndale, mas mais ainda **110** trabalho inferior de Miles Ooverdale. Em 1538 Cromwell ordenou fosse colocada nas igrejas, em lugar acessível ao povo.[8] A oração dominical e os dez mandamentos deviam ser ensinados em inglês, a litania foi. traduzida. No restante, enquanto Henrique viveu, o culto permaneceu em latim e sem mudanças maiores.

A obra do rei **110** decorrer desses anos prosseguiu livre de interferência estrangeira em virtude de Carlos Y e Eraneiseo I estarem em guerra de 1536 **a** 1538. Advindo a paz, aumentaram os perigos. O papa exigiu uma ação conjunta da França e da Espanha contra o real rebelde. A diplomacia de Henrique e os mútuos ressentimentos desses países evitaram o ataque. Ao mesmo tempo, Henrique deu vários passos importantes com o fito de diminuir tais perigos. Demonstraria ao mundo que era um católico ortodoxo, salvo com referência ao papa. Daí, em junho de 1539 o Parlamento aprovou o Ato dos Seis Artigos,[9] O documento afirmava como credo da Inglaterra uma pura doutrina da transubstaneiação, cuja negação era punida com o fogo. Repudiava a comunhão com o pão e o vinho e o casamento do clero» Ordenava a permanente observância dos votos de eastidade, recomendava as missas privadas e a confissão auricular. Tal Ato permaneceu em vigor até a morte de Henrique.

8 Gee e TIardy, p 275
9 *Ibid,,* pp 303 319.

No entanto, não era suficiente que Henrique mostrasse ser ortodoxo. Ele era viúvo, e Cromwell insistia que fortalecesse sua posição com um casamento do agrado dos protestantes alemães e que o unisse com os adversários de Carlos V» A escolhida foi Ana de Cleves, irmã da esposa de João .Frederico, eleitor da Saxônia, O casamento se realizou em ti dc janeiro de 15-40.

Enquanto isso, em 1539, Henrique completou o confisco de todos os mosteiros [10] Dentro do país ele estava mais forte que nunca Era evidente que Carlos e Francisco em breve travariam rrova guerra e o imperador' começara a buscar o auxílio de Henrique. Os protestantes alemães viam com maus olhos seus Seis Ar tigos e ele, agora, estava longe de precisar de seu apoio» Henrique considerava seu casamento com Ana de Cleves mero expediente político. Em julho de 1540 foi obtida dos bispos sua anulação, sob a alegação de que o rei nunca dera "consentimento interior". Ana recebeu grande indenização pecuniária, Cromwell, que arranjara o casamento, não lhe era mais útil, Do parlamento foi conseguido um decreto de morte e o servo do rei, capaz mas inteiramente inescrupuloso, foi decapitado em 28 de julho de 1540, Estes fatos foram acompanhados de crescente oposição ao elemento protestante, e esta inclinação ao catolicismo se demonstrou rro casamento de Henrique com Catarina Howard, sobrinha do Duque de Norfolk, pouco depois de sua separação de Arra de Cleves. O comportamento da rrova rainha, porém, era duvidoso e em fevereiro de .1542 foi ela decapitada. Em julho do ano seguinte ele casou com Catarina Parr, que teve a sorte de lhe sobreviver, pois Henrique morreu em 28 de janeiro de 1547.

Quando Henrique morreu a Inglaterra estava dividida em três partidos Destes, o que contava com a maioria dos ingleses apoiava amplamente o falecido rei, não querendo grandes mudanças na doutrina ou no culto, mas rejeitava a jurisdição eclesiástica estrangeira. A força de Henrique estava em que ele amplamente representava, apesar de toda sua tirania, a posição deste grande partido do nreio, Entanto, havia dois pequenos partidos, mas nenhum deles era forte — um grupo católico, desejoso de restaurar o poder do papado, e urna facção protestante que queria introduzir a Reforma como entendida no continente. Apesar da repressão, esta-certamente crescera durante os últimos anos de Henrique. Foi sorte da Inglaterra que estes dois partidos pequenos e sem representação sucessivamente ocuparam o governo nos dois reinados seguintes e que ao tumulto

4 Geee Hardy, pp 201 232»

religioso se somasse a inquietação agrária. Esta foi devida às grandes mudanças nas propriedades ocasionadas pelos confiscos monásticos e mais ainda pelos ambiciosos senhores que se apossaram das terras comunais, provocando o empobrecimento dos humildes arrendatários, que assim perdiam seus direitos consagrados pelo uso.

Eduardo VI tinha tão-somente nove anos de idade. O governo, pois, era exercido em seu nome por um conselho, do qual era chefe o Conde de Hertford, ou, como foi imediatamente nomeado, Duque de Soinerset, com o título de Protetor Somerset era irmão da mãe do rei menino, Jane Seymour, tão cedo falecida.. Possuía simpatias pelo protestantismo e excelentes intenções.. Contrastando com Henrique VIII, até certo ponto aceitava a liberdade em questões religiosas e políticas, Também era amigo sincero das classes agrícolas mais pobres. Sob seu governo, a nova relativa liberdade de expressão religiosa trouxe muitas inovações locais e muita controvérsia Com isso tudo o partido revolucionário mais e mais ganhou ascendência. Em 1547 o pai lamento ordenou que o cálice tosse dado aos leigos,[11] No mesmo ano ocorreu a última grande eonfiseação de terras da Igreja - a dissolução das "chantries", isto é, capelas com patrimônios para dizer mi. sas. Também foram confiscadas as propriedades de corporações e jrmandades religiosas [32] Foram revogados os Seis Artigos.. No começo de 1548 foi ordenada a remoção das imagens das Igrejas. Em 1549 se tornou legal o casamento de sacerdotes

Prontamente a confusão se tornou grande e, como medida para a promoção de reformas e assegurar a ordem, em 21 de janeiro de 1549, o parlamento promulgou um Ato de Uniformidade[14] pelo qual seria universal na Inglaterra o uso de um Livro de Oração Comum Tal livro, conhecido como o Primeiro Livro de Oração de Eduardo IV, em grande parte foi obra de Cranmer, que se baseou nos velhos ofícios ingleses em latim e em alguma coisa do Breviário romano revisado, cuja publicação se deu em 1535 pelo Cardeal Fernandez de Quinones, e no *ConsuUatto* de tendências luteranas de Hermann vou Wied, arcebispo de Colônia, publicado em 1543. Em suas linhas gerais, é ainda o Livro de Oração da Igreja da Inglaterra, mas essa edição mantinha muitos dos pormenores do velho culto tais como oração pelos mortos, comunhão nos enterros, unção e exorcismos nos batizados, unção dos enfermos, coisas que logo foram abandonadas.. As palavras

11 Gee e Ilardy, pp 322-328
12 *Ibid..,* **pp 328-357.**
13 *Ibid*, **pp 366-368**
14 *Ibid.,* pp 358-366

usadas ao dar os elementos ao cornurrgante, na Eucaristia, eram a primeira cláusula da atual forma anglicana, que implica que o corpo e o sangue de Cristo são realmente recebidos.

No entretanto, Somerset estava atrapalhado corn perturbações políticas.. Para neutralizar o ereseerrte poder da França na Escócia pr ocurou a união deste país corrr o seu pelo casamento do Rei Eduardo com Maria, princesa escocesa, aquela que seria "Rainha da Escócia", Para reforçar seus planos', invadiu a Escócia e infligiu-lhe terrível derrota, emr 10 de setembro de 1547, em Pinkie, corrr o que, no entanto, seu alvo principal foi frustrado Os irados chefes escoceses deram-se pressa em casar Maria com o herdeiro da França, o depois Francisco II, fato da maior significação para a reforma escocesa,

Somerset caiu, no entretanto, devido a causas pelas quais ele mesmo foi o r esponsável» Sentiu o descontentamento dos agricultores c creu que esforços deviam ser feitos 110 sentido de impedir fossem tomadas as terras com unais. .Nisto teve grande oposição das classes proprietárias e dentro delas não havia ninguém mais voraz que os recentes compradores das propriedades morrásticas. Em 1549 lrouve extensas revoltas., Não foi fácil dominá-las, principalmente pela eficiência do Conde de Warwiek. Sendo favorável às classes proprietárias, Warwiek encabeçou uma conspiração que, em outubro de 1549. tirou Somerset da posição de Protetor.

Warwiek, ou Duque de Northumberland, titulo que recebeu mais tarde, ainda que nunca tenha usado o título de Protetor, era, agora, o homem mais poderoso da Inglaterra.. A situação religiosa sofreu rápida mudança. Somerset fora de grande moderação, desejoso de conciliar todos os partidos. Northumberland não tinha princípios religiosos, mas, por razões políticas, deu impulso à causa protestante e, daí, o movimento tomou caráter mais radical, Ainda que aparentemente reconciliado com Somerset, desconfiava da popularidade do ex-Protetor e fê-lo decapitar, em 1552, Sua ambição, tirania e mau governo fizeram-no cordialmente odiado.

O Livro de Oração de 1549 não era popular. Os conservadores não gostavam das mudanças. Os protestantes julgavam guardasse ele muito dos usos romanos. Críticas como estas eram apoiadas por alguns teólogos estrangeiros de projeção, vindos da Alemanha por motivo do *ínterim,* e que foram acolhidos na Inglaterra, dos quais o mais influente era Butzer, de Estrasburgo. Esta hostilidade se fez mais atuante sob a política radical de Northumberland, e terminou levando à revisão do Livro de Oração e sua publicação em 1552, sob

POVO Ato DE Uniformidade [15] Agora muito mais do antigo cerimonial foi eliminado. As orações pelos mortos foram omitidas; a mesa de comunhão substituiu o altar; na ceia, passou a ser usado o pão comum, em vez da hóstia especial; foram postos de lado exorcismo e unção; as vestes do sacerdote se restringiram à sobrepeliz: foi introduzida a segunda cláusula na fórmula de entrega dos elementos aos conrimgantes, e que implica doutrina inclinada à concepção zuingliana da ceia»

Crarmier estivera ocupado na preparação de um credo que foi, por ordem do Conselho do Governo, submetido, em 1552, a seis teólogos» John linox era um deles Disso resultaram os Quarenta o Dois Artigos, autorizados em 12 de junho de 1553 pela assinatura do jovem rei, menos de um ano antes de sua morte Ainda que moderados para a época, eram decididamente de aspecto mais protestante que o Livro de Oração

Mesmo sendo impopular, Northumberland estava disposto a manter seu poder, Via-se que Eduardo VI era fisicamente fraco e Northumberland temia por sua própria vida se Maria o sucedesse no trono. Então adotou um plano desesperado. Convenceu o jovem re: a. passar a sucessão a Lady Jane Grey, esposa do quarto filho de Northumberland, Guilford Dudley, e neta de Maria, irmã de Ilenriqu VIII. Não tinha Eduardo VI direito de assim agir. Passou sobre os direitos de suas meias irmãs Maria e Isabel e de Maria "Rainha da Escócia", cujos títulos genealógieos eram melhores do que os de Lady Jane. Oranmer relutantemente apoiou tal plano desarrazoado» No dia G de julho de 1553 Eduardo VI morreu

A trama de Northumberland falhou por inteiro Era tal sua impopularidade que até as partes mais protestantes da Inglaterra, corno a cidade de Londres, ficaram do lado de Maria. De imediato ela se firmou rio trono e Northumberland foi decapitado, no patíbulo afirmando ser um verdadeiro católico. De saída Maria agiu com cautela, guiada pelo conselho astuto de seu primo, o Imperador Carlos V, O parlamento declarou válido o casamento de sua mãe com Henrique VIII A legislação eclesiástica do reinado de Eduardo VI foi abolida e restaurado o culto público segundo era celebrado no último ano de Henrique VI.IL[16] Cranmer foi preso Carlos V viu no provável casamento de Maria uma oportunidade de ganhar a Inglaterra e propôs como esposo seu filho Filipe, que logo seria Filipe II da Espanha. Em 25 de julho de 1551 realizou-se o enlace,

15 Gee e Rardy, pp 369-372
16 Gee e Hardy, pp 377-380

que foi deveras impopular por ser considerado uma ameaça de domínio estrangeiro

A reconciliação com Roma foi postergada. Entanto bispos e outros clérigos de tendências reformistas foram demitidos e vários dos mais distintos protestantes fugiram para o continente, Calvinu os recebeu calorosamente, enquanto os luteranos com frieza, pois os •consideravam heréticos por causa da questão da presença física de Cristo na Ceia do Senhor. O motivo por que se retardava a reconciliação era o receio de que fossem arrebatadas de seus atuais possuidores as confiscadas propriedades da Igreja. Sob a declaração de que esta não seria a política papal, o Cardeal Regúraldo Pole (1500-1558) foi admitido rra Inglaterra. O parlamento votou a restauração da autoridade papal e, a 30 de* novembro de 1554, Pole <leclarou ele e a nação absolvidos de heresia Então o parlamento passou a renovar as velhas leis contra a heresia[17] e a abolir a legislação eclesiástica de Henrique "V'11'I, assim restaurando a Igreja à •posição em que estava em 1529, salvo no referente às suas ex-propriedades, que a lei confirmou na posse de seus atuais possuidores

Começaram mais uma vez severas perseguições A primeira •vítima foi John Rogers, prebendário de s. Paulo, queimado em Londres a 4 de fevereiro de. 1555 A atitude do povo, que o aclamou quando ia para a fogueira, foi de mau presságio para essa política Antes, porém, do fim do ano, setenta e cinco pessoas foram queimadas em vários lugares da Inglaterra, Dentre elas as mais notáveis foram •os ex-bispos Hugo Latimer e Nieolau Ridley, cuja heróica atitude no dia da morte — 16 de outubro — causou profunda Impressão entre o povo. Outra vítima importante nesse ano foi John Hoopcr, ex-bispo de Glouecster e Woreester, Maria estava resolvida a destruir •o maior dos clérigos anti-romanos — o Arcebispo Cranmer-. Não •era ele do mesmo estofo heróico de Latimer, Ridley, Ilooper e Rogers Em 25 de novembro de 1555 foi excomungado por sentença de Roma •e logo após Pole foi feito arcebispo de Cantuária. E Cranmer se encontrava ante um dilema., file afirmara, desde sua nomeação por Henrique VIII, que o rei era suprema autoridade na Igreja da Inglaterra. Seu protestarrtismo era real, mas o novo soberano era •católico romano. Nessa hora de angústia ele se submeteu e declarou •que reconhecia a autoridade papal agora estabelecida por lei. Maria não pensava poupar o homem que declarara sem valor o casamento de sua mãe, Cranmer devia morrer. Era esperado que por uma

17 *Ibid ,* p 384.
18 *Ibid.,* pp 385-415

abjuração pública, do protestantismo antes de morrer ele desacreditasse a Reforma. Essa esperança andou perto de se concretizar. Cranmer assinou nova retratação, negando por inteiro o protestantismo. Mas no dia de sua execução, em Oxford, a 21 de março de 1556, recobrou a coragem. Repudiou por inteiro suas retratações, declarou sua fé protestante, e sua mão que assinara as submissões que agora renunciava, ele a manteve no fogo até se consumir. O dia de sua morte foi o mais digno de sua vida.

Eilipe deixou a Inglaterra em 1555. A ausência do marido e a circunstância de não ter filhos influíram de ta] modo na mente de Maria que ela passou a pensar que não fizera o bastante para satisfazer o julgamento de Deus. Daí as perseguições persistirem até sua morte, em 17 de novembro de 1558, No total, foram queimadas menos de trezentas pessoas —- pequeno número comparado com os mortos nos Países Baixos. Mas o sentimento inglês ficou profundamente revoltado. Esses mártires fizeram mais pela expansão do sentimento anti-romano do que todos os anteriores esforços governamentais Parecia certo que, ao ascender ao trono o próximo soberano, haveria mudança de orientação ou, então, guerra civil

Isabel (rainha de 1558-1603) durante muito tempo passara por ilegítima, ainda que seu lugar na sucessão tivesse sido assegurado por ato do parlamento, ainda em vida de Henrique VIU. De todos os filhos dele, só ela se parecia com ele ern habilidade, perspicácia e popularidade pessoal. Nela se combinavam curiosamente força masculina de caráter e o gosto dos adornos pessoais, este herdado de sua leviana mãe. Não possuía verdadeiro sentimento religioso, mas seu nascimento e a oposição romana ao casamento de sua mãe fizeram-na necessariamente protestante, ainda que ao tempo de Maria, quando sua vida. correu perigo, se houvesse conformado ao ritual romano, Por felicidade, sua subida ao trono tinha o apoio de Filipe II da Espanha, que logo se tornaria o seu mais acerbo inimigo, Tàl apoio recomendou-a aos ingleses católicos. Por mais romanista que fosse, Filipe era bastante político para não desejar ver a França, a Inglaterra e a Escócia sob o governo de um só par real. E se Isabel não era rainha da Inglaterra, então Maria, "Rainha da Escócia", esposa do príncipe que ern 1559 se tornaria o Rei Francisco II, da França, de direito podia aspirar ao trorro inglês. Km suas primeiras medidas ao subir ao trono, Isabel desfrutou, também, do auxílio de um dos mais cantos e lúcidos estadistas que a Inglaterra jamais produziu, Guilherme Cecil (1521-1598), mais conhecido como Lord Burghley. Logo ela o fez seu secretário, o qual seria seu prin-

eipal conselheiro até a morte dele. Foi grande vantagem para Isabel possuir sentimentos totalmente ingleses e profundamente simpatizar com as ambições políticas e econômicas da nação Tais qualidades fizeram muitos se reconciliar corri seu governo e que por meras considerações religiosas a teriam combatido. Ninguém duvidava de que ela sempre colocaria a Inglaterra em primeiro lugar.

Isabel agiu com cautela em suas alterações. O parlamento aprovou novo Ato de Supremacia,[19] mas sob forte oposição, em 29 de abril de 1559. For esse Ato a autoridade do papa e todos os pagamentos e apelos a ele foram rechaçados Significativa mudança de título foi feita, por insistência da própria Isabel. Fm lugar do antigo "Suprema Cabeça", tão desagradável aos católicos, ela seria agora designada "Governador Supremo" da Igreja da Inglaterra - expressão muito menos censurável mas que, na essência, significava a mesma coisa As provas de heresia seriam agora as Escrituras, os quatro primeiros Coneílios Gerais e as decisões' do parlamento Enquanto isso, uma comissão estivera revisando o Segundo Livro de Oração de Eduardo VI (p 89). A oração contra o papa desapareceu, o mesmo acontecendo à declaração de que ajoelhar na ceia não implicava em adoração Quanto à questão da presença física de Cristo foi propositadamente deixada indefinida pela combinação das fórmulas de entrega dos elementos rios dois livros de Eduardo (pp 88, 89).. Essas modificações procuravam fazer o novo ofício mais aceitável aos católicos.. O Ato de Uniformidade[20] também ordenava que todo o culto, depois de 24 de. junho de 1559, fosse prestado de acordo com esta liturgia, e estabelecia que os ornamentos das igrejas e as vestes dos clérigos seriam os usados no segundo ano de Eduardo VI

Todos os bispos da época de Maria, exceto dois obscuros arrtistes, recusaram fazer esse juramento de supremacia Entre o baixo clero, no entanto, foi pouca a resistência, não chegando a duzentos o numero dos que se rebelaram.. Novos bispos deviam ser nomeados, e Mateus Parker (1504-1575), conforme o desejo de Isabel, foi eleito arcebispo de Cantuária.. Fora ele capelão de sua mãe. Sua sagração era um problema complexo; mas na Inglaterra havia os que tinham recebido ordenação episcopal ao tempo de Henrique VIII e Eduardo VI. Parker foi sagrado em 17 de dezembro de 1559 por alguns deles — Guilherme Barlow, John Seory, Mijes Coverdale e John Hodgkirr, A validade do ato, da qual depende a sucessão apostólica do episeo-

19 Gee e Ilardy, pp 442458
20 *Ibid.,* pp 458467

pado inglês, sempre foi enfaticamente afirmada pelos teólogos anglicanos, mas, por vários motivos, negada pelos romanos e declarada sem valor pelo Papa Leão X1) 1, em 1896, por defeito dc "intenção" Assim inaugurado, logo ficou estabelecido um novo episcopado anglicano.. Foi intencionalmente postergada uma definição do credo, além da implícita no Livro de Oração. Em 1563, porém, os Quarenta e Dois artigos de 1553 (p 90) foram em parte revisados, e, como os famosos Trinta e Nove Artigos, se tornaram a declaração de fé da Igreja da Inglaterra[21]

E assim, aí por 1563, o estabelecimento isabelino estava completo. Mas também estava ameaçado por dois lados: Roma e outro mais poderoso, os fogosos reformadores, que desejavam ir mais longe e que logo foram denominados puritanos. A característica interessante da revolta inglesa é «pie não produziu destacado líder religioso tal como Lutero, Zuínglio, Calvino ou. Jolrn Knox. Nem tampouco, antes do começo do reinado de Isabel, manifestou algum considerável despertamento espiritual entre o povo, Seus impulsos eram políticos e sociais. Grande reavivamento da vida religiosa da Inglaterra, cujo começo coincidiu com o reinado de Isabel, surgiria sem nada dever à rainha.

21 Schaff, *Creeds of Christendom,* 3:487 516.

A REFORMA ESCOCESA

Ao dealbar do século décimo sexto a Escócia era um país pobre e atrasado, Eram medievais suas condições sociais Seus reis tinham pouco poder. Sua nobreza era turbulenta, Sua Igreja era relativamente rica em terras, possuindo cerca da metade do país, mas as posições eclesiásticas eram grandemente usadas para a colocação dos filhos mais moços das easas nobres e, **assim,** muito das propriedades eclesiásticas estava na posse dos nobres leigos A fraca monarquia usualmente se arrimava na Igreja contra a nobreza laica.. A instrução era atrasada, ainda que no século décimo quinto tivessem sido fundadas universidades em S, André, Glasgow e Aberdeen Comparadas, porém, com os centros culturais do continente, eram muito fracas,

O motivo determinante da história política da, Escócia, nesta época, era o temor[1] do domínio ou anexação pela Inglaterra, o (pie a levou a vincular seu destino ao da França. Três graves derrotas infligidas pela Inglaterra —• Floddcrr (1513), Solway Moss (1542) e Pinkie (.1547) —• aumentaram esse sentimento de antagonismo, mas também demonstraram que a superioridade militar inglesa não podia conquistar a Escócia. Por outro lado, a Escócia aliada à França era um grande perigo para a Inglaterra, perigo que se tornou mais sério ainda quando esta rompeu com o papado. Por isso Inglaterra e França procuravam formar dentro da Escócia partidos e facções a elas favoráveis, No geral, a poderosa família Douglas pendia para a Inglaterra, enquanto a família Hamilton inclinava se para a Fjrança. Também tinha esta fortes partidários no Arcebispo Tiago Beaton ("-1539), de S. André, primaz da Escócia, e cru seu sobrinho, o Cardeal Davi Beaton (1494?-!546), seu sucessor na mesma sé, Ainda que o Rei Tiago V (reinou de 1513 a 1542) fosse sobrinho de Henrique VIII, e seu neto Tiago VI viesse a ser, em 1603, Tiago I da Inglaterra e unisse as duas coroas após a morte de Isabel, Tiago V lançou sua sorte com a França, sucessivamente casando com uma

filha de Francisco I e, depois que ela morreu, com Maria de Lorena, da poderosa família católica francesa dos Guises» Deste último consórcio, tão importante na história do país, nasceu Maria, "Rainha da Escócia'[7].

Desde cedo houve manifestações protestantes entre os escoceses Patrício Hamilton (1504?-1528), que visitara Wittenberg e estudara em Marburgo, pregou a doutrina luterana e foi queimado em 29 de fevereiro de 1528 Lentamente a causa progrediu Em 1534 e 1540 houve outras execuções Entanto, em 1543 o parlamento escocês autorizou a leitura e tradução da Bíblia Foi uma fase temporária, porém, devida à influência inglesa Em 1544 o Cardeal Beaton e o partido francês estavam fazendo forte repressão O principal dentre os pregadores deste tempo foi Jorge Wishart (1513 M546), queimado pelo Cardeal Beaton no dia 2 de março Em 29 de maio Beaton foi brutalmente assassinado, ern parte por vingança pela morte de Wishart e em parte por hostilidade à sua política francesa Os assassinos se apossaram do castelo de S. André, e ali reuniram seus simpatizantes Em 1547 um perseguido pregador, protestante, ao que parece comei tido por Wishart e certamente seu amigo, e de nenhuma anterior notoriedade, refugiou-se junto a eles e se tornou seu mestre espiritual lira John Knox, que viria a ser o herói d i reforma escocesa..

Nascido em Haddington ou seus arredores, entre 1505 e 1515, Knox começou obscuramente.. Por certo foi ordenado ao sacerdócio, e quando Wishart foi preso eslava com o mártir e se preparou para defendê-lo.. Forças francesas enviadas para dominar os rebeldes do castelo de S André os obrigaram a render-se.. Knox foi levado para a França e durante dezenove meses sofreu a cruel sorte de um gale Solto por fim, dirigiu-se para a Inglaterra, então sob governo protestante em nome de Eduardo VI, e foi feito um dos capelães reais, e em 1552 rejeitou o bispado de Roehester.. A subida de Maria ao trono o obrigou a fugir, ern 1554, Entanto, os refugiados ingleses aos quais se juntou, em Frankfurt, estavam divididos por motivo do Livro de Oração de Eduardo,'[1] e ele logo achou acolhida em Genebra. Lá se tornou ardente discípulo de Calvino e trabalhou na versão para o inglês da Bíblia Genebrina, mais tarde tão querida pelos puritanos ingleses..

No entretanto, a Escócia mais se afastara da Inglaterra com a derrota de Pinkie, em 1547. Maria, "Rainha da Escócia", fora pro-

1 Kidd, *p* 691

metida ao herdeiro da Franca e enviada a esse país, em 1518, para ficai' em segurança. E sua mãe, Maria de Lorena, da família dos Guises, se tornou regente.

Para grande parte dos nobres e do povo da Escócia esta total dependência da França era tão odiosa como a submissão à Inglaterra.. Protestantismo e independência nacional pareciam estai' unidos, e nessa dupla luta Knox seria o líder.. Em 1555 atreveu-se ele a voltar ao seu país e lá pregou durante seis meses.. A situação, porém, não estava ainda madura para a revolta e Knox retornou a Genebra para pastorear a igreja de refugiados de fala inglesa.. Tinha, no entanto, plantado semente frutífera. Em 3 de dezembro de 1557 alguns nobres protestantes e arrtifranceses fizeram um pacto para "estabelecer a mui bendita Palavra de Deus e Sua congregação" motivo por que foram denominados "Lordes da Congregação" [2] Mais combustível foi posto nesta dissidência com o casamento de Maria com o herdeiro da França, em 21 de abril de 1558.[3] Agora, a Escócia era província da França, e se desse consórcio nascesse um filho, seria ele governanta de ambos os países. E a ligação com a França ficou mais assegurada por um acordo assinado por Maria, na ocasião mantido secreto, de que-se ela mor resse sem descendência a Escócia passaria para a França. Antes de terminar 1558 Isabel era rainha da Inglaterra, e Maria, "Rainha da Escócia", a denunciou como usurpadora e se proclamou ocupante do trono inglês.

Diante de tal circunstância, os defensores da independência escocesa e do protestantismo aumentaram rapidamente e foram formando um partido, Além disso, seria possível contar com o auxílio de Isabel, mesmo que ele significasse apenas segurança para a soberana inglesa. Knox compreendeu que chegara a hora e a 2 de maio estava novamente na Escócia, Nove dias depois pregou em Perth. A turba destruiu os estabelecimentos morrástícos da pequena cidade;[1] Naturalmente a regente considerou isso ato de franca rebeldia. Ela tinha ao seu dispor tropas francesas, e os dois lados se prepararam para a luta. Suas forças eram equilibradas e o resultado ficou Indeciso. Para desgosto de Knox, em vários lugares da Escócia igrejas foram destruídas e saqueadas propriedades monásticas Em 10 de julho de 1559 morreu o rei francês Henrique II e o esposo de Maria, Francisco II, o substituiu. Reforços franceses foram logo enviados à regente. E as coisas se tornaram más para os reformadores. Por fim, em janeiro

2 *íbtd,* p 696.
3 Kidd, p 690.
4 *Ibid.,* p 697

de 1560, chegou auxílio da Inglaterra.. A luta se prolongava Em 11 de junho de 1560 morreu a regente e sua causa pereceu com ela.. No dia 6 de julho íoi feito um tratado entre a Franca e a Inglaterra. For ele os soldados franceses seriam retirados da Escócia e seus patrícios excluídos de todos os postos importantes no governo escoees A revolução triunfara com o apoio inglês, mas sem comprometer a independência da Escócia, e Knox fora seu inspirador[5] Neste episódio a classe média, pela primeira vez, se mostrou como uma força, e sua influência favorecia a nova ordem.

O partido vitorioso levou seu triunfo ao parlamento escocês. Em 17 de agosto de .1560 foi adotado como credo do reino uma confissão de fé calvinista, em sua maior parte preparada por K nox .[v] Uma semana mais tarde o mesmo parlamento aboliu a jurisdição papal e proibiu a missa, sob pena de morte na terceira reincidência [7] Ainda que os reis, na. Fr-ança, hajam negado sua aprovação, a maioria da nação falara

Knox e seus companheiros então passaram a completar sua obra Em dezembro de 1560 se realizou uma r eunião tida como a primeira "Assembléia Geral[77] escocesa.. E logo em janeiro o *Primeira Livrj de Disciplina* foi apresentado ao parlamento[8] Era um notável documento que procurava aplicar o sistema elaborado por Calvino a todo um reino, ainda que o sistema presbiteriano não estivesse desenvolvido por completo,. Em cada paróquia haveria um ministro e anciãos exercendo suas funções com o consentimento da congregação. Ministros c anciãos formavam a junta disciplinar — mais tarde chamada sessão •• — cqm poder de excomunhão. Nas cidades maiores reurrir-se-iam para discussão e dessas discussões sairiam os "presbitérios"; sobre os grupos de ministros e congregações haveria sínodos e acima de tudo estaria a "Assembléia Geral" As necessidades da época e o estado incipiente da Igreja levaram à criação de duas novas instituições: "Leitores[7]', em lugares onde não houvesse ministros ou fosse deveras grande o trabalho; e "superintendentes[7]', sem autoridade espiritual mas com poderes administrativos para supervisionar a organização de paróquias e recomendar candidatos ao ministério Além destas questões eclesiásticas, o *Lavro* apresentava apreciáveis esquemas para a educação nacional e atendimento dos pobres Queria Knox que a Igreja, a educação e os pobres fossem mantidos pelas

5 Kidd, pp 698-700.
6 *Ibid* , pp 700, 704 707; Schafí, *Credos da Crisiandade,* 3:437:479
7 *Ibid.,* pp 701, 702..
8 *Ibid* , p 707

propriedades da antiga Igreja. Nisto, 110 entanto, o *Livro* encontrou resistência da parte do parlamento, que o não adotou neste ponto, ainda que muitos dos seus membros aprovassem. Aos poucos a constituição eclesiástica entrou em vigor, mas os nobres se apossaram das terras da Igreja e, então, ela se tornou uma das mais pobres da cristandade Essa relativa pobreza deu-lhe caráter democrático, o que a fez baluarte do povo contra os abusos dos nobres e da coroa.

Todas as práticas sem apoio na Escritura foram eliminadas. O domingo foi o único dia santo que permaneceu Paia a direção do culto público Knox preparou o *Livro de Ordem, Comum*, por vezes chamado "Liturgia de Knox", o qual, em 1504, foi aprovado pela "Assembléia Geral" [9] Em grande parte se baseava no da congregação inglesa de Genebra, que, por sua vez, era calcado no modelo de Calvino. No entanto, mais uso de orações extemporâneas era permitido, sendo as fórmulas dadas tidas corno modelos, cujo emprego exato não era obrigatório, ainda que a ordem geral e o conteúdo do serviço fossem bem definidos.

Em breve Knox se viu compelido a defender o que ganhara. Erancisco II, da Erança, faleceu em 5 de dezembro de 1560, e em agosto Maria voltou para a Escócia.. Sua situação de viúva moça despertava simpatias, simpatias que eram aumentadas pelo seu "charme" pessoal. Não era mais rainha da Erarrça e os que haviam apoiado o protestantismo não por razões religiosas mas pela aspiração de independência nacional, bem podiam pensar que havia passado o grave perigo da dominação francesa, que os levara a aceitar a revolução religiosa. De coíneço, Maria portou-se com grande prudência. Mesmo não fazendo segredo de sua fé e mandando dizer missa em sua capela •— com a furiosa desaprovação de Knox, então ministro de S. Giles, em Ediirrburgo, e admirado pelos burgueses da cidade -— cia não interferiu no acordo religioso estabelecido em 1560. Maria empenhou-se em assegurar seu reconhecimento como herdeira de Isabel ao trono inglês, coisa que esta não pensava conceder Maria contava com os sábios conselhos de seu meio irmão Tiago Stuart, (pie viria a ser Conde Moray (1531ÍM 570), e que fora um dos líderes dos "Lordes da Congregação".. Procurou ela, com entrevistas pessoais habilidosas, ganhar Knox, liste, porém, se negou a qualquer acerto e permaneceu a alma do partido protestante. Com isso negras se tornaram para ele as perspectivas. Maria ganhava amigos Os nobres protestantes estavam divididos. A missa cada vez mais estava sendo

9 Kidd, pp 708 715

usada. Boas razões tinha Knox de temei que Maria entregasse a Escócia a um rei católico, consorci ando-se com algum importante príncipe estrangeiro, Foi seriamente discutido o casamento com o filho de Filipe II, da Espanha. Entretanto, mais alarmante para a causa na Escócia e na Inglaterra foi o casamento de Maria, a 29 de julho de 1565, com seu primo Henrique Stuart, Lord Darnley (1545-1567), por quem ela se enamorara. Os direitos de Darnley ao trono inglês eram semelhantes aos da própria Maria.. Era ele popular entre os ingleses católicos, e ainda que houvesse passado por protestante na Inglaterra, agora se confessava católico O casamento aumentou o perigo paia Isabel dentro de sua pátria e fortaleceu o partido católico na Escócia. Moray, que se opusera ao consórcio, foi expulso da corte e logo exibido e Maria foi submetendo, um a um, os senhores protestantes que simpatizavam com ele E assim perdeu seu conselheiro mais avisado

Até aqui Maria agira com muita astúcia, Mas o protestantismo escocês então se salvou pelos erros e falta de autocontrole dela mesma., Darnley era desagradável e viciado. E os sentimentos de Maria para com ele mudaram por completo Por outro lado, seus ciúmes foram desper tados pelos ..favores que Mar ia dispensava a Davi Riccio, italiano que ela empregara como secretário estrangeiro e a quem os senhores protestantes consideravam inimigo Daí, então, Darnley e nobres protestantes .fizeram um eomplô e a 9 de março de 1566 arrastaram **Riccio** até onde Marra se encontrava e o assassinaram, no palácio de Holyrood. Maria se portou com grande astúcia Dissimulando o ódio despertado por Darrrley, dele conseguiu os nomes de seus cúmplices na conspiração e exilou os assassinos, enquanto os demais participantes ficaram sob seus olhos, sabendo que ela era ooirhecedora de seus nomes. Em 19 de junho de 1566 o futuro Tiago VI da Escócia e I da Inglaterra nasceu, serrdo filho dela e de Darnley. Parecia que ela nunca estivera tão segura como agora no trono escocês..

Na verdade, Maria nunca perdoara seu marido No momento estava bastante atraída por um nobre protestante, Tiago Hepburn, Conde de Bothwell (1536M578) Botlrwetl era rude e Iicencioso, mas valente, leal e guerreiro; suas qualidades contrastavam com as do seu fraco esposo Ifile começou a tramar para tirar Maria de Darnley. Aírrda hoje a história discute que participação teve a própria Maria em todo esse problema Darnley, que convalescia de varíola, foi levado por ela de Glasgow para uma casa nas proximidades de

Edimburgo, onde Maiia ficou com ele durante parte de sua última tarde. Na madrugada de 10 de fevereiro de 1567 a casa foi pelos ares, e o corpo de Daruley foi encontrado perto.. A opinião pública acusou Bottrwell do assassinato, e era crença generalizada, provavelmente justa, de que Maria seria também responsável lím tudo ela cumulou de honras a Botlrwell e ele foi absolvido por uma farsa processual. A 24 de abril Bothwell encontrou Maria numa de suas viagens e fê-la prisioneira •— com a conivência dela mesma, conforme geralmente se dizia. Era ele casado, mas se divorciou a 3 de maio, acusando a esposa de adúltera No dia 15 desse mesmo mes casou com Maria, segundo o rito protestante

Tão vergonhosas tramas provocaram generalizada hostilidade na Escócia e, também, afastaram de Maria as simpatias dos católicos na "Inglaterra e no continente. Na Escócia, protestantes e católicos juntaram suas forças contra ela. Justamente quando fazia um mês de seu casamento, foi ela aprisionada E em 24 de julho de 1567 foi obrigada a abdicar a favor de seu filho de apenas um ano de Idade, sendo Moray feito regente Maria foi presa no castelo de Lochleven. Em 29 de julho John Knox pregou na coroação de Tiago VI. Com a queda de Maria, triunfou o protestarrtismo, que, em dezembro, foi definit.ivamen.te estabelecido pelo parlamento Maria escapou de Lochleven em maio de 1568, mas Morlay derrotou os partidários dela Maria, então, fugiu para a Inglaterra, onde ficou sendo o centro das intrigas católicas até sua execução por conspirar contra a vida de Isabel, em fevereiro de 1587.

A fogosa carreira de Knox chegava ao fim. Morreu a 24 de novembro de 1587, depois de Influenciar não apenas no terreno religioso mas o próprio caráter da nação, mais do que qualquer outra personagem da história escocesa. A obra de Knox foi continuada por André Melville (1545-1623), que lecionara em Genebra como colega de Beza desde 1568 até o seu regresso à Escócia, em 1574. Eoi Melville o reformador das Universidades de Glasgow e >S André. Mas ainda mais se distinguiu como aperíeiçoador do sistema presbiteriano na Escócia e seu vigoroso defensor- contra as interferências episcopais e reais de Tiago VI. Este o obrigou a passai os dezesseis últimos anos de sua vida fora de sua terra natal.

10

O REAVIVAMENTO NA IGREJA ROMANA

Como já foi visto (pp 399 400, vol I) à geração anterior ao rompimento de Lutero com Roma, a Espanha apresentou vigorosa obra reformadora, empreendida pela Rainha Isabel e pelo Cardeal Xirnenes. Nessa obra se aliavam o zelo por um clero mais moral e mais culto; a supressão de abusos reconhecidos; os estudos bíblicos para os capacitados, não para o povo, com inflexível ortodoxia segundo padrões medievais; e a repressão da heresia pela inquisição, lisse movimento daria vida e vigor ao reavi vamento romanista, muita vez, ainda que incorretamente, chamado Contra-Reforma. Quando Lutero deu início à sua obra, fora da Espanha tinha tal movimento pouca repercussão. Em realidade, o declínio da Igreja Romana era mais que evidente na debilidade com (pie se opôs ela ao protestantismo no decorrer do primeiro quarto de século da Reforma, e na incapacidade dos próprios papas de sentirem a real gravidade da situação e colocarem seus interesses como chefes da Igreja acima de suas preocupações como príncipes italianos sem maior significação.. Ainda que Adriano VI (1522-1523) tenha demonstrado verdadeiro zelo reformador no sentido espanhol, ainda (pie Ineficaz, durante seu curto e infeliz pontificado, nem seu predecessor, Leão X (1513-1521), ou seu sucessor^ Clemente Vil (.1523-1534), sob qualquer aspecto, foram lideres religiosos. E, note-se, as ambições políticas deste último materialmente contribuíram para a expansão do protestantismo.

Havia, no entanto, mesmo na Itália, quem estivesse ansioso por reformas, ainda que não por meios revolucionários. Um grupo desses, por volta de 1517, fundou em Roma o "Oratório do Amor Divino". Entre seus dirigentes estava Gian Petro Caraffa (1476-1559) que foi, mais tarde, o Papa Paulo IV (1555-1559) Descendia de distinta origem napolitana e, tendo vivido alguns anos na Espanha, de lá trouxe certa admiração pela reforma espanhola mas não amor pela sua monarquia. Outro membro foi Jacó Sadoleto (1477-1574). Simpatizando profundamente com o grupo ainda que não fazendo

parte do Oratório, contava-se o Senador Gaspar Oontarini (1483-15-12), de Veneza, que era ainda leigo.. Destes, Caraffa era irredutível devoto do dogma medieval, enquanto Conta rim bastante simpatizava com a doutrina luterana da justificação somente pela fé, sem, contudo, rejeitar a velha hierarquia O Papa Paulo III (1534-1549), melhor que seus antecessores compreendeu a gravidade da situação, e no começo de seu pontificado fez cardeais Oontarini, Caraffa. Sadoleto e o inglês Reginaldo Pole (1500-1558) e, com outros, os nomeou para uma comissão visando ao melhoramento da Igreja Pm 1538 essa comissão apresentou mui claro relatório, mas que não deu resultado.[1]

.Esses homens estavam realmente bem longe de possuírem idéias protestantes. Mas havia muitos outros cujas simpatias os levavam bem mais longe. Eram particularmente numerosos em Veneza, aiuda que lá não tenha aparecido um líder de fato Nessa cidade foi impressa, em 1530, a tradução do Novo Testamento de Bruccioli, e dois anos depois toda a Bíblia. Já focamos, em relação a Calvino, a hospitalidade de Ferrara, sob a Duquesa Renata (p 74) O mais importante desses grupos era o que se reunia em Nápoles, ao redor de João Valdés (150Ü'?-I541), espanhol de alto coturno a serviço de Carlos V e pessoa piedosa e de misticismo evangélico. Seu discípulo, Benedetto de Mântua, por- volta de 1540, escreveu o mais popular dos livros procedentes desse círculo, *Os Benefícios da Morte de Cristo*.. Entre os seus componentes se contava Pedro Martire Vermigli (1500-1562), prior do mosteiro de S Pedro, em Nápoles cujo pai fora admirador de Savonarola - e destinado a ser professor de teologia protestante em Estrasburgo e Oxford Também Bernardino Ochino (1487-1561), vigário geral da ordem dos Capuchinhos, mais tarde prebendárlo protestante de Cantuária. pastor em Zurique e, por fim, andarilho em virtude de suas estranhas idéias Outro amigo deste grupo era um sobrinho de Caraffa, Oaieazzo Caraccioli, Marquês de Vico, depois intimamente associado a Calvino, em Genebra lasses evangélicos italianos estavam, porém, desorganizados e sem auxílio de príncipes, exceto o mui cauteloso apoio que lhes era dispensado em Ferrara. No entretanto, não faziam seguidores entre o povo. Na Itália, eram uma planta exótica, o mesmo se podendo dizer dos poucos protestantes que ha\ia na Espanha.

O Papa Paulo III durante algum tempo vacilou entre o método conciliatório advogado por Corrtarini, que participou das reuniões

1 Kidd, pp 307-318..

de Ratisbona (p 54) como legado papal; e o de Caraffa, que pedia se\era repressão das divergências doutrinárias, enquanto defendia a reforma moral, e administrativa Finalmente se decidiu por este, e sua decisão passou a ser a política de todos os seus sucessores. Ante o apelo de Caraffa, em 21 de julho de 1542, Paulo III reorganizou a inquisição, baseado principalmente no modelo espanhol, mas em escala universal..[2] Entanto, seu estabelecimento se deu somente onde recebeu apoio de autoridades civis amigas. Por causa dela, rapidamente desapareceu o incipiente protestantismo italiano. Assim foi forjada uma das principais armas da Corrtra-Reforma Católica,

Muito mais importante foi o desper.lamento do zelo missionário com que o gênio da Espanha contribuiu para inflamar' o entusiasmo católico. Sob qualquer ponto de vista com que seja encarado, Inácio de Loyola é um dos principais vultos da época da Reforma.. ínigo López de Recalde nasceu de família nobre, em 1491, no Norte da .Espanha,. Depois de servir como pajern na corte de Fernando, fez-se soldado,. Demonstrou sua int.iepidez quando Parriplona foi sitiada pelos franceses, em 1521, Mas durante o cerco recebeu um ferimento que o tornou incapaz para o serviço militar' Durante seu lento restabelecimento, estudou as vidas de Cristo, S Domingos e S. Francisco. Na Espanha ainda sobreviviam os ideais da cavalaria e ele resolveu ser um cavaleiro da Virgem, Ainda convalesceu te, viajou para Montserrat e depôs suas armas sobre o altar da Virgem. De lá seguiu para Manresa, onde, rio mosteiro dominicano, iniciou aquelas visões dirigidas qu«, de imediato, se tornaram em seus *Exercícios Espirituais*. Esta é uma obra destinada a guiar o homem à realização dc seu destino sob a vontade de Deus. No interesse da salvação de sua alma e para a glória de Deus, o homem é levado a fazer a escolha a favor de Cristo: abandonar seus pecados, assumir uma. atitude de "santo desinteresse" corrr referência a este mundo, e usar seus bens para a glorifieação de Deus, O cristão é levado a se submeter inteiramente a Deus e a se tornar membro perfeitamente disciplinado da Igreja, pronto a servida obedientemente. O ano de 1532 encontrou Inácio como peregrino em Jerusalém, disposto a servir a Cristo como missionário entre os maometanos Mas os íraneiscanos que, com dificuldade, ali mantinham a cruz, acharam-no perigoso e o mandaram de regresso.

2 Kicld, ÍÞv 347-3 SO,

Convencido de que para fazer a obra que desejava era necessário iustrueão, Inácio ingressou numa classe de rapazes, em Barcelona **E,** ráx>ido, foi além, às Universidades de Alcalá e Salarrianca Sendo um líder nato, reuniu companheiros capazes e praticava com eles seus exercícios espirituais. Isto levantou suspeitas por parte da inquisição espanhola e sua vida correu perigo Em 1528 ingressou na Universidade de Paris, justamente quando Calvino a deixava Ali não fez demonstrações públicas, mas congregou ao seu redor um punhado de amigos e discípulos devotados — Pedro Lefevre, Pran cisco Xavier, .Diogo Lainez, Alfonso Salmeron, iNíicolau Bobadilla e Simão líodriguez -•-- na sua maioria espanhóis A 15 de agosto de .1534, na igreja de Sta Maria, em Montmartre, esses companheiros fizeram voto de ir a Jer usalém para, trabalhar pela Igreja e pelo próximo ou, então, não serrdo isso possível, colocarem-se à disposição do papa» Era uma pequena associação de estudantes, cujo vínculo de união era o amor a Deus e à Igreja, como eles a compreendiam»

Em 1536 se encontrava em Veneza, Jerusalém, no entanto, estava isolada pela guerra e, daí, resolveram pedir ordens ao papa Inácio começou a perceber no que sua sociedade se poderia tornar, A Itália conhecera muitas companhias militares rro serviço ler renal, A dele, porém, seria uma companhia militar de Jesus, ligada por estrita obediência semelhante e com igual preparo militar, se bem que espiritual, para travar" a batalha da Igreja contra os in fiéis e os hereges. Mesmo com a oposição eclesiástica, Paulo II1 foi levado pela atitude favorável de Contarini e a habilidade de Inácio, em 27 de setembro de 1540, a autorizar a companhia [3] Ainda era inde-finida a constituição da sociedade, salvo que teria um chefe a quem era devida total obediência e que, trabalharia, onde ele e o papa determinassem. Ern abril de 1.541 Inácio foi escolhido como primeiro "geral" — função que desempenhou até morrer, no dia 31 de julho de 1556,

A constituição dos jesuítas foi se desenvolvendo aos poucos, sendo completada de fato após a morte de Inácio, Entanto suas linhas principais são devidas a ele A cabeça está um "geral" a quem é devida obediência absoluta; ruas, por outro lado, é ele vigiado por assistentes indicados pela ordem e que podem, se for o caso, depô-lo» Sobre cada distrito há um "provincial'', nomeado pelo "geral" . Os membros são admitidos após cuidadoso noviciado e prometem obedi-ência no mais amplo sentido em tudo que não implique pecado . Seus

3 Kidd, yp 335 340.

superiores lhes indicam o trabalho que estáo certos podem melhor fazer.. Com o fito de melhor realizar sua obra, os jesuítas não estão obrigados a horas fixas de culto ou trajes como os monges . Todo o membro é disciplinado pelo uso dos *Exercícios Espirituais* de Inácio •— obra notável, de acordo com a qual o jesuíta é adestrado num manual espiritual de armas durante quatro semanas de intensa contemplação dos principais fatos da vida e obra de Cristo e a guerra cristã contra o mal, sob a direção de um instrutor espiritual Foi maravilhoso instrumento imaginado por Inácio, combinando o individualismo renascentista — cada indivíduo indicado e treinado para seu próprio trabalho - • com o sacrifício da vontade e completa obediência ao espírito e aos objetivos do todo. É a perfeita antítese do protestantismo..

Ainda que a sociedade jesuítiea rapidamente se tenha espalhado na Itália, Fspanha e Portugal, foi devagar que ganhou terreno na França e na Alemanha. Na segunda metade do século décimo sexto, porém, era a guarda avançada da Contra-Reforma. Seus principais meios de agir eram a pregação, o confessionário, suas ótimas escolas - - não pai a o povo em gerai, mas* para os nobres e ricos . . . .e missões estrangeiras. Sob a influência dos jesuítas, a confissão e a comunhão se tornaram mais freqüentes nos países católicos. E, para auxiliar o confessionário, a prática moral jesuítiea foi gradualmente se desenvolvendo, principalmente após a morte de Inácio, e de modo especial na primeira parte do décimo sétimo século, numa forma que provocou críticas não apenas dos protestantes mas de muitos católicos, Para julgá-los corn aceito, é preciso lembrar que esses tratados morais não representam ideais de comportamento, mas a *mínima* sobre a qual se pode conceder a absolvição; e, também, que a moralidade jesuítiea enfatizava a tendência universal latina de considerar o pecado como série de atos definidos antes que um estado ou atitude do espírito

Naturalmente uma -sociedade assim, de caráter internacional, cujos membros estão ligados a seus chefes por constantes relatórios' e cartas, celeremente se tomou uma força na vida política.

Com o estabelecimento da inquisição universal e a fundação da Companhia de Jesus, o Concilio de Trerrto deve ser classificado como importante fator da Contra-Reforma Ksse concilio teve história cheia de vicissitudes. Ansiosamente desejado por Carlos V e relutantemente convocado por Paulo III, por fim se reuniu em Treuto, em dezembro de 1545, Ern março de 1547 a maioria italiana o transferiu para Bolonha; mas em maio de 1551 retomou a Trento, onde permanecera a minoria espanhola.. Ern 28 de abril de 1552 foi suspenso

por causa da revolta chefiada por Moritz da Saxônia contra o imperador (p 59).. Só em janeiro de 1562 tornou a se reunir e completou sua obra a 4 de dezembro de 1563.. A votação esteve restrita aos bispos e chefes de ordens, sem divisão por nações, como em Constança (p 385, vol. I). A maioria ficou, pois, com os italianos. E ela representou o desejo papal de que definições doutrinárias precedessem as reformas. Por outro lado, os bispos espanhóis, igualmente ortodoxos na fé, com vigor apoiaram o desejo do imperador' de que as reformas viessem antes que a doutrina .. Concordou se que doutrina e reforma seriam discutidas alteinadamente, mas todas as decisões precisavam a aprovação do papa. assim fortalecendo a supremacia papal na Igreja. Voz nenhuma teve mais influência no concilio do que as dos peritos teológicos do papa, os jesuítas Lainez e Salmeron, e a influência deles firmemente apoiou o espírito antiprotestante

Os decretos doutrinários do Concilio de Trento[4] foram claros e definidos era sua rejeição das crenças protestantes, ainda que por vezes hesitantes com referências a temas em discussão rias controvérsias medievais. A Escritura e a tradição são igualmente fontes de verdade. Só a Igreja tem o direito de interpretar. A justificação é habilmente definida, mas deixando lugar às boas obras, Os sacramentos são os sete medievais e definidos à maneira medieval. O resultado está expresso com habilidade mas a Igreja fechou por completo a porta a qualquer compromisso ou modificação da doutrina medieval.

Todavia, as reformas efetuadas pelo concilio, ainda que ficassem longe de satisfazer os desejos de muitos da Igreja Romana, foram consideráveis. Cuidavam houvesse interpretação das Escrituras nas cidades maiores. Os bispos ficaram obrigados a pregar e o clero paroquial, a claramente ensinar o que é necessário á salvação. Os clérigos foram obrigados a residir em suas paróquias e foram restringidas as acumulações.. Foi ordenado se organizassem seminários para o preparo do clero, e melhores provisões foram feitas para a supervisão moral dele Foram criados regulamentos para evitar casamentos clandestinos. Passo menos elogiável foi a aprovação de um catálogo de livros proibidos, que seria preparado pelo papa, seguindo o exemplo de Paulo IV, em 1159. Disso resultou, em 1571, a criação, por Pio V (1566-1572), em Roma, da Congregação do Index, para a censura de publicações.

Melchior Cano (1525-1560), teólogo espanhol, influente em Trento, escreveu a melhor defesa da posição romana até então apare-

4 Schaff, *Credos da Cristandade, 2:77-206*

eida — *De Locis Theologici Libre X17* publicada três anos depois de seu falecimento. Ensinava que a teologia está baseada na autoridade. A autoridade da Escritura repousa rio podei' da Igreja, de investigar e aprovar, a qual diz o que é e o que não é Escritura. Mas como toda a doutrina cristã, de modo algum, está contida na Escritura, a tradição, transmitida e depurada pela Igreja, é outra fonte autorizada

O meio do décimo sexto século presenciou unia mudança nos interesses primordiais dos detentores do papado. Eram ainda príncipes temporais italianos, mas os interesses da Igreja agora passavam para o primeiro plano. Com Paulo IV (Caraffa, 1555-1559) a Contra-Reíorrna alcançou o trono papal com o resultado de que muitos abusos da cúria foram extintos., Roma se tornou urna cidade mais séria, muito mais eclesiástica que na época da Renascença, e os papas, agora, eram principalmente homens de vida rigorosa, zelo religioso e catolicismo ativo

O resultado de todas essas influências foi que aí por 1565 estava reavivado o zelo católico . Estava muito difundido um novo espírito tenaz na ojrosiçao ao protestantismo, medieval em sua teologia, mas pronto a lutar ou sofrer por sua fé. Ante esse *zelo* renovado, o protestantismo não apenas parou de fazer novos avanços mas suas conquistas na Reriânia e no Sul da Alemanha foram deveras abaladas. O catolicismo começou a ter esperanças de reconquistar o que havia perdido.

_Este reavivamento católico foi também caracterizado por um enorme desenvolvimento de piedade mística, no qual, como em muitas outras coisas, a Espanha esteve à frente. A feição principal dessa vida r eligiosa era um qriietismo de auto-rermrrcia - urrra elevação da alma em contemplação e oração silenciosa a Deus até chegar à união no amor divino ou a êxtase de uma revelação interior. Muita vez se creu que as práticas ascéticas concorriam para essa exaltação mística. Destacaram-se nesse movimento Teresa de Jesus (1515-1582), de Ávila, e João da Cruz (1542-1591), de Ontiveros, na Espanha. E Francisco de Sales (1567-1622), nominalmente bispo de Genebra, a cujos esforços foram devidas as conquistas de partes da Sabóra próximas a Genebra. Representava ele o mesmo tipo de piedade que foi difundido na França por sua discípula Jeanne Frarrçoise Frémyot de Chantal (1572-1641). Essa piedade era combinada com imensa devoção à Igreja e seus sacramentos. Satisfazia os anelos religiosos das mais ardentes almas católicas e a Igreja, por seu turno, reconheceu-a, canonizando a muitos de seus representantes.

O zelo católico foi demonstrado plenamente, ainda, nas obras das missões no estrangeiro. Estas foram principalmente empresas das ordens monásticas, de modo especial dominicanos e franciscanos. E a Companhia de Jesus esforçadamente compartilhou dessa tarefa desde sua fundação. A crístianização da América do Sul, da Central e de grandes porções da do Norte é devida a essas ordens. Converteram as Filipinas.. O mais famoso desses missionários romanos foi o antigo companheiro de Inácio, Francisco Xavier (1506-1552). Pelo próprio Inácio nomeado missionário na índia, a pedido do Rei João III, de Portugal, chegou a Goa em 1542 e Iniciou uma carreira de assombrosa atividade.. Em Coa fundou um colégio missionário; pregou no Sul da índia e, em 1549, penetrou no Japão e começou uma obra que estava alcançando grandes proporções quando as autoridades do país severamente a reprimiram , em 1.612 . Em 1552 morreu Xavier-, justamente quando Ia entrar na China.. Sua obra foi superficial, uma exploração mais que uma estrutura, mas seu exemplo for de contagiosa influência e de longo alcance. A obra, que Xavier pretendera fazer na China foi começada, em 1581, por Matteo Ricci (1552-1610)» Entanto seu desejo de ser "tudo para todos" levou-o a transigir com o culto dos antepassados, ao que missionários de outras ordens se opuseram» Na índia, os conversos eram quase inteiramente das classes ou castas mais baixas, os intocáveis. O jesuíta Roberto de Nobíli (.1576-1656) deu início em Mantura a um trabalho visando às castas superiores, em 1606, reconhecendo as distinções entre as castas e também se acomodando a preconceitos indianos. Foi grande seu êxito aparente, mas seus métodos suscitaram críticas e, por fim, a proibição papal. Provavelmente a mais famosa experiência missionária dos jesuítas tenha sido no Paraguai Iniciaram ali sua obra, em 1586. Em 1610 começaram a reunir os índios em "reduções" ou aldeias, todas construídas dentro do mesmo plano, onde os habitantes eram mantidos cm paz e aprendiam a religião e as artes industriais. Mas eram conservados numa estrita dependência semi-infantil dos missionários, em cujas mãos estava a administração do comércio e da agricultura.. O sistema, muito admirado, ruiu corri a expulsão dos jesuítas, em 1767, e deu poucos resultados permanentes

As rivalidades entr e as diversas ordens e a necessidade de supervisão mais efetiva, levaram o Papa Gregório XV (1621-1623) a fundar, em 1622, a *CongregaHo de Propaganda FuJe*, pela qual, de Roma, todo o campo missionário é supervisionado

10

A LTJTA NA FRANÇA, PAÍSES BAIXOS E INGLATERRA

As rivalidades entre a França e a Espanha, com suas conseqüências políticas e militares, possibilitaram o desenvolvimento da Reforma e facilitaram a divisão da Alemanha entre luteranos e católicos exarada na Paz de Augsburgo, de 1555. Henrique II (1547-1559) sucedera a Francisco I na Franca e Carlos V transferira a seu filho Filipe 11 (1556-1598) a soberania sobre a Espanha. Países Baixos e os territórios espanhóis na Itália.. Continuava, porém, a velha rivalidade. De saída, no entanto, Filipe alcançou na guerra mais êxito que seu pai, e as batalhas de S Quentin, em agosto de 1557, e de Gravelines, em julho de 1558, obrigaram a França a assinar o Tratado de Cateau-Cambrésis, de 2 de abril de 1559. Esse tratado foi um dos mais importantes na história da Europa. A França desistiu da longa luta pelo domínio da Itália. Evidentemente a liderança espanhola era suprema na Europa, e obrigara a França a acompanhá-la, ou pelo menos a não se opor a seus interesses. O protestantismo se via confrontado por um catolicismo politicamente muito mais unido do que o fora em qualquer tempo. A cabeça política desse catolicismo era Filipe II, da Espanha; homem metódico, trabalhador, paciente e inflexivelmente determinado, que se considerava indicado por Deus para extirpar o protestantismo e que punha todas as suas energias no cumprimento dessa tarefa. Os trinta anos seguintes seriam o período de maior perigo na história do protestantismo.

O momento em que o perigo chegou ao auge foi, talvez, durante o ano de .1559, quando, após a morte de Henrique II, no mês de julho, a coroa passou a Francisco II, cuja esposa era Maria, "Rainha da Escócia", e também pretendente ao trono da Inglaterra, Mas mesmo o ardente catolicismo de Filipe não estava disposto a ver combinação tão perigosa para a Espanha, como a França, Escócia e Inglaterra sob um só par- real. Dar, então, auxiliou Isabel; o que, depois, deve ter lamentado (p 92) .

A influência de Calvino cada vez mais peneirara na França, e os protestantes franceses ou huguenotes. como foram conhecidos desde 1557, se multiplicavam, apesar de severa perseguição.. Ai por 1555 havia uma congregação em Paris.. Quatro anos mais tarde o número de igrejas huguenotes na França era de setenta e duas.. Nesse ano de 1559 foram bastante fortes para reunir seu Primeiro Sínodo Geral em Paris, adotar um credo fortemente calvinista preparado por- Antônio de la Roclie Chandieu[1] e uma constituição presbiteriana baseada nos princípios eclesiásticos de Calvino Popularrnente se estimava fosse de quatrocentos mil o número de aderentes Além desses huguenotes religiosos - - a maioria dos quais provinha da classe economicamente oprimida e descontente dos artesãos —- o partido foi logo fortalecido pela adesão dos huguenotes políticos

A morte de Henrique II e a subida ao trono de Francisco II fez a família dos Guises, tios da esposa do rei, todo-poderosa na corte Os Guises eram de Lorena, e muitos nobres franceses os consideravam estrangeiros. Muito católica, os dois irmãos, Carlos (1542-1574), "Cardeal de .Lorena", era o cabeça do clero francês como arcebispo de Rheims, enquanto Francisco (.1519-1563), Duque de Guise, era o melhor soldado da França Oposta a esta família era a de Bourbon, a cuja frente estavam Antônio de Vendôme, rei titular de Na varia, homem de espírito débil e vacilante, e seu irmão Luís, Príncipe de Condé, muito mais capaz que o primeiro.. Da casa de Chútiílou, também oposta aos Guises, o chefe era Gaspar de Coügny, conhecido como Almirante Coligny, homem íntegro e calvinista devotado.. Esses elevados nobres, em grande parte, eram contrários à centralização do poder na pessoa do rei. Assim representavam a hostilidade da antiga nobreza feudal aos abusos reais. Coincidiam seus interesses com os dos humildes calvínistas da classe média no desejo de que as coisas, na França, não continuassem como dantes. O primeiro passo para uma revolução foi dado quando, em março de 1560, a mal planejada "Conspiração de Amboi.se" fracassou na tentativa de prender o jovem rei e entregar o governo aos Bourbons. Condé teria sido executado, se Francisco II não tivesse morrido a 5 de dezembro de 1560

A sucessão de Carlos IX (1560-1574), irmão do último rei, introduziu novo partido na confusa luta. Perderam os Guises muito de seu poder na corte, mas ainda eram considerados os chefes dos interesses católicos na França, e estavam em constante comunicação corri

1 Schaff, *Credos da Cristandade,* 3:356-382

Filipe II, da Espanha. Agora a principal influência sobre o novo soberano, que ainda não tinha onze anos de idade, era a de sua mãe, Catarina de Mediei (1519-1589), hábil e sern escrúpulos, disposta a manter os direitos da coroa lançando as duas facções da Fiança uma contra outra» Era auxiliada por um estadista de visão ampla e conciliatória, Miguel de 1 'Hôpital (1505-1573), que em 1560 se tornou chanceler da França» Então Catarina procurou a reconciliação das facções, libertou Conde da prisão, permitiu uma discussão pública entre teólogos católicos e protestantes, em Poissy, em setembro de 1561 — em que Beza tornou parte.. Em janeiro seguinte publicou uma lei que permitia se reunissem os lmgueirotes para adorar, exceto nas cidades muradas.

Em vez de se submeter, o partido católico resolveu provocar a guerra. Em 1° de março de 1562 a guarda do Duque de Guise atacou uma congregação hugueriote em Vassy, na hora do culto. Seguiram-se três sangrentas guerras, com breves tréguas, entre huguenotes e católicos: 1562-1563, 1567-1568 e 1563-1570. O Duque de Guise foi assassinado por um protestante.. Antônio, rei de Navarra, e Conde morreram por causa de ferimentos recebidos na luta. Coligny ficou à frente da causa huguerrote., No geral, os huguenotes se mantiveram firmes e a inveja da influência espanhola auxiliou a causa deles, tanto que em agosto de 1570 foi feita a paz de S. Germain-cn-Baye. Por ela foi dada liberdade de culto aos nobres; nas divisões governamentais da França dois lugares de culto foram permitidos ao x>ovo comum huguenote, enquanto quatro cidades, como garantia, foram postas sob o controle dos huguenotes.

Nesta altura, a situação se tornou muito complicada pelo curso dos acontecimentos nos Países Baixos, As causas da agitação naquela região eram rnais políticas e econômicas que religiosas, ainda que na luta a religião fosse constantemente assumindo maior importância. Os Países Baixos, que Filipe II recebera de Carlos V, seu pai, em 1555, eram um grupo de dezessete províncias, ciosas de seus direitos, predominantemente comerciais e industriais, dispostas a reagir contra tudo que interferisse nos costumes estabelecidos ou perturbasse o comércio.. Cedo nelas penetrara o luteranismo, mas havia sido superado pelo anabatismo entre as camadas mais inferiores da população, ainda que, aí por 1561, quando a Confissão Belga foi esboçada por Guy de Bray,~ o calvinismo estivesse fazendo conversos entre a classe

2 Schaff, *Credos da Ciistandade,* 3:383 436.

média. A nobreza ainda não tora alcançada, e em 1562 o número total de protestantes orçava apenas por cem mil.

Carlos V7 ainda que tenazmente resistindo às incursões do protestantismo, amplamente respeitara os direitos e zelos dos neerlandeses. Assim não se portou Filipe II. Este resolveu conseguir ali a mesma uniformidade política e religiosa que a da Espanha. Em 1559 ele nomeou regente sua irmã, Margarida de Parma, com um conselho consultivo de três membros, do qual era inspirador seu devotado partidário, o Cardeal GranveJla (1517-1586), bispo de Arras. Esta comissão praticamente usurpou o poder dos velhos conselhos de estado, nos quais a alta nobreza tomava parte.. No ano seguinte, Filipe conseguiu do papa a reconstituiç.ão da geografia eclesiástica dos Países Baixos, o que teve o mérito de libertar os bispados neerlandeses da supervisão eclesiástica estrangeira. Isso, no entanto, suscitou invejas, já que os novos prelados foram nomeados por Filipe e ocupavam lugares no parlamento ou "Estados Gerais", assim grandemente fortalecendo a influencia espanhola. Além disso, Filipe lançou mão de todas as forças paia esmagar a "heresia" atitude que desagradou a classe média porquanto prejudicava o comércio e fazia emigrar os trabalhadores. Daí, nobres e comerciantes ficarem deveras revoltados.

Os principais dentre os oponentes a estas mudanças eram três importantes nobres: Guilherme de Nassau, Príncipe de Orange (1533-1584), nascido luterano mas agora, pelo menos nominalmente, católico, e que viria a ser o herói da independência holandesa; e Egmont e Horn, condes católicos, Eles forçaram a demissão de Granvella, em 1564.. Então Filipe viu neles o principal obstáculo a seus planos. Exigiu a execução dos decretos do Concilio de Trento e punição mais rigorosa da heresia. Circulou uma petição de protesto, que foi apresentada à regente em 5 dc abril de 1566 — o apodo de "Mendigos" dado aos signatários, nessa ocasião, tornou-se o nome do partido da liberdade neerlandesa.. Foi intensa a excitação popular. A pregação protestante era feita abertamente, e em agosto de 1556 tumultos iconoclastas, ainda que com a oposição de Guilherme de Orange, destruíram centenas de igrejas.

Para Filipe, tais acontecimentos eram rebelião política e religiosa. Então enviou a Bruxelas o Duque d'Alba (1508-1582), hábil general espanhol, com escolhido exército e praticamente como governador. Sua chegada, em agosto de 1567, foi seguida de centenas de execuções, entre elas as de Egmont e Horn. Guilherme de Orange escapou para a Alemanha e organizou a resistência, mas foi batido

pela períeia de Alha. Este, porem, completou o afastamento das classes mercantis em 1569, ao introduzir impostos espanhóis sobre as vendas. No entretanto, Guilherme de Orange estava autorizando a pirataria, que pilhava o comércio espauhol e encontrava duvidoso abrigo nos portos ingleses, desde que o governo da Inglaterra fora levado à forte atitude de hostilidade a todas as forças católicas, das quais Filipe era a principal, por causa da bula de deposição publicada contra Isabel pelo Papa Pio IV, em 25 de fevereiro de 1570.

Em abril de 1572 os corsários capturaram BrilP Levantaram-se as províncias do Norte. Guilherme de Orange se colocou à frente do movimento. Em 15 de julho as cidades principais da Holanda, Zelândia, Frieslândia e IJtrecht o reconheceram como "Stadholdcr"„ No entretanto, desde a paz de 1570, os huguenotes e os adversários da Espanha na França trabalhavam para reviver a velha política que fazia da França rival em vez de aliada da Espanha, Foi planejado, de imediato, ajudar os rebeldes neerlandeses, visando à recompensa do recebimento de alguma porção territorial. Ninguém foi mais favorável a isso que Coligny, cuja influência sobre Carlos IX era agora grande. Para aumentar a reconciliação dos partidos franceses, foi arranjado o casamento de Henrique de Navarra, filho protestante do falecido Antônio de Bourbon, com a irmã de Carlos IX, Margarida de Valois. A 18 de agosto de 1572, na fanática Paris, se reuniram para as bodas nobres huguenotes e católicos e seus acompanhantes.

Catarina de Mediei passou a ver com receio a influência então exercida por Coligny sobre seu filho, o rei. Não se pode saber se o motivo disso era ciúme pela sua própria influência, ou o temor de que a guerra na qual Coligny estava procurando envolver o rei viesse a ser desastrosa para a coroa francesa. Aparentemente, tudo o que ela queria, em primeiro lugar, era fazer desaparecer Coligny pelo assassinato. Nisto contava com a cordial simpatia de Henrique, Duque de Guise (1550-1588), filho do assassinado Francisco, que erroneamente acusava Coliguy pela morte do pai. A 22 de agosto falhou um atentado contra a vida de Coligny, o que deixou Catarina em pânico. Ê o caso que se inimizara com os huguenotes, sem privá-los do seu chefe. Ela e seus partidários, de repente, resolveram uma chacina geral, para o que o partido dos Guises e o povo fanatizado de Paris forneceriam abundantes elementos. A 24 de agosto, dia de S. Bartolomeu, a sangrenta tarefa começou. Coligny foi morto, e com eíe um número de vítimas que tem sido avaliado diferentemente. Não é improvável que tenha sido de oito mil em Paris, e várias vezes

esse número em Ioda a França. Henrique de Navarra salvou a vida abjurando o protestantismo

Em Madrid c Roma a notíeia foi recebida com regozijo, e com razão, se a enormidade moral não for levada em consideração. A causa católica fora salva de grande perigo. Mudou de rumo a política da França. Tiveram fim os planos de interferir nos Países Baixos. E a conseqüência foi desesperada luta pela independência desse país. Os católicos, no entanto, não obtiveram na França tudo o que esperavam. A quarta, quinta, sexta e sétima Guerra Huguenote •— 1573, 1574-1576, 1577, 1580 •— seguiram sua trajetória de destruição e miséria, mas os huguenotes não foram suprimidos, Carlos IX morreu em 1574 e foi sucedido por seu viciado irmão, Henrique III (1574-1589).

Entre os próprios católicos havia divisão. Desde muito havia pessoas, ainda que de religião católica, que sentiam estarem as prolongadas guerras arruinando o país e fomentando intrigas estrangeiras, especialmente por parte da Espanha. Criam que alguma base para a paz com os huguenotes devia ser encontrada. Esses tais foram chamados *Politiques.,* De outro lado, havia os que colocavam a religião em primeira plana, e estavam dispostos a ver a França transformada em mera província da Espanha, desde que o catolicismo triunfasse. Esses, desde algum tempo, vinham organizando associações em várias partes do país para sustentarem a Igreja Romana. Em 1576 todos eles foram agrupados numa "Liga", encabeçada por Henrique de Guise e apoiada pela Espanha e pelo papa. A formação da "Liga" fez os *Politíques* cada vez mais se aproximarem dos huguenotes e encontraram um chefe em Henrique de Navarra, que retornara à sua fé protestante, em 1576.

A chacina de S. Bartolomeu fez Guilherme de Orangc perder a esperança de pronta expulsão da Espanha dos Países Baixos. Os dois anos que se seguiram foram de intensa luta, da qual o próprio Guilherme foi a alma., A princípio, Alba pareceu invencível. Mons, Mechlin, Zutphen, Naarden e Haarlem caíram ante as forças espanholas, mas, em outubro de 1573, elas não puderam tomar Alkmaar. Alba solicitou sua demissão e, em novembro, foi substituído por Luís de Requesens (1525?-1576). No entanto, a política da Espanha não sofreu modificação substancial. Mas em outubro de 1574 terminou a feliz defesa de Leyden, e ficou claro que o Norte dos Países Baixos não podia ser conquistado pelas forças então disponíveis da Espanha. Requesens morreu em 1576 e suas tropas saquearam Antuérpia, fato que provocou a resistência das províncias do Sul. O novo comandan-

te espanhol, João da Áustria (1545-1578), pouco pode fazer. Desde 1577 Isabel auxiliava a revolta nos Países Baixos.. Em setembro de 1577 Guilherme entrou tríunfalmente ein Bruxelas.. João da Áustria morreu desiludido, em outubro de 1578. Seu sucessor foi seu sobrinho Alexandre Farnese, Duque de Parma (1545-1592), general e estadista de apreciável talento. As coisas correram melhor para a Espanha, Parma usou as prevenções entre o Sul católico e o Norte calvinista. O primeiro, em janeiro de 1579, se uniu na Liga de Arras para a proteção do catolicismo; no mesmo mês, o último replicou com a União de Utrecht. Aos milhares, os protestantes do Sul foram para o Norte, enquanto muitos católicos se transferiram para o Sul. Por fim, as dez províncias sulinas foram salvas para a Espanha por Parma e a moderna Bélgica é seu monumento. Gs sete estados do Noite declararam sua independência da Espanha em 1581, embora ainda houvesse muito que fazer antes que passasse de todo o perigo. Sua liberdade, porém, estava fortemente arraigada, tanto que não pôde ser abalada nem pelo assassinato, ern 10 de julho de 1584, de Guilherme de Orange por um fanático instigado por Parma.

Durante essa luta as igrejas calvinístas dos Países Baixos estiveram se organizando. O Primeiro Sínodo Nacional se reuniu fora do território neerlandês, no ano de 1571, em Emden. Dois anos depois Guilherme de Orange abraçou o calvinísmo.. Em 1575 fora fundada cm Leyden uma universidade, logo famosa em ciência e teologia. A Igreja Reformada dos Países Baixos, como a huguenote da França, era de constituição presbiteriana, ainda que sua independência do controle estatal tivesse motivado longa controvérsia, e variasse nas diferentes províncias. A severidade da luta pela independência nacional, o desejo de ter o auxílio de todos quantos dela eram amigos e o espírito mercantil, fizeram que os Países Baixos protestantes gozassem em grande escala de uma tolerância não conhecida na cristandade dessa época„ Na verdade, aos católicos não era permitido realizarem cultos públicos ou exercerem cargos públicos, mas tinham direito de residência e trabalho. Em 1577 Guilherme de Orange concedeu aos anabatistas a primeira proteção de seu direito dc culto, coisa que jamais haviam tido. Esse grau de tolerância, ainda que parcial, logo fez dos Países Baixos um refúgio para os oprimidos por motivo religioso e auxílio no engrarrdecirnento da nação.

No entretanto, a morte de seu avisado líder, Guilherme dc Orange, pôs em grave perigo os rebeldes dos Países Baixos. Sentindo que sozinhos não se poderiam manter, ofereceram o governo de seu país primeiro a Henrique III, da França, e, depois, a Isabel, da Inglater-

ra, Ambos recusaram , Entanto Isabel enviou seu favorito, o ("onde de Leieester, eoin um pequeno exercito , Então se tornou ele governador geral, mas seu governo foi um fracasso, e teve de retornar à Inglaterra, em 1587» Tinha-se a impressão de que a perícia de Par ma venceria as províncias rebeladas. Afortunadamente, porém, Filipe voltou sua atenção para uma empresa maior, O rei espanhol resolvera nada menos que a conquista da Inglaterra.

No começo de seu governo, por razões políticas, Filipe havia auxiliado Isabel (p 92)., Cedo, porém, tais razões deixaram de ser razoes e Filipe se tornou inimigo dela, vendo em Isabel o chefe desse protestantismo que desejava exterminar, A primeira parte do reinado de Isabel foi surpreendentemente livre de incômodos da parte de seus súditos católicos» Maria, "Rainha da Escócia'7, era a herdeira do trono, e era o permanente centro de conspiração. Em 1569 uma rebeliã,o católica estalou *no* Norte da Inglaterra, insuflada pela Espanha» Foi dominada» Em 1570 apareceu a bula que excomungava e depunha Isabel, Em 1571 foi descoberta vasta conspiração — a de Ridolfi •— visando ao assassinato de Isabel. Salvou-se ela pelo novo rumo dos negócios franceses, imediatamente antes da chacina dc S,. Bartolorneu (p 115) e o começo da rebelião nos Países Baixos. Respondeu o parlamento declarando crime de alta traição ataques à pessoa da rainha, à sua ortodoxia e a seus títulos ao trono. Enquanto ao presente Imediato, a Inglaterra estava em relativa paz.

Durante os primeiros anos de Isabel os católicos ingleses surpreendentemente receberam pouco auxílio ou direção espiT-itual de Roma e seus seguidores no continente. Para remediar essa situação, Guilherme de Alien (.1532-1594), hábil exilado inglês feito cardeal em 1587, criou um seminário em Douai, em 1568, para preparar missionários para a Inglaterra, Seus estudantes logo começaram a ir para lá» Sua obra era quase inteiramente espiritual, mas as autoridades inglesas viam-na com hostilidade. Agravou-se a situação quando, em 1580, os jesuítas Iniciaram uma missão sob a liderança de Roberto Parsons (1546-1610) e Edmundo Campion (1540-1581). Este foi preso e executado, embora pareça não ter intentado nenhum movimento político.. Não assim Parsons» Me fugiu para o continente, atraiu Allen para seus planos, começou uma série de intrigas para provocar uma invasão espanhola na Inglaterra e um levante nesse país, c a morte ou a deposição de Isabel, Seu trabalho trouxe muitos embaraços para seus seguidores católicos, Agora se sabe que muitos dos sacerdotes que atuavam na Inglaterra não possuíam desígnios traidores; mas na época assim não se pensava e as autoridades consi-

deravam todos como inimigos públicos, c executavam quantos seus espiões descobriam. Mas pelo esforço deles foi preservada a Igreja Romana na Inglaterra, entanto a um alto custo. Isabel enviou um exército aos Países Baixos, em 1585 (p 116), ao mesmo tempo que estimulava uma expedição meio pirata, ainda nesse mesmo ano, sob o comando de Sir Franeis Drake, que incendiou e saqueou estabelecimentos espanhóis no Caribe e no Golfo do México.

Em .1586 nôvo plano foi preparado contra a vida de Isabel a Conspiração de Babington — no qual os espiões ingleses descobriram estar pessoalmente envolvida Maria, "Rainha da Escócia'[7]. Como conseqüência, em 8 de fevereiro de 1587 foi ela executada, após muita indecisão da parte de Isabel.. Então Filipe se resolveu a invadir a Inglaterra. Conquistado o país, ali estabeleceria o catolicismo e o seu próprio governo e, com isso, esperava também dominar a rebelião nos Países Baixos. Para essa empreitada reuniria uma grande esquadra que dominaria o Mar do Norte, ao mesmo tempo que Parma levaria seus veteranos soldados dos Países Baixos . Após infindáveis trabalhos, a "Invencível Armada" zarpou da Espanha, em 12 de julho de 1588. A empresa apelara ao zelo religioso da nação, e grande número de homens de distinção nela se alistaram. Toda a Europa a acreditava invencível; mas, na realidade, estava mal equipada e os marinheiros eram de "primeira viagem[77]. Além disso, a batalha em que se ia engajar era um confronto entre velhas e novas táticas navais,, O plano de batalha espanhol era se aproximar dos navios inimigos e abordá-los. Eram poucos e leves os seus canhões; seus barcos, ainda (pie grandes, eram lentos. A Inglaterra construíra navios velozes, armados com canhões pesados, capazes de evitar a abordagem e de impor severo castigo aos pesadões barcos espanhóis Em 21 de julho feriu-se o combate, na frente de Plymouth, Seguiu-se uma semana de luta em retirada, subindo o Canal da Mancha, e que culminou em grande batalha nas proximidades de Gravclirres, a 28. A frota espanhola, completamente denotada, fugiu para o norte a fim de retornar à Espanha fazendo a volta ria Escócia e na Irlanda. Foi de todo impossível a Parma cruzar o canal. Existe a lenda de que a armada foi derrotada por tempestades, quando, na realidade, sucumbiu ante os canhões e a habilidade náutica dos ingleses. Uma semana mais tarde, eis a realidade, durante a retirada, tempestades completaram a sua ruína. A Inglaterra foi a pedra sobre a qual os planos de Filipe de um catolicismo vitorioso se esfacelaram, e se esfarelaram por uma causa que ele escassamente entendeu,. Na luta, em vez de um levantamento católico na Inglaterra, como ele previra,

e que homens como AUcn e Parsons haviam predito, católicos e protestantes permaneceram ombro a ombro, como ingleses, contra a Espanha,

Enquanto as grandes esperanças de Filipe foram assim desfeitas em 1588, de se agarrava, com a tenacidade de sempre, ao plano de erradicar o protestantismo da França. A morte do irmão de Henrique 11 f, o Duque de A njou, em 1584, deixou o huguenote Henrique Bourbon de Navarra como provável herdeiro do trono. Para evitar tal sucessão, Filipe e a Diga, ern janeiro de 1585, fizer am um tratado, pelo qual a coroa passaria ao tio de Henrique de Navarra, Carlos, Cardeal Bourbon. Ern julho de 1585 Henrique III foi forçado pela Liga a retirar dos huguenotes todos os direitos, e em setembro urna bula de Sisto V (1585-1590) declarou Henrique de Navarra incapaz de ocupar o trono. Disso resultou a oitava Guerra Huguenote também conhecida como "Guerra dos Três Henriques", por causa de Henrique 111, Henrique de Guise, chefe da Liga, c Henrique de Navarra. Paris era inteiramente devotada a Henrique de Guise. A 12 de maio de 1588 seus habitantes obrigaram Henrique III a deixar a cidade. O fraco rei não viu como resistir à Liga e ao seu autoritário chefe, e a 23 de dezembro fez traiçoeiramente assassinar Henrique de Guise. Treze dias depois Catarina de Mediei terminou sua tempestuosa vida.

Henrique de Guise foi sucedido na chefia da Liga por seu irmão Carlos, Duque de Mayerrne, Henrique III fez um acordo com Henrique de Navarra, e juntos estavam sitiando Paris quando Henrique III foi morto por um monge fanático, a 2 de agosto de 1589. Mas Henrique de Navarra, agora transformado em Henrique IV, da França (.1589-1610), longe estava de estar seguro no seu novo trono Brilhante vitória em Ivry, no mês de março de 1590, derrotou a Liga, mas tropas espanholas, sob o hábil comando de Parma, impediram capturasse Paris nesse mesmo ano, e Ruão em 1592. Só após a morte de Parma, ern 3 de dezembro deste ano, Henrique IV realmente governou. Então, por razões puramente políticas, Henrique IV se declarou católico, sendo recebido na Igreja Romana em 25 de julho de 1593, ainda que o acordo com o papa fosse concluído tão-somente mais de dois anos depois. Ainda que se critique moralmente o rei •— e a vida de Henrique, seja como protestante ou católico, demonstra que os princípios religiosos pouca influência tiveram sobre seu comportamento - - o passo que deu foi sábio. Trouxe paz ao conturbado país. Agradou a vasta maioria de seus súditos No entanto, Henrique irão esqueceu seus antigos companheiros Errr abril de 1598 foi pu-

blicado o Edito de Nantes. Por ele, os huguenotes foram admitidos em todas as funções públicas, o culto público foi permitido onde existira em 1597, exceto em Paris, Rheims, Toulouse, Lyon e Dijon, e os filhos dos huguenotes não podiam ser forçados a receber instrução católica.. Como garantia, algumas cidades fortificadas lhes foram entregues,

Nesse mesmo ano (1598), a 13 de setembro, Filipe morreu, convicto até o fim de que o que fizera fora serviço prestado a Deus; mas tendo fracassado no grande afã de toda sua vida -- exterminar o protestantismo.

As igrejas huguenotes entraram em seu mais próspero período, Completaram sua organização, e floresceram suas escolas em Sedan, Saumur, Montauban, Nimes e em outros lugares Formavam uma corporação política dentro do Estado. Como tal, opuseram-se à política centralizadora de Richelieu, o grande ministro de Luís XIII, Em 1628 Roehelle lhes foi tirada e teve fim sua política semi-mdcpendente. Pelo Edito de Nimes, em 1629, seus privilégios religiosos foram preservados, mas sofreram crescentes ataques dos jesuítas e outras influências católicas, no decorrer do século. Por fim, a revogação do Edito de Nantes, em 1685, por Luís XIV, os reduziu a uma igreja perseguida, mártir, prescrita até às vésperas da Revolução Francesa, lançando milhares e milhares de seus membros no exílio, para benefício da Inglaterra, Holanda, Prússia e América.

10

CONTROVÉRSIAS ALEMÃS
13 A GUERRA DOS TRINTA ANOS

A desgraça do luteranismo foi não ter outro laço de união entre seus representantes nos seus vários territórios que o acordo na "pura doutrina", e que as diferenças de interpretação eram tidas como incompatíveis com a amizade cristã.. A concepção original luterana dc que a fé constitui nova relação pessoal entre Deus e a **alma** crente tendia a se transformar numa crença a qual, de uma feita, Melanchton definiu como "um assentamento pelo qual tu aceitas todos os artigos de fé". O resultado foi um novo escolasticismo protestante.

Melanchton, influenciado pelo pensamento humanista, aos poucos se afastou de sua concordância inicial com Lutero, diferindo em alguns aspectos de seu maior colega. Cerca de 1527 ele perdera a simpatia para com a negação de Lutero da liberdade humana, e chegara à conclusão de que a salvação só é possível através da ação cooperante da vontade do homem - - um ponto de vista ao qual geralmente se dá o nome de "sinergismo". Em 1535 enfatizava as boas obras, não como preço da salvação, mas corno evidência indispensável dela. Com referência à Ceia do Senhor chegou a pensar que Lutero exagerara a presença física de Cristo e, sem de todo chegar à posição de Calvino (p 74) também chegou a sustentar que Cristo é dado "não no pão, mas com o pão", isto é, a acentuar a recepção mais espiritual que física. Tais diferenças não trouxeram rompimento com Lutero, e uma parte graças à generosa afeição deste para com seu amigo rnaís moço; de outra, graças à cautela de Melanchton em suas expressões, ainda que tais diferenças, por vezes, levassem este último a se sentir constrangido na presença do reformador nos seus derradeiros anos. Mas elas ainda viriam a causar desencontros nas comunhões luteranas.

IJm dos principais motivos do mal-estar for o consentimento relutante de Melanchton ao *ínterim, de .Lerpzig,* em 1548., Para Me-

lanchton, muitas práticas romanistas então restabelecidas eram "não essenciais", Para Matias Flacius Illyricus e Nicolau von Amsdorf, nada podia ser "não essencial" com referência à seguridade de Magdeburgo naquele tempo (p 58). Ambos atacaram com azedume a Melanchton, e talvez merecesse ele algumas de suas críticas. Logo essa tensão aumentou quando os príncipes privados da antiga linha eleitoral da Saxônia julgaram que Melanchton, permanecendo em Wittenberg, agora em poder de seu csbulhador, Moritz, era culpado de deserção de uma família que fielmente o havia apoiado. Kles elevaram a escola de Jerra a universidade, em 1558, e nomearam Flacius um de seus professores.

Surgiram outras disputas teológicas, André Osiander (1498-1552) provocou a oposição de todos os outros partidos protestantes luteranos declarando, com Paulo, que o pecador recebe a justificação pela permanência em Cristo, que não é simplesmente declarado justo. Jorge Major (1502-1574) afirmou, em profunda concordância com Melanchton, a necessidade de boas obras como evidência da salvação. Em 1552 foi ele accrbamente enfrentado por Amsdorf, que chegou a afirmar que as boas obras são obstáculos à vida cristã. No mesmo ano Joaquim Westphal (1510?-1574) atacou com rudeza a doutrina de Melanchton sobre a Ceia do Senhor, dizendo-a cripto-calvinista, ou calvinismo introduzido furtivamente Não é de admirar que pouco antes de sua morte, ocorrida a 19 de abril de 1560, tenha Melanchton dado o motivo de seu desejo de partir: meio de escapar ao "ódio dos teólogos".

A situação protestante na Alemanha também desde logo se tornaria confusa pelo progresso do calvinismo na região sul-ocidental. Frederico III (1559-1576), o muito bom eleitor do Palatinado, por estudos das discussões sobre a Ceia do Senhor, adotou a posição calvinista. Para os territórios que lhe pertenciam, os jovens teólogos Gaspar Olevianus (1536-1578) e Zacarias Ursinus (1534 1583) prepararam o notável Catecismo de Heidelberg, em 1562 — a mais suave e experiencial das exposições do calvinismo.[1] O eleitor o adotou em 1563„ Mas o calvinismo não tinha a proteção da Paz de Augsburgo (1555), e logo não somente os católicos como também os luteranos protestaram corrtra sua tolerância.

As discussões dentro do luteranismo continuaram com intensidade grande. Em 1573 o eleitor Augusto da Saxônia (1533-1586), tendo assumido a tutoria dos jovens príncipes da Saxônia ducal, onde pre-

1 Schaff, *Credos da Cristandade,* 3:307-355.

dominavam os oponentes de Melanchton, expulsou os seus representantes mais radicais. Até então a Saxônia eleitoral, com suas Universidades de Wittenberg e Leipzig, havia seguido a tradição de Melanchton ou "filipista". Agora, em 1574, o mesmo eleitor Augusto, influenciado por sua esposa e por um livro anônimo, acreditou ter descoberto em seus domínios uma até então irisuspeitada propaganda calvinista sobre a Ceia do Senhor. Fez aprisionar alguns de seus principais teólogos, sendo que um deles foi submetido a torturas. E o "filipismo" foi reprimido com rigor.

No entanto, esta luta deu origem, em 1577, a último grande credo luterano — Fórmula de Concórdia.[2] Foi trabalho de vários teólogos, dentre os quais eram os principais Jaeó Andreae (1528-1590\ de Tübingen, Martinho Chernrritz (1522-1586), de Brunswick, e Nicolau Selnecker (1530-1592), de Leipzig. Foi apresentada, após muitas negociações, em 1580, no qüinquagésimo aniversário da *Confissão de Augsburgo,* com as assinaturas aprobatórias de cinqüenta e um príncipes, trinta e cinco cidades e de oito a nove mil ministros Alguns príncipes e cidades negaram sua aprovação, mas, sem dúvida alguma, representava a grande maioria da Alemanha luterana. Não tão extremada como Flacius e Amsdorf, representava a mais estrita interpretação luterana.. É minuciosa, técnica e eseolástíca, em flagrante contraste com a frescura da *Confissão de Augsburgo* de meio século antes. Começara o período da alta ortodoxia luterana, que teria sua expressão clássica em 1622 em *Locí Theologici* de João Gerhard (1582-1637), de Jena. Seu cscolasticismo era tão completo como qualquer um da Idade Média. Sob essa repressão, os filipistas se voltaram mais ao calvinismo, que fez grandes avanços na Alemanha, Ao Palatinado se juntou Nassau, em 1577, Breinen em 1581, Anhalt em 1597 c parte de Ilesse no mesmo período* A casa eleitoral do Brandcnburgo se tornou calvinista em 1613, ainda que muitos dos habitantes dessa região continuassem luteranos. Tal transformação era muita vez acompanhada pela conservação da *Confissão de Augsburgo*. No entanto, ainda que estes igrejas "reformadas" alemãs se fizessem calvinistas na doutrina e no culto, a disciplina característica de Calvino teve pouca acolhida entre elas.

Aí por 1566 o protestantismo na Alemanha alcançara sua máxima expansão territorial. Desde essa data começou a declinai O catolicismo reavivado da Contra-Iíeforma se tornou cada vez mais agressivo, chefiado pelos jesuítas c apoiado por príncipes zelosamente

2 *Ibid,* 3:93-180.

católicos, como os Duques da Baviera, O dividido protestantismo não podia oferecer resistência unida. Na Baviera, o Duque Alberto V (1550-1579) aplicou vigorosamente o principio *cujus regio, ejus reltgio* para dominar a nobreza e o povo protestante. Em. 1572 o abade de Eulda de modo idêntico reprimiu o protestantismo em seus territórios. Encontrou, por algum tempo, bern sucedida resistência, mas, j.)or fim, alcançou seu objetivo, cm 1602. Similar restauração católica foi efetuada nos territórios protestantizados dos arcebispados de Moguncia e Trier, Sob a liderança jesuítiea semelhantes progressos católicos tiveram lugar em outros bispados, cujos habitantes haviam abraçado princípios evangélicos,. O arcebispo de Colônia, Cebhard Truehsess, um dos sete príncipes eleitores, se propôs casar, em 1582, e abraçou o protestantismo, Pouco auxílio recebeu. Poi forçado a deixar sua sé estrategicamente situada, e o território se tornou totalmente católico, Na Áustria e na Boêmia a situação se tornou muito desfavorável para o protestantismo; e ali, como cm todas as partes do império, a propaganda jesuíta fez muitos conversos. Essa propaganda era agressiva e confiada no triunfo final. A situação entre protestantes c católicos era permanentemente tensa.

Pato ocorrido entre os anos de 1606-1607 bastante aumentou essa difícil situação. A cidade de Donamvõrth era na sua quase totalidade protestante, no entanto mosteiros católicos nela foram permitidos. Mas em 1606 uma procissão foi apedrejada. A mando imperial, o hábil duque católico da Baviera, Maximiliano (1597-1.651), ocupou a cidade e deu início à repressão do culto evangélico. No Reichstag de 1608 os católicos,exigiram a restituição de todas as propriedades eclesiásticas confiscadas desde 1555. Assim fazendo, estavam de acordo com a Paz de Augsburgo; mas muitos desses distritos tinham conseguido, no transcurso de duas gerações, população predominantemente protestante.

Sob estas circunstâncias, alguns príncipes protestantes formaram chefiada pelo eleitor calvinista Frederico IV, do Palatinado, em 4 de maio de 1608, uma "União" defensiva.. A ela, os príncipes católicos, liderados por Maximiliano, da Baviera, ern 10 de julho de 1609, opuseram uma "Liga". Os fortes estados luteranos do Norte da Alemanha foram contra o ingresso na "União", e nem o imperador estava na "Liga". Se vivesse Henrique IV, da França, é bem possível tivesse a guerra começado nessa ocasião, mas seir assassinato em 1610 e a incerteza da sucessão imperial na Alemanha, retardou-a por algum tempo.

Além das acerbas disputas entre católicos e protestantes, a situação na Alemanha era, de muitos modos, de inquietação. Iam mal os negócios. Muitos sofrimentos causou a depressão da moeda e o país empobrecia cada vez mais. A execução da unidade de crença tanto nos territórios católicos como protestantes prejudicava a vida intelectual do povo; enquanto a enganosa feitiçaria, que custou milhares de vida, praticada tanto por católicos como por protestantes, chegava ao auge entre 1580 e 1620

O começo da Guerra dos Trinta Anos foi na Boêmia Aquele país, então grandemente protestante, arrancara de seu rei, o Imperador Rodolfo II (1576-1612), em 1609, uni diploma -- *Majestàts brief* — concedendo grande tolerância. Rodolfo foi sucedido, corno rei e imperador, por seu fraco irmão Matias (rei 1611-1619; imperador 1612-1619), mas ele não tinha filhos e em 1617 seu primo, Fernando de Styrla, lídimo representante da Contra Reforma, conseguiu ser reconhecido como seu sucessor rros estados boêmios As influências católicas foram aumentando, e em rrraio de 1618, um grupo de protestantes descontentes lançou os dois regentes católicos, que representavam o ausente Matias, por uma alta janela, em Praga Tal fato levou a Boêmia a se revoltar, e começou a guerra.. No início, foi ela favorável aos insurretos boêmios e, depois da morte de Matias, em 1619, eles elegeram seu rei ao calvinista Frederico V (1610-1632), eleito do Palatinado.. Na mesma semana Fernando de Styria foi eleito imperador, com o nome de Fernando II (1619-1637).

Fora da Boêmia, Frederico encontrou pouco apoio, e agora vieram em ajuda, de Fernando, Maximiliano da Baviera e uma força espanhola dos Países Baixos Obedecendo ao comando do general valão Jau Tzerldas, Barão de Tilly (1559-1632), esta combinação católica esmagou as forças boêmias a 8 de novembro de 1620, perto de Praga. Frederico fugiu do país. O *Majestãlsbrief* foi anulado, as propriedades dos xuotestantes boêmios foram corrfiseadas em grande parte, com muito proveito dos jesuítas, c a Contra-Reforina posta em vigor na Boêmia, Morávia e Áustria. Entre os que enriqueceram pela aquisição das propriedades confiscadas estava alguém destinado a grande papel na história da guerra — Albrecht vou Wallenstein (1583-1634). A "União" foi dissolvida. Repressão semelhante ao protestantismo foi feita na Áustria

Nesse meio tempo, tropas espanholas, ao mando de Spinola, em 1620 invadiram o Palatinado. Logo seguiram para lá Tilly e o exército da "Liga". O país foi conquistado, imposto o catolicismo,

e o título eleitoral de Frederico, com boa parte do Palatinado, foi transferido, em 1623, a Maximiliano, da Baviera,

O Noroeste alemão, onde muitos bispados se haviam tornado protestantes desde a Paz de Augsburgo, foi ameaçado, então, pela guerra e os reveses já sofridos pelo protestantismo chamaram a atenção das potências protestantes estrangeiras.. Nada de efetivo foi feito, no entanto, exceto por Oristiano IV, da Dinamarca, a quem a Inglaterra e os Países Baixos protestantes enviaram pequeno auxílio. Para o Imperador Fernando a inimizade do rei danes pareceu formidável e então ordenou a Wallensteín que, como comandante chefe imperial, organizasse novo exército,, liste notável aventureiro, nascido protestante, agora era nominalmente católico e então o nobre mais rico da Boêmia.. Condutor nato de homens, levantou um exército ao qual não perguntava sobre raça ou credo, mas simplesmente requeria capacidade na luta e lealdade a ele próprio. E logo teve uma força de grande eficiência.

Em 25 de abril de 1626 Wallensteín venceu o exército protestante comandado por Ernesto de Mansfeld, na ponte de Dessau sobre o Elba, perseguindo as tropas derrotadas, até a Hungria, para onde elas se haviam r etirado na vã esper ança de apresentar vera resistência em conexão com o inimigo do imperador, Bethlerr Gabor, príncipe da Transi 1 vânia,, Oristiano IV, da Dinamarca, cm 27 de agosto foi batido por Tilly e o exército da "Liga", em Lutter, Essas vitórias foram aproveitadas pelos católicos em 1627 e 1628. ITanôver, Brunswick e Siiésia foram conquistados, e depois Ilolstein, Sehleswig, Pomerãnia e Mecklenbürgo. Wallensteín creu impossível capturar o porto de Stralsund, no Báltieo, que foi socorrido pelos suecos, e achou de bom aviso fazer a paz antes que interviesse o capaz rei da Suécia, Gustavo Adolfo (1611-1632)., Em conseqüência, por um tratado de maio de 1629/ foi concedido a Oristiano IV conservar seus territórios sob a condição de não mais se imiscuir na política alemã.

Os católicos resolveram colher os frutos de suas grandes vitórias. A 6 de março de 1629 o "Edito de Restituição", vindo do imperador, ordenava a devolução aos católicos de todas as propriedades eclesiásticas que estavam cm poder dos protestantes desde 1552; a expulsão dos protestantes dos territórios governados por católicos; reconhecimento tão-somente dos luteranos, assim privando os calvinistas de quaisquer direitos. Os eventos dos anos seguintes atrapalharam sua plena execução, mas, por algum tempo, cem mosteiros e centenas

de igrejas paroquiais foram a eles transferidos. TC muito mais receberiam se tivessem continuado os êxitos católicos e se eles mesmos não tivessem entrado em querelas sobre as tais propriedades. Essas discussões e os ciúmes da "Liga", encabeçada por Maximiliano, provocados pela grande ampliação do poder imperial que efetuara Wallenslein, então fizeram que a "Liga'[7] exigisse com sucesso que este fosse demitido. Ern setembro de 1630 o imperador se viu compelido a despedir o seu general mais capaz.

Ainda antes da demissão de Wallenstein, fato de máxima importância ocorrera mas cujas conseqüências não foram patentes de imediato. Gustavo Adolfo, da Suécia, em 26 de junho de 1630, com pequeno exército desembarcara na costa alemã. Dois motivos o levaram a interferir na guerra Indubitavelmente vinha como defensor da fé protestante; mas também desejava fazer do Báltico um lago sueco e, daí, via nos ataques imperiais aos portos alemães nesse mar imediata ameaça ao seu próprio reino. No caso de que esses portos fossem tomados por uma potência hostil, corr ia a Suécia gra ve perigo Gustavo conseguiu, rápido, expulsar as tropas imperiais da Pomerânia; mas marchava devagar pela falta de bons aliados Ern janeiro de 1631, entretanto, fez um tratado com a França, então sob a forte direção do grande ministro de Luís XIII, Arruando du Plessis, Cardeal líichelieu (1585-16-12), com o que conseguiu considerável ajuda financeira. líichelieu renovara a histórica hostilidade da França contra os Habsburgos da Espanha e da Áustria, e a velha política de servir-se deles em proveito da monarquia francesa, mesmo que esses inimigos fossem protestantes. A outra obra importante e difícil de Gustavo era conseguir a aliança do Brandenburgo que, sendo protestante, fora irnperialista, e da Saxônia, que permanecera neutra Tilly tomou Magdeburgo, em 20 de maio de 1631, sendo seus habitantes tratados com brutal ferocidade.

Esta perda da grande praça forte protestante foi seguida, em junho, pela aliança entre Gustavo e o eleitor do Brandenburgo, e, em agosto, a Saxônia abandonou sua neutralidade e se juntou aos suecos. Em 17 de setembro de 1631, com pequeno auxílio da Saxônia, Gustavo obteve grande vitória sobre Tilly, ern Breitcnfeld, perto de Leipzig. O poder imperial no Norte da Alemanha esboroou-se, e vitoriosamente marchou o rei sueco até o Keno, estabelecendo-se na Mogúneia, enquanto os homens da Saxônia tomavam Praga. Em tal aperto, o imperador convocou de novo Wall eus te in para que formasse um exército, e em abril de 1632 este general estava à frente de temível força.

Então Gustavo marchou contra Maximiliano, da Baviera, e derrotou Tilly numa batalha cerca de Donauwõrtlr, nela sendo este comandante mortalmente ferido, A capital bávara, Munique, teve de se entregar ao rei sueco. Nesse meio tempo, Wallenstcin expulsara de Praga os da Saxônia, e marchou ao encontro de Gustavo. Durante algumas semanas os dois exércitos se enfrentaram perto de Nuremberg, mas a luta foi indecisa, e Wallenstein se dirigiu para o noite com o fito de esmagar a Saxônia Gustavo o seguiu e o derrotou em Lützen, perto de Beipzig, a 16 de novembro de 1632, em árdua batalha na qual Gustavo perdeu a vida. Entanto sua obra permaneceu. Fizera letra morta o Edito de Restituição no Norte da Alemanha. A memória de Gustavo é merecidamente guardada com carinho pelos protestantes alemães.

A direção dos assuntos suecos passou para o capaz chanceler Axel Oxenstjerna, ainda que o melhor general protestante fosse agora Bernardo de Saxe-Weimar (1604-1639),. Em novembro de 1633 ele tomou Ratisbona, importante cidade no Sul da Alemanha, e abriu a linha do Danúbio ao avanço protestante. Durante isso, Wallenstein ficara relativamente inativo na Boêmia, em parte temeroso das grandes tropas espanholas enviadas para o Sul alemão e, por outro lado, intrigando com a Saxônia, Suéc,ia e França Exatamente o que estava em sua mente não se pode saber, mas o mais provável é que aspirava a assegurar para si mesmo a coroa da Boêmia. Seu fracasso cm reconquistar Ratisbona foi a última gota que fez transbordar a desconfiada hostilidade do imperador. Então a 25 de "fevereiro de 1634 ele foi assassinado por seus próprios soldados, como resultado das intrigas imperiais,

A 5 e 6 de setembro de 1634 Bernardo e as forças suecas foram vencidas em Nordlingen, por um exército composto de tropas imperiais e espanholas. Essa derrota foi tão decisiva como a de Breitenfeld, cerca de três anos antes. Esta demonstrara que o Norte da Alemanha não podia ser conquistado pelos católicos; aquela, que o Sul também não o podia ser pelos protestantes, A guerra, pois, precisava terminar e a 15 de junho de 1635 o imperador e a Saxônia acertaram a paz, em Praga. A data normal foi acerta como o dia 12 de novembro de 1627. Todas as propriedades eclesiásticas ficaram, por quarenta anos, em poder dos que delas estavam de posse e seu destino final seria decidido por um tribunal formado igualmente por juizes católicos e protestantes. Privilégio algum foi mencionado para os calvinistas, Nas semanas que se seguiram, a maior parte da Alemanha protestante ratificou tal acordo.

Não haveria paz, porém, para a desven Urrada terra.. Durante mais treze anos continuou a guerra e tão feroz como dantes. Seu objetivo inicial foi praticamente abandonado e ela se converteu em luta travada em solo germânico com o apoio de partidos alemães, para engrandeeimento da Espanha, França e Suécia Entanto **a** França levou a melhor parte. Fernando li foi sucedido por seu filho, Fernando III (1637-1657), mas a mudança realmente não alterou a situação À Alemanha faltavam líderes de verdade, sendo a única exceção Frederico Guilherme, o "Grande Eleitor" (1640-1688), do Brandenburgo.. Mas se ele foi feliz no aumento de suas possessões territoriais, era jovem em demasia para infiuir' no curso da guerra.

For fim, depois de inúmeras negociações, em 27 de outubro de 1648, foi feita a "Paz da Westphaliíi". A Suécia estava firmemente estabelecida nas costas alemãs do Báltico A maior parte da Alsácia passou para a França.. Foi formalmente reconhecida a antiga independência da Suíça,. O Brandenburgo recebeu o arcebispado de Magdeburgo e os bispados de ílalberstadt e Miriden corno compensação pela desistência, a favor da Suécia, sobre parte da Pomerânia Maximiliano, da Baviera, manteve seu título de eleitor e parte do Palatinado, enquanto o restante deste foi restituído a Carlos Euís, filho do infeliz Frederico V, para quem um novo título eleitoral foi criado. O acordo religioso foi mais importante, Neste acordo, a habilidade do "Grande Eleitor" conseguiu a inclusão dos calvirristas, os quais, com os luteranos, eram considerados um só partido, em oposição aos católicos. Os calvirristas alemães, ai fim, alcançaram plenos direitos. O Edito de Restituição foi abandonado totalmente, e o ano de 1624 tomado corno padrão.. Qualquer propriedade eclesiástica então cm mãos de católicos ou protestantes, com eles permaneceria, Ainda que vigorasse o direito de um soberano leigo determinar a religião de seus súditos, foi ele modificado por uma provisão que dizia que no território onde, em 1624, o culto religioso estivesse dividido, cada partido continuaria na mesma proporção do momento Entre luteranos e calvinistas ficou acertado que a norma seria a data da paz, e que no caso de mudança do governante leigo para uma ou outra, forma de protestantismo isso não afetaria seus súditos Por outro lado, por insistência do imperador, não se deram privilégios aos protestantes na Áustria e na Boêmia

A paz a ninguém agradou. O papa a denunciou. Mas todos estavam cansados da guerra, e a paz teve o grande mérito de traçar

as linhas entre catolicismo e protestantismo, aproximadamente onde de fato deveriam estar. Como tal, resultou essencialmente permanente, e com ela se pode considerar encerrado o período da Keforma 110 continente,

Para a Alemanha, a Guerra dos Trinta Anos foi um duro e tremendo mal» O país havia sido revolvido, durante uma geração, de um extremo ao outro, por exércitos rapinarrtes e sem lei. A população decaíra de dezesseis milhões a menos de seis. Os campos estavam devastados. O comércio e a indústria, destruídos. Acima de tudo, a vida intelectual estagnara, a moral se tornara áspera e corrupta, a religião estava gravemente prejudicada, Um século após o término da guerra, suas devastadoras conseqüências ainda não tinham sido sanadas» Poucas evidências de vida espiritual foram percebidas nesse medonho tempo de guerra, "Mas nesse tempo, no entanto, refletindo a confiança de sincera piedade em meio à tensão, em grande parte pertence a obra do talvez máximo escritor luterano de hinos, Paulo Oerhardt (1607-3 676). Nos seus primeiros anos também tiveram lugar as principais atividades do estranho e profundo místico protestante, Jacó Bõhme (1575-1624), de Gorlitz.

10

SOCÍNIANISMO

A época da Reforma apresentou urna série dc desvios da ortodoxia tradicional com referência à pessoa e obra de Cristo. Não sendo esses desvios característicos dos auabatistas, em geral, suas primeiras manifestações se deram entre eles, como Derrek e Ilaetzer (p43). As idéias radicais de Servet e seu trágico fim já são conhecidos, mas esse inteligente pensador não fundou escola, Os principais antitrinitários da época surgem na Itália, onde as opiniões reformadas por vezes tomaram forma radical, e onde o cepticismo da Renascença e a crítica dos escolásticos muita vez se mesclavam com a facilidade anabatista de ver nas Escrituras outras interpretações que não as tradicionais. Entre esses italianos radicais estavam Mateus Gribaldi (í-1.564), ex-professor de direito em Pádua c a quem Calvino expulsou de Genebra, em 1559; e Giovanni Valentino Gentile (1520 ?-1566), que chegou a Genebra aí por 1557, e de lá fugiu à punição por suas idéias e, após carreira errante, foi decapitado em Berna, em 1566. De maior importância foi Jorge Blandrata (1515?-1588?), que passou um ano era Genebra, mas achou prudente mudar-se para a Polônia, em 1558, Lá foi médico das famílias que governavam o país e da Transilvânia, nesta região auxiliando a fundar uma comunhão unitária que, por fim, obteve reconhecimento legal.

Os que estavam fadados a dar seu nome ao movimento foram os dois Sozzinis, tio e sobrinho Lélio Sozzini (Socínus, 1525-1562) era membro de família importante de Siena e estudante de direito. Suas opiniões, de começo, eram evangélicas e ele viveu um ano (1550-1551) em "Wittenberg, desfrutando da amizade de Melanchton. Entre outras cidades suíças, esteve em Genebra, onde foi bem acolhido, e fixou residência em Zurique, onde faleceu, A execução de Servet chamou sua atenção para o problema da Trindade, mas suas especulações não se tornaram públicas durante sua vida. Seu sobrinho Fausto (1539-1604), mais notável, estava em Lyon em 1561 e em Genebra em 1562. Ainda que já radical e influenciado — não tanto quanto

por vezes se tem afirmado — pelas notas e papéis de seu tio, exteriormente Fausto se conformava à Igreja Romana e viveu na Itália de 1563 a 1575. Dali passou para Basiléia até ir, em 1578, paia **a** Transi lvâni a, por sugestão de Biandrata, No ano seguinte estava na Polônia, onde residiu até morrer, ern 1604.

Graças aos trabalhos de Fausto Sozzini e outros na Polônia, o partido se firmou e exprimiu sua crença no C ateeis mo Racoviarro, rro qual Fausto cooperou, e que foi publicado em Rakow, ano de 1605, Desta cidade o catecismo tomou o nome e nela tinham o seu quartel-general os "Irmãos Poloneses", O catecísrrio é uma notável combinação de arrazoados racional íst as e cru super naturalismo, A base da verdade é a Escritura, mas a confiança do Novo Testamento é principalmente baseada nos milagres que acompanharam sua proclamaç.ão e de rrrodo especial no supremo milagre da ressurreição. O Novo Testamento assim confirmado sobrenaturalmente é [a] garantia do Antigo. O propósito de ambos é mostrar ao entendimento humano a senda para a vida eterna. Ainda que neles haja coisas acima da razão, nada há de valor contrário à razão, A única fé que exigem é a crença na existência de Deus e de que Ele é galardoador e juiz O homem é mortal por natureza e por si mesmo não pode encontrar o caminho da vida eterna Daí Deus lhe deu a Escritura, a vida e o exemplo de Cristo. Cristo era homem, mas alguém que viveu vida de obediência peculiar e exemplar, cheio de sabedoria divina, e portanto foi recompensado com a ressurreição e uma espécie de divindade delegada, de modo que agora ouve orações, A vida cristã consiste em alegria em Deus, oração e ação de graças, renúncia do mundo, humildade e paciência. Suas conseqüências são o perdão dos pecados e a vida eterna. O batismo e a Ceia do Senhor devem ser conservados, como Cristo determinou, e possuem certo valor simbólico. É afirmada a liberdade essencial do homem, e são negados o pecado original e a predestinação,,

A mais bem sucedida parte da polêmica sociniana foi seu ataque à teoria da satisfação na expiação, a qual os reformadores tinham universalmente aceito., A satisfação não é exigida pela natureza de Deus O perdão e a satisfação são conceitos que mutuamente se excluem. K absoluta injustiça que os pecados do culpado sejam punidos na pessoa do inocente. A morte de Cristo é um grande exemplo de obediência que todo cristão deve dar, se necessário; mas essa obediência não foi maior do que Ele devia para si mesmo, e Ele não podia transferir a outros seu valor Se pudesse ser transferida,

na medida em que alguém se sentisse escusado do esforço moral pela retidão, o caráter se debilitaria.

A relação do socinianismo com o escolasticismo, especialmente o de Scotus, é indubitável; mas diferindo do sistema medieval, ele rejeitava toda a autoridade da Igreja e achava suas fontes na Escritura, interpretada pela razão. Rebelou-se contra as opiniões predominantes da incapacidade e total depravação humana.. Não fez pouco para libertar a religião da escravidão do dogma e favorecer o estudo sem preconceitos da Escritura; irias quase não tinha idéia do que a religião significava para Paulo, Agostinho ou Lutero — nova e vital relação pessoal entre a alma crerrte e Deus, mediante Jesus Cristo.

Suprimido na Polônia principalmente pelos esforços dos jesuítas, o socinianismo encontrou adeptos nos Países Baixos e mais ainda na Inglaterra, onde haveria, de ter não pequena influência.

10

AKMINIANISMO

O rigor do calvinismo produziu r eação, especialmente na Holanda, onde as tradições humanistas não haviam morrido e o anabatismo estava bastante difundido. Manifestou-se essa reação na ênfase sobre os aspectos mais práticos da r eligião, na perda do gosto pelas precisas definições doutrinárias e por uma atitude mais tolerante, Representante dessa reação foi o er udito holandês Dirck Ooomheit (1.522-1590), entanto ela alcançou expressão plena na obra de Jacó Arminius (15G0-1609) e seus discípulos,

Arminius, cujos parentes morreram rra luta pela independência dos Países Baixos, foi educado por- amigos na Universidade de Leyden, de 1576 a 1582. Esteve cm Genebra a expcrrsas da corporação de comerciantes de Amsterdam. Em 1588, nesta cidade, ingressou no pastorado, alcançando nome como pregador' e pastor de espírito irônico, Em 1603 foi escolhido para suceder ao eminente Eranz Junius í 1545 1602) como professor de teologia em Beyden, onde ficou até morrer. Ainda que contrário a polêmicas, em 1585 foi designado para responder a Ooornhert e defender a posição "supralapsária" contra os ministros de Delft. Essa discussão era sobre a ordem dos propósitos divinos: "Decretou" Deus a eleição e a reprovação a então permitiu a queda corno meio pelo qual é cumprido o decreto *{supra iapsum*) ? Ou Rie previu e permitiu a queda do homem e então decretou a eleição como meio de salvar alguns (*infra Iapsum)'l* Estudando as questões em pauta, Arminius começou a duvidar de toda a doutrina da predestinação incondicional e a atribuir ao homem uma liberdade que, mesmo simpática a Melanchton (p 121), não cabia ao calvinismo puro. Desenvolveu-se séria controvérsia entre Arminius e seu colega supralapsário rra universidade, Franz Gomarus (1563-1641), e logo os Países Baixos j)rotestantes foram totalmente envolvidos por ela.

Depois da morte de Arminius, emr 1609, a direção do partido coube ao pregador da cor te, João Wtenbogaert (1557-164.4) e a Simão

Episcopius (1583-1643), discípulo e amigo de Arminius, e poueo depois professor de teologia em Leyden.. Ambos sistematizaram c desenvolveram as opiniões "arminianas", e se opuseram à ênfase corrente sobre minúcias de doutrina, considerando o cristianismo primordialmente uma força para a transformação moral. Em 1610 eles e outros quarenta e um simpatizantes, a instâncias do eminente estadista holandês, João vau Odenbarneveldt (1547-1619), defensor da tolerância religiosa, redigiram uma declaração de sua fé, chamada "Remonstrance",[1] a qual deu ao partido o nome de "Remonstralensc" Contrariando a doutrina calvinista da predestinação absoluta, ela ensinava uma predestinação baseada na presciência divina do uso que fariam os homens dos meios de graça. Combatendo a doutrina de que Cristo morreu, apenas pelos eleitos, ela afirmava que Ele morreu por todos, ainda que ninguém recebe os benefícios de Sua morte, exceto os crentes. Era acorde com o calvinismo na negação da capacidade do homem de fazer algo realmente bom por si mesmo — tudo procede da divina graça. Eoi aqui que; os arminianos não foram pelagianos (vol, I, p 242). Em oposição à doutrina calvinista da graça irresistível, ensinavam que a graça pode ser rechaçada, e mostravam incerteza com referência ao ensino calvinista da perseverança dela, assegurando ser possível perder a graça uma vez recebida.

De imediato, todo o protestantismo dos Países Baixos se encheu de conflitos, A grande maioria da população era calvinista, no que era apoiada pelo *stadholder* Maurício (.1588-1625). Os remonstratenses foram apoiados pelo líder da província da Holanda, Oldenbarneveldt e pelo grande jurista, historiador e fundador do direito internacional, Hugo Grotius (1583-1645). Sem demora a disputa também envolvia política. Os neerlandeses estavam divididos entre os apoiadores dos "direitos dos estados", que incluíam a enriquecida classe dos comerciantes, da qual eram chefes Oldenbarneveldt e Grotius, e o partido nacional, cujo cabeça era Maurício O partido nacional então desejava um sínodo que decidisse a controvérsia. A província da Holanda, chefiada por Oldenbarneveldt, resistia a esse plano, sustentando que cada província devia resolver seus assuntos religiosos. Em julho de 1618, por meio de um golpe de estado, ele derrubou o partido dos "direitos dos estados" Oldenbarneveldt, apesar, de seus grandes serviços, foi decapitado enr 13 de maio de

1 Schaff, *Credos da (.risUnidade,* 3:545-549.

1619, e Grotius condenado â prisão perpétua, conseguindo fugir, em 1621.

No entretanto, um sínodo nacional, convocado pelos Estados Gerais, realizava suas sessões em Dort, dc 13 de novembro a 9 de maio de 1019 Além dos representantes dos Países Baixos, participavam de suas deliberações delegados da Inglaterra, Palatinadc, Hesse, Bremen e Suíça. O sínodo de Dort condenou o armínianismo e adotou "cânones" de tom mais que calvinista, os quais, com o Cateeismo de Heidelberg e a Confissão Belga (pp 112, 122), se tornaram a base doutrinai da Igreja Holandesa[2] Não tão extremista como os calvinistas individuais - não adotou as idéias supralapsárias de Gomarus — o sínodo de Dort assinala o máximo da maré calvinista na confecção dc credos..

Os remonstratenses foram banidos logo após o sínodo de Dort, mas quando morreu Maurício, em 1625, tornaram-se letra morta as medidas tomadas contra eles Então retornaram, ainda que não tenham tido reconhecimento oficial até 1795. O partido se desenvolveu lentamente nos Países Baixos, onde ainda existe. Seu tipo de piedade na terra natal era predominantemente ético e intelectual e foi de algum, modo afetado pelo socinianismo. No entanto, o armínianismo veio a ter maior influência na Inglaterra que no seu pais de origem, e provou, na pessoa de João Wesley, sua possibilidade de se associar com um tipo de piedade ardente e emocional tanto quanto pode mostrá-la qualquer interpretação da verdade cristã.

Fora desta controvérsia, em 1617, surgiu, da lavra de Grotius, importante teoria sobre a expiação, Anselmo via na morte de Cristo a satisfação da injuriada honra divina (vol, I, p 337),. Os reformadores nela viram o pagamento da pena pelo pecado à ultrajada justiça divina em benefício daqueles por quem Cristo morreu, e apresentaram a execução dessa pena como exigência fundamental, da natureza de Deus, que pode ser misericordioso mas deve ser justo. Conforme a concepção calvinista, o sacrifício de Cristo foi suficiente para todos, mas eficiente apenas para os eleitos por quem Ele morreu. Os socinianos submeteram essas idéias a uma crítica radical, negando que a natureza de Deus exigisse punição, ou que a penalidade imposta a alguém pudesse ser justamente satisfeita pelos sofrimentos de outro (p 132), Grotius respondia à crítica soeirriarra,. Deus é grande governador moral. O pecado é ofensa à Sua lei. Tanto como um sábio governador terreno, pode Ele perdoar, se assim lhe apraz;

2 *Ibid,* 3:550-597,

mas perdoar sem fazer evidente o apreço que tem por Sua lei seria, desprezar essa lei. Daí, a morte de Cristo não foi pagamento pelo pecado do homem — que é perdoado gratuitamente - • mas um tributo á santidade do governo divino, mostrando que Deus, mesmo relevando a pena, vindica a majestade de Seu divino governo Nesse sentido, o sacrifício de Cristo não é uma injustiça. É o divino tributo à lei ofendida. Como um sábio governador terreno, pode Deus oferecer perdão, nos termos que escolher, a todos quantos o queiram receber; por exemplo, na base da fé e do arrependimento. C inegável quão engenhosa é esta teoria.. Ela mitiga a dificuldade dos armirrianos causada pela sua afirmação de que Cristo morreu por todos. Se tal sacrifício foi por todos e rrão tão-somente pelos eleitos, e foi pagamento da pena do pecado, por que, então, rrão são todos salvos? Crotius responde negando o pagamento da pena.. E deu também, em réplica aos socinianos, razão definida, para o grande sacrifício. Entanto, de todas as teorias da expiaeão, esta é a mais teatral e a menos satisfatória, porque a mensagem do Evangelho é esta: em algum sentido verdadeiro, Cristo morreu não pela justiça em geral, mas por mnu.

10

ANGLICANISMO, PITRITANISMO E AS IGREJAS LIVRES NA INGLATERRA. EPISCOPALISMO E PRESBITER1ANISMO NA ESCÓCIA

A posição da Rainha Isabel, no começo de seu reinado, era extremamente difícil.. Suas relações com os católicos romanos já foram vistas (p 117), Estando seus súditos longe da unidade religiosa e ela enfrentando conspirações internas e inimigos de fora, foi somente com manobras políticas extremamente habilidosas que conseguiu guiar sua nau com êxito» Ampliaram-se seus problemas com as divisões que foram surgindo entre os que concordavam com o seu rompimento com Roma, assim que foi iniciado seu governo. Entanto, os que apoiavam esse rompimento foram aumentando, à medida que decorria seu reinado, pelo despertamento da vida religiosa popular, que estava transformando a nação, que permanecera espiritualmente apática na época das mudanças efetuadas por Henrique "VIII, Eduardo VI e Maria.

Isabel procurou fazer que sua posição religiosa fosse fácil de aceitar. A Igreja, em seu clero e ofícios, se pareceria ao antigo culto tanto quanto o sentimento protestante pudesse tolerar. Com poucas exceções, todo o clero paroquial se conformou e Isabel, de bom grado, o deixoú em paz em suas igrejas desde que ficasse quiete, ainda que fosse duvidosa sua cordial aceitação do protestantismo, capacidade para pregar ou zelo espiritual. Era sábia sua atitude, do ponto de vista político, E a Inglaterra foi assim poupada de guerras corno as que devastaram a França e a Alemanha,

Desde o começo, todavia, a rainha se viu face a face com protestantismo mui agressivo, que não concordava com a idéia dela de uma igreja liberal, nacional, compreensiva, suficientemente "reformada". Muitos dos que tinham sido exilados no tempo de Maria caíram sob a influência de Genebra, Zurique ou Frankfort e voltavam cheios de admiração pelo seu protestantismo radical. Eram homens tomados de zelo religioso e com os quais Isabel devia contar no seu

conflito com Korna. Entanto, a rainha cria que, se pudessem eles introduzir as mudanças que desejavam, agitariam a situação que, com dificuldade, era mantida em paz.

Do ponto de vista religioso, eram facilmente compreensíveis as aspirações de tais pessoas. Para elas, a Bíblia era a autoridade por excelência, suplantando toda a pretensão da Igreja de intérprete ou custódia da tradição autoritária, Queriam banir dos ofícios o que criam ser remanescente da superstição romanista e desejavam para cada paróquia um pregador zeloso, esjnritual. Em particular, eram contrários às vestes elerieais que estavam determinadas, achando que perpetuavam na mente popular a idéia do ministério como um estado espiritual de poderes peculiares, não concorde com o sacerdócio de todos os crentes; opurrham-se ao ajoelhar para receber a Ceia do Senhor, dizendo que tal atitude implicava adoração da presença física de Cristo; combatiam o uso de alianças no casamento, tendo-o como continuação do conceito do matrimônio como um sacramento; fazer o sinal da cruz no batismo, como superstição. Em virtude desse desejo de purificar a Igreja, aí por 1560, todos esses passaram a ser chamados "puritanos".. Ern 1563 procuraram eles assegurar seu programa de reformas através da convocação do clero da Província de Carrtuária, o corpo legislativo da maioria da Igreja da Inglaterra; mas foram vencidos por apenas um voto.

Muitos puritanos já haviam começado a adotar práticas mais simples no culto e a usar roupas comuns. Sob a direção de Lourenço Ilumphrey (1527-1590), presidente do Magdalen Collcge, Oxford, e Thorrras Sampson (1517-1589), deão da Igreja de Cristo, Oxford, exilados os dois no tempo de Maria, teve início acalorada discussão puritana sobre o uso das vestes obrigatórias - - a " Controvérsia Elisabetana sobre 'Vestes". A Universidade de Carnbridge muito simpatizava corrr os puritanos. Mas neste assunto a política da rainha se opunha com vigor a modificações., E em 1566 o Arcebispo Mateus Parker publicou suas "Advertências",[1] obrigando todos os pregadores a obterem novas licenças dos bispos; proibindo sermões provocadores de controvérsias; exigindo ajoelhar para receber a comunhão; minuciosamente determinando as vestes elerieais. Diante dessa regulamentação, vários clérigos puritanos foram privados de seus cargos, inclusive Sampson, que esteve preso durante algum tempo

Nova posição foi tomada por aqueles que haviam aprendido nos centros reformistas do continente que qualquer culto para .o qual

1 Gee e Hardy, *Documentos Ilustrativos da História da Igreja Inglesa,* pp 467-475.

não se encontrasse apoio bíblico é um insulto à divina majestade, Essa posição se revela na pergunta: Um sistema eclesiástico que depõe ministros porque se recusam a usar vestes e adotar cerimônias impossíveis de se demonstrar pela Escritura 6 o que Deus deseja paia a Sua Igreja? Além disso, lendo seu Novo Testamento com óculos genebrinos, encontravam nele um padrão definido de governo da Igreja., totalmente diferente do existente na Inglaterra Conforme esse padrão, a disciplina era mantida por anciãos, os ministros oficiavam com o consentimento da congregação e havia paridade essencial entre os que, como disse Calvino, são descritos nas Escrituras como "bispos, presbíteros e pastores", "empregando essas palavras como sinônimos",[2] Foi a mesma convicção quanto à igualdade essencial dos (pie exercem função espiritual que fortaleceu o presbiterianísmo escocês ern sua longa luta corn a "prelazia".

O representante e chefe deste desenvolvimento do puritanismo foi Thomas Cartwright (1535 ?-l603). Como professor de teologia, no Eady Margaret, na Universidade de Cambridge, ern 1569, advogou a nomeação de anciãos para a disciplina nas paróquias, a eleição dos pastores pelos membros dessas comunidades, a abolição dos ofícios de arcebispos e arcediagos e a equiparação completa do clero. Isto era presbiterianísmo prático e os puritanos mais radicais avançaram no rumo presbiteriano. Os argumentos de Cartwright suscitaram a oposição daquele que viria a ser o principal inimigo dos primeiros puritanos, João Whitgift (1530-1604)„ Contra a afirmação de Cartwright do presbiterianísmo de *jure divirto*, Whitgift longe estava de defender- autoridade similar para o episcopado. Para ele, era esta a melhor forma de governo da Igreja, mas negou que nas Escrituras houvesse modelo explícito, e afirmou que nelas muito é deixado ao juízo da Igreja. Em 1572, finalmente, Whitgift conseguiu que Cartwright fosse expulso da universidade, da qual, cerca de dois anos antes, fora removido do professorado Desde então este viveu, durante muito tempo, errante e perseguido, infatígavelmente trabalhando pela causa puritana presbiteriana.

As mudanças pleiteadas por Cartwright foram apresentadas num panfleto extremado mas popularmente eficaz, com o título *A.dmoestação ao Parlamento,* escrito por dois ministros londrinos, John Field (M588) e Thomas Wilcox (1549M60S). Whitgift respondeu a ele e, por sua vez, Cartwright replicou. Alguns puritanos eram mais moderados que este último, e achavam que relativamente poucas

2 Instituição, 4:3, 8

alterações eram necessárias na constituição eclesiástica em vigor, para eles, cerimônias censuráveis podiam ser abolidas, o Livro de Oração revisado, anciãos instituídos nas paróquias e os bispos mantidos como presidentes das igrejas de cada diocese organizada como um sínodo, *yrirm vnter* pares. Mas o espírito presbiteriano crescia e vários experimentos presbiterianos foram feitos dentro do Estabelecimento Reuniões de ministros e leigos piedosos para pregar e discutir foram realizadas - - reuniões denominadas "profetizantes". Era alguns casos - - primeiro em Wandsworfch, perto de Londres, em 1572 - - congregações voluntariamente se organizaram numa espécie de presbitério paroquial.. A posição presbiteriana foi impulsionada pela publicação, em 1571, de *Total e Clara Declaração de Disciplina Eclesiástica,* por um antigo erudito de Cambridge, Walter Traveis (1548-1635). Tudo isto foi auxiliado pela ascensão ao arcebispado de Cantuária, após a morte de Parker, de Edmundo Grindal (1519-1583). Simpatizava ele eorn os puritanos e foi suspenso por suas objeções de consciência ás *ordens* da rainha proibindo os "profetizantes".

Cartwright e seus companheiros puritanos se opunham á separação da Igreja da Inglaterra. A idéia deles era introduzir' o mais possível a disciplina e a prática puritanas e esperar que ulleriores reformas fossem feitas pelo governo. Não parecia sem fundamento tal esperança No decurso de uma geração a constituição e o culto da Igreja do país foram quatro wzes alterados. Não poderia haver uma quinta mudança segundo o que os puritanos julgavam o modelo bíblico? Limitaram-se eles a agitar e a esperar Eoi este, no geral, o programa puritano..

Havia, no entanto, quem achasse injustificável tal espera Queriam estabelecer logo o que lhes parecia escriturístico Eram os separatistas, dentre os quais se contavam os adeptos da política e.ongregaciorral. Em 19 de junho de 1567 as autoridades de Londres aprisionaram membros de uma congregação separatista, ostensivamente reunidos para um culto e celebração de uma boda. Tal grupo achava não poder livremente seguir a Palavia de Deus dentro da estrutura da Igreja da Inglaterra, e escolhera seus dirigentes, sendo ministro Ricardo Eitz. Além deste grupo — "Plu:mber7s Hall" havia outros não-conformistas. Mas no início do período puritano as atividades separatistas foram de caráter fugaz e temporário.

O primeiro defensor realmente notável das idéias separatistas na Inglaterra foi Roberto Ürowne (1550-1633), estudante em Cam-

bridge nos tempestuosos tempos do breve professorado de Cartwright, e que recebeu o grau em 1572 Começando como presbiteriano puritano avançado, depois adotou os princípios separatistas aí por 1580, e junto com seu amigo Roberto Harrison, fundou, em 1581, uma congregação independente, em Norwlclr Por sua pregação resultou sei' preso várias vezes 'Kle c a maioria de sua congregação se puseram em segurança em Middelburg, nos Países Baixos Ali, em 1582 Browne publicou alentado volume contendo três tratados Üm diretamente contra os puritanos que desejavam permanecer na Igreja da Inglaterra, apresentava seu conteúdo no título: *Tratado da Reforma sem esperar por ninguém e da tmpiedade dos pregadores que não se reformam . .até que o magistrado os ordene e obrigue* Outro: *Livro que apresenta a vida e comportamento de todos os verdadeiros cristãos,* descrevendo a verdadeira Igreja como formada de cientes reunidos por sua própria vontade. De acordo com Browne, a única Igreja é o agrupamento local de crentes em Cristo por experiência, unidos a Ele e uns aos outros por[1] umr pacto voluntário.. Igreja assim tem Cristo como cabeça imediata, e é governada por oficiais e leis que Rle designou. Cada uma se au.togover.ua e escolhe um pastor, um mestre, anciãos, diáconos e viúvas, conforme determina o Novo Testamento; mas cada membro é responsável pelo bem-estar do todo Nenhuma igreja tem autoridade sobre outra, mas todas se devem auxiliar fraternalmente

O corigregaeionalisrno de Browne se assemelha, até certo ponto, às idéias auabatistas (p 44) „ Mas não havia ainda trabalho anabatista organizado na Inglaterra, o que só rro século seguinte é que apareceu Browne conscientemente não demonstra algo dever a eles, nem rejeita o batismo infantil. O separatismo inglês surge principalmente fora do movimento puritano.. Browne não foi seu defensor muito tempo Foi breve sua permanência na Holanda, Sua Tgreja era cheia de turbulência, e, após algum tempo na Escócia, retornou para a Inglaterra, onde se conformou, ao menos exteriormente, em outubro de 1585, à Igreja Estabelecida.. E passou o longo resto de sua vida — 1591 a 1633 •-- em seu ministério.

Quando Grindal era arcebispo, no entanto, muitos ministros puritanos que haviam permanecido na Igreja Estabelecida deixaram de usar, no todo ou em parte, o Livro de Oração. Forte esforço foi feito para tornar reconhecida a "Santa Disciplina" Waíter Travers preparou uma segunda obra sobre este tema, para servir de guia à prática puritana Entanto, Grindal foi sucedido, de .1583 a 1609,

na sé de Cantuária por Whitgift Calvinista na teologia, era rigoroso quanto á disciplina, neste sentido tendo caloroso apoio da rainha, que era de implacável hostilidade para com o movimento puritano De imediato publicou ordens impondo total aprovação < uso do Livro de Oração, determinando vestes elerieais e proibindo todas as reuniões religiosas privadas[3] E desde então o punho da repressão pesou sobre os puritanos Acirrou-se esta hostilidade pela publicação anônima de uma sátira contra os bispos Era grosseira e injusta, mas extremamente espirituosa e irritante Era claramente de origem puritana, ainda que geralmente não aprovada por eles Publicada em 1588-89 e conhecida corno '"Panfletos de Martin Marprelate" seu autor jamais foi plenamente identificado, ainda que as probabilidades apontem dó Tbroekmortorr (1546-1601}, um leigo puritano.

A afirmação puritana-separatista do caráter divino de seus sistemas começou a forçar urna mudança na atitude dos chefes de seus oponentes, os anglicanos. Ricardo Bancroft (154-4 1 ti 10) (pie seria o sucessor de Whitgift como arcebispo em seu sermão pregado em PauPs Oross, Londres, em 1589, não só condenou o puritanismo como afirmou o direito de *jure divino* do episcopado. Adr iano Saravia (1531-1613), teólogo valao residente na Inglaterra, um ano mais tarde defendeu a mesma idéia. Idêntica coisa, em Perpétuo *Governo da Igreja de Cristo,* em 1593, fez Thornas Bilson (1547-1616), que cm breve seria bispo dc Winchester.. Menos extremado foi o culto Ricardo Hooker (1553-1600) em sua obra *Leis da Política Eclesiástica,* publicada de 1594 a 1597.. Cria ele que o episcopado está firmado na Escritura; entanto o principal argumento dele a favor do episcopado era a sua razoabilidade, contra o biblicismo extremo dos puritanos. Estavam lançados os fundamentos de um partido da alta Igreja.

A repressão do puritanismo e do separatismo foi deveras auxiliada pelo Tribunal de Alta Comissão Desde o tempo de Henrique VIII era expediente favorito do rei controlar assuntos ou pessoas por meio de comissões nomeadas para investigar e julgar sem estarem sujeitas aos processos ordinários da lei O sistema se desenvolveu gradualmente, Isabel o ampliou e firmou; mas só quando Bancroft foi'um de seus membros, em 1587, se tornou efetivamente uma Comissão Eclesiástica. Em 1592 havia alcançado plenos poderes. A presunção de culpabilidade era contra o acusado, e a natureza das provas era indefinida .Esse tribunal podia examinar e aprisionar

3 Gcc e Hardy, pp 481 484.

em qualquer lugar da Inglaterra, e se tornou o braço direito da autoridade episcopal.

O separatismo havia arrefecido depois cia volta de Browne à Inglaterra, mas logo reapareceu. "Em 1587 Henrique Barrow (1550? -1593), advogado londrino, e o clérigo João Greenwood (?-1593 j foram presos por promoverem em Londres reuniões separatistas. Da prisão faziam sair secretamente manuscritos que apareciam corno impressos na Holanda, atacando tanto os anglicanos como os puritanos e defendendo princípios separatistas mais radicais que os de Browne Conquistaram adeptos, inclusive Francisco Johnson (1562-1618), ministro puritano. Em 1592 foi organizada em Londres uma congregação separatista, tendo Johnson como pastor e Greeuwood como mestre Em 6 de abril do ano seguinte ambos foram suspensos por negarem a supremacia da rainha em assuntos eclesiásticos. No mesmo ano o parlamento aprovou uma lei sobre o banimento de quantos impugnassem a autoridade eclesiástica da rainha, recusassem freqüentar a igreja; comparecessem a qualquer "conventículo" onde se realizasse outro culto que não o legal[4] Por causa dessa lei, a maioria das congregações de Londres foram compelidas a se refugiar em Amsterdarn Ali Johnson, após ter sido solto, continuou como seu pastor, enquanto Henrique Ainsworth (1571 1623) foi seu mestre.

Os anos finais do reinado de Isabel presenciaram uma reação contra o calvinismo dominante. Ern 1595 surgiu uma controvérsia em Cambridge, onde Pedro Baro (1534-1599) defendera doutrinas liberais de Arminius. Tal discussão propiciou a publicação, sob os auspícios de Whitgift, dos fortemente calvirristas "Artigos de Lambeth"[5] Mas a tendência de criticar o calvinismo, assim iniciada, aumentou, e, em parte por oposição ao puritanismo, se tornou mais e mais característica do partido anglicano.

O longo reinado de Isabel findou em 24 de março de 1603. Sucedeu-a o filho de Maria, "Rainha da Escócia", Tiago I (1603-1625). Desde 1567, como Tiago VI ele já ocupava o trono escocês. Todos os partidos religiosos da Inglaterra viam com esperança sua ascensão: os católicos por causa de seu parentesco, os presbiterianos puritanos por causa de sua educação presbiteriana, os anglicanos por causa de suas altas concepções do direito divino e sua hostilidade ao governo presbiteriano, que se desenvolvera nas longas lutas para manter o poder da coroa na Escócia Apenas os anglicanos acertaram

4 Gee o Haidy, pp 492-498
5 Schaff, *Credos da Cristandadc,* 3:523,,

quanto ao seu caráter. Sua frase favorita era: "Sera bispo não há rei", Nas pretensões e na ação não era mais arbitrário que Isabel, mas o país muito suportaria de um governante popular e admirado aquelas coisas que o magoariam se o soberano fosse antipático, indigno e não representativo.

Quando de sua viagem a Londres, em abril de 1603, Tiago I recebeu a "Petição Milerrária"[6] Era assim chamada porque dizia representar mais de um milhar de ingleses, porém não levava assinaturas. Er a uma exposição mui moderada das aspirações puritanas.. Dela resultou, em janeiro de 1604, uma conferência em Hampton Court entre bispos e puritanos, estando presente o rei. Além do próprio soberano, o principal defensor do anglicanismo foi Barrcroft, então bispo de Londres Das grandes mudanças que os puritanos desejavam, nenhuma foi concedida, exceto uma. nova tradução da Bíblia. Daí apareceu a "Autorizada" ou "Versão do Rei Tiago", em 1611. Receberam ordem de se conformar Esta vitória anglicana foi seguida, em 1604, pela xrromulgação, com o apoio real, de uma série de cânones que tornavam lei da Igreja várias declarações e práticas contra as quais os puritanos faziam objeções O inspirador foi Barrcroft, logo sucessor de Whitgift na sé de Cantuária (1604-1610). Deveras alarmaram-se os puritanos, mas Bancroft no governo era mais generoso do que suas declarações e atitudes anteriores poderiam dar a entender E relativamente poucos foram os ministros excluídos Também o anglicanismo se fortalecia pelo gradual desenvolvimento da cultura e zelo do seu clero, para isso tendo contribuído Whitgift e Bancroft — sendo notável exemplo o erudito, piedoso e eloqüente; Laneelote Andrewes (1555-1626) feito bispo de Cbichester, em 1605.

O sucessor de Bancroft no arcebíspado foi -Jorge Abbot (1611-1633), pessoa de idéias acanhadas e calvinista acirrado Era impopular entre o grosso do clero e foi infeliz na última parte do seu episcopado Os anglicanos sentiram a perda de líderes hábeis como Whitgift e Bancroft e, em tal circunstância, não apenas o puritanismo mas também o separatismo fizeram grandes progressos.

Movimento separatista cujas últimas conseqüências foram de largo alcance, teve scusveomeços 110 início do reinado de Tiago 1, quando John Smyth ("MG 12), ex-clérigo da igreja estabelecida, adotou princípios separatistas e se tornou pastor de uma congregação em Gainsborough, De imediato conseguiu aderentes nos próximos dis-

6 Gee e Hardy, pp 508-511..

fritos rurais, e uma outra congregação se formou na casa de Wi 1liam Brewster (1560'M644), ern Scrooby. Desta congregação era membro o jovem Wiiliam Bradford (1590-1657). Desfrutou ele da direção e ensino do amável John Robinson (1575 Y-1625), como Smyth, ex-clérigo da Igreja da Inglaterra, e que também cria ser o separatismo o caminho certo. Sentindo o peso da oposição, membros da congregação de Gainsborough, chefiados por Smyth, exilaram-se em Amsterdam, provavelmente em 1608. A de Scrooby, dirigida por Robinson e Brewster, seguiu o mesmo caminho da Holanda, finalmente estabelecendo-se em Ijeyden, ern 1609,

Em Amsterdam, Smyth entrou ern controvérsia com Francis Johnson e, baseando-se em seus estudos do Novo Testamento, concluiu que o método apostólico de receber membros na Igreja era pelo batismo após confissão de arrependimento diante de Deus e fé em Cristo., Em 1608 ou 1609 então se batizou a si mesmo por imersão e os demais de sua Igreja, estabelecendo a primeira igreja batista, ainda que ern solo holandês, Smyth se tornou arminiano, aceitando que Cristo morreu não apeuas pelos eleitos mas por toda a humanidade, Esta sua nova ênfase o aproximou da posição anabatista, e alguns da sua congregação, por fim, se filiaram aos menorritas holandeses. Smyth morreu tuberculoso eiu 1612, antes que a transferência fosse completa. O remanescente de sua congregação, no entanto, aderiu aos batistas ingleses sob a direção de Thomas Helwys (1550M616?) e John Murton (?-1625?). Retornaram à Inglaterra em 1611 ou 12, tornando-se a primeira congregação batista em terra inglesa, Arminianos em seus pontos de vista, foram conhecidos como "batistas gerais". Eram grandes campeões da tolerância religiosa.

Nesses anos nova posição puritana foi tomada por Henry Jacó (1568-1624), que fora membro da congregação de Robinson, em Eeydeu; por "Wiiliam Ames (1576-1633), preeminente teólogo exilado ira Holanda, e por Williaru Bradshaw (1571-1618), pesado escritor puritano. Esses homens formularam os princípios da posição independente ou congregacrorral não separatista, da qual diretamente proveio o moderno congregacionaíismo Empenhados em evitar a separação da Igreja da Inglaterra, trabalharam a favor de um sistema nacional de igrejas eongregacíonais estabelecidas.. Henry Jaeó fundou urna igreja em Southwark, em 1616, a primeira eongregacional que ainda existe.

Em 1630, no entanto, pequeno grupo (ia igreja de Jaeó se convenceu de que o batismo dos crentes era a norma da Escritura. Separando-se da sua congregação, criaram uma segunda linha na Inglaterra, denominada "particular" ou batistas ca.lvini.stas porque criam na expiação particular ou restrita, exclusiva dos eleitos Cerca de 1641 adotaram o batismo por imersão por considerá-lo o mais próprio e ele se espalhou errtre todos os batistas ingleses.

O principal evento na história da congregação de Leyden foi a decisão de enviar sua minoria mais ativa à América Kobinsori, que fora conquistado para a posição congregacional não separatista por Jacó e Ames, relutantemente ficou com a maioria. Em 1620, após cansativas negociações, os "Pais Peregrinos'[7] atravessaram o Atlântico no *Mayflower,* sob a direção espiritual do seu "ancião", William Brewster. E a 21 de dezembro lançaram os fundamentos da colônia de Plyrnouth e dela, pouco depois, William Bradford foi governador sábio c abnegado. Assim o eongregacionalísmo foi implantado na Nova Inglaterra.

Enquanto isso, sob o governo mais brando de Abott, o puritarrismo foi estabelecendo suas "conferências", substitutas das antigas "profetizações". Nas paróquias onde o pároco era hostil, ou relutante, ou incapaz, os puritanos* pagavam pregadores vespertinos de forte acento puritano. Era este um antigo artifício puritano para ter pregadores que em sã consciência não podiam administrar os sacramentos na maneira prescrita de proclamar sua mensagem, O puritanismo sempre tinha enfatizado a rigorosa observância do domingo, e suas tendências sabatarianas aumentaram pela publicação, em 1595, por Nicolau Bownde (?-1613) de *Doutrina do Sábaxlo* Nesse trabalho o autor insistia na perpetuação do quarto mandamento dentro do rigor judaico Surgiu, pois, muita hostilidade puritana - - inclusive por parte do Arcebispo Abott — quando Tiago I publicou seu famoso *Livro dos Esportes,* enr 1618, recomendando os antigos jogos e danças domingueiras. Pareceu aos puritanos ser isso uma ordem real contrária à vontade de Deus O aumento do puritanisr;ro foi estimulado por considerações políticas, O modo arbitrário com que o rei tratava o parlamento; sua falta de apoio efetivo aos pressionados protestantes da Alemanha no começo da Guerra dos Trinta Anos, e, acima de tudo, suas infrutíferas tentativas de eorrsorcíar seu herdeiro com uma princesa espanhola, aumentaram os ressentimentos, e levaram os comuns à crescente simpatia política para com os puritanos, ainda

mais que os anglicanos estavam muito identificados com a política real, No íim do seu reinado, em 1625, as perspectivas eram sinistras..

A política de Tiago no seu reino do Norte não estava menos fadada a fracassos futuros.. Durante a infância de Tiago, o regente Mortou, em 1572, conseguira a perpetuação nominal do episcopado, em grande parte com o fito de se apoderar das terras da Igreja. Na Escócia, pois, havia bispos que o eram só dc nome Insignificante era o poder deles. Em 1581, sob a direção de André Melvílle, a Assembléia Geral dera plena, autoridade aos presbítérios como cortes eclesiásticas, e ratificara o *Segundo Livro de Disciplina* presbiteriano. Ainda que corri a oposição de Tiago, o rei e o parlamento escocês, em 1592, se viram compelidos a reconhecer este sistema presbiteriano como estabelecido por lei

Tiago estava resolvido, no entanto, a substituir essa imensa autonomia por um episcopado controlado pelo rei, O rneio para isso eram os bispos nominais. Em 1597 se sentiu forte bastante para afirmai- que somente ele tinha o direito de convocar Assembléias Gerais, e firmemente foi aumentando sua intromissão no presbiterianísmo Melville e outros líderes foram exilados O ano de 1610 X>resenciou notável avanço real Tiago estabeleceu duas altas comissões como cortes para casos eclesiásticos na Escócia, semelhantes às da Inglaterra, cada uma delas tendo um arcebispo como presidente. E para o até então irregular episcopado escocês procurou dos prelados ingleses sagração c sucessão apostólica Em 161.2, um parlamento adrede preparado completou o processo, outorgando plena jurisdição diocesana a esses bispos. Até então não houvera mudanças no culto, mas nove anos depois o rei forçou, através de acovardada Assembléia Geral c, em seguida, pelo parlamento, determinações para ajoelhar na comunhão, confirmação por mãos episcopais, observância das grandes festas da Igreja^- comunhão e batismo privados. Quando Tiago morreu, a Escócia fervia de descontentamento religioso

Na Inglaterra e na Escócia Tiago I foi sucedido por seu filho Carlos I (1625-1649) Era homem de mais dignidade pessoal que seu pai, de vida familiar pura, sinceramente religioso, mas tão extremado quanto Tiago na sua concepção do direito divino dos reis, arbitrário em seus atos e incapaz de entender as tendências da opinião pública. Também era marcado por uma debilidade que facilmente o expunha à acusação de duplicidade e desonestidade. Desde o início gozou da amizade e apoio de Guilherme Laud (1573-1645), um dos homens mais notáveis da época.

Laud fora, no tempo dc Tiago, líder entre os anglicanos mais jovens» Vigoroso antagonista do calvínismo, já em 1604 afirmara "não poder haver verdadeira Igreja sem bispos". Em 1622, em discussão com o jesuíta Eishcr, sustentara que a igreja Romana era uma verdadeira Igreja e ramo da Igreja Católica universal, da qual a Igreja da Inglaterra era a parte mais pura. Sob muitos sentidos foi ele pioneiro do que mais tarde se conheceu como tradição auglo-católica Não é, porém, de admirar que tanto autoridades puritanas como romanas, para as quais semelhante opinião era novidade, o tivessem na conta de católico romano de coração.. Duas vezes o cardinalato lhe foi oferecido.. Assim classificá-lo, no entanto, é não fazer justiça à sua posição.. Laud procurava a uniformidade nas cerimônias, vestes e culto. Era zeloso e consciencioso, mas de língua áspera e maneiras imperiosas, o que lhe criou muitos inimigos Para os puritanos se tornou símbolo de tudo quanto odiavam. No fundo, com toda a sua pequenez, possuía piedade real do tipo - ainda que não atraente de Lancelote Audrewes. Em 1628 Carlos o fez bispo da fortemente puritana diocese de Londres, c em 1633 arcebispo de Carrtuária. Em todos os sentidos foi o principal conselheiro de Carlos, Inclusive em assuntos políticos, após o assassinato do Duque de Bucklngharn, errr 1628,

A pequena nobreza rural, que formava a coluna vertebral da Câmara dos Comuns, era fortemente calvinista em suas simpatias e estava politicamente disposta a protestar contra a arbitrária imposição de impostos sem o consentimento do parlamento. De pronto Carlos perdeu a afeição dela, por ambos os motivos. Sob a direção de Laud ele colocava arrninianos em posições eclesiásticas de evidência. Contra discussões calvinistas, em 1628, fez uma declaração a ser colocada como prefácio dos Trinta e Nove Artigos, dizendo que ninguém "dará sua própria interpretação" a qualquer artigo, "mas o tomará rro sentido liter al c gramatical".[7] O parlamento se revoltou.[8] Carlos passara a impor contribuições, prendendo alguns que se negaram a pagar, Roger Manwaring (.1590-1653), capelão real, argumentou que, como o rei governava como representante de Deus, os que rechaçavam impostos criados por ele estavam em perigo de perdição. O parlamento condenou Manwaring, em 1628, a pagar multa <• prisão, mas Carlos o protegeu com perdão e o recompensou com promoções eclesiásticas e, por fim, com ura bispado. Questões de

7 Gee e Hardy, pp 518 520.
8 *Ibid.,* pp 521-527.

direito real e de encarcerar sem declaração de causa7 c também de impostos, assim como de religião, agravaram as relações entre o rei e o parlamento. E depois da clausura deste, em .1629, Carlos resolveu governar sem o seu auxílio. E até .1.640 o parlamento não se reuniu. A fraqueza do partido anglicano estava era se ter identificado com a política arbitrária do rei.

Com o apoio do rei, com mão forte Laud obrigou à conformidade, Foram interrompidas as conferências, Silenciados os pregadores puritanos, O *Livro de Esportes* reeditado. Em tais circunstâncias muitos puritanos começaram a desesperar das perspectivas religiosas e políticas e a planejar a vinda para a América Não era uma liberdade de pregar e se organizar como desejavam.. Em 1628 havia começado a emigração para Massaehusetts.. No ano seguinte foi conseguida uma carta patente leal para essa colônia, e uma igreja foi fundada em Salem. O ano de 1630 viu a chegada de muitos imigrantes, sob a direção de John "Winthrop (1588-1649). Eogo houve fortes igrejas ao redor da Baía de Massaehusetts, sob os cuidados de hábeis ministros, dentre os quais os principais foram John Cotton (1584-1625), de Boston, e Ricardo Mat.her (1596-1669), de Dorehester. A colônia de Connecticut foi fundada em 1636, com Thomas Hoolter (1586-1647) como principal ministro, em Hartford.. E a colônia de New Haven em 1638, sob a direção espiritual de John Davenport (1597-1670). Esses homens eram clérigos da igreja estabelecida. Não simpatizavam com o separatismo. Mas, como os puritanos, consideravam a Bíblia como a única lei de organização eclesiástica, e firmemente criam que ensinasse a política congregacional Foram capazes de fazer na Nova Inglaterra o que seus companheiros eongregacionalistas não separatistas conseguiram na velha Inglaterra pôr seu sistema congregacional sob a lei do Estado como a única Igreja estabelecida. Até 1640 a maré puritana subiu no rumo da Nova Inglaterra e não menos de vinte mil almas atravessaram o Atlântico.

O período em que Carlos governou sem parlamento foi época de apreciável prosperidade na Inglaterra.. Entanto esteve ela intranqüila por causa da cobrança de impostos geralmente tidos como ilegais, tal como o famoso "direito sobre navios", e a forçada uniformidade religiosa. Mas a tormenta estalou na Escócia. Tiago I tivera êxito na aniquilaç.ão do presbiterianismo, principalmente por conseguir o apoio da nobreza através da concessão de terras da Igreja. No começo de seu reinado, Carlos, por um ato justo de revogação,

ainda que impolítico, ordenara a restituição dessas terras, com vantagens para a igreja escocesa, ainda que a ordem não tenha sido cabalmente executada. O efeito dessa lei foi fazer com que os possuidores dessas terras e dízimos eclesiásticos se colocassem ao lado dos descontentes presbiterianos. Havia, agora, uma Escócia relativamente unida, era vez das divisões que Tiago fomentara em seu próprio proveito.

Por grandes que tivessem sido as mudanças efetuadas por Tiago I, não se atrevera ele a alterar as linhas gerais do culto público (p 148). Mas em 1637, então, num desejo íátuo de uniformidade, inspirado por Laud, Carlos impôs uma liturgia que, na essência, era a da Igreja da Inglaterra.. Seu uso em Edímburgo, a 23 de julho, provocou desordens. A Escócia se inflamou em oposição,. Em fevereiro de 1638 foi firmado um Pacto Nacional para defender a verdadeira religião. Em dezembro a Assembléia Geral depôs os bispos c repudiou toda a estrutura eclesiástica que Tiago e Carlos haviam erigido» Era a rebelião e Carlos reuniu forças para afogá-la. Tão forte era a atitude da Escócia que, em 1639, uma trégua foi negociada mediante um acordo. Mas em 1640 Carlos resolveu obrigar os escoceses» Para atender aos *gastas com* a guerra eni perspectiva, em abril de 1640, Carlos foi compelido a convocar o parlamento inglês. Mais uma vez foram apresentados os velhos ressentimentos parlamentáríos referentes à política e à religião. Então rapidamente Carlos dissolveu o "Breve Parlamento". Na curta guerra que se seguiu, os escoceses invadiram, com êxito, a Inglaterra. Carlos foi obrigado a pagar o exército de ocupação até se firmar um tratado. O parlamento inglês teve de ser novamente convocado, e em novembro de 1640 o "Longo Parlamento" começou seu trabalho. E se tornou evidente, mais uma vez, que o puritanismo presbiteriano estava em maioria Laud foi lançado na prisão. Errr julho de 1641 foi abolida a Alta Comissão. Procurando o rei, em janeiro de 1642, lançar mão de eirreo membros da Câmara dos Comuns, aos quais acusava de traição, jrrecipitou o rompimento da guerra civil. Em geral, o Norte e o Oeste ficaram com o rei, o Sul e o Leste çom o parlamento [9]

No começo de 1643 um ato do parlamento aboliu o episeopado, que sc efetivou antes de findar o ano. Era preciso fazer algo para manter o credo e o governo da Igreja, Então o parlamento convocou uma assembléia de duzentos e onze clérigos e trinta leigos por ele indicados, para se reunir em 1.° de julho de 1643, cm Westminster,

9 Importantes documentos ilustrativos desse período em Gee e Hardy, pp 537-585.

para aconselhá-lo, A Assembléia de Westmínster assim convocada, contava com alguns congregacionalistas e episcopalianos, mas a grande maioria era puritana presbiteriana. A guerra, no entanto, começara mal para o parlamento. Para conseguir ajuda da Escócia foi formada a Liga e Pacto Solene, que estabelecia a maior uniformidade possível em matéria religiosa na Inglaterra, Escócia e Irlanda, em oposição à "prelazia". O parlamento a reconheceu, em setembro de 1643, e logo a impôs a todos os ingleses maiores de 18 anos. Então tiveiam assento na Assembléia de Westmínster comissionados escoceses que, mesmo sem voto, tiveram muita influência. Em 1644 a assembléia apresentou ao parlamento o *Diretório ão Culto* e um sistema de governo da Igreja, nitidamente presbiteriano. Em janeiro seguinte o Livro de Oração foi abolido pelo parlamento, que o substituiu pelo *Diretório,* o qual provia uma ordem de culto substancialmente a mesma usada durante gerações nas igrejas presbiterianas e emigregacíouais conservadoras. Trazia certo equilíbrio entre a liturgia prescrita e orações extemporâneas. Hesitou o parlamento era estabelecer o governo presbiteriano. Finalmente, porém, em 1646 e 1647, em parte o ordenou De modo imperfeito, no entanto, foi posto em execução. Em janeiro de 1645, com uma declaração infamante, Laud foi executado — o que se deve considerar um ato de vingança. Em seguida, a assembléia preparou sua famosa confissão.[10] Em fins de 1646 foi apresentada ao parlamento. Adotada em 27 de agosto de 1647 pela Assembléia Geral da Escócia, continua sendo padrão do presbiterianísmo escocês e americano. O parlamento inglês se recusou a aprová-la até junho de 1648, quando a modificou em algumas partes. Em 1647 a assembléia completou dois eateeismos: o Maior, para exposição no púlpito, e o Menor,[11] para ensino das crianças, Foram ambos aprovados pelo parlamento inglês e a Assembléia Geral escocesa, em 1648.

A Confissão de Westminster e os eateeismos, especialmente o Menor, têm sido sempre considerados entre as mais notáveis exposições do calvinismo . Repetem, em linhas gerais, o conhecido tipo continental. Sobre a questão dos decretos divinos são infralapsários (p 134). TJm dos seus principais característiscos é que, em adição à familiar derivação do pecado original dos primeiros pais como "raiz de toda a humanidade[77], enfatizam um "pacto de obras" e um "pacto de graça". No primeiro, Adão c considerado como cabeça representativa da raça humana, a quem Deus faz promessas definidas e nas

10 Scbaff, *Credos da Cristandade, 3* :598-673.
11 *Ibid* , pp 676-70.3.

quais estão incluídos seus descendentes e que ele, como representante deles, perdeu tanto para eles como para si mesmo por sua desobediência. Tendo falhado o "pacto de obras[77], Deus ofereceu um outro por meio de Cristo: o "pacto da graça[77]. As raízes teológicas deste pacto podem ser encontradas em Zwínglio, ainda que sua mais cabal exposição esteja na obra de João Cocceius (1603-1669), professor em Praneker e Leyden. Era uma tentativa para dar explicação definida do pecado corno ato próprio do homem, e mostrar a sua real responsabilidade por sua própria ruína O outro característico destes símbolos é a ênfase sobre a observância do dia do descanso, de acordo com o desenvolvimento puritano desta doutrina (p 147)

Enquanto decorriam estas discussões teológicas e eclesiásticas, a guerra civil prosseguia.. Em 3 de julho de 1644 o exército real foi derrotado em Marston Moor, perto de York, principalmente pela perícia de um membro do parlamento, de pouca experiência militar, Oiiver Cromwell (1599-1658) Habilmente criara ele selecionada tropa de "homens religiosos[77]» Não decorreu um ano, em 14 de junho de 1645, Cromwell fez em frangalhos o último exército do rei, nas proximidades de Naseby No outro ano Carlos se entregou aos escoceses e estes, por sua vez, o entregaram ao parlamento inglês. O exército "novo modelo[77], criado por Cromwell, era uma força de religiosos entusiastas, na qual pouco se ligava às distinções de credos Desde que se opusessem a Roma e à "prelazia", pur itanos de todas as cores eram bem recebidos. O grupo dominante era o dos independentes, com batistas e sectários mais em evidência . Entanto, o rígido presbiterianismo da maioria parlamentar' se ia tornando desagradável ao exército tanto quanto o antigo governo dos bispos, e Cromwell participava deste sentir Desde logo o exército exigiu maior gràu de tolerância, O puritanismo apelara à Bíblia e à experiência, e agora homens de formação espiritual —• muitos deles no exército — reclamavam a liberdade de seguir[1] suas convicções.

Esta atitude do exército impediu o estabelecimento pleno do presbiterianismo, coisa sancionada pelo parlamento. Isto desagradou aos escoceses. Então Carlos usou a situação para induzir estes a invadirem a Inglaterra em proveito dele, fazendo-os crer que apoiaria o presbiterianismo. Entre 17 a 20 de agosto de 1648 o exército invasor foi derrotado por Cromwell, perto de Prestou. Tal vitória fez supremo o exército na Inglaterra. A "Purga do Orgulho", em 6 de dezembro, expulsou do parlamento seus membros presbiterianos, restando os remanescentes do "Longo Parlamento[77]. Carlos I foi, então, julgado e condenado, acusado de perfídia e traição, sendo

decapitado a 30 de janeiro de 1649. O rei enfrentou a morte com grande- dignidade,, Depois Cromweli, no mesmo ano, subjugou a Irlanda e, em 1650, submeteu a Escócia. O fillio de Carlos, mais tarde Carlos II (1660-1685), foi por ele derrotado em 1651, nas cercanias de Worcester. Em toda parte a oposição estava destruída.

Cromwe.Il, não de todo identificado com alguma corrente puritana, tinha inclinações pelos independentes» Sob seu protetorado muita tolerância foi concedida,[12] e foram incluídos no estabelecimento liberal os puritanos episcopais moderados, os x^resbiteriarios, os independentes e alguns batistas. Desde o começo da guerra, no entanto, cerca de dois mil clérigos episcopais tinham sido privados de seu ofício e sofrido grandes privações, É claro, porém, como nas mudanças anteriores e posteriores, que a grande maioria do clero ou não foi molestada ou se acomodou ao novo estado de coisas. Hábil, conscienciоso e diplomata como era Cromweli, no entanto seu governo era o de uma autoridade militar, daí não gozando de simpatia. Ao mesmo tempo, as querelas das organizações religiosas rivais também eram igualmente aborrecidas à imensa maioria do povo inglês, que não podia aceitar mais de uma foi ma estabelecida de religião. Até morrer, em 3 de setembro de 1658, Cromweli suprimiu toda rebeldia.

Oliver Cromweli foi sucedido como protetor por seu filho Ricardo., O novo governante, porém, era homem fraco, disso resultando a anarquia. Realistas e presbiterianos então se uniram para restaurar a monarquia. Em 14 de abril de 1660, de Breda,[13] Carlos II publicou uma declaração de "liberdade para consciências delicadas" e a 29 de maio entrou em Londres. Se os presbiterianos, porém, tinham fundadas esperanças de serem incluídos no novo arranjo religioso, foram levados à amarga decepção.

É possível que Carlos II pretendesse dar algum lugar a eles na Igreja nacional. Eduardo Reynolds (1599-1676), até então fervente puritano, foi feito bispo de Norwieh. O piedoso Ricardo Baxter (1615-1691), um dos principais vultos do partido presbiteriano, recusou um bispado. Em 1661 autoridades governamentais ordenaram uma conferência entre bispos e presbiterianos no Palácio Savoy,[14] Dela quase nada resultou. Carlos II era sem escrúpulos, imoral, débil e indiferente em matéria de religião. Em suas promessas não se podia pôr muita confiança. Entanto, mesmo se tivesse sido melhor ou mais forte, é de duvidar pudesse ele resistir à maré

12 Gce e Hardy, pp 574-585.
13 *Ibid* , pp 585-588,
14 Gee e Hardy, pp 588 594

crescente da reação nacional contra o puritanismo . O primeiro parlamento eleito após a restauração era fortemente realista e anglicano.. Reuniram-se as convocações de Cantuária e de York em 1661 e fizeram no Livro de Oração cerca de seiscentas alterações, mas nenhuma de caráter jmritano.. Em maio do ano seguinte novo Ato de Uniformidade recebeu aprovação real. Por ele[15] era proibido, sob severas penas, o uso de qualquer outro oficio além dos do Livro de Oração revisado e, ao mesmo tempo, era também exigido de cada clérigo que prestasse, antes de 21 de agosto, juramento de "sincero assentimento e consentimento a todas e cada uma das coisas nele contidas e prescritas" ; e mais — "que é ilegal tomar armas contra o rei, sob qualquer pretexto".

Tais provisões visavam a pôr *os* puritanos fora da Igreja, e alcançaram esse objetivo» Cerca de cento e dezoito ministros abandonaram seus cargos. Estava agora o partido puritano — coisa que antes nunca sucedera — excluído da Igreja da Inglaterra. Não conformistas haviam sido forçados a se transformar em dissidentes. Presbiterianos e independentes, então organizados segundo linhas congregacionais, foram obrigados a sair do Estabelecimento. Seguiram-se severas medidas, em parte tornadas pelo temor de uma conspiração contra a monarquia restaurada. Pelo Primeiro Ato do Conveutículo, de 1664, as penalidades para quem comparecesse a um ofício não de acordo corrr o Livro de *Oração* e freqüentado por cinco ou mais pessoas da mesma família eram: multa, prisão e deportação definitiva. Pelo "Ato das Cinco Milhas",[16] de 1665, era proibido a querrr quer que fosse "em ordens sacras ou pretensas ordens sacras", ou alguém que tenha pregado num "conventículo", e não haja feito juramento condenando a resistência armada ao rei e assegurado não intentar "nenhuma alteração de governo quer na Igreja quer no Estado" morar nurn raio de cinco milhas de uma cidade Incorporada ou dentro da mesma distância do lugar onde exercera o ministério.. A essas pessoas também era vedado ser mestre-escola — quase a única ocupação à disposição de um ministro deposto. Estas e outras deliberações do assim chamado "Código Olarendorr" não foram passíveis de estrita tolerância, mas levaram às grandes perseguições aos dissidentes. O Segundo Ato do Conventículo,[17] de 1670, tornou menos severas as penalidades aos assistentes aos ofícios dissidentes, mas engenhosamente determinava que as pesadas multas recaídas

15 *Ibid,,* pp 600 619,
16 Gee e Hardy, pp 620-623
17 *Ibid.,* **PP** 623-632..

sobre o pregador e ouvintes podiam ser cobradas de qualquer dos assistentes, no caso de que a falta de recursos impedisse seu pagamento por todos. No entanto, apesar da repressão, continuaram as pregações e congregações dissidentes.

Carlos II, ainda que sem religião, tinha simpatia pela fé reformista, que confessou em seu leito de morte; e seu irmão, o depois Tiago II, desde .1672 era católico ardente e reconhecido. Carlos, 110 entretanto, recebia pensões secretas do fortemente católico rei da França, Luís XIV. Km 15 de março de 1672, com o objetivo de auxiliar os católicos e para obter' o apoio dos dissidentes a tal objetivo, Carlos publicou, sob sua própria autoridade, uma Declaração de Indulgência., Por ela, era concedido aos protestantes o direito de realizarem cultos públicos dissidentes; suspensas as leis penais contra os católicos e permitido seu culto ern casas particulares . Ao parlamento isso pareceu um favor inconstitucional a Roma... Daí obrigou, em 1673, a retirada da referida Declaração c sancionou o Ato de Prova[18] que, ainda que mirando os católicos, pesadamente recaiu sobre os protestantes dissidentes . Todos os que tiniram funções militares ou civis, com poucas exceções, vivendo dentro de trinta milhas de Londres, eram obrigados a tomar a Ceia do Senhor- conforme o rito da Igreja da Inglaterra ou perdei' seus postos. Este estatuto não seria revogado sertão em 1828 , A repressão dos dissidentes, pois, continuou até a morte de Carlos II, em 1685.

Quanto a Tiago **II** (1685-1688), diga-se que seu alvo primordial era o estabelecimento do catolicismo e que as medidas que tomou nesse sentido foram vigorosas mas sem tacto. Ele ignorou o Ato de Prova, e nomeou católicos para altos postos militares e civis. Trouxe jesuítas e monges. Em 1686, de um manobrável Tribunal Superior dc Justiça conseguiu o reconhecimento de seu direito "de prescindir de todas as leis penais em casos particulares". Restabeleceu o Tribunal da Alta Comissão. Em 4 de abril de 1687 publicou uma Declaração de Indulgência,[11]* concedendo total tolerância religiosa. Em si mesma, esta declaração era agradável e do ponto de vista moderno, um ato louvável. Entanto, seus motivos eram muito óbvios. Seu objetivo último era fazer, mais uma vez, da Inglaterra um país católico romano.. Alarmou-se todo o protestantismo, enquanto os amantes do governo constitucional nela viam a anulação do poder do parlamento pela arbitrária vontade real, A vasta maioria dos dissidentes, ainda que por ela libertada de fortes restrições, se recusou a apoiá-la e se aliou

18 Gee c Hardy, pp 632-640.
19 *Ibid* , PP 641-644.

aos eclesiásticos. Quando Tiago II ordenou, era abril de 1688, a leitura da Declaração de Indulgência em todas as igrejas, sete bispos protestaram. Foram processados e, para gáudio dos protestantes, absolvidos. Tiago exigira demais do sentimento nacional... Foi convidado para encabeçar o movimento contra ele Guilherme de Orange (1650-1702), governador dos Países Baixos, genro do próprio Tiago, pois casara com sua filha Maria. Desembarcou ele com um exército a 5 de novembro de 1688, e Tiago fugiu para a Fiança. A revolução triunfara, e a 13 de fevereiro de 1689 Guilherme (III) e Maria foram proclamados soberanos da Inglaterra,

O clero da restauração afir mara durante muito tempo a doutrina do direito divino dos reis e a obediência passiva à autoridade real para que esta mudança tivesse sua aprovação . Sete bispos, encabeçados por Guilherme Sancroft (1617-1693), se negaram a jurar obediência aos novos monarcas, no que foram acompanhados por cerca de quatrocentos clérigos. Para eles, Tiago II ainda era o ungido do Senhor, Foram depostos, como anglicanos e dissidentes antes o haviam sido, e como estes se portaram dignamente.. Muitos deles eram homens de profunda piedade. Formaram o partido dos "Non-juror" (os que não juraram). Uma parcela desse grupo se refugiou na Escócia, onde fez genuína contribuição Iitúrgiea à Igreja Episcopal naquele país

Diante das circunstâncias surgidas com a revolução de 1688, por mais tempo a tolerância não podia ser negada aos protestantes dis^ sidcntes, Pelo Ato de Tolerância,[20] de 24 de maio de 1689, a todos quantos jurassem fidelidade a Guilherme e Maria era concedida liberdade de culto. No entanto, por ele também eram rejeitadas a jurisdição do papa, a trarisubstarrcíação, a missa, a invocação de Maria e dos santos. E mais: a posição doutrinária dos Trinta e Nove Artigos era subscrita Era urna tolerância pessoal, não um acerto territorial como na Alemanha, ao término da Guerra dos Trinta Anos. Agora podiam existir lado a lado diversas formas de culto protestante.. Os dissidentes seriam um décimo da população da Inglaterra, divididos 'principalmente entre as "três velhas denominações" — presbiterianos, congregacionais e batistas. Estavam, todavia, obrigados a pagar dízimos à Igreja estabelecida e estavam alcançando, na essência, liberdade religiosa. Com o tempo, seriam conhecidos como igrejas livres inglesas Tais privilégios não eram concedidos aos negadores da Trindade, e aos católicos romanos, A

20 Gee e Hardy, pp 654-664,

estes últimos, só era 3778 e 1791 foi outorgada franca liberdade* completada em 1829.

A restauração trouxe para a Escócia um tempo de grande agitação e sofrimento. O parlamento de 1661 anulou todos os atos que desde 1633 eram favoráveis à Igreja Presbiteriana. Portanto o episcopado foi restabelecido, como nos dias de Carlos I. fim setembro de 1661 quatro bispos foram nomeados, sendo o principal deles Tiago Sharp (1618-1679), indicado para o arcebispado de Sto André, A consagração deles foi obtida na Inglaterra Sharp fora ministro presbiteriano, mas traíra seu partido e sua Igreja. O parlamento exigiu de todos os funcionários que repudiassem os pactos de 1633 e 1643. Em .1663 o parlamento estabeleceu pesadas muitas sobre os que rrão comparecessem às igrejas, agora governadas de modo episcopal, ainda que não tenha ousado introduzir uma liturgia, Muitos ministros presbiterianos foram então depostos, especialmente no Sudoeste escocês Quando seus paroquiarros não tomavam parte nos ofícios celebrados pelos rrovos nomeados, eram multados e, se não pagavam, soldados eram alojados em suas casas. Em 1664 aos instrumentos de repressão foi adicionado um Tribunal de Alta Comissão. Dois anos mais tarde, alguns dos oprimidos partidários dos pactos de 1638 e 1643, ou "covenanters", se envolveram na Revolta de Peutland. A repressão foi desapiedada e os presbiterianos foram tratados com crescente severidade. A 3 de maio de 1679, em retardada virrdita, Sharp foi assassinado. Tal crime foi seguido de urna revolta arruada dos "covenauters", mas a 22 de junho foi ela reprimida em Bothwell Bridge e os prisioneiros receberam bárbaro tratamento. Seis meses depois o irmão dp rei, Tiago — mais tarde Tiago II, da Inglaterra — praticamente foi encarregado dos assuntos escoceses. Os presbiterianos extremados e intransigentes, conhecidos couro eamerorrianos — de um de seus chefes, Ricardo Carneron (1648?-1680) — se transformaram em proscritos e perseguidos..

A subida ao trono de Tiago II (ou VII, segundo a numeração escocesa) de começo intensificou a perseguição aos eamerorrianos. Seu primeiro ano foi o "tempo de matar" e o Parlamento de 1685 estabeleceu a pena capital para os assistentes de "eonventículos". E Tiago, então, seguiu o mesmo caminho na Inglaterra. Seu conselho ele o encheu de católicos, e em 1687 publicou Cartas de Indulgência concedendo liberdade de culto. Como na Inglaterra, esta abolição de penas aos católicos despertou a hostilidade dos protestantes de todos os matizes. Episcopais e presbiterianos eram igualmente contrários,

c quando Guilherme e Maria ocuparam o trono da Inglaterra encontraram muitos amigos no reino do Norte. A Escócia, porém, estava mais dividida do que a Inglaterra Os Stuarts eram escoceses, e ainda que desagradasse aos episcopais o catolicismo de Tiago, desconfiavam eles do calvinismo do "holandês Guilherme", que tinira o apoio dos presbiterianos No entanto, a revolução triunfou em 11 de maio de 1689, e Guilherme e Maria se tornaram, governantes da Escócia. Em 1690 o parlamento restaurou todos os ministros presbiterianos expulsos a partir de 1661 ; ratificou a Confissão de Westminster (p 152) e declarou o presbiteriarris.nlo a forma de religião reconhecida pelo governo. O estabelecimento legal da Igreja Presbiteriana teve a oposição dos leigos eameronianos, que mantiveram sua hostilidade a qualquer controle da Igreja pela autoridade civil e condenaram a incapacidade de renovar os pactos. Também protestaram os episcopalianos, que eram fortes no Norte da Escócia. Em 1707 Inglaterra e Escócia foram reunidas no reino da Grã-Bretanha, sendo salvaguardados os direitos da Igreja da Escócia. Ao tempo da Ilainha Ana, em 1712, dois atos importantes foram aprovados pelo parlamento. Por um deles foi tolerado o episcopado, fortemente implantado no Norte da Escócia, O outro, fadado a ser motor de infinita agitação, permitiu "patronos" — • usualmente a coroa ou os grandes senhores de terras — que influíssem na nomeação dos ministros presbiterianos para paroquianos hostis (pp 214 e 215)..

17

OS QIJACRIíS

Durante os agitados anos de 1640 a 1650, na Inglaterra multiplicaram-se certos movimentos sectários. Alguns deles, como os Levellers e os Diggers, formaram seitas tanto religiosas como políticas Outros fortemente demonstraram tendências milenárias (*relativo ao Milênio),* especialmente os Homens da Quinta Monarquia.. Ainda outros revelaram inclinações místicas, tais como os Seekers e os Finders. Mas destes movimentos, o mais significativo e um dos mais notáveis produtos da época das guerras civis foi a Sociedade dos Amigos, ou Quacres.. Jorge Fox (1624 1691) foi um dos poucos gênios religiosos da história inglesa. Filho de um tecelão, nasceu em Fenny Draytorr Cresceu fervoroso e compenetrado, "sem nunca haver feito mal a qualquer homem ou mulher". Aos dezenove anos de idade foi convidado, por alguns cristãos de nome apenas, para participar de uma reunião para beber. Ficou tão escandalizado com o contraste entre a prática e as palavras, que se entregou à ansiosa procura da realidade espiritual.. Detestava toda sorte de falsidades. Sua experiência transformadora e sempre central se deu em 1646, Daí lhe veio a firme convicção de que toda criatura recebe do Senhor uma porção de luz e que se esta "Luz Interior" é seguida, ela seguramente a leva à Luz da Vida e à verdade espiritual. À revelação não está confinada às Escrituras, ainda que sejam elas a verdadeira Palavra de Deus — ela ilumina todos quantos são discípulos verdadeiros. O Espírito de Deus fala diretamente através desses discípulos, entrega-lhes sua mensagem e os estimula a ser vir.

Fox começou seu tempestuoso ministério em 1647. Visto que Deus dá a luz inter ior onde quer, o verdadeiro ministério é o de qualquer homem ou mulher que Ele queira usar. Deve-se rejeitar o ministério profissional. Os sacramentos são verdades interiores e espirituais Os elementos externos não são apenas desnecessários, mas enganam. Os juramentos não são necessários para corroborarem a palavra fidedigna do cristão.. O servilismo na palavra ou nas ações

é degradação do verdadeiro respeito cristão cie *homem* para *homem* Devem-se rechaçar os títulos artificiais — Fox não negava os títulos legais de rei ou juiz Para um cristão a guerra não é lícita e a escravidão é incompatível Para sei verdadeiro todo cristão se deve expressar numa vida transformada e consagrada A sinceridade e o zelo espiritual das crenças de Fox. sua aversão a todo aspecto de formalismo e sua ânsia por íntima experiência espiritual, tiveram enorme força de atração Ele obteve seguidores entie os vários partidos puritanos e entre as seitas que haviam proliferado no solo puritano.. Por volta de 1652. em Prestou Patrick no Noite da Inglaterra, se reuniu a primeira comunidade quacre Dois anos depois os Amigos se haviam, expandido até Londres, Brjstol e Norvvich. .Entre os primeiros conversos de Fox, Margarida Fell (1614 1702) foi a mais importante. Com ela contraiu matrimônio depois que ela enviuvou, e a casa dela Svvarthmore Half se converteu em quartel-general para seus pregadores.

Por causa das circunstâncias da vida inglesa tal movimento encontrou extremada oposição. Antes de 1661 mais de três mil Amigos incluindo o próprio Fox haviam passado pela prisão Cedo entre eles se manifestou tal zelo missionário que os quacres toram levados a proclamar sua fé nos mais distantes lugares, como Jerusalém, ilhas das índias Ocidentais, Alemanha, Áustria e Holanda, Em 1656 entraram em Massachusctls e em 1661 quatro foram enforcados .Para essa severidade há uma explicação, não justificação, no comportamento extravagante de bom numero dos primitivos quacres,- comportamento que em qualquer época teria provocado a interferência policial.

Tais extravagâncias foram devidas à falta inicial de organização, assim como a crença na imediata inspiração do Espirito Fox percebeu a necessidade de ordem, e aí por 1666 as linhas principais da disciplina quacre estavam formuladas, ainda que enfrentando grande oposição Foram estabelecidas "Reuniões Mensais" para vigiarem com rigor a vida e o comportamento dos membros Antes da morte de Fox, em 1691, adquiriram os quacres as sóbrias características que desde então os distinguem.

As leis contra os dissidentes e a restauração recaíram com peculiar severidade sobre os quacres, posto que eles, diferindo dos presbiterianos e eongregacionais, não cuidavam em ocultar' suas reuniões, mas desafiadoramente as realizavam ante as autoridades hostis. Cerca •de quatrocentos morreram nas prisões e muitos foram arruinados financeiramente pelas pesadas multas A este período, no entanto,

pertence a sua maior vitória e seu maior experimento colonial. William Penn (1644-L718), filho do Almirante Sir William Penn, após sua inclinação ao quacrismo desde .1661, abraçou totalmente suas crenças em 1666 e se tornou um dos mais eminentes pregadores e defensores literários da fé» Resolveu achar na América a liberdade negada aos quacres na Inglaterra. Após auxiliar e enviar UJIS oitocentos a Nova Jersey em 1677-1678, Penn obteve de Carlos 11 a concessão da Pennsylvania, em 1681, como cancelamento de uma dívida da coroa para com seu pai Pm 1682 foi fundada Filadélfia e teve início um grande experimento colonial.

O Ato de Tolerância de 1689 (p 157) deu alívio aos quacres, bem como a outros dissidentes, quanto às mais severas restrições, e lhes concedeu liberdade de culto.

PERÍODO SÉTIMO
CRISTIANISMO MODERNO

OS COMEÇOS DA CIÊNCIA E DA FILOSOFIA. MODERNAS

Muito se tem discutido se a Reforma deve sei classificada na Idade Média ou na historia moderna Muito se pode dizer sobre qualquer uma das classificações Está a Reforma ligada à Idade Media por seus conceitos de religião como devendo ser. mantida pela autoridade terrena; o domínio da religião sobre ledas as formas de irda educacional e cultural; a permissão de um único tipo de culto, ao menos em um dado território; do pecado original; dos maus espíritos e da íeitiçaria ; da arbitrária e imediata intervenção divina no mundo; e da religião visando apenas ao mundo do além. Isto porque os problemas discutidos, por diferentes que tenham sido as soluções das características do rn.ed.ievo, foram essencialmente medievais O pecado e a graça, desde o tempo de Agostinho, se não de Tertuliauo, se têm constituído no coração mesmo da teologia latina; e o foram também da Reforma E ainda que o próprio Lutero repelisse Aristóteles a antiga filosofia protestante era inteiramente arisíotélica Rejeitando o monastieismo, não rejeitou a concepção ascética do mundo, o que é enfatizado no calvinismo mais que em qualquer outro ramo reformado

Por outro lado, a Reforma, como movimento religioso representou uma nova apreensão do significado da fé cristã Rompeu r dominação do sistema sacramentai, que desde muitos séculos controlava a eristanclade.. O batismo e a Ceia do Senhor foram mantidos em alta estima, mas só foram preservados como garantias das promessas divinas, rrão como canais exclusivos da graça O lüspírito Santo, que atua quando, como e onde quer, indubitavelmente os usa para seus propósitos de graça, mas sem exclusão de outros meios, Cliega-se à f'é por meio de escritos ou pregação da Palavra de Deus A salvação é uma relação direta e pessoal operada por Deus. trazendo ao crente a presença viva de Cristo. A fé em Cristo, que é demonstrada tanto em perdão como em poder, é dom de Deus A relação

do homem com Deus não é de débito e crédito, de más ações a serem expiadas e méritos a serem alcançados, mas um estado dc reconciliação do qual são frutos naturais as boas obras.. A apreciação protestante das relações e ocupações normais da vida como os melhores campos para o serviço de Deus é radical afastamento da Idade Média, Tais característicos ligam a Reforma ao mundo moderno; e, por certo, têm contribuído não pouco para configurar o período moderno. No entanto, feito um balanço, e se se recorda como foram pela Reforma grandemente reprimidas as tendências mundanas do humanismo, o movimento em seu primeiro século e meio deve ser considerado continuação da Idade Média, Mesmo que grandes corpos religiosos ainda usem fórmulas da Reforma e conservem nomes naquela época originados, já não vivem na mesma atmosfera

Não é possível assinalar com precisão o momento desta mudança. A alteração não se deveu a um único lidei' ou a um grupo de líderes. Modificou ela o jiensainento cristão de modo desigual, mas difuso. Causas várias interferiram na transformação. Urna delas foi a decidida secularização da cultur a, a, partir dos meados do século décimo sétimo. O modelo medieval e reformista de uma Igreja dominadora do Estado e da sociedade, abriu caminho a uma civilização neutra, com referência à, religião.[1] Outro fator importante foi a elevação das classes profissionais, mercantis e trabalhadoras à sempre crescente influência educacional e política Na época da Reforma eram poucos os dirigentes do pensamento e participantes no governo, mas 110 período moderno seu número e independência constantemente aumentam. Tal crescimento tem contribuído para cr iar e, por sua vez, por ela tem sido ajudado, uma crescente tolerância da parte do Estado, o que tornou possível tanto a enorme subdivisão do protestar)tismo como o aparecimento de muitos grupos de pensadores não diretamente relacionados com a religião organizada, ou a ela opostos.

Os instrumentos mais poderosos na realização desta mudança de atmosfera foram o aparecimento da filosofia e da ciência modernas, com as imensas transformações da visão do universo e da posição que o homem nele ocupa,- e o subseqüente desenvolvimento do método histórico de exame e interpretação do pensamento e instituições,

I [ames Hastings Nichols, em sua *História do Cristianismo,* 1650-1950; *Secularização do Ocidente* (Nova York, 1956), crc que a Pa2 da Westfália (1648), que deu fim à Guerra dos Trinta Anos, c, de certo modo, uma boa data para representar a transição para a nova fase cm política, pois aquele tempo de considerações nacionais e dinásíicas botou de lado as coisas teológicas e confessionais- P 6.

No início do período da Reforma era ptolornaica a concepção do universo. A Terra era tida como centro ao redor da qual Sol e estrelas giravam, O Renascimento reavivara na Itália as especulações gregas do sistema heliocêiitrico, as quais foram cuidadosamente desenvolvidas por Nicolau Copérnieo (1473-1543), de Thorn, Polônia, e publicadas no ano de sua morte Na época, pouco chamaram a atenção, e quando chamaram foi de modo muito desfavorável. Mas a ciência astronômica progredia. Tycho Erahe (1546-1601). ainda que só em parte aceitando o sistema de Copérnieo, multiplicou as observações João Kepler (1571-1630), seguidor de Copérnieo, as íuppliou em brilhantes generalizações Ambos seguiam ainda que não diretamente influenciados por ele, o novo método de Sir Prancis Bacon (1561-1626), pelo qual o experimento indutivo era a base da generalização hipotética Galileu Galilei (1561-1642), de Pisa, deu ao mundo o termômetro, desenvolveu o pêndulo, colocou em nova base experimental a mecânica física, e, acima de tudo, aplicou o telescópio ao estudo do céu. A ele realmente se deve o triunfo da teoria de Copérnieo Sua, explicação, no entanto, especialmente em seu *Diálogo*, de 1632, provocou forte oposição filosófica e eclesiástica. No ano seguinte a inquisição o obrigou a abjurá-la A verdadeira demonstração popular da teoria de Copérnieo foi, porém, obra de Sir Isaque Newton (1642-1727).. Sua obra *Principia*, de 1687, fez sensação na Kuropa, demonstrando pela matemática que os movimentos dos corpos celestes são explicáveis pela gravilação. Foi profundo o efeito das conclusões de Newton, Aos pensadores, o universo físico não era mais campo da arbitrária ação divina, mas um reino de leis interpretáveis Foi esta a conclusão da ciência da época, em termos estritos de mecânica dc causa e efeito. Esta teria não era mais o centro de todas as coisas, mas meio ponto num vasto reino de corpos muitos de tamanho infinitamente maior, e todos se movendo em obediência a leis inalteráveis. O próprio Newton foi profundamente religioso e muito interessado na teologia, mas suas descobertas científicas foram usadas por alguns como meios para desacreditar o cristianismo.

Enquanto a ciência estava revelando um novo céu e uma nova terra, a filosofia, de modo não menos veemente, rebatia as pretensões da autoridade, em nome da razão René Descartes (1596-1650), um francês bastante católico, passou grande parte de sua ativa vida intelectual nos Países Baixos Lá escreveu *Discurso sobre o Método,* 1637; *Primeira Filosofia*, 1641 e *Principia*, 1644 No seu entender, somente é conhecimento real o que a mente plenamente entende A

simples erudição não é inteligência Os objetos e as idéias que se apresentam ã mente estão tão envolvidos e dependentes uns dos outros que devem ser analisados e separados em sua simplicidade paia serem realmente entendidos. Dar pois, que o começo de todo conhecimento é a dúvida ; e progresso real não pode ser alcançado sem uma base, ou ponto de partida, da qual não se possa duvidar.. Como Agostinho, isso encontrou Descartes em sua própria existência (tomo ser pensante. Mesmo duvidando, "penso, logo existo" Se examinarmos o conteúdo deste eu pensante nele encontramos idéias maiores que por si mesmo não poderia gerar ; o visto que nada pode existir sem causa adequada, deve haver uma causa bastante grande e bastante real para produzi-las. Daí, pois, estamos convictos da existência de Deus, e Sua relação com todo nosso pensamento Em Deus estão unidos o pensamento e o ser Nossas idéias são verdadeiras e, como as de Deus, somente são claras e distintas com a claridade lógica das demonstrações da geometria. A matéria, tanto quanto o espírito, tendo sua origem em Deus, em tudo é oposta ao espirito Em última análise, só tem extensão e o movimento puramente mecânico que Deus lhe imprimiu. Daí que os animais são meramente máquinas e a relação entre corpos e espíritos causou a Descartes grandes perplexidades.

No entanto, por influente que tenha sido a filosofia cartesiaiia, não foram seus porrnenores que profundamente afetaram o pensamento popular, mas sua afirmação de que todos os conceitos devem ser postos em dúvida até que sejam provados, e de que qualquer prova adequada deve ter a certeza de uma demonstração matemática Jístes dois princípios haveriam de ter conseqüências enormes..

A influência do judeu holandês Baruch Spinoza, (1632-1677), decididamente esteve ao lado dos princípios de Descartes Nos últimos séculos, tanto pietistas como românticos foram se inspirar na obra de Spinoza, com suas tendências rrionistas e pau teístas. Ele ensinava que tudo é substância infinita, tudo é Deus ou natureza, conhecidos em dois modos ou atributos — pensamento e extensão, dos quais todas as pessoas ou atributos finitos são expressão Nos debates de seu tempo, a contribuição de Spinoza fortaleceu o racionalismo em desenvolvimento

Mas, *como* se alcança o conhecimento? Importante resposta veio da parte do matemático, historiador, estadista e filósofo alemão Godofredo Guilherme Leibniz (1646-1716). Durante os últimos quarenta anos de sua vida foi bibliotecário em Hanôver, e incansável batalhador pela reunião do catolicismo e do protestantismo. Dife

rindo de Spinoza, (pie via no universo uma substância, Leibuiz cria que o número de substâncias era infinito.. Cada uma é uma "mônade", um centro indivisível de força. Cada mônade espelha o universo, ainda que o grau de consciência em diferentes mônades varie praticamente da inconsciência à suprema atividade. Quanto maior e clara a consciência, mais se aproxima a mônade do divino. Deus é a mônade original, para cuja percepção todas as coisas são claras, Todas as idéias estão na mônade, são inatas, e devem ser trazidas à luz. Mais uma vez está aqui a prova característica da verdade que Descartes e Spinoza haviam apresentado. Nenhuma mônade influi noutra; mas tudo que parece influência recíproca é trabalho de harmonia pré-estabelecida, como relógios perfeitos indicando a mesma hora. O conjunto de mônades que formam os corpos não ocupa espaço. Cada mônade é corno um ponto matemático, e tempo e espaço são apenas aspectos necessários pelos quais se percebem seus agrupamentos. Deus criou o mundo para mostrar Sua perfeição, então escolheu o melhor de todos os mundos possíveis. O que parece mal é imperfeição, dor física, limitação ou mal moral, o que, não obstante, é necessário 110 sentido de que Deus não podia ter feito um mundo melhor. A resposta de Lerbníz, pois, era que os homens chegam ao conhecimento pela elucidação de suas idéias inatas.

Muito diferente foi a resposta dada pelo mais influente pensador inglês do fim do século décimo sétimo e início do décimo oitavo, John Locke (1032-1704). No seu famoso *Ensaio Sobre a Inteligência Humana*, 1690, Locke negou a existência de idéias inatas A mente é um papel em branco, no qual as sensações escrevem suas impressões, (pie a mente combina em idéias mediante a reflexão. A combinação de idéias simples dá origem a idéias mais complexas Era propósito de Locke demonstrar que tudo o que aspira a ser conhecimento está justamente submetido à crítica de sua razoabilidade, julgada pela razão baseada na experiência Assim ele encontrou a existência de Deus demonstrada pelo argumento de causa e efeito. A moral é igualmente demonstrável como as verdades da matemática. A religião deve ser essencialmente razoável. Pode estar acima da razão - - além da experiência — mas não pode contradizer a razão. Locke desenvolveu estas idéias no seu *Razoabilidade do Cristianismo,* de 1695. Diz nessa obra que as Escrituras contêm uma mensagem que supera a capacidade da razão para alcançá-la sem ajuda, sendo essa mensagem confirmada por milagres - mas

essa. mensagem não pode ser contrária à razão e nem mesmo um milagre prova algo essencialmente sem razão. Aí está por que Locke, ainda que sinceramente cristão, teve pouca paciência com o mistério na região. Para ele, era bastante reconhecer Jesus como o Messias e praticar as virtudes morais que Ele proclamou e que estão fundamentalmente de acordo com os ditames da razão, que dificilmente é distinguível do senso comum esclarecido

Locke não foi menos influente como defensor da tolerância e inimigo dc qualquer imposição em matéria religiosa A única arma própria da religião é sua razoabil idade essencial. Locke ainda influeneiou *na* formação da teoria política na Inglaterra e na América. Neste terreno, na verdade, fora. precedido, em várias direções, por Grotius (1583 101.V), Hobbes (1588-1679) e Puferrdorf (1632-1694). Em seu *Tratado sobie o Governo,* de 1690, Locke insistiu que o homem tem direito natural â \ida, liberdade e propriedade Com o irt.o de assegurar esse direito, foram estabelecidos os governos pelo consentimento dos governados Num estado tal, a vontade da maioria deve governar, e quando essa vontade não é posta em prática, ou são violados direitos fundamentais, tem o povo direito de fazer revolução. As :í unções legislativa e executiva devem ser cuidadosamente discriminadas. A legislativa é superior.. No entanto, inadequado ou fantasioso que possa ser como explanação histórica da origem do Estado, não é possível subestimar sua influência no desenvolviment) da teoria política na Inglaterra e na América..

De considerável significação na teoria da moral foram as idéias desenvolvidas pelo Conde de Shaftesbury (1671-1713) no seu *CaracterUticos dos Homens,* 1711. Hobbes procurou encontrar as bases da moral na constituição humana, mas nela não descobriu nada além do puro egoísmo. Para Locke, a base que a razão descobriu é a lei de Deus. Ainda que inteiramente razoável, para Locke é ainda positiva, um mandamento divino. Shaftesbury ensinou que, desde que o homem é um ser que tem direitos pessoais* e relações sociais, a virtude consiste no equilíbrio adequado dc objetivos egoísticos o altruístas. Esta harmonia é alcançada por um "sentido moral" interior, que determina o valor das ações, Shaftesbury assim baseava o bem e o mal na constituição fundamental da própiia natureza, humana, não na vontade dc Deus. Isto dá a razão por que quem nega a existência de Deus — o que não era o caso de Shaftesbury - • está obrigado a manter comportamento moral Eliminava a esperança da recompensa ou o temor do castigo como motivos priiiei-

país da conduta moraK Ateu e *inimigo* da *mora]* já não podiam mais ser considerados termos equivalentes, como o haviam sido anterior mente.

Tais progressos na ciência e na filosofia lançaram os fundamentos do movimento que caracterizou o ambiente do século décimo oitavo, o iluminismo. O iluminisrno foi consciente esforço para aplicar o governo da razão aos vários aspectos da vida individual e coletiva Seus princípios fundamentais — autonomia, razão, harmonia preestabeleeída — influenciaram grandemente o pensamento e as ações do mundo moderno e condicionaram a atmosfera na qual o cristianismo viveu..

A TRANSPLANTAÇÃO DO CRISTIANISMO PARA A AMÉRICA

O cristianismo americano é, antes de mais nada, uma importação do Velho Mundo.. Sendo a América colonizada por muitos povos da Europa, vários tipos de cristianismo europeu foram reproduzidos no novo continente, Na América, do Sul e Central, onde a imigração foi de povos homogêneos que impuseram sua civilização aos nativos, um único tipo de cristianismo - Católico Romano — tem sido dominante, mesmo que seu predomínio seja contestado por influências sceularistas. Na América do Norte, para cuja colonização várias raças contribuíram, ainda que um só tipo de cristianismo terdia dominado no começo colonial, o resultado tem sido enorme variedade e uma necessária tolerância mútua, o que muito contribuiu para o surgimento de plena liberdade religiosa. Especialmente ali, onde o coirtaeto entre esses vários tipos tem sido constante, e onde c princípio da independência do controle do Estado domina desde o movimento separatista nacional, tem havido muitas modificações das formas européias, de modo especial, no governo da Igreja —- o que permite se dar a isso o nome de amerieanizaçáo A mudança para o novo ambiente trouxe sutis transformações, tanto que as semelhanças entre as denominações americanas muita vez mostram-se mais surpreendentes do que as diferenças históricas.. Diversas das igrejas européias cedo lançaram suas raízes no solo americano, assim resistindo com êxito à crise da transplaritação. Enquanto o cristianismo americano pode ser, 110 geral, visto como parle integrante do desenvolvimento religioso da cristarrdade européia, o aparecimento cedo de seus aspectos "americanos-' irão pode deixai cie ser levado em conta

Aspecto importante da conquista espanhola da América Central e do Sul foi o estabelecimento do catolicismo romano, Foram trazidos para servirem os colonos europeus clérigos seculares, que trabalhavam dentro da elaborada estrutura hierárquica. A conversão das

populações nativas foi principalmente obra das ordens monásticas, decididamente apoiadas pela coroa espanhola (a portuguesa, com relação ao Brasil). Protestando com algum êxito contra a escravização dos índios, os monges desenvolveram o sistema de missões, Na teoria agentes da expansão da Igreja e da cultura, sem demora foram suplantados pelas estruturas normais; no entanto, o sistema, paternalista por vezes perdurou por longos períodos, Na convcrsão das Américas do Sul e Central foram muito ativos os franciscanos, dominicanos e jesuítas,

Na primeira metade do século décimo sexto os franciscanos começaram a trabalhar na Venezuela, México, Peru e Argentina. Foram eles os primeiros a atuar no Brasil, Pelo fim do século haviam fundado comunidades cristãs no que é hoje o Novo México e Texas Em 1.770 criaram centros missionários na Califórnia, onde sua obra floresceu durante meio século.

Os franciscanos tiveram dignos competidores nos dominicanos.. Em 3526 estes estavam no México, Pouco depois trabalhavam no Peru, Colômbia e Venezuela,

Mais extensa ainda foi a atividade dos jesuítas. A partir de 1549 desenvolveram grande obra no Brasil. E logo a Colômbia demonstrou ser um dos seus campos de maior êxito. Cerca de 1568 estavam no Peru, O século décimo sétimo presenciou sua intensa atividade no Equador, Bolívia e Chile e o progresso do seu tão discutido controle paternalista sobre as aldeias indígenas no Paraguai Esses exércitos de monges missionários fielmente reproduziram o cristianismo católico romano espanhol, ao qual eram tão devotados.

Em 1551 foram fundadas universidades na ('idade do México e em Lima - as mais venerai!das instituições de ensino no Novo Mundo. A educação elementar foi mantida em nível mínimo, tanto que a incultura era gera,!, mormente entre os nativos, durante o período do domínio espanhol.

O início real do Canadá francês foi em 1604 De começo, a influência huguenote foi considerável, mas foi, no entanto, logo derribada por um catolicismo romano dominador. Esforços sérios foram feitos pelas ordens religiosas para converter- os índios, principalmente pelos jesuítas. A narrativa de seu heroísmo e espírito de sacrifício é clássica na história missionária.. Ern 1673 o missionário jesuíta chamado Jacques Marquette (1637-1675) descobriu o Mississípi,. Uma série de postos missionários foram estabelecidos rro vale desse rio, até a Louisiana. No entanto, poucos frutos perma-

rientcs resultaram desse impulso missionário. Diferindo do modelo ua América do Sul, as tribos resistiram à formação de comunidades agrícolas e foram assoladas por enfermidades, pela bebida e pelas suas guerras internas. Como resultado da imigração, a igreja cresceu ria Nova França O criador do catolicismo francês canadense foi o agressivo Francisco de La\al (1623-1708)., primeiro bispo de Quebec.

As colônias francesas e espanholas no Novo Mundo sofreram, pois. a importação de unia tradição religiosa dominante; mas para as inglesas diversas igrejas foiam trazidas A Igreja do Inglateira veio para Virgínia e sua efetiva fundação se deu em 1607, e ali permaneceu estabelecida por lei durante o período colonial. A falta de um bispo residente através desse período prejudicou gravemente a Igreja Não existindo supervisão adequada, conselhos paroquiais leigos por vezes tomaram a iniciativa de prover seus párocos c tendiam a administrar suas paróquias 110 interesse da aristocracia local. O bispo de Londres exercia juiísdição nominal sobre a colônia, e fez esforços para atender a sua responsabilidade, nomeando comissários. Tiago Blair (1656-1743) foi na Virgínia um desses comissários, de 1685 até sua morte Seu empreendimento mais notável foi a fundação, em 1693. do "William and Mary College '.. Mas aos comissários faltava autoridade real e a Igreja sofreu pela incompetência de alguns e por causa de certos clérigos indignos Além disso, algumas paróquias eram muito extensas e, no geral, não havia clérigos bastantes para atendê-las Na América o estabelecimento não era forte e não podia resistir à expansão de grupos dissidentes

Maryland, a vizinha de Virgínia ao norte, a primeira colônia inglesa que teve proprietário no que é agora os Estados Unidos, foi entregue por carta-patente ao católico romano Lorde Baltimore, em 1632. Desejoso de assegurar um lugar de refúgio e liberdade, sob a soberania da Inglaterra, aos seus acompanhantes crentes, Baltimore estabeleceu a tolerância religiosa. Desde o começo os protestantes excediam em número aos católicos. Em 1691 Maryland foi convertida em colônia real e, em virtude de esforços do comissário Thomas Bray (1656-1730), por lei a Igreja da Inglaterra foi estabelecida Bray esteve de fato na colônia somente poucos meses, mas seus serviços, principalmente por intermédio da organização da Sociedade para Promoção do Conhecimento Cristão (S.P.C.K.), em 1609, e a Sociedade para Propagação do Evangelho cm Terras Estrangeiras (S..P.G.) em 1701, (pp 176, 225), foram valiosos

O estabelecimento, no entanto, não assegurou a afeição da maioria da população e quacres, presbiterianos e batistas expandiram-se avassaladoramente. Como os católicos romanos, também eles sofreram restrições legais. Na história católica romana o século décimo oitavo, época da revolução da independência, foi o "período penal".

Depois de 1689 foram feitos esforços pela mãe pátria para, onde possível, conseguir o estabelecimento da Igreja da Inglaterra. Disso, o primeiro fruto foi a lei de Maryland; depois veio o estabelecimento nas Carolinas do Sul e do Norte, respectivamente em 1706 e 1715. Os muitos tipos de religião entre seus habitantes, incluindo huguenotes, presbiterianos escoto-irlandeses, batistas e quacres, tornaram ineficientes esses estabelecimentos, ainda que fossem bem servidos por missionários da S P O e Charleston tenha tido uma série de distintos párocos.. O começo da obra da Igreja da Inglaterra na Geórgia coincidiu com a fundação da colônia, em 1733, mas o estabelecimento da Igreja só se efetuou em 1758. A política de tolerância cedo atraiu vários grupos' de protestantes para lá e o estabelecimento foi tão-somente nominal,

A instalação dos peregrinos e puritanos na Nova Inglaterra começou em 1620 e os passos dados para a formação, entre essa data e 1638, das colônias congregaciorrais de Plymouth, Baía de Massachusetts, Connecticut e New Haven já foram vistos (p 150). Com os líderes capazes da Baía de Massaehusetts abrindo caminho, tentativas sérias foram feitas para criar uma santa comunidade sobre a terra, solidamente baseada sobre a "lei plena" da Bíblia, Fazendo da earta-patente de sua companhia comercial a constituição de um Estado, por mais de meio século trabalharam para construir sua comunidade teocrática bíblica. Crendo que seus ministros educados corretamente haviam lido as Escrituras, diligentemente fundaram o Harvard Oollege (1636") para que seus líderes cultos não tivessem faltas. E não negligenciaram no trabalho da conversão dos índios.. A obra de John EIrot (1604-1690), começada em 1646, levou à fundação, em 1649, da primeira sociedade missionária na Inglaterra — a Sociedade para a Propagação do Evangelho na Nova Inglaterra (p 225) . Estes primeiros congregacionalistas da nova Inglaterra teologicamente não diferiam de seus irmãos puritanos na Grã-Bretanha e receberam bem o aparecimento da Confissão de Wesíminster (p 152), adotarrdo-a em sua essência e enfatizaram a teologia federal ou pacto. Suas controvérsias durante o primeiro século relacionaram-se mais com o desenvolvimento da política do que com

questões de doutrina Aí por 163.1, em Massaehusetts e outras colônias puritanas, o coiigregacionalísmo estava estabelecido por lei e o pleno significado do "congregacionalismo não separatista", que vigorosamente insistia na uniformidade religiosa e procurava restringir 011 excluir todos os dissidentes, tornou-se claro.. Os estabelecimentos religiosos das colônias puritanas (Oormecticut e New Haven foram aglutinadas, 1662-1665,- Baía de Massaehusetts e Plymoutb, em 1691; New Haven se tornou independente de Massaehusetts em 1680) sobreviveram por mais tempo do que em qualquer outra, pai te do país (p 228).

'Discordantes da ordem estabelecida, no entanto, não dcrnoiaram a aparecer. Batistas havia em Massaehusetts quase desde o começo dessa colônia e, apesar da repressão governamental, organizaram urna igreja em Boston, no ano de 1665, e vagarosamente se espalharam na Nova Inglaterra.. Os quacres chegaram à baía em 1656, ansiosos por testificarem contra a Igreja estatal puritana Em cinco anos quatro *dentre eles* foram enforcados em Boston, até que Carlos 11 ordenou cessassem as execuções. A. restauração do governo na Inglaterra procurou reprimir os obstinados puritanos e finalmente a Baía dc Massaehusetts teve carta-patente livre (1684). Com a afirmação do controle real, o culto da Igreja da. Inglaterra por fim obteve apoio permanente na Nova Inglaterra, começando em Boston, em 1687.. A nova carta-patente de 1691 substituiu os requisitos religiosos pelos de propriedade para a concessão de direitos civis e medidas de tolerância para as minorias religiosas foram concedidas, ainda que conservando pormeiiores irritantes, tais como o pagamento obrigatório às igrejas estabelecidas. Entre 1727 e 1729, ern Massaehusetts e Connecticut, a certos grupos foi dispensada a taxação, ainda que debaixo de condições onerosas, para o sustento do congregacionalismo

O declínio das esperanças puritanas por urna santa comunidade monolítica não foi afetado apenas por forças externas mas também porque a dedicação dos fundadores muita vez não foi igualada pela dos seus filhos e netos. A esperança inicial fora a de uma igreja de membros eleitos, somente "santos comprovados"; mas logo as barreiras tiveram de ser reduzidas pelo "Half-way Covenant" (1657-1662). Tendências liberais surgiram em Harvard pelo fim do século, e a fundação da então radical "Brattle Street Church", em Boston, em 1699, mostrou quão distantes da fé original estavam alguns dos descendentes dos colonos puritanos. Os congregacienalistas de

Oonnectieut, que se inclinavam no sentido de uma posição semi presbiteriana, foram postos em dificuldade por estas tendências em Massaehusetts, sendo a fundação do "Tale College" (1701) parte da reação a tais tendências Grupos dissidentes também agitaram Conuecticut:; batistas., quaeres c urna estranha seita denominada "Rogerene" começaram a sei' ouvidos. Episcopais se firmaram em Stratford, em 1707 e progrediram bastante em 1722 quando pequeno grupo de líderes congregacionais de Yale, Timóteo Cutler (1684-1765) e Samuel Johnson (1696-1772), que mais tarde (1754) foi o. primeiro presidente da hoje Universidade de Colômbia O desenvolvimento da Igreja da Inglaterra foi muito ajudado pela obra da Sociedade para a Propagação do Evangelho em Terras Estrangeiras.. Ela enviou a maioria de seus missionários às colônias onde a Igreja Episcopal era mais fraca.

De enorme importância na Nova Inglaterra foi o estabelecimento de Rhode lsland.. Roger Williams (1604?-1683), na ocasião banido de Massaehusetts e adversário da coerção em assuntos religiosos, eirr 1636 fundou Providência Rhode lsland se fez refúgio para os que buscavam liberdade de expressão religiosa.. Em 1.689 foi fundada a primeira Igreja Batista na América. Williams foi seu membro por breve tempo, e expenden a parte final de sua vida como um "buscador" ira procura da verdadeira Igreja. Ainda que com muitas lutas internas devidas ao intenso individualismo, foram mantidos os amplos princípios de liberdade religiosa, sobre os quais Rhode lsland foi fundada. Os quaeres, em particular, ali encontraram um lar. Williams, deles muito suspeitava e antipatizava com eles, mas nunca violou seus princípios, procurando empregar o poder do Estado para reprimi-los

Por lei, assim foi estabelecido o anglicanismo nas colônias do Sul e o congregacioriaiisino na Nova Inglaterra (exceto Rhode lsland), com grupos dissidentes logo em evidência tanto no Sul como no Norte Nas colônias centrais, desde cedo houve grande di ver siriade religiosa e as esperanças de estabelecimento logo feneceram.. A Nova Holanda foi criada em caráter de posto comercial holandês permanente em 1624 Quatro anos depois, sua primeira Igreja Reformada Holandesa, a mais antiga representante do sistema presbiteriano na América, foi organizada em Nova Amsterdam, na Ilha de Manhattan Veio da Holanda corno seu primeiro ministro Jorras Miehaelius (1584-?), Esta e outras igrejas reformadas foram estabelecidas por lei, mas ern 1644 a população religiosa de Manhattan

também incluía luteranos, menonitas, puritanos ingleses e católicos romanos. Foram feitas tentativas para obstar outro culto que não o da Igreja Reformada da Holanda durante a administração do governador Pedro Stuyvesant (1617-1664), ainda que concessões tenham sido feitas aos puritanos com inclinações presbiterianas Os quacres foram especialmente alvo de repressão.. O domínio holandês terminou em 1664, quando a colônia passou aos ingleses sob o nome de Nova York Os governantes ingleses conseguiram a aprovação de um ato ministerial, em 1693, e, então, lrouve tentativas para interpretá-lo corno estabelecendo a Igreja da Inglaterra em Nova York Era, porém, limitada a área sobre a qual o ato era válido e a Igreja Episcopal não foi estabelecida no sentido em que o foi nas colônias do Sul. Algumas igrejas, especialmente a da Trindade, tiveram inicio em 1697 e por anos, com base no tal ato receberam fundos públicos para manutenção de seu clero Entanto a Holandesa Reformada foi protegida por cartas liberais c a crescente tolerância deu oportunidade para outras denominações Em 1.709 grande imigração reformada alemã, vinda do Palatinado, chegou â colônia

Os primeiros quaeres chegaram à América em 1656, como missionários Por toda parte os esperava a perseguição Cedo, porém, obtiveram tolerância e com firmeza foram se expandindo e desenvolvendo suas reuniões A visita de Jorge Fox às colônias, em 1672. muito auxiliou na estabilização do movimento Onde principalmente se fizeram mais numerosos foi nas colônias centrais. Sua primeira importante experiência de governo começou em West Jcrsey, onde a carta de 1677, "Leis, Concessões e Pactos", concedeu liberdade religiosa East Jersey desde cedo tinha colonos representando o presbiterianísmo puritano inglês, os reformados holandeses e o presbiterianísmo escocês Durante algum tempo esteve ela nas mãos dos quaeres, ainda que o elemento presbiteriano continuasse a maior força religiosa. Depois, as duas Jerseys foram fundidas para formarem, em 1702, a Nova Jersey e o domínio quacre passou

.lá foi mencionada a concessão da Pemrsylvarria. a William Penn, em 1681, e sua colonização por quaeres no ano seguinte (p 162). A política quacre de liberdade religiosa paia lá atraiu representantes de outras correntes de fé Assim que nenhuma outra colônia apresentou tanta variedade de organizações religiosas como ela. Desde logo, fortemente se representaram ali, mais que em qual quer outra parte, os batistas da Inglaterra e de Gales Em 1707 a Associação Batista de Filadélfia foi organizada, estando destinada

a representar grande papel em assuntos intercoloniais. Menonitas da Alemanha e Suíça iuundaram a Perirrsylvania à procura de refúgio Vários outros tipos alemães, tais como os batistas germânicos (Dunkers, fundados em 1708) buscaram o convidativo refúgio. No século décimo oitavo grande onda de luteranos alemães nela se espraiou. Os primeiros grupos luteranos na América haviam sido suecos, em conexão com fugaz esforço desse povo para fundar uma colônia no Rio Dela w are O segundo período luterano foi o holandês, localizado na área de Nova York Mas só no décimo oitavo século a imigração alemã se centralizou na Perms.yl varria e desde logo se tornou o elemento mais importante no luteranismo colonial Vieram também alemães reformados que, com alegria, entabularam estreita relação com os líderes dos holandeses reformados

No inicio do século décimo oitavo outra vaga. de imigrantes, fadada a ser de enorme importância religiosa, econômica e política, era formada de colonos escoceses e irlandeses e se dirigiu nã.o aperras ás colônias centrais mas a todas. Encontraram um líder e organizador em Francis Makemie (1658-1708) a cuja iniciativa se deve o primeiro presbitério americano, o de Filadélfia, em 1706. Nesse presbitério., e em muitas congregações presbiterianas, presbiterianos puritanos ingleses adoravam juntos corri escoceses e escoto-irlandeses seguidores de Calvino.. Até as vésperas da revolução pela independência esta última corrente imigratória persistiu e sua presença foi sentida em todas as colônias Muitos deles alargaram as fronteiras e à sua energia se deve a colonização do que hoje é West Virgínia, Carolina do Norte ocidental e por fim Kentucky e Tennessee, tanto quanto grande parte da Carolina do Sul, Geórgia e Alabaina. Seu crescimento foi de tal porte que, dez anos após a organização do primeiro presbitério, foi formado um sínodo, incluindo os presbitérios de Long Islarrd (depois Nova York), New Castle (Delaware) e Filadélfia.

A obra episcopal foi iniciada nas colônias centrais antes do começo do século décimo oitavo, e sua expansão nesse tempo foi devida principalmente à obra dos missionários da S .P .G..

Assim, pelo fim do primeiro quartel do século décimo oitavo, especialrrrenle as colônias do meio apresentavam grande diversidade em matéria de religião, ainda que a multiplicidade de organizações religiosas fosse comum em todas elas Denominação alguma era predominante nas colônias, tomando estas como um todo Mesmo que denominações particulares fossem fortes em certas colônias,

nenhuma igreja, poderia vir a ser a de todas.. As igrejas que se estabeleciam na América claramente eram igrejas vindas de fora. Mas no novo ambiente, de maneira mais especial com referência às igrejas que, ria Europa, gozavam da posição de estabelecidas, havia confusão e hesitação, porquanto suas práticas e métodos aqui não funcionavam como lá Muitos e.clesiauos fiéis no Velho Mundo, no Novo não se conservavam como tais. Essas organizações estabelecidas foram também perturbadas tanto pelo declínio do fervor de seus membros como pelas dissidências internas Ainda mais, os efeitos do racionalismo e do deísmo da Idade da Razão estavam começando a se fazer sentir nas igrejas e muitos dos de fora delas eram indiferentes ou mesmo hostis à religião. Mesmo crescendo as igrejas com a imigração, também se desenvolvia uma situação em que grande parte da população não tinha ligações religiosas..

DEÍ8AIGE SEUS OPONENTES CEPTICISMO

'Uma das conseqüências mais importantes da expansão do espirito do iluminismo (p 170) no fim do século décimo sétimo e dealbar do décimo oitavo, foi o desenvolvimento cio racionalismo na religião. A concepção newtoniaiia do universo era a de um reino de leis criado por uma "primeira causa/' e se movendo numa ordem mecânica O conhecimento recente de antigas civilizações e *de* outras religiões ampliou os horizontes humanos e os confrontou com outras culturas que não a cristã A prova da verdade para Locke era a razoabilidade, *no* sentido de conformidade com o *senso* comum. Compreendia ele a moralidade como o conteúdo principal da religião Poderoso estimulo ao desenvolvimento do racionalismo religioso foi a reação moral contra as paixões e brutalidades da época das guerras de religião Todas estas influências conduziram ao significativo despertar do racionalismo no pensamento religioso inglês. Em sua forma mais branda, Isto surgiu como "supernaturalismo racional", mas em seu desenvolvimento central tomou a forma de total cleísmo cristão, e no seu aspecto radical se fez deísmo anticristão, inimigo da religião organizada.

Eoi pioneiro deísta Eduardo Herbert de Oherbury (1583-1648), que já em 1624 enumerara os artigos de fé apontados como constituintes da religião natural e sustentados por toda a humanidade na sua simplicidade não conspurcada: Deus existe; deve ser adorado; a virtude é o Seu verdadeiro serviço; o homem se deve arrepender dos seus atos maus; após a morte há recompensa e castigos filas no século décimo sétimo alguns racionalistas foram mais longe O próprio Locke deixou um lugar para a revelação na sua interpretação do cristianismo, ainda que Insistindo que essa revelação era basicamente simples c sempre razoável Não muito dessemelhante foi a fé racional supernatur alista de John Tillotson (.1630-1694), famoso pregador, arcebispo de Cantuária e chefe do partido latitudinário na Igreja da Inglater ra Para ele, a religião natural devia sei suplemen-

tada pela revelação, como uma sanção divina necessária à moralidade. Mas John Toland (1670-1722), mesmo deixando lugar à revelação divina, se encaminhava para uma plena posição deísta em seu livro *O Cristianismo não é Misterioso,* publicado em 1696 E com ele deu inicio à controvérsia deísta na Inglaterra.. Os que guardavam o conceito da revelação faziam sua defesa afirmando que ela era confirmada pelas profecias e pelos milagres Mas enr 1713 Antônio Coiiins (1676-1729) publicou *Discursos do Livre Pensamento.* Nessa obra ele atacava o argumento da profecia, enquanto Thomas Woolston (1669-1733) sujeitou os milagres a uma minuciosa crítica De Mateus lindai (1657-1733)) apareceu em 1730 *Cristianismo tão VeUoo quanto o. (Inação,* por vezes chamado a Bíblia Deísta Nas obras desses autores eram apresentados os pontos principais da posição deísta Afirmavam eles que tudo reconhecido além ou acima da, razão é realmente crença sem prova. Estar isento de superstição é ser livre, pois o único pensador racional é o livre pensador- Os piores inimigos da humanidade sãp os que têm mantido as criaturas na superstição e o maior exemplo desses inimigos são os ' sacerdotes" de todos os tipos Tudo o que é de valor na revelação já foi dado aos homens na religião natural racional daí o cristianismo — isto é; tudo o que tem valor no cristianismo -— é tão velho quanto a "Criação"' Tudo o que é obscuro ou está acima da razão na assim chamada revelação, é superstição e sem valor ou mesmo pior que isso Os milagres não são prova real da revelação; eles ou são supérfluos, pois tudo dc valor que testemunham já a razão é possuidora, ou são um insulto à perfeita obra de um Criador que pôs este mundo a girar segundo as mais perfeitas leis mecânicas e não interfere no seu funcionamento O deísruo, assim, parecia pôr abaixo todo o cristianismo histórico e a autoridade da revelação Foi abertamente denunciado *como* ateis*mo,* mas sem razão, por mais destrutivo que fosse. Como o entendiam seus defensores, era a libertação da religião da escravitude da superstição e a volta à primitiva pureza e simplicidade racional

Do ponto de vista moderno, a fraqueza do deísruo é evidente Sua religião primitiva, universal e racional é tanto fruto da imaginação quanto o primitivo estado social e político sem jaca do impoluto filho da natureza, idéia tão cara ao décimo oitavo século. Sua afirmação de que ' tudo o que é", quer dizer, tudo quanto é natural, "é bom", é otimismo superficial. Não tem senso dos fatos atuais do desenvolvimento histórico religioso do homem Seu deus estava distante, um ser que uma vez estabeleceu certos princípios religiosos, essencialmente regras de moralidade, e botou em movimento um rnurr

do mecânico maravilhosamente arranjado e com o qual agora nada tem a ver. Ainda que afirmando ser solida meu te baseado na verdade evidente, estava fundamentado sobre a fé.. Seu mérito foi ter contribuído para, no geral, elevai o nível da consciência ética e do interesse humanitário

O deísmo provocou muitas refutações, e a principal prova do seu poder está em que, mesmo sendo medíocre, a maioria dos deístas, e muitos dos seus oponentes, procuraram combatê-lo com argumentos racionais, por vezes admitindo participar- de seus métodos, ainda que negando seus resultados Uns poucos de todo negaram qualquer poder à razão no terreno da religião Foi essa resposta do excelente "nonjuror"' Williarn .Law (.1686-1761.) em sua réplica a findai intitulada *O Caso da Razão* (1732).. A razão, dizia o autor, não apenas não acha a verdade na religião, mas "é ela a causa de todas as desordens de nossas x^ixões e corrupções de nossos corações ' Deus está acima da capacidade de compreender do homem; "Sua própria vontade é sabedoria, e a sabedoria é Sua vontade Sua vontade é arbitrária".

.Menos diretamente indicada como resposta ao deísmo, mas certa para o autor[1] como destruidora de todo "atcismo" foi a filosofia de Jorge Berkeley (1.685-1.753), pessoa dos mais generosos impulsos. Procurou fundar um colégio missionário nas Bermudas, visando à evangelizaeão dos indígenas americanos. Durante algum tempo viveu em Khode Isia.ud, e em 1734 foi feito bispo de Cloyne, na Irlanda. De acordo com o pensamento de Berkeley, nada realmente existe além de espirito e idéias. Não há outro conhecimento do jue se denomina. matéria senão urna impressão em nossos espíritos, e visto que o semelhante só pode ser afetado pelo semelhante, nossos espíritos só podem ser afetados por outros espíritos. Visto que as idéias são universais e constantes, devem elas ser produtos em nossas mentes da obra universal, eterna e permanentemente ativa de um espírito Tal espírito é Deus, e a Ele são devidas todas as nossas idéias. Mas as idéias existem não apenas subjetivamente em nossas mentes Em certo sentido, o que denominamos natureza é um conjunto de idéias na mente divina, impressa numa ordem definida e constante em nossas mentes, ainda que sua realidade para nós está somente em nossa percepção delas em nossos próprios espíritos. Negando assim a realidade da matéria, Berkeley procurava destruir todo o conceito do mundo como um gigantesco maquinismo — um perfeito relógio — feito de uma vez por todas por: um supersábio Criador que agora

nada tem a fazer eom o seu funcionamento, que o deísmo havia afirmado. Queria substituí-lo por uma atividade espiritual divina universai constante.. Ainda que esta concepção de Berkeley tenha sempre gozado de elevado respeito filosófico, é muito sutil e contrária às evidências dos sentidos do homem médio

Mais famosa em seu tempo, ainda que de menor capacidade filosófica ou valor permanente, foi a obra de Joseph Butler (1092-1752), de ascendência presbiteriana mas que cedo ingressou na Igreja da Inglaterra e veio a ser bispo de Bristol em 1738, e de Durlram em 1750. Sua *Analogia da íieligião,* .1736, foi obra de imenso labor, candor e cuidado Respondendo aos deístas, parte das premissas, sustentadas igualmente por eles e seus adversários, de que Deus existe, que a natureza segue um curso uniforme e que o conhecimento humano é limitado Deus é reconhecidamente o autor da natureza; se as mesmas dificuldades podem ser- levantadas contra o curso da natureza corno contra a revelação, o provável é que arribas tenham tido o mesmo autor Suas positivas semelhanças levam também a idêntica conclusão A imortalidade é ao menos muitíssimo provável, Assim como a atual felicidade ou desgraça dependem do comportamento, é provável que o futuro assim também o seja Toda criatura agora está em estado de "provação" com referência ao uso desta vida; é possível que esse mesmo estado se refira ao seu futuro destino.. Nosso limitado conhecimento da natureza não garante uma declaração de que a revelação é improvável, muito menos impossível O fato de uma revelação é uma questão histórica que será provada por- comprovações, tais como milagres e cumprimento de profecias. Amplamente aceito em seu tempo como indubitável resposta ao deísmo, e como tal durante longo tempo indicado como texto nas universidades inglesas e americanas, o cuidadoso balanço de probabilidades de Butler faliu por inteiro ante os problemas modernos e tem sido criticado corno provocador de mais dúvidas do que aquelas a que respondeu Seu característico mais atraente é seu fervor moral na exaltação do reinado divino da consciência sobre as ações humanas

Importante ataque ao dersrno e a várias das defesas então em moda do cristianismo foi feito pelo atilado filósofo inglês do décimo oitavo século, Davi Hume (171**.1**.-1776), Hume nasceu em Edimburgo e faleceu nessa cidade Durante alguns anos viveu na Erança, exerceu funções públicas, escreveu uma popular mas mui "tory" *História da Inglaterra* e teve farrra como economista político. Durante seus últimos anos foi considerado o amável e bondoso cabeça

dos círculos literários e intelectuais de sua cidade natal. Seu sistema filosófico foi apresentado com habilidade no *Tratado sobre a Natureza Humana,* de 1739 No entanto, esta. obra .juvenil não chamou muito a atenção O contrário, porém, sucedeu quando tornou a expor as mesmas idéias em *Ensaios Filosóficos,* de 1748, e em sua *História Natural da, Religião,* de 1757. Filosoficamente, Hume foi um dos mais agudos raciocinadores, a partir da base de Locke mas com urna crítica radical e demolidora das teorias do mesmo Locke, e com o mais rematado eeptreismo religioso A experiência. nos dá todo o nosso conhecimento, mas o recebemos corno impressões e idéias isoladas Toda relação entre nossas impressões mentais como relatadas por causa e efeito, ou como unidas e mantidas por uma subs tância básica, simplesmente são o ponto de vista inveterado mas sem base de nossos hábitos mentais São as maneiras pelas quais nossas mentes estão acostumadas a atuar O que realmente percebemos é que em nossas limitadas observações certas experiências estão asso ciadas, e concluímos que há uma relação causai entre elas Assim sendo, a substância é "fictícia" Daí, pois, se causa, e efeito são abandonados, o argumento da existência de Deus irão tem fundamento. A negação da substância não deixa um eu real atrás de minha experiência, e não dá base filosófica para a imortalidade.. Hume, em qu m se manifestavam começos de crítica histórica, também sustentou que a história demonstra que o politeísmo precedeu o mouoteísmo no desenvolvimento humano e daí a história não dá apoio à doutrina do Deus único originalmente reconhecido do deísrno, nem à existência da religião simples e primitiva da natureza, que o deísmo proclamava. Muito da crítica de Hume era bastante sutil e radical para ser cabalmente entendida pelos deístas ou seus oponentes ortodoxos naquele tempo, contra os quais também foram igualmente dirigidas.

A maior sensação provocada por Hume foi sua crítica aos milagres, então considerados corno a principal defesa da revelação e do cristianismo Seu argumento era duplo A experiência é a fonte de todo nosso conhecimento. Nossa experiência confirma a uniformidade da natureza muito mais cabalmente do que a infalibilidade do testemunho humano. Daí, ser muito maior a probabilidade de que o erro, o equívoco ou o engano hajam levado a aceitar ura milagre de que o curso uniforme da natureza haja na verdade sido interrompido. Contudo, concedendo que o testemunho possa provar que fatos incomuns ocorreram, isso não prova que eles estabeleceram algo, a não ser que se provasse que foram realizados pelo poder divino com

um propósito especial, o que é uma tarefa ainda mais difícil. As posições aqui tomadas tiveram efeito permanente Poucos dos que agora afirmam os milagres os consideram, como era feito no século décimo oitavo, como provas principais do cristianismo Antes, a revelação é que traz fé nos milagres e não que se apóie neles Os que agora aceitam os milagres largamente também aceitam a revelação como alguma coisa tão sobrenatural e divina que os milagres não são inadequados acompanhantes dela Desde a crítica de Hume, a questão dos milagres se tornou uma das mais difíceis A obra de Hume foi a mais poderosa expressão do resultado da controvérsia deísta na Inglaterra — o surgimento do eepticisrno

Uma crítica céptica da história antiga do cristianismo esboçada pelo historiador Edvtard Gibbon (1737-1794) nos capítulos lã [0] e 16° de sua grande obra *História do Declínio e Queda do Império Romano* (1776) merece atenção, não pela sua importância mas pela discussão que procovou e a luz que projeta sobre o pensamento da época, Procurando explicar a propagação do cristianismo, Gibbon dá como motivo seu zelo herdado dos judeus, seu ensino da imortal idade, sua pretensão de dons miraculosos sua moralidade severa e sua eficiente organização. Qualquer historiador moderno certamente não negará nenhuma dessas explicações O que impressiona é sua total falta de compreensão da natureza da religião, seja a cristã ou qualquer outra, e das forças pelas quais a religião faz suas conquistas Entanto, esta era urna ignorância compartilhada igualmente pelos críticos de Gibbon no século décimo oitavo, A explicação ortodoxa corrente era, a de *que* os primeiros discípulos estavam tão convictos pelos milagres da verdade do Evangelho que estavam prontos a. pôr em risco suas vidas por ele A excitação provocada pela explicação bastante superficial de Gil.bon foi devida â apresentação de outras causas, não tão sobrenaturais, para, a expansão do cristianismo Seu único resultado permanente foi contribuir, juntamente com outras influências, para- a investigação histórica das Escrituras e das origens do cristianismo, o que veio a ser a grande tarefa, do décimo nono século.

A atitude geral da época, e também a racionalização geral da apresentação ortodoxa do cristianismo na Inglaterra, no fim do século décimo oitavo, é melhor ilustrada na obra de William Palcy (1743-1805) Seu *E carne das Evidências do Cristianismo*, de 1794, e *Teologia Natural,* de 1802, foram trabalhos escritos com notável clareza de estilo e força de raciocínio e gozaram de ampla popularidade.. Vendo um relógio, diz ele, concluímos da existência de um

fabricante e, assim, da maravilhosa adaptação do corpo humano, o joelho, a mão, os músculos, inferimos um Criador todo-poderoso Estes argumentos, pois, provam a existência de Deus. Deus estabeleceu Sua vontade corno regra para a ação humana e a revelou aos homens. O propósito da revelação é "a prova de um futuro estado de recompensas e punições". Tal revelação foi dada por Cristo e sua convincente força para os primeiros discípulos estava nos milagres pelos quais era acompanhada, "Os que agiam e sofriam pela causa, agiam e sofriam pelos milagr es " Paley então dá sua definição. " Virtude é fazei o bem à humanidade, em obediência à vontade de Deus, por causa da felicidade eterna," Esta prudente e egoísta idéia da virtude é característica do tempo de Paley, assim como era sua ênfase sobre o caráter eomprobatório dos milagres e sobre a demonstração mecânica da existência de Deus De tudo isso a teoria da evolução muito tirou de sua força É agradável notar' que o pensamento de Paley de "fazer o bem à humanidade" o levou à oposição ferrenha â escravidão humana. De várias maneiras, o deísmo exerceu, a rrrais profunda influência, de um lado pelo seu estímulo à apologia cristã e, <ie outro, à filosofia céptiea, mais do que por seus esforços diretos.

O deísmo inglês, como um todo, foi canto E o deísmo cristão, na sua influência, restringiu-se apenas às classes superiores Mas o radicai deísmo anticristão, teimando em atacar a cristandade organizada, contou com poucos apoiadores. Peter Aruret (1693-?) usou uma espécie de crítica bíblica crua e iconoclasta como arma. Pouco antes do fim do século o deísmo anticristão contou com poderosa apresentação popular na apaixonada obra de Thomas Paine (1737-1809), filho de um quacre inglês,. Seu *Sentido Comum., ele* 1776, prestou grandes serviços à revolução americana E seu *Direitos do Homsm,* de 1791, foi não menos efetivo na defesa des princípios da Revolução Francesa, Quatro anos depois apareceu sua *Idade da Razão,* na qual o deísmo foi apresentado na sua forma arilieristã mais agressiva

O deísmo inglês contribuiu para o desenvolvimento do raciorralismo na Alemanha e mais diretamente na França, onde teve muitos adeptos e se tornou moda entre as classes elevadas,. O principal desses deístas foi Francisco Maria Arouet ou, como ele mesmo se chamava, Voltarre (1694-**1**.778). Familiarizara-se com o deísmo durante sua estada na Inglaterra, de 1.726 a 29, e sofreu a influência dos escritos de Peter Arrnet. Em Voltairc teve a França o espírito mais agudo no século décimo oitavo, Não sendo filósofo, era vão,

.egoísta, mas possuía "verdadeiro ódio à tirania, especialmente à perseguição religiosa Ninguém jamais atacou a religião organizada eom tão inexorável ridículo. Tal oposição estava, por necessidade, mais amplamente radicada na Pança que rra Grã-Bretanha Neste último país certo grau de tolerância religiosa fora alcançado, e praticamente se permitia grande divergência religiosa Na Pança, dominava, o catolicismo romano dogmático A luta, pois, era entre o deísmo ou o ateismo de um lado e de outro um único tipo afirmativo de cristianismo Voltaire era verdadeiro deísta cm sua crença na existência de Deus e de uma primitiva religião natural que consistia de simples moralidade; e, ainda, em sua rejeição de tudo o que repousasse na autoridade da Bíblia ou da Igreja. Não há dúvida quanto à extensão e significado de sua obra terem influenciado a mente francesa no sentido visto na Revolução Francesa Pm muito o deísmo afetou o décimo oitavo século Substancialmente foi o credo de Frederico, o Grande, da Prússia (1740-1.786) ; de José II, o Santo Imperador Romano (Áustria, 17(i;5 1790) e do Marquês de Pombal (1.699-1782), o maior estadista português do século

Nas colônias inglesas da América do Norte a controvérsia deísta for acompanhada, com grande iir ter esse e surgiram vultos naturais da terra que adotaram as três principais posições racionalistas Os pastores de Massaehusetts, Eberrezer Gay (1696-1787) e Jonatas Mayhew (1720-1766) foram sobrenaturalistas racionais, enquanto Benjamim Franklin (1706-1790) e Thornas Jeffersorr (1743-1826> foram essencialmente deístas. O deísmo anticristão foi expresso X>elo autor de *A Razão Único Oráculo do Homem* (1784), Ptlran Allerr (.1737-1789). general revolucionário, e pelo cruzado cego Fliú Paimer (1764-1806) .

UNITARISMO NA INGLATERRA E NA AMÉRICA

Já foi assinalado que as idéias antitrirritárias no continente foram representadas por alguns anabatistas (p 43) e pelos socinlanos (pp 131-132) Esses dois tipos de idéias penetraram na Inglaterra.. No tempo de Isabel foram queimados, em 1575, "batistas arianos" dos Paises Baixos Quando governava Tiago T, Bartolomeu Legate (1575? 1612) e Edvvard Wightman (M6I2), defensores de idéias semelhantes, se distinguem por terem sido, em 1612, os últimos ingleses queimados por motivo de fé. Com as controvérsias da época da guerra, civil, tais idéias se fizeram mais evidentes Com John Biddle (1615-1662)$_7$ formado em Oxford, o sociriianismo teve o representante mais culto, que foi preso várias vezes O grande poeta puritano, John Milton (1608-1674), nos últimos anos de sua vida teve inclinações arianas. O principal convertido de Biddle foi Thomas Eirmiu (1632-1697), leigo londrino, que cooperou na publicação de tratados antitrinitários.

Surgindo o século décimo oitavo, com suas tendências racionalizadoras tanto no circulo ortodoxo como no deista, e sua inclinação para ver na moralidade a essência da religião, essas tendências antitrinitárias foram grandemente fortalecidas O ministro presbiteriano Thomas Emlyn (1.663-1741) publicou, em 1702, o seu muito lido *investigação na Escritura sobre Jesus Cristo* Em 17.12, Samuel Clarke (1675-1729), pároco de S Tiago, Westminster, e considerado o mais filosófico dos clérigos anglicanos, lançou *Doutrina Bíblica da Trindade* Nessa obra procurou demonstrar as idéias arianas através de cuidadoso exame do Novo Testamento. Entanto, foi entre os dissidentes, especialmente presbiterianos e batistas gerais, que tais idéias tiveram maior número de seguidores. Err 1717 Joseph Hallet (1691 M744) e James Peiree (1674?-1726), ministros presbiterianos em Exeter, tomaram posição intermédia entre a ortodoxia e o ariarrisnro. O mais culto dos dissidentes do décimo oitavo século, Nataniel

Lardner (1.684-17G8), adotou tais idéias, e o movimento se espalhou No geral, os congregacionalistas e batistas particulares foram menos afetados e daí cresceram em número à medida que o século corria ultrapassando os presbiterianos que, ao tempo do Ato de Tolerância, formavam o mais numeroso corpo não conformista

O aiianismo *rumou* 110 sentido de se desenvolvei como organização unitária separada na Inglaterra.. Precipitou-se o movimento quando um clérigo da igreja estabelecida, Teófilo Lindsey (1723-1808), que adotara posição unitária, fez circular uma petição que colheu cerca de cinzentas e cinqüenta assinaturas para que os clérigos fossem desobrigados de subscreverem os Trinta e Nove Artigos, mas dessem sua fidelidade somente às Escrituras.. O parlamento em 1772, se recusou a recebê-la. No ano seguinte Lindsey se retirou da igreja estabelecida e em 1771 fundou, em Londres, uma igreja unitária. Ligado intimamente a Lindsey foi Josepb Pricstley (1733-1804), clérigo dissidente, notável químico descobridor do oxigênio, simpático às revoluções americana, e francesa, que passou os últimos dez anos de sua vida na Pennsylvania. Em 1779 o parlamento emendou o Ato de Tolerância, substituindo a requerida aceitação da parte doutrinária dos Trinta e Nove Artigos por uma profissão dc fé nas Escrituras, e extinguindo, em 1813, as penas contra os negadores da Trindade Este antigo unitarismo inglês era formal e intelectual, claro em sua negativa dos "credos feitos pelos homens*[7] e na insistência da salvação pelo caráter.. Muita vez revelou se intelectualmente hábil, mas pouca influência teve sobre a vida religiosa popular.

O unitarismo inglês produziu algum efeito, provocando movimento semelhante na Nova Inglaterra, ainda que este também seja devido às generalizadas tendências racionalizantes do século décimo oitavo A presença nas colônias de Priestley e de William Hazlitt (1737 1820) contribuiu para precipitar o assunto como um movimento independente.. King's Chapei, a mais antiga igreja episcopal na Nova Inglaterra, se tornou a primeira igreja abertamente unitária, em 1785, sob a direção de seu pastor, James Preeman (1759-1835), Muitos congregacionalistas simpatizavam com o unitarismo, mas só no décimo nono século houve cisma unitário (p 274).

P1 E T I S M O N A A L E M A N H A

Já falamos no desenvolvimento de um luteranismo escolásüco (p 1.23), Ainda y que baseado nas Escrituras, assumiu a forrua de urrra interpretação dogmática, fixa, rígida, exata e exigia conformidade intelectual. Era enfatizada a pura doutrina e os sacramentos como sendo os elementos suficientes da vida cristã, A relação vital entre o crente e Deus que Lutero ensinara fora substituída em grande parte por uma fé que consistia na aceitação de um todo dogmático. O papel do leigo era inteiramente passivo: aceitar os dogmas que lhe eram assegurados serem puros, ouvir sua exposição do púlpito, participar dos sacramentos e das ordenanças da Igreja - - isso tudo era súmula prática da vida cristã Existiam evidências de uma piedade mais profunda, da qual são ampla prova os hinos da época e, sem dúvida, muitos exemplos individuais de profunda vida religiosa se encontrariam, mas a tendência geral era externa e dogmática.. Era a tendência por vezes denominada, ainda que só em parte com justiça, "ortodoxia morta". Em certo sentido, esse protestantismo tscolástico foi mais estreito do que aquele do período medieval por ter sido Inconscientemente influenciado pelo espírito racionalista contra o qual lutou, tanto que se tornou semelhante às novas correntes racionalistas tanto na tempera como no método. Daí ele participar na reação contra o raeionalismo..

O pletismo foi um rompimento com tais tendências eseolásticas, uma afirmação da primazia do sentimento na experiência cristã, uma vindicação por parte dos leigos da participação ativa na edificação da vida cristã e um esforço de estrita atitude ascética com referência ao mundo. Várias influências contribuíram para o surgimento desse movimento, e é difícil apontá-las todas com segurança. A melhor maneira de se entenderem as bases e a natureza do reavivarrrento pietista é por meio de sua. figura culminante, Filipe Jacó Spener (1635-1705) Ê ele um dos vultos religiosos mais notáveis do décimo

sétimo século e em quem o ensino e o exemplo pietista têm sua fonte imediata,

Nasceu em Bappoltsweiler, na Alta Alsácia, sendo educado em Estrasburgo.. Aqui se tornou versado na exegese bíblica e presenciou uma disciplina eclesiástica e o cuidado do ensino catequético com o qual estava acostumado em vários círculos luteranos Estudos posteriores em Basiléia e Genebra puseram-no a par das ênfases reformadas, sem desligá-lo do luteranismo. Seu crescimento mental e espiritual foi auxiliado por muitos fatores. Em Estrasburgo, Spener estudou com atenção a teologia de Lutero e foi especialmente estimulado pela obra do algo místico Joliann Arndt (1505-1621), *Verdadeiro Cristianismo,* que fora publicada entre 1605-1609. Não é claro quanto a poesia religiosa de Paul Gerhardt (1607-1676) o teria impressionado, Não se sabe até onde é ele devedor ao movimento das Igrejas reformadas, por vezes denominado "Pietismo Holandês" ou "Precisiarrismo Holandês".. Neste movimento foram líderes Willem Teelink (1579-1629), Gisbert Yoct (1589-1677) e Jodocus varr Lodensteyn (1620-1677). Tal movimento tem sido identificado com o x>uritarrismo inglês, que o incentivou mais tarde. Entanto, não há dúvida de que Spener foi rrruito influenciado pelos escritos puritanos, rrrais especialmente pela tradução alemã do muito lido livro de Lewis Bayiy (?-.1.G'U), *A Prática da> Piedade,* e por algumas obras traduzidas dc Kichard Baxter.

Em 1666 Spener veio a ser o principal pastor da próspera cidade comercial de Erankfort Sentia a necessidade de disciplina eclesiástica, irias se sentia também embaraçado porque toda autoridade estava nas mãos do governo da cidade. Dentro das atribuições que eram suas, logo Incentivou a instrução catequética.. Sua primeira Inovação importante se deu em 1670. Nessa data reuniu em sua própria casa pequeno grupo de pessoas de idéias semelhantes para lerern a Bíblia, orar e discutir o sermão dominical - - tudo com o fito de aprofundar nelas a vida espiritual. Destes círculos, aos quais foi dado o nome de *úollegia pietatis* (daí pietismo), o primeiro foi o que se reuniu rra casa de Spener.

Tais planos para o cultivo de uma vida cristã mais férvida foram expostos por Spener em *Pm desideria,* de 1675. Descreveu os principais males da época como sendo a interferência do governo, o mau exemplo de alguns clérigos indignos, as controvérsias religiosas, as bebedic.es, a imoralidade e a ambição dos leigos. Como meio de reforma ele preconizava a formação de círculos nas congregações —

ecclesiol&e m ecclesia - - para a leitura da Bíblia; e visto que todos os crentes são sacerdotes — ensino luterano que estava praticamente esquecido — para mútua vigilância e auxílio. Cristianismo é mais vida que conhecimento intelectual.. A controvérsia a ninguém aproveita. E desejável um preparo melhor do clero. Deveria ser exigido um conhecimento experimental da religião Novo tipo de pregação era necessário, destinado a edifiear a vida cristã dos ouvintes, não principalmente de controvérsia ou exibição das habilidades em argumentar do pregador. O único cristianismo verdadeiro é o demonstrado na vida. Seu começo normal é a transformação espiritual, o novo nascimento consciente. Spener também revelou tendências ascéticas, semelhantes às dos puritanos ingleses, inculcando moderação nos alimentos, no beber e no vestir, condenando o teatro, as danças, os jogos de cartas, que o luteranismo contemporâneo tinha como "coisas indiferentes".. Os esforços de Spener tiveram forte oposição e levantaram grande controvérsia. Foi ele acusado de heresia.. Falsamente, como demonstrando afastamento intencional dos padrões luteranos; mas com verdade no sentido de que sen espírito e ideais eram inteiramente distintos da ortodoxia luterana da hora. Sua obra envolvia mudança de ênfase dos credos para as Escrituras. Sentia ele que se "o coração'' está bem, diferenças de interpretação intelectual eram relativamente sem importância, Teve oposição cerrada da parte dos que punham ênfase na "doutrina pura". Indubitavelmente Spener muito popularizou o conhecimento da Bíblia e solapou a autoridade das normas confessionais que davam forma lógica final ao ensino das Escrituras.. Resultado deste estudo bíblico foi o preparo do caminho para, melhor do que realizar, a investigação da natureza e história das próprias Escrituras. Ele muito impulsionou a instruç.ã,o religiosa da moeidade e alcançou seu propósito de aprofundar a vida cristã popular, fazendo-a mais séria, mais alimentada pela Bíblia e mais eálida

Em Frankfort, alguns de seus discípulos, enfrentando seus protestos, afastaram-se do culto e sacramentos da Igreja.. Daí a polícia se opôs às reuniões de Spener e ele se alegrou, em 1686, aceitando o convite para ser o pregador- da corte, em Dresderr.

O movimento pietista tinha, no entanto, alcançado a Universidade de Leipzig. Em 1686, um dos mais jovens instrutores, Augusto Hermarm Francke (1663-1727) e alguns companheiros, lá fundaram um *collegrum phüobiblicwm* para estudo das Escrituras Os membros eram, de início, instrutores; o método era científico e tinha

a aprovação cias autoridades universitárias. Mas ern 1687 teve a experiência que ele considerou um novo nascimento divino, enquanto se encontrava em Limeburg, e ocupou-se em escrever um sermão sobre *João 20,31*. A estada de alguns meses com Spener, em Dresden, completou sua aceitação do pietismo. Em 1689 Francke estava de volta em Leipzig, fazendo conferências para os estudantes e para o povo, com grandes audiências Logo a cidade se agitou Um decreto do eleitor de imediato proibiu a reunião dos cidadãos em "conventículos" Sem dúvida as conferências de Francke levaram alguns alunos a negligenciar outros estudos e a assumir uma atitude crítica. Sob a direção do professor de teologia de Leipzig, Johann Benediet Carpzov (1639-1699), as autoridades da universidade limitaram a, obra de Francke. Carpzov se tornou urn dos mais encarniçados oponentes de Francke A posição deste ficou tão incômoda que foi com satisfação que, em 1690, aceitou o convite de Erfurt para ser "diácono"..

No entretanto, a senda de Spener em Dresden não era fácil O clero da Saxônia olhava-o como estrangeiro; as duas universidades.. Leipzig e Wittenberg, se opunham a ele Suas reuniões para edificação espiritual provocavam criticas O eleitor, John Jorge XLt (1647-1691), se ofendeu por ter Spener pastoralmeute reprovado suas bebedeiras Quando, pois, lhe chegou de Berlim, em 1691, um con vite do eleitor do Brandembrirgo, Frederico III (1688-1701), que se tornaria o Rei Frederico I da Prússia (1701-1713), Spener o aceitou corri gosto. Ainda que jamais tenha ganho seu trovo soberano para o pietismo, dele recebeu muito apoio e seus anos em Berlim, até sua morte em 5 de fevereiro de 1705, foram os mais felizes e bem sucedidos.

Em Berlim pôde Spener prestar ao pietismo o seu maior ser viço. Cristiano Thomasius (1655-1728), racionalista no sentido de Locke, crítico da teologia da época, criador da jurisprudência germânica, o primeiro a substituir o latim pelo alemão como língua de ensino universitário, defensor da tolerância religiosa, céptieo quanto às bruxarias, inimigo do emprego judicial da tortura, fora expulso de Leipzig em 1690 pela hostilidade dos teólogos. Era grande sua popularidade entre os estudantes. Thomasius não era pietista, mesmo condenando as perseguições aos pietistas, e fizera todo o possível para auxiliar .Francke na sua disputa com as autoridades de Leipzig O eleitor do Brandemburgo, fazia muito desejoso de ter uma universidade sua, aproveitou o exílio de Thomasius j)ara fundar uma em

Halle, em 1692,. Foi formalmente inaugurada em 1694 e nela Thomasius dirigiu a faculdade de direito até sua morte

Enquanto isso, Prancke encontrava muitas dificuldades em Erfurt. Sua enérgica introdução de práticas pietistas despertou a oposição do clero da cidade. A hostilidade de Carpzov o perseguia, e em 1691 foi expulso pelas autoridades. Sperrer então procurou junto ao eleitor sua nomeação para lecionar em Halle e para o pastorado da aldeia próxima de Glaucha e, ainda, a nomeação de colegas que simpatizavam com o pietismo Desde o princípio Francke dominou os métodos e a instrução teológica em Halle, ainda que até 1698 não fizesse formalmente parte do corpo docente de teologia, Até sua morte, em 1727, Erancke fez de Halle um centro de pietismo,

Erancke era dotado de imensa energia e gênio organizador. Sua paróquia de Glaucha era um modelo de fidelidade pastoral Suas conferências na universidade foram exegéticas e experimentais; e sua combinação da cátedra e prática paroquial foi altamente benéfica para seus alunos. Em 1695 inaugur ou uma escola para crianças pobres e foi tamanha a sua fama que lhe foram enviadas crianças de fora em tal quantidade que logo ele estabeleceu sua notável escola do adaptação, a *Paedagogium*y e, ainda, urna escola de latim.. Essas fundações educacionais de imediato alcançaram nomeada e todas eram dirigidas no espírito pietista.. Quando ele morreu, tinha sob seu cuidado dois mil e duzentos alunos. Mais ou menos na mesma época fundou famoso orfanato, o qual, ao tempo de sua morte, abrigava cento e trinta c quatro crianças. Todas essas instituições, das quais muitas continuam ainda agora, foram iniciadas sem maiores recursos, e Francke sinceramente cria serem mantidas pelas respostas âs orações. Vinham donativos de todas as partes da Alemanha,, Sem duvidar' da fé de Francke, entanto é justo assinalar que ele entendia da arte da publicidade honesta c da maneira de conquistar amigos. Era notável o numero de pessoas da nobreza que foram patronos dessas instituições. Uma outra organização pode ser chamada quase sua - - foi o Instituto Bíblico, estabelecido em 1710 por seu amigo Carlos Hildebrando, Frellrerr von Canstein (1667-1719), para a publicação das Escrituras e sua circulação de maneira econômica. Tal Instituto faz obra notável até hoje..

Importante característica destas atividades em Halle foi o zelo pelas missões ali despertado, Numa época em que geralmente os protestantes ainda não reconheciam sua obrigação missionária, Francke e seus companheiros estavam despertos para ela. Quando

Frederico IV (1699-1730), da Dinamarca, desejou enviar os primeiros missionários protestantes à índia, em 1705, colocando-os em Tranque-"bar, então possessão danesa, foi encontrá-los entre os alunos de Francke, em Ilalle: Bartolomeu Ziegenbalg (1638 1719) e Henrique riütscbau (1678-1747). Durante o século décimo oitavo não menos que sessenta missionários para o estrangeiro saíram da Universidade de Halle e suas instituições associadas. Dentre eles o mais famoso foi Oristiano Frederico Sehvvartz (1727-1798), que trabalhou na índia de 1750 até morrer.. Por certo o nome de Francke merece lugar de destaque no rol dos dirigentes da obra missionária

A influência do pietismo também se fez sentir nas igrejas reformadas alemãs da região do Baixo Keno, onde uma fusão dessas igrejas e a pletista luterana foi demonstrada por Teodoro Untereyck (1635-1693) e Joaquim Neander (1650M680) „ O fermento pietista penetrou nas igrejas luteranas da Noruega, Suécia *e Dinamarca, nelas estimulando bastante o zelo religioso entre o povo. E muitos dos colonos alemães rra América foram profundamente afetados pelo movimento..

Ao tempo da morte de Francke, em 1727, já passara a maré montante do pietismo na Alemanha. E não mais produziu líderes como Spener e Francke. Continuou, porém, se espalhando rra Alemanha, principalmente errr 'Wiirllemberg, sob a direção de Johann Albreeht Berrgel (1687-1752). Ú difícil fazer um cálculo estatístico, já que os pietistas não se separavam das igrejas luteranas; mas é fora de dúvida que o pietismo afetou a Alemanha profunda e beneficamente. Promoveu ele um tipo mais vital de piedade. Grandemente estimulou a melhoria da qualidade do ministério, da pregação e do jrreparo cristão da rnoe idade. Aumentou a participação do laicato na vida da Igreja. Incentivou a íamiliaridade do povo com a Bíblia e o estudo devocional das Escrituras. Seus defeitos foram a insistência na conversão consciente por meio de urna luta como o único método normal de entrar no reino de Deus; a atitude ascética para com o mundo, ilustrada pela severa repressão de Francke quanto aos divertimentos das crianças em suas instituições; a acusação de irreligiosos feita aos que não eram pietistas; a negligência dos elementos intelectuais na. religião. Produziu muito poucos líderes intelectuais. Entanto, corno um todo, o julgamento do pietismo é grandemente favorável. Prestou relevante serviço para a vida religiosa da Alemanha protestante..

Um fruto do pietismo merecedor de referência foi a contribuição de valor- feita à interpretação da história da Igreja por um dos seus

adeptos mais radical, Godofredo Amold (1666-1714) .. Era amigo de Spener e por breve tempo foi professor em Giessen, passando a viver em relativo retiro em Quedlinburg, Desde a Reforma, a historia da Igreja havia sido polêmica e tinira considerado deverem ser rechaçados todos os pensadores que a Igreja rejeitara na época deles.. Em sua *Unparteüsche Kircheri und Ketzer-H-istorie*, de 1699 e 1700, Arnold introduziu uma nova concepção , Ninguém deve ser considerado herege porque no seu tempo foi. tido como tal. Deve ser julgado pelos seus próprios méritos, e mesmo as idéias dos chamados hereges têm seu lugar na história do pensamento cristão Como sempre está exposto ao perigo o homem que concebe uma idéia valiosa, Arnold levou sjia interpretação à conclusão de que tem havido mais verdade nos hereges do que na ortodoxia. Mesmo assim, com ele a história da Igreja deu um passo adiante de decidida importância

ZINZENDOKF E O M0RAV1ANISM0

Em dos mais notáveis resultados do despertamento pietista, ainda que longe estivesse de receber, 110 geral, a aprovação dos próprios pietistas, foi a reconstituirão dos Irmãos Morávios sob a direção do Conde Nieolau vou Zinzendorf.. Zinzendorf nasceu em Dresden, no dia 26 de maio de 1700. Seu pai era alto oficial da corte eleitoral da Saxônia e amigo de Spener, O pai morreu pouco depois do seu nascimento e a mãe casou novamente, sendo o rapaz criado urn tanto solitário e introspectivo por sua avó a baronesa pietista Herrrietta Catarina vorr Gersdorf Desde bem jovem foi marcado pelo característico que sempre dominou sua vida religiosa - - apaixonada devoção pessoal a Cristo. Dos dez aos dezessete anos estudou no *Paedagogium* de Francke, em Hade, O r igor ali imperante não lhe agradava, rrias aos poucos passou a apreciar o zelo de Francke e em 1715, em conexão com sua primeira comunhão, sua natureza religiosa foi despertada. A insistência da, família para que ingressasse no funcionalismo público o levou a Wittenberg de 1716 a 171.9 para. estudar leis Ainda que decidido pietista, suas experiências em Wittenberg abrandaram seus anteriores sentimentos para com o luteranismo ortodoxo. Em 1719 e 20 fez longa viagem à Holanda e à França, entrando em corrtacto com várias personalidades distintas e manifestando claramente seus princípios religiosos, ainda que com bastante taeto. Ao retornar, passando por Castell, enamorou-sc de uma prima, mas julgando que o Conde Henrique XXIX vou lieuss tinha a preferência, abandonou suas pretensões, certo de que Deus o chamava para alguma obra. Por fim, em 1722, casou-se com a irmã do Conde Henrique, Erdrnuth Dorotéia, que foi para ele esposa ideal.

Os desejos de seus parentes o levaram a ingressar no serviço do eleitor, em Dresden, em 1721 No entretanto, estava ele interessado principalmente no cultivo da "religião do coração" em sentido pietista, entre seus amigos de Dresden e ainda mais em suas propriedades

de Berthelsdorf, situadas a cerca de setenta milhas a leste da cidade onde, como senhor, nomeou seu amigo João André Rothe como pastor. Ali, de maneira toda acidental, haveria de descobrir sua vocação

A velha igreja hussita da Boêmia passava dias maus. Uma parte dela se refugiara na Polônia onde, por longo tempo, conservou sua organização episcopal. Encontrando, porém, dificuldades para mantê-la, conservou-a persuadindo Daniel Ernesto Jablonskv, pregador calvinista na corte dc Frederico III, em Berlim - irmão moraviauo por ascendência e cultura •— a aceitar a ordenação ao episcopado, em 1699. As conseqüências da Guerra dos Trinta Anos foram catastróficas para o protestantísmo boêmio, mas ele persistiu na sua terra de origem e na vizinha província da Morávia, ocultando se às perseguições, Já em 1722 os morávios dc língua alemã haviam começado a buscar refúgio na Saxônia, sob a liderança de um carpinteiro, Cristiano Davi (1690-1751). Zinzendorf deu-lhes permissão de fundar uma aldeia em Berthelsdorf, a qual denominaram Hermhut, e onde se reuniram em elevado número» A eles se ligaram muitos pietistas germânicos e outros religiosos entusiastas. Zinzendorf a princípio, pouca atenção prestou a esses colonos, afora lhes dar asilo, mas em 1727 começou a dirigi-los espiritualmente. Foi dura a tarefa, no começo. Os refugiados estavam divididos e seu alvo era formar uma igreja separada enquanto o de Zinzendorf e Rothe era incorporá-los na Igreja, Luterana da Saxônia, ainda que com suas reuniões adicionais, segundo o plano de Spener dos *collegta jnetalis* Por outro lado. os costumes locais facultavam que uma aldeia organizada tivesse governo secular e fizesse "suas próprias leis . Conforme esse costume, em 1727, Hermhut escolheu "anciãos" para a governarem. Zinzendorf, como senhor territorial, tinha certos direitos indefinidos de governo, e tudo isso foi selado por um ofício de comunhão de tal poder espiritual, em Berthelsdorf, em de agosto de 1727, que essa data é geralmente reconhecida como a do renascimento da igreja moraviana

Destas instituições governativas da aldeia de Herrnhut, originàriamente seculares, logo se desenvolveu uma organização espiritual.

Dos anciãos surgiu um comitê executivo de quatro, que desde 1730 passou a exercer funções ministeriais. Formou-se um presbltério geral, do qual o primeiro moderador foi Leonardo Dober (1706?-1766), que retornou do campo missionário em 1734 para assumir suas funções. Para Zinzendorf, logo a sociedade de Herrnhut x>are.ceu uma milícia de Cristo para impulsionar Sua causa no país e fora dele — ura novo monasticismo protestante sem votos ou celibato, mas ligado a seu Senhor pela oração e culto diário Em 1728 os jovens foram retirados de suas famílias e colocados sob direção especial . As crianças eram criadas separadas de seus pais - - conforme a maneira do orfanato de Halle. A comunidade também procurou regulamentar a escolha dos cônjuges nos casamentos. O ideal era que fosse uma comunidade separada do mundo, ainda que prônta a enviar forças para trabalhar em qualquer parte do reino de Cristo.. No entanto, duas tendências trouxeram confusão a este plano. O elemento morávio aspirava a ver o estabelecimento de uma denominação separada, um pleno reavivamento da antiga Igreja Moraviana.. Zinzendorf, porém, estava firme na idéia de uma *eccLesiola in eccleúa* Desejava mantê-los corno parte da Igreja Luterana do Estado, como um grupo especial dentro dela, no qual se fomentasse vida espiritual mais ardente, uma "religião do coração[7]'. De imediato, o movimento encontrou muita oposição, não apenas dos luteranos ortodoxos, mas também dos pietistas, tanto em virtude das peculiaridades de Herrnhut como pelo seu separatismo. Em geral, aos poucos as tendências separatistas foram crescendo, sem de todo abolir outras'.

As intenções ruoraviárias de irem a qualquer lugar' servindo a Cristo, logo deram nobre impulso missionário ao movimento e o qual ele jamais perdeu. Até hoje organização alguma protestante tem estado tão alerta à obra missionária, e nenhuma é tão consagrada a ela em proporção ao seu número. Uma viagem a Copenhague para assistir à coroação de Cristíano IV (1730-1746), da Dinamarca, pôs Zinzendor f em contacto com naturais das ilhas darresas das índias Ocidentais e da Groenlândia.. E ele retornou a Herrnhut inflamado de entusiasmo missionário. Disso resultou Leonardo Dober e Davi Nitschmann (1696-1772) iniciarem urna missão nas índias Ocidentais,

era 1782, e Cristiano Davi e outros, no ano seguinte, na Groenlândia. Dois anos mais tarde um contingente apreciável, dirigido por Augusto Gottlieb Spangenberg (1701-1792), começou a trabalhar na Geórgia. Vara esta obra de extensão Nitsehmann foi ordenado bispo •— o primeiro da moderna sucessão moraviana - em 1735, por Jablonsky.

Entretanto, as relações de Zinzendorf com o governo da Saxônia foram se tornando difíceis. As autoridades austríacas, sem fundamento, se queixavam de que estava ele atraindo seus súditos. Renovaram-se as queixas eclesiásticas e a 20 de março de 1736 eíe foi banido da Saxônia. Zinzendorf encontrou oportunidade para trabalhar em Ronrieburg, na Alemanha Ocidental, e nas províncias bálticas. Km 1737 foi ordenado bispo por Jablonsky, em Berlim. Em 1738 a 1739 viajou para as ilhas das índias Ocidentais; enr 1741 se encontrava em Londres, onde a obra moraviana datava de vários anos e progredia. Em dezembro desse ano estava em Nova York e na época do Natal deu o nome de Betlém ao estabelecimento que os moravianos da Geórgia estavam começando na Pennsylvania — cidade fadada a se tornar cabeça do movimento na América.

A permanência de Zinzendorf na América foi muito ativa Esforçou-se em reunir[1] as espalhadas forças alemãs da Pennsylvania numa unidade espiritual e ser reconhecida como '"Igreja de Deus no Espírito", Iniciou missões entre os índios; organizou sete ou oito congregações moravianas e estabeleceu escolas. Sob a superintendência de Peter Bõhler (171.2-1775) foram criadas as itinerâncias Em janeiro de 1743 Zinzendorf embarcou para a Europa e em dezembro de .1744, como bispo, Spangenberg foi encarregado de toda a obra na América. O mais famoso -missionário entre os índios foi Davi Zeisberger (1721-1808), que trabalhou entre os creeks da Geórgia desde 1740, e desde 1743 até sua morte entre os iroqueses.

E assim Herrnhut se tornou uma colmeia de atividade missionária. Missões foram iniciadas no Surinam, Guiana, Egito e África do Sul. Em 1771, depois de várias tentativas, foi uma missão permanente estabelecida no Labrador. Os nomes de suas antigas missões demonstram uma das características dos esforços moravianos. Eram estabelecidas principalmente cm lugares difíceis, que exigiam paciência e devoção, e ainda hoje são esses os característicos do seu trabalho missionário.

No entanto, ainda que Zinzendorf fosse contrário ao separatismo, o moravianismo foi se tornando cada vez mais uma igreja . A Prússia,

em 1742, o reconheceu como tal. Por volta de 1745 foi organizada com bispos, presbíteros e diáconos. ainda que seu governo fosse, como ainda permanece, mais presbiteriano que episcopal. Por urna lei de 1749 o parlamento inglês a reconheceu como "antiga Igreja Protestante Episcopal". Zinzendorf, porém, não abandonou sua teoria, da *ecclesiola- tn ecdesta.* Após negociações corri as autoridades da, Saxônia, foi suspenso o seu banimento, em 1747, e no ano seguinte os moravianos aceitaram a Confissão de Augsburgo. Em 1749 a igreja moravrana foi reconhecida como fazendo parte da igreja estatal da Saxônia, com seus ofícios próprios. Nessa época o moravianisirio estava criando uma bela liturgia e uma lrinoíogia muito rica. Essa Igreja sempre foi pequena, mas sua influência se estendeu à "diáspora" rra Europa.. Sociedades religiosas sob os auspícios moravianos influenciaram muitas pessoas e seus componentes dentro das igrejas regulares estatais não foram perturbados

Enquanto Zinzendorf esteve banido, cie e alguns companheiros desenvolveram certas peculiaridades teológicas e culturais que se tornaram motivo de merecidas críticas. Sua ênfase sobre a morte expiatória de Cristo tomou direção errada, focando mórbida concentração e um jogo de palavras sobre o sangue e as feridas do Cristo crucificado. Tal rumo fantasioso e sentimental foi encorajado pelos moravianos de W et terá via, onde o movimento se centralizou em llonneburg, Marierrborn e Herrnhaag, durante o período do banimento, e pelo filho de Zinzendorf, Cristiano Kenatus (1727-1752), A insistência de Zinzendorf de que os cristãos devem fazer-se criancinhas para entrarem no reino de Deus tinha muito de pueril. Essas peculiaridades manifestaram-se ao auge entre 1747 e 1749, mas se foram, no geral, corrigindo por si mesmas. O próprio Zinzendorf as abandonou. Os moravianos mesmos chamam esse período de "tempo de joeirar".. Essas tendências devem ser olhadas no máximo como falhas *no* caráter de alguém que podia como poucos dizer de sua devoção a Cristo: "Tenho uma paixão •— Ele",

A vida de Zinzendor f de 1749 a 1755 transcorreu principalmente na Inglaterra.. Seus bens haviam sido gastos sem reservas com os moravianos e agora ele estava quase em bancarrota.. Suas dívidas foram encampadas, como era justo, pelos moravianos e foram sendo saldadas aos poucos,. Tal necessidade financeira levou ao desenvolvimento constitucional moraviarro. Foi estabelecido um diretório colegiado, que logo se transformou numa junta de governo, supervisionando os assuntos moravianos.. E as taxas pagas pelas diversas

congregações pronto levaram suas representações a um sínodo geral, que se reunia a intervalos regulares.

Zinzendorf passou os últimos anos de sua vida principalmente em atividades pastorais. Prodigamcnte gastara suas energias e perdera a esposa e o único filho. Morreu a 9 dc maio de 1760, em Herrnhut.

A Igreja Moraviaria, a qual Zinzendorf renovara c inspirara, estava firmemente estabelecida, tanto que sua morte não trouxe abalo maior, Foi sorte, no entanto, que a direção prática recaísse sobre Spangenberg, mandado retornar da América para Herrnhut, em 1762. Ele a dirigiu até sua morte, 30 anos depois. Não possuía o gênio e o entusiasmo de Zinzendorf, mas tinha igual devoção, grande senso prático e alta capacidade organizadora. Sob sua liderança sábia e vigorosa o moravianismo se fortaleceu e cresceu; o que provocava crítica foi corrigido. Sua obra tranqüila, não aparatosa, foi totalmente meritória, A Igreja Moraviana ocupou lugar de respeito entre a família cristã, exercendo ampla influência através de seu zelo missionário e trabalho na diáspora.

17

O REAVIVAMENTO EVANGÉLICO NA GRÃ-BRETANHA WESLEV E O METODISMO

As tendências no pensamento e na vida religiosa da Inglaterra no início do décimo oitavo século foram já assinaladas (p 180). O término das lutas do século anterior foi marcado por generalizada letargia tanto na Igreja Estabelecida da Inglaterra como nas dissidentes. O racionalismo penetrara todas as classes de pensadores religiosos, de modo que mesmo entre os ortodoxos o cristianismo se assemelhava mais a um sistema de moralidade apoiado por sanções divinas. Joseph Butler (p 183) aparece como um caso típico Suas frígidas probabilidades podem ter convencido alguns intelectos, mas só alguns poucos foram levados à ação., Havia pregadores capazes, mas o sermão característico era um ensaio descolorido sobre as virtudes morais. Era pouca a obra entre os alheios à Igreja. Era de indigência espiritual a condição das classes inferiores. Os divertimentos populares eram grosseiros, a incultura estava generalizada, a lei era aplicada de modo brutal, as prisões eram antros de doenças <e iniqüídades. Bebia-se bastante mais que em qualquer outro período •da história inglesa.

Além disso, a Grã-Bretanha estava às vésperas da revolução industrial que, no último terço do século décimo oitavo, a transformaria de país agrícola ern industrial. James Watt (1736-1819) patenteou a primeira máquina de fato a vapor, era 1769.. James Hargreaves (M778) tirou patente, em 1770, da máquina de fiar Richard Arkwright (1732-1792) inventou o fuso mecânico, em 1768. Edmiurd Cartwright (1743-1823) inventou, em 1784, o tear. Josias Wedgwood (1730-1795) de 1762 em diante tornou efetivas suas olarias de Staffordshire. As mudanças industriais e sociais e os problemas delas decorrentes foram da maior importância c implicavam reajustes de imensas conseqüências práticas para a religião.

No início do décimo oitavo século não faltavam homens e movimentos ansiosos por melhorar as coisas William Law não foi tão-

somente oponente vigoroso do deísmo, mas ainda seu *Sério Apelo à Vida Devota e Santa,* de 1728, profundamente influenciou John Wesley, e permanece um dos monumentos da literatura exortativa inglesa, ainda que se tema seja agora pouco lido. O congregacionalista Isaque Watts (1674-1718), de há tempo esquecido corno teólogo, com justiça foi denominado "fundador da moderna hinologia inglesa". Seus *Tlinos,* 1707, e *Salmos de Davi imitados na linguagem do Novo Testamejito,* 1719, puseram abaixo os então existentes preconceitos em ambos os lados do Atlântico nos não prelatícios círculos de língua inglesa contra o uso de tudo quanto não fossem passagens rimadas da Escritura. Tais hinos expressam piedade profunda e vital...

Certos esforços combinados e de significação eram feitos a favor de uma vida religiosa mais cálida. Dentre eles se contam as "sociedades religiosas", sendo a mais antiga delas formada em Londres por um grupo de jovens, aí por- 1678, para orarem, lerem as Escrituras, cultivarem a vida religiosa, comungarem com freqüência, auxiliarem os pobres, soldados, marinheiros e encarcerados e o encorajamento da pregação. Eoi rápida a difusão delas. For volta de 1700, só em Londres havia cerca de uma centena, também existindo em muitas partes da Inglaterra e até na Irlanda. Uma delas foi organizada pelo pai de John Wesley, Samuel Wesley, em Epworth, no ano de 1702. Em vários sentidos elas se pareciam aos *collegia. pietalts* de Spener (p 191) mas não havia um Spener para impulsioná-las. Eram quase exclusivamente compostas de comungarrtes da Igreja estabelecida. Muitos clérigos consideravam esse movimento como "entusiasta" ou, como hoje se'diria, "fanático". E a partir de 1710 ele declinou muito, ainda que as "sociedades" continuassem a ser de importância no início do metodísmo.

Tais esforços, no entanto, apenas tinham influência local e parcial. O grosso do povo inglês estava em letargo espiritual ainda que cegamente cônscio do pecado e convencido da realidade da futura punição e recompensa. Mão haviam sido despertadas as emoções da lealdade a Cristo, da salvação por Seu intermédio, de uma presente transformação pela fé. Necessário era o apelo por um vivido zelo espiritual — mais dirigido a convencer o coração que considerações de prudência ou frígida argumentação lógica. A profunda transformação efetuada na Inglaterra, cujos resultados fluíram em benéficas correntes pelas terras de língua inglesa, foi primordialmente resultado do Reavivamento Evangélico. Os primeiros sinais de desper-

lamento Coram visíveis 110 começo do décimo oitavo século Na Escócia, sob a liderança de Ebenezer (1680 1754) e Ralph Erskine (1685-1752), cresceu um movimento evangélico no dealbar do século; Ebenezer foi forçado a pregar num campo próximo à sua igreja, aí por 1714, para poder ser ouvido pelas multidões. Três anos depois a obra puritana anônima do século décimo sétimo — provavelmente de autoria de Eclward Eisher — *A Essência da Teologia Moderna,* voltou a ser publicada por incentivo de Thora as Boston (1677 • 1782), de Ettrick, zeloso pregador popular A despeito de censura formulada enr 1722 pela Assembléia Geral, a "Essência dos Homens", com seu ardente espírito evangélico, granjeou muita simpatia Organizaram eles "sociedades de oração" que também lembravam os *collegia pietatis* de Spener Em Gales, Howel Har.ris (1711-1773) Daniel Rowlarrds (17.13-1790) foram cabeças de um reavivarnento que teve início pelo meio de 1730. Mas somente com o surgimento de seus três grandes líderes — - John e Charles Wesley e Jorge Whitefield —• o Reavivarnento Evangélico cresceu como poderosa maré Durante quatro décadas ele avançou em três não identificados mas intimamente r elacionados rumos, todos ligados à Igreja Estabelecida da Inglaterra: sociedades metodistas sob a. orientação dos irmãos "Wesley, metodistas ealvinistas sob Whitefield e Evangélicos Anglicanos, estes trabalhando mais dentro das tradicionais linhas paroquiais.. Não foi senão em 1779 que as primeiras separações formais de alguns destes grupos ocorreram na Igreja da Inglaterra

Os país dos irmãos Wesley eram descendentes de rrão-eonformistas. Seus dois avós estavam entre os clérigos expulsos em 1662 O pai, Samuel Wesley (.1662-1735), preferira o ministério da Igreja Estabelecida e fora, desde 1696 até a morte, pároco da igreja eampesirra de Epworth. Homem de sincera tendência religiosa, no entanto era pouco prático. Escreveu a *Vida de Cristo em Verso* e um comentário ao livro de Jó A mãe, Suzarra Annesley, era mulher dc notável fortaleza de caráter, sendo, como seu marido, anglicana devota Os filhos tinham muito dos pais, mais talvez da força materna. Num lar de dezenove filhos, dos quais oito morreram na infância, a regra era a do trabalho duro e de estrita economia. Dessa grande ninhada John era o décimo quinto e Charles o décimo oitavo.

John Wesley nasceu a 17 de junho de 1703 e Charles a 18 de dezembro de .1.707.. Com dificuldade foram ambos salvos do incêndio que destruiu a casa paterna, em 1709. Tal fato deixou impressão indelével no esjnrito de John, que desde essa data se considerou literalmente "um tição arrancado do fogo".. Em 1714 John ingres-

sou ua Charterhou.se Scirool, cm Londres, e, dois anos após, Charles no Westminster Scirool, Os dois rapazes se distinguiram como estudantes. Em 1720 John matriculou-se no Christ, Church College, Oxford, para onde Charles veio seis anos depois E tais foram os progressos do primeiro que, em 1725, foi indicado "fellow" do Lincoln College. Para ser candidato a tal honraria John devia ter ordens sacras e, então, em 25 de setembro de 1725, foi ordenado diácono Com sua ordenação começaram as lutas espirituais que terminariam eom sua conversão, em 1738, e, quiçá, em certo sentido, se prolongaram além dessa data.

Entre 1726 e 29 John Wesley foi principalmente coadjutor de seu pai, sendo ordenado presbitero a 22 de setembro de 1728 Durante sua ausência de Oxford, na primavera de 1729, Charles e dois colegas, Robert Kirkham e William Morgan, organizaram pequeno clube, principalmente paia levarem avante seus estudos mas que logo se aplicou à leitura de bons livros e à comunhão freqüente. Regressando a Oxford, em novembro de 1729, John se tornou o cabeça do grupo que de imediato atraiu outros estudantes. Sob sua direção, o grupo procurava realizai- os ideais de William Law vida consagrada. Em agosto de 1730, pela influência de Morgan, começaram a visitar os encarcerados na prisão de Oxford. Jejuavarrr os membros do grupo. Seus ideais eram os da "alta" igreja. Os universitários zombavam deles, Chamavam o grupo de "Clube Santo" e, por fim, alguns estudantes acharam um apelido, "metodistas" — nome que já fora usado no século anterior. Estavam, porém, ainda muito longe do que seria o metodismo,. Formavam um grupo que lutava penosamente pela salvação de suas almas No pé em que se encontravam, mais se assemelhavam ao movimento anglo-católico do século décimo nono que ao metodismo histórico.

Importante adesão aó clube se deu no começo de 1735, com o ingresso de Jorge Whitefield. Nascido em Gloucester a 16 de dezembro de 1714, filho de um estalajadeiro, cie cresceu pobre, ingressando em Oxford em 1733. Grave moléstia na primavera de 1735 o levou a uma crise em sua experiência religiosa e da qual conseguiu sair com alegre certeza de paz com Deus. No mês de junho de 1736 Whitefield buscou e recebeu ordenação episcopal e logo, jovem como era, iniciou sua maravilhosa carreira de pregador. Nenhum pregador arrglo-saxão do século décimo oitavo mostrou tal poder no púlpito. Homem simplesmente sem espirito denomirraeional, num tempo em que tal espírito era geralmente intenso, ele estava pronto a pregar

em qualquer lugar e em qualquer púlpito que lhe fosse entregue. Por vezes duvidava da gemiinidade de experiências religiosas diferentes das suas, mas era de natureza profundamente simples e sem ambições.. Sua mensagem era o Evangelho da graça perdoadora de I.)eus, da paz alcançada pela aceitação de Cristo pela fé e da conseqüente vida de alegre serviço. Seus poucos sermões impressos dão escassa idéia do seu poder. Dramático, patético, insinuarite, possuidor de voz maravilhosamente expressiva, os auditórios de dois continentes diante dele se fundiam como cera. Grande parte de seu ministério foi passado na América do Norte Em .1738 estava na Geórgia. No ano seguinte volveu ã América e sua pregação na Nova Inglaterra, em 1710, foi acompanhada pela maior' comoção espiritual jamais vista ali (p 217).. Não foi menor seu êxito nas colônias centrais, ainda, que ali e na Nova Inglaterra houvesse gjande divisão de opiniões sobre o valor espiritual permanente de sua obra. Os anos de 1741 a 48 viram-no novamente neste lado do Atlântico e lambem os de 1751 e 52 e, ainda, os de 1754 e 55 Sua sexta visita foi de 1763 a 65 Em 1769 retornou para o seu último giro de pregação, e morreu a 30 de setembro de 1770, ern Nevvburyport, Mas sachusetts iíle se tinha entregue sem restrições ao serviço das igre jas americanas de todas as famílias protestantes Não era um organizador.. Não deixou um partido que tornasse seu nome, mas acordou milhares.

Nenhum dos dirigentes do Clube Metodista estava, destinado a permanecer por muito tempo em Oxford, nem o seu movimento a ter muita influência na universidade, que estava em maré vazante quanto aos estudos e à religião. A morte de seu pai, em 25 de abril de 1735, a quem, se possível, John Wesley teria sucedido corri satisfação em Epworth, deixou os irmãos menos dependentes do lar', e ambos conseguiram colocação corrro missionários na nova. colônia de Geórgia, cujo estabelecimento havia começado em 1733 jjelo General Oglethorpe. Embarcaram em outubro de 1735, Durante a viagem foram constantes nos exercícios religiosos e procuraram auxiliar os demais viajantes No navio havia um grupo de vinte e seis moravianos, chefiados pelo Bispo Davi Nitschmann. A anímosa coragem dessa gente durante uma tempestade convenceu John "Wesley de que os moravianos tinham uma confiança cru Deus que ele não possuía. Muito aprendeu com eles Pouco depois de chegar a Savannah encontrou-se com Spangenberg (pp 200-202), que lhe fez esta embaraçosa pergunta: "Você conhece Jesus Cristo?" Wesley respondeu: "Sei que é o

salvador do inundo". Ao que Spangenberg replicou: "Certo. .Mas você sabe que Ele o salvou?"

Na Geórgia, os Wesleys trabalharam com afinco, mas com poucu -êxito Charles Wesley volveu ao pais natal em 1736, desgostoso e enfermo. Mas John permaneceu Demonstrou então seus maravilhosos dotes para línguas dirigindo ofícios em alemão, francês e italiano Em maio de 1737 fundou em Savannah uma pequena sociedade para cultivo da vida religiosa mais férvida Trabalhou sem fadiga, ainda que com pouca paz de espírito ou conforto para os outros Era um zeloso observador da igreja Alta.. Faltava-lhe tacto Caso digno de atenção foi o de Sofia Hopkey, mulher- sob todos os aspectos digna de ser sua esposa A ela e a seus próprios amigos deu motivos para crerem que sua intenção era casar com ela, mas ele oscilava entre o celibato clerícal e a possibilidade de contrair matrimônio Um resto de superstição que Wesley sempre conservou, levava-o a resolver assuntos importantes pelo primeiro versículo da Escritura lido ao acaso ou lançando sortes. Neste caso recorreu ao último método, e a resposta foi adversa Assim Wesley naturalmente ehamou sobre sí o ressentimento da moça e seus parentes. Melindrada, ela logo casou com outro pretendente O marido proibiu que ela •continuasse a participar das discussões religiosas íntimas de Wesley. Então este achou não estar Sofia preparada para receber a comunhão e negou-lhe o sacramento. Não é de admirar que os amigos dela acusassem ser isso um ato de um pretendente desgostoso. Chegava ao l'im a influência de Wesley na Geórgia Foram iniciadas demandas contra ele Então .decidiu voltar à pátria. Em 1 " de fevereiro de 1738 John "Wesley estava de volta à Inglaterra, Em sua viagem de ida temera a morte. Fm seu amargurado desapontamento só podia dizer: "Tenho bela religião de verão" Entanto era pregador de poder e Iabutava irrfatigavelmente. Caíra em muitos erros, mas não naqueles que demonstrassem falta de consagração cristã,

Felizmente para o seu angustiado estado de espírito, na. semana em que John retornou os dois irmãos entraram em íntima relação com um moraviano, Peter Bohler, que, viajando para a Geórgia, ficou em Londres até maio. Ensinava Bohler a fé de completa auto-Entrega, a conversão instantânea e a alegria na crença. Mas ainda antes de partir, embora Bohler houvesse organizado uma "soeiedade", depois conhecida como "Sociedade Fetter-Lane" e da qual John "Wesley foi um dos membros fundadores, nenhum dos dois irmãos ainda encontrara a paz A experiência de sua "conversão"

Charles a teve em 21 de maio de 1738, atacado do grave enfermidade. No dia 24, 'quarta-feira, essa experiência transformadora tocou a John. Conforme conta ele, nessa noite foi de má vontade a uma "sociedade" anglicana na Rua Aldersgate, em .Londres, e ouviu a leitura do prefácio de Lutero ao *Comentário a Eornamos* "Cerca de um quarto para as nove, enquanto ele (Lutero) descrevia a transformação que Deus opera no coração por meio da fé em Cristo, senti meu coração estranhamente aquecido.. Senti que confiava em Cristo, em Cristo apenas, para a salvação; e me foi dada a certeza de que Ele tirara meus pecados, os meus mesmos, e me salvara da lei do pecado e da morte." Da alta significação desta experiência não pode haver dúvida.. Ela mostrou a Wesley, desde então, o caminho normal para entrar na vida cristã. Poi a luz de toda sua visão teológica. Entanto, de alguma maneira, após ela, gradativamente, pela pregação e observação duma obra semelhante nos outros e pela comunhão com Deus, é que ele alcançou plena liberdade do temor e alegria na crença

John Wesley resolveu conhecei" mais os moravianos, que tanto o tinham ajudado até ali. Menos de três semanas após sua conversão *empreendeu* viagem para a Alemanha. Encontrou-se com Zinzendorf, em Marienborn, ficou duas semanas em Herrnhut e em setembro de 1738 estava, de volta em Londres. Eoi uma grande visita para Wesley. Viu muito o que admirar. Mas nem tudo lhe agradou. Percebeu que Zinzendorf era tratado com muito grande deferêneia. e que a piedade moraviana não escapara de limitações subjetivas. Ainda que devesse muito aos moravianos, Wesley era por demais ativo em sua atitude religiosa, muito pouco místico, deveras interessado nas grandes necessidades do próximo para ser cabalmente moraviano.

John e Charles então passaram a pregar nas oportunidades que lhes apareciam. No entretanto tiveram muitos púlpitos fechados ao seu "entusiasmo" e falavam principalmente nas "sociedades" londrinas e dos arredores da cidade. No começo de 1739 Whitefield iniciara grande trabalho em Bristol, a 17 de fevereiro, começando a pregar ao ar livre aos mineiros de carvão de Kinswood.. Eez amistosas relações corn Howel Harris, o qual, desde 1736, trabalhava com grande resultado como pregador leigo em Gales. Whitefield então convidou John Wesley a ir a Bristol. Hesitava Wesley em pregar ao ar livre, mas a oportunidade de proclamar o Evangelho aos necessitados era irresistível, E a 2 de abril começou ele em Bristol o que viria a ser um costume por mais de cinqüenta anos, enquanto as

forças lhe permitiram. I)e imediato Charle,s seguiu o exemplo do Irmão Ainda que não possuindo o poder dramático de Whitefield, John Wesley era um pregador por poucos igualado quanto ao efeito sobre o povo —- sincero, prático, destemeroso. Daí em diante percorreria a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda. Foi combatido, principalmente no início de seu ministério; enfrentou o perigo da violência popular, mas risco algum o abateu e nenhum aparte o fez parar Com sua pregação, como com a de Whitefield, foram freqüentes notáveis manifestações de fenômenos físicos. Homens e mulheres choravam, desmaiavam, tinham convulsões Aos dois pregadores isso parecia obra do Espírito de Deus ou visível resistência ao diabo. Essas coisas são freqüentemente acompanhadas de grande exeitação religiosa entre os ignorantes e os que não se dominam e o desagrado com que foram vistas explica claramente a oposição que esses pregadores encontraram da parte do clero regular.

Os dons de John Wesley corno organizador eram notáveis. Entanto a criação do metodismo foi feita aos poucos — sendo urna adaptação dos meios às circunstâncias Em 1739, crn Bristol, ele fundou sua primeira "sociedade" realmente metodista e íá começou a ereção da primeira capela, a 12 de maio desse ano No fim desse ano adquiriu em Londres uma velha "fundição" que se tornou a primeira capela na cidade,

Até então, err Londres, os metodistas se haviam unido à sociedade moraviana Fetter-Lane, fundada por Peter- Bõhler, em 1738, Os ideais de Wesley, rio entretanto, o estavam afastando do moravianismo. Esta separação agravou-se quando, em outubro de 1739, Filipe Heinrich Molther (1714-1780), recém-enviado por Zinzendorf, afirmou em Fetter-Lane que se alguém tinha dúvidas não possuía verdadeira fé e devia abster-se dos sacramentos e da oração, em silêncio esperando que Deus renovasse sua esperança religiosa. Ensino tal encontrou pouca simpatia diante da esforçada atividade de Wesley. Dividiu-se a Sociedade Fetter-Larre,, Wesley e seus amigos se retiraram, e a 23 de julho de 1740 fundaram a "Sociedade Unida", puramente metodista,, Wesley continuou amigo de alguns moravianos, mas desde então os dois movimentos ficaram independentes,

Não tinha Wesley desejo nem intenção de romper com a igreja da Inglaterra. Daí, então, não fundou igrejas mas usou o expediente das antigas "sociedades religiosas". Agora, porém, consistiriam apenas de pessoas convertidas. Estas "sociedades", desde o começo

eram divididas em "bandas" ou grupos para o cultivo mútuo da vida cristã .Este era ura costume moraviano; mas a experiência logo çus.inou a Wesley algo mais eficiente. Pouco após a organização da sociedade de Bristol, Wesley adotou o plano de conceder "certificados sociais" àqueles que considerava suficientemente capacitados a serem membros plenos e a receberem outros em prova Tais certificados eram renovados trimestralmente e proporcionaram a maneira de joeirar a sociedade. A dívida sobre a capela de Bristol levou a um arranjo ainda mais importante. Em 15 de fevereiro de 1742 os membros foram divididos em "classes" de cerca de doze pessoas, cada classe tendo um líder encarregado de semanalmente coletar um *pemiy* de cada membro. Esse sistema foi introduzido em Londres a 25 de março Suas vantagens para a supervisão espiritual e mútua vigilância de imediato foram mais evidentes do que seu mérito financeiro, E pronto se tornou um dos característicos do metodismo, ainda que as antigas "bandas" também continuassem por bastante tempo.

Preferia Wesley que todos os pregadores fossem ordenados, ruas poucos dentre os clérigos simpatizavam com o movimento. Desde 1738 Josepb Ilumplrreys, um pregador leigo, o auxiliava, mas o emprego de leigos não foi grande até 1742, quando Thomas Maxfield começou regularmente esse trabalho, que logo ocupou muita gente Com o crescer do movimento surgiram outros oficiais leigos: "ecônomos" para cuidar das propriedades, mestres para as escolas, "visitadores de enfermos". No princípio Wesley percorria todas as "sociedades", localizadas mormente nas regiões de Londres e Bristol. Entretanto, sem demora a tarefa se tornou grande demais.. Em 1744 ele reuniu os pregadores em Londres — o que foi a primeira "Conferência Arruai". Dois anos após o campo foi dividido em "circuitos", com pregadores itinerantes e dirigentes mais fixos para "ajudarem principalmente num lugar" Ern pouco, um "assistente", depois chamado "superintendente", foi encarregado de cada "circuito". Através de apropriadas* publicações, Wesley se esforçou por auxiliar o desenvolvimento intelectual de seus pregadores leigos, procurando que estudassem na medida do possível Foi em vão que buscou obter para. eles ordenação episcopal; mas não permitiu que homens sem ordens administrassem os sacramentos

Ainda que teologi ca mente Wesley permanecesse sobre a base comum da tradicional doutrina evangélica e considerasse suas "sociedades" corno integrantes da Igreja da Inglaterra, duas questões

levaram a enorme controvérsia. Uma foi sobre a perfeição. Cria Wesley ser possível que um cristão alcançasse retos motivos — o amor a Deus e ao próximo —- e que isso o livraria do pecado Conforme o cauto e sóbrio critério de Wesley era isto um alvo antes que um resultado obtido com freqüência, — diferente do que julgavam alguns de seus seguidores Ninguém foi mais positivo do que ele de que as evidências da salvação são uma vida ativa, zelosamente obediente à vontade de Deus

A segunda disputa referiu-se à predestinação. Wesley, como no geral a Igreja da Inglaterra do seu tempo, era armiiiiano, Entanto herdara dos pais certa antipatia ao calvinismo, o qual lhe parecia paralisar o esforço moral. Whitefield era calvinista. De 1740 a 41 liouve uma troca de cartas fortes entre os dois evangelistas Entretanto as boas relações pessoais entre ambos não demoraram a ser restabelecidas. Whitefield encontrou apoio, em 1748, em Sellna, Condessa de Huntingdon (1707-1791), rica viúva convertida ao rnetodismo mas possuidora de forte caráter dominante para permitir a direção insistente de Wesley, Quis ela ser o seu *próprio* Wesley e, como ele, fundou e superintendeu "sociedades" e capelas -- a primeira em Brlghton, em 1761 — assim iniciando a "Conexão de Lady Huntingdon", Ela mesma fez Whitefield seu capelão Sua "Conexão" era calvinista Em 1769 a controvérsia sobre a predestinação renovou-se com intensidade, Na "Conferência" de 1770 Wesley tomou forte posição armirriana e foi defendido por seu devotado discípulo, o suíço John William Eletcher (1729-1785), que se estabelecer-a na Inglaterra e aceitara um cargo na Igreja Estabelecida, em Madeley, onde fez obra notável O resultado da controvérsia foi confirmar o caráter arminiano do rnetodismo wesleyano. Entanto, a "Conexão de Uady Huntingdon" de metodistas calvinistas deve ser considerada como um movimento paralelo, não hostil. Seu espírito fundamental era o mesmo dos irmãos Wesley,

Cresceu muito o rnetodismo wesleyano, John tinha muitos amigos e assistentes, mas poucos íntimos que compartilhassem suas responsabilidades.. Seu irmão Charles o acompanhara por algum tempo em suas viagens, mas não tinha a constituição de ferro de John. Depois de 1756 raramente Charles viajou. Trabalhou em Bristol o de 1771 até sua morte, em 29 de março de 1788, pregou cm Londres. Sempre foi mais conservador e anglicano que John. Sua grande obra foi escrever hinos, não apenas do rnetodismo mas de toda a cristandade de língua inglesa. Em 1751 John casou corri a viúva Maria Vazille e fez um consórcio infeliz.. Então ele mais se devotou

de maneira irrestrita ao seu trabalho, E sobre todo o metodismo exerceu autoridade sábia ruas absoluta. Naturalmente, crescendo as "sociedades" e multiplicando-se os pregadores, aumentaram as pressões para a celebração dos sacramentos A isto longamente resistiu Wesley, mas poucos eram os homens ordenados. A força dos fatos tornou essas pressões irresistíveis, apesar da insistência de Wesley de que seu movimento devia permanecer dentro da Igreja Estabelecida.

Wesley granjeou muitos simpatizantes, que permaneceram na Igreja da Inglaterra, Tais anglicanos evangélicos geralmente concordavam com sua. ênfase religiosa — conversão, fé confiante, vida religiosa demonstrada em obras ativas a favor dos outros Por outro lado, adotaram eles pouco dos seus métodos peculiares e, no geral, teologicamente se distinguiram por moderado calvinismo mais que pelo arminianismo. De muitos deles o pai espiritual foi Whitefíeld, Não muito bem organizados, desenvolveram o partido evangélico dentro da Igreja da Inglaterra, Pioneiro nesse; rumo foi William Grimshaw (1708-1763), vigário de llaworth, que passou pela experiência da conversão em 1731, a qual o transformou e o levou ao caminho evangélico. Manteve-se em boas relações com Wesley e Wbitefield Notável entre os evangélicos foi John Newton (1725-1807). comandante de navio negreiro. Conver tido, se tor nou dos mais pres timosos pregadores, primeiro em Olney e depois como pároco de Santa Maria Woolrroth, em Londres.. Seus hinos demonstram fé alegre e confiante. Outro evangélico renomado por seus hinos foi Augustus Toplady (1740-1778), autor de "Rocha dos Séculos".

Thomas Seott (1747-1821), sucessor de Newton em Olney, foi mais conhecido por sua *Bíblia da Família com Notas* - - comentário de imensa popularidade em ambos os lados do Atlântico.. Richard Ceei! (1748-1810), no fim da vida foi dos mais influentes pregadores era Londres. Joseph Miiner (1744-1797) > fez de Hull um baluarte evangélico e teve muita influência devida a sua *História da Igreja de Cristo,* continuada após sua morte por seu irmão Isaque Nessa obra deu ênfase ao desenvolvimento das biografias cristãs mais que às querelas da crístandade. Isaque Miiner (1750-1820) por muito tempo foi professor em Cambridge e ajudou a dar a essa universidade o tom grandemente evangélico, trabalho continuado poderosamente por Charles Simeon (1759-1836) .

Não faziam parte das fileiras clericais vários que foram instrumentos para a difusão das idéias evangélicas, Um desses foi William Covvper (1731-1800), o maior dos poetas ingleses na metade final do

século décimo oitavo e íntimo amigo de Newton. Em Ana More (1745-1833) o evangelisrrro teve uma apoiadora pessoalmente relacionada com os meios literários, artísticos e teatrais de Londres. Foi escritora de tratados e histórias de grande popularidade e filarrtropa generosa e abnegada..

Os anglicanos evangélicos permaneceram dentro da Igreja da Inglaterra, mas as duas correntes metodistas por: fim dela se separaram Em 1779 a Ooudessa de Huntingdon e seus companheiros dela saíram; e corrr o tempo a Conexão se tornou na Igreja Metodista Galesa Os metodistas wesleyanos separaram-se da Igreja Estabelecida aos poucos e, por fim, somente após a morte de John Wesley (1791), que desejava que seus seguidores evitassem a separação. Entanto, em 1.784 dois importantes passos foram dados,. Em 28 de fevereiro Wesley, por um "Ato de Declaração", cuidou da continuação do movimento após sua morte, nomeando uma "Conferência" de cem membros para zelar pelas propriedades e assumir a direção do movimento Foi um passo avante no autogoverno do metodismo. Em 1.° de setembro Wesley juntou-se a outros presbíteros da Igreja da Inglaterra para ordenar presbíteros e um superintendente para a América (p 224) Na verdade, isto foi rompimento com a Igr eja da Inglaterra, ainda que Wesley não o considerasse como tal. A final separação dos metodistas wesleyarros é, talvez, melhor assinalada pelo "Plano de Pacificação", de 1795, que estabilizou a então igreja independente.

Wesley conservou suas forças e se manteve em contínua atividade quase até o fim. Faleceu em Londres a 2 de março de 1791, tendo feito uma obra que profundamente revolucionou as condições religiosas das classes inferior e média da Inglaterra e ainda de modo mais amplo afetou a América.

Na Escócia, as atuais separações da Igreja Presbiteriana Estabelecida ocorreram muito cedo, principalmente em virtude do sistema "patronal" pelo qual o patrono podia foiçai a nomeação de um ministro para urna congregação relutante (p 159). Em 1733 Ebenezer Erskirre de Stirling denunciou tal limitação do poder de escolha do ministro por parte da congregação. Seu sínodo o disciplinou, e ele e vários companheiros foram depostos pela Assembléia Geral, em 1740. Antes de se completarem tais penalidades haviam eles fundado a primeira igreja livre escocesa, por fim conhecida como Igreja Separada Rapidamente cresceu ela, mas em breve foi tumultuada por questões com os cidadãos das cidades que juravam apoiar "a verda-

dcira religião... autorizada pelas leis" da Escócia Em 1747 a Igreja Separada se dividiu em secçÕes: Anti-Burgher ou "Nonjuror" e Burgher. Mais adiante houve subdivisões, mas em 1820 os Anti-Burgher c os Burgher se reuniram na Igreja Separada Unida.

A questão do patronado continuou trazendo dissensões. Thomas GiJlesjxie (1708-1774), de Camock, recusou participar na instalação de um ministro numa congregação reealcitrante. Foi, então, deposto, em 1752, pela Assembléia Geral. Ern 1761 ele e ministros que o acompanhavam fundaram a instituição que veio a ser- a Igreja Consolo Essas várias divisões conseguiram apoio popular, especialmente entre os espíritos mais fervorosos. Por- volta de .1756 se coutavam cento e vinte congregações e cem mil aderentes

Sob tais circunstâncias a igreja estatal perdeu boa parte *de* sua fortaleza espiritual. O pensamento raciorralista penetrou na Escócia com o decorrer do décimo oitavo século, como penetrara na. Inglaterra e na Alemanha. Não deixaram de ter influência as especulações de Hume (p 183). O resultado foi o desenvolvimento do assim chamado moderatismo, que dominou na última metade do século décimo oitavo e também influiu no seguinte Aos moderados o cristianismo geralmente foi mais ético do que fortemente experimental ou doutrinai. Era de crer que o sistema do patronato favorecesse a indicação dos moderados onde congregações muita vez poderiam ter escolhido homens de tipo mais evangélico. Não quer isto dizer (pie o espírito do despertarnento só se encontrava nas organizações separadas da Escócia. Dentro da Igreja estabelecida também havia um partido "Popular" no qual existia forte corrente evangélica; John Witherspoon (1723-1794), mais tarde se tornou presidente de Prirrccton (1768), escrevendo sua poderosa sátira *Car act dísticos Eclesiásticos* contra os moderados. Entanto, foi só depois, nas décadas finais do século décimo oitavo, que essa corrente dominou a Igreja da Escócia - - em alguns aspectos as divisões tinham apenas fortalecido seu domínio.

O GRANDE DESPBETAMENTO

(!) movimento de maior influência e o mais transformador na vida religiosa da América no século décimo oitavo foi o Grande Despertamento — reavivamento que teve muita,s fases e se estendeu por mais de cinqüenta anos Iniciado num tempo em que os modelos familiares cristãos não demonstravam muita eficácia, ainda tempo de difundido racionalismo e confusão cultural, o Despertamento não apenas levou à tremenda ativação da vida cristã mas ainda transformou os.conceitos sobre a maneira de entrar nessa vida, e de tal modo que afetou profundamente a maioria das igrejas americanas. Neste asoecto foi análogo ao pietismo, na Alemanha, e ao despertamento evangélico, na Inglaterra, Enfatizou a transformadora mudança regenerativa, uma "conversão", como caminho normal para ingressar- na Igreja. A idéia de que a Igreja é um grupo de cristãos que tiveram experiência da conversão foi por ele grandemente difundida. Mas, uo geral, não foi dada atenção ao preparo cristão. Moralidade estrita e ardente piedade foram inculcadas pelo movimento, em sentido geral.

Começou, o despertamento em 1726, em Raritan Valley, Nova Jersey, nos meios reformados holandeses, sob a direção de Teodoro d. Frelingliuysen (16911748).. Formalismo e perda de vitalidade caracterizavam muitas das igrejas reformadas; muitos holandeses se satisfariam em pensar de suas igrejas como símbolos de sua nacionalidade e herança,.. Mas Frelirrghuysen se familiarizara com o pietismo na Holanda, onde fora educado e ordenado, e desejou acordar seu povo para uma fé cristã e um conhecimento cristão mais profundos Após cerca de meia dúxia de anos de esforços neste sentido, o movimento reavivador surgiu nas igrejas sob seu cuidado, coisa que cha;nrou muito a atenção. Frelingliuysen recebeu convites para pregar em vários lugares; houve quem. adotasse seus métodos; muitos novos membros foram trazidos às igrejas. Entanto, muitos não gostaram do ardor- e do emocionalismo do despertamento e a ele se opu-

seram • - especialmente os pastores de Nova York ficaram perturbados, A despeito da oposição de alguns, as ondas de reavivarnento continuaram a influenciar as igrejas holandesas reformadas por muitos anos.

Dentre os atraídos ao despertamerrto havia, um grupo de líderes presbiterianos. William Tennent (1673-1745), homem de convicções puritanas, preparara alguns moços, incluindo três de seus quatro filhos, XJara o pastorado. Sua obra educacional se expandiu tanto que ele, finalmente (1786), fundou " Log Oollege", ao norte de Filadélfia •— um dos predeeessores de Princeton. Seu filtro Gilberto (.1703-1764) adotou o método do reavivarnento e, como pastor presbiteriano em. Nova Brunswick, se tornou a figura central do movimento em sua denominação. Dois fortes partidos foram atrvos no presbiterianismo -— representava um o puritanismo inglês quanto à fé experimental, o outro a insistência escoto irlandesa sobre doutr ina certa. O grupo Tennent acentuou a ênfase puritana, mas se encontrava em zona onde dominava o outro ponto de vista.. Em 1738, então, o grupo organizou o seu próprio presbitério, em Nova Brunswick. O "Dado Antigo" excluiu do sínodo este "Lado Novo", e desde 1745 o presbiterianismo ficou dividido em dois sínodos Nova York, representando o puritanismo e a ênfase reavivalista, e Filadélfia, aderindo às idéias escotoirlandesas, exigia a assinatura dos ministros à Confissão de WesLmirrster A tendência da época favoreceu o desenvolvimento do Lado Novo; c a ardente pregação de Jorge Whit.efield durante suas viagens pela América (p 207) auxiliou muito os reavivadores. Quando o presbiterianismo se unificou, em 1758, o grupo do despertamerrto modificara algumas de suas mais extremadas posições, mas assegurara um lugar para si na vida da Igreja Assim o despertamento, trazendo tanta controvérsia que chegou a dividir uma denominação durante alguns anos, deixou suas marcas permanentes nela..

O Grande Despertamento alcançou a Nova Inglaterra quando notável reavivarnento empolgou a cidade de Northampton, Massaehusetts, em 1734-35 Chamou muito a atenção, especialmente quando seu líder, Jorratas Edwards (1703-1758), pastor congregacionai em Northampton, o descreveu num clássico reavivalista —• *Fiel Narrativa ãa Maravilhosa Obra, de Deus Convertendo Centenares de Almas*. . . . (1737). Em 1739 de novo o movimento surgiu, largamente se espalhando rra Nova Inglaterra. Os líderes congregacionaís foram auxiliados no trabalho por Gilberto Tennent e Jorge Whíte-

field, este no auge de seu jovem entusiasmo Por toda parte multidões ficavam suspensas às suas palavras, desmaiando e corn clamores ouvindo seus sermões. Com a expansão do despertamento, cerrtenares de pessoas foram transformadas de modo permanente. As condições espirituais de muitas comunidades foram mudadas, Mas na Nova Inglaterra o despertamento foi tão controvertido como nas colônias centrais, Whitefield por vezes denunciou os que com ele não concordavam como incorrversos, mas vários que sofreram sua influência foram ainda mais censurados e julgados sem caridade O reavivamento foi mais adiante perturbado pela demolidora atividade do instável James Daverrport (1716-1757), que pronunciou discursos palavrosos, não devidamente preparados, nos quais atacava, citando nomes, muitos dos ministros dirigentes corno não convertidos For maram-se igrejas congregacioriais separadas. Em protesto, as " Velhas Luzes", sob a direção do pastor da Primeira Igreja de Boston, Charles Chauney (1705-1787), atacou as "Novas Luzes", que viam no reavivamento uma obra de Deus. A reação contra o despertamento contribuiu para a difusão do arminianismo e, por fim, do pensamento unitário entre o eongregacionalismo. Foram tais as reações co \tra o despertamento que ele não mais foi potente força no estabelecimento de igrejas congregacionais depois do meio do século, ainda qu permaneceu enraizado entre os batistas, que então rapidamente se espalhavam na Nova Inglaterra, aproveitando-se grandemente do seu modelo.

O Grande Despertamento espalhou-se também nas colônias do sul. contribuindo para o desenvolvimento dos corpos dissidentes. Nos anos de 1740 a 50 o presbiterianismo rapidamente se difundiu na Virgínia e no Sul, principalmente pela ardente pregação de Samuel Davies (1723-1761). Logo depois de 1750, os reavivamentos entre os batistas foram trazidos à Virgínia pelos seus pregadores da Nova Inglaterra, que organizaram muitas Igrejas Batistas Separadas, diante da oposição dos Kegulares. Forte entusiasmo emocional foi criado per tais reavivamentos e perseguições da parte das autoridades coloniais só sei viram par a incr ementar a causa. Muito embora seja verdade que o Grande Despertamento como fenômeno da maior proporção nas colônias se diga haja terminado quando os interesses da revolução se fizeram absorventes, nos meios batistas e metodistas os motivos dele continuaram muito fortes..

O metodismo tarde começou a ser introduzido na América — rrão antes de 1766. Mais ou menos nesse tempo, Filipe Embury (1728-1.773) e Robert Strawbridge (?-1781) começaram as atividades

metodistas em Nova York e Maryland, respectivamente. TJm dos primeiros pregadores leigos for o Capitão Tliomas Webb (1724-1796), cjo exército britânico. Em 1769 Wesley enviou os primeiros dos oito oficialmente indicados missionários leigos O único que permaneceu ativo no metodismo americano durante e após a revolução foi Francis Asbury (1745-1816). Durante a década de 1770 o metodismo cresceu rapidamente em Maryland e Virgínia, como um movimento frouxa mente ligado à Igreja da Inglaterra, exatamente como na mãe pátria. Em 1773 a primeira "Conferência" americana se reuniu em Filadél-fia O desenvolvimento continuou durante a revolução e alguns pregadores leigos ingressaram 110 movimento.

Exceto nas sociedades metodistas, havia pouco interesse com referência ao Despertamento nas igrejas episcopais — no Sul a cor rente racionalista era forte (latitudinarismo) ; no Norte a tendência cia Alta Igreja dos missionários da Sociedade Propagadora do Evan-gelho não era receptiva ao reavivamento O mais importante epis-copal evangélico foi Devereux Jarratt (1733-1801), pároco em Vir-gínia, que foi a conver tido pela pregação da Nova Luz presbiteriana, mas que se ligara à Igreja da Inglaterra porque Wesley e Whitefield nela permaneciam. Muito fez por' auxiliar as sociedades metodistas antes de sua organização como igreja independente, em 1781

As organizações luteranas diretamente não foram muito afetadas pelo Grande Despertamento. Neste período, seu crescimento foi devido principalmente â afluência de colonos germânicos. Entre eles havia considerável sentimento pictista. Seu preeminente líder, ílcnry Melchior Muhlenberg (1711-1787), fora estimulado a vir às colônias pelos dirigentes de líalle.. Representava ele mesmo o equi-líbrio entre as ênfases pietista e ortodoxa, e foi ativo na organização dc novas igrejas entre os alemães luteranos que se haviam tornado o maior grupo religioso na Pennsylvania nos meados do século déci-mo oitavo Em 1748 organizou o primeiro sínodo luterano a ter existência permanente. Entre algumas das organizações alemãs menores o espírito pietista esteve muito mais em evidência.

Das discussões provocadas pelo Grande Despertamento surgiu na Nova Inglaterra a mais considerável contribuição que à América do décimo oitavo século fez a teologia — a obra de Jôrratas Edwards e sua escola. Nascido em 1703 no lar de um pastor, ern Cormecticut, Edwards se graduou em Yale, em 1720. Após* rápido pastorado presbiteriano em Nova York, tornou-se tutor em Yale.. Em 1727 foi pastor associado em Northampton, depois pastor quando morreu seu

avô, Salomão Stoddard (1643-1729). Intelectualmente brilhante, Edwards lia com atenção as obras filosóficas e cientificas do ssu tempo, mergulhando nos escritos de Locke e Newton. Cedo convencido da clássica ênfase calvinista sobre a soberania de Deus e a predestinação, Edwards firmou corajosamente sua posição teológica, usando como grãos para o seu moinho as mais recentes descobertas da idade da razão. Como líder em reavivamentos, defendeu o que julgava ser real desperlamento, obra de Deus, contra os que rejeita-* vam, de um lado, todo emocional isino em religião e os que, de outro, o exploravam. Apareceu em 1746 *Tratado a Respeito das Emoções Religiosas,* defesa teológica do que cria ser genuíno despertamento Nessa obra, Edwards utiliza a perspicácia psicológica, em parte tirada de Locke. Pastor e eclesiástico, era campeão dos mais aitos padrões para os membros da Igreja, crendo que somente os santos — os verdadeiramente eleitos — podiam estar cm plena comunhão.. Quando agiu tendo como base esta convicção, não mais permanecendo em dúbia posição, foi demitido do seu púlpito, em 1750. Isto a despeito do cuidadoso tratado sobre o assunto, aparecido no ano anterior, *Qualificações Requeridas para a Plena Comunhão.*

Então Edwards se tornou missionário entre os índios, em Stockbridge, Massaehusetts, onde achou tempo para devotar seus conhecimentos teológicos e filosóficos à defesa do ealvinísmo contra o arminianismo, sob cujos termos caracterizou as tendências teológicas do século décimo oitavo. Em seu famoso *Trataãi) sobre a Vontade* (1754) sustentou que ainda que todos os homens tenham capacidade natural para se voltarem para Deus, falta-lhes habilidade moral — isto é, inclinação - - para fazê-lo.. Esta inclinação determinante é dom transformador da graça de Deus; ainda que sua falta não é escusa para o pecado.. Teólogo sistemático, Edwards planejou uma sólida obra apresentando- por completo sua posição.. Entanto, terminou apenas uns poucos fragmentos dela, pensando que alguns de seus anteriores tratados pudessem ser a ela anexados. Um dos fragmentos foi *A Natureza da Verdadeira Virtude,* publicado postumamente, em 1765,, Segundo seu pensamento, virtude é amor ao Ser inteligente, Mas Deus tem infinitamente a maior parte da existência, infinitamente é o maior Ser; assim a verdadeira virtude deve consistir essencialmente e radicalmente no supremo amor a Deus. Essa verdadeira virtude não pode ser encontrada através da razão e do entendimento, pois é feita de afeições e disposições; ela surge da ascendência da suprema paixão e amor sobre o auto-amor, P>i-

nevolência desinteressada" é uma de suas provas, e totalmente dom de Deus.. Mas a obra sistemática de Edwards ficou longe de terminada.. Chamado a ocupar a. presidência de Frinceton, submeteu-se à vacinação durante uma. epidemia de varíola, contraiu a doença e morreu poucas semanas depois de assumir o cargo.

As idéias de Edwards foram defendidas por um grupo de seus acompanhantes: Joseplr Bellamy (1719-1790), Samuel Hopkins (1721-1803), Jônatas Edwards Jr. (.1745-1801) e Nataniel Emmons (1745-1840) lestes cduardianos assentaram por muitas décadas o modelo da discussão teológica na Nova Inglaterra; continuaram a debater os frutos que ele havia provocado, argumentando com os Yelhos Calvirristas, seguidores da teologia federal ou convencional. Assim foram eruditos competentes e trabalhadores industriosos, adornaram as tendências poéticas e ampliaram a visão que caracterizara o mestre. Hopkins manteve algumas das posições eduardiana-i com dura lógica. Acentuando ainda o tema da "benevolência desinteressada", inconscientemente ele preparou o caminho para algumas das mudanças teológicas do século décimo nono.

O IMPACTO DO REAVIVAMENTO EVANGÉLICO SURGIMENTO DAS MISSÕES MODERNAS

Na Inglaterra, o impacto do reavivamento evangélico foi sentido muito além dos limites dos seus arraiais Sua influência sobre os antigos corpos não-conformistas foi estimulante, ainda que desigual. Eram de decadência suas condições na metade iniciai do século décimo oitavo Seus guias, a principio, olhavam de esguelha para Wesley e Whitefield; mas com a continuação do reavivamento os mais jovens se tomaram do seu zelo, Foi este o caso principalmente entre os congregacionalistas, que mais que todos o utilizaram. Sua pregação foi vivificada, seu zelo rc.animado e rápido aumentou seu número. Conseguiram muitas adesões entre os despeitados pelos metodistas, já que a disciplina destes era fastidiosa. Outros lhes vieram de paróquias da Igreja Estabelecida.. Ar por 1800 os congregaeionais ocupavam na Inglaterra posição muito diferente daquela de um século antes; Os batistas particulares também usufruíram desse crescimento, tanto quanto os batistas gerais, apesar do considerável fermento do pensamento ariano. Em 1770 uma ala evangélica separou-se como Batistas Gerais da Nova Conexão - era um protesto contra a tendência unitária. Os presbiterianos, por sua vez, foram menos afetados. Arianismo e socinianismo dominavam entre eles. Seu numero diminuía. 'Os quacres não foram muito atingidos. Seu nobre interesse humanitário era bastante manifesto, mas os métodos do reavivamento eram estranhos ao seu espírito para fazerem grande impressão.

O movimento metodista tinha ampla, visão filantrópica, e os evangélicos dela compartilhavam O metodismo, sob a liderança de Wesley, procurou auxiliar financeiramente os seus pobres: conseguindo trabalho, remédios para os enfermos, estabelecendo escolas e dando instrução barata e procurando eliminar a grosseria e a brutalidade nas classes inferiores.

O despertamento de novo espírito humanitário teve um dos seus mais nobres representantes em John Howard (1726-1790), senhor de terras pacífico, religioso, interessado em escolas e casas modelo, que participava de cultos em congregações congregacionais e batistas Howard foi nomeado alto xerife de Bedford, em 1773 Ele muito se chocou com a sujeira física e moral das prisões e vendo seus funcionários mantidos não por salários mas pelo que podiam extorquir dos encarcerados. Ainda mais, os presos não estavam convenientemente separados, nem os absolvidos eram postos em liberdade enquanto não quitavam suas dívidas. Na medida do possível, Howard visitou praticamente todas as prisões inglesas e ern 1774 apresentou ao parlamento os horríveis resultados de sua investigação.. Empreendeu coisa semelhante na Escócia, Irlanda e no continente europeu. Muito ficou por fazer, mas bem merece ele o título de "pai das reformas nas prisões". Seus últimos anos foram devotados a esforços não menos abnegados para conseguir meios a fim de obstar a propagação da peste. Sua. dedicação lhe custou a vida no Sul da Rússia.

Grupo que se distinguiu pela devoção às boas causas cercou Ilenry Venrr (1725-1797), pároco de Iluddersfield, e seu filho John (1759-1813), pároco de Clapham Esse grupo, formado principalmente por abastados leigos anglicanos evangélicos, foi eognomirrado "Seita de Clapham". Sens membros influenciaram especialmente na libertação de seu. país e domínios da mancha da escravidão. John Wesley severamente condenara esse estigma A. ele também os quacies se tinham oposto com vigor. No começo do décimo nono século a gente de Clapham lutou com êxito para eliminá-lo. Zacarias Macaulay (1768-1838), pai do historiador, certa vez embarcou num navio de escravos para ver por si mesmo a situação. O líder mais eficiente nessa cruzada foi um dos mais preemirrentes leigos evangélicos, William Wilberforee (1759-1833). Rico, popular, membro do parlamento, "converteu-se" em 1784 pela instrumentalidade de Isaque Milner. Em 1797 publicou *Idéia Prática do Sistema Religioso que Prevalece entre os Cristãos Professos nas Classes Alia e Média deste País, Contrasta,ndo com o Verdadeiro Cristianismo.* Tornou-se esse tratado um dos mais populares escritos evangélicos Em 1787 ele iniciou a longa luta de sua vida contra a escravidão, no que resultou na abolição do tráfico de escravos, em 1807, e da própria escravidão nos domínios britânicos, em 1833.

Levados por seus esforços religiosos, humanos e caridosos, evangélicos de vários tipos freqüentemente trabalhavam juntos em sociedades voluntárias.. O movimento do reavivamento deu grande impulso à difusão da literatura cristã. Wesley constantemente publicou suas obras através da Sociedade Promotora do Conhecimento Cristão, fundada em .1699 (p 173). Em 1799 foi formada em Londres a interdenominacionai Sociedade de Tratados Religiosos. O pietismo dera o exemplo com a ampla e barata publicação da Bíblia por intermédio da grande fundação do Barão Canstein, em Halle, no ano de 1710 (p 194). Em 1804 a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi fundada em Londres pelo empenho dos evangélicos. Logo apareceram organizações similares na Irlanda, Escócia e Estados Unidos (p 271). Por sua obra foi possível a grande difusão atual das Escrituras

Algum tipo de ensino religioso para as crianças é provavelmente tão velho quanto a religião organizada. E na época da Reforma muito foi feito pela instrução catequética. Ainda que tentativas tenham sido feitas anteriormente, os primeiros esforços sistemáticos e que alcançaram êxito para atingir em grande escala os pobres e analfabetos com a educação cristã foram por rrreio das escolas dominicais. Foi seu fundador, em 1780, Robert Raikes (.1735-1811), de Gloueester, leigo evangélico da Igreja Estabelecida. Na falta de instrução pública, cuidou em dar aos ignorantes possibilidade de estudarem, e também conhecerem, os fundamentos cristãos, por intermédio de professores pagos, Isto no único dia que as crianças tinham livre, o domingo.. Também era obrigatória a assistência às igrejas. Era Eaihes proprietário do *Glouеester Journal,* no qual publicava notícias dessas atividades. Com grande rapidez a iniciativa se propagou. Wesley e os Não-Conformistas a apoiaram. Em Londres, 1785, foi organizada uma Sociedade para a Promoção das Escolas Dominicais nos Domínios Britânicos. Sociedade idêntica surgiu em Filadélfia, em 1791. Ainda que tenha sido rápido o crescimento desse movimento e tenha ele permanecido, houve oposição da parte do clero, principalmente por ser novidade e, em parte, por ser considerado profanação do domingo, A instrução secular logo deeresceu e o ensino pago deu lugar a professores voluntários.. Nenhuma instituição cristã chegou a se tornar mais amplamente integrada na vida da Igreja moderna.

Uma das mais importantes conseqüências do Reavivamento Evangélico foi o surgimento das modernas missões protestantes.. O

desenvolvimento das missões católicas romanas na época da Reforma foi rápido e frutífero (p 1.09) A falta de contados geográficos unida a certos problemas internos e com icções teológicas, muito retardou equivalentes esforços protestantes. No entretanto, com as conquistas holandesas, o trabalho começou em Ceilão Java e Formosa, no século décimo sétimo A primeira organização missionária inglesa para o estrangeiro — Sociedade para a Propagação do Evangelho na Nova Inglatera — apareceu por um ato do parlamento em 1649 Sua criação foi a resposta ao trabalho entre os índios de Massaehusetts, empreendido por John Eliot. (p 174) A. sua custa foram impressas a Bíblia para os índios e outras obras.. A Sociedade para a Propagação do Evangelho em Terras Estrangeiras foi organizada em 1701 (p 173). O pietismo alemão produziu de 1705 em diante as missões ITalie-Danesas (p 194) Em 1732 começou a notável atividade missionária dos moravianos (p 200) Os quaeres também haviam feito alguns empreendimentos missionários

O interesse pelos povos não cristãos acordou na Grã Brebmha em conseqüência das viagens de descobrimento no Pacífico que. sob os auspícios governamentais, fez o Capitão James Cook (1728-1799) desde 1768 até sua moite Tais descobrimentos despertaram o zelo missionário de William Carey (1761-1834), um sapateiro, então pregador batista e que demonstrou ser pessoa de notável talento para línguas e botânica tanto quanto possuidor de inextinguível dedicação missionária. O resultado de seu pensamento sobre o caso foi Invés- *ligação sobre a Obrigação dos Cristãos de Empregar Meios para a Convei são dos Pagãos,* de 1792. Em outubro desse ano, o livro e um sei mão de Carey sobre *Isaías* 54,2 3 levaram à organização da Sociedade Batista para, a Propagação do Evangelho entre os Pagãos. Carey foi seu primeiro missionário e suas cartas da índia foram poderoso estímulo para outros empreendimentos missionários Em 1795 foi formada a Sociedade Missionária Londrina, como empresa interdenomiuacional, principalmente pelos esforços de Davi Bogue (.1.750-1825), ministro congregacional de Gosport, e Thomas Havveis (1734-1820), pároco evangélico de Aldvvinkle.. Seus primeiros missionários foram enviados a Taiti, em 1796 Desde muito essa sociedade se tornou só congregacional O crescente senso da obrigação missionária, em 1799 levou à organização da Sociedade Missionária da Igreja, representativa da ala evangélica na Igreja Estabelecida, por instrumentalídade de J oim Venn, pároco de Clapham, e Thomas Scott, publicador da *Bíblia, da Família.* A Sociedade Metodista Wesleyana da Inglaterra

foi fundada ern 1817-18.. Depois de pequenas tentativas na Escócia, em 1796, as comissões das Missões da Igreja da Escócia aparecera rn em 1825 Este aprofundamento da obrigação missionária inglesa despertou interesse em outros países O começo do décimo nono século viu a organização de inúmeras sociedades missionárias, tanto denominacionais como interdenommacíonais, nos Estados Unidos e Europa (pp 267, 271)

10

A ÉPOCA. DA REVOLUÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

As treze colônias inglesas na Norte-América tornaram-se livres da mãe pátria, fazendo-se nação independente, na última metade do século décimo oitavo — época da revolução na América. A atenção de muita gente for voltada do vivo interesse religioso que distinguiu o Grande Despertamento para uma longa série de fatos políticos e militares de absorvente importância O crescente atrito entre as colônias e a coroa levou ao rompimento da revolução, em 1775; à declaração de independência, em 1776; à destruidora guerra que se estendeu até 1783 e â dilatada discussão sobre a estr utura da nov a nação e que só terminou com o estabelecimento do governo sob a constituição dos Estados Unidos, em 1789 A filosofia revolucionária tendia para o racionalismo, com referência ;í religião, minimizando o prestígio das igrejas Muitos dos lideres políticos eram influenciados pelo deísmo da Inglaterra ou da Prança (p 186)„ Assim, por mais de uma geração estiveram os lromens absorvidos pelas questões do pensamento e da ação revolucionária, e a religião entrou em maré vazante.

Pato da maior significação neste período da A.mériea foi a conquista da liberdade religiosa, Poí um passo revolucionário, pois marcou radical afastamento dos princípios de uniformidade e estabelecimento que haviam assinalado a civilização ocidental por mais de mil anos A tolerância fora concedida em certos países europeus, riotadarrrente na Holanda e na Inglaterra, mas a aceitação da liberdade religiosa como princípio nacional era, corsa nova Foi ela trazida pela interferência de muitos fatores A grande multiplicidade dc organizações religiosas reprimiu o avanço de algumas igrejas e tornou a maioria do povo sua apoiadora.. A imensidão do oceano não favorecia a manutenção de vigorosos ramos coloniais das igrejas estatais européias; o tamanho do continente tornou difícil manter igrejas estabelecidas. O desejo de prosperidade econômica nas colônias, onde os operários eram pouco encorajados a se elevar acima das diferenças religiosas, foi outro fator.. O surgimento da tolerância

nu Inglaterra atalhou os esforços que visa\am a manter rigorosa uniformidade, como quando Carlos II proibiu oficialmente a Baía de Massachusetts, em .1662, de enforcar quacres De enorme importância foi o testemunho de grupos[4] religiosos nascidos da asa esquerda da Reforma — menonitas, dunkers - e da asa esquerda do puritanismo — batistas, quacres» Tais grupos criam em liberdade religiosa corno princípio religioso.. Durante os agitados dias das guerras civis na Inglaterra se haviam forjado em certos círculos puritanos fortes argumentos a favor da liberdade religiosa baseados sobre premissas largamente ortodoxas, cristãs clássicas. Em Rlrode Island e Pennsylvania representantes dessa posição tinham oportunidade de pôr* suas idéias em ação para provar que um estado civil ordenado podia ser mantido sem uniformidade ou estabelecimento religioso O Grande Despertamento bastante estimulou a aspiração de liberdade em matéria de religião, e seu efeito prático foi contribuir fortemente para o crescimento de organizações não estabelecidas. Assim, os representantes de idéias racionalístas em religião foram crentes firmes ııa liberdade religiosa, servindo, por vezes, como líderes no impulso x^ura o desestabelecimersto.

Esses vários fatores combinaram-se de diversas formas, em diferentes áreas, paia assegurar a liberdade religiosa Algumas das lutas mais fortes chegaram ao auge em lugares onde fora rígido o estabelecimento. Na Virgínia, após longos anos de debates políticos, o Estatuto Virginiano da Liberdada Religiosa, do qual o projeto fora escrito por Thornas Jefferson, passou em 1785, com racionalístas e dissidentes emparelhados ııa luta Na Nova Inglaterra, a maré crescente do sentimento de liberdade religiosa, acompanhado do entusiasmo esforçado das organizações não estabelecidas, levou ao fim dos estabelecimentos congregacionais: em 1818 em Conneetitut-, 1819 em New Hampshire; em 1833 em Massachusetts, No nível nacional, os vários fatores combinaram-se para trazer liberdade religiosa desde o começo O artigo VI da Constituição diz que "nenhuma prova religiosa jamais será exigida como qualificação para algum ofício ou cargo público nos Estados Unidos". A primeira emenda (1791) à Constituição declarou que o " Congresso não legislaria sobre o estabelecimento de religião ou proibindo o livre exercício dela..." Assim os modelos de uniformidade e estabelecimento foram alijados, e com o desaparecimento do último estabelecimento oficial, todas as igrejas sobreviveram como associações voluntárias, iguais perante a lei

A obtenção da independência pelos americanos trouxe novos problemas sobre todas suas denominações. Algumas delas tinham sido

ramos das igrejas européias e agora era preciso reorganizá-las sobre bases autônomas.. Comunhão alguma na América tanto sofreu com a revolução como a Igreja da Inglaterra. Aluitos dos seus ministros e membros, especialmente 110 -Norte, simpatizavam com a mãe pátria, e saíram da luta arruinados Seu *nome* parecia nada patriota, e o de 'Protestante Episcopal" foi primeiro sugerido numa conferência de clérigos e leigos de Maryland, *em* novembro de 1780 Dois anos mais tarde William White (1748-1836). páioco da Igreja de Cristo, ern Filadélfia, e ardoroso partidário da independência. traçou um piano segundo o qual seria organizada a. Igreja Protestante Episcopal Americana: independente do Estado e governo eclesiástico inglês, com corpos representativos compostos não apenas por clérigos mas ainda por leigos Parecia lhe remota, a possibilidade dc conseguir nrn episcopado americano De acordo com as sugestões de White, reuniu-se *em* Nova Yoik uma convenção voluntária representando oito Estados., em outubro de 1784.. Convocou, ainda a primeira Convenção Geral a se reunir- em Filadélfia no mês de setembro de .1785 .

Enquanto isso. o cleio de Connect.ie.ut se mantiveia à parte e escolhera Samuel Seabury (1729-17%) como seu bispo Via jou ele para a. Ingláteua em junho de 1783, procurando sagiaeão episcopal Mas vendo a impossibilidade de ser sagrado pelos bispos ingleses, por falta de licença do parlamento. Seaburv foi encontrá-la das mãos dos bispos escoceses 'nonjtirors em Abenleen. em novembro de 1784

A Convenção Ceral de 1785 adotou uma constituição para a Igreja Protestante Episcopal nos Estados tinidos obra enr grande parte de William White. Ela também solicitou aos prelados ingleses a sagiação de bispos para a América.. A sagração escocesa de Seabury podia ser válida, mas o desejo era receber as ordens cia Igreja mãe inglesa As convenções locais dos vários Estados foi pedido que indicassem bispos. A Convenção Geral de .1786 informou que o episcopado inglês conseguira um ato cio parlamento e que William White fora indicado bispo da Peniisvhania e Samuel Provoost (1742-1815) de Xnva. York A 4 de fevereiro de 1787 ambos foram sagrados pelo arcebispo de Cantnária.

O Bispo Seabury e os Bispos White e Provoost que estiveram ern campos opostos durante a revolução e que, ainda, representavam diferentes tradições de eclesiasticisnnr a princípio se olhavam com antagonismo. Connecticut, todavia, não se representara na Convenção Geral, mas a decisão de tej. uma Câmara cie Bispos e outra de

Deputados na Convenção, assim satisfazendo clérigos e leigos, abriu caminho para a conciliação. Na, Convenção Geral de 1789 todos os partidos se uniram, o Livro de Oração foi revisado e adaptado às necessidades americanas, e os fundamentos da Igreja Protestante Episcopal nos Estados Unidos foram definitivamente lançados.

O metodismo americano estava maduro, ao fim da revolução, para se organizar Desde muito não era mais desejada a. dependência da Inglaterra e a continuação das relações com a Igreja Episcopal não era viável, dadas as opiniões e a incapacidade paia celebração dos sacramentos, especialmente nos lugares para onde os metodistas rumavam - as fronteiras Wesley. em 1780, em vão buscai.a ordenação de clérigos para a América, junto ao bispo de Londres Estava ele convencido de que bispos e presbíteros na igreja primitiva formavam uma única ordem Então, como presbítero, sentiu-se autorizado a ordenar em caso de necessidade. A 1° de setembro de 1781 em Diistol, ele, Thomas Coke (1717-1848) e James Creighton, todos presbíteros da Igreja Estabelecida, ordenaram líichard Wateoat e Thomas Vasey diáconos e no dia seguinte presbíteros ou anciãos para a América Também naquele dia, Weslev, "assistido por outros ministros ordenados ' "designou[77] Coke "separado como superintendente" para o mesmo trabalho. Wesley comunicou aos metodistas americanos que nomeara Francis Asburv, que permanecera em atividade entre eles durante a revolução, juntamente com Coke, " superintendentes". Mas Asburv conhecia a mentalidade amei'n ana e sentiu que os pregadores leigos deviam reunir-se para livremente aceitarem o plano de Wesley e elegerem a ele o a Coke como superintendentes Assim começando a 21 de dezembro de 1.784, a Conferência do Natal'[7], reunida em Pai ti more, confirmou a formarão da Igreja Metodista Episcopal Asburv foi ordenado diácono ancião a superintendente em dias sucessivos e uma dúzia de outros pregadores foram ordenados anciãos" Poi estabelecida a disciplina Coke e Asburv, com forte eontrariedade de Wesley, logo a si mesmos se chamaram "bispos . título que se tomou oficiai em 1787 A primeira Conferência Geral se reuniu em 1792 dirigindo a expansão da nova Igreja plenamente independente

A dependência das Igrejas Holandesa e Alemã Reformadas de há muito era débil com a Holanda e o rompimento dos laços foi apenas uma formalidade, em 1.792 e 93, respectivamente

Os católicos romanos não se tornaram, de fato, mdepemlentes, mas voltaram a definir- suas relações e prepararam uma organização nacional Ainda eram insignificante minoria ao tempo da hulepcn-

ciência, mas sua posição foi muito melhorada como resultado da crescente tradição de liberdade religiosa e da atividade patriótica de muitos deles durante a revolução, Tinham estado sob os cuidados do vigário apostólico de Londres mas com a independência não era isso mais possível. Em 1784 o mui respeitado John Carroll (,1.735-1815), de Maryland. foi nomeado prefeito apostólico para os Estados Unidos por Pio VI (1774-179!)) Logo problemas internos mostraram a necessidade de um bispo e o clero solicitou a Roma o direito de eleger um Foi concedido, e em 1790 Carroll foi, em Londres, sagrado bispo de Baltíiriore No ano seguinte, nessa cidade catedral, se reuniu o primeiro sínodo católico romano dos Estados Unidos Em 1808, ainda com Carroll, Baltimore se tornou sede de arcebispado, enquanto bispados foram criados em Nova York, Boston, Filadélfia e Bardstown (íventucky), No ano em que faleceu Carroll. os alicerces romanos nos Estados tinidos estavam firmemente lançados e o número de sacerdotes passava de urna centena, ainda que a imigração que tanto aumentaria essa Igreja fosse coisa ao futuro

Os moravianos também mantinham apertados laços com o centro europeu de Ilennhut Em 1775, no entanto, nova política de centralização foi adotaria, de modo que foram cada vez mais dependendo do controle de além-mar Foi um ato infeliz pois os chefes estrangeiros continuaram a pensar' em termos das igrejas estatais européias e não compreenderam a oportunidade oferecida pela liberdade americana. Assim em pouco diminuiu o impacto moraviano Somente no século décimo nono a igreja Moraviana Americana se tomou autônoma

Algumas denominações — Congregacional, Batista, Quaere - já eram independentes, e a revolução diretamente não os afetou quanto à organização Os presbiterianos eram também organizados mas usaram a oportunidade para se reorganizarem Durante a década de 1780 fizeram nova constituição que se aplicava a toda a sua estrutura encabeçada pela Assembléia Geral Esta, pela primeira vez se reuniu em Filadélfia em 1789, Também os luteranos haviam sido autônomos, mas durante a época revolucionária 'começaram a se organizar Muhlenberg (p 219) preparou, em 1762, um modelo de constituição para a sua congregação de Filadélfia For ela, todos os dirigentes seriam escolhidos pela própria congregação Ficaram, assim, delineadas as duas feições características básicas da política luterana americana - congregacional com respeito à congregação local, presbiteriana com respeito à posição dos ministros no sínodo. O sistema sinodal se difundiu vagarosamente Em 1786 foi organizado

o ministeriuiu de Nova Yoik. Um terceiro sinodo logo se formou, na Carolina do Norte Em 1820 um Sínodo Geial 1 oí organizado, mas apenas parte dos lutei anos o apoiou Nacionalidade e tensão teológica mantiveram os "luteranos acima da unidade nacional..

Nova organização religiosa se desenvolveu na América durante o período da luta pela independência nacional — a dos universalistas. A crença na salvação de todos apareceu ocasionalmente rra América, no século décimo oitavo, como em outras partes, couro uma especularão esporádica O pai do universalismo foi John Murray (1741 1.815), que fora tocado pela pregação de Whitefield na sua pátria, a Inglaterra, e pelos escritos de Oarnes Kelly (1722T-1778), que passara da posição de um dos pregadores de Whitefield para a de advogado da salvação universal Foi como discípulo de Relly que "Murray chegou à América, enr 1770. Iniciou, então, uni ministério ítineraute, principalmente na Nova Inglaterra Calvin ista, Murray cria que Cristo pagara por inteiro não só os pecados do restrito giupo de eleitos, mas de todas as criaturas e que no juízo todos estai iam imediatamente na benvaventurança, onde toda incredulidade desapareceria na misericórdia de Deus Para os que totalmente criam, a, prometida berri-aventurança começava agoia

Novo impulso foi dado ao universalismo quando em 1780, Elhanan Winchester (1751-1797), ministro batista de Filadélfia, independentemente de Murray, adotou as idéias universalistas, que defendeu com eloqüência. Suas opiniões gerais eram arminianas, no que diferia cie Murray A salvação é baseada na livre submissão final de todos a Dens; mas no caso dos sem arrependimento isso não se dá até que seus espíritos se hajam purificado por prolongados, mas não eternos sofrimentos Ainda mais influente foi Oséias Bailou (1771-1852), durante longo tempo pastor em Boston "Murray e Winchester foram trirritários. Bailou era. ariano e nesta direção rumou o universalismo americano.. O propósito da expiacão foi moral — demonstrar o amor de Deus pelos homens. O pecado traz castigo, até que os homens se voltem para Deus

Cerca- de 1790 eram suficientemente numerosos os unhersaüstas para realizarem uma convenção em Filadélfia. Três anos mais tarde se organizou uma convenção na Nova Inglaterra, a qual se leuniu em 1803, em Winchester, New Ilampshire, Adotou cia um breve credo que permanece como doutrina básica da nova denominação Os primeiros convertidos ao universalismo eram predominantemente, se bem que não todos, das mais humildes camadas sociais.

11

O ILUMINISMO ALEMÃO (A"UFKLÀRIJNG)

A Inglaterra muito avançara em seu desenvolvimento deísta. racionaliza e unitário antes do aparecimento do metodismo Lá, as duas correntes marchavam de modo paralelo Se o despeilamento evangélico era teologicamente, em parte um retorno a antigos conceitos doutrinários, ainda foi mais um apelo aos fortes e profundos sentimentos religiosos da nação. Na Alemanha o pietismo, com sua tônica sobre o sentimento, precedeu o iluminismo (A.ufklárimg) ainda que continuasse paralelamente a este ultimo quando ele entrou em desenvolvimento O pietismo rompeu o domínio cia ortodoxia confessional, mas não trouxe líderes teológicos que tomassem o lugar dos velhos teólogos dogmáticos O espírito crítico racionalista do século décimo oitavo, as obras dos deístas ingleses e seus oponentes a modificação popular radical do deísmo na França - - tudo isso invadiu a Alemanha e encontrou o campo intelectual totalmente vazio. O resultado foi o rápido crescimento do iluminismo, corno ele mesmo se denominou,. Fortemente racionalista, abrigou muitas nuanças de opinião. Mais do que na Inglaterra ou na França por sua obra crítica e construtiva, ele pieparou o caminho para significativa transformação na teologia que, no décimo nono século, haveria de intensamente se espraiar nos países protestantes

As especulações de Leibniz (p 167) eram por demais profundas para produzirem poderosa impressão *em* seu tempo, ainda que mais tarde viessem, a ser de efeito enorme. Tomasius (p 1.93) semeou um espírito racionalista, sem criar um sistema Sua influência foi marcada no desenvolvimento de uma atitude mental, tanto que não sem verdade tem sido ele chamado o " abridor do caminho do iluminismo" Seu grande protagonista no entretanto, foi Oristiano Wolff (1679-1754). .Não era um gênio criativo mas a felicidade de Wolff consistia em assinalar e dar expressão ao pensamento informe e marticulado do seu tempo, tanto que se tomou o guia filosófico e teológico de duas gerações de seus compatriotas

Perito em matemática, eomo muitos dos filósofos do seu e do século precedente, começou prelecionanclo matemática em 11 alie em 1707.. Sua filosofia rapidamente ali se desenvolveu em íntima conexão com a de Ijeibniz, cujos profundos pensamentos porém, nunca captou.. Assegurava Wol I i' que somente é verdade aquilo que pode ser demonstrado pela certeza lógica, como na matemática. A verdade deve ser deduzida racionalmente do conteúdo inato da mente — a "razão pura : Tudo o que procede da experiência é meramente contingente e confirmatório.. O mundo é composto de uma infinita multidão, de substâncias simples, dotadas de força, ainda que não com todas as qualidades das rnônades de Ijeibniz (p lbH) Os corpos são agregações dessas substâncias O mundo é uma gigantesca máquina regida por leis mecânicas.. A alma é o que em nós é consciente de si mesma e de outios objetos. Pia está provida de capacidade de conhecimento e desejo. Sua cabal realização é o prazer, sua realização incompleta, o sofrimento.

Posto que o mundo é contingente, deve ter uma causa. Visto cpie Deus existe fez o mundo. Desde que o mais alto alvo cie todo sei é total eoinpletação, tudo o que a isso vise, tanto para nós mesmos como paia os outros deve ser virtude Daí os princípios da ação reta estão incluídos, como com referência aos deístas, na constituição fundamental divinamente ordenada do homem. Wolff não negou houvesse revelação, mas declarou que não podia ela conter nada em contradição com a razão. Concordava ele em que os milagres não são impossíveis, ainda que improváveis, e cada um implicaria dois atos de igual poderia interrupção da ordem natural e sua restauração depois do fato.. A opinião de Wolff com respeito ao homem ora otimista Individual e socialmente marcha ele para total eompletacão. E aqui se apartava da antiga teologia, tanto a ortoloxa como a cio pietismo, e se apresentava aos seus dias com a conelusividade de uma demonstração lógica. Deus, religião natural, originalmente implantaram a moralidade e o progresso no rumo ela perfeição individual e geral. Não revelação sobrenatural ou resgate sobrenatural cio pecado e cia ruína, pois esses são objetos próprios da consideração religiosa.. Entanto, Wolff deixava um lugarzinho à revelação e ao milagre. Nem o homem é o ser desesperado ou ineapa:: da velha teologia.

As idéias de Wolff provocaram a hostilidade cie seus colegas pietistas de llalle. Procuraram eles junto ao liei Frederico Guilherme 1 (1.71.3-1740) sua remoção. E a decisão real, mesmo para eles,

foi surpreenderitemente severa Em 1723 foi ordenado a Wolff que deixasse a universidade dentro de vinte e quatro horas ou seria suspenso. Ele encontrou refúgio em Maiburgo, irias em 1740 Erede rico, o Grande, honrosamente o restaurou em Halle. Sua obra, no entanto, se convertera em propriedade pública e pouco pôde adicionar a ela nos quatorze anos que ainda passou em Halle até morrer.. Seu pensamento se tornou o de grande parte da Alemanha. O domínio do pietismo em Halle terminara

Menos radical, mas muito influente quanto ao auxiliar a nova atitude do pensamento germânico, foi Johann Loientz vou Mosheim (I694?-1755), professor em Helmstãdt e finalmente em Gottingen.. O mais admirado pregador do seu tempo, senhor de brilhante estilo em latim como em alemão, foi basicamente um sobrenaturalista racional Não nutria simpatias pelo dogmatismo da ortodoxia As ênfases dos pietistas não acordavam respostas nele; nem podia apoiar o racionalismo extremo de Wolff. Ter lustrou muitas pro\íncias do pen samento religioso, e sua influência, como uni todo, favoreceu a difusão do iluminisnío. Sua obra principal, porém, foi no campo da história. Sua *institui tones Historia e Halesiasticae,,* publicada piimei **JO** em 1726 e na forma final em 1755, abraçou toda a história da igreja. Em seu *Commentai t-i dt icbus Chnstianoi itm ante Consianti num,* de 1753, encarou os primeiros séculos da forma mais ampla, liem merece -Mosheim o título de ' pai da moderna historia da Igre ja" Desejou ser livre de todo preconceito e o conseguiu em alta medida a expensas de certo descolorido . Eoi sua a primeira história da Igreja que objetivou os fatos como exatamente aconteceiam sem defender uma causa. Como tal, e por motivo de sua cultura, e estilo sua obra lhe sobreviveu por longo tempo

O mais extremado racionalismo cedo encontrou repiesentanten na Alemanha Heimann Samuel líeimarns (1694 1768),, poi. muito tempo afamado professor de línguas orientais em Hamburgo e líder dos círculos eruditos da cidade, na juventude viajara pela Inglaterra e lá adotara as idéias deístas Em defesa delas muito escreveu ainda que suas obras só tenham sido publicadas depois de seu falecimento, quando apareceram por intermédio de Lessing entre 1774 e 78, como fragmentos encontrados na biblioteca de Wolfenbüttel — daí Pra<j *me n tos de Wolfenbütl el* Essa publicação provocou imensa discussão. Corno para os deístas, para ele tudo o que é verdade está nessa religião natural que ensina a existência de um sábio Criador, uma primitiva moralidade e a imortalidade - tudo isso eompio\ável pela

razão, O mundo mesmo é o único milagre e a única revelação -— quaisquer outros são impossíveis Os escritores da Bíblia nem sequer eram homens honestos, mas impelidos pela fraude e pelo egoísmo. É um curioso comentário sobre as condições do pensamento na Alemanha que os escritos de Reimarus, ainda que deveras criticados, fossem por outros não menos valorizados como uma defesa da religião contra o materialismo e o ateísmo.

Gotthold Efraim Lessing (1729-1781), a quem se deve a publicação dos escritos religiosos de Reimarus, eminente dramaturgo a crítico artístico e literário, ocupando um lugar entre os escritores clássicos com Goethe e Schiller, ainda que não concordando plenamente com Reimarus, apresentou em sua *Educação da Raça Humana* (1780) uma teoria muito plausível. Assim como o indivíduo passa pelos sucessivos estágios da infância, juventude e madureza, assim também a raça humana. As Escrituras foram dadas por Deus para satisfazerem a essas necessidades. A infância é impulsionada por recompensas e castigos imediatos. O Antigo Testamento é um livro de preparo para os homens nessa condição, com promessas de vida longa e bênçãos temporais pela obediência, A juventude está pronta a sacrificar a tranqüilidade presente e os bens menores pelo êxito e a felicidade futura. Para ela, os homens nesse estágio, o Novo Testamento com sua presente auto-entrega e eterna- recompensa, é um guia adequado, Mas na maturidade, o que governa é o dever[1], sem esperança de recompensa ou temor da punição. Seu guia é a razão, ainda que possivelmente Deus possa enviar alguma nova revelação em seu auxílio, A obra de Lessing espalhou em profusão na Alemanha culta que o cristianismo histórico pertencia a um estágio passado do desenvolvimento humano ou a um estágio inferior presente.

Efeito do ilurninismo foi uma larga difusão da idéia de que somente eram de valor nas Escrituras as verdades da religião natural e sua moralidade, despidas do milagroso ou do sobrenatural. Jesus era um mestre moral mais que centro de fé pessoal. Isto era raeionaüsmo e caracterizou muito o mais vigoroso pensamento teológico da Alemanha desde 1800, e continuou forte no décimo nono século. Lado a lado com ele permaneceu a ortodoxia confessional e o pietismo, ainda que com decrescente apelo intelectual e também muito do que se poderia chamar sem.i-raeionalismo Contudo, a época se caracterizou, ainda, por forte polêmica contra as superstições, grande desenvolvimento da beneficência voluntária e popular fomento da instrução entre o povo.

O século décimo oitavo também foi marcado, e em lugar algum tanto quanto na Alemanha pela ampliação dos estudos textuais e históricos da Bíblia, os quais deram início ao moderno período do criticismo. O erudito inglês John. Mill (1645 1707) publicou um Testamento grego, baseado em cuidadosa comparação de manuscritos, no ano em que morreu, Jean le Olerc (1657-1736) educado em Genebra, depois arminiano em Amsterdam desde 1684 ate morrer, granjeou fama como exegeta por seus interrtos de explicai o ensino das Escrituras serri preconceitos dogmáticos • acercando-se dela não para achar textos de prova mas seu real significado Johann Albreeht Bengel (p 1.95). por muito tempo diretor do seminá rio teológico em Derrkendorf, em Württcmberg, homem de inclinação pietista, foi o primeiro a reconhecer que os manuscritos do Novo Testamento podem ser agrupados em famílias e a estabelecer a no geral aceita regr a crítica que deve ser preferida a leitura mais difícil. Seu *Gnomon,* ou índice do Novo Testamento, datado de 1742, foi o comentário mais notável até então produzido Nada, diz ele, será lido na Escritura e nada dela será omitido que possa ser esmiuçado pela mais rígida aplicação dos princípios gramaticais. Wesley dele fez a base de suas *frotas sobre o Novo Testamento,* de 1755. Oontemporâneamente Johann Jakob Wettsteirr (1693-1754), de Basi léía e Amsterdam, despendeu perto de meia vida de trabalho em seu *Novo Testamento Grego com Diversas Variantes,* publicado em 1751 52. A crítica textual e sadia exegese tiveram assim grande impulso.

A Jean Astrue (1684-1766), real professor' dc medicina em Paris, ó devido o aviso, em seu *Conjeturas,* de 1753, do caráter compósito de *Gênesis* A. teoria alcançou apoio essencial em 1781, de Johann Gottfried Eichhorn (1752-1827), mais tarde professor' racionalísta em Gottingen, por vezes chamado "fundador do criticismo do Antigo Testamento'[7]. Mas só na parte final do décimo nono século a descoberta de Astrue alcançou extenso reconhecimento.

Em Johann August Emesti (1707-1781), professor em Leipzig desde 1742, a Alemanha teve urri mestre que rrão apenas enormemerrte auxiliou o despertamento do pensamento e ideais clássicos que afetou a vida intelectual alemã nos anos finais do século décimo oitavo, senão que também aplicou à interpretação do Novo Testamento os mesmos princípios que usava com referência à literatura clássica. O sentido é para ser determinado pelos mesmos métodos gramaticais e históricos em um e outro campo Reimarus (p 235), em seu sétimo' Fragmento, publicado por Lessing errr 1778, pela

prímeii-a vez submeteu a vida de Cristo a rígidos métodos históricos, como os que se aplicavam à história secular. Sua total rejeição do sobrenatural, do mítico ou lendário fez suas conclusões áridas, mas ele levantou questões de método e conclusão que desde então têm constituído em grande parte os problemas dessa investigação Jolrann Salomo Sernler (1725 1791), professor em Ilaite a partir de 1752, de formação pietista, ainda que na idade madura tenha sido racionaiísta conservador, Residiu sua importância nos rumos que indicou mais que nos resultados que obteve.. Distingui a ele entre as verdades permanentes da Escritura e os elementos devidos às épocas em que foram escritos diversos livros. Negou o igual valor de todas as partes da Escritura. A revelação, ensinou, está na Escritura, mas toda Escritura não é revelação. Os credos da Igreja estão em crescimento. A história da Igreja é um desenvolvimento.. Ern particular, fez distinção, na Igreja primitiva, entre os partidos petri no — judaizante - e o pau tino •— aiitijudaico , Essa distinção teve grande papel em discussões posteriores ,

TENDÊNCIAS DO PENSAMENTO PROTESTANTE NA ALEMANHA DO SECUIA) XIX

Nada parecia mais característico da primeira metade do século décimo oitavo que o domínio da ' razão'", ou senso comum A época era antiemocional, intelectual. Fez importante obra discutindo o que fora, aceito por tradição, eliminando velhas superstições e abusos, exigindo a legitimidade do que pretendia ter autoridade. Foi, no entanto, época fria e parcial. No decorrer do .século, contra ela sc levantou imensa oposição Afirmavam os sentimentos os seus direitos, proclamando o "retorno à natureza", natureza muita, vez fruto apenas da imaginação. Mas essa proclainação era acompanhada por renovado apreço do clássico e do medieval, e o reavivamento do sentido do sobrenatural na religião — por vezes vago e obscuro mas que criava urna atmosfera, totalmente diferente na qual eram afirmados os direitos do homem como dotado de sentimentos tanto quanto de pensamento .

Seu primeiro e mais eficaz apóstolo foi Jean «Jaeques Eousseau (1712-1778); mas o movimento se manifestou em toda a Europa , Lessing dele participou. Seus mais importantes representantes literários foram Johanrr "Wolfgang von Goethe (1749-1832) e Johann Cristoph Fríedrich von Schiller (1759-1805) , O velho racionalismo não foi, na verdade, expulso do campo, mas modelos de vida e pen samento radicalmente diferentes, geralmente referidos sob o termo genérico do romanticismo, lutaram de igual para iguaj por dominar.

No século décimo oitavo a filosofia parecia ter levado a, um beco sem saída.. Leibniz ensinara que todo conhecimento era urna elucidação do que estava contido inatarnente na mônade. Wolff afirmava o poder da "razão pura" de dar as únicas certezas. Por sua vez, Locke ensinava que tudo procede da experiência. E ainda que Hume tenha duvidado de toda conclusão baseada em causa e substância, ele percebeu, como Locke, que todo conhecimento se fundamenta ria experiência.. As tendências inglesas e alemãs pareciam mutuamente

destrutivas A obia de Kant foi combiná-las e superá-las sobre uma nova base, que seria o ponto de partida da moderna filosofia, e dar ao sentimento um \alor que nenhum dos partidos havia reconhecido For sua vez, Kant foi o clímax. e o cumprimento da religião racionalista, iluminada (ilumirrismo). Mas ainda, por outro lado, foi o critico do iluminismo, assim solapando sua influência sobre as gentes e revelando a necessidade de novos conceitos, os quais apareceram no século décimo nono.

Emanuel Kant; (1724-1804) era natural de Kõnígsberg, onde passou toda sua vida. Segundo acreditava, seus ancestrais eram escoceses As primeiras influências que recebeu foram píetístas. Em 1755 começou o professorado na universidade de sua cidade., Foi lento o seu desenvolvimento.. A princípio, ateve-se à escola de Leibniz-Wolff 0 estudo de Hume despertou dúvidas quanto à escola a que se filiara, mas, no entanto, não se fez discípulo dele. Rousseau o influenciou profundamente corri a "descoberta da profunda natureza oculta do homem", Em 1781 surgiu a obra, de Kant, que foi máxima em sua época, *(-rítica da Razão Pura* — uma rajada tempestuosa, principalmente contra a então dominante filosofia de Wolff,. Rapidamente se seguiram seus tratados formativos e seu pensamento de imediato se apoderou da Alemanha Cerca de 1797 sua força física e mental começou a declinar e terminou em lamentável ruína.. Homem de estatura física pequena, jamais casou e era de retidão moral severa e devotado à sua tarefa com singular simplicidade e fidelidade.

O sistema de Kant em muitos respeitos é uma teor ia do coube: cimento. Com a escola de Locke e Hume, sustentava que algo em nosso conhecimento, ou algum estímulo -.....o conteúdo vinha de fora.. Com Leibniz e AVolff, assegurava que a mente possui certas qualidades inatas, transcendentes no sentido de que uão procedem da experiência, que condicionam e dão forma ao que vem de fora. Tempo e espaço são condições subjetivas sob as quais é possível a percepção. A mente classifica o que lhe vem de fora, conforme suas próprias leis.. Eis as categorias. Conhecimento, pois, é o produto de dois elementos —- conteúdo vindo de fora, ao qual dá forma segundo as leis da mente Estes dois elementos dão-nos a experiência, mas não nos dão conhecimento do que as coisas são em si mesmas; somente o que nossa mente faz do que lhe veio de fora. Tal demonstração pela "razão pura" — como Wolff procurara fazer a respeito de Deus, a religião natural e a constituição do universo - • é intel.ee-

tualmente impossível, Não podemos -demonstrar a natureza dessas existências tal como são em si mesmas., A natureza pode ser estudada como o reino da lei exata, mas a lei é simplesmente a do nosso próprio pensamento.

Entanto, o conhecimento absoluto do que está além da experiência é, pois, inatingível por processos meramente intelectuais, o homem tem consciência de um sentido de obrigação moral quando pergunta o que deve fazer. Este tema Kani abordou em *Crítica da Razão Prática,* de 1788.. Respondendo à pergunta sobre comportamento, o homem sente dentro de si o "imperativo categórico" - - imperativo porque é uma ordem; categórico porque é incondicional.. É agir de tal modo que os princípios da ação se tornem os da lei universal -— numa frase, "Eaze o que deves". Essa lei moral interna é a mais nobre possessão do homem, e ela o faz uma personalidade e não uma máquina.. Com este "imperativo categórico" estão unidos três postulados ou pensamentos inseparáveis, O mais evidente é se o homem deve fazer seu dever, é porque ele pode Daí o homem deve ter liberdade. E a liberdade nos dá um vislumbre de um reino superserrsório de propósito moral — de uma esfera de ordem moral. O segundo postulado é o da imortalidade Se a vida está sujeita ao imperativo categórico, deve durar o bastante para que seja alcançando esse resultado. Intimamente ligado a este está o terceiro postulado •— a virtude deve resultar em felicidade, A experiência não produz essa união. Daí, então, sua realização exige um poder que possa unir os dois. O terceiro postulado, por conseguinte, é Deus. Na "razão pura" sua existência é apenas uma hipótese; mas nos postulados da razão prática se torna uma convicção,

Quando Karrt apresentou suas idéias religiosas, sobro bases antes práticas que teóricas ou razão pura, era a conhecida fé racionalista do iluminismo que estava apresentando Sua *Religião Dentro dos Limites da Razão Somente* (1793), enfatizou a moralidade como o primeiro conteúdo da razão prática e praticamente reduziu a religião à ética teísta. O mal e o imperativo categórico lutam pela obediência, do homem. Quem é governado por este princípio do bem moral - o imperativo categórico — agrada a Deus, é um filho de Deus. O mais belo exemplo dessa filiação é Cristo A Igreja invisível é a união ideal de todos quantos obedecem à lei moral. A Igreja visível é a união para desenvolver essa obediência.. Sua completa realização será o reino de Deus. A contribuição de Karrt à teologia cristã não foi sua interpretação racionalizante de doutri-

iras, mas .sua vindicação dos profundos sentimentos do homem como bases da convicção prática religiosa e comportamento moral. O romanticismo cedo desenvolveu este pensamento em rumo totalmente diferente do de Kant.

A interpretação histórica da Bíblia recebeu um impulso decisivo da parte de Joharin Gottfried von Herder (1744-1803), que na juventude foi amigo chegado de Goethe, e que sofreu, ern eontacto pessoal com JCant, a influência deste, e que foi veemente apoiador do movimento romântico. Desde 1776 até morrer foi pregador da corte em AVeiorar. Seu *Espírito da Poesia ILebréia* surgiu em 1782-1783. Sua *Filosofia da História da Humanidade*, em 1784-1791 A religião, especialmente o cristianismo, é a incorporação do que é mais profundo nos sentimentos da humanidade. As Escrituras devem ser entendidas à luz das idéias c sentimentos das épocas ern que foram escritos os vários livros. São e!es, por conseguinte, essencialmente literatura religiosa. Nas Escrituras devem ser dístinguidos o que é verdadeiro e permanente do temporário e local.

Deste movimento romântico surgiu o teólogo alemão mais influente do início do século décimo nono e cuja obra tem modelado o pensamento religioso muito mais além dos limites de sua terra natal — Friedrich Daniel Ernst Schleiermaeher (1768-1834). Filho de um capelão militar, foi educado pelos moravianos, sofreu a influência das idéias de Wolff e Semler, sendo muito impressionado por Platão, Spinoza, Kant e o romantismo, Em 1796 foi feito capelão hospitalar em Berlim, então centro do iluminismo, e ali publicou, em 1799, seu notável *Discursos sobre a Religião.* Tais discursos eram endereçados aos "desdenhadores cultos" da religião Neles apresentou seus pensamentos fundamentais, profundamente influenciados pelas correntes românticas. Desde 1804 a 1807 foi professor em Tialie. Neste último ano mais uma vez se estabeleceu em Berlim, tornando-se, pouco depois, pastor da Igreja da Trindade. Em 1810, ao ser fundada a Universidade de Berlim, foi nomeado professor de teologia, posto que ocupou até falecer, em 1834. Ern 1821-1822 apresentou suas idéias então maduras em *A Ifé Cristã Segundo* os *Princípios da Igreja Evangélica,*

A significação principal de Schleiermaeher está em que incorporou em seu próprio sistema os resultados dc tendências anteriores, deu à teologia nova base e à pessoa de Cristo um significado em grande parte desconhecido em seu tempo,, A ortodoxia e o racionalismo, ambos fizeram da religião essencialmente a aceitação de

um sistema intelectual e uma externamente autoritária regra de comportamento. Para a ortodoxia, a religião se baseava 1la aceitação das verdades da revelação e na obediência à vontade de Deus, Para os racionalistas, cia o assentirnento da teologia natural e da moralidade universal determinada pela razão. A ortodoxia e o racio ualismo, no século décimo oitavo, consideravam a religião e a moralidade principalmente como meios para assegurar feliz imortalidade. Para Schleieirnaeher, a religião pertence ao reino dos "sentimentos".. Em si mesma, a religião não é um corpo de doutrinas, reveladas ou racionalmente abonadas, nem um sistema de comportamento, ainda que crença e comportamento nasçam da religião.

Schleiennacher tomou muito de Spinoza, Leibniz e Kant. Em nossas experiências percebemos as antíteses do multipli.ee e cambiarrte contra um princípio de unidade e permanência, Essas antíteses nos dão o Absoluto e o Eterno — Deus — sem o qual tudo seria caos; e o mundo, sem o qual tudo seria vazio.. O absoluto está cm tudo. Deus está, por conseguinte, em Seu mundo. O liornem é, em si mesmo, como paia Leibniz, um microcosmo, um reflexo do universo. Em contraste com o que é universal, absoluto e eterno, sente-se imito, limitado, temporário — muna palavra, dependente.. Este sentido de dependência é a base de ioda religião. Lançar uma ponte sobre o abismo entre o universal e o finito, pôr o homem cm harmonia com Deus, eis o alvo de todas as religiões, A valia de cada religião é medida pelo grau de obtenção desse resultado, que é o objetivo de todas. Portanto as religiões não devem ser divididas em falsas e verdadeiras, mas quanto aos seus relativos graus de eficiência, Todos os progressos da religião na história são verdadeira revelação; em algum sentido, uma plena manifestação à consciência humana do Deus irnanente, De todas as religiões já conhecidas pelo homem, o cristianismo é a melhor, pois é a que mais cabalmente alcança o alvo de todas elas. Seus problemas são os mais fundamentais de todas as religiões: pecado *e* perdão, separação e reconciliação.. Nela, a pessoa de Cristo é o elemento central, Ele mesmo é a reconciliação do finito com o universal, do temporal com o eterno, a união de Deus com o homem. É ele, então, o Mediador desta reconciliação.. Eis, pois, que Schleiermacher foi profundamente cristocêntrico. A vida assim unindo o temporal e o eterno - - homem e Deus — agora é imortal. Uma imortalidade no tempo é uma grande esperança, mas a verdadeira imortalidade é urna qualidade de vida mais que uma questão de duração.

As doutrinas são essas experiências religiosas fundamentais de finindo-se c interpretando-se intelectualmente. Mas essas explicações têm apenas valor relati vo e secundário. Têm mudado e podem mudar. São simplesmente as formas pelas quais a verdade duradoura se expressa de tempo em tempo.

Segundo as idéias de Schleíerrriacher, a moral é o resultado da compreensão certa daquilo de que o liomem é parte: família, comunidade, estado, mundo. Urna tão ampla idéia de seu real lugar nessas relações expulsará o egoísmo e o egocentrismo. A moralidade não é religião, nem a religião é moralidade; mas a religião é a amiga indispensável e defensora da moral. Ela faz insistentemente a pergunta — o que deve ser, à luz da consciência cristã?

Sehleiermacher foi condenado pela ortodoxia do seu tempo como muito radical e pelos racionalístas corno muito visionário; mas ninguém tanto influenciou, das maneiras mais diversas, o pensamento religioso nos círculos protestantes no décimo nono século..

O sistema de Karrt continha duas evidentes dificuldades. Negava o poder dos processos intelectuais para dar conhecimento das coisas como são em si mesmas, e não explicava como os processos mentais são necessariamente os mesmos em todos os indivíduos. A filosofia foi desenvolvida na elarificação dessas dificuldades pelo idealismo, sob a influência do romanticismo, por Joharm Gottlieb Fichte (.1762 .1814), Friedrich Wilhelm Joseph vorr Schelling (1775-1854) e principalmente por Georg Wilhelm Friedrich ilegel (1770-1831). F.ste era natural de Stuttgart e educado em Tübingeir. Lecionou em Jeiia, com poucos resultados, de 1801 a 1807. De 1808 a 1816 foi diretor da escola ginasiai de Niirnberg. O ano de 1818 presenciou sua indicação para o professorado em Berlim, onde sua fama cresceu rapidamente até o proclamar o primeiro filósofo de seus dias na Alemanha. Morr eu de cólera, no auge da reputação e atividade, em 1831. Recebeu essa distinção apesar da forma obscura e desinteressante de suas apresentações em classe. Para Hegel, o universo é constante desenvolvimento do Absoluto, isto é, Deus, por meio da luta e do esforço. O Absoluto em Espírito e seu desenvolvimento está de acordo com as leis pelas quais a Mente pensa logicamente em si mesma Isto envolve sempre três estágios: um movimento numa direção - a tese. Continua esta até sua oposição ou sua limitação —- a antítese. Mas as duas são aspectos de um Absoluto, e tese e antítese se juntam numa alta união — a síntese.. Ante a "idéia", a tese, está como antítese a natureza — mas ambas se unem como alta síntese no homem,

que é a conjugação da mente e da matéria . Posto que tudo é Absoluto, desenvolvendo-se de acordo com as leis de todo pensamento, as leis do pensamento são as leis das coisas. E visto que nosso pensamento, enquanto verdadeiro, é um fragmento do Absoluto, dá-nos ele verdadeiro conhecimento das coisas fora de nossas mentes. O mesmo se dá era todas as mentes, já que são parte do Absoluto. Visto sermos porções do Absoluto alcançando consciência, o dever primordial do espirito finito é realizar sua relação com o Absoluto -- tal realização é a religião. Na verdade, a religião pode começar no sentimento, como dizia Schleiermacher; mas, paia ser- verdadeira, deve tornar-se em real conhecimento. Toda religião é uma tentativa paia conhecer Deus, delas o cristianismo é a mais completa realização. Deus sempre está trabalhando por se revelar; entanto esse trabalho deve ser- feito através dos três estágios do desenvolvimento. Assim, o Pai é a unidade divina — a tese.. Ele se objetiva rro Pilho — a antítese. O amor (pie os une é o Espírito Santo — a síntese O processo completo nos dá, a Trindade Assim é a enear nação. Deus é a tese. Distingue-se Ele da humanidade finita — a antítese A união se dá na mais suprema síntese — o Deus-Ilomerrr O sistema de Hegel muito tez para substituir a velha e aguda distinção entre o divino e o humano, o sentido de sua fundamental unidade, tão predominante na teologia protestante do décimo nono século.

A vastidão, o poder e a ingeiruidade da síntese de Hegel grarrjearam-lhe grande popularidade. Seu sistema se tornou o mais influente nos meios filosóficos dos seus dias e fez grande impacto, ern geral, 110 mundo do pensamento. Assim Hegel foi filósofo da religião e rrão teólogo; mas sua maneira de abordar o assunto profundamente influenciou a teologia Suas idéias cedo foram fortemente impugnadas, mas continuaram a atrair intérpretes, especialmente na Alemanha e ııa América, durante a última metade do século décimo nono.

A teoria, do desenvolvimento de Hegel teve importante aplicação no criticismo do Novo Testamento na obra de Fernando Cristiaıı0 Baur (1792-1860), professor em Tübingen. Os traços essenciais de sua interpretação foram esboçados por Baur em sua apreciação dos partidos na Igreja de Corinto, publicada em 1831, e foram subseqüentemente desenvolvidos numa série de brilhantes estudos que conquistaram muitos discípulos, Todo o progresso histórico, percebeu Baur, como percebera Hegel, devia dar-se através dos três está-

gios da tese, antítese e síntese. Serrder (p 238) já ensinara a existência dos partidos petrino (judaizante) e paulino na Igreja primitiva „ Constituíam os elementos da tríade hegeliana. O cristianismo, conforme Baur ensinou, começou essencialmente como judaísmo messiânico. Esta •— a tese foi a posição de todos os apóstolos originais. A inevitável antítese necessária surgiu ---- o cristianismo paulino. As idéias petrina e paulina lutaram até dentro do segundo século, A síntese inevitável veio eventualmente com a Velha igreja Católica, que honrou a Pedro- e a Paulo, estando inconsciente do quanto eles estiveram em séria oposição

O mais debatido uso feito por Baur desta reconstrução da primi tiva história da Igreja foi numa redação dos livros do Novo Testamento. Devem eles revelar as influências dos vários aspectos deste desenvolvimento •— isto é, devem mostrar "tendências". Aplicando este teste, Baur achou somente como germinas epístolas paulinas *Romanos, (iálatas e Coríntios,* pois eram as únicas que apresentavam resquícios do conflito. As demais não revelam tais lutas, devendo, pois, serem datadas posteriormente, quando essas lutas eram já esquecidas histórias. O Apocalipse era anterior e judaizante. Em 1847 Baur voltou às investigações sobre os Evangelhos, e com o mesmo método. *Mateus* revelava tendências judaizantes e era o mais antigo. *Lucas* provavelmente é uma reelaboração do evangelho de Marcião (voh I, p 84).. *Mwcos* procura ocultar o conflito e é posterior, enquanto *João* é não só irênico mas revela familiaridade com as controvérsias da metade final do segundo século. A maior parte do Novo Testamento, pois, foi escrita no segundo século..

A discussão dc Baur encontrou defensores e antagonistas numerosos, Seu final efeito sobre a investigação neotestamentária foi muito frutífero. .Esses debates aumentaram de muito o conhecimento da Igreja primitiva e da sua literatura. Seus resultados, porém, tem sido a melhor resposta às próprias teorias de Baur,. Não tinha ele adequado conhecimento da significação de Cristo no desenvolvimento da Igreja primitiva. De fato, havia diferença importante entre o cristianismo judaico e o paulino; mas reduzir as reações do cristianismo nascente somente a isto é simplismo. Havia muitas outras riuanças diferentes.. Acima de tudo, crescente conhecimento do segundo século e a apreciação de sua atmosfera, impossível ao tempo de Baur, fazem inconcebível que os livras que ele indicou, pelo menos na sua maior parte, tivessem sido escritos naquele tempo. Eles não são de tal época e âmbito mental.

No tempo em que Baur começou seu trabalho, e durante a geração seguinte, os teólogos alemães estavam divididos em três grupos principais Num extremo se encontravam os racionalistas, continuação do tipo do fim do século décimo oitavo Dentre eles ninguém teve maior influência que Heinrich Eberhard Cottlob Paulus (1761-1851), desde 1789 professor de Jena, que passou a última parte de sua longa vida (1811-1844) como professor em Heidelberg.. Inimigo de todo sobrenaturalismo, sua *Vida de desus,* de 1828, é típica da dureza do racionalismo desse período. Ele explica Cristo caminhando sobre as águas como um engano dos discípulos, que O viram no meio da névoa andando às margens do lago. A alimentação dos cinco mil foi possível graças à generosa liberalidade com que Cristo distribuiu o pouco alimento *que* tinha, assim despertando a generosidade dos (pie entre a multidão possuíam maior quantidade. A morte dc Cristo não foi um fato real Reviveu no túmulo, despertado pelo terremoto, retornando aos Seus discípulos

A ortodoxia confessional do modelo mais inflexível teve notável representante em Errrst Wilhelm Ilengstenbcrg (1802-1869), professor ern Berlim desde 1826 até falecer.. De início, esteve sob a influência racionalista, depois foi líder, por: algum tempo, dos meios pietistas. Em 1840 se tornou campeão da ortodoxia luterana.

Entre os dois extremos havia uma escola "mediadora".. Era profundamente influenciada por Schleíermacher, compartilhando de seus cálídos sentimentos cristãos, talvez até mais intensificados, e, corno ele, devotada fortemente ao Cristo pessoal. Entanto estava disposta a aceitar muitos dos resultados da. crítica, especialmente com referência à inspiração e narrativas bíblicas,

O mais influente destes teólogos "mediadores" foi Johann August Wilhelm Neander (1789-1850). De origem israelita, seu nome original era Davi Mendel. O nome pelo qual é conhecido ele o tomou ao ser batizado, ern 1806, para significar seu novo nascimento, Aluno de Schleiermacher, ern Halle, foi pela influência de seu mestre que chegou ao professorado, em Berlim, em 1813, o qual desempenhou com distinção até a data de sua morte Neander voltou sua atenção j)ara a história da Igreja, escrevendo uma série de notáveis monografias.. Em 1826 publicou o primeiro volume de sua *História da Religião e da Igreja Cristã,* obra em que trabalhou até o fim da vida Notável pelo exaustivo uso das fontes, a concepção de Neander da história da. Igreja era a de uma vida divina em

crescente domínio sobre a vida dos homens. Essa vida se manifesta nos indivíduos. Daí que a obra de Neander foi uma série de admiráveis retratos biográficos Sua fraqueza estava na demasiada ênfase sobre a influência dc indivíduos e sua pouca apreciação da vida institucional ou corporada da Igreja Mesmo assim, colocou a história da Igreja sob nova perspectiva Positivamente significativa tanto como seus escritos foi a influência da relação pessoal de Neander com seus alunos e sua infantil e ingênua confiança cristã "O coração faz o teólogo", era uma frase que com freqüência saía de seus lábios e que expressa seu caráter. Poucos homens foram pessoalmente mais prestimosos e mais queridos.

Semelhante influência pessoal teve Friedrich August Gottreu Tholuck (1799-1877), feito professor em Berlim, em 1823, mas que ocupou urna cátedra em Halle desde 1826 até sua morte Simpatizante do pietismo, no entanto aceitava as idéias do cristianismo em muitas coisas Pode fazer Halle voltar-se do racionalismo que a dominava desde o tempo de Wolff para a evangelismo que a caracterizou no décimo nono século Foi pregador distinto. Era sempre bondoso para com os estudantes ingleses e americanos

Terceiro representante importante da escola "mediadora" foi Isaque Augusto Dorner (1809-1884), estudante em Tübingen de 1827 a 1.832 e ali instrutor, em 1834 Depois de prestar serviços em várias universidades alemãs, encerrou sua carreira como professor em Berlim, a partir de 1852 até o arro de sua morte, 1884.. A primeira publicação importante de Dorner foi *Doutrina da Pessoa de Cristo*, de 1839. Sua teologia completa foi formulada totalmente no fim da vida, cm *Sistema da Doutrina, da Vê,* 1879-1881, Teologia e filosofia são consangüíneas, mas se incorporam num progressivo desenvolvimento histórico. A crença cristã encontra assim sua confirmação na consciência cristã, a qual, por sua vez, reconhece a validade da experiência espiritual registrada nas Escrituras e tem tido sua progressiva clarificação na história cristã. A doutrina central do cristianismo é a encarnaçao. Nela Cristo é a revelação do que é Deus e do que o homem pode ser — Cabeça da humanidade. Dorner teve muita influência na Grã-Bretanha e na América.

A "escola mediadora", por motivo de sua férvida fé cristã e sua parcial ainda que canta aceitação das posições críticas, teve não poucos segrddores no mundo cristão. Sua mediação, entretanto, não foi capaz de participar nas revoluções intelectuais do século décimo nono, e na Alemanha arduamente sobreviveu a seus principais líderes, quando outras posições vieram a dominar.

O livro que mais época fez no desenvolvimento teológico alemão- surgiu em 1835, mas não dessa escola e sim de um jovem erudito de vinte e sete anos, da Universidade de Tübingen, David Priedrich Strauss (1808-1874). Strauss se familiarizara com a filosofia hegeliana. Era também conhecedor das primeiras posições de Baur. Estava, ainda, a par da interpretação mítica que o estadista e historiador Barthold Georg Niebuhr (1776-1831) fizera da primitiva historia de Roma Ele aplicou esses princípios à vida de Cristo, Estava longe de negar que muito da vida de Jesus se podia, conhecer; mas ela devia ser considerada, no entretanto, como transcorrendo totalmente no terreno humano, corno outros eventos históricos.. Das fontes do Evangelho ele considerava a que leva o nome de *João* como a mais afastada no tempo e a de menor valor histórico E assim se apartava muito dos eruditos de logo antes dele, notadamente Schleiermaeher, que preferira *João* a outros. Strauss dava o primeiro lugar a *Matem,* mas nenhum dos evangelistas foi testemunha ocular Os milagres são impossíveis, entanto os Evangelhos estão cheios deles. As interpretações racionalistas comuns, como as de Paulus (p 247), são ridículas; as afirmações dos ultra-racionalistas, como Reimarus (p 235), contadas com o intento de ludibriar, são impossíveis A única explicação adequada é que os fatos simples, naturais da vida de Cristo estão recobertos de mito.. Os homens daquele tempo esperavam um Messias -que fizesse maravilhas; aguardavam o cumprimento das profecias do Antigo Testamento; tinham grandes idéias verdadeiras, como a de que a raça humana é em parte divina e ern parte humana e que se eleva sobre a morte pela união com Deus.. Estas coisas foram atribuídas ou consideradas corno personificadas em Cristo. Jesus existiu; ruas o Cristo do Novo Testamento é, portanto, essencialmente, em todos os Seus característicos sobre-humanos, criação mitológica.

O livro de Strauss suscitou enorme controvérsia Atacava as opiniões de todos os partidos alemães contemporâneos: ortodoxos, racionalistas de todos os matizes e teólogos "mediadores". Enfrentou inúmeras acusações.. Foi privado de qualquer cargo teológico e viveu amarga existência. Entretanto, sua obra colocou a investigação da vida de Cristo em novo plano, respondeu conclusivamente aos velhos racionalistas, e as discussões que provocou foram produtivas para a erudição religiosa. Duas críticas fundamentais ao seu trabalho têm-se mostrado esjre ciai mente eficazes. Ou a Igreja criou o que é importante na figura de Cristo, embora inconscieirtemente, ou Cristo é a* fonte da Igreja. Se Strauss e os que compartilham

sua posição essencial estão certos, a primeira conclusão é verdadeira — mas graves teólogos eruditos acham a outra preferível, A interpretação histórica puramente humana da vida de Jesus não tem levado à feitura de uma figura realmente plausível, (pie se possa manter por muito tempo. Albert Schweitzer (1875-1965), em seu famoso *À Procura do Jesus Histórico* (1910) demonstrou como tais esforços terminam em fracasso.

A mais potente influência tanto na teologia como na interpretação da história da Igreja primitiva, na Alemanha da segunda metade do século décimo nono, foi Albrecht Ritschl (1822-1889), pioneiro do liberalismo e teólogo de valor moral Ao tempo em que as perspectivas de Sehleiermacher e Hegel perdiam seu poder apelativo, os esforços de Ritschl visavam a formar uma nova síntese apologética entre a fé cristã e o novo conhecimento trazido pela erudição científica e histórica. De início discípulo da escola de Baur, *rompeu com* suas principais asserções quando publicou a segunda edição de *Origem da Antiga Igreja Católica,* em 1857. A tese hegeliana petrina e' a antítese paulina de Baur não são explanações adequadas do crescimento da Igreja primitiva. Havia diferenças, mas todos os partidos tinham uma unidade fundamental maior no reconhecimento do senhorio de Jesus Não é possível resolver as diferenças do cristianismo primitivo em dois partidos profundamente antagônicos. Havia muitas nuarrças de opinião. O cristianismo não veio a um mundo vazio, mas tomado de idéias religiosas, filosóficas *e* institucionais. Por estas idéias, principalmente entre os gentios, as verdades primitivas do cristianismo foram profundamente modificadas, resultando na teologia e instituições da Velha Igreja Católica.. Ritschl defendeu o pleno uso dos instrumentos da crítica histórica de modo a acompanhar totalmente a comunidade primitiva cristã e o Jesus histórico, Acentuando a central idade de Jesus e a natureza da Igreja do primeiro século, Ritschl conseguiu muitos seguidores entre estudiosos protestantes, tanto na Europa como rra América.

Ritschl começou a ensinar na Universidade de Borm, emr 1846. Em 1864 se tornou professor em Gõttíirgen, onde ficou até o fim da vida. Ali publicou, entre 1870-1874, sua principal obra teológica, *A Doutrina Cristã da Justificação e Reconciliação.* Teve ele poucos discípulos pessoais, mas a propagação influente de seus escritos foi grande.

Ritschl estava muito influenciado pela afirmação de Kant do sentimento moral corno base da certeza prática c a negação do

conhecimento intelectual absoluto, e pela asserção de Sclrleiermacher de que a consciência religiosa é o fundamento da convicção Porém a afirmação de Scbleiermacher do valor normativo da consciência religiosa era, no seu entender, por demais individual. A verdadeira consciência não é a do indivíduo, mas a da comunidade cristã, a Igreja Essa consciência não é fonte de conhecimento especulativo abstrato. Tem de ver com relações eminentemente práticas, pessoais —- as de Deus e a comunidade religiosa — pecado e salvação Dai que a teologia filosófica pode dar, como com Aristóteles, uma "causa primeira"; mas está longe de ser um Pai amoroso. Tal revelação prática é-nos feita somente através de Cristo. Essa revelação nos chega por intermédio da consciência dos primeiros discípulos Eis por que o Antigo Testamento, mostrando sua base religiosa, e dc modo especial o Novo Testamento, registrando sua consciência de Cristo e Seu Evangelho, são de supremo valor,. Para investigar a consciência religiosa registrada no Antigo e nu Novo Testamentos, não é preciso alguma teoria da inspiração, apenas a investigação histórica normal

Ainda que Ritschl assim rejeitou a metafísica como auxiliar da verdade cristã, êle usou bastante de uma, teoria do conhecimento advogada pelo filósofo Rudolf Hermanii Lotze (1817 1881) Com Kant, Lotze mantinha que se é fato que as coisas não podem ser reconhecidas tais como são cm si mesmas, as conhecemos verdadei ramente em seus atributos ou atividades., Um pavimento de ladri* lhos me é conhecido, e de fato conhecido, como uma calçada. Para as formigas, cujos rnontículos dc terra se erguem entre os ladrilhos, pode ser uma casa. O que é abstrato ou em si mesmo, não tenho meios de saber. Se esse conhecimento em seus atributos afeta meu comportamento, é um "juízo dc valor", Assim Ritschl dizia que *para* aqueles que entraram *cm* eontacto com Ele na primeira comunidade cristã, Cristo era verdadeiramente uma revelação do que Deus é em amor, o modelo do que o homem deve ser, o por tador da autoridade moral de Deus sobre os homens, e o fundador do reino de Deus. Como tal foi Ele verdadeiramente conhecido., Mas perguntar se era preexistente, se tinha duas naturezas, se era uma pessoa da Trindade, era formular urna pergunta a que a experiência da Igreja primitiva não podia responder e que somente a metafísica podia afirmar ou negar Esse reconhecimento do que Cristo é e significa, desperta fé no homem, o que é confiança e amor em Deus através de Cfisto., Essa nova atitude é acompanhada pelo perdão

c: eliminação do pecado, pecado que constituí uma barreira entre o bom em c Deus - justificação. **E** a nova relação se expressa era desejo de fazer a vontade de Deus e viver a vida do reino — reconciliação, A vida cristã é essencialmente social, daí Redentor, redimido e comunidade redimida são conceitos inseparáveis.. O Evangelho é uma elipse com dois focos: justificação e reconciliação e o reino de Deus. Acreditava Ritschl que na atual história da Igreja isso não fora mais claramente formulado cio que por Lutero.

Entre os preeminentes seguidores de Ritschl se contavam Wilhelm líçrmann (1846-1922) e Adolf vou Harnack (1851-1930). Hermann, professor de teologia em Marburgo, foi guia exponencial da teologia liberal. De maior influência no liberalismo foi Harnack, de Berlim, príncipe dos historiadores da Igreja, Sua obra mais importante foi *História do Dogma*, que apareceu numa edição inglesa de sete volumes, entre 1894 e 1899 Sua obra, *Que. é Cris:• liamsmo?* (1901) foi uma exposição clássica da avançada teologia liberal O espírito dos acompanhantes de Ritschl, com sua ardente piedade e devoção à verdade, esteve muito em voga na Alemanha, Inglaterra e América nos anos finais do décimo nono e nos iniciais do vigésimo século

Na década de 1890, no entretanto, as teses de Ritschl foram impugnadas pela escola da "história das religiões", Esta escola procurou universalizar o princípio histórico h religião, colocando o cristianismo em seu contexto com as outras religiões do antigo Oriente Próximo,. O que Ritschl fizera eficazmente traçando o *desenvolvimento* histórico da doutrina cristã ela procurou fazer com os *começos* do cristianismo, acusando-o de provincialismo em não seguir totalmente seus próprios métodos.. Seu expoente mais distinto foi Ernesto Troeltseh (1865-1923). Sua obra histórica foi brilhante, especialmente'seu *Ensinos das Igrejas Cristãs* (1912) mas o relativismo da escola *ReligionsgesckickUiche* contribuiu para a crise do liberalismo.

10

O PROTESTANTISMO INGLÊS NO SÉCULO XIX

A vida religiosa inglesa nos anos iniciais do século décimo nono estava dominada pelo despertamento espiritual do reavivamento evangélico, o que levou muitos a se separarem da Igreja estabelecida (p 214). Nessa Igreja, o reavivamento do zelo foi representado peto partido evangélico, que no século décimo nono sc tornou o partido da Igreja baixa, em oposição ao esforço visando a reviver a alta Igreja. Os evangélicos, como os metodistas, estavam ativamente entregues a obras de atividade prática e missionária (p 223). Os anglicanos evangélicos aumentavam de importância cru assuntos eclesiásticos e alcançaram seu primeiro bispado em 1815 Pelo meio do século formavam o partido líder chi Igreja, sendo muito forte entre os leigos. Mas o século décimo nono presenciou o surgi merrto de um novo movimento liberal, o da Igreja ampla e o reavivamento da alta Igreja.

O liberalismo eclesiástico (broad-chureh), com seu progresso, trouxe insatisfação para com as usuais formulações teológicas Intelectualmente, todos os partidos da Igreja da Inglaterra, no inicio do século, repousavam na base das discussões deveras provincianas do século anterior. A teologia era encarada na mesma forma racionalista - • um sistema de demonstração intelectual, ou de revelação autoritária, ou ambas combinadas. Novas forças intelectuais, no entanto, faziam sentir suas agitações A poesia inglesa floresceu magnificamente no dealbar do século. O romauticismo, tão forte como na Alemanha (p 239), estava começando a produzir urna atmosfera intelectual inteiramente diversa daquela da época precedente. As novelas de Sir **AValter** Scott são exemplos conhecidos desta nova situação.. Desenvolvia-se urr novo humarrítarismo, larga mente devido ao reavivamento metodista, que se haveria de manifestar em múltiplos movimentos reformistas Seguramente todas as tendências afetariam o pensamento teológico e os ideais religiosos.

Provavelmente a força mais estimulante no pensamento religioso do primeiro quartel do século décimo nono foi Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), eminente poeta, crítico literário e filósofo. Suas primeiras simpatias foram pelo neoplatonismo, mas, estudando na Alemanha em 3798-1799, foi levado a se relacionar não apenas com os mestres da literatura germânica mas com o pensamento de I\ant, Fíchte e Sclielling e com um panorama filosófico então bastante desconhecido na Inglaterra Coleridge jamais formulou um sistema perfeito. Sua obra de mais valor, *Auxílios à Reflexão,* surgiu em 1825. Contra a racionalização de Paley, afirmava uma distinção entre "razão" e "entendimento". Para ele, a razão era um poder dc percepção intuitiva, uma "contemplação interior", pela qual são as verdades religiosas diretamente percebidas Esta "razão moral" tem a "consciência" como sua associada, que é um mandato incondicional, e tem como postulados seus a lei moral, um legislador divino e uma vida futura, A certeza religiosa está baseada não em provas externas mas sobre a consciência religiosa Eis por que já foi ele chamado o "Schleiermacher inglês"., Sob muitos aspectos, Coleridge foi o precursor da maneira liberal eclesiástica de pensar,. Entanto, por sua ênfase sobre a Igreja corno instituição divina, mais elevada e mais nobre do que algo "estabelecido por lei", preparou o caminho para o partido da alta Igreja..

A obra de Coleridge ern seus aspectos religiosos foi continuada por Thomas Arnold (1795-1842), que, em 1825, começou seu famoso magistério em Rugby. Homem de profunda e simples fé cristã, muito ajudou seus alunos. Em suas idéias muito se assemelhou a Herder (p 242) À Bíblia é uma literatura que deve ser entendida à luz do tempo em que foi escrita, ruas, no entretanto, sua divina verdade nos alcança,.

A crítica bíblica fói impulsionada de forma muito moderada, por Henrv Art Milman (1791-18(18), deão da catedral de S Paulo, Londres, desde 1849, por sua *História de Jesus*, de 1829. Nela usa métodos críticos empregados eom referência ao Antigo Testamento. Sua obra mais valiosa foi *História do Cristianismo Latino*, de 1855..

Mesmo não querendo ser contado entre os da escola de liberalismo eclesiástico, John Frederiek Denilson Mauric.e (1805-1872) deveras contribuiu para sua expansão Filho de um ministro unitário, aceitou a Igreja estabelecida e se tornou capelão do Hospital Guy, em Londres. Em 1840 foi nomeado para uma cadeira em King's Coilege, da qual foi retirado por suas idéias, em 1853 Um

ano depois .fundou o Colégio dos Trabalhadores, e foi útil ao estabelecimento de um movimento socialista cristão. Em 1866 foi nomeado professor em Carnbridge, Segundo o pensamento de Maurice, Cristo é o Cabeça de toda a humanidade» Ninguém está sob a maldição de Deus. Todos são filhos que de outra reconciliação não necessitam além do reconhecimento de sua filiação, com o amor e o serviço a que tal reconhecimento naturalmente leva. Presumivelmente todos, por fim, serão levados ao lar dc Deus e ninguém se perderá para sempre.

Não muito dessemelhante de Maurice em sua teologia, mas principalmente grande pregador, foi Frederick. William Robertson (1816-1853). Educado sob a influência evangélica, enfrentou um período de intensa perquirição e passou à posição eclesiástica Liberal De 1847 até sua prematura morte foi ministro em Bri.ghtorr No século passado, sermões ingleses nunca tanta Influência exerceram em ambos os lados do Atlântico quanto os dele A verdade espiritual deve ser discernida espiritualmente, mais que comprovada intelectualmente. A nobreza da humanidade de Cristo atesta Sua divindade e leva à crença.

Muita influência na difusão das opiniões liberais derivou de Charles Kingsley (1819-1875), reitor de Eversley e que era novelista, e dc Alfred, Lorde Temryson (1809-1892), cujo *In Memória,m*, de 1850, é por inteiro um poema liberal. De igual modo devem ser reconhecidos Arthur Penrlryn Stanley (1815-1881), deão de Westminster, e Frederic "William Parrar (1831-1903), deão de Carrtuária. Grande comoção causaram em 1860 os *Ensaios e Estudos,* nos quais um grupo de eruditos de Oxford procuravam apresentar o cristianismo à luz da ciência c do critielsmo histórico contemporâneo e, ainda, o processo de John William Colenso (1814-1883), bispo de Natal, África, por sua crítica do Pentateuco, publicada em 1862. Importante contribuição à erudição bíblica foi feita por três eruditos de Cambridge, Brooke Poss Westcott (1825-1901), Joseph Barber Liglitfoot (1828-1889) e Penton John Anthony Hort (.1828-1892). A crítica do texto grego do Novo Testamento de "Westcott e Hort, publicada em 1881, depois de cerca de trinta anos de estudioso labor, se tornou padrão. O liberalismo eclesiástico nunca foi, no entanto, estritamente falando, um partido. O número dos liberais não era grande, mas sua influência sobre o pensamento religioso inglês foi enorme..

Movimento altamente significativo, profundamente devoto e intensamente autoconsciente dentro da Igreja da Inglaterra, neste

período, foi o de Ox Torci ou Tratarjarro. Fora dele surgiu o partido angio-católíco, Referido movimento deu nova vida e direção à tradição da alta Igreja, que se tornara um tanto árida. Nos primeiros anos do segundo quarto do século décimo norro houve várias importantes brechas nos privilégios exclusivos da Igreja estabelecida. Os Atos de Prova (p 156) e Corporação foram abolidos em 1828 Os católicos romanos puderam, então, ser eleitos para a Câmara dos Comuns e para a maioria dos cargos públicos, em 1829 A revolução de julho de 1830, na França, estimulou a reclamação de reformas na representação parlamentar, as quais vieram a triunfar após acirradas lutas, em 1832 Assim o poder' foi grandemente transferido dos senhores da .pequena nobreza para a classe média, deste modo aumentando a influência nao-conformista. Para muitos clérigos conservadores pareceu que os alicerces da Igreja e do Estado estavam sendo abalados. E se dispuseram a levantar a questão da natureza da Igreja, fi uma instituição divina essencialmente inalterável, ou pode ser alterada, corno muita vez ocorreu depois da Reforma, por determinações governamentais? A forma que sua resposta tomou seria deter minada, em grande parte, pelo romântico reavivamento do interesse para com o primitivo e o medieval

Durante essas discussões vários clérigos jovens, bastante ligados com o Oriel College, Oxford, foram levados a dar os passos que inauguraram o "Movimento de Oxford", como geralmente é chamado Provavelmente o mais influente do grupo, enquanto sua breve vida não findou, foi Richard Ilurrell Froude (1803-1836). Para ele, a Igreja está de posse da verdade e de importantes elementos, mas esse primitivo dote foi repudiado pelos reformadores. Pareciam-lhe imperiosos o reavivamento do jejum, do celibato clerieal o a reverência pelos santos e "usos católicos". Intimamente associado com Froude estava um homem que era grande pregador e de habilidade intelectual, cujo preparo inicial foi evangélico, mas que viera a compartilhar dos sentimentos de Froude, era ele John llenrv Newman (.1801-1890). O terceiro do grupo de Oriel foi John Keble (3792-1866), de ascendência "nonjuror", e já conhecido corno autor do volume mais popular de poesia religiosa, publicado' no século décimo norro, *O Ano Cristão,* 1827.. Cordialmente simpatizava com o movimento um erudito de Cambridge, Iluglr James Rose (1795-1838), fundador do *fíritük Magazine,* em 1832, para incrementar' a fé. na autoridade divina e invaiiabilidade da Igreja. Para todos eles o curso dos recentes fatos políticos parecia ameaça-

dor. O começo formal do movimento é geralmente associado com o sermão de Keble em Oxford, a 14 de julho de 1833, ou "Apostasia Nacional", Em setembro desse ano Keble formulou os princípios que ele e seus companheiros afirmavam O *meio* para a salvação é a *recepção* do corpo e sangue de Cristo na Eucaristia, a qual só é valida.me.nte administrada pelos que possuem sucessão apostólica. É este um tesouro da Igreja •—• Igreja que deve ser restaurada em todas as formas à pureza dos seus antigos séculos indivisos.

No mesmo mês Newman iniciou a publicação dos famosos *Tratados para os Tempos*, e que deram o nome de "Tratariano" ao movimento que alimentaram. Em 1835 estes associados conseguiram o apoio de alguém que, junto com Newman, e sozinho após a retirada deste, seria o líder, Edward Bouverie Pusey (1800-1882).. Homem de grande zelo e piedade, Pusey esteve tão ligado ao movimento anglo-católico que se tornou o chefe, daí ser também denominado "puseísmo". Para ele, era o reavivamento do cristianismo primitivo.

Desses *Tratados,* dos quais noventa foram publicados, Newman, escreveu vinte e três, Pusey e Fraude, juntamente com outros, também colaboraram. Para Newman, a Igreja da Inglaterra era a ponta áurea, a *via média,* entre o protestantismo e Roma. Mas à medida que a série ia aparecendo, os escritores enfatizavam cada vez mais aquelas doutrinas e práticas que, ainda que certamente antigas, são popular mente identificadas com Roma. Assim, Pusey ensinou a natureza regerreradora do batismo e o aspecto sacrificial da ceia do Senhor. A confissão era recomendada. No uso da Bíblia e na proclamação das verdades religiosas devia haver reserva.. Foi o nonagésimo *Tratado,* de autoria de Newman, ern 1841, que levantou a maior controvérsia.. Newman afirmava que os Trinta e Nove Artigos não procuravam ensinar outra coisa além da fé católica e não estavam era conflito com o genuíno catolicismo romano, mesmo em sua forma tridentina.. Poucos eruditos ou clérigos podiam aceitar esta interpretação, que parecia evidentemente má, e o bispo de Oxford proibiu a continuação dos *Tratados,*

Newman estava no ápice de sua influência quando foi publicado o *Tratado Noventa,* O movimento anglo-católico contava centenas de seguidores entre o clero. Newman, no entanto, tinha duvidas sobre a sua eatolieidade e a 9 de outubro de 1845 se submeteu a Roma. Centenas de clérigos e leigos o seguiram na comunhão romana, dentre os quais o mais distinto foi Henry Edward Mannirrg (1808-

1892), que passou para Roma em 1851, e foi feito cardeal em 1875. Grande excitarão foi causada cm 1850 pelo restabelecimento na Inglaterra, pelo Papa Pio IX, do episcopado diocesano, vago desde a Reforma.. Manning se fez apoiador ultrarnontano extremado das pretensões papais, diferindo de Ncwman que foi sempre moderado e que, mesmo sendo o mais eminente dos ingleses católicos romanos, só chegou ao eardinalato em 1879.

Estas passagens para Roma terminaram o 'Movimento de Oxford como tal, mas o partido anglo-católico emergiu dessa tempestade sob a capaz liderança de Pusey, e de modo rápido assumiu importante papel dentro da Igreja Estabelecida. Como suas modificações doutrinárias foram aceitas, prcocupou-se cada vez mais com o "enriquecimento" da liturgia pela introdução de usos que o protestantismo abandonara. Essas mudanças encontraram muita oposição popular e legal, mas as modificações desejadas pelos ritualistas foram largamente asseguradas- Observando alguém o movimento anglo-católico errará se não reconhecei' seu profundo zelo religioso. Não somente ele trouxe nova ênfase católica ao culto e à teologia da Igreja, mas também demonstrou genuína dedicação aos pobres, aos abandonados e aos sem Igreja. E muito tem feito para reconquistar o impacto da Igreja sobre as classes inferiores. Em 1860 foi organizada a União da Igreja Inglesa para apoiar a fé e a prática da alta Igreja e expandir a influência deste significativo despertamento dentro da Igreja da Inglaterra.

A Igreja estatal protestante irmã da Irlanda, sempre uma anomalia pois o gpverno sustentava uma Igreja da minoria da popu lação, perdeu a posição de estabelecida em 1869., Sua marcha, porém, não foi muito alterada pela mudança.

O décimo nono século foi mareado por firme expansão e crescente proliferação do hão-conformismo, para o que a influência evangélica foi forte. Provavelmente no começo do século o número de ativos não-conformistas ultrapassava o de anglicanos praticantes. O rnetodismo, por exemplo, aumentou de quatro vezes de 1800 a 1860, ainda que tenha perdido gente com as facções cismáticas. Outros grandes e crescentes corpos não-conformistas foram os congregacionais e os batistas, enquanto quaeres e unitários permaneceram corno pequenas minorias e o presbiterianismo foi reavivado principalmente pela migração da Escócia. O esforço não-eorrformista se dirigiu às classes médias.. Ele produziu pregadores de grande poder e possuiu seus eruditos e trabalhadores sociais, mas

em erudição e trabalho entre os sem igreja foram menos irnportan tes que a Igreja da Inglaterra.

De grande importância na vida inglesa foi a firme diminuição das ímbilitações que pesavam sobre os não-conformistas Em 1813 os unitários foram beneficiados pela abolição de atos penais contra os negadores da Trindade Os Atos de Prova e Corporação caíram em 1828. Prri 1836 foi permitido realizar casamentos em lugares de culto dissidente. Os não-conformistas livraram-se das taxas em benefício do estabelecimento em 1868-1871. Em todas as provas reli giosay, exceto para os cursos de teologia, foram abolidas iras Universidades de Oxford, Carnbridge e Durham. Em 1880 foram permitidas encoinendações não-conformistas em prédios das igrejas.

Na última metade do século aproveitaram-se os não-conformistas do que, por vezes, tem s'do chamado "Segundo Grande Desper tainmto Evangélico" e cujo principal característico foi dado pelo evangelista americano Dvvight L.. Moody (1837-1899). Os anglicanos evangélicos dele também se beneficiaram; seus centros em Mildmay e Kesvvick os auxiliaram.,

Nesse século não somente se expandiram como também houve ertre eles o surgimento de novas organizações Três movimentos tím interesse especial Edward Irving (1792-1834), cm Londres, era eloqüente pregador e algo místico dentro do presbiterianismo çscocês Aí por 1828 se persuadiu de que os "dons" da era apostólica podiam ser restaurados se houvesse fé suficiente.. Ainda que não os reclamasse para si, dois aros depois creu que suas esperanças estavam se cumprindo em outros. Em 1832 foi deposto do ministério presbiteriano. Pouco depeís, surgiu a convicção de que seis apóstolos tinham sido chamados para profetizar, e cm 1835 o número foi elevado para doze. Essa organização tomou o nome de Igreja Católica Apostólica Pm 1842 fo" preparado um ritual muito elaborado. Os apóstolos foram considerados como instrumentos do Espírito Santo. Durante muito tempo foi aguardada a iminente vinda de Cristo, mas o último apóstolo morreu em 1901.. Na Alemanha e nos Estados Unidos essa Igreja foi difundida.

Outro movimento surgiu corno reação contra a falta de espiritualidade na Igreja Estabelecida, nos primeiros anos do século. Reuniram-se na Irlanda e Oeste da Inglaterra grupos de "irmãos" dizendo que os únicos vínculos entre eles eram a fé e o amor cristão. Seu considerável crescimento nos arredores de Plymouth, por volta de 1830, foi devido ao empenho de John Nelson Darby (1800-1882),

ex-clérigo da Igreja da Irlanda (anglicana) São geralmente de no minados "Irmãos de Plymouth". Julgam eles que todos os crentes são sacerdotes e, daí, devem ser rejeitados todos os ministérios for- mais. Os credos devem ser abolidos. O Espírito Santo guia todos os verdadeiros crentes e os une na fé e no culto segundo o modelo apostólico. Ainda que declaradamente rejeitem todo denominacio . nalisrrro, os "irmãos" se viram compelidos, dentro em pouco, a criar atos de disciplina e estão divididos em não menos de seis grupos. Darby foi um propagandista infatigável Pelos esforços dele os "irmãos" foram implantados na Suíça, Prança, Alemanha, Curada e nos Estados Unidos. Entre seus preeminentes aderentes se contou George Müller (1805-1898), cujos interessantes orfanatos era Bri st ol foram sustentados, segundo sua própria opinião, x)ri ne fPa'üiei: de pela resposta direta às orações; e Samuel Prideaux Tregelles (1813-1875), eminente estudante do texto grego do Novo Testamento

A mais importante destas novas organizações foi o Exército da Salvação. Seu criador, William Booth (1829-1912), era minis- tro da Nova Conexão Metodista e, depois de bem sucedida obra de reavivamento em Oardiff, iniciou trabalho semelhante em Londres, em 1864. Disso resultou, em 1878, uma organização de aspecto militar, que recebeu o nome de Exército da Salvação, em 1880. Sempre engajado decididamente na filantropia prática tanto quanto no evangelismo de rua, a obra filantrópica se desenvolveu em grande escala de 1890 em diante, quando Booth publicou *Na Trevosa Ingla), terra* e o *Caminho da Libertação.* Apesar de sua forma militar': autoerática, o Exército da Salvação ê, sob vários aspectos, uma; Igreja, Acusado de ocasionais arbitrariedades, tem feito imensa! obra beneficente a favor dos defeituosos e delinqüentes e tem abran-; gido todos os países de língua inglesa, assim corno a Erança, Alemã-, nha, Suíça, Itália, país,es escandinavos e Oriente,

Na última metade do século décimo nono, a cristandade brita; nica de várias denominações e tradições se tornou mais interessada com referencia aos agudos problemas sociais da época. De há muito os evangélicos estavam envolvidos em atividades caridosas e movi mentos reformistas, enquanto clérigos como Maurice e Kingsley foram pioneiros do socialismo cristão desde o meio do século, Mas ao se aproximar o fim da eeirjrria, foi surgindo amplo interesse por justiça e direitos sociais. Nos meios anglicanos foi fundada, era 1889, a União Social Cristã, sob a liderança do Bispo Westcott, Ilenry Seott Ilolland (1847-1918) e Charles Gore (1853-19321.

Fortemente anglo-eatólica no seu aspecto, lutou por aplicar as verdades morais do cristianismo aos problemas sociais e econômicos.. Nos círculos não-conformistas o interesse social se manifestou especialmente na atividade política liberal. A "consciência não-conformista" se tornou força ponderável na vida inglesa Suas vozes mais audíveis foram a do corrgregacioualista Robert Williairr Dale (1829-1895), de Birminghan, e a do metodista Huglr Price Hughes (1847-1902), de West Londoru

Corno na Inglaterra, também a história do cristianismo escocês no décimo nono século começou com um despertamento espiritual. Ainda como rra Inglaterra, a reação contra a Revolução Francesa, o surgimento do romanticismo e a generalizada revolta contra o racionalismo do século décimo oitavo preparou o caminho para o reavivarriento ao norte do Rio Tweed. Os primeiros líderes do despertamento foram Robert (1764-1842) e James Alexandre (1768-1851) Ha.ld.ane, leigos que se tornaram ativos evangelistas e organizadores de sociedades promotoras de reavivamentos. Thomas Chalrners (1780-1847) foi o vulto mais preeminente do partido evangélico, a partir de 1815, quando iniciou seu memorável pastorado em Glasgow. Foi pregador notável, reformador social, matemático, professor de teologia e dirigente religioso, Sob sua liderança e na transformação do espírito da época, o partido evangélico cresceu rapidamente em poder. Dirigida por Chalrners, realizou-se grande campanha para atender às necessidades da crescente população escocesa Seu resultado, em 1841, foi a ereçao de duzentas e vinte novas igrejas por meio de doações populares, A velha questão do patronato ainda continuou fervendo. Em 1848 o crescente partido evangélico conseguiu a aprovação pela. Assembléia Geral de uma lei de "veto" pela qual os presbíteros eram proibidos de instalarem um ministro quando a maioria da congregação fosse contrária. Tal lei logo provocou controvérsias legais. Os tribunais disseram que a Assembléia Geral exorbitara de suas atribuições. Foi pedido o apoio do parlamento, que o negou. Daí, então, sob a chefia de Chalrners, cerca de quatrocentos e setenta e quatro ministros se retiraram da Igreja estatal, em 1843, e fundaram a Igreja Eivre da Escócia. Abandonaram paróquias e salários. Tudo deveria ser refeito, entanto o entusiasmo e o espírito de sacrifício da nova organização corresponderam ao desafio. Em geral, foi uma separação do elemento evangélico dos já então consideravelmente modificados mas menos zelosos e espirituais "moderados"- Da Igreja do Estado, assim se

separava uma terceira parcela, e a mais ativa., No entanto, o exemplo dos separatistas de fato influiu no despertamento do zelo na própria Igreja estatal. Em 1874, por lei foram abolidos os direitos do patronato, origem das divisões.

O vigor do evangelismo britânico se refletiu tanto na Igreja Estabelecida como nas rrão-eorrformistas na grande onda missionária do protestantismo do século décimo nono. Os evangélicos de língua inglesa tiveram a iniciativa das missões protestantes no fim do século décimo oitavo, iniciativa que se prolongou pelo "Grande Século"[1] da expansão missionária protestante. A rápida expansão das missões no estrangeiro no décimo nono século levou o protestantismo praticamente a todas as nações da Terra, fazendo-o universal. Essa expansão missionária teve como centro a Inglaterra, vindo os Estados Unidos logo após. Seu início ao apagar das luzes do século décimo oitavo foi já assinalado (p 224) „ No decorrer do seguinte século a cruzada cresceu firmemente em extensão e complexidade, e continuaram as agências missionárias dos mais variados tipos.

O movimento foi dirigido por um grupo de famosos missionários pioneiros, seguidores do exemplo de William Carey, o primeiro dos missionários modernos. Eram eles originários principalmente da Grã-Bretanha, e se dirigiram àquelas regiões do mundo onde o império britânico possuía territórios,, Na índia, o anglicano Ilenry Martyn (1781-1812), com seu esforçado trabalho missionário, consumiu sua vida moça. O primeiro missionário da Igreja da Escócia, Alexander I)uff (1806-1878), se devotou especialmente â obra educacional, procurando atrair as classes cultas indianas, Samuel Marsden (1764-1838), outro anglicano de formação evangélica, por mais de quatro décadas lidou por implantar o cristianismo na Austrália, Nova Zelândia e ilhas do Pacífico. Na África, Kobert Moffat (1795-1883) e David Livingstorre (1813-1873), escocês a serviço da Sociedade Missionária de Londres, levaram o Evangelho a esse continente Essa mesma sociedade também enviou Robert Morrison (1782-1834), em 1807, como o primeiro missionário protestante à China,. Os trabalhos desses heróicos pioneiros de início rrão parece tenham produzido muitos resultados — sua incumbência era abrir

(1) O termo foi popularizado pelo proeminente historiador de missões, Kennelli Scott Latourette Na sua obra de sete volumes, *A Ihstory of Erptmsion of Christianity* (Nova York, 19-37-45), ele toma três volumes para chegar até 1815, e então três para cobrir o período 1815-1914, o "Grande Século."

as portas, fundar escolas e pontos de apoio e, acima de tudo, traduzir as Escrituras. Foram seguidos, porém, por centenas de outros missionários. Com o decorrer do século, outras terras foram abertas aos esforços protestantes -— Japão, Coréia, Filipinas. A todos esses lugares levaram os missionários não apenas o Evangelho mas também a literatura ocidental e seus métodos educacionais, hospitais e conhecimentos médicos modernos e, ainda, melhoraram as técnicas agrícolas e de silvicultura.. Tais sociedades missionárias denominaeioriais se transformaram cm vastas agências com grandes e complexos quadros de funcionários. Note-se, porém, que houve também "fé missionária" uão denorninaeional, tal como a Missão do Interior da China, fundada em 1865 por J, Iludson Taylor (1832-1905). Pelo término do século, geralmente pequenas mas significativas minorias protestantes já existiam em vários países que antes não conheciam o testemunho desse ramo do cristianismo Especialmente na índia e na China essas minúsculas comunidades protestantes foram importante fermento de rápidas transformações culturais. Os esforços missionários alteraram o mapa religioso do mundo e alargaram sobre ele a influência do evangelismo de língua inglesa. For intermédio desse esforço foram estabelecidas as assim chamadas "Igrejas Jovens", igrejas nacionais em terras não cristãs.

10

O PROTESTANTISMO CONTINENTAL NO SÉCULO XIX

Aquilo que, provavelmente, foi de maior significação no protestantismo continental no décimo nono século — os movimentos do pensamento cristão na Alemanha — foi já apresentado. Também havia, no entanto, importantes tendências na vida das igrejas, pois nesse tempo pulsações de vida de considerável intensidade surgem no sentido nacional e confessional dentro das igrejas cristãs no continente europeu,, Esse despertamento da. centúria passada teve diversos aspectos. De importância especial, no início do século, foi o "Réveil", emergir de correntes evangélicas e pietistas, remanescentes dos primeiros despertamentos,. Mas em adição a este ressurgimento, também se notaram movimentos de renovada tensão romântica, sacramentai e de elementos confessionais. Os diversos aspectos do despertamento do século décimo nono podem ser denominados Igreja baixa, larga, alta e ortodoxa.

Na Alemanha, o despertamento começou 110 estado central da Prússia, durante a* ocupação napoleônica„ O teólogo Sehleiermaeher, pregador na Igreja da Trindade, em Berlim, levou o povo a se aprofundar na tradição cristã perdida de há muito. Nas décadas de 1820 e 30 se tornou influente certo movimento pietista lançado pelo *EvangeMsch Kirchenzeiiung,* de Ilengstenberg. Ilengstenberg (p 247) firmemente ensinou a infalibilidade da Bíblia e a aliança dos cristãos com o partido conservador feudal quanto à política germânica. Outra corrente dentro do despertamento foi intensamente confessional. Em parte era uma reação contra a União Prussiana de 1817, na qual foram as igrejas luteranas e reformadas incluídas pela influência do Rei Frederico Guilherme III (1797-1840). Uniões semelhantes foram criadas em outros estados alemães. Mas os luteranos ortodoxos fiéis, que alimentavam forte hostilidade contra os ealvinistas, recusaram participar em tal união. Esses "Velhos Luteranos" foram muito perseguidos e até por volta de 1840 não tive-

rain permissão dc emigrar. Quando, porém, puderam sair, muitos se dirigiram paia os Estados Unidos com o objetivo de formar sínodos conservadores como os que estabeleceram em Buffalo e Missouri, Entre os Velhos Luteranos, no entretanto, fortes tendências confessionais não se encontravam entre todos. Herrgstenberg mesmo rompeu com o movimento pietista cerca de 1840 e se fez campeão da estrita ortodoxia luterana. E era comum semelhante atitude. Era conexão com tal tendência confessional havia um movimento no sentido da alta Igreja. Vultos centrais nele foram Wilhelrn Loehe (1808-1872), da Baviera, e Theodor Kliefoth (1810-1825), de Mecklenberg, lisses "Novos Luteranos" buscavam acentuar a transmissão objetiva da graça salvadora de Deus através de pessoas e instituições o reviver antigas tradições litúrgicas.

A vitalidade emanada destes despertamentos encontrou aplicação na "missão interna" e em múltiplos esforços evangelísticos e caridosos, remanescentes das atividades de llalle nos dias iniciais do pietismo. Joharm Hiririeh Wichem (1808-1881), sob auspícios pietistas, fundou em 1833 um lar para rapazes abandonados. Pela sua habilidade de organizador se expandiu vasta rede de centenas de agências para marinheiros, desempregados, encarregados, crianças sem abrigo. Mas, acima, de tudo, foram feitos esforços sérios para atingir as massas por meio de escolas dominicais, missões urba, nas, albergues, distribuição de literatura, Muitos leigos ingressaram no movimento e foram organizadas ordens de diaconisas A missão interna foi apoiada pelos protestantes sob a influência de vários elementos do despertamento, enquanto sua característica pietista permaneceu forte. Ela também encontrou incisiva, resposta rro Sul. da Alemanha e na região do baixo líeno, onde a tradição reformada continuava força ponderável.,

O protestantismo escandinavo foi também atingido pelo despertamento, Na Dinamarca, a resposta aos vários aspectos do reavivamento estimulou um período de genuína criatividade, A ênfase pietista com sua "missão interior" foi berrr acolhida na Igreja Luterana estabelecida. Tendências mais afins aos motivos românticos, mais "igreja, larga", foi representada pelo Bispo «I. P. Myrrster (1775-1854), julgador da corte, professor de teologia, primaz da Igreja da Dinamarca. O aspecto "igreja alta" teve seu representante em Nicolau Frederico Scverin (Trundtvig (1783-1872), que tomou corno base o Credo dos Apóstolos e que acentuou a tradição viva e o foco sacramentai da Igreja. Um dos produtos deste perío-

do criativo — Sorerr Kierkegaard (1813-1855) reagiu amplamente contra o cristianismo que conhecia., Enfatizando os aspectos paradoxais e existenciais da fé crista, Kierkegaard fez pouca impressão em seu tempo, mas foi redescoberto no século atual.

Na Noruega se fez sentir especialmente o aspecto pietista do despertamento. Baús Nielsen Hauge (1771-1824), evangelista leigo itinerante, enfrentou a frieza da Igreja estatal, disso resultando seu encerramento por mais de dez anos. Depois, o movimento que inspirara foi ligado à Igreja Luterana estabelecida pelos esforços de Gisle Johnson (1822-1894). Tanto a ênfase confessional quanto a clerical foram evidentes na obra desse professor de teologia da Universidade de Cristiânia, Na Suécia também teve o reavivamento aspectos variados, mas a influência de Henrik Schartau (1757-1825), pastor em Lund, foi especialmente importante. Originalmente tendo estado sob a influência moraviana, desenvolveu ele uma tendência sacramentai e de alta igreja, afirmando a antigüidade da tradição da Igreja e a presença real na Eucaristia.

A influência do despertamento protestante do século décimo norro foi também fortemente sentida nas igrejas reformadas do continente. No século anterior, o impacto do raeionalisrao fora grands nas comunhões ealvinistas da Suíça, França e Holanda. Os começos do reavivamento podem ser, em parte, ligados ao movimento evangélico na Escócia, pois Robert IIaldane foi instrumento estimulador do despertamento na França e na Suíça francesa, em 1816. Importante converso à nova atitude foi II. A. César Malan (1787. 1864), que se tornou líder itinerante e escritor de muitos hinos. Isaque de Costa (1798-1860), um judeu convertido, for vulto importante do reavivamento na Holanda. Como na Inglaterra, as correntes reavivadoras produziram uma rede de sociedades voluntárias de empreendimentos evangelísticos, missionários e caridosos.. Em todos esses países, as -figuras exponenciais do "Réveil" tiveram a oposição dos chefes eclesiásticos de tendências racionalístas e ciosos de posições de mando. Na Holanda, a tensão entre racionalismo e despertamento levou ao cisma. Essa tensão foi representada por um jovem pastor, Hendrick de Coek (1801-1842), que também pregou o alto calvinismo e a estrita adesão às afirmações do Sino do de Dort. Quando ele foi deposto, em 1834, algumas congregações fundaram a Igreja Cristã Reformada. Muitos evangélicos, no entretanto, permaneceram rra Igreja estatal. Na Suíça, foi feita uma ruptura por Alexandre Vinet (1797-1847), o "Sehleiermacher do protestantismo francês".. De irrício, Vinet não se agradara do que

considerava a crueza do "EéveiF7, mas era atraído pela ênfase dos evangélicos mais moderados e pelas correntes românticas e eslava perturbado pelo empenho dos racionalistas em reprimir os evangélicos., Depois esposou o "RéveiP7 e se fez ardoroso advogado da separação da Igreja e do Estado. Em 1845 levou um grupo, no qual formava urna grande maioria de ministros e muitos dos pro fessores de teologia de Lausana, para fora da Igreja estatal, frr mando a Igreja Livre de Vaud.

As igrejas do continente, estimuladas pelas correntes do despertamerrto, muito contribuíram para o arranco missionário protestante do século décimo nono. Muitas sociedades foram organizadas fiara ca nalizar 110 rumo missionár io as ener gias acorda da 3 pelo reavivarnento. A Sociedade Evangélica Missionária da Basiléia data de 1815; a Sociedade Missionária Darresa, dc 1821; as de Paris e Berlim, de 1824,- a Sociedade Missionária Tienana, de 1828; a Missão Luterana Evangélica de Leipzig e a Sociedade Missionária do Norte da Alemanha, de 1836 — tais sociedades foram as mais importantes entre as centenas que enviaram missionários a todos os lugares. Os missionários protestantes cio continente foram especialmente ativos rias índias Orientais Holandesas, onde havia a maior concentração de protestantes no Oriente Longínquo, e na África do Sul.

No século passado a interpretação social do cristianismo foi incentivada em certos lugares, A Igreja Evangélica Unida da Prússia, na época a maior igreja protestante do mundo, sob vários aspec tos era administrada de modo conservador e no interesse do estado, enquanto a missão interior se tinha adaptado a um sistema dc caridade organizada. Em 1874, Adolf StÕcker (1835-1909) veio a Berlim como pregador da corte. Ele partilhou da mentalidade «Turrker, desdenhando o parlamentarismo liberal, mas estava grandemente preocupado com a alienação das massas industriais com referência às forças do socialismo e do secularismo. Advogou a legislação trabalhista e o seguro social, infelizmente misturando elementos anti-semitas em suas mensagens. Mas Stõeker estava também politicamente, inclinado à maneira luterana conservadora de entender a separação das esferas política e espiritual, e perdeu seu posto. Mensagem cristã social de classe média mais liberal foi pregada por Frederico Naumann (1860-1919). Entanto, também ele achou que as conseqüências de uma ética social seriam difíceis de aceitar pelos luteranos, e resignou o ministério. No entretanto, um "evan-

gelho social", de natureza algo acadêmica, foi defendido por certos teólogos liberais como Harnack e Hermann (p 252).

O cristianismo social encontrou solo mais fértil nas igrejas reformadas. Lideres conspicuos no movimento foram Leonardo Itagaz (1868-1945), advogado do pacifismo, das cooperativas, das escolas populares *(foik sciwals)* e de fundações; e Hermann Kutter (1863-1931), autor de *Eles Devem 1* (1905), interpretação teológica do socialismo, livro que também influenciou o desenvolvimento do cristianismo social na Inglaterra e nos Estados Unidos. No entanto, o interesse das massas cristãs nas questões sociais nunca alcançou o grau que os líderes cristãos sociais esperavam, ainda que significativas mudanças na atitude protestante de enfrentar os problemas sociais tenham havido, e posteriormente algumas maneiras de pensar hajam constantemente mudado.

10

O PROTESTANTTSIO AMERICANO NO SÉCULO XIX

Assim como a história do protestantismo 110 século décimo nono na Grã-Bretanha e no continente começou com um despertamento evangélico, igualmente a história da religião nos Estados Unidos, na mesma época, teve inicio com um despertamento- Na América, as correntes reavivadoras pie listas, evangelísticas e igreja baixa começaram largamente dominando na vida da Igreja. Muito embora houvesse sugestivas evidências de outros aspectos do reavivamento inglês e continental, e ainda que algumas comunhões tenham resistido à maré reavivalista, como um todo a concepção evangélica da fé cristã com característica atenção à conquista das almas deu paz ao protestantismo americano. Dirigido por pessoas que participavam das tradições pietistas e evangélicas, eie guardou a consciência e por vezes a conversão emocional como o meio normal de ingressar na vida crista, A situação interna —• a vida da Igreja esteve em maré vazante durante o período revolucionário, e no começo do novo século, menos de dez por cento da população eram membros da Igreja —• encarecia a necessidade de despertamento. A situação externa •— um país que ax>roxímadamente triplicara seu território e de cinco vezes aumentara sua população em cinqüenta anos — tinha sua parte em chamar a atenção cristã sobre a conquista de conversos.

Começando bem no fim do século décimo oitavo, poderoso despertamento do interesse religioso agitou o país. Na nova Inglaterra, o que por vezes tem sido chamado o "Segundo Grande Despertamento", deu seus primeiros sinais aí por 1792. Em 1800 o despertamento estava no ápice. Líderes congregacionais resolveram que certos excessos que marearam o declínio do primeiro Grande Despertamento não se repetiriam, Em suas igrejas, portanto, esses novos movimentos foram um tanto restringidos, realizando-se principalmente segundo os padrões normais da vida da Igreja. Importantes na

direção do movimento foram o brilhante presidente de Yale, Timóteo Dwight (1752-1817), e os homens que preparou paia essa obra •— o pregador congregacional Lyman Receber (1775-1863) e o teólogo de Yale, Nataniel W. Taylor (1786-1858). O despertamento, no entanto, não ficou limitado às igrejas congregacionais, Nessa atmosfera floresceram batistas tanto quanto metodistas, lançando firme base na Nova Inglaterra, usando livremente práticas reavivalistas.

O desj>erlamento também *empolgou* os estados do meio da costa atlântica, o Sul e a fronteira. Os habitantes da costa oriental fizeram sua parte visando a expandir o reavivamento para o ocidente Em 180.1 a Assembléia Geral Congregacional de Conriectieut e a Assembléia Geral Presbiteriana formaram um "Plano de União", procurando a fusão virtual dessas denominações nas zonas de fronteira. Logo outras associações congregacionais da Nova Inglaterra aderiram ao Plano e muitas igrejas "presbigacíonaís" foram estabelecidas, especialmente em Nova York e Ohio. Muitos, porém, dos que viviam no Ocidente estavam impacientes diante das restrições do reavivamento na costa oriental e com a ênfase sobre clero culto. Nas fronteiras de Tennessee e Kentucky é que ocorreram as manifestações mais emocionais e espetaculares do despertamento. Em 1800 lá começaram as "reuniões de campo", e especialmente em Ten nessee foram (das assinaladas por gritarias emocionais e manifestações físicas. Como um todo, porém, o novo movimento, que por décadas continuou entre altos e baixos, foi menos marcado que no século anterior por tais sintomas de excitamento exagerado. O impacto do reavivamento foi evidente no declínio da "infidelidade", a elevação do nível moral na fronteira e o seguro crescimento das igrejas batista, metodista e presbiteriana.

Produto do despertamento, fadado a se tornar preeminente dentro dele em sua longa carreira, foi o jovem advogado do interior de Nova York, Charles Grandison Finney (.1792-1875). Convertido em 1821, dedicou-se a viagens evangelísticas, e, a despeito da falta de preparo universitário ou teológico, foi ordenado pelos presbiterianos. De imediato, sol) sua intensa e fervente pregação, grandes reavivamentos ocorreram. Rompeu ele com os métodos padronizados, atitude que se tornou conhecida como "novos meios". Esses meios — "horas impróprias" para os ofícios, reuniões "prolongadas", uso de linguagem acre e coloquial, indicação de nomes na oração e sermões, reuniões de exame, "bancos ansiosos" — de fato

não eram realmente novos Foi o uso desses meios num método empregado para dar resultado que os fez novos. Apesar da oposição dos que temiam o einocionalismo de fronteira e o evangelismo de "novos meios", rapidamente Finney invadiu as cidades do Oriente do país. Seus métodos já testados logo passaram a ser amplamente aceitos e copiados. A intensidade e freqüencla dos reavivamentos declinou na década de 1840, mas reacendeu-se em novo crescendo em 1857-58, quando um reavivarnento amplamente nacional atingiu milhares nas igrejas. Reuniões para oração diária, além das "horas impróprias", e liderança leiga foram fatores deste ápice na história dos reavivamentos.

No começo do século, no entretanto, as energias produzidas pelos reavivamentos foram canalizadas para motivos evangélicos por intermédio de uma segura rede de sociedades voluntárias. 'Diversas organizações começaram como coisas locais, depois pequenos grupos se reuniram em sociedades nos Estados e, por fim, as grandes sociedades nacionais, que completaram o modelo, Quando o interesse dessas sociedades voluntárias era judas missões domésticas ou estrangeiras, elas, às vezes, seguiam linhas denorrrirracionais, Então, quando um grupo de estudantes do William College, sol) a liderança de Samuel J Mills (1783-1818), ofereceu seus serviços às autoridades congregacionais como missionários na índia, foi precipitada, em 1810, a formação da Comissão Americana de Comissionados para as Missões Estrangeiras. Basicamente era uma sociedade congregaeional, ainda que presbiterianos e reformados tenham por algum tempo ajudado a mantê-la. Seus primeiros cinco missionários foram enviados em 1812. No caminho i>ara a índia, dois deles, Adoniram Judson (1788-1850) e Lutero Rice (1783-1836), chegaram à conclusão de que o batismo por imersão era a maneira bíblica. Isto, por sua vez, precipitou a organização da Convenção Missionária Geral da Denominação Batista dos Estados Unidos da América para Missões Estrangeiras. Outras denominações também fundaram sociedades missionárias: os presbiterianos em 1817, os metodistas cm 1818, os episcopais em 1820. A Sociedade Missionária Doméstica Americana foi instituída em 1826 para incentivar o Plano de União.

Foram também organizadas sociedades voluntárias para a distribuição de Bíblias e tratados, promoção educacional e escolas dominicais e o cuidado de trabalho de caridade e reforma. As grandes sociedades nacionais geralmente foram sem denominação -— procuravam sustentar o evangelisrno de diversas origens. Dentre elas se con-

tavam a Sociedade Americana de Educação (fundada em 1825), a Sociedade Bíblica Americana (em 1816), a União Americana de Escolas Dominicais (1817-1824), a Sociedade Americana de Tratados (.1825). Sua organização foi modelada pelo exemplo inglês. Na década de 1880 tais agências cresceram rapidamente em tamanho e aumentaram suas rendas. Suas reuniões anuais, os "aniversários de maio", se davam ao mesmo tempo, na cidade de Nova York . Seus membros e diretores em parte eram os mesmos, tanto que formavam o que foi denominado "império bondoso". Seu controle estava em grande parte nas mãos de um grupo de leigos abastados, predominantemente presbiterianos ou congregacionais, entre os quais sobressaíam Arthur (.1786-1865) e Lewis (1788-1873) Tappan. Tais pessoas reconheciam a autoridade de Eiuney, engajando-o em suas causas e quando sua má saúde exigiu diminuição de trabalho, chamaram no ao pastorado em Nova York,, Em 1834 e 1835 ele publicou *Conferências sobre lieavivamerdos Religiosos,* apresentando seus comprovados métodos de promovê-los. Neste último ano ele foi para o novo Oberlin College, em Ohio, onde, como professor de teologia e depois presidente, se tornou, sem demora, o maior líder e o maior teórico do reavivamento americano,. Sua volumosa obra, *Conferências sobre Teologia Sistemática-,* publicada pela primeira vez entre 1846-47, apresentou uma teologia do reavivamento, na qual a prova para qualquer doutrina seria a sua contribuição positiva ou não para a salvação. Einney foi um líder com muitos seguidores — exércitos de reavivadores puseram seus métodos em ação.

Vitalidades estimuladas pelo reavivalismo foram entregues ao "império bondoso". Nunca abandonando sua paixão missionária, seus cabeças utilizaram o modelo da sociedade voluntária para com verter a sociedade através de grandes cruzadas morais e humanitárias . Desejavam que tais males como os vícios, a licenciosidade, a delinqüência juvenil, a quebra do domingo fossem banidos, sendo promovidas a temperança, a paz e a abolição da escravatura. A temperança, por exemplo, despertou, em 1811, os esforços da Assembléia Geral Presbiteriana e as Associações Congregacionais de Connecticut em Massachusetts. Os sermões de Lyman Beecher contía o alcoolismo, em 1813 -— repetidos e publicados em 1827 —- chamaram muito a atenção. Em 1826 a Sociedade Americana para promover a Temperança foi incluída no grupo das benéficas sociedades voluntárias. O resultado de todas essas atividades foi uma modificação permanente nos hábitos de beber de cristãos professos. Então

esforços foram feitos para levar a temperança aos membros não ativos da Igreja.. O movimento vvashingtomano de 1810 visou à reforma dos ébrios. A proibição por lei foi decretada rio Maine, em 1846. A história da legislação proibitiva, escorada em forte apoio cristão, foi abolida, mas neste século culminou na experiência da proibição nacional (1919-19:18). .

A Sociedade Americana da Paz foi organizada em 1828, A maior das cruzadas, no entanto, foi a da abolição.. Antes do século décimo *nono* tinha havido algum pronunciamento contra a escravidão, especialmente da parte dos quaeres A obra de John Woolman (1720-1772) foi de especial importância» Crescente antipatia contra a escravatura se espalhou no pais no início do século décimo nono. Mas por volta de 1830 grande mudança ocorreu no Sul, devida às supostas necessidades industriais do sistema colonial, o temor dos levantes de escravos, e os profundos ressentimentos «outra os inflexíveis ataques de alguns abolicionistas nortistas como William Llovd. Carrison (1805-1879). No Norte, no entanto, o movimento abolicionista deu impulso grande no interesse emancipacionista generalizado, mas vago, Em 1833 a Sociedade Americana contra a Escravidão foi organizada como parte do império benéfico. Einney converteu Teodoro Dwight Weld (1803-1895) no vulto mais poderoso na difusão do sentimento abolicionista entre os evangélicos. Assim que o interesse dos protestantes do Norte se fez crescente na abolição e o abismo entre os evangélicos sulistas e nortistas se aprofundou

E foi assim que, por intermédio dos rcavivamentos, das organizações missionárias e das sociedades voluntárias, uma interpretação evangélica, pietista da fé cristã profundamente se disseminou na América no século décimo nono. As denominações que empregaram plenamente o modelo do reavivamento vieram a ser as gigantes deste período de expansão nacional. Os metodistas, escassamente quinze mil ao tempo de sua organização independente, em 1784 (p 230) passavam de um milhão em 1850. Os batistas, cem mil no início do século, no meio dele haviam aumentado oito vezes. Congregacionalistas e presbiterianos, entre os quais cedo apareceu o reavivamento do século décimo nono, continuaram a crescer com o despertamento, mas resistências internas os apoucararri, e decaíram comparativamente em força denominacional e perderam a primazia que haviam conquistado. O segundo despertamento grandemente foi tale ceu os congregacionalistas de Massaehusetls, que se consideravam ortodoxos, mas o partido "liberal", cujo surgimento já foi assinalado

(p 389), foi grandemente oposto a ele. Em 1805, os liberais conseguiram eolocar Henry Ware (1780-1842) como professor de teologia em Harvard, No entretanto, William Ellery Chanriing (1780-1.842) iniciara um pastorado deveras respeitado e de influência profunda em Boston, e pregava uma cristologia eminentemente ariana. A crescente cisão, em parte cansada pelos ataques dos or todoxos aos liberais, levou estes, em 1.815, a adotarem o nome de Unitários. Entretanto, se tornou ainda mais característica deles, além da negação da doutrina da Trindade» sua crítica da doutrina do pecado original, da teoria calvinista da predestinação e a insistência na salvação pelo caráter. Um sermão de Channing, em 1819, na instalação de Jared Sparks (1789-1866), em Baltímore, foi, no geral, considerado como autorizada declaração dos liberais e desde então lhe outorgou a liderança não oficial do unítarismo americano. Em 1825 se formou a Associação Unitária Americana „ A aliança de algumas das mais velhas igrejas congregacionais e de vários homens preeminentes da Massaehusetts oriental foi benéfica à nova denominação, Mas os ortodoxos, estimulados pelo enérgico Lyman Beecher, que em 1826 se tornara pastor- da Igreja da Rua Hanôver, em Boston, renovaram o uso dos r eavivamentos, e conseguiram restringir o avanço unitário e confiná-lo à Nova Inglaterra oriental.

Em Connccticut uã.o havia rompimento aberto, mas os cal vi íristas mais conservadores temiam que a teologia de New Haven viesse modificar o calvinismo quanto ao seu apoio ao reavivarnento e se unisse às objeções unitárias. Então nova associação ministerial "ortodoxa" foi organizada em 1833, e fundado novo seminário em Hartford, no ano seguinte, No entanto, ambos os partidos de Corrrectie.ut continuaram a usar reavivamentos, Horáeio Bushnelí (1802-1876), pastor de projeção, foi quem criticou com ponderação o sistema dos despertamentos na sua mais influente publicação, primeiro aparecida em 1847, *Educação Cristã*, Ele instou na calma instrução da criança sob influências apropriadas como a maneira normal de ingressar no reino de Deus, em vez da conversão angustiada que as tradições pietista e metodista consideravam a única expe riêrreia legítima. Teólogo capaz, Buslrnell muito fez para mudar a ênfase do dogma exato, a ser demonstrado ao intelecto, ao sentimento religioso, para o qual o coração c a mente do lromem devem estar voltados. Tais idéias, influenciadas pelo romanticismo e refletindo a obra de Samuel Taylor Goleridge (p 254), foram apresentadas nos livros *Deus em Cristo* (1849) e *Natureza e Sobrenatural* (1857).

Os presbiterianos também foram laeerados pelas controvérsias. Fies, por vezes com bases escoto-irlandesas, que se mantinham firmes nos padrões confessionais e nas tradições de um ministério culto, foram seriamente Unhados pelos reavivamentos de fronteira, cuias ênfases doutrinárias e os padrões de ordenação eram mais frouxos. No entanto, procurando refreá-los, foram levados ao cisma Em 1803, Barton W. 8tone (1772-1844) levou um grupo de presbiterianos evangélicos do Sínodo de Kcntucky Essas " Novas Luzes" logo abandonaram qualquer nome "sectário", desejando serem conhecidos simplesmente como "cristãos" Alguns arros mais tarde, procurando disciplinar os presbitérios reavivalistas de Cumberland (Kentueky > levaram ao rompimento claro e ã formação do que veio a ser a Igreja Presbiteriana de Cumberland „ Algumas organizações presbiterianas menores também foram atingidas pelo cisma. Thomas Campbell, ministro presbiteriano da secessão do Norte da Irlanda, veio à América em 1807 e começou a trabalhar na Pennsylvanra ocidental.. Sua. liberdade recebendo à comunhão presbiterianos de todos os partidos,, provocou críticas e foi disciplinado pelo Presbitério Seceionado dt> Chartiers. Campbell sentiu ser seu dever protestar contra tal sectarismo e afirmar corno padrões de todo disci pulado cristão somente os termos literais da Bíblia, corno ele os entendia Então Thomas Campbell rompeu com os presbiterianos separados, mas continuou a trabalhar na Pennsylvanra ocidental, anunciando conto seu princípio: "Onde a Escritura fala, nós falamos; onde ela cala, nós calamos". Ele não planejara, uma nova denominação, mas a união de todos os cristãos sobre esta base bíblica, sem adicionar provas de credo ou ritual. Em agosto de 1809 Thomas Campbell organizou a Associação Cristã de Washington —- assim chamada pelo condado de P.ennsylvania em que se originou -— e preparou, para ela a "Declaração e Alocução", que desde então tem sido considerada como o documento fundamental do que veio a ser conhecido como o movimento dos Discípulos. No mesmo ario, o filho de Campbell, Alexandre (1786-1866), veio para a América e logo superou o pai na fama de advogado dessas idéias.

A despeito do protesto deles contra o sectarismo, os Campbell organizaram uma Igreja em Brush Run, Pennsylvarria, em maio de 1811. Desde o início celebraram a Oi a do Senhor todos os domingos. Mas surgiram dúvidas sobre os fundamentos bíblicos do batismo infantil. Ern 1812 os Campbell e alguns de seus acompanhantes foram batizados por imersão. Um ano depois a igreja de Brush Kun

se filiou à Associação das Igrejas Batistas de Redstone. Mas surgiram discórdias com os batistas. Os Campbell discordavam, do calvinisino estrito dos batistas. Para eles, o Antigo Testamento tinha menos autoridade que o Novo, Para os batistas o batismo era um privilégio do pecador já perdoado; para os Campbell era uma condição de perdão. Além disso, os Campbell, sem serem sob nenhum aspecto unitários, se recusavam a empregar outras expressões que não fossem bíblicas com referência ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. O resultado foi se afastarem dos batistas, afastamento que se pode dizer foi completado em .1832. Nessa data os seguidores dos Campbell se fundiram com a massa dos acompanhantes de Barton Stone para formarem os Discípulos de Cristo. Talvez fossem na época vinte e cinco mil, mas passaram de um milhão antes do fim do século..

A perda dos reavivalistas extremados das principais organizações presbiterianas não significou o término da tensão sobre despertamento dentro dessa comunhão. As "Novas Escolas" presbiterianas que simpatizavam com a teologia de New ílaven e trabalhavam sem restrições com o "império benéfico", foram fortalecidas pela aplicação do Plano de União, que trouxe homens de formação congregacional à jurisdição presbiteriana. Em 1837 as " Velhas Escolas" se fortaleceram com regulamentar os presbitérios fora da Igreja, assim dividindo-a em duas. A tensão e a controvérsia teológicas das sociedades voluntárias, as quais não se encontravam sob o controle direto da Igreja, foram motivos centrais na divisão.

A Sociedade dos Amigos também foi rompida. Certo movimenlo evangélico favorecendo algumas ênfases e técnicas reavivalistas foi dirigido por um quaere inglês, Joseph John Gurney (1788-1846), enquanto a reação liberal teve como figura central Elias H.ieks (1748-1830), de Long lsland. A "Grande Separação" ocorreu em 1828-29, terminando em,grupos isolados — "ortodoxos" e "hickstenses".

O ressurgir do reavivamento também trouxe controvérsia nos círculos luteranos. A voz dirigente do luteranismo durante a primeira metade do século décimo nono foi a de Samuel Simon Sehmueker (1799-1873), Favoreceu ele um "luteranismo americano", dentro do qual cabiam algumas práticas reavivalistas. Os luteranos de inclinação confessional foram perturbados, e o Sínodo Geral (p 232) no qual Schmucker foi preemincute, sofreu com dissensões e rompimentos, especialmente com as ondas de imigrantes alemães e escandinavos as quais trouxeram muitos luteranos que

julgavam estar as igrejas americanas afastadas da verdadeira tradição luterana. Então, como a imigração fortaleceu o ressurgimento confessional, decaiu a influência de Schrrraaker. O Sínodo Geral encontrou rival, era 1867, rro Concilio Gerai, e o seminário de Sclunucker, em Gettysburg (fundado ern 1826) foi igualado pelo de Monte Air.y, Pennsylvania (1864), O vulto central no desenvolvimento final foi Charles Porlerfield Krautli (1823-1883), autor de *A Reforma Conservadora e sua- Teologia* (1871).

Em algumas denominações não havia cisma declarado sobre despertamento, mas havia considerável tensão interna. Nas igrejas alemãs reformadas havia forte resistência à expansão do "sistema de reavivamento", feita pelos maiorais do "sistema de catecismo", mormente pelo teólogo John W Nevin (1803-1886) e o historiador eclesiástico Philip Sebaff (1819-1893), ambos do seminário de Mereersburg, Penrrsylva,nia, No entanto, a teologia de Mcrccrsburg *fez* pouca contribuição direta; sua importante significação foi redescoberta somente uo século atual. Na Igreja Protestante Episcopal houve pouco reavivamento como tal, mas nela existia forte partido evangélico, a igreja baixa. Nesse partido, o Bispo Alexandre Yiets Griswold (1766-1843), da diocese oriental, foi muito importante.. Nos anos iniciais do século se viu o ressurgimento do partido da alta igreja, *sob* a *liderança do* Bispo John Henry Hobart (1775-1830), tendência que o surgimento do anglo-eat.olicismo (p 257) fortaleceu. A Igreja Episcopal era pequena nesse tempo, mas se desenvolveu dc modo firme no decorrer do século, especialmente nos centros urbanos.

Os cismas denorn irracionais mais sérios do século passado se fizeram em conexão com a luta contra a escravidão. A crescente antipatia por ela levou, ern 1843, à organização da Igreja Metodista Wesleyana da América, fundada só com membros não escravocratas. A disputa foi avante quando a Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal se reuniu em 1.844, logo surgindo a luta sobre se era justo manter ura bispo favorável à escravidão.. Os sentimentos nortistas e sulistas se dividiram irremediavelmente. A Conferência adotou uma indicação que permitia a divisão da Igreja, disso resultando a constituição, em 1845, da Igreja Metodista Episeoj>al do Sul..

Na mesma época uma divisão semelhante separou os batistas do Norte e do Sul. A Convenção dos Batistas do Estado de Alabama exigiu, em 1844, que a Junta de Missões Estrangeiras não fizesse discriminação contra os possuidores de escravos na nomeação de.

missionários, Mas a Junta declarou que não tomaria nenhuma atitude que implicasse apoio à escravidão. O resultado foi a formação da Convenção dos Batistas do Sul, em 1845, e a divisão da igreja,

Ás vésperas da Guerra Civil (1861-1865) outras igrejas se dividiram.. A Igreja Presbiteriana Nova Escola se separou em 1857; a Velha Escola em 1861. As duas alas sulistas se fundiram em 1864; sob a designação de Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, e as duas nortistas se nniram entre 1869-70 sob o nome de Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América, A Igreja Protestante Episcopal esteve dividida apenas durante a guerra, tornando a se unificar quando ela terminou. As Igrejas puderam sustentar materialmente suas partes divididas, durante a guerra. Após a luta. grande maioria de cristãos negros se fizeram membros de suas próprias organizações independentes, principalmente da Convenção Batista Nacional e das pequenas Igreja Metodista Episcopal Africana e da Igreja Metodista Episcopal Sião Africana. Algumas das maiores denominações brancas possuíam expressivas minorias negras, e houve considerável acréscimo de seitas negras, especialmente nas áreas urbanas.

A fundação de muitos novos colégios e seminários foi estimulada pelo despertamento religioso, as controvérsias e o surgimento de novas denominações, O século décimo nono presenciou o começo de centenas de colégios denominacionais, muitos de vida efêmera. O propósito principal dessas escolas era auxiliar no preparo de homens para o ministério. Mas foi profundamente sentida a necessidade de promover preparação especializada para o ministério, Em 1784 a Igreja Reformada (Holandesa) criou um curso para ministros, depois estabelecido em Nova Brunswick (Nova Jersey), por vezes dito ser o mais antigo seminário teológico americano. Em 1794 os Presbiterianos Associados (depois Unidos) começaram a instrução teológica num seminário até encontrar uma casa em Xênia, Ohio, de onde tirou o nome, e finalmente em Pittsburgh. Os luteranos também fundaram uma instituição, em 1797, localizada em Hartwiek, Nova York. Ern 1807 os moraviarros estabeleceram sua escola teológica em Nazaré, Pennsylvania, posteriormente levada para Bethlehem. O seminário teológico melhor equipado — e, em certo sentido, o iriiciador de uma nova era — foi fundado pelos congregacionais em Andover, Massaehusetts, em 1808. Quatro anos após os presbiterianos fundaram seu seminário era Prineeton, Nova

Jersey. Em Mame, os corrgregaeionalistas fundaram o Seminário Teológico Bangor, em 1814, e cinco anos depois, sob a influência unitária, foi aberta a Escola Teológica da Universidade de Harvard. Os batistas iniciaram um" seminário em .Hamilton, Nova York, em 1820, enquanto os presbiterianos estabeleceram um ein A.uburn, Nova York, mais ou menos ao mesmo tempo.. Em 1822 os congregacionalistas abriram a Escola Teológica da Universidade de Yale Assim as instituições para o preparo ministerial, algumas delas mencionadas acima, rapidamente se multiplicaram e por volta de 1860 se aproximavam de cinqüenta

Na primeira parte do século décimo nono, no clima emocional insuflado pelo despertamento, surgiram vários movimentos que representaram significativos afastamentos ou distorções do modelo protestante evangélico Desenvolvimento peculiar da interpretação profética foi o de William Miller (1782-1849), granjeiro batista de Low Hamptorr, Nova York, Iniciando em 1831, ele pregou assiduamcnte, afirmando, com base em cálculos feitos no livro de *Daniel*, que a segunda vinda de Cristo e a inauguração do Seu reino milenário ocorreria entre 1843-44. Conquistou milhares de seguidores *Ainda* que haja fracassado sua pregação, em 1845 seus discípulos realizaram uma conferência de adventistas, como a si mesmos chamavam. O nome perdura até agora. Alguns deles aderiram à observância do sétimo dia. Dentre eles, o grupo mais importante é o dos Adventistas do Sétimo Dia, formalmente organizado em 1863 A fé adventista, muitas vezes combinada com as ênfases pentecosta] e perfeccionista (santidade), teve papel importante na formação de novas seitas na América, no fim do século passado e início do atual. O movimento que depois se tornou conhecido como Testemunhas de Jeová —- peculiar desenvolvimento ao lado do ensino adventista começou no fim da década de 1870, sob a liderança de Charles Taze Russcl (1852-1916).

Movimento nutrido na atmosfera de despertamento do "super ardente" distrito do interior do Estado de Nova York, mas que logo alcarrçqu sua própria direção, foi o mornronísmo. Seu fundador foi Joseph Smith (1805-1844), que pretendia ter desenterrado nas proximidades de Manchester, Nova York, em 1827, um volume de folhas de ouro, o *Livro de Mórmon*.. Tal livro era uma suplernentação da Bíblia e estava escrito com letras misteriosas, que Smith pôde traduzir usando óculos mágicos, mas cujo original foi arrebatado por um anjo. Por «sse livro Smith era proclamado profeta A primei-

ra igreja mórinon foi organizada no ano de 1830, em Fayette, Nova York. Mas logo seus membros foram largamente recrutados nas cercanias de Kirtland, Ohio. Foi nesse lugar que Brigharrr Young (1801-1877) se filiou a essa igreja, Fm 1838 os chefes mórmons se mudaram fiara Missouri, e em 1840 fundaram Nauvoo, Illinois. Ainda que o *Livro de Mórmon* ordene a mouogamia, Sinith proclamou ter recebido uma revelação, em 1843, estabelecendo a poligamia A hostilidade popular levou ao seu assassinato pelo populacho, no ano seguinte, Então a igreja caiu sob a liderança de Brigham Young, organizador e chefe de grande habilidade Sob seu comando, os mórmons seguiram pata Salt Lake, em Utah, e uma comunidade de grande prosperidade material foi ali inaugurada.. Ern virtude da pressão governamental, em 1890 a poligamia foi oficialmente abandonada, Kles têm sido missionários infatigáveis, conquistando muita gente na Europa e levando sua igreja além dos mares.. Seu sistema de supervisão econômica e social tem sido notável. Seu sistema teológico sem par* se baseia sobre três fontes de revelação: a Biblia, o *Livro de Mórmon* e os livros registradores das revelações diretas e progressivas, alegadas terem sido recebidas de Deus por Joseph Smith, especialmente o *'Doutrinas e Pactos* Além da principal Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com o seu quartel-general em Salt Lake City, Otah, há inúmeros grupos menores com seu centro em Independence, Missouri.

No período entre a Guerra Civil e a primeira Guerra Mundial, a ênfase reavivadora do protestantismo americano foi continuada fortemente. Dwight L. Moudy (1837-1899), evangelista leigo, foi seu expoente mais importante. Organizador infatigável e pregador agressivo, Moody foi uma força ponderável na vida protestante.. Seus métodos de reavivamento foram largamente copiados e seu entusiasmo missionário significativamente contribuiu para a continuação do crescimento da obra missionária no estrangeiro Mas a atmosfera intelectual do século passado foi de rápidas mudanças, e muitas opiniões novas de modo rápido cambiaram idéias acariciadas pelos protestantes conservadores,. O impacto das revoluções no pensamento científico e histórico refez os conceitos dominantes da natureza do mundo e sua história. Os que eram sustentáculo das idéias bíblicas tradicionais sobre a criação foram abalados, de um lado, pelas novas idéias oriundas dos geólogos e, de outro, pela critica bíblica. Muitos protestantes reagiram, firmando-se corri rigidez em suas opiniões sobre a infalibilidade da Bíblia. E organizaram uma série de importantes conferências bíblicas para defende-

rcm suas opiniões — Niágara, Winona, Rocky Mountain. Na de Niágara, em 1895, foi preparada a declaração que se tornou conhecida como os "cinco pontos do fundamentalismo" Ela afirmou a infalibilidade verbal da Escritura, a divindade de Jesus, o nascimento virginal, a expiação substituitória, a ressurreição física e a volta corpórea de Cristo A causa conservadora foi fortalecida por conferências proféticas, a fundação de escolas bíblicas e as atividades de inúmeros pregadores itinerairtes de dcspertamentos

Outros protestantes reagiram de maneira completamente diversa, procurando reter a orientação evangélica, mas refazendo sua fé de modo a ir de encontro ao pensamento científico e histórico da época Tirando muitas de suas idéias do movimento de Rilschl na Alemanha e do movimento da Igreja larga na Inglaterra, travaram duas longas batalhas contra a aceitação do pensamento evolucioirista e a maneira crítica de encarar a Bíblia Muitos seminários adotarn a *maneira* liberal; a "ortodoxia progressiva7" de Andôver, por exemplo, demonstra ser uma transição para o liberalismo.

LJraa série de experiências hereges marcaram o aparecimento da teologia liberal. Especialmente importante foi a deposição do Professor Charles A Briggs (1841-1913) do Union Theologícal Seminary, Nova York, pela Assembléia Geral Presbiteriana, em .1893.. O Union rompeu seus laços com os presbiterianos e se apresentou como campeão da linha liberal. Mas ao dealbar do século vinte os liberais haviam conquistado lugar para si em muitas denominações. Nas primeiras décadas do século os conservadores militantes fizeram um esforço para expulsá-los através de amarga controvérsia fundamentalista-modernista. Profundamente falidos aí por volta de 1930, procuraram eles reunir-se em igrejas independentes e denominações dissidentes. Liderança de vulto foi dada aos furrdamentalistas pelo professor presbiteriano J.. Gresham Machen (1881 -1937), e aos liberais pelo ministro batista Harry Emerson Posdick (1878 •),

O período que vai de 1865 a 1914 presenciou crescente reconhecimento da obra feminina nas igrejas protestantes Os congregacionalistas fundaram, em 1868, uma Junta Feminina de Missões Estrangeiras.. Seguiram-nos a Igreja Metodista Episcopal, no Norte, em 1869; os Presbiterianos do Norte, em 1870; a Igreja Protestante Episcopal, em 1871. Organizações similares para as missões nacionais e estrangeiras são comuns no protestantismo americano. Desde muito o elemento feminino é elegível às convenções representativas das igrejas batistas e congregacionais fím 1900 elas obtiveram o direito de serem eleitas às conferências gerais metodistas Algumas

denominações as ordenaram ao ministério, principalmente batistas, congregacionais, discípulos, unitários e universalistas.

O mesmo período foi marcado por crescente atenção por parte das igrejas à sua mo cidade. O movimento não denominacional — Esforço Cristão •— foi fundado pelo congregacionalista Francis E Clark (1852-1927), em 1881. As denominações adotaram a idéia, c em 1889 a Liga Epworth foi organizada pelos metodistas; em 1891 se formou a União dos Jovens Batistas, e a Liga Luterana para moços surgiu em 1895,

importante aspecto da vida religiosa depois da Guerra Civil foi o crescente interesse na existência de um ministério culto naquelas organizações que formalmente haviam demonstrado pouca inclinação nesse sentido. Tal interesse foi revelado na constante provisão de recursos, de modo que os antigos seminários teológicos puderam ampliar[1] suas possibilidades aumentando o corpo de professores e ampliando o currículo. Ao mesmo tempo, novos seminários foram fundados. Em 1900 funcionavam cem escolas teológicas protestantes.

Os anos finais do décimo nono século presenciaram o despertar de profundo interesse social entre muitos cristãos. Sob a direção de ministros liberais como Washington Gladderr (1836-1918) e Walter Rauschenbusch (1.861-1918) progrediu o "evangelho social". Fez ele impacto sobre os cristãos sociais (pp 260, 267) na Inglaterra e no continente, tanto quanto sobre o crescente pensamento social americano. No começo desse século o protestantismo expressara seu interesse social principalmente em termos individuais, insistindo em reformas nas obras (Te caridade e na moral, mas o evangelho social focou sua atenção sobre os aspectos eorporados da vida moderna e ?obre a consecução da justiça social. Grande atenção foi dada às relações entre capital e trabalho e o movimento influiu no encurtarnento das horas diárias de trabalho. Dedicado à edificação do reino de Deus na Igreja, o evangelho social foi especialmente importante na vida e na obra dos presbiterianos, batistas e metodistas do Norte e entre os congregacionais e episcopais, Cursos de ética social foram adicionados ao currículo dos seminários, e departamentos de ação social foram fundados sob a influência do cristianismo social. Certo número de instituições sociais em áreas desamparadas foram fundadas sob auspícios protestantes, e muitas igrejas institucionais foram estabelecidas para prestarem serviço social às massas urbanas A ênfase social foi largamente sentida no campo missionário, onde se expandiram missões agrícolas, médicas e educacionais.

O CATOLICISMO ROMANO MODERNO

Nos meados do décimo sétimo século a Contra-Reforma perdera sua força. Essa foiça ficara em *poder* da Espanha, e no zelo da ordem jesuíta. A Espanha saíra da Guerra dos Trinta Anos diminuída em seu poder. Os jesuítas, ainda que mais poderosos que nunca nos conselhos da Igreja Romana, haviam-se tornado muito mundanos e pouco conservavam do seu primitivo zelo espiritual Papa algum dos séculos décimo sétimo e décimo oitavo foi homem de capacidade de liderança. Alguns, como Inocêncio XI (1676-1689), Inocêncio XII (1691-1700) ou Bento XIV (1740-1758) possuíram excelente caráter, mas não foram condutores de homens A vida da Igreja Romana era de debilidade crescente diante das pretensões cada vez maiores dos governos civis católicos. Não era mais possível um ataque realmente eficaz ao protestantismo, exceto em países predominantemente rqmanistas, como a França. No décimo sétimo século a posição católica romana for fortalecida na Fiança por uma piedade de alto nível. Em 1611, Pedro de Bérulle (1.575-1629) fundou a Congregação do Oratório, grande inspiradora de espiritualidade. A obra de Bérulle influenciou fundadores de novas ordens e autores de escritos espirituais, como S, Francisco de Sales (1567-1622) e S„ Vicente de Paulo (1576?-1660).

Sob Luís XIV (1643-1715) a monarquia francesa usou uma política ditada pelo absolutismo do rei. Contra as pretensões papais ele afirmou pertencer em à coroa todas as rendas dos bispados vacantes e favoreceu, em 1682, a proclamação das "Liberdades Gali«arras" pelo clero francês. Segundo elas, os governantes civis tinham plena autoridade em assuntos temporais; os concílios gerais são superiores ao papa.; os costumes da Igreja francesa limitam a interferência papal; o papa não é infalível. A disputa foi resolvida •em 1693, c com tal sabedoria, que o rei manteve as rendas discutidas, mas concordando em ser menos insistente na afirmação das liberdades galrearras, eínbora pudessem elas ser mantidas e ensinadas.

Com respeito a seus próprios súditos, a política de Luís XIV foi determinada por sua concepção da unidade nacional e pela influência jesuítiea, especialmente depois de seu casamento com Madaine de Maiutenon, em .1684. Em 1685 revogou o Edito de Nantes (p 120), declarou ilegal o protestantismo, sob as mais severas penas. O resultado final disso foi desastroso para a França. Milhares de seus súditos mais industriosos emigraram para a Inglaterra, Holanda, Alemanha e América. Foram desfeitas alianças com potências européias, o que influiu muito nos fracassos militares dos últimos anos do reinado de Luís XIV.

A influência jesuítiea igualmente levou a uma desastrosa oposição da parte do rei e do papa ao jansenisrrio. Cornélio Jansen (1585-1638), bispo de Ypres, católico fervoroso, era consumado agostinia.no, e estava convicto de que as interpretações semipelagiauas dos jesuítas com referência ao pecado e à graça deviam ser combatidas. Sua obra principal, *Augusttnus,* foi publicada em 1640, após seu falecimento. 0 livro de Jansen foi condenado pelo Papa Urbano VII (1623-1644), em 1642. As idéias de Jansen, no entanto, tiveram muitos apoiadores entre os católicos franceses deveras sinceros, principalmente no convento de monjas de Port Royal, perto de Paris O mais influente adversário dos jesuítas foi Blaise Pascal (.1623-1662), especialmente com suas *Cartas* P?*omnciais,* de 1656-1657. Luís XIV apoiou o combate dos jesuítas ao jansenismo, e perseguiu seus seguidores Em 1710 foram derribados os edifícios de Port, Royal. O jansenisruo encontrou novo e forte líder em Pasquier Quesnel (1634-1719), que teve de procurar refugio na Holanda. Seu comentário devocional, *Reflexões Morais sobra a Novo Testamento,* de 1687-1692, levantou forte oposição jesuítiea,, Esta conseguiu do Papa Clemente XI (1700-1721), em 1713, a bula *Unigenilus,* que condenou cento e uma das afirmações de Quesnel, algumas tiradas literalmente de Agostinho. Louis Antoirie de Noailies (1651-1729), cardeal arcebispo de Paris, protestou e apelou para um concilio geral. Foi em vão, porém, esta oposição. Finalmente triunfaram os jesuítas, com o apoio da monarquia francesa.

Em parte devida a esta controvérsia jansenista e em parte por causa das querelas entre os jesuítas e o clero romano mais antigo, houve, cm 1723, uma divisão em "ütrecht, na Holanda. Disso resultou pequena igreja independente, denominada Igreja Católica Jansenista, ainda agora existente, com um arcebispado em Utrecht, e bispados em Haariem e Deventer.

Para a Prança foi grande Infelicidade a expulsão dos huguenotes e a vitória dos jesuítas. Enquanto na Inglaterra, Alemanha e Holanda era possível grande variedade de interpretações religiosas dentro do cristianismo, na França do século décimo oitavo a escolha era só entre o romanismo do estreito tipo jesuítico, que muitos dos seus mais notáveis filhos condenavam, e a maré que rápida crescia do novo racionalismo de um Voltaire e seus acompanhantes (p 180). Milhares preferiram este último, e os resultados destrutivos foram claros no tratamento que a Revolução Francesa dispensou à Igreja

Nos meios católicos europeus, rio entretanto, se desenvolvia no século décimo oitavo um sentimento correspondente ao espírito galicarro francês. Na Alemanha tomou forma, conciliar, e foi chamado "febroniauismo", do pseudônimo "Justinus Febrouius7' adotado pelo seu maior expoente, Nicolau von Hontheirn (1701-1790), bispo auxiliar de Trier Na Áustria, teve forma, monárquica, e foi deno minado "josefismo", nome oriundo da política eclesiástica do Imperador José II (1765-1790).,

Na última metade do décimo oitavo século ocorreu a grande catástrofe dos jesuítas. Ainda que proibido por sua constituição, haviam eles se engolfado no comércio colonial; sua, influência política era notória e enfrentavam a hostilidade do racionalismo radicai da época E neste racionalismo tiveram o inimigo mais forte.. O poderoso ministro do Rei José de Portugal (1750-1777), o Marquês de Pombal (.1699-1782), simpatizava com o racionalismo. A resistência dos jesuítas à sua política no Paraguai o irritou. Ele se opôs ao princípio jesuíta do livre comercio. Em 1759 determinou a saída, sem a menor consideração, de todos os jesuítas dos territórios portugueses, Também na França tomava vulto o sentimento contra os jesuítas. A força dominante nesse país era a do Duque de Ohoiseul (1719-1785), simpatizante do iluminismo, Contava ele com a ajuda de Madame de Pompadour, amante de Luís XV (1715-1774) .. Grande parte do clero francês também era hostil aos jesuítas. Em 1761 foram suprimidos na França. Espanha e Nápoles os expulsaram em 1767, Os governantes desses países então forçaram o Papa Clemente XIV (1769-1774) a abolir a ordem, ern julho de 1773. Esses fatos atestaram a debilidade do jrapado. Os jesuítas continuaram existindo na Rússia não romanista e na Prússia protestante..

A tremenda tempestade da Revolução Francesa estava por estalar e varrer a Igreja juntamente corri a nobreza, o trono e arrti-

gas instituições análogas Seus chefes estavam tomados do espírito racionalista.. Consideravam as igrejas como clubes religiosos, fim 1789 as terras da Igreja foram declaradas propriedade nacional. Os mosteiros foram abolidos em 1790. Neste mesmo ano a Constituição Civil do Clero derribou as velhas divisões eclesiásticas c fez de cada "departamento" ura bispado e estabeleceu que as eleições de todos os sacerdotes seriam feitas pelos votantes legais de suas (tomunidades. A constituição de 1791 outorgou liberdade religiosa. Então, em 1793, ocorreu em La Vendée um levante realista e católico; em represália os líderes jacobmos pediram a extinção do cristianismo.. Foram decapitados centenas de clérigos.. Depois que passou o "Terror", em 1795, mais uma vez foi proclamada, a liberdade religiosa ainda que o Estado, corno tal, não teria religião. Era, na realidade, anticristão.. Com as conquistas francesas, esta situação abarcou a Holanda, o Norte da Itália, e a Suíça Em 1.798 os exércitos franceses fizeram de Roma uma república e o Papa Pio VI (1775-1799) foi levado prisioneiro para a França, onde morreu.

Os sucessos militares de 1800 levaram à eleição de Pio VII (1800-1823) e à restauração dos Estados da Igreja. Alcançando o poder, Napoleão, ainda que fosse desprovido de sentimento religioso, reconheceu que a maioria do povo francês era católica romana e que a Igreja poderia ser usada por ele. O resultado foi, em 1801, a Concordata com o papado e os Artigos Orgânicos de 1802. Pela primeira vez, a Igreja entregava todas as terras confiscadas ainda não em poder do governo. As que estavam na posse do governo, no entanto, lhe seriam^ devolvidas, As nomeações de bispos e arcebispos seriam feitas pelo papa, mas por indicação do Estado. O baixo clero seria nomeado pelos bispos, mas o Estado tirrha o direito de vetar. O clero seria pago pelo tesouro público. Pelos Artigos Orgânicos, os decretos "papais não seriam publicados nem sínodos franceses se reuniriam sern autorização governamental. Ao mesmo tempo, foram garantidos aos protestantes plenos direitos religiosos, o pagamento de seus ministros e o controle de seus assuntos assumidos pelo Estado. Napoleão, coroado imperador pelo papa, em 1804, logo entrou ern questão corn Pio VII e em 1809 anexou os Estados da Igreja e fez o papa prisioneiro desde essa data até 1814. A Concordata de Napoleão governaria as relações da França corrr o papado por mais de um século.. Procurando colocar a Igreja Católica Francesa sob o controle do governo, o que foi conseguido por Napoleão, seu efeito real foi fazer o clero francês olhar o papa como

seu único apoio contra o Estado. Ignorando todos os antigos direitos locais, realmente derruiu todas as pretensões galicanas de liberdade parcial, e abriu a porta ao espirito ultra, montano característico do catolicismo francês durante o século décimo nono.

As guerras dos períodos republicano e napoleônico resultaram em importantes mudanças na Alemanha.. Cessaram praticamente de existir, em 1803, os antigos territórios eclesiásticos, e foram divididos entre os estados seculares. Em 1806, Francisco II (1792-1.835) resignou ao título de Sacro Imperador Romano. Já tomara o de Imperador da Áustria. Foi o desaparecimento de uma venerável instituição, o Santo Império Romano, a qual, na realidade, desde muito era uma sombra, mas que estava ligada às lembranças medievais da relação do Estado e Igreja,

A queda de Napoleão, em 1815, foi seguida por uma reação universal. O velho parecia de valor por sua antigüidade Passariam anos antes de se manifestar o real progresso efetuado pela época revolucionária. Essa reação foi auxiliada pelo surgimento do romanticisnío com seu rrovo apreço pelo medíevo e a rejeição desse espírito do século décimo oitavo que dominara na Revolução. Frairçois Rene de Chateaubriand (1768-1818) com seu *Gênio do Cristianismo,* 1802, demonstrou como o catolicismo podia aproveitar das correntes românticas, e contribuiu para o inicio de um reavivarnento católico. O papado se beneficiou com todos esses impulsos e logo granjeou um poderio maior do que tivera durante os cem últimos anos, Evidência característica desta nova posição do papado foi a restauração do poder da Igreja Romana foi acompanhado, e torlapidaniente reconquistaram sua antiga ascendência nos conselhos papais e suas vastas atividades, ainda que não reconquistassem também seu anterior poder político. Por sua vez, se têm destacado no desenvolvimento e apoio da autoridade papal Ao mesmo tempo, a restauração do poder da Igreja Romana foi acompanharia, e tornou possível, por um vero reavivarnento da piedade que a tem caracterizado até agora.

O desenvolvimento romano durante o décimo nono século foi no rumo da afirmação da supremacia papal, o chamado ultramontanismo •— isto é, além dos montes, do ponto de vista do Norte e Ocidente da Europa — ou seja, italiano. A posição ultramontana com a sua glori ficação da posição de papa e rei, foi fortalecida pelos escritos dos "três profetas do tradicionalismo", Joseph Marie de Maistre (1754-1821), Louis Gabriel Ambroise de Bonald (1754-

.1840) e especialmente Hugues Felicite Robert de Lamennais (1782-1854), Poderosamente têm os jesuítas contribuído para essa tendência ultramontana de exaltar o papado acima de todo o eclesiasticismo nacional ou local. O sucessor xle Pio VII, Leão XII (1823-1829), foi reacionário, como seu predecessor, condenando a obra das sociedades bíblicas. Gregório XVI (1831-1846) foi patrono da erudição, mas reacionário com referência aos modernos ideais políticos e sociais. Esta posição essencialmente medieval, com sua recusa de encontrar-se com o mundo moderno, levou à formação, na metade inicial do século décimo nono, de partidos clericais e anti-eiericais nos países católicos, cujas contendas grandemente determinaram a política desses mesmos países. Uma tentativa da parte do brilhante Lamennais para fazer uma aliança entre catolicismo e liberalismo, principalmente visando aos países onde o catolicismo estava, em minoria, somente trouxe sobre ele a condenação c a excomunhão por parte de Gregório

As tendências ultramontanas tiveram ilustração muito clara no pontificado de Pio IX (1846-1878).. Começando sen tempo de pontificado na hora em que os Estados da Igreja estavam à borda da revolta porque os principais car gos políticos eram desempenhados por clérigos, começou como reformador político. Entanto, a tarefa era grande para ele, e adotou uma política reacionária que exigiu para apoiá-la o emprego de soldados estrangeiros, o que desagradou ao povo, Em matéria de religião estava sinceramente convicto de que o papado era uma instituição de origem divina à qual o mundo moderno pode recorrer para a solução de seus complexos problemas religiosos. E desejou tornar isso evidente. Ern dezembr o de 1854, após consultar- bispos da Igreja Romana, proclamou a imaculada conceição da Virgem —• isto é, que Maria não par tilhou da mácula do pecado original. A questão estivera ern discussão desde a Idade Média, ainda que o balanço da opinião católica no décimo nono século fosse esmagadoramente favorável à idéia aprovada pela papa. E ele a elevou, por sua. própria decisão, a dogma de fé obrigatório.

Em 1864 um *Hyllabus* de erros, preparado sob os auspícios papais, condenou muitas coisas às quais os cristãos se opõem, rro entretanto, repudiou muitas que são o fundamento dos estados modernos, como a separação entre a Igreja e o Estado, a escola lar ca, a tolerância de variedades na religião, e concluiu condenando a afirmação de que "o pontífice romano pode e deve reconciliar-se e assentir com o progresso, o liberalismo e a civilização como ultimamente apresentada"..

O fato culminante do pontificado de Pio IX foi o Concilio do Vaticano.. Inaugurado a 8 de dezembro de 1869, com notável assistência provinda, de todo o mundo romano, seu resultado mais importante foi a afirmação, em 18 de julho de 1870, da doutrina da infalibilidade papal, por quinhentos e trinta e três votos contra dois. Não quer isso dizer que todas as afirmações papais sejam infalíveis. Para que o sejam, o papa deve expor oficialmente "a revelação ou depósito da fé transmitido através dos Apóstolos". "O pontífice romano, quando fala *e-x ca th c< Ira,* isto é, desempenhando o cargo de pastor e mestre de todos os cristãos, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, define que uma doutrina referente à fé ou aos costumes deve ser seguida pela Igreja universal, pela divina assistência a ele prometida através do bendito Pedro, 6 possuidor daquela infalibilidade com a qual o divino Redentor queria que Sua Igreja, fosse dotada" Assim o Concilio do Vaticano selou o triunfo do ultramontanismo. Foi a complementarão da monarquia papal absoluta e a derrocada da doutrina da supremacia de um eoncíiio geral, que largamente dominara, no século décimo quinto (vol. 1, pp 283 - 389) e desde então sempre tivera seus representantes

Esta definição, por certo o resultado lógico do desenvolvimento papal, teve considerável oposição, especialmente na Alemanha. O mais eminente dentre os que se recusaram a dar sua conformidade foi o importante historiador de Munique, Johann Joseph Ignaz vou Dõllinger (1799-1890). Mesmo excomungado, não quis ele dar começo a um cisma. O que não desejou fazer, outros fizeram, e o resultado foi a organização dos Velhos Católicos, que receberam ordenação episcopal da Igreja Jansenista de ütrecht (p 284). Sua difusão tem sido princix»a.lmente na Alemanha, Suíça e Áustria, onde contam mais de cem mil aderentes.. Ainda que em pequeno número, encontram-se também nos Estados Unidos. Entanto, o movimento Velho Católico parece ter pouco futuro. Seus rompimentos com Roma, ainda que importantes, não são tão vitais para justificarem a continuidade de urn ramo da Igreja cristã.

A maré da unidade nacional italiana, entrementes, estava subindo.. A guerra contra a Áustria, conjuntamente feita pelo reino da Sardenha, sob o comando de Vítor Emanuel II (1849-1878), e pela França governada por Napoleão III (1852-1870), com o concurso de italianos entusiastas dirigidos por José Garibaldi (1.807-1882), resultou no estabelecimento do Reino da Itália, sob Vítor Emanuel, em 1861. Nele foi incluída a maior parte dos antigos Estados da

Igreja. Em virtude da política ultramoiitaria de Napoleão III, lio rua e seus arredores foram preservados para o papa Ao rebentar a guerra entre a França e a Alemanha, em 1870, as tropas francesas foram retiradas E em 20 de setembro de 1870 Vítor Emanuel se apoderou de Roma, Então seus habitantes, por cento e trinta e três mil votos contra mil e quinhentos, foram a favor da anexação à Itália. O governo italiano assegurou ao papa os privilégios de um soberano e a posse absoluta do Vaticano, Latrão e Castel Gari dolfo Assim terminaram os Estados da Igreja, a mais antiga soberania secular sem interrupção ainda existente na Europa.. Pio IX protestou e se declarou "prisioneiro do Vaticano", e excomungou Vítor Emanuel. Por meio século, até a Concordata com Mussoiini por término à "Questão Romana", em 1929, o papado recusou reconhecer a perda de suas possessões temporais. Isso, no entretanto, teve suas vantagens. Trouxe simpatias ao papa, e as contribuições vindas do mundo católico cobriram as perdas financeiras. Libertou o papado de uma tarefa secular paia a qual estava mal preparado e que o expunha a acusações bem .fundamentadas de má administração. E deu ao papado oportunidade para desenvolvei suas funções espirituais e, por fim, aumentou o seu prestígio moral..

Tais vantagens, no entanto, não foram logo evidentes. Por muitos anos .pareceu que a Igreja estava em retirada ante as forças do mundo moderno, reclusa dentro de seu próprio circulo. Na Itália, por exemplo, Pio IX proibiu aos católicos italianos participarem na vida política do reino. A conseqüência desta política de *?ion expedit* largam ente fortaleceu a influência dos radicais e dos socialistas. Na Alemanha, na década de 1870, ocorreu a *Kulturkampf,* (pie lançou a Igreja Católica contra o Estado de Bismarek, Na luta, os católicos foram, por vezes, afastados dos seus costumeiros contactos e fontes de rendas, e forçados a consolidar seus interesses de modo diverso..

Pio IX foi sucedido por um papa estadista, Leão XIII (1878-1903). Pôs fim aos conflitos entre o papado e o governo imperial alemão. A Igreja vencera, mas ao aparente preço de se ter tornado algo como urna fortaleza cercada, Ele instou aos católicos franceses para que apoiassem a república, mas os efeitos do caso Dreyfus deveras atrapalharam seus esforços, e a luta entre Igreja e Estado na França chegou ao clímax sob seu sucessor. Na Itália, Leão continuou a desejar a restauração dos Estados da. Igreja, e a tensão entre Estado e Igreja continuou. Entanto, desenvolveu uma poli ti-

ca de grande significação para o faturo. As relações entre trabalho e capital e o interesse dos operários prenderam sua atenção. Sua famosa eneíclica de 1891, *Eetum novarum,* despeitou profundo interesse católico com referência às questões de justiça social Leão insistiu na formação de urna rede, sob liderança clerical católica, de associações de finalidade social, beneficente, econômica e política. Esse modelo de "Ação Católica" se tomou importante fonte de foiça 110 século vigésimo O papa era amante da cultura recomendando o estudo das Escrituras, e declarou que Aquirro (vol. I p 344) é a norma do ensino católico romano. Abriu os tesouros do Vaticano aos historiadores cultos Procurou a reunião das igrejas romaria e orientais, mas, em 1896, declarou não válidas as ordens anglicanas. Foi um papa hábil e zeloso, que reinou num tempo difícil da vida da Igreja.

O décimo nono foi um ' grande século" para as missões, tanto católicas romanas conro protestantes, e ainda que elas se mantivessem em ascensão por alguns anos, não foram tão importantes A França foi a principal base missionária e sua força propulsora, notadamerrte monges e clérigos, foi mantida por notável aumento no número de monges trabalhando como missionários. Muitas ordens e sociedades, algumas recentemente formadas, participaram no movimento Movimentos novos para incremento das missões, tal como a Sociedade para a Propagação da Fé, fundada em Lyon, em 1822, despertaram novo interesse missionário da parte dos leigos. O espírito missionário, qpe recebeu muito de sua força do reavivamento ultramontano, levou ao desper tamento das minorias católicas na índia, e na Indochina Na China, os conversos católicos, em geral das classes rurais, tendiam a se afastar da participação ativa na vida comum, íütito que a grande comunidade católica fez impacto generalizado menor que a protestante Na África central, muitas foram as conquistas da fé pelo esforço missionário.

Pio X (1903-1914) contrastou, em muitos sentidos, com Leão XIII. Este era nobre, Pio era de origem humilde. Leão XIII era senhor de grande habilidade diplomática e visão. Pio X era um fiel sacerdote paroquial, cuja paróquia abarcava o mundo. Foi forçado a envolver-se em duas questões deveras difíceis.. A primeira tinha a ver corrr as relações entre Igreja e Estado, na França... Apesar dos esforços de Leão XIII, a maioria dos católicos franceses eram tidos corno sem entusiasmo para com a republica. Desde bastante tempo se agravavam as relações. Em 1901 as ordens reli-

glosas que não estavam sob o controle do Estado foram proibidas de se dedicarem ao ensino. Como algumas se recusassem a obedecer, em 1903 foram extintos vários mosteiros e conventos e confiscadas suas propriedades. Ern 3904 o presidente da França, Loubet, fez uma visita oficial ao rei da Itália, em Roma. Pio X protestou, considerando o soberano italiano como possuidor ilegal de Roma A França retirou seu embaixador junto à corte papal e mais adiante rompeu toda relação diplomática Em dezembro de 1905 o governo francês decretou a separação da Igreja e do Estado. Foi suprimido todo auxilio governamental tanto a católicos como a protestantes. Todas as igrejas e outras propriedades eclesiásticas foram declaradas pertencentes ao Estado, que as arrendaria a associações locais para o culto, de preferência àquelas cuja fé por último a estivesse usando. Ainda que muitos bispos franceses se mostrassem prontos a formar tais associações, Pio X proibiu. O resultado foi um impasse A manutenção da igreja teve de ser conseguida por meio de contribuições voluntárias. Somente em 1920 a igreja veio a ter base legal na França

O segundo problema foi causado pelo aparecimento dos modernistas Apesar do crescimento do uUramovitanismo, a critica histórica moderna, a investigação bíblica, as concepções científicas de desenvolvimento e progresso encontraram seguidores, ainda que poucos, na comunhão romana. Pareceu a alguns homens sinceros e refletidos ser imperativa uma reinterpretação do catolicismo em termos do mundo intelectual moderno. Dentre eles se contaram Ilerman Schell (1850-1906), na Alemanha; Alfred Loísy (1857-1940), na França; George Tyrrell (1861-1.909), na Inglaterra, e um pequeno grupo na Itália. O modernismo não estava restrito a nenhum país. Contra tal movimento Pio X saiu a campo. O modernismo foi condenado I>or um decreto, *Lamenlabili,* e uma encíclica, *Vascendi,* os dois documentos sendo de 1907. E foram tomadas severas medidas para sua repressão Eoisy e Tyrrell foram excomungados.. A impressão de que o catolicismo estava se afastando do mundo moderno foi aprofundada.

O pei iodo da primeira Guerra Mundial, durante o qual foi Papa Benedito XV (1914-1922), presenciou notável progresso nos destinos católicos. As instituições de caridade católicas prestaram bons serviços na luta. O renovado prestígio moral e espiritual do papudo então começou a ser levado em conta. Roma havia oposto resistência ao desenvolvimento cultural do século décimo nono, mas

como esse desenvolvimento odiou em crise durante e depois da guerra, os padrões da Igreja pareceram menos anacrônicos As organizações da Ação Católica deram ao catolicismo romano um instrumento eletivo para crescer e sobreviver em sociedades pluralistas.

O pontificado do capaz e culto Pio XI (1922-1939) foi assinalado por franco despertamento católico Em seu tempo se tornou claro um renovado interesse teológico, um significativo movimento litúrgico e um continuado interesse missionário, A <:Questão Romana" foi finalmente resolvida, em 1929, pelo Tratado de Latrão, pelo qual o papa reconhecia a perda dos antigos Estados da Igreja em troca de grande soma, e recebia o domínio da Cidade do Vaticano A Igreja procurou consolidar suas novas conquistas por meio de uma série de concordatas com diversos governos, incluindo acordos com a Itália fascista (1929) e a Alemanha nazista (1938) Quando esses governos quebraram seus compromissos, Pio protestou corri vigorosas cncíclicas *Non abbiamo btsogno* (193.1) e *Mil brennender Sorge* (1937).

O catolicismo romano nos Estados Unidos aumentou considera velrnente no curso do século décimo oitavo e no começo do seguinte.. As ondas de imigrantes trouxeram milhões de romanos às praias da América, Na metade inicial do século décimo nono um dos principais problemas internos foi o desejo de algumas diretorias leigas de paróquias católicas de terem a prerrogativa episcopal de nomearem c destituírem seus pastores Tal atitude provocou cismas, sendo que alguns perduraram por vários anos. Mas, por fim, os bispos controlaram a situação. O principal problema externo foi o recrudescimento do sentimento aritialeoólico, agravado pela atitude da militante Igreja Católica Irlandesa, na década de 1840. Nesse meio tempo, esforços vigorosos foram feitos para assegurar a lealdade dos estrangeiros que chegavam, desenvolvendo as escolas paroquiais, as instituições de caridade e a imprensa católica.

A segunda metade do século foi penedo de naturalização e amerieanização da Igreja Católica, A convocação do Primeiro Concilio Plenário em Baftimore, em 1852, foi um passo para a consolidação das conquistas católicas e no sentido de assegurar um lugar na vida nacional, Na época, os católicos somavam cerca de dois milhões —- o maior corpo religioso rro país O vulto central nesse período foi James Gibbons (1834-1921), sagrado bispo ern 1868, arcebispo em 1877, elevado ao cardinalato em 1886, Muito fez para tornar sua igreja familiar à América e sanar a tensão contra os católicos. Creu

ele que a separação da Igreja e do Estado era o melhor para a América e cordialmente a defendeu Lutou pelos direitos dos operários, ao tempo em que as principais fontes de imigração se transferiram para o Sul da Europa, lançando grande numero de pessoas de formação católica nos centros urbanos. Havia os que temiam que a Igreja Católica Romarra nos Estados Unidos se tornasse *igualmente* americana nesta época de Gibborrs, e em 1899 uma carta papal — *Testem benevolentiae* — advertiu contra tal perigo

No século vigésimo o catolicismo alcançou a maioridade na América. Em 1908 a Igreja, americana foi tirada da jurisdição da Sagrada Congregação para a Propagação da Pé e seu *statua* de missão terminou.. A participação de católicos na primeira Guerra Mundial sem dúvida alguma criou seu "americanisrno" e serviu depois para abrandar tensões que perduravam entre grupos étnicos. Além disso, o Concilio Católico Nacional da Guerra (1917) demonstrou ser instrumento efetivo de consolidação e progresso e foi mantido como Conferência Católica Nacional de Beneficência, instrumento da hierarquia e dinâmico centro da "Ação Católica." nos Estados Unidos. A crescente jtorça do catolicismo romano na América tenr sido acompanhada por também certa crescente resistência da parte tanto de protestantes corno de "outros" americanos,

17

AS IGREJAS ORIENTAIS NOS TEMPOS MODERNOS

A impressão de muitos ocidentais dc que o cristianismo orientai tem uma história rotineira nos tempos modernos, por certo apenas r eflete o fato de que o estudo da história da Igreja Oriental tem sido negligenciado no Ocidente. A "União Plorentina" foi logo repudiada pelas maiores igrejas orientais O metropolita grego. Isidoro de Kiev, foi expulso quando tentou proclamá-la em Moscou e desde 1448 a Igreja russa se tornou totalmente autônoma. Em Constantinopla, a Ihrião permaneceu até a. queda da cidade, nras foi definitivamente repudiada por um sínodo, em 1472 Sob os subões os patriarcas alcançaram perigosa eminência como cabeças civis dos "Rum millet", os súditos ortodoxos dos turcos. Sujeitos a pesadas exigências e freqüentemente depostos, perderam antiga igreja até uma outra ser construída, depois de 1603, no quarteirão Phanar de S Jorge, dc Istambul Outros prelados ortodoxos se tornaram dependentes do patriarca ecumênico, ainda que as Igrejas servia e búlgara tenham mantido alguma autonomia até serem suprimidos seus patriarcados, *cm* 1766-1767.. A partir de 1461 um patriarca armênio emr Istambul teve posição semelhante como representante civil dos monofisitas..

Depois de 1453 o prineipad.o moscovita ocupou o lugar do Império Bizantino corno o maior Estado ortodoxo.. Certos eclesiásticos proclamaram a teoria de que como a Velha Roma se fizera herética e a Nova Ronra fora conquistada, Moscou, com seus príncipes e prelados ortodoxos era a Nova Roma que jamais poderia terminar. Mosteiros como o grande Troitsky Lavra (Mosteiro da Trindade), perto de Moscou, fundado por S. Sérgio no décimo quarto século, foram os principais centros de piedade, estudo e vida religiosa Interessante controvérsia monástiea se levantou no fim do século décimo quinto entre os "não possuidores[77], cujo cabeça era Ni! Sorsky, que defendiam a vida de oração e pobreza monástiea com a limitação das atividades ao que era estritamente religioso, e

os "possuidores", chefiados por Joseph de Volokolamsk, que aceitavam responsabilidades sociais e políticas e viam na riqueza e na propriedade uma maneira de cumpri-las. O uso da dignidade patriarcal pelos metropolitas (.1589), como a velha tomada do título de czar pelos grão-duques, apenas deu reconhecimento formal a uma situação já existente

Nos séculos décimo sexto e sétimo as igrejas orientais passaram a receber influências ocidentais, tanto católicas como protestantes. Lutero e outros reformadores recorreram ao exemplo oriental de catolicismo não romano.. Mas quando os teólogos de Tübmgen. iniciaram correspondência com o Patriarca Jeremias II (1.574-1584-) sua resposta claramente demonstrou a divergência da Igreja grega e da luterana no referente ao ensino sobre a autoridade, fé, graça e sacramentos Sob obscuras circunstâncias, o notável Cyríl IArear (cinco vezes patriarca entre 1620 e 1638) lançou urna confissão de caráter fortemente reformado • enquanto na União de Brest, 1596, o metropolit.a de Kiev e outros prelados no que era então território polonês aceitaram os termos florentínos - autonomia local e independência litúrgiea, sujeitos em doutrina e disciplina, â autoridade última romana Da palavra polonesa "unia" esta Igreja da Ucrânia ("fronteiriça") é popularmente chamada Uiriata, denominação por vezes aplicada (ainda que impropriamente) a outros ritos orientais católicos.. Sol) Peter Mogila, feito metropolíta em 1632, Kiev retornou à comunhão ortodoxa. Sua Confissão e Catecismo são documentos de importância nesta controvérsia terminada pelos decretos do Sínodo de Bethlehem, reunido sob a direção do Patriarca Dositheus de Jerusalém, em 1672. Ainda que ortodoxos na substância, esses "livros confessionais" demonstram em sua forma influência ocidental.. Métodos ocidentais foram também empregados na Academia Teológica de Mogila, Kiev (a qual. se encontrava em território russo depois de 1665), e na qual o idioma em que se mi nistrava o ensino não era o grego nem o eslavo, mas o latim. No decorrer do século décimo oitavo as escolas teológicas russas, organizadas segundo o modelo de Kiev, seguiram esse sistema.

Na esfera de influência de potências católicas (primeiro Portugal, depois França e Áustria, tanto quanto a Polônia), outras igrejas "Uniatas" foram organizadas. A Etiópia esteve em união formal com Roma de 1624-**1**.632. Na índia, os cristãos sírios de Malabar sofreram considerável latinização sob o Arcebispo Meneses (Sínodo de Diamper, **1**.599). Em 1653 grande parte renunciou à

comunhão romana, mais tarde assegurando a sucessão episcopal através dos sírios jaeobitas e os nestorianos, com os quais haviam estado ligados mas sem se fundirem. Parte dos nestorianos esteve unida com Roma no século décimo sexto como "Caldaicos" e ainda uma secção dos ortodoxos sírios (aos quais o nome árabe do grupo todo, "Melquita" ou realista, isto é, Bizantino, ficou restrito) Outros grupos " Uni a Ias" paralelos são os eoptas, jaeobitas e armênios.

Na Rússia, a igreja foi um foco de lealdade nacional durante as guerras e invasões no "Tempo de Angústia" que veio após a extinção da antiga dinastia de Rurik. A defesa de Troitsky Lavra contra os poloneses, em 1612, foi um dos momentos decisivos do período. Quando, em 1613, começou a nova dinastia com Miguel Romanov, seu pai, que fora forçado a fazer- votos monástieos durante as guerras, praticamente reinou com ele como Patriarca Philaret O Patriarca Nicoir (1625-1666), vigoroso até a violência, introduziu reformas práticas que incluíam a correção dos livros de ofícios gregos Nieon foi deposto com a anuência de outros patriarcas, mas as reformas permaneceram Os oponentes foram obrigados ao cisma, corno Velhos Crentes (mais propriamente Velhos Rit.ualist.as) ou separatistas (Raskolmki). A importância da liturgia na fé e na vida ortodoxa enrijeceu sua lealdade aos pormenores do rito e do cerimonial, o que representa para eles a estrita, ortodoxia da Rússia As reformas ocidentais de Pedro, o Grande, intensificaram a diferença As seitas russas formam três grupos — 1°) Velhos Crentes, dos quais alguns (popovtsi) aceitaram sacerdotes vindos da Igreja estabelecida e, através de um bispo grego, asseguraram, em 1849, seu próprio episcopado; enquanto outros (bezpopovtsi, isto é, "sem sacerdotes") afirmam que a apostasia destruiu as ordens da Igreja e se cingem aos ritos que leigos podem administrar, usando vinho e crisma mantidos por diluição. *2 °)* variedade de grupos extremados e excêntricos, alguns guardando remanescentes do paganismo ou antigas heresias —- sendo melhor conhecidos os pacifistas doukhobors ("lutadores espirituais") que foram ao Canadá, 3°) desde o século décimo nono grupos protestantes que agem na Rússia de várias maneiras.

Planejando organizar a administração da igreja nas linhas de um departamento governamental, depois de 1700 Peter deixou vago o patriareado,. Em 1721 o substituiu pelo "Santo Sínodo".. Era este formado de alguns bispos e outros clérigos convocados pelo im-

perador, que também indicou seu seeretáiio e executivo leigo o "Ober-Procuror". Em inglês é geralmente chamado procurador, mas o título bárbaro, nem mesmo bom alemão, expressou o caráter revolucionário da instituição O patriarca que podia paiecer rivalizar com o czar foi assim substituído por uma administração a este sujeita Muito embora a igreja estabelecida não estivesse sem notáveis exemplos de piedade, estudo, caridade e zelo missionário, a mais profunda devoção fluiu em canais extra-oficiais O século décimo oitavo presenciou uma renovação da velha tradição morrástica de sé>bria piedade e direção espiritual entre os monges do Monte Atos, um dos quais, Paíse Velíchkovsky (1722-1794), mais tarde abade na Moldávia, nas proximidades da fronteira russa, levou essa tradição para dentro da vida da igreja russa. Os dois mais modernos santos canonizados pela Igreja, russa representam a mesma tendência, de certo modo comparável à reação pietista contra o protestantismo oficial - - o Bispo Tikliorr Zadonsky e o eremita das florestas do Norte, Serafim de Saiov (falecido em 1835). Um dos "anciãos" (startsi) ou diretores espirituais, do Mosteiro Optina, perto de Moscou, é retratado no Padre Zossirna dos *Irmãos liaramazov*, de Dusloievsky

O surgimento do nacionalismo e de movimentos modernos intelectuais e espirituais colocou as Igrejas orientais diante de situações novas, a íntima união entre o povo e a Igreja se expressando em novas formas .A Revolução Grega se originou no Mosteiro Megaspelaion, do Peloponeso (e o Patriarca Gregório *V,* mesmo formalmente condenando os insurretos, foi enforcado como líder grego na frente de sua residência, em Pliauar, em 1821). Com a independência política, a Igreja grega renovou sua vida intelectual e obteve autonomia eclesiástica, reconhecida pelo patriarca de Constantinopla, em 1851. Atitude semelhante foi tomada na Sérvia, Romania e Bulgária Em 1870 o exarea búlgaro exigiu jurisdição sobre todos os búlgaros, mesmo em Istambul - - isto foi condenado como "filetismo (talvez supernaeionalismo), a heresia do nosso século", e produziu um cisma entre gregos e búlgaros, de 1872 a 1945.. A vida da Igreja nos Bálcãs infelizmente continuava envolvida em conflitos nacionais. Na Síria, os cristãos árabes se fizeram rebeldes sob chefes gregos. Desde 1898, em Damasco foram sírios os patriarcas de Antioquia, mas o Patriarcado de Jerusalém continuou controlado pela Irmandade do Santo Sepulero (quase inteiramente grega),. O interesse missionário auxiliou a promover a educação moderna no

considerava a crueza do "RéveiP7, mas era atraído pela ênfase dos evangélicos mais moderados e pelas correntes românticas e estava per turbado pelo empenho dos racionalistas em reprimir os evangélicos. Depois esposou o "Réveil" e se fez ardoroso advogado da separação da Igreja e do Estado. Ern 1845 levou um grupo, no qual formava uma grande maioria de ministros e muitos dos pro fessores de teologia de Lausana, para fora da Igreja estatal, 17 r mando a Igreja Livre de Yaud,

As igrejas do continente? estimuladas pelas correntes do despertamento, muito contribuíram para o arranco missionário protestante do século décimo nono. Muitas sociedades foram organi zadas para canalizar 110 rumo missionário as energias acordadas pelo reavivarnento. A Sociedade Evangélica Missionária da Basiléia data de 1815; a Sociedade Missionária Danesa, de 1821; as de Paris e Berlim, de 1824; a Sociedade Missionária Renana, de 1828; a Missão Luterana Evangélica de Leipzig e a Sociedade Mis sionária do Norte da Alemanha, de 1836 — tais sociedades foram as mais importantes entre as centenas que enviaram missionários a todos os lugares. Os missionários protestantes do continente foram especialmente ativos nas índias Orientais Holandesas, onde havia a maior concentração de jirotestantes no Oriente Longínquo, e na África do SuP

No século passado a interpretação social do cristianismo foi incentivada em certos lugares. A Igreja Evangélica Unida da Prússia, na época a maior igreja protestante do mundo, sob vários aspec tos era administrada de modo conservador e no interesse do estado, enquanto a missão interior se tinha adaptado a um sistema d« caridade organizada. Em 1874, Adolf Stoclcer (1835-1909) veio a Berlim como pregador da corte, Ele partilhou da mentalidade dun ker, desdenhando o parlamentarismo liberal, mas estava grandemen te preocupado com a alienação das massas industriais com referencia ás forças do socialismo e do secularismo. Advogou a legislação trabalhista e o seguro social, infelizmente misturando elementos anti-semitas em suas mensagens. Mas Stõcker estava também politicamente inclinado à maneira luterana conservadora de entender a separação das esferas política e espiritual, e perdeu seu posto. Mensagem cristã social de classe média mais liberal foi pregada por Frederico Nauinann (1860-1919)., Entanto, também ele achou que as conseqüências de uma ética social seriam difíceis de aceitar pelos luteranos, e resignou o ministério, No entretanto, um "evan-

gelho social", de natureza algo acadêmica, foi defendido por cer tos teólogos liberais como Harnack e Hermann (p 252),

O cristianismo social encontrou solo mais fértil nas igrejas reformadas.. Líderes conspícuos no movimento foram Leonardo Ragaz (1868-1945), advogado do pacifismo, das cooperativas, das escolas populares *(foik sdwols)* e de fundações; c Herrnarin Kutter (1863-1931), autor de *Mes* Devem!* (1905), interpretação teológica do socialismo, livro que também influenciou o desenvolvimento do cristianismo social na Inglaterra e nos Estados Unidos, No entanto, o interesse das massas cristãs nas questões sociais nunca alcançou o grau que os líderes cristãos sociais esperavam, ainda que significativas mudanças na atitude protestante de enfrentar os problemas sociais tenham havido, e posteriormente algumas maneiras de pensar hajam constantemente mudado»

O PROTESTANTISMO AMERICANO NO SÉCULO XIX

Assim como a história do protestantismo no século décimo nono na Grã-Bretanha e no continente começou com um despertamento evangélico, igualmente a história da religião nos Estados Unidos, na mesma época, teve inicio com um despertamento. Na América, as correntes reavivadoras píetistas, evangetísticas e igreja baixa começaram largamente dominando na vida da Igreja. Muito embora houvesse sugestivas evidências de outros aspectos do reavivarnento inglês e continental, e ainda que algumas comunhões tenham resistido à maré reavivalista, como um todo a concepção evangélica da fé crista com característica atenção à conquista das almas deu paz ao protestantismo americano. Dirigido por pessoas que participavam das tradições píetistas e evangélicas, ele guardou a consciência e por vezes a conversão emocional como o meio normal de ingressar na vida cristã, A situação interna — a vida da Igreja esteve cm maré vazante durante o período revolucionário, e no começo do novo século, menos de dez por cento da população eram membros da Igreja — encarecia a necessidade de despertamento. A situação externa — um país que aproximadamente triplicara seu território e de cinco vezes aumentara sua população em cinqüenta anos — tinha sua parte em chamar a atenção cristã sobre a conquista de conversos.

Começando bem no fim do século décimo oitavo, poderoso despertamento do interesse religioso agitou o país. Na nova Inglaterra, o que por vezes tem sido chamado o "Segundo Grande Despertamento", deu seus primeiros sinais aí por 1.792. Em 1800 o despertamento estava no ápice. Líderes congregacionais resolveram que certos excessos que marearam o declínio do primeiro Grande Despertamento não se repetiriam. Ern suas igrejas, portanto, esses novos movimentos foram um tanto restringidos, realizando-se principalmente segundo os padrões normais da vida da Igreja. Importantes na

direção do movimento foram o brilhante presidente de Yale, Timóteo Dwíght (3752-1817), e os homens que preparou para essa obra — o pregador congregacional Lymari Beecher (1775-1863) e o teólogo de Yale, Nataniel W Taylor (1786-1858) O despertamento, no entanto, não ficou limitado às igrejas congregacionais. Nessa atmosfera floresceram batistas tanto quanto metodistas, lançando firme base na Nova Inglaterra, usando livremente práticas reavivalistas.

O despertamento também empolgou os estados do meio da costa atlântica, o Sul e a fronteira. Os habitantes da costa oriental fizeram sua parte visando a expandir o reavivamento para o ocidente Em 1801 a Assembléia Geral Congregacional de Connecticut e a Assembléia Geral Presbiteriana formaram um " Plano de União", procurando a fusão virtual dessas denominações nas zonas de fronteira., Logo outras associações congregacionais da Nova Inglaterra aderiram ao Plano e muitas igrejas "presbigacionais" foram estabelecidas, especialmente em Nova York e Oliio, Muitos, porém, dos que viviam no Ocidente estavam impacientes diante das restrições do reavivamento na costa oriental e com a ênfase sobre clero culto„ Nas fronteiras de Tennessee e Kentucky é que *ocorreram* as manifestações mais emocionais e espetaculares do despertamento. Em 1800 lá começaram as "reuniões dc campo", e especialmente em Ten nessee foram elas assinaladas por gritarias emocionais e manifestações físicas. Como um todo, porém, o novo movimento, que por décadas continuou entre altos e baixos, foi menos marcado que no século anterior por tais sintomas de excitamento exagerado. O impacto do reavivamento foi evidente no declínio da "infidelidade", a elevação do nível moral na fronteira e o seguro crescimento das igrejas batista, metodista e presbiteriana.

Produto do despertamento, fadado a se tornar preeminente dentro dele em sua longa carreira, foi o jovem advogado do *interior* de Nova York, Charles Grandison Pinney (1792-1875), Convertido em 1821, dedicou-se a viagens evangelísticas, e, a despeito da falta de preparo universitário ou teológico, foi ordenado pelos presbiterianos,, De imediato, sob sua intensa e fervente pregação, grandes reavivamentos ocorreram. Kompeu ele com os métodos padronizados, atitude que se tornou conhecida como "novos meios",. Esses meios —• "horas impróprias" para os ofícios, reuniões "prolongadas", uso de linguagem acre e coloquial, indicação de nomes na oração e sermões, reuniões de exame, "bancos ansiosos" - de fato

não eram realmente novos. 'Foi o uso desses meios num método empregado para dar resultado que os fez novos. Apesar da oposição dos que temiam o emoeionalismo de fronteira e o evangelismo de "novos meios", rapidamente Finney invadiu as cidades do. Oriente do pais. Seus métodos já testados logo passaram a ser amplamente aeei tos e copiados. A intensidade e freqüencia dos reavivamentos declinou na década de 1840, mas reacendeu-se em novo crescendo em 1857-58, quando um reavivamento amplamente nacional atingiu; milhares nas igrejas. Reuniões para oração diária, além das "horas impróprias", e liderança leiga foram fatores deste ápice na história dos reavivamentos.

No começo do século, no entretanto, as energias produzidas pelos reavivamentos foram canalizadas para motivos evangélicos por intermédio de uma segura rede de sociedades voluntárias. Diversas organizações começaram como coisas locais, depois pequenos grupos se reuniram em sociedades nos Estados e, por fim, as grandes sociedades nacionais, que completaram o modelo. Quando o interessa dessas sociedades voluntárias era pelas missões domésticas ou estrangeiras, elas, às vezes, seguiam linhas derromirracionais. Então, quando um grupo de estudantes do Wiliiam College, sob a liderança de Samuel J„ Mills (.1783-1818), ofereceu seus serviços às autoridades congregacionais como missionários na índia, foi precipitada, em 1810, a formação da Comissão Americana de Comissionados fiara as Missões Estrangeiras. Basicamente era uma sociedade congregacional, ainda que presbiterianos e reformados tenham por- algum tempo ajudado a mantê-la. Seus primeiros cinco missionários foram enviados em 1812. No caminho para a índia, dois deles, Adoniram Judson (1788-1850) e Lutero Rice (1783-1836), chegaram à conclusão de que o batismo por imersão era a maneira bíblica, Isto, por sua vez, precipitou a organização da Convenção Missionária Geral da Denominação Batista dos Estados Unidos da América para Missões Estrangeiras, Outras denominações também fundaram, sociedades missionárias: os presbiterianos cm 1817, os metodistas em 1818, os episcopais em 1820. A Sociedade Missionária Doméstica Americana foi instituída em 1826 para incentivar o Plano de União.

Foram também organizadas sociedades voluntárias para a distribuição de Bíblias e tratados, promoção educacional e escolas dominicais e o cuidado de trabalho de caridade e reforma. As grandes sociedades nacionais geralmente foram sem denominação — procuravam sustentar o evangelismo de diversas origens. Dentre elas se con-

tavarn a Sociedade Americana de Educação (fundada em 1825), a Sociedade Bíblica Americana (em 1816), a União Americana de Escolas Dominicais (1817-1824), a Sociedade Americana de Tratados (1825)., Sua organização foi modelada pelo exemplo inglês. Na década de 1830 tais agências cresceram rapidamente em tamanho e aumentaram suas rendas. Suas reuniões anuais, os "aniversários de maio", se davam ao mesmo tempo, na cidade de Nova York. Seus membros e diretores em parte eram os mesmos, tanto que formavam o que foi denominado "império bondoso". Seu controle estava em grande parte nas mãos de um grupo de leigos abastados, predominantemente presbiterianos ou congregacionais, entre os quais sobressaíam Arthur (1786-1865) e Lewis (1.788-1873) Tapparr Tais pessoas reconheciam a autoridade de Einney, engaj ando-o em suas causas e quando sua má saúde exigiu diminuição de trabalho, chamaramno ao pastorado em Nova York. Em 1834 e 1835 ele publicou *Conferências sobre Reavivamentos Religiosos*, apresentando seus comprovados métodos de promovê-los. Neste último ano ele foi para o novo Oberlin College, em Ohio, onde, como professor de teologia e depois presidente, se tornou, sem demora, o maior líder e o maior teórico do reavivamento americano. Sua volumosa obra, *Conferências sobre Teologia Sistemática,* publicada pela primeira vez entre 1846-47, apresentou uma teologia do reavivamento, na qual a prova para qualquer doutrina seria a sua contribuição positiva ou não para a salvação. Einney foi um líder com muitos seguidores — exércitos de rea vivadores puseram seus métodos em ação.

Vitalidades estimuladas pelo reavivalismo foram entregues ao "império bondoso". Nunca abandonando sua paixão missionária, seus cabeças utilizaram o modelo da sociedade voluntária para converter a sociedade através de grandes cruzadas morais e humanitárias. Desejavam que tais males como os vícios, a liceneiosidade, a delinqüência juvenil, a quebra do domingo fossem banidos, sendo promovidas a temperança, a paz e a abolição da escravatura. A temperança, por exemplo, despertou, em 1811, os esforços da Assembléia Geral Presbiteriana e as Associações Congregacionais de Oonnecticut em Massachusetts. Os sermões de Dyman Beecher contra o alcoolismo, em 1813 — repetidos e publicados em 1827 — chamaram muito a atenção. Em 1826 a Sociedade Americana para promover a Temperança foi incluída no grupo das benéficas sociedades voluntárias„ O resultado de todas essas atividades foi uma modificação permanente nos hábitos de beber de cristãos professos. Então

esforços foram feitos paia levar a temperança aos membros não ativos da Igreja. O movimento washingtoniano de 1810 visou à reforma dos ébrios.. A proibição por lei foi decretada- no Maine, em 1846 A história da legislação proibitiva, escorada em forte aporo cristão, foi abolida, mas neste século culminou na experiência da i>roibição nacional (1919-1933).

A Sociedade Americana da Paz foi organizada em 1828.. A maior das cruzadas, no entanto, foi a da abolição . Antes do século décimo nono tinha havido algum pronunciamento contra a escravidão, especialmente da parte dos (piacres A obra de John Woolman (1720-1772) foi de especial importância.. Crescente antipatia contra a escravatura se espalhou no país no início do século décimo nono. Mas por volta de 1830 grande mudança ocorreu 110 Sul, devida às supostas necessidades industriais do sistema colonial, o temor dos levantes de escravos, e os profundos ressentimentos «outra os inflexíveis ataques de alguns abolicionistas nortistas como William Llovd Garrison (1805-1879).. No Noi te, no entanto, o movimento abolicionista deu impulso grande no interesse emancipacionista generalizado, mas vago. Ern 1833 a Sociedade Americana contra a Escravidão for organizada corno parte do império benéfico. Einriev converteu Teodoro Pvvight "Weld (1803-1895) no vulto mais poderoso na difusão do sentimento abolicionista entre os evangélicos. Assim que o interesse dos protestantes do Norte se fez crescente na abolição e o abismo entre os evangélicos sulistas e nortistas se aprofundou .

E foi assim que, por intermédio dos reavivamentos, das organizações missionárias e das sociedades voluntárias, uma interpretação evangélica, pietista da fé cristã profundamente se disseminou na América no século décimo nono. As denominações que empregaram plenamente o modelo do reavivarnento vieram a ser as gigantes deste período de expansão nacional. Os metodistas, escassamente quinze mil ao tempo de sua organização independente, em .1784 (p 230) passavam de um milhão em 1850. Os batistas, cem mil rio início do século, no meio dele haviam aumentado oito vezes., Congregaeionalistas e presbiterianos, entre os quais cedo apareceu o reavivarnento do século décimo nono, continuaram a crescer com o despertamento, mas resistências internas os apouearam, e decaíram comparativamente em força deiiominacional e perderam a primazia que haviam conquistado, O segundo despertamento grandemente fortaleceu os congregacionalistas de Massaehusetts, que se consideravam ortodoxos, mas o partido "liberal", cujo surgimento já foi assinalado

(p 189), foi grandemente oposto a ele, Era 1805, os liberais conseguiram colocar Henry Ware (1780-1.842) como professor de teologia em 1 larva)d No entretanto, William Ellery Channing (1780-1842) iniciara um jmstorado deveras respeitado e de influencia profunda em Boston, e pregava uma eristologia eminentemente ariana.. A crescente cisão, em parte causada pelos ataques dos ortodoxos aos liberais, levou estes, em 1815, a adotarem o nome de Unitários. Entretanto, se tornou ainda mais característica deles, além da negação da doutrina da Trindade» sua crítica da doutrina do pecado original, da teoria calvinista da predestinação e a insistência na salvação pelo caráter.. Urn sermão de Obanning, em .1819, na instalação de Jared Sparks (1789-1866), em Baltimore, foi, no geral, considerado como autorizada declaração dos liberais e desde então lhe outorgou a liderança não oficial do unitarismo americano. Em 1825 se formou a Associação Unitária Americana. A aliança de algumas das mais velhas igrejas congregacionais e de vários homens proeminentes da Massaehusetts oriental foi benéfica à. nova denominação, Mas os ortodoxos, estimulados pelo enérgico Lyman Beecher, que ern 1826 se tornara pastor da Igreja da Kua Ilanôver, em Boston, renovaram o uso dos r eavivamentos, c conseguiram restringir o avanço unitário e confiná-lo à Nova Inglaterra oriental.

Em Oonnecticut não havia rompimento aberto, irias os ealvinistas mais conservadores temiam que a teologia de New Tlaverr viesse modificar o ealvinismo quanto ao seu apoio ao reavivamento e se unisse às objeç.Ões unitárias. Então nova associação ministerial "ortodoxa" foi organizada em 1833, e fundado novo seminário em Hartford, no ano seguinte. No entanto, ambos os partidos de Connectieut continuaram a usar reavivamentos, Horácio Bushnell (1802-1876), pastor de projeção, foi quem criticou com ponderação o sistema dos despertamentos na sua mais influente publicação, primeiro aparecida em 1847, *jEducação Cristã.* Ele instou na calma instrução da criança sob influências apropriadas como a maneira normal de ingressar no reino de Deus, em vez da conversão angustiada que as tradições pietista e metodista consideravam a única experiência legítima. Teólogo capaz, Bushnell muito fez para mudar a ênfase do dogma exato, a ser demonstrado ao intelecto, ao sentimento religioso, para o qual o coração e a mente do homem devem estar voltados. Tais idéias, influenciadas pelo rornanticismo e refletindo a obra de Samuel Taylor Ooleridge (p 254), foram apresentadas nos livros *Deus em Cristo* (1849) e *Natureza e Sobrenatural* (1857).

Os presbiterianos também foram lacerados pelas controvérsias» Eles, por vezes com bases escoto-irlandesas, que se mantinham firmes nos padrões confessionais e nas tradições de um ministério culto, foram seriamente turbados pelos reavivarnentos de fronteira, cujas ênfases doutrinárias e os padrões de ordenação eram mais frouxos. No entanto, procurando refreá-los, foram levados ao cisma. Em 1803, Barton W. Stone (1772-1814) levou um grupo de presbiterianos evangélicos do Sínodo de Kent.ucky Essas "Novas Luzes" logo abandonaram qualquer *nome* "sectário", desejando serem conhecidos simplesmente como "cristãos" Alguns anos mais tarde, procurando disciplinar os presbitérios reavivalistas de Cumberland (Kentueky) levaram ao rompimento claro e à formação do que veio a ser a Igreja Presbiteriana de (Cumberland. Algumas organizações presbiterianas menores também foram atingidas pelo cisma Thomas Campbell, ministro presbiteriano da secessão do Norte da Irlanda, veio à América ern 1807 e começou a trabalhar na Po.nns.yl vania ocidental. Sua liberdade recebendo à comunhão presbiterianos de todos os partidos^, provocou críticas e foi disciplinado pelo Presbitério Seecionado do Chartiers. Campbell sentiu ser seu dever protestar' contra tal sectarismo e afirmar corno padrões de todo discipulado cristão somente os termos literais da Bíblia, como ele os entendia Então Thomas Campbell rompeu com os presbiterianos separados, mas continuou a trabalhar na Pennsylvania ocidental, anunciando corno seu princípio: "Onde a Escritura fala, nós falamos; onde ela cala, nós calamos". Ele nao planejara uma nova denominação, mas a união de todos os cristãos sobre esta base bíblica, sern adicionar provas de credo ou ritual. Em agosto de 1809 Thomas Campbell organizou a Associação Cristã de Washington — assim chamada pelo condado de Pennsylvania em que se originou -- e preparou para cia a "Declaração e Alocução", que desde então tem sido considerada como o documento fundamental do que veio a ser conhecido como o movimento dos Discípulos. No mesmo ano, o filho de Campbell, Alexandre (1786-1866), veio para a América e logo superou o pai na fama de advogado dessas idéias.

A despeito do jrrotesto deles contra o sectarismo, os Campbell, organizaram uma Igreja em Brush Rim, Pennsylvania, em maio de .1811, Desde o início celebraram a Ceia do Senhor todos os domingos. Mas surgiram duvidas sobre os fundamentos bíblicos do batismo infantil. Ern 1812 os Campbell e alguns de seus acompanhantes foram batizados por imersão. Um ano depois a igreja de Brush Run

se filiou à Associação das igrejas Batistas de Kedstoue. Mas surgiram discórdias com os batistas. Os Campbell discordavam do calvinismo estrito dos batistas. Para eles7 o Antigo Testamento tinlia menos autoridade que o Novo. Para os batistas o batismo era um privilégio do pecador já perdoado; para os Campbell era uma condição de perdão. Além disso, os Campbell, sem serem sob nenhum aspecto unitários, se recusavam a empregar outras expressões que não fossem bíblicas com referência ao Pai, ao Pilho e ao Espírito Santo. O resultado foi se afastarem dos batistas, afastamento que se pode dizer foi completado em 1832. Nessa data os seguidores dos Campbell se fundiram com a massa dos acompanhantes de Barton Stone para formarem os Discípulos de Cristo. Talvez fossem na época vinte e cinco mil, mas passaram de um milhão antes do fim do século.

A perda dos reavivalistas extremados das principais organizações presbiterianas não significou o término da tensão sobre despertamento dentro dessa comunhão. As "Novas Escolas" presbiterianas que simpatizavam com a teologia de New Haven e trabalhavam sem restrições com o "império benéfico", foram fortalecidas pela aplicação do Plano de União, que trouxe homens de formação congregaciorral à jurisdição presbiteriana. Em 1837 as "Velhas Escolas" se fortaleceram com regulamentar os presbitérios fora da Igreja, assim dividindo-a em duas . A tensão e a controvérsia teológicas das sociedades voluntárias, as quais irão se encontravam sob o controle direto da Igreja, foram motivos centrais na divisão.

A Sociedade dos Amigos também foi rompida. Certo movimento evangélico favorecendo algumas ênfases e técnicas reavivalistas foi dirigido por um quacre inglês, Joseph John Gurney (1788-1846), enquanto a reação liberal teve como figura central Elias Hieks (1748-1830), de Long Island. A "Grande Separação" ocorreu em 1.828-29, terminando em grupos isolados --- "ortodoxos" e "hicksten-ses".

O ressurgir do reavivarnento também trouxe controvérsia nos círculos luteranos. A voz dirigente do luteranismo durante a primeira metade do século décimo nono foi a de Samuel Simorr Scbmucker (1799-1873). Favoreceu ele um "luteranismo americano", dentro do qual cabiam algumas práticas reavivalistas. Os luteranos de inclinação confessional foram perturbados, e o Sínodo Geral (p 232) no qual Schinueker foi preeminente, sofreu com dissensÕes e rompimentos, especialmente com as ondas de imigrantes alemães e escandinavos as quais trouxeram muitos luteranos que

julgavam estar' as igrejas americanas afastadas da verdadeira tradição luterana» Então, como a imigração fortaleceu o ressurgimento confessional, decaiu a influência de Schmucker. O Sinodo Geral encontrou rival, em 1867, no Concilio Geral, e o seminário de Schmucker, em Gettysburg (fundado em 1826) foi igualado pelo de Monte Airy, Permsylvania (1864), O vulto central no desenvolvimento final foi Charles Porterfield Krautlr (1823-1883), autor de *A Reforma Conservadora e sua Teologia* (1871).

Em algumas denominações não havia cisma declarado sobre despertamento, mas havia considerável tensão interna Nas igrejas alemãs reformadas havia forte resistência à expansão do "sistema de reavivamento", feita pelos maiorais do "sistema de catecismo", mormente pelo teólogo John W„ Nevirr (1803-1886) e o historiador eclesiástico Philip Schaff (1819-1893), ambos do seminário de Mercersburg, Pennsylvanra. No entanto, a teologia de Mereersburg fez pouca contribuição direta; sua importante significação foi redescoberta somente no século atual. Na Igreja Protestante Episcopal houve pouco reavivamento como tal, mas nela existia forte partido evangélico, a Igreja baixa.. Nesse partido, o Bispo Alexandre Viets Griswold (1766-1843), da diocese oriental, foi muito importante. Nos anos iniciais do século se viu o ressurgimento do partido da alta igreja, sob a liderança do Bispo John Ilenry Hobarí (1775-1830), tendência que o surgimento do anglo-eatoliclsmo (p 257) fortaleceu. A Igreja Episcopal era pequena nesse tempo, mas se desenvolveu de modo firme no decorrer do século, especialmente nos centros urbanos.

Os cismas denominacionais mais sérios do século passado se fizeram em conexão com a luta contra a escravidão.. A crescente antipatia por ela levou, em 1843, à organização da Igreja Metodista Wesleyarra da América, fundada, só com membros não escravocratas. A disputa foi avante quando a Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal se reurriu era 1844, logo surgindo a luta sobre se era justo manter um bispo favorável à escravidão. Os sentimentos nortistas.e sulistas se dividiram irremediavelmente. . A Conferência adotou uma indicação que permitia a divisão da Igreja, disso resultando a constituição, em 1845, da Igreja Metodista Episcopal do Sul.

Na mesma época uma divisão semelhante separou os batistas do Norte e do Sul. A Convenção dos Batistas do Estado de Alabama exigiu, em 1844, que a Junta de Missões Estrangeiras não fizesse discriminação contra os possuidores de escravos rra nomeação de

missionários, Mas a Junta declarou que não tomaria nenhuma atitude que implicasse apoio à escravidão. O resultado foi a formação da Convenção dos Batistas do Sul, em 1845, c a divisão da Igreja

As vésperas da Guerra Civil (1861-1865) outras igrejas se dividiram,, A Igreja Presbiteriana Nova Escola se separou em 1857; a Velha Escola em 1861. As duas alas sulistas se fundiram em 1864; sob a designação de Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, e as duas nortistas se uniram entre 1869-70 sob o nome de Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América. A Igreja Protestante Episcopal esteve dividida apenas durante a guerra, tornando a se unificar quando ela terminou. As igrejas puderam sustentar materialmente suas partes divididas, durante a guerra. Após a luta. grande maioria de cristãos negros se fizeram membros de suas próprias organizações independentes, principalmente da Convenção Batista Nacional e das pequenas Igreja Metodista Episcopal Africana e da Igreja Metodista Episcopal Sião Africana. Algumas das maiores denominações brancas possuíam expressivas minorias negras, e houve considerável acréscimo de seitas negras, especialmente nas áreas urbanas.

A fundação de muitos novos colégios e seminários foi estimulada pelo despertamento religioso, as controvérsias e o surgimento de novas denominações. . O século décimo nono presenciou o começo de centenas de colégios denominaeionais, muitos de vida efêmera,. **O** propósito **x**>riucipal dessas escolas era auxiliar no preparo de homens para o ministério. Mas foi profundamente sentida a necessidade de promover preparação especializada para o ministério. Em 1784 a Igreja Reformada (Holandesa) criou um curso para ministros, depois estabelecido em Nova Brunswick (Nova Jersey), por vezes dito ser o mais antigo seminário teológico americano.. Em 1794 os Presbiterianos Associados (depois Unidos) começaram a instrução teológica num seminário até encontrar uma casa em Xêriia, Chio, de onde tirou o nome, e finalmente ern Pittsburgir Os luteranos também fundaram uma instituição, ern .1797, localizada em Hartwick, Nova York. Em 1807 os moravianos estabeleceram sua escola teológica ern Nazaré, Pennsylvania, posteriormente levada para Bethlehern, O seminário teológico melhor equipado — e, ern certo sentido, o inieiador de uma nova era — foi fundado pelos congregacionais em Andover, Massachusetts, ern 1808. Quatro anos após os presbiterianos fundaram seu seminário em Princeton, Nova

Jerscy. Em Mame, os congrcgaciorralistas fundaram o Seminário Teológico Bangor, em 1814, e cinco anos depois, sob a influência unitária, foi aberta a Escola Teológica da Universidade de Harvard Os batistas iniciaram um" seminário em Hamilton, Nova York em 1820, enquanto os presbiterianos estabeleceram um em Auburn, Nova York, mais ou menos ao mesmo tempo Em 1822 os eongregacionalistas abriram a Escola Teológica da Universidade de Yale. Assim as instituições para o preparo ministerial, algumas delas mencionadas acima, rapidamente sc multiplicaram e por volta de 1860 se aproximavam de cinqüenta.

Na primeira parte do século décimo nono, no clima emocional insuflado pelo despertamento, surgiram vários movimentos que representaram significativos afastamentos ou distorções do modelo protestante evangélico. Desenvolvimento peculiar da interpretação profética foi o de William Miller (1782-1849), grarijeiro batista de Low Ilampton, Nova York.. Iniciando em 1831, ele pregou assiduarnerite, afirmando, com base em cálculos feitos no livro de *Daniel*, que a segunda vinda de Cristo e a inauguração do Seu reino milenário ocorreria entre 1843-44. Conquistou milhares de seguidores Ainda que haja fracassado sua pregação, em 1845 seus discípulos realizaram uma conferência de adventistas, como a si mesmos chamavam. O nome perdura até agora Alguns deles aderiram à observância do sétimo dia. Dentre eles, o grupo mais importante é o dos Adventistas do Sétimo Dia, formalmente organizado em 1863. A fé adveiitista, muitas vezes combinada com as ênfases pen tecos tal e perfeccionista (santidade), teve papel importante na formação de novas seitas na América, no fim do século passado e início do aluai.. O movimento que depois se tomou conhecido como Testemunhas de Jeová -— peculiar desenvolvimento ao lado do ensino adventista começou no fim da década de 1870, sob a liderança de Charles Taze Eussel (1852-1916),

Movimento nutrido ira atmosfera de despertamento do "super ardente" distrito do interior do Estado de Nova York, mas que logo alcançou sua própria direção, foi o inormonismo Seu fundador for Joseph Smith (1805-1844), que pretendia ter desenterrado nas proximidades de Manelrester, Nova York, em 1827, um volume dc folhas de ouro, o *Livro de Mórmon*.. Tal livro era urna suplementação da Bíblia e estava escrito com letras misteriosas, que Smith j>ôdc traduzir usando óculos mágicos, mas cujo original foi arrebatado i>or um anjo. Por -esse livro Smith era proclamado profeta.. A primei-

t a igreja mórmon foi organizada rio ano de 1830, em Fayette, Nova York. Mas logo seus membros foram largamente recrutados nas cercanias de Kirtland, Ohio. Foi nesse lugar que Brighain Young (1801.-1877) se filiou a essa igreja,. Em 1838 os chefes mórmons se mudaram para Missouri, e em 1840 fundaram Nauvoo, Illinois. Ainda que o *I/ivro de Móirnon* ordene a monogamia, Smith proclamou ter recebido uma revelação, em 1843, estabelecendo a poligamia A hostilidade, popular levou ao seu assassinato pelo populacho, no ano seguinte. Então a igreja caiu sob a liderança de Brighain Young, organizador e chefe de grande habilidade. Sob seu comando, os mórmons seguiram para Salt Lake, em Utah, e uma comunidade de grande prosperidade material foi ali inaugurada Em virtude da pressão governamental, em 1890 a poligamia foi oficialmente abandonada. Eles têm sido missionários infatigáveis, conquistando muita gente ira Europa e levando sua Igreja além dos mares Seu sistema de supervisão econômica e social tem sido notável.. Seu sistema teológico sem par se baseia sobre três fontes de revelação: a Bíblia, o *Livro de Mórmon* e os livros registradores das revelações diretas e progressivas, alegadas terem sido recebidas de Deus por Joseph Smith, especialmente o *Doutrinas e Pactos* Além da principal Igreja de Jesus Cr isto dos Santos dos Últimos Dias, com o seu quartel-general em Salt bake City, Utah, há inúmeros grupos menores cora seu centro em Independence, Missouri,

No período entre a Guerra Civil e a primeira Guerra Mundial, a ênfase reavivadora do protestantismo americano foi continuada fortemente. Dwight L. Moody (1837-1899), evangelista leigo, foi seu expoente mais importante. Organizador iiifatigável e pregador agressivo, Moody foi urna força ponderável na vida protestante. Seus métodos de reavivarnento foram largamente copiados e seu entusiasmo missionário significativamente contribuiu para a continuação do crescimento da obra missionária no estrangeiro Mas a atmosfera intelectual do século passado foi de rápidas mudanças, e muitas opiniões novas de modo rápido cambiaram idéias acariciadas pelos protestantes conservadores. O impacto das revoluções no pensamento científico e histórico refez os conceitos dominantes da natureza do mundo e sua história. Os que eram sustentáeulo das idéias bíblicas tradicionais sobre a criação foram abalados, de um lado, pelas novas idéias oriundas dos geólogos e, de outro, pela critica bíblica. Muitos protestantes reagiram, firmando-se com rigidez em suas opiniões sobre a infalibilidade da. Bíblia. E organizaram uma série de importantes conferências bíblicas para defende-

rem suas opiniões — Niágara, Winona, Roeky Monntain. Na de Niágara, em 1895, foi preparada a declaração que se tornon conhecida como os "cinco pontos do fimdairientaJismo". Ela afirmou a infalibilidade verbal da Escritura, a divindade de Jesus, o nascimento virgina], a expiação substituitória, a ressurreição física e a volta corpõrea de Cristo» A causa conservadora foi fortalecida por conferências proféticas, a fundação de escolas bíblicas e as atividades de inúmeros pregadores itinerantes de despertamentos

Outros protestantes reagiram de maneira completamente diversa, procurando reter a orientação evangélica, mas refazendo sua fé de modo a ir de encontro ao pensamento científico e histórico da época» Tirando muitas de suas idéias do movimento de Ritschl na Alemanha e do movimento da Igreja larga na Inglaterra, travaram duas longas batalhas contra a aceitação do pensamento cvolucionista e a maneira crítica de encarar a Bíblia.. Muitos seminários adota, rairr a maneira liberal; a "ortodoxia progressiva" de Audôver, por exemplo, demonstra ser uma transição para o liberalismo

Uma série de experiências hereges marcaram o aparecimento da teologia liberal Especialmente Importante foi a deposição do Professor Charles A Briggs (1.811-1913) do Union Theological Seminary, Nova York, pela Assembléia Gerai Presbiteriana, ern 1893 O IJnion rompeu seus laços com os presbiterianos e se apresentou corno campeão da linha liberal Mas ao dealbar do século vinte os liberais haviam conquistado lugar para si cm muitas denominações. Nas primeiras décadas do século os conservadores militantes fizeram um esforço para expulsá-los através de amarga controvérsia fundamentalista-modernista,. Profundamente falidos aí por- volta de 1930, procuraram eles reunir-se em igrejas Independentes e denominações dissidentes. Liderança de vulto foi dada aos fundamentalistas pelo professor presbiteriano J.. Gresham Machen (1881-1937), e aos liberais pelo ministro batista Harry Emerson Fosdick (1878- - -),

O período que vai de 1865 a 1.914 presenciou crescente reconhecimento da obra feminina nas igrejas protestantes.. Os corrgrcgacionalistas fundaram, em 1868, uma Junta Feminina de Missões Estrangeiras. Seguiram-nos a Igreja Metodista Episcopal, no Norte, em 1869; os Presbiterianos do Norte, em 1870; a Igreja Protestante Episcopal, em 1871. Organizações similares para as missões nacionais e estrangeiras são comuns no protestantismo americano Desde muito o elemento feminino é elcgível às convenções representativas das igrejas batistas e congregacionais. Em 1900 elas obtiveram o direito de serem eleitas às conferências gerais metodistas. Algumas

denominações as ordenaram ao ministério, principalmente batistas, congregacionais, discípulos, unitários e universaiistas

O mesmo período foi marcado por crescente atenção por parte das igrejas à sua mocidade„ O movimento não denominaciouat — Esforço Cristão — foi fundado pelo congregacionalista Francis E Clark (1852-1927), em 1881. As denominações adotaram a idéia, e em 1889 a Liga Epworth foi organizada pelos metodistas; em 1891 se formou a União dos Jovens Batistas, e a Liga Luterana para moços surgiu em 1895.

Importante aspecto da vida religiosa depois da Guerra Civil foi o crescente interesse na existência de um ministério culto naquelas organizações que formalmente haviam demonstrado pouca inclinação nesse sentido.. Tal interesse foi revelado na constante provisão de recursos, de modo que os antigos seminários teológicos puderam ampliar suas possibilidades aumentando o corpo de professores e ampliando o currículo Ao mesmo tempo, novos seminários foram fundados. Em 1900 funcionavam cem escolas teológicas protestantes..

Os anos finais do décimo nono século presenciaram o despertar de profundo interesse social entre muitos cristãos.. Sob a direção de ministros liberais como Washington Gladden (1836-1918) e YValter liauschenbusch (1861-1918) progrediu o "evangelho social" Fez ele impacto sobre os cristãos sociais (pp 260, 267) na Inglaterra e no continente, tanto quanto sobre o crescente pensamento social americano, No começo desse século o protestantismo expressara seu interesse social principalmente em termos individuais, insistindo em reformas nas obras çfe caridade e na moral, mas o evangelho social focou sua atenção sobre os aspectos corporados da vida moderna e sobre a consecução da justiça social. Grande atenção foi dada às relações entre capital e trabalho e o movimento influiu no encantamento das horas diárias' de trabalho.. Dedicado à edificação do reino de Deus na Igreja, o evangelho social foi especialmente importante na vida e na obra dos presbiterianos, batistas e metodistas do Norte e entre os congregacionais e episcopais. Cursos de ética social foram adicionados ao currículo dos seminários, e departamentos de ação social foram fundados sob a influência do cristianismo social Certo número de instituições sociais em áreas desamparadas foram fundadas sob auspícios protestantes, e muitas igrejas institucionais foram estabelecidas para prestarem serviço social às massas urbanas A ênfase social foi largamente sentida no campo missionário, onde se expandiram missões agrícolas, médicas e educacionais..

17

O CATOLICISMO ROMANO MODERNO

Nos meados do décimo sétimo século a Contra-Reforrna perdera sua força, Essa força ficara em poder da Espanha e no zelo da ordem jesuíta. A Espanha saíra da Guerra dos Trinta Anos diminuída em seu poder Os jesuítas, ainda que mais poderosos que nunca nos conselhos da Igreja Romana, haviam-se tornado muito mundanos e pouco conservavam do seu primitivo zelo espiritual Rapa algum rios séculos décimo sétimo e décimo oitavo foi homem de capacidade de liderança. Alguns, como Inocêncio XI (1676-1689), Inocêncio XII (1691-1700) ou Bento XIV (1740-1758) possuíram excelente caráter, mas não foram condutores de homens A vida da Igreja Romana, era de debilidade crescente diante das pretensões cada vez maiores dos governos civis católicos Não era mais possível um ataque realmente eficaz ao protestantismo, exceto em países predominantemente romauistas, como a França, No décimo sétimo século a posição católica romana foi fortalecida ira França por uma piedade de alto nível. Em 1611, Pedro de Bérulle (1575-1629) fundou a Congregação do Oratório, grande inspiradora de •espiritualidade. A obra de Bérulle influenciou fundadores de novas ordens e autores de escritos espirituais, como S. Francisco de Sales (1567-1622) e S. Vicente de Paulo (1576M660).

Sob Luís XIV (1643-1715) a monarquia francesa usou uma política ditada pelo absolutisrrro do rei. Contra as pretensões papais ele afirmou pertencerem à coroa todas as rendas dos bispados vacantes e favoreceu, em 1682, a proelarnação das "Liberdades Gall-•carras" pelo clero francês. Segundo elas, os governantes civis tinham plena autoridade em assuntos temporais; os concílios gerais -são superiores ao papa; os costumes da Igreja francesa limitam a interferência papal; o papa não é infalível. A disputa foi resolvida •em 1693, e com tal sabedoria, que o rei manteve as rendas discutidas, mas concordando em ser menos insistente na afirmação das liberdades galicanas, erhbora pudessem elas ser mantidas e ensinadas.

Com respeito a seus próprios súditos, a política de Luís XIV foi determinada por sua concepção da unidade nacional e pela influência jesuítiea, especialmente depois de seu casamento com Madame de Maíntenon, em 1684. Em 1685 revogou o Edito de Nantes (p 120), declarou ilegal o protestantismo, sob as mais severas penas.. O resultado final disso foi desastroso para a França. Milhares de seus súditos mais industriosos emigraram para a Inglaterra, Holanda, Alemanha e América. Foram desfeitas alianças com potências euroj>éias, o que influiu muito nos fracassos militares dos últimos anos do reinado de Luís XIV.

A influência jesuítiea igualmente levou a uma desastrosa oposição da parte do rei e do papa ao jansenismo. Cornélio Jansen (1.585-1638), bispo de Ypres, católico fervoroso, era consumado agostiníano, e estava convicto de que as interpretações semipelagianas dos jesuítas com referência ao pecado e à graça deviam ser combatidas. Sua obra principal, *Augustmus,* foi publicada em 1640, após seu falecimento, O livro de Jansen foi condenado pelo Papa Urbano "VII (1623-1644), em 1612 As idéias de Jansen, rro entanto, tiveram muitos apoiadores entre os católicos franceses deveras sinceros, principalmente no convento de monjas de Port líoyal, perto de Paris. O mais influente adversário dos jesuítas foi Blaise Pascal (1623-1662), especialmente com suas *Cartas Provinciais,* de 1656-1657. Luís XIV apoiou o combate dos jesuítas ao jansenismo, e persegui» seus seguidores.. Em 1710 foram derribados os edifícios de Port Royal O jansenismo encontrou novo e forte líder em Pasquier Quesnel (1634-1719), que teve de procurar refúgio na Holanda. Seu comentário devoeional, *Reflexões Morais sobre o Novo Testamento,* de 1687-1692, levantou forte oposição jesuítiea, Esta conseguiu do Papa Clemente XI (1700-1721), em 1713, a bula *Unigenitus,* que condenou cento e uma das afirmações de Quesnel, algumas tiradas literalmente de Agostinho. Louis Antoine de Noailles (1651-1729), cardeal arcebispo de Paris, protestou e apelou para um concilio geral, Foi em vão, porém, esta oposição Finai mente triunfaram os jesuítas, com o apoio da monarquia francesa

Em parte devida a esta controvérsia jarrsenista e em parte por causa das querelas entre os jesuítas e o clero romano mais antigo, houve, em 1723, uma divisão em Utreeht, na Holanda,. Disso resultou pequena igreja independente, denominada Igreja Católica Jansenista, ainda agora existente, com um arcebispado em Ütrecht. c bispados em Haariem e Deventer.

Paia a França foi grande infelicidade a expulsão dos huguenotes e a vitória dos jesuítas. Enquanto na Inglaterra, Alemanha e Holanda era possível grande variedade de interpretações religiosas dentro do cristianismo, na França do século décimo oitavo a escolha era só entr e o romanismo do estreito tipo jesuítieo, que muitos dos seus mais notáveis filhos condenavam, e a maré que rápida crescia do novo racionalismo de um Voltaire e seus acompanhantes (p 186), Milhares preferiram este último, e os resultados destrutivos foram claros no tratamento que a Revolução Francesa dispensou à Igreja..

Nos meios católicos europeus, no entretanto, se desenvolvia no século décimo oitavo um sentimento correspondente ao espírito galicano francês Na Alemanha tornou forma conciliai', e foi chamado febroniarrismo", do pseudônimo "Justinus Febronius" adotado pelo seu maior expoente, Nicolau von Hontheim (1701-1700), bispo auxiliar de frier. Na Áustria, teve forma monárquica, e foi denominado "josefismo", nome oriundo da política eclesiástica do Imperador José II (1765-1790)..

Na última metade do décimo oitavo século ocorreu a grande catástrofe dos jesuítas Ainda que proibido por sua constituição, haviam eles se engolfado no comércio colonial; sua. influência política era notória e enfrentavam a hostilidade do racionalismo radical da época, E neste racionalismo tiveram o inimigo mais forte O poderoso ministro do Rei\Iosé de Portugal (1750-1777), o Marquês de Pombal (1699-1782), simpatizava com o racionalismo A resistência dos jesuítas à sua política no Paraguai o irritou.. Ele se opôs ao principio jesuíta do livre comércio. Em 1759 determinou a saída, sem a menor consideração, de todos os jesuítas dos territórios portugueses.. Também na França tomava vulto o sentimento contra os jesuítas A. força dominante nesse país era a do Duque de Ohoiseul (1719-1785), simpatizante do iluminismo. Contava ele com a ajuda de Madame de Pompadour, amante de Luís XV (1715-1774). Grande parte do clero francês também era hostil aos jesuítas Em 1764 foram suprimidos na França. Espanha e Nápoles os expulsaram em 1767. Os governantes desses países então forçaram o Papa Clemente XIV (1769-1774) a abolir a ordem, em julho de 1773. Esses fatos atestaram a debilidade do papado. Os jesuítas continuaram existindo na Rússia não romanista e na Pr ússia protestante..

A tremenda tempestade da Revolução Francesa estava por estalar e varrer a Igreja juntamente corri a nobreza, o trono e anti-

gas instituições análogas. Seus chefes estavam tomados do espírito racionalista„ Consideravam as igrejas como clubes religiosos. Em 1789 as terras da Igreja foram declaradas propriedade nacional; Os mosteiros foram abolidos em 1790. Neste mesmo ano a Constituição Civil do Clero derribou as velhas divisões eclesiásticas e fez de cada "departamento" urrr bispado e estabeleceu que as eleições de todos os sacerdotes seriam feitas pelos votantes legais de suas comunidades. A constituição de 1791 outorgou liberdade religiosa. Então, em 1793, ocorreu em La Vendéc um levante realista e católico ; em represália os líderes jacobinos pediram a extinção do cristianismo. Foram decapitados centenas de clérigos.. Depois que passou o "Terror", em 1795, mais urna vez foi proclamada a liberdade religiosa ainda que o Estado, como tal, não teria religião. Era, na realidade, anticristão Com as conquistas francesas, esta situação abarcou a Holanda, o Norte da Itália e a Suíça. Em 1798 os exércitos franceses fizeram de Roma uma republica e o Papa Pio VI (1775-1799) foi levado prisioneiro para a França, onde morreu.

Os sucessos militares de 1800 levaram à eleição de Pio VII (1800-1823) e à restauração dos Estados da. Igreja Alcançando o poder, Napoleão, ainda que fosse desprovido de sentimento religioso, reconheceu que a maioria do povo francês era católica romana e que a Igreja poderia ser usada por cie . O resultado foi, em 180!., a Concordata com o papado e os Artigos Orgânicos de 1802. Pela primeira vez, a Igreja entregava todas as terras confiscadas ainda irão ern poder- do goverrro. As que estavam na posse do governo, no entanto, lhe serianr devolvidas. As nomeações de bispos e arcebispos seriam feitas pelo papa, mas por indicação do Estado O baixo clero seria nomeado pelos bispos, ruas o Estado tinha o direito de vetar. O clero seria pago pelo tesouro público.. Pelos Artigos Orgânicos, os decretos papais não seriam publicados nem sínodos franceses se reuniriam sem autorização governamental Ao mesmo tempo, foram garantidos aos protestantes plenos direitos religiosos, o pagamento de seus ministros c o controle cie seus assuntos assumidos pelo Estado. Napoleão, coroado imperador pelo papa, em 1804, logo entrou em questão com Pio VII e em 1809 anexou os Estados da Igreja e fez o papa prisioneiro desde essa data até 1814. A Concordata de Napoleão governaria as relações da França com. o papado por mais de um século. Procurando colocar a Igreja Católica Francesa sob o controle do governo, o que foi conseguido por Napoleão, seu efeito real foi fazer o clero francês olhar o papa como

seu *único* apoio contra o Estado.. Ignorando todos os antigos direitos locais, realmente derruiu todas as pretensões gaiieanas de liberdade parcial, e abriu a porta ao espírito ultramontano característico do catolicismo francês durante o século décimo nono.

As guerras dos períodos republicano e napoleônico resultaram era importantes mudanças na Alemanha Cessaram praticamente de existir, em 1803, os antigos territórios eclesiásticos, e foram divididos entre os estados seculares Em 1806, Francisco 11 (1792-1835) resignou ao título de Sacro Imperador Romano. Já tomara o de Imperador da Áustria Eoi o desaparecimento de uma venerável instituição, o Santo Império Romano, a qual, na realidade, desde muito era urna sombra, mas que estava ligada às lembranças medievais da relação do Estado e Igreja

A queda de Napoleão, em 1815, foi seguida por urna reação universal. o velho parecia de valor por- sua antigüidade. Passariam anos antes de se manifestar o real progresso efetuado pela época revolucionária. Essa, reação foi auxiliada pelo surgimento do rornanticismo com seu novo apreço pelo medievo e a rejeição desse espírito do século décimo oitavo que dominara na Revolução. Erarrçois Rene de Clrateaubriand (1768-1848) com seu *Gênio do Cristianismo,* 1802, demonstrou como o catolicismo podia aproveitar das correntes românticas, e contribuiu para o início de um reavivamento católico. O papado se beneficiou com todos esses impulsos e logo granjeou um poderio maior do que tivera durante os cem últimos anos Evidência característica desta nova posição do papado foi a restauração do poder da Igreja Romana foi acompanhado, e torrapidamerrte reconquistaram sua antiga ascendência nos conselhos papais e suas vastas atividades, ainda que não reconquistassem também seu anterior poder político. Por sua vez, se têm destacado no desenvolvimento e apoio da autoridade papal. Ao mesmo tempo, a restauração do poder da. Igreja Romana foi acomjranhada, e tornou possível, por um vero reavivamento da piedade que a tem caracterizado até agora.

O desenvolvimento romano durante o décimo nono século foi no rumo da afirmação da supremacia papal, o chamado ultramon tanismo — isto é, além dos montes, do ponto de vista do Norte e Ocidente da Europa. — ou seja, italiano.. A posição ultramontana com a sua glorifieação da posição de papa e rei, foi fortalecida pelos escritos dos "três profetas do tradicionalismo'[7], Joseph Marie de Maistre (1754-1821), Eouis Gabriel Ambroise de Bonald (1754-

1840) e especialmente Hugues Foliei té Robert de Lamennais (1782-1854). Poderosamente tem os jesuítas contribuído para essa tendência ultramontana de exaltar o papado acima de todo o eclesiasticismo nacional ou local. O sucessor de Pio VII, Leão XII (1823-1829), foi reacionário, como seu predecessor, condenando a obra. das sociedades bíblicas, Gregório XVI, (1831-1846) foi patrono da erudição, mas reacionário com referência aos modernos ideais políticos e sociais Esta posição essencialmente medieval, com sua recusa de encontrar-se com o mundo moderno, levou à formação, na metade inicial do século décimo nono, de partidos cleric ais e anticlericais nos países católicos, cujas contendas grandemente determinaram a política desses mesmos países.. Uma tentativa da parte do brilhante Lamennais para fazer uma aliança entre catolicismo e liberalismo, principalmente visando aos países onde o catolicismo estava em minoria, somente trouxe sobre ele a condenação e a excomunhão por parte de Gregório,

As tendências ultramontanas tiveram ilustração muito clara no pontificado de Pio IX (1846-1878) Começando seu tempo de pontificado na hora em que os Estados da Igreja estavam à borda da revolta porque os principais cargos políticos eram desempenhados por clérigos, começou como reformador político Entanto, a tarefa era grande para ele, e adotou uma política reacionária que exigiu para apoiá-la o emprego de soldados estrangeiros, o que desagradou ao povo,. Em matéria de religião estava sinceramente convicto de que o]>apado era uma instituição de origem divina à qual o mundo moderno pode recorrer para a solução de seus complexos problemas religiosos E desejou tornar isso evidente. Em dezembro de 1854, após consultar bispos da Igreja Romana, proclamou a imaculada conceição da Virgem — isto é, que Maria não partilhou da mácula do pecado original, A questão estivera em discussão desde a Idade Média, ainda que o balanço da opinião católica no décimo nono século fosse esmagadoramente favorável à idéia aprovada pela papa E ele a. elevou, por sua própria decisão, a dogma de fé obrigatório.

Em 1864 um *Syllabus* de erros, preparado sob os auspícios papais, condenou muitas coisas às quais os cristãos se opõem, no entretanto, repudiou muitas que são o fundamento dos estados modernos, como a separação entre a Igreja e o Estado, a escola laica, a tolerância de variedades na religião, e concluiu condenando a afirmação de que "o pontífice romano pode e deve reconciliar-se e assentir com o progresso, o liberalismo e a civilização como ultimamente apresentada".

O fato culminante do pontificado de Pio IX foi o Concilio do Vaticano Inaugurado a 8 de dezembro de 1869, com notável assistência provinda de todo o mundo romano, seu resultado mais importante foi a afirmação, em 18 de julho de 1870, da doutrina da infalibilidade papal, por quinhentos e trinta e três votos contra dois. Não quer isso dizer que todas as afirmações papais sejam infalíveis. Para que o sejam, o papa deve expor oficialmente "a revelação ou depósito da fé transmitido através dos Apóstolos", i;0 pontífice romano, quando fala *ex cathedra,* isto é, desempenhando o cargo de pastor e mestre de todos os cristãos, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, define que uma doutrina referente à fé ou aos costumes deve ser seguida pela Igreja universal, pela divina assistência a ele prometida através do bendito Pedro, é possuidor daquela infalibilidade com a qual o divino Redentor quer ia, que Sua Igreja fosse dotada". Assim o Concilio do Vaticano selou o triunfo do ultramontanismo Foi a complementaçao da monarquia papal absoluta e a derrocada da doutrina da supremacia de um concilio geral, que largamente dominara no século décimo quinto (vol. I, pp 283- 389) e desde então sempre tivera, seus representantes,

Esta definição, por certo o resultado lógico do desenvolvimento papal, teve considerável oposição, especialmente na Alemanha O mais eminente dentre os que se recusaram a dar- sua conformidade foi o importante historiador de Munique, Johann Joseph Ignaz von Dõllinger (1799-1890), Mesmo excomungado, rrão quis ele dar começo a um cisma. O que não desejou fazer, outros fizeram, e o resultado foi a organização dos Velhos Católicos, que receberam ordenação episcopal da Igreja Jansenista de Ut.recht (p 284) „ Sua difusão tem sido principalmente na Alemanha, Suíça, e Áustria, onde contam mais de cem mil aderentes Ainda, que em pequeno número, encontram-se também nos Estados Unidos. Entanto, o movimento Velho Católico parece ter pouco futuro. Seus rompimentos corn Poma, ainda que importantes, não são tão vitais para justificarem a continuidade de um ramo da Igreja cristã..

A maré da urridade nacional italiana, entremerrtes, estava subindo, A guerra contra a Áustria, conjuntamente feita pelo reino da Sarderrha, sob o comando de Vítor Emanuel II (1849-1878), e pela França governada por Napoleão III (1852-1870), com o concurso de italianos entusiastas dirigidos por José Garibaldi (1807-1882), resultou no estabelecimento do Reino da Itália, sob Vítor Emanuel, em 1861. Nele foi incluída a maior parte dos antigos Psfados da

Igreja, Em virtude da política ultiamontana de Napoleão III, Roma e seus arredores foram preservados para. o papa. Ao rebentar a guerra entre a França e a Alemanha, em 1870, as tropas francesas foram retiradas. E em 20 de setembro de 1870 Vítor Emanuel se apoderou de Roma Então seus habitantes, por cento e trinta e três mil votos contra mil e quinhentos, foram a favor da anexação à Itália, O governo italiano assegurou ao papa os privilégios de um soberano e a posse absoluta do Vaticano, Latrão e Castel Garr dolfo Assim terminaram os Estados da Igreja, a mais antiga soberania secular sem interrupção ainda existente na Europa l>ío IX protestou e se declarou "prisioneiro do Vaticano", e excomungou Vítor Emanuel Por meio século, até a Concordata com Mussoiírii pôr término à "Questão Romana", ern 1929, o papado recusou reconhecer a perda de suas possessões temporais. Isso, no entretanto, teve suas vantagens Trouxe simpatias ao papa, e as contribuições vindas do mundo católico cobriram as perdas financeiras. Libertou o papado de uma tarefa secular para a qual estava mal preparado e que o expunha a acusações bem fundamentadas de má administração E deu ao papado oportunidade para desenvolver suas funções espirituais e, por fim, aumentou o seu prestígio moral.

Tais vantagens, no entanto, não foram logo evidentes. Por muitos anos pareceu que a Igreja estava em retirada ante as forças do mundo moderno, reclusa dentro de seu próprio círculo. Na Itália, por exemplo, Pio IX proibiu aos católicos italianos participarem na vida política do reino. A conseqüência desta política de *non expedit* largam ente fortaleceu a influência dos radicais e dos socialistas.. Na Alemanha, na década de 1870, ocorreu a *Kulturkampf,* que lançou a Igreja Católica contra o listado de Bismarek. Na luta, os católicos foram, por vezes, afastados dos seus costumeiros contados e fontes de rendas, e forçados a consolidar seus interesses de modo diverso..

Pio IX foi sucedido por um papa estadista, Leão XIJ1 (1878-3903).. Pôs fim aos conflitos entre o papado e o governo imperial alemão. A Igreja vencera, mas ao aparente preço de se ter tornado algo como uma fortaleza cercada. Fie instou aos católicos franceses para que apoiassem a república, mas os efeitos do caso Dreyfus deveras atrapalharam seus esforços, e a luta entre Igreja e Estado na França chegou ao clímax sob seu sucessor., Na Itália, Leão continuou a desejar a restauração dos Estados da Igreja, e a tensão entre Estado e Igreja continuou. Entanto, desenvolveu urna políti-

ca cie grande significação para o futuro As relações entre trabalho e capital e o interesse dos operários prenderam sua atenção. Sua famosa eneíclica de 1891, *fíerum novar-um,* despertou profundo interesse católico com referência às questões de justiça social. Leão insistiu rra formação de urna rede, sob liderança clerieal católica, de associações de finalidade social, beneficente, econômica e política Esse modelo de "Ação Católica" se tornou importante fonte de força rio século vigésimo O papa era amante da cultura recomendando 0 estudo das Escrituras, e declarou que Aquino (vol. I p 344) é a norma do ensino católico romano Abriu os tesouros do Vaticano aos historiadores cultos, Procurou a reunião das Igrejas romana e 01 ientais mas, *em* 1896, declarou não válidas as ordens anglicanas. Eoi um papa hábil e zeloso, qífe reinou num tempo difícil da vida da Igreja.

O décimo nono foi um "grande século" para as missões, tanto católicas romanas como protestantes, e ainda que elas se mantivessem em ascensão por alguns anos, não foram tão importantes A França foi a principal base missionária e sua força propulsora, notadamente monges e clérigos, foi mantida por notável aumento no númcio de monges trabalhando como missionários Muitas ordens e sociedades, algumas recentemente formadas, participaram no movimento Movimentos novos para incremento das missões, tal como a Sociedade para a Propagação da Pé, fundada em Lyori, em 1822, despeitaram novo interesse missionário da parte dos leigos. O espírito missionário, qpe recebeu muito de sua força do reavivamento ultramontano, levou ao despertamento das minorias católicas na índia e na Indochina. Ma China, os conversos católicos, em geral das classes rurais, tendiam a se afastar da participação ativa rra vida comum, tanto que a grande comunidade católica fez impacto generalizado menor que a protestante Na África central, muitas foram as conquistas da fé pelo esforço missionário.

Pio X (1903-1914) contrastou, em muitos sentidos, com Leão XIII Este era nobre, Pio era de origem humilde. Leão XIII era senhor de grande habilidade diplomática e visão., Pio X era um fiel sacerdote paroquial, cuja paróquia abarcava o mundo Eoi forçado a envolver-se em duas questões deveras difíceis A primeira tinha a ver com as relações entre Igreja e listado, na França Apesar dos esforços de Leão XIII, a maioria dos católicos franceses eram tidos como sem entusiasmo para com a república Desde bastante tempo se agravavam as relações Em 1901 as ordens reli-

giosas que não estavam sob o controle do Estado foram proibidas de se dedicarem ao ensino. Como algumas se recusassem a obedecer, em 1903 foram extintos vários mosteiros e conventos e confiscadas suas propriedades. Em 1904 o presidente da França, Loubet, fez urna visita oficial ao rei da Itália, em Roma. Pio X protestou, considerando o soberano italiano como possuidor ilegal de Roma A França retirou seu embaixador junto à corte papal e mais adiante rompeu toda relação diplomática Em dezembro de 1905 o governo francês decretou a separação da Igreja e do Estado. Foi suprimido todo auxílio governamental tanto a católicos como a protestantes,. Todas as igrejas e outras propriedades eclesiásticas foram declaradas pertencentes ao Estado, que as arrendaria a associações locais para o culto, de preferência àquelas cuja fé por último a estivesse usando, Ainda que muitos bispos franceses se mostrassem prontos a formar tais associações, Pio X proibiu,, O resultado foi unr impasse A manutenção da Igre ja teve de ser conseguida por mero de, contribuições voluntárias,. Somente em 1920 a igreja veio a ter base legal na França,

O segundo problema foi causado pelo aparecimento dos modernistas Apesar do crescimento do ultramontanismo, a crítica histórica moderna, a investigação bíblica, as concepções científicas de desenvolvimento e progresso encontraram seguidores, ainda que poucos, na comunhão romana. Pareceu a alguns homens sinceros e refletidos ser imperativa uma reirrterpretação do catolicismo em termos do mundo intelectual moderno. Dentre eles se contaram Herman Schell (1850-1906), na Alemanha; Alfred Loisy (1857-1940), na França; George Tyrrell (1861-1909), na Inglaterra, e um pequeno grupo na Itália,, O modernismo não estava restrito a nenhum país. Contra tal movimento Pio X saiu a campo, O modernismo foi condenado por um decreto, *Lameiáabüi,* e urna erreíeliea, *Pascendi,* os dois docunrentos sendo de 1907. E foram tomadas severas medidas para sua repressão Loisy e Tyrrell foram excomungados. A impressão de que o catolicismo estava se afastando do mundo moderno foi aprofundada.

O período da primeira Guerra Mundial, durante o qual foi Papa Benedito XV (1914-1922), presenciou notável progresso nos destinos católicos. As instituições de caridade católicas prestaram bons serviços na luta. O renovado prestígio morai e espiritual do papado então começou a ser levado ern conta., Roma havia oposto resistência ao desenvolvimento cultural do século décimo nono, mas

corno esse desenvolvimento entrou em crise durante e depois da guerra, os padrões da Igreja pareceram menos anacrônicos.. As organizações da Ação Católica deram ao catolicismo romano um instrumento efetivo para crescer e sobreviver em sociedades pluralistas..

O pontificado do capaz e culto Pio XI (1922-1939) foi assinalado por franco despertamento católico Em seu tempo se tornou claro uni renovado interesse teológico, um significativo movimento litúrgico e um continuado interesse missionário. A "Questão Romana" foi finalmente resolvida, em 1.929, pelo Tratado de Latrão, pelo qual o papa reconhecia a perda dos antigos Estados da Igreja em troca de grande soma, e recebia o domínio da Cidade do Vaticano. A Igreja procurou consolidar suas novas conquistas "por meio de uma série de concordatas com diversos governos, incluindo acordos com a Itália fascista (1929) e a Alemanha nazista (1933) Quando esses governos quebraram seus compromissos, Pio protestou com vigorosas encíclicas *Non àbiriamo bisogno* (1931) e *Mit brennender Sorge* [1](1937).

O catolicismo romano rros Estados Unidos aumentou consideravelmente no curso do século décimo oitavo e no começo do seguinte As ondas de imigrantes trouxeram milhões de romanos às praias da América. Na metade inicial do século décimo nono um dos principais problemas internos foi o desejo de algumas diretorias leigas de paróquias católicas de terem a prerrogativa episcopal de nomearem e destituírem seus pastores. Tal atitude provocou cismas, sendo que alguns perduraram por vários anos Mas, por' fim, os bispos controlaram a situação. O principal problema externo foi o recrudescimerrto do sentimento antialeoólíco, agravado pela atitude da militante Igreja Católica Irlandesa, na década de 1840 Nesse meio tempo, esforços vigorosos foram feitos para assegurai a lealdade dos estrangeiros que chegavam, descrivolvendo as escolas paio quiais, as instituições de caridade e a imprensa católica

A segunda metade do século foi período de naturalização e amerieanização da Igreja Católica A convocação do Primeiro Concilio Plenário em Baltimore, em 1852, foi um passo para a consolidação das conquistas católicas e no sentido de assegurar um lugar na vida nacional. Na época, os católicos somavam cerca de dois milhões — **o** maior corpo religioso no país O vulto central nesse período foi James Çibbons (1831-1921), sagiado bispo em 1868, arcebispo em 1877, elevado ao cardinalato em 1886, Muito fez para tornar sua igreja familiar à Amér ica e sanar a tensão contra os católicos.. Creu

ele que a separação da Igreja e do Estado era o melhor para a América e cordialmente a defendeu Lutou pelos direitos dos operários, ao tempo em que as principais fontes de imigração se transferiram para o Sul da Europa, lançando grande número de pessoas de formação católica nos centros urbanos. Havia os que temiam que y Igreja Católica Romana nos Estados Unidos se tornasse *igualmente* americana nesta época de Gíbbons, e em 1899 uma carta papal •— *Testem benevolenliae* — advertiu contra tal perigo.

No século vigésimo o catolicismo alcançou a maioridadé na América. Em 1908 a Igreja americana foi tirada da jurisdição da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé e seu *status* de missão terminou A participação de católicos na primeira Guerra Mundial sem dúvida alguma criou seu "amerieanismo" e serviu depois paia abrandai tensões que perduravam entre grupos étnicos. Além disso, o Concilio Católico Nacional da Guerra (1917) demonstrou ser instrumento efetivo de consolidação e progresso e. foi mantido como Conferência Católica Nacional de Beneficência, instrumento da hierarquia e dinâmico centro da "Ação Católica" nos Estados tinidos. A crescente força do catolicismo romano na América tem sido acompanhada por também certa crescente resistência da parte tanto de protestantes como de "outros" americanos.

17

AS IGREJAS ORIENTAIS NOS TEiMPOS MODERNOS

A impressão de muitos ocidentais de que o cristianismo orientai tem uma história rotineira nos tempos modernos, por certo apenas reflete o fato de que o estudo da história da Igreja Oriental tem sido negligenciado no Ocidente. A "União Florentina"' foi logo repudiada pelas maiores igrejas orientais O metropolita grego Isidoro de Kiev, foi expulso quando tentou proclamá-la em Moscou e desde 1448 a Igreja russa se tornou totalmente autônoma Em Oonstautinopla, a União permaneceu ate a queda da cidade mas foi definitivamente repudiada por um sínodo, em 1472 Sob os sultões, os patriarcas alcançaram perigosa eminência como cabeças civis dos "Rum rnillet", os súditos ortodoxos dos turcos. Sujeitos a pesadas exigências e freqüentemente depostos, perderam antiga igreja até uma outra ser construída, depois de 1608, no quarteirão Phanar de S. Jorge, de Istambul Outros prelados ortodoxos se tornaram dependentes do patriarca ecumênico, ainda que as Igrejas servia e búlgara tenhanr mantido alguma autonomia até serem suprimidos seus patriarcados, em 1766-1767, A partir de 1461 um patriarca armênio em Istambul teve posição semelhante corno representante civil dos monofisitas

Depois de 1453 o pririeipado moscovita ocupou o lugar do Império Bizantino como o maior Estado ortodoxo. Certos eclesiásticos proclamaram a teoria de que como a Velha Roma se fizera herética e a Nova Roma fora conquistada, Moscou com seus príncipes e prelados ortodoxos era a Nova Roma que jamais poderia terminar. Mosteiros como o grande Troitsky Lavra (Mosteiro da Trindade), perto de Moscou, fundado por S„ Sérgio no décimo quarto século, foram os principais centros de piedade, estudo e vida religiosa Interessante controvérsia monástica se levantou no fim cio século décimo quinto entre os "não possuidores", cujo cabeça era Nil Sorsky, que defendiam a vida de oração e pobreza monástica com a limitação das atividades ao que era estritamente religioso, e

os "possuidores", chefiados por Joseph de Volokolamsk, que aceitavam responsabilidades sociais e políticas e viam na riqueza e na propriedade uma maneira de cumpridas O uso da dignidade patriarcal pelos metropolítas (1589), como a velha tomada do título de czar pelos grão-duques, apenas deu reconhecimento formal a uma situação já existente,

Nos séculos décimo sexto e sétimo as Igrejas orientais passaram a receber iufluências ocidentais, tanto católicas como protestantes. Lutei o e outros reformadores recorreram ao exemplo oriental de catolicismo não romano Mas quando os teólogos de Tübingen iniciaram correspondência com o Patriarca Jeremias II (1571-1584) sua resposta claramente demonstrou a divergência da Igreja grega e da luterana no referente ao ensino sobre a autoridade, fé, graça e sacramentos. Sob obscuras circunstâncias, o notável Cyríl Lucar (cinco vezes patriarca entre 1620 e 1638) lançou uma confissão de caráter fortemente reformado; enquanto na União de Brest, 1596, o metropolita do Kiev c outros prelados no que era então território polonês aceitaram os tennos florentinos — autonomia local e independência iiturgiea, sujeitos em doutrina e disciplina à autoridade última romana.. Da palavra polonesa "unia" esta Igreja da Ucrânia ("fronteiriça") é popularmente chamada Uniata, denominação por vezes aplicada (ainda que impropriamente) a outros ritos orientais católicos. Sob Peter Mogila, feito metropolita enr 1682, Kiev retornou à, comunhão ortodoxa. Sua Confissão e Catecismo são documentos de importância nesta, controvérsia terminada pelos decretos do Sínodo de Bethlehem, reunido sob a direção do Patriarca Dositheus de Jerusalém, em 1672 Ainda que ortodoxos na substância, esses "livros confessionais'[7] demonstram em sua forma influência ocidental. Métodos ocidentais foram também empregados na Academia Teológica de Mogila, Kiev (a qual se encontrava em território nisso depois de '1665), e na qual o idioma em que se mi nistrava o ensino não era o grego nem o eslavo, atas o latim No decorrer do século décimo oitavo as escolas teológicas russas, organizadas segundo o modelo de Kiev, seguiram esse sistema

Na esfera de influência de potências católicas (primeiro Portugal, depois França e Áustria, tanto quanto a Polônia), outras igrejas "Uniatas" foram organizadas. A Etiópia esteve em união formal com Korna de 1624-1632. Na índia, os cristãos sírios de Mala bar sofreram considerável latinização sob o Arcebispo Meneses (Sínodo de Diamper, 1599). Em 1653 grande parte renunciou à

comunhão vomana, mais- tarde assegurando a sucessão episcopal através dos sírios jaeobitas e os nestorianos, com os quais haviam estado ligados mas sem se fundirem. Parte dos nestorianos esteve unida, com Roma no'século décimo sexto como "Caldaicos" e ainda uma secção dos ortodoxos sírios (aos quais o nome árabe do grupo todo, "Melquita': ou realista, isto é, Bizantino, ficou restrito) Outros gr upos " Uniatas" paralelos são os coptas, jaeobitas e armênios.

Na Rússia, a Igreja foi um foco de lealdade nacional durante as guerras e invasões no "Tempo de Angústia" que veio após a extinção da antiga dinastia íte Rurik. A defesa de Troitsky Lavra contra os poloneses, em 1612, foi um dos momentos decisivos do período. Quando, em 1613, começou a nova dinastia com Miguel Romanov, seu pai, que fora forçado a fazer votos monásticos durai) te as guerras, praticamente reinou com ele como Patriarca Philaret O Patriarca Nicon (1625-1666), vigoroso até a violência, introduziu reformas práticas que incluíam a correção dos livros de ofícios gregos Nicon foi deposto com a anuência de outros patriarcas, ruas as reformas permaneceram. Os oponentes foram obrigados ao cisma, como Velhos Crentes (mais propriamente Velhos Ritualistas) ou separatistas (Raskoliriki). A importância da liturgia na. fé e na vida ortodoxa enrijeceu sua lealdade aos porrnenores do rito e do cerimonial, o que representa para eles a estrita ortodoxia da Rússia. As reformas ocidentais de Pedro, o Grande, intensificaram a diferença.. As seitas russas formam três grupos — 1 °) Velhos Crentes, dos quais alguns (popovtsi) aceitaram sacerdotes vindos da Igreja estabelecida e, através de um bispo grego, asseguraram, em 1849, seu próprio episcopado,- enquanto outros (bezpopovtsi, isto é, "sem sacerdotes") afirmam que a apostasia destruiu as ordens da Igreja e se tingem aos ritos que leigos podem administrai-, usando vinho e crisma mantidos por diluição,. *2.°)* variedade de grupos extremados e excêntricos, alguns guardando remanescentes do paganismo ou antigas heresias - - sendo melhor conhecidos os pacifistas doukhobors ("lutadores espirituais") que foram ao Canadá. 3.°) desde o século décimo nono grupos protestantes que agem na Rússia de várias maneiras.

Planejando organizar a administração da Igreja nas linhas de um departamento governamental, depois de 1700 Peter deixou vago o patriareado. Em 1721 o substituiu pelo "Santo Sínodo". Era este formado de alguns bispos e outros clérigos convocados pelo irn-

perador, que tambtin Índio o a seu se ei etário e executivo leigo, o "Ober-Procuror". Em inglês é geralmente chamado procurador, mas o título bárbaro, nem mesmo bom alemão, expressou o caráter: revolucionário da instituição O patriarca que podia parecer rivalizar com, o czar foi assim substituído por uma administração a este sujeita. Muito embora a Igreja estabelecida não estivesse sem notáveis exemplos de piedade, estudo, caridade e zelo missionário, a mais profunda devoção fluiu em canais extra-oficiais. O século décirruo oitavo presenciou uma renovação da velha tradição monástiea de sóbria piedade e direção espiritual entre os monges do Monte Atos, um dos quais, Paise Velichkovsky (1722-1794), mais tarde abade na Moldávia, nas proximidades da fronteira r ussa, levou essa tradição para dentro da vida cia Igreja russa. Os dois mais modernos santos canonizados pela Igreja russa representam a mesma tendência, de certo modo comparável à reação pietista contra o protestantismo oficial - o Bispo Tikhorr Zadonsky e o eremíta das florestas do Norte, Serafim de Sarov (falecido em 1835).. Um dos "anciãos'[7] (startsi) ou diretores espirituais, do Mosteiro Optirra perto de Moscou, é retratado no Padre Zossima dos *Irmãos Karamazov,* de Dusteievskv

O surgimento do nacionalismo e de movimentos modernos intelectuais e espirituais colocou as Igrejas orientais diante de situações novas, a íntima união entre o povo e a Igreja se expressando em novas formas . A Revolução Grega se originou no Mosteiro Megaspelaion, do Peíoponeso (e o Patriarca Gregório V, mesmo formal mente condenando os insurretos, foi enforcado como líder grego na frente de sua residência, em Pharrar, em 1821). Com a independência política, a Igreja grega renovou sua vida intelectual e obteve autonomia eclesiástica, reconhecida pelo patriarca de Constantinopla, em 1851. Atitude semelhante foi tomada na Sérvia, Romania e Bulgária. Em 1870 o exarea búlgaro exigiu jurisdição sobre todos os búlgaros, mesmo em Istambul - isto foi condenado como file - tismo (talvez supernacionalismo), a heresia do nosso século", e produziu um cisma entre gregos e búlgaros, de 1872 a 1945 A vida da Igreja nos Bálcãs infelizmente continuava envolvida em conflitos nacionais. Na Síria, os cristãos árabes se fizeram rebeldes sob chefes gregos.. Desde 1898, em Damasco foram sírios os patriarcas de Antioquia, mas o Patriareado de Jerusalém continuou controlado pela Irmandade do Sair to Sepulcro (quase inteiramente grega). O interesse missionário auxiliou a promover a educação moderna no

AS CRUZADAS

Runciman, S,, *Historia de Ias Cruzadas;* Madrid, Revista de Occidente, 1956-1958 — Três volumes

Mouro, D. (1, *The Kingdom of tke (Jrusaders;* Nova York, 1935

Alphandery, P.., e A, Dupront, *La Crisiiwndad y el Conceplo de Cruzada: Las Primeras Cruzadas;* México, UTEHA, 1959 .

Alphandery, P , e A. Dupront, *La Cristiandad y el Concepto de Cruzada; Las Cruzadas (Siglas XIL-X1IÍ) ;* México, UTEHA, 1962,

Michaud, J F., *História das Cruzadas;* São Paulo, Editora das Américas, 1956 --- Sete volumes.

Chronicles of tke Crusader; ed. 11 O.. B ; Londres, 1900 -- Traduções das primeiras crônicas.

MONAQUISMO

Workman, H. B, *The Evokition of tke Monastic Ideal;* Londres, 1913.

Hannali, I. C., *Christian Monasticism;* Londres, 1925.

Butler, C., *Benedictine Monasticism,;* Londres, 1924.

Smith, L. M, *Cluny in tke Eleventh and, Twelfth Centmies;* IJOU dres, 1930.

Evans, J., *Monastic JÀfe at Cluny,* 910-1157; Londres, 1931.

Iluber, R. M., *A Documenled History of lhe Franciscan Order;* Milwaukee, 1948

Bcnnett, R. F., *The Early Dominicans;* Cambridge, 1937.

Boehmer, H,,, *Tke Jesuits;* Filadélfia, 1928,

Brodrick, J., *Origen y Evolución de los Jesuítas;* Madrid, Ediciories Pegaso, 1953-1957 — Dois volumes.

"Williams, W. W, *Studies in St, Bernard of Clairvaux;* Londres, 1927.

James, B , *St. Bernard of Clairvaux;* Nova York, 1957.

Bernardo, *Obras Completas;* Madrid, Biblioteca de Autores Oristianos, 1953-1955 —• Dois volumes, Introduções, tradução espanhola e notas.

Sabatier, P, *San Francisco de Asis;* Buenos Aires, Claridad, 1943.

1'elry, R. (1, *Francis of Assisi;* Durliam (North Carolina), 1941.

I Fioretti de São Francisco de Assis; Petropólis, Editora Vozes, 1965.

San Francisco de Asís Sus Escritos. Las Floreeillas. Biografias dei Santo por Celano, San Buenaventura y los Três Comparíeros. Espejo de Ferfección; Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1956.

Mandonnet, P, *St, Dominic and IIis Work;* St. Louis, 1945.

Inácio de Loiola, *Obras Completas;* Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1952 — introduções, bibliografia e notas.

van Dyke, F.., *Ignalius Loyola;* Nova York, 1926.

Dudon, B[1]. P.„ *SI.. Ignalius of Loyola;* Milwaukee, 1950.

OS ESCOLASTICOS

MeCracken, O. E (ed..), *Early Med/ieval Tkeology* (Library of Christian Olassics, vol IX) ; Filadélfia, 1957.

Pegis, A. O (ed.), *The Wisdom of Cathoheism;* Nova York, 1949

Fairweather, E. R. (ed), *A Se.holastic MÁsceUanyAnselm to Oecam* (Library of Christian Olassics, vol. X) ; Filadélfia, 1956 —- Contém as melhores traduções inglesas das obras de Anselmo de Cantuária.

Church, R. W , *Saint Anselm;* Londres, 1905..

Maclntyre, J., *St, Anselm and lhs Cntics;* Londres, 1954,

The Story of Abelard's AdverstUeS; tradução inglesa de J, T\ Muckle; Toronto, 1954..

Abailard's *Eth/tcs;* tradução inglesa dc J R. MeCallum; Oxford, 1935.

Sikes, J, G., *Feter Abailard;* Cambridge, 1932.

Waddel, H., *Peter. Abelard;* Londres, 1933 — Romance.

Gilson, É., *TI.el.oise et A.bêlmd;* Paris, Librairie Philosophique J„ Vrin, 1948.

Laserre, P, *Abelardo contra San Bernardo;* Buenos Aires, Editorial Nova, 1944.

Buenaventura, San, *Obras;* Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1955-1959 —• Edição bilíngüe, com introdução e notas

Gilson, E,, *La filosofia de San Buenaventura;* Buenos Aires, Dedebee, 1948.

Gilson, E , *El Tomismo: Introdueeión a la Filosofia de Santo Tomás de Aquino;* Buenos Aires, Dedebee, 1951.

Grabmann, M., *La Filosofia y la Cultura de Sanlo Tomás de Aquino;* Buenos Aires, C. BI. P. A., .1942.

Farrel, W., .1 *Companion to the Summa;* Nova York, 1945-1949 — Quatro volumes.

Coplestorr, F C., *El Pensamiento de Santo Tomás;* México, Fondo de Cultura Econômica, 1960.

Maritain, J , *Kl Doe,lor A ngélico* • Buenos Aires, Dedebec, 1942»

Chesterton, C K.., *S, Tomás de Aquino;* Braga, Livraria Cruz, 1947.

Airreal, J , *São Tomás de Aquino-. Iniciação ao Estado da sua Figura e da sua Obra;* Porto, .Livraria Tavares Martins, 1956.

Garrigou-Lagrange, R , .La *Smtesis Tomista;* Buenos Aires, Dedebec, 1947.

Sertillanges, A. D., *Las Grandes Tesis de la Filosofia Tomista;* Buenos Aires, Dedebec, 1918.

Gilson, É,, *A Existência na, Filosofia de S. Tomás;* São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1962.

Durrs Kscoto, J , *Obras dei Doctor Sutil;* Madrid, Biblioteca de Autores Cristiarros, .1960,

Gilson, Ú , *JeanDuns Seat; InU oductwn à ses Positions Fondamentales;* Paris, 1952.

Harris, C.R.S., *Duns Scotus;* Oxford, 1927 — Dois volumes.

Buescber, G. N., *The Eucharislic Teaching of William Ockham;* Nova York, 1950.

Moody, E. A,, *The Logic of William of Ockham;* Londres, 1935

A INQUISIÇÃO

Tuberville, A. S.., *Medieval Heresy and Lnquisition;* Londres, .1920 — Estudo bem feito e equilibrado.

Mayeock, A. L , *The lnquisition from lis Establishmenl to the Great Schism;* Nova York, 1927 — Perspectiva católica romana..

Couiton, G. C., *lnquisition and Liberly;* Londres, 1938.

Tuberville, A.. S., *La Inquisiciim Esparíola*; México, Pondo de Cultura Econômica, 1948.

Herculano, A..., *História da Origem, e Estabelecimento da Inquisição em Portugal;* Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, s.d — Três volumes.

Saraiva, A. J, *A Inquisição Portuguesa;* Lisboa, Publicações Europa - Amériea, .1956.

MISTICISMO MEDIEVAL

Jorres, R„ M., *The Flowering of Mystieism ;* Nova York, 1939

Seesholtz, A. G., *Friends of God;* Nova York, 1934.

Petry, R C, (ed.), *Late Medieval Myslicisrn* (Library of Christian Classics, vol. XIII); Filadélfia, 1957..

ButJer, Dom C.., *Western Mysticism;* Londres, 1926 (2.ª edição).

Underhill, E, *Myslieisrn;* Londres, 1930 (12ª edição).

Clark, J. M., *The Great German Mysücs: Eekhart, Ta-aler and Suso;* Oxford, 1949.

Blakney, R„ B., *Meister Eekhart, A Modem Translation;* Nova York, 1941.

Eekhart, *El Livro dei Gonsuelo Divino;* Buenos Aires, Aguilar, 1955.

Eekhart., *Cuestiones Parisienses;* Tueurrrán (Argentina), IJnlversidad Nacional, Facultad de Filosofia y Letras, 1962.

Faggin, (-1, *Meister Eekhart y la Mística Medieval Alem,d,na;* Buenos Aires, Editorial Sudarnericana, 1953..

Ilyma, A.., *The Brethen of the Common Life;* Grand Rapids (Michigan), 1950,

Bett, H , *Nicholas of Gusa*; Londres, 1932

de Gandillae, M , *La\ Philosophie de Nicolas de Cues;* Paris, 1941 (2ª edição, revisada: *Nikolaus von Gues;* Düsseldorf, 1953).

Nieolás de Gusa, *La T)ocla Ignorância;* Buenos Aires, Aguilar, 1957.

Ruysbroeek, J„, *Tratado dei Libro de los Amadores de IHos;* Buenos Aires, 1946.

ANTECESSORES DA REFORMA

Flick, A., *The Decline of the Medieval GhureJi;* Nova York, 1930 • - Dois volumes.

Gewirth, A, (ed. e tr), *MarsiUus of Padua: The Defender of Peace;* Nova York, 1951-1956 — Dois volumes.

Oonnoily, J, L, *John Gerson, Reformer and Mystic;* Lovaina, 1928.

McOowarr, J, TW *Pierre D IA túü and lhe Gouncil of Gonslance;* Washington, 1936.

Workman, II.. B, *John Wyclif;* Londres, ,1926 — Dois volumes.

Spinka, M. (ed..), *Advocaies of Eeform* (Library of Christian Classics, vol. XIV") ; Filadélfia, 1953 - - Traduções de excertos de Wyclif, Hus, os "Coneiharistas" e Erasmo.

Sehaff, D. S,, *John IIus;* Nova York, 1915.

Sehaff, D, S. (tr,.), *John Nus' De Ecclesia;* Nova York, 1915,

Spinka, M , *John Hus and the Gzech, Reform;* Chicago, 1941.

Miller, E. W., e J W. Seudder (ed e tr), *Wessei Gansfort, Life and Wntings;* Nova York, 1917 — Dois volumes.

RENASCIMENTO E HUMANISMO

Gilmore, M. P , *The World of Itumamsm,* 1453-1517- Nova York, 1952.

llyrna, A., *The Christian Renaissance;* Grand Rapids (Michigan), 1924..

Iluizinga, J, *El Otofwlis la Edad Media;* Madrid, Revista de Occidente, 1952.

Burcklrardt, d *The Civilizahon of the Benaissance;* Nova York, 1909.

Burekhardt, d ,, *Im Cultura dei Renascimiento en Ha,ha;* Barcelona, Editorial Ibéria, 1959

Hulme, E. M., *The Renaissance, The Prolesta,nt Heformation, and the Gathohc Reformation;* Nova York, 1914.

Ferguson, W. K, *The Renaissance in Histórical Thought;* Boston, 1948..

Kristeller, P, O., *Studies in ítendissance Thought;* Poma, 1956.

Kristeller, P. O., *The Classics and Renaissance Thought;* Carnbridge (Mass), 1955.

Kristeller, P„ O., *The Philosophy of Marsüio Eicino;* Nova York, 1943.

Randall, **J, II , dr**\ *La Eormación, dei Pensamiento Mode/nk);* Buenos Aires, Nova, 1952.

Cassirer, E ; P. O. Kristeller e J. H. Randall (eds,), *The Renaissance Philosophy of Man;* Chicago, 1948.

Renaudet, A., *Préréforme et Hunvanisme à Pa,ris* (1494-1517) ; Uai is 1954 (ed.. revisada).

Marriott, J. *A.* R , *The Life of John Colei;* Londres, 1933

Ilunt, E. W., *Dea,n Colet and, His Theology;* Londres, 1956

Obambers, R, W., *Thomas More;* Londres, 1934,

liouth, E, M. G., ifi'ir *Thomas More and His Friends;* Londres, 1934.

Smith, P,, *Erasmus;* Nova York, 1923,

Iluizinga, J,, *Erasmo;* Buenos Aires, Emecé Editores, 1956 - - Inclui excertos de cartas de Erasmo.

Allen, P. S. (ed.), *Opus Epistolarum Des. Erasmi Roierodami;* Oxford, 1906-1947 — Onze volumes. A obra mais importante a respeito de Erasmo e seus coetâneos.

Erasmo, Desidérlo, *Coloquios de Desideno Eras-ino;* Buenos Aires, Espasa.Calpe, 1947.

Erasmo, Desidério, *El Enquiridión o Manual dei Caballero Cristiano*; Madrid, Aguila.r, 1932

Bataillon, M„ *Erasmo y Espaüa;* México, Fondo de Cultura Econômica, 1950 — Dois volumes.

HISTÓRIA DA IGREJA DA INGLATERRA

Moorman, J R. H , *A History of lhe Church of England;* Londres, 1953.

Patterson, M. W., *A History of the Church of England;* Nova York, 1925 (2.ª edição),

Stephens, W K W . e W. Ilunt (eds.), *A History of the Enghsh Church;* Londres, 1899-1910 — Oito volumes in 9. Obra de valor, *embora, um* pouco desatualizada.

Ollard, S. L ; G Orosse e M. F Bond (eds), *Thctionary of EngUsh History;* Londres, 1948 (3.ª edição).

Trevelyan, G. M., *History of England;* Londres, 1937 (2ª edição) — Concisa e de grande erudição,,

Trevelyan, G, M , *Engltsh Social History;* Nova York, 194G (2ª edição).

Maynard-Smitb, tf., *Pre-Reformation England;* Londres, 1938.

Carpenter, W. G„ *A Popular History of the Church of England;* Nova York, 1905.

Wakeman, II, O., *An Introduction to the History of the Church of England;* Londres, 1904.

MANUAIS ÚTEIS

Paetow, J L., *A Cuide to tke Stuãy of Medieval Pkilosophy;* Nova York, 1931.

Philips, O, H., *Handbook of Oriental History. The European ínheritanee;* ed. E. Barker; Londres, 1951.

Crump, O. G., e E. F Jacob (eds.), *The Legaey of the Middle Ages;* Oxford, 1926.

A REFORMA

BIBLIOGRAFIAS

Schottenloker, Karl, *BiUiographie zur deutschen GescMchle im 7mlalter der Glaubenspaltung;* Leipzig, 1933-1940 - - Seis volumes.

— indicações bibliográficas encontram-se nos seguintes periódicos: *Luther Jahrbuch, Arehiv für Reformationsgeschiehle, Church* ***flis*** *tory, Revue Histor ique*

OBRAS GERAIS

Ritter, G, *Die Neugestaltimg Em-opas im* 16. *Jahrhundert;* Berlim, 1950..

Smith, P , *The Age of lhe ReformaUon;* Nova York, 1920

Grimm, H J.„ *The ReformaUon Era;* 1500-1650; Nova York, 1954.

Green, V. II II.., *Renaissance and ReformaUon;* Londres 1952.

Bairrton, R.. H , *The Refoi mation of the Sixleenth Cenlury;* Boston, 1952,

Harrison, E.. II , *The Age of the ReformaUon*,- Ithaea (Nova York), 1955

Joachimserr, L\, *LHe. ReformaUon ais Epoehe der deidsehen Gesclvichte;* Munique, 1951

Lortz, J., *JHe ReformaUon in Deutsehland,;* Eriburgo, 1939 - Bois volumes. O melhor tratado do ponto de vista católico romano,

OechsJi, "W., *Bwiizerland Sinee* 1499; Londres, 1922.

Dunckley, *The ReformaUon vn Denmark;* Londres, 1948.

Bergendofii, C., *Olavus Rei ti and lhe Eeclesiastieal Transfor mation in Sweden;* Nova York, 1928.

Blok, P. J , *A Ilistory of the People of lhe Netherlands*; Nova York, 1898-1912 — Cinco volumes. O vol. 111 trata da Reforma.

Geyl, P, *The Revoll of the Netherlands*, 1555-1609; Londres, 1937..

Viérrot, J , *Hisloire de la Reforme Française eles Origines à PEdit de Na/ntes;* París, 1926.

Baird, II. M, *The Ilistory of lhe Rise of the Euguenots of Franee;* Nova York, 1900 ----- Dois volumes.

Wilkens, C. A., *Spanish Protesianls in lhe Sixteenth Gentury;* Londres, 1897.

MeCrie, T.., *La Reforma en bhpana en el Siglo XVI;* Buenos Aires; La Aurora, 1942.

Merréndez y Pelayo, M., *Historia de los Heterodoxos Espanoles:* Buenos Aires, Espasa-Calpe (1959) — Sete volumes.

Domingo de Santa Teresa, *Juan de Valdés,* 1498*1-1*541: *Su Rensam.ienl& Religioso y Ias Corrientes Espirüuales de su Tiempo;* Roma, Apud Aedes Universitatis Gr egorianae, 1957.

Brown, C K , *liaíy and lhe Reformation to* 1550; Oxford, 1930.
Gliurch, F. C, *The Italian Reformeis;* Nova York, 1932.
Constant, G. Q.. M.., *The Reformation m England;* Nova York, 1935-1.942 - Dois volumes
Powicke, F.. M , *The Reformation m England,*Nova York, 1941.
Parker, T. M , *The Enghsh Reformation;* Nova York, 1951.
Hewison, J.K., *The Covenanters, A Líistory of lhe Ckureh vn li cot-land from the Reformation lo the Revolution;* Glasgòw, 1913 (2,ª edição) — Dois volumes
Williams, G H, *The Radical Reformation;* Filadélfia, 1962

OBRAS DOS RFFORMADORES

Martin Luther's \\ *oLe;* Weirnar, 1883 em diante — Quase completa.
Luther, M, *Da Liberdade Cristã;* São Leopoldo (Rio Grande do Sul), Editora Sinodal, 1959
Cateasmo Menor do Dr Mar tinho Lutero; Porto Alegre, Casa Publicadoi a Concórdia
Luteros Martin, *Obras Seteelas;* Buenos Aires, El Escudo. 1963 em diante — Edição em seis volumes projetada e preparada pela Faculdade Luterana de Teologia de Buenos Aires, em curso de publicação
Lutero, Martin, *Páginas Escojidas;* Buenos Aires, La Aurora, 1962,
Lutero, Martin, *Cateeismo Mayor;* Buenos Aires, La Aurora, 1945.
.Lutero, Martin, *El Padrenuestro;* Buenos Aires, La Aurora, 1939.
Lutero, Martin, *La Cautivtdad Babilfmica de la íg Lesta;* Madrid, Librería Nacional y Extranjera, s d.
Lutero, Martin, *Íjos Artículos dc Esmalcalda;* Buenos Aires, La Aurora 1944
Luther's Works; ed d , Pelikan e H T. Lehmann ; St, Louis e Filadélfia, 1955 em diante - - Edição americana em 55 volumes, baseada na edição de Wei mar.. Em curso de publicação
'Works of Martin Luther; Filadélfia, 1915-1932 Seis volumes
Smith, P. e G M, Jaeobs, *Luther's Correspondenee;* 2 vols.
As obras de Filipe Mekrnehthon estão publicadas no *Corpus Reformatorum*, vols. 1 XXVIII; Halic, 1834-1860, e nos *Supplementa Melanchthonia*, Leipzig, 1910-1926, Uma edição criti ca está sendo publicada: *Opera Seleeta Philip Melanchthonis,* ed. R. Stuppericli; Gütersloh, 1953 era diante Em inglês, foi publicado: *The Loei Communes of Philip Melanchthon,*

tr e ed. C. Q Hall; Boston, 1944 Em espanhol, encontra se *La Justifieaeión por la Fe*; Buenos Aires, La Aurora, 1952
As obras de Martin Bueer estão sendo publicadas rrurna edição critica moderna: os escritos em latim (por editores franceses) em Paris o os cm alemão (por editores alemães) em Gütersloh. *De Regno Christi,* ed. F.. Weudel, foi publicado no vol XV de *Opera Latina;* Paris, 1955.

ZwirrgÜ, H , *Sümtliche Werke,* ed E. Egli e outros; 'Leipzig e Zurique, 1926 errr diante..

Zwirrgli, II., *Tke Latin Works and Correspondenee together with Selections fiom, his Germari Work,*s-; ed. S M Jackson, Nova York, 1912

Zwingli, H., *Breve Instruetion ChréMcnne*; tradução francesa do original alemão por J Cour-voisier; Genebra, Labor et Fides, 1953.

Calvino, J , *Opera Quae Supersunt Omnta (Corpus Reformatai uni:,* vols. XXIX 1.XXX Vil) ; Braunscliweig, 1863-1900 — 59 volumes.
Works; Edimburgo, 1844-1856 - 51 volumes *Lettc-rs,* ed J Bonrret; Filadélfia, 1858 — Quatro volumes *Opera JSele et a,* ed P Barth e W Niesel; Munique, 1926-1955 — Cinco volumes.

Calvin, J, *Institution de la Religion Chrétienne,* ed. J D Benoit; Paris, Vrin, 1957 era diante — Cinco volumes Edição crítica, leva-nos ao texto original de Calvino,

Calvino, -1 , *ínstitueión de la Religi/m Oristiano* (edição de 1536) ; Buenos Aires, La Aurora, 1936

Calvino, J., *Ínstitueión de la Rehgión Cristiana* (edição de 1559, faesímile da anterior); Buenos Aires, La Aurora, 1952 —- Dois volumes. Faltam os livros 111 e IV.

Calvino, J\, *Tratados Breves: I - De la Santa, Cena, Carla al Cardenal Sadoleto;* Buenos Aires, La Aurora, 1959

Calvino, J , *Los Comentários de Juan Calvino;* México, Publicaciones de la Fuente, 1960 em diante..

-— A tradução brasileira da *Instituição da Religião Cristã* está em preparo.

- — As obras dos reformadores anglicanos foram editadas em *The Publiealions of the Parker Society;* Cambridge, 1843-1855 - 55 volumes

BIOGRAFIAS E INTERPRETAÇÕES DOS REFORMADORES

Mackinnon, J„, *Martin Luther and the Reformation;* Londres, 1925-1930 — Quatro volumes

Sckwiebert, W G., *Luther and His Times;* St. Louis, 1950.

Boeluner, II., *Road, to Reformation;* Filadélfia, 1946.

Fife, R. PI., *The Revolt of Martin Luther;* Nova York, 1957

Watson, P. S., *Let God Be God;* Londres, 1947.

Rupp, E. G , *The Righteousness of God;* Londres, 1953.

Bainton, R H., *Lutero;* Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1955.

Fevbre, L, *Martin Lutero, un Destino;* México, Fondo de Cultura Econômica, 1956.

Grisar, H , *Martin Lutero, su Vido, y su Obra;* Madrid, Librería G eneral de Victoria Suárez • 1934 — Católico romano.

Hessen, J , *Lutero Visto pelos Católicos;* Coimbra, Armênio Amado Editor, 1951 — Esforço de interpretação sem preconceitos, feito por um católico romano.

Ricliardson, J. W., *Philip Melanchthon;* Nova York, 1907.

Hildebrandt, F, *Melanchthon, Alien or AUy;* Nova York, 1946..

Mansehreek, C., *Melanchthon, the Quiet Reformar;* Nova York, 1957..

Eells, II., *Martin Bueer;* New Haverr, 1931.

Hopf, C. *Martin Bueer and lhe English Reformation;* Oxford, 194tí

Jackson, SJVL, *Huld.reich Zwingli;* Nova York, 1901.

Farner, O., *Vmringlí the Reformcr;* Nova York, 1952.

Rilliet, J., *Vniringle, le Troisième Homme de la Reforme;* Paris, Artème Fayard, 1959.

McNeill, *The JJistory and Character of Calvmism;* Nova York, 195J — Contém excelentes biografias de Zwinglio e Calvino.

Walker, W., *John Calvin;* Nova York, 1906.

II uni, R. N. C., *Calvin;* Londres, 1933.

Wendel, F., *Calvin, Sources el Evolulvm de* sa *Pensée Religieuse;* Paris, Presses Universitaires de Franee, 1950.

Hunter, A. M., *The Teaching of Calvin;* Glasgow, 1950 (2ª edição).

Niesel, W., *The Tkeotogy of Calvin;* Londres, 1956.

Dowey, E. A., *The Knowledge of God in Calvin*'s* *Theology;* Nova York, 1952.

Cadier, J *L a Doetrine Calvinisle de la Sainte Gene;* Montpellier, 1951.

Smits, IJ , *Saint Auyustm dans VOeuvre de Jean Calvin*; Assen, 1957 em diante - - Três \ oi umes Obra fundamental para o estudo das fontes agostinianas do pensamento de Calviuo

Baird, 11. M.., *Theodme Beza;* Nova York, .1899.

Pollard, A.. F., *Thomas Cianmcr;* Londres, 1904.

Brown, P. II., *John Knox;* Londres, 1895 — Dois volumes

Perey, E , *John Knox;* Londres, 1937.

OS REFORMADORES RADICAIS, ESPECIALMENTE ANABATISTAS

The Mennonite Quarterly Review (Goshen, Ind 1932 em diante) 6 um repositório de informações a respeito da. história dos anabatistas e tem publicado uma série de documentos originais, vertidos para o inglês. *The Mennonite Encyclopedia* fornece informações pormenorizadas, embora de valor variável, sobre todas as fases da Reforma radical. O volume 25 da *Library of Christtan Glassics,* sob o título *Spiritual and, Anabaptisl Writers* (ed. G II Williams c A M. Mergal; Filadélfia, 1957), contém não só traduções de textos anabatistas mas também um ensaio de grande utilidade, com dados a respeito de todo o movimento. O autor desse ensaio é G, Williams, que também nos fornece um estudo a respeito da pesquisa feita nos últimos anos, em *Chureh Hislory,* vol, XXVII (1958); *Studies in lhe Radical ReformaUon* (1517-1018)..

Bax, E„ B,, *The Rise and Fali of lhe Anaba.ptists;* Londres, 1903

Burrage, II. S , *Hislory of the Anaba/ptists in Swilzeriand;* Filadélfia, 1891..

Dosker, H E *The Dutch Anabaptüts;* Filadélfia, 1921.

Lrttel, F.., *The Anabaptist View of lhe Chureh;* Boston, 1958 - Edição revisada.

Smitlrson, R. J, *The Anabapü.sts;* Londres, 1953.

Payne, *The Anabaptisls of the Sixteenth Gentury;* Londres, 1949.

llorsch, J., *The Mennoniles in Kurope;* Scottsdale (Pa,), 1942.

Wenger, J. G, *Compêndio de Historia- y Doelnna Menonitas;* Scottsdale (Pa), Herald Press, 1960.

Jorres, R. M., *Spiritual Reformers of lhe Sixteenth Gentury ;* Londres, 1914

Bender, II. S., *Conrad Grcbel: The Founder of the Swíss Brethren;* Scottsdale (Pa), 1950.

Bender, H. S. e J Horsch, *Menno Simons: Life and Writings;* Scottsdale (Pa), 1936

Coutts, A , *Flans Denck;* Edimburgo, 1922..
Vedder, ! I C., *BaWumir Hubmaier;* Nova York, 1905
Schultz, SG *Gaspar Schwenckfeld;* Norristown (Pa.), 1947
Wilbur, E M.., *History of Vnitaria/iiism;* Carnbridge (Mass), 1945-1952 - Dois volumes..
Bainton, R. II., *Hunted Heretic;* Boston, 1.953 — Sobre Ser veto..

ASPECTOS GERAIS E ESPECIAIS DA REFORMA

Reid, J, K S.., *The Authority of Scnpture;* Londres, 1957;
Reu, M , *The Augsburg Gonfession;* Chicago, 1930,
McNeiJI, J, T,, *l/nitwe Protestantism;* Nova York, 1930,.
Aiieii, J "W, *A Histoiy of Political Thought in the Sixteenth Ceniuiy;* Londres, 1928,.
Weber, M , *La 'Ética Protestante y eí Espirilu dei Capitalismo;* Madrid, Revista de Derecho Privado, 1956.
Faníani, Amintore, *Catolicismo y Protestantismo en la Gênesis dei Capitalismo;* Madrid, Edieiones Ríalp, 1953
Biéler, A., La *P&risée Économique et Sociaíe de Calvin;* Genebra, Labor et Fides, 1959.
Biéler, A , *LyHumanismo Social de Calvin;* Genebra, Labor et Fides, 1960.
Bainton, R H, *The Travail of Religious Liberty;* Filadélfia, 1951,
Pauek, W,, *The Hérniage of the Reformation;* Boston, 1950.
Harrison, E, IP, *The Christian Scholar in lhe Ag& of the Reformation;* Nova York, 1956.

A CONTRA-REFORMA

As obras dos teólogos católicos romanos que entraram em controvérsia com os reformadores protestantes estão publicadas no *Corpus Caiholicorum;* Münster, 1919 em diante.

Janelle, P.., *The Catholic Reformation;* Mihvaukee, 1949.
Jedin, H, *Concílios Ecumênicos: História e Doutrina;* São Paulo, Herder, 1961 Contém um capitulo sobre "A Crise Religiosa e o Concilio de Trento".
Jedin, II., *Hislory of the Councü of Trenl;* St. Louis, 1957 cm diante — • Quatro volumes

GUERRA DOS TRINTA ANOS

Gardiner, S R., *The Thirty Years7 War;* Londres, 1912 (2ª edição).
Wedgewood, C. V., *The Thirty Years7 War;* Londres, 1938.

CRISTIANISMO MODERNO: TRATADOS GERAIS

Brauer, J. C , *Protestantisvi vn America, A Narrative History* Filadélfia, 1953 — Introdução básica e popular.

Chcctham, S , ,1 *History of the Chnstian Church Since the Beformation;* Londres, 1907 — Obra antiga.

Dlllenberger, -I e C. Weich (eds), *El Cristianismo Protestante;* Buenos Aires, La Aurora, 1958 — • Estudo interpretativo sucinto, com ênfase rro desenvolvimento do pensamento.

Drummond, A L, *German Proteslamhsm Since Luther;* Londres, 1951 — Estudo de fácil leitura, concentra a atenção especialmente rro desenvolvimento da teologia e nas tensões entre Igreja e Estado..

Latourette, K. S.., *A History of Ohristianity;* Nova York, 1953 — Trata de toda a história da Igreja, reservando 500 páginas para o período moderno.

Mc.Nei.il, J. T,, *Modem Chrisham Movements;* Filadélfia, 1954 •- Excelente interpretação breve do puritarrismo, pietismo, evangecalismo, tractarianismo, ecumenismo e catolicismo romano moderno.

Níchols, J. H , *History of Chnstianity* 1650-1950: *Secularization of the West;* Nova York, 1956 — Um dos melhores estudos de caráter geral: seguro, pormenorizado e útil.

Niebuhr, H. R.., *The Kingdom of God in America;* Chicago, 1937 — Uma interpretação inteligente do desenvolvimento do cristianismo rra América do Norte.

Ma ver, F . E., *The Beligimis Bodies in Am erica;* St. Louis, 1954 - - Visão geral das igrejas norte-americanas, escrita segundo ponto de vista luterano conservador.

Norwood, F.. A , *The Development of Modem Christianiiy Since* 1500; Nova York, 1956 — Estudo breve, focalizando a atenção no surgimento de várias denominações.

Sweet, W. W , *The Story of íieligion in America;* Nova York, 1950 (edição revisada) - O estudo mais comumerrte usado, referente ao contexto norte-americano.

Walsh, H„ II, *The Chrishan Church in Canada;* Toronto, 1956 — O primeiro estudo geral a respeito do assunto, escrito com muita competência.

Vergara, í, *El Protestantismo en Chile;* Santiago (Chile), Editorial dei Pacífico, 1962

Da vis, J M, *Base Econômica de la Iglesia Evangélica en Méjico;* México, Casa Unida de Publieacion.es, 1940.

PJancliet, R, *La Cueslión religiosa en Méjico;* México, 1956..

Alonso, Isidoro e outros, *La Iglesia en Perú y Bolívia* —• Friburgo, Oficina Internacional de Invcstigacion.es Social es de Feres, 1962 — Católico romano.

Zuretti, J C .„ *Historia, Eclesiástica, Argentina;* Buenos Aires, Editorial "Huarpes", 1.945 - • Católico romano.

Báez Camargo, C., *El Protestantismo en Jberoamé.rica;* Buenos Aires, La Aurora, 1945.

Báez Camargo, 0„, *Protestantes Enjuiciados por la Inquisicíón en Iberoamérica;* Buenos Aires, La Aurora, 1960..

Mackay, J , *El Otro Cristo Espanol;* México, Casa Unida de Publicac.iones, 1953,

Ryeroft, W„ S,, *Religión y Fe en América Latina;* México, Casa Unida de Publicaciones, 196L

Léonard, E. G, *O Protestantismo Brasileiro-, Estudo de Eclesiología e de História Social;* São Paulo, ASTE, 1963.

Camargo, P.F.S., *História Eclesiástica do Brasil;* Petrópolis, Editora Vozes, 1955 — Católico romano.

Van der Vat, O., *Princípios da Igreja no Brasil;* Petrópolis, Editora Vozes, 1952 --- Católico romano..

Pires, 11., *Temas de História Eclesiástica do Brasil;* São Paulo, 1946 -— Católico romano.

Barata, J. C.., *tfistória Eclesiástica de Pernambuco ;* Recife, 1922 — Católico romano.

Leite, S.., *História da Companhia de Jesus no Brasil;* Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1938-1950 — Dez volumes.

Dornas Filho, J , *O Padroado e* a *Igreja Brasileira;* São Paulo, Companhia Editora Nacional, s. d. (Coleção *Brasiliana*, vol. 1.25).

O *Catolicismo Romano: 17m Simpósio Protestante;* São Paulo, ASTE, s.d.

Conde, E., *História das Assembléias de Deus no Brasil;* Rio de Janeiro, 1960.

Ferreira, J. A,, *História da Igreja Presbiteriana no Brasil;* São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1.959 --- Dois volumes.

Esboço Histórico da Escola Dominical da Igreja Evangéilica Fluminense; Rio de Janeiro, 1932.

Kemredy, J L, *Cinqüenta Anos ele Metodismo no Brasil* (1876-1926); São Paulo, Imprensa Metodista, 1928.

Mesquita, A„ N., *História, dos Batistas no Brasil;* Rio de Janeiro, Casa Pubticadora Batista, 1962 (2ª edição) — Dois volumes.

Pereira, Eduardo Carlos, *O Problema, Religioso na América Latina (Estudo Dogw/itico e Histórico);* São Paulo, Livraria Independente Editora, 1960 (3ª edição).

Rocha, J. G, *Lembranças do Passado: Ensaw Histórico do Inicio do Desenvolvimento do Trabalho Evangélico no Brasil do que Resultou a Fundação da "igreja Evangélica, Flwiviaensi'\;* Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941-3916 — • Três volumes,

PURITANOS, "NÃO-CONFORMISTAS" E "IGREJAS LIVRES"

Burrage, O , *The Early Engfosh Dissenters in the Light of Recent Research;* 1550-1641; Cambridge, 1912 — Dois volumes.

Davies, H. *The Enghsh Free Churches;* Londres, 1952.

Haller, W. E , *The Rise of Purüamsm;* Nova York, 1938.

Ilaller, W.. E , *Liberty and ReformaUon in the Pur-itan Revolution;* Nova Yor k, 1955,

Henson, H, PI., *Puritanism in England;* Londres, 1912.

Knappen, M„ M,, *Tudor Puritanism;* Chicago, 1939

Miller, P.., *The New England Mind;* Nova York, 1939-1953 — Dois volumes,

Miller, P„ e T, H. Johnson, *The Puritmis*; Nova York, 1938.

Payne, E. A,, *The Free Chureh TradÂtion in the Life of England;* Londres, 1951 (edição revisada).

Russell, E.., *The Ilistory of Quakerism;* Nova York, 1942,

Diário de Jorge Fox; Filadélfia, Friends Book Store, 1939.

Jorres, R , *La Ley y la Experiencia, de Ias Cuáqueros;* México, Casa Unida de Publicaciones, 1946.

Schneider, II. W., *The Purilan Mind;* Nova York, 1930,

Simpson, A., *Puritanism in Old and New England;* Chicago, 1955,

Torbet, R G., *A Ilistory of the Baptists;* Filadélfia, 1950.

Woodhouse, A- S, P., *Puritanism and JÁberty;* Chicago, 1951 (2,ª edição).

PIETISMO E MORAVIANOS

Addison, W, G., *The Renewed Chureh of the United Brethren,* 1722-193(1; Nova York, 1932.

Ileppe, H L. J, *Geschichte d&s Pietismus und d,ei Myüik in der Ueformierten Kirche;* Leiden, 1879.

Knox, R A,, *Enthusiasm;* Oxford, 1951.

Langton, E,, *Tlistory of lhe Moravian Church: The Story of lhe First International Prole st a.nt Church;* Londres, 1956.

Eitsehl, A., *Geschichte des Pietismus;* Boim, 1880-1886 — Três volumes,

Sessler, d, J , *Communal Píetism among Early American Moravians;* Nova York, 1933,

Weincliek, J R-, *Count Zinzendorf;* Nova York, 1956,

O REAVIVAMENTO EVANGÉLICO

Balleine, O. R., *A History of the Evangélica! Party in the Church of England;* Londres, 1951 (nova edição).

Caineron, R M., *The liise of Method/ism: A Source Book;* Nova York, 1954,,

Celi, G, C., *The Rediscovery of John Wesley;* Nova York, 1935.

Church, L F , *The Early Methodist Pcopie;* Londres, 1948.

Curnoek, N. (ed.), *The Journal of John Wesley;* Nova, York, 1909-1916 —- Oito volumes.

Wesley, J,, *Sermões;* São Paulo: Imprensa Metodista, 1954 — Dois volumes, com notas.

Wesley, d,, *La Perfección Cristiana;* ívansas City (Estados Unidos), Casa Nazar ena de Publicaciones.

Elliott-Bins, í **J** E., *The Early Evangelicals: A. Religious and Social Sludy;* Greenwich (Coun.), 1953.

Garhcr, P N., *The Methodists of Continental Europe;* Nova York, 1945.

Howse, E M'. F., *Samls in Polilics: The "Clapham Seel" and the Growth of Freedom;* Toronto, 1952..

Londstrõm, H , *Wesley and Sanctifuuition : A Study in the Doetrine of Salvation;* Estocolmo, 1946.

Parker, P. L. (ed.), *The IJeart of John Wesley/s Journal;* Nova York, 1903.

Workman, PI, B,, e outros, *A New History of Methodàsm;* Londres, 1909 —- Dois volumes.

Zabriskie, A. (ed..), *Anglican Evangelicalism;* Filadélfia, 1943.

REAVIVAMENTO NA AMERICA DO NORTE

Bara.es, G H., *The Antislavery Impulse,* 1.830-.1.844; Nova York, 1.933.

Billlngtorr, R. A., *The Protestant Crusade,* 1800-1860; Nova York, 3938.

C levei and, O C., *Tre Gr cal Revival in lhe West,* 1797-1805; Clrieago, 1916

Cross, W, K , *The Bwmed over District: The Social and, hdelleclual History of Enthusiaslic Religion in Wr^tein New York,* 1800-1850; Itlraea (Nova York), 1950.

Elsbree, O. W., *The Rise of lhe Missionary Spirit in America,* 1780-1.815; Williams por; t, (Permsylvânia), 1928.

Gewehr, ~*W,* M., *The Great Awakenmg in Virgin/ui;* Durlram (Caro lina do Norte), 1930..

Johnson, O, A., *The Frontier Gamp MeeUng, Religion*'s- *Harvest Time;* Dallas (Texas), 1955.

Ke.ller, C. A., *The Second, Great Auiakening in Conneclicut;* New Ilaven (Conrr), 1942.

Maxson, C. II, *The Great Awakening m the M.idãle Colonies/* CJh.ic.ago, 1920.

Schneider, O. E., *The German Church on lhe Am.erica.n Frontier;* St.. Louis, 1939.

Smith, T. L., *Revivalism and Social Re foi m in Mid-Nmeteenth Century America;* Nova York, 1957.

Sweet, W W., *Revivalism in America: Its Origins, Growih, and Decline;* Nova York, 1945.

Tewksbnry, D. O., *The Founding of American Ooíleges and Universities before the Civü War, WilJt Particular Reference to Religious influences Bea/ring upon the College Movement;* Nova York, 1932,

Trinlerud, L„ J, *The Forming of an American Tradition: A íie-examinalion of Colonial Presbyterianism,;* Filadélfia, 1949.

1JIBERDADE RELIGIOSA

Bainton, R. II.., *The Travail of Religious 'Liberty: Nine Biographical Studies;* Filadélfia, 1951..

Blau, J. L„ (ed), *Cornerston-es of Religious Liberty in America;* Boston, 1950,

Drnrcan-Jones, A. S., *The Struggle for Religious Freedon in Germany;* Londres, 1938.

Greene, E B., *Rehgion and the State;* Nova York, 1941.
Howard, -I P, *JÃbertad Religiosa, en América Latina?;* Buenos Aires, Ija Aurora, 1945.
Bates, M S,, *Libertad Religiosa: Estúdio Histónco-crítico-fiiosófico;* Buenos Aires, Edieiones Libertad, 1948.
Jordan, W. K, *The Developmenl of Religio-us Toleration m Eng~land;* Londres, 1932-1940 — Quatro volumes
Keiler, A.„ *Church and State on lhe European Conhnent;* Chicago, 1936,
Pfeífer, L„ *Church, State, and Freedom;* Boston, 1953.
Stokes, A. P , *Church and State m lhe United States;* Nova York, 1950 — Três volumes
Carrülo de Albornoz, A. F,, *Bases de la Libertad Religiosa;* Buenos Aires, La Aurora, 1964.
Broglie, C de, *Problemas Chrétiens sur la Liberte Rehgieuse ;* Paris, Beauchesne, 1965 — (Católico romano.

PENSAMENTO CRISTÃO NO PERÍODO MODERNO

Cragg, G R , *From Purila/msm to ihe Age of Reason-. A Study of Changes in Religious Thought within lhe Church of England, 1660-1700;* Carnbridge, 1950
Dorner, J A,, *History of Frotestant Theology, Particularly in Germany;* Edimburgo, 1871,
EIliott-Binns, L U, *The Developmenl of English Theology in the. Later Nmeteenlh Genlury;* Londres, 1952.
Ilammar, G, *Christian Realism in Conlemporary American Theology;* Upsala, 1940.
Ilorton, W. M.., *Contemporary Continental Theol-ogy;* Nova York, 1938.
Mackintosh, H. R., *TypeJ of Modem Theology, Schleiermacher to Barth;* Nova York, 1937.
Moore, E. C., *An Outhne of the History of Christian Thought S>nce líant;* Nova York, 1912.
Nash, A, S„ (ed,), *Prolestant Thought in the Twentieth Century: Whence and Wkitherf;* Nova York, 1951.
Pfleiderer, O., *The Development of Theology in Germany Sinc* Ka.nl, and, lis Progress m Great Britam Sine.e* 1825; Nova York, 1890.
Selbie, W. B, *Schleiermachtr, A Criticai and Hislorical Study;* Nova York, 1913,

Smith, II. S., *Ghanging Conceptions of Original Sm: A Stud.y iv American Theology Since 1750;* Nova York, 1955.

Stiomberg, R N., *Rehgious Liberalism in Eighteenth Gentury England;* Londres, 1951

Tulloch, J , *Movementa of Religious Thought vn 'Britam During the Nineleenlh Gentury;* Nova York, 1886.

Vidler, A R, *The Modernist Movement in the Roman Chureh: Its Origins and Outcome;* Cambridge, 1934.

ANGLICANISMO MOVIMENTO DE OXFORD.

ürilioth, Y T.., *The AngUcan Remval: Studies in lhe Oxford Move ment;* Nova York, 1925,

Brllioth, Y. T., *Three Lectures on Eva.ngeUcahsm and the Oxford Movement;* Londres, 1934..

Carpenter, S. O., *Chureh and People, 1789-1889;* Londres, 1933.

De Mille, G.. E , *The Gatholie Movement in lhe American Episcopal Chureh;* Filadélfia, .1941.

Ollard, S. L , *A Short History of the Oxford, Movement,;* Milwaukee (Wisconsin), 1915.

Stcwart, H.. L., *A Gentury of A.nglo-Cathohcism;* Londres, 1929

Fairweather, E R (ed.), *The Oxford Movement;* Nova York, 1961 — Excertos de alguns dos líderes do reavivamento católico na Igreja Anglicana eorn introdução c notas.

Chadwick, O., *The Mind of lhe Oxford Movement;* Londres, 1960.

Webb, C. C„ d,, *Jieligious Thought in the Oxford Movement;* Londres, 1928.

Chureh, R.W., *The Oxford Movement;* Londres, 189.1.

More, P. E. e F. L. Oross (eds.), *A.nglicanism,: The Thought and Practice of the Chureh of Eyigland, lllustrated from the Re ligious Literature of the Seventeenth Gentury;* Nova York, 1.957 —• Antologia dos teólogos anglicanos clássicos, com intro duções e notas biográficas. Obra importante para a compreensão da posição anglicana dentro do cristianismo.

—• Os pronunciamentos dos bispos anglicanos reunidos nas Confe rêneias de Lambeth estão publicados em vários volumes; Londres, S.P.C.K, 1929 em diante..

Vidler, A.R., *The Theology of E\|D|, Maurice;* Londres, 1948.

Ramsey, A. M , *An Era in Anglican Theology — Erom Gore Temple,The Development of Angliean Theology between*

"Lux Mundi" and the Second World War (1889-1939); Nova York, 1960

Neill, *I/A.nglieanisme et la Commumon A.ngUcane;* Paris Editions du Seuil, 1961.

Wand, J, W., *El Anglicanismo en la Historio y en la Acl ualidad;* Madrid: Guadarrama, s.d..

Ramsey, A. M, *El Evangelio y la Iglesia Católica;* Santo Domingo (República Dominicana), 1964 Ensaio de cclcsiologia, pelo atual arcebispo de Oantuária.,

A Igreja Episcopal no País do Futuro; Porto Alegre, Publicadora Fcclesia, 1961 - • De algum valor para o conhecimento do anglicanismo no Brasil

CATOLICISMO ROMANO MODERNO

Bury, J, B , *History of the Papacy in the Nineteenlh Century;* Nova York, 1930,

EIlis, J T , *American Cathoticism;* Chicago, 1956.

Geffcken, E. H, *Church and State: Tkeir Relations Historically Developed;* Londres, 1877 — Dois volumes.

von Ranke, L , *Historia de loa Papas en la, Época Moderna:* Buenos Aires, Fondo de Cultura Econômica, 1951.

Gurian, W. e M. A. Fitzsimons, *The Catholíc Church %n World Affairs;* South Bend (Indiana), 1954.

Husslein, J. (ed), *Social Wellspring Fourteenth Documents by Pope Leo XUl;* Milwaukee (Wisconsin), 1940,

Doctrina Pontifícia: vol. 'III — *Documentos sociales;* Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1959 Texto latino ou italiano e tradução espanhola dos pronunciamentos dos papas acerca de problemas sociais,

MacCaffrey, J'., *History of the Catholíc Church m the Nineteenlh Century, 1789~1908* - St Louis, 1909 — Dois volumes.

Manhattan, A , *The Vatican in World Politics;* Nova York, 1949.

Nielsen, F. K, *The History of lhe Papacy in the Nineteenlh Century;* Nova York, 1906 — Dois volumes.

Phillips, C S., *The Church in France, 1789-1848: A Sludy in Revival:* Londres, 1929.

Phillips, C.S., *The Church in France, 1848-1907;* Londres, 1936.

Villain, J„, *La Ensena/tiza Social de la Iglesia;* Madrid, Aguilar, — Católico romano.

Ivüng, II , *El Concilio y la JJnión de tos Cristianos;* Santiago de Chile, Herder, 1962.

Nicolau, M., *Problemas do Concilio Vaticano II •— Visão Teológica;* São Paulo, Edições Paulinas, 1964.

Kloppenburg, B., *Concilio Vaticano II;* Petrópolis; Editora Vozes - Em curso de publicação Até o presente, quatro volumes.. Crônica circunstanciada dos preparativos e das sessões do concilio

Pawley, B, *An Anglman View of the Vatican Council;* Nova York, 1962.

Baraúna, G., *A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concilio;* Petrópolis, Editora Vozes, 1964.

AS IGREJAS ORTODOXAS ORIENTAIS: ATUALIDADE

Anderson, P. B., *People, Church and State in Modem Rússia;* Nova York, 1944.

Attwater, D., *The Christian Churches of the Easl:* Milwaukee (Wisconsin), 1947-1948.

Bolsbakoff, S , *Russian Nonconform/ity, The Stoiy of " Unofficiar Religion m Rússia;* Filadélfia,, 1950

Browrr, L. W, *The Indian Christians of St, Thomas;* Cambridge, 1956.

Bulgakov, S., *The Orthodox Church;* Londres, 1935.

Curtiss, J S., *Church and State in Rússia, 1900-1917;* Nova York 1940.

Curtiss, J. S., *The Russian Church and the Soviet State;* Boston, 1953.

Fedotov, G. P„ (ed.), *A Treasury of Russian Spiriluality;* Nova York, 1948.

Frere, W.íí.., *Some Links in the Chain of Russian Church History;* Londres, 1918.

Spinka, M., *The Church in Soviet Rússia;* Nova York, 1956.

Timasheff, N. S , *Religion in Soviet Rússia, 1917-1942;* Nova York, 1942.

Zarrkov, S.., *The Eastern Orthodox Church; Milwmtkee* (Wisconsin), 1930

Schmemarrrr, A.., *The Hisloncal Road of Eastern Orihodoxy;* Nova York, (1963) — Urna história da Igreja Ortodoxa Oriental atualizada, simples e escrita numa perspectiva ecumênica..

O autor é um dos mais destacados estudiosos ortodoxos contemporâneos.

Meyendorff, J,, *L'Église Orthodoxe: Rier et AujourxVhm;* Paris, Éditíons du Seuil, 1960 (tradução inglesa: *The Orthodox Chureh Its Past anel Its Role in the World, Today;* Nova York, 1962) —- Apresentação histórica e teológica da ortodoxia oriental, incluindo uma descrição das várias igrejas nacionais.

Lossky, V., *Essai sui la Théologie Mysiique de 1'ÉgUse d/Orient;* Paris, 1944 (tradução inglesa: *The Mystical Theology of the Eastem Chureh;* Londres, 1957).

Afanassief, N. e outros, *La 'Primautê de Pterre dana VÉglise Ortho ãoxe;* Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1960.

fívdokimov, P... *L'Orlhodoxie;* Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1959.

Zernov, N,. *Cristianismo Oriental;* Madrid, Guadarraina, 1960.

CRISTIANISMO SOCIAL

Binyon, G C, *The Ghristian Socialtsi Movement in England: An Introduchon to the Study of Its Ilistory;* Londres, 1981,

Carter, P. A., *The Deeline and Revival of lhe Social Oospel: Social and Pohtical Liberolism in American Protestanl Chtirch.es, 1920-1940;* Nova York, 1956.

Hopkins, C. H . *The Rise of lhe Social Gospel in American, Prolestanhsm, 1865-1915;* New Haven (Conn_), 1940.

May, II. F., *Protestant Churches and Industrial America;* Nova York, 1949.

McNeill, J T., *Christian Eope for World Society;* Chicago, 1937.

Nichols, J. H., *Democracy ,and the Churches;* Filadélfia, 1951.

Reckitt, M.. B, *Maurice to Temple: A Century of the Social Movement in the Chureh of England;* Londres, 1947,

Shanaham, W. O,, *Germa/n Protestants Face the Social Question;* Notre Dame (Indiana), 1954.

VisserT Hooft, W.A., *The Baekgrmmd of the Social Gospel in America;* Haarlem, 1928.

AVard, L. R. (ed.), *The American Apostotale: American Catholics in the Twentieth Century;* Washington (Maryland), 1952.

Weill, G., *Histoire du Catholicisme-libéral en Erance,* .1828-1908; Paris, 1909.

O MOVIMENTO ECUMÊNICO

Brown, W. A, *Toward a United Church: Three Decades of Ecumênical Ohristiamty;* Nova York, 1946

tlogg, W, li.., *Ecumênicai Eoundations: A History of lhe Interna iional Missionary Council and lis Nineleenth-century Background;* Nova York, 1952.

Horton, W. M., *Toward a lieborn Church;* Nova York, 1949

Hutebinson, J. A., *We are Not Divide d,: A Criticai and Historical Study of the Eederal Council of the Churches of Chnst <m America;* Nova York, 1941,

Maefarland, C. S., *Steps Toward the World Council-. Origina of the Ecumenical Movement as Expressed in the Universal Christian Council for Life and, Work;* Nova York, 1938.

Noldc, O. E, (ed), *Toward World-wide Christianity;* Nova York. 1916.

lio use, R e 8 C. Neill (eds,), *A History of lhe Ecumenical MovemenL 1517-194$;* Filadélfia, 1954.

Silcox, O, E , *Church Union in Canada;* Nova York, 1933

Slosser, G, J.7 *Christian Unüy: lis Histlory and Chaílenge in AH Communions, in Ali Lands;* Nova York, 1929.

Van Uusen, II, P, *World Christiamly: Yesterday — Today - Tomorrow;* Nova York, 1947.

Mott, J.R„, *Federación Estudantil Cristiana Mundial: Su Origen, Obra, Porvenir;* Nova York, 1920,

Cbérix, Ph., *Pour un Viva,nl Oecuméntsme ;* Suíça: Messeiller, 1952.

Dumont, C, J., *Les Voies de L^Unité Chrétienne ;* Paris, Êditions du Cerf, 1954 - - Católico romano.

Tliils, G., *Histoire Doctrinale du Mouvemenl Oecumenique;* Lovaina: Warny, 1955 - - Católico romano,

Vi liam, M, *L'Abbê Paul Couturier, Apôtre de VUnité Chrétienne;* Paris, Casterrrrari, 1957 — Estudo biográfico do famoso líder ecumênico católico romano.

Villain, M., *Introdução ao Ecumenismo;* Lisboa, Livraria Martins Editora, 1962 —• Católico romano..

Tavard, G,, *Ecumenismo •. História e Perspectivas Atuais;* Cucujais (Portugal), Editorial Missões, 1962 — Católico romano.

Pelikan, J., *Obed,ient Hebels •. Cathohc Substance and Prolestant Principie in Luther's lieformation;* Londres, 1964 — Estudo muito original da Reforma à luz do movimento contemporâneo de união das igrejas.



ÍNDICE REMISSIVO

Abbot, Jorge, arcebispo dc Cantuária, vol II 145, 146, 147
Abelardo, vol I, 319, 337, 338, 339, 346, 348
Academia platônica, vol- I, 391 405
A^ao Católica, vol, 11, 291, 293, 294
Adalgag", arcebispo, vol I, 306
Adeodato filho de Agostinho, vol I, 231, 234
"Adiaphoravol. JI, 58
Adriano, imperador, voi I, 45
Adriano IV, papa, vol. I, 320
Adriano VI, vol.. II, 23, 27, 102
Adventistas, vol II, 279
Afi? inação dos Sete Sacramento y vol II, 82
Afonso IX, de Leão, vol. I, 362
Ágato, papa, vol I, 211
Agrícola, Rodolfo, vol I, 404
Aidano, vo! I, 257
AÍIH, Pedro d', vol I 383; vol II, 11
Ainsworth, Henrique, separatista, vol II, 144
Agostinho de Cantuária, vol I, 259
Agostinho de HIpona, vol- I 231-245, 270, 275, 277, 335, 353, 374, 403, 409; vol. II, 10, 167
Agostiniano, misticismo, vol II, 11
Agostinianos, eremitas, vol. II, 10
Agostinismo, vol I, 275-276
Alarico vol. I, 176
Alba, Duque d', vol.. II, 113
Alberico, vol. I, 280-281
Alberto Magno, vol I, 329, 343, 344
Alberto da Prússia, vol II, 28
Alberto de Brandemburgo, vol II, 12
Alberto V, Duque da Haviera, vol I I, 124
Albigenses, vol. I, 322
AIbornoz, voL 1, 372
Alcalá de Henares Universidade de, vol. I, 400
Alciati, André, vol. li, 69
Alcuíno, vol I, 270, 335
Aleander, Girolarno, vol II, 18,
Aleixo, imperadores: I, vol.. I 311; III, vol I, 315
Alemanha, vol 1, 401, 410; vol. II 8
Alexandre, bispo, vol. I, 157, 159
Alexandre de Hales, vol I, 343 349, 350
Alexandre Magno, vol I, 20, 29
Alexandre, papas: II, vol. I, 294, 295, 296, 349 (Anselmo de Lucca) ; III, vol I 324, 325, 326; IV, voi I. 394, 396; V, vol I, 379, 384
Alexandre Severo, imperador, vol I, 18
Alexandria, escola de, vol I, 109-116
Alexis, patriarca, vol II, 300
Alfredo, o Grande, vol I, 276
Aliança Batista Mundial, vol II 311
Aliança Evangélica, vol. II, 306
Aliança das Igrejas Reformadas, eu-feixando o sistema presbiteriano no mundo inteiro, vol II, 311
Alípio, vol.. I, 232
AUcmand, l.uís d', cardeal, vol- I, 388
AIen, Ethan, deísta, vol II, 187
Alleu, Guilherme de, vol II, 117
Allstedí, vol 1.1, 26
*" Alúgoi*vol- I, 103
Amadeu da Saboia, vo! I, 388
Arnabrico de Bena, vol C, 357
Ambrósio de Milão, vol I, 187-188 231
Ames, William, teólogo, vol II, 146
"Amigos de Deus", voi I, 355
Arnon, Hans, vol II, 47
Amsdorf, Nicolau vou, voi II, 12 22 58, 122, 123
Ana de Cleves, vol II, 87
Ana, rainha da .Inglaterra, vol II, 159
Anabatistas, vol II, 32, ' 40-47 116, 142, 146, 188
Anacleto II, papa, vol 1, 319
Anatas, vol I, 371
Anaxágoras, vol I, 18
Andersson, Laureritinius, vol II, 63
Andrewes, Lancelote, bispo vol II. 145, 149
Anglo-catolicismo, vol II 149, 206, 256, 257, 261, 277
Angouleme, Margarida d', vol II, 70
Anieeto, papa, vol I, 94
Anjos, culto dos, vol.. F, 225
Annet, Peter, deísta, vol. II, 186
Ano de Colônia, vol. I, 295
Ariscario, vol. I, 278
Anselmo, teólogo, arcebispo de Cantuária, vol. í, 302, 336, 345, 346; vol II, 11, 136
Aníão, monge, vol I, 182-183
Antigo Testamento, vol T, 405
Antíoco IV, Epifânio, vol. I, 30
Antioquia escola de. vol I, 145, 193-194
Antioquia, igreja primitiva de, vol 1, 46

Antônio, metropolíta, vol. II, 301
Antônio de Vendôrne, vol. II, 111
Apocalípticismo, vol. II, 45
Apolinário de I aodicéia, vol 192-193
Apologia de Melanchthon, vol II, 51
Apologistas cristãos primitivos, vol. I, 74-77
Apóstatas, v *Penitência,*
Aquino, Tomás de vol I, .329, 344-352, 365, 400, 409; vol II, 291
Arcsen, jon, vol U, 63
Arianismo vol I, 157-173; vol II, 188, 189, 222, 232, 274; missões, vol I, 174-179
Ario, vol I, 157-162
Aristides, apologista, vol. I, 74
Aristóteles, vol 1, 19-20, 193, 206, 335, 340, 343, 354, 357, 391 ; vol II, II, 13
Arkwright, Richard inventor, vol. II 203
Armênia, igreja da, vol. I, 209
Armênios, vol I, 388
Anninianismo, vol. .11, 134-137, 146, 149, 212, 213, 220
Armiuius, Jacó, teólogo, vol 11, 134-144
Arndt, johann, luterano, vol. II, 191
Amoldo de Brescia, vol' I, 319-321
Amoldo, Godoíredo, historiador, vol.. II, 196
Arnold, Thomas, líder "broad-cluirch", vol II, 254
Arquclau, governante judeu, vol I, 32
Artêmoji, vol. I, 104
"Artes", vol 1, 341 »
Asbury, Francis, bispo, vol U, 219, 230
Ascetismo, vol. I, 141-142
Associação Cristã de Washington, vol II, 275
Associação Cristã Feminina **(YWCA),** vol. II, 306, 309
Associação Cristã de Moços (YMCA), vol. II, 306, 309
Associação Internacional do Cristianismo Liberal e Liberdade Religiosa, vol. II. 3U
Astolfo, vol/ I, 265, 266
Astruc, Jean, crítico bíblico, vol. II, 237
Atanásio, vol I, 161-169, 184
Ataulfo, vol. I, 176
Aleísmo, vol II, 187
Atenágoras, vol. I, 74
Atila, vol I, 177
Átis, vol I, 26
Ato de Uniformidade, vol II, 88, 90, 93
Atos dc Prova e Corporação, vol. II, 156, 256, 2i>9
"Atrição", vol I, 351
Ato, arcebispo dc Milão, vol I, 296
Augsburgo, confissão de, vo! 11, 49, 64, 123, 201
Augsburgo, ínterim dc, vol II, 58
Augsburgo, reunião do Reichstag em, vol. II, 49
Augsburgo, sínodo dos Mártires em, vol II, 43
Augustinus Triumphus, vol I, 370
Augusto, eleitor da Saxônia, vol II, 122-123
Aureliano, imperador, vol I, 117, 143, 144
Austerlitz, vol. II, 46
Áustria, vo!. II, 124
Autoridade, vol f, 369; vol II 24, 73
Autoridade da Bíblia, vol í, 370, 409; vol 11, 33, 34, 107
Avcrroes, vol I, 357
Avinhão, vol 1, 366, 368

Babington, conspiração dc, vol II, 118
Babilas de Antioquia, vol I, 120
Bacon, Sir Francis, filósofo, vol I[, 166
Bajazé II, sultão, vol 1, 394
Ralduino, reis: I, vol I, 313; II, vol. II, 313
Bailou, Oséias, universalista, vol II, 232
Baltimore, I.orde, colonizador, vol-II, 173
Bancroft, Ricardo, arcebispo de Cantuária, vol II, 143, 145
Bardas, tio de Miguel III, vol. I, 278
Barlow, Guilherme, vol. II, 93
Barmen, declaração, vol. II, 312
Barnabé, Kpístola de, vol. I, 64
Barnabé, missionário, vol I, 48
Baro, Pedro, idéias arrrmiianas vol, II, 144
Barrow, Henrique, separatista, vol II, 144
Barth, Karl, teólogo, vol !I, 312
Basiléia, vol I, 386; vol II, 36
Rasílides, vol I, 83, 109
Basíiio de Ancira, vol I, 166
Basílio de Cesaréia, vol. I, 170-172, 184, 236

Basílio, imperadores: I, vol.. I, 305 ; II vol I, 305
Batismo, vol I, 65, 128-132, *347;* vol II, 17, 44, 164; e Confirmação, vol I, 218-219; infantil, vol II, 40
"Batismo dos crentes", vol II, 44, 147
Batistas, vol. II, 146, 157, 174, 175, 176, 177, 218, 222, 228, 231, 258, 270, 273, 277 301
Baumc, Pedro de la vol II, 66
Baur, Fernando Cristiano, historiador e crítico bíblico, vol II, 245. 246. 249, 250
Baxter, Ricardo, puritano, vol II, 154, 191
Bayly, Lewis, puritano, vol II, 191
Beaton, Davi, vol. II, 95
Beaton, Tiago, vol. II, 95
Bec, vól. I, 336
Beeket, Thomas, vol í, 361
Beda, vol. I, 261, 335
Beecher Lyman, congiegaclonal, vol II, 270, 272, 274
Begardos, vol I, 333
Bègue, Lamberto de, vol- I, 333
Beguioay, vol I, 333
Belga, confissão, vol. 1?, 112
Belisário, general, voí I, 178
Bellamy, Joseph, teólogo, vol 11, 221
Bengel, Johanu Albrecht, estudioso das Escrituras, vol II, 195, 237
Bento de Aniane, vol. I7 285
Bento de Núrsia, vol.. I, 184, 185, 285
Bento, papas: V, vol I, 283; VIII, vol.. I, 283; IX, vol 1, 284, 288; X, vol I, 294; XI, vol. I, 366; XIII, voí. I, *373, 3*84, 385; XIV, vol II, 283, XV, vol 1, 367; vol II, 292
Berengário, vol I, 336
Berkelev, Jorge, filósofo e bispo, vol. II, 182
Berna, vol II, 65-68
Bernardo de Claravai, vol. I, 313. 314, 318-320, 338, 339; vol II, 10, 11
Bernardo de Saxe-Weimar vol Ií, 128
Bertio de Cluny, vol. I, 286
Berquin, Luís de, vol I, 408; voí. II, 70
Berta, rainha, vol. !, 259
Berthelier, Phihbert, vol II, 66
Béru/íe, Pedro de, cardeal, vol II, 283
Bessarion, vol 1, 387, 388, 391
Beukelssen, João, vol. II, 53
Beza, Teodoro, vol. II, 80, 101, 112
Biandrata, Jorge, voí. II 131
Bíblia, vol. I, 325, *326,* 369, *375, 376* 381, 408; vol II, 25, 42, 132
Biddle, John, unitário, vol II, 188
Biel, Gabriel, vol II, 11
Bigamia, vol II, 55
Bilson, Thomas, bispo, vol. II, 143
Bispos, primitivos, vol. I, 44; monárquicos, vol. I, 67-71; desenvolvimento católico, vol I, 88-89; Cipriano a respeito dos, vol I, 101 122; séculos IV e V, vol I, 217-219. V tb *Igreja*
Blair, Tiago, vol 11, 173
Blaurock, Jorge, vol. II, 41, 43
Boas obras vol I, 354
Boaventura,' vol. I, 334, 344, 354
Bobadilla, Nicolau, vol 11, 105
Boccacio, vol. I, 391
Boécio, vol I, 335
Boêmia, vol. I, 377. 378, 380, 381; vol. fl, 124
Bogornilos, vol I, 305, 322
Rogue, Davi, missionário, vol II, 225
Bohler, Peter, rnoraviano vol II, 208, 210
Bóhme, Jacó, vol II, 130
Bolena, Ana, vol II, 83, 84
Roleslau I, rei, vol. I, 307
Bolonha, vol f, 341
Bolsec, Jerôniino Hermes, vol II, 77
Bonald, Louis Gabriel Ambroise dc, ultramoritauo, vol. II. 287
Bonifácio, missionário, vol I, 263, 264
Bonifácio, papas: II, vol I, 247; VIU, vol I, 364, 366; IX, vol. I, 373
Booth, William, Exército de Salvação, vol tl, 260
Bora, Catarina von, vol. II, 28
Bórgia, César, vol I, 394, 395
Bórgia, Lucrécia, vol. I. 394
Bóris, rei dos búlgaros, vol I, 279
Boston, Thomas, teólogo escocês, vob 11, 205
Bousset, Wilhelni (citação), vol. I. 52
Bouvines, vol. I, 362
Bownde, Nicolau, sabatista, vol. II. 147
Bradford, William, governador, vol. II, 146, 147
Bradshaw William, teólogo, vol. II, 146
Bradwardíne, Thomas, vol. 1, 374
Brahe, Tycho, astrônomo, vol II, 166
Braidl, Claus, vol. II, 47
Rray, Guy de, vol II, 112

Bray, Thomas, anglicano, vol II, 173
Brent, Charles H, bispo, vol II, 308
Bretanha, primeiras missões, vol I, 256-261
Brewster, William, ancião, vol i I, 146, 147
Briçonnet, Guilherme, vol 1 408; vol 11, 70
Bríggs, Charles A, estudioso das Escrituras, vol, II, 281
Brígida, vol. I, 186
Browne, Roberto, separatista, vol II, 141-142
Bruno, Giordano, vol i, 404
Bubônica, peste, vol I, 355
Bueer. Martinho vol. 11, 14, 36 44, 49, 50, 51, 54, 55, 72, 74, 75, 89
Budé, Guilherme, vol I, 408
Bugenhagen, Johann, vol II, 22, 37, 49, 62
Bulgakov, Sérgio, teólogo, vol II, 301
Bullinger, Henrique, vol 11, 39, 4 3
Burghley, I.ord, vol H, 92
Bushnell Ilorácio, teólogo, vol II, 274
Butlcr, Joseph, bispo c teólogo vol II, 183, 203

Cabala, vol,, 1, 408
Calixto, papas: II, vol I 303; III, vol 1, 393, 394
Cajetano, vol, II, 14
Calvinismo, vol .11, 134 144, 149-152, 164, 212, 232
Calvino, João, vol. I, 319; vol II, 39, 47, 54, 68-80, 91, 96 99, 105, III, 121
Cameronianos vol. II, 158
Campbell, Alexandre, "discípulo", vol. II, 275
Campbell, Thomas, "discípulo" vol II, 275
Campeggio, Lourenço, vol. II, 28-50
Cano, Melchior, vol I 400; vol II, 107
Cânone do Novo Testamento, vol I, 85, 91-92, 97
"Canônica", lei, vol. I, 366
Canossa, vol I, 299
Canstein, barão von, Sociedade Bíblica, vol II, 194, 224
Canuto, rei, vol. I, 306
Capadócios, teólogos, vol. I, 170-173
Capito, Wolfgang, vol II, 36, 44
Caraccioli, Galeazzo, vol II, 103
Caraffa, Gian Pietio, vol II, 102, 103
Cardeais, vol 1, 289-290, 295
Carey, William, missionário vol II, 225, 262
Carlomano, vol I, 263, 268
Caroli, Pedro, vol. II, 75
Carpzov, Johann Benedict, teólogo, vol II, 193, 194
Carrol, John, arcebispo, vol II, 231
Cartas de Homens Obscuros, vol II, 9
Cartwright, Edmund, inventor, vol. II, 203
Cartwnght, Thomas, puritano, vol II, 140, 141
Casamento do clero, vol I, 213
Castellio, Sebastião, vol II, 78
Catarina dc Aragão. vol II, 82. 83, 84
Catarina de Síena, santa, vol I. 372, 395, 396
Cátaros, vol. I, 322-327
Catecismo, vol II, 76; de Rakow, vol II, 132; Menor, vol II, 31
Catecúmenos, vol I, 126
Cativeiro babílônico, vül 1, 366; vol 11, 17
Católica, v *Igreja.*.
Cavaleiros de São João, vol I, 313
Cavaleiros Teutônicos, vol i, 314; vol II, 30
Cecil, Guilherme, vol 11, 92
Cecil, Richard, evangélico, vol II, 213
Ceciliano, vol I, 155
Ceia do Senhor, v *Eucaristia.*
Celestino I, papa, vol I, 196
Celibato do clero, vol I, 217, 300
Celso, vol I, 113
Celta, monaquismo, vol 1, 186
Celtes, Conrado, vol I, 404; vol II, 33
Cerdo, vol **t,** 84
Cesarini, Juliano, vol. I, 386, 388
Cesário de Aries, vol I, 247
Clialmers, Thomas, teólogo escocês, vol II, 261
Champion, Edmundo, vol II, 117
Chandieu, Antônio de la Roche, vol- 11, 111
Channing, William Ellery, unitário, vol II, 274
Chaleaubríand, François René de romântico, vol II, 287
Chauncy, Charles, congregacional, vol II, 218
Chemnitz, Martinho, vol II, 123
Chicago Lambeth, quadrilátero de, vol II, 308

Childerico TII, vol. I, 266
China, vol I, 358; vol. II, 109
Chorepiskopos, vol. I, 122
Chrodegang de Metz, vol I, 273
Cibele, vol. I, 26
Cícero, vol. I, 391, 406
Cínicos, vol. I7 24
Cipriano, bispo dé Carlago, vol I, 101-102, 122; eucaristia 135; penitência, 137-138
Cirilo de Alexandria, vol I, 194-202
Cirilo, missionário grego, vol. 279
Ciro de Alexandria, vol. 1, 211, 212
Cistercienses, vol- I, 318, 319
Citeaux, vol. I, 318
Claphatn, seita de, vol fl, 223
Clarendon, código de, vol. II, 155
Clark, Krancis E, vol. II, 282
Clarke, Samuel, ariano, vol IJ, 188
Cláudio, imperador, vol I, 46
Cleantes, vol í, 22
Clemente, Flávio, cônsul, vol I, 55
Clemente de Alexandria, vol !, 109-111
Clemente, papas: li, vol I, 288; IV, vol I, 363; V, vol I, 358, 366, 367, 370; VII, vol I, 372; vol II, 27 29, 31, 48, 82, 83, 102; XIV, vo! II, 285
Clemente de Roma, vol I, 57, 64, 71, 91, 93-94
Clemente, Segunda (aria de vol I, 64, 91
Cierc, Jean le, estudioso das Escrituras, vol II, 237
Clericis laicos, vol. I, 365
Clotílde vol I, 179
Clóvis, 'vol I7 379
Cluny, movimento de, vol í, 285-288
Cocceíus, João, teólogo, vol II, 153
Cock, Hendrik de, calvinista, vol II, 266
Codcr Júris Canonicis, vol I 367
Coke, ['boinas, metodista, vo! II, 230
Colenso, John William, bispo, vol II, 255
Coleridge, Sarnuel Taylor, filósofo, vol II, 254, 274
Colei, João, vol. I, 391, 406, 408; vol il, 81
Coligny, Gaspar de, vol 11, 111, 114
Collins, Aiitônio, deísta, vol II, 181^
Colrnan de Lindisfarne, vol I, 260
Colônia, vol II, 56
Columba, vol I, 257
Columba.no, vol 258
Comentário sobre a Falsa e. a Verdadeira Religião de Zuínglio, vol II, 36
Cômodo, imperador, vol I, 118
Comunhão infantil, vol. I, 348
Conciliarismo, vol I, 379, 385, 393
Concilio geral, vol. I, 370
Concilio de Aries (314 a.D), vol. 1, 155, 256
Concilio de Basiléia, vol 1, 381, 403
Concilio dc Calcedônia (quarto geral, 451 a D), vol I, 180, 200-202
Concilio de Clermont (1095 a.. D..), vol. I, 293
Concilio de Constança vol. I, 380. 386, 387, 403; vol II, 15
Concilio de Constantinopla (segundo geral, 381 a.D), vol 1, 172," 193
Concilio de Constantinopla (quinto geral, 553 a.D.), vol I, 116, 207-208
Concilio de Constantinopla (sexto geral, 680 a.D), vol I, 212
Concilio de Elvira, vol I, 144
Concilio de fifeso (terceiro geral, 431 a D), vol. I, 197-198, 245
Concilio de Ferrara, vol I, 388, 391
Concilio de Jerusalém, vol I, 49
Concilio de I.-yon, vol I, 344
Concilio de Nicéia (primeiro geral, 325 a D.), vol I, 127, 159 162
Concilio de Nicéia (sétimo geral, 787 a D), vol I, 214, 226
Concilio de Pisa, vol I, 379, 384, 395
Concilio de Sárdica, vol. I, 164, 180
Concilio em Schlatt, vol. II 44
Concilio de Sírmium, vol I, 165
Concilio de Toledo (589 a D), vol I, 179, 236
Concilio de I rento, vol. II, 58, 106
Concilio de Viena, vol l, 359
Concilio Trullano, segundo, vol I, 212
Cancofdantia discordanlinm canonian, vol. I, *366*
Concordata, vol. I, 39S, 399; de Aschaffenburg, vol I, 389; de Worms, vol I, 360; de 1516, vol I, 397; de 1801, vol. II, 286
Condé, vol II, 111, 112
Cônegos de catedrais, vol. !, 273
Conferência de Bispos Velho-CatóHcos, vol II, 311
Conferência Católica Nacional de Beneficência, vol II, 294
Conferência sobre Igreja, Comunidade e Estado, Oxford (1937), vol II, 307
Conferência Missionária Mundial: Edimburgo (1910), vol II, 305,

308; Jerusalém (1928), vol II, 305; Madras (1938), vol. II, 305
Conferências Mundiais da Mocidõdc Crislã, vol. II, 309
Coofessores, vol. I, 137
Confissão, vol. I, 348-349
Confissão auricular, vol. II, 22
Confissão a respeito da Ceia do Senhor, vol. II, 37
Confissão Tetrapolitana, vol II, 50
Congregacionais, vol II, 45
Congregação, vol II, 77
Congregacionalismo, vol, II, 146 150, 152, 155, 157, 174, 175, 217, 222, 228, 231, 258, 269, 270, 273, 274
C ongregalio de Propaganda Vide, vol. II, 109
Conradino, vol I, 363
Conrado, imperadores: II, vol I, 283-284; III, vol. I, 314; IV, vol I, 363
Conrado de Gelnhausen, vol. 383
Conrado de Waldhausen, vol I, 378
Conselho Congregacional Internacional, vol. II, 311
Conselho Federal de Igrejas de Cristo na América, vol. II, 307
Conselho Missionário Internacional, vol II, 305, 309
Conselho Mundial de Igrejas, vol II, 303, 309, 311
Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos Estados Unidos da América, vol. II, 307
Conselhos do Evangelho, vol. I, 346
Consistório de Genebra, vol II, 76, 77, 79
"Consolação", vol I, 323
Constando, imperador, vol. I, 163-168
Constâncio Cloro, imperador, vol I, 148-150
Constante, imperadores: I, vol I, 163-165; II, vol I, 211
Constantino, imperadores: vol I, 130 149-152, 154-162; II vol I, 163; IV, vol 1, 211 ; V, vol. I, 214, 305; **VI,** vol. **I,** 214
Constituição civil do clero, vol II, 286
Constituições de Clarendon, vol. I. 361
Consubstanciação, vol I, 376
Contarini, Gaspar, vol II, 53, 103
Contra-refovma, voi. 1, 398, 399; vol II, 28, 102-104, 283
Controvérsia sobre vestes, vol II, 139
Convenção Missionária Geral da Denominação Batista nos Estados Unidos, vol. II, 271
Convenção Mundial das Igrejas de Cristo, vol, II, 311
Conventículo, atos do, vol II, 155
"Conventual", vol I, 334
Cook, james, explorador, vol. II. 225
Coornhert, Dirck, vol. II, 134
Cop, Guilherme, vol. II, 69
Cop, Nicolau, vol II, 71
Copenhague, artigos de, vol. II, 62
Copérnico, Nicolau, astrônomo, vol. II, 166
Copta, igreja, vol I, 208
Cordier, Matiniriu, vol II, 69
Cornélio, papa, vol. 1, 124
Costa, Isaque dc, converso, vol.. II, 266
Cotton, John, puritano, vol. II, 150
Courtenay, Guilherme, vol I, 375
Covenanters, vol II, 158
Coverdale, Miles, vol II, 86, 93
Cowper, William, poeta, vol. II, 213
Cranmer, Thomas, vol II, 82, 83, 85, 88, 90, 91, 92
Credo, primitivo, vol. I, 90; apostólico, vol. I, 392; "niceno", vol, I, 172, 201
Crisipo, vol I, 22
Crisóstomo, João, vol I, 188-189, 194
Cristianismo social, vol II, 260, 26í, 267-268, 282
Cristiano reis da Dinamarca; II, vol, II, 61, 63; III, vol. II, 62; IV, vol. II, 126; VI, vol. II, 199
Cristologia: adociana, vol. I, 270: alexandrina, vol I, 109-116; controvérsia ariana, vol, I, 157-171 ; controvérsias até Caicedônia, voi, I, 191-202; gnóstica, vol I, 81; Justino, vol. I, 74-76; do Logos, vol I, 103-108; Marcião, vol. I, 84; monarquianismo, vol, I, 103-107; monofisismo e monotelismo vol I, 203-212; primitiva, vol I, 57-63 V, t> *Logos.*
Cromweli, Oliver, "protetor", vol. II, 153, 154
Cromweli, Ricardo, "protetor", vol II, 154
Cromweli, Thomas, vol 11 84, 86, 87 .
Cruz, João da, vol. II, 108
"Cruzada das crianças" vol. 1, 315
Cruzadas, vol. I, 310-3Í7, 360, 371; contra os eátaros, vol I, 226; primeira, vol I, 301, 305, 311; segunda, vol I, 314; terceira, vol í, 314;

quarta, vol 1, 315, 363; quinta, vol. I, 315, sexta, vol, I, 315
Cublai, vol I, 358
Cujus regia, ejus rcliqio, vol II, 60
Culto, vol I, 126-135; vol II, 24; século IV, vo! I, 220-223 V. tb *Batismo, Eucaristia..*
Cutler, Timóteo, episcopal, vol 11, 176

Dale, Robert William, congregacional, vol II, 261
Dãrnaso, papas: I, vol L, 172, 229; II, vol I, 288
Damião, Pedro vol I, 349
Dante, vol I, 350, 368, 370
Darby, John Nelson, irmão de Plymouth, vol 11, 259
Davenport, James, vol II, 218
Davenport, John, puritano, vol II, 150
Davi, Cristiano, moraviano, vol II, 198, 200
Davies, Samuel, vol. II, 218
De haeretico comburtndo, vol. f, 377
De l.ocis 'Vhcologicis l.ibri XII, vol II, 108
*De 1 rinitatis Hrroribus_* vol. 11, 78
Décio, imperador, vol I, 119
Declaração de indulgência, vol, II, 157
Defensor Pacis, vol. 1, 369
Deísmo, vol. II, 180-187, 227, 233
Demétrio, bispo, vol. I, 111
Demóerito, vol 1, 21
Denck, Hans, vol. II, 43,44. 131
Denis, São, voí.. I, 338
Descartes, Rerié, filósofo, vol.. II, 166. 167, 168
Destdério, rei lombardo, vol I, 268
Dessau, vob II, 29
Deusdedit, cardeal, vol. I. 297
Deventer, vol, !, 356, 404
Dez artigos, vol II, 86
Diáconos, vol. I, 43, 124-125
Dialético, método, vol I, 337
Diáspora do judaísmo, vol 1, 35-36
Diatribe de libero arbítrio„ dc Erasmo, vol 11, 25
Didaquê, v.' *Ensino dos Doze Apóstolos..*
Diego de Acevedo, vol. I, 328
Dieta de Augsburgo (1530), vol.. II, 42
Dieta de Espira (1529), vol II, 42
Dieta de Westeràs, vob ti. 63
Diggers, vol.. II, 160
Dinamarca, vol.. I í, 61-64
Dio Crisóstomo, filósofo, vol I, 24
Diocleciano, imperador, vol. 1, 120, 148-149
Diodoro de Tarso, vol 1, 188, 193, 194
Diógenes de Sínope, vol. I, 24
Diognclo; Epístola a, vol I, 65, 74
Dionísio de Alexandria, vol I, 144
Dionísio Areopagita, vol. I, 225-226
Dionísio, papa, vol I, 108
Dióseoro de Alexandria vol I 199, 200, 203
Discípulos de Cristo, vol II 275
Dn àna (Omrnedia, vol. I, 350
Djem, vol I, 394
Doação de Constantino vol I 267 277
Dober, Leonardo, moraviano, vol 11. 199
Docetismo, vol 1, 80
Dõílinger, Johann Joseph Ignaz von, historiador, vol II, 289
Domiciano, imperador, vol I. 55
Domingos de Soto, vol. I, 400
Domingos, São, vol ÍI, 104
Dominicanos vol I, 328-334; vol II, 172
Domitila, vol I, 55
Donatismo, vol I, 155, 163, 234
Donafo, voí I, 155
Dorner, Isaque Augusto, teólogo, vol II, 248
Dostoievsky, Eyodor, romancista, vol II, 298, 299
Douai, vo!. II, 117
Doukhobors, vol. II, 297
Drake, Sir Francis, vol. li, 118
Dreyfus, caso, vol. II, 290
Diiff, Alexander, missionário vol 11, 262
Dunkers, vol.. II, 178, 228
Dwight, Timóteo, teólogo, vol ÍI. 270

Ebionitas, vol. I, 61
Eck, João Maíer, de, vol II 13, 15, 18, 38, 50, 54
Eckhart, "Mestre", vol I. 329, 354
Ecumênico, movimento, vol. II, 303, 304-312
Edito de Nantes, vol. II, 120, 284
Edito de Nimes, voí II, 120
"Edito de Restituição", voí II, 126, 129
Edito de Worms, vol. II, 20, 28, 29
Eduardo, vol. LI, 85
Eduardo, reis da Inglaterra: I, vol- I, 316, 364; VI, vol.. li, 88, 90, 138

Educação Cristã, Conselho Mundial de, vol II, 306
Edwards, Jônatas, teólogo, vol 11, 217, 219-221
Edwards, jonata, Jrteólogo, vol II, 221
Egmont, vol II, 113
Eíchhom, Johann Gottfried, crítico bíblico, vol II, 237
Einarsen da Islândia, vol. II, 62
Einhard, vol I, 270
Einsiedeln, vol II, 34
Elias (Cortona), vol I 332, 334
Eliot, John, missionário, vol. II, 174, 225
Elipando de Toledo, vol I, 270
Embury Filipe, metodista, *vol.* II, 218
Fmlyn, Thomas, unitário, vol II, 188
Fmnions, Nataniel, teólogo, vol II, 221
Engelbrektssón, Olaí, vol II, 62
Enhypostasia, vol í, 206
Ênio, vol. 1, 21
Knódio de 1'ávia, vol I, 181
Ensino dos Doze Apóstolos, vol I, 64, 68, 133, 136
Fpicfeto, vol I, 22
Epicuro, vol I, 20-21
Epifania, festa da, vol I, 222-223
Episcopal, Igreja, nos Estados Unidos, vol II, 219, 229
Episeopius, Simão, vol II, 134
Erasmo, vol I, 400, 404-407; vol. II, 20, 25, 29, 34, 71, 81
Erígena, João Scotus, vol. I, 335, 357
Ernesti, Johann August, estudioso da Bíblia, vol II. 237
Erskine, E^benczer, evangélico, vol. II, 205
Erskine, Ralph, evangélico, vol II, 205
Escandinávia, missões à, vol 1, 278-279, 306
Escócia, vol H 95-101
Escolástica, vol. 1, 335-340, 343-353
Escritura, vol I, 352, 376, 378, 400; vol. II, 20, 24-25, 72
"Esforço Cristão", vol II, 282
Espanha, vol. 1, 358, 398, 399; vol II, 102
Espírito Santo, controvérsia sobre o, vol I, 168-173 V. tb, *Filioque.*
E'ssênios, vol I, 33-34
Estados da Igreja, vol I, 266; vol il, 293
Estatutos Virgiuianosi de Liberdade Religiosa, vob II, 228
Estêvão, mártir, vol I, 43, 46
Estêvão, papas: II, vol I 266; VI, vol I, 280; IX (Frederico de Lorena), vol I, 290, 291, 293
Estêvão I, rei da Hungria vol I, 306
Estocolmo, "Banho de Sangue" de, vol II, 63
Estocolmo, conferência de, vol ÍI, 303
Estoicismo, vol I, 21, 23
Estoile, Pedro de 1,' vol II, 69
Eucaristia, vol. I, 336, 347 380-381 ; vol II, 17, 22, 37, 41, 48 75, 90, 164, 257; séculos II e IIÍ vol. I, 133- 135; séculos IV e V, vol. I, 221; Inácio, vol I, 62; João, vol I, 62; Paulo, vol. I, 62; transubstanelação, vol I, 275; pães asrnos, vol. I, 291
Eudóxia, imperatriz, vol I, 189
Euêrnero, vol. I, 21
Eugênio, papas: III, vol. I 319; IV, vol I, 387, 388, 393, 394
Eusébio de Cesaréia, vol I, 159
Eusébio de Doriléia, vol. !, 199
Eusébio dc Nicomédia, vol I, 158 159, 160, 161, 163, 175
Eusébio de Vercelli, vol I. 184
Eustátio de Antioquia, vol I, 161
Eustóquia, monja, vol. I, 229
Eutiques de Constantinopla, vol I, 199
"Evangelho eterno", vol 1, 334
Evangelhos, composição, vol I, 55-56
Evangélicas, congregações, voí. II, 24
Evangélico, reavivarnento, vol II, 203-215, 222, 233
Ex opere operato, vol I, 347
Exercícios espirituais, vol II, 104, 106
Exército da Salvação, vol. II, 260
Exilados por Maria, vol II, 139

Fabiano, papa, vol I, 120, 124
Farei, Guilherme, voí 1, 408; vol H, 65, 70, 74,75
Fariseus, vol I, 31-32
Earnese, Alexandre, duque de Parana, vol II, 116
Farrar, Frederic. William, "broad--church", vol II, 255
Fausto, maniqueu, vol. I, 232
Fausto de Ric/., vol. I, 247
Fé e Ordem, Conferência Mundial sobre, I.ausana (1927), vol. ÍI, 308
Febromanistno, vol. II, 285
Eederação Luterana Mundial, vol II, 311

Federação Mundial Cristã de Estudantes, vol. II, 306, 309
Feitiçaria, vol. I 410
Fclix, papas: III, vol. I, 181; V, vol. I, 388
Félix de Urgel, vol I, 270
Fcll, Margarida, quacre, vol, II, 161
Fernando de Aragão, vol.. I 358, 394, 398, 401, 402; vol. ll, 28, 31, 52, 59,82
Fernando da Áustria, vol II, 42
Fernando II de Styria, vol II, 125
Fernando IIÍ, vol. II, 129
Fcudalismo, vol. 1, 274
Fichte, Johann Gottlieb, filósofo, vol II, 244, 254
Ficino, Marcílio, vol I, 391, 408
Field, John, puritano, vol. I í, 140
Fitioque, vol. I, 236, 271, 278, 388
Filipe, o Árabe, imperador, vol. I, 119
Filipe Augusto dc França, vol. I, 314
Filipe da Áustria, vol. I, 402
Filipe dc Hcsse, vol. U, 28, 29, 30, 31, 47, 49, 50, 54, 55, 57, 59
Filipe II de França, vol I 362
Filipe IV de Fiança (o Belo) vol I, 313, 364, 365, 366
Filipe V de França, vol I, 368
Filipe II da Espanha, vol. II, 59, 90, *92,* 100, 110, 113-114, 117-120
Filipe da Suábia, vol I, 361
Filipe, o Tetrarca, vol. I, 32
Filou, vol. I, 36, 109
Finders, vol. II, 160
Finiano de Clonard, vol. I, 257
Finney, Charles Grandison, vol.. II, 270-273
Fírmin, Thomas, unitário, vol. II, 188
Fisher, Edward, puritano vol. II, 205
Fisher, John, vol II, 8\, 84
Fitz, Ricardo, separatista, vol. II, 141
F'lácio, Matias (lllyricus), vol. II, 58, 122, 123
Flaviano de Constantinopla, vol I, 199, 200
Fletcher, John William, evangélico, vol. 11, 212
Florença, vol. I, 388, *393, 394,* 396
Florentina, União, vol. II, 295
Fócio, patriarca de Constantinopla, vol. I, 278, 304
Forge, Estienne de la, vol. II, 71
Fórmula de Concórdia, vol II, 123
Fox, Jorge, quáquer, vol. II, 160, 161, 177
Frades cinzentos, vol. I, 333
Frades negros, vol. I, 333
França, vol. I, 397; vol. II, X10-112
Franciscanos, vol I, 328-334, 363 - vol. II, 172
Francisco de Assis, vol. I, 330-334, 359; vol II, 104
Francisco, reis da França: I, vol. I. 393, 397; vol. II, 15, 27, 29, 53 70, 71, 96; II, vol II, 89, 92, 97, 99
Francke, Augusto Hermann, pietista, vol II, 192, 194, 195, 197
Franklin, Benjamim, deísta, vol. II, 187
Francos, vol. I, 174 178-179, 210, 262-271
Frederico, eleitores palatinos: III, vol. II, 122; IV, vol II, 124; V, vol II, 125
Frederico Barba Ruiva, vol I, 31^, 320, 360
Frederico Guilherme, o "Grande Eleitor", vol. II, 129
Frederico Guilherme, reis da Prússia: I, vol. II, 234; III, vol. II, 264
Frederico, reis da Dinamarca: 1, vol. II, 61; IV, vol. II, 195
Frederico, reis da Prússia: I, vol II, 193; II (o Grande) vol. I, 315, 342, 363; vol H, 187, 235
Frederico, o Sábio, voi. I, 410; vo! II, 10, 14, 15, 19, 23, 28
Frederico III, imperador, vol I, 401
Freeman, Janies, unitário, voi. II, 189
Frelingliuysen, Teodoro J reaviva-lisla, vol. II, 216
Frcmyot, Jeanne FYançois e, vol II, 108
Fritb, John, vol. II. 85
Fritigern, vol. I, 175
Froben, Johanries, vol. I, 406
Froinent, Antônio, vol. II, *67*
Froude, Richard Hurrell, movimetito de Oxford, vol. II, 256
Frumcncio, vol. I, 208
Fulberto, vol. I, 338
Fundamentalismo, vol. lí, 281
Furbity, Guy, vol II, 67

Gabor, Bethlen, vol. 11, 126
Galério, imperador, vol. I, 148-150
Galiario, imperador, vol. I, 120
Galilei, Galileu, cientista, vol II, 166
Gallc, Pedro, vol II, *63*
Galo, imperador, vol. I, 120
Galo, missionário, vol. I, 258
Garibaldi, José, patriota italiano, vol. II, 289
Garrison William Lloyd, abolicionista, vol. II, 273
Gaunilo, vol. I, 336
Gay, Ebenezer, liberal, vol. II, 187

Genebra, vol. II, 66-68, 97
Gencbrina, versão inglesa da Bíblia. vol. II, 96
Gentile, Giovanni Valeutino, vol. II, 131
Gerhard, de Brogne, vol I, 287
Gerhard, João vol. II, 123
Gerhardt, Paul, luterano, vol, II, 130. 191
Gerson, João, vol I, 383, 385
Gibbon, Edward, historiador, vol II, 185
Gibbons, James, cardeal, vol. II, 293
Gillespie, Thomas, líder escocês, vol, II. 215
Gladden, Washington Evangelho social, vol.. II, 282
Gnosticismo, vol. 1, 80-83
Goa, vol II, 109
Godofredo dc Bulhão, vol I, 312, 313
Godofredo de Castiglione, vol I, 296
Goethe, Johann Wolfgang vou, poeta, vol 1.1, 236, 239
Gomarus, Franz, vol 11, 134, 136
Gore, Charles, bispo, vol II, 260
Gottschalk, vol I, 276
Graça, vol I, 346, 351
Graciano, imperador, vol. I, 172
Graciano, prof de direito cajiônico, vol 1, 366
Granvella, cardeal, vol. II, 113
Cirande Despertnmento, vol II, 216, 217, 218, 219, 227, 228, 269
Grébel, Conrado, vol II, 40, 41
Greenwood, John, separatista, vol. II, 144
Gregório de Capadócia, vol 1, 164
Gregório de Nazianzo, vol. I, 170-173, 193
Gregório de Nissa, vol. I, 170-173
Gregório, o Iluminador, vol I, 209
Gregório, o Grande, vol. I, 335
Gregório Pálamas, vol, 1, 304
Gregório V, patriarca, vol.. II, 298
Gregório, papas: 1, vol. 1, 249-252; II, vol. J, 263; III, vol. I, 214, 263, 265; V, vol. I, 283; VI, vol. I, 288; VII (Hildebrando), vol I, 290, 294 297-300; IX, vol I, 316, 327, 332, 363, 366; X, vol. I, 364; XI, vol. I, 372; XII vol I, 373, 379, 384, 385; XV, vol. II, 109; XVI, vol,. II, 288
Grey, Lady Jane, vol. II, 90
Gribaldi, Mateus, vol. II, 131
Grimsbaw, William, evangélico, vol. II, 213
Grindal, Edmundo, arcebispo dc Cantuária, vol. II, 141, 142
Grisons, vol. II, 43
Griswold, Alexandre Viets bispo, vol. 11, 277
Groot, Gerhard, vol I, 356
Grotius, Hugo, vol. II, 135, 136
Grundtvig, Nicolau Frederico Sevcrin, bispo, vol II, 265
Guerra Civil nos Estados Unidos, vol II, 278, 280
Guerra dos Três Henriques, vol JI, 119
Guerra dos Trinta Anos, vol. II, 125-130, 147
Guilherme, o Conquistador, yol I, 296
Guilherme de Orange, vol II, 115, 116
Guilherme, o Bio, vol *V,* 285
Guilherme III e Maria, da Inglaterra e Escócia, vol U, 157-159
Guise, Carlos de, vol II, III
Guise, Francisco de, vol II, 111
Gurney, Joseph John, quacre vol II, 276
Gustavo Adolfo, vol II, 126-128
Gustavo Vasa, vol.. II, 63

Haetzer, vol II, 131
Hagenau, voí II, 54
Haícoü I, rei, vol. I, 306
Haldane, James Aiexander, vol II, 261
Haldane, Robert, vol II, 261, 266
Hallett, Joseph, ariano, vol II, 188
Hamilton, Patrício, vol. II, 96
Hampton Court, conferência de, vol. II, 145 ^
Haroldo Dente Azul, vol. I, 306
Harding, Estêvão, vol I, 318
Hargreaves, James, inventor, vol. II, 203
Iíarnack", Adolf von, historiador (citações), voí 1 69, 224; vol LI, 252, 268
Harris, Howcl, vol II, 205, 209
llatch, Edwin (citação), vol. I 69
Hauge, Hans Nielsen, vol. II, 266
Haweis, Thomas, missionário, vol II, 225
Hazlitt, William, unitário, vol II, 189
Ilegel, Georg Wilhelm Friedrich filósofo, vol. II, 244, 245, 250
Hegius, Alexandre, vol 1, 404
Heidelberg, catecismo de, vol. II, 122
Heinrích de Langenstein, vol I, 383
Helena, mãe de Constantino, vol 1, 224
Heloísa, vob I, 338
IJelvidio, vol I, 230

Helwys, I boinas, batista, *vol* li, 146
Hengstenber, Ernest Wilhelra, teólogo, vol. II, 247, 264
Henrique, Duque de Guise, vol II, 114, 115, 119
Henrique, imperadores: II, vol. I, 283 111, vol. I, 284, 287-288, 292; IV, vol I, 291, 295 296 297-301, 377; V, vol. I, 302-303, 377; VI, vol I, 361 362
Henrique, o Passarinheiro, vol I, 281
Henrique, reis da França: II vol. II 59, 97; III, vol. II, 115, 116, 119; IV, vol II, 119 124
Henrique, reis da Inglaterra: I, vol I. 302; II, vol. I, 360; VII, vol. I 397; VIII, vol I, 398, 408; vol. II, 56, 81, 82-88, 90, 138
Henrique "de Lausana", vol I, 320
Henrique de Navarra, vol II, 114 115, 119
flenoticon de Zenão, vol. I, 204
ilepburn, Tiago Conde de Boíhwell, voi H, 100
Heráclio, imperador, vol. I, 210, 211
ileráclito de Éfeso, vol I 18, 22
Herbert Kduardo, de Cherbury, deista, vol. H, 180
Herder, Johann Gottfried vou, romântico, "vol H, 242, 254
Heresia, vol. I, 226
Heresia, leis contra a vol. II, 42
Hermes de Roma, vol I, 61, 64, 68, 69, 136
Herodes Agripal, vol I, 44
Hcrodes Antipas, vol I, 32
Herodes, o Grande, vol T, 32
Herodianos, vol I, 32
Herrmann, Wílhelru, teólogo, vol H, 252, 268
Hesicastas, vol I, 304
Hícks, Elias, qaacre, vol II, 276
Hilário de Poitiers vol I, 165-167, 227
Hildebrando, v. *Gregório* VII, papa
Hincmar de Reinis, vol. I, 275
Hinos, vol II, 24
Hipólito de Roma, vol I 90, 106-107, **112, 118**
Hobart, 'John Henry, bispo, vol. II. 277
Hoehstraten, Jacó, vol. II, 8
Hodgkin, John, vol II, 93
Hoen, Cornélio, vol 11, 37
Hoffmaim Melchior, vol II, 45, 46, 52
Holland, Henry Scott, Cristianismo social, vol 260
Homoouúos, vol *i,* 108, 159 160 166-167
Honório, imperador, vol I, 244
Honórío, papas: I, vol. I, 211. 212; II (antipapa), vol I, 295; III, vol I, 329
Hooker, Ricardo, anglicano vol II, 143
Hooker, I boinas, puritano, vol 11, 150
Hooper, John, vol II, 85, 91
ííôpital, Miguel de 1', vol II, 112
Hopkins, Samuel, teólogo vol II, 221
Hort, Fentou John Anlhony, estudioso das Escrituras, vol II, 255
ííósio de Córdova, vol I, 158, 164
Hospitalários, vol I, 313
Howard, Catarina, vol II, 87
Howard. John, filantropo, vol II, 223
llubriiaícr, Baltasar, vol Q, 40, 41, 42, 43, 46
Hughes, Hugo Price, Cristianismo social, vol II, 261
Hugo, o Branco, vol l, 290
Hugo de Cluny vol I, 287
Hugo de Fleury, vol. I, 302
Hugo de São Vítor, vol I, .339, 340, 346, 354
Huguenotes, vol II, 111-112
Humanismo, vol. I, 403
Humberto, cardeal, vol I, 290, 291, 293, 295
Hume, Davi, filósofo, vol II, 183, 184, 185, 215, 239, 240
Humiliati, vol I, 325
Humphrey, Lourenço, puritano, vol-II. 139
Huntingdon, Selina, coiuiessa de, vol II, 212, 214
Huntington, William Reed, anglicano, vol ÍI 308
Huss, John, vol I, 378-381, 385; vol II, 15
Hut, Hans, vol. lí, 46
H.utten, Ulrich von, vol. II, 9, 16
l-futter, Jacó, vol II, 46
"Hutterita, Irmandade", vol. II, 46
Hypostasis, vol.. I, 169. 171

Ibas de Edessa, vol I, 198, 207
Ícones, veneração de, vol I, 213-214, 226
Iconoclasta, Controvérsia, vol. 1, 213-215, 271
Igreja, Cipriano, vol. I, 101, 122; constituição nos séculos IV c V, vol. I, 216-219; desenvolvimento católico, vol. 1, 88-92; episcopado,

vol. I, 67-71; organização franca, vol. I, 272-273; organização no scculo III, vol I, 121-125; organização primitiva, vol, I, 42-45; papado, vol. I, 93-95; uso primitivo do termo, vol,, I, 42; Vicente de Lérins, vol. I, 241 V. tb. *Bispos, Roma, Igreja de*
Igreja Cristã Reformada, vol II, 266
Igreja da Inglaterra, vol. II, 139-157, 173, 174, 175, 205 210, 213, 214, 229, 253, 255, 257,-258
Igreja Russa Ortodoxa Grega Cato* lica da América do Norte, vol. II, 301
Igreja do Sul da índia, vol II, 311
Igreja Unida do Canadá, vol. II, 311
Iluminísino, vol II, 170, 180, 233-236, 240, 241, 242
"Imaculada Conceição", vol. I, 352
Imitação de Cristo, vol, í, 331, 356
Imperador, culto do, vol. I, 25
Inácio de Antioquia, vol. 1, 62, 64, 70-71, 88, 93
Inácio, patriarca dc Constantinopla, vol I, 278
"Index de Livros Proibidos", vol II, 107
índia, vol. II, 109
"Indulgências", vol. I 349, 350, 394; vol. II, 12, 14
Inglaterra, vol I, 397; vol II, 81-94
Inocêncio, papas: I, vol. I, 180, 189; II$_7$ vol I, 319, 320, 338; III, vol. I, 325, 326, 331, 341, 357, 361-363; IV, vol. I, 327, 334 363; VI vol. I, 372; VII, vol I, 373; VIII vol I, 394, 410; XI, vol II, 283; XII, vol. II, 283
Inquisição, vol. I, 322-327, 363, 400-401; vol. II, 104, 106
Instituições da Religião Cristã, vol, II, 71-75, 79
ínterim, vol. II, 58
Invasões germânicas, vol. I, 174-179
Invencível armada, vol, II, 118
Investiduras, questão das, vol, I, 293-303
lona, vol I, 257
Irineu dc LiSo, vol. I, 89, 93, 96-97
Irmandade do Santo Sepulcro, voL II, 298
Irmãos da Vida Comum, vol. I, 356
Irmãos e Irmãs do Espírito Livre, vol. I, 357
Irving, Edward, "Igreja Católica Apostólica", vol. II, 259
Isabel da Espanha, vol. I 358, 398, 399, 401, 402; vol II, 18, 82
Isabel I, rainha da Inglaterra, vol II, 83, 90, 92-94, 95, 97, 99, 101, 116, 117, 138, 144
Isabel da Turíngia, vol, I, 333
Isidoro Mercador, vol 1, 277
Isidoro de Sevilha, voL I, 252-253, 277
Islamismo, vol. I, 210, 310-311, 314, 398
ísis, vol. I, 26
Ivo de Chartres, vol,. I, 302

Jablonsky, Daniel Ernesto, moraviano, vol. II, 198
Jacó Baradeu, vol, I, 208
Jacó, Henry, independente, vol II, 146
Jacobitas, vol II, 302
Jansen, Cornélio, teólogo, vol. II, 284
Jarratt, Devcreux, evangélico, vol II, 219
Jefferson, Thomas, racionalista, vol. II, 187
Jeremias II, patriarca, vol II, 296
Jerônimo, vol, I, 69, 224, 229-230, 244
Jerônimo de Praga, vol I, 381
Jerusalém, vol. I, 312, 313, 316
Jerusalém, igreja primitiva de, vol I, 42-45
Jesuítas, vol. II, 105-106, 124, 172, 283-284, 285
Jesus de Nazaré, vol. I, 37-41
Jesus, Teresa de, vol. II, 108
Joana D 'Are, vol. I, 389
Joana, rainha da Espanha, vol. I, 402
João de Antioquia, vol. I, 197
João, apóstolo, vol I, 43, 44, 49, 54
João da Áustria vol II, 116
João Batista, vol. I, 33, 34, 37
João Cassiano, vol I, 246
João de Damasco, vol. I, 215
João, Evangelho segundo, vol. I, 60-**62**
João Frederico, Duque da Saxonia, vol. II, 50, 57
João de Gaunt, vol, I, 374, 375
João Hircano, rei dos judeus, vol. I, 30
João de Jandum, vol. I, 369
João, o Jejuador, vol. I, 250
John George III, eleitor da Saxônia, vol. II, 193
João de Monte Corvino, vol. I, 358
João, o Constante, vol, II, 28
João VIII, imperador, vol, I, 387

João, papas: IV, vol I, 211; VIU, vol. I, 279; XII, vol I, 280, 282; XIX, vol. I 284; XXII, vol I, 334, 354, 367, 369, 379; XXIII, *vol.* 1, 379, 385
João dc Paris, vol. I, 369
João, rei da Inglaterra, vol I, 362, 371
João dc Ruysbroeek, vol. I, 356
João da Saxônia, vol II, 29, 31, 32, 50
João III de Portugal, vol II, 109
João III, rei da Suécia, vol II, 64
João 1 zimiskes, imperador, vol I, 305
Joaquim de Piora, vol I, 334
Johnson, Francisco, separatista, vol ÍI, 144, 146
Johnson, Gisle, teólogo, vol II, 266
Johnson, Samuel, anglicano, vol II, 176
Jonas, Justo, vol 11, 22, 49
Jorge de Braudemburgo, vol. II, 28
Jorge da Saxônia, voí II, 29, 52, 54
José II, imperador, vol II, 187, 285
José, rei de Portugal, vol II, 285
Joviniano, vol 1", *230*
Jud, Leo, vol II, 35
Judaísmo, vol I, 29-36
Judson, Adoniran missionário, voI II, 271
Juliano de Kclana, vol. I, 245
Juliano, imperador, vol I, 168-169
Juliano de Halicarnasso, vol. I, 206
Júlio, papas: I, vol I, 164; II, vol. I, 395, vol II, 82; III, vol 11, 58
Junius, Franz, vol 11, 134
Justina, imperatriz, vol I, 187
Justiniano, imperadores: I, vol. I, 116, 178, 205-208 216; II, vol I, 212
Justino, imperadores: I, vol I, 205; II, vol I, 208
Justino Mártir, vol I, 74-77

Kant, Emanuel, filósofo, vol II, 240-244, 250, 251 254
Kappel, vol. II, 39, 52
Karlstadt, André Bodenstein de, vol II, 15, .22, 23, 26, 40, 47, 61
Keble, John, movimento de Oxford, vol II, 256
Kempis, Tomás de, vol I, 356
Kentigern, vol. I, 257
Kepler, João, astrônomo, vol II, 166
Kerboga, de Mosul, vol I, 312
Kliomiakov, Alexis, ortodoxo, vol II, 299
Kierkegaard, Sôren, existencialista, vol II, 266
Kilian, vol I, 258
Kingsley, Charles, líder "broad--church", vol II, 255, 260
Kliefoth, Theodor, luterano vol II, 265
Knox, John, vol II, 90, 96-100
Kránier, Henrique, vol. I, 410
Krauth, Charles Porterfield, luterano, vol II, 277
Kulturkampf, vol II, 290
Ivutter Hermann, cristianismo social vol. "II, 268

Ladislau de Nápoles, vol I, 379, 385
Latkos, vol I, 123
I ainez, Diego, vol II, 105
Lambert, Francisco, vol II, 30
I.ambeth, artigos de, vol II, 144
Lambeth, conferência dos bispos anglicanos, vol II, 311
I ameunais, Hugues Félicité Rohert dc, liberal, vol II, 288
Lamentabili, vol. II, 292
I.aiifranc, vol I, 336, 347
Langfon, Estêvão, vol I, 362
í..ardner, Natauiel, ariano, vol II 188-189
Latiiner, Hugo, vol II, 85
I. atrão, concílios: terceiro, vol I, 324;'quarto, vol 1, 329, 336, 347, 349, 362; quinto, voí.. I, 395
I.aud, Guilherme arcebispo de Cantuária, vol. II, 148, 151, 152
I.ausana, conferência de, vol. II, 303
Lavai, Francisco de, bispo, vol II, 173
Law, William, "nonjuror[77], vol II, 182, 203, 206
Leão III, imperador, vol. I, 213-214
Leão, papas: I, vol I, 177, 180, 199--202, 218; *Jomo,* de, 200 201; III, vol I, 269; IV, vol I, 277; VIII, vol 1, 283; IX, vol. I, 288-291; X, vol. 1, 334, 395; vol II, 12, 14, 15, 18, 23, 63, 82, 102; XIII, vol I, 344; vol. II, 94, 290, 291
I eFèvre, Jacques, de Etaples, vo! I, 391, 403, 408
I.efèvre, Pedro voí II, 105
Legate, Bartolomeu, vol. II, 188
Legnano, vol I, 360
Leibniz, Gottfried Wilhelm, filósofo, vol I, 404; vol II, 167, 233, 239, 240, 243

Leipzig, vol. II, 15
Leipzig, disputa de, vol. II, 18
Leipzig, Ínterim de, vol.. II, 58, 121
Leipzig, universidade de, vol I, 379
Leôncio de Bizãnçio, vol. 1, 206
Lessing, Gotthold Efraim, critico, vol. II, 236, 237, 239
•"Leveilers", vol II, 160
"Libertinos", vol. II, 77
Lícínio, imperador, vol I, 150-152
Liga e Pacto Solene, vol. II, 152
Lightfoot, Joseph Barber, estudioso das Escrituras, vol. II, 255
Lindisfarne, vol. I, 257
Lindsey, Teófilo, unitário, vol. II, 189
Literatura apocalíptica no judaísmo, vol. I, 33
Livingstone, David, missionário, vol II, 262
Livro de Oração Comum anglicano, vol 11$_7$ 88, 89, 93, 96, 98
l.oci Communes, vol.. 1l, 21
Loci Thcologici, vol. II, 123
Locke, John, filósofo, vol. II, 168, 169, 180, 184, 193, 220, 239, 240
Lodenslen, Jodocus van, sacerdote, vol 11, 191
Loehe, Wilhelm, luterano, vol II, 265
Jogos: em Heráclito, vol. I, 18; Aristóteles, vol. I, 20; estoicismo, vol I, 22-23; literatura sapiencial, vol I, 34; Fílon, vol I, 36; Paulo, vol. I, 58; Justino, vol I, 74-78; Tertuliano, vol. I, 100; cristologia do Logos, vol. I, 103-108; Clemente e Orígenes, vol I, 110-116; Apolinário, vol 1, 192-1«93. V. tb, *Cristologia.*
Loiola, Inácio de, vol II, 104-106
Loisy, Alfrcd, modernista, vol II, 292
Lollardos, movimento dos, vol I, 376, 377
Lombardo, Pedro, vol I, 339, 346, 347, 348; vol, II, 10
Lombardos, vol. I, 178, 179, 210, 250, 251
Longo Parlamento vol II, 151, 152, 153
Loofs, Friedrich (citações), vol **I,** 100, 114, 159, 197
Lotário, imperador, vol I, 274
Lotário II da Lorena, vol I, 278
Lotze, Rudolf Hermann, filósofo, vol II, 251
Lourenço, diácono, vol I, 120
Lourenço Vala, vol I, 267
Lucar, Cyril, patriarca, vol II, 296
Lucerna, vol II, 38
I.uciano de Antioquia, vol. I, 145
Lúcio III, papa, vol. I, 324
Lucrécio, vol I, 21
Luder, Pedro, vol I, 404
Luís da Baviera, vol I, 352, 368, 369
Luís, o Germânico, vol I, 274
Luís, reis da França: VII, vol I, 314; IX, vol I, 316, 363; XI, vol I, 397, 402; XII vol I, 394, 397; XIII, vol II, 120; XIV, vol II, 120, 156, 283, 284
Luís, o Pio, vol. I, 274
Luís, príncipe de Conde, vol.. II, 111-112
Luís de Requesens, vol II, 115
l.úlio, bispo de Mainz, vol. I, 264
Lulo, Raimundo, vol 'í, 359, 408
Lutero, vol. I, 319, 355, 356, 382, 410; vol II, 9-21, 22-32, 35, 37, 40, 45, 47, 48, 50, 51, 55, 56, 71, 82, 85, 121, 164, 209, 296
Luleranisrno, vol.. II, 178 191, 192 195, 197, 219, 232, 247, 265, 266, 276, 301, 310
Luterana, ortodoxia, vol. II, 121-122

Macabeus, vol I, 30
Macaulay, Zacarias, evangélico, vol II, 223
Macedonianos, vol I, 170 172
Magdeburgo, vol.. I!, 57,' 58, 127
Magna Charta, vol. I, 362
Magni Pedro, de Westeràs, vol. II, 64
Magno I, rei, vol. I, 306
Maistre, Joseph Maríe d, ultramontano, vol II, 287
Majestàtsbriej, vol. II 125
Major, Jorge, vol II, 122
Majorino, vol I, 155
Makemie, Francis, presbiteriano vol. II, 178
Makrakis, Apóstolos, vol If, 299
Malan, H A.. César, evangelista vol II, 266
Malleus Maleficarum, vol I, 410
Maniqucismo, vol I, 146, 232, 305, *322;* vol. II, 25
Manning, Henry Edward, cardeal, vol. II, 257. 258
Manwaring, Roger, vol H, 149
Manz, Félix, vol II, 40, 41
Maometanismo, vol I, 209, 210, 311, 314, 398
Maometanos, vol I, 358, 359, 400; vol II, 104

Mar Morto, manuscritos do, vol. I, 33-34
Mar Shimun XXIII, "catholicos", vol II, 302
Mar Thonia, igreja, vol II, 299
Marburgo, artigos de, vol II, 48
Marburgo, colóqtiio de, vo! 11, 48
Marcelo de Ancira, vol, I, 161, 164
Marcião, vol I, 84-85 ; 91; vol. II, 246
Marcíiio de Pãdua, vol. I. 369-370, 383
Marco Aurélio, vol. I, 22, 117-118
Marco Pólo. vol I, 358
Marcos de Éfeso, vol I, 388
Marcos, Evangelho segundo, vol. I, 56, 59 60
Marcount, Antônio, vol II, 71
Margarida de Parma, vol. II, 113
Maria de Borgonha, vol I, 402
Maria de Lorena, vol II, 97
Maria rainha da Inglaterra, vol II, 138'
Maria, "rainha da Escócia", vol. II, 89, 90, 92, 96, 97, 99 101. 117,118
Aíaria Virgem, veneração de. vol I, 224
Mário Mercator vol I, 277
Marózia, vol I," 280
Marpeck, Pilgratri, vol II, 45
Marquette, Jacques, explorador jesuíta, vol II. 172
Marsden, Samuel, missionário, vol II, 262
Martinho, papas: I, vol I, 211; V, vol. I, 386, 394
Martinho de Tours, vol 1, 184
Mártires, veneração dos, vol. I, 224-225
Martyn, Henry, missionário, vol 11, 262
Massacre le S Bartolomeu, vol 11, 114, 115
Mather, Ricardo, puritano, vol. II, 150
Mathys, João, vol II, 52
Matias de Jamov, vol l, 378; vol II, 125
Matilda da I oscana, vol I, 294, 299
Maurice, John Eredcrick Denison, líder "broad-church", vol. II, 254, 260
Mexêncio, rival de Constantino, vol. I, 150-151
Maximiliano, Duque da Baviera, vol II, 124, 125, 127, 129
Maximiliano I, Imperador, vol I, 401, 402, 404; vol II, 8, 15
Mayhew, Jôriatas, liberal, voí.. II, 187
Mazzolini, Silvestre, de Prierio, vol II, 14
Mediei, Catarina de, vol, II, 112, 114 119
Médici, Cósimo d[1], vol. I, 391
Melanchthon, Filipe, vol. I, 406; voí.. II, 15, 2] 22, 26, 30, 47, 48 49 50, 54, 55, 58, 60, 75, 7S, 121, 122, 131, 134
Melito de Sárdis vol I, 74
Meíville, André, reformador escocês, vol II, 101, 148
Memnon de Éfeso, vol. I, 197
Mendicância, vol. I, -330
Mendonça, vol I, 399
Menius, Justo, voí II, 47
Menomtas, voí II, 53, 146, 177, Z28
Mercenários, vol. II, 34
Mercersburg teologia de, vol. II, 277
Méritos, voí' l', 346, 350
Merovíngios, vol I, 262-263. 266
Merswin. Ruleman, vol I, 355
Messianismo, no judaísmo, vol I, 32--33; e Jesus, voí I, 38; na igreja primitiva, vol I. 43
Metódio, voí I, 116
Motodio, missionário grego, vol I, 279
Metodismo, voí II, 203 205, 206, 210--211, 218, 219, 220, 222, 230, 232, 253, 258. 270, 273, 277, 278, 310
Metodista, Conselho Mundial, vol II, 311
Michaelius, Jonas, reformador holandês, vo! II. 176
Miguel Ceríilário, patriarca de Constantinopla, vol I, 291
Miguel Vil, imperador, vol I, 311
Miecxysíaw, Duque, voí I, 307
Milão, edito de, vol I, 151
Milenária, petição, vol II, 145
Milhas, ato das cinco. vol. ÍI, 155
Miíicz de Kremsier, vol I. 378
Miíí, John, estudioso das Escrituras, voí II, 237
Miller, William adveritista, vol. II, 279
Mills, Samuel J , missionário, vol. II, 271
Milman, Ilcnry Hart, estudioso das Escrituras, vol II, 254
Miiner, Isaque, evangélico, vol. II, 213, 223
Miiner, Joseph, evangélico, vol. II, 213
Miltitz, Carlos von, vol. U, 15
Milton, John, vol II, 188
"Missão interna", vol II, 265

Missão do Interior da China, vol. II, 262
Missões, vol. II, 194, 199, 224, 262, 267, 271, 282, 291, 304, 305
Mistério, religiões de, vol, I, 26-27, 62, 128
Misticismo, vol I, 344, 354-357 395--396; vol II, 44
Mil fírcnnender Sorr/e, vol II, 293
Mitras, vol I, 26, 27, 146
Modernismo, vol, II, 292
Moffat, Robert, missionário, vol II, 262
Mogila Peter, uietropolita, vol 11, 296
Mohac/., vol II, 30
Monaquismo, vol l, 182-186, 285-288 V tb *Ascc.lismo*
Monarquianismo: dinâmico, vol. I, 103-105; modalista, vol. I, 105-106
Mongol Cã, vol. I, 358
Mõnica, vol I, 231, 234
M.oaoíisisino, vol. I, 203-212
Monofisitas, vol II, 302
Monotelismo, vol 1, 212
Montanisrno, vol. I, 86-87, 98, 103, 121
Montano, vol.. I, 68, 86-87
Monte Atos, vol II, 299
Monte Sla Ines, mosteiro, vol I, 357
MooJy, Dwight 1.., evangelista vol II, 259, 280, 306
Morávia, vol II, 42, 46
Moravianismo vol. II, 197, 198, 199, 200, 202, 207, 209, 210, 231
Moravianos, vol I, 381
More, Ana, evangélica, vol II, 214
More, Thomas, vol I, 406; vol 11, 81, 84
Moritz da Saxônia, vol. II, 57. 58
Mormonismo, vol. 11, 279
Morrison Robert, missionário, vol II, 262'
Mortaliuyn Ânimos, vol II, 304
Mòsheini, Johann Lorentz voa, historiador, vol 11, 235
Mott, John Raleigh líder ecumênico, vol. II, 305
Mühlberg, vol II, 57
Mulilenberg, Ilenry Melchior, luterano, vol II, 219, 231
Müller, George, irmãos de Plymouth, vol II, 260
Münster, revolução de, vol. II, 52
Münzer, Tomás, vol II, 26, 27, 44, 47
Murray, John, universalista, vol. II, 232
Murton, John, batista, vol II, 146
Mynster, J P, bispo, voi il, 265

Nacionalismo, vol. I, 366, 397-402
Nações, vol 1, 385
Napoleão III, imperador, vol II, 289
Nápoles, vol I, *394*
Natal, comemoração do vol i, 222--223
Naumann, Krederico, cristianismo social, vol 11, 267
Neander, Joaquim, pietista, vol. II, 195
Neander, Johann August Wilhelm, historiador, vol II, 247
Neoplatonismo, vol I, 20, 146, 233, 234
Nero, imperador, vol I, 54, 72
Nestoríana, igreja, vol I, 358; vol. 11, 302
Nestorianismo, vol I, 194-202
Nestório. vol. I, 194-202, 245
Nevin, John W, teólogo, vol II, 277
Newman, John .Henry, cardeal, vol II 256, 257
Newton, Isaque, cientista, vol H, 166
Newton, John, evangélico, vol II, 213, 214
Nieéia, Primeiro Concilio Geral, v *Concilio*
"Niceno", credo, vol. I, 172, 201
Nicoíaismo, vol I, 286
Nicolau de Ancira, vol. I, 223
Nicolau de Cletnanges, vol. 1, 384
Nicolau de Cusa, vol. I, 267, 403, 404, 408
Nicolau de Hereford, vol. I. 376
Nicolau, papas: I, vol I, 277-278; II, vol I, 294; V, vol I, 389 393, 394
Nicolau de Tóquio, bispo, voi. II, 299
Nicon, patriarca, vol, II, 297
Niebuhr, Barthold Georg, historiador, vol II, 249
Niebuhr, Reinhold, teólogo vol II, 312
Nikolsburgo, vol . II, 46
Ninian, vol. I, 257
Nitschinann, Davi, moraviano vol II, 199, 207
Noaílles, Louis Antoinc de, cardeal, vol II, 284
Nobili, Roberto dc, vol. JI, 109
Noeto, vol. I, 105
Nogaret, Guilherme, vol. I, 365
Nominalismo, vol I, 335, 337, 352
A* *on abbiamo bisogno,* vol. 11, 293
Noruega, vol II, 61-64
Northumberland, duque de, vol. II, 89-90

Novaciano, vol. I, 107, 138
Noventa e cinco teses, yol. II, 13
Novo Testamento, traduções do vol I, 406; vol II, 20, 62, 85, 103
"Novos meios", vol II, 270

"Observantesvol I, 334
Occam, Guilherme de, vol I, 334, 352, 370; vol. II, 11, 37
Ochino, Bernardino vol. II, 103
Odilo dc Cluny, vol I, 286
Odoacro, vol. I, 178
Odo de Cluny, vol I, 286
Oecolampadius, João, (Ecolampádio), vol II, 36, 37, 48
Olavo, reis; I, vol. I, 306; II, vol. I, *306*
Olavo Skótlkonung, vol. I, 306
Oldcastle, Sir João, vol. I, 377
Oldenbarneveldt, Johan van, vol II, 135
Olevianus, Gaspar, vol II, *122*
Olga, rainha da Rússia, vol. I, 307
"Oratório do Amor Divino", vol II, 102
Ordens menores, vol 1, 124
Ordenanças Eclesiásticas, vol. *II, 76*
Orgânicos, artigos, vol. II, 286
Origenes, vol.. I, 111-116, 118
Osiander, André, vol. II, 122
Ostrogodos, vol. I, 174, 378
Osvaldo, rei, vol I, 259, 260
Osvvy, rei, vol I, 260
Otto de Brunswick, vol. I, 361
Oto, imperadores: I, vol. I, 281-282; II, vol I, 283; III, vol. I, 283
Oxenstjerna, Axel, vol II, 128
Oxford, movimento dc, vol. 11, 256, 258

Pacômio, vol. I, 183
Pacifismo, vol. II, 44, 46
Pack, Oto von, vol. II, 31
Pacto, teologia do,
Paine, Thomas, deísta, vol II, 186
Pais Apostólicos, vol I, 64-65
Pais Peregrinos, vol. II, 147
Países Baixos, vol. I, 357; vol. II, 112-117
Paley, William, apologista, vol. II, 185, 254
Paltner, Eliíi, deísta, vol II, 187
Panfletos de Martim Marprtflate, voL II, 143
Panteísmo, vol. I, 355, 356, 357
Pantcno, vol. 1, 109
Papado, vol.. I, 180-181, 363, 365, 366, 375-376, 383, 385, 386, 393; vol. II, 14, 16 tb *Ronta, Igreja de.*
Papal, autoridade, vol. II, 84
Papai, infalibilidade, vol I, 350; vol, II, 289, 304
Paraguai, vol II, 109
Paris, universidade, vol. I, 403
Parker, Mateus, arcebispo, vol II, *93, 139, 141*
Parma, vol II, 119
Parr, Catarina, vol II, 87
Parsons, Roberto, vol II, 117
Pascal, Blaisc, vol. II, 284
/'asmu/i, vol. *II, 292*
Páscoa, vol I, 94, 127, 144, 222
Páscoa, controvérsia sôbre a, vol. I, 94-95, 156, 160
Pascoal II, papa, vol I, 302
Patários, vol I, 294, 295, 296
Patrício, vo! I, 256
Patrimônio de Pedro, vol 1, 250
Paula, monja, vol. I, 229
Paulicianos, vol. I, 304-305, 322
Paulino, bispo de York, vol. I, 259
Paulo, apóstolo, vol. I, 46-53, 406. 408; vol. II, 11, 18; Batismo, vol. I, 128-145; Cristologia, vol I, 58--60; Ceia do Senhor, vol I, 62; ministério, vol I, 67-68
Paulo, diácono, vol I, 270
Faulo, papas: II, vol. I, 394; III, vol II, 53, 56, 57, 58, 103, 105, 106; IV vol. II, 102, 107, 108
Paulo de Samósata vol. I, 104
Paulo, Vicente de, vol II, *283*
Paulus, Hcinrich Eberhard Gottlob, racionalista, vol. TI, 247, 249
Pavia, vol. *II, 27, 29*
Paycns, Hugo de, vol. I, 313
Paz de Augsburgo, vol. II, 59, 122
Paz de Carnbrai, vol, II, 31
"Paz de Westfália", vol II, 129
Pedro, abade de Cluriy, vol. I, 338
Pedro, apóstolo, vol. I, 40-41, 42, 48, 49, 54, 369 V. tb *Roma, Igreja de.*
Pedro de Bruys, vol. I, 320
Pedro Damião, cardeal, vol, I, 287, 294
Pedro Eremita, vol. I, 311
Pedro de l ima, vol, I, 385
Pedro 1, o Grande, da Rússia, vol. II, 297
Pedro II, de Aragão, vol., I, 327, 362
Peirce, James, ariano, vol II, 188
Pelagianismo, vol. I, 242-245; vol II, 25,135; semipelagianismo, vol. I, 246-248
Pelágio, vol. J, 242-245
Penda de Mércia, vol.. I, 259
Penitência, vol.. 1, 348; no cristianis-

mo primitivo, vol. I, 136-139; em Gregório I, vol I, 252
Penn, William quacre, vol, II, 162, -17 7
Pentecoste, vol I, 41
Pepino, o Breve, vol. I, 263-267
Pepino de Heristal, vol. I, 262
Pequim, vol I, 358
Peregrinação da Graça, vol. II, 85
Peregrinações, vol. I, 310, 349, 410
Perseguições: acusações, vol, l, 72-73; de Adriano a Cômodo, vol. I, 72; de Dioeleeiano a Licinio, vol I, 148-152; de Domiciano, vol I, 55; de Marco Aurélio a Valeriano, vol. I, 117,120; de Nero, vol. I, 51, 54
Peste negra, vol I, 355, 377
Peterson, Lars, vol. II, 63, 64
Petrarca, vol I, 391
Pfefferkorn, Johann, vol II, 8
Philaret, Patriarca, vol. II, 297
Philibert, Emanuel, vol II, 79
Philosophia Christi, vol I, 407
Piccolotnini, Enéias Sílvio, vol. I, 393
Pico de Mirândola, vol I, 392
Pietismo, vol. II, 45, 167, 190-202, 216, 225, 233, 264
Pilatus, Leôncio, vol. 1, 391
Pio, papas: II, vol, I, 381, 393, 394; V, vol. II, 107; VI, vol. II, 231, 286; VII, vol. II, 286; IX, vol. I, 352; vol. II, 258, 288, 289, 290; X, vol, II, 291, 292; XI, 293
Pirro de Eléia, vol. I, 21
Pitagóricos, vol I, 18
Plano de União (1801), vol II, 270
Platão, vol I, 19, 193, 343, 391
Platonismo vol. I, 408; vol. II, 44
Plethon, Gemisto, vol. I, 391
Plínio, governador, vol I, 64, 72
Plotino, vol I, 146
Plutarco, vol. I, 23, 25, 26
Plütschau, Henrique, missionário, vol II, 195
Plytschau, irmãos de, vol, II, 259
Pobreza, vol. I, 352
"Pobreza apostólica", vol I, 319, 328, 375, 376
Pobreza de Cristo, vol. I, 352, 370
Pole, Reginaldo, vol. II, 53, 91, 103
Policarpo de Esmirna, vol. I, 64, 69, 73, 88, 94
Polícrates de Ífeso, vol I, 95
Poligamia, vol II, 55
Poliglota C omplutense, vol, 1, 400
Polônia, vol II, 132
Pombal, Marquês dc, vol. II, 187, 285
Pôncio Pilatos, vol. i, 32, 38
Ponticiano, vol. I, 233
Porfírio, vol. I, 146, 335
Possidônio, vol I, 23
Praemunire, ato de, vol. I, 371; vol I I, 83
Praga, vol. 1, 377; universidade dc, vol. I, 378
Práxeas, vol I, 105
rrecisianismo, vol. II, 191
Predestinação, vol. I, 374; vol. 11, 73, 134-135, 274
Presbiterianismo, vol. II, 140, 148, 150-154, 157, 158, 174, 177, 178, 214, 217,218, 231, 270, 272, 274, 278, 309
Presbíteros: e bispos, vol. I, 67-71 ; primitivos, vol. I, 43; século III, vol I, 123-125; séculos IV e V, vol. I, 217-219
Prestley, Joseph, unitário, vol. II, 189
Proclus, vol I, 354
Procópio, o Grande, vol. I, 381
Profetizando, vol. II, 141
Proles, André, vol. II, 10
1'rosopon, vol. I, 194 V.. tb *Hypostasis*
Protestalio, vol 11, 32
Prouille, vol.. I, 328
Provisores, estatutos dos, vol. I, 370
Provoost, Samuel, bispo, vo!. II, 229
Prússia, União da, vol II, 264, 267
Pseudo-Dionísio, Areopagita, vol. I, 339, 354
Pseudo-ísidorianas, decretais, vol. 1, 277, 278
Pulquéria, imperatriz, vol. I, 200
Purga do Orgulho, vol II, 153
Purgatório, vol I, 252, 350
Puritanismo, na Inglaterra, vol II, 139-158, 191; na Nova Inglaterra, vol. II, 150, 174, 219-221
Purvey, João, vol. I, 376
Pusey, Edward Bouverie, anglo-católico, vol. II, 257

Quacrcs, vol. II, 45
Quacrismo, vol. II, 160, 161, 174, 175, 176, 177, 222, 223, 225, 228, 231, 258, 276
Quadratus, apologista, vol. I, 74
Quarenta e dois artigos, vol. II, 90
Quesnel, Pasquier, jansenista, vol, II, 284
Quiüones, Fernandez de, cardeal, vol, II, 88
Qunran, vol. I, 33-34

Rabano Mauro, vol I, 275, 276
Radberto, Pascásio, vol I, 347
Radewyn, Florêneio, vol 1, 356

Ragaz, Leonardo, cristianismo social, vol II, 268
Raikes, Robert, Escola Dominical, vol II, 224
Raimundo de Puy, vol. I, 313
Kaskolniki, vol II, 297
Rati.sbana, vol. II, 28, 54
Ratislau da Morávia, vol. I, 279
Ratramno, vol. I, 276, 336
Rauschenbusch, Waltcr, evangelho social, vol II, 282
Realismo, vol I, 335, 337, 352, 374
Recaredo, vol I, 179
Reformados alemães vol II, 177, 178, 195, 230, 276
Reformados holandeses vol. II, 176, 177, 216, 230
"Regra" de Santo Agostinho, vol I, 329
Reichstag, Augsburgo, vol II, 58
Reichstag, Nuremberg (1522), vol. II, 24, 52; (1524), vol. II, 28
Reichstag, Espira (1526), vol II, 29; (1529), vol II, 32, 48; (1544), vol II, 56
Reirnarus, Hermann Samuel, critico bíblico, vo! II, 235-237, 249
Reinhard, Ana, vol II, 36
Reinhard, Martinho, vol.. 11, 61
"Rehef Church7', (Igreja Consolo), vol II, 215, 309
Relly, James, universalista, vol II, 232
"Remonstratense", vol. II, 135
Renascimento, vol. 1, 403
Renascimento italiano, vol I, 390-396
Renata, Duquesa de Eerrara, vol. II, 74, 82, 103
Rcnse, voí. I, 368
Kerum novaium, vob II, 291
"Reserva eclesiástica", vol ÍI, 60
Restituição do cristianismo, vo!. ÍI, 78
Reuehlin, vol I 405; vol II, 8, 9, 15
"Réveil", vol II, 264, 266, 267
Revelação, vol. I, 345
Revolução de 1688 vol. II, 157
Reynolds, Eduardo, bispo, vol. II, 154
Ricardo Coração de Leão, vol I, 314
Ricardo II, rei da Inglaterra, vol. 1, 377, 378
Ricardo de Middletown, vol. I, 351
Ricci, Mattes, vol II, 109
Riccio, Davi, vol. II, 100
Rice, Lutero, missões, vol. 11, 271
Richelieu, cardeal, vol. LI, 120 127
Ridley, Nicolau, vol. II, 85, 91
Ridolfi, vol II, 117
Riedeinann, Pedro, vol. I, 371
Rink, Melchior, vol II, 47
Ritschl, Albrcclit, teólogo, vol II, 250-252, 312
Robertson, Frederick William, "broad-church", vol II, 255
Robinson, John, congregacional, vol. ÍI. 146
Rodolfo I, de Líabsburgo, vol I, 364
Rodolfo II, imperador, vol. II, 125
Rodolfo da Suábia, vol I, 299
Rodrigue2, Simão, vol II, 105
Rogenere, vol II, 176
Rogers, Jolin vol. II, 91
Roma, igreja' de, vol. I, 89, 93-95, 180-181, 202 249-250, 265-267, 277-284, 288-303
Romana, íei, voí. I, 364, 390
Romano, Império, vol I, 16-28
Romanov, Miguel, tzar, vol. II, 297
Romantismo, vol II, 167 239, 242, 261
Rornuaído de Ravenna, vol I, 287
Rõmulo Augústuío, vol. I, 178
Roscelin, vo! I, 337, 352
Rose, Hugh James, movimento de Oxford, vol II, 256
Rothad de Soissons, vol I, 278
Roíhe, João André, pietista, vol II, 198
Rothmann, Rernt, vol II, 53
Róubíi, Guilherme, vol. íl, 41, 44
Rousseau, J. J , vol II, 239, 240
Rubeanus, Crotus, vol II, 9
Rufino, vol I, 229
"Rum millet", vol II, 295
Russell, Charles I aze, "Testemunhas de Jeová", vol II 279
Rússia, igreja da, vol. I, 279, 307
Rússia, missões à, vol I, 279

Saale, Margarida von der, vol II, 55
Sabatismo, vol II, 147
Sabelianísmo, vol. I, 338
Sabélío, vol I, 105-106
Sacerdócio universal, vol. II, 16
Sacramentos, vol. I, 346, 347; vol. II, 17, 73, 74, 132
Sacro Império Romano, vol I, 266, 282
Saduceus, vol. I, 30
Sadoleto, Jacó, vol II, 53, 76, 102
Saisset, Bernardo, vol. I, 365
Sales, Francisco de, missionário, vol. II, 108, 283

Salmeron, Alfonso, vol II, 105
Sampson, Thomas, puritano, vol 11, 139
Sanção pragmática de Bourges, vol I, 389. 395, 397
Sancroft, Guilherme, ascebispo de Cantuária, vol II, 157
Santo Sinodo, vol, II, 297
Saravia, Adriano, teólogo, vol, II, 143
" Satisfação", vol. I, 337, 346 349
Satornilo de Antioquia, vol. I, 83
Satller, Miguel, vol. II, 44, 45
Savonarola, Girolamo, dc Florença, vol, I, 329, 396
Savoy, conferência de, vol II, 154
Schaff, Philip, historiador, vol. II, 277
Schartau, Ilenrik, luterano, vol II, 266
Schell, Hermann, modernista, vol II, 292
Schelling, Friedrich Wilhelm Joseph von, filósofo, vol. II, 244, 254
Schillcr, Johanu Christoph Friedrich von, poeta, võl II, 236, 239
Schleiermachcr, Friedrich Daniel Ernst, teólogo, vol, II, 242-251, 254, 264, 266, 312
Schmalkalden, Liga de, vol II, 51, 54-57
Schmalkalden, vol, II, 51, 54
Schmucker, Samuel Simon, luterano, vol, II, 276. 306
Schwabach, Artigos dc, vol. II, 49
Schwàrnler, vol. II, 26, 47
Schwart/., Cristiano Frederico, missionário, vol. II, 195
Schweitzer, Albert, estudioso das Escrituras, vol II, 250
Schwenckfeld, Caspar, vol. II, 45
Schwyz, vol. II, 38
Sciffi, Clara, vol. I, 332
Scory, John, vol, II, 93
Scott, Thomas, evangelista, voL II, 213, 225
Scott, Sir Walter romancista, vol II, 253
Scotus, João Dunus, vol, I, 351, 352; vol II, 133
Scabury. Samuel, bispo, vol, II, 229
Seeberg, Reinhold (citação), vol. 1,171
"Seekers" (buscadores) vol.. II, 160, 176
Segundo Grande Despertamento, vol II, 269, 273
Seis artigos, vol. II, 86
Seis artigos, ato dos, vol. II, 86
Selnecker, Nicolau, vol. II, 123
Scini-arianos, vol. I. 166, 167
Seniipclagianismo, vol I, 246-248
Seminários teológicos, vol. II, 278, 297, 281, 282, 296, 301
Semler, Johanrt Salomo, estudioso das Escrituras, vol. II, 238, 242, 246
Sêneca, vol. I, 22, 24
Separação entre Igreja e Estado, vol. II, 42
Separada, Igreja, vol, II, 214, 215
Separatismo, vol. II, 143, 145
Septuaginta, vol. I, 36
Serafim de Sarov, eremita, vol II, 298
Scrápis, vol I, 26
Sétimo Severo, imperador, vol. I 98, III, 118
Sérgio de Constantinopla, vol I, 210, 212
Sérgio, metropolita, vol. II, 300
Servetus, Miguel, voi, II, 78, 131
Severo de Antioquia, vol I, 206
Seweyn, rei da Dinamarca, vol. I, 306
Seyrnour, Jane, vol II, 85, 88
Sharp, Tiago, arcebispo de Slo André, vol II, 158
Sigismundo, imperador, vol I, 380, 385
Siegíried de Mainz, vol, I, 296
Siena, vol I, 395
Silvestre, papas: II, vol. I, 283; III, vol. I, 288
Simão, o Mágico, vol I, 83
Simeão, primo de Jesus, vol. I, 44
Simeão Estilita, vol. I, 183
Simeão "Metaphrastes", vol, I, 304
Simeon, Charles, evangélico, vol II, 212
Simonia, vol. I, 286, 293
Simons, Menno vol. II 53
Sinergismo voL II 121
Sínodo: de Aachen (809), vol. I, 271; o "Carvalho'', vol I, 189; Clermont, vol. I, 311; Dort, vol II, 136, 266; Hombcrg, vol. II, 30; "de Ladrões", vol. I, 200; Orange, vol. 1, 247; Rheims (1049), vol. I, 290; Roma (1059), vol. I, 294, 336, 380; Sens, vol. I, 320, 338; Soissons, vol. I, 338; Sutri, vol I, 288; Toulouse, vol I, 226; Tours, vol I, 239; Whitby, vol I, 260
Sistina capela, vol. I, 394
Sisto, papas: IV, vol 1, 394, 399, 401; V, vol II, 119
Smith, Joseph, tnórmon, vol TI, 279
Smyth, John, batista, vol. II, 145-146
Sociedade Americana contra a Escravidão, vol. II, 273

Sociedade Americana dc Educação, vol II, 272
Sociedade Americana da Faz, vol. II, 273
Sociedade Americana para Promover a Temperança, vol.. II, 272
Sociedade Americana de Tratados, vol. II, 272
Sociedade Batista para a Propagação do Evangelho entre os Pagãos, vol. II, 225
Sociedade Bíblica Americana, vol. II, 272
Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, vol II, 224
Sociedade Missionária Doméstica Americana, vol. 271
Sociedade Missionária da Igreja, vol II, 225
Sociedade Missionária de Londres, vol II, 225, 262
Soeiedade Promotora do Conhecimento Cristão (SPCK), vol. II 173 224
Sociedade para a Propagação do Evangelho na Nova Inglaterra, voi II, 174, 225
Sociedade para a Propagação do Evangelho em Terras Estrangeiras (SPG), vol. II, 173, 225
Sociedade para a Propagação da Fé, vol. II, 291
Sociedade de Tratados Religiosos, vol II, 224
"Sociedades religiosas", vol, II, 204
Socíníanismo, vol. I, 407; voL 11, 131-133
Socínianos, vol. II, 188
Sócrates, vol I, 18, 406
Síklerblom, Natan, arcebispo de Upsala, vol. II, 307
Soprônio de Jerusalém, vol. I, 211
Soloviev, Vladimír, filósofo, vol. II, 299
Somerset, Duque de, vo! I í, 88,89
Sorbonne, Roberto de, vol I, 342
Sorbonne, vol. I. 342
Sozzini, Fausto, vol. II, 131
Sozzini, Lélio, vol. II, 131
Spangenberg, Augusto Gottíieb, moraviano, vol. II, 200, 202, 207
Sparks, Jared, unitário, vol. II, 274
Spener, Filipe Jacó pietista, vol II, 190, 191, 194, 195, 204
Spinola vol. II, 125
Spinoza, Rarucb, filósofo, vol. II, 167, 242
Sprenger, Jacó,*vol. I, 410
Stanley, Arthur Penrhyn, '"broad--church", vol II, 255
Staupitz, Johann, vol. II, 10
Steward, Henrique (Lorde Darnley), vol II, 100-101
Steward, Tiago, Conde Moray vol. II, 99
Stòcker, Adolf, cristianismo social, vol. 11, 267
Stoddard Salomão, congregacional, vol. II, 220
Stone, Barton, W, discípulo, vol. II, 275
Storch, Nicolau, vol.. II, 22
Strauss, David Friedrich, crítico, vol. II, 249
Strawbridge, Robert, metodista vol. II, 218
Strong, Josias, Evangelho social, vol. II, 306
Stübner, Marcos Thornà, vol II, 22
Sturm, missionário, vol I, 263
Stuyvesant, Pedro, reformado holandês, vol II, 177
Sucessão apostólica vol I, 71, 89, 323; vol. II, 64, 257
Sueca, Bíblia, vol. II, 63
Suécia, vol. II, 61-64
Suíça, vol II, 33-39, 65
"Superintendente", vol II, 31
Supremacia, Ato de, vol II, 84, 93
Suso, Henrique, vol 1, 355
Syllabus de erros, vol. II, 288
Szepticky, André metropolita, vol, II, 303

Taboritas, vol I, 381
Taciano, vol. I, 74
Iappan, Arthur "império benevolente", vol. II, 272
Iappan, Lewis, vol II, 272
Taulcr, John vol. I, 329, 355; vol, II, 11
Tausen, Hans, vol. II, 61
Taylor, J. Hudson, missionário, vol. II, 263
Taylor, Nataniel W, teólogo, vol, II, 270
Teelinck Willem, pietista holandês, vol II, 191
Templários, vol. I, 313, 366
Templc, William, arcebispo de Cantuária, vol. II. 309
Tennertt, Gilberto, vol II, 217
Tennent, William, Jr., vol. II, 217
Tennyson, Alfred, Lorde, "broad--church", vol. II, 255
Teodelinda, rainha lombarda, vol. I, 251

Teuderico II, vol. I, 258
Teutberga, mulher de Lotário II, vob I, 278
Teodora vol. I, 280
Teodora,' imperatriz, vol.. I 205
Teodorcto de Ciro, vol. 198, 207
I eodorico, vol, I, 178
Teodoro, arcebispo de Cantuária, vol. I, 260
Teodoro de Mopsuéstia, vol. I, 194, 196, 207
Teodósio, imperadores: I, vol.. I 171-173, 187, 188; II, vol.. I, 196
Teódoto, o curtidor. vol I, 104; o cambista, vob I, 104
Teófilo de Alexandre, vol I, 189
Teoíilacto, nobre romano, vol. I„ 280
Teógnis de Nicéia, vol I, 160
'Teologia Germânica, vol I, 355 ; vol. II, 44
Teologia natural vol I, 345
Teopasquita, vol I, 207
Tcrdários, vol. I, 333
Teriniuista, vol. I, 352
Tertuliano, vol. 1 87, 98-101, 105, 123, 136, 137
Testem benevolentiae, vol.. II, 294
Testemunhas de Jeová, vol. II, 279
TetzeI João, vol II, 12, 13
lheotokos, vol 1, 196, 197, 198, 201
Tholuck, Eriedrich August Gottreu, teólogo, vol II, 248
Thomasius, Cristiano, racionalista, vol II, 193, 194, 233
Tiago, apóstolo, vol, I, 44
Tiago, epístola dc, vol. I, 55
Tiago, irmão dc Jesus, vol I, 44, 48, 49
Tiago, reis da Inglaterra é Escócia: I, vol. II, 100 1 44, 145, 147, 148, 150, 151; II, vol. II, 156, 157, 158, 159, V, vol 11 95; VI, vol, II, 95, 100, 144
Tikhon, patriarca, vol. 11, 300, 302
Iillet, I.uís du, vol II, 71
Tillotson, John, arcebispo de Cantuária, vol. II. 180
Tilly, vol II, 125, 126, 127, 128
Timóteo de Alexandria, vol. I, 204
'l indai, Mateus, deísta, vol, JI, 181
Tiridates, rei da Armênia, vol. I, 209
Tito, vol. I, 49
Tito, imperador, vol, I, 44
Toland, John, deísta, vol II, 181
Tolerância, vol, 11, 116
Tolerância, Ato de, vol. II, 157, 162, 189
Tomás de Stitny, vol. I, 378
Toplady, Augustus, evangélico, vol, II, 213
Torquemada, vol. I, 401
Tours, escola da catedral, vol I, 336
Trajano, imperador, vol I, 64, 72
Transubstanciação, vol I, 336 347, 376; vol II, 17
Tratado de Madrid, vol. II, 29
Tratado de Passau, vol II, 59
Travers, Walter, puritano, vol, 11, 141, 142
Tregelles, Samuel Pridcaux, irmãos de Plymouth, vol II, 260
Trégua de Deus, vol. I, 286
T rento, vol II, 56, 58
'Três capítulos, vol I, 207-208
Trie, Guilherme, vol. II, 78
trindade, vol. I, 345 . V. tb *Cristologia, Espírito Santo*
1 rinta e nove artigos, vol II, 94, 149, 157, 189, 257
Troeltsch, Ernesto, vol. II, 252
Troitsky Lavra, vol II, 295, 297, 301
Trolle, Gustavo, voí, II, 63
Tunis, vol. I, 359
Lyndale, Guilherme, vol II, 85
Tyrrell, George, modernista, vol, II, 292

Ubiqüidade de Cristo, vol II, 37
Ulfilas, vol. 1, 175
Ulrich de Würtenberg, vol II, 38, 52
Uítramontanisrrio, vol. II, 288, 289, 292
Unam Sanctam, vol. I, 365
Üni, arcebispo, vol. I, 306
Uniatas, vol II, 296, 303
União Americana de Escolas Dominicais, vol. II, 272
União de Brest, vol IT, 303
União da Igreja Inglesa, vol. II, 258
União prussiana de 1817, vol. II 264, 267
União Sociaí Cristã, vol 11, 260
Uniformidade religiosa, vol II, 41
Unigenitus, vol. II, 284
Unitarismo, vol. II, 189, 233, 260, 274
Unitas Pratrum, vol I, 381
United Secession, Igreja, vol II, 309
Universais, vol I, 335, 337, 343
Universidade de Alcalá vol II. 105
Universidade de Genebra, voí. II, 79
Universidade de Glasgow, vol II, 101
Universidade de Yena, vol. II, 122
Universidade de Leyden, vol 11, 116
Universidade dc Sto André, vol II, 101

Universidade de Salamanca, vol II, 105
Universidades, vol I, 341-343, 404; vol. II, 95
Untereyck, Teodoro, pietista, vol II, 195
Unterwalden, vol. 11, 38
Urbano, papas: II, vol I, 293, 301, 311, 349; IV, vol. I, 363; V/vol I, 372; VI, vol I, 372; VIU vol. II, 284
Uri, vol II, 38
Ursácio de Singidunum, vol. I, 165
Ursinus, Zacarias, vol II, 122
Utraquistas, vol. I, 381

Valdenses, vol I, 322-327, 330, 382; vol. II, 66
Valdés, João, vol II, 103
Valente, imperador, voí I, 169-172
Valente de Mursa, vol I, 165
Valentiniauo, imperadores: I, vol I, 169; I!, vol. 1, 187; III, vol I, 177, 197
Valentino, vol I, 82
Valeriano, Imperador, vol I, 120
Valia, Lourenço, vol. I, 392
Vasey, Thomas, metodista, vol II, 230
Vatable, Francisco, vol II, 70
Vaticano, biblioteca do, vol. 1, 393
Vaticano, concilio, vol.. II, 289
Velhos Católicos, vol II, 289, 303
Velhos Crentes, vol II, 297, 301
Velichkovsky, Paisi, abade, vol. II, 298
Venceslau da Boêmia, vol I, 379, 380
Veneza, vol I, 315, 358
Venn, Henry, evangélico, vol. II, 223
Venn, John, evangélico, vol. II 225
Verdun, tratado de, vol 1, 274
Verrnígli, Pedro Martire, vol II, 103
/-'ia antiqua, vol I, 352
Via moderna, vol I, 352
Vicente de Lérins, vol I, 246
Vida e Obra, Conferência Cristã Universal sôbre, Estocolmo (1925), vol. II, 307
Vigilâncio, vol I, 230
Vigílio, papa, vol.. I, 207
Vinet, Alexandre, vol II, 266
Viret, Pedro, vol. II, 74
Virgílio, missionário, vol. I, 258
Virtudes cristãs, vol I, 345
Virtudes naturais, vol I, 346
Visigodos, vol. 1, 174-176, 179
Vítor Emanuel II, rei da Itália, vol. II, 289, 290
Vítor, papas: I vol I, 95, 104; II, vol. I, 291; III, vol. I, 301; IV, vol I, 360
Vítor, São, vol. I, 339
Vitorino, voh I, 233
Vittoria, Francisco de, vol I, 400
Vladimir I, grão-duque, vol. I, 307
Voet, Gisbert, teólogo, vol. II, 191
Voltaire, vol. II, 186, 187, 285
Vulgata, vol. I, 230, 376, 392, 409; vol II, 20

Waldrada, concubina de Lotário II, vol I, 278
Waldshut, vol. II, 41
Wallensteiri Albrecht von, vol II, 126-128
Walpot, Pedro, vol II, 47
Ware, Henry, unitário, vol. II, 274
Wartburgo, castelo de, vol. 11, 20
Watt, James, inventor, vol 11, 203
Watts, Isaque, hinologista, vol II, 204
Webb, Thomas, metodista, vol U, 219
Wedgwood, Josias, inventor, vol II, 203
Weld, Teodoro Dwight, abolicionista, vol II, 273
Wesley, Charles, metodista, vol. 11, 205, 208, 209, 212
Wesley, Johri, metodista, vol II, 136, 204-214, 219, 222-224, 230, 237
Wesley, Samuel, anglicano, vol. 11, 204, 205
Wesley, Susana, mãe dc John e Charles, vol II, 205
Westcott, Brooke Foss, bispo e estudioso das Escrituras, vol II, 255, 260
Westminster, assembléia de, vol II, 151, 152
Westminster, confissão de, vol TI, 152, 159, 174, 217
Westphal, Joaquim, vol II 122
Wettstein, Johann Jakob, estudioso das Escrituras, vol. II, 237
Whatcoat, Ríchard, metodista, vol. II, 230
Whitc, William, bispo, vol II, 229
Whitefield, Jorge, evangelista, vol II, 205, 206, " 209, 212, 217, 218, 222, 232
Whitgift, João, arcebispo de Cantuária, vol II, 140, 143, 145
Wibert de Ravena, antipapa, vol I, 300, 301
Wichern, Johann Ilinrich, missão interna, vol II, 265

Wied, Herinann von, vol. II, 88
Wightrnan, Fdward, vol, II, 188
Wilbcrforce, William, evangélico, vol. II, 223
Wilcox, Thomas, puritano, vol II, 140
Wilfrido, bispo de York, vol. I, 260
Wilhclm (Guilherme) de Clcves, vol II, 56
Williams, George, A C.M., vol.. II, 306
Williams, Koger, vol. II, 176
Willibrord, vol. I, 263
Wimpina, Conrado, vol. II, 13
Winchester, Elhanan, uníversalista, vol. II, 232
Winthrop, John, puritano, vol II, 150
Wishart, Jorge, vol II, 96
Witherspoon, John, presbiteriano, vol. II, 215
Wittenberg, vol.. II, 22, 23
Wittenberg, Universidade de, vol II, 10-12
Wolff, Cristiano, filósofo, vol II, 233, 239-240
Wõlflin, Henrique, vol. II, 33
Woltnar, Melchior, vol. II, 69
Wolsey, Thomas, vol. II, 82, 84
Woolman, John, quáquer, vol II, 273
Woolston, Thomas, deísta, vol, li, 181
Worms, *voi* II, 19, 54
Worms, Concordata dc, vol. I, 302
Wtcnbogaert, João, vol, II, 134
Wyclif, Toão, vol I, 374-377, <409; vol. II, 85
WyUenbach, Tomás, vol. II, 33
Xavier, Francisco, yol II, 105, 109
Ximeries, Gonzaíes de Cisncros, vol. I, 399-400, 407

Young, Brigham, inórmon, vol 11, 280

Zacarias, papa, vol. I, 266
Zbynek, vol. I, 379
Zefermo, papa, vol. I, 105, 106
Zeisbcrger, Davi, moraviano, vol II, 200
ZelI, Mateus, vol. II, 36, 44
Zelotes, vol. I, 31
Zenão, vol. I, 22
Zenão, imperador, vol. I, 181, 204
Ziegenbalg, Bartolomeu, missionário, vol. *l i,* 195 _
Zitizendorf, Cristiano Renatus, moraviano, vol. II, 201
Zínzendorf, Conde Nícolaus Ludwig von, moraviano, vol. II, 197, 198, 199, 200, 201 202, 209
Zizka, João, vok I, 381
Zollikon, vol II, 41
Zósimo, papa, vol. I, *244*
Zug, vol. II, 38
Zuinglio, "Olrico, vol. II, 33, 34, 40, 48, 49, 50, 74
Zurique, vol. II, 35, 38, 39
Zwilling, Gabriel, vol II, 22